LESLIE FLINT TESTEMUNHOS

Tradução: Amadeu António

Elizabeth Fry
29 de Abril de 1963

«Se queres descobrir a verdade, evita os homens de poder.»
Quando era criança, Elizabeth Fry tinha medo do escuro. Já adulta, escolheu visitar a Prisão de Newgate — uma das prisões mistas mais escuras e sobrelotadas de Londres — para ver com os próprios olhos as condições horríveis que lá se viviam. Inspirada a ajudar os reclusos — especialmente as crianças — a vida de trabalho prisional de Elizabeth tornou-se, de forma célebre, o alicerce para a reforma prisional em todo o Reino Unido. Elizabeth Fry regressa aqui — 120 anos após a sua morte — para explicar como as pessoas que vivem uma vida materialista na Terra irão descobrir que a sua vida após a morte é uma réplica exata dessa mesma vida… e que as almas que não desejam deixar a Terra para trás passam, por vezes, o seu tempo a influenciar outros de maneiras nem sempre positivas.
A Sra. Fry diz também que Deus e o poder do espírito se encontram dentro de cada um de nós — mas que ninguém é obrigado a evoluir e que não nos tornamos subitamente sábios e omniscientes depois da morte — isto leva tempo, porque evoluímos gradualmente…

Esta é a segunda comunicação da Sra. Fry com George Woods e Betty Greene. A primeira foi um ano antes, em 1962.
Fry: Conseguem ouvir?

Woods: Oh sim, perfeitamente.
Greene: Conseguimos ouvir-te.

Fry: Peço-vos que me perdoem se não falo muito bem.
Woods: Estás a falar muito bem…
Fry: O meu nome é Fry. Elizabeth Fry.
Woods: Oh sim, sim.
Greene: Oh! Já estiveste connosco antes, não foi?

Fry: Há muito tempo vim falar convosco.

Greene: É verdade.

Fry: Porque sabia que estavam tão interessados nos aspetos mais elevados desta verdade tremenda e estou tão ansiosa por poder ajudar e servir de alguma forma. E sei que vocês os dois são muito sinceros, e que se esforçam por contactar pessoas para as educar, para as fazer compreender as realidades desta grande e gloriosa existência que espera todos os filhos de Deus. Sei que fazem o vosso máximo. E tenho a certeza de que há momentos em que acham tudo muito difícil — mas devem esperar isso! Todos aqueles que pretendem ser reformadores, todos aqueles que querem mudar a forma de pensar do homem, têm de estar preparados para muitas recusas — e tenho a certeza de que já tiveram algumas.

Greene: Sem dúvida que sim. [Riso]
Fry: Que número tremendo de almas vêm até vós, atraídas pelos vossos motivos. Mas não é, claro, uma tarefa fácil.
Woods: Abdicámos da nossa… Dedicámos as nossas vidas a este trabalho.

Fry: Eu sei. Podia dizer-se que é uma pena não o terem feito mais cedo.
Woods: Sim.

Fry: Bem, talvez esteja a ser, inconscientemente, um pouco indelicada. Estamos gratos — mais do que gratos — por vós. Mas, se ao menos conseguíssemos fazer os mais jovens tomarem consciência disto, pois são eles que têm de continuar.
Woods: Sim.

Fry: Tantas pessoas que se sentem atraídas por esta verdade e que investigam este assunto estão tão perto de vir elas próprias. É aos jovens que temos de tentar educar e encorajar, e tenho a certeza de que tentam fazê-lo. Mas deve ser muito difícil...
Woods: Tentamos...
Fry: ...porque há tantas distrações nesta vossa era moderna e são muito poucos os que voltam as suas mentes para as coisas da vida eterna. Ainda assim, suponho que temos de ser pacientes. Que palavra horrível essa: paciência. Imagino que todos sejam aconselhados a ter paciência; paciência por isto ou paciência por aquilo. Mas, como vejo o vosso mundo hoje, receio que seja muito difícil ter paciência. Toda a atmosfera do vosso mundo é tão horrenda; as condições são tão terríveis. Tanto mudou desde o meu tempo. Já não há quietude nem paz. O homem vive constantemente com medo — provocado, claro, pela sua própria tolice. Poder-se-ia pensar que o homem, a esta altura, já teria percebido a futilidade da preparação para a guerra. Esse não é o caminho para evitar a guerra.
Greene: Não.
Woods: Poderias dizer-nos algo sobre o que acontece do outro lado; as diferentes ordens desse lado? Continuam a perguntar-nos sobre o outro lado da vida e o que acontece às pessoas que fazem bombas e que vivem para destruir e ser destrutivas. Podes dizer-nos ou dar-nos alguma ideia de como é a vida lá, para podermos passar as gravações a eles e dar-lhes alguma ideia desse lado da vida?
Fry: Bem, suponho que essa pergunta pode ser respondida, de certa forma, numa frase: tal como o homem semeia, assim colherá. E se um homem, no vosso mundo, pela sua própria natureza e pela condição da sua vida, cria uma situação de caos e infelicidade, se ele, por natureza, só se preocupa com coisas materiais, então, obviamente, quando chegar aqui, encontrar-se-á num plano que é, em certos aspetos, muito semelhante ao da Terra.
Ele, por assim dizer, estará a viver, de novo, uma conceção muito material, se quiserem, da vida. Porque, afinal, o homem não mudou. A morte não muda necessariamente uma pessoa de imediato. Uma pessoa continua, na sua visão, muito semelhante e, até que o homem comece a perceber que está a viver numa condição de vida que ele próprio construiu, até que mude a sua visão e atitude, até que comece a procurar dentro de si descobrir as falhas e a começar a corrigi-las, continuará a viver numa condição muito semelhante, em muitos aspetos, à da Terra. Viverá num estado mental material. Porque, afinal, é exatamente isso que acontece aos indivíduos quando deixam o vosso mundo. Vivem numa condição de vida criada pelo seu estado de espírito.
Claro que há exceções, como não poderia deixar de haver, mas a pessoa média, que viveu uma vida razoavelmente boa, encontrará uma atmosfera que lhe é agradável e aprazível. Descobrirá que terá todas as oportunidades de experimentar muitas coisas que, talvez, lhe tenham sido negadas na Terra.
Por exemplo, podem ter alguém que, pelas próprias circunstâncias da sua vida terrena, foi infelizmente obrigado a viver uma existência muito monótona, infeliz, sombria. Pois bem, essa pessoa, porque pela sua própria natureza se esforçou por ser prestável, bondosa e atenciosa para com os outros, que se sacrificou, talvez, por outros, encontrará uma forma ou condição de existência muito feliz, e as oportunidades que lhe foram negadas na Terra, essas oportunidades ser-lhe-ão apresentadas aqui.

Por exemplo, pode haver alguém que gostaria de ter sido músico ou artista, de alguma forma. Alguém que, talvez, teria adorado ter um jardim bonito, mas que não pôde, por circunstâncias fora do seu controlo, descobrirá que tem uma casa com um jardim muito belo. Ou, se quiseram tornar-se músicos, aqui podem mesmo ser músicos.
Por outras palavras, é uma lei natural e tudo aqui é regido — e se puder usar o termo 'organizado' — embora, num certo sentido, não haja aqui organização. Há uma sensação de que tudo está no seu lugar, mas não existe uma organização consciente. E descobrirão que aqui terão todas as oportunidades para se estabelecerem e serem felizes.
Mas, claro, independentemente da condição em que se encontrem, haverá sempre a consciência de maiores possibilidades e de coisas superiores que estão adiante, porque aqui nada é estático. Tudo tem oportunidade de mudança e se, ou quando, uma pessoa começa a procurar e a mudar dentro de si mesma, a desejar coisas de uma ordem melhor, assim, automaticamente, gradualmente, encontrará essas condições. É tudo um estado de ser, um estado de espírito. Toda a existência em que alguém possa encontrar-se é um estado de espírito. É um estado de consciência, uma consciência, e cada um contribui para isso e, por isso, encontra-se — a pessoa comum, pelo menos — numa atmosfera agradável e adequada àquilo que melhor se lhe ajusta. A pessoa média, ao chegar aqui, encontra certamente um estado de ser feliz e uma grande oportunidade de conhecimento, de experiência e de descanso, se for necessário. Não há depressão… a única depressão, claro, que alguém poderá sentir é se uma pessoa, ao chegar aqui, tiver muito de que se arrepender na sua constituição e na sua vida. E, em consequência, as pessoas passam por um estado de reajustamento, onde fazem uma avaliação pessoal, provavelmente pela primeira vez, e começam a sentir que poderiam ter agido de forma tão diferente quando estavam na Terra e que poderiam ter ajudado muito mais do que ajudaram. As pessoas muito egocêntricas acham tudo muito difícil no início. Mas, claro, devemos lembrar-nos e ter consciência de que todos acabam, eventualmente, por encontrar esse estado de existência que se poderia chamar felicidade. É algo que nunca é negado, mas cada um tem de o merecer. E assim todos passam por mudanças e estágios de evolução, até ao momento em que atingem um certo 'objetivo, se quiserem, e provavelmente, durante muito tempo… ficarão nesse ambiente até sentirem necessidade ou vontade de avançar mais.
Claro que, de certa forma, não estamos conscientes do tempo, mas mesmo assim, suponho que, para vos fazer entender, devemos referir-nos ao tempo para que possam ter uma vaga ideia. Embora, claro, haja muitas pessoas que estão ligadas à Terra; que nunca, por assim dizer, deixaram verdadeiramente a Terra, que vivem muito num estado de consciência terrena… um estado de consciência e um plano muito terrenos.
E são muitas vezes essas pessoas, claro… hum, que… fazem muitas coisas que… causam alguma preocupação às pessoas do vosso lado que estão conscientes de poltergeists, que sabem da interferência. E, hum, claro, existem estas almas que são tão materialistas e que… obtêm grande prazer em influenciar pessoas do vosso lado — especialmente pessoas de mente fraca ou pessoas que, em si mesmas, abrem, por assim dizer, a sua consciência a essas influências.
Não acho que se compreenda o suficiente sobre as almas terrestres — refiro-me a elas como almas terrestres no sentido em que, embora tenham partido do vosso mundo, ainda fazem muito parte dele. E estas criaturas ligadas à Terra não são necessariamente más — há algumas, claro, que, em si mesmas, não estão a fazer nada que contribua para a sua própria salvação. Na verdade, obtêm grande prazer em utilizar pessoas do vosso lado.
Tenho a certeza de que muitas das pessoas em hospitais psiquiátricos no vosso mundo estão sob a influência de espíritos ligados à Terra e, hum, penso que é uma grande tragédia que este assunto, todo este assunto, não seja melhor compreendido entre aqueles da profissão médica. Porque muitos destes casos são, definitivamente, obsessões e há um grande campo, hum, para investigação, um grande campo para descoberta, uma grande oportunidade para as pessoas trabalharem nesse campo específico em que as pessoas sofrem de distúrbios mentais.
Porque muitos destes chamados distúrbios não são doenças, no sentido em que compreendem o termo. São, definitivamente, casos de obsessão. E nós, deste lado, temos muitas almas que

trabalham em grupos e falanges que se esforçam por ajudar, aliviar e afastar, sempre que possível, estas influências.
Mas devem lembrar-se de que estão tão próximas da Terra, são tão parte da Terra, que por vezes é muito difícil fazer grande coisa em relação a isso. Sei que isto é, de certa forma, uma coisa trágica, mas, ao mesmo tempo, devem lembrar-se de que, embora não exista, num certo sentido, lei ou leis — no sentido em que o entenderiam — existe… o que tento dizer é que não há líderes reais, como tal.
Nós… temos uma organização que é tão subtil e, ainda assim, tão natural. Porque uma pessoa aqui, por exemplo, não dá ordens, por assim dizer; temos grupos de almas que fazem trabalhos específicos, mas todos nós percebemos automaticamente, dentro de nós, qual é o nosso papel, qual é o trabalho que temos de fazer e percebemos que estamos todos interligados, uns com os outros.
Acho que todos estamos muito conscientes desta unidade do espírito. Aqui, ninguém se orgulha de ser um líder. Enquanto, por exemplo, no vosso mundo; nas organizações religiosas e políticas, existe essa espécie de glorificação do indivíduo.
A primeira coisa que uma pessoa deve 'aprender', quase se poderia dizer, se quiser progredir aqui, é perder essa ideia de presunção. Aqueles que são realmente evoluídos deste lado nunca, nunca dão essa impressão, porque nem sequer faz parte da sua natureza parecerem ou quererem parecer importantes.
Tudo aquilo de que falamos, tudo aquilo que fazemos, é feito em completo amor e completa harmonia — uns com os outros. Ninguém quer dominar outra pessoa. Toda a nossa influência é para o bem e no amor. E, por isso, não temos, deste lado, organização como tal. Não reconhecemos líderes no sentido em que vós os reconheceis.
E, claro, acho que qualquer pessoa com um mínimo de inteligência que procure verdadeiramente nas verdades da Bíblia… e estas verdades estão completamente à vista e, ainda assim, tantas pessoas não as conseguem ver. Por exemplo, Cristo nunca teve a intenção nem o desejo de fundar qualquer organização religiosa.
Isto é algo completamente e absolutamente criado pelo homem e que, ao longo dos séculos, tem iludido a humanidade e, na verdade, penso que é bastante óbvio que, se analisarem todos os ensinamentos de Cristo, descobrirão que ele foi a mais humilde das almas, que não teve desejo de formar qualquer tipo de organização, escolheu os seus discípulos entre os homens mais comuns. Não tentou ditar, não sugeriu, no sentido em que alguns parecem supor, que eles deveriam fazer isto ou aquilo.
Deu-lhes, completamente e absolutamente, livre-arbítrio. Livre-arbítrio para escolherem o caminho que deviam seguir. Penso que, se as pessoas reconhecessem Cristo, se percebessem quem Cristo realmente foi, começariam a descartar muitas crenças e dogmas ultrapassados — anexados ao longo dos séculos por homens que desejavam poder e posição; eu diria, acima de tudo, se queres descobrir a verdade, evita os homens de poder e posição. Porque só têm poder e posição por causa da sua conceção material das coisas. Não se pode, certamente, construir uma realização verdadeiramente espiritual de Deus sobre algo que é de conceção material.
Deus não se encontra, num certo sentido, em edifícios ou lugares. Deus encontra-se dentro da alma de cada um, dentro da consciência interior de cada um, em tudo o que é da natureza…
Não penso que algum ser humano que procure verdadeiramente Deus O encontre em algo que, em si, é obviamente construído pelo homem. Pois o homem, invariavelmente, na sua tolice e ignorância, considera que tem de construir edifícios para albergar algo que é tanto do espírito. Não se pode segurar ou conter o espírito numa urna. É algo tão livre como o ar que respiram, algo de que devem tornar-se conscientes e de que devem estar cientes. E descobrirão que as almas deste lado, aquelas que verdadeiramente progridem, quebraram todos os laços e grilhões e correntes que as aprisionaram durante séculos de pensamento errado.

Cristo compreendeu que o poder do espírito estava dentro de todos os homens. Compreendeu que havia em toda a humanidade essa unidade e esse poder tremendo que podia superar todas

as coisas. Cristo não se preocupava com posses materiais, não se preocupava com igrejas ou templos materiais, enquanto tais. Não expulsou ele próprio os cambistas do templo? Não viu, no seu tempo, a hipocrisia dos líderes da época na Igreja?
E assim é que a hipocrisia e a falsidade foram sendo construídas em torno das simples e maravilhosas verdades que Cristo ensinou — e todos os grandes videntes, os grandes mestres e os grandes profetas também.

Devemos tentar lembrar-nos e compreender que, se quisermos encontrar essa grande verdade que todos os homens verdadeiramente procuram dentro de si, isso só pode acontecer quando começarem a procurar com honestidade e bem, dentro de si, e se esforçarem por pôr, por assim dizer, a 'casa de Deus' em ordem.
Pois existe uma casa de Deus, mas não é um edifício. É o templo da alma. E devemos lembrar-nos de que não falamos individualmente, mas num sentido coletivo, porque verdadeiramente o espírito de Deus está em todos os homens. É uma força e um poder que nada pode destruir. Pode-se perder o corpo, mas ganha-se a alma.
E à medida que se ganha experiência e conhecimento, compreende-se o tremendo poder do espírito que supera todas as coisas. O homem só encontrará a verdade quando se libertar das correntes que o amarraram durante séculos.
Deus encontra-se, verdadeiramente, entre aqueles que são sábios na sua simplicidade. E é na simplicidade que encontramos a verdade — não entre aqueles que ocupam lugares elevados e que, através de livros e do saber e de outros métodos, assumiram que são espiritualmente sábios. A sabedoria espiritual vem, verdadeira e seguramente, daqueles que procuraram dentro de si mesmos e encontraram o germe da verdade, encontraram a sua realização e deram-se completamente, em amor e em serviço. Mas à medida que servem os outros, tornam-se mais conscientes da sabedoria de Deus e da verdade de Deus.
O poder do espírito que vos envolve e vos rodeia está, constantemente, a tentar abrir caminho. Aqueles de vós que viram e conheceram isto estão a tentar, à vossa maneira, abrir a consciência dos outros, para que eles também encontrem.

Sabemos das dificuldades, sabemos da oposição com que, inevitavelmente, hão de deparar-se — ainda mais à medida que progridem. Quanto mais desejarem derrubar os 'Aunt Sallies'*, mais difícil será encontrar munições. Mas nós dar-vos-emos a força, dar-vos-emos o amor.
*Aunt Sallies = alvos fáceis

Mas devem lembrar-se de que surgirão dificuldades — por vezes para além da vossa compreensão. É uma grande tarefa que vos foi confiada, mas sei que já alcançaram muito. Mas ainda há muito por fazer e precisamos de muitas, muitas, muitas pessoas. Precisamos… precisamos de inumeráveis almas e procuramos os jovens, porque são eles que têm de continuar, são eles que têm de levar adiante esta bandeira que içámos. Precisamos dos jovens. Façamos o que pudermos, tentemos o que pudermos para os encorajar…

Greene: Sra. Fry, posso… posso perguntar-lhe algo?
Flint: [Assoa-se]
Fry: Sim, claro.

Greene: Posso só recapitular o que disse no início sobre 'quando se passa para o outro lado, o estado de espírito é, na verdade, o plano de existência'? Ora bem…
Fry: Na maioria dos casos.
Greene: Sim. Então, o que acontece quando pessoas da realeza passam para o outro lado? São pessoas habituadas ao conforto; tudo na vida, não têm preocupações financeiras ou coisa alguma. Tudo é feito por elas, não sabem o que é ser pobre ou ter fome. E o que acontece a essas pessoas? Se pensar…

Fry: Bem, penso que a questão toda aí é, seguramente, não se a pessoa teve tudo o que o mundo podia oferecer — ou seja, em termos materiais. Uma pessoa pode, por exemplo, não ter nada e ser extremamente boa. Ou uma pessoa, de facto, pode ter tudo o que o mundo oferece e também ser uma boa pessoa. Penso que tudo depende, seguramente, de se essa pessoa, nessa posição, serviu verdadeiramente e de forma consciente, o melhor que pôde, na missão que lhe foi atribuída.
Não acho, num certo sentido, que importe um iota* se viveu num palácio ou numa… ou numa cabana. Descobrirá, quando vier para aqui, que lhe será dada uma condição de vida que melhor se lhe adapta — não tem, necessariamente, de ser um palácio, pois certamente deve haver muitas pessoas que viveram em palácios e continuam a viver em palácios, que, se a verdade fosse conhecida, estão felizes por relaxar apenas… talvez apenas num ou dois quartos.
*iota = um nadinha

Não querem particularmente a pompa e a cerimónia. É parte… da sua herança, faz parte do seu contexto e tiveram de aceitá-lo por nascimento, mas isso não significa, necessariamente, que sejam particularmente apaixonados por isso.
Pode muito bem ser que, hum… o tenham aceite porque é algo que têm de aceitar, mas, no fundo, podem ser pessoas fundamentalmente muito boas, muito sinceras e muito humildes.
Veja, não devemos, claro, generalizar. Se está a pensar que, porque uma pessoa está habituada a um palácio, naturalmente esperará ou presumirá — isto é, se pensar de todo na vida após a morte — que deveria ter um palácio. Não creio que isso importe sequer, porque tenho a certeza de que há muitas pessoas que viveram, digamos, numa cabana que, quando aqui chegam, gostariam de viver num palácio e provavelmente merecem um. E há muitas pessoas que vivem em palácios que, quando aqui chegam, gostariam também de viver numa cabana.
Penso que não devemos, hum… ver isto demasiado de uma forma… puramente, num certo sentido, material, do ponto de vista de que, hum, o reflexo da sua vida terrena seria igual aqui.
O que tento transmitir não é aquilo a que alguém possa estar habituado em termos de condição de vida, mas aquilo que se criou, pela própria natureza da sua existência, para si próprio, o que, automaticamente, entrará em vigor e, por isso, será satisfatório.
Hum… Eu sei. Conheci certos chamados reis e rainhas. Aqui, claro, não temos reis nem rainhas e, hum, uma das… imagino eu, em certos casos — e certamente é assim — que com pessoas de alta posição, materialmente falando, que estiveram habituadas a tanta deferência e que receberam tudo o que a Terra parece oferecer, há certamente casos de indivíduos aqui que acham, e acharam, muito difícil libertarem-se desse tipo de ambiente e de atitude mental.
Mas, claro, isso é algo que têm de aprender. Penso que tudo depende, como todas estas coisas devem depender. Não podemos generalizar. É por isso que é sempre tão difícil, por vezes, dar uma resposta direta a uma pergunta direta. Porque, em tantos casos, hum, pode-se generalizar com facilidade e não se pode, de facto, generalizar, porque o que pode afetar uma pessoa pode não ser o mesmo para outra — mesmo que, à superfície, as suas condições na Terra pareçam muito semelhantes.

Nós… isso é, claro, outra das grandes verdades, outra das grandes e maravilhosas realidades da vida aqui: embora, fundamentalmente, se possa dizer que toda a humanidade é a mesma, o que é tão maravilhoso — mesmo no que diz respeito às almas aqui — é que ainda mantêm a sua individualidade. E suponho que, se assim não fosse, nunca nos reconheceríamos uns aos outros, e isso seria, claro, muito trágico, uma situação muito infeliz para pessoas que são muito próximas umas das outras.
[O cão de Flint é ouvido a ladrar]
Quero dizer, por exemplo, quando uma pessoa chega aqui pela primeira vez, é, como já disse, muito semelhante a quem era. E claro, quando os seus familiares se juntam a ela, também são muito semelhantes.
E também devemos lembrar que o corpo espiritual é um contrapartida — uma cópia exata —

do corpo físico. Isto é, se o corpo físico estiver em condição perfeita ou estado perfeito. Se o corpo físico tiver degenerado com a idade ou por doença ou se algo lhe tiver acontecido por acidente, é apenas o corpo físico que tem essas condições de deterioração; o corpo espiritual será uma reprodução do corpo físico perfeito.
E, portanto, ninguém precisa, por exemplo, de recear que não vá reconhecer um ente querido. Pois essa pessoa, até pelo próprio estado da sua mente, pode assim criar, por assim dizer, uma contrapartida espiritual — ou, digamos, uma reprodução — do corpo físico para que haja reconhecimento. Mesmo que ela própria possa não ser exatamente assim no seu próprio plano de vida aqui.
Devem lembrar-se de que toda a vida aqui é um 'estado de espírito', no sentido de que as únicas coisas que são criadas são pensamentos. O vosso mundo é completamente e absolutamente (à parte da natureza, claro) um mundo de pensamento. Um homem não é mais do que aquilo que pensa. Tudo o que têm à vossa volta, que foi criado por gerações de homens, foi, fundamentalmente, concretizado pelo poder do pensamento. E claro, connosco é o mesmo. Trazemos connosco a nossa personalidade, o nosso carácter e a nossa capacidade de pensamento. Criamos a nossa vida pelo nosso poder de pensamento. E assim, ninguém precisa de se preocupar que, quando uma pessoa morre, mude tanto ao ponto de não ser reconhecível. A única mudança é algo que provocamos pela nossa mudança de perspetiva e evolução. É um processo gradual, tão gradual que não creio que nenhuma geração precise de temer não reconhecer uma geração anterior, porque o tempo, em si, não tem importância. São precisas gerações e gerações de tempo para as pessoas evoluírem ao ponto de se tornarem irreconhecíveis.
Este é um assunto tremendamente difícil de esclarecer por vezes, porque há tanto que gostaríamos de vos transmitir — mas as palavras, por si só, são insuficientes e não conseguem retratar ou descrever. Por isso só podemos, como tenho a certeza de que outros vos disseram, trazer as coisas até certo ponto para que as possam entender. Mas sinto-me certa de que cada um que procure, do vosso lado, essa verdade que o mundo espiritual pode dar, encontrará — de acordo com a sua procura, de acordo com a sua sinceridade de propósito.

Mas quando o homem conseguir libertar-se de todas estas correntes que o acorrentaram, que lhe fecharam a mente durante gerações... Quando o homem conseguir libertar-se dos laços que o prenderam a um credo e a dogmas, que o impediram de progredir, de procurar, de buscar, quando o homem for verdadeiramente livre — espiritualmente livre — então descobrirá, então abrirá imensas avenidas de progressão espiritual.
Sinto que vocês os dois estão a fazer um grande trabalho. Podem sentir-se, por vezes, inibidos, pode haver momentos em que sentem que estão a ser travados, mas não pensem, nem por um momento, que estão sozinhos. Estão sempre a ser guiados, estão sempre a ser ajudados e há inumeráveis almas que trabalham convosco.
Woods: Posso fazer-lhe uma pergunta?

Fry: Por favor, seja rápido, querido.
Woods: Esta é uma questão que temos mesmo de referir, que vemos tantas crianças pequenas sem qualquer oportunidade na vida. Vivem em... em, hum, sítios subterrâneos, sítios muito básicos, e vemos a riqueza deste mundo; há tanta riqueza e, ainda assim, parece que elas não têm qualquer esperança, para além do ambiente em que vivem, tornam-se criminosas, basicamente — muitas delas, de qualquer forma...
Fry: Bem, a pessoa que se torna, digamos, um criminoso, por circunstâncias fora do seu controlo, não é, num certo sentido, totalmente responsável. E embora não haja julgamento aqui, no sentido do velho entendimento bíblico ou do significado do termo, há automaticamente uma reavaliação e há essa, digamos, tomada de consciência que se tem dentro de si mesmo das próprias falhas e erros.
E o ponto principal é que se uma pessoa se tornou — não usarei o termo má, porque não o

reconheço, nesse sentido — se uma pessoa se tornou, por circunstâncias fora do seu controlo, não, pode-se dizer, espiritualmente inclinada ou se cometeu grandes erros ou fez coisas das quais se pode arrepender, não é totalmente culpada. Penso que tudo… como disse, tudo é uma questão de casos individuais — onde algumas pessoas podem ser culpadas, outras não podem ser culpadas.
Não se pode culpar uma criança que, por circunstâncias fora do seu controlo, se tornou mal-educada ou indelicada, que faz coisas que não são aceites e não são as corretas. Quero dizer, devemos sempre lembrar-nos de que as pessoas são, em grande parte, produto do seu ambiente. E se esse ambiente, em si, foi criado por causa do egoísmo de alguns, então dificilmente se pode culpar o indivíduo.
Mas claro, há muitas, muitas coisas que levam tempo a… a serem reorganizadas e mudadas. Compreendemos perfeitamente. Não pensem, nem por um momento, que qualquer alma que venha para aqui é de alguma forma julgada. Uma pessoa é responsável perante si mesma pelas suas ações. Mas todas as avenidas possíveis são tidas em consideração relativamente a um indivíduo. Mas aí está, não são outros que fazem o julgamento, é cada um.
E se uma pessoa souber, quando aqui chega, que fez muitas coisas erradas, mas perceber que isso se deveu ao ambiente e às condições, que em grande parte estavam fora do seu controlo, há aí aspetos redentores. E, claro, tudo isso é tido em conta.
Eu… eu não creio que haja uma única coisa que se possa mencionar relativamente à vida aqui que não seja justa. Tudo é justo, porque tudo aqui se encaixa numa condição de lei e ordem naturais. Cada indivíduo ajusta-se — não são outros que o fazem por si. É-se, talvez, ajudado ou muitas vezes mostrado o caminho ou o rumo e aconselhado, mas ninguém pode ser forçado a fazer nada. Ninguém pode ser obrigado a mudar.

Uma pessoa muda subtilmente, gradualmente. Não se torna, de repente, uma pessoa de grande sabedoria, uma pessoa de grande realização espiritual. Todos evoluem gradualmente e o pior criminoso evolui gradualmente para uma pessoa melhor, uma pessoa mais avançada. Pode levar eras de tempo, mas o tempo é infinitesimal para nós, porque estamos na eternidade e não existe, num certo sentido, tempo na eternidade. Pode haver uma espécie de consciência do tempo e nos planos inferiores existe essa consciência do tempo, mas é apenas um reflexo do material.
Gostaria que fosse possível explicar isto mais plenamente, mas é impossível. É como se não houvesse perspetiva, num certo sentido. Por exemplo, no vosso mundo podem ver até certo ponto e não conseguem ver mais além. E, ainda assim, à medida que avançam, aproximam-se daquilo que antes estava fora de vista. Assim é connosco. Temos perspetiva, conseguimos ver até certo ponto e, à medida que avançamos, outros aspetos da perspetiva entram em vista, outras partes da existência e da vida que não sabíamos que existiam tornam-se gradualmente dentro do nosso alcance consciente.
Devem encarar a eternidade e a vida eterna dessa forma; um processo gradual de ir e avançar, e à medida que se avança, novos horizontes surgem. E, à medida que nos aproximamos deles, tornam-se mais claros e vê-se uma imagem diferente e uma cena diferente. É por isso que diferentes almas de diferentes esferas devem, seguramente, descrever a vida de forma diferente umas das outras. Tudo depende do indivíduo, de quão longe progrediu e de quais são as suas experiências.

Acho que isto é, claro, a coisa mais maravilhosa: podermos, por uns breves momentos do vosso tempo terreno, ligar-nos convosco e falar convosco, conversar convosco — e, tanto quanto está ao nosso alcance, ajudar-vos e guiar-vos, e saber que estão a fazer este trabalho para ajudar os outros. Seguramente, é a maior de todas as coisas.
Sigam em frente, meus amigos, com força e saibam que estão verdadeiramente bem abençoados, altamente abençoados, e são muitos os que vêm até vós.
Agora tenho de ir e deixo-vos com todas as minhas bênçãos.

Woods: Poderia… poderia dizer-nos, estamos a preparar um livro — quero dizer, a publicar — com as pessoas que se manifestaram connosco, que esperamos que venha a fazer algum bem. Acha que será publicado? Já o enviámos para o editor.
Fry: Tenho a certeza de que será e receberá grandes bênçãos e será uma grande fonte de encorajamento para muitos, dando-lhes uma visão dessa verdade gloriosa que também contemplaram.
Tenho de ir. Adeus.
Woods: Muito obrigado.
Greene: Obrigada, Sra. Fry.
Mickey: Tchau-tchau. Tchau-tchau.
Greene: Olá Mick! Adeusinho Mickey!
Mickey: Ela era uma Senhorita!
Greene: Oh, peço-lhe imensa desculpa…
Flint: [Riso]
Greene: Desculpem, pensei que fosse Sra.
Obrigada Mickey.
Mickey: Não era?
Flint: [Riso]
Greene: Não tenho a certeza. Pensei que fosse mesmo uma Sra. Fry. Mas enfim, é uma alma adorável.
Flint: Mmm. Ela esteve muito bem, não esteve?
Greene: Mmm.

Woods: Ela falou [muito bem].

FATHER BERNARD
12 de Maio de 1969
«Podemos alcançar juntos com a voz do espírito»

O Padre Bernard fala de forma clara e deliberada sobre a busca da verdade espiritual e o tema da comunicação espiritual. Fala sobre os efeitos positivos das gravações de vozes espirituais, que podem chegar a pessoas que não têm possibilidade de assistir a sessões, e que podem inspirar algumas a iniciar o seu próprio desenvolvimento espiritual.

Ele refere-se a pessoas em posições de poder, que enganam os seus seguidores, porque são espiritualmente fracas e apenas fingem ser sábias. Bernard explica que, embora diferentes espíritos comuniquem, cada um à sua maneira única, a essência da mensagem é a mesma. Diz que a comunicação espiritual será sempre criticada e que nem todos aceitarão o que ouvem, mas devemos, pelo menos, escutar, porque as comunicações têm um propósito e um significado — mesmo que não compreendamos como é possível…

Father Bernard: Continuem a procurar…

Betty Greene: Sim?
Bernard: Isso, por si só, impressiona-me para falar convosco…
Greene: Bom.

Woods: Bom.
Bernard: …sobre um assunto como 'olhar para o futuro'.

Woods: Sim.
Bernard: O futuro material, entrelaçado com o futuro espiritual. Se ao menos a humanidade continuasse a olhar e voltasse o olhar para o poder e o amor do Espírito Santo. Continuem a olhar para essa luz que vem trespassar a vossa escuridão — a luz da verdade e do conhecimento espiritual.
No vosso mundo há muitas, muitas almas de todas as nacionalidades, de todas as raças, cores e credos que procuram e não sabem o que procuram. Todos procuram a verdade e há muitos que não a conseguem perceber, por várias razões.

Mas se fossem levados a compreender a comunhão espiritual, se pudessem ser levados a entender que o poder do espírito se manifesta através da instrumentalidade de instrumentos*, então estou certo de que o mundo, em consequência, seria levado a uma maior consciência do propósito do homem na Terra.
*médiuns espirituais

Eventualmente, ser-nos-á permitido ajudar-vos a abolir todas as coisas que causam tanto caos e confusão, de tantas formas diferentes. Nas nossas tentativas de comunicar convosco, há momentos em que conseguimos ter um canal claro e falar-vos, transmitindo os nossos pensamentos, esforçando-nos, em consequência desta oportunidade, por inspirar — não apenas vós, mas outros — através da vossa intermediação, através destas gravações que são enviadas para aqui e para ali. Outros que escutam podem sentir-se impressionados e inspirados a procurar e a encontrar por si próprios.
De facto, num certo sentido, estamos a tornar possível a muitos que não podem ter contacto direto connosco, pelo menos ouvir, e ao ouvirem a voz do espírito permitir-lhes, mesmo que não desenvolvam os seus próprios dons, pelo menos, com o conhecimento que podemos transmitir, impressioná-los e inspirá-los a trabalhar pelo bem dos outros, a afastar o medo da morte — a inspirá-los a esforçarem-se, pelo menos, por superar cada vez mais as condições materiais da vida terrena que sufocam o homem e muitas vezes tornam impossível que encontre por si mesmo essa verdade de que todo o mundo da carne tanto carece.
É, de facto, uma tarefa difícil, mas uma que, mesmo que apenas de uma forma pequena, cresce como a proverbial bola de neve. Começamos aqui nesta sala a esforçar-nos por transmitir o nosso conhecimento e dar conforto. Vocês fazem a vossa parte e estas mensagens são enviadas. Muitos são os que ouvem e muitos são os que, em consequência, querem saber mais. Embora, talvez, desejássemos ter mais instrumentos — de facto, é sempre o nosso clamor.
No entanto, aqui e ali, indivíduos começam a desenvolver as suas próprias faculdades e dons. E há uma 'abertura', por assim dizer, na mente de muitos e há uma inspiração e uma forma de mediunidade desenvolvida, através da qual eles, por sua vez, assumem o trabalho do espírito.
Estou tão ansioso que sintam que os vossos esforços não caem sempre em 'solo pedregoso'. Embora, por vezes, quando 'lançam a semente' para aqui e para ali, devam sentir que pouco parece resultar, há muito de que não sabeis, onde há grande frutificação e a palavra é semeada, a mensagem é transmitida e aceite.
E à medida que os anos passam para vós, embora possam sentir que restam poucos anos, no sentido material, para servir... ainda assim, nesse período de tempo que ainda está por vir, encontrarão o trabalho cada vez mais absorvente, cada vez mais oportunidade, cada vez mais mensagens chegarão e cada vez mais as enviarão para fora.
E, em consequência, serão criados laços entre vós e povos. Alguns talvez nunca venham a conhecer, mas ainda assim há muitos que se tornarão portadores de mensagens, que continuarão e que assumir-se-ão, eles próprios, trabalhos que, possivelmente, no momento, possam parecer impossíveis. Vereis... vivereis para ver, materialmente, quanto foi alcançado, quanto fizeram, como as muitas mensagens despertaram, para muitos povos em todo o mundo, um grande desejo de servir.
E isto é, claro, a grande coisa; que todos nos esforçamos, cada um à sua maneira, da melhor

forma que podemos, por abrir os olhos daqueles que habitam na escuridão. Há alguns no vosso mundo, como acabaram de referir, que não veem com os olhos da carne. Que vivem num mundo escuro. E, ainda assim, vivem num mundo onde a iluminação do espírito é tal que verdadeiramente são abençoados, pois veem mais — muito mais do que aqueles que são cegos, tal como o mundo os vê. Eles veem verdadeiramente e procuram verdadeiramente e dentro deles existe um poder que talvez seja negado a muitos que fingem saber e a muitos que pensam que veem.

Aqueles que, por vezes, como o mundo os vê, estão cheios de sabedoria e de ditos sábios — estes que muitas vezes são venerados e admirados por muitos, muitas vezes colocados em pedestais, mas quão frágeis e quão inseguros são. Estes que tantas vezes detêm nas mãos o destino de muitos povos, materialmente, são muitas vezes tão fracos espiritualmente — e, num certo sentido, fracos materialmente, pois estão em areias movediças do tempo que, eventualmente, os engolirá. A tragédia, claro, é que, tantas vezes, os povos da Terra os escutam e são enganados e induzidos em erro.
Mas nós conhecemos a verdade do espírito, conhecemos a realidade da vida eterna. Superaremos muitas das complexidades e dificuldades que se colocam no nosso caminho. Sabemos que, nos corações simples de povos que procuram — aqueles que procuram com amor e sinceridade pela verdade — ela lhes será revelada.
E, tal como nos séculos passados, quando uma grande luz foi trazida ao mundo, veio invariavelmente através daqueles que são humildes e sinceros — não através dos poderosos e dos grandes, como o mundo os vê — mas apenas através daqueles cuja mente está aberta para receber — não sobrecarregada, não acorrentada por preconceitos e ideias feitas — ou, por assim dizer, presa à teologia e à ortodoxia — mas homens livres na sua mente e no seu coração para receberem a verdade. Estes são aqueles que vieram ao vosso mundo ao longo das gerações e trouxeram uma grande luz à escuridão.

Assim é que vós, numa medida pequena, como deve parecer, mas, ainda assim, de forma eficaz, alcançaram um meio pelo qual podemos chegar juntos com a voz do espírito. Estas gravações, como lhes chamam, podem de facto transformar a forma de pensar do mundo. E, com o tempo, de muitas maneiras e em muitos lugares, darão o impulso e o desejo a muitos de superar e derrubar as forças materiais em redor, que retêm o homem e impedem o seu progresso espiritual.
São verdadeiramente abençoados, na medida em que vos foi dada esta oportunidade de servir, vos foi dada esta oportunidade de trabalhar por uma grande causa — esquecendo o ego em serviço amoroso. Isto é verdadeiramente o início de grandes coisas. Há alguns outros, como vós, que se esforçam de forma semelhante para servir. Alguns podem, talvez, estar a avançar numa direção que vos possa parecer diferente, mas, à sua maneira, estão a contribuir. E, claro, deve haver, e de facto é bom que haja, muitas almas deste nosso mundo, sublinhando o seu próprio ponto de vista. Mas devemos lembrar-nos de que a verdade fundamental da vida é a mesma. Não importa de que esfera um indivíduo possa vir, quando esta mensagem é transmitida, a verdade fundamental permanece.

Um indivíduo deve e só pode dar o seu próprio ponto de vista, a sua própria interpretação das suas experiências. E dado que a vastidão do nosso mundo é tal, há incontáveis esferas e condições de vida. Por isso, terão uma grande variedade de pessoas a chegar e a transmitir a sua mensagem, mas é sempre a verdade fundamental. Embora possam interpretar as coisas, por vezes de forma diferente, por vezes dar-vos uma visão da sua condição particular — ainda assim, existe a base que permanece a mesma.
E quero que sintam que é através disto, ao poder comunicar-se em diferentes níveis de consciência, trazendo diferentes experiências — de acordo com o desenvolvimento individual, progresso ou até, em alguns casos, falta dele — que é bom receber de todas as esferas e de

todas as condições de homens, toda a forma de comunicação. Pois é bom na medida em que vos dá uma visão da tremenda vastidão do mundo espiritual.
Há possibilidades tremendas contidas nele e como cada um está a avançar, lenta mas seguramente, para uma maior compreensão e aceitação da vontade e propósito de Deus para o homem. São verdadeiramente abençoados, na medida em que, ao longo de um longo período, vos foi possível comunicar com pessoas em diferentes níveis.

Mas devem lembrar-se de que, por vezes, no desejo de afirmar a sua personalidade, recorrem a 'tocar', se assim me posso exprimir, 'as condições da Terra'. Por outras palavras, uma pessoa pode sentir a necessidade de afirmar a sua personalidade num certo nível, para que seja, em certa medida, reconhecível pelas pessoas na Terra que possam ouvir a sua mensagem ou voz. Isto é, por vezes, feito deliberadamente, mas não significa, necessariamente, que ainda estejam nesse nível de consciência.
É um esforço ou tentativa de provar a sua identidade, de tal forma que as pessoas possam dizer: 'Oh, só poderia ser fulano de tal. A sua voz é tão reconhecível e o conteúdo da sua mensagem é tal como se esperaria de tal pessoa.'

Mas devem lembrar-se de que, em muitos casos, os indivíduos esforçam-se por fazer isto, mas, ao mesmo tempo, muitas vezes prefeririam falar noutro nível e irão, eventualmente, quando sentirem que provaram suficientemente quem são para vós, poderão, quase automaticamente, voltar ao seu estado de espírito e consciência aqui, e dar-vos mensagens num nível de consciência totalmente diferente; o nível da sua realização espiritual, tanto quanto o possam reproduzir para vós.
Terão sempre problemas, e penso que isto deve ficar bem claro. Haverá sempre aqueles no vosso mundo que criticarão. Haverá sempre aqueles prontos a negar. Haverá sempre aqueles que, por várias razões que só eles sabem, tentarão desacreditar. Isto, claro, deve ser esperado e, muitas vezes, os indivíduos deste lado têm isso em mente e, em consequência, por vezes afirmam um aspeto da sua personalidade que pode até ser estranho para eles, de forma a poderem, por vezes, contrariar críticas.
Por vezes, haverá confusão numa comunicação, o que é muito intrigante. Isto pode dever-se a várias coisas ou razões. Por vezes o elo não é forte. Por vezes, o indivíduo, tentando afirmar-se de certa forma na comunicação, para trazer algo do seu antigo temperamento, do seu antigo — digamos — 'carácter'... hum, por vezes anula o seu próprio objetivo. Mas estas são as complexidades da comunicação. A comunicação, pela sua própria natureza, não pode ser necessariamente clara e direta. Na verdade, é impossível, mas quero sublinhar estas coisas para benefício daqueles que possam ouvir as gravações.
Tudo o que podemos dizer-vos é: escutem atentamente a palavra do espírito, dissequem-na por todos os meios e, onde não vos for aceitável, pelo menos ponham-na de lado temporariamente, até que, talvez, comecem a perceber o que estava por trás da substância que foi dada. Não esperamos que todos concordem de imediato. Não esperamos que todos assumam que tudo o que ouvem é, para eles, sensato — ou mesmo, digamos, aceitável. Mas a questão é: tudo o que vos chega, seja em que nível for, há uma realidade, há um propósito, há um significado. Por vezes, dizem-se coisas que parecem sem sentido, por vezes até sem propósito e, por vezes, até irracionais e talvez até tolas.
De facto, existem tantos níveis de consciência e comunicação que, inevitavelmente, haverá complexidades de várias entidades. Talvez um possa estar a falar e outro possa estar, por assim dizer, ao longe, e possa haver uma fusão de consciências e personalidade. Pode muito bem ser que uma pessoa fale e transmita certa parte de si e outra pessoa sobreponha os seus pensamentos de tal forma que, por vezes, se torne uma fusão de duas pessoas — e é de facto possível, e deve-se aceitar e compreender que isto é um facto.
Mas quando compreendemos que toda a comunicação é um processo mental — por outras palavras, quando queremos comunicar, temos de transmitir os nossos pensamentos através do

instrumento, transformando-os em som, reproduzindo artificialmente algo de quem realmente somos e, até certo ponto, talvez algum aspeto de quem fomos na Terra, para reconhecimento por evidência — mas, no processo, de acordo com as condições, deve haver e haverá, por vezes, aquilo que parece ser discrepâncias.
Deve haver, por vezes, uma fusão, por vezes até a interferência dos pensamentos de indivíduos na Terra — os assistentes. Por vezes, a mente consciente do médium pode inibir ou afetar. Na verdade, uma comunicação, quando é, digamos, clara e decisiva, é muito difícil de conseguir. O facto de conseguirmos tanto quanto conseguimos, em si, é, penso eu, algo notável. Mas vós estais, claro, conscientes destas coisas, estais cientes destes problemas, mas muitos que ouvem as gravações não o podem estar.
Para eles, são novas e frescas, por vezes muito empolgantes, invulgares — e, de facto, em muitos casos, há pessoas que ficam impressionadas e nem conseguem aceitar ou assimilar claramente. Na verdade, há tantas reações diferentes, como deve haver — o que é uma coisa boa — às várias gravações e aos vários oradores que se manifestam e falam e às várias coisas que são ditas.
Por vezes, dizem-se coisas que devem soar, para algumas pessoas; não iniciadas nestas verdades, como algo bastante tolo ou ridículo e inaceitável. Isso, claro, devemos antecipar que aconteça com algumas... com algumas pessoas. O que estou a tentar desesperadamente, nesta sessão... para esta sessão, é que possamos ter uma espécie de gravação que possam enviar — particularmente para aqueles que estão na periferia, para que vejam algo dos nossos problemas, para que percebam que, em certa medida, está dentro deles. Que também eles devem trazer algo de si mesmos para aquilo que é dito, para aquilo que é transmitido.
Por outras palavras, não esperamos que se sentem ali e aceitem tudo, por assim dizer, como garantido. Esperamos que usem a razão. Se não pudermos apelar à razão, então todos os nossos esforços são em vão, então não seremos diferentes de muitos outros ensinamentos ou religiões ou credos ortodoxos. Preocupa-nos apenas que as pessoas usem a razão. Para que, usando a razão, possam chegar a conclusões satisfatórias — embora possam existir e existirão problemas, mas a essência, a verdade, a realização fundamental da comunicação, da unidade do... do espírito, de uma mente. Que aqueles que são, assim chamados, 'mortos' estão de facto muito vivos e conscientes e estão muito presentes e podem, sob certas condições, fazer-se sentir, dar-se a conhecer e conversar.

Se alcançarmos algo desta medida nas fases iniciais, se fizermos as pessoas pensar e as fizermos querer saber mais, se as fizermos desejar investigar um pouco mais fundo — mesmo que não possam compreender ou aceitar totalmente — então, verdadeiramente, o nosso trabalho é bom. Então, verdadeiramente, o nosso trabalho está a dar bons frutos. E estou certo de que podemos olhar para trás com grande alegria no coração, para aquilo que foi feito, para aquilo que foi alcançado, e podemos seguir em frente com maior força, nos meses e anos vindouros, para coisas maiores e maiores — onde maior será o contacto, maior será a alegria da comunhão conjunta.
Se pudermos ajudar, como sei que podemos e iremos, como fizemos no passado, um número incalculável de almas a encontrar paz de espírito, a encontrar tranquilidade num mundo perturbado, se pudermos consolar aqueles que choram, se pudermos ajudar aqueles que estão doentes da mente e do corpo, se lhes pudermos dar essa fé e esse conhecimento e essa verdade que temos — se eles a puderem aceitar — mesmo que apenas em parte, verdadeiramente teremos alcançado muito. Verdadeiramente, meus amigos, somos abençoados nos nossos esforços. Verdadeiramente, de facto, somos guiados e inspirados por almas maiores. Somos apenas o porta-voz de outros, muito distantes da Terra. Grandes almas que vêm para inspirar, para dar o seu amor e o seu poder, para nos ajudar a fazer este trabalho em conjunto. Sou apenas uma entre muitas almas que é usada por outros para fazer este trabalho. Sou apenas o porta-voz de povos maiores, almas maiores, indivíduos maiores que progrediram muito além dos limites da Terra, mas cuja mensagem de esperança, cuja mensagem de amor,

cujo poder de verdade é tal, que acabará por trazer paz ao coração dos homens — uma paz que ultrapassa todo o entendimento.
É uma grande alegria estar convosco e trabalhar convosco. Sigam em frente com força e saibam que tudo está bem.
Greene: Podemos ter o seu nome, amigo, por favor, depois desse maravilhoso discurso?

Bernard: Podem chamar-me Bernard.

Greene: Oh. Bernard, sim.

Bernard: Padre Bernard.

Greene: Sim.

Bernard: Abençoados sejam, meus filhos.

Greene: Pode dizer-nos algo sobre si quando estava na Terra? Se houver... pode esperar um momento?
Bernard: Outra vez, outra vez.
Greene: Oh, muito obrigada.
Bernard: Abençoados sejam. Despeço-me.

Greene: Tchau. Muito obrigada.

Woods: Muito obrigado.

Mickey: Tchau-tchau.

Greene: Adeus Mickey.

Woods: Adeus Mickey...

LILIAN BAYLIS
17 de Junho de 1963
«Invoquei os poderes do espírito e eles nunca me falharam.»

Lilian Baylis tornou-se diretora do *The Old Vic*, um teatro histórico de Londres, após a morte da sua tia, Emma Cons, em 1912. Apresentar espetáculos a amplos públicos de diferentes meios sociais no *The Vic* tornou-se a cruzada pessoal de Lilian, até à sua morte em 1937.
Vinte e seis anos depois, e dois dias após a última actuação da Companhia de Teatro *The Old Vic*, Lilian Baylis regressou para falar com George Woods e Betty Greene.
Lilian lamenta que o *Vic* não se tenha tornado uma escola para estudantes, mas partilha as suas esperanças para o novo *National Theatre* de Londres. Lilian fala sobre a vida no mundo espiritual e descreve as oportunidades disponíveis para atores e dramaturgos na vida após a morte — e depois Lilian fala sobre conhecer William Shakespeare!

Baylis: Já faz muito tempo desde que vim falar. Não tenho bem a certeza agora se me conseguem ouvir? Estou a fazer o meu melhor para vos falar através desta caixa.
Woods: Conseguimos ouvir-te muito bem mesmo.

Greene: Estás muito nítida.
Woods: Muito clara.
Baylis: O meu nome é Baylis.
Woods: Baylis? Oh sim.
Baylis: Lilian Baylis.
Woods: Lilian Baylis?
Greene: Oh, é a senhora que tinha o *Old Vic*?
Baylis: Era.
Woods: Oh, estou tão contente que tenha conseguido comunicar.
Greene: Sim.
Baylis: Vim por uma razão muito especial…
[Pausa curta]
Greene: Continue, Sr.ª Baylis…
Woods: Continue, Sr.ª Baylis, está muito clara.
[Pausa curta]
Baylis: Não se pode deixar de sentir um pouco de desilusão ao saber que já não haverá um *Old Vic*. E, ainda assim, ao mesmo tempo, sinto-me muito emocionada e muito feliz por saber que vai haver, finalmente, um *National Theatre*. E suponho que, num certo sentido, posso sentir-me satisfeita porque é, realmente, diretamente através da influência e do trabalho que foi feito no passado pelo *Old Vic*.
Lamento perder o nome, o título, que durante tanto tempo sustentou o drama brilhante neste país. Mas, mesmo assim, estou grata a todos aqueles que se esforçaram durante tanto tempo para dar vida a este *National Theatre*, que sinto que, durante tanto tempo, o *Vic* sustentou esse título para si.
Estou desapontada porque sinto que poderia ter sido feito um esforço para manter o *Old Vic* como um monumento. Não apenas para o passado, mas para o futuro. Onde estudantes poderiam ter sido formados e espetáculos poderiam ter sido apresentados. Poderia ter sido, num certo sentido, uma escola de formação maravilhosa — de todos os ângulos e perspetivas.

A única coisa de que me arrependo nisto é que o *Vic* em si não tenha podido ser mantido como memorial do passado e também como algo muito precioso e concreto. Na medida em que poderia ter sido uma escola de formação, do ponto de vista de estudo e produção. Teria sido uma grande mais-valia nesse estado. Poderia ter sido uma escola de formação maravilhosa.
Acho que o *Vic* sempre foi uma escola de formação e poderia ter continuado, tenho a certeza, se tivessem sido feitos esforços para que pudesse ser usado para esse propósito e o nome pudesse ter sido mantido, e os estudantes poderiam então — como sempre fizeram no passado — entrar, não só no teatro comercial, mas também no *National Theatre*.
Mas suponho que não deveria queixar-me. Num certo sentido, suponho que vi, ao longo dos anos, uma transição maravilhosa acontecer naquele lugar que primeiro ocupei e tomei como meu para moldar, tornando-se um teatro altamente respeitado onde muitas pessoas famosas desenvolveram os seus talentos e seguiram para horizontes mais amplos. Agora o *National Theatre*, que sempre senti que o *Old Vic* simbolizava.
Bem, suponho que não deveria queixar-me e não gostaria que ninguém pensasse que estou a queixar-me. É apenas o sentimento de que talvez algum esforço pudesse ter sido feito para manter o *Old Vic* de pé no seu local e a ser usado ativamente para formação.
No entanto, estou grata por todo o esforço e todo o trabalho que lá foi feito, por todas as pessoas esplêndidas e maravilhosas que o tornaram na coisa viva que se tornou. E não morrerá, disso tenho a certeza absoluta. A memória sobreviverá, as produções maravilhosas que lá aconteceram ao longo dos anos, tudo o que isso implicou, tudo o que isso significou, seguirá para o futuro.
Woods: Sim, concordo plenamente consigo.
Baylis: Mas estou desiludida. Sou apenas humana. Suponho que estou desiludida por ver que,

finalmente, chegou ao fim, depois de cem anos, praticamente. Não que eu lá estivesse há cem anos — algumas pessoas provavelmente pensavam que eu tinha quase cem!
Mas a questão é que peguei nele... tal como era, e fiz dele algo que era admirado e respeitado em todo o mundo civilizado de língua inglesa.
Foi um dia triste. Eu estava lá, estava a ouvir tudo o que estava a ser dito e, em muitos aspetos, concordo plenamente, é apenas que ver o pano descer pela última vez e saber que nunca mais se levantará para uma produção, nem sequer para uma produção de estudantes. Parece-me tão triste. Sinto mesmo que poderia ter sido mantido — não como um memorial a mim! Não quero dizer isso de todo!
Mas poderia ter sido mantido e usado e teria sido um campo de formação maravilhoso. Talvez eu esteja a ser sentimental e, no entanto, não sou uma sentimentalista. Não acho que alguma vez tenha sido.
Greene: Sr.ª Baylis, pode dizer-nos, hum, como foi a sua passagem e a sua vida do outro lado, como é que...
Baylis: Oh, a minha vida é muito ativa aqui. Continuo tremendamente interessada no teatro e acho que agora sei muito mais sobre ele.
Greene: [Riso]
Baylis: E não só isso, eu estava sempre muito empenhada, quando estava do vosso lado, não apenas em trazer educação ao povo, mas em ver a influência do bem a entrar na vida de inúmeras pessoas através das peças de Shakespeare e de outros. 'Sustentar um espelho diante da natureza' — isso é a arte do teatro e aqui, num certo sentido, isso é igualmente verdadeiro. Aqui, também 'sustentamos um espelho' diante das almas, particularmente aquelas nos planos inferiores, as esferas mais baixas, para que lhes seja dada a oportunidade de se verem tal como são.
É aí que o teatro desempenha um papel muito importante aqui. Há grupos de atores e atrizes que levam peças a diferentes esferas e fazem produções e interpretam vidas de indivíduos, o que ajuda imensamente a fazer as pessoas pensarem mais seriamente e profundamente sobre si próprias e, em consequência, mudarem a sua forma de ver as coisas e o seu modo de pensar e, em consequência, são elevadas e ajudadas a um plano mais alto por esse tipo de trabalho que é tão importante.
Um ator ou uma atriz — um verdadeiro ator ou uma verdadeira atriz — é igualmente útil e prestável aqui, num sentido mais elevado, não apenas para puro entretenimento, enquanto tal. Eu estava interessada no entretenimento até certo ponto, mas sempre por detrás de todos os meus esforços estava o desejo de elevar a humanidade, de educar, de fazer as pessoas verem o que era bom e correto e segui-lo e, em consequência, verem no mal de algumas personagens que eram representadas, a si mesmas, para que desejassem, em si mesmas, afastar esse aspeto de si.
Greene: Mmm...
Baylis: E isso, claro, continua aqui. Estive lá no sábado à noite com a Emma Cons* e bastantes outras almas, muitas das quais estiveram associadas a esse teatro. Foi uma noite extraordinária, [que trouxe] uma mistura de tristeza e, ao mesmo tempo, orgulho. Orgulho na realização do que foi feito e de que viria a ser, por assim dizer, o verdadeiro alicerce do que sempre esperei; um *National Theatre*.

- Emma Cons = tia de Lilian

Greene: Mmm...
Baylis: Mas fico apenas desiludida por o teatro em si ter de ser demolido.
Woods: Conheceu Sybil Thorndike?
Baylis: Muito bem. Conheci, claro, muitos na profissão. Pode-se dizer que praticamente toda a gente trabalhou para mim. Claro que muitos diriam que não trabalharam só para mim, mas que deram os seus serviços. Mas foi uma luta e aprenderam o seu ofício, a sua arte, no *Vic* e sinto

que isso é tão importante para o teatro. E parece-me tão triste que tenha de ser demolido. Esperava que fosse deixado como campo de formação para os jovens, uma escola onde pudessem aprender a sua arte, onde pudessem apresentar as suas produções e teria sido uma base maravilhosa, um teatro maravilhoso para a base que é tão essencial ao desenvolvimento e progresso de um ator. Ainda assim, suponho que isso continuará no *National Theatre*, e no entanto suponho… oh, talvez não deva estar a resmungar, temos de esperar para ver.
Greene: Sr.ª Baylis, hum, posso pedir-lhe para descrever como se sentiu quando passou para o outro lado?
Baylis: Oh, eu encontrei-me, nem sequer me perdi, mas não sei se posso dizer que me encontrei!
Greene: [Riso]
Baylis: Sempre estive na posse plena das minhas faculdades e, no que me diz respeito, não estava mais... mal estava morta e já estava viva! Estava muito consciente do que se estava a passar e não achei que fosse uma experiência desagradável de todo. Dei por mim muito viva assim que saí da vida e houve multidões de almas que eu conhecia que vieram a correr para me receber de imediato. Não houve um momento aborrecido em todo o processo.
Greene: Sim.
Baylis: Oh, eu mudei, como todos mudamos. Vejo as coisas de forma diferente do que via. Compreendo a importância de uma vida religiosa, quando é uma vida religiosa no verdadeiro sentido. Não quero dizer uma vida estreita, como algumas pessoas pensavam que eu tinha, mas eu não era a pessoa intolerante e de mente fechada que muita gente pensava que eu era.

Na verdade, eu preocupava-me muito mais profundamente com todos os aspetos da vida humana do que as pessoas me davam crédito. Eu não era o tipo de pessoa que algumas pessoas pensavam que eu era. Acreditava na ressurreição, acreditava nos ensinamentos de Cristo, claro, mas não num sentido tão estreito como alguns pensavam. Respeitava todas as pessoas e todas as religiões — quando eram sinceras, mas não tinha paciência para tolos ou hipócritas.
Vocês os dois parecem-me um casal muito sincero. Pelo que ouvi sobre vocês, estão a fazer o que podem para espalhar a verdade em condições adversas que são difíceis para qualquer um. Mas a minha experiência sempre foi que quando se é sincero e se faz tudo o que está ao nosso alcance para avançar com a verdade, encontra-se um caminho.
Greene: Mmm…

Baylis: Foi-me encontrado, no meu campo de vida em particular, e será encontrado para vocês. Além disso, têm o conhecimento que eu não possuía. É verdade que eu tinha uma consciência deste poder da agência espiritual, eu não lhe chamaria Espiritualismo…
Greene: Não.
Baylis: Mas percebia que o poder do espírito estava muito presente à minha volta e, muitas vezes, quando estava desesperada e incerta sobre que passo dar ou o que devia fazer, chamava pelos poderes do espírito e eles nunca me falharam. Também não vos falharão a vocês, estejam certos disso.
E têm a vantagem de ter um meio de comunicação que me foi negado — e que eu não teria aceitado se me tivesse sido apresentado, claro. Tinha ouvido falar de Espiritualismo, mas não era a minha «chávena de chá»*. Mas enfim, é a vossa e é uma «chávena» muito boa também! Não é necessariamente doce, às vezes, se aceitarem esta verdade, tal como sabem que é, e a tomarem como a vossa «chávena de chá», verão que às vezes é um pouco amarga.
*«chávena de chá» = expressão, algo de que se gosta ou não.

Mas isso não é culpa vossa, é culpa das condições do vosso mundo e das pessoas. Não faz mal, continuem, façam o trabalho. Estão no caminho certo. O que estava a dizer, senhor?
Woods: Conheceu muitos dos atores [aí desse lado]?

Baylis: Oh, conheci toda a gente — e eu diria que toda a gente me conheceu! Fiz questão disso também.
Woods: Como são os vossos teatros aí desse lado?
Baylis: Magníficos.
Woods: São? Sim?
Baylis: Há de todos os tipos.
Woods: Teatros ao ar livre?
Baylis: Claro.
Woods: Sim?
Baylis: A maioria deles, mas... oh, claro que é impossível retratar ou descrever-vos, porque não há palavras nem formas de o fazer. Não há maneira possível de descrever tudo isto para vocês.
Greene: Sim.
Baylis: Está completamente além da linguagem. A linguagem, que desempenhou um papel tão importante na minha vida, na medida em que estava constantemente preocupada com ela, agora vejo que é absolutamente inútil quando se trata de retratar ou descrever coisas relacionadas com a vida aqui.
Woods: Conheceu Shakespeare?
Baylis: Claro que conheci o Shakespeare — e que pessoa tão diferente ele se revelou ser!
Greene: [Riso]
Woods: Oh! Sim?
Baylis: Uma personagem muito, muito interessante de facto e uma pessoa muito encantadora. E ele não fala em inglês antigo. Aliás, nós não falamos necessariamente. Podemos comunicar inteiramente pelo pensamento.
Woods: Conseguem?
Baylis: Claro que as peças dele foram mutiladas. Sempre pensei isso quando estava do vosso lado e tentei fazer um pouco de «cortes» eu própria! Mas não há dúvida de que houve muitas alterações ao longo dos anos. Muitas alterações foram feitas no século XVIII.
Woods: Ele ainda faz peças ou...?
Baylis: Faz. Faz. E seria maravilhoso se encontrassem algum tipo de médium ou seja lá como lhe chamam, através do qual ele pudesse vir e trabalhar e trazer algum do trabalho para a Terra. Seria muito esclarecedor, mas isso virá.
Woods: Como são os vossos cenários, são cenários naturais ou são...?
Baylis: Às vezes são naturais, embora suponha que possa dizer que tudo é natural, porque não há nada de não natural aqui. Mas tudo aqui é de acordo com os pensamentos. Se quiserem representar um interior e tiverem uma produção ao ar livre, é feito puramente pelos pensamentos dos atores e do encenador, e o público vê aquilo que eles concentraram os pensamentos como sendo. O poder do pensamento, claro, é tremendo. As nossas vidas inteiras consistem... são realmente criadas pelo poder do pensamento.

De qualquer forma, vocês os dois devem vir falar comigo outra vez, tenho de ir.
Greene: Hum...
Baylis: Sim?
Greene: Sr.ª Baylis...
Baylis: E não deixem isto ficar parado, levem isto a algum jornal e deixem-nos publicar.
Greene / Woods: Vamos tentar...
Baylis: Vocês têm uma revista ou algo assim, não têm, que faz este tipo de coisa? Pois eu faria algo com isso porque vai ter muito interesse e eu gostaria muito que as pessoas soubessem o que estou a pensar, particularmente neste momento.
O que estava a dizer?
Greene: Sr.ª Baylis, há alguém em particular na profissão de representação que gostaria que ouvisse esta gravação? Poderia dizer um nome para gravarmos?
Baylis: Bem, naturalmente gostaria que todos ouvissem, mas pergunto-me quantos estariam

dispostos a ouvir ou até a aceitar. Mas enfim, se o fizessem, eu ficaria muito, muito contente e espero que tivesse algum efeito sobre eles, porque…
Greene: Há alguém em quem pense que possa ouvir isto?
Baylis: Oh, não sei… Suponho que muitos ouviriam por interesse, por curiosidade. Alguns aceitarão e outros rejeitarão, como é da natureza humana. Deixo isso inteiramente convosco.
Greene: Bem, acha que o Sir Lawrence Olivier ouviria isto?
Baylis: Deus sabe, pode ser que sim. Agora toda a gente é *sir*…
Woods / Greene: [Riso]
Baylis: Ou *dame*. Até eu me tornei… é extraordinário. No meu tempo, no início dos meus anos, sabem, não era propriamente bem visto estar tão envolvida com a representação ou produção no teatro — não que eu tenha sido alguma vez atriz.
Embora algumas das atrizes que vi no palco, tenho a certeza de que eu teria feito muito melhor! E, na verdade, muita gente que trabalhou comigo achava que eu era uma grande atriz — pela forma como eu sabia fazer um «número», como diziam, para manter os salários baixos.
Greene: [Riso]
Woods: Ouviu o que a Dame Sybil…
Baylis: O que disse, senhor?
Woods: Ouviu o que a Dame Sybil Thorndike…

Baylis: Oh, eu estive lá, claro que estive lá. Acham que eu estaria a milhas de distância na última noite do *Old Vic*? Foi uma noite triste e, no entanto, uma noite de muito orgulho para mim. E tenho a certeza de que o *National Theatre* será um grande sucesso. Sinto que tem de ser, porque as suas raízes estavam no *Vic* e essas raízes eram fortes e poderosas, e tenho a certeza de que trará algo de muito valioso no futuro. Dou a minha bênção a ele e a todos os meus amigos que ajudaram a torná-lo possível. Digo obrigado por tudo o que fizeram pelo *Vic* — não por mim, pelo *Vic*.
Woods: Conheceu Henrique VIII?
Baylis: Oh, valha-me Deus, que perguntas é que este homem não faz!
Greene: [Riso]
Baylis: Vi muitos, incluindo o Laughton!
Flint: [Riso]
Woods: Não havia uma peça com o Henrique VIII?
Greene: Não era o Charles Laughton?
Woods: Sim, Charles Laughton.
Baylis: Claro, estou a falar do Laughton. Eu sabia quem querias dizer. Disseste Henrique VIII e eu sabia que não querias dizer mesmo o Henrique VIII, querias dizer o Laughton.
Woods: Sim, eu sei.
Baylis: Sim, claro que conheci o Laughton — e ele até emagreceu um bocado!
Woods: Sim.
Baylis: Oh, ele é um bom tipo. Bem, tenho de ir, lamento muito. Boa noite ou adeus — não é boa noite, é de dia, não é?
Greene: Sim.
Baylis: Não sei, é tão confuso para mim. De qualquer forma, adeus!
Woods: Muito obrigado.
Baylis: E não se esqueçam de fazer algo com esta gravação ou lá como lhe chamam.
Greene: Muito obrigada.
Baylis: Gostaria de ter tido essas coisas no meu tempo. Adeus.
Greene: Adeusinho.
Woods: Muito obrigado.
Mickey: Tchau-tchau…

BROTHER BONIFACE

Janeiro de 1964
«Não estão sozinhos no vosso mundo...»

Durante mais de dez anos, Alfred e Ethel Scarfe participaram em sessões com Leslie Flint. Esta é a primeira comunicação que tiveram com o Brother Boniface, que quer ajudar a partilhar a verdade da sobrevivência humana após a morte. Séculos atrás, Boniface foi um monge beneditino na abadia medieval de Bury St Edmunds, em Inglaterra. Não aceitava cegamente todos os ensinamentos da Igreja Católica, e por vezes até duvidava da sua autoridade, mas sentia-se guiado por um poder superior.
Boniface dá o seu apoio aos participantes pelo trabalho espiritual que está para vir e explica que, embora as nossas vidas na Terra nos apresentem testes e provações, podemos aprender com eles antes de chegarmos à vida que está para vir. Boniface diz que aqueles que perdemos não estão mortos, continuam à nossa volta e estão sempre a tentar chegar até nós, mas falta-nos a consciência para sentir a sua presença. Diz que os «elos de amor» nunca podem ser quebrados e que, como todos temos um anjo da guarda, ninguém está verdadeiramente sozinho na sua vida. Mickey fala brevemente no final da gravação, seguido por Anna e depois Jock.

Presentes: Ethel Scarfe, Alfred Scarfe, Leslie Flint.
Comunicadores: Brother Boniface, Mickey, Anna, Jock.

Alfred Scarfe: Nesta conversa com o Brother Boniface, ele fala sobre quando viveu no nosso mundo.
Boniface: Deus vos abençoe.
Ethel: Deus o abençoe.
Boniface: A minha paz, a minha bênção esteja convosco, meus filhos.
Alfred: Muito obrigado.
Boniface: Não me conhecem...
Alfred: Não?

Boniface: ...e, no entanto, há muito tempo que desejo vir e falar convosco. Primeiro, é justo que vos diga algo sobre mim. Tantas vezes, sem dúvida, as pessoas escrevem e vos perguntam sobre os vários comunicadores que se manifestam. Sem dúvida, claro, muitas pessoas têm interesse pelo passado deles e, muitas vezes, claro, pela sua vida material quando estavam na Terra. Embora nós, em nós mesmos, quando voltamos até vós, estejamos menos preocupados com o passado e as condições materiais da vida que deixámos.
Ainda assim, somos sempre gratos pelas experiências dessa vida, pois é nesse tempo que experimentámos muitas coisas que, em certa medida, abriram caminho para a vida que agora habitamos.

Às vezes, quando nos aproximamos de vós e olhamos para o vosso mundo e vemos o caos e a luta e a infelicidade entre os homens, sentimos uma gratidão profunda e estamos, de facto, ansiosos por ser úteis.
E quando vemos, como vemos, almas como vós, que têm vontade de espalhar a verdade e o conhecimento e a luz ao mundo — quando chegamos, como tantas vezes fazemos, e vemos os esforços que fazem, ficamos cheios de alegria, sentimo-nos encorajados a continuar o nosso trabalho, a fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para ajudar, guiar e apoiar-vos.

Quando vivi no vosso mundo, há muitos séculos, fui membro da Igreja Católica. Fui alguém que, com grande fé em mim, grande compreensão — como eu pensava — da mente de Deus e dos

seus desígnios para os seus filhos, servi, em consequência, o melhor que pude, os seus filhos. Não fui daqueles cuja mente estava fechada e estreita. Esforcei-me por abrir o meu coração e a minha alma — o meu próprio ser — à iluminação e à luz. E embora, em certa medida, fosse obrigado a seguir os ensinamentos da Igreja, havia certas coisas, certos aspetos da sua fé, que eu não conseguia aceitar de imediato.

Mas, ainda assim, sempre que era possível, fazia tudo o que podia para trazer uma maior compreensão entre aqueles com quem vivia, com quem trabalhava e aqueles que, por sua vez, seguiam também os ensinamentos de Cristo.
Claro que, com o meu maior conhecimento agora, percebo muito bem as limitações que, em certa medida, eram impostas pelo meu próprio meio, pelas próprias condições sob as quais tive de 'desempenhar o meu papel'. Mas também posso olhar para trás e perceber que, em certo sentido, estava à frente do meu tempo.
Estava, de certa forma, à frente de muitos dos meus contemporâneos, mas também percebo — e percebia-o já então, em certa medida — que estava verdadeiramente guiado pelo poder do Espírito Santo. Houve momentos em que me senti muito próximo mesmo. E houve momentos em que fui transportado em mente e em espírito para bem longe dos limites da carne.
E assim, meus filhos, embora possamos, como eu faço por vezes, olhar para o passado com alguma alegria no coração pelo que foi… pelo que foi alcançado, e talvez também com alguns arrependimentos pelo que não foi feito, ainda assim estou grato pela experiência dessa vida e por tudo o que ela me permitiu fazer, apesar das suas limitações.
Mas acima de tudo percebo que foi, num certo sentido, um tempo de prova. Foi um tempo que foi dado, como de facto é dado a todos os homens, se ao menos o percebessem — um tempo de provação, um tempo em que nos é dada a oportunidade de expandir o nosso conhecimento e experiência, de nos desenvolvermos de tal forma que nos preparemos para a vida que ainda está para vir.

Não apreciamos a vida enquanto a vivemos na medida em que devíamos. Não valorizamos as oportunidades que nos são dadas. E não compreendemos, por vezes, o significado das provações e dos erros que nos assolam.
Mas isto eu sei: que muitas vezes alcançamos as maiores coisas quando estamos mais em baixo, quando estamos de facto mais sobrecarregados de tristeza e mágoa. Então, por vezes, é-nos apresentada a nossa maior oportunidade de servir — não só aos outros mas, de certo modo, a nós próprios. Aprendemos mais com os sofrimentos da vida do que jamais aprendemos com as suas alegrias.
Vocês, meus queridos, compreenderão cada vez mais, à medida que o tempo avançar e as oportunidades se apresentarem, aquilo que estou a tentar transmitir. Pois as oportunidades serão muitas. Verão caminhos e meios a apresentar-se, para que possam abrir ainda mais a avenida da verdade, para que outros por ela possam caminhar.

Este trabalho que estão a fazer, em conjunto com as almas que vêm dos nossos reinos, permitir-vos-á alcançar, em consequência, um número incalculável de pessoas de todas as raças e credos. E se as suas mentes estiverem livres e abertas para receber, também eles, por sua vez — depois de assimilarem este conhecimento e esta verdade — se esforçarão por servir também.
Foi-vos dado um trabalho grande e maravilhoso para fazer. E sei que se entregam a ele com toda a vossa força, com todo o poder que possuem, com todo o amor nos vossos corações. Mas disto podem estar seguros: nenhum dos vossos esforços é desperdiçado, nenhum momento do vosso tempo é perdido, pois estão a ser ajudados e assistidos de todas as maneiras concebíveis. E se pudessem ver, tantas vezes, o enorme número de almas que se reúne à vossa volta, invisíveis para vós, mas cujo poder e amor são fortes. E elas ajudam-vos, guiam-vos, encorajam-vos, inspiram-vos e fazem tudo o que é possível para tornar a vossa tarefa mais fácil.
Mas nunca poderá ser realmente fácil, meus filhos. Isso deveis saber, pois terão de batalhar

contra todo o tipo de condições de vida, todo o tipo de condições da humanidade — alguns estarão abertos para receber, outros terão as suas mentes fechadas. Haverá alguns que criticarão e haverá outros que não aceitarão, por várias razões.
Mas, apesar disso, muitos virão para a verdade e muitos se juntarão a vós. E também eles vos darão grande ajuda, pois também serão portadores da verdade como vós sois. Pois estas coisas que fazem, este trabalho que vos foi dado a fazer, é maior do que qualquer um de nós.
Porque todos nós somos instrumentos, todos nós somos servos do Altíssimo. Todos estamos a fazer o trabalho do Espírito Santo. Todos nos esforçamos por aproximar mais os filhos de Deus, trazendo-lhes uma maior consciência na mente do homem — da verdadeira fraternidade, da verdadeira realização da vontade e do propósito de Deus para os seus filhos.
Eu olho para trás, mas o que é importante, como será e deve ser para vós, é olharmos em frente para a gloriosa esperança, para a gloriosa possibilidade que está pela frente. Pois virá, de facto, um tempo em que o homem precisará cada vez mais desta verdade, desta realização, desta compreensão, deste conhecimento.

Há tanta ignorância no vosso mundo, ignorância das coisas do espírito. Há tanto desejo pelo ego, tanto egoísmo. Tanto, infelizmente, no vosso mundo de hoje é material e não espiritual. Nós trazemos, verdadeiramente, o espírito até vós — o espírito de Deus em toda a sua beleza, em toda a sua glória, em toda a sua magnificência — para que possam, à vossa maneira, transmiti-lo ainda mais àqueles cujas necessidades são tantas.

Estão a ser edificados, por assim dizer, de tal forma que a vossa força será como uma rocha sobre a qual construiremos o edifício — e esse edifício será como uma luz na escuridão e muitos o abençoarão e muitos terão razão para serem gratos.

Vocês, de facto, meus filhos, estão a fazer um grande trabalho. Não falharemos, pois aquilo que fazemos juntos é maior do que nós próprios. Somos verdadeiramente servos do Altíssimo e o Seu trabalho foi-nos dado a fazer.
É uma grande alegria e uma grande felicidade para mim falar convosco.
Ethel: Podemos saber quem é?
Alfred: Podemos saber quem é, por favor?
Boniface: Podem chamar-me Boniface.
Ethel: Boniface.
Boniface: Irmão Boniface.
Ethel: Que bonito.

Boniface: Fui, durante muitos anos, como já vos disse, membro da Fé, membro da Igreja. Não me atreveria a dizer que fui um pilar da Igreja, pois olhando para trás vejo que, em certos sentidos, fui um rebelde. Embora aceitasse as verdades fundamentais, havia muito que me causava infelicidade, muito que me levava até a duvidar da sua autoridade. Mas, ainda assim, as verdades fundamentais estão lá. Permanecem, e são a rocha sobre a qual se constrói a nossa fé, o nosso conhecimento. Olho para esses dias e sou grato, como já vos disse, por eles.
Pode vir um tempo, mas duvido, em que os vossos passos possam ser guiados até ao lugar onde os meus... ossos permanecem. Será importante? Para mim não tem consequência nenhuma que recuem nos passos do tempo para procurarem onde fui sepultado, tal como o mundo o entende. Durante muitos anos servi a Igreja num lugar que hoje chamam de *Bury Saint Edmunds*.
Alfred: Ah, sim?
Ethel: Ah, sim! Tão perto de nós…
Boniface: Naquele tempo de que falo havia um grande mosteiro e nós construímos esse mosteiro e essa igreja.

[Som de um veículo a passar]

Ou talvez seja mais honesto dizer que o remodelámos ou que construímos em cima do que já estava lá. Adicionámos e melhorámos.

Estávamos sempre a trabalhar para a Igreja. E, à nossa maneira, trabalhávamos para o povo. Quando vejo, como já disse, muitas das falhas da Igreja, muitas das minhas próprias falhas e as dos meus companheiros, mas eu não, como já disse, não concordava com tudo.

Mas servi o melhor que pude. Fui de facto, por vezes, duramente posto à prova. Mas, ainda assim, aquilo que tinha de fazer, fiz. Mas o que é mais importante do que estas coisas, é aquilo que foi realizado, aquilo que aconteceu, aquilo que de facto se tornou, para mim, nos reinos do espírito.
Pode haver aqueles no vosso mundo que, com o seu conhecimento ou talvez com a sua falta de conhecimento, teriam grande dificuldade em compreender e aceitar esta verdade. E ainda assim esta verdade é mais antiga até do que a própria Igreja. É mais antiga do que muitas das religiões que ainda são recordadas e conhecidas no vosso mundo, pois é a base de todas as verdades, é a base de todas as religiões.
Desde sempre o homem sentiu que devia haver algo para além da chamada morte. O homem nunca sentiu que a vida, quando é extinta pela morte do corpo material, deixava de existir. O homem, alguns dirão, lisonjeou-se a si mesmo, ao ponto de não conseguir conceber que está para sempre extinto no que toca à vida.

No entanto, é verdade dizer — quão verdade é dizer — que fora dessa condição chamada existência terrena, há uma vida mais gloriosa, mais bela do que o homem pode conceber. Pois as limitações da mente não permitem ao homem compreender a imensidão do espírito.
E àqueles que, por várias razões, não conseguem entender esta comunicação, eu diria que, uma vez que possam perceber que o corpo em si não passa de argila, é apenas, por assim dizer, a 'casa' onde habita o espírito.
E quando esse corpo chamado 'da Terra' deixa de existir, o espírito não se extingue. O espírito que habitou, o espírito que deu vida, o espírito que era o indivíduo, continua ativo — e continua a esforçar-se por penetrar na condição material da Terra.
Aquele que amaram — aquele que vos foi próximo durante tanto tempo na vossa vida material — não se afastou muito do vosso alcance — está, de facto, perto e à volta, está consciente dos vossos pensamentos e do vosso amor e está a tentar chegar até vós. Mas até que vós próprios consigais abrir o vosso coração e a vossa mente para a consciência da proximidade do espírito, não podem perceber, não podem compreender e alcançar tudo o que vos está a ser dito do reino... dos reinos do espírito, nas asas do amor.

Não estão sozinhos no vosso mundo, pois para aqueles que estão tristes e solitários, por toda a parte estão as almas dos que partiram, que vos amam, que se esforçam por vos ajudar, guiar e elevar. Nenhuma alma que percorre o caminho da Terra está sozinha. Cada um tem o seu anjo da guarda, para além das muitas almas que vêm por várias razões, para guiar, ajudar e instruir. Os elos que são forjados pelo amor nunca podem ser quebrados. A morte não pode dividir. Só a ignorância pode dividir. A tolice do homem, que apenas vê até à porta da morte e não consegue ver além. O homem que abrir a sua alma para a realidade começará a compreender que as coisas do espírito são as coisas que são eternas.

Um homem pode construir uma casa no vosso mundo e pode mobiliá-la com tudo o que é bom nela, mas isso e tudo o que contém terá de passar, como o corpo também passa. Mas as coisas do espírito que estão dentro, essas são as coisas da mente e do intelecto, essas são as coisas que são indestrutíveis e nada as pode destruir. Essas são as coisas que permanecem.

À medida que um homem constrói dentro de si, à medida que se desenvolve e expande o seu crescimento e experiência espiritual, assim avançará verdadeiramente em força. Todos devem aprender. Para alguns pode levar eras de tempo. Pois estamos numa condição de vida onde o tempo em si é sem importância e pode haver aqueles, claro, que por alguma razão ou outra, melhor conhecida de si mesmos, regressam por um breve espaço de tempo para viver de novo. Mas esta é uma condição que é de escolha.
Há muitas coisas que eu gostaria de vos dizer. E como sei das vossas necessidades, porque estou interessado, como já disse, em tudo o que se esforçam por fazer, eu, Boniface, e outras almas virão até vós. E juntos conversaremos, uns com os outros, e eu e outros transmitir-vos-emos a instrução e a orientação de que necessitam.
Sabendo que irão transmitir esta verdade a outros, para que sejam elevados e encorajados a fazer também o trabalho do espírito. Temos esperado pelo momento de vir, quando realmente, por assim dizer, abriremos bem as portas entre o nosso mundo e o vosso. Vós rodaram a chave e ajudaram-nos a tornar isso possível.
Demos-vos oportunidades e dar-vos-emos ainda maiores no futuro, filhos. Pois à medida que vos vejo, vejo-vos verdadeiramente como almas que foram enviadas ao mundo com um propósito e uma missão. E embora possa parecer que foram chamados ao serviço tarde na vossa vida material, isso não importa. Não é o elemento do tempo, é o que pode ser alcançado. E vocês tornaram verdadeiramente possível este trabalho.
E agora, ao avançarmos de força em força, certamente mostraremos ao mundo como o espírito e o seu poder funcionam, através daqueles cujas mentes estão abertas para receber. Os instrumentos em que se tornaram terão verdadeiramente a oportunidade de fazer este trabalho no sentido mais amplo.
Gostaria que fosse possível neste momento dizer-vos mais, mas também estou limitado pela condição do tempo. Mas digo isto antes de ir: esta é uma oportunidade que é dada a poucos, porque tão poucos são aqueles que tornaram possível que este conhecimento e experiência se tornem conhecidos para si.
Vocês tornaram-no possível e trabalharemos juntos, em amor, em paz, em harmonia. E serviremos Deus e os seus filhos e faremos tudo ao nosso alcance para trazer maior paz e maior felicidade ao homem. Não tenham dúvidas, nem medos. Tenham a certeza de que serão guiados, passo a passo.
Onde houver problemas e dificuldades, gradualmente serão resolvidos. Pois o trabalho do espírito é tal que, em consequência de tudo o que possa acontecer, todos os obstáculos podem e serão removidos pelo esforço que fazemos juntos. Têm as vossas tarefas definidas — nós temos as nossas mentes fixas — em propagar a verdade e nada ficará no seu caminho.
Lamento hoje que a nossa irmã não esteja presente, mas ela terá o benefício de ouvir a voz do espírito, nesta vossa máquina. E quando ela vier da próxima vez, falarei com ela eu mesmo.
A minha paz e a minha bênção estejam convosco, meus amigos. Sigam em frente e saibam que tudo está bem. Pois de facto, verdadeiramente, sois filhos de Deus.
Que a paz esteja convosco.
Ethel: Muito obrigada mesmo.
Alfred: Muito obrigado.
Mickey: Eu estava à espera que ele viesse porque sei que ele tem aguardado o seu momento.
Ethel: Isso é muito simpático da parte dele.
Mickey: Ele é uma alma maravilhosa. Acho que ele foi um monge.
Ethel: Sim, foi.
Alfred: Sim, é verdade.
Ethel: Havia um grande... grande local em *Bury St Edmunds*, Mickey.
Mickey: Bem, então vivem perto de lá?
Ethel: Sim, não muito longe.
Alfred: Não muito longe. Uns trinta milhas.
Mickey: Acho que se quiserem...

Ethel: Há lá uma grande abadia agora.
Mickey: É? Se quiserem fazer-lhe perguntas em qualquer altura — quaisquer perguntas que talvez as pessoas vos façam, ou perguntas que queiram, para vocês próprios, sabem, acho que ele é a pessoa certa para as responder.
Alfred: Mmm... Oh, isso é bom Mickey. Isso é ótimo.
Ethel: Vamos ter isso em mente, Mickey.
Mickey: Quando é que a Joy vem outra vez?
Ethel: Bem, da próxima vez que viermos, ela poderá vir. É só que é sábado, percebe? É um bocado difícil para ela sair, mas ela estará cá da próxima vez. Não acho que falte mais.
Alfred: É um bocado complicado para ela este fim-de-semana.
Mickey: Oh, sim, entendo. Só queria saber quando poderia vir outra vez.
Alfred: Oh, sim, ela virá de novo, Mickey.
Ethel: Ela virá de novo. Foi só desta vez.
Alfred: Sim.
Ethel: Foi ao sábado que ela não conseguiu.
Anna: Estou tão feliz por vir falar convosco... Não sei se conseguem ouvir?
Ethel: Sim, conseguimos ouvir. É a Anna?
Anna: Estou tão emocionada e tão feliz porque o Boniface veio ter convosco. Ele é uma pessoa tão maravilhosa, uma alma tão maravilhosa. E sei que ele tem estado à espera da sua oportunidade para vir e hoje pareceu tão ideal; as condições, tudo.
Claro que lamentamos que a Joy não tenha podido vir, mas entendemos. Mas da próxima vez, sem dúvida, ela virá, não é?
Ethel: Sim, ela virá.
Anna: Querem fazer algumas perguntas, não?
Ethel: Eu disse, é a Anna?
Anna: Claro!
Ethel: Oh...
Anna: Não sei, talvez às vezes a nossa voz soe um bocadinho...
Ethel: Não, Anna. A Maria falava muito parecido contigo...
Anna: Oh, isso é possível, sabem. Porque é que todos temos de usar o mesmo instrumento, sabem...

Ethel: Sim.
Anna: E até que, talvez, tenhamos afirmado a nossa personalidade, uh, muitas vezes, nem sempre é possível reproduzir, sabem.
Ethel: Não.
Anna: É a... uh, complicação, sabem. Mas fazemos o que podemos, sabem.
Ethel: Sim.
Anna: Estou tão feliz por vocês hoje, por o Boniface ter vindo. Ele é uma pessoa maravilhosa e será uma grande luz para vocês seguirem.
Ethel: Sim, muito obrigada.
Alfred: Isso é maravilhoso.
Anna: Abençoo-vos aos dois. Deem o meu amor à Joy.
Ethel: Sim, daremos.
Anna: *Au revoir*, adeus.
Alfred: Adeus.
Jock: Aye, não há dúvida de que, uh...
Ethel: Olá Jock.
Alfred: Olá Jock.
Jock: ... vão ter algumas oportunidades reais no futuro. Podem dizer que já têm trabalho suficiente agora, mas... vão ficar surpreendidos com o que aí vem, agora.
Alfred: Não, nós...

Jock: ...vão ficar surpreendidos com o que aí vem, agora. Porque não vão ficar sentados aí nesse lugar só a fazer as gravações!
[Riso]
Jock: Vão descobrir outras avenidas que já estão a começar a abrir-se para vocês...
Alfred: Sim.
Ethel: Sim.
Jock: ... e vão ter de andar por aí, agora. E pode parecer um pouco demais — até demasiado, talvez — mas ser-vos-á dada a força e o poder para o fazerem.
Alfred: Bem, temos isso em mente, estas reuniões de divulgação.
Jock: Aye! E a revista também.
Ethel: Ah, pois. Já comecei, mas sabem...
Jock: Aye, mas com a escrita e com a feitura das gravações e o envio delas e depois o trabalho público também — vão estar tão ocupados nos próximos anos que nem saberão para que lado se virar!
Mas vejam lá, terão outras almas trazidas até vós do vosso lado, e isso será uma grande ajuda e formarão uma verdadeira comunidade. Não vai ser só vocês os três a trabalhar o tempo todo, serão dezenas de vocês, cada um a desempenhar a sua parte. Portanto não precisam de se preocupar com isso. À medida que começarem a ter mais e mais trabalho acumulado, também terão mais e mais ajudantes enviados.
Ethel: Muito obrigada mesmo.
Jock: De qualquer forma, não se preocupem com isso.
Ethel: Oh, eu não me preocupo... Estou é emocionada por poder fazer isto.
Jock: Dêem o meu amor à Joy...
Alfred: Oh, não nos preocupamos com isso, não. Há pequenos problemas com o dinheiro neste momento, mas vamos ultrapassá-los.
Jock: Aye, pois há sempre problemas com dinheiro!
[Riso]
Ethel: É esse o problema. É um incómodo termos de o usar, não é Jock?
Jock: Quanto mais... quanto mais têm para fazer, mais dinheiro precisam, mas ele há de aparecer.
Ethel: Obrigada.
Jock: Vão fazer um trabalho magnífico e já fizeram muito, mas isso não é nada comparado com o que ainda vão fazer. Valha-me Deus, se eu pudesse explicar o que quero dizer, mas é difícil. Mas de qualquer forma...
Alfred: Sim...
Jock: ...até é melhor não vos contar demasiado já, podiam ficar um bocadinho receosos.
Ethel: Oh não...
Alfred: Não, agora não temos medo de nada.
Jock: Há tanto... não quero dizer isso exatamente, mas sabem...
Ethel: A perguntar se teremos tempo para fazer tudo ou não?
Jock: Aye, não só o tempo, mas... enfim, vão ficar bem. Da próxima vez espero que a Joy venha. O meu amor e as minhas bênçãos para vós agora. Adeus.
Ethel: Adeusinho...

PIERRE
1 de Setembro de 1963

«Existem muito poucos médiuns deste calibre...»
Pierre explica que os espíritos precisam de aprender sobre comunicação antes de tentarem falar, e que uma boa comunicação requer prática, sendo que, para se alcançarem os melhores resultados, por vezes podem ser necessários anos. Ele diz que os médiuns devem ser protegidos, mas que não são como ‘máquinas de venda automática’ que podem produzir

resultados sempre que se queira. Depois, Pierre aconselha que este trabalho não deve ser comercializado, nem usado para beneficiar outros materialmente ou para exagerar a própria importância.
Ele afirma que demasiadas pessoas esperam que os médiuns forneçam respostas para todos os seus problemas materiais na vida — e que muitos que se dizem médiuns permitem que demasiado deles próprios entre na comunicação. Informação que, por vezes, parece vir do mundo espiritual muitas vezes provém apenas da mente limitada de alguns médiuns...

Greene: Bom dia, amigo.
Woods: Bom dia, amigo.
Pierre: Penso que compreende...
Woods: Sim?
Pierre: ...muito bem...
Woods: Sim...
Pierre: ...uma grande parte desta questão.
Woods: [Ininteligível]
Pierre: Porque, uh, é feita uma grande preparação deste lado...
Woods: Eu sei...
Pierre: ...antes de virem aqui...
Woods: Sim...
Pierre: ...pois há inúmeras pessoas que são trazidas aqui, muitas vezes pela primeira vez, para comunicar.
Woods: Sim...
Pierre: Às vezes trazemos pessoas aqui semanas, semanas antes, para que possam ter alguma noção de comunicação e de como isso é possível e, consequentemente, temos de esperar pelo momento em que estejam suficientemente, uh, esclarecidas para tentarem por si mesmas.
Sabe, é de certa forma até engraçado e talvez um pouco triste também, o número de pessoas no vosso mundo que se interessam por este assunto e que vão a um médium como este, esperando que vão ser postos em contacto com certas pessoas com quem anseiam muito comunicar. O que não percebem é que não é assim tão simples. Para muitas pessoas deste lado, que gostariam muito de vir e falar, não o podem fazer ou raramente o conseguem à primeira. Por vezes são necessárias muitas, muitas vindas para testemunhar o fenómeno e como ele se torna possível, como é possível manifestar-se e transmitir os pensamentos deste lado em som, para que o possam ouvir e, se necessário, gravar na vossa máquina.
Sabe, o número de pessoas que vai a médiuns e pensa que tudo o que têm de fazer é sentar-se e o resto acontecerá automaticamente. É tão tolo. Se ao menos pensassem seriamente sobre isto, perceberiam que nem sempre é possível e muito raramente é possível obter resultados excelentes logo à primeira. Às vezes significa que têm de vir várias vezes, várias sessões, para que o seu amigo ou amigos em particular possam ganhar um pouco mais de experiência, tornarem-se mais capazes e mais livres, por assim dizer, em si mesmos, para poderem comunicar — para poderem não só manifestar-se, para saberem como o fazer, mas também para saberem como se controlar.
Sabe, tão poucas pessoas no vosso mundo que dizem saber muito sobre este assunto não percebem que há muitos, muitos aspetos de todo este tema que para eles parecem muito obscuros — de facto, muitos nem se dão ao trabalho de pensar seriamente sobre isto. É por isso que é fútil trazer pessoas para algo desta natureza, que é tão complexo, e esperar que possam receber manifestação e satisfação logo à primeira ou até talvez à segunda vez. Quando falam em 'queríamos trazer esta pessoa' ou 'queríamos trazer aquela pessoa', isso é muito bom. Mas, ao mesmo tempo, essa pessoa deve ter muito presente o facto de que é sempre uma experiência, uh... que a evidência necessária para receber pode não vir logo na primeira visita. Pode ser que tenham de esperar muitas vezes, pois têm de aprender eles próprios a ser receptivos, a saber como falar, quando falar e o que dizer quando falam.

Tantos 'sitters', como vocês lhes chamam, não estão prontos, não têm experiência suficiente para saber como obter boas evidências e, muitas vezes, quando boas evidências chegam deste lado... muitas vezes o 'sitter', na sua ignorância de saber como se sentar e o que fazer, estraga tudo. Além disso, as pessoas não percebem que, deste lado, os comunicadores, depois de semanas e meses a aprenderem a comunicar, também têm de saber não só como comunicar, mas o que dizer. E muitas vezes, quando sabem como comunicar, não dizem aquilo que tencionavam dizer. E se disserem o que tencionavam dizer, que acham que seria uma boa evidência para o destinatário da mensagem, acaba por não o ser.
Existem tantas facetas e tantas complexidades, tantas peculiaridades sobre todo este tema da comunicação. Há tão poucas pessoas, de um lado e do outro, que saibam algo sobre isto. Apenas os guias muito experientes e os comunicadores muito experientes estão em posição de poder manter uma conversa longa e inteligente. É por isso que as vossas sessões são únicas e, em muitos aspetos, notáveis. E quando as pessoas ouvem as vossas gravações dizem: 'Oh, isto é maravilhoso. Aqui há uma conversa longa, uma conversa inteligente, cheia de personalidade e carácter' — e imediatamente pensam que se forem levadas até este médium por vós ou se conseguirem marcar por si próprios, vão sentar-se e ter a mesma experiência que vós. É ridículo, porque não poderia ser ou seria muito improvável. Já aconteceu, é verdade, mas seria muito improvável. Estas pessoas não sabem que foram necessários anos, em muitos casos, para que vocês tivessem a vossa experiência — e para que as pessoas deste lado, que se tornaram comunicadores tão excelentes e deram resultados tão bons, também tenham estado a treinar, a ter experiências e a experimentar.
O sucesso do nosso trabalho convosco deve-se ao facto de ter havido um amor completo e absoluto, uma harmonia completa e absoluta, ao longo de muitos anos. Vocês estiveram dispostos a dar livremente do vosso tempo e fizeram todos os esforços para nos ajudar no nosso trabalho — e nós retribuímos e tornámo-nos, por assim dizer, 'uma unidade'.
As pessoas não compreendem isto. Pensam que vão a um médium, pagam o preço e sentam-se e depois tudo será como querem. É tolice pensar assim. O que é preciso recordar é que uma boa comunicação — e refiro-me ao tipo de comunicação que tem verdadeiro valor — só pode surgir quando os 'sitters' se sentam regularmente com o mesmo instrumento, onde os guias e as pessoas que vêm deste lado possam, ao longo de um longo período, criar condições a tal ponto que haja uma união perfeita, uma harmonia perfeita. As suas vibrações, por assim dizer, estão todas completamente em sintonia. A maioria das pessoas não sabe estas coisas. Vocês trazem alguém aqui convosco, com toda a boa fé, e o que acontece? Talvez façamos um grande esforço para ajudar essa pessoa, como já fizemos no passado, e essa pessoa irá embora e dirá: 'Sim, foi muito interessante' e, em alguns casos, ficarão muito convencidos.
Mas haverá outros que dirão: 'Bem, não sei. Não obtive assim tanto e não foi tão bom. Não soou... não pareceu tão bom como quando o Sr. Woods e a Sra. Greene me puseram as gravações.' Está a ver, uma pessoa, por mais inteligente e bem-intencionada que seja, devido à sua falta de experiência nesta ciência, que é o que é, pode arruinar ou tornar tudo muito mais difícil.

É por isso que, quando vocês dois vêm, tudo é tão diferente. É bom para vós, é bom para nós e é bom para o trabalho que estamos a tentar realizar. É por isso que eu não sugeriria que aumentassem o vosso número, por mais pressão que vos façam, pois poderia ser fatal, do ponto de vista do sucesso, que uma só pessoa pudesse perturbar e destabilizar aquilo que ajudaram a construir com a nossa cooperação.
Uma vibração e uma comunicação como esta, penso que são muito raras. Existem muito poucos médiuns deste calibre, desta qualidade, e este deve ser protegido — até contra ele próprio. As pessoas nem sequer percebem isso. Pensam que um médium é uma máquina e que é como meter uma moeda na ranhura e a máquina responde automaticamente. Não é assim. Até eles podem quebrar. E este instrumento, ou qualquer instrumento, que pudesse ser persuadido a sentar-se constantemente para esta ou aquela pessoa, apenas ao capricho e no momento em

que o desejem, seria inútil e muito imprudente.
É por isso que estamos a proteger cada vez mais este médium. E não só estamos à espera que ele faça cada vez menos, como também estamos a conservar o seu poder para que possa ser utilizado como tem sido, por exemplo, convosco — para que possam ter a oportunidade de obter assuntos de grande interesse e valor para todo o mundo — que podem ouvir como se estivessem quase sentados na sala, exatamente como o ouvem.
Não há necessidade de essas pessoas virem cá. Não há necessidade de insistirem em vir, porque podem ouvir exatamente o que se passa, nas melhores condições possíveis que vocês proporcionam, condições essas que eles próprios poderiam perturbar. Não queremos outros 'sitters', não queremos que sejam trazidos para cá. Não queremos que sejam autorizados a perturbar o instrumento ou as condições existentes, que são boas, e de vós recebemos, uh, poder suficiente para... para... para nos permitir fazer este trabalho.
O médium será forçado a fazer cada vez menos, mas ele poderá sempre, tenho a certeza, continuar a fazer algumas sessões especializadas como esta que é para vós. Foram trazidos para isto com um propósito, e sabem-no, e é a vossa tarefa, e fazem-na com amor e dedicação. Mas devem ter cuidado, até vós próprios, para não se esgotarem demasiado.
É tão fácil para vós, mesmo não sendo, por assim dizer, médiuns — no sentido em que o médium que eu utilizo é um médium — mas são médiuns na medida em que foram chamados ao serviço e estão a fazer este trabalho, estão a espalhar esta verdade. Estão a permitir que milhares de pessoas saibam algo sobre a vida após a morte e a comunicação. Estão a dar um conforto e uma compreensão que é necessária e muito, muito necessária no vosso mundo. Estão a fazer a vossa parte e sei que a farão bem, como têm feito até agora. Mas irão ser persuadidos, pelo menos irão ser... como dizem?... irão ter pessoas que tentarão persuadir-vos a fazer mais. Façam o que puderem, mas não se esgotem demasiado. A vossa saúde é necessária, é importante protegerem-se. Não devem fazer demasiado. Mas quero que, quando vierem aqui, como sempre fazem, se lembrem de que isto é algo que criámos juntos — todos nós.
Conhecem algumas das almas que vêm ter convosco, mas há muitas que não conhecem, que trabalharam durante muitos anos nos bastidores e que têm a sua forma de se fazerem sentir — não pela voz pessoalmente, não pelo que dizem, pois alguns deles nem sequer falam convosco. Mas o seu poder é muito forte, não só aqui quando vêm sentar-se, mas às vezes na vossa própria casa, quando estão ocupados com o vosso trabalho para o espírito, estão a ser guiados e inspirados. Quando se deparam com um problema, receberão a inspiração e a resposta.
Encontrarão pessoas no vosso mundo que quererão comercializar-vos, que quererão comercializar isto que estamos a tentar fazer. Não devem permitir isso, sei que não o permitirão. Mas, ao mesmo tempo, não se deixem apanhar em fazer certas coisas de que depois possam arrepender-se, porque haverá quem veja nisto algo que os beneficiaria materialmente.
Este é um trabalho espiritual que fazemos, não estamos preocupados com coisas materiais, enquanto tais. Estamos preocupados em ajudar a humanidade a perceber a grande verdade da vida eterna. Sei que desempenharão o vosso papel, que cooperarão da melhor forma possível. Sei que o farão, mas haverá quem queira aproveitar-se de vós.
E de certa forma, suponho que todos nós somos usados. É bom, de certo modo, que assim seja, mas devemos sempre assegurar-nos de que é da forma certa, da forma sensata e da forma justa. Assim, consequentemente, serviremos e faremos o nosso trabalho do mais alto nível possível, pois é isso que nos preocupa — que este instrumento seja utilizado ao mais alto nível possível e não seja usado, como tantas vezes foi no passado, para coisas materiais e mundanas.
A maioria das pessoas não se preocupa com os instrumentos que usa. Não se preocupa com o seu bem-estar ou saúde. Preocupam-se apenas consigo próprias. Há pessoas demasiado egoístas, mesmo entre os próprios espiritualistas, que se preocupam apenas com o que vão obter disto em termos materiais. Não se preocupam com verdades espirituais, preocupam-se com coisas mundanas e materiais. É por isso que fazem perguntas tão mundanas e materiais relacionadas com tudo e mais alguma coisa ligada aos seus negócios, aos seus casos amorosos, e por aí fora.

Sabe, há tanto disto que continua a acontecer. Nas igrejas espiritualistas mais de 70% das... das pessoas não se preocupam com a mensagem do espírito, mas sim com o aspeto mundano de saber se vão receber uma mensagem desta ou daquela pessoa, que lhes diga o que fazer talvez de uma forma muito material.
Sabe, se ama as pessoas deste lado, se ama aqueles que partiram antes, aqueles que tornaram a sua vida talvez no passado muito próxima e muito querida para si — se os ama verdadeiramente, preocupa-se com o seu bem-estar espiritual. Preocupa-se com a sua felicidade espiritual. Não se preocupa tanto com os seus próprios problemazinhos mundanos, que tem de trazer-lhes constantemente, esperando que os resolvam, quando estão tão distantes das coisas terrenas.
Certamente cabe a si elevar-se acima da Terra para um nível mental e espiritual mais elevado, para que verdadeiramente possa estar em harmonia e sintonia e em verdadeira comunicação numa base espiritual. É isso que estamos a fazer, é isso que vocês estão a fazer. Mas muitos destes espiritualistas, muitas destas pessoas que estão sempre a dizer: 'oh, não sei porque é que não me desenvolvo, não sei porque é que não recebo muito' — não parecem perceber que não estão a dar muito de si próprios.
Alguma vez as pessoas percebem que, se querem receber algo que seja verdadeiramente espiritual do nosso mundo, algo que as beneficie e beneficie toda a humanidade, tem de ser feito da forma certa — que não devem sentar-se com a mente centrada em si próprias, a pensar que vão fazer coisas maravilhosas e que vão ser grandes atrações no mundo espiritualista, nos púlpitos espiritualistas, que vão estar acima dos outros?
Sabe, a maioria das pessoas que se dizem espiritualistas não são nada espirituais. Estão muito longe de o ser. São muito mais materialistas do que muitas pessoas que nada sabem sobre o assunto. Isto é uma tragédia, mas é verdade. Porque é que o Movimento Espiritualista não varreu o mundo inteiro e mudou a face da vida no vosso mundo?
Eu posso dizer-lhe porquê. É porque os espiritualistas são possivelmente, em muitos aspetos, os menos espirituais de todos. Têm uma fachada, é verdade, que engana alguns mas não muitos, certamente não deste lado. Eu estive... estive em muitos grupos espiritualistas, estive em muitas igrejas e sociedades espiritualistas e sei que o espiritualista médio ainda nem sequer começou a perceber o que significa ser verdadeiramente um espiritualista no verdadeiro sentido.
Um homem que esteja disposto a dar-se completamente em amor e serviço a Deus, percebendo o poder que flui dos reinos do espírito, pode assim mudar não só a si mesmo, mas através dele possivelmente, eventualmente, o mundo inteiro.
Existem muitas, muitas religiões diferentes no vosso mundo. Existem muitas ideias e pensamentos confusos e contraditórios. Mas há uma verdade e é a verdade da vida eterna: todos os que morrem, vivem. E aqueles que vêm deste lado, que verdadeiramente desejam o bem-estar da raça humana, preocupam-se com aquelas almas que encontram, aqui e ali, que podem ser verdadeiramente usadas como instrumentos no sentido mais elevado. E apenas aqueles que estão inclinados a esquecer-se de si mesmos em verdadeiro serviço podem ter esperança de ser verdadeiros instrumentos no sentido correto.

É por isso que temos de proteger este instrumento, porque há tão poucos. Não estou a sugerir que este instrumento seja perfeito. Quem é? Nós não somos perfeitos, mas sabemos o valor de um bom instrumento e tencionamos protegê-lo. Tencionamos proteger esse maravilhoso canal que construímos ao longo de muitos anos.
Houve momentos em que ficámos tão angustiados, quando percebemos como o poder foi usado, como foi abusado. Mas agora vamos continuar o nosso trabalho e vós fazeis muito parte dele. E tencionamos que seja feito da forma como deve ser feito — da forma certa, no sentido em que será de grande valor para a humanidade.
Não deve ser desperdiçado com trivialidades para as quais tantas pessoas o usariam. Mudámos, de certa forma, muitas coisas, mas ainda há coisas a mudar, que beneficiarão a mediunidade e o trabalho. Mas estamos gratos a ambos, pois fizeram muito. E farão muito mais nos anos que

ainda vos restam, e será em cooperação completa, como tem sido no passado connosco e com o instrumento que usamos.
E quero que saibam que estamos mais do que gratos por tudo o que fizeram e por tudo o que estão a tentar fazer. E, acima de tudo, estamos gratos porque têm, como tão poucos têm, o verdadeiro espírito, a verdadeira compreensão. As vossas mentes estão livres e abertas para receber. Não há aí preconceitos, não há barreiras como encontramos em tantos que querem prender a verdade — que deve ser sempre livre — à sua marca particular de religião.
Querem tentar, se puderem, reduzir esta grande verdade a um certo nível, que só eles possam entender e apreciar, porque deve estar dentro dos limites da sua religião, crença ou dogma. Nós não temos dogmas, não temos religião no sentido em que vocês entendem religião. Temos uma liberdade de expressão, uma liberdade de pensamento e uma liberdade de espírito que está muito além dos limites do homem e da sua pequenez e tolice.
Somos livres para dizer a verdade e é por isso que ficamos felizes por vir e poder dá-la a vós. Não nos preocupamos com os 'sitters' que nos confinariam se pudessem. Preocupamo-nos com aqueles que, como vós, estão abertos a receber.
Concordo que pode haver coisas que, por vezes, dizemos que possam ser, de certo modo, alvo de crítica. Claro que tem de ser assim. Pode haver coisas que dizemos que não podem ser facilmente assimiladas ou compreendidas. Como poderiam sempre ser compreendidas, algumas das coisas que dizemos? Porque, por mais aberta que esteja a vossa mente, em certa medida, têm de ser afetados pelas próprias condições materiais em que vivem.
Mas se progredirem, como sabemos que irão progredir, e outros convosco, através dessa mente aberta onde tudo é possível, verão que compreenderão muitas coisas que, por vezes, podem parecer um pouco obscuras ao início. Mas dão-nos uma oportunidade maravilhosa de fazer o trabalho como deve ser feito, não como tantas vezes tem sido feito; confinado aos pensamentos estreitos dos instrumentos que tivemos de usar. Há muitos que se dizem instrumentos, mas são instrumentos apenas até certo ponto.
Muitas vezes muito deles próprios entra na comunicação. Muito se disse e muito se escreveu no vosso mundo que se dizia vir de nós, mas não veio. Veio da mente limitada, muitas vezes, do instrumento — que por vezes deseja impor as suas ideias, a sua opinião ou ideias ao mundo. Por vezes, claro, é feito por ignorância e, portanto, talvez, de certo modo, seja desculpável. Mas a pessoa que quer ser instrumento deve estar livre de dogma, deve estar livre de todas as amarras que o prendem. E deve perceber que só quando o seu coração está aberto e a sua mente pronta para receber é que verdadeiramente o espírito de Deus pode entrar e torná-lo sábio. Meus amigos, estamos muito gratos pelo vosso amor e por tudo o que se esforçaram por fazer e ainda se esforçam por fazer. Dou a minha bênção ao mundo.
Woods: Obrigado [muito obrigado]. Poderia dizer-me o seu nome? É possível?
Pierre: Bem, aí está... pedem nomes.
Woods: Eu sei...
Pierre: Nomes, nomes, nomes...
Woods: Eu sei que não significam nada, mas é uma mensagem tão maravilhosa que...
Pierre: Podem chamar-me Pierre.
Woods: Pierre. Oh sim, obrigado.
Pierre: Tenho de ir, mas deixo-vos a todos com a nossa bênção.
Woods: Muito, muito obrigado.
Pierre: Continuem, amigos, o trabalho para o reino do espírito. Que esse reino do espírito se aproxime mais do vosso mundo. E isso só pode acontecer quando as mentes daqueles do vosso lado estiverem prontas para receber.
Woods: Sim.
Pierre: Batei, foi dito, e abrir-se-vos-á. Mas que poucas pessoas no vosso mundo verdadeiramente batem. Há alguns que tocam suavemente na 'porta' e ficam surpreendidos porque ninguém os ouve. E há aqueles que se esforçam por rodar a maçaneta, mas ela não abre. E há aqueles que colocam todo o seu peso contra a porta e ela abre-se de repente, mas

porque foram brutos — talvez por estarem demasiado ansiosos e terem colocado demasiado peso no sentido errado — não viram o verdadeiro horizonte do espírito através da porta aberta. Vós, meus amigos, sois bons e bondosos e fazem o que podem com um bom coração e uma mente aberta. E, por isso, recebem e, em troca, conseguem verdadeiramente servir aqueles que procuram.
Woods: Poderia agradecer por mim a todas as pessoas que nos ajudaram neste trabalho?
Pierre: Claro que posso. Estão muito conscientes dos vossos pensamentos. Posso dizer-vos isto antes de partir: não há pensamentos que enviem que não sejam recebidos e não há pedidos que façam, que sejam bons, que não sejam atendidos. Podem não ser sempre atendidos imediatamente, pois o tempo não é o mesmo connosco como é para vós e muitas vezes obstáculos têm de ser removidos. Mas quando são, o caminho é-vos aberto. O caminho nunca é fácil, mas ao mesmo tempo os fardos que carregam não os carregam sozinhos. Pois são ajudados continuamente pelo poder e pelo amor do Espírito Santo. As minhas bênçãos estejam convosco e adeus.
Woods: Muito obrigado.
Greene: Muito obrigado.
Mickey: Tchau-tchau.
Mickey: Tchau-tchau.
Greene: Adeus, Mickey.

Nellie Klute
27 de Julho de 1972

«Acho que a maioria dos teatros é assombrada»

Nesta gravação, feita no círculo privado de Leslie em sua casa, Mickey é o primeiro a comunicar e fala com cada participante por sua vez, referindo-se a acontecimentos das suas vidas. Depois provoca uma gargalhada ao encorajar todos a cantar uma velha canção. Leslie pergunta se poderá ter umas semanas de folga e Mickey partilha alguns conselhos teatrais com o Robert.

De seguida, Mickey recorda Leslie e Bram do fantasma que ambos encontraram no teatro, com a aparição de uma velha senhora estranha, usando roupas antiquadas, que lhes vendeu um programa de teatro e depois desapareceu. Mickey descreve esta figura fantasmagórica, que fica de pé a observar, mas que por vezes pode ser vista... Discutem os pormenores do incidente e então a voz sussurrante do próprio fantasma, Nellie Klute, faz a sua aparição, recordando-se de ter encontrado Leslie e Bram naquela noite...

A voz de Nellie nunca ganha força total, mas ela fala claramente e partilha histórias da sua vida e do teatro de outros tempos — e por vezes deixa os presentes às gargalhadas! O Dr. Marshall faz um comentário no fim da sessão e Mickey volta para se despedir, tentando cantar mais uma canção.

«Nunca estive em palco, mas nunca perdi um espetáculo.»

Participantes presentes:
Robert Selbie, Richard Kayne, Jean Barrett, Ken Barrett, Jim Ellis, Gwen Vaughan, Nigel Buckmaster, Doreen Montgomery, Marie White, Bram Rogers, Daphne Simpson, Leslie Flint.

Comunicadores espirituais:
Mickey, Nellie Klute, Dr. Charles Marshall.

Flint: Esta sessão foi gravada a 27 de Julho de 1972. Leslie Flint médium.
Presentes: [Riso]
Presentes: Olá Mickey!
Mickey: Dickie... O Bobby e o Dickie estão aqui.
Richard: Olá Mickey, como estás?
Mickey: Eh pá! Como estás tu Bobby?
Robert: Estou muito bem, obrigado Mickey. E tu?
Mickey: Estou bem, obrigado. É bom ver-te. E o Dickie.
Robert: E é muito bom falar contigo.
Mickey: Como estás Dickie?
Richard: Tudo bem. Tudo bem.
Mickey: Não digas isso assim, como se... o que se passa contigo?
Presentes: [Riso]
Flint: [A rir] Ai valha-me Deus!
Mickey: Não gostas de ser chamado Dickie?
Richard: Eu estava a dormir, na verdade.
Presentes: [Riso]
Richard: Estava a dormitar...
Jean: Pois, eu sei que estavas.
Presentes: [Riso]
Flint: Eh pá!
Mickey: Não sei, sinceramente. Não apareces durante semanas e depois, quando apareces, adormeces!
Presentes: [Riso]
Mickey: És mesmo engraçado!
Richard: Só faltei porque estive a trabalhar.
Mickey: Oh, eu sei disso. Não preciso que me digam o óbvio.
Flint: Oh, valha-me Deus!
Mickey: Como te tens dado com aquela mulher*?
(*uma atriz)
Richard: [Riso] Ela está bem. Não está mal de todo.
Flint: Ai valha-me Deus!
Richard: Ela dá trabalho.
Presentes: [Riso]
Richard: A maioria das mulheres dá!
Presentes: [Riso]
Robert: Eu gosto dela.
Richard: Tu não tens de trabalhar com ela...
Mickey: Ela acabou por recuperar, não foi?
Richard: Recuperar de quê? De onde...?
Mickey: De sair do... do torpor dela.
Richard: Bem...
Flint: Sair do quê?
Richard: Bem, sim. Mas não por muito tempo, Mickey.
Mickey: Ela dá-se a bebedeiras, não dá?
Richard: Dá pois, sim.
Robert: É verdade.
Mickey: E depois volta ao normal!
Presentes: [Riso]
Richard: É desagradável enquanto dura.
Mickey: E se não tiver cuidado, ainda se espalha!
Presentes: [Riso altos]

Richard: Acho que tens razão.
Mickey: Pobrezinha. Ela é muito simpática, na verdade.
Richard: Pois é. Muito simpática. Tem sido muito boa para mim.
Mickey: De qualquer forma, é bom ver-te.
Richard: E é muito bom falar contigo.
Robert: Obrigado...
Mickey: E como estão os babysitters?
Jean: Oh, estamos bem, obrigada.
Presentes: [Riso]
Ken: Estafados, Mickey!
Mickey: Estafados? Tiveram de mudar-lhes as fraldas?
Jean: Sim. Tive.
Mickey: Ai, valha-me Deus!
O que se passou com a tua máquina de lavar loiça?
Jean: A nossa?
Mickey: Sim, a tua, Jean.
Jean: Espero que nada! [Riso]
Mickey: Oh. Tens a certeza?
Jean: Bem, estava bem esta manhã.
Mickey: Estava?
Jean: Mmm...
Robert: A tua mãe andou a mexer nela outra vez.
Ken: Acho que ela andou a inspecioná-la.
Jean: Vou dar outra olhadela quando voltar, Mickey.
Mickey: Oh, eu não me dava a esse trabalho.
Jean: Funcionou bem esta manhã.
Mickey: Nenhum prato rachado?
Jean: Não. Se é a mãe, não me parece que ela aprove.
Mickey: Porque não haveria de aprovar?
Jean: Acho que ela não aprova máquinas de lavar loiça... provavelmente.

Ken: Há pessoas para esse tipo de coisas...
Mickey: Como estás, James Ellis?
Ellis: Muito bem, Mickey, e feliz também.
Mickey: E tu, Gwendoline?
Gwen: Estou muito bem também, Mickey, obrigada.
Mickey: Oh.
Gwen: O que quer isso dizer?
Mickey: Nada. [Riso]
Gwen: [Riso]
Mickey: Oh, o que se passa com ele esta noite?
Flint: Estou bem.
Mickey: Mas não estavas. Estavas com um humor estranho.
Flint: Hã.
Mickey: Olá Nigel.
Nigel: Olá Mickey.
Mickey: Onde é que está a tua velha caixa preta, pá?
Nigel: Bem, anda por aí. Não está a funcionar esta noite.
Mickey: E o escriba?
Flint: O quê?
Grupo: [Riso]
Doreen: Marie?

Flint: O quê?
Jean: O escriba.
Mickey: O escriba.
Marie: Queres dizer eu?
Mickey: Não, tu não és escriba. És, amor?
Rogers: Doreen.
Doreen: Sim, sou eu. Queres dizer eu, Mickey?
Mickey: Sim.
Doreen: Oh, desculpa. Pensei que querias dizer a Marie.
Mickey: Não, não.
Nigel: Não descreverias a Marie como escriba, descreverias tu como escriba.
Doreen: Bem, a Marie tem a escrita dela, que é mais de 'escriba' do que...
Mickey: Ah, percebo. Eu não estava a pensar nisso... estava a pensar em ti e na tua escrita, nos teus rabiscos, sabes?
Doreen: Eu não sou tão importante como um escriba, sou apenas uma... sabes... sou apenas uma escritora.
Mickey: Bem, é melhor do que ser chamada fariseu, não é?
Presentes: [Riso]
Mickey: Não, a brincar à parte — como estás?
Doreen: Bem, querido. Bem, de facto.
Mickey: Bom. O que fizeste à perna?
Doreen: Oh, arranhei a pele. Não é nada.
Mickey: Ah. Não foi certamente a rezar, pois não!
Doreen: Não foi...
Presentes: [Riso]
Doreen: Bem, até foi num domingo. Mas não foi a rezar.
Mickey: Como estás Rog?
Flint: Hã!
Bram Rogers: Estou muito bem, obrigado Mickey.
Mickey: Bom.
Rogers: A trabalhar muito.
Mickey: Sim, tens andado muito ocupado, não tens? Eu tenho-te observado.
Rogers: Aprovas?
Mickey: Claro. Por que não? Estás a fazer um bom trabalho, não estás?
Rogers: Espero que sim. Mmm. Espero que beneficie muita gente.
Mickey: Pobre Daphne...
Daphne: Porquê?
Mickey: Bem, é uma pena, não é Daphne?
Daphne: O quê?
Mickey: Bem, um joelho estragado!
Presentes: [Riso altos]
Daphne: [Riso] Não é o meu joelho...
Mickey: Bem, afeta o teu joelho, não é?
Daphne: Hum... bem, suponho que afeta um bocado.
Presente: [Riso]
Mickey: E como estás tu, Teresa?
Flint: Quem é a Teresa?
Marie: Eu?
Mickey: Sim, Marie Teresa!
Marie: Estou bem, obrigada.
Mickey: Vais para a tua caravana?
Marie: Vou.

Mickey: O quê, ao fim-de-semana?
Marie: Sim.
Mickey: Vais apanhar amoras?
Marie: Oh céus. Não, não vou apanhar amoras. Vou apanhar batatas!
Mickey: Batatas?
Marie: Ir buscar umas batatas. Mmm...
Mickey: Para quê?
Marie: Para comer.
Mickey: Batatas?
Marie: Mmm... É muito cedo para amoras.
Mickey: Quando é que há amoras?
Vários presentes: Setembro...
Mickey: Oh, não me lembro. Claro, lembro-me de há muitos anos irem... irem apanhar amoras e usavam um pau para puxar as silvas, como vocês lhes chamam, para baixo. Não era?
Marie: Mmm...
Mickey: Eu fui uma vez. Para o campo. Deve ter sido nessa altura do ano, sabes, porque estavam a apanhar amoras.
Rogers: Mas não se deve apanhar amoras depois de 25 de Setembro.
Mickey: Porquê?
Marie: Não se deve?
Rogers: Porque dizem que o Diabo cospe nelas depois disso.
Vários presentes: Nunca ouvi tal coisa.
Mickey: Isso é novo para mim.
Rogers: Bem, é o que dizem.
Mickey: Deve andar muito ocupado a cuspir!
Presentes: [Riso]
Flint: [Riso]
Nigel: Isso era um bom nome para um musical, Doreen. 'Os Cuspes'!
Richard: Os Cuspes, sim...
Presentes: [Riso]
Mickey: O que é que ele disse?
Rogers: Que é um bom nome para um musical.
Mickey: O quê?
Rogers: 'Os Cuspes'. Na verdade, seria um título maravilhoso para uma série de televisão, não seria? Como vão as coisas, Mickey...
Mickey: Oh, estou bem.
Rogers: ...no geral?
Mickey: Estou bem. É ele!
Flint: O que queres dizer com 'ele'?
Rogers: Acho que ele tem a conversão na cabeça. Achas?
Mickey: Tem o quê na cabeça?
Rogers: A conversão.
Mickey: Conversão? Conversão de quê?
Rogers: Oh, Mickey, deves saber!
Mickey: Ah isso! É isso que lhe chamam, conversão?
Rogers: Bem, é, não é? É ser convertido de uma coisa para outra.
Mickey: Sim, suponho que tens razão.
Doreen: Bem, tu queres que ele faça, não queres?
Mickey: [falando depressa] Oh, sim claro. Eu não nego prazer a ninguém. Não, não. Não nesse sentido. Não, se é isso que ele quer, boa sorte para ele, e faremos o que pudermos, se pudermos, sabes. Eu não... não pensei. O meu cérebro não ligou, quando disseste 'conversão'...
Rogers: Porque é que falas tão depressa?

Gwen: [Riso]
Mickey: Posso falar fino se quiser, não posso?
Rogers: Depressa...
Presentes: [Riso]
Rogers: Pareces como se...
Mickey: [Canta]

Todas as raparigas gostam de marinheiros, Todas as raparigas gostam de um tar, [Riso] Oh, há algo nos marinheiros, Oh, vocês sabem como são os marinheiros...

[Presentes acompanham]
Mickey: [Canta]

Alegres e descontraídos, Livres e à vontade, Eles são o orgulho e alegria das senhoras...

[Presentes continuam a cantar]
Mickey: Já não me lembro dessa última parte.
Todos: [Cantam]

Navio ahoy! Navio ahoy!

Mickey: [Canta]

Navio ahoy!

Presentes/Flint: [Riso]
Ellis: Obrigado, Mickey.
Mickey: Oh bem. Mais um bocadinho para o álbum do Mickey!
Presentes: [Riso]
Ellis: Está a ficar muito bom.
Mickey: Oh bem. Logo se vê...
Rogers: O Sam tem aparecido mais alguma vez, Mickey?
Mickey: Eu não o tenho visto.
Rogers: Mmm...
Mickey: Acho que ele já fez a parte dele.
Rogers: Oh, mas ele prometeu que voltava a vir ter connosco...
Mickey: Ah, prometeu?
Rogers: ...noutra forma.
Mickey: Oh céus. Suponho que vai virar o casaco ao contrário?
Presentes: [Riso]
Flint: [Tosse]
Mickey: Oh, cala-te. A sério!
Rogers: Ah, o Dr. Nanji trouxe-lhe umas coisas maravilhosas para o peito, mas ele não quer. Diz que sabe mal.
Mickey: [Sussurrando] Está tudo bem.
Presentes: Mmm...?
Rogers: Ele diz que está tudo bem.
[Algo bate no microfone]
Rogers: Já faz muito tempo desde que o Marshall veio falar connosco, não é?
Flint: Talvez esteja de férias, a descansar.
Rogers: É possível, sim.
Flint: Pergunto-me se me atrevo a perguntar ao Mickey se posso ter um mês de folga?

Rogers: Pergunta-lhe.
Flint: [Tosse]
Daphne: Sim, pergunta-lhe.
Jean: Ele disse que não na semana passada, não disse?
Rogers: Mickey?
Flint: [Engasgando-se]
Mickey: Oh, cala-te!
Presentes: [Riso]
Mickey: O que correu mal na cena do incêndio?
Flint: Na cena do quê?
Rogers: Ele está a falar com o Robert.
Robert: A cena do incêndio, Mickey?
Mickey: Sim.
Robert: Nós não a quisemos.
Mickey: Bem, eu não sei, [há] alguém aqui, que não tem nada a ver comigo, que diz que não fizeram isso como devia ser. Algo... era algo relacionado com a sequência do fogo e, uh, ele não percebe porquê. Sabes do que se trata, porque eu não?
Robert: Se é o que estou a pensar, outra pessoa é que queria isso...
Flint: [Tosse]
Robert: ...e nós na verdade não quisemos, por isso... sabes. Não era uma boa ideia desde o início.
Mickey: Não era?
Robert: Não.
Mickey: Dizem que teria sido muito... teria ficado muito eficaz, porque parece que, uh, foi omitido por alguma razão.
Robert: Foi omitido porque A: custaria demasiado e B: nós não quisemos.
Mickey: Bem...
Richard: A cena também era de muito mau gosto.
Robert: Era de muito mau gosto.
Mickey: Era? Bem, isso é uma questão de opinião, claro. Mas, hum... evidentemente alguém aqui diz que perderam muito do impacto porque não tiveram a aparência das chamas e do fogo. Era ao longe ou assim?
Robert: Não.
Mickey: Bem, há aqui um senhor, diz que se chama Lang*, e diz que quando ele fazia as coisas, fazia-as mesmo. E quando foi queimado na fogueira, diz que teve uma grande sequência espetacular e que foi um sucesso.
Robert: Oh, foi mesmo. Foi mesmo, sim. Tens toda a razão.
Doreen: É o Mathieson Lang*?
(*Lang: empresário de teatro canadiano)*
Mickey: Mas não têm andado a fazer essa peça The Wandering Jew, pois não?
Robert: Não temos andado a fazer essa peça, não.
Mickey: Bem, têm feito uma peça que supostamente tem uma queima ou algo assim?
Robert: Temos feito uma peça sobre queimar uma bruxa, sim.
(*The Lady's Not For Burning*)
Mickey: E ela é queimada em palco ou quê?
Robert: Não.
Mickey: É queimada fora de cena?
Robert: Não.
Richard: Não. É evitado.
Robert: Mas iam ter uma cena com umas chamas no início.
Mickey: Bem, ele diz que perderam muito do efeito ou algo assim, porque quando ele fez seja o que for que fez, algo sobre Judeu, diz que teve uma grande cena espetacular e foi um sucesso.

Robert: Teve. Era suposto ser maravilhoso.
Mickey: Bem, este homem é muito rigoroso com a tradição.
Rogers: Não seria possível ele próprio vir falar connosco, Mickey?
Mickey: Oh, bem, não sei.
Rogers: Oh, eu sei...
Mickey: Não sei porque é que estas pessoas vêm. Suponho que seja porque o pessoal do teatro está aqui outra vez.
Flint: [Riso]
Rogers: Pois, mas seria muito interessante se ele pudesse.
Mickey: Porque suponho que agora não podem fazer as coisas como faziam antigamente?
Rogers: Claro que podem, se quiserem.
Mickey: Bem, não sei, não faço ideia, só estou a perguntar!
Rogers: Oh, eles pensam é em encher os bolsos*. Não são como o Mathieson Lang, que era dedicado à sua arte.
(*a ganhar dinheiro)*
Richard: Obrigado, Sr. Rogers.
Mickey: Oh, agora meninos!
Presentes: [Riso]
Mickey: Suponho que as coisas eram muito mais baratas nesses tempos, não eram?
Rogers: Claro que eram, sim.
Presente: [Assoa o nariz]
Mickey: [Ininteligível] ...por cerca de cinco xelins por noite.
(*moeda antiga britânica)
Rogers: Sim.
Mickey: Quando forem ao teatro outra vez, talvez aquela rapariga... velha senhora, apareça de novo com a sua bolsinha.
Flint: Oh Mickey, queres dizer aquela que vimos...
Rogers: Oh, adoraríamos!
Flint: ...aquela aparição que nos vendeu o programa e desapareceu? Oh, adorava vê-la outra vez. Procurámo-la no teatro durante o intervalo. Oh, ela era definitivamente uma alma penada.
Rogers: O que te fez mencionar isso? Ela não está aqui... está aqui esta noite, Mickey?
Mickey: Tudo a seu tempo.
Bem, há aqui uma senhora, diz que se chama Miss Klute e diz que costumava, hum... vender programas e coisas em vários teatros e diz que esteve uma vez no Lyric [Theatre] e outra no Globe [Theatre].
E diz que esteve lá durante muitos anos. E diz que ainda vai lá muitas vezes e por vezes fica a observar. E diz que por vezes consegue ser vista. E diz que vos viu lá nessa noite.
Rogers: É verdade.
Flint: Bem, ela vendeu-nos um programa. O que é que ela fez ao dinheiro? [Riso]
Presentes: [Riso altos]

Flint: E ela estava vestida com um vestido de bombazine e era claramente eduardiana e tinha uma bolsinha antiga, muito estranha.
Daphne: Tu também a viste, Bram?
Rogers: Sim, claro que vi.
Daphne: Viste mesmo?
Flint: Sim.
Rogers: Sim. Perguntámos às outras porteiras sobre ela...
Flint: E ninguém sabia quem ela era. Perguntámos às porteiras e fomos até ao balcão...
Rogers: Olharam para nós como se fôssemos malucos!
Flint: Não conseguimos encontrar aquela mulher em lado nenhum, mas ela vendeu-nos um programa e estava vestida com um vestido de bombazine preto, eduardiano, tudo muito

antiquado.
Ellis: O programa era verdadeiro?
Flint: Sim.
Rogers: Sim, do espetáculo em cartaz.
Ellis: E deram-lhe o dinheiro?
Rogers: Sim.
Flint: Bem, pusemos qualquer coisa na mão dela.
Presentes: [Riso]
Ellis: Ah, isso já é qualquer coisa.
Rogers: Que maravilhoso. Gostava tanto que ela pudesse falar connosco.
Flint: O que é que diz, Mrs Klute?
Vários presentes: Mrs Klute.
Homem presente: Que nome maravilhoso.
[Tosse]
[O som de um sussurro]
Rogers: [Ininteligível]
Klute: [Sussurrando] Sim. Sim, eu estive lá.
Rogers: Estiveste, minha querida?
Klute: [Sussurrando] Sim, estive lá.
Rogers: Foi muito interessante. Lembras-te de me veres e ao outro cavalheiro?
[Curto silêncio]
Klute: Sim.
Rogers: Lembras-te? Bem, foi uma experiência muito interessante para nós os dois.
Flint: Qual era a peça que vimos, consegues lembrar-te?
Rogers: Leslie, Leslie... fica calado...
Ainda estás aí? Gostaríamos muito que viesses conversar connosco.
Flint: [Bocejando]
Klute: Sim. Eu estava... eu estava...
Rogers: Estavas no Lyric, estavas?
Klute: Eu estava...
Rogers: E no Globe?
Klute: Estive no Lyric durante vários anos e também estive no Globe.
Rogers: Sim.
Klute: [Sussurrando] Sim. Claro que estou a recuar... muitos anos...
[Som de respiração]
Rogers: Gostavas do teatro, não gostavas?
Klute: Claro que gostava.
Rogers: Quem eram algumas das pessoas que vias em palco, no teu tempo?
Klute: Oh, muitos artistas: Connie Gilchrist... Marie Tempest...
Rogers: Oh, sim...
Flint: [Assoando-se]
Klute: [Suspiro]
Rogers: Tinhas de viajar para o centro de Londres ou moravas nessa zona na altura?
Klute: Eu vivia... vivia em Drury Lane.
Rogers: Ah, sim?
Klute: Ou mesmo à volta de Drury Lane... nos edifícios...
Rogers: Mmm-hmm...
Klute: Isso é recuar muito. Oh, eu estava lá no virar do século, nos primeiros tempos e durante os anos da guerra. Sim.
Rogers: A Primeira Guerra Mundial, queres dizer — 1914?
Klute: [Suspiro] Sim, sim, sim.
Rogers: Mmm... e quando... Há quanto tempo estás do lado onde estás agora?

Klute: Eu vim... Fui morta nos bombardeamentos durante a guerra.
Rogers: Foste?
Klute: Sim.
Homem presente: A Guerra dos Bóeres?
Rogers: Não, não, não...
Mulher presente: A Primeira Guerra Mundial.
Rogers: E como é que achas que são as coisas? Costumas voltar e ver o teatro agora? Ou consegues ir ao teatro aí onde estás?
[Curto silêncio]
Klute: Sim. Eu lembro-me de todas aquelas pessoas maravilhosas. E eram maravilhosas também. Claro que é antes de terem nascido.
Rogers: Claro, sim.
Klute: Eu lembro-me de todas aquelas peças lindas, lindas. Claro que não se lembrariam do Forbes-Robertson* em *The Passing of the Third Floor Back*.
(*Sir Johnston Forbes-Robertson: ator/encenador)*
Rogers: Já ouvi falar...
Klute: Essa era uma das peças mais bonitas. E claro que vi... vi todos os grandes, vi [ininteligível]. Vi [ininteligível]...
Rogers: Quem?
Klute: E vi aquele que foi assassinado, sabes. Tão simpático. William... Lembras-te do Terriss? No Adelphi [Theatre], sabes. Foi esfaqueado a caminho... a caminho do teatro, naquele beco, sabes.
(*William Terriss: morto em 1897)
Rogers: Foi?
Klute: Oh, isso foi horrível. Um homem tão simpático. Bom ator também. Eu vi-os todos no meu tempo. Claro que eu costumava ir, às vezes quando... quando não tínhamos matiné, eu recebia um bilhete de entrada gratuita, percebes, para outros teatros.
Eu vi o Oscar Asche e a Lily Brayton em *Chu Chin Chow*. Isso sim era um espetáculo; se queres espetáculo. Não acho que hoje em dia se atrevessem a fazer algo assim.
(*O musical mais longo em cena na altura)
Rogers: [Riso]
Klute: E encheram o teatro todo de incenso.
Rogers: Sim.
Presente: [Assuando o nariz]
Klute: ... Eram grandes tempos. Claro que nunca mais voltam, sabes.
Rogers: Não achas?
Klute: Oh, não, não, não! Já não têm as pessoas, meu querido. Já não têm as pessoas. Naqueles tempos havia grandes atores-diretores, sabes. E gastavam toda a sua fortuna numa produção, era uma aposta. Hoje em dia não os vês a fazer isso.
Rogers: Não.
Klute: Não. Dias totalmente diferentes. Já não são dedicados como eram antigamente; investiam cada centavo — pediam emprestado, pedinchavam, roubavam! E que espetáculos, que produções, oh!
Claro que também não te lembras de quando usavam luz a gás. Era uma iluminação linda. Tão suave e agradável. Depois passaram a ter electricidade, isso era agressivo. Oh, isso era mesmo agressivo, depois da linda luz suave do gás, sabes.
Rogers: Deves lembrar-te do Hippodrome, quando era um teatro maravilhoso?
Klute: Claro, vivi até boa idade na verdade, em termos gerais. Mas fui morta, sabes, sim. Agora já não tenho arrependimentos. Tive na altura. Costumava assombrar esses lugares, sabes. Gostava tanto deles.
Rogers: Sim. Bem, lembro-me perfeitamente de te ver. E tu...
Klute: Claro, vi todos eles, percebes. E alguns deles, claro, estavam só a começar quando eu vim — alguns dos outros, percebes. Quero dizer, lembro-me da Marie Tempest e ela era só uma

rapariga — uma miúda — a cantar em musicais. Tinha uma voz muito bonita, tinha a Marie.
Rogers: Tinha?
Klute: Oh, muito bonita. Já não me lembro... depois, claro, havia a Edna May e claro a Lily Elsie. Eu vi-a. Era uma coisinha tão bonita, delicada e doce. Não tinha uma voz forte mas, oh, era tão encantadora, sabes. Depois havia o velho Joe Coyne; era uma personagem. Oh, lembro-me de todos eles. Que pessoas maravilhosas eram.
Rogers: Já encontraste alguns deles... agora?
Klute: Oh, vou ver alguns deles, sim. Mas não gosto das coisas que fazem agora. Quer dizer, já não são peças.
Rogers: Não, querida. Queria dizer se encontraste alguns dos que viste, agora do teu lado da vida?
Klute: Claro que encontrei. Ainda vou ver alguns deles.
Rogers: Sim.

Klute: Oh sim, eles fazem os seus números e tudo isso. Lembro-me do Little Titch. Claro que eu nunca me interessei muito por espetáculos de variedades, mas ele era um tipo fenomenal, sabes. Depois havia aquele Harry*... como é que ele se chamava?
Rogers: Champion? Não.
Klute: Não, não, não. Antes do teu tempo. Harry*, hum...? Ai valha-me Deus. Eles faziam muita pantomima juntos no velho Lane, sabes.
(*possivelmente Harry Nichols)*
Rogers: Sabes, Robert?
Robert: [Ininteligível]
Gwen Vaughan: Era o Harry Tate?
Klute: Não, esse... Não, não estou a falar desse. Ai, eu não suportava esse tipo de coisa! Não, este homem era um verdadeiro cómico. Agora, como era o nome dele? Não importa. Ainda assim, suponho que não devia ser tão dura... com as coisas de hoje. Suponho que as pessoas mudam. Se querem porcaria, a culpa é toda deles, não é!
Rogers: Bem, as condições são diferentes agora.
Klute: Hã?
Rogers: As condições são diferentes agora.
Klute: Bem, suponho. Algumas peças ainda são boas, mas...
Rogers: Acho que as circunstâncias eram difíceis quando estavas viva e as pessoas não eram... agora... mudou. As circunstâncias não são duras, mas as pessoas são...
Klute: Mas, meu querido, nós tínhamos cenários tão lindos. Oh! Eram cenários lindos, eram mesmo. Lembro-me de ver... lembro-me de ver o Henry Irving em The Bells. Que coisa maravilhosa que foi aquilo.
Rogers: Em que teatro foi isso?
Klute: Foi no velho Lyceum. E a cena maravilhosa que tinham quando ele ouvia os sinos, sabes. E tinham aquele, hum... suponho que se chame uma espécie de transformação, sabes.
Rogers: Mmm...
Klute: Todo o cenário ao fundo, sabes, a estalagem... a estalagem desaparecia. E de repente vias aquilo... toda a neve e vias o velho judeu, sabes, com o trenó e tudo aquilo. Oh, foi maravilhoso. Que coisa maravilhosa foi aquilo.
E depois havia o Tree, claro. Ele gastava milhares e milhares nas suas produções. Lembro-me de o ver como Rei João. Que homem maravilhoso ele era. Céus!
(*Sir Henry Beerbohm-Tree)
Oh, eram grandes tempos. Nunca mais voltam, claro. E nós tínhamos uma orquestra de verdade também, sabes — nada dessas coisas enlatadas!
Todos os presentes: [Riso]
Rogers: Ficou surpreendida quando descobriu que ainda estava viva, apesar de não estar...?
Klute: Oh não, bem, quero dizer eu... Eu estava e não estava. Quer dizer, fiquei surpreendida de

certa forma, mas o mais curioso foi que, quando me apercebi... estava toda pronta, sabes, para sair, sabes, para... para fazer o espetáculo, sabes. E, uh... pegar na minha bandeja e no troco e tudo isso e não me lembro.
Tudo o que sei é que, de certa forma, eu ainda estava lá e ninguém me ligava nenhuma. E eu estava apenas a fazer o que sempre fazia. Ninguém comprava um programa. Nada. E depois, claro, percebi... percebi que, sabes, aquilo não era, hum... bem, quero dizer, que algo tinha acontecido, obviamente.
Pensei que estava a ficar maluca ou assim. Ninguém, tipo, queria comprar os meus programas. As outras raparigas passavam por mim como se eu não estivesse lá e eu não percebia nada, sabes.
Depois, aos poucos, comecei a perceber que algo tinha acontecido. [Demorou] bastante tempo e depois vi a minha irmã. E ela apareceu... ela apareceu mesmo a descer as escadas, apareceu mesmo, sabes. E eu pensei, bem, isto é estranho porque ela... bem, ela tinha morrido há trinta e tal anos, tinha. Morreu jovem, sabes.
Rogers: Sim?
Klute: E ela diz, 'Anda lá, amor, anda lá', diz ela. E eu digo, 'Ir para onde?', sabes. E ela diz, 'Daqui para fora', diz ela. 'Já não ficas mais aí, já fizeste a tua parte', sabes. 'Já chega!' como dizem agora, não é?
Claro, sabes, é engraçado como as pessoas falam diferente hoje em dia e tudo mais, não é? Quero dizer, nem se reconhecem. Agem diferente, falam diferente. Não consigo distinguir estas raparigas dos rapazes!
Todos os presentes: [Riso]
Klute: Rapazes das raparigas! Parece que estão todos em palco. E no entanto parece que alguns nem sequer tomam banho! Ai que choque, como as coisas mudaram. Eu não queria voltar, claro.
Rogers: Não querias?
Klute: Eu gostava dos velhos tempos. Dignidade. As pessoas iam de carruagem, sabes — tinham as carruagens à espera delas cá fora — todas alinhadas nas ruas laterais, sabes. Oh, era tão bonito, muito bonito. E as mulheres pareciam tão elegantes e os homens estavam sempre bem vestidos, sabes, na plateia. Não ousarias ir para a plateia se não estivesses bem vestido, sabes. Não. Eu vou ao Globe às vezes ou ao Lyric e a alguns outros sítios — e a forma como se vestem! Claro que nunca teriam posto os pés no teatro no meu tempo. Não com aquele aspeto. Não sei o que se passa, mas o mundo mudou.
Rogers: Mas não era assim tão fácil para a classe baixa...
Klute: Claro, tu não te lembras do Gaiety [Theatre], pois não? O velho George Edwardes e o Gaiety.
Rogers: Lembro-me só de o ver.
Klute: Claro, eu já... porque eu já estava velhota nessa altura, percebes. Mas lembro-me de alguns dos espetáculos dele. E depois havia o... como era... *The Girl in the Train*, era?
Rogers: Mmm-hmm. *The Girl in the Taxi*.
Klute: Era o *Girl in the Taxi*?
Rogers: Acho que sim.
Klute: Já não me lembro. Como é que tu sabes?
Rogers: Era, Robert?
Robert: *Girl in the Train* também.
Rogers: Era? Eu não...
Klute: E depois havia o *The Lilac Domino*, não era?
Rogers: Mmm...
Klute: Claro, nessa altura eu tinha para aí... oh, devia estar quase nos 80. Mas ainda assim mantiveram-me no teatro porque eu era vivaça, percebes.
Rogers: Sim.
Klute: E nunca aparentava a minha idade. E claro, eu costumava maquilhar-me, sabes... dar um retoque, sabes. Eu costumava apanhar uns restinhos de maquilhagem em barra quando já

estavam gastos.
Rogers: [Riso] Sim...
Flint: [Riso altos] Ai, valha-me Deus!
Klute: Deixavam-me andar por lá alguns deles. Porque eu era muito amiga deles. Lembro-me... como é que ela se chamava agora? Ela era sempre muito simpática comigo... oh, devia lembrar-me do nome dela, era uma rapariga tão querida. Ai, ai. Oh, há-de vir-me à cabeça.
Rogers: Uma das atrizes, era?
Klute: Oh, era uma das minhas preferidas, era. Era uma pessoa tão simpática e, hum... oh, que parvoíce a minha! Às vezes eu... claro, sabes, no velho Lyric sabes e, hum... tínhamos muitos dos primeiros musicais, como tu dizes, sabes. Peças. E faziam-nas de forma tão bonita.
Claro que não te lembras de uma coisa chamada *Véronique*, pois não?
Rogers: Oh, sei do que é.
Klute: E a linda *Swing Song*.
Rogers: Sim.
Robert: *Swing Song*, sim.
Klute: Oh, isso era uma peça linda.
Rogers: E *Little Donkey*. O *Little Donkey* não está no *Véronique*?
(*The Donkey Duet*)
Klute: Peça linda que era essa. Claro que não devo ser dura com as pessoas de hoje. Isso não é ser amável.
Rogers: Eles fazem o melhor que podem!
Klute: E tenho a certeza de que há alguns atores muito bons. Acho que alguns deles são muito bons, mas é o lixo em que têm de entrar, sabes. Isso é que é uma pena. Quero dizer, quando fazem as grandes peças clássicas, então está bem.
Claro que fazem muito bem — tirando que não gastam muito em cenários, o que é uma pena. Quero dizer, no fim de contas, se supostamente estás na corte do Rei João, não queres parecer que estás numa floresta — um bocadinho de madeira espetado, pois não?
Flint: [Riso] Ai, valha-me Deus!

Klute: Oh, lembro-me bem desses tempos felizes. Adorava o teatro. Claro que quando era muito jovem eu... eu, hum... eu estava, hum... numa daquelas, hum... ai como se chamava aquela produção itinerante que fizemos? Eu era uma das raparigas, mas nunca fui grande coisa naquilo. Tinha sempre ambições, mas ficava sempre encalhada na fila de trás, sabes.
Rogers: [Riso]
Klute: Suponho que... bem, eu não era bonita, na verdade. A minha cara era demasiado comprida e o meu nariz um bocado grande demais.
Rogers: [Riso]
Klute: Claro, percebes, eu era uma mulher judia, percebes. E a minha mãe tinha ambições, tinha. O meu pai era um ator razoável, mas não era profissional, mas se fosse, tinha-se safado com tudo — era um safado, sabes!
Todos os presentes: [Riso]
Rogers: Eras londrina... nasceste em Londres?
Klute: Oh, nascida e criada, éramos. Oh eu... acho que a minha família... a minha família vai mesmo lá atrás, oh, até aos tempos da Nell Gwyn e do Charles.
Rogers: Oh sim?
Klute: Sim, a minha família pode ser rastreada até esses tempos. E viveram naquela zona durante anos e anos. Claro que em tempos, hum... tinham uma vida confortável, percebes.
Rogers: Sim.
Klute: Mas perderam tudo, percebes, de uma maneira ou de outra. E eu sempre tive estas ambições. O meu pai era um homem ambicioso, de facto — queria sempre ser um ator a sério. Acho que, se queres saber, é porque falava sempre dos velhos tempos do Macklin*, sabes, e de gente assim, voltando uns aninhos atrás, sabes... e contava-me sobre os grandes do seu tempo.

(*Charles Macklin: ator irlandês do século XVIII)*
Oh, ele era uma peça, o meu pai, sabes, e o pai dele antes dele. Lembro-me do meu avô. Já era velhote quando eu era rapariga. Devia ter quase 80, com o cabelo branco. Costumava falar dos velhos tempos no teatro, de pessoas como o Macklin, acho que era esse o nome.
E dizia... e lembro-me de ele falar sobre, hum... oh, hum... como é que se chamava? Isso há-de vir-me se me der um minuto. Maravilhoso! Claro, suponho que, de certa forma, sempre estivemos na orla do teatro, sabes.
Rogers: Mmm...
Klute: Sempre tivemos qualquer coisa. A minha mãe fazia muitos... sabes, vestidos e isso.
Rogers: Sim.
Klute: E fazia muitos dos lantejoulas e coisas para alguns palhaços. Lembro-me do velho Grimaldi uma vez — claro que já estava velhote — e, hum... bem, parecia um caco, não sei quantos anos tinha.
(*lantejoulas)*
Presentes: [Riso]
Klute: Mas, hum... depois havia aquele Austin, era outro palhaço. A minha mãe fazia muitas lantejoulas para eles, sabes. Claro, era um trabalho um bocado especializado, sabes, as lantejoulas.
E claro lembro-me da velha Sarah Lane, sabes. Claro, não a conhecerias. Quero dizer — e do velho Brittania [Theatre] em Hoxton e tudo por lá, percebes.
Rogers: Oh, sim.
Klute: Quero dizer, sempre estivemos ligados ao teatro. A nossa família sempre foi, suponho, parte do teatro, de certa forma e eu depois fui dar a vender programas. Mas lembro-me sempre quando estive em digressão, porque... quero dizer, tive umas aulas quando era criança, sabes, e lembro-me uma vez de estar numa pantomima.
Ai valha-me Deus! Era uma pantomima, digo-te eu, eu a fazer parte dela! Tive de ser uma das fadas. Fada Thistledown, era eu.
Rogers: [Riso]
Flint: [Riso] Ai, valha-me Deus!
Rogers: Achas que te ficava bem?
Klute: Bem, eu sei que faz rir quando se pensa nisso. Mas tinham duas nuvens que baixavam na cena de transformação; uma de um lado e outra do outro. E, hum, nós estávamos empoleiradas numa espécie de plataforma, sabes. Tinham o efeito de nuvem montado para não se ver que estávamos agachadas, percebes.
Rogers: Sim.
Klute: E tinhas de segurar a varinha bem alto, sabes. Claro que rio quando penso nisso. Não sei o que aconteceu, mas baixaram aquela nuvem por roldanas, sabes, num fio tão fino que mal se via. E, hum, uma vez fizeram uma asneira, a coisa desceu de lado... [Riso] e eu escorreguei!
Presentes: [Riso altos]
Klute: Eram tempos felizes, mesmo assim.
Doreen: Qual é o teu outro nome, Miss Klute?
Klute: Hã?
Doreen: Qual é o teu primeiro nome?
Klute: Nellie, querida.
Doreen: Nellie. Bem, podemos chamar-te Nellie? É mais amigável.
Klute: Bem, se quiserem. Chamem-me Nellie Klute.
Doreen: Sim.
Klute: Sim. Mas, hum...
Richard: Nellie, que peça estava em cena quando morreste? Quando estavas... quando estavas a vender programas. Qual era o nome da peça no teatro?
Klute: Ai valha-me Deus, agora que perguntaste. Tenho de parar e pensar nisso.
Richard: Porque isso é interessante para nós.

Klute: É? Bem, tenho de me esforçar. Agora não consigo... deixa-me ver. Foi na noite dos bombardeamentos aéreos e eles largaram umas bombas... hum...
Rogers: Se continuares a falar, talvez te lembres?
Klute: Não consigo lembrar-me de qual era a peça, sabes. Era uma peça, mas tenho a certeza de que tinha... havia música também, mas não me lembro... Agora, qual era essa peça?
Richard: Em que teatro — era no Lyric ou no Globe?
Klute: Eu estava no Lyric. Já tinha estado no Globe durante um tempo...
Richard: Sim.
Klute: ...e depois migrei, como quem diz, para o Lyric.
Presentes: [Riso]
Klute: Pagavam um bocadinho melhor no Lyric.
Rogers: Pagavam?
Klute: E depois havia aquele homem... como se chamava? Harcourt. Isso mesmo. Harcourt.
Robert: Harcourt Williams?
(*ator e encenador)
Klute: Podia ser Williams. Mas lembro-me... ele tinha um filho que estava no teatro, mas era, hum... bem, era muito novo nessa altura. E depois havia aquele homem... como raio se chamava, agora? Aquele que tinha uma perna deformada? Ai, ai. Estou a tentar lembrar-me dessa peça, desde que aquele rapaz simpático perguntou.
Doreen: Não te preocupes Nellie. Vai-te ocorrer.
Rogers: Vai-te ocorrer.
Klute: Mas eram bons tempos, sabes, e claro que vi todos os melhores. E claro que vi as produções do West End, porque costumavam mandá-las para a estrada, sabes. Tinham cinco ou seis companhias com o mesmo espetáculo, se fosse um sucesso, percebes.
Oh, eram dias maravilhosos quando se olha para trás. E eram pessoas maravilhosas. Claro que havia alguns que não eram tão bons, de uma forma ou de outra, mas...
Rogers: Há que levar o bom com o mau.
Klute: Hã?
Rogers: Há que levar o bom com o mau.
Klute: Agora qual era aquela peça? Não é engraçado? Agora não me ocorre.
Rogers: Ainda usavam luz a gás nessa altura, Nellie?
Klute: Lembro-me de *The Dollar Princess*. Isso era bonito. E claro, hum, tivemos *The Merry Widow*, mas isso foi no Daly's [Theatre], não foi? Sim.
Richard: Sim.
Klute: E, hum... e lembro-me de *Chu Chin Chow*. Essa foi uma das últimas coisas de que me lembro de ver.
Rogers: Isso foi no Her Majesty's [Theatre], não foi?
Klute: E, hum... depois havia aquela coisa com [ininteligível]. Era uma personagem, era. Agora o que era aquilo? E depois havia, hum... o [ininteligível]. E depois tivemos, hum...
Richard: *Maid of the Mountains* nessa altura também...
Klute: Oh, isso era a José Collins, não era?
Richard: Sim.
Klute: Era um bocadinho gordinha, mas tinha uma voz maravilhosa!
Presentes: [Riso]

Klute: Ela tinha um ar muito judaico, claro. Mas, hum, era marcante, de certa forma.
Rogers: Sim.
Klute: Gostava dela, sim. Era muito simpática. Agora aí está um caso, claro. Bem, claro que eu sei que não era propriamente uma beleza e ela também não era, na verdade...
Presentes: [Riso]
Klute: Mas ela tinha um ar marcante, de facto.
Richard: E tinha uma boa voz também.

Klute: Tinha uma voz maravilhosa, querido. Não há dúvida nenhuma, ela tinha a melhor voz em palco naquela altura — naquele género, percebes.
Richard: Viste-a também em *Southern Maid*?
Klute: Não me lembro dessa. Acho que deve ter sido depois de eu... eu ter morrido. Porque imagino que teria visto, se pudesse ter visto.
Doreen: Viste *The Chocolate Soldier*?
Klute: Oh isso. Nunca fui muito entusiasta disso. Claro que era inteligente. Mas foi aquele Shaw*, não foi? E puseram-lhe música.
(*George Bernard Shaw)*
Doreen: Não, eu não...
Rogers: Sim.
Doreen: Foi?
Klute: Sim. Sim, claro. Tinha coisas muito bonitas. My Hero, não era?
Richard: Exato.
Klute: Sim, exato. Bons velhos tempos, não são, quando penso nisso. Sabes, o teatro era um lugar maravilhoso nessa altura. Sentias verdadeiramente aquilo, sabes. Agora está morto, não tem atmosfera. Naquele tempo tinha; o dourado, o veludo e o cheiro das laranjas lá em cima na galeria. Oh, era lindo. Mesmo lindo.
Robert: Nellie?
Klute: O quê?
Robert: Alguma vez nos vens visitar a Chichester?
Klute: Já lá fui porque, hum... ouvi falar de vocês, sabem. E, hum... sim, mas não é a minha praia.
Presentes: [Riso]
Klute: Com todo o respeito...
Robert: Sim, sim.
Klute: Quero dizer, tenho de ser honesta. Eu... eu amava os velhos tempos. Amava o ambiente do teatro, era tão maravilhoso. Continuava a ter magia para mim. Costumava ficar lá depois da cortina subir, de lado, noite após noite, noite após noite; via o mesmo espetáculo.
Muitas das outras raparigas iam-se logo embora — eu não. Nunca perdi uma actuação. Nunca estive em palco, mas nunca perdi uma actuação. Adorava cada minuto. E costumava observá-los, sabes, e pensava: bem, hoje estiveram bem ou ela não esteve mal ou ela já estava com uns copos, porque...
(*bêbada)*
Presentes: [Riso]
Klute: Eu percebia logo. Porque, quero dizer, algumas delas... às vezes tinham, sabes. Tinham sempre aquela Stout lá atrás, sabes...
Rogers: Sim.
Klute: ...mandavam entregar pelo homem da porta, o velho Will. Ele trazia-lhes as rodadas de Stout, e tudo o resto, e o Gin. E claro que às vezes faziam uma grande festança. Às vezes até me davam uma bebida.
(*bebedeira, festa)*
Oh, claro, esqueci-me de vos dizer... houve uma altura em que fui camareira.
Rogers: Oh sim?
Klute: Oh, só por um curto período. Porque a camareira de uma das, hum... agora, quem era que eu ajudava a vestir? Porque foram mais do que uma. Deixa-me ver... Houve uma altura em que estavam aflitos por uma camareira. Não sei o que lhe tinha acontecido, mas, hum, ela estava ausente, sabes. E perguntaram-me se eu podia, hum... em vez de servir, sabes, e tudo isso... se ajudava a vestir-lhe.
Oh, isso era maravilhoso. Ela tinha uns vestidos lindos naquele... agora o que era? Ela tinha o mesmo tipo de corpo que eu. Oh, era muito simpática.
Rogers: Chegaste a experimentar os vestidos?
Presente: [Assoando o nariz]

Klute: E eu sei... eu sei que a mulher esteve fora umas duas ou três semanas e no fim deu-me dez libras.
Rogers: Mmm... maravilhoso.
Klute: Sim, ela era muito bondosa, era. E costumava ter uns homens muito simpáticos que iam lá vê-la às vezes, mas ela era muito discreta, muito discreta.
Rogers: Sim.
Klute: Nunca fazia nada no camarim.
Rogers: [Riso] Chegaste a experimentar algum dos... vestidos?
Klute: Bem, para dizer a verdade, experimentei! Uma ou duas vezes. Bem, dizer 'experimentei' não é bem verdade. Foi mais pô-los à volta de mim e olhar para o espelho. E dei-me ares e fiz uns passinhos, sabes.
Rogers: [Riso]
Klute: Mas, hum... acho que não teria sido grande coisa, na verdade, pensando bem. E no entanto tinha o espírito, mas não tinha o talento.
Doreen: És feliz agora, Nellie?
Klute: Oh, muito feliz, querida. Maravilhoso. Não tenho arrependimentos agora. Estou perfeitamente bem, perfeitamente feliz e vou... vou ver várias pessoas que conheci. E às vezes vou ao que vocês chamariam os teatros aqui deste lado.
Claro, têm o que vocês chamariam, suponho, 'peças de moralidade', mas isso não quer dizer que sejam aborrecidas — ou sujas e porcas como as vossas peças de hoje. Quero dizer, são peças sobre seres humanos, é verdade, e todas as suas fraquezas, mas não têm maldade.
Rogers: Sim.
Klute: É... é maravilhoso o que fazem aqui, sabes. Maravilhoso. Oh, teria adorado ter sido atriz, claro.
Rogers: Nellie, a luz a gás não era perigosa às vezes...
Klute: Bem...
Rogers: ...em palco?
Klute: ...não sei. Tinham rede de arame por cima, sabes. E, hum... não, bem, houve casos, claro. Houve uma ou duas coisas desagradáveis quando o vestido de alguém pegou fogo, mas, hum... não era... bem, não era assim tão perigoso. Não acho. Deve ter havido situações pontuais. Claro que deve ter havido.
Mas era mais bonito, sabes. Acho que ninguém percebe o quão mais bonita era a velha luz a gás. Tinha uma qualidade maravilhosa, sabes. E a electricidade é muito dura, agressiva, sabes.
Claro que devem ter feito muitos, sabes... progressos. Claro que lembro-me quando o Lyceum mudou para electricidade e, hum... acredito que o Sir Henry [Irving] mandou tirar tudo e manteve o gás, sabes.
Rogers: A sério?
Klute: Porque achava terrível como o cenário ficava estragado, percebes. Oh, bem, costumavam ter coelhos a correr em palco e... e, hum, eu já vi uma data de ovelhas quando...
Rogers: Era o Tree, não era, que fazia isso?
Klute: Estou a tentar lembrar-me de que peça era essa e... sei que era uma cena no campo e sei que apareceu um pastor com seis ou sete ovelhas. E havia cavalos e todo o tipo de coisas; carruagens e...
Rogers: Não foste, Nellie, por acaso, ao Drury Lane [Theatre] na noite de estreia daquela peça que têm lá agora, foste? Aquela que tem um cavalo em palco?
Klute: Bem, nunca se sabe o que eles vão fazer, esse é que é o problema.
Rogers: Bem...
Presentes: [Riso altos]
Richard: Nellie, conhecias o Willy Clarkson?
(*fabricante de perucas e trajes)
Klute: Sim, lembro-me bem do velho Willy Clarkson. Sim, porque ele era o homem que fazia muitos dos fatos.

Richard: Sim.
Klute: Sim, e era maravilhoso com perucas e barbas e tudo isso, sabes. Sim, mas lá está, hum... claro que não havia... digo-te uma coisa, havia um maravilhoso... agora como se chamava? Ai, quem me dera ter melhor memória. Quem era aquele homem, agora?
Rogers: É mais difícil lembrar nomes do que acontecimentos, não é?
Klute: Para mim os nomes vão e às vezes voltam depressa e outras vezes não. Claro que me lembro do Willy Clarkson — e havia alguém 'Slade' se bem me lembro agora. Acho que era esse o nome certo. Era diretor de cena, não era?
Richard: Exato, sim.

Klute: Sim, o Slade.
Richard: Sim.
Klute: Sim, ele era um homem bastante inteligente.
Richard: Ele estava no St. James [Theatre]... pintou muitos cenários... fez muitos cenários no St. James's.
Klute: Foi no St. James's?
Richard: Slade, sim.
Klute: Pois, lembro-me disso, percebes, e lembro-me do Oscar Wilde. Claro, já o encontrei aqui deste lado.
Rogers: Oh, sim?
Klute: E é uma pessoa tão simpática, sabes. Oh, todos nos lembramos daquele 'caso', sabes, sobre ele e aquele escândalo. Claro que nós... quero dizer, no teatro sabíamos o que se passava, nunca ligávamos a isso.
Rogers: Não.
Klute: Só que... claro, depois saiu nos jornais... e aquele horrível Queensbury* e tudo aquilo, percebes.
(*O Marquês de Queensbury)*
Doreen: Sim, ele era horrível, não era?
Klute: Oh, era um mau pedaço de trabalho, querida. Horrível.
Doreen: Sim, parecia mesmo horrível.
Klute: Mas devo pedir desculpa, de certa forma, porque acho que talvez esteja a ser um bocadinho má em relação às peças de hoje. Mas não são a minha ideia de peça, claro.
Doreen: Oh, não Nellie. Concordo tanto contigo.
Klute: Acho que algumas são terríveis, querida. A sério que acho.
Doreen: Concordo tanto contigo.
Klute: E quando penso em pessoas como a Marie Tempest e outros assim, e no talento que tinham. Quero dizer, eles podiam sentar-se em palco e, bem, podiam simplesmente deixar-te ali colada... sabes, pregada. Não precisavam de fazer nada ou dizer nada às vezes. Era magnético. Era isso, magnético, sabes.
Doreen: Ainda temos um ou dois que conseguem fazer isso agora.
Klute: Têm?
Doreen: Bem, a Joan Miller.
Klute: Quem é essa?
Presentes: [Riso]
Doreen: Bem, se calhar nunca ouviste falar dela, mas ela esteve numa peça recentemente... em que conseguiu prender o público inteiro sem dizer uma palavra, durante uns quatro minutos.
Klute: Foi mesmo?
Doreen: Sim.
Klute: Eu vi alguns dos vossos modernos de quem gosto muito. Claro, gosto daquela Flora... como é que ela se chama agora?
Rogers: Robson.
Doreen: Robson.

Klute: Bastante feia, mas boa atriz.
Doreen: Ela estava na peça de que falei.
Klute: Estava? Oh. Oh, bem. Claro, cada um com o seu gosto.
Rogers: [Ininteligível]
Klute: Claro, lembro-me agora... como é que era aquele nome, ai valha-me Deus. Agora, de que era aquela peça? Ai, ai, ai. [Suspira]
Oh, eu tinha... eu tinha um álbum lindo, sabes, que estava cheio deles, cheio deles. Fotografias autografadas, tinha de quase todos do teatro. E não só as estrelas, mas alguns dos mais pequenos também, sabes. Todos... dava-me bem com todos, percebes. Mas, claro, à medida que fui envelhecendo, quero dizer, tornou-se um bocadinho mais difícil para mim.
Rogers: Sim.
Klute: Mas mesmo assim ia sempre ao teatro. Era sempre das primeiras a chegar e quase das últimas a sair. Porque nunca era feliz se não estivesse no teatro. E costumava... às vezes, ao domingo... sentava-me no meu quartinho, sabes, e pensava, 'Oh Cristo, é domingo', sabes, 'que pena. Porque é que não podem abrir os teatros ao domingo?'
Às vezes ia à missa, mas... não sei. Ia à igreja católica. Claro, é mais como o teatro, percebes.
Presentes: [Riso altos]
Klute: Bem, pelo menos tinha boa música... e eles todos arranjadinhos com aquelas roupas lindas, sabes. E eu pensava, 'bem, isso é bonito. Ao menos têm alguma noção.' Oh, divertia-me muito, digo-te. Eu não... não sei. Nunca ganhei muito, olhando para trás. Mas tive uma boa vida.
Rogers: Como é que soubeste que, hum... conseguias comunicar, Nellie?
Klute: Oh, eu sabia. Claro, eu já sabia disso tudo, de certa forma, antes de morrer.
Rogers: Sabias?
Klute: Embora, devo dizer, que depois do que me aconteceu, ainda demorei um bocadinho a perceber até a minha irmã vir buscar-me.
(*perceber)
Mas, sabes, eu já tinha ouvido falar disso e tinha ouvido falar desses 'espíritos que batem' e, na verdade, tínhamos um... acho que era no Lyric... agora era ou era no Globe? Mas um deles era definitivamente assombrado, porque toda a gente no teatro já o tinha visto, sabes.
Rogers: Sim.
Klute: E, hum... ele evidentemente... agora como é que ele se chamava? Oh, vai-me ocorrer, vai-me ocorrer...
Rogers: Mas dizem isso do Drury Lane [Theatre], não dizem?
Klute: Bem, eu acho que a maioria dos teatros são assombrados, porque as pessoas gostam tanto deles. E têm uma atmosfera tão maravilhosa e tanta coisa aconteceu lá. Acho um crime quando os deitam abaixo, sabes. Acho que foi um choque terem deitado o St. James's abaixo, sabes.
Rogers: Mmm... sim.

Klute: Porque aquilo... aquilo era um teatro lindo. Tinha memórias maravilhosas, aquele lugar, sabes. Claro que, olha, tinha algumas linhas de visão péssimas e aqueles malditos pilares. Deus te ajude se ficasses atrás de um deles!
Presentes: [Riso]
Flint: [Riso] Ai, valha-me Deus!
Klute: Oh, sim, lembro-me de todos eles. Eu era, como disse, praticamente criada ali dentro.
Rogers: Mmm...
Klute: Oh, mas nunca hei-de esquecer aquela vez em que estive naquela pantomima. Nunca mais me chamaram de volta! Não foi culpa minha...
Presentes: [Riso]
Klute: Não podia fazer nada porque a maldita nuvem escorregou!
Presentes: [Riso]
Doreen: Nellie, és um doce!

Rogers: Que pantomima era essa? Como se chamava, lembras-te?
Klute: Lá estava eu agarrada àquele maldito fio e na outra mão tinha a minha estrela. Estava a agitá-la para a frente e para trás... A sério, parecia mais o *Dick Whittington* num navio, sabes.
Presentes: [Riso altos]
Klute: Oh, eu podia contar-vos cada gargalhada que demos, digo-te eu. Lembro-me de uma vez... ai agora, quem era ela... ela estava bêbeda*.
(*bêbeda)*
Rogers: Quem era?
Klute: Estou a tentar lembrar-me do nome dela. Talvez fosse mais simpático esquecer...
Rogers: És terrível com nomes, não és, Nellie?
Klute: Bem, às vezes fogem-me. Mas lembro-me que ela estava a fazer o seu grande número... ai valha-me Deus, aquilo foi engraçado. Ela desceu a maldita escadaria, toda vestida de alto a baixo, sabes.
(*muito bem vestida)*
E foi a coisa mais engraçada, a sério. Porque o herói estava lá em baixo à espera no fim das escadas, mas quando ela chegou ao — eu sei que parece parvo, mas é verdade — quando ela chegou ao fim das escadas e atravessou o palco e ele veio ao seu encontro, lá estavam nas escadas as malditas cuecas dela!
Presentes: [Riso altos]
Klute: Foi a coisa mais engraçada. A sério, acho que foi a coisa mais engraçada que vi na vida.
Presentes: [Riso]
Klute: E ali estavam eles, naquele grande tema de amor, sabes, e lá estavam as cuecas dela nas escadas!
Presentes: [Riso]
Klute: Não me lembro... não me lembro do que fizeram com aquilo.
Flint: [Riso]
Doreen: Aposto que fecharam o pano, não foi?
Rogers: Baixaram o blackout?
Klute: Bem, na verdade ela era conhecida por muitas vezes nem as usar!
Presentes: [Riso altos]
Rogers: Gostava que te lembrasses do nome dela, Nellie! Já a encontraste aí desse lado?
Klute: Talvez... talvez seja melhor não mencionar nomes às vezes.
Doreen: Sim.
Rogers: Mas já a encontraste desde que estás aí?
Klute: Não ultimamente.
Rogers: Não a encontraste. Mas já a viste desde que estás aí?
Klute: Não, mas ela estava muitas vezes bêbeda, percebes, e às vezes deixava para o último minuto, sabes, para responder à chamada. E acho que nessa noite, sabes, ela estava mesmo um bocado — sabes.
Rogers: Sim.
Klute: E pelos vistos o elástico ou o que quer que fosse que as segurava, cedeu, fosse o que fosse.
Presentes: [Riso]
Richard: Qual era o espetáculo?
Klute: Não me lembro, mas sei que havia esta grande escadaria. E ela descia, toda la-di-da, sabes, com a tiara e tudo, percebes... e eu... e eu sei que ela tinha este lindo vestido, sabes, com uma cauda, percebes.
Presentes: [Riso]
Klute: Se ao menos... se ao menos a cauda tivesse varrido as cuecas para longe!
Presentes: [Riso]
Klute: Tenho de rir. Mas acho que ele a manobrou para o lado. Acho que ele viu aquilo pelo canto do olho.
Presentes: [Riso]

Klute: Acho que, se bem me lembro, ele subiu um bocadinho as escadas e arranjou forma de a pôr por cima delas.
Presentes: [Riso]
Klute: Mas deve ter sido... oh, sei que foi qualquer coisa naquela noite, mas era um grande momento naquele espetáculo. Agora qual era aquele espetáculo? Sei que fizeram uma dança.
Richard: Qual era o teatro?
Rogers: Seria The Count of Luxembourg?
Klute: Não me lembro de qual era.
Richard: O Daly's? [Teatro]
Doreen: [Ininteligível]
Rogers: Oh não. Não, não.
Presente: [Assoa o nariz]
Klute: Claro, a Gertie Millar, ela era simpática...
Rogers: Porque há uma grande cena de escadas em The Count of Luxembourg.
Klute: Oh, mas havia sempre uma grande cena de escadas na maioria dessas coisas, nessa altura.
Rogers: Sim, eu sei, mas...
Klute: Nunca tinhas uma peça musical sem uma maldita grande escadaria — e um palácio, sabes. Era um dos grandes números, percebes. E muitas vezes usavam o mesmo cenário mas trocavam-no, percebes. Ou às vezes era ao meio. Outras vezes tinham-no montado para vir dos bastidores e descer por um dos lados, sabes.
Rogers: Sim.
Klute: Oh, faziam sempre isso, sabes. Muitas das peças musicais desses tempos tinham sempre uma grande entrada de escadas, percebes. Toda a gente esperava isso, percebes, e era muito eficaz. E às vezes ela cantava fora, percebes. Não quero dizer desafinada. Fora de cena.
Presentes: [Riso]
Klute: Oh, podia contar-vos histórias engraçadas. Lembro-me de uma vez, outra coisa engraçada aconteceu. Sei que havia uma coisa de alçapão. Bem, tinha de haver, porque ele desapareceu antes de tempo.
Presentes: [Riso]
Klute: Quero dizer, ela virou-se — e ele não estava lá!
Presentes: [Riso altos]
Klute: Isso foi tão engraçado. Oh, faziam cada asneira, às vezes, mas muitas vezes era porque estavam com uns copos, sabes. Às vezes era o homem lá de baixo ou o alçapão, percebes. (*bêbados)
Presentes: [Riso]
Rogers: É um milagre que alguma coisa tenha tido sucesso.
Klute: Oh, mas era muito raro. Quero dizer, eu podia ir noite após noite, como fazia, sabes, trabalhar e ver o mesmo espetáculo... oh, talvez umas centenas de vezes. E talvez durante todo esse tempo só visse dois ou três pequenos erros. Era muito raro acontecer algo invulgar. Mas, claro, havia sempre uns episódios engraçados. Aqui e ali, percebes.
Rogers: Bem, isso quebrava a monotonia...
Klute: Lembro-me de ver uma actuação de *Cinderella*. Agora onde foi isso? Não me lembro se foi no Lyceum ou se foi... Sim, acho que foi no Lyceum. Aconteceu qualquer coisa. Agora o que foi? Lembro-me... no baile... muito engraçado...
[Pequeno silêncio]
Ah, bem. Tenho de parar com as recordações, como vocês dizem.
Oh, bem. Hei-de vir ver-vos outra vez um dia.

Presentes: [Todos a falar] Sim, por favor. É tão bom ouvir-te.
Klute: De qualquer forma, somos todos muito parecidos, na verdade. Claro que aprendemos mais umas coisinhas... estamos um bocadinho mais sábios, e isso tudo. Mas perguntaram-me se eu gostava de vir e eu disse: 'Sim, vou lá dar duas de treta com eles', como vocês dizem, sabes. E

parecem-me um grupo tão simpático e disseram-me que, hum... alguns de vocês estavam ligados ao teatro e isso tudo.
E eu já tinha ouvido falar desse sítio Chichester, como vocês lhe chamam. Mas claro que é moderno, percebes. Não pretendo perceber, e... bem, algumas coisas até são boas, suponho. Mas gosto das coisas à antiga, percebes; ainda sou um bocadinho antiquada, suponho.
Rogers: Não és nenhum pedaço moderno de mulher, pois não?
Klute: Bem, tive os meus momentos, sabes. Quero dizer...
Doreen: Concordo contigo, Nellie. Eu também gosto do teatro à antiga.
Klute: Quero dizer, eu gosto... eu devo, hum... quer dizer, não, hum... não escondo nada. Tive uns quantos homens no meu tempo, de uma maneira ou de outra, percebes.
Rogers: Então casaste-te, Nellie?
Klute: Bem, podemos dizer que sim... casei. Digamos assim.
Rogers: Foi... não foi na igreja?
Klute: És um jovem muito cusco.
Presentes: [Riso]
Richard: Talvez...
Klute: ...eu muitas vezes ficava com alguns vestidos que... quando elas os deitavam fora, sabes. Quando eu saía ao domingo. Gostava de Primrose Hill e tudo à volta, sabes. Estava sempre bem arranjada e bem composta. Tinha um fato muito bonito... um belo conjunto que a Lily Elsie me deu.
Rogers: Tens algum parente vivo agora, Nellie?
Klute: Claro que não se lembram do [ininteligível], pois não? Não, foi antes do vosso tempo.
Rogers: O Robert pode conhecer o nome.
Robert: Conheço o nome.
Richard: Nós conhecemos o nome, sim.
Klute: E depois havia aquele... oh, ele era um espetáculo, era... ai, santo Deus...[ininteligível]...
Rogers: Nellie, tens parentes deste lado?
Klute: Não propriamente. Uns primos afastados, sabes. Mas não se interessariam por mim. De qualquer forma, francamente, alguns dos meus parentes... bem, são um bocado [ininteligível], como quem diz. E a ideia de teatros, nunca se aproximaram deles, percebes. E, hum... não viam isso com bons olhos.
Rogers: Não.
Klute: Claro, eu gostava do meu copo de Stout e gostava de uma noite na cama com um bom homem, sabes!
Presentes: [Riso]
Klute: Quero dizer, afinal de contas, porque não? É a vida, não é?
Rogers: Claro que é.
Klute: E amei o velho teatro. Embora tenha vivido com um homem durante uns anos, mas, hum... bem, ele foi para o mar. Não sei se foi porque queria fugir de mim ou quê!
Rogers: [Riso]
Klute: Isso também não interessa nada. A minha vida é minha e não tenho arrependimentos. Nunca fiz mal a ninguém. Fiz o melhor que pude, sabes. E se todos puderem dizer isso, então não há nada a temer quando se 'bate a bota'*, como dizem.
(*morrer)
De qualquer forma, tenho de ir e que Deus abençoe cada um de vocês. Adeusinho.
Todos os presentes: Adeusinho Nellie.
Doreen: Obrigada por teres vindo.
Ellis: Fantástico.
Doreen: Não é uma querida?
Marshall: ...Não acho que possamos continuar. Foi um grande prazer vir falar convosco outra vez esta noite... ou melhor, trazer amigos para vos falar. Uma personagem muito interessante...
Rogers: Maravilhosa.

Doreen: Foi um doce.
Marshall: E por favor não fechem o círculo. Ouvi rumores de que o iam fechar ou assim.
Rogers: Leslie?
Doreen: É o Doutor?
Flint: Oh. Bem, eu só pensei num mês.
Marshall: Acham que podem fechar outras coisas... e esta não?
O meu amor e bênçãos. Adeus.
Todos os presentes: Obrigado. Adeus.
Doreen: Adeus.
Não falávamos com o Dr Marshall há séculos.
Marshall: Estive ausente. Tenho estado muito ocupado.
Doreen: Tem doutor?
Marshall: Adeus. Deus vos abençoe.
Doreen: Bem, sentimos a tua falta.
Presentes: Adeus.
Doreen: Sentimos a tua falta.
Marshall: Vamos ver o que podemos fazer pelo teu pé, menina.
Daphne: Oh, vais? Muito obrigada.
Rogers: Há algum problema sério com ele, sabe doutor?
Marshall: Um ligeiro osso doente.
Rogers: Oh.
Daphne: Bem, obrigada.
Marshall: Não te preocupes.
Daphne: Não.
Marshall: É fácil para mim dizer isso... mas vamos ver se fica bem.
Adeusinho.
Daphne: Obrigada.
Presentes: Adeus Dr Marshall.
Mickey: Adeusinho e que Deus vos abençoe.
Todos os presentes: Adeusinho Mickey!
Mickey: E hei-de ver-vos a todos outra vez em breve. Adeusinho.
Todos os presentes: Adeusinho Mickey...
Mickey: [A cantar]

Deus vos guarde até nos encontrarmos de novo...

Presentes/Mickey: [A cantar]

com os seus conselhos vos guie, vos proteja...

Rogers: [A cantar]

Nos seus braços vos segure em segurança...

[Desvanecendo] Deus... vos... guarde... até... nos... encontrarmos de novo.
Mickey: Oh, vocês ajudam muito!
Presentes: [Riso]
Ellis: Termina isso Mickey...
Mickey: [A cantar]

Deus vos guarde até nos encontrarmos de novo... Sabem como é?

Presente (mulher): 'Pelo seu amor...' qualquer coisa 'vos proteja'...
Mickey: [A cantar num tom de coro]

Nos seus braços vos segure em segurança. Eu canto como um menino de coro! [Riso]

Presentes: [Riso]
Rogers: Isso é que era o dia!
Mickey: [A cantar]

Boa noite meu amor, todo o meu amor é para ti, boa noite meu amor, la-la-la-la... Nunca me lembro das palavras.

Presentes: [Riso]
Flint: [Tosse]
Rogers: Não faz mal, Mickey.
Mickey: [Suspira] Enfim, adeusinho.
Todos os presentes: Adeusinho Mickey!
Mickey: [Suspira] [Ininteligível] Adeusinho.
Todos os presentes/Flint: [Riso altos]
Daphne: Claro Leslie, se fechares não vais ter...
Mickey: E as tuas amoras silvestres. Adeusinho!
Flint: E as tuas amoras silvestres?
Rogers: Framboesas e as amoras silvestres.
Daphne: Framboesas!

Lily Watson
19 de Outubro de 1984
"*Sou exatamente a mesma de sempre. Não mudei nada.*"
O marido de Lily Watson interessava-se por "reuniões de espíritos" — mas ela nunca teve interesse.
Agora, quando tenta aparecer a diferentes médiuns, nenhum deles consegue vê-la.
As pessoas que participam nas sessões dizem à Lily que talvez devesse considerar seguir em frente, deixando a existência atual e passando para outro plano, mas Lily não compreende...
Mickey explica que Lily está agarrada às condições terrenas, mas há outros que estão a tentar ajudá-la.
Outra comunicadora feminina pede desculpa pela curta duração da sessão, mas como Leslie Flint estava doente, as condições não eram favoráveis a uma sessão mais longa.
Mickey volta para se despedir e Leslie repreende-o por o chamar de "velho Flint"!
Participantes incluem: Ros Cattanach, Larry Taylor, Aubrey Rose, Robert Kennedy e Leslie Flint.
Nota: Ros Cattanach era secretária residente na igreja London Spiritual Mission, Larry Taylor era um médium americano a viver em Londres, Aubrey Rose era conselheiro jurídico de Leslie Flint e participante regular, e Robert Kennedy juntava-se frequentemente às sessões de Leslie quando visitava o Reino Unido a partir da sua casa na Califórnia.
Bram Rogers: [Esta] gravação em fita é propriedade exclusiva do Sr. Leslie Flint e não pode ser reproduzida de forma alguma nem reproduzida em público sem a autorização escrita do Sr. Leslie Flint.
Leslie Flint: Esta sessão foi gravada no dia 19 de Outubro de 1984; médium Leslie Flint.
Lily: Sim, eu sei meu querido.

Larry Taylor: Olá?

Lily: Oh, eu nunca…

Larry: Olá?
Lily: Oh, eu não sei, de certeza…
Larry: Ora, está a sair-se muito bem…
Lily: Ora essa…
Larry: Olá?

Lily: Oh, eu não sei…
Participante feminina: Quem é?
Larry: O que é que não sabe?

Lily: Não percebo nada disto…
Larry: Está a sair-se bem.
Lily: Eh?
Larry: Está a fazer isto muito bem.
Lily: Eu não sei…
Participante feminina: Quem é? Qual é o seu nome?
Lily: Oh céus. Isto é uma situação engraçada, não é?
Participantes: [Riso]
Flint: [A rir] Quem é?
Participante feminina: Qual é o seu nome?
Larry: Podemos ajudá-la de alguma forma?
Lily: Lil.

Participantes: Lil?
Ros Cattanach: Então, Lil, o que podemos fazer?

Lily: Eh?
Ros: Conhece alguém aqui, Lil?
Lily: Não me parece.
Ros: Ora, mas se…

Lily: Porquê? É preciso conhecer alguém?
Participantes: [Riso]

Participante feminina: Não.

Larry: Nada disso.

Ros: É muito bom… muito bom tê-la connosco.

Aubrey: Bem-vinda!

Larry: É bem-vinda. É bom para si…

Lily: Que situação engraçada, não é?
Participantes: [Riso]
Ros: Consegue ouvir-nos?

Lily: Oh, consigo ouvir-vos.

Ros: Bom.

Lily: E consigo ver-vos.

Participantes: Consegue?
Lily: Mas afinal, quem são vocês?
São os chefes?

Ros: Não…
Participantes: [Riso altos]

Participante feminina: Longe disso!
Larry: Esta é a Ros.

Lily: Então, percebo que têm uma igreja?
Ros: Ah pois, mas eu não sou a chefe.
Lily: Não é?
Ros: Não. Sou só a "cozinheira principal e lavadora de garrafas"!
Lily: Eu já… eu já estive no vosso sítio.
Ros: Já?

Lily: Já estive naquela igreja…
Ros: Sim?
Lily: …várias vezes…
Ros: Sim?
Lily: …à espera que alguém dissesse qualquer coisa. Mas ninguém disse nada.
Ros: Deviam ter dado uma cotovelada ao médium. Quer dizer que foi lá quando ainda estava "no corpo"?

Lily: Não… eu nunca acreditei nestas coisas de fantasmas.
Ros: Bem, agora já sabe que é…
Lily: Mas disseram-me que há Espiritualistas e estas reuniões e esta igreja. E que se lá fosse, alguém me veria ou assim. Mas ninguém viu.
Ros: Oh, que pena.

Participante masculino: Oh, que azar.

Lily: Mas eu pensava que eles eram — como é que se chama — "clarividentes", não é?

Ros: Pois, mas provavelmente tinham demasiados como você.

Lily: Eh?

Ros: Provavelmente havia… demasiados como tu. Não foste escolhida.

Lily: Então porque é que escolhem uns e a mim não?

Ros: Pois, não sei. Porque é que algumas pessoas…

Larry: Pode haver mais…
Participantes: [Riso]

Ros: Porque é que algumas pessoas recebem mensagens e outras não?
Lily: Pois eu já a vi lá em cima.

Ros: Já?

Lily: Sim, e parece que tem muito a ver com aquele sítio.
Larry: Tem sim.
Lily: Para cima e para baixo vi-a a andar pelo corredor…
Larry: Sim, tem mesmo.
Participantes: [Riso]
Lily: …vi-a na plataforma.

Ros: [A rir] Olhe, vou ter de ter cuidado!
Lily: Mas o meu marido, está a ver — claro, agora está aqui comigo…
Participantes: Que bom. Que bonito…
Lily: Mas, hum, ele falava dessas reuniões de espíritos.
Ros: E ele costumava ir?
Lily: Bem, foi umas quantas vezes. Tentou levar-me. Eu dizia, 'não, não me vais meter lá. Morria de medo!'
Participantes: [Riso]
Ros: Bem, agora já sabe…
Larry: Agora já sabe melhor.
Lily: Sim, mas não é diferente. Sou exatamente a mesma de sempre. Não mudei nada.
Ros: Bom.
Lily: Sou a mesma pessoa.
Larry: Sim, mas agora compreende mais, não é?
Lily: Bem, compreendo que estou morta.
Larry: Pois.
Lily: E isso não me preocupa.
Participante feminina: Bem, compreende que pode voltar.
Lily: Mas isto de 'falar com as pessoas do vosso lado', eu… sabe…
Larry: Bem, está a fazê-lo agora.
Lily: …não sei se vale assim tanto a pena.
Participantes: Bem… Ah, claro que vale!
Ros: Não tem ninguém a quem queira deixar uma mensagem?
Lily: Nem pensar — não tenho!
Participantes: [Riso]
Larry: Bem, talvez possa ajudar outra pessoa?
Lily: Não tive filhos.
Larry: Bem, talvez possa ajudar outra pessoa?
Ros: Alguns amigos?

Larry: Sim.
Lily: Claro, dizem-me tudo sobre vocês, e isso tudo. Você é médium, não é?

Larry: Bem, tento ser.
Lily: Pois nunca me viu, pois não?

Larry: Não me parece.
Lily: Então porque é que não me vê? Estou aqui. Estou a falar consigo.
Se é médium, porque é que não me vê?
Participantes: [Riso]

Larry: Bem, nem toda a gente é clarividente. Às vezes posso ouvi-la, às vezes posso senti-la. Nem sempre a consigo ver.
Lily: Então não vale grande coisa, pois não!

Participantes: [Riso altos]
Larry: Receio que não. Peço desculpa.
Só posso fazer o que…
Lily: Pois o meu marido dizia-me…
Larry: Sim?

Lily: …ele costumava ir às 'reuniões de espíritos', como eu lhes chamo. E dizia que havia — como é que se chama — clarividentes, ou lá o que é.
Larry: Sim, mas há…

Lily: E que conseguiam ver os espíritos.
Larry: Mas há outras formas de…
Lily: Mas se… se… se são médiuns, deviam ver-me.
Larry: Bem, nem sempre…
Lily: E eu fui àquela igreja não sei quantas vezes. Ninguém me ligou nenhuma!
Participantes: [Riso altos]

Larry: Desculpe, querida. Vai ter de continuar a tentar.
Ros: Vai ter de dar um pontapé no médium, Lil!
Larry: 'Dar um pontapé no médium' ou tentar falar com o médium.
Lily: Eu não percebo isto.

Larry: Bem, às vezes um médium vai…
Lily: Bem, alguns desses médiuns não valem grande coisa, pois não?
Participantes: [Riso]
Ros: Ah, mas valem sim!

Flint: [A rir] Ai meu Deus!
Larry: Tens de perceber, Lily… posso falar contigo um momento?
Lily: Eh?

Larry: Tens de perceber que nem todos os médiuns conseguem ver. Alguns conseguem ouvir e outros conseguem sentir. A comunicação acontece de formas diferentes.

Lily: Não conseguem ouvir coisa nenhuma!
Participantes: [Riso]

Larry: Como?

Lily: Eu gritei.

Larry: Gritaste?

Lily: Ninguém me ouviu. Esta é a primeira vez que consegui passar alguma coisa — e mesmo assim não tenho tanta certeza!
Participantes: [Riso altos]

Larry: Bem, talvez tenhas mais sorte da próxima vez.
Participante feminina: Lil, Lil, estamos a ouvir-te perfeitamente.

Ros: Lembras-te onde costumavas viver?
Larry: Lily… Lily, ainda estás aí?
Lily: Eh?

Flint: [A rir]
Larry: Lembras-te onde costumavas viver?

Lily: O que quer dizer 'onde costumava viver'?
Ros: Quando estavas na Terra.

Larry: Quando tinhas um corpo físico, quando estavas na Terra. Onde vivias?

Lily: Em East End.

Larry: Em East End.
Ros: Estou a ver. E como te chamavas — além de Lil?
Lily: Watson.
Larry: Watson.
Ros: Lil Watson.
Participante feminina: Lil Watson.
Lily: Para que é que querem saber isso tudo?
Participantes: [Todos a falar] Porque estamos interessados… estamos interessados.
Participante feminina: Temos interesse em ti.
Lily: Enfim, o que é que tu és?

Participante feminina: O que sou eu?

Ros: Ela é médium. E muito boa.
Lily: É isso que ela é? Consegues ver-me?
Participante feminina: Não. Não consigo ver-te, mas consigo sentir-te.
Flint: [A rir] Ai meu Deus, ai meu Deus!
Aubrey: A sério?

Lily: Se calhar estou num… não sei.

Participante feminina: Olha, quando aprenderes a comunicar…
Lily: Que diabo é que achas que estou a fazer?

Participantes: [Riso]

Participante feminina: Estás a fazer isso agora. Estás a fazê-lo agora, Lil, mas se é a primeira vez — estás a sair-te muito bem.

Flint: [A tossir] Ai meu Deus!

Participante feminina: Mas percebes…
Flint: [A tossir]
Participante feminina: …nem todos os médiuns veem a mesma coisa. Estamos todos em níveis e

vibrações diferentes.
Lily: E isso faz de mim o quê?
Participantes: [Riso]
Larry: Bem, acho que a primeira vez é difícil e com a experiência vais conseguir fazer melhor da próxima vez.
Lily: Eu não acho que seja difícil, para ser sincera.
Ros: És muito afortunada.
Larry: Ela é muito afortunada.
Lily: Claro, ele diz — o rapaz* — bem, ele não é propriamente um rapaz — ele diz que é porque estou num nível baixo. Que diabo é que ele quer dizer com isso?
*o rapaz = Mickey
Participantes: [Riso]

Aubrey: Eu não sei.

Larry: Quer dizer que tens muito para aprender.
Ros: Não vamos entrar por aí!
Larry: Tens muito para aprender e podes crescer e expandir-te, se quiseres.

Lily: Eu não quero crescer. Eu não quero expandir-me.
Participante feminina: Oh, tens de querer, Lil. Tens mesmo.
Lily: Eu não quero expandir-me.

Larry: Oh, tens mesmo. Há tanto para aprender.
Participante feminina: Tens mesmo.

Lily: O que é que querem dizer com 'expandir-me'?
Participante feminina: Olha...
Larry: Bem, chegar a outros níveis, compreender as coisas de forma mais clara.
Participante feminina: Ir para uma luz cada vez mais brilhante.

Ros: E ajudar pessoas do outro lado, como tu.
Lily: Bem, eu não estou miserável. Não estou infeliz.
Ros: Não parece nada.
Lily: Estou bastante bem onde estou, contente com o que tenho.
Participantes: [Todos a falar ao mesmo tempo]

Participante feminina: Mas não queres ficar... não queres ficar sempre no mesmo lugar, queres avançar e progredir. Olha a ajuda que podes dar às pessoas na Terra, assim como noutros planos. Há imensas coisas que podes fazer.

Lily: Tu és um caso sério, não és?
Ros: Estás a divertir-te, Lil?
Lily: O que é que quer dizer?

Ros: Perguntei se estás a divertir-te.
Larry: Estás feliz onde estás?

Lily: Não estou miserável, não estou infeliz.
Ros: Ótimo.
Lily: Mas, sabes, é engraçado para mim... Sabes, eu não estava muito entusiasmada para voltar e isso tudo, mas, hum, disseram-me que...

Participante feminina: Então porque voltaste?
Lily: ...disseram que podia voltar e eu...
Ros: Então pensaste em tentar?

Participante feminina: Bem, saíste-te muito bem, saíste-te maravilhosamente.
Lily: Bem, não parecem gostar muito de mim!
Participantes: [Todos ao mesmo tempo] Oh, gostamos sim!
Flint: [A rir]

Larry: Estamos muito contentes por te ter aqui.

Ros: Claro que gostamos de ti.

Participante feminina: Lil, posso fazer-te uma pergunta?

Lily: O que é que queres então? O que queres saber?
Participante feminina: Tiveste filhos quando estavas no plano terrestre?

Lily: Já disse que não tive filhos. Eu...
Participante feminina: Não tiveste nenhum?
Lily: Não, não. Também não os quero.

Ros: Bem Lil, tenta...
Lily: Graças a Deus que não os tens aqui!
Flint: [A rir]

Ros: Tenta... tenta passar outra vez na nossa igreja.
Lily: Eh?

Ros: Tenta passar outra vez na nossa igreja. Quando tivermos lá um médium, tenta passar.
Lily: Bem, eu já lá estive várias vezes e...
Ros: Bem, tenta outra vez, percebes?
Lily: ...ninguém me ligou nenhuma.

Ros: Tens de persistir.
Larry: Bem, talvez tenhas passado...
Flint: [A fungar]

Larry: ...e, hum, ninguém... ninguém na... na, hum, congregação te reconheceu?
Participante feminina: Lil?

Larry: Sabes, o elo tem de ser estabelecido.
Participante feminina: Lil, posso fazer-te outra pergunta?
Lily: Eu não sei, de certeza...
Participante feminina: Ouve, Lil, quando estavas no plano terrestre... Estás a ouvir-me?

Larry: Ela está provavelmente...
Participantes: [Todos a falar]
Larry: Foi uma experiência maravilhosa.
Aubrey: Foi invulgar. Céus!
Participantes: [Todos a falar]

Mickey: Tenho de interromper. Peço imensa desculpa por isso…
Participantes: [Todos ao mesmo tempo] Está tudo bem…
Mickey: …mas, hum, ela não é má pessoa, mas é muito materialista e muito… bem, ela… ela… ela…
Larry: Ela precisa de ajuda, Mickey.

Ros: Nós gostámos.

Larry: Gostámos de a ajudar e ajudá-la a aprender.
Mickey: Ela é terrivelmente… bem… não é infeliz, claro, no ambiente dela, mas… ela agarra-se muito às coisas materiais e agarra-se à Terra e…
Larry: Pois.

Mickey: Ela parece confusa porque ninguém quer, bem, fazer contacto, sabes.
Participante feminina: Bem, vamos enviar pensamentos por ela, Mickey.

Mickey: Mas ela parece muito irritadiça às vezes. Eu não sei o que se passa com ela.
Participante: [A rir]

Mickey: Ela diz que já foi a reuniões e ninguém lhe liga nenhuma e…
Larry: Bem, isso é invulgar.
Mickey: …ela acha isso muito estranho.
Participante feminina: Bem, suponho que há…
Mickey: Acho que o marido dela teve alguns problemas com ela.
Participantes: [Todos a rir]

Flint: [A rir] Ai meu Deus!
Ros: Ela diz que estão juntos, de qualquer forma.

Mickey: Sim, estão juntos, mas isso não quer dizer que, só porque as pessoas estão juntas [que] estejam necessariamente…

Larry: Que estejam felizes.

Ros: Felizes.

Mickey: Eles não estão infelizes nem nada disso. Acho que estão a tentar ajudá-la, mas ela… ela não é má pessoa nem nada disso.
Larry: Pois.

Participante feminina: Pois.
Mickey: Ela é só, hum… bem… [a rir]
Ros: Parece ser uma senhora muito simpática.
Voz: Lamento muito. Deve ser uma grande desilusão por vezes. Mas, dadas as circunstâncias, fizemos todos os esforços…
Larry: Sim, fizemos…
Voz: Talvez noutra altura…
Ros: Obrigada.
Voz: …tenhamos mais sucesso. Receio que a nossa amiga tenha tomado conta de tudo. Não era nossa intenção. Na verdade, estamos a tentar ajudar a senhora em questão.
Larry: Sim.
Voz: Ela não é uma má pessoa, claro, mas está muito presa a pensamentos materiais [e] agarra-

se à Terra. Não é exatamente uma pessoa infeliz e estamos a fazer tudo o que podemos para a ajudar, para que, de certa forma, se desprenda dos pensamentos e condições materiais. E, sem dúvida, acabará por… bem, deixar para trás todas essas coisas materiais. Infelizmente, hoje foi extremamente difícil, de facto. O médium, obviamente, não está em condições ideais, mas não queríamos desiludir-vos…
Participantes: [Todos ao mesmo tempo] Obrigado…
Voz: …mas fizemos o nosso melhor, por isso temos de ir. Mas o meu amor e bênçãos. Que Deus esteja convosco.
Larry: Obrigado.
Voz: Adeus.

Ros: Muito obrigada.

Participantes: [Todos ao mesmo tempo] Adeus.
Mickey: Tenho de ir.
Larry: Obrigado, Mickey

Participantes: [Todos ao mesmo tempo] Obrigado, Mickey.
Mickey: Gostava de ter feito muito mais e gostava de ter ajudado a Sra. Moore e isso — bem, gostava de ajudar toda a gente — mas enfim, não foi fácil, mas não vos queria deixar ficar mal, [mas] o velho Flint, sabem, está adoentado. Enfim, adeusinho.
Participantes: [Todos ao mesmo tempo]
Adeusinho, Mickey! Obrigado!
Flint: Vamos lá a ter menos do 'velho Flint'!

FRED
17 de Outubro de 1984
"Isto de estar morto… uma grande treta. Eu não estou morto…"
Fred é direto, terra-a-terra e não evoluiu muito — mas diz a verdade tal como a vê. Alistou-se no exército para fugir da mulher e, em 1943, Fred morreu num acidente de viação súbito. Diz que nunca tinha conseguido passar para um médium antes e fica chocado ao descobrir que passaram 40 anos desde a sua morte.
Mickey pede desculpa pela forma brusca de Fred, depois outro comunicador explica que almas presas à Terra, como Fred, podem muitas vezes ser ajudadas por grupos de estranhos…
"O vosso amor por nós… é a ponte entre os dois mundos."
Participantes:
Mrs Eade, A.G. Chattell, Robert Kennedy, Leslie Flint.
Comunicadores:
Fred, Mickey, Francês, Mickey.

Flint: [Esta sessão] foi gravada no dia 17 de Outubro de 1984, médium Leslie Flint.
Fred: Não foi culpa minha…
Flint: Quem é?
Participante masculino: Hã!
Participante feminina: Olá…
Participante masculino: O que é que não foi culpa tua?
Fred: Parvos do caraças!
Participante feminina: Oh!
Flint: Oh! Quem é? Ai meu Deus! Ai meu Deus… [Risos]
Participante feminina: Alguém está aborrecido com alguma coisa…
Participante masculino: Ai meu Deus…
Fred: Não foi nada culpa minha.

Participante feminina: O que é que não foi culpa tua?
Fred: Dizem que foi tudo culpa minha. Não foi nada culpa minha. Parvos do caraças.
Flint: Ai meu Deus!
Mickey…? Ai meu Deus. [Risos]
Fred: Sempre fui cuidadoso. Sempre tive um medo do diabo do trânsito para ser atropelado, mas aqueles parvos vieram por aquela curva, não sei de que maneira!
Participante masculino: Ai meu Deus…
Participante feminina: Foste atropelado?
Fred: Disseram que foi culpa minha; que me meti à frente.
Participante masculino: Ai meu Deus…
Fred: O que é isto então?
Participante masculino: Estás bem agora?
Fred: Estou bem. Sim. E vocês?
Participante masculino: Eu estou bem, obrigado.
Fred: Claro, vocês estão no mundo dos vivos, não estão?
Participantes: Sim.
Fred: Pois eu também estou, de certa forma.
Participante masculino: Sim, também estás.
Participante feminina: Sim, supostamente devias estar melhor.
Fred: Eu não percebo nada disto dos fantasmas.
Participante feminina: "Hood business"?
Fred: Negócio de fantasmas.
Participantes: Ah, negócio de fantasmas!
Participante feminina: Bem, nós não olhamos para ti como fantasma.
Participante masculino: Não.
Fred: Não percebo isto.
Participante feminina: Bem, pede a alguém que te ajude.
Fred: Nunca acreditei nesta coisa de fantasmas. Ouvi falar disso.
Participante feminina: Estás feliz agora?
Fred: Eu costumava dizer 'quando morres, morres'.
Participante feminina: Não, não morres.
Fred: E aqui estou eu. Não percebo isto.
Participante feminina: Não ficas contente?
Fred: Bem, não sei quanto a isso. Preferia estar aí convosco.
Participantes: Preferias?
Fred: Para comer uma bela refeição! [Risos]
Participante feminina: Mas agora já não precisas de comer, pois não?
Fred: Eu não sei. Não sou exatamente o que se chama infeliz, mas também não estou… em delírio.
Participante feminina: Ah!
Participante masculino: Ainda estás um bocado confuso?
Fred: Isto de estar morto. Uma grande treta — eu não estou morto.
Participante masculino: Não, claro que não.
Fred: Estou muito mais vivo que alguns de vocês! [Risos]
Flint: Ai meu Deus!
Fred: Quem é aquele magricela? Quem é ele?
Flint: Ai meu Deus, ai meu Deus!
Participante feminina: Qual deles?
Participante masculino: O Robert — deve ser…
Robert: Sou eu, sim.
Participante masculino: Ah, és tu, Robert.
Fred: Ah, é ele, o que está com a japonesa então.

Robert: Sim, é verdade.
Fred: Oh céus! [Risos]
Fred: Já tive que chegar para elas quando estava do vosso lado.
Participante feminina: Oh!
Fred: Eh pá, livra os corvos de passar fome*! Eu estive no exército, sabes.
(*expressão de espanto)
Participante masculino: Ah.
Fred: Ai meu Deus, ai meu Deus. Ah bem. Suponho que não se deve ter maus sentimentos nem nada.
Participante masculino: Não se deve.
Fred: Mas é do caraças não ter, pá.
Participantes masculinos: Pois, pois, pois...
Fred: A minha mulher... bem, a parva da velha. [Risos]
Fred: Enfim... nunca nos demos lá muito bem.
Participante masculino: Onde vivias quando estavas aqui?
Fred: E o que é que isso te interessa? [Risos]
Flint: [A rir] Ai meu Deus!
Participante feminina: Só para sermos amigáveis.
Participante: Pois.
Participante masculino: Só curiosidade.
Fred: Não vos percebo, Espiritualistas.
Flint: Ai meu Deus, ai meu Deus. [Risos]
Participante feminina: Não parece que queiras perceber.
Fred: Bem, não é bem isso, mas sinto-me como o Peter Pan na Terra do Nunca.
Participantes: Ah!

Fred: Nem no vosso mundo, nem neste.
Participante masculino: Bem, vais ficar bem... provavelmente quando te habituares...
Fred: Tenho andado a ir a essas reuniões de fantasmas — velhos parvos e mais nada.
Participante feminina: Porque é que não pedes a alguém para...
Fred: Dizem que veem coisas. Não veem coisa nenhuma! Fui a uma igreja espiritualista outro dia. Uma velha parva qualquer estava lá na plataforma a dizer que via isto e aquilo. Eu estive lá de mãos no ar... [Risos]
Fred: ...ela não me ligou nenhuma. [Risos]
Fred: Não acho que tenha visto nada. Não percebo nada deste negócio de fantasmas.
Participante feminina: Se calhar não estavas na mesma sintonia dela?
Fred: Nem queria estar, a julgar pela cara dela. Não é o meu "chávena de chá" — toda arranjada até mais não com uma peruca, os olhos todos pintados de azul. Cor! Livra os corvos — quem é que havia de querer ir para a cama com ela? [Risos]
Flint: [A rir] Ai meu Deus!
Participante feminina: Bem, ao menos animaste a nossa tarde!
Fred: Não percebo nada disto dos fantasmas. Não estou exatamente miserável. Mas também não estou propriamente... feliz. É como se não pertencesse a lado nenhum agora.
Participantes femininas: Oh, céus! Parece que precisas de uma ajudinha.
Fred: E quanto à velha, bem... não quero estar com ela. Já era mau o suficiente estar com ela quando estava aí convosco. Deixava-me maluco, deixava. Cor, céus, céus! Ela dava-me uma vida... eu até estava contente, de certa forma, por estar no exército, longe dela.
Participante masculino: Ai céus! Suponho...
Fred: Bem, sabem como é. Pões uma rapariga na sarilhos, tens de casar. Suponho que é tudo uma... bem, esqueçam lá isso. Não percebo nada disto dos fantasmas.
Participante masculino: [Tens] alguém aí do teu lado com quem sejas amigo?
Fred: Bem... um ou dois deles.

Participante masculino: Pois...
Fred: Mas parecem estar todos bem instalados.
Participante masculino: Ah é?
Fred: Pois. Não me perguntes porquê.
Participante masculino: Ah.
Fred: É da religião, se queres saber.
Participante feminina: E a tua mãe e o teu pai? Estão aí?
Fred: Ainda não os vi.
Participante masculino: Não?
Fred: Devem andar por aí, suponho.
Participante feminina: Pede para os veres.
Fred: Se calhar não querem... eu não sei.
Participante feminina: Devias pensar um bocado neles.
Participante masculino: Sim. Pensa neles...
Fred: Dizem que é tudo culpa minha.
Participante feminina: Bem, se calhar é.
Participante masculino: Se pensares neles, meu amigo, provavelmente vão captar o teu pensamento e vêm ter contigo.
Fred: Se calhar não querem.
Participantes: Oh... se calhar querem...
Fred: Dei-lhes muita dor de cabeça quando era miúdo, sabem? Sempre metido em sarilhos, eu era.
Participante masculino: Pois, estou a ver.
Fred: Suponho que só me posso culpar a mim próprio. Dizem que tenho de resolver, como é que se chama — salvação? Eu pensava que Jesus é que tinha tratado disso por nós? Não fez nada por mim.
Participante feminina: Bem, tem de ser dos dois lados.
Participante masculino: Ah não. Não, isso é...
Fred: Tinha uma parente minha. Ela era do Exército de Salvação*. Ai céus! Ela deixava-os malucos. Costumava ir lá algumas tardes para o chá — sentava-se lá com o raio do chapéu dela! Cor, céus, céus... ela tentava salvar toda a gente, tentava.
(*Sally Army = Exército de Salvação) [Risos]
Fred: Mas a mim não me salvou... bem que tentou. Se teria ficado melhor se tivesse sido salvo, não sei.
Participante feminina: Como tu dizes, se calhar nem querias ser salvo?
Fred: Salvo de quê? Salvo de quê?
Participantes: Pois... boa pergunta.
Fred: Bem, suponho que é melhor ir andando. Senão ainda me vou lixar! [Risos]
Participantes femininas: Bem, anima-te, amigo. Esperamos que animes.
Participante masculino: Desejamos-te tudo de bom, amigo.
Participante feminina: Anima-te!
Fred: Isso é muito simpático da vossa parte.
Participante masculino: Mandamos-te os nossos melhores desejos.
Fred: O que é isso que eu ouço — fazem estas reuniões e sentam-se de mãos dadas?
Participante feminina: Bem, é mais ou menos isso que estamos a fazer agora.
Participante masculino: Bem... sim. É esse tipo de... de coisa que estamos a fazer neste momento. É por isso que estás a falar connosco.
Fred: E isso serve para quê?
Participante masculino: Bem, podes falar connosco, não podes? A ideia... a ideia é, se conseguirmos que pessoas como tu consigam passar e falar connosco, percebes? Podemos ter comunicação em duas vias entre o vosso mundo e o nosso. Percebes?
Participante feminina: Um dia vamos juntar-nos a ti, no teu mundo.

Participante masculino: Ah pois é.
Fred: Avisem-me quando vierem. Eu saio! [Risos altos]
Participante feminina: Bem, muito obrigada por isso de qualquer forma!
Fred: Não. Desculpem lá isso. Quer dizer, tenho a certeza de que vocês são boa gente e tudo isso, mas devo dizer que estou um bocado… bem, não sei.
Participantes femininas: Estás perdido, não estás? Não percebes porque é que nos interessamos?
Fred: Aquele tipo… aquele tipo com a japonesa. Ela é bem jeitosa, se gostarem do tipo.
Robert: Ela está aí hoje?
Fred: O que é que achas? Não podia… como é que havia de dizer alguma coisa se não a tivesse visto, não era? Seu parvo! [Risos]
Robert: É verdade. Tens razão. Tens razão.
Fred: Suponho que estavas apaixonado por ela?
Robert: Bem, isso é verdade.
Fred: Pois, há gostos para tudo, não é? Ah, bem. Suponho que um dia hei-de ficar resolvido.
Participante masculino: Pois.
Fred: Não acho que valha a pena voltar cá.
Participante feminina: Ah, devias.
Participante masculino: É pena.
Participante feminina: Isso ajuda-te, não ajuda?
Participante masculino: Talvez possamos ajudar-te?
Fred: Bem, isso é muito simpático da vossa parte.
Participante feminina: Fizeste amigos, pelo menos, não fizeste?
Fred: Alguém disse-me… disse-me que eu era — como é que se diz — preso à Terra?
Participante feminina: Pois.

Fred: Bem…
Participante feminina: Não queres deixar a Terra…
Fred: Nem estou aqui nem estou ali. Posso aproveitar o melhor dos dois mundos.
Participante masculino: Talvez, se pensares em alguém de quem gostavas muito deste mundo, essa pessoa venha ter contigo e te ajude.
Fred: Oh, eu gostava de imensa gente. Não me percebam mal…
Participante masculino: Não, não. Mas se tu…
Fred: Houve muitas pessoas de quem eu gostava muito. Mas, hum…
Participante masculino: Se… se pensares em alguém agora, pode ser que venha ter contigo e te ajude.
Fred: Ah, é?
Participantes: Sim!
Participante feminina: Experimenta.
Fred: Ah, já tive um ou dois a pregarem-me, sabes? Bons tipos e isso tudo — a quererem ditar as regras; a dizerem que dependia de mim, que eles não podiam fazer por mim — eu é que tinha de tratar da minha própria salvação. Bem, já tive que chegar daquela nossa parente e daquela treta da salvação!
Participante masculino: Pois.
Fred: Sabes, ela pregava. Cor, livra os corvos! Costumava vir tomar chá à tarde e começava logo. Cor, eu saía dali. Não ia nessa conversa. Acho que cada um é responsável pela sua vida e pelos seus erros.
Participante feminina: Isso mesmo.
Fred: Ninguém te vai salvar. Tens de trabalhar nisso tu mesmo.
Participante masculino: Isso é muito certo, amigo. Muito certo.
Participantes: Sim… isso é verdade.
Fred: Enfim, a julgar por algumas das pessoas que conheci aqui… meu Deus! Se eu contasse;

alguns dos religiosos… percebo que… bem, podia ficar a falar disto, mas levaram-me uma vez a um sítio onde eram todos religiosos. Cor, livra os corvos! Cor, céus, céus! 'Louvado seja o Senhor' isto, aquilo e o outro, mas isso… [Interrupção na gravação]
Fred: …não serviu de grande coisa.
Participante feminina: Pois não.
Participante masculino: Não. É o que fazes na Terra que conta. Quem é que ajudas.
Fred: Tu és um caso sério, és. O que fazes da vida?
Participante masculino: [A rir] Não é grande coisa, digo-te já. Trabalho com filmes de vídeo.
Fred: Com o quê?
Participante masculino: Filmes de vídeo.
Fred: Que raio é isso?
Participante masculino: Ah, é tecnologia moderna, percebes.
Fred: Ah, já é depois do meu tempo então… depois do meu tempo.
Participante masculino: Pois.
Participante feminina: Há quanto tempo estás aí?
Fred: Ah, não sei. Que ano é?
Participante masculino: '84.
Participante feminina: 1984.
Fred: Cor, céus! É?
Participantes: Sim!
Fred: Não. Não pode ser. É?
Participantes: Sim.
Participante masculino: Sim, 1984.
Participante feminina: A sério.
Fred: Deus me livre! Estão a brincar?
Participantes: Não!
Participante masculino: Não, não. Deste lado, [é] 1984. É isso mesmo.
Participante masculino: Qual era o ano quando passaste?
Participante feminina: Qual é o último ano de que te lembras?
Fred: 1943, acho eu.
Participante feminina: A sério? Oh!
Participante masculino: '43?
Participante feminina: E como te chamas, já agora?
Fred: Freddy.
Participante feminina: Freddy. Ah, vamos lembrar-nos disso.
Participante masculino: Está bem, Freddy.
Participantes femininas: Vamos enviar-te o nosso amor. Sim.
Participante masculino: Desejamos-te tudo de bom.
Fred: Mas claro, eu não percebo nada desta coisa do tempo.
Participante masculino: Pois. Nós… nós também não percebemos bem, mas pelos vistos aí não há tempo.
Fred: E então… vocês sentam-se aqui sempre?
Participante masculino: Bem, nós vimos…
Participante feminina: Uma ou duas vezes por ano juntamo-nos.
Participante masculino: Vimos quando podemos.
Fred: Oh céus! Uma ou duas vezes por ano?
Participante feminina: Bem, temos de vir de longe.
Fred: Eu é que tenho de vir de mais longe que vocês! [Risos]
Flint: [A tossir alto]
Participante feminina: Bem, só tens de pensar nisso e já estás, não é?
Fred: Não percebo isto.
Participante masculino: Pois não.

Fred: Não percebo isto.
Participante masculino: Não consegues pensar num amigo com quem te davas bem, Freddy?
Fred: Oh, dava-me bem com muita gente…
Participante feminina: Então pensa neles.
Fred: …sobretudo com os rapazes da… da unidade.
Participante masculino: Consegues… consegues pensar… pensar em alguns que estejam do teu lado agora?
Fred: Sim. Bastantes dos rapazes da unidade, eu dava-me bem com eles…
Participante masculino: Eles estão aí algures.
Participante feminina: Pensa neles. Pode ser que venham ter contigo e te ajudem.
Fred: Claro, eu gostava muito de ir ao cinema, sabes.
Participantes: Pois.
Fred: Gostava muito disso, nos velhos tempos.
Participante feminina: Não há mal nenhum nisso, pois não?
Participantes: Não. Não.
Fred: Gostava do órgão e disso tudo. O velho Wurlitzer e tal.
Participantes: Ah pois. Pois sim.
Participante masculino: Já não fazem isso agora, Freddy.
Fred: Não fazem o quê?
Participantes masculinos: Ter o órgão no cinema. Já não tocam isso.
Fred: Não?
Participante masculino: Não. Muitos dos cinemas…
Fred: Bem, é melhor eu ir andando senão ainda me meto em sarilhos.
Participante feminina: Porquê?
Fred: Mas, hum… sabem, vocês não querem estar a ouvir-me. Quer dizer…
Participante feminina: Queremos.
Participante masculino: Não nos importamos de ouvir… não nos importamos de ouvir…
Fred: …eu não percebo isto. Mas está aqui uma data de gente. A sério! Parece um jogo de futebol! [Risos]
Participante masculino: De qualquer forma Freddy, por favor pensa num amigo teu e ele virá ter contigo.
Fred: Está bem. O que é que estão a tentar fazer — salvar-me?
Participantes: Não, não, não!
Participante masculino: Só… só tu é que podes fazer isso, Freddy.
Flint: [A fungar]
Fred: Bem, eu sei disso. Já percebi isso. Mas estou bastante bem, de certa forma, como estou, sabem. Tenho a minha vida aqui, de certa maneira…
Participante feminina: Vem ver-nos para o ano.
Participante masculino: Mas se conseguires encontrar-te com um amigo, Freddy, provavelmente vais ficar muito mais feliz.
Fred: Não se preocupem. Tenho alguns amigos aqui…
Participante masculino: Isso é bom.
Fred: …pessoas que conheci.

Participantes masculinos: Pois. É isso.
Fred: Mas eles estão mais ou menos "no mesmo barco" que eu, acho eu, de certa forma. Bem, se calhar estão um bocado melhor que eu. Não sei.
Participante masculino: Bem, pode ajudar-te a progredir, de qualquer forma.
Participante feminina: Acho que as coisas vão melhorar.
Fred: Aquela japonesa pequenina, é uma coisinha jeitosa, se gostam do tipo.
Participante feminina: É?
Fred: Pois.

Robert: Muito obrigado.
Participante masculino: Isso agradou ao Bob.
Robert: Bem, deixe-me dizer, as senhoras não foram responsáveis pela guerra. Eu compreendo este problema que tens, mas só posso dizer que, sabes, as senhoras não foram responsáveis pela guerra. É um país de homens, os homens tomaram todas as decisões, por isso a minha mulher, na verdade, não teve responsabilidade nenhuma.
Fred: Não, não estou a dizer nada da tua senhora, amigo. Mas se és estúpido ao ponto de pensar que as mulheres não têm uma grande influência no que se passa, então vê lá. Há sempre uma mulher por trás de um homem. Cor, livra os corvos! Podia contar-te muita coisa sobre a minha velha. Se eu não me tivesse livrado… bem, eu fui-me embora. Foi a única solução. Foi… quero dizer, foi um inferno. Quero dizer, ela é que mandava lá em casa, ou pensava que mandava. Cor, livra os corvos! Ela deu-me um… bem, fiquei aliviado por entrar para o exército — para me ver livre daquilo.
Participante masculino: Pois.
Fred: Suponho que se tens a sorte de encontrar a pessoa certa, a história é outra.
Participante masculino: É isso que conta, sim.
Fred: Mas ela era uma… bem. Cor, livra os corvos! Claro que tive de casar. Não tive grande escolha.
Participante feminina: Mas isso agora já passou, não é?
Fred: Graças a Deus que passou, isso é que… Bem, suponho que a culpa é minha. Eu era… bem…
Participante masculino: Pois. Não podes propriamente culpar mais ninguém, pois não?
Fred: Bem, podes, mas, hum…
Participante feminina: Podes tentar. [Risos]
Fred: És um caso sério, és! Claro que provavelmente és casado e feliz. Essa é a tua senhora, não é?
Participante masculino: É.
Fred: Tem ar de ser sensata.
Participante masculino: Ah, é sim.
Participante feminina: Espero bem que sim.
Flint: Huh!
Fred: Enfim, é melhor ir andando.
Participante feminina: Foi bom falar contigo.
Fred: Enfim, tudo de bom.
Participantes: Tudo de bom para ti!
Participante masculino: E para ti também, Freddy.
Participante feminina: Vamos lembrar-nos de ti.
[Interrupção na gravação]
Participantes: Está tudo bem, Mickey. Está tudo bem.
Mickey: Mas pensei que pudéssemos ajudá-lo.
Participantes: Pois.
Mickey: Porque ele não é má pessoa, na verdade.
Participante masculino: Parece ser um personagem, Mickey.
Mickey: Mas ainda vive muito no passado, de certa forma.
Participante feminina: Sim, vive.
Mickey: Ainda está muito agarrado a pensamentos materiais.
Participante masculino: Sim, sim.
Mickey: Desculpem lá aquela coisa dos japoneses, hum… quero dizer, ele claramente, hum… bem, ele tem um problema com a guerra, percebem.
Robert: Eu compreendo isso muito bem, Mickey.
Participante feminina: Acho que ele não sabia melhor, coitado.
Mickey: Pois, provavelmente não.
Participante masculino: Mas achas que o ajudámos?

Mickey: Acho que sim, pode ser que tenham ajudado, sim.
Participante masculino: Ah, ótimo.
Participante feminina: Esperemos que sim.
Mickey: Mas sabem, muitas pessoas, podem ser ajudadas até certo ponto, mas têm de se ajudar a si próprias, não é?
Participante feminina: Claro.
Participante masculino: Exatamente.
Participante feminina: Pois. [Interrupção na gravação]
Francês: É, hum… sempre um certo problema para algumas pessoas. Eu sei que, hum, deve parecer-vos às vezes muito estranho. Como é que, hum, um completo estranho, que não tem ligação nenhuma convosco, pode vir e falar, alto, claro; com uma personalidade tão parecida com o que era quando estava na Terra.
E vocês perguntam-se porque é que, hum, quando alguém talvez muito próximo, muito querido para vós, alguém que amam — a razão, sem dúvida em muitos casos, sabem, por que fazem um grande esforço para estabelecer contacto com essa pessoa e essa pessoa talvez não consiga ou não diga nada. Deve parecer-vos às vezes algo muito estranho.
E sabem, há uma verdade. É o amor que nos faz voltar para vós. O nosso amor por vós e o vosso amor por nós, que é a ponte, por assim dizer, entre os dois mundos. Mas isso não altera o facto de que sabem, há certos momentos em que, para algumas pessoas, é difícil, ficam muito emocionadas, ficam muito excitadas, hum… provavelmente preparam-se antes de vir.
Quando têm a oportunidade, dizem a si próprias, como vocês diriam 'Ah, se tiver oportunidade de dizer algo, vou dizer isto, vou dizer aquilo', sabem. Mas com a emoção do momento e o esforço que tem de ser feito para superar as dificuldades de comunicação, tudo parece muito mais complicado e difícil, e o lado emocional delas… porque também a emoção que sentem por elas, às vezes torna tudo ainda mais difícil.
Agora, o homem que vos falou, ele era uma pessoa estranha, de certa forma. Ele não tinha de se preocupar muito, hum, em comprometer-se de qualquer maneira. Estava cheio de si, talvez a dar a impressão de que não se importava muito, mas, hum, acho que é uma alma que precisa de assistência e ajuda e… bem, às vezes trazemos pessoas que sabemos que precisam de ajuda.
Sabem, podem pensar que isto é muito estranho, mas às vezes sabem, como estão do lado material da vida e têm conhecimento destas coisas, às vezes — não sempre, mas às vezes — porque certas pessoas, como este homem, estão tão perto da Terra — de certa forma, estão mais perto de vós e vocês podem talvez ajudá-los.
Talvez não se apercebam disto, mas quando têm os vossos círculos e se juntam, às vezes várias almas são trazidas para receber ajuda. São-lhes dadas compreensões sobre a vida e a morte e a comunicação e tudo o resto. Mas acho que o ajudaram. Talvez ele ainda não compreenda totalmente, mas há-de compreender.
Estarem aqui hoje, individualmente e em conjunto, é algo maravilhoso. Eu sei que só se veem, hum, uma ou duas vezes por ano, o que quer que seja, sabem. Vêm de longe, hã? Mas, mesmo assim, juntam-se em amor, em harmonia.
Cada um de vós tem vontade de servir, de alguma forma. Estão dispostos a dar de vós, a curar os doentes e os que sofrem, se possível. Não necessariamente sempre pela imposição das mãos, mas pela mente e pelo espírito. E outros, claro, têm o poder — como de facto todos têm o poder — de desenvolver os dons do espírito, sabem?
Cada um de vós tem o poder do espírito dentro de si, e quando têm um pequeno círculo ou grupo, muitas almas são atraídas…

Participante: [A tossir]

Francês: …para vos ajudar. Cada um de vós está a servir. Cada um de vós, de uma forma ou de outra, está a fazer o trabalho do espírito. Não devem desanimar. Não devem ficar abatidos, sabem, porque às vezes, talvez, as coisas não pareçam correr exatamente como esperavam, hã?

Mas cada um de vós está a ser abençoado. Cada um de vós está a ser ajudado. E de uma forma ou de outra estão a ser guiados. E eu sei que têm um círculo com o Sr. Eade, mas têm um grupo muito unido — pequeno embora seja…
Participante feminina: Sim.
Francês: …mas há grande energia…
Participante feminina: Sim.
Francês: …grande poder e muito amor. E eu sei que cada um de vós nesse grupo está a desenvolver-se e a dar o seu contributo, e haverá algumas reservas, que eu acho que a seu tempo vos vão surpreender muito.
Participante feminina: Obrigada.
Francês: Não devem desanimar. Digam-lhe que enviamos os nossos melhores votos para ele. Lamentamos que ele não tenha podido vir hoje. Mas deem-lhe a nossa bênção, hã?
Participante feminina: Sim, obrigada.
Francês: Conseguem ouvir o que digo?
Participante feminina: Sim, perfeitamente. Obrigada.
Francês: Bem, quando eu estava do vosso lado eu… eu tinha conhecimento deste assunto, até certo ponto, mas não tanto quanto gostaria, mas mesmo assim fui muito afortunado.

Sabem, gosto de sentir que deste lado posso ajudar… hum, claro, sabem, há limites talvez, de certa forma, suponho. Não sei — talvez não haja limites, quem sabe? Mas nem sempre é fácil quebrar a barreira entre os dois mundos. Mas, hum… as condições que existem quando se juntam em harmonia e amor; muitas coisas são possíveis.
Fizeram mais hoje, talvez, do que reconhecem. Deram amor, claro, como sempre fazem. E aceitaram quem quer que viesse, mesmo que não fosse alguém ligado ou relacionado convosco. E deram uma receção calorosa ao senhor que… bem, ainda não progrediu muito, mas há-de progredir. Há-de progredir.
Ele nem sequer percebia exatamente há quanto tempo estava, como vocês dizem, 'morto'. O tempo é uma ilusão, sabem, para nós. Não temos o relógio. Não marcamos o tempo pelas estrelas, pela lua ou pelo nascer do sol, como vocês entendem. Vivemos num mundo que é, hum, em certos aspetos não muito diferente do vosso.
Mas se pudessem tirar do vosso mundo todas as coisas feias e tudo o que cria angústia e infelicidade. Se pudessem guardar apenas as coisas belas, as coisas que valem a pena, as coisas que são verdadeiramente do espírito, a beleza e tudo o que vos dá tanta alegria; como a natureza, as árvores, as florestas, as montanhas, os mares, a água, todas as coisas… flores, pássaros… Nós também temos essas coisas.

Essas são as realidades, mas são apenas uma fração do que temos. Temos o reflexo ou, talvez deva dizer, vocês é que têm o reflexo.
Participante: Mmm…
Francês: Mas sabem, não precisam ter medo, nem dúvidas. Está tudo bem. Ninguém se perde. Mesmo o nosso amigo que veio ter convosco, sem perceber muito bem ainda. Ele não está perdido. Vai ficar cada vez mais consciente das realidades e das belezas. Vai ser ajudado e consolado. Enfim, temos de ir num minuto, mas quero apenas que saibam que estamos convosco, não muito longe, a ajudar-vos em tudo o que pudermos. Se alguma vez precisarem de alguma coisa — embora não possamos sempre cumprir, talvez, algumas coisas que gostaríamos de cumprir — faremos o que pudermos para vos ajudar. Nem sempre é fácil fazer as coisas de forma material, mas mesmo assim, há momentos em que têm os vossos problemas e complicações e, se pudermos ajudar de alguma forma, ajudaremos. Mas o nosso maior interesse está nas coisas que são verdadeiramente do espírito. Continuem juntos em amor e harmonia. Saibam que estão a ser guiados, ajudados e elevados. E muito dependerá, claro, obviamente, de vós próprios, mas há grande possibilidade.

Digam ao nosso amigo, que não está aqui connosco, que enviamos a nossa bênção [para ele]. Lamentamos que não tenha podido vir.
Participante feminina: Sim.
Francês: Mas enviamos a nossa bênção e saudação. Agora temos de ir, mas o meu amor e que Deus esteja convosco. Au revoir.
Todos os participantes: Au revoir. Muito obrigado. Adeusinho. Adeus.
Mickey: Tenho de ir.
Participantes: Oh! Deus te abençoe.
Participante masculino: Que pena.
Participante feminina: Obrigada, Mickey.
Mickey: Pois. Não posso fazer nada.
Participante feminina: Não vou cantar mais.
Mickey: Oh, eu estava só a brincar contigo. Quer dizer, não pretendes ser cantora.
Participante feminina: Pois não.
Mickey: E fizeste-o de bom coração, não fizeste?
Participante feminina: Porque queria que viesses.
Mickey: Pois, bem. Adeusinho.
Todos os participantes: Adeusinho.
Mickey: Tchau. Deus vos abençoe.
Todos os participantes: Adeusinho, Mickey.
Flint: Adeusinho, querido.
Participantes femininas: Deus te abençoe. Adeusinho.

ANDRÉ
"*A cor da pele não faz diferença — vocês são seres espirituais encerrados num corpo mortal*"

Nesta gravação fascinante de sessão, os participantes falam com André, que em vida foi padre católico romano. André fala sobre a centelha Divina que habita em todos nós e sobre as "muitas moradas" do espírito — os muitos planos. Ele discute o poder do pensamento e a intenção por detrás da oração, a comunicação espiritual e a fusão de pensamentos e vibrações. Fala sobre assassinos e pessoas dominadas por influências malignas, que ao morrerem vão para esferas mais baixas, e sobre os perigos de atrair tais almas durante sessões mediúnicas. Por fim, André explica a importância do amor entre os povos, independentemente da cor da pele, e que enquanto as nações não perderem o medo umas das outras e não dissolverem os seus exércitos, haverá sempre guerra...

Participantes: George Woods, Betty Greene, Leslie Flint.
Comunicadores: André, Mickey.

André: O que tenho primeiro de vos explicar, que tenho a certeza de que devem saber, é que há tantos planos diferentes de experiência de vida que, hum, se alguém vos desse apenas uma pequena descrição de uma parte, seria apenas uma ínfima parte do todo.

Woods: Certo.
André: Vejam, cada indivíduo, hum, quando chega aqui vindo do vosso mundo, ele, hum... traz, por assim dizer, apenas o seu próprio carácter e o seu próprio [ininteligível]. E, em consequência, cria para si a sua própria vibração ou condição particular em que vive. O que pode ser familiar e natural, e um 'lugar feliz', se quiserem, para uma pessoa, não seria necessariamente assim para outra.
Cada um vibra numa condição que lhe é mais adequada, com pessoas de natureza semelhante e desenvolvimento semelhante, mas isso não significa necessariamente que, embora seja bom para essa pessoa, seja bom para outra. E em consequência apenas [ininteligível]. Existem tantas

condições diferentes. Por exemplo, suponham que uma pessoa que era árabe partia do vosso mundo, habituada ao seu ambiente e condição normais na Terra — se o colocassem, digamos, numa condição aqui onde teria de viver completamente e absolutamente de forma diferente, hum... ele ficaria perdido. A verdade é que o nosso mundo não é composto, por assim dizer, de um céu só para cristãos ou para pessoas com uma certa forma de pensar ou crença religiosa. O nosso mundo é vasto, tão vasto que não se pode descrever. Acolhe milhões e milhões e milhões e milhões de almas, de todos os graus e classificações.
E há uma fusão geral, mas há, no entanto, uma separação, se posso usar esta expressão. A questão é que o homem encontra para si o seu próprio céu, o seu próprio nirvana, o seu próprio paraíso — ou até, se quiserem, o seu próprio inferno deste lado, de acordo com a sua forma mental, o seu desenvolvimento, o seu carácter e por aí fora. A questão é que quando me perguntam 'como é que é aí?', bem, pode-se dar, num sentido, uma descrição ou esboço vago. Mas o que se dá necessariamente apenas, hum, descreve um certo aspeto da vida, um certo plano, talvez diferente de outro.

Mas o ponto é que temos todas as belezas da natureza, numa perspetiva geral — ou seja, temos pássaros, temos flores, temos árvores. Temos prados verdes, temos rios, temos lagos, temos montanhas. Temos até deserto. Temos todas as diferentes condições da Terra [e] a natureza em todas as suas formas e belezas. Mas tudo aqui é numa escala maior e mais vasta. Temos casas onde vivemos, mas as casas são construídas, por assim dizer, pelas mentes do indivíduo. Mas isso não quer dizer que não sejam construídas, porque são, porque não basta pensar em algo e isso aparece. Se uma pessoa sente que seria feliz numa pequena cabana, então uma cabana pequena é providenciada para essa pessoa, mas só a merece consoante a forma como viveu a sua vida.
Assim, encontram aqui pessoas a viver em casebres, porque as suas mentes ficaram tão mirradas — tão mesquinhos e tão maus foram o seu carácter e temperamento na Terra — que não merecem nada melhor. Portanto, encontram para si uma condição muito, muito pobre. O homem recebe exatamente aquilo que dá. Diz-se na Bíblia, no livro da vida, que se é julgado, [mas] ninguém julga ninguém aqui. Um homem julga-se a si próprio. Tudo o que criou para si, recebe — nada mais e nada menos. Assim, alguns têm lugares lindíssimos onde viver [e] belos mantos para vestir, e grande beleza à sua volta e luz (se posso usar a palavra 'luz do sol') embora não tenhamos sol como o entendem, mas há grande luz.
Para alguns há iluminação, grande luz e grande beleza. Para outros não há grande luz, mas talvez até escuridão. Pois há esferas inferiores — mesmo na Terra, onde as pessoas são degeneradas, onde não houve progresso, mas apenas degeneração. Mas há sempre a oportunidade, digamos, de salvação — ou seja, a pessoa ou indivíduo pode salvar-se. Ninguém o pode fazer por ele. Outros podem mostrar o caminho e tentar erguê-lo da escuridão para a luz. Mas até haver o desejo dentro dele de ganhar conhecimento, experiência e desenvolver-se espiritualmente, hum, nada pode ser feito. A pessoa tem de fazer isso sozinha. Outros podem ajudar, mas não podem fazê-lo por ela. Cada um deve encontrar a sua própria salvação.
E assim é, como digo, há muitas esferas, de acordo com as mentes dos homens. Pois este mundo é um mundo criado pelo pensamento. Embora seja criado pelo pensamento, no entanto, todos os pensamentos e coisas são postos em ação. Assim, uma pessoa aqui que talvez gostasse muito de música, pode fazer música. Pode tocar, se quiserem, piano ou violino ou violoncelo, ou pode tocar outros instrumentos que desconhecem, que estão muito além da vossa ideia de música. Na verdade, aqui não há limites para a música. Os nossos ouvidos estão sintonizados a uma taxa de vibração mais alta, podemos ouvir muito do que vocês não ouvem. Penso que a ciência já vos disse, ou provou no vosso mundo, que há muitas coisas que estão... no ar que não ouvem, porque os vossos ouvidos não conseguem captar essas notas. E assim é aqui.
Estamos numa vibração mais alta, e em consequência muitas coisas que desconhecem, ou não poderiam entender na Terra, são coisas naturais para nós. O nosso problema, quando vimos ter

convosco, é que não sabemos como descrevê-las, pois as palavras são inadequadas. As palavras são feitas para descrever coisas materiais, coisas que vos são familiares e por isso, quando falamos de coisas que vos são familiares, é fácil. Mas quando nos pedem para falar de alguns dos planos superiores, por exemplo, não há palavras para os descrever ou representar. É tudo muito difícil. Mas o que quero que saibam é que a vida aqui pode ser muito bela e maravilhosa, mas depende de vocês!
Ninguém vos pode mudar. Um padre não vos pode tornar diferentes do que são, só porque de repente decidiram aceitar certas coisas e dizem que querem ser 'salvos'. Isso não vos torna melhores, [quando] ainda fizeram 'isto ou aquilo' que está errado. E por isso fica mais, por assim dizer, um registo contra vós na vossa mente.
Podem dizer, 'ah, bem, agora fazemos diferente — temos outros planos — somos pessoas diferentes', sabem, 'a minha vida' e assim por diante. Isso é muito bom e é de louvar, gostamos disso, ajudamo-vos com isso se pudermos. Mas não podem alterar, fundamentalmente, hum... coisas que já aconteceram, mas podem ajudar, por assim dizer, no vosso futuro, a fazer o que é certo e a fazer coisas que ajudem os outros e que, em consequência, vos ajudam a vós. A questão é que tudo é importante. Nada se perde, sabem. Por exemplo, em todo o vosso mundo, se pudessem perceber, na atmosfera está registado tudo o que acontece na Terra. E eu sei que, hum... em certos momentos, certas coisas são regravadas ou 'voltam a acontecer', por assim dizer — ou digamos, pessoas sensitivas conseguem ver, saber e sentir coisas.
Falam de casas assombradas, [mas] não há necessariamente espíritos lá. São apenas condições registadas na atmosfera, que em certos momentos, hum... podem ser captadas ou percebidas [e certos] indivíduos, assim parece, podem ser vistos em certos lugares. Têm casas assombradas, mas não estão necessariamente assombradas pelo espírito que ainda lá está. É apenas o pensamento mental, que foi tão forte no momento em que aconteceu, que se registou na atmosfera e em certos momentos torna-se claro para o olho normal. Uma pessoa pode ver algo, mas isso não quer dizer que o indivíduo esteja presente. É apenas uma condição registada na atmosfera que é captada por um sensitivo. Há tantas coisas que vos temos de contar — mas a questão é saber como vos contar, como encontrar palavras para vos explicar tudo. Vocês estão a procurar, nós estamos a tentar ajudar-vos. Vamos ensinar-vos gradualmente, pouco a pouco — mostrar-vos o que pudermos mostrar. Mas o que quero gravar em vós é que têm tanto dentro de vós que podem expressar.

André: Dentro de vós está o espírito de Deus, dentro de vós está a essência do Divino. Cabe-vos a vós expressá-la para fora, fazer com que as pessoas se tornem conscientes da mudança dentro de vós, para que também a possam ver [e sentir]. Têm uma oportunidade grande e maravilhosa. Nós ajudamos-vos da melhor forma que podemos. Precisamos do vosso amor e da vossa cooperação. Pois o que temos de fazer não é apenas para nós; não somos pessoas egoístas. Estamos aqui para trabalhar na vontade e no caminho de Deus, pelos seus filhos — para lhes mostrar o caminho, para derrubar todas as barreiras que dividem os homens, uns dos outros, por casta, credo, cor e todas as hipocrisias que o homem construiu ao longo dos séculos.
Queremos tornar as pessoas conscientes da sua fraternidade, uns com os outros; que são, de facto, irmãos do Altíssimo — todos filhos da luz. Não precisa haver trevas nos corações e mentes dos homens. Se ao menos vissem dentro de si, como Jesus disse. Ele compreendia estas verdades simples, ele era o 'grande mestre', o 'grande guia', o 'grande messias'...

Participante: [A tossir]
André: Mas ele não veio para um reino terreno. Como ele disse, 'o meu reino não é deste mundo. Eu vou para o meu Pai e preparo um lugar para vós. Mas onde eu estiver, vós estareis também.'
Ele sabia das muitas moradas do espírito — das muitas esferas, dos muitos lares, onde as pessoas se encontrariam, de acordo com o seu desenvolvimento e progresso espiritual.

Encontraram uma grande verdade e essa grande verdade libertou-vos — libertou-vos de todos os laços e de todas as tiranias da Terra e de toda a mesquinhez que encontram entre os homens, que dizem 'este é o caminho certo' e 'aquele é o caminho errado'. Nós sabemos que há apenas um caminho para Deus e vocês encontraram-no. É o caminho verdadeiro.
Mas lembrem-se de que no serviço encontrarão grande alegria e felicidade, pois o serviço é a chave que abre todas as portas e vocês têm as chaves. E podem servir e nós podemos ajudar-vos a servir e podemos trazer-vos uma paz que o mundo não conhece. Podem encontrar a paz que Jesus encontrou — a paz que todos os grandes mestres, todos os grandes videntes e todos os grandes do passado conheceram — a paz que vem de estar em harmonia com o Divino.
Temos tanto para vos dizer, meus amigos. Mas vamos dizer-vos passo a passo. Sejam pacientes. Confiem, acima de tudo, nas coisas do espírito. E saibam que nós, que vimos até vós, vimos por amor para servir, guiar e elevar — a vós e à humanidade.

Todos os participantes: Obrigado — isso é maravilhoso.
Woods: Muito obrigado.
Participante feminina: Posso fazer-lhe uma pergunta, André?
André: Oui, madame. O que é?
Participante feminina: Bem, aquilo que todos mais desejamos para este mundo é paz e fraternidade. E nós, pessoas comuns, parecemos tão fracas e tão inadequadas para... para concretizar isso. Diria que a coisa mais útil é a oração... nesse sentido?
André: A oração é muito importante, mas para entenderem a oração devem perceber que os vossos pensamentos são muito fecundos, são muito reais, muito vitais. Quando enviam os vossos pensamentos, seja para o que for, esses pensamentos, se tiverem sentimento verdadeiro e significado por trás, podem fazer muito. Não digo que as vossas orações possam salvar o mundo de si mesmo — não sugiro isso. Mas o que sei é que se pensarem profundamente e com sinceridade sobre uma coisa ou uma pessoa, ou um grupo de pessoas, ou o que quer que seja, isso pode ter um efeito. Não podem mudar uma pessoa apenas pensando nela, mas podem ajudá-la a mudar-se a si mesma.
Em primeiro lugar, isso tem sempre de vir do indivíduo. Uma pessoa, hum... pode ver algo, mas não podem fazer com que essa pessoa entenda ou valorize isso até que seja despertada por dentro. Todos têm de ser tocados de dentro para fora, têm de ter uma resposta, digamos assim. Têm de responder. Se não responderem, não há nada que vocês ou qualquer outro possam fazer. Quando vimos até vós, por exemplo, tentamos impressionar-vos, tentamos inspirar-vos. Às vezes captam [os nossos] pensamentos e impressões e dizem, 'sinto isto ou aquilo. Sinto isto, sinto aquilo.' Podem nem sempre captar exatamente o que tentamos transmitir, mas recebem uma parte. E em consequência reagem, digamos assim, ao que vos damos.
Por outras palavras, suponho que podem dizer que é uma forma de hipnose. Toda a comunicação, toda a mediunidade é uma forma de hipnose. A pessoa está apenas, digamos, sentada para desenvolvimento e abre o seu coração e a sua mente para as coisas do espírito. Fica, até certo ponto, sob a influência, se quiserem, de outra entidade deste lado — um guia ou controlo ou talvez um parente ou alguma alma que venha para inspirar essa pessoa. E essa pessoa reage sob uma espécie de estado hipnótico — ou estado de transe, se quiserem. Temos esse método de comunicação convosco. Toda a comunicação é um processo mental. Se quiserem falar uns com os outros, pensam no que querem dizer. Depois os vossos órgãos — os órgãos vocais — respondem, vibram a atmosfera, criam som, outras pessoas ouvem o que estão a pensar. Nós fazemos exatamente o mesmo. Vimos, transmitimos os nossos pensamentos para vós, respondem, os vossos órgãos vocais emitem certos sons, outras pessoas dizem 'foi fulano a falar, fulano transmitiu esta mensagem ou aquela mensagem.' Fazemos o mesmo.
Toda a comunicação é mental. Toda a vida, podem dizer, é vibração e condição mental — é uma condição vibratória. A vida é toda vibração. Vibram a atmosfera [para] criar som; fazem-se conhecer e entender. O vosso corpo está a vibrar, tudo no vosso mundo. Sentam-se numa cadeira; a cadeira vibra em harmonia com o vosso corpo, por isso é sólida para vós. Está na

mesma taxa de vibração. Aqui estamos numa taxa de vibração muito mais alta. Quando vimos até vós baixamos a nossa… taxa de vibração para 'sintonizar' convosco. É por isso… que devem tentar elevar a vossa vibração — sintonizar para cima, por assim dizer. Aspirem mentalmente, tenham aspiração no coração e na mente. Isso ajuda-nos a aproximarmo-nos mais de vós. Há uma fusão — uma união, por assim dizer, do nosso pensamento e do vosso amor. E há então uma condição tal que podemos transmitir muito, através de vós, para outros.
Todos temos de aprender a fazer estas coisas. Exige muita paciência. Mas onde há amor e um forte desejo de servir, onde nos colocamos em segundo plano, esquecendo o ego em serviço e pensando apenas nos outros, então encontramos uma grande paz e essa paz ajuda muito a tornar-nos felizes. Nós, que vimos até vós, estamos felizes por servir. Vocês, que se sentam juntos em harmonia e amor, estão felizes por se reunirem para servir. Temos um grande propósito. O propósito que temos de cumprir é a vontade de Deus na Terra. Tudo o que pedimos é que se esforcem por o fazer.
Participante feminina: Isso significa, André, que o serviço é mais importante do que a oração?
André: O que é a oração, se não for serviço? Rezar apenas por algo, não é nada — é sem importância, de certo modo, podem dizer.
Woods: Sim.
André: Tem de ser serviço. Se rezarem, tem de ser serviço.
Participante feminina: Não para si próprio.
André: Não! A oração… vejam… ah! Se forem… ouçam — as pessoas rezam, dizem, 'oh, Deus dá-me isto. Oh Deus envia-me aquilo. Faz isto! Faz aquilo!' Pobre Deus, está tão confuso, sabem!
Participante feminina: Sim…
André: Deve ser terrível. Não, uma pessoa que reza, não por si própria, mas reza pelo bem do mundo ou pelo bem dos outros — ou talvez até por algum animal que esteja a sofrer…
Participante feminina: Sim, sim.
André: Isso é oração verdadeira e isso é serviço. Estão a dar, sem desejar receber para si, e essas orações são invariavelmente atendidas — porque ajudaram a criar algo tangível entre o nosso mundo e o vosso, [de modo que] alguma força, algum poder pode descer ao vosso mundo e trazer transformação e ajuda.
Participante feminina: Mas tem de ser sincera, não tem André?
André: Oração sem sinceridade…
Participante feminina: …não serve para nada!
André: …não serve para nada.
Participante feminina: A oração ritual…
André: É por isso que, quando vão à igreja, o clérigo reza de forma automática. As mesmas palavras são debitadas, semana após semana — pouco sentimento, pouca emoção, pouco significado por trás delas. Acham que têm algum poder ou efeito? Claro que não têm. Mas uma oração simples, do coração…
Participante feminina: Sim.

André: …a oração que significa tanto para o indivíduo, que ele deseja, digamos, a recuperação da saúde de alguém próximo e querido para si; alguém que esteja a sofrer, alguém que esteja em grande necessidade — ou pelo bem do mundo, pela paz no vosso mundo. As orações sinceras do coração humilde são ouvidas. Mas as orações vãs…
Participante feminina: Não precisa de ser uma [ininteligível] de medo.

André: A oração não é aquilo que colocam em palavras, mas aquilo que sentem no coração. Podem rezar sem dizer uma única palavra. Não…
Participante feminina: Oração como pensamento.
André: Oui. Isso mesmo. Sr. Woods, é um homem muito silencioso. [Risos]
Woods: Bem, obrigado por dizê-lo André. Estava a ouvir o que dizia. [A tossir]
Greene: Bem, tem sido muito útil.

Participante feminina: Sim, de facto.
Woods: O que acontecerá às… às pessoas que, hum… no caso de… enforcamento, por homicídio, deste lado. O que lhes acontecerá quando passam para o outro lado?
André: Meu amigo, não penso que precise… que precise de ser dito. Mas há tantos graus de homicídio. Mesmo a pessoa que faz algo num impulso, num acesso de raiva, quando não está totalmente responsável pelos seus actos, há compreensão e é-lhes dada grande ajuda. E… hum, não existe necessariamente um estado de infelicidade nem para essas pessoas, apenas o remorso pelo que fizeram. Mas há homicídios piores. Na verdade, eu diria que o pior de todos é o homicídio pelo Estado — que é frio, calculado, deliberado, sem misericórdia. Tenho opiniões muito fortes sobre isso.
Woods: Sim.
André: E considero que há [ininteligível]. Há muitas vezes [uma] desculpa para [um] homem que mata num acesso de paixão, que perde o controlo em certas circunstâncias, quando foi provocado; algo aconteceu num 'momento de loucura', como dizem. Mas aquilo que é frio, calculado e marcado ao pormenor até à hora exata em que deve acontecer, isso é homicídio muito pior.
Woods: O que eu estava a pensar realmente, era nestes… tenho grande simpatia pelas raças de cor, percebe, e o tratamento que estão a receber no Quénia… hum, o que acontecerá a todas essas pessoas do outro lado, estas [pessoas rejeitadas]?
Participante feminina: Quer dizer os Mau Mau?
Woods: Mmm-hmm.
André: Bem, não há dúvida nenhuma, acho que estão muito conscientes ou deveriam estar conscientes do facto de haver magia negra, como a entendem.
Woods: Sim.
André: É um termo vago, mas há aqueles no vosso mundo que são muito pouco iluminados e que são usados por forças do mal e controlados por forças do mal. E quando são mortos ou quando chegam aqui, ficam retidos, por assim dizer, acorrentados ou em cativeiro por influências malignas deste lado. Como vos disse, há esferas mais baixas do que a Terra, mais subdesenvolvidas, e eles são atraídos para essa condição.
É por isso que, quando têm este tipo de sessão ou qualquer tipo de sessão, devem sentar-se sempre com os mais altos motivos. Há pessoas a mais no vosso mundo que brincam (como dizem) com coisas psíquicas. Fazem isto e aquilo. Não têm motivo, um verdadeiro bom motivo, e isso é perigoso. Devem sempre abordar este assunto com o motivo mais elevado. Caso contrário podem atrair para vós entidades inferiores que vos iludem, que vos desviam, que vos dão informações erradas e orientações erradas e que serão más para vós em todos os sentidos. Têm de ter cuidado. Visem sempre o mais alto e o melhor e não podem errar. Mas algumas pessoas infelizmente entram em contacto com entidades erradas e são enganadas e mal orientadas, sabem.
Woods: Pois. O… hum… não somos, mais ou menos, responsáveis pelo desenvolvimento das raças de cor?
André: Bem, eu diria que todos são responsáveis por todos. É o branco responsável pelo negro, o negro responsável pelo branco. Podem dizer que isso não é muito prático. No vosso mundo muita coisa não é considerada prática e, no entanto, há razão, se ao menos a seguissem. Foram colocados no mundo como filhos de um só Deus. Se nasceram num país e outro noutro país, deveria ainda assim haver uma fusão de amor entre vós. Se a pele de uma pessoa é negra por alguns séculos de tempo ao sol quente, o que a torna diferente na aparência da pessoa que não está tão habituada a essa condição há tantos séculos e a cor da sua pele é diferente — isso não faz diferença nenhuma. Fundamentalmente, são seres espirituais encerrados num corpo mortal por um espaço de tempo, viajando pela vida para aprender lições, desenvolver o carácter, desenvolver a personalidade, desenvolver todas as condições que são essenciais para o vosso progresso espiritual. A vida terrena é apenas uma escola onde aprendem lições, e têm de aprender essas lições. Talvez tenham de vir de novo e de novo para as aprenderem, quem sabe?

Em alguns casos é assim. Mas não deveria haver diferenciação por causa da cor da pele.
Woods: Sim. Isto, hum… [para] mim próprio, eu não acredito…
Flint: [A fungar]
Woods: …[em] acumular armamento de qualquer tipo. Eu acredito…
André: Enquanto houver países que acumulam grandes arsenais haverá sempre guerras, haverá sempre medo de guerras. Porque quanto mais acumulam, mais temem o inimigo e o inimigo mais vos teme também, por isso também ele acumula cada vez mais. Até ao momento em que os povos diversos tenham coragem de abandonar todas as formas de guerra, haverá sempre guerra.
Participante feminina: Ajudaria se uma nação se recusasse a rearmar-se… a armar-se?
André: Isso seria o passo mais maravilhoso rumo ao progresso. Se uma grande nação, como a América ou este país ou a França, pudesse dizer 'recusamo-nos a entrar em guerra, a qualquer momento, a qualquer preço. Estamos a desmantelar todos os nossos exércitos e marinhas. Estamos a livrar-nos de todas as munições', o exemplo seria tão tremendo.
E não haveria glória para qualquer nação que entrasse e os tomasse, tornar-se-ia tão sem sentido, que no fim, com o tempo, haveria confiança no mundo — confiança entre povos e nações e não haveria guerras.
Participante feminina: Acho que tem toda a razão aí, mas, hum… cada nação tem medo de dar esse primeiro passo inicial.
André: Eu sei. E, em consequência, o que acontece? Há uma 'corrida louca' aos armamentos.
Participante feminina: Sim.
André: Dinheiro… [A tossir]
André: …milhões e milhões de libras são gastos a construir isto e aquilo, que poderia ser usado para [o] bem da humanidade. Agora têm bombas atómicas. O único bem que se pode dizer delas é; que o medo delas é tão grande que pode banir a guerra no fim, porque uma nação teria tanto medo de entrar em guerra, porque a retaliação seria tão tremenda. E, em consequência, nenhuma nação pode ganhar uma guerra. A última guerra não foi ganha por este país ou pela América ou pela França. Ninguém ganhou a última guerra, todos perderam.
Participante feminina: Sim.
André: E assim continua. À medida que as guerras se tornam mais intensas, menos há por que lutar. Acredito que o tempo não está longe em que a guerra será banida para sempre, mas quero muito ver uma grande confiança a entrar nos corações dos homens. E quero ver os povos de todas as nações a misturar-se em felicidade e em paz. Pode acontecer e tem de acontecer e acontecerá, mas precisamos de todo o vosso amor e de toda a vossa ajuda também. Não se sintam insignificantes, pois ficariam surpreendidos se soubessem o que podem fazer para ajudar nestas questões. Os vossos pensamentos e as vossas orações são muito importantes.

Participante feminina: Obrigada.
Participante feminina: Eu sei, não podemos continuar sempre a fazer isto…
André: Mas tenho de ir, dizem-me que a energia está a esgotar-se. Usei tanto tempo e energia. Isso tornou impossível para alguns outros que queriam vir. Mas tudo o que posso dizer é que gostei muito e adoro vir, e espero que da próxima vez outros venham no meu lugar. Porque acho que é justo que também tenham essa oportunidade. Mas todos aqui enviam a sua bênção e o seu amor para vós.
Participantes: Muito obrigado. Obrigado…
André: Continuem em amor e harmonia e façam do serviço a chave, porque é através do serviço que encontrarão todas as coisas que trarão alegria e paz ao vosso coração. Adeus.
Todos os participantes: Obrigado. Adeus…
Mickey: Adeus, adeus a todos. Adeus, adeus!
Woods: Muito, muito obrigado.
Participante feminina: Muito obrigada.
Flint: Foi muito interessante esta noite… hoje, não foi?

SESSÃO DO REVERENDO CHARLES DRAYTON THOMAS
Data: 1956
Participantes: Sr. George Woods e Sra. Betty Greene.
Comunicador: Charles Drayton Thomas
RESUMO: Um investigador de Leslie Flint, ainda em vida, regressa para falar por si próprio. As mesmas leis da vida operam em todos os níveis de consciência. Tudo o que é da mente tem o seu correspondente físico.
NOTA: Devido à posição do microfone e, em especial, porque o microfone foi muito movimentado durante esta sessão, algumas partes foram bastante difíceis de ouvir e não foi possível transcrever tudo o que foi dito.

Thomas: Bom dia.
Greene: Bom dia.
Woods: Bom dia.
Thomas: Bom dia. Conseguem ouvir-me?
Woods: Sim.
Greene: Sim, claramente.
Thomas: Fico encantado por poder vir falar convosco. Não sei se me conseguem ouvir.
Woods: Consigo ouvi-lo.
Thomas: Olá.
Woods: Olá.
Thomas: Olá, Sr. Wood, Thomas aqui.
Woods: Olá, Reverendo Drayton. É muito simpático da sua parte vir até nós.
Thomas: Bem, que bom poder falar convosco outra vez.
Woods: Sim.
Thomas: Parece que já passou tanto tempo desde que falei. Embora, na verdade, suponho que não seja assim tanto quando se pensa bem nisso. O tempo não tem valor para nós, exceto no sentido em que estamos conscientes de uma espécie de tempo quando estamos perto de vocês. Caso contrário, o tempo não significa nada. Bem, bem, bem… (Pausa)
Woods: Bem, é muito simpático da sua parte vir até nós, de qualquer forma.
Thomas: Como vão as gravações?
Woods: Oh, muito bem, muito bem mesmo.
Thomas: Ótimo.
Woods: Tenho todas as gravações em dia. Vou fazer demonstrações para as pessoas.
Thomas: Tens algumas das minhas gravações?
Woods: Tenho… Bem, tirei cópias delas. Acho que o Martin tem as gravações.
Thomas: Ah tem? O que é que ele faz com elas?
Woods: Não sei o que ele faz com elas agora. Mas tirei (inaudível) tudo para as minhas.
Thomas: Percebo. Bem, espero que as uses bem.
Woods: Oh sim, eu… sim…
Thomas: Então, o que podemos fazer hoje?
Woods: Bem, queríamos mais… er… conversas mesmo. Quer dizer, algo para dar às igrejas e para as pessoas ouvirem… nas reuniões. Então passo as gravações em diferentes reuniões e gostaríamos… se puder…

Thomas: (Interrompendo) Bem, acho que é uma óptima ideia que, quando fores a essas reuniões e passares essas gravações, depois peças provavelmente ao público, aos membros do público, que sugiram certas perguntas que gostariam de nos colocar para que da próxima vez possas voltar lá e possamos responder às perguntas deles.
Woods: É uma boa ideia, sim.
Greene: E o senhor pode respondê-las.
Woods: Sim. Er… Reverendo Drayton Thomas, pergunto-me se poderia dar… ou sugerir… exatamente como se encontrou quando passou desta vida para essa vida… er… a primeira experiência e er… o que viu, poderia?
Thomas: Claro. Bem, claro que sabem que eu estava numa posição muito afortunada na medida em que já sabia bastante sobre o assunto antes de partir. Não tinha receios nem medos de morrer. De facto, para mim foi uma grande aventura pela qual esperei durante muito tempo (na verdade posso dizer que demasiado tempo). Embora ainda estivesse ansioso, de certa forma, por ficar na Terra para fazer mais trabalho e investigar mais, bem lá no fundo desejava muito deixar o velho corpo para trás e vir para cá encontrar todos os meus entes queridos e descobrir mais, em primeira mão, pode-se dizer.
Mas no que diz respeito à minha primeira experiência, não foi, suponho, num certo sentido, extraordinária. Foi natural. Foi como se adormecesse no vosso mundo e acordasse neste. Não houve qualquer tipo de condição intermédia ou fase de transição de que eu tivesse consciência. Pareceu que simplesmente saí do corpo para este novo ambiente.
Encontrei, claro, muitos dos meus velhos conhecidos e amigos mas principalmente a minha esposa e a minha irmã.
Woods: Muito bonito.
Thomas: Foi extraordinário na medida em que me encontrei a caminhar, por assim dizer, em direção a uma casa muito, muito bonita, muito atraente, debaixo de uma clareira linda com árvores. Ao longe vi esta casa. E lá estavam os meus a virem todos ao meu encontro. Enquanto eu caminhava por esta avenida de árvores, lá vinham eles a descer para me receber, quase a correr — pelo menos parecia que corriam para me saudar. Na verdade suponho que não corriam. Agora percebo, claro, que estavam, num certo sentido, como se diria "a flutuar". Mas não senti peso, nem arrependimento. Foi como se estivesse simplesmente a voltar para casa. Foi a sensação mais extraordinária que tive dentro de mim, a de que estava apenas na última etapa, por assim dizer, a voltar para casa depois de ter estado ausente numa longa viagem que, claro, percebo, num certo sentido, era isso na Terra. A minha viagem na Terra foi, num certo sentido, longa se contarmos o número de anos e experiências. Lá estava a minha esposa, com o aspeto que tinha quando era muito jovem, e a minha filha e a minha irmã e outras almas que conhecera ao longo dos anos. Foi como uma grande família feliz, uma grande reunião. Foi uma experiência maravilhosa.
Levaram-me para esta casa muito bonita. Um jardim lindo à entrada da varanda. E lá nos sentámos todos e foi como uma grande reunião de família. E sei que vos vai surpreender quando vos disser que a primeira coisa que tive foi uma chávena de chá.
Participantes: (Riso)
Woods: Ora essa!
Flint: Huh!
Thomas: Claro que agora percebo que isso não é essencial. Não se quer necessariamente comer ou beber como se fazia na Terra, mas houve uma espécie de reação mental, suponho, de que eu devia receber uma chávena de chá. Sei que muita gente, quando ouvir isto, provavelmente não vai acreditar, vai achar extremamente difícil de entender e vai pensar que é muito fantasioso. Mas o ponto é que se deve lembrar que a vida aqui é tão natural para nós como é para vocês e quando uma pessoa chega aqui pela primeira vez traz consigo muitas das suas impressões terrenas, pensamentos e desejos e assim por diante. Não se muda imediatamente. Não se torna num anjo de um momento para o outro de forma alguma e descobri que o meu desejo, depois

da minha pequena viagem, era que queria uma chávena de chá e tive-a.
Woods: (Fala baixo demais para se ouvir)

Thomas: Queres dizer que estás a tentar, num certo sentido, perguntar-me como são as condições de vida aqui do ponto de vista de… ambiente natural: natureza.
Woods: Sim.
Thomas: Bem, claro, temos todos os tipos concebíveis — pelo que consegui perceber — de… er… er… condição.
Quero dizer, por exemplo, há bosques, florestas; há campos verdes; há lagos; há rios; há até deserto. Isso pode parecer estranho, mas mesmo assim já vi praticamente todos os tipos de, digamos, som ou vibração. E se caminhasses por um… ia dizer um campo de flores que, num certo sentido, é a forma correcta de dizer porque, embora as flores possam ser naturais e cultivadas como se faz na Terra no jardim de cada um, cuidadas e organizadas num certo padrão, também crescem livres em vastas áreas como campos de muitas cores variadas. E consegue-se ouvir uma espécie de música suave que emana delas. E, embora obviamente cada flor provavelmente tenha o seu próprio som vibratório, estão em harmonia, o que parece vir do conjunto de enormes quantidades delas, diferentes tipos de flores. Nada é dissonante. Nada é estridente. Tudo aqui está em perfeita sintonia. E as flores emanam este som belo, como um suave tilintar — embora "tilintar" seja uma palavra um bocado estranha de usar mas não me ocorre outra forma de explicar. É um tipo de música muito, muito ténue mas muito agradável de ouvir.
E muitas vezes acontece, de facto, que as pessoas, quando chegam aqui pela primeira vez, são levadas a vários lugares como estes jardins ou sítios onde as flores crescem abundantemente e a natureza é soberba. Isso ajuda-as a reajustar-se à sua nova existência. É como se, de certa forma, lhes tirasse o peso material que algumas pessoas sentem quando chegam aqui. Ficam, de certa forma, "embaladas" num tipo de sono, se quiseres — embora, num certo sentido, não seja sono. É uma espécie de torpor, se preferires, onde gradualmente começam a sintonizar-se, por assim dizer, a harmonizar-se com o ambiente e a deixar que o peso da Terra se liberte delas. Tudo aqui na natureza tem o seu propósito, não só do ponto de vista visual mas também — se posso usar o termo — de cura ou de propósito para o corpo, já que os nossos corpos são tão reais para nós como os vossos são para vocês. Mas especialmente quando as pessoas chegam aqui carregando consigo, como carregam, todo o tipo de ideias antigas, pensamentos e impressões, todo o tipo de peculiaridades que ajudaram a fazer dessa pessoa aquilo que ela era, então aqui essas várias coisas são usadas de forma natural para gradualmente as ajudar a sintonizarem-se ou tornarem-se mais, por assim dizer, parte da sua nova vida e do novo ambiente; para deixarem para trás todos os velhos medos, todas as velhas ideias que as prendem à Terra.
As pessoas estão muito presas à Terra por ideias antigas, pensamentos e teorias e assim por diante. E alguns, claro, como sabem, estão muito presos à Terra. E eu tive a oportunidade de ir com grupos de almas deste lado até à Terra para ajudar — na medida em que me é possível ajudar — almas presas à Terra. E há muitas, muitas, mesmo muitas almas que estão presas à Terra, infelizmente. Não são más, claro. Há algumas raras que podem ser, mas a maioria são pessoas que continuam presas, por inclinação natural, a velhas ideias, velhas formas de vida e tantas coisas várias que as prendem. E tentamos libertá-las desses pensamentos que se impõem com tanta força e as mantêm presas à Terra. E trazemo-las para cá e tentamos reabilitá-las, por assim dizer. Não é fácil mas é muito interessante.
Woods: Sim — muito interessante, de facto.
Greene: Sim, muito interessante.
Woods: O que é que, na verdade, prende as pessoas à Terra? É o… er… simplesmente não quererem afastar-se dos seus…
Thomas: (Interrompendo) Bem, deve-se lembrar que, francamente, para o dizer de forma crua, se quiseres, o corpo terrestre é algo que, à sua maneira, mantém as pessoas numa base

material. Há muito poucas pessoas — percebo isso agora mais do que nunca — no vosso mundo que sejam realmente espirituais, inclinadas espiritualmente. Não estou a sugerir que não haja um grande número de pessoas que se esforçam por desenvolver as suas faculdades espirituais, que se esforçam por desenvolver o seu lado espiritual, mas a maioria das pessoas está tão mergulhada nas coisas materiais que só consegue visualizar e apreciar coisas do corpo, coisas que são reais e tangíveis para elas e o corpo é o princípio e o fim da sua existência.
E é extraordinário o número de pessoas que, pela sua própria natureza, se prendem à Terra. É como se tirassem uma espécie de satisfação peculiar por se agarrarem a alguma alma na Terra que é muito parecida com elas em temperamento e natureza. E recebem grande parte, digamos assim, de satisfação ao verem outros ou saberem que outros fazem coisas que em tempos lhes agradavam.
Quero dizer, pega num homem que bebe muito: muitas vezes estas almas que chegam aqui com essa natureza agarram-se a pessoas na Terra do mesmo tipo. E muita gente no vosso mundo que não é, talvez, por natureza um alcoólico, mas gosta de beber, digamos assim, alguém desse tipo aqui agarra-se a essa pessoa e, antes que se perceba, a pessoa, que era perfeitamente normal, torna-se num alcoólico habitual. E o mesmo acontece com esses chamados... esses assassinatos. Muitas dessas pessoas que fazem estas coisas tão horríveis são influenciadas, são possuídas, de facto, às vezes, por pessoas deste... deste lado: almas presas à Terra que se servem delas.
Greene: Então acha muito difícil tentar persuadi-las (Inaudível).
Thomas: Não é fácil. Algumas, claro, são mais fáceis de lidar do que outras. Algumas são — não direi impossíveis, porque não reconhecemos essa palavra — mas a verdade é que algumas são muito difíceis de lidar e não esqueças que algumas estão na Terra, presas à Terra, há séculos, não apenas uns anos.
Quero dizer, muitos desses lugares como Borley, que sempre me interessaram imenso — não que eu tenha estudado isso profundamente, não tive essa oportunidade, mas mesmo assim interessava-me, tal como sempre me interessei por todas as formas de fenómenos psíquicos — mas a verdade é que esses lugares são definitivamente assombrados, como vocês entendem, muitas vezes por entidades ou almas que ainda se agarram à Terra e obtêm satisfação com isso. Quanto mais notoriedade têm, curiosamente, mais gostam. Descobri isso. Sinto que têm uma satisfação peculiar em atrair pessoas e tornarem-se, por assim dizer, faladas. Em outras palavras, recebem uma certa forma de satisfação.
Muitos desses lugares como a Torre de Londres e casas antigas e, claro, até lugares que parecem não ter história nenhuma, são assombrados por entidades que, em tempos, talvez tenham tido algum motivo para se interessarem por aquele sítio. E, claro, especialmente onde houve violência e actos cruéis, encontram-se essas entidades que se agarram. Claro, não se deve confundir as coisas porque há lugares onde não há assombração nenhuma mas, em certos momentos, registados na atmosfera, é possível para as pessoas no vosso mundo verem, verem gradualmente reproduzido por um segundo ou dois um acontecimento que teve lugar há séculos, mas isso não quer dizer necessariamente que a pessoa esteja lá de facto.
Porque o pensamento é predominante. Deve-se perceber que a base de toda a vida é o pensamento, seja no vosso mundo ou no nosso. E se uma pessoa, digamos, morreu sob circunstâncias muito trágicas num certo lugar, os seus últimos momentos terrenos impregnaram tanto a atmosfera que, em certos momentos, esse pensamento pode reconstruir uma imagem na atmosfera de um acontecimento passado — e isso acontece. Embora, claro, como disse, haja muitos lugares que são definitivamente assombrados pela entidade que ali viveu. Mas há uma diferença entre estas assombrações reais e esta reprodução na atmosfera pela força do pensamento. Porque o pensamento é muito, muito poderoso e não quer dizer necessariamente que um pensamento impregnado na atmosfera desapareça ou seja imediatamente destruído ou se deteriore, talvez, mesmo em cem anos. O tempo não tem importância, percebem. É uma coisa que devemos sempre ter presente: o tempo tem pouca importância, pouca consequência. O pensamento é tão poderoso, tão forte que pode impregnar a atmosfera. Quero dizer, podem

ter uma ilustração disso: entram numa casa, estão à procura de uma casa, querem comprar uma casa. Entram numa, entram noutra. Entram logo pela porta da frente e dizem: “Ah, não gosto da atmosfera deste sítio. Há aqui qualquer coisa. É uma casa linda mas não conseguiria viver aqui.” Porquê? Pela simples razão de que estão a captar as condições de pensamento que impregnaram as paredes pelas pessoas que lá viveram. Deixaram para trás, por assim dizer, a sua condição ou a sua atmosfera que pode ser agradável ou desagradável, conforme o caso.

ELLEN TERRY – 01
Data: Segunda-feira, 27 de Janeiro de 1964.
Participantes: George Woods e Betty Greene “de 11 Elm Road, Worthing, Sussex, Inglaterra”.
Comunicadora: Dame Ellen Terry
RESUMO: A voz elegante da atriz shakespeariana fala-nos de como a verdadeira vida é a vida espiritual. A vida material é o pálido reflexo da nossa verdadeira expressão em espírito. Os passos que podemos dar para nos tornarmos mais verdadeiramente espirituais no nosso mundo. Não há necessidade de ninguém temer a passagem do nosso mundo para o deles — o homem criou a morte na ignorância e na insensatez — há um lugar para cada um, de acordo com a sua condição — é impossível descrever esferas avançadas — cores para lá de qualquer descrição que só se podem comparar aos arco-íris da Terra.

Terry: Estou tão feliz por estar aqui...
Woods: Sim.
Terry: ... mais uma vez.
Woods: Sim. Estamos muito felizes por ter vindo.
Greene: Sim, seja bem-vinda, amiga.
Terry: Nunca tenho bem a certeza se me conseguem ouvir correctamente.
Woods: Conseguimos ouvi-la muito bem mesmo.
Greene: Sim, está perfeitamente clara.
Woods: Perfeitamente clara.
Terry: Tenho a certeza de que nunca, jamais, me vou habituar a isto.
Greene: (Riso)
Woods: Bem, está a sair-se muito bem.
Terry: Cada vez que tento falar convosco estou muito consciente de todas as dificuldades. Não creio que seja possível para alguém do vosso lado da vida perceber quão muito, muito difícil é tentar conversar; tentar transmitir com alguma clareza os pensamentos; tentar articular palavras sob condições tão tensas e difíceis. Tenho a certeza, claro, de que isso nunca vos foi explicado de forma satisfatória e, aliás, tenho a certeza de que ninguém deste lado poderia alguma vez esperar fazê-lo. As dificuldades são imensas. E suponho que o extraordinário é que sejamos capazes de falar de todo, de transmitir seja o que for.
Enquanto falo convosco, à minha volta estão inúmeras almas: algumas que não conheço; outras que conheço bem. No entanto, todas vieram com o desejo, se não de comunicar pessoalmente, de transmitir o poder do seu amor à Terra e a vocês em particular, por causa do trabalho que se esforçam por fazer para iluminar a Humanidade.
Na verdade, já passou algum tempo desde a última vez que falei convosco mas, ainda assim, num país, por assim dizer, como o meu, onde o tempo não existe e só se está consciente do tempo quando se tenta fazer um contacto ou ligação com a vossa Terra e é pelos vossos pensamentos que temos consciência do tempo.
É extraordinariamente difícil manter vivas as memórias da Terra quando estamos aqui, como eu estou agora, há mais de 40 anos. É extremamente difícil recapturar com clareza algumas memórias, alguns acontecimentos do passado, pois tudo isto parece ter sido há tanto, tanto tempo.
E uma pessoa, claro, acaba por se ajustar à sua nova vida, que está cheia de interesse, cheia de acontecimentos que, mesmo que se quisesse transmitir em palavras, sei que seria praticamente

impossível porque muito do que se passa deste lado da vida não pode ser descrito em palavras para vocês. De facto, sinto cada vez mais, cada vez que venho, a dificuldade em transmitir muito do que faria sentido para vocês ou talvez teria algum grande valor para vocês. Tudo tem de ser reduzido a um nível de compreensão terrena. E é assim que tenho a certeza de que outros que vêm dizem muito do mesmo e referem acontecimentos e incidentes semelhantes aos meus num nível que só pode ser descrito, de certo modo, como uma conceção material de coisas espirituais.

E penso que tanto, em certo sentido, disparate tem sido dito sobre espiritualidade e condições espirituais. Talvez principalmente devido a inúmeras referências ao longo de incontáveis anos a passagens bíblicas e acontecimentos e à forma de ver das Igrejas e do clero cuja compreensão das coisas espirituais é, num certo sentido, para dizer o mínimo, muitas vezes muito mal interpretada, muito colorida por coisas que em si estão muito afastadas da realidade, tal como entendemos o termo e a expressão "espiritual".

Ser espiritual não é necessariamente ser religioso. E sempre que penso na conceção terrena de coisas espirituais está invariavelmente ligada ou afetada ou colorida pela interpretação dada pela Igreja. A espiritualidade não é necessariamente o que pode parecer ou o que pode ter sido transmitido pelas pessoas na Terra. A espiritualidade, num certo sentido, não tem necessariamente — e de facto raramente tem — algo a ver com religião como tal. Na verdade, iria tão longe quanto dizer que a verdadeira espiritualidade é antes uma fuga do pensamento religioso e da experiência religiosa.

Fala-se tanto da vida espiritual e tão poucas pessoas sabem o que é a vida espiritual ou o que realmente significa e, até que alguém se torne naquilo que se chama um ser espiritual, dificilmente se pode esperar compreender e entender o que isso implica. Aqui, certamente, para se ser uma pessoa espiritual tem de se descartar muitas ideias, muitas conceções teológicas de uma vida e existência espiritual. Diria que esta é a vida natural e a vossa é a artificial e que o verdadeiramente natural é, num certo sentido, uma vida espiritual. Penso que foi São Paulo que disse que temos um corpo físico e um corpo natural. Temos um corpo natural e isso às vezes confunde-se com o corpo espiritual. Esta é a existência natural: essa vida a que se chama espiritual. E a vida material é um pálido reflexo da realidade.

Não há necessidade de ninguém, num certo sentido, temer a morte porque, seja qual for o indivíduo, não importa quão pouco desenvolvido seja, não importa quão baixo essa pessoa tenha descido, aqui há graus diversos de existência, vários planos de desdobramento, de desenvolvimento em que cada indivíduo encontra o seu lugar. E há crescimento. Não há estagnação. Há uma evolução que passa por fases e condições. E a alma certamente cresce no seu conhecimento e experiência.

Diria que a pessoa verdadeiramente espiritual é aquela que perdeu tanto do material e compreendeu e se tornou verdadeiramente parte desta vida que é tão vasta na sua conceção e na sua experiência que, à medida que se vai tornando mais e mais consciente dela e se desenvolve mais e mais nela e com ela, assim esse indivíduo se torna verdadeiramente mais espiritualmente desenvolvido, mais espiritualmente consciente e desperto mas não num sentido estreito como a Terra entende o termo ou expressão. Mas sem medo, sem nenhum dos entraves que mantêm o Homem tão firmemente preso à Terra quando vive no corpo. Aqui não há restrição colocada à expansão e expressão. Aqui assimila-se conhecimento e experiência e aqui desfaz-se cada vez mais o velho eu e torna-se verdadeiramente livre. E penso que a liberdade de expressão, a liberdade de realização, a liberdade de pensamento é verdadeiramente a lição espiritual que chega a todos nós gradualmente e nos dá essa consciência e despertar espirituais e verdadeiramente cria e torna possível uma vida espiritual.

Mas são os estreitos limites da Terra que impedem os indivíduos de se tornarem seres espirituais. É preciso ter liberdade completa e absoluta de expressão no sentido mais elevado para poder descartar tudo o que é do material, tudo o que nos prende, tudo o que impede de expressar e expandir. Qualquer coisa que tenha tendência a impedir a vida humana de se desenvolver, crescer e expressar na Terra deve ser — e é — má. Tudo o que sufoca, tudo o que

de alguma forma torna impossível ao ser humano ter liberdade de expressão e pensamento deve ser — e é — mau.
Há tanto que é ensinado que é errado e falso. Há tanto que é apenas suposição. Há tanto que é meramente especulação. E por vezes é, sem dúvida, transmitido às pessoas da Terra com um propósito bem definido de travar o crescimento e o progresso. Certamente há muito nos ensinamentos religiosos que pode ser rastreado até indivíduos em épocas passadas que usaram o seu poder para si mesmos e para aquilo que consideravam ser bom mas que, desde então, muitas vezes se provou ser o contrário.
Tudo o que sufoca, tudo o que impede a liberdade de pensamento e expressão deve ser mau. E penso que tantas pessoas chegam aqui com ideias firmes e fixas: ideias que lhes foram incutidas ao longo de toda a sua existência muitas vezes através do medo. Tiveram medo de exprimir os seus verdadeiros sentimentos e emoções. Tiveram medo de seguir novos caminhos de pensamento. Tiveram medo até de ler livros que possivelmente lhes teriam ajudado imenso mas que lhes foram proibidos.

Aqui, uma vida espiritual é uma vida de liberdade completa e absoluta, na qual se é capaz de assimilar toda a experiência e conhecimento. Grandes mestres de outras esferas entram nas esferas mais baixas para aconselhar, guiar e elevar. Aqui há unidade total e harmonia e amor. Aqui há, verdadeiramente, fraternidade. Aqui existe a sabedoria de todos os tempos, expressa de todas as maneiras por todos os tipos de pessoas, sem qualquer ideia terrena de classe, credo ou cor.
Diria que o que impede a humanidade no vosso mundo é esta infeliz tendência de se agarrar a ideias e ideais antigos; agarrar-se a credos e religiões ultrapassados; agarrar-se às barreiras erguidas pela classe, erguidas pela ignorância e por povos que se mantêm separados de um país para o outro por causa do patriotismo e de todos os falsos ideais. Queremos derrubar todas as barreiras que mantiveram os homens separados. Queremos trazer uma nova compreensão do amor e do propósito de Deus e dar-vos uma pequena visão do que é verdadeiramente uma vida espiritual.
Greene: Amiga, penso que sei quem é. Poderia dizer-me o seu nome, por favor?
Terry: O meu nome é Terry.
Greene: Oh, Ellen Terry. Sim.
Terry: Sim.
Greene: Obrigada.
Terry: Já passou bastante tempo desde a última vez que vim falar convosco.
Greene: Sim.
Woods: Ellen Terry, poderia dizer-nos algo sobre como é agora a sua vida aí? Poderia dar-nos alguma descrição?

SESSÃO ELLEN TERRY – 02
Data: Terça-feira, 7 de Julho de 1981
Participantes: Vários (acredita-se que incluam Bramwell Rogers, Bernard e a Sra. Cattanach).
Comunicadora: Dame Ellen Terry
RESUMO: Fala brevemente sobre a sua vida na Terra e como as condições são importantes na comunicação.

Terry: Gostava muito que fosse possível para todos os presentes poderem vir e falar, mas, claro, isso está completamente fora de questão. Inúmeras almas reúnem-se à volta; não necessariamente apenas as pessoas que poderiam esperar que viessem. Todo o tipo de pessoas é atraído, interessa-se e, em alguns casos, está muito ansioso por fazer contacto ou comunicar. Mas, claro, temos de ter alguma organização. Nem sempre corre, talvez, da forma como

pretendíamos ou como esperávamos. Mas, mesmo assim, fazemos o melhor que podemos dentro das condições e circunstâncias que existem quando se juntam assim.
De qualquer forma, todos aqui, conhecidos e desconhecidos, enviam amor e bênçãos e esperamos poder voltar a reunir-nos em breve.
E se me é permitido terminar dizendo que estamos muito gratos hoje pelas condições que criaram. As condições são excepcionalmente favoráveis ao nosso trabalho. Há uma atmosfera e uma simpatia e um ambiente e condição que são muito como gostamos de trabalhar. Por isso, se conseguirem repetir esta sessão mais tarde, ficaríamos muito gratos e penso que vocês também.
Tudo é uma questão de tempo e experiência, o que torna os nossos entes queridos "au fait" e mais capazes de se fazerem ouvir e entender e de clarificar muitas coisas que têm no coração e na mente e que desejam dar-vos. Claro que, por vezes, não conseguem transmitir exatamente o que pretendem, outras vezes conseguem extremamente bem. Mas sinto que… vejam o vosso filho, David: um rapaz tão simpático e tão emocionado por poder vir, e tenho a certeza de que, se tiver oportunidade, tem muito para vos transmitir. O mesmo se aplica, claro, a outros contactos e amigos aqui, todos os vossos amigos, se tiverem oportunidade. É uma questão de ajustamento, de se habituarem ao método e de estarem mais livres, por assim dizer, no manuseio do mecanismo, se assim lhe posso chamar (num certo sentido não é) mas a transmissão dos seus pensamentos em som; transmitir assuntos de interesse e dar-vos, quando necessário, pontos de prova, claro.
Tudo é uma questão de experiência e penso que, se puderem reunir-se de novo como agora estão: um excelente pequeno grupo. Claro, sei que têm outros amigos que por vezes vêm e não há razão, claro, para que não se juntem. Mas devo dizer que hoje, do meu ponto de vista e, tenho a certeza, do ponto de vista da maioria das pessoas aqui, foi uma experiência e um experimento interessante em que todos partilhámos.
De qualquer forma, só podemos esperar e rezar para que o tempo não esteja muito distante em que todos possamos voltar a reunir-nos.
De qualquer forma, tenho de ir e deixo-vos com todas as minhas bênçãos. Adeus.
Bernard: Quem é você?
Participantes: Adeus e obrigado por ter falado connosco.
Bernard: Quem é você, minha senhora?
Terry: O meu nome é Terry.
Bernard: Oh, Ellen Terry.
Sra. Participante: Que privilégio...
Terry: Costumava vir a esta casa, sabem, há muitos anos. Claro que já era uma senhora muito idosa nessa altura, sabem. Mas um amigo muito querido meu, alguém por quem tinha grande consideração e respeito, vivia nesta casa. Sem dúvida já terão ouvido falar do George, George Arlis.
Sra. Participante: George Arlis!
Bernard: Ele viveu aqui?
Terry: Viveu nesta casa durante vários anos. Já estava envelhecido nessa altura. Claro, eu também já era idosa: era mais velha do que ele, mas conhecia-o muito bem, sabem. E costumava ter um apartamento, sabem, perto da Charing Cross Road nessa altura. Agora estou a recuar, deve fazer uns 60/70 anos, suponho eu. Durante algum tempo tive um apartamento, sabem, mesmo perto do… quase em frente ao… oh, como se chamava aquele teatro tão lindo que agora deitaram abaixo, esqueci-me do nome…

MIKE FEARON – 1955

"Até que nos libertemos das correntes da Igreja, não poderá haver verdadeiro progresso espiritual para a Humanidade."

Michael Rodney Fearon foi oficial do Exército Britânico. Morreu a 24 de Junho de 1944, com vinte e sete anos.
A sua mãe, a Sra. Alice Fearon, visitava Leslie Flint muitas vezes em encontros regulares às sextas-feiras, onde os dois se reuniam e podiam falar sobre assuntos pessoais e filosóficos. Embora Michael tenha comunicado muitas vezes, esta é a única gravação sobrevivente dos dois a falar juntos.

Introdução de Betty Greene:
A gravação seguinte é de Michael Fearon.
Michael era um jovem oficial na última guerra e foi morto duas semanas depois do Dia D.
Depois da sua morte, a mãe ia regularmente ao médium, quando Michael vinha até ela e tinham longas conversas juntos.
Nesta ocasião específica, o Sr. Woods foi com a Sra. Fearon.
A Sra. Fearon também confirmou que era a voz de Michael quando ambos apareceram no programa de televisão.

Mickey: Olá...
Sra. Fearon: Oh, olá Mickey.
Mickey: Então, como está – e o Woodsie!
Sra. Fearon: Muito bem, obrigada.
Mickey: Não sabia que vinha, Sra. Fearon.
Sra. Fearon: O que diz? Não sabia que ele vinha?
Mickey: Não. Sabia que estava previsto vir, mas não sabia que o Sr. Woods vinha. De qualquer forma, tenho sempre prazer em ver o Woody.
Woods: É muito bom ouvir a sua voz outra vez...
Mickey: Um dos meus melhores amigos, não é Sr. Woods?
Woods: Sim.
Mickey: Ora bem. Vamos dar uma oportunidade ao Mike...
Sra. Fearon: Tem sido um tempo terrível desde a última vez que estive aqui.
Mickey: Bem, já devem ter passado – dois meses?
Sra. Fearon: Facilmente, acho eu.
Mickey: Bem, suponho que sim, porque o tempo é difícil de medir. Mas diria que foi por volta desse tempo. Então, como vai o mundo consigo, Sr. Woods?
Woods: Oh, muito bem Mickey. Muito bem mesmo. Nada de errado.
Mickey: Bem, suponho que há muita gente pior do que você, não é amigo?
Woods: Oh sim. Eu penso sempre...... que há pessoas muito pior do que eu.
Mickey: Suponho que a maioria das pessoas tem sempre algo de que se queixar, mas podemos sempre encontrar alguém em pior situação.
Woods: Sim, toda a gente tem problemas com alguma coisa...
Mickey: Claro, conheço pessoas que nunca param de resmungar.
Woods: É um hábito para algumas pessoas.
Mickey: Bem, quase tudo se pode tornar num hábito, se deixarmos.
Woods: Sim, penso que pode.

[Pausa]

Flint: [Bocejando] O Mickey foi buscar o Mike.
Woods & Sra. Fearon a conversar: [inaudível]
Michael: Olá mãe.
Sra. Fearon: Olá querido. Parece que já passaram séculos desde que falámos, não parece?
Michael: Sim, suponho que parece mesmo.
Sra. Fearon: Tenho passado um tempo terrível, Mike...

Michael: Mas tenho estado tão constantemente contigo. Quero dizer, venho praticamente todos os dias…
Sra. Fearon: Oh, eu sinto-te por perto.
Michael: …Nunca sinto realmente que estamos afastados. Provavelmente sentes-te afastada, no sentido em que não tens oportunidade de falar comigo muitas vezes. Mas eu nunca me sinto afastado porque…
Sra. Fearon: É mais agradável falar em voz alta, não é Mike?
Michael: Oh, bem, é muito mais satisfatório, obviamente. Quero dizer, adoro vir falar contigo, é uma oportunidade maravilhosa. Significa tanto para mim – tal como significa para toda a gente que tem a oportunidade de vir e falar com aqueles que amam na Terra.
Sra. Fearon: Eu sei…
Michael: Poderia fazer uma diferença tão grande às pessoas se compreendessem isto e percebessem que a morte não é aquilo que pensam que é. Não é [o corte do contacto entre nós].
Sra. Fearon: Não há morte…
Michael: É apenas uma ilusão.
Sra. Fearon: Mmm…
Michael: O homem criou a morte na sua própria mente. Ela não existe realmente, apenas na sua mente…
Sra. Fearon: Pergunto-me porquê.
Michael: Bem, suponho que é porque eram tão materialistas, na medida em que viviam completamente e totalmente e unicamente para o materialismo. Mas quando alguém que conheceram e amaram os deixa, como eles pensam, ou seja, no sentido físico, então, para eles, isso é o fim. Claro que sempre houve pessoas que acreditaram em algo depois da morte, mas nunca perceberam bem o que era ou onde era…
Sra. Fearon: Não, acreditavam na ressurreição e…
Michael: Bem, o ponto é que o homem sempre encarou a vida como algo puramente materialista. Mas quando começaram a criar, nas suas próprias mentes, uma ideia de uma nova vida ou um novo céu ou uma nova existência, chamem-lhe o que quiserem – assumiram que seria num corpo físico. Nunca conseguiram, mesmo assim, libertar-se da velha conceção materialista.
Ainda hoje, depois de tudo o que se diz, há milhares e milhares de pessoas que acreditam na vida depois da morte, mas a sua conceção é extraordinariamente materialista. E muitas, muitas pessoas, que suponho que o mundo chama de religiosas ou, em certos sentidos, boas, de qualquer forma, porque cumprem certos credos ou dogmas e por aí fora, pensam que vão voltar à Terra numa forma material no grande dia, por assim dizer. Na verdade, quando se pensa bem nisso, as coisas em que algumas pessoas acreditam são bastante fantásticas.
Sra. Fearon: Absolutamente.
Michael: E no entanto é tudo criado pelo homem. Não há uma única prova que sustente as suas teorias. E, no entanto, a Igreja, no seu todo, ainda prega esta ideia ridícula de céu e inferno. Céu, se foste muito bom e seguiste certos princípios e por aí fora – e inferno, se não seguiste o que eles acham correto. Na verdade, quando se analisa bem, isso não se sustenta de todo.
Sra. Fearon: Não. Mike eu…
Michael: Na verdade, sinto sempre que o homem se limitou a si próprio com a sua própria atitude e perspetiva.
Sra. Fearon: Bem, não é só na religião que ele se limita, pois não?
Michael: Não, não só nisso, exatamente. A questão é que o homem limita Deus em grande parte pela sua própria limitação. Quero dizer, uma vez que o homem consiga libertar-se do materialismo, no que diz respeito às coisas do espírito – o que pode soar talvez um pouco complicado – mas é extraordinário como o homem assume mesmo que as coisas espirituais têm uma base materialista.
Sra. Fearon: Bem, eles não conseguem libertar-se do seu materialismo, pois não?

Michael: Não, a questão é que só conseguem pensar, ver e compreender algo que lhes seja fisicamente tangível. Quando algo vai para além disso, não conseguem compreender de todo.

Sra. Fearon: Da última vez que estive aqui disseste-me: "Por amor de Deus, seja quem for que tragas, não tragas nenhum padre."

Michael: Bem, não quero soar preconceituoso, mas receio que não tenha grande consideração pela Igreja ou por tantos que a ela aderem. Porque as suas mentes são tão estreitas, incrivelmente estreitas, que não conseguem ir além de certo ponto. Só conseguem aceitar aquilo que se enquadra, até certo grau, na sua própria experiência ou na sua própria crença. Estão tão limitados pelo seu próprio conhecimento, se é que se pode chamar conhecimento.

Sra. Fearon: Sim. Falta de conhecimento…

Michael: Sim, bem, provavelmente seria mais correto dizer isso, mas dou-lhes o benefício da dúvida. A questão é que eles tentaram tanto, por assim dizer…

Sra. Fearon: …coisas.

Michael: Sim. Bem, quero dizer, o ponto principal é que colocaram tudo dentro de uma casquinha de noz, se assim se pode dizer. Depois pensam que têm todo o conhecimento contido nessa casquinha. Quando na verdade, claro, o conhecimento é algo tão vasto, tão tremendo, que mesmo os mais evoluídos só conseguem captar uma pequena percentagem dele. Mas eles parecem pensar que o que está contido, digamos, na Bíblia de capa a capa é tudo o que há para saber — não conseguem esperar nada para além disso. E mesmo assim, embora digam que aceitam tudo o que lêem na Bíblia, muito poucas pessoas, se forem honestas, o fazem.

Sra. Fearon: E depois não a interpretam correctamente, pois não?

Michael: Bem, a questão toda é que a Bíblia… obviamente, há muita verdade, há muita bondade na Bíblia. Quero dizer, nos ensinamentos simples de Jesus, se alguém seguisse o exemplo que ele deu, então o homem não poderia errar muito na sua vida material, nas coisas que faz. E a sua perspetiva e o seu desenvolvimento espiritual, em consequência, seriam grandes. Mas o problema é que tentam reduzir tudo a tal grau, tentam fazer dos simples ensinamentos de Jesus algo tão complexo e complicado. Tentaram acrescentar tanta coisa ao longo dos séculos que nada tem a ver com Jesus. Quero dizer, o nascimento virginal, por exemplo, é tão antigo quanto as colinas. Foi a base de praticamente todas as religiões antigas. Isso, obviamente, entrou séculos depois da passagem — morte — de Jesus. Não tinha qualquer fundamento em facto algum. Há tanto…

Sra. Fearon: Mas… não é verdade.

Michael: Há tanto que é mítico que eles acrescentaram e tornaram tudo tão misterioso e tão, por assim dizer, difícil de acreditar para a pessoa inteligente. Que tantas pessoas, em consequência, obviamente, ao longo dos anos — à medida que se tornaram mais educadas, mais inteligentes e pensam mais profundamente por si mesmas — obviamente não podem aceitar. E, em consequência, as igrejas têm perdido terreno; constantemente, cada vez mais ao longo dos anos. A Igreja agarra-se a tanta coisa que não tem qualquer fundamento real.

Sra. Fearon: Sim, e construíram muita coisa eles mesmos, não foi, que não se sustenta de todo? Quero dizer, toda aquela dogmática e toda aquela coisa…

Michael: Bem, quero dizer, o que é o serviço religioso quando é analisado? Repetição, do princípio ao fim. Tem continuado por anos e anos e anos. Quem consegue continuar a cantar os mesmos hinos velhos com as mesmas palavras gastas e ter alguma fé ou crença e sentir algo por eles?

Sra. Fearon: Então não ias à igreja de todo.

Michael: E depois, consideravelmente, a forma peculiar como, muitas vezes, um clérigo faz um sermão. Quero dizer, aquelas vozes terríveis, monótonas, miseráveis. É o suficiente para pôr uma pessoa fora da igreja.

Sra. Fearon: Sim, mas Mike, deves lembrar-te disto: todos os dias é esperado deles e são pagos praticamente nada.

Michael: Bem, eu diria que são pagos muito mais do que valem, mas enfim, talvez…

Sra. Fearon: Não estou de acordo contigo…

Michael: Desculpa, mãe…

Sra. Fearon: …eles gastam imenso tempo e fazem algum bom trabalho por muito pouco.

Michael: Mãe…

Woods: Eu concordo contigo, Mike!

Michael: O nosso ponto é este: penso — o ponto é que, embora haja pessoas muito boas, como o mundo chama boas de qualquer forma, na igreja — ou seja, a trabalhar na igreja e a servir na igreja e também entre os seus crentes. A questão é: qual é o ponto de andar às voltas num círculo, que não tem princípio nem fim, onde não se alcança nada? Quero dizer, eu sou preconceituoso contra a Igreja por várias boas razões — e quando digo isto, falo por incontáveis milhões de pessoas aqui. A Igreja nunca levantou um dedo contra a guerra.

Sra. Fearon: Não, concordo completamente contigo.

Michael: Agora vê a guerra recente e a guerra anterior. O que fez a Igreja para ajudar a parar isso? Proclamaram os simples ensinamentos de Jesus, que era o "Príncipe da Paz", e vieram solenemente contra a guerra? Não, não vieram.

Sra. Fearon: Não, aí perderam a sua oportunidade…

Michael: O que fez o Papa durante a guerra? Disse ele "Vou excomungar todo o católico romano que participe na guerra"? Claro que não disse. Mas se o tivesse feito, não há dúvida de que a Itália nunca teria entrado na guerra. Porque sendo um país tão fortemente católico romano, não ousariam ir contra o seu Papa. Quero dizer, o ponto é que a Igreja prega o "Príncipe da Paz" e no entanto não segue o seu exemplo… em tempos de necessidade. Não há nada mais importante do que seguir os simples ensinamentos que Jesus deu. Eu sou totalmente a favor de Jesus mas estou muito, muito longe da Igreja e tenho muito orgulho e alegria em dizê-lo.

Sra. Fearon: Sim…

Michael: E é por isso que penso que esta investigação da Igreja sobre este assunto — embora eu saiba que há boas pessoas nela e sinceras — não vai conseguir nada. Porque o preconceito da Igreja é tão grande e eles opõem-se, lá no fundo, a qualquer outra pessoa, ou grupo de pessoas, que crie algo que possa tirar-lhes o poder. A Igreja sempre prosperou com duas coisas: medo e poder — e se lhes tirarmos isso, não lhes sobra nada.

Sra. Fearon: Oh bem, acho que estás um bocado duro com eles, Mike.

Michael: Sou muito duro com eles. Faço questão de ser duro com eles… porque até nos libertarmos das correntes da Igreja não poderá haver verdadeiro progresso espiritual para a Humanidade. A Igreja fez coisas boas em certos aspetos, não nego isso. Mas fez danos incalculáveis ao longo dos séculos. Inúmeras pessoas morreram mortes terríveis, trágicas, prematuras, às mãos da Igreja, porque não acreditavam nas crenças ou dogmas deles. O ponto todo é que a Igreja sempre foi contra o progresso humano, nunca, nunca avançou, passo a passo, com a Humanidade. Sempre manteve a sua posição. Em terreno duro, acredita.

Sra. Fearon: Sim, bem…

Michael: E se não baixasses a cabeça perante a Igreja, Deus te valesse.

Sra. Fearon: Escuta, como farias chegar esta religião de Jesus às massas? Onde estás?

Michael: Cada homem pode encontrar Jesus dentro de si, mas, ainda assim…

Sra. Fearon: Sim, mas se o faz…

Michael: …se ele ler a sua Bíblia e usar sabedoria e discernimento, pode encontrar lá a verdade. Mas tem de aprender a descartar tudo aquilo que foi acrescentado — muitas vezes por homens da Igreja, ao longo dos séculos, para os seus próprios fins.

Sra. Fearon: Sim. Para mim, os Quakers são os que mais se aproximam disso, mais do que ninguém.

Michael: Concordo contigo. Os Quakers, na minha opinião, são talvez os mais próximos de verdadeiros cristãos.

Sra. Fearon: Sim.

Michael: Mais do que qualquer corpo religioso ortodoxo.

Sra. Fearon: Sim, concordo.

Michael: Afinal, eles sentam-se e esperam que o Espírito os mova. Não têm credo, forma ou cerimónia. Reúnem-se humildemente para adorar Deus e pedir a sua orientação divina e esperam que o Espírito os mova. Na verdade, estão mais próximos dos espiritualistas. E quando uso o termo espiritualistas, refiro-me a verdadeiros espiritualistas.

Sra. Fearon: Sim.

Michael: Infelizmente não há muitos verdadeiros espiritualistas, no sentido real da palavra. Sei que por vezes devo parecer-te bastante, por assim dizer, duro com a Igreja Ortodoxa… mas penso que a sua história fala por si. A sua história é a sua própria condenação.

Sra. Fearon: Sim.

Michael: Não venho para condenar mais do que qualquer outra pessoa. Deixamo-lo à consciência do indivíduo ou do grupo de indivíduos — e penso que o registo da Igreja é bastante sombrio.

Sra. Fearon: Sim.

Woods: Concordo contigo nisso, Mike.

Michael: Não estou minimamente interessado nesta investigação da Igreja, porque não penso que vá dar em nada. Porque eles vão agarrar-se às suas pequenas ideias estreitas, aos seus credos e dogmas. E vão tentar abafar esta verdade — que é tão livre como o ar — com isso. Vão tentar abafar esta verdade maravilhosa, gloriosa, com os seus próprios credos e dogmas e confiná-la à Igreja. No fim de contas, farão mais mal do que bem.

Sra. Fearon: Sim. Mas suponhamos que tinhas de voltar à Terra. Que rumo tomarias aqui?

Michael: Em que sentido queres dizer exatamente?

Sra. Fearon: Bem, quero dizer…

Flint: [A fungar]

Sra. Fearon: …como é que farias chegar a religião, a religião verdadeira, às massas? Metade deles — mais de metade deles — não lêem a Bíblia. E se lêem, não a praticam no dia-a-dia. Como é que a levarias até eles, Mike?

Michael: Eu sei que é…

Sra. Fearon: Está tudo bem, não te distraias querido.

Michael: Eu sei que é um grande problema, mas diria que uma das formas mais importantes de levar a religião — e uso isso num certo sentido — na verdade a palavra religião…

Sra. Fearon: Sim, vai com calma.

Michael: Ponhamos assim então: os ensinamentos de Cristo — se alguém quisesse levar os ensinamentos de Cristo às massas, deveria fazer — deveria tentar fazer, digamos, o que Cristo fez. Isto é: dar o exemplo.

Sra. Fearon: Sim.

Michael: A menos que dês o exemplo tu mesmo, não podes esperar que as pessoas te sigam. Quero dizer, tantos cristãos, por exemplo, falam tão levianamente sobre Cristo e vão à igreja regularmente, por exemplo. Mas estão, de longe, muito longe de dar o exemplo.

Sra. Fearon: Concordo plenamente.

Michael: E afinal, Cristo fez o que fez porque compreendia a sua divindade interior e a sua, digamos, unidade com Deus. Quero dizer, por exemplo, muito do que Cristo fez — e chamaram-lhe milagres. Vocês chamam-lhes milagres porque não os compreendem. Um milagre é um milagre porque não compreendem como é feito.

Sra. Fearon: Sim.

Michael: Mas o ponto é que Cristo sabia, o que hoje os seus seguidores não sabem. Ele conhecia o poder dentro de si. De dentro de ti vem a oportunidade e o poder de fazer grandes coisas. Cristo foi capaz de curar os doentes. Cristo foi capaz até de ressuscitar os mortos. E tantas outras coisas de que se lê, ele fez. Mas a Igreja faz isso? Os clérigos fazem isso?

Sra. Fearon: Eles estão a começar a chegar lá, não estão?

Michael: Sim, muito lentamente. Mas alguma vez isso veio de dentro da Igreja? Oh não. Veio de fora da Igreja. E agora a Igreja está a começar a perceber que pode haver algo nisso e que podem, em consequência, tirar partido disso ou trazer as pessoas de volta para a Igreja. Mas os seus motivos são ulteriores, na minha opinião, não são bons.

Querem trazer as pessoas de volta para a Igreja, querem tornar a Igreja poderosa outra vez. E então percebem que aquilo que tem acontecido fora da Igreja — as pessoas encontraram a verdade fora da Igreja — podem conseguir trazê-lo para dentro da Igreja. Mas e os que continuam fora, e que por terem liberdade de pensamento e de vontade, conseguiram fazer progresso com esta grande verdade? É porque as pessoas fora da Igreja estiveram livres das correntes da Igreja que fizeram progresso espiritual. E as igrejas, em consequência, perderam muito.

Mas agora a Igreja está a ficar com medo. Quer arrastá-los de volta e verás que, mais cedo ou mais tarde, se for trazido de volta para dentro da Igreja, até certo ponto, eles tentarão estrangulá-lo e torná-lo impossível para as pessoas estarem fora da Igreja. A Igreja sempre quis estrangular as pessoas de fora, quis guardar tudo para si. Não tenho tempo, paciência nem interesse na Igreja.

Sra. Fearon: Não? É difícil. É um assunto terrivelmente difícil aqui em baixo, Mike. Vês, tens uma espécie de visão justa disso, sabes, lá de cima…

Michael: Bem, lamento se pareço veemente quanto a isso.

Sra. Fearon: Não, eu não… não estou…

Michael: Mas não lamento, num certo sentido, porque sei que a liberdade de pensamento, liberdade de expressão, liberdade de tantas formas diferentes, existe muito mais fora da Igreja do que dentro dela.

Sra. Fearon: Sim.

Michael: A Igreja quer que sigas o seu caminho, dentro dos seus pequenos limites estreitos. E se aceitares e acreditares como a Igreja gostaria que acreditasses, estás bem quando vieres para aqui — o que, acredita, é uma grande treta!

Temos cá muitas pessoas que tinham esse conceito estreito da vida e da religião, se quiseres usar o termo, através da Igreja, e encontraram as coisas muito diferentes quando cá chegaram. De facto, foram impedidos no seu progresso por causa das crenças estreitas que tinham.

De facto, algumas pessoas ao chegarem aqui, acreditando que eram realmente os eleitos de Deus e que eram os escolhidos, ainda vivem aqui numa certa esfera, acreditando que são as únicas pessoas que — as únicas pessoas que ainda existem neste mundo. São cegos a qualquer outra forma de vida ou progresso. Estão tão fechados na sua perspetiva, que realmente e genuinamente pensam que são os únicos que foram "renascidos", como dizem — e até estão à espera de voltar à Terra numa forma física…

Sra. Fearon: Estão mesmo?

Michael: …à espera da ressurreição do corpo. Todos estes falsos ensinamentos que a Igreja deu ao longo dos séculos causaram danos incalculáveis a milhões de pessoas e separaram famílias e indivíduos. Acredita, a Igreja tem muito por que responder e eu tenho pouco ou nenhum interesse nela. E toda esta recente investigação que está a ser feita sobre esta verdade, embora eu saiba que há pessoas sinceras nisso, ao mesmo tempo sinto que o resultado não será bom.

Sra. Fearon: Mike…

Michael: Enquanto o Espiritualismo for livre, tem oportunidade de respirar e fazer progresso, e os indivíduos podem sentir e pensar e aceitar o que conseguem aceitar pelo seu desenvolvimento mental e espiritual, livremente, e fazer progresso. Mas assim que for trazido para dentro dos limites da Igreja, com toda a sua parafernália, com toda a sua superstição, com toda a sua parvoíce, vai sufocá-lo de novo.

Sra. Fearon: Mike, quando atravessaste pela primeira vez, como te sentiste em relação a isso? Isto não te veio logo, pois não?

Michael: Não me veio logo, não. Mas felizmente, não estava preso a dogmas, credos nem a padres, como tantos estavam. Fui capaz de pensar claramente e fui capaz de fazer progresso, por causa da liberdade do meu pensamento. E consegui contactar muitas almas que tinham feito avanço espiritual e puderam ajudar-me de tantas maneiras, e eu pude voltar para ti muito pouco tempo depois.

Sra. Fearon: Sim.

Michael: E reparei que quando precisaste de ajuda não foi a Igreja que ta deu.

Sra. Fearon: Meu querido, é terrivelmente difícil conseguir ajuda, não é? Sobretudo no mundo como está.

Michael: Nós vimos para derrubar as barreiras que existem entre os homens. Para derrubar as barreiras que o homem criou com a intolerância racial e o ódio, com credos e dogmas. Viemos para, de certa forma, aproximar todos os povos — como uma só família, sob um só Deus. Temos um propósito e uma missão. Não nos interessam poderes e principados. Não nos interessam igrejas nem credos nem dogmas. Não nos interessam todas as coisas que prendem o homem à Terra. Interessa-nos aquilo que os torna livres, que os torna bem e felizes em espírito, mente e corpo.

Michael: Viemos para que possamos, de algum modo, tornar o vosso mundo um lugar melhor para viver para as pessoas que virão depois de vós — para que nasçam livres na mente, para viver, amar, aprender e compreender as coisas que são de Deus. Temos um grande propósito ao vir, Mãe… Não nos interessa a Igreja, não nos interessam instituições, enquanto tais. Interessam-nos apenas os indivíduos; colectivamente e individualmente. Viemos para derrubar todas as barreiras que o tempo e o homem, na sua ignorância, criaram.

Sabemos que podemos fazer grandes coisas. Mas sabemos que só as conseguimos fazer quando a mente do homem se liberta das correntes que o prendem à Terra. E, na minha opinião, credo e dogma são duas das coisas mais difíceis de arrancar. E esse é um dos caminhos que temos de seguir — derrubar a fortaleza da Igreja. E o alicerce da Igreja ainda é forte, mesmo que esteja a desmoronar. Sabemos que não há força na Igreja, porque nunca houve verdadeira espiritualidade nela.

Sra. Fearon: Concordo contigo, Mike. Recebo mais ajuda de ti do que de qualquer outra pessoa. Sabes, pensei que talvez fosse culpa minha, percebes?

Michael: Não. Eu sei que só há um caminho para a salvação, e é o desejo do homem, dentro de si, pelo bem, tornado manifesto na Terra. Que o homem, em si mesmo, tem grande força — grande força de carácter, grande força de espírito. E que se olhar para dentro de si e fizer emergir aquilo que encontrar, como Jesus fez, nada é impossível. A Igreja não fará isso por ti. Um indivíduo tem de o fazer por si mesmo, mas nós podemos mostrar o caminho e podemos dar grande ajuda e apoio a quem procura e se esforça. Quando um homem começa a procurar e a esforçar-se dentro de si por coisas maiores, então podemos ajudá-lo imensamente.

Eu sei que temos muito a fazer. Às vezes parece-nos quase impossível fazê-lo, mas podemos e vamos fazê-lo. Porque aquilo que fazemos não é apenas o nosso trabalho, é maior do que nós próprios, porque não somos senão instrumentos de Deus. Fazemos o trabalho de Deus e fá-lo-emos livremente, não temos interesses ocultos. Fazemo-lo porque amamos a Humanidade, porque queremos evitar que a Humanidade repita os erros que cometeu ao longo de tantos anos do passado. Queremos que a verdade brilhe e torne os homens livres.

Sra. Fearon: Tens-me ajudado muito.

Michael: Temos um grande propósito ao vir, acredita.

Sra. Fearon: Eu sei que têm. É pena que mais pessoas não o possam ouvir.

Woods: [ininteligível] …Mike, o que acontece às pessoas tão presas a credos e dogmas quando passam para o outro lado? A primeira passagem — quando chegam?

Michael: Bem, penso que é bastante óbvio. Quero dizer, o ponto é: um homem, imediatamente depois da morte, não é diferente do que era cinco minutos antes. Ou seja, no que diz respeito à sua forma de ver, ao seu carácter, à sua personalidade e assim por diante. E, portanto, uma pessoa que tem convicções religiosas muito fortes continua a mantê-las, muito firmemente, quando chega aqui. Mas começa a perceber que é um bocado como um "peixe fora de água" e começa a perceber que muitas das suas ideias antigas, ensinamentos, credos e por aí fora, simplesmente não se aplicam, não encaixam. Simplesmente não são, digamos, naturais aqui. Porque a primeira coisa que ele percebe é que tudo aqui é normal, tudo aqui é natural. As pessoas são, em si mesmas, muito semelhantes ao que eram na Terra, mas sem toda a densidade — se assim posso dizer — da vida material, sem todas as ideias antigas que os mantinham presos no progresso mental e espiritual.

Começa a perceber que muitas das ideias antigas que tinha são pura conceção material do homem sobre o céu e sobre Deus. Começa a perceber que a vida aqui é uma coisa normal e natural, que à sua volta há uma grande beleza — de muitas formas — e que ele próprio é exatamente ele mesmo, como era. Mas muito do que ele agarrava com tanta força e que pensava que lhe traria, digamos, um céu por causa das suas crenças, percebe que não é necessariamente assim. Que existem muitas, muitas fases de vida e que ele próprio deve ajustar-se à condição em que se encontra — e, claro, há sempre aqueles que o recebem; amigos e familiares, pessoas que conheceu e amou e que ainda o amam. E vão falar com ele e tentar fazê-lo perceber que tem de se libertar de muito do que pensava ser verdade quando estava na Terra e tornar-se, por assim dizer, mentalmente livre, para poder ajustar-se à sua nova forma de existência.

Quero dizer, tantas pessoas têm uma ideia tão vaga do que é ou poderia ser a vida deste lado. E aqueles que têm visões muito ortodoxas, fortes — cristãs, se quiseres — acreditam mesmo que são os eleitos, por assim dizer, para uma fase de vida muito superior a qualquer outra. O que, claro, não é verdade. Porque o homem é uma criatura complexa, de tantas maneiras, de tantas formas, e não há pessoa que seja tão boa ou tão má — em todos há traços redentores. E porque acreditas em certos princípios, isso não te torna uma pessoa melhor. O que torna uma pessoa melhor são as coisas que fez, os pensamentos e as ações e as coisas que ajudaram a fazer dessa pessoa um carácter ou um indivíduo. Só porque acreditas numa certa coisa não te salva, não te faz um ser supremo, não te torna digno, por assim dizer, de te tornares um dos eleitos de Deus.

Cada homem tem de encontrar por si próprio o seu próprio caminho e progresso e, claro, isso passa por muitas fases e muitos estados de existência e leva gerações de tempo. A vida na Terra é apenas uma fase curta na existência de cada um e é importante ter de passar por ela e aprender tudo o que se puder. Mas a razão pela qual se vem à Terra não é pelo que se pode tirar dela, mas sim pelo que se pode dar a ela. De dentro de ti, o espírito que lá está, que pode guiar-te e dar-te força e indicar-te o caminho, a iluminação, por assim dizer, está tão frequentemente escondido. De facto, em 99 casos em 100 ou mais, está escondido. Porque o homem é ensinado, quando está na Terra, a desenvolver os seus poderes materiais, o seu cérebro, como ganhar a vida de várias maneiras, e tantas coisas lhe são ensinadas. Mas nunca lhe são ensinadas as coisas do espírito. Vês, pode ir à escola dominical e depois passar para a igreja, mas o que é que isso lhe ensina? Ensina-lhe a conceção mais estreita de todas sobre o espírito. Não lhe dá liberdade espiritual, não lhe dá um caminho a percorrer que ilumine realmente o seu percurso e o torne útil, como eu vejo. A menos que uma religião seja completamente livre, uma crença seja completamente livre de dentro de si mesmo, onde se possa, digamos, expandir e crescer e não ser contido, acorrentado por um credo e um dogma, que não têm valor, com o tempo e com a verdade, então vês, não serve de nada.

A vida depende inteiramente do indivíduo. Sei que, até certo ponto, a vida de uma pessoa é afetada pelas condições que a rodeiam, pelos familiares e amigos, pelo trabalho e tantas coisas que afetam o homem e que tornam por vezes impossível fazer as coisas que gostaria de fazer. Mas, mesmo assim, o homem tem, em grande parte, livre-arbítrio, no qual pode fazer as coisas que estão dentro da sua consciência. E cada homem tem uma consciência e o ponto é que a consciência de cada um pode ser o seu guia. Não digo que possa ser sempre um guia totalmente seguro, porque mesmo aí as consciências diferem de acordo com o indivíduo — o que é mau para um homem pode não ser necessariamente mau para outro. Mas o ponto é que há um caminho que todos podem percorrer, dentro do qual se pode fazer tanto, que não só ajudará a si mesmo a progredir espiritualmente e mentalmente, mas também ajudará aqueles que estão à sua volta. Como Jesus disse, "ama o teu próximo como a ti mesmo" — quantas pessoas fazem isso, mesmo entre os chamados cristãos praticantes?

O ponto é que não há grandeza no poder, não há grandeza sequer na tradição — embora algumas pessoas gostassem que assim fosse. O ponto é que o poder vem da humildade, da bondade, da simpatia, do amor, de partilhar tudo o que tens com os outros. Não quero dizer com isso apenas coisas materiais e monetárias. As coisas que ajudam o homem a crescer são as que são puramente e totalmente do espírito. Cada homem tem dentro de si o espírito de Deus. Fazer isso vir à tona — Jesus disse que devias procurar dentro de ti mesmo. E é verdade, que dentro de ti encontras tudo o que precisas. Pois à medida que começas a compreender que tens dentro de ti esse poder de Deus, assim começas a crescer e a expandir-te e a tornares-te, por assim dizer, mais plenamente de Deus.

Não há limites estabelecidos para o homem, se ele seguir o caminho certo e procurar desenvolver o espírito dentro de si. A Igreja — sei que voltamos sempre à Igreja, com regularidade infalível — mas o ponto é que a Igreja não encoraja o homem a desenvolver os poderes do espírito. Na verdade, desencoraja-o, porque se fosses a uma igreja e declarasses que viste isto ou experimentaste aquilo, a primeira coisa em que pensariam era que tinhas um parafuso a menos, para dizer o mínimo. Mas o clero, que deveria saber mais, sabe tão pouco. A sua tarefa é curar os doentes, a sua tarefa é confortar os que choram, com conhecimento, não apenas com banalidades e "bem, pode ser isto ou aquilo" e se ele ou ela acreditou nos princípios da Igreja e assim por diante, então tudo está bem.

Quero dizer, o ponto é que a Igreja é cega — tem sido cega durante séculos, incontáveis séculos. Simplesmente não expressa as coisas que são — como eu as vejo — de Deus, no sentido mais real e completo que deveriam ser. Têm um pouco de verdade que afogaram em tanto que é de conceção materialista.

A vida é, em grande parte, de ambos os lados, o que cada um faz dela e o homem não é mais nem menos do que aquilo em que se tornou através da sua própria experiência. E o homem pode ser grande ou pode ser muito, muito baixo na escala das coisas. A Igreja poderia ser uma líder nestas coisas — mas não é, essa é a tragédia. Sei que devo soar — e admito que sou — muito preconceituoso, porque vi, demasiado bem, os resultados de duas guerras. Embora na primeira não tenha feito nada, vi os resultados, na medida em que conheci muitos aqui que passaram pela primeira guerra e, claro, muitos dos meus amigos na segunda. E sei muito bem que a Igreja poderia ter feito tanto, mas não fez nada, porque só se preocupa com o seu próprio poder material e engrandecimento.

Michael: E esta nova investigação desta verdade que a Igreja está a fazer, embora haja pessoas boas nela e pessoas sinceras, mesmo assim sinto — e sei que tenho razão ao dizer — que não levará a lado nenhum. Decerto que a Igreja irá sufocá-la, se puder, como sufocou tudo o que fosse verdadeiro progresso.

Woods: Sim, concordo contigo, Mike.

Sra. Fearon: Mmm...

Michael: Consegues imaginar um bispo ou um arcebispo a ceder o seu lugar, digamos, a um médium que tenha o poder de trazer uma grande alma deste lado, que fizesse uma oração que deixaria o arcebispo envergonhado? Achas que um arcebispo, por exemplo, se rebaixaria, na sua própria estima, para se pôr de lado e permitir que uma pessoa comum, que não fosse da Igreja, por mais sem instrução que fosse, se levantasse no púlpito e proferisse uma oração que o envergonhasse?

Os arcebispos e todos os que detêm poder estão mais preocupados com os seus assuntos pessoais. Além disso, há tanta coisa em que se poderia entrar que, provavelmente, não vale a pena agora. Mas tenho pouca ou nenhuma fé na Igreja, falhou gerações, incontáveis gerações de almas, e continuará a falhar, até que gradualmente desaparecerá.

Sra. Fearon: E depois?

Michael: Depois, nessa altura, esta verdade terá feito um progresso tão tremendo, que as mentes estarão livres de dogmas e credos e o homem saberá por si mesmo — de várias formas e maneiras. E também, embora tenha pouca paciência, num certo sentido, com... com a ciência, na medida em que, muitas vezes, as coisas que a ciência traz ao mundo são para destruição, em vez de construção — mesmo assim, até os cientistas se voltarão cada vez mais para esta verdade.

E a partir dela poderão aprender muito e serão ajudados e guiados. E se encontrarmos — como penso que encontraremos — os indivíduos que estamos à procura, aperfeiçoaremos um instrumento, nos anos vindouros, que tornará possível a comunicação entre o nosso mundo e o vosso — de tal forma que não poderá haver cepticismo. E isso, em si mesmo, será uma coisa tão revolucionária que quebrará para sempre o poder da Igreja.

Sra. Fearon: Mmm...

Michael: Sigam os ensinamentos de Jesus. Sigam o seu exemplo. É o maior e mais glorioso exemplo de toda a história da humanidade... e, ao mesmo tempo, não deixem que a Igreja vos obrigue a aceitar a sua interpretação de um Jesus mítico envolto em mistério. Jesus era humilde, mas a Igreja quer torná-lo tão grande que se tornaria inacessível para vós. Jesus não quis fundar uma religião. Jesus não veio para formar uma religião. Jesus veio mostrar o caminho para que o homem o pudesse seguir. Mas a Igreja, em grande parte, escondeu esse caminho dos olhos... e das mentes... das pessoas.

Sra. Fearon: Sim, sinto-me certa de que tens razão.

Woods: Sim, eu também.

Michael: Tenho de ir.

Sra. Fearon: Bem querido...

Michael: Não disse um décimo do que queria dizer...

Sra. Fearon: Bem, damos-te outra oportunidade.

Michael: ...e o que disse não disse talvez tão bem como poderia ter dito. E se pareci um pouco, bem, preconceituoso, suponho, não é realmente preconceito.

Sra. Fearon: Não.

Michael: É só porque eu e incontáveis milhões de almas aqui que sofreram, nestes últimos anos, por causa da guerra — que poderia ter sido evitada — se a Igreja, em certa medida, tivesse tentado desempenhar o seu papel. Em vez de louvar, se tivesse condenado, muito poderia ter

sido evitado. Não confio na Igreja, porque sempre falhou a humanidade na sua hora de necessidade.

Woods: Mike. Gostaria de perguntar uma coisa antes de ires, Mike.

Michael: Sim, Sr. Woods.

Woods: Vamos subir na próxima segunda-feira…

Michael: Sim.

Woods: …às 11 da manhã.

Michael: Sim.

Woods: Estava a pensar se podias… [ininteligível]… as coisas que gostarias de perguntar-lhe… se terias a bondade de vir?

Michael: Querem que eu venha, não é?

Woods: Sim, gostaria…

Michael: Bem, prometo que virei. Farei o possível para estar presente e tudo o que puder fazer para ajudar, fá-lo-ei mesmo, sabem?

Woods: Muito obrigado.

Michael: Bem, Mummy, tenho de ir, mas todo o meu amor e que Deus te abençoe.

Sra. Fearon: Deus te abençoe, querido.

Michael: E adeus Sr. Woods e obrigado por tudo o que fazes…

Sra. Fearon: Tens toda a razão. Eu sei.

Michael: Sim, mas suponho que devemos tentar ser um pouco mais tolerantes para com a Igreja, mas acho muito difícil, acreditem. Porque sei que tanta infelicidade, tanta miséria poderia ter sido evitada se a Igreja tivesse usado a sua força — que tem, até certo ponto, ainda — para evitar a guerra.

Sra. Fearon: Concordo plenamente, Mike.

Michael: Mas quando abençoam os soldados, quando abençoam as bandeiras, quando abençoam os navios, quando abençoam as armas — e quando pedem a ajuda de Deus para as suas guerras — como é que se pode respeitá-los?

Sra. Fearon: Não pus os pés dentro de uma igreja, Michael. Não consegui.

Michael: Bem, tenho de ir. Adeus.

Sra. Fearon: Adeus e que Deus te abençoe.

Mickey: Adeus!

Woods: Adeus, Mickey.

Mickey: Bem, o Mike, ele não suporta igrejas. Tchauzinho!

Woods: Adeus, Mickey.

Sra. Fearon: Adeus, Mickey.

Flint: Sempre teve uma grande aversão à Igreja, não foi?

Woods: Bem, não posso censurá-lo. Tenho um cunhado que é bispo de Bury St Edmunds.

Flint: Mmm…

Woods: [ininteligível]

Sra. Fearon: Então é bispo de Bury St Edmunds, é?

Woods: É.

Gravação 1 (1960) do Mike Fearon

Fearon: … Sra. Greene, como está? Sou o Mike.
Greene: Oh, olá Michael, que bom teres vindo falar connosco.
Fearon: Espero que o Sr. Woods esteja bem.
Greene: Ele está, mas a mulher dele não está bem.
Fearon: Ah, percebo.
Greene: Pois, foi por isso que ele não veio hoje.
Fearon: Pensei em passar aqui para dizer olá. Já há séculos que não falava contigo.
Greene: Muito obrigada. Como estás?
Fearon: Muito bem, obrigado.
Greene: Da última vez deste-nos uma gravação muito interessante, Michael, sobre o teu trabalho de resgate, lembras-te?
Fearon: Ah pois, lembro.
Greene: Foi uma conversa mesmo interessante.
Fearon: Isso já foi há quanto tempo? Nove meses?
Greene: Ah, foi há uns dois meses.
Fearon: Dois meses? Só? Vês, perde-se completamente a noção do tempo.
Greene: Pois.
Fearon: Podia ter sido há um ano, ou mais até. Não sei. Essa é a parte mais intrigante disto tudo: o tempo. É…
Greene: Pois é. A contagem do tempo.
Fearon: Aqui não conta para nada. Na verdade, a única forma de termos uma ideia do tempo é através dos vossos pensamentos. Ao sintonizarmo-nos convosco, conseguimos ter uma noção. É tão difícil esta questão de julgar e medir o tempo. Acho que se perde a noção muito depressa assim que se sai do mundo físico.
Greene: Pois.
Fearon: Bem, certas coisas têm acontecido, não é, com isto da Lua e tudo isso.
Greene: Pois têm.
Fearon: Fico a pensar qual será o desfecho disso.

Greene: Bem, segundo alguns relatos que temos do vosso lado, não será grande coisa a longo prazo.
Fearon: Pois, eu sei que há uma espécie de ambiente de… não é bem depressão, mas, sabes, acho que a maioria das pessoas está um bocado apreensiva com isso. Acho que a razão não é tanto a ida à Lua ou o conseguir o que se propuseram, mas sim — o que vão fazer com isso no futuro? Será que vão usar isso para coisas boas, para benefício da humanidade — porque, presumo, poderia ser usado para isso — ou para o desastre final de guerra e sabe Deus o quê?
Greene: Pois, parece ser essa a preocupação maior do vosso lado…
Fearon: Acho que o objetivo principal não é bom. Posso estar enganado, mas pessoalmente mantenho a mente aberta quanto a isso. A maioria das pessoas que conheço deste lado está muito desanimada com isso tudo. Eu não vejo as coisas assim tão negras mas percebo, claro, que estas coisas têm sempre um objetivo e, invariavelmente, não é o que parece à superfície. Acho que poderiam usá-lo sem dúvida para… enfim, não para o bem maior, de qualquer forma. Não sei. Mas também não quero falar muito sobre isso. Estava a pensar se poderia fazer algo para te ajudar ou se querias saber alguma coisa.
Greene: Bem, Michael, podes dar-nos…
Fearon: (Interrompendo) Sabes, eu vinha tantas vezes falar com a mãe e aqui, a mãe a vir e o meu irmão e tudo isso; eu não perdi o contacto com a Terra mas já não sinto tanto o chamamento e, bem, às vezes pergunto-me se ainda posso ser de algum real auxílio ao vir de vez em quando. Gostava de sentir que ainda podia ajudar.
Greene: Michael, quando falaste do teu trabalho de resgate contaste-nos uma história muito interessante de como ajudaste um homem que… acho que se divorciou da mulher ou foi ela que se divorciou dele — de qualquer forma, estavam a ajudar-se um ao outro, não era? Lembras-te de contar isso?
Fearon: Sim, acho que lembro.
Greene: E tens mais algum caso interessante desses do teu trabalho de resgate para nos contar?
Fearon: Bem, sim, suponho que há muitos, claro. É um bocado parvo hesitar, mas é difícil saber qual seria… Acho que talvez um dos casos mais interessantes com que me deparei foi um jovem que morreu muito novo num mosteiro.
Greene: Oh!
Fearon: Pois é, é mesmo extraordinário porque ele era muito religioso e, muito novo, entrou para um mosteiro. Pelo que percebi, esteve lá apenas uns nove meses a um ano antes de apanhar uma doença horrível e morrer. E durante séculos ficou meio preso à Terra, tipo, suponho que a palavra certa é 'assombrar', assombrava o sítio onde tinha esperança — ou intenção — de passar a vida toda e — como ele pensava — ter uma vida religiosa e talvez, à sua maneira, prestar algum serviço.

Acho que é dos casos mais curiosos porque ele ficou lá… bem, ficou lá durante gerações mesmo, até que o mosteiro foi demolido durante a Dissolução dos Mosteiros. Na altura de Henrique VIII, sabes, expulsaram muitos monges e destruíram ou adaptaram os edifícios para casas de habitação. Aconteceu de tudo. E o lugar onde ele estava — ia dizer 'preso' — mas o sítio onde passou tanto tempo, por continuar ali a assombrar e a entrar na vida religiosa dali, fez disso o seu lar permanente, por assim dizer; quando todos os monges foram expulsos, claro, ele já estava morto mas foi o único que ficou. Não havia nada a fazer com ele, obviamente, e ele ficou agarrado àquele sítio. E várias almas deste lado tentaram ajudá-lo — irmãos da mesma ordem, que há muito tinham passado para cá e progredido — de vez em quando tentavam ajudá-lo. Mas, de uma forma estranha (não sei porquê), ele ressentia-se da presença deles, mesmo sendo curioso porque, em vida, ele queria era estar com eles.

Mas ele parecia ter tomado posse do sítio e via aquilo como se fosse o seu dever protegê-lo e guardá-lo. E quando tudo foi dissolvido e os monges foram expulsos, ele já cá não estava mas ficou — e para sempre. E claro, não podiam fazer nada em relação a ele. E vários irmãos de

ordem dele, do nosso lado, que há muito tinham superado as limitações da fé religiosa, não é que o tivessem 'desistido dele' — não quero dizer isso — mas acho que chegaram à conclusão de que pouco podiam fazer.
E eu soube disto e achei terrivelmente interessante e perguntei-me se poderia fazer alguma coisa. Por isso fiz questão de lá ir e, no início, ele não queria nada comigo. Mas talvez porque eu fosse… não sei, talvez, de certa forma, tivesse alguma empatia com ele que os outros não tinham. Quer dizer, não me aproximei dele por um ângulo religioso, como os outros provavelmente faziam, porque percebiam a situação dele, o seu estado de espírito, e abordavam-no por esse lado. Eu não. Não peguei no aspeto religioso de todo. Eu simplesmente — eu sei que isto soa absurdo — mas fiz-me um incómodo. É a única forma de o pôr. Ele tentava livrar-se de mim; é muito engraçado, na verdade. Eu sei que parece uma loucura mas só posso dizer que é verdade. Quer dizer, quando ele me via aproximar, tinha uma reação muito peculiar e o extraordinário é que, sendo ele fundamentalmente uma boa pessoa, de uma forma estranha… o pior dele, por assim dizer, vinha ao de cima e ele emanava uma aura ou emanação de… bem, de ódio. Não gosto de usar essa palavra mas era uma atmosfera como se eu estivesse a invadir o espaço dele e ele queria-me fora dali, não me deixava aproximar de forma nenhuma. Era mesmo extraordinário.

Houve uma vez em que ficou tão furioso comigo que não consegui fazer nada com ele, claro, mas ele irritava-se — acho que é a palavra — e mandava todo o tipo de insultos, suponho. Custa-me admitir mas é verdade que, nessa estranha obsessão religiosa que ele tinha, ele pensava mesmo que eu era mau: que eu devia ser do mal. Vês, qualquer entidade ou espírito que aparecesse — só o facto de aparecer — para ele era sinal de que era mau, ainda mais se tentasse conversar com ele ou trazê-lo para fora daquele ambiente; assumia que eram do diabo, que apesar de se apresentarem, como os irmãos dele faziam, com a aparência religiosa e o hábito que ele conhecia, ele assumia que eram impostores. Era uma coisa estranha. Acho que ele achava que todos os que vinham ter com ele deste lado eram impostores; que eram espíritos maus disfarçados a tentar afastá-lo de um solo sagrado. Ele via-se como guardião daquele lugar; para ele, aquele chão era sagrado e toda a sua existência girava à volta disso.

Fearon: E tive um trabalhão dos diabos. Houve uma vez em que ele me perseguiu, o que agora, visto à distância, até acho graça. Mas a atitude dele era mesmo essa: qualquer um que se aproximasse dele devia ser mau — e ele tentava, à maneira dele — ou seja, pela força do pensamento — porque nós podemos transmitir os nossos pensamentos em palavras que, se necessário, podem até tornar-se audíveis — e ele arranjava argumento atrás de argumento para me contrariar, mas eu mantinha sempre a minha posição. E um dia ele ficou tão furioso que me perseguiu mesmo. Eu, deliberadamente, podia não ter-me virado e corrido, mas pensei: se eu me virar e fugir, pode ser que ele perca o controlo e saia daquele ambiente. Na verdade, nunca ninguém tinha tentado isso com ele antes, mas ocorreu-me de repente que estar ali parado a argumentar com ele não levava a lado nenhum e, no fim de contas, era uma perda de tempo.

Então, nesse dia, ele ficou tão furioso que eu pensei: bem… E veio na minha direção e eu pensei: se me virar e fugir, é possível — sei que isto soa louco — mas podia ser que ele saísse daquele ambiente, e foi mesmo isso que aconteceu. Vês, ele criou ali naquele sítio uma força mental tão forte, tão tremenda, que era só dele. Não tinha nada a ver com os outros monges que lá viveram antes ou depois da morte dele, era algo que ele próprio criou ao longo de séculos. E eu percebi que se conseguisse tirá-lo daquele ambiente, daquela força mental que ele próprio construiu, se o conseguisse levar para fora dos limites — ou do que restava em ruínas — daquele lugar, talvez, de alguma forma, o apanhasse desprevenido; apanhasse-o num momento de fraqueza, por assim dizer. Não sei bem porque pensei assim, mas ocorreu-me.

E então virei-me e corri, e ele correu atrás de mim, e eu esquivava-me e ele também, e aquilo foi uma coisa extraordinária: esconder-me atrás de pilares que ainda restavam, correr mais para fora, até que o consegui levar para o que tinha sido o claustro e depois para o jardim; ele corria atrás de mim, eu corria, desviava-me, empurrava, foi uma cena... parecia ridículo, na verdade, visto de fora. E depois havia ali um muro baixo, que em tempos devia ter sido muito mais alto, e eu saltei por cima dele e ele, sem pensar, suponho, fez o mesmo. E corri colina abaixo e ele sempre atrás de mim.

Pode parecer disparatado mas cheguei a um sítio onde havia um rio e ali fiquei parado. E ele veio a correr atrás de mim mas, nessa altura, claro, já estava fora da força mental daquele lugar. Esse rio, ao que parece, era onde os monges iam pescar antigamente. E eu simplesmente sentei-me na margem e ele veio ter comigo, mas percebi logo que havia ali uma mudança subtil. Aquilo que era raiva, aquela atmosfera de antipatia intensa, tinha, em parte, desaparecido. Foi muito estranho. Era evidente que, ao tirá-lo daquele ambiente mental tão forte, ele estava muito mais calmo, mais sereno.

Então, como disse, sentei-me e fiz-lhe sinal para se sentar ao pé de mim. E ele começou logo a argumentar outra vez sobre religião, sobre a ordem, a fé e tudo o mais, e eu não discuti nada. Limitei-me a ouvir, e acho que ele sentiu que estava a impressionar-me, o que, de certa forma, até estava, mas não da maneira que ele pensava. E então comecei a falar-lhe da ordem, da história dela, de alguns irmãos com quem falei sobre ele, de um em particular que tinha sido abade e que ele claramente admirava e respeitava muito. E perguntei-lhe por ele, contei-lhe que tinha estado com ele e ele não conseguia acreditar. E eu disse: "Então, gostavas de o encontrar e de falar com ele?" E vi logo que aquilo lhe tocou, mas ele tinha medo. Mas o facto de já estar fora daquele ambiente mental tão carregado fez uma diferença enorme. Então perguntei-lhe se queria ir falar com ele e ele hesitou muito. Percebia-se que não queria perder essa oportunidade de falar com alguém que conheceu mas, ao mesmo tempo, estava claramente receoso, inseguro. Acho que ainda suspeitava que havia ali qualquer coisa de errado comigo.

E outra coisa que lhe fez confusão e sobre a qual falámos — e que, no ambiente dele, nunca tinha tido esse impacto — foi a forma como eu estava vestido. Ele apontou para a minha roupa e perguntou porque é que eu usava roupa tão estranha. Na verdade eu estava vestido com roupa moderna, do nosso século; tinha um blazer ou casaco de desporto e umas calças de tecido. E fiz isso de propósito. E ele perguntou-me porquê... porque é que eu estava assim vestido, e apontou para um emblema que eu tinha, que o intrigou porque, pelos vistos, havia alguma semelhança entre aquele emblema e uma insígnia ou símbolo do tempo dele, relacionado com uma casa real, penso eu — não com uma ordem religiosa, mas com algo daquela época.

Mike Fearon — Gravação 3 — 1959:

Mike Fearon: Já faz muito tempo desde a última vez que vos falei.

Greene: Sim.

Flint: Quem é?

Fearon: Não tenho bem a certeza se me conseguem ouvir.

Greene: Sim, conseguimos ouvir-te muito bem agora. Sim.

Woods: Muito bem mesmo.

(Silêncio)

Greene: Vá, amigo.

Fearon: Pensei que gostariam de saber como tenho andado.

Woods: Oh?

Greene: Iremos gostar, sim.

Fearon: Parece ter passado tanto tempo desde que vos falei pela última vez e pensei vir cá dar duas de conversa. Sou o Mike. O Mike Fearon.

Woods: Oh, olá Mike.

Greene: Oh, olá querido.

Woods: Então como estás, Mike?

Fearon: Muito bem, obrigado.

Woods: Fico tão contente por teres conseguido vir.

Fearon: Às vezes dou um saltinho para vos ver.

Greene: É verdade?

Fearon: Porque sei que continuam a fazer o belíssimo trabalho, sabem.

Greene: Sim.

Fearon: A mãe está comigo.

Greene: Oh?

Fearon: E o meu irmão.

Woods: O Roger está aí?

Fearon: O Roger está aqui e a mãe está comigo.

Greene: Que bom.

Woods: Que bom. Como está a Sra. Fearon?

Fearon: Oh, está muito bem. Muito mais... bem, obviamente muito mais feliz e, claro, nem a reconheceriam. Está de volta... bem, ao auge dela, sabem.

Sitters: Sim.

Fearon: Parece tão diferente. Está tão relaxada, tão feliz e… claro, sabem, ela teve tanto que aguentar de uma maneira ou de outra. Nunca recuperou realmente da minha morte, sabem. E depois, claro, o que aconteceu com o meu irmão e tudo isso. Imaginem. E, claro, ficou muito difícil para o fim, como sabem. Era impossível. Pobre mãe: teve mesmo muito para carregar. Mas está muito bem e muito feliz agora e sei que gostaria muito que eu… que vos enviasse lembranças.

Greene: Por favor, lembra-a de nós.

Woods: Poderemos falar com ela algum dia?

Fearon: Talvez, sim. Não acho que ela esteja muito inclinada para vir falar, sinceramente. Conhecem a mãe. Quer dizer, fez imensos progressos, claro. Agora que está aqui connosco, de certa forma… bem, perdeu mais ou menos o interesse pela Terra. Veio comigo hoje, é verdade, mas não está propriamente interessada em voltar e comunicar. Acho… na verdade sei que o interesse pela Terra diminuiu tanto que, se não fosse por nós virmos, ela nem se incomodava, sabem. Mas está bem e feliz e manda-vos todas as suas boas lembranças.

Greene: Muito obrigada.

Fearon: Mas pensei só vir cá por saudosismo, sabem.

Greene: Sim.

Woods: Foi muito simpático da tua parte teres vindo, Michael.

Fearon: Ouvi dizer que estão a pensar mudar-se.

Greene: Sim.

Fearon: Valha-me Deus.

Woods: Bem, temos [ininteligível] nisso, esperamos que sim.

Fearon: Bem, sem dúvida que irão conseguir, se é mesmo isso que querem, porque todos os vossos amigos aqui ajudar-vos-ão. Tenho a certeza de que encontrarão um sítio adequado. Penso que será a última mudança.

Sitters: (Risadas)

Woods: Bem, não me preocupa muito isso, Michael; enquanto puder continuar com isto por mais uns anos.

Fearon: Oh, não sei. Suponho que por algum tempo, sim. É inevitável… mais cedo ou mais tarde têm de vir para cá.

Sitters: Sim.

Fearon: Depois a Betty terá de continuar com todo o trabalho sozinha.

Greene: Pois é, terei mesmo, Michael.

Woods: Mas de qualquer forma, estamos a enviar muitas gravações agora. Já enviámos mais de mil. E enviámos a tua…

Greene: (Interrompendo) A tua gravação já foi enviada para todo o mundo, Michael.

Fearon: Um monte de gravações: mil. Valha-me Deus!

Sitters: Sim.

Fearon: Claro que também me lembro desses primeiros anos em que voltava para falar com a mãe e… bons tempos.

Woods: Oh sim. Encontras-te alguma vez com o Rev. Drayton-Thomas?

Fearon: Oh sim. Conheço toda a gente, claro, que se conhecia antes, quero dizer, e pessoas com quem costumava falar aí do vosso lado que agora estão aqui. Oh sim, o Reverendo Drayton-Thomas: é um homem muito simpático; uma personalidade maravilhosa. Estou um pouco surpreendido por ele não ter tentado mais comunicar. Sei que nos primeiros tempos de cá chegar, ele tentou, mas ultimamente acho que ficou tão imerso na sua nova vida, possivelmente a ganhar todo o conhecimento e experiência que pode, com o objetivo mais tarde de comunicar. Não acho que ele vá fazer disso um hábito, certamente não para já. Não está connosco agora. Quer dizer, não está aqui neste momento.

Sitters: Não.

Fearon: Oh, claro que sabem que tanta gente já se juntou a nós.

Greene: Sim.

Fearon: Aposto que muitas vezes se perguntam porque é que não aparecem, mas, quer dizer, aquele cavalheiro que faleceu recentemente, o Sr. Shaw.

Sitters: Sim.

Fearon: Ele está aqui, sabem. Na verdade acho que está muito ansioso por contactar a esposa. Se ela conseguirá vir a Londres falar com ele, não sei. Ela própria não está nada bem, claro.

Greene: Podes dar-nos uma mensagem para lhe transmitir?

Fearon: Para além do facto de ele enviar todo o amor e bênçãos e de já estar plenamente desperto para a sua nova vida e muito feliz e, claro, ele está frequentemente em contacto com ela mentalmente. Acho que ela está muito consciente da presença dele de vez em quando e sem dúvida mais tarde, dada a oportunidade, ele fará contacto com ela, percebem? Quer dizer, de forma audível. Quer dizer, sei que ele está ansioso por lhe falar. Na verdade acho que já começa a sentir que… bem, há tanto que quer transmitir mas isso terá de esperar, claro, até ao momento certo.

Greene: Sim.

Woods: Achas que ele falará connosco?

Fearon: Possivelmente, sim, porque não? Tenho a certeza de que ele ficará deliciado. Duvido que consiga falar já mas talvez mais tarde, sabem?

Woods: Sim.

Fearon: Sempre que venho ter convosco estou plenamente consciente do… bem, do entusiasmo tremendo que têm e, claro, atraem uma quantidade enorme de pessoas. Quer dizer, podem de vez em quando ter esta ou aquela pessoa, mas acreditem, se pudessem ver as centenas de pessoas, às vezes, que estão à vossa volta; não só quando vêm aqui com o objetivo de falar com alguém, mas na vossa própria casa. Já lá estive bastantes vezes, na verdade.

Greene: Já?

Fearon: Na verdade, embora não devesse dizer isto, vou dizê-lo e espero que entendam porque o digo, mas acho que podem vir a arrepender-se de sair de onde estão, sabem.

Woods: A sério?

Fearon: Bem, não sei. Acho que estão tão bem instalados aí e tudo tão organizado e vai ser mesmo um trabalho organizar tudo de novo, não acham?

Woods: Sim. [ininteligível]

Fearon: Não quero desencorajar-vos. Quer dizer, se é isso que querem fazer é convosco. Mas, por exemplo, vejam o vosso trabalho com as gravações e tudo isso, têm tudo tão bem organizado, não é?

Greene: Temos lá um grande grupo, não temos?

Fearon: Sim, pois, é isso mesmo. Agora, claro, teriam de montar tudo de novo. Suponho que, naturalmente, isso pode ser feito mas muitas vezes pergunto-me quando as pessoas ficam inquietas como o George fica — se me é permitido dizer — querem… sentem comichão, sabem, para mexer e pôr tudo a rolar, mas nem sempre as coisas correm tão bem como se pensa. Não estou a dizer que não corram se se mudarem mas… não sei. Sinto que estão tão bem instalados, de certa forma, aí. Quer dizer, em certos aspetos podem não estar, mas, quer dizer, quando fecham a porta de casa estão.

Woods: Sim.

Fearon: Sabem? E não é assim tão mau lá fora e pelo pouco que sais, George, eu diria que podias muito bem ficar como estás. Talvez não devesse dizer isto tudo, não é da minha conta…

Woods: (Interrompendo) Bem, depende de ti.

Fearon: Mas tenho um pressentimento muito forte de que… embora fossem ajudados a encontrar um lugar adequado, vai ser uma trabalheira e levar-vos-á pelo menos um ano até ficarem verdadeiramente instalados. E isso é uma fatia grande da vossa vida quando querem continuar com o trabalho. De qualquer forma, não quero desencorajar-vos…

Woods: Acho que tens razão, tens toda a razão, Mike.

Greene: (Inaudível) …mas concordo contigo, com o que disseste.
Woods: Bem, tenho pensado muito seriamente se devo… de facto mudar de sítio ou se não devemos ficar onde estamos, porque temos muito… trabalho…
Fearon: (Interrompendo) Bem, acho que já fizeram tanto no sítio onde estão e estão de certo modo tão instalados aí no que toca ao trabalho e, embora talvez não gostem da cidade em si, mas de certa forma, pelo pouco que veem dela — pelo pouco tempo que passam propriamente na cidade — acho que isso não interessa muito.
Woods: Pois não.
Fearon: E toda a gente sabe onde vivem agora e já têm, por assim dizer, um endereço estabelecido. Não sei, acho que há sempre essas… como a mãe, sabem, ela nunca conseguia sossegar. Era como uma abelha, sabem, de flor em flor e nenhuma flor lhe servia de verdade. Pobre mãe, ela não conseguia evitar, suponho. Mas muitas vezes, olhando para a vida dela, penso que teria sido mais serena e mais ajustada, mas não conseguia. Era inquieta e acho que a inquietação, de certa forma, é uma coisa má. Pode ser uma coisa boa, em certos casos, mas quando se chega a certa idade acho que é bom ficar sossegado e ficar lá até chegar a altura de vir para aqui. E acho que, como estão agora, conseguem lidar com tudo muito bem e têm tudo organizado. E acho que se calhar se iriam arrepender em certa medida… posso estar enganado… não é da minha conta mas sinto, mais pelo George do que por ti, que seria sensato ficarem onde estão; embora tenha a certeza que, se quiserem mudar, terão ajuda.
Woods: Pois.
Greene: Michael, o que tens andado a fazer agora? Da última vez que vieste deste-nos uma conversa muito interessante.
Fearon: Bem, tenho feito imenso trabalho de resgate. Isso fascina-me porque sinto que há uma grande necessidade de ajudar pessoas a atravessar, especialmente pessoas que chegam cá de repente e sem esperar e é sempre um choque terrível.
Quer dizer, quando uma pessoa está a envelhecer, está doente e fraca e aos poucos, pode-se dizer, vai-se libertando da Terra para vir para cá, de certa forma, não é tão mau como alguém que morre de repente numa guerra ou num acidente ou algo assim, porque aí é como… bem, saltar de uma vida para a outra num instante. E é mesmo isso, percebem? E, de uma forma estranha, muitas pessoas vivem em dois mundos ao mesmo tempo. É como se estivessem conscientes do novo mundo à volta mas ainda muito conscientes do mundo material e de todos os problemas e condições dele. E é como se vivessem, temporariamente pelo menos, em dois mundos ao mesmo tempo. Não digo que isto aconteça a toda a gente que morre de repente, de forma alguma, mas para muita gente acontece; especialmente talvez para os mais novos do que para os mais velhos.

Percebem, quer uma pessoa tenha consciência ou não, à medida que se vai envelhecendo, mesmo que se morra de repente, há um ajuste que se vai fazendo. É tão subtil que não se pode apontar diretamente, mas penso que existe, na consciência de si próprio, uma perceção de que se está a aproximar, por assim dizer, de outro mundo — isto se acreditar em outro mundo, claro. Muita gente não acredita. Mas nota-se isto, especialmente nos jovens, sentem que lhes roubaram a vida; que foram cortados a meio e, sem quererem, ressentem-se.
Às vezes encontra-se pessoas numa posição estranha; que se agarram a acontecimentos passados, memórias, família, laços, interesses, passatempos, todo o tipo de coisas. E ao mesmo tempo estão conscientes, gradualmente, de que algo tremendo lhes aconteceu e vivem numa espécie de mundo que faz sentido para elas e ao mesmo tempo não tem solidez, não tem realidade. É como se estivessem a tentar — sem perceber — afastar-se. E, mesmo assim, parece que a Terra tem um peso maior sobre elas quando morrem jovens e de repente.

É por isso que a tragédia da guerra é tão terrível. Se pudessem ver, por exemplo, lugares como Biafra ou o Vietname. As condições, a nuvem terrível de… bem, de sentimentos fortes de milhares de almas que foram arrancadas dos corpos de repente e sem esperar. Agarram-se à

Terra. Em alguns casos, encontram-se até pessoas que nem se dão conta de que estão mortas e continuam a agir como se estivessem vivas. E só quando começam a perceber que as pessoas na Terra com quem se relacionavam não as percebem, nem lhes ligam, é que se apercebem de que algo se passa. E depois têm essa reação estranha e, por vezes, ressentem-se. E por vezes tentam fazer coisas para chamar a atenção, por vezes sem muito sucesso. E depois, claro, há pessoas tão intensas com tudo que, sinceramente, acabam por fazer mais mal do que bem, sem sequer perceberem.
Por vezes encontram-se almas presas à Terra que não são necessariamente más de natureza ou más nos seus pensamentos ou ações, mas o seu estado mental é tal que acabam por influenciar — sem querer — algum indivíduo na Terra a fazer algo que pode ser muito mau. As reações, provavelmente, do que pensam e fazem podem ser muito más.

Na verdade, há muitas almas, por exemplo, na Terra, que sem perceberem foram tomadas por indivíduos que provavelmente ainda não saíram da vossa Terra há muito tempo, e estão a agir contra a sua verdadeira natureza. Especialmente se são pessoas de mente fraca, e alguns casos que têm até em hospitais psiquiátricos ou casos de obsessão.
Percebem, nós deste lado, que fizemos algum progresso, fazemos imenso trabalho não só com almas presas à Terra nesse sentido, mas também tentamos afastar influências que, pela sua própria forma de pensar e natureza, são muito más para os seres humanos em todo o lado. Claro que há grupos de almas deste lado cujo trabalho é atuar em hospitais psiquiátricos. Há também grupos de seres muito evoluídos e grupos de pessoas que estudaram a natureza humana em todos os seus muitos aspetos e que trabalham com líderes políticos — com poucos resultados, pode-se dizer, mas mesmo assim estamos sempre a tentar mudar o fluxo de pensamentos. Concordo que não estamos a ter o efeito que esperávamos, mas há sucessos aqui e ali com algumas pessoas.
Mas estamos horrorizados com o estado do vosso mundo. Estamos horrorizados com a forma como os jovens, em muitos casos, se comportam. Esta nova sociedade — se é que se pode chamar sociedade — que têm, é muito simbólica da época em que vivem e, sinceramente, isto deixa-nos completamente estarrecidos; porque sentimos que tudo aponta para um estado de coisas que mais cedo ou mais tarde vai explodir; não necessariamente numa guerra mas noutras formas, de outras maneiras. Por outras palavras, sentimos que esta sociedade permissiva, como lhe chamam, caminha para o desastre e mais cedo ou mais tarde haverá uma tremenda convulsão política, moral, mental e espiritual; na verdade em todos os sentidos. E penso que haverá uma espécie de revolução mundial. Não digo necessariamente uma revolução no sentido das revoluções do passado mas acho que vai haver uma quantidade tremenda de agitação e conflito. Penso que vai haver uma grande viragem, se quiserem, para — e espero que não demore muito — para a sanidade. Porque o mundo está a tornar-se cada vez mais doente mentalmente, mentalmente doente. Não é só uma questão individual. Está a tornar-se uma coisa coletiva.

Toda a emanação áurica não só de um país mas de muitos países na Europa e na América, em particular, é tal que, sinceramente, só se pode ver o resultado como sendo um de… bem, tremendo… É difícil pôr isto em palavras porque parece-me que tem mesmo de acontecer. E vai haver uma quantidade enorme de conflitos internos em vários países. E mesmo na Rússia penso que vai haver uma convulsão tremenda lá. E na América vai haver… bem, vai haver um estado de coisas que é inacreditável. Não penso por um momento que vá haver uma Terceira Guerra Mundial como tal mas penso que, dentro das nações — e todos os sinais apontam para isso — haverá e tem de haver uma enorme agitação em vários países, que será uma forma de revolução mas não o tipo de revolução de antigamente. Vai ser uma revolução nas formas de pensar e de agir e não penso que vá haver assim tanto derramamento de sangue embora vá haver em certas zonas ou distritos.

Parece-me que o mundo inteiro vai ficar dividido; possivelmente mais do que alguma vez esteve, mas não só dividido entre nações, como dentro das próprias nações. Acho que… não sei se irão… talvez vejam o início disto, não estou a falar do futuro imediato. Estou a falar de daqui a uns anos.
E claro, vai haver um progresso tremendo no espaço e penso que antes de muito tempo haverá reações vindas desse lado também, que não serão tão benéficas para o mundo como aqueles que estão nos altos cargos pensam.

Penso, sinceramente, que o Homem vai, obviamente, sofrer com os seus erros. Vai ter de aprender a lição e só a pode aprender pelo caminho errado: e isso é, se fizer algo que seja prejudicial para a natureza, que seja prejudicial para a raça humana, que seja prejudicial para a vida como o Homem conhece a vida ao longo de séculos de experiência e de tempo, não se pode perturbar, não se pode alterar, não se pode andar a lutar, como o Homem tem andado a lutar há tanto tempo de várias maneiras e formas, contra a natureza e o naturalismo sem que isso tenha a sua própria reação.

Vão acontecer coisas extraordinárias. Estou a dizer isto bem antes porque todos os sinais apontam claramente para isso: que o Homem vai aprender com a experiência, boa, má e indiferente, e certamente vai ter de reajustar a sua forma de pensar. Vai ter de reajustar a sua forma de viver e vão surgir situações muito complicadas e difíceis, que, conhecendo o Homem, ele acabará por ultrapassar, mas temo pelo futuro das gerações que vêm a seguir, especialmente da geração mais jovem, quando chegar à idade adulta, vai ser uma época que, sinceramente, eu não gostaria de viver. Claro que, de certa forma, vou vivê-la deste lado mas… tal como milhares de nós, milhões de nós, vamos tentar ajudar. Mas o Homem tem de aprender que pode ir até certo ponto mas não pode ir além disso no que toca a perturbar os elementos naturais.

Greene: Vá lá, amigo, conseguimos ouvi-lo.

Fearon: Já faz muito tempo desde a última vez que falei convosco.

Greene: Oh, é?

Flint: Quem é?

Fearon: Não tenho a certeza se me conseguem ouvir?

Greene: Sim, agora conseguimos ouvi-lo muito bem, sim.

Woods: Oh, conseguimos ouvi-lo muito bem. Muito bem mesmo.

Greene: Vá lá, amigo.

Fearon: Pensei que gostariam de saber como estou a passar.

Woods: Oh?

Greene: Sim, queremos saber.

Fearon: Parece que passou tanto tempo desde a última vez que falei convosco, e pensei em aparecer para uma conversa por uns minutos.

Greene: Oh, que bom… Sim, claro.

Fearon: Sou o Mike.

Woods: Quem está a falar?

Fearon: Sou o Mike Fearon.

Greene: Olá Mike, como estás querido? Eu bem pensei que eras tu. Sim.

Woods: Oh! Eu também pensei que era. Sim. E como estás, Mike?

Fearon: Muito bem, obrigado. Às vezes…

Woods: Oh. Mike, é tão simpático da tua parte vires falar. O quê?

Fearon: Às vezes dou um salto para vos ver.

Greene: A sério?

Fearon: Porque sei que continuam com o bom trabalho, sabem.

Greene: Sim.

Fearon: A Mãe está comigo.

Greene: Que bom.

Fearon: E o meu irmão.

Woods: O Roger… está bem?

Fearon: O Roger está aqui. A Mãe está comigo.

Greene: Que bom. Fico contente.

Woods: Que bom. E como está a Srª. Fearon?

Fearon: Oh, ela está muito bem.

Greene: Sim?

Fearon: Muito mais, bem, obviamente, muito mais feliz e claro, nem a reconheceriam. Voltou, bem, ao seu auge, sabem.

Woods: Sim.

Greene: Sim, deve ter voltado.

Fearon: Está tão diferente. Está tão relaxada e…

Greene: Que bom.

Fearon: ...tão feliz e... claro, sabem que ela teve muito que aguentar, de uma maneira e de outra.

Greene: Sim.

Fearon: Nunca chegou verdadeiramente a ultrapassar a minha morte, sabem... a morte física. E depois, claro, o que aconteceu com o meu irmão e tudo isso... como podem imaginar. E claro, ficou muito difícil para ela no fim, como sabem. A vida dela tornou-se impossível. Pobrezinha da Mãe, de facto teve muito que carregar.

Woods: Oh, sim.

Fearon: Mas, de qualquer forma, está muito bem e muito feliz agora, e sei que gostaria muito que... fosse lembrada por vocês.

Greene: Por favor, lembra-a de nós.

Woods: Será que um dia ela conseguirá falar connosco?

Fearon: Talvez, sim. Não creio que tenha grande vontade de vir falar, para ser franco.

Woods: Não.

Fearon: Conhecem a Mãe. Quer dizer, fez um progresso enorme, claro. Mas agora que está aqui connosco está, de certa forma... bem, mais ou menos perdeu o interesse pela Terra. Veio comigo hoje, é verdade, mas não está com grande vontade de voltar a comunicar. Acho que... na verdade sei que os interesses da Terra diminuíram de tal forma que, se não fosse por nós virmos, ela não se incomodaria, sabem. Mas está bem e feliz e manda lembranças e pensamentos carinhosos.

Greene: Muito obrigada.

Fearon: Mas pensei em aparecer só por recordação dos velhos tempos, sabem.

Greene: Sim.

Woods: Foi muito simpático da tua parte vires, Mike.

Greene: Sim, claro.

Fearon: Ouvi dizer que estão a pensar mudar de casa.

Greene: Sim.

Fearon: Meu Deus.

Woods: Bem, ainda não sabemos. Esperamos conseguir.

Fearon: Bem, sem dúvida conseguirão.

Greene: Suponho que sim.

Fearon: Se é isso que realmente querem, porque todos os vossos amigos aqui irão ajudar-vos. Tenho a certeza de que encontrarão um lugar adequado. Acho que será a última mudança?

Woods: Bem, não me preocupo com isso, Mike. Desde que possa continuar com isto por mais uns anos.

Fearon: Oh, não sei. Suponho que sim, por um tempo. Ainda têm de continuar. Mas, eventualmente, hão-de vir para cá.

Woods / Greene: Sim.

Fearon: Depois a Betty terá de continuar o trabalho todo sozinha.

Greene: Sim, vou ter de continuar, Michael.

Woods: Mas, de qualquer forma, estamos a enviar… estamos a enviar muitas gravações agora. Já enviámos mais de mil. E enviámos a tua…

Greene: Oh, a tua gravação está a correr mundo, Mike.

Fearon: Muitas gravações: mil. Meu Deus!

Woods / Greene: Sim.

Fearon: Oh, também me lembro desses primeiros anos, quando voltava para falar com a mãe e… tempos felizes.

Woods: Oh, sim. Chegas a encontrar o Rev. Dray-Thomas…?

Fearon: Oh, sim. Já encontrei todo o tipo de pessoas, claro, que um conhecia, quero dizer, e pessoas com quem eu costumava falar do vosso lado e que agora estão aqui. Oh, sim, o Reverendo Drayton-Thomas: é um homem muito simpático. Tem uma personalidade maravilhosa. Fico um bocado surpreendido por ele não ter feito mais tentativas de comunicar. Acredito que nos primeiros tempos, quando chegou, ele fez…

Greene: Sim, ele fez.

Fearon: …mas ultimamente acho que ficou tão imerso na nova vida, possivelmente a ganhar todo o conhecimento e experiência que pode, com o objetivo de mais tarde comunicar. Não creio que ele vá fazer disso um hábito, certamente não para já. Ele não está connosco agora. Quero dizer, não está connosco neste momento.

Woods / Greene: Não.

Fearon: Oh, claro, vocês conhecem tantas pessoas que agora se juntaram a nós.

Greene: Sim.

Fearon: Suponho que muitas vezes se perguntam porque não aparecem. Quero dizer, aquele senhor que faleceu recentemente, o Sr. Shaw.

Woods / Greene: Sim.

Fearon: Ele está aqui, sabem.

Greene: Está convosco?

Fearon: Está.

Greene: Bem, podes dar uma mensagem ao vigário de que eu…

Fearon: Na verdade, acho que ele está muito ansioso por fazer contacto com a esposa. Se ela poderá vir a Londres falar com ele, não sei. Ela própria não está nada bem, claro.

Greene: Podes dar-nos uma mensagem para lhe transmitir?

Fearon: Bem, para além do facto de que ele lhe envia todo o seu amor e bênçãos, e agora está plenamente desperto para a sua nova vida e muito feliz e, claro, está muitas vezes em contacto com ela mentalmente. Acho que ela está muito consciente da presença dele de vez em quando, e sem dúvida mais tarde, quando surgir a oportunidade, ele fará contacto com ela, percebem? Quero dizer, de forma audível. Sei que ele está ansioso por lhe falar. Na verdade, acho que ele já está a começar a sentir que… bem, há tanto que quer transmitir, mas isso terá de esperar, claro, até ao momento certo.

Greene: Sim.

Woods: Achas que ele falará connosco algum dia?

Fearon: Possivelmente. Sim, porque não? Tenho a certeza de que ele ficará encantado. Duvido que consiga falar já, mas mais para a frente, sabem.

Woods: Sim.

Fearon: Sempre que venho ter convosco estou plenamente consciente do… bem, do tremendo entusiasmo que têm e, claro, atraem um número enorme de pessoas. Quero dizer, podem ter de vez em quando esta ou aquela pessoa, mas acreditem, se pudessem ver as, bem, centenas de pessoas, por vezes, que vos rodeiam. Não só quando vêm aqui com o objetivo de falar com alguém mas no vosso próprio local. Já estive lá bastantes vezes, na verdade.

Greene: A sério?

Fearon: Na verdade, embora não devesse dizer isto, vou dizê-lo e espero que compreendam porque o digo, mas acho que poderão vir a arrepender-se de sair de onde estão, sabem.

Woods: Achas?

Fearon: Bem, não sei. Acho que já se acomodaram aí e está tudo tão organizado que será mesmo um trabalhão reorganizar tudo e recomeçar, não acham?

Woods: Sim. Pode ser…

Fearon: Não quero desencorajar-vos. Quero dizer, se é isso que querem fazer, é convosco. Mas quero dizer, por exemplo, com o vosso trabalho das gravações e tudo isso, têm tudo tão bem organizado, não têm?

Greene: Temos lá uma sala grande, não temos?

Fearon: Sim, é disso que falo. Agora, claro, terão de arranjar tudo de novo. Suponho que, naturalmente, isso pode ser feito mas, muitas vezes pergunto-me, quando as pessoas ficam inquietas como o George — se me é permitido dizer — querem… dá-lhes uma comichão, sabem, de se mexerem e porem mãos à obra, mas nem sempre corre tão bem como se pensa. Não digo que não corra se se mudarem mas… não sei. Sinto que estão tão instalados, de certa forma, aí. Talvez, nalguns aspetos, não estejam mas, quero dizer, quando fecham a porta de casa estão.

Woods: Sim. É bem verdade.

Fearon: E sabem. E não é assim tão mau lá fora e pelo pouco que saem, George, eu diria que podiam ficar como estão. Talvez não devesse dizer isto tudo, não é da minha conta…

Woods: Oh, ainda bem que o dizes.

Fearon: Mas tenho uma sensação muito forte de que… embora vos ajudem a encontrar um lugar adequado, vai ser uma grande mudança e levar-vos-á pelo menos um ano para se organizarem de novo. E isso é um pedaço considerável da vossa vida quando querem continuar com o trabalho. Mas não deixem que vos desanime…

Woods: Acho que tens razão — tens toda a razão, Mike.

Greene: Oh não, não nos vais desencorajar, Mike, mas concordo contigo, sabes, no que disseste.

Woods: Bem, tenho pensado seriamente se devo… se devemos mudar de todo ou se não devemos ficar onde estamos porque estamos a fazer muito… trabalho, sabes.

Fearon: Bem, acho que fizeram tanto nesse lugar onde estão e estão tão, digamos, organizados em relação ao trabalho, e mesmo que não gostem da própria cidade. Mas, de certa forma, pelo pouco que veem dela ou pelo pouco tempo que passam na cidade propriamente dita — não acho que tenha grande importância.

Woods: Não.

Fearon: E toda a gente sabe onde estão agora e já têm uma morada. Não sei, acho que há sempre este tipo de… como a mãe, sabem, ela nunca conseguia assentar. Era como uma abelha, sabem, de flor em flor e nenhuma flor lhe servia, de qualquer forma. Pobrezinha da mãe, não conseguia evitar, suponho. Mas muitas vezes penso, olhando para a vida dela, que teria sido mais estável e mais ajustada mas não conseguiu. Era inquieta e acho que a inquietação, de certa forma, é má.

Pode ser uma coisa boa, nalguns sentidos, mas quando se está a ficar mais velho acho que é bom ficar sossegado e ficar onde se está até chegar a hora de vir para aqui. E acho que como

estão agora conseguem gerir tudo muito bem e têm tudo organizado. E acho que se iriam arrepender, de certa forma talvez… posso estar errado… não é da minha conta mas sinto, mais pelo George do que por ti, que fariam bem em ficar quietos; embora tenha a certeza de que, se quiserem mudar, serão ajudados.

Woods: Sim.

Greene: Michael, o que estás a fazer agora? Da última vez que vieste deste-nos uma conversa muito interessante.

Fearon: Bem, tenho feito imenso trabalho de resgate. Isso atrai-me porque sinto que há uma grande necessidade de ajudar pessoas a chegar cá, especialmente pessoas que vêm de repente e inesperadamente, e é sempre um choque terrível. Quero dizer, quando uma pessoa está a envelhecer e está doente e debilitada e gradualmente, pode-se dizer, se liberta da Terra e chega aqui, de certa forma, não é tão mau como uma pessoa que morre muito de repente na guerra ou num acidente ou algo assim, porque então é como… bem, saltar de uma vida para outra num instante. E é mesmo assim, percebem? E de uma forma estranha, muitas pessoas estão a viver em dois mundos ao mesmo tempo. É como se estivessem conscientes do novo mundo à volta delas e ainda muito conscientes do mundo material e de todos os problemas do mundo material e das suas condições. E é como se estivessem a viver, temporariamente pelo menos, em dois mundos ao mesmo tempo.

Não digo que isto se aplique a todos os que morrem de repente, de modo algum, mas a muita gente aplica-se; especialmente talvez a pessoas mais novas do que a pessoas mais velhas.

Vejam, quer se tenha consciência disso ou não, à medida que se envelhece, mesmo que se passe para cá de repente, está a ocorrer um ajustamento. É tão subtil que não se pode apontar com o dedo, mas acho que há, na consciência de si mesmo, uma perceção de que se está, por assim dizer, a aproximar de outro mundo; isto se se acreditar em outro mundo, sabem. Quero dizer, muita gente não acredita. Mas há este tipo de sensação, especialmente nos jovens, de que lhes foi negada a vida; foram interrompidos e, sem querer, sem saber, talvez ressentem isso.

Às vezes encontramos pessoas que estão numa posição estranha; que se agarram a acontecimentos passados, memórias passadas, famílias, laços, interesses, passatempos, todo o tipo de coisas. E ao mesmo tempo estão conscientes, gradualmente conscientes, de que algo enorme lhes aconteceu e vivem numa espécie de mundo que tem um significado para eles e, ao mesmo tempo, não tem nenhuma solidez, nenhuma realidade.

Fearon: É como se estivessem a tentar — sem sequer perceberem — afastar-se, e, no entanto, é como se a Terra exercesse uma força sobre eles ainda maior quando uma pessoa morre jovem e de repente.
É por isso que a tragédia da guerra é tão terrível. Quero dizer, se alguém pudesse ver, por exemplo, por cima de alguns desses lugares como a Biafra e o Vietname — as condições, a multidão horrível de... bem, o sentimento tremendo de milhares de almas que foram arrancadas dos seus corpos subitamente e sem aviso. Elas agarram-se à Terra. Em alguns casos, claro, até se encontram pessoas que nem sequer se apercebem de que estão mortas e continuam como se ainda estivessem vivas. E só quando começam a perceber que as pessoas na Terra com quem estavam associadas não entendem que elas estão ali e não lhes ligam nenhuma, é que percebem que algo se passa. E depois têm esta espécie de reação estranha e, por vezes, um ressentimento; e às vezes tentam fazer coisas para chamar a atenção, mas nem sempre com sucesso. E depois, claro, encontram-se pessoas tão intensas em tudo, que, francamente, fazem mais mal do que bem sem sequer se darem conta disso.

Às vezes encontram-se almas presas à Terra que não são necessariamente más por natureza ou nos seus pensamentos ou ações, mas o seu estado mental é tal que acabam por ter um efeito, sem sequer perceberem, talvez sobre algum indivíduo na Terra para fazer algo que pode ser muito mau. As reações, provavelmente, do que estão a pensar e a fazer podem ser muito más.

Na verdade, há muitas almas, por exemplo, na Terra, que sem se aperceberem foram tomadas por indivíduos que provavelmente nem há muito tempo saíram do vosso mundo, e agem de forma contrária à sua verdadeira natureza. Especialmente se forem muito fracas de mente, e alguns dos casos que até podem ter em hospitais psiquiátricos são casos de obsessão.

Vejam, nós deste lado, que já fizemos algum progresso, fazemos um trabalho tremendo não só com almas que estão presas à Terra nesse sentido, mas tentamos afastar influências que, pela sua própria natureza e pensamento, são muito más para os seres humanos por toda a parte. Claro que há grupos de almas deste lado cujo trabalho é estar em hospitais psiquiátricos. Também há grupos de seres altamente evoluídos e também grupos de pessoas que fizeram um estudo da natureza humana em todas as suas facetas e que trabalham sobre líderes políticos — sem grande resultado, podem dizer, mas mesmo assim estamos constantemente a tentar mudar o fluxo de pensamentos. Concordo que não estamos a ter o efeito que esperávamos, mas há alguns sucessos aqui e ali com indivíduos.

Mas ficamos horrorizados com o estado do vosso mundo. Ficamos horrorizados com a forma como os jovens, em muitos casos, se comportam. Esta nova sociedade — se é que se pode chamar assim — que vocês têm é, sem dúvida, muito simbólica da época em que vivem e, francamente, isso em si mesmo horroriza-nos para lá do que se pode acreditar; porque sentimos que tudo aponta para um estado de coisas que mais cedo ou mais tarde vai explodir; não necessariamente numa guerra mas noutros sentidos, de outras formas. Por outras palavras, sentimos que esta sociedade permissiva, como lhe chamam, caminha para o desastre e mais cedo ou mais tarde haverá uma tremenda convulsão política, moral, mental e espiritual; na verdade em todos os sentidos. E penso que vai haver uma espécie de revolução mundial. Não quero dizer necessariamente uma revolução no sentido das revoluções do passado, mas acho que vai haver uma grande agitação e fricção. Acho que vai haver uma viragem enorme, se quiserem, para — e espero que não demore muito — a sanidade. Porque o mundo está cada vez mais doente mentalmente, doente da mente.
Não é só uma coisa individual isto. Está a tornar-se uma coisa colectiva.

Toda a emanação áurica não só de um país mas de muitos países na Europa e na América, em particular, é tal que, francamente, só se pode ver o desfecho como sendo um de, bem, tremenda… É — é difícil pôr isto em palavras porque parece-me que tem de acontecer. E vai haver imensa conturbação interna em vários países. E mesmo na Rússia acho que vai haver uma enorme convulsão lá. E na América vai haver… bem, um estado de coisas que é inacreditável. Não penso por um momento que vá haver uma guerra mundial propriamente dita, mas acho que nas nações — e todos os indícios apontam para isso — que terá de haver e haverá uma enorme agitação em vários países que será uma forma de revolução, mas não do género de revolução do passado. Vai ser uma revolução nas formas de pensar e de agir e não creio que vá haver assim tanto derramamento de sangue, embora vá haver em certas zonas ou distritos.

Parece-me que o mundo inteiro se vai dividir; possivelmente mais do que nunca, mas não só dividido entre nações, mas dividido dentro das nações, nos países. Penso que… porque duvido que venham — podem ver apenas o início disto. Não estou a falar do futuro imediato, falo de daqui a alguns anos.
E claro que vai haver imensos progressos feitos no espaço e penso que antes de muito tempo

haverá reações nessa direção também, que não serão tão benéficas para o mundo como possivelmente aqueles nos lugares altos pensam.

Francamente, penso que o homem vai obviamente sofrer com os seus erros. Vai aprender a sua lição e só pode aprender pelo caminho errado e é que, se fizeres algo que é prejudicial para a natureza, que é prejudicial para a raça humana, que é prejudicial para a vida como o homem conhece a vida, ao longo de séculos de experiência e tempo, não podes perturbar, não podes incomodar, não podes andar a lutar — como o homem tem andado a lutar há muito tempo de formas diferentes — contra a natureza e o naturalismo sem que isso tenha a sua própria reação.

Vão acontecer coisas extraordinárias.
Digo isto bem antecipadamente porque todos os indícios apontam claramente para isto: que o homem vai aprender com a sua experiência — boa, má e indiferente — e certamente vai ter de reajustar a sua forma de pensar. Vai ter de reajustar a sua forma de viver e vão surgir algumas situações muito difíceis, muito exigentes, que, conhecendo o homem, ele acabará por ultrapassar. Mas temo pelo futuro da geração que aí vem, particularmente pela geração mais jovem de crianças, quando atingirem a maturidade vai ser uma época que, francamente, eu pessoalmente não gostaria de viver. Claro que, de certa forma, viverei, deste lado, como de facto milhares de nós, milhões de nós, tentando ajudar. Mas o homem tem de aprender que pode ir até certo ponto, mas não pode ir mais longe no que toca a perturbar os elementos naturais.

Greene: Mmm… Michael, o que achas… achas que estes jovens… parece haver uma quantidade terrível de dependência de drogas hoje em dia, não é? Achas que estão a ser influenciados do outro lado, sabes, pessoas…

Fearon: Acho que é preciso lembrar sempre — e acho que isto é algo que todo o espiritualista ou todos os que se interessam por este tema deveriam entender — que há boas e más influências. Mas isso é ainda mais razão para se abordar todo este tema com o espírito certo e o sentido certo; que, tal como tu és, até certo ponto é verdade dizer, assim atrairás à tua volta e para ti. Se as tuas motivações são boas, se os teus desejos pelo bem são tais, que queres ser de verdadeiro serviço para a humanidade, esquecer-te de ti mesmo — e no processo de te esqueceres de ti mesmo, aprenderes e desenvolveres o teu próprio carácter e personalidade — então muito bem.
Mas vejam, tantas pessoas usam este tema com um motivo ulterior no sentido errado, da forma errada e preocupam-se mais com as coisas materiais, com isto, aquilo e o outro que diz respeito às suas vidas pessoais. E veem este lado da vida como uma via de conhecimento para benefício material. Isto está tudo errado — a não ser que abordem isto num sentido verdadeiramente espiritual, que é totalmente diferente de um sentido religioso e nada tem a ver, claro, com a igreja ou com o cristianismo ou com qualquer 'ismo' em particular — embora se possa aproveitar o que há de bom em todos.

Mas, mesmo assim, acho que a abordagem tem de ser com uma mente completamente aberta e livre, com o único desejo de aprender aquilo que é bom e pô-lo em prática nas vossas vidas e ajudar a humanidade. Se alguém o aborda da forma certa então claro que se protegerá contra as más influências. Mas se tiveres essas tendências que alguns têm para coisas que não são boas, então claro que serás, se permitires, possuído por entidades que não são boas e que te irão iludir e desorientar. Por outras palavras, acho que é verdade dizer, que tirarás disto aquilo que puseres. E tantos não põem nada de valor nisto, nas suas investigações, no seu desejo de conhecimento. Alguns perdem o caminho e alguns deixam-se enganar e desencaminhar, sabes.

Greene: Michael, se pudermos voltar ao teu trabalho de resgate, agora o que acontece a uma pessoa que se suicida? Suicida-se, a sua motivação é querer sair de tudo e no entanto não acredita numa vida depois da morte, pensa que quando morrer acabou. Agora o que... como é que resgatas essas pessoas? Qual é realmente a reação delas?

Fearon: Bem, não gosto da palavra resgate, nesse sentido. Sei que dizes isso com boa intenção, porque acho que é preciso ajustar a ideia e a mentalidade de cada um a todo este assunto do que vocês chamam suicídio.

Greene: Sim?

Fearon: Não estou a desculpar o suicídio e há muitas razões para o suicídio. Quero dizer, há muitas pessoas que tiram a própria vida que já estão mentalmente doentes de qualquer forma, que não são totalmente responsáveis. Há algumas que estão tão infelizes e tão tristes e tão sós e tão deprimidas e tão tudo, sabes, que uma pessoa perdoa-lhes, consegue ver as razões. Vês, acho que as pessoas dão demasiada importância a esta coisa da morte, vês, esse é que é o drama, percebes, é que as pessoas finalizam tudo com a morte e claro, o simples facto de uma pessoa tirar a própria vida não acaba ali. Quero dizer, na verdade, em certo sentido, só começam realmente a viver quando morrem, no sentido mais pleno. E claro, o facto de tirar a própria vida é em si mesmo, pode-se dizer, uma forma de castigo na medida em que acordas para as tuas responsabilidades; percebes que não escapaste de ti próprio, não escapaste realmente das circunstâncias. Na verdade, tornaram-se, em certo sentido, mais conscientes e mais cientes dessas mesmas condições das quais estavam a fugir.

Não gostaria de sugerir por um momento que pensamos que... que o suicídio é uma coisa boa ou que concordamos que as pessoas o façam se não quiserem enfrentar as coisas ou, por outras palavras, querem fugir. Não se pode fugir de si mesmo, não se pode escapar. Claro que é bom que as pessoas lutem e se esforcem e superem, se conseguirem, no plano material. Mas há uma ideia errada, penso eu, de que os suicidas são castigados. Ninguém pode castigar ninguém — não há tribunal aqui, não há lei aqui nesse sentido. Não há juiz para julgar, o homem julga-se a si mesmo, ele próprio se castiga e se toma para si o direito, se quiseres, de tirar a sua própria vida, é a vida dele para fazer o que quiser.

Mas depois, vês, ele na verdade não tira a sua própria vida porque é impossível. Podes tirar o físico, por assim dizer, mas depois, ao despertar aqui, continuas muito consciente de ti mesmo e do teu passado e das circunstâncias — e, de facto, de uma forma estranha, castigas-te a ti próprio. Não foges de ti, não escapas de ti. Ficas contigo mesmo. E embora possas não ter, por assim dizer, os mesmos problemas físicos, materiais, enfrentas outros problemas que criaste. Porque só se aprende com a experiência — seja ela material, do vosso lado, durante uma existência material, ou seja deste lado, num sentido espiritual.

Fearon: Nunca se deve partir com a ideia de que, só porque se está 'morto', como o mundo diz — quer morras de forma natural, normal ou pela tua própria mão — que tudo, uma vez passado esse estágio da morte, que tudo no jardim vai ser maravilhoso, porque isso simplesmente não é verdade. Há essa ideia parva que as pessoas têm, de que assim que chegam aqui tudo vai ser maravilhoso. Bem, é ridículo. Porque este é um mundo de realidade, não é um mundo de ilusão e há todo o tipo de coisas às quais, obviamente, uma pessoa tem de se ajustar... ajustar-se a si própria.
É preciso aprender através das experiências e, invariavelmente, claro, se se quer aprender, se se quer progredir, se se quer encontrar a verdadeira felicidade, há muitas coisas que se devem reajustar e 'corrigir' dentro de si próprio — e não é necessariamente uma coisa fácil de fazer. E não se consegue alcançar algo aqui só por desejo ou pensamento ilusório, é preciso trabalhar

para isso, é preciso fazer o esforço e, num certo sentido, é verdade dizer que conforme semeares, assim colherás. E na medida em que uma pessoa pode ser uma pessoa normal, que tem muitos pontos e qualidades boas, mas que tem as suas falhas — quero dizer, estas coisas têm de ser ajustadas.

Não te tornas subitamente um anjo, não entras subitamente no paraíso, não tens subitamente tudo o que queres pousado no colo. Há almas aqui que te esperam, que te recebem, que te dão as boas-vindas e te ajudam; pessoas que conheceste e amaste, etc.; pessoas que também fizeram algum progresso. A questão é que há sempre muito para aprender, muito para experienciar.

Greene: Já ajudaste pessoas — não vou usar a palavra que não gostas — mas já tiveste experiências interessantes que possas contar-nos, sobre alguma pessoa em particular que tenhas conseguido ajudar, Michael?

Fearon: Oh sim, claro que já ajudei tantas…

Greene: Bem, podíamos ter uma em particular, uma interessante?

Fearon: Bem, nem sei por onde começar. Suponho que um dos casos mais interessantes que já tive foi uma pessoa que cometeu suicídio — já que estamos a falar de suicídio — que, francamente, tinha chegado a um ponto onde não havia retorno, do ponto de vista dele, que tinha vivido uma vida que, em muitos sentidos, era irrepreensível. Mas que, por circunstâncias que não criou, mas que foram criadas por outra pessoa — outra pessoa na sua vida criou uma situação e um ambiente que ele sentiu que já não podia enfrentar — ele tirou a própria vida. Mas vês, a questão é que ele não estava a escapar, ele pensou que estava a escapar de algo, mas a pessoa com quem ele estava associado é que era realmente a pessoa que precisava de mais ajuda do que ele. E embora tenha feito todos os esforços para ajudar essa pessoa na Terra, suponho que sentiu que chegou a um 'muro' que não conseguiu ultrapassar.

Mas deste lado conseguiu fazer mais do que alguma vez teria conseguido fazer na Terra, o que pode, num certo sentido, parecer justificar o suicídio dele — claro que não justifica. Mas a questão é que, desde que partiu, conseguiu ajudar imensamente essa pessoa, num sentido mental, através de intuições, de impressões, permitindo a essa pessoa… Suponho que essa pessoa, tendo a sua liberdade depois dele se suicidar, de certo modo tornou mais fácil para essa pessoa fazer algo que possivelmente antes não conseguia fazer.

Por outras palavras, essa pessoa voltou a casar, essa mulher voltou a casar e gradualmente começou a perceber, através do seu casamento em parte, que o homem que se suicidou, o seu marido anterior, era — em comparação com o seu novo casamento e marido — um santo. Quero dizer, a questão é que ele conseguiu, indiretamente, ajudar essa pessoa a encontrar, não só uma nova forma de vida, mas também a aprender certas lições que ele não conseguiu ajudá-la a aprender quando lá estava.
Isto pode parecer o caso mais paradoxal e estranho, mas ele conseguiu influenciar essa pessoa. Agora que ela é muito mais velha, está numa posição para ver por si própria, as suas próprias falhas e defeitos e reavaliou o seu casamento anterior com essa pessoa, e a influência dele teve um impacto tão grande na vida dela que ela é uma mulher completamente mudada. E, em consequência, alcançou um estado de evolução que, sem dúvida, não teria alcançado se ele não se tivesse suicidado.

Agora, isto pode parecer uma desculpa para tirar a própria vida. Não é de todo essa a intenção. Mas às vezes, vês, pensamos demasiado em nós próprios e não percebemos que, por vezes,

afetamos as vidas de outras pessoas de tal forma — tal como elas podem afetar as nossas — que nem sempre vemos o quadro com clareza. E este homem vê agora a sua própria vida de uma forma e sentido completamente diferentes também. Fez um progresso tremendo, não só ajudando a sua mulher anterior a encontrar uma nova realização da verdade e uma compreensão de valores, mas ele próprio conseguiu ajudar o seu filho — que morreu na infância e que cresceu aqui — e conseguiu tornar-se, por assim dizer, uma figura paterna e ajudá-lo a progredir. E também, de uma forma estranha (embora isto possa parecer estranho), embora a alma fosse muito jovem — o filho — conseguiu influenciar o pai.

Se ao menos as pessoas percebessem que estamos todos tão interligados e entrelaçados que todos somos, sem nos apercebermos, parte uns dos outros; não necessariamente num sentido físico, mas muito mais num sentido mental e espiritual. Quero dizer, esta questão das famílias e dos relacionamentos, por mais importantes que pareçam na Terra, não são necessariamente tão importantes como podem parecer. Quando se percebe que o universo inteiro, toda a vida humana — e não só a vida humana, mas também a vida animal — é toda parte do mesmo espírito. E quando percebemos que estamos todos a partilhar e a fazer parte deste espírito, que é a própria vida, embora tomemos forma e venhamos à Terra e cresçamos e nos tornemos esta ou aquela pessoa, na verdade somos apenas uma parte minúscula de um... não sei bem... de uma alma-grupo.

Gostava de conseguir explicar esta questão das almas-grupo, porque embora amemos a nossa individualidade, nos lisonjeemos com a nossa personalidade individual; e é importante e vital que nos desenvolvamos individualmente e mantemos a individualidade — é como se fôssemos, sem nos apercebermos, pequenas unidades num grande todo universal. E se ao menos se percebesse isto, começaríamos a pensar e a agir de forma diferente. O mundo inteiro poderia mudar se as pessoas entendessem que todos fazem parte do mesmo espírito em fluxo e que estamos todos a contribuir, uns para os outros. Às vezes é tão subtil que quase não sabemos, não percebemos, mas nós deste lado percebemos, claro.

Woods: Havia algo que eu queria perguntar-te Mike, mas não sei bem. Podes dizer-nos algo sobre os sonhos? Se são reais? Vês, às vezes temos sonhos invulgares e extraordinários, se vêm do outro lado ou...

Fearon: Bem, os sonhos, claro, podem ser o cérebro ativo a inventar e criar imagens. Por outras palavras, são coisas superficiais que não têm fundamento, não têm realidade como tal. São meros produtos da mente, do cérebro — imagens, por assim dizer — em que tudo parece muito real. Na verdade, essa é a alegria e a beleza de tudo isto, é que a mentalidade e o poder do pensamento são tais que tudo é concebível e possível por ele, através dele e com ele.

Mas há uma grande diferença entre as... as coisas que se inventam no estado de sono, que são realmente, num certo sentido, sonhos e não têm base na realidade, mas, mesmo assim, há uma grande diferença. Há uma realidade de contacto espiritual, de ser capaz de deixar o corpo e entrar num ambiente — um ambiente mental — de espírito e encontrar e conversar com pessoas que partiram antes.
Mas acho que é preciso aprender a diferenciar e acho que se deve conseguir diferenciar entre o que é obviamente um sonho, que não tem fundamento real, não tem realidade como tal — e aquilo que é uma coisa real, uma experiência do corpo, do corpo espiritual, a deixar o corpo físico por um curto espaço de tempo, que pode ser apenas alguns segundos no vosso tempo, e a entrar num estado mental e estar em harmonia, temporariamente, com este mundo ou os habitantes deste mundo.

Vês, tempo, distância, espaço, tudo isso é ilusão. A realidade do espírito é tal que, uma vez experimentada, não há como duvidar. Acho que se deve conseguir diferenciar entre o que é, obviamente, apenas um produto da mente, do cérebro, da criação, por assim dizer — que não tem realidade como tal, embora possa parecer real enquanto se está a vivenciar — e aquilo que é a realidade do pensamento ou da comunicação espiritual. Por outro lado, claro, é possível, sejamos honestos, ligar-se a condições astrais muito mais facilmente e às vezes as condições astrais são tais que a realidade está lá, embora se confunda e se misture com os próprios pensamentos e ideias durante o estado de sono — pode-se ter uma mistura estranha, percebes.

Vês, há tantas fontes inexploradas de consciência e todas são camadas de consciência. E não há dúvida de que há alturas em que se tem uma camada de consciência de um mundo que está tão entrelaçado com o vosso, que é uma mistura do vosso e uma mistura de algum mundo — que está interligado com o vosso — que é uma unidade separada, no entanto.

Por outras palavras, acho que muita gente entra no astral, e como muitas das coisas no astral são semelhantes e parecidas com as materiais — na verdade são quase idênticas — é difícil diferenciar se se inventou realmente algo de próprio, sem se dar conta disso durante o estado de sono, ou se se entrou no astral e, por um breve espaço de tempo, se posso usar o sentido de tempo, se entrou numa realidade de experiência que, bem, claro, só se pode esperar que, quando se parte*, se ultrapasse.

A maioria das pessoas ultrapassa, mas há este mundo astral muito real que está entrelaçado com o vosso, que é tão semelhante e tão igual e que em muitos casos reproduz tudo. É como um espelho, este mundo astral, e reproduz não só o presente do vosso mundo, mas também o passado e podem recuar no espaço e no tempo e até avançar um pouco. Porque o plano astral em redor da Terra, que está interligado, não só reflecte tudo o que aconteceu no vosso mundo, mas até certo ponto é uma indicação do que está para vir.

Na verdade, é bem verdade dizer que é por isso que, claro, as pessoas, quando se interessam pelo Espiritualismo ou pelo psíquico, às vezes recebem mensagens notáveis sobre o futuro, que são muito precisas, não necessariamente porque vêm de almas superiores, mas claro que vêm de almas astrais que estão tão próximas da Terra, que conseguem prever. É aí que se tem de ter muito cuidado, quando se insiste, como alguns fazem, em mensagens materiais — aí é que reside o perigo. Eu sugeriria que é melhor nunca insistir em mensagens materiais, mas se alguma alma que conhecem e em quem confiam vier aconselhar-vos, por sua própria vontade e iniciativa, sem pressão da vossa parte, podem ter a certeza de que é um bom conselho e vale a pena seguir.

Fearon: Quando essas pessoas vão a médiuns e insistem, insistem, insistem sempre em coisas materiais, e muitas vezes obtêm uma boa resposta e mensagens materiais que são muito evidenciais ou, digamos, que muitas vezes se provam certas com o tempo e a experiência, às vezes… não digo que sejam necessariamente influências más, mas certamente não são educativas nem muito úteis num sentido mental e espiritual. Porque a grande maioria dos espiritualistas contenta-se apenas com mensagens materiais e conselhos materiais e vive na periferia. É essa periferia que é perigosa, na minha opinião, e a grande maioria dos espiritualistas está apenas na periferia.

Enfim, não posso ficar mais tempo, mas espero voltar outra vez um dia para falar mais sobre estes assuntos, se isso ajudar. De qualquer forma, é bom falar convosco.

Greene: Obrigada Mike. Maravilhoso.

Woods: Obrigado Michael.

Fearon: O nosso amor de todos nós aqui e que Deus vos abençoe. Adeus.

Greene: Adeus Michael.

Mickey: Tchau tchau.

Lang: Cosmo Lang aqui.

Woods: Sim.

Greene: Desculpe, poderia dizer o seu nome outra vez?
Lang: Cosmo Lang.
Greene: Cosmo Lang?
Lang: O meu nome é Lang.

Woods: Lang?
Lang: Cosmo Lang.
Woods: Cosmo Lang. Sim, Arcebispo de...
Greene: Ah é...?

Lang: Conseguem ouvir-me?
Woods: Sim.
Greene: Sim, só que sim.
Lang: Peço-vos que me perdoem se não me manifesto muito bem.
Woods: Está a ir muito bem.
Lang: É um procedimento bastante complicado conseguir falar desta forma, através deste aparelho.
Woods: Sim.
Lang: Mas gostaria muito de falar convosco por uns momentos.
Woods: Muito obrigado...
Lang: ...há muitas almas aqui... como eu, que têm enorme vontade de contactar a Terra e de prestar algum serviço.
Woods: Sim.
Lang: Mas compreendemos as inúmeras dificuldades — dificuldades do nosso lado e, num certo sentido, também do vosso.
Woods: Sim.
Lang: Há tão poucos, infelizmente, nos vossos círculos espiritualistas, que parecem ter uma verdadeira aspiração no sentido mais elevado. E embora eu não queira causar alarme, deixo este aviso: na minha opinião, é muito imprudente que tantas destas almas do vosso mundo, sentadas nos seus círculos, o façam da maneira como tantas vezes fazem.

Se ao menos percebessem os perigos que existem em volta e à volta. Há muitas almas presas à Terra, de ordem inferior, que estão mais do que desejosas de aproveitar a oportunidade para deturpar e, na verdade, considero extremamente perigoso mexer nestas coisas. Com isto quero dizer que, quando se sentam em grupo ou círculo na vossa casa, ou onde quer que seja, devem abordá-lo da forma correcta, de modo verdadeiramente espiritual.
Woods: Sim.
Lang: E deviam aspirar ao mais alto possível, para que pudessem contactar almas que vos

possam inspirar e ajudar. Tenho ido a muitas destas sessões — estas sessões espíritas, como lhes chamam — e percebo perfeitamente como podem ser perigosas se não forem conduzidas de forma verdadeiramente espiritual.
Woods: Quando estava na Terra, era o Arcebispo da Cantuária?
Lang: Há muito tempo. Mas não queremos falar disso.
Woods: Mmm...
Lang: Se não se importam?
Woods: Não.
Flint: [Aspira]
Greene: Amigo, posso perguntar-lhe uma coisa?
Lang: O que é?
Greene: Posso perguntar como se sentiu... onde se encontrou quando passou para o outro lado e as suas reações?
Se não se importar?
Lang: Bem... sabem...[quando] tomei consciência do meu novo estado de ser, naturalmente — como tantos outros antes de mim e depois — fiquei surpreendido. É um pouco difícil saber o que realmente se esperava.

Suponho que a minha formação religiosa e o meu conhecimento dentro da Igreja e dos ensinamentos da Igreja e os meus estudos sobre a Bíblia e as filosofias de outras religiões, e assim por diante, me faziam esperar algum tipo ou forma de vida em que encontraria... oportunidade de servir... Deus... e encontraria à minha volta pessoas de pensamento e interesse semelhantes.

Mas naturalmente, suponho que tinha, de certa forma, uma convicção religiosa estreita destas coisas. Agora percebo muitas coisas, claro, que eu pensava serem factuais e verdadeiras mas que não o são necessariamente. Percebo agora, claro, que muitas das coisas em que acreditava não eram realmente assim, de facto. Tendemos, ao longo de séculos, possivelmente a obscurecer a verdade; isto é, as verdades simples que Jesus deu ao mundo.

Dogma, credo — que, claro, eram parte tão forte da minha vida — percebi que são inexistentes e irrelevantes aqui; que um homem não é mais depois da morte do que era antes, nesse sentido, enquanto pessoa e carácter na sua existência individual... Mas, no fundo, estava mais preocupado com coisas espirituais, por isso, quando vim para aqui, em grande parte, muitos dos instintos materiais, suponho que se lhes pode chamar assim, ou desejos, desapareceram rapidamente. E não senti, como tantos sentem quando chegam aqui, a necessidade de certas coisas físicas.

Para mim não tinha importância, não era preocupação. Na verdade, de certa forma, foi um alívio saber que já não precisava de me preocupar com isto ou com aquilo. Fiquei contente, por outras palavras, por me libertar do corpo e dos seus desejos e necessidades. E fiquei feliz por me encontrar num ambiente, entre pessoas que tinha conhecido e amigos que tinham partido muitos anos antes de mim, e certos familiares e amigos e assim por diante, todos lá para me receber.

Depressa percebi, claro, o meu novo estado de ser e foi um alívio ver que era tão real e tão natural. Claro, era, de muitas maneiras, diferente do que se poderia ter antecipado quando se pensa nos primeiros ensinamentos que recebi, no meu passado e tudo isso. Mas depois, mais para o fim da minha vida, tinha mudado muito das minhas visões mais rígidas e acho que estava muito mais aberto, em muitos aspetos, para receber novos conhecimentos. Mas claro, no que toca ao Espiritualismo, tinha muito medo disso. Tinha medo que pudesse minar a Igreja e

provavelmente até destruí-la. E não tinha a certeza se tinha muito a oferecer. Era bom. Claro que muitas destas ideias agora já mudei, mas continuo a pensar que há perigos no Espiritualismo.

Lang: Eu sinto muito fortemente que é algo tão vital e tão importante, que todos os povos deviam ter consciência disto e conhecer. Mas sinto que é perigoso se for usado de forma errada. Por outras palavras, sinto que é importante que se organizem colégios ou sociedades onde instrumentos possam ser treinados de forma correcta; onde possam ser amparados e alimentados; onde possam ser libertos de todas as preocupações e ansiedades terrenas; onde possam seguir uma vocação, por assim dizer, para fazer desta mediunidade, como lhe chamam, uma vocação. Tal como alguém que entra para o ministério; entrega toda a sua vida a isso, é treinado e separa-se do mundo e, no entanto, está no mundo e serve o mundo, mas numa vibração espiritual mais elevada.

Porque, se quiserem contactar as forças mais elevadas, as forças boas, aquelas que podem ajudar o mundo, aquelas que podem elevar a humanidade, têm de ter instrumentos de mente e pensamento semelhantes. E como já disse, parece-me que muitos desses instrumentos são, infelizmente, de uma ordem muito baixa.
Com isto não quero que pensem que condeno. Longe disso. Tenho muita vontade de ajudar todos, naturalmente. Mas sinto que só quando aquilo a que chamam Espiritualismo for colocado na devida perspetiva — quando for usado e aplicado da forma certa, quando tiver instrumentos de um nível mental e espiritual mais elevado, que renunciem a tudo em verdadeiro serviço a Deus, considerando-se apenas instrumentos do Seu poder divino para servir os filhos da Terra, e que tenham esse desejo de auto-sacrifício, de renunciar a tudo em serviço, de sintonizar com o mais elevado e mais puro que possa vir do nosso mundo... então sim. Mas enquanto estiverem, por assim dizer, apenas a arranhar a superfície dos mundos astrais — como me parece que 90% dos vossos instrumentos fazem — então, isso não é apenas mau, mas pode até ser perigoso.
Porque o semelhante atrai o semelhante, e também entidades inferiores, presas à Terra, que se agarram à Terra, podem manifestar-se e usar instrumentos e também, através deles, falar às pessoas e contar coisas que não são verdadeiras e causar grande infelicidade, muita miséria. Se pudessem ver, como eu vi, várias mentalidades e entidades inferiores a assombrar vários lugares no vosso mundo... Por exemplo, pensem em alguns daqueles que chamam de lunáticos, alguns daqueles que estão em lugares separados, devido ao seu estado mental — muitas vezes são controlados ou usados por forças baixas, entidades baixas.
Vejam, há muitos que, no vosso mundo, são médiuns inconscientes e se os responsáveis, por exemplo, em certas instituições onde estão internados os doentes mentais, compreendessem estas coisas, estas verdades da comunicação, muitos desses pacientes poderiam ser libertos dessas entidades. Mesmo, como sabem, no tempo de Jesus, quando libertou aqueles que estavam possuídos pelo diabo. Assim é: a obsessão existe muito no vosso mundo, em certos casos. E é aí que me parece que residem os perigos destas sessões — que se pode ser obcecado por entidades que vos distorcem e distorcem a verdade, que vos dão falsidades e vos enganam.

Acho tão importante que, quando se sentam, o façam sempre na devida disposição, da forma correcta. Que primeiro se aproximem de Deus, não apenas quando se sentam para rezar, mas também nas vossas vidas, o que é ainda mais importante. Pois é inútil sentar-se uma hora a rezar, se vocês próprios, na vossa vida diária, não tentarem fazer dela uma oração viva, em pensamento e ação.

É por isso que falei tanto sobre isto, porque vejo como é vital que a Igreja — se quiser viver, se quiser cumprir o trabalho que se propôs fazer há séculos atrás; quando nos primeiros tempos, evidentemente, os mestres e profetas eram usados, quando eram controlados por almas elevadas para transmitir ensinamentos desde os tempos mais remotos... Quando se percebe as

fundações da Igreja e o tremendo poder que tinha — e não falo do poder material, falo do poder espiritual — quando se compara a Igreja Primitiva com a Igreja de hoje, torna-se evidente que se desviou muito dos seus ensinamentos originais e da força espiritual original para o bem.

Sei que há almas sinceras e boas em todas as organizações e corpos religiosos, que se esforçam ao máximo para espalhar o evangelho e os ensinamentos de Jesus e procuram, nas suas próprias vidas, mostrar o caminho que Jesus lhes traçou. Mas, mesmo assim, vejo agora a Igreja numa perspetiva verdadeira. Reconheço as suas falhas, percebo como, quando e onde errou e se desviou do caminho simples que Jesus preparou. Reconheço que deste Espiritualismo, como lhe chamam, pode vir muito de bom. Na verdade, é obviamente a essência da Igreja Primitiva, dos primeiros cristãos que se reuniam e eram possuídos pelo poder do Senhor e que venciam a carne e renunciavam a tudo para seguir Jesus.
Sei que, se esta grande e gloriosa verdade fosse proclamada e demonstrada e manifestada no verdadeiro sentido, o mundo inteiro mudaria e o homem voltaria a estar unido a Deus. E grandes almas e grandes forças viriam em vosso auxílio, para vos elevar, guiar e tornar possível um caminho de justiça e verdade para todos os povos, independentemente de classe, cor ou credo. Essa é a razão pela qual regressamos até vós. Para que possamos, em certa medida, tornar-vos conscientes da vossa grande herança e também conscientes da vossa grande responsabilidade uns para com os outros.

Aqueles de vós que conhecem esta grande verdade da comunicação e o que ela pode significar e o que pode realizar, provavelmente compreenderão...

Woods: Sim?
Greene: [A sussurrar] Isto é maravilhoso, George.
Woods: É maravilhoso, sim.
Greene: [Ininteligível] ...é maravilhoso.

Lang: ...quando devidamente compreendida e aplicada na vida de todos. Nós, que vimos até vós, lembrem-se, vimos de todas as condições e estratos de existência. E se aspirarem, podemos chegar até vós e podemos unir-nos a vós e criar, por assim dizer, uma ponte sobre a qual possamos viajar mais perto de vós e assim comungar, guiar e inspirar-vos. Mas há tantos no vosso mundo, como já disse, que conhecem esta verdade em parte, mas que se contentam com a casca exterior, que se contentam com o aspeto material destas coisas e pouco ou nada se preocupam com o que é realmente espiritual.

Por isso, para mim, quando se fala em Espiritualismo, parece-me um nome errado. Como pode ser espiritual quando há tão pouco de espiritual nele? Tenho estado em muitas das vossas reuniões e igrejas e sessões. E com todo o respeito, sinto que tenho razão em dizer que há muito pouco que seja espiritual. Vejo a grande necessidade das pessoas no vosso mundo por consolo quando ficam entristecidas pela perda, como lhe chamam, de alguém querido. É natural que precisem de provas. E sei muito bem que as provas são dadas, e sempre serão, onde a necessidade é grande.

Mas quantos há, que, depois de receberem a sua prova, depois de receberem a sua convicção... quantos há que tentam pôr nas suas vidas esta grande realização que deve vir com tal demonstração ou experiência? Que poucos há que estão dispostos a tomar para si a cruz de Cristo e sacrificar-se, se necessário, para o bem do mundo. Quantos são aqueles que, quando chega o momento, farão algum sacrifício pela verdade?

Meus amigos, até que o Espírito de Cristo entre no movimento espírita, não poderá haver progresso em sentido espiritual. E quando digo Espírito de Cristo, refiro-me ao poder, ao amor e

ao conhecimento de Deus e da sua sabedoria e do seu caminho para os seus filhos. E quando falo do Espírito de Cristo, acreditem, não me refiro a ele num sentido estreito. Não me refiro a ele num sentido que possa ser aplicado de forma dogmática. Não me refiro a credos e dogmas e todas as coisas que dizem respeito à ortodoxia. Refiro-me a Cristo no sentido de consciência e perceção espiritual.

Pois se o seguirmos — e quando me refiro a ele, refiro-me àquilo que ele demonstrou como filho do Pai Divino. Lembrando que ele veio ao mundo para tratar dos negócios de seu Pai. Percebendo que era humano, como vós sois humanos, sofrendo os mesmos graus, e mais ainda, as coisas da carne. Percebendo que era fisicamente e humanamente o mesmo que cada um de vós; mas possuído, tal como vós, da centelha Divina. Mas percebendo que era um filho de Deus, tal como vós sois filhos de Deus também. Ele não veio para ser proclamado rei entre os homens. O seu reino, como disse, não era da Terra, mas do espírito. Não estava preocupado com coisas materiais, como tais. Preocupava-se com os seres humanos, para que pudessem encontrar, através do amor e do sacrifício, se necessário, o caminho de volta ao Pai Divino, de volta a Deus.

'Pois eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim.'
Estas palavras foram muito mal interpretadas ao longo dos séculos e foram a base de muito dogma. Muitos erros surgiram devido à má interpretação destas palavras.

'Eu sou o caminho, a verdade e a vida.' O que queria ele dizer? Obviamente, queria dizer que era seguindo os seus passos. Por outras palavras, tornarem-se como ele; sacrificando o aspeto físico das coisas, reconhecendo o poder espiritual e a graça que habitam em todo o homem. Ao desenvolver isso, e pensar nas coisas do espírito e superar a carne em consequência — esse é o caminho, a verdade e a vida.

'Ninguém vai ao Pai senão por mim' — por outras palavras, em mim, seguindo-me, seguindo o que eu faço e procurando tornar-se semelhante a mim — esse é o caminho da salvação. Jesus não tinha preocupação com coisas materiais, como tais. Preocupava-se com o aspeto espiritual do homem. O aspeto material não tinha importância.

Lang: As razões são óbvias para o facto de ele ter sido crucificado, porque aqueles que estavam ao seu redor — que o tinham visto realizar aquilo a que o mundo chama 'milagres', que o tinham visto fazer grandes coisas — ficaram ainda assim insatisfeitos, porque ele não os salvou num sentido material. Jesus não se preocupava em salvar a humanidade num sentido material; ele preocupava-se em salvá-la num sentido espiritual.
E quando deu a sua vida na cruz, fê-lo — e foi permitido que o fizesse — porque era, obviamente, a única forma de convencer e trazer à existência a compreensão de que as coisas terrenas têm pouca importância. Era com o espiritual que ele se preocupava: vencer a carne e renunciar a tudo, sacrificar tudo, se necessário, pelas coisas que são de Deus.

E assim, como sabem, ele reapareceu depois da morte e trouxe convicção e fundou — embora eu esteja convicto de que ele não veio fundar uma religião, tal como o mundo agora a entende ou denomina. Ele veio mostrar um caminho de rectidão e de verdade. Se ele não tivesse regressado dos mortos, não haveria fé cristã. Mas, ainda assim, tal como vejo e compreendo agora, percebo, estou certo disso, com uma maior compreensão e sabedoria, os motivos e o propósito da vida de Jesus. E estou convicto de que, quando nos esforçamos por segui-lo e tornarmo-nos semelhantes a ele — independentemente da religião que tenhamos ou não — podemos esquecer e deixar de lado todos os nossos credos e dogmas e tornarmo-nos simples, como Jesus era. E na simplicidade, encontraremos a sabedoria. E na sabedoria, encontraremos o caminho. E o caminho aproximar-nos-á mais do nosso Pai Divino, do nosso Criador. Segui-lo,

tomar sobre nós a sua cruz e perceber que no amor e no serviço encontramos a nossa salvação...

David

O livro de Neville Randall aguça o apetite, dando-nos, em muitos casos, descrições parciais de como um indivíduo partiu ou do que está a fazer no Mundo Espiritual. As gravações são maravilhosas de se ouvir na íntegra. As palestras filosóficas e educativas recebem apenas uma breve menção no livro e é uma dessas, gravada a 4 de Abril de 1960, que aqui transcrevo. Quando a ouvi, senti que era de particular interesse. A ênfase que é colocada na harmonia entre os participantes é muito instrutiva. Tantas vezes falamos da necessidade mas falhamos em concretizá-la. Se queremos resultados, temos de fazer o esforço! (Ann Harrison).
A conversa é entre David, um comunicador regular do Círculo Flint, que evoluiu desde as suas primeiras comunicações, e Betty Greene, que, com George Woods, se sentou com Leslie Flint durante mais de 15 anos.

David — A falar sobre a Caixa de Voz (gravado a 4 de Abril de 1960)
D: Qual é a utilidade de vir falar com alguém se não vais abrir a boca e falar? Muita gente vem a este tipo de coisa e depois, quando têm oportunidade de falar, não têm nada para dizer. Para mim é um desperdício de esforço. Suponho que para alguns seja muito mais difícil. Para mim também foi ao início, mas agora estou bem, levo tudo na descontra. Estou-me nas tintas. É só abrir e fechar a boca.
B: És um caso sério.
D: Na verdade não é tecnicamente bem assim, mas soa bem. Não é preciso abrir e fechar a boca para poder falar.
B: David, devagar, devagar. Por favor, explica-me como o fazes. Como é que consegues…
D: Bem, penso que a resposta é que a comunicação é feita por pensamentos e é a transmissão de pensamento e personalidade combinados, através do mecanismo, que afinal é apenas uma réplica artificialmente reproduzida de uma caixa de voz, que é essencial para a fala.
B: Estás absolutamente nesta sala, a falar...?
D: Claro que estou na sala. Estou aqui mesmo ao teu lado, mas é a concentração do pensamento que produz o som: o som é artificialmente reproduzido e aquilo que ouves como som é apenas um pensamento a ser transmitido através da caixa de voz artificial. E é aí, penso eu, que reside grande parte da dificuldade: algumas pessoas não conseguem fazer isso. Nunca parecem conseguir dominar o processo na...
B: Ectoplasma, queres dizer?
D: Bem, a caixa de voz ectoplasmática… os órgãos vocais ectoplasmáticos que são construídos. Só podem permanecer enquanto a energia o permitir e isso, naturalmente, está sempre, de certa forma, a oscilar e a mudar e, em consequência, é daí que vêm as interrupções. Às vezes estamos ainda a transmitir pensamentos e vocês não os recebem porque nem nós, por vezes, estamos conscientes de que a caixa de voz, por assim dizer, não está a funcionar. Depois tens de ter em mente que se o pensamento, tal como o conhecemos, é a base da comunicação, então não só o pensamento da influência predominante — que pode ser eu, como agora — mas o pensamento, por vezes, de outra pessoa que esteja por perto pode, de forma estranha, interferir e atrapalhar. A menos que haja um canal limpo, não se pode esperar uma receção clara. Não podes ter cem por cento, por assim dizer, do que está a ser transmitido pelo comunicador em

questão. É por isso que trabalhamos em harmonia, como grupo. Temos de o fazer, e naturalmente queremos, mas a questão é que descobres que, fundamentalmente, muito do que é dito por um é também pensado ou dito por outro. Por outras palavras, estamos todos na mesma frequência ou vibração.
Estamos todos a trabalhar em harmonia e estreita cooperação e, por isso, se eu estiver a tentar transmitir algo para ti, devido às dificuldades de transmissão, alguém pode, por assim dizer, alimentar-me, passar-me pensamentos que nem sempre surgem facilmente quando estamos a tentar concentrar-nos neste trabalho de comunicação. Descobres que coisas que preparaste para dizer, de forma estranha, não saem tão facilmente quando estás a tentar fazer a transmissão, e outras pessoas à volta acabam por transmitir-te esse pensamento e tu automaticamente passas-o através de ti. É por isso que, por vezes, na comunicação obténs uma comunicação 'em segunda mão'. Alguém pode fazer-se passar por quem fala na primeira pessoa e outra pessoa pode estar a fazer a transmissão na mesma frequência.
Por exemplo, se tens uma alma vinda de uma esfera superior e que não consegue manipular o mecanismo, não consegue descer à onda de vibração inferior que é essencial para este tipo de trabalho, então transmite a mensagem a alguém que já está habituado a comunicar. E, mais uma vez, tudo depende de quão bom é o comunicador, a pessoa que manipula a caixa de voz ou transmite pela outra; depende da sua qualidade se consegues captar a personalidade. Podes receber o conteúdo, as coisas que querem transmitir, mas podes não captar a personalidade com isso, e é por isso que algumas pessoas dizem: 'Não sei, mas o que fulano disse foi bastante bom, era uma prova muito boa, parecia-se muito com a forma dele, mas não era ele' — não no sentido de ser a personalidade dele.
B: Essa foi uma explicação muito boa, que vai ser muito útil quando as pessoas vierem perguntar o motivo disto ou daquilo. Foi por isso que te perguntei de propósito.
D: Acho muito importante que as pessoas no vosso mundo percebam que, devido às muitas complicações e dificuldades de comunicação, o pensamento em si é o elemento predominante que importa. É o pensamento que vos é transmitido artificialmente; e nessa transmissão de pensamento podem surgir discrepâncias que não se encaixam exatamente na vossa forma de pensar ou de aceitar. Quero dizer, por exemplo, podem ter uma ideia pré-concebida muito forte sobre a pessoa e, devido à experiência que têm, possuem esse conhecimento sólido e essa ideia firme.
Por exemplo, se conheceste alguém durante quarenta ou cinquenta anos e conheces essa personalidade, conheces a forma como fala e as suas pequenas idiossincrasias, tudo isso contribui para a personalidade da pessoa tal como a conheceste em vida. Naturalmente, se alguém vem dar-te uma mensagem, por muito bom que seja o conteúdo, se a voz e a personalidade não coincidirem, vais dizer 'Bem, não sei se era mesmo essa pessoa ou se era alguém a imitá-la', e é aí que surge este bicho-de-sete-cabeças entre os espiritualistas e as pessoas, porque ficam intrigadas e perguntam-se quanto é que é cem por cento; quanto é que é realmente essa pessoa e quanto é imitação.
Vês, há muitas coisas que devem ser analisadas; muitas coisas que têm de ser aceites e compreendidas, e tens de perceber que não existe, fundamentalmente, ou é muito raro, esperares obter uma comunicação a cem por cento. Não estou a dizer que não aconteça, mas é raro, é difícil. Só uma pessoa com grande conhecimento de comunicação e uma personalidade muito forte pode esperar transmitir grande parte de si própria ou do que quer dizer ou transmitir.
Pode ter havido alturas em que estive a falar contigo e, como agora sou bastante bom nisto, concentrei-me tanto ou senti-me tão seguro de mim que consigo fazê-lo bastante bem, mas houve vezes em que, talvez, depois de vinte minutos do teu tempo a falar, senti-me a enfraquecer. Senti que já não estava a manter-me tão firme como ao início, o que é natural: outra pessoa entra e assume gradualmente. Às vezes é tão subtil que mal se nota. O ponto é que isso acontece. Esta fusão, por assim dizer, esta fusão de comunicação ou de personalidade que ocorre nas sessões é perfeitamente compreensível porque tens de perceber que a caixa de

voz ou o instrumento que usamos está numa determinada frequência de vibração. Essa pessoa (o médium) foi afinada, sem dúvida, ao longo de anos de desenvolvimento para se tornar um instrumento numa determinada frequência de vibração. Consequentemente, temos de sintonizar-nos e estar em harmonia com essa pessoa, por isso a harmonia é outra coisa muito importante numa sessão.
Tens um grupo de pessoas em perfeita harmonia, que estão habituadas a sentar-se juntas durante muito tempo, que se conhecem e compreendem e confiam umas nas outras e têm um grande afecto; por outras palavras, se tens uma combinação e condição perfeitas, torna a nossa tarefa muito mais fácil porque temos não só a energia que é derivada dos vários participantes como energia no sentido físico, mas temos também a harmonia mental e o espírito de cooperação e temos muito ali com que trabalhar e usar e, em consequência, conseguimos manter-nos por muito mais tempo; muito mais do que num grupo aleatório de pessoas reunidas, cada uma com uma personalidade forte, cada uma com os seus desejos, a querer isto e aquilo e cada uma a puxar, por assim dizer, para si própria, sem interesse pelas outras pessoas presentes. Por outras palavras, têm talvez, sem se aperceberem, um motivo egoísta e é aí que penso que a mediunidade sente o peso. Vês, um médium é um indivíduo altamente sensível, não necessariamente só do ponto de vista da personalidade e temperamento mas também do sentido psíquico — têm esta qualidade que foi desenvolvida e que, ao longo do tempo, se tornou tão sensível que, sob certas condições, podem ser usados como instrumentos de forma muito bem-sucedida. Mas a questão é que, como todas as coisas sensíveis, todos os instrumentos sensíveis, mesmo no sentido mecânico e técnico do vosso lado, se forem mal usados ou usados sem conhecimento, se forem manipulados de forma desajeitada pelas pessoas... Por outras palavras, se alguém não souber cuidar de uma peça delicada de maquinaria e garantir que funciona de forma adequada e é bem tratada, então, gradualmente, acabará por avariar.
É aí que reside o problema dos nossos médiuns profissionais — penso que, em geral, é o trabalho deles espalhar a verdade e esse é, claro, o trabalho que temos.
Ao mesmo tempo, devem ser usados da forma correcta. Devem ser cuidados, devem ser nutridos, não se deve permitir que façam isto ou aquilo. Não estou a sugerir que alguém tenha o direito de tentar controlar outra pessoa quanto aos seus pensamentos e ações. Uma pessoa deve poder desenvolver a sua própria personalidade e carácter e deve ter livre arbítrio. A questão é que deve existir o espírito de cooperação dentro do médium e ele deve reconhecer a sua responsabilidade para com os outros e para com o trabalho que tem de fazer. É uma tarefa tremenda e há muito poucas pessoas capazes de cumprir a exigência que lhes é colocada e, quando uma pessoa se desenvolveu e foi desenvolvida, após grande esforço do nosso lado, então tem direito não só à sua vida pessoal mas tem uma obrigação a cumprir consigo própria e com as pessoas que ajuda e, claro, com aqueles que tanto fizeram por ela deste lado. Vês, se tens a mentalidade certa, se tens o médium disposto a dar a sua vida em serviço da humanidade e preparado para cooperar de todas as formas possíveis, então temos um canal e, quanto mais elevados forem os seus pensamentos, quanto mais, por assim dizer, pensarem em termos espirituais e atribuírem os verdadeiros valores às coisas que realmente importam, então temos um instrumento com o qual podemos verdadeiramente trabalhar e através do qual podemos fazer grandes coisas. E temos aqui tanta esperança.

Só que eu sei que tem havido desilusões, contratempos e tudo o resto. Não culpo ninguém por isso, porque eu seria a última pessoa a fazê-lo — porque sei que é preciso ser-se humano e, até certo ponto, viver-se no mundo material e considerar-se as coisas materiais. Não se pode estar no vosso mundo e, ao mesmo tempo, deste lado. Ou ser-se a pessoa que se gostaria de ser, ou que se quereria ser, porque às vezes não é de todo possível. Mas o que queremos é cooperação total, tanto quanto humanamente possível. Não sei se isso pode ser alcançado: sei que ouvi o que vos prometeram. Ouvi as coisas que disseram: não tenho dúvidas de que não há limites que não possam ser atingidos, se apenas houver essa continuidade de amor, harmonia e espírito de

cooperação e uma consciência do que pode ser feito pelo poder do espírito. Porque realmente não há limites quando existe harmonia completa e cooperação total entre o nosso mundo e o vosso. É tudo o que pedimos, nem mais nem menos.
B: Oh, sim, todos nós sabemos disso.
D: Eu sei pela minha própria experiência desde que comecei a vir aqui. As pessoas que vêm são mesmo pessoas maravilhosas. São realmente pessoas extraordinárias, com motivações elevadas. Têm tanto que querem alcançar, tanto que querem transmitir. Sabes, quando vim aqui pela primeira vez era muito diferente do que sou agora. Aprendi imenso vindo aqui, ouvindo e conhecendo estas pessoas. Estou a começar a compreender, na verdade, o que tentam fazer, para onde se dirigem.
Percebo que são verdadeiramente tão altruístas e dão tanto de si para descerem à Terra, fazerem este trabalho e darem tudo o que podem para ajudar, não apenas a ti, mas quem quer que venha aqui, seja da forma normal, além do grupo habitual em que te sentas e das tuas sessões, mas também as pessoas que aqui chegam. Já estive aqui muitas vezes quando as pessoas vieram e estavam em grande sofrimento e em grande necessidade: e a forma como trabalharam deste lado para ajudar essas pessoas, para trazerem os entes queridos delas e ajudarem a confortá-las e a dar-lhes uma nova forma de viver. Para mim foi uma revelação, porque realmente abdicam de tanto. Não acho que alguém tenha plena noção disso. Eles seriam os últimos a dizer-vo-lo. É verdade que o tempo que dedicam a isso é insignificante, em termos de tempo em si. Isso é muito verdade. Muitas vezes dizem isso. E eu não estaria certo se negasse isso, mas parece-me que não é nada fácil. Sei por toda a experiência que tenho que não é fácil. Tudo o que vês e experimentas e vives num mundo que é tão diferente em tantos aspetos da Terra; onde tudo é muito mais fino, muito mais nobre, muito mais belo... para depois entrar de novo nos velhos hábitos, pensamentos e formas de viver da Terra. Sentimo-los por um tempo quando aqui vimos. Não é fácil.
B: Eu sei. Mudaste imenso, David.
D: Na altura levava tudo muito mais na brincadeira, mas ainda mantenho o sentido de humor. Mas percebo agora que nunca costumava pensar muito profundamente. Não que fosse superficial, exatamente, porque não acho que pela minha natureza fosse uma pessoa cruel ou que pensasse mal dos outros. Na verdade, era provavelmente até um pouco ingénuo. Ao mesmo tempo, vivia mais ou menos como queria, não pensava no amanhã e era bastante despreocupado, mas agora percebo que a vida é uma coisa séria e não algo por onde se possa passar de um dia para o outro. E não me refiro só à vida do vosso lado, mas também à vida deste.
A vida é uma experiência que é um dom precioso e há tanto para assimilar, tanto para aprender, tanto para conhecer, tanto para viver de formas tão diversas. Agora percebo mais do que nunca que são muitas vezes as coisas difíceis que são mais importantes — não as coisas simples e fáceis, não os momentos felizes em que tudo corre bem. Essas coisas são naturais e gostamos mais delas, é humano, mas são os revezes da sorte, as desilusões da vida e a consciência de que, com a dor e o sofrimento, aprendemos. Aprende-se muito mais do que tendo tudo como queremos e conseguindo sempre o que desejamos, porque mesmo essas coisas, por mais importantes que pareçam na altura, perdem a cor muito depressa, porque acabas por perceber que afinal não querias isto ou aquilo tanto como julgavas e que não foi como imaginaste que seria.
Na verdade, há tantas desilusões nas coisas que achamos que queremos, que amamos, que gostamos e por aí fora, que vejo que é nos revezes da sorte, na tristeza e nos contratempos que nos tornamos mais bondosos, mais humanos, mais compreensivos, mais tolerantes, mais pacientes. Na verdade, aprendemos todas as qualidades boas através da força que retiramos dos maus acontecimentos.
B: É bem verdade. É através do mal que se aprende.
D: Há um velho ditado: do mal vem o bem. Na realidade, não sabemos bem o que é o mal. O mal foi, por vezes, mal interpretado: temos tendência a chamar mal a todo o tipo de coisas que

vão contra o que queremos ou contra o que pensamos. Claro que sabemos que há coisas que são mesmo más, do ponto de vista de serem perversas ou erradas, mas, ao mesmo tempo, muitas são coisas que desprezamos, que nos perturbam, coisas que tentamos evitar se pudermos, mas, curiosamente… são as coisas que mais nos ensinam. Aprendi bastante.
B: Que bom, David, fico tão contente por ouvir isso.
D: Oh, já não sou bem a mesma pessoa.
B: Estás contente agora?
D: Suponho que, de certa forma, estou contente. Contentamento é uma palavra estranha de usar. Em tempos, quando estava na Terra, teria pensado no contentamento como poder fazer o que queria quando me apetecesse e pudesse pagar, essas coisas todas, mas isso não é contentamento, é, na verdade, o contrário. O que penso é que estou contente, mas, ao mesmo tempo, percebo que ainda há tanto para experimentar e aprender e tenho vontade de saber, vontade de descobrir. De uma forma estranha, suponho que estou contente mas também estou descontente:
É um pouco como viver numa casa muito bonita, que amas imenso e que te dá grande alegria e felicidade — parece que tens tudo lá, mas há várias portas trancadas e não tens a chave. E perguntas-te o que haverá ali, ou o que estará atrás daquela porta. Gostavas de ter uma chave para essa porta e não percebes que não podes atravessar essa porta; não a podes abrir até que tornes possível ter a chave para o fazer.
Acho que a vida é assim, às vezes parece que tens tudo e, ao mesmo tempo, há coisas que não tens porque não as vês, não tens consciência delas. Só quando os teus olhos se vão abrindo gradualmente é que percebes que sempre lá estiveram coisas que nunca imaginaste que existiam e não abres os olhos até levares uma vida digna e possível... Por outras palavras, tens em ti mesmo a chave para todas as portas. E isso é ter sinceridade de propósito e a consciência de que fazes parte de um grande plano e que não és só para ti, mas que tens de partilhar aquilo que tens com os outros e perceber que o que possuis não é realmente teu — é apenas emprestado por um tempo e, a partir daí, podes aprender e ganhar experiência, mas seja qual for a experiência que tenhas, nunca te satisfará totalmente porque há sempre outras coisas que sabes que existem algures e tens de encontrar o caminho.
Por outras palavras, é uma luta eterna dentro de nós pela expressão, uma luta pela realização e pela forma de encontrar o caminho e, quando o encontras, trilhas esse caminho e, por vezes, embora saibas que estás no caminho certo, sentes que precisas descansar um pouco para ganhar mais força para continuar. E sabes, a vida está cheia de interesse. Nunca deixa de ser interessante, seja qual for o aspeto em que penses — há sempre algo de novo e fresco. Há sempre coisas estranhas que podem acontecer.
B: Ah, essa é a beleza disso.
D: É uma grande aventura e acho que esse é o grande segredo: olhar para a vida em todos os seus aspetos, de qualquer esfera em que estejas, seja na Terra ou aqui, em qualquer grau em que te encontres, é valorizá-la e fazeres sempre um pouco mais todos os dias para ganhares mais conhecimento e experiência e tornares isso possível pensando não só em ti, mas também nos outros. Aprendes mais através dos outros e ajudando os outros do que jamais aprenderás sentado de braços cruzados.
B: Sim, é bem verdade, bem verdade, David. Que discurso tão bonito.
D: Foi um bocadinho, foi. Mas talvez não o diga tão bem como poderia, mas pronto.
B: Disseste muito bem, estou muito, muito contente.
D: Anseio sempre pelos vossos encontros. Sabes isso, porque sei que contigo posso ser eu mesmo, posso falar naturalmente e abrir-me. Na verdade, para ser honesto, tiro um enorme prazer em vir falar contigo e também sinto, ao mesmo tempo, de forma estranha, que também estou a aprender.
B: Estás a aprender, mesmo. Fico muito contente por teres encontrado o teu caminho até aqui.
D: Mas não precisas de te preocupar. Sei que já to disseram muitas vezes e deves estar farta de ouvir, mas sei que não tens razão nenhuma para te preocupares demasiado com o futuro. Sei

que aqui terás uma receção tão calorosa. Eu estarei lá.
B: Ficar-me-ei muito feliz.
D: Tenho de ir agora, porque a energia está a enfraquecer. Foi bom falar contigo e sei que todos aqui, incluindo todos os que ligas à tua vida pessoal, todos te enviam amor e bênçãos, e tenho a certeza de que terás o teu rapaz de volta em breve. Adeus.

MICKEY

Fala sobre o Céu, o Inferno, o Homem e o Mundo Espiritual

Não importa quem sejas, crias o teu próprio ambiente, e ninguém pode fugir de si mesmo, ninguém te pode salvar. Toda essa conversa religiosa sobre ser salvo e tudo o mais — isso é algo que está no íntimo da mente, uma criação de pensamento que pode existir temporariamente para essas pessoas. É por isso que tens algumas pessoas que entram nesse tipo de ambiente e grupos de pessoas que, devido à força do seu pensamento ligado à sua informação religiosa tão forte, acabam por viver juntos como comunidade. E tens esses grupos de pessoas que acreditam mesmo que vão ressuscitar, sabes, e que vão voltar à Terra num corpo físico, e enquanto se agarrarem a essa grande ideia, vão manter esse pensamento e podem muito bem viver na sua própria comunidade, muito felizes. Outra coisa: aquilo que é a tua felicidade depende da tua forma de ver as coisas e dos teus pensamentos; aqui, toda a vida é criativa — é-o também, até certo ponto, no vosso mundo.

Porque é que têm guerras? O homem é que as cria. As pessoas dizem sempre: "porque é que Deus permite isto?". Ele deixa-vos continuar. Vês, Deus não tem nada a ver com isso, o homem cria a sua própria felicidade ou infelicidade, e pode ser que a infelicidade que entrou na tua vida tenha sido criada pelas pessoas à tua volta. Não é necessariamente culpa tua, mas cada um é um indivíduo e as vibrações que começam a sentir podem, por vezes, ser perturbadoras.

Sofrem por culpa própria, por causa das vossas atitudes e da vossa forma de pensar. Criam toda a infelicidade e miséria que entra no vosso mundo, até mesmo doenças, sabes. Eu podia aprofundar isto, todas as coisas terríveis que acontecem no vosso mundo, de uma forma ou de outra, são invariavelmente causadas pelo homem. Claro que há coisas naturais, como terramotos e assim, que não são criação do homem, mas mesmo assim ele anda sempre a perturbar a natureza. Olha para todo o lixo que meteram nos Céus, no ar, na terra e no mar.

Claro que o homem vai colher um futuro muito infeliz por causa disso. Não percebo porque é que as pessoas não veem isto: que são elas próprias que criam o caos, a infelicidade e as misérias. Claro que também deviam pensar na felicidade e na alegria se fizessem as coisas da forma certa — o homem faz o seu próprio Céu e o seu próprio Inferno.
Vai por diante, vai muito mais longe, percebes, o que não percebem é que nada é estático, tudo é mudança, tudo é movimento, ninguém fica parado mental, espiritual ou fisicamente, quando na Terra, é igual — a vida é toda mudança, tem de ser, não existe tal coisa como ficar parado. Vês, toda a vida é contínua, o teu corpo, por exemplo, quando estás na Terra, está a mudar a cada segundo de certa forma, se ao menos percebessem isso, a vida é movimento, emoção, mudança, entusiasmo.

Oh, queria tanto conseguir explicar isto. Quando cá cheguei pela primeira vez, não percebia nada disto (riso), a sério que não (a rir ainda). Pensei: bem, isto é mesmo esquisito, sabes. O que é que aquele rapaz está ali a fazer em baixo — bem, era eu, percebes, não tinha percebido o que se tinha passado, claro que me caiu a ficha, depois de repente pensei: que engraçado, isto é

mesmo estranho. Suponho que para algumas pessoas, quando se veem pela primeira vez fora do corpo, seja assim. Depois percebi que as pessoas faziam grande alarido, sabes, depois claro que a minha Mãe e o meu Pai ficaram malucos, a minha Mãe então, sempre a fazer grande cena. Não consegues evitar rir quando olhas para trás.

Sabes, estar morto é a coisa mais maravilhosa e emocionante, sabes, desde o momento em que percebes e as pessoas vêm cuidar de ti e ajudar-te e encorajar-te — e claro, isso recompensa-te. Vem sempre alguém que chega cá, completamente confuso, e às vezes pensa que está a sonhar, não quer acordar, nem sequer se apercebe de que já bateu a bota. Oh! É tão bom, ninguém precisa de ter medo disto, sabes, é algo por que se pode esperar com alegria, ninguém precisa de se preocupar com a morte, é uma coisa linda, linda.

Claro que a experiência de estar num hospital, e tudo isso e operações são desagradáveis, as pessoas temem essa parte, obviamente, mas assim que estás fora do corpo... Ohhhh, desculpa aborrecer-te, és leve como uma pluma, e podes ir aqui e ali. Podes ver as pessoas e o que as pessoas andam a fazer; vais ter uns choques, claro, pessoas que pensavas que eram tão boas por fora, percebes afinal que são horríveis por dentro, sabes.

Qualquer pessoa que esteja profundamente interessada nas coisas do espírito e tenha perdido alguém fisicamente — quero dizer, alguém que adora, que ama e que significava tudo para ela — pensa: "Oh Deus, gostava tanto de acreditar mesmo", sabes, "que há vida depois da morte e que vou voltar a encontrar o meu querido tal e tal". Talvez esteja sentada, um pouco mórbida, sozinha e deprimida, e de repente a maldita taça dos peixes começa a flutuar no ar, e os peixes ficam loucos, percebes, e isso faz com que pensem: "Oh, o que é isto? Deve ser algo psíquico", percebes, dá-lhes alguma força, não dá? Tem de haver algo para aquilo acontecer, sabes. Tentamos fazer estas coisas parvas, ficarias surpreendido. Fazemos todo o tipo de coisinhas estranhas. Às vezes movemos objectos em prateleiras ou tiramos flores dos jarros para lhes dar a entender que lá estivemos. Se for possível fazer algo simples assim, fazemos. Depende muito das circunstâncias, mas percebes, toda a gente procura, não procuram todos da mesma forma, mas todos querem alguma coisa. Invariavelmente querem convicção, invariavelmente querem consolo, querem ânimo, querem saber que a morte não é o fim e que, eventualmente, vão estar de novo com os seus entes queridos — e isso é o mais importante de tudo. Só quando perdes alguém do teu lado é que começas a apreciar isto plenamente.

Mas é assim com as pessoas, tomam-se uns aos outros por garantidos, amam-se na mesma e valorizam tudo o que dizem e fazem. Às vezes há uma zanga ou um mal-entendido e depois há arrependimentos. Mas olhando para trás, as pessoas devem perceber que há tanto que podiam ter feito e não fizeram, e há tantas coisas que, quando cá chegas, pensas: "Oh, podia ter dito isto ou podia ter feito aquilo, porque é que fiz aquilo?". As pessoas têm arrependimentos e, se percebessem, não é a coisa mais fácil do mundo ser-se bom, gentil, atencioso e prestável com as pessoas enquanto as tens contigo, e no fundo estás a usá-las de certa forma. Não consegues evitar rir, mas a natureza humana é mesmo uma coisa estranha — muitas vezes aquela que mais amas é aquela a quem mais magoas, não o fazes sempre de propósito, obviamente, e quando cá chegas olhas para trás e é como se toda a tua vida, de certa forma, te passasse diante dos olhos. É o que se diz das pessoas que se afogam, que têm essa espécie de visão, se quiseres, de como foi a sua vida. Bem, não estou a dizer que seja exatamente assim, mas o facto é que aqui tens uma oportunidade de ouro, enquanto ainda estás no vosso mundo, de fazeres as coisas do espírito ainda na carne, e podes tornar-te uma pessoa muito mais calorosa, bondosa e compreensiva do que realmente és ou foste.

Tens uma oportunidade de ouro, quero dizer, se acreditares como esperamos que acredites, com as coisas que te dizemos e com que tentamos ajudar-te, se isso não te tornar uma pessoa

mais agradável, bondosa, calorosa e mais atenciosa, então não fizemos o nosso trabalho. Mas vês, noventa por cento das pessoas — não devia dizer isto, mas é verdade, o velho Les tem razão — muitas das pessoas que entram nas igrejas espiritualistas, não digo que não tenham sido convencidas sobre a vida depois da morte, mas não mudaram realmente por dentro. Continuam mesquinhas, quero dizer, vais a qualquer igreja espiritualista, e eu já fui a algumas, acredita, estive lá de pé a acenar as mãos a tentar chamar a atenção do médium, completamente ignorado, e penso, bem, não sei, ela diz que é clarividente e não vê nada, sabes, e eu farto-me.

A questão é que tens tudo isto nas igrejas, não tens? Tens pessoas a picarem-se umas às outras, comités e direcções, eu sei que não devia dizer isto, mas é verdade, estamos todos juntos neste trabalho, a fazer o trabalho de Deus, a fazer o trabalho do Espírito, e devíamos todos estar a tentar desesperadamente ser mais bondosos, mais calorosos e mais atenciosos. Não é fácil, às vezes alguém irrita ou incomoda-te e sentes "Ai Deus", sabes, mas a questão é que tens de pôr-te de lado. Sabes, muita gente não consegue fazer isso, quer ser o centro das atenções ou quer estar na plataforma, e pensam para si: "Oh, eu fazia melhor do que ela está a fazer" — e provavelmente até faziam, mas a questão é que tens de ter compreensão, ninguém é perfeito, e todos estamos a lutar por algo, sem sabermos bem o quê. Em todo o caso, todos ficariam desconfortáveis num mundo perfeito, eu não estou num mundo perfeito e nunca encontrei ninguém aqui que dissesse que está num mundo perfeito. Estamos em diferentes estados de ser, conforme a nossa evolução e desenvolvimento, e estamos felizes nesse ambiente, porque é o ambiente que alcançámos ao longo de um período de tempo, embora não vejamos o tempo como o percebem. Tudo é uma questão de estado de espírito, não sei, às vezes venho cá abaixo e olho para o vosso mundo e penso: "Oh, não sei…"

Fazemos o melhor que podemos, tentamos ajudar as pessoas, tentamos consolá-las, tentamos dar-lhes uma visão das coisas que realmente importam. E muitas dessas pessoas, bem, fazem o melhor que podem, talvez não devesse dizer isto, mas podiam fazer muito melhor. É engraçado, podia dizer, mas mais vale não. Mas sabes, tens uma verdade maravilhosa, maravilhosa, maravilhosa e preocupa-me que às vezes não a valorizem ou algo assim, tomam-na como garantida. Quero dizer, vão lá, recebem a bênção, anima-os, dá-lhes algum consolo por um ou dois dias e depois algo corre mal algures, talvez a maldita persiana caia ou algo assim, sabes, ficam fartos e irritados. Não consigo evitar rir, há toda essa fragilidade e tudo o que se passa, há tanta coisa que… às vezes dou uma gargalhada quando cá venho e vejo o que se passa com as pessoas que conheço. E visito as pessoas de vez em quando e elas ficam todas nervosas e tensas, e às vezes é tão parvo, eu sei que não conseguem evitar, provavelmente. Se ao menos percebessem que, embora as coisas de que se preocupam ou se ocupam sejam importantes porque ainda estão no mundo material e têm de ser consideradas, não são tudo. Quando cá chegas e olhas para trás, e vês como foste na realidade, todas as parvoíces e tudo o que aconteceu que causou irritação e frustração, e que por vezes te levou a comportar-te muito mal com alguém que amas — é tudo muito triste nesse sentido.

Mas toda a gente tem uma espécie de… Bem, não sei, se ao menos pudessem ver como nós vemos, se cada dia tentassem tornar-se um pouco melhores, fazer as coisas um pouco melhor do que no dia anterior, com um pouco mais de atenção e preocupação pelos outros em vez de só por si mesmos. Vês, muita gente está apaixonada por si própria, e isso é terrível; todos deviam querer melhorar-se e evoluir no sentido material, espiritual e psíquico, sim, mas se vão estar apaixonados por si mesmos — e muita gente está — nunca o admitiriam, talvez nem se apercebam, mas a principal preocupação deles é: "o que ganho eu com isto? O que é que eu tiro disto? Vale mesmo a pena para mim?". Essa não é a atitude certa na vida; o que importa é o que podes fazer e alcançar na vida, não só por ti, mas pelos outros, e dar-te em serviço amoroso aos outros, esquecendo-te de ti mesmo. É aí que começas a crescer mental e espiritualmente.

Aqui termina!!! Não é engraçado? Até a mais pequena cabana pode ter tudo e podes estar numa mansão e não ter nada. Eu encontrei mais amor, mais harmonia, mais beleza, mais conforto com algumas pessoas que vivem num lugarzinho miserável. Isso brilha de dentro delas. Já estive em casas que, valha-me Deus, custaram milhões, e são mais miseráveis do que sei lá o quê, e nem sequer são boas pessoas. Há muito que aprender!

Andar por aí, a tocar harpas, a cantar hinos… Eles não percebem que somos pessoas reais, progredimos, desenvolvemo-nos, abrimos a nossa consciência, evoluímos e tornámo-nos mais espiritualmente conscientes. Eu, por exemplo, vim para cá tinha quê, uns onze anitos? E cresci aqui. Quando volto para vocês, regresso mentalmente — bem, espero que não totalmente — mas regresso mais ou menos a como me veriam se me pudessem ver. Mas aprendi imenso, posso falar de forma simples, mas também posso falar muito bem. Acho que é melhor ser como sou, como esperam que eu seja. Sabem, as pessoas não fazem ideia — pensam que quando chegas ao outro lado, de repente ficas santinho e vais por aí com uma harpa a tocar e a cantar hinos com os outros — quem é que quer uma vida eterna a cantar hinos e a tocar harpas? Mais vale estar morto e não saber nada.

Não, é uma loucura — na verdade, quando se analisam todas estas religiões diferentes, crenças diferentes, no fundo a mesma verdade está lá, porque não podes apagar, como dizem, o que é a realidade, mas o homem criou esta vertente religiosa das coisas, que tem pouco ou nada a ver com a verdade. Se não houver vida depois da morte, para que serve a religião? Depois tens aqueles malucos, sabes, que são mesmo mente fechada e pensam que toda a gente vai para o inferno e só eles é que se vão salvar, todos vão ser levados para as nuvens, Deus me livre! A velhice é uma coisa puramente material, quando deitas fora a velha crisálida, sai a borboleta — ficavas surpreendido se visses alguns destes pobres velhinhos do vosso lado, a parecerem sabe Deus o quê, empurrados em cadeiras de rodas, pobres coitados, dores e queixas, e cheios de medo de bater a bota. Agarram-se a tudo o que podem, a empurrá-los de um lado para o outro, não se deixam libertar em alguns casos — se ao menos percebessem como estariam melhor. Quero dizer, percebo que haja pessoas que têm um medo terrível de morrer. Acho que é por causa desses filmes de terror que vocês têm, isso dá ideias erradas. Na verdade, se não fosse triste, até era engraçado.

Há pessoas que, no vosso mundo, eram alguém — como o mundo vê — cheias de si, convencidas da sua importância, algumas até achavam que o mundo não continuaria sem elas — fogo, devias vê-las aqui deste lado! Tiveram de aprender a mudar, digo-te eu.

Sabes, as pessoas fazem-me rir, vão a sessões espíritas e pensam que vai ser tudo muito religioso, cantam hinos e tentam competir para cantar mais alto ou mais baixo ou seja lá o que for, e pensam que como médium — não dá para não rir — pensam que tem de ser tudo num nível espiritual elevadíssimo. Ninguém está a dizer que não deve ser, mas não percebem que se queres fazer o trabalho do espírito, então fazes esse trabalho o melhor que podes dentro das circunstâncias e condições que te são apresentadas pelas pessoas que lá estão — são elas que fornecem a atmosfera, as condições e, em certa medida, o poder.

Mas vês, não deves ter essa ideia de que o nosso mundo é só gente muito evoluída mental e espiritualmente. Claro que há quem seja, nos níveis mais elevados, nos planos superiores — mas não tens de estar num plano muito baixo para seres normal como se entende no mundo, para seres como eras na Terra. Quero dizer, à medida que descemos ao vosso ambiente, também, de certa forma, tomamos temporariamente as vossas condições, a vossa forma de ver as coisas, e por vezes, e às vezes é feito para prova, regressamos ao nosso velho eu. Já ouvi pessoas dizerem: "ele usa uma linguagem tão feia às vezes", o que é que isso tem? Lê a Bíblia — há mais porcaria na Bíblia do que em qualquer outro livro que já se escreveu!

Pronto; "Bleedin'" — se te cortas, sangras, mas alguém disse uma vez "Ah, aquele miúdo diz palavrões como Bleedin'" — o que é que isso tem? O problema é quando não sangras. Tens algumas dessas pessoas — são bem-intencionadas, são gentis e tudo o resto — mas pensam que o mundo espiritual deve ser muito, muito santo, que devíamos falar uns com os outros numa linguagem muito espiritual e que, de vez em quando, devíamos todos começar a cantar de repente, "Levanta-te, Levanta-te" ou lá o que for — seria uma seca.

Somos todos pessoas de níveis diferentes e estamos todos à procura de maior realização e aspiração, e entramos em ambientes diferentes conforme a nossa evolução ou desenvolvimento, e há alguns de nós que estão perto da Terra, que têm de trabalhar convosco de qualquer forma, e apanhamos muito de vocês também. Já me disseram: "Falaste de coisas que não existiam no teu tempo quando estavas na Terra" — pois claro que não, apanho isso de vocês. He he! Se crias uma ligação com alguém, como o velho Les, a questão é que eu tiro muito dele e ele tira muito de mim — e é isso que é boa mediunidade. Outra coisa que as pessoas não percebem é que mediunidade é estar em sintonia e em contacto com o instrumento que usas. Obviamente, se estás tão próximo nessa ligação, vais apanhar certas coisas do médium ou das pessoas que se sentam com ele — o meu vocabulário, bom, mau ou assim-assim, vai variando consoante as pessoas com quem tenho de estar. Enquanto vocês, quero dizer, se alguém vem e numa sessão pragueja como um marinheiro, não quer dizer que eu tenha de praguejar como um marinheiro — mas isso regista-se na condição da atmosfera. As pessoas têm ideias estranhas, pensam que só porque bates a bota, de repente ficas muito angelical — que seca seríamos todos se fôssemos assim tão angelicais! Não quereríamos estar aqui, quereríamos estar noutro lado. A questão é que há níveis diferentes conforme a evolução e consciência de cada um, e as pessoas têm ideias estranhas, mesmo, sobre nós — nós somos pessoas reais, não somos inventados nem feitos de coisas imaginárias.

George Hopkins, Mickey

Hopkins: O meu nome provavelmente não vos diz nada, pois não há razão para que dissesse, porque não sou famoso, sabem. Sei que normalmente nas vossas sessões aparece uma data de gente que, bem, quando estava na Terra era alguém importante, mas eu não fui, de todo. Por isso não sei se deveria estar aqui a ocupar muito tempo — não que a importância tenha assim tanta importância, percebem o que quero dizer, não é?

Woods: Sim.

Hopkins: Naturalmente, vocês põem aí essas gravações a tocar e é sempre interessante quando alguém famoso ou conhecido, enquanto estava na Terra, aparece e fala — e isso tem interesse para as pessoas, mais do que alguém desconhecido como eu. Mas pensei que podia, de alguma forma, ser útil. Não quer dizer nada, quer dizer, eu sei disso, sei que não há razão nenhuma para… (ininteligível)… A maior parte da minha vida passei-a na agricultura. Pensei se isso teria algum interesse, não sei?

Green: Oh, muito mesmo.

Hopkins: De vez em quando… nunca foi só uma coisa para mim… Sei que preferia ir dar um bom passeio num domingo do que ir à igreja. Ir à igreja não era propriamente parte da minha vida. Já encontrei alguns aqui que, além de estarem lá bem em cima, eram exatamente o oposto. Sabem, pelo menos do ponto de vista de como o mundo vê as coisas. Mas deste lado vês tudo de outra forma…

Woods: Sim.

Hopkins: Não é o que os outros pensam que és — é onde estás agora contigo mesmo, isso é que conta.

Woods: É muito interessante o que está a dizer.

Hopkins: Às vezes...

Green: Sr. Hopkins...
Hopkins: O que é, minha querida?
Green: Pode-nos dizer como foi que faleceu?

Hopkins: Oh, sim, posso dizer isso rapidamente. Bem, tive um AVC ou uma apoplexia ou ataque cardíaco ou algo assim. Na verdade, estava na colheita. Senti-me um bocado estranho, pensei que fosse do sol e, bem, sentei-me na sebe. Quanto a mim, senti-me sonolento e estranho e devo ter adormecido.

Mas, céus, apanhei um susto. Acordei — pelo menos pensei que tinha acordado — e o sol já se tinha posto e lá estava eu — ou pelo menos o que parecia ser eu. Não conseguia perceber nada, fiquei tão confuso. Não sabia o que fazer. Tentei dar um abanão a mim mesmo — se é que isso se pode fazer — queria... acordar, por assim dizer. Pensei: "Isto é estranho, devo estar a sonhar". Tentei, de certa forma, pôr juízo na cabeça. Tentei falar comigo próprio, tentar perceber o que se passava. Pensei: "Isto deve ser um sonho maluco ou coisa assim". Não percebia nada. Nunca me passou pela cabeça que estava morto. Enfim, pensei: "E agora, o que faço eu?" Não sei. Então dei por mim a caminhar, ou assim pensei eu, fui pela estrada até ao consultório do médico. Pensei: "Bem, talvez ele me ajude. Talvez ele consiga pôr isto em ordem, não é?".
Lá cheguei ao médico, bati à porta, mas ninguém respondeu. Pensei: "Não era de esperar que ele estivesse fora, porque ele tinha horas de consulta". Depois vi pessoas a entrar e a sair pela porta do consultório e pensei: "Não sei, ninguém parece reparar em mim" e vi um ou dois dos meus velhos amigos. Parecia que todos passavam por mim quase como se eu não estivesse ali. Ninguém dizia nada de mim. Pensei: "Bem, isto é mesmo estranho".

Fiquei ali um bocado a tentar perceber. Depois vi alguém a correr estrada abaixo para o consultório. Chegou lá, entrou a correr, passou por mim e por toda a gente, e de repente ouvi-os a falar de mim — o que me deixou confuso. Pensei: "O que é que se passa com eles? Estou aqui. Ouvi-os dizer que eu estava morto!" O médico foi de carro estrada acima e eu pensei: "Bem, não sei de morto. Não posso estar morto. Estou aqui. Posso ver o que se passa, posso ouvir o que dizem. Como raio posso estar morto?" Depois pensei: "Isto é estranho, vi-me ali deitado. Não sei, como posso ser eu? Quer dizer, morto é morto, estás despachado e vais para o céu ou para o inferno. Eu de certeza não estou no céu, nem no inferno. Estou aqui a ouvir o que dizem". E claro, aos poucos acho que me caiu a ficha de que devia estar morto.

A seguir, ah, não sei... depois lembro-me de os ver a pegar no meu corpo e a levá-lo de volta. Bem, não sei, puseram-me na capela.

Ai, ai, pensei: "Pronto, é a gota de água. Estou mesmo morto. Já tinha ouvido falar de pessoas a morrerem e pronto, calhou-me agora, não foi? E agora o que é que faço? Ninguém aqui me conhece, quer saber de mim ou quer ter alguma coisa a ver comigo e, mesmo assim, estou supostamente morto — pensei que o melhor era ir ver o padre. Ele há-de saber alguma coisa". Então fui até à casa paroquial e esperei por ele, vi-o entrar e sentar-se à secretária. Outra coisa que me pareceu estranha foi reparar que nada era sólido. Se me sentava numa cadeira — em certo sentido sentava-me e ao mesmo tempo não — não sentia peso nenhum debaixo de mim. De qualquer forma, vi o velho padre, ele entrou, passou por mim como se nada fosse, sentou-se

à secretária, começou a escrever cartas e a tratar de coisas. E eu comecei a falar com ele e ele não me ligava nenhuma. Pensei: "Bem, não sei, é como os outros. Pensava que ele soubesse alguma coisa". Fiquei a dar-lhe palmadinhas no ombro e uma vez ele virou-se, como se pensasse que estava ali alguma coisa, e eu pensei: "Olha, estou a fazer algum progresso", então toquei-lhe outra vez mas ele não me ligou nenhuma. Depois levantou-se, deu uma sacudidela a si mesmo e acho que estava a tremer. Bem, não estava frio, era uma manhã bem agradável. Não via razão nenhuma para ele estar com frio. De qualquer forma, não sei, mas ele não parecia perceber que eu estava ali. Pensei: "Bem, não sei, não estou a chegar a lado nenhum".

Depois, lembro-me de os ver a levar o meu corpo para o velho cemitério, dentro de uma caixa, e puseram-me lá com a velha senhora — e de repente lembrei-me da Poll, a minha mulher. Pensei: "Que estranho. Se estou morto, devia estar com ela, não devia? E onde é que ela está?" Estava lá a ver porem o meu corpo na cova — ah, devia ter dito, não tinha filhos e todos os meus irmãos e irmãs já tinham morrido — eu era mesmo o último da família. Tinha uns primos que provavelmente foram para o estrangeiro, mas pronto, não havia parentes meus lá, só um ou dois dos meus velhos amigos estavam lá. E de repente caiu-me a ficha: onde estava a minha mulher e por que não estava eu com ela?
Enfim, depois da cerimónia, fui atrás deles, pelo caminho abaixo. E ali mesmo à minha frente, a vir ao meu encontro, estava a minha mulher — mas não como a conheci nos últimos anos dela, mas como era quando a conheci pela primeira vez, quando era uma jovem. Estava linda, mesmo linda. E com ela vi um dos meus irmãos, que morreu com, sei lá, uns dezassete ou dezoito anos. Um rapaz jovem, bonito, cabelo claro, boa figura. Lá vinham eles a rir e a brincar a caminhar para mim. Oh, senti-me tão estranho, sabes? Pensei: "Pronto, cá estou eu e ali estão eles, então está tudo bem. Eles hão-de saber o que fazer agora".

Bem, a minha mulher e o meu irmão fizeram-me uma grande festa, a dizer como sentiam por terem chegado atrasados — e eu disse: "Atrasados? Como é isso do tempo e tudo isso?" E eles disseram: "Sabíamos que não estavas muito bem, mas não fazíamos ideia que ias vir tão de repente. Mas recebemos a mensagem, só sentimos não ter chegado mais depressa". Pensei: "Isto é estranho. Como é que eles se deslocam?" Claro que eu sabia que andava de um lado para o outro, mas quanto a mim, parecia que andava a pé, tal como antes, só que tudo era muito mais leve. Não sentia o peso do corpo, nem as dores que tinha.
Começaram a tentar explicar-me as coisas, mas não quiseram dizer muito. Porque tinha de me ir habituando, assentar, por assim dizer. Então eu disse: "Vocês falam em assentar. Mas assentar onde? Aqui ninguém quer saber de nós, ninguém nos liga nenhuma".
Então eles disseram: "Oh, isso não importa. Não te preocupes com eles". E contei-lhes do padre — não podia ele fazer alguma coisa?
Disseram: "Não queres ir ter com ele. É o último a quem deves ir. Ele sabe menos do que muitos outros. Estás bem, vem connosco."
E eu disse: "Está bem querer ir convosco — eu quero ir — mas para onde vamos?"
E eles disseram: "Vamos levar-te para nossa casa."
E eu disse: "E onde é isso?"

Eles disseram: "Oh, não te podemos dizer exatamente onde é, mas podemos levar-te lá, e vais perceber logo que é mesmo casa. Vais reconhecer."
E eu disse: "Como é que posso reconhecer se nunca lá estive?"
E eles disseram: "Oh, já lá estiveste, sim. Muitas vezes, quando estavas a dormir. Na verdade, conheces isso muito bem."

E eu comecei a pensar: "Bem, não sei, não me lembro. Eu costumava ter uns sonhos estranhos. Uma ou duas vezes lembro-me de sonhar com um sítio muito bonito, com um jardim lindo, e o meu velho cão Rover estava lá, aquele que morreu há muitos anos. Lembro-me de pensar que

era só um sonho."
Eles disseram: "Não, isso não era sonho, eras tu. (ininteligível) estavas connosco quando dormias. Quando o teu corpo dormia, o teu Espírito ficava livre e podias viajar e estar connosco, percebes?"
Então eu disse: "Bem, isso soa tudo muito bem, devo dizer."
Depois disseram: "Não percebes que estás diferente?"
E eu disse: "Bem, sinto-me diferente. Não me sinto velho. Já não tenho aquelas dores todas como tinha."
E eles disseram: "Já te viste a ti próprio?"
Então eu disse que não — nunca me tinha ocorrido — disse: "Curiosamente, nunca me vi."
Então disseram: "Bem, anda daí que mostramos-te." E eu pensei: "Isto vai ser interessante, ver-me a mim próprio." Pensei: "Bem, posso olhar-me num espelho, não posso?" E eles disseram: "Oh não, não é num espelho..."
Então levaram-me a um sítio que parecia ser um lugar lindíssimo, com uma paisagem maravilhosa, belas casas. Mais campestre do que citadino. E levaram-me a uma, num campo lindíssimo, e era exatamente aquele lugarzinho de que eu tinha sonhado — ou pensei que tinha sonhado. E lá estava eu, tal como nos meus sonhos de há anos. Lembro-me perfeitamente de uma vez acordar de madrugada a lembrar-me disso, e pensei: "Isto é mesmo esquisito!"

Mas era exatamente igual. Lá estava o meu velho cão, a correr por ali, a abanar a cauda, aos saltos. E eu pensei: "Bem, bem, isto é mesmo qualquer coisa." Depois abri a porta, entrei e estava lá uma data de gente. Devia haver ali umas doze ou mais pessoas, todas conhecidas minhas. Outro irmão meu, uma irmã, a família da minha mulher... estavam todos lá, felizes, a dar-me as boas-vindas e a fazerem-me uma festa. E a contar-me tudo sobre as suas vidas. Na verdade, havia tanto barulho, toda a gente a falar e a rir ao mesmo tempo, o cão a ladrar — foi mesmo uma receção em cheio. E ainda tinham preparado uma bela mesa para mim. Havia de surpreender-te.
De repente, pensei: "Nunca pensei que aqui houvesse chá e que nos sentássemos para comer coisas!"
E eles disseram: "Oh sim, no início. Talvez não esperasses isso, mas é algo a que estavas habituado e gostamos de te fazer sentir em casa. E damos-te estas coisas e isso ajuda a adaptares-te. De qualquer forma, agora vai ficar tudo bem. Tens a Poll, o cão e nós. Vamos estar sempre em contacto contigo, visitar-te e ajudar-te."

E de repente percebi que podia ver-me a mim mesmo — eu sei que isto soa estranho. Mas podia ver-me — não como me via ao espelho — mas ver-me como realmente sou, pela primeira vez. Estava consciente de mim mesmo como sou na verdade — não como pareço, mas como sou, como sempre fui, percebes? (Ininteligível) perceber que tudo está aí, dentro de ti. Não tens de procurar fora de ti, está tudo aí. Isso é o que importa. A pessoa real está dentro, não o que pareces no espelho ou o que os teus amigos pensam de ti ou te conhecem como, mas o que realmente és, percebes?

George Woods: Muito interessante.
Hopkins: Oh, foi mesmo uma grande experiência, digo-te. E eu disse a toda a gente: "É tão maravilhoso, não sei o que dizer. Não sei mesmo o que fazer." E eles disseram: "Bem, não digas nada, não faças nada por agora. Relaxa, aproveita e descansa e ultrapassa este choque, digamos, de teres passado, como vocês dizem."
E eu disse: "O que não percebo é que isto é tudo tão natural, tão real. Estão aqui todas as pessoas que amei, todas as pessoas que significaram tanto para mim em vida, todas aqui à minha espera para me receberem, fazerem-me feliz, assentar-me e deixar-me em paz. E lá em baixo está tanta gente, pessoas que conheci e que pensei que tivessem pelo menos alguma coisa — especialmente o padre."

Disse: “Eu sei que não era grande frequentador de igreja, não ia regularmente, nunca senti, talvez, a necessidade como devia ter sentido, mas ele não parece saber nada. Não parece ser capaz de dizer nada a ninguém, não parece conseguir confortar ninguém. O que é que se passa?”
E eles disseram: “Bem, não deves culpar o pobre padre. Ele faz o melhor que consegue, talvez em circunstâncias difíceis. Mas vês, eles não apanharam a essência da coisa.”

Depois começaram a dizer-me que é só porque eles fecham os olhos às realidades do espírito como nós as conhecemos e ele é preconceituoso, na sua maneira estranha. Tem esta ideia estranha de que só os chamados bons vão ser levados para o céu e que, eventualmente, vão voltar à Terra para viver em corpos físicos. Bem, isso fez-me rir. Disseram: “Sabes, às vezes, alguns deles, especialmente o teu padre, acredita mesmo que todos aqueles corpos no cemitério, um dia, vão abrir-se e toda a gente vai sair de lá. Todos os esqueletos vão ganhar carne e vão andar por aí e herdar a Terra. Ele acredita mesmo nisso.”
E eu disse: “Bem, eu nunca acreditei nessa treta quando estava lá.” Quer dizer, isso nunca fez sentido para mim. E eles disseram:
“Pois, mas é isso que ele prega. Claro que há muitos mais abertos de espírito do que ele. Ele é do tipo à antiga. Muitos já estão mais avançados agora, mas muito poucos sabem sobre comunicação ou sobre a ‘vida depois da morte’ como tal. Aceitam o facto, ou a possibilidade do facto — a perceção, por assim dizer — da vida depois da morte, mas claro que não querem saber nada dessa história de comunicação. Na verdade, alguns de nós já fomos a sessões ou círculos, ou sessões espíritas e fizemos contacto — sabes, demos um jeito, mandámos mensagens. Mas são muito raros, percebes? Há muito poucos médiuns com quem se consiga realmente fazer contacto ou fazer algum bem.”
Mas quanto à Igreja — bem, é uma pena, mas eles perderam a realidade disto tudo, sabes. Para eles, é algo que aconteceu há dois mil anos e, bem, nunca mais aconteceu desde então. Vivem no passado e não percebem que o presente e o futuro são a mesma coisa. Não existe tal coisa como o tempo, disseram-me. É tudo uma ilusão. Depressa comecei a perceber isso. O tempo não existe realmente. E pensei: “Gostava de voltar e dizer umas coisas. Talvez possa contar umas histórias e ajudar um bocado, sabes.”

Então pensei: “Bem, já estive aqui várias vezes e sei que vocês fazem essas gravações tipo gramofone. Põem-nas a tocar para as pessoas.” Bem, pensei que podia ter interesse para alguns, sabes. Afinal, toda a gente tem uma história para contar, não é? Sejam muito evoluídos ou não.

Greene: E agora, o que faz? Como é que passa o seu tempo agora?

Hopkins: Oh, tenho muitos interesses. Quando estava do vosso lado, claro, nunca tive muitas oportunidades na vida. Tive de ir trabalhar quando tinha uns doze anos. Andava a apanhar ervilhas, todo o tipo de coisas, antes mesmo de ir à escola. Bem, estou a recuar agora, quê? Quarenta e tal anos desde que morri…

Woods: O que faz aí agora?
Hopkins: Bem, estou muito interessado em cavalos. Sempre gostei muito de cavalos e de animais em geral, sabes. Temos pastagens lindas, campos lindíssimos e aqui não se mata — mas quanto a andar a cavalo, bem, muito raramente.

(Aqui a gravação fica mais fraca…)

Greene: “[Os animais] têm agora um grau de consciência mais elevado — aqueles com quem lida? Compreendem-no?”

Hopkins: "Oh, sim. Quando se está na Terra, tende-se a subestimar a inteligência que o gado tem. São bastante inteligentes, muitos animais, sabes. Claro que eu matei animais para comer, mas há tantas outras formas de alimento que se pode comer e viver bem. E, de qualquer forma, não acho que seja bom comer carne putrefacta de animais. Não vejo como possa fazer realmente bem a um ser humano. E, afinal de contas, acho que um animal tem tanto direito à vida como o homem.
Vês, acho que é difícil para vocês perceberem que o nosso mundo — pelo menos na vibração de vida em que vivo — é muito real, muito natural. Aqui há beleza em todas as formas. Temos o campo, temos lagos e rios. Temos grande beleza de muitas maneiras diferentes. Temos flores, pássaros e todo o tipo de coisas que associam à natureza, excetuando talvez o que se poderia chamar de formas inferiores. Nunca vi coisas como formigas, embora haja grande inteligência no vosso lado nas formigas, mas nunca as vi aqui. Nunca vi insetos, propriamente. Já vi pássaros lindíssimos — pássaros mesmo lindos. Mas, quanto a mim, há certos aspetos da natureza, tal como a entendem, que parecem não existir aqui. Se existem noutra esfera... percebes, cheguei à conclusão de que há todos esses diferentes planos, ou estados de ser. E à medida que se progride de um para outro, coisas que antes eram vitais ou importantes ou essenciais ou necessárias, desaparecem gradualmente conforme as tuas necessidades, a tua forma de ver e de entender."

Coisas que foram importantes talvez numa esfera da tua vida — ou atividade, se quiseres — deixam de existir ou deixam de ter necessidade umas das outras. Acho que é possível que, nos planos superiores, certos aspetos da vida mudem de tal forma que dificilmente seriam reconhecidos por alguns como vida, no mesmo sentido. Disseram-me — não sei isto por mim, mas disseram-me — que para as almas muito evoluídas, não é necessário, de facto, não sentem necessidade de ter corpos... claro que isso é algo que não consigo compreender.
Mas dizem que, quando te tornas muito evoluído, deixas de precisar de um corpo e deixas de existir com forma. Claro que não percebo nada disto. Isso confunde-me. Mas não tenho dúvidas de que, se algum dia chegar a esse nível, talvez então o entenda.
Vês, só podemos compreender e apreciar aquilo para que estamos prontos a receber. É por isso que, quando contas isto a muitas pessoas, e tocam estas gravações para elas ouvirem, algumas dizem "oh, sim, parece muito interessante" e outras dizem "que grande treta". Mas é natural que assim seja. Porque há pessoas tão materialistas, tão presas às coisas materiais, que não conseguem pensar além do material — estão tão agarradas a libras, xelins e pence. Se estão tão agarradas a tudo o que diz respeito ao vosso lado da vida, não conseguem perceber nada do que é de natureza espiritual.

(A qualidade da gravação melhora aqui...)

Tudo é um estado de espírito. O homem não é mais do que aquilo que pensa de si mesmo e o que é consigo mesmo. Quero dizer, o pensamento é a coisa predominante — toda a vida é uma criação do pensamento. Se as pessoas ao menos pensassem da forma certa, se se elevassem, se pensassem a um nível mais alto — não se espantem com as mudanças que isso traria nelas próprias e na vida delas e em como nós as podemos alcançar. Nós ajudamos, orientamos, elevamos. O pensamento é o que importa. Eleva-o a um nível mais alto, e então vamos mesmo fazer progressos. Bem, tenho de ir...

Greene: Pode dizer-nos o nome do lugar em Sussex onde vivia, Sr. Hopkins? Consegue lembrar-se do nome?

Woods: Ele já se foi.

Greene: Foi muito bom, não foi?
Woods: Foi excelente… Muito bom mesmo. Muito interessante.
Greene: Espero ter gravado isto…

Mickey: Ele saiu-se muito bem, não foi?

JENNY WILSON

uma mulher da classe trabalhadora da Inglaterra Vitoriana.
GRAVADO A 26 DE ABRIL DE 1971

Eu sou a Jenny. [Repetido várias vezes] Como estão? Bem, eu também estou muito bem. Vocês também são Espíritos, mas ainda estão na Terra. Eu também sou um Espírito, mas já não estou na Terra. Essa é a única diferença entre vocês e eu. Já estou aqui há muito tempo. Eu não acreditava nisto tudo quando estava aí convosco. Não. Agora sei melhor. Vocês são Espiritualistas, como lhes chamam, e entendem. Vocês acreditam na comunicação; é por isso que estou aqui. Tive a minha parte de sofrimento, mas agora não tenho uma única preocupação no mundo.
Perguntaram-me onde vivi na Terra.
Fui criada no campo, num sítio chamado Smallfoot [?]... Eu era uma de onze irmãos e, quando ainda éramos muito pequenos, tínhamos de nos levantar cedo de manhã para ir trabalhar nos campos; às vezes apanhávamos batatas, consoante a época; outras vezes apanhávamos pedras; fazíamos todo o tipo de coisas para ganhar umas moedas a mais. Casei-me quando tinha dezoito anos. O meu marido trabalhava numa quinta como trabalhador agrícola, lavrava, sachava e fazia tudo o resto consoante as estações.
Morri de parto do meu primeiro filho. Estava nos campos. Naqueles tempos tínhamos de trabalhar até ao último momento e depois tínhamos sorte se tivéssemos um médico; normalmente era uma mulher da aldeia, ou alguém, que ajudava. Tanto o bebé como eu morremos numa sebe. Já estou aqui há muitos anos. As pessoas não sabem o que nós, naquela altura, tivemos de sofrer.
Perguntaram-me se criei o meu bebé no mundo espiritual.
Sim, e tenho-a aqui agora ao meu lado, a minha filha, e se nos pudessem ver, veriam que somos parecidas. Não pareço mais velha e ela tornou-se uma bela jovem agora. O meu marido voltou a casar e também está aqui agora, e estamos muitas vezes juntos deste lado da vida. Mas não vivemos juntos, mas estamos juntos — percebem? Acho muito engraçado vir falar convosco desta maneira. Espero que consigam ouvir o que digo.
Perguntaram-me há quanto tempo morri.
Deve fazer agora perto de cem anos, suponho, era a Rainha Vitória que estava no trono. Eu cheguei a ver a Rainha.
Perguntaram-me como é que criei a minha filha no mundo espiritual.
Bem, tanto quanto vos posso dizer, foi mais ou menos como fariam aí na Terra, tirando, pelo que consigo perceber pela minha experiência, não temos certas coisas materiais. Suponho que tem a ver com… realmente, é preciso perceber que o espírito que se cria, educa e ajuda… não é o corpo da mesma forma… mas parece quase igual… e leva tempo, suponho, tal como levaria na Terra… mas é… de certa forma, está-se consciente, suponho, do tempo. No meu caso, penso que foi porque eu era jovem e a criança também. Deram-me a alegria de criar a criança como se fosse quase o mesmo que na Terra. Vi-a crescer aos poucos, a brincar com outras crianças da

mesma idade, a ir à escola e a aprender várias coisas que eram consideradas necessárias, e claro que lhe ensinava coisinhas, e eu… mas apercebi-me de que não tinha educação… não sabia ler nem escrever, nunca fui à escola na vida e não podia fazer muito nesse sentido; tudo o que podia fazer era ajudá-la a perceber e a pensar nas coisas certas, e a passar o tempo a aprender e a ganhar todo o conhecimento que pudesse com os outros, mas ela e eu vivíamos juntas num lugarzinho bonito, uma casinha, que eu sempre esperei que o meu marido e eu um dia tivéssemos, mas não foi para ser.
Perguntaram-me se tive uma casa assim na Terra.
Oh não, tínhamos de viver com os pais dele, oh… horrível.
O meu nome de casada era Wilson, Jane… Jenny, e o dele era Bill.
Agora vou a todo o tipo de sítios interessantes, e aprendi imenso deste lado, e eduquei-me… ou fui educada, suponho que se pode dizer… mas o engraçado é que vir aqui parece estranho… e não consigo apanhar bem o meu eu verdadeiro… sinto-me como se fosse… como era antes…
[Grava-se tosse na fita]
Estão constipados? Isso é uma coisa que não temos aqui. Não há constipações, nada disso, nem doenças, nem enfermidades, nada disso. Oh, é maravilhoso.
A minha filha dança e adora música, e é uma bailarina lindíssima… oh, é mesmo linda… deviam vê-la… parece uma daquelas… uma fada. Claro que aqui, percebem, fazem-se grandes procissões e grandes encontros ou… oh, não sei como lhes chamam… cortejos… ou algo assim… e há grandes sítios onde se vai… e acontecem todo o tipo de coisas belas… música… cor… dança… oh, é muito bonito… e ela participa nalgumas dessas cerimónias, como vocês lhes chamam, percebem… e é mesmo muito boa, sabem… Muitas vezes perguntei-me, sabem… bem, claro… quero dizer, nunca tive oportunidade de fazer nada quando estava aí do vosso lado… porque… bem. Nunca tinha ido ao que chamam de teatro aí convosco… a coisa mais parecida foi algo não muito longe de onde vivíamos, na cidade, onde vinha uma companhia… umas representações… costumavam vir… na câmara municipal, sabem, era tudo o que eu tinha visto, e isso foi… bem, oh, já não sei bem como foi que fui lá, mas fui, e foi bom.
Perguntaram-me qual era a cidade mais próxima.
Bishop’s Stortford.
Perguntaram-me se fiquei confusa e surpreendida quando parti com o meu bebé.
Sim, fiquei, um bocado… mas… oh, meu Deus… acho que alguma coisa correu mal…
[Aqui ela parece pensar que há uma falha na comunicação]
Tínhamos uma carroça e às vezes íamos à cidade mais próxima… deixavam-nos ficar com a carroça… e nós e os aldeões íamos à cidade do mercado e foi aí que uma vez fui a isso… não era um teatro… era essa câmara municipal… e estavam a fazer umas peças… já não me lembro o que era agora… foi há tanto tempo. Claro que aqui já vi peças maravilhosas e coisas maravilhosas… já vi… ohh… mesmo maravilhosas… claro que sou tão diferente agora!... estou aqui a falar convosco assim, e ouço-me de uma maneira estranha e digo para mim mesma: Ora isso não és tu, Jenny… não como és agora, isso és como eras… e sabem, é tão engraçado, é como se, de certa forma, quando venho e falo convosco… fosse como o meu eu antigo… e eu não queria ficar assim… oh, de maneira nenhuma! Quero ser o que sou agora, e falar e dizer coisas como posso dizer, não como era.
É engraçado, esta coisa da caixa, não é? Oh, eu não sei o que fazem com isso… é uma coisa muito estranha, não é? Já ouvi falar de vocês, na verdade, por várias coisas… já foram a essas… como lhes chamam… sessões?... oh, sim… Oh, lembro-me desses dias no campo… não sabia quase nada desde pequena, quando estávamos no campo nos campos e… ah, bem… foram dias terríveis… as pessoas não sabem como foram terríveis para gente como nós… oh, terríveis.
Agora venho e vejo o que se passa no vosso mundo… e não sei… suponho, claro, que agora as coisas são muito melhores para as pessoas comuns… muito melhores… melhores, melhores, melhores em tudo… mas é um mundo assustador… oh, com todos esses automóveis e coisas… claro que nós não tínhamos nada disso… oh, são horríveis, horríveis… não quereria estar convosco agora… estou feliz… casa linda, sítio lindo, gente maravilhosa… oh, meu Deus, não

voltava para nada. Não me importo de vir só um bocadinho para trocar duas palavras, mas oh, não queria voltar e fazer uma vida, oh, não queria nada disso.
Perguntaram-me quem me ajudou quando parti.
Bem, houve uma senhora muito bonita. Lembro-me de estar debaixo da sebe, e sabia que ia morrer; não sei como é que sabia que ia. E uma mulher, ou duas mulheres na verdade, amigas minhas e uma delas correu a tentar arranjar ajuda… e a outra ficou ali… ali estávamos nós na sebe… sabem… e eu sabia que ia morrer… sabia… sabia… não sei como sabia… mas sabia que ia… e foi como se… não sei… como se estivesse a afastar-me e a afastar-me… e ouvia esta amiga a tentar ajudar e a confortar… mas claro que não havia nada que pudesse fazer naquelas circunstâncias e eu sabia que ia partir, como vocês dizem… e lembro-me que era como se me fosse perdendo e depois me fosse encontrando… é engraçado, não é? E lá estava eu de pé… de pé nos campos e tinha este bebé nos braços! Mas eu não percebia nada daquilo… que estivesse ali de pé no meio do campo… e sabem, com um bebé… e à minha volta via quilómetros de paisagem de campo… mas não era o mesmo campo a que estava habituada… era diferente.
Mais bonito?

Sim… de certa forma… mas diferente.
Perguntaram-me se havia árvores.
Bem, havia e não havia… havia árvores… mas eu sabia que não eram árvores reais… e o campo não era um campo real… e eu acho que, cá dentro, sentia-me perdida… como se estivesse num sonho… e tinha a sensação de estar num tipo de sonho… e que todas aquelas coisas iam desaparecer… e as árvores eram diferentes… nunca tinha visto árvores assim… eram árvores grandes com folhas enormes penduradas… ramos compridos… e depois soube que eram árvores como se vê em terras estrangeiras.
Perguntaram-me se tinham flores.
Não, eram como essas palmeiras… que eu via de vez em quando na igreja… sabem, na Páscoa… e percebi que estava num país estranho, como nada que eu tivesse visto antes… e no entanto não era real… e de repente vi uma procissão… bem, foi o que eu pensei que fosse… de pessoas… todas vestidas com roupas lindíssimas… a subir por uma estrada larga… e eu estava a sair daquele campo… e parecia que estava nessa estrada… e depois, enquanto caminhava em direção a esse grupo de pessoas… e todas aquelas cores lindas e roupas… era como se algo me estivesse a acontecer… e aos poucos tudo mudou… e toda a cena era diferente… e eu estava de pé ao lado de… bem, do que parecia ser o mar… e no entanto não era o mar… eu nunca tinha visto o mar… nunca tinha ido ao mar… tinha ouvido falar do mar… mas vi toda aquela água imensa… e não fazia ideia.
Tinha ouvido, pelas coisas que as pessoas diziam, sabem… que as pessoas tinham lido, sabem… essas coisas que tinham escrito, livros, às vezes, sabem… tínhamos alguém que de vez em quando nos lia… parecia que eu estava num sítio estrangeiro… como se batesse certo com o que eu tinha ouvido sobre Jesus e a Galileia… e havia muita gente ali de pé a ouvir… e em cima de umas rochas estava lá este homem… homem lindo, com cabelo preto lindíssimo, muito brilhante, e olhos lindos… e ele estava ali a falar para aquelas pessoas… e havia muitas crianças… e, não sei, eu só pensava naquilo que tinha ouvido na igreja quando o homem nos lia sobre Jesus e a Galileia… e parecia tudo ter a ver com ele… e eu estava ali com esta minha criança… e muito, não sei… aflita… e sabem, eu não sabia onde estava, o que era ou quem era, quase… era tudo muito estranho e era como se quase o tempo todo eu pensasse no que estava a acontecer… e ao mesmo tempo pensava em mim naquela sebe, na minha amiga e no bebé.
E acho que devia estar num estado esquisito… foi o que me disseram depois… que eu estava nesse estado de espírito… o que me disseram depois foi que o que passei então foi uma espécie de… não sei se se pode chamar sonho… mas era um estado esquisito em que eu não estava nem num sítio nem noutro… de qualquer forma estava ali no meio daquela gente toda sentada a ouvir… e eu ouvia aquela voz… mas era estranho porque ouvia a voz e no entanto o homem não parecia dizer nada… e sentia como se fosse puxada para ele… e à medida que avançava as

pessoas abriam caminho… e havia uma grande música a tocar… não sei o que era… não havia lá ninguém a tocar violinos nem nada… e era como se eu estivesse, não sei… a ouvir coisas que não eram ditas… e a ouvir coisas que não eram tocadas… e instrumentos que eu não via… mas era como música de igreja, mas muito melhor do que qualquer coisa que alguma vez tivéssemos tido na nossa igreja.
E eu ouvia aquela música cada vez mais alta e ouvia aquela voz que me chamava para avançar em direção ao homem que estava sentado naquela rocha… e esse homem parecia… bem, não como Jesus… porque as imagens que eu tinha visto de Jesus… ele era sempre um homem claro, sabem… e este homem era moreno… oh, muito moreno… tez muito escura, tez azeitonada… olhos muito pretos… olhos maravilhosos que eram… e o cabelo dele caía-lhe nos ombros… e oh, eu sentia-me mesmo puxada para ali… e de alguma forma, à medida que chegava cada vez mais perto… era como se tudo desaparecesse… tudo desapareceu.
E depois acordei num quarto muito bonito… com o bebé ao meu lado… num quarto muito bonito… e havia pessoas ali de pé a sorrir para mim… e lá estava eu na cama com o bebé nos braços… naquele quartinho bonito… e estavam várias pessoas à volta… pessoas que eu não conhecia, mas que pareciam tão felizes e tão bondosas… e disseram-me que eu tinha chegado e que estava tudo bem e que não tinha mais com que me preocupar… que aquela seria a minha casa… que iam tomar conta de mim e da criança… que isso iria compensar toda a infelicidade que tinha conhecido… e que aquele seria o meu lugar para eu aos poucos encontrar um novo eu… foi assim que disseram… um novo eu.
Eu não percebi e eles disseram: Não te preocupes, tem paciência e deixa tudo connosco… fecha só os olhos e perde-te… fica calma e em paz e quando acordares mais tarde contamos-te mais coisas mas este não é o momento certo… basta saberes que chegaste a casa e estás em segurança e o bebé também… e depois explicamos-te tudo… oh, foi maravilhoso… foi como se de certa forma aquela experiência linda, linda, como vocês dizem, que eu tive com aquele homem lindo, e disseram-me depois que era o Cristo, a manifestar-se como faz… foi assim que disseram e aprendi desde então muitas destas coisas… e palavras e tudo… manifestar, chamaram-lhe assim, o seu espírito àqueles que vêm das trevas para a luz e são recebidos nos domínios do amor espiritual… e que esta foi a minha receção, como lhe chamaram, e que estava tudo bem… que eu não devia estar triste nunca mais… e que a minha criança e eu tínhamos recebido uma nova vida nos domínios da felicidade, como lhe chamaram.
Suponho que disseram estas coisas, obviamente, de forma que eu as entendesse… mas aprendi muito mais desde então… muito mais, oh, muito mais… mas vocês perguntaram-me como é que vim… mas não posso dizer mais nada agora… foi um bocadinho difícil, tive de ter alguém a ajudar-me porque senti como se estivesse a afastar-me de vocês… mas fiz, sabem, a minha parte por vocês… e vou tentar voltar e contar-vos, sabem… como têm sido as coisas desde que vim… mas posso dizer que esta coisa de morrer é… bem… não tem nada de mais, na verdade… suponho que é natural termos medo disso aí do vosso lado… mas é natural e não é assim tão diferente de nascer… de certa forma é como nascer outra vez… como nos diziam nos velhos tempos na igreja… mas claro que é natural… nada de anormal ou estranho… ninguém precisa de se preocupar… estou maravilhosamente feliz e estou muito mais… bem, estou muito mais evoluída agora, obviamente, mas pediram-me para falar disto… por isso tentei lembrar-me das coisas antigas, das primeiras coisas, percebem… de qualquer forma volto se puder outra altura… tenho de ir. Adeus.
Transcrição de uma comunicação de voz direta com Leslie Flint

GEORGE BRIGGS
SESSÃO A 5 DE FEVEREIRO DE 1968

Estou muito contente por estar aqui para falar convosco por uns momentos, se puder. Sinto-me um pouco como um intruso porque na verdade não tenho nenhuma ligação com o vosso grupo, mas estive muitas vezes presente quando tiveram as vossas reuniões e senti vontade de

vir. Espero que não se importem com isso. Gostava que soubessem que tenho estado muito interessado em tudo o que estão a fazer, sabem.
Conseguem ouvir-me? O meu nome é Briggs, George Briggs. Durante muitos anos, quando estava aí convosco, fui membro dos Cristadelfianos. Não tinha paciência para este tipo de coisa, sabem, não tinha interesse no Espiritualismo como lhe chamam; na verdade era muito contra. Mas fui muito abençoado desde que estou aqui; várias pessoas foram muito bondosas e muito boas para mim e ajudaram-me imenso. Sempre pensei, claro, que o Espiritualismo era mau, do Diabo, mas agora sei que não é assim.

É-me muito difícil explicar, mas sinto agora as coisas de forma muito diferente e gostaria muito de tentar, se puder, transmitir a minha crença e conhecimento às vidas daqueles que estiverem dispostos a ouvir, porque agora sei que as religiões em si, embora sejam importantes e devam ter um papel importante na vida dos homens, o fundamento de todas as religiões é este: a realização de que a vida continua e de que a comunicação é um facto, dadas as condições apropriadas para que possamos regressar, e percebo agora que os médiuns, desde que sejam sinceros e se aproximem deste assunto de forma espiritual, podem fazer um bem tremendo à humanidade, porque se as pessoas na Terra percebessem o impacto total disto — que a vida é contínua e que se pode, em certas condições, comunicar — isso faria toda a diferença para as pessoas na Terra e aboliria todas as barreiras que o homem criou através do seu preconceito, da sua intolerância e da sua ignorância.

O fundamento de todos os credos, todas as religiões, é a Vida Futura; se não fosse assim, não haveria razão para a religião como tal, e eu, na minha forma limitada de ver as coisas quando estava aí convosco, acreditava sinceramente na altura que só aqueles que aceitassem e acreditassem como eu herdariam o Reino de Deus. Agora sei que isso é uma falácia — que todos os povos herdam o Reino de Deus porque é uma lei natural. Ninguém é excluído, ninguém é mantido de fora pelo simples facto de ser lei natural que quando o homem morre o seu espírito herda os domínios espirituais que estão à volta e em torno do vosso mundo terrestre. É inevitável.

Não há ninguém que fique de fora e há muitas, muitas condições de vida deste lado e o homem herda de acordo com a sua natureza e o seu mérito, ou falta dele, indo para uma condição ou lugar inferior. Em outras palavras, o homem recebe exatamente aquilo que ele próprio criou com a sua vida, a sua visão e o seu modo de viver. A religião por si só não pode salvar um homem. A religião, seja ela qual for, não pode necessariamente tornar um homem numa pessoa melhor; isso é algo que só pode acontecer quando o homem percebe que já é, em embrião, uma pessoa espiritual, um ser espiritual. Ele tem todas as qualidades, todas as possibilidades já dentro de si e só quando o homem, ainda na Terra, desenvolve as suas faculdades espirituais, os seus dons espirituais, é que se torna consciente, por assim dizer, do poder do Espírito em volta dele e da possibilidade de se ligar a todas essas forças do bem e a todas essas pessoas que vêm deste lado da vida para o ajudar, guiar e instruir. Agora sei que nos primeiros tempos da Igreja os homens e mulheres eram inspirados pelo Espírito Santo.

Quando estava aí convosco falava muitas vezes sobre o poder do Espírito Santo; muitas vezes discutia estas coisas com outros amigos e membros da minha crença, mas nunca as compreendi. Agora compreendo e sinto-me compelido a vir falar na esperança de, assim, conseguir impressionar aqueles, em especial, que têm a fé que eu tinha, para que possam encontrar através de mim o verdadeiro caminho para a harmonia espiritual e o progresso espiritual. Vocês têm sido seres muito afortunados porque têm conseguido comunicar com muitas pessoas deste lado; de facto, têm sido mais do que afortunados, têm sido grandemente abençoados e têm recebido de todo o tipo de pessoas grande conforto, grande iluminação da

mente, e, em consequência, estão a esforçar-se por levar esta verdade a pessoas de todas as condições de vida e de todas as nacionalidades.

Eu sei que é uma tarefa tremenda a que vocês se propuseram, mas sei também que estão rodeados de um poder que está para além da vossa compreensão terrena. O número de almas que eu vi quando estiveram nestas reuniões e quando foram com as vossas máquinas e fizeram ouvir estas gravações a pessoas em grandes salas onde elas escutaram atentamente, e em alguns casos houve, eu sei, dissensão por parte de pessoas que, tal como eu em tempos, não aceitavam e não estavam preparadas para aceitar, porque as nossas mentes, a minha mente, estavam fechadas à verdade. Estas são as pessoas que são difíceis de alcançar. Eu sei pela minha própria experiência quão difícil é chegar até pessoas cuja mente, como a minha era, estava fechada a toda a verdade. De facto, quando cheguei aqui pela primeira vez, encontrei-me num ambiente ou lugar que para mim era muito satisfatório e muito feliz.

Não tinha desejo de mudança. Não tinha desejo de evolução. Para mim, estava no Paraíso. Mas agora percebo que estava num paraíso de tolos. Eu estava numa condição de vida que eu próprio tinha criado pela minha maneira de ver as coisas, porque acreditava que só aqueles iguais a mim encontrariam o Paraíso, e consequentemente estava numa condição de vida que consistia inteiramente em pessoas de mente igual, pessoas que acreditavam como eu acreditava, que aceitavam como eu aceitava aquilo que pensava ser a verdade completa e absoluta e, por isso, estávamos satisfeitos; estávamos satisfeitos com as nossas reuniões, os nossos hinos e as nossas orações e falávamos do dia em que voltaríamos à Terra para ser ressuscitados, como nos tinham dito, como acreditávamos. Haveria um grande dia de ressurreição em que todos seríamos reunidos e entraríamos de novo nos nossos corpos físicos e voltaríamos a ser pessoas terrenas a viver num paraíso terrestre. Mas tive sorte porque, aos poucos, comecei a sentir dentro de mim um ligeiro desconforto.

Não consigo explicar como isto começou, porque devo admitir que, nessa altura, eu estava feliz, bastante satisfeito, mas de uma forma estranha comecei a sentir que talvez houvesse algo que não estava como devia estar. Suponho que se pode dizer que, depois de algum tempo num ambiente como aquele, com toda a gente a pensar, toda a gente a aceitar completa e absolutamente como todos nós fazíamos, aquilo se tornava, de certa forma, tão repetitivo e tão monótono que, de maneira estranha, comecei a perguntar-me se haveria outros mundos para além daquele em que eu existia e suponho, nesse sentido, que se pode dizer que foi uma forma de curiosidade que me pôs em marcha e, aos poucos, comecei a tomar consciência de outros seres que não eram da nossa seita, que não eram da nossa persuasão, e esses seres tornaram-se não só visões para mim, como vocês lhes chamariam, mas pessoas reais e comecei a sentir os pensamentos deles. Era como se eles não falassem e, no entanto, eu ouvia dentro de mim as coisas que tentavam transmitir-me. Ao início, fiquei muito preocupado e inquieto com isto.

Pensei que estava a ter, se não alucinações, talvez coisas dadas por espíritos malignos que tentavam virar-me contra aquilo que eu ainda acreditava ser a religião verdadeira, o verdadeiro caminho de vida, e não os queria ouvir, fechava a minha mente a eles, e quando fazia isso, eles não conseguiam chegar até mim. Mas esta curiosidade minha, se é que se pode chamar assim, acabou por levar a melhor e comecei não só a ver essas entidades mas a ouvir-lhes a voz com grande clareza a falar-me como se fosse à minha alma, tentando explicar-me que eu estava a viver num mundo de ilusão, que estava a viver uma vida que eu próprio tinha criado; porque eu próprio não aceitava nem percebia as possibilidades de outros planos, outras existências e outras verdades e, eventualmente, pediram-me se eu faria a experiência de fazer aquilo que vocês chamariam uma viagem. Ao princípio não percebia isto; estava confuso; não conseguia imaginar como, se eu aceitasse esta oportunidade ou lá o que fosse que me ofereciam, como é

que eu voltaria, se ficasse insatisfeito e percebesse que não eram verdadeiros e que me estavam a iludir.

Eu estava, como diriam, num estado de perplexidade, mas ao mesmo tempo a minha curiosidade era tal que pensei em tentar e ver se havia algo no que me tinham dito. E fui com uma alma em particular que parecia ser o líder do grupo, que se chamava Bernard, e ele disse-me, enquanto íamos por muitos lugares, por campos vastos e vastos que eram lindíssimos e muito agradáveis; e enquanto caminhávamos — e caminhávamos mesmo, porque os nossos pés tocavam o chão, e no entanto parecia não haver cansaço, não havia sensação de esforço — eu ouvia o que ele tinha para me dizer e ele explicou-me que, quando na Terra, tinha sido padre católico romano. Isto imediatamente me deixou muito apreensivo porque, na nossa comunidade religiosa, quase víamos os católicos como, tal como os espiritistas, filhos do próprio Diabo, e isso preocupou-me muito e ele esforçou-se muito por me tranquilizar, explicando-me que ele era católico, tal como eu era da minha fé, e que ambos estávamos errados, que ambos tínhamos crenças muito fortes que estavam muito longe da verdade e que devíamos esquecer o que éramos e preocupar-nos antes com o que poderíamos tornar-nos se abríssemos a nossa mente para receber.

Mas passado algum tempo senti-me mais confiante, percebi que ele já não era católico romano e que era obviamente um homem de grande sinceridade. Mas ao mesmo tempo sentia em mim grande preocupação sobre se estava a fazer a coisa certa porque, afinal, o mundo em que eu existia, isto é, o plano onde eu existia, era para mim um mundo feliz, embora houvesse de vez em quando aquele sentimento de descontentamento, mas havia também o sentimento de que talvez houvesse algo mais para descobrir, sabem, mais além. De qualquer forma, fui com esta alma e parecíamos atravessar não só países ou campos vastos, passámos por grandes cidades e muitas dessas cidades tornaram-se para mim muito interessantes porque pareciam representar todo o tipo de nações.

Havia lugares por onde passávamos onde todas as pessoas e edifícios sugeriam que eram desta ou daquela nacionalidade, e também passávamos não só por cidades mas por pequenas comunidades que, suponho, se podiam chamar aldeias onde havia grupos de pessoas que pareciam vestir-se de forma muito diferente e, de facto, em algumas dessas cidades de forma muito diferente de qualquer coisa que eu me lembrasse da Terra. Mas disseram-me que às vezes eram grupos de pessoas que tinham atingido um certo estágio de evolução e que estavam satisfeitos com o seu modo de vida, mas as suas mentes estavam presas nos séculos passados na Terra e que viviam, existiam e se vestiam da mesma forma que faziam há trezentos ou quatrocentos anos quando estavam na Terra; mas que eventualmente começariam a procurar por si mesmos e então seriam ajudados e poderiam ir muito mais além da sua situação atual.

E também, nas minhas andanças, vi todo o tipo de animais e todo o tipo de vegetação e todo o tipo de condições de campo que eram extraordinárias porque, mal passávamos por aquilo que, à primeira vista, parecia uma bela paisagem campestre como se vê em Inglaterra, de repente encontrávamos o que parecia ser um vasto deserto e isso parecia-me, particularmente a mim que nunca tinha estado num deserto, bastante duro, e pensei "Meu Deus, temos de atravessar este deserto todo" e suponho que é um reflexo da mente terrena, mas pensei "Meu Deus, o calor do sol", e depois percebi que não havia sol, embora em todo o lado houvesse luz, é verdade, não havia escuridão mas o estranho era que, embora houvesse essa iluminação e luz, não havia fonte visível e falei com o meu companheiro sobre isto; ele disse: "Claro que percebes que aqui não temos sol mas temos luz, mas é uma iluminação natural que vem das esferas."

Isto deixou-me intrigado, não conseguia perceber como se podia ter luz das esferas. Claro que me lembrava que na minha própria esfera tínhamos noite e dia. Por outras palavras, a escuridão caía e dormíamos tal como fazíamos na Terra; e reparei que, à medida que íamos mais longe, a luz não se tornava mais intensa mas parecia ter um brilho que não consigo descrever e parecia que não havia sombras e, à medida que se avançava e se ia cada vez mais longe da condição de vida em que eu tinha existido, havia não só mudanças na atmosfera, porque a atmosfera é tão real para nós como é para vocês, mas havia mudanças em tantas coisas. Ao princípio eram tão subtis que não percebi que havia mudanças, exceto talvez na arquitetura dos edifícios, na forma como algumas pessoas se vestiam, e em várias formas percebia que havia mudanças subtis mas não eram assim tão óbvias, não liguei muito.

Mas quando cheguei a este vasto deserto senti-me realmente apreensivo, pensei: "Isto é duro, sabem, meu Deus, isto parece imenso", mas o meu amigo disse-me: "Até onde consegues ver, vês deserto. Mas", disse ele, "tem confiança. Vai demorar pouco tempo a chegar à orla do deserto e quando lá chegares encontrarás grandes mudanças, e este é o teu grande teste, já vieste até aqui comigo, esta é a tua oportunidade, se sentires que queres voltar não te posso impedir mas se tiveres fé suficiente dentro de ti para continuar e atravessar o deserto, lá encontrarás do outro lado tudo o que possas desejar e terás, pela primeira vez, os pés no caminho da evolução espiritual. Cabe-te a ti decidir. Não te posso obrigar. Cabe-te a ti decidir." E eu refleti sobre isto e pensei que já tinha vindo tão longe e, no entanto, sentia que se fosse mais além… sentia que nunca conseguiria voltar a atravessar o deserto sozinho. Precisaria de companhia e precisaria da força que essa pessoa parecia ter e que eu não tinha dentro de mim. Foi um grande teste para mim saber se tinha a força, a coragem e a fé para avançar ou voltar para onde pelo menos conhecia as condições, o ambiente e as pessoas. Mas algo dentro de mim deu-me força para dizer sim, vou contigo, e assim fomos, e à medida que a minha fé, suponho que terá sido a minha fé dentro de mim, se fortalecia, parecia que o deserto não tinha distância para atravessar; na verdade percebo agora que foi um teste que me foi dado, que o deserto, num certo sentido, era uma ilusão, que de certo modo não existia.

Foi-me dado como um teste para ver se eu estava preparado para alcançar um novo ambiente e uma nova vida que me esperava, era essencial, percebem, que eu passasse por todos estes lugares diferentes, visse estas pessoas diferentes nos seus diferentes ambientes e condições e aos poucos assimilasse este novo conhecimento para perceber que havia outras esferas, outros lugares, outros povos muito afastados da minha condição de vida a que me tinha habituado, e que o deserto era o teste para ver se eu estava mesmo preparado para enfrentar esta aventura e esta grande oportunidade que se me apresentava.

Se tivesse voltado, teria ficado, de certa forma, na mesma posição em que estava antes, mas porque tinha vindo tão longe e tinha visto e assimilado gradualmente novas experiências, percebi que se havia estas novas experiências e novas formas de vida deveria haver para além do deserto uma experiência maior à minha espera. Tinha então quebrado as minhas correntes e tinha-me tornado livre e, por isso, o deserto, que num certo sentido não passava de uma ilusão, depressa desapareceu e fiquei, em consequência, pronto para receber o que me esperava.

E então, muito em breve, encontrei uma cidade vasta e parecia, na luz que brilhava sobre ela, feita de madrepérola, toda a espécie de cores parecia estar ali suave e difusa, radiante e bonita, e à medida que entrava havia muitas pessoas alinhadas, suponho que se poderia dizer nas ruas, e no entanto eram vastas, essas ruas, não eram como as ruas que vocês conhecem na Terra, eram vastas vias que levavam ao que me parecia ser um grande edifício, suponho que se podia dizer que era um palácio {sei agora que não era um palácio}, mas era um grande lugar com uma cúpula enorme que parecia brilhar e cintilar e ter quase vida própria, o que agora percebo que de facto [tinha], porque quando os lugares aqui são construídos em certas esferas, pelo

pensamento dos indivíduos aliado ao seu esforço e a tudo o que é investido, esses lugares são vivos e respiram, porque o elemento humano que ali se investe é forte porque é muito de bondade dado à construção pelos indivíduos que o criam.

De qualquer forma, neste vasto edifício encontrei um grande número de pessoas vestidas com túnicas de grande beleza, em muitos tons, muitas cores. E pareciam fundir-se com o edifício. Os seus rostos brilhavam com uma grande luz e os seus olhos pareciam ter uma vitalidade e uma vida que eu nunca tinha visto antes, e carregavam grandes ramos de flores e cantavam ou entoavam cânticos, e havia uma grande música de fundo, e eu não sabia isto mas aquilo era a receção para alguém que tinha sido resgatado, alguém que tinha sido retirado da escuridão, por assim dizer, da mente e levado para a realidade da verdade do Espírito, naquele vasto lugar onde todas aquelas pessoas se tinham reunido apenas por uma pessoa, e isso fez-me lembrar algo de que me recordava de há muito tempo, no bom livro, como o pastor se alegra quando um é encontrado e reunido no rebanho.

Aqui parecia haver um tão grande espírito de alegria, um tão grande espírito de amor. Uma grande camaradagem, uma grande compreensão, e ali encontrei aquela paz que sinto vontade de dar ao mundo inteiro. Quero dizer a todos que não há barreira; não há barreira nenhuma para o homem, uma vez que a sua mente se liberte, uma vez que esteja livre para pensar por si próprio, uma vez que esteja livre para aceitar a verdade do Espírito, uma vez que seja capaz, por assim dizer, de abrir a porta da sua mente para deixar entrar o poder do Espírito Santo.

E por toda a volta estão estas almas que vêm com amor abrir a porta para ti, para tornar possível o caminho e a estrada e para te dar a visão interior e a oportunidade que elas próprias encontraram. E acredita em mim: se aceitares a oportunidade, se aceitares a iluminação do Espírito, se aceitares o amor e o poder do Espírito que vêm até ti enquanto ainda estás na Terra, essa é a maior bênção. Tantos têm de esperar, tantos têm de passar por vários graus e condições de vida aqui antes de alcançarem esse estado de iluminação que eu encontrei, por exemplo. Vocês foram abençoados, e àqueles que ouvem a minha voz eu digo:
"Aceitem o poder do Espírito Santo. Aceitem a palavra do Espírito Santo. Aceitem aqueles que vêm ter convosco com a iluminação da mente e do espírito, que vêm mostrar-vos o caminho para que o possam percorrer, para que vos possam ajudar a ultrapassar as dificuldades da vida, para que vos possam abrir o caminho, para que nós, eles e todos nós sejamos de boa fé, tenhamos bom ânimo e saibamos que está tudo bem, que Deus existe, que Deus ama todos os seus filhos e que todos têm a oportunidade. Aceitem a prova, libertem-se das correntes que vos prendem e escutem a voz do Espírito Santo e saibam que todos os grandes santos, todos os grandes mestres, todas as grandes almas que vêm até vós vêm por amor para servir e ajudar a guiar e a elevar e trazer-vos essa paz que o mundo não pode dar. As minhas bênçãos sejam sobre cada um de vós que possa ouvir a minha voz. Que Deus vos abençoe a todos."

Sir Winston Churchill adverte:
Líderes egoístas e egocêntricos e uma ciência fora de controlo podem empurrar-nos para lá do limite da destruição!

Por favor, nota que esta gravação era de tão má qualidade que em muitas partes da transcrição tive de fazer uma interpretação fundamentada de algumas palavras. Para compreenderes mais plenamente o que está a ser dito, ouve a gravação enquanto lês a transcrição em simultâneo. O sotaque britânico único de Churchill e, por vezes, a sua escolha de palavras bastante invulgar tornaram a criação desta transcrição ainda mais desafiante. Palavras provavelmente pretendidas pelo orador mas omitidas foram acrescentadas onde necessário entre [parênteses retos].

Esta gravação afirma que poderia situar-se algures na década de 1980 (data exata desconhecida); contudo, após transcrever esta fita, deparei-me com algumas afirmações que indicam que teve de ter sido gravada pouco antes da primeira alunagem, que ocorreu a 20 de Julho de 1969. Por vezes, também conseguia ouvir uma voz em segundo plano que parecia ser a de George Woods, que se sentava com Leslie Flint durante as décadas de 1960 e 1970, mas não durante os anos 80, pois faleceu antes.

A mensagem seguinte é do Comunicador Espiritual Sir Winston Churchill:

O meu ponto de vista, no que diz respeito a manifestar-me, falar, transmitir os nossos pensamentos, impressões, clarificar situações e procurar, na medida do possível, dar-vos uma imagem clara de um mundo numa luz tão afastada de tudo o que podeis conceber.

Vós, no vosso mundo atual, possivelmente mais do que em qualquer outra altura da sua história, estais a passar por uma condição ou fase que, pela sua própria natureza, significa que estais prestes a quebrar no limite da destruição. O homem, neste presente momento, está verdadeiramente a pairar no limite da autodestruição. Um passo em falso poderia implicar uma grande perda de vidas, confusão catastrófica e, ao mesmo tempo, grande parte do mundo poderia tornar-se inabitável. Não creio que o homem de hoje, à exceção talvez de alguns cientistas que deviam saber mais, se aperceba da triste farsa em que o mundo se tornou devido à interferência do homem com a lei natural.

É talvez tão bem que ele saiba tão pouco. Nós, deste lado, estamos preparados de tal forma que estamos constantemente à volta da vossa Terra, procurando influenciar almas em lugares elevados, em especial nos níveis mais baixos, em prol da raça humana, que em muitos aspetos, pela sua própria natureza, deve ser insignificante. Não temos o poder de mudar os pensamentos dos homens quando eles estão determinados a prosseguir, a todo o custo, percursos perigosos.

O mundo espiritual, durante séculos e séculos, tem procurado, por influência, por impressões, por força de pensamento, mudar os pensamentos dos homens com muito, muito pouco resultado. O dom do livre-arbítrio do homem permite-lhe, tal como uma criança indisciplinada, fazer as coisas mais estúpidas e infantis. O homem está neste momento presente no limite da destruição, provocado por algumas mentes ditas brilhantes. Há aqueles no vosso mundo que apoiam estas pessoas que são consideradas extraordinariamente talentosas, inteligentes e sábias. Eu sei que é instinto natural do homem ser curioso. Na verdade, pode-se dizer que se não fosse a curiosidade do homem, ao longo dos séculos, o homem, até certo ponto, ainda estaria no mesmo nível que o animal. Talvez o tempo ainda venha em que o homem deseje ter permanecido nesse nível.

Mas não venho necessariamente, embora assim pareça pela nota extraordinária, não venho deliberadamente com a intenção de vos deprimir, mas venho com uma mensagem sincera, com uma esperança sincera, com o desejo de que de alguma forma miraculosa (teria de ser miraculosa) possamos conseguir evitar aquilo que parece iminente: a devastação de várias partes do mundo que poderia ser provocada por um erro.

O mundo deve recordar-se que toda a ciência existe apenas na Terra para alcançar conhecimento. Isto era muito bem há trinta, quarenta, cinquenta, cem anos atrás, mas não hoje. Atingiu-se um certo ponto máximo em que se torna extremamente perigoso e eles não sabem quais poderão ser os resultados. Para o indivíduo comum deve parecer uma coisa notável: homem na Lua, homem em comunicação com outros planetas, viagens espaciais; tudo isto deve

parecer ao homem comum na rua as conquistas mais maravilhosas, mais miraculosas na história da humanidade, mas não é assim.

Podereis pensar que estou a espalhar depressão, que estou a criar medo nos corações e mentes dos povos da Terra ao fazer estas declarações, que mantenho que os cientistas de mente brilhante e tudo o que fizeram e alcançaram e o conhecimento que nos iluminou são ainda as mesmas coisas que crianças na periferia de coisas que não conhecem! Bem sei que isto pode soar a alguns ouvidos como algo que não devia ser dito. Se o homem puder ser salvo, espero em vão que esta alunagem possa vir a provar ser um desastre do ponto de vista de não fazer história, porque uma vez que aconteça, quando se derem mais desenvolvimentos, não haverá segurança para nenhum ser humano em momento algum no resto da história do mundo. O homem não deixará de chegar à Lua, um oceano não impedirá uma alunagem de um homem ou homens na Lua. Será utilizado, como sempre foi no passado, em detrimento da raça humana, para supervisionar, vigiar, pronto a atacar. Por outras palavras, não consigo ver qualquer nação, caso tenha sucesso, a utilizar esta chamada conquista em benefício da humanidade, mas sim para benefício pessoal ou talvez nacional.

Mas para além de tudo isto, o que perturba a atmosfera, o que pode ser trazido de volta à Terra sem intenção, sem saber, substâncias que permitem todo o tipo de coisas invisíveis. O homem, com o seu conhecimento (científico), não consegue dizer, não sabe como descobrir ainda, parece ter alcançado o impossível. Certamente, tenho muitas dúvidas, na verdade mais do que dúvidas, quanto ao benefício que isto poderá ter! Mesmo um único feito alcançado, que benefício poderá trazer à raça humana? Para além de um provável desperdício colossal de dinheiro, milhões e milhões de libras ou dólares: poderia ser usado correctamente, justamente, honradamente em benefício da raça humana e das vidas envolvidas.

Parece-me que o homem está a ir demasiado longe. Ao dizer isto, de facto, hei de ofender pessoas que ainda ouvirão esta total treta, e dirão: "Disparate! O homem tem de avançar, o homem tem de ser o primeiro, o homem tem de experimentar, a ciência tem de experimentar e descobrir e desenvolver um vasto mundo de descobertas, todas estas coisas que estão escondidas na atmosfera, todas estas coisas que podem ser tornadas benéficas para o homem." Claro que houve muitas descobertas no passado que foram benéficas para o homem. Ninguém nega isso.

Mas devemos lembrar-nos, subjacente a tudo isto, qual é o novo motor? Temos duas grandes nações: a Rússia e a América. O talento traçado pelo caminho, competindo uma contra a outra, para quê? Um último suspiro. Não nos iludamos. Não nos deixemos enganar por aqueles em lugares elevados, instruídos por aparentemente aqueles em lugares elevados que são enganados pelo mundo científico. Já o vimos no passado, mas lamento dizer, e tenho a certeza de que podereis vê-lo de novo no futuro: como a ciência é utilizada por nações para destruir outras opostas em ideologia, em política e até em religião.

Ao longo da história, o homem usou o seu progresso, o chamado progresso material, para ganho, para o suposto melhoramento (assim foi dito) para, em vez disso (às vezes, de qualquer maneira) essas pessoas. Até que as duas nações cessem a luta uma contra a outra, a competição para ser a melhor, a competição para ter mais poder que a outra, seja em armamento, seja na corrida à Lua, todas estas coisas são superficiais na medida em que não têm valor real na profundidade da alma humana, na melhoria humana, na relação humana, na evolução e desenvolvimento humano em direção às coisas do espírito e do divino.

Os grandes homens e mulheres do passado foram aqueles que contribuíram com a mente e o espírito. Aqueles que criaram e deram algo do espírito ao mundo, algo que é vasto e verdadeiro

não pode desaparecer com o tempo. A ciência fez certas contribuições nesse sentido, mas devemos lembrar que a ciência geralmente se preocupa apenas com uma coisa: o mundo material; não se preocupa com o ideal espiritual; não se preocupa verdadeiramente com a melhoria da raça humana, e poderia sê-lo cada vez apenas num nível físico e material.

E muitas vezes nos seus desejos, desejos individuais, para a melhoria da raça humana. Nos campos diretos das ciências, perdem o seu rumo, naquele que parecia o mesmo caminho, acabam por dar uma volta, chegam a uma encruzilhada e já não sabem para onde virar. Muitas das chamadas descobertas, se apenas criaram outros problemas de natureza diferente que podem ofender a mente humana e o corpo humano, e já estais a ouvir falar de operações ao coração. A seguir irão fazer transplantes de outro tipo. Já ouvis falar de congelar o corpo e trazê-lo de volta à vida. Desta vez não se trata de coisas distantes. Outras pessoas, ao que parece, já tentaram. As experiências mais horríveis estão a acontecer com animais! Chegará o tempo em que estarão ansiosos por tentar num ser humano.

O homem tem esta ideia ridícula e absurda de que a única coisa que importa é o corpo material e o mundo material! Até que o homem ganhe juízo e perceba que o mundo físico e o corpo físico, embora importantes tenham de ser, aquele que habitais, é apenas preliminar, apenas o início, é apenas a camada exterior ou casca, é apenas a escola preparatória, chamem-lhe o que quiserem, e tentar uma vida longa indefinidamente? É uma estupidez tentar, como alguns parecem pensar que devem, por experiência fazer coisas que são contra a natureza, contra o ensinamento teórico, contra a verdade espiritual, verdade eterna, até que o homem perceba que é bom experimentar até certo ponto, e eles dirão: "Bem, como há de o homem saber? Quão profundo é esse ponto? Até onde deve ir?"

Quanto ao que deve fazer, respondo com esta observação: que quando certas coisas se desenvolvem, e certas mentes científicas indicam que perderam todo o contacto com a humanidade, quando se tornaram tão obcecadas pelo seu trabalho, que perdem todo o sentido de proporção, e deixam de se ligar às verdades eternas e espirituais, e as suas mentes estão fixas puramente em coisas materiais e físicas em detrimento de tudo o resto, então é certo.

Estes homens, que se envolvem, implicam o mundo inteiro em consequência e por causa destes poucos, todos poderão sofrer como consequência. Vimos isto de tantas formas diferentes no passado: como os erros de poucos homens em lugares elevados, cujo poder os obcecou de tal forma que ficaram acorrentados novamente. Em consequência, o mundo é banhado em sangue de milhões incontáveis de seres inocentes, enviados para cá antes do seu tempo, despreparados, sem oportunidade de desenvolver uma vida normal num mundo material de aprendizagem que é tão necessário e essencial para a realização e avanço espirituais. Temos visto os pecados assassinos em adultos, homens ambiciosos em lugares elevados, todos sem pensamento nem consideração por ninguém senão por si próprios e pelas suas experiências, quer sejam políticas, como tantas vezes foram no passado, religiosas, agora mais do que nunca, científicas.

Claro que, novamente, uma mensagem deprimente não seria honesta, não seria correta, porque a verdade, podeis dizer, vinda daqueles que deste lado tanto se esforçam por vos ajudar, não poderia vir senão desta forma, desta maneira. Fala-se demasiado disparate em sessões espíritas, demasiada conversa fiada, demasiado materialismo, demasiado centrado no material, porque invariavelmente as entidades que se manifestam estão elas próprias tão próximas da Terra, e muitas vezes aprenderam tão pouco com as mentes que as escutam. Eu só me preocupo com a verdade. Só me preocupo com a realidade do poder do Espírito Santo, e com que toda a raça humana perceba o seu grande potencial enquanto ainda na Terra, pois sem pensar e agir em

conformidade com a vontade do Espírito, o homem pode assim rejuvenescer-se, o homem pode ser uma conceção de um resultado de seres do futuro e das gerações que ainda estão por vir.

No entanto, vemos como as massas de seres humanos estão gradualmente, lentamente, tortuosamente a ser conduzidas como ovelhas para o matadouro pelos poucos que se tornaram tão obcecados pelo seu poder, pelo seu interesse na chamada descoberta científica. Querem quebrar as barreiras, querem abrir, como dizem, novos horizontes, novos mundos, novos panoramas, querem fazer tanto que vos dirão ser benéfico para o mundo, mas é mentira! Não será benéfico para o mundo, será a destruição do mundo, porque levará, cada vez mais, ao jogo de domínio de uma nação sobre outra, à exibição de um feito que o outro não conseguiu realizar, não conseguiu alcançar, e à perda de tempo.

Tudo o que o homem pode dar de si mesmo é usado de forma errada, mal aplicada em coisas sábias e boas. O mundo está em tal aflição. O mundo está em tanta necessidade. A própria atmosfera está a tornar-se cada vez mais envenenada a cada dia das vossas vidas; estais a morrer lentamente. Muitas das coisas que bebeis já não são puras nem naturais. Os vossos corpos, gradualmente ao longo do tempo, nas gerações seguintes, ainda por vir, irão sofrer: crianças nascerão sem fígado ou sem pernas, por causa da ciência! A ciência, que deveria ser vossa amiga, é o vosso inimigo! Não parece possível que o homem tenha sido vencido pelo inimigo e não se tenha apercebido disso. Todos falam das grandes conquistas, de como são maravilhosas, notáveis, mas suponho que, de certo modo, se pode ver isso de uma forma: nesse aspeto do homem, é. Mas não pode ser bom. Não pode fazer o bem. Não pode trazer paz. Só trará uma ameaça maior de destruição e guerra. Um medo maior descerá sobre o mundo acima de nós.

Aqueles que fazem isto, que chegam ao fim das suas vidas materiais, devem ser contados como abençoados. Abençoados por não terem nascido agora, porque o mundo, a não ser que ocorra um milagre, e só se pode esperar intervir num grande movimento. Explodir a terra, o mundo, o grande clarão, que este falo condensa a montanha desolada de ouro líquido e destrói. O homem, na sua ignorância, libertará certos aspetos que, depois, claro, destruirão de muitas formas certos anos vindouros, certamente tornarão certas zonas inabitáveis, muito pouco alimento crescerá, e também a luz, de modo que os vegetais mal poderão começar, começar, começar, e a atmosfera mudará, mudará e mudará. Penso nisso como morte, morte do futuro.

Digo-vos pelo menos que estou a dizer-vos a verdade, estudada em textos, em volumes antigos e publicações. Falarei com esperança do poder do espírito e do que ele pode fazer e alcançar. E confirmo que isso poderia significar muito, [ainda] assim ao mesmo tempo não conseguimos fazer muitas das coisas que gostaríamos de fazer, a não ser que tivéssemos mentes cooperantes, a não ser que pudéssemos chegar a pessoas que habitam em lugares elevados cujas mentes infelizmente não estão exatamente abertas. São eles que preferem ser convidados por si próprios. São eles que acreditam que o homem está apanhado num círculo vicioso de acontecimentos. Os seus cientistas tornaram-se os reis não coroados do Universo. Quão estranho é: o homem sempre sofreu às mãos de homens orgulhosos em posição elevada. Nações mudaram de mãos, milhões incontáveis derrubaram todos aqueles que se diziam líderes do seu povo.

Homens antigos foram conduzidos lenta mas seguramente para a destruição pelos poucos que conheciam o medo exato. Este é o medo do rei da ciência que governa a Terra. Tantos, na sua ignorância, como o povo de outrora, erguem as suas vozes em louvor e dão. E assim é hoje, um número incontável de povos faz ouvir a sua voz proclamando as maravilhas da ciência, as maravilhas das conquistas da ciência. Mas como todos os reis, morrem, têm o seu dia,

desaparecem, e o povo olhará para trás, em retrospetiva, e verá como velhas gerações de povos foram levadas a reis terrenos por poucos dias de ciência.

Há apenas uma verdade agora, nova verdade, verdade espiritual. Uma nova forma de liderança de amigos que lutam. Muitos contra a verdade e o poder do Espírito Santo que é universal, que é de facto verdadeiramente... poder, a luz eterna. O homem pode destruir o corpo, o homem pode destruir as coisas da Terra que são boas. Pode desfigurar as coisas nobres da natureza, verdades eternas e luz na Terra, mas nunca destruirá o Espírito eterno.

Cada um deve libertar-se das amarras materiais, para que o homem possa ver o mundo da carne na sua verdadeira perspetiva, e ver quão bom ele é e como o homem poderia mudá-lo ao ponto de se tornar quase irreconhecível. Não há quietude, não há paz. A beleza natural foi estragada. O homem, loucamente, rompe os seus laços. O homem está a vender a sua alma pelo esforço. O homem está a entregar-se por coisas que sabe, no seu coração, que não podem ser duradouras nem verdadeiras. O instinto natural do homem é, no seu melhor, muito elevado. O instinto natural do homem é olhar para dentro, para o espírito: coisas que são duradouras, coisas que estão para além de todo o preço. O homem está a perder o caminho. O homem procurou de muitas formas, trilhou muitos caminhos e continua a procurar, e, no entanto, certamente mais tempo já se perdeu.

Por vezes está tão deslumbrado pelo material ao ponto de não conseguir ver as coisas do espírito, coisas que são novas, coisas que são duradouras, coisas que são verdadeiras, no entanto coisas que se encontram na alma dentro de nós. Não desesperem, nós procuraremos agir através do poder que influencia. Acima de tudo sabei isto: que de todo o caos, de toda a escuridão e poeira, há uma luz que não falha: uma luz que conduz à melhoria que desejais rumo ao objetivo que foi estabelecido muito para além dos limites da Terra e das coisas materiais verdadeiras e abençoadas e sólidas. Mais ainda sois abençoados porque não vos contentais em, por assim dizer, arranhar a superfície deste assunto a que chamais Espiritualismo.

Há um número incalculável de pessoas no vosso mundo interessadas neste assunto, que podem ter provas das mais humildes, que estão convencidas da sobrevivência e, no entanto, continuam numa base muito material. As pessoas afirmarão, a perspetiva avança, contentam-se em ver esta verdade perdurar para lá da escuridão, sabendo, claro, que um dia verão imensa paz. Mas vós estais a tentar procurar e a encontrar e a ver diretamente sem falhar. Já fostes muito além dos limites dos aspetos materialistas do Espiritualismo. Felizmente tornastes possível que alguns de nós, pelo menos, vos venham falar, e isso deve dar-vos grande alegria. A mensagem do Espírito deve continuar e derrubar as portas da ignorância para que possam ruir sob os golpes do Espírito, para que as portas da ignorância possam ser escancaradas e a humanidade possa passar através delas para a luz, mas é difícil, a ignorância assume muitas formas, muitos formatos, muitas máscaras.

Muitas vezes os sábios param e oferecem a sua sabedoria à sabedoria do materialismo. Há aqueles que param para dizer, por convicções religiosas, que não podem, não devem e não aceitarão as verdades do Espiritualismo como nós o conhecemos, mas estão cegos pelo dogma e pelo credo. Estão ajoelhados e acorrentados, curvados pelo credo, e mantidos por "igrejismo", por falsos dogmas, por grupos poderosos, altos prelados, cujas conceções estão muito afastadas das verdades espirituais, que são, na sua ignorância, cegos a guiar cegos. Anularam as suas almas, não falarão novamente, e ainda assim a base ou fundamento de todas as verdadeiras religiões é certamente o facto da vida eterna.

O homem é tolo. O homem é, pela sua natureza, cético, até aqueles que deviam conhecer estas coisas como grande verdade e demonstrá-las. De facto, deviam ser instrumentos vivos de fogo

vivo e espírito vivo. Deviam falar com a língua. Deviam transmitir a mensagem do espírito. Deviam curar os doentes [e] consolar os que choram. De facto, deviam liderar o trabalho do espírito. Mas não o fazem e são cegos, e são tolos, muitas vezes não conseguem falar nem agir: a verdade aqui. Ninguém. O poder do espírito manifesta-se de tantas maneiras a muitos povos, muitos lugares, não apenas no Espiritualismo mas em todos. Na verdade, pode dizer-se que em muitos casos o poder do espírito não consegue manifestar-se muito bem num espiritista. Esta é a tragédia, esta verdade [na] mediunidade. A mediunidade, se quer salvar o mundo, tem de ser de uma ordem muito mais elevada do que é hoje.

O instrumento deve perceber a sua responsabilidade para consigo e para com aqueles que procuram, que estão a procurar a verdade no mundo. E a responsabilidade que deve ter para com aqueles deste lado que se reúnem tanto para amar, trabalhar, ajudar no mundo, mas não quero que penseis que sou ingrato ou que estamos de algum modo desiludidos, num certo sentido. Seria errado sugerir que estamos satisfeitos. Claro que não estamos satisfeitos, em todos os instrumentos que usamos, desenvolvemos, usamos da forma mais elevada e melhor possível. Estamos verdadeiramente a dar o instrumento de uma presença viva, uma força viva, vivendo em responsabilidade, em segurança em cada momento, e qualquer pessoa que se chame a si própria instrumento, por si só precisa de dedicação. Não é fácil, não pedimos perfeição, nós próprios não somos perfeitos, mas precisamos de instrumentos no vosso mundo que tornem possível a utilização por parte de almas em esferas mais elevadas, que não se contentem com o contacto com o astral, com as almas que, embora bondosas, não são particularmente informadas, não são particularmente evoluídas.

Vedes tantos no vosso mundo que colocam de lado o médium como se fosse apenas mensagens banais, mundanas, materiais. Isto é noventa e nove por cento do que o movimento espírita parece querer. É por isso que não consegue progredir espiritualmente como poderia ou deveria fazer, que não se está a tornar uma grande força para o bem no mundo. Existem muitas sociedades e igrejas espíritas, há muitos espíritas em todo o mundo, que não conseguem ter o impacto que poderiam ter tido se tivessem procurado mais contactar o verdadeiro poder do espírito, através de "voz direta" que revolucionaria tanto o pensamento como a ação do homem para que o vosso mundo possa verdadeiramente mudar e salvar-se de si mesmo.

Tu, meu amigo, de uma forma pequena, estás a prestar serviço, a dar-nos a oportunidade de, de tempos a tempos, vir até vós: ir pelas ruas e vielas e, de certa forma, verdadeiramente sustentar o Altíssimo, espalhando a verdade e uma nova luz sobre o mundo a cada exemplo que vejo em ti. E não desesperes, pois de cem males pode vir o bem, e verdadeiramente verás o caminho, o correr do ribeiro, ao herdares o reino dos céus.

A minha bênção dou-te agora e para sempre. Adeus.

Thomas Jefferson adverte-nos:
Enquanto o Homem não aplicar as Leis Espirituais, não há esperança para o Futuro!

A seguinte sessão espírita é principalmente uma conversa entre o Comunicador Espiritual, Thomas Jefferson, e os participantes George Woods e Betty Greene:

Thomas Jefferson: *"Estou muito satisfeito por poder vir falar convosco."*

George Woods: *"É muito agradável ter-vos aqui connosco."*

Betty Greene: *"Obrigada. Podemos saber o seu nome?"* [longo silêncio]
Leslie Flint: *"Isso levanta sempre um problema."* [riso]

Mickey: *"Esperem um pouco…"*

Betty Greene: *"Está bem, Mickey."*

George Woods: *"Está bem, Mickey."*

Betty Greene: *"Estás muito claro, Mickey."*
Thomas Jefferson: *"Sempre fui considerado um homem muito simples, um homem que falava de forma simples…"*

George Woods: *"Ah, isso é muito bom."*
Thomas Jefferson: *"… e um homem muito simples de facto… em todos os aspetos."*

George Woods: *"Sim."*
Thomas Jefferson: *"Não tenho a certeza se conseguem ouvir o que estou a dizer. É muito difícil para alguém na minha posição manifestar-se desta forma para falar com pessoas na Terra e, ao mesmo tempo, manter o equilíbrio, se assim posso dizer, e aplicar isso ao espírito. Sabem que, quando alguém regressa e tenta falar desta forma, é tudo muito confuso e complicado. Alinhar com a vibração, sintonizar, lembrar-se das coisas que se quer dizer, transmitir o pensamento em som, palavras, palavras, tantas vezes palavras que não indicam nada claramente, pelo menos o que se sente — acho extremamente difícil."*
Thomas Jefferson: *"O meu nome, aliás, é Jefferson."*

George Woods: *"Jefferson. Ah sim, já… já cá tinha estado antes, não já?"*
Thomas Jefferson: *"Ah, há algum tempo, e depois disso pensei que nunca mais voltaria a incomodar-me a vir de novo. Estava tão farto, tão desiludido, sentia que não tinha transmitido o meu ponto de vista, não tinha transmitido os meus pensamentos nada bem ou claramente, mas, mesmo assim, aqui estou eu."*

Betty Greene: *"Obrigada."*

George Woods: *"Obrigado por ter vindo."*
Thomas Jefferson: *"Eu sei que estão a tentar fazer um trabalho muito bom. Sei que se esforçam por contactar pessoas de todas as raças, todos os credos, usando estas máquinas de gravação, máquinas de som. Quando conseguirem reproduzir estas coisas para as pessoas, isso, estou certo, dar-lhes-á algum conhecimento e experiência. Pode ser difícil para alguns aceitarem, mas mesmo assim faz as pessoas pensar e, se não fizer mais nada, se fizer um homem pensar, então já estão no caminho do progresso."*

George Woods: *"Concordo."* [ininteligível]

Betty Greene: *"Falaria de si próprio e do que faz agora?"*
Thomas Jefferson: *"Ah… vejo, mas… eh… tenho um pequeno discurso preparado."*

Betty Greene: *"Pois, continue."*
Thomas Jefferson: *"Tenho muito interesse pela política. Podem pensar que é uma coisa estranha para um espírito se interessar. Mas não me interesso pela política num sentido material, embora, claro, tenha de estar, pois sendo política, afeta as condições da Terra, mas há muito mais pessoas deste lado perturbadas pela forma como as coisas estão a correr no vosso

mundo. E estou particularmente preocupado, naturalmente, com o meu próprio país, ou pelo menos aquele que foi o meu país. Estou muito preocupado, porque sinto que, a não ser que algo seja feito muito em breve, o mundo poderá facilmente mergulhar numa terceira guerra mundial que seria mais horrível e terrível do que tudo o que se possa imaginar. Ainda há esperança. Enquanto houver esperança, devem fazer todos os esforços para tentar aproximar as pessoas. Sinto que há esperança, e sinto que há todas as razões para acreditar que o pior pode ser evitado.

As pessoas hoje não são cegas, num certo sentido. Às vezes fingem estar cegas ou talvez coloquem as palas. A política é um jogo muito estranho, como eu bem sei, mas é muito pior nesta vossa geração moderna do que no meu tempo. Hoje, todos têm medo de todos. O medo é a coisa predominante no vosso mundo. Todos são governados pelo medo, e no entanto, vejo, daqui deste lado, nas mentes e nos corações dos estadistas de todo o lado, que não há desejo de guerra. Cada nação, cada político, sabe que uma guerra seria devastadora. Ninguém poderia ganhar uma guerra: todos sofreriam e ninguém ganharia. E o extraordinário é que todos sabem disso, todos percebem a absoluta inutilidade de uma coisa como a guerra. Não traria nada a ninguém, nenhuma pessoa, nenhuma nação, nenhum povo. E mesmo assim há este medo — medo de que o outro possa ser um pouco mais forte do que vós, e assim temos esta corrida louca ao armamento. Tudo isto é uma ilusão, e é mesmo uma ilusão, esta ideia de que é preciso ser mais forte do que o próximo. Há cinquenta anos poderia ter sido considerado razoável, uma visão compreensível. Mas hoje penso que chegaram a um ponto em que, a não ser que se sentem para resolver os vossos problemas de forma sensata, e a não ser que saibam disso e cheguem a conclusões certas, algum tolo, digo eu, sem perceber, [poderia] incendiar o mundo.

Penso que têm de confiar na Rússia, gostem ou não da ideia. Não podem fugir ao facto de que, mais cedo ou mais tarde, terão de abraçar o grande urso. Não vale a pena continuar da forma como os estadistas têm prosseguido neste mundo há uns dez anos. Têm de perceber que têm de viver juntos, trabalhar juntos, comerciar juntos, ser amigos."*

Betty Greene: *"Posso dizer algo: aquelas pessoas que não compreendem as leis universais da verdade têm a sua própria ideia da lei, da guerra ou das divergências de pensamento que andam por aí e as suas próprias experiências."*
Thomas Jefferson: *"Penso que até certo ponto isso é verdade, mas quero dizer, percebo que tentas dizer-me que... que a Rússia não compreende as leis universais. Penso que o que temos de perceber é: quem compreende? Achas que o meu grande país, a América, compreende as leis universais? Indivíduos aqui e ali, sim. Mas em termos gerais, não. Quero dizer, o ponto é este: temos de encarar os factos. Não estou a defender nenhum país acima de outro. Só me preocupo com a paz mundial: que as pessoas se unam e sejam amigas apesar das suas diferenças, que são inevitáveis, mas que podem ser alteradas através de maior compreensão mútua. O ponto é que o homem tem de perceber que não pode continuar da mesma forma. Tem de reconhecer que os velhos tempos morreram. Não se pode governar no século XX como se governava no século XIX. Não se pode agir da mesma maneira, nem sequer se pode pensar da mesma maneira. Vivem numa época, num mundo, onde têm de se ajustar em conformidade. Isso não quer dizer que tenham de se tornar mais materialistas. Enquanto o homem não aplicar regras espirituais, não há esperança para o futuro. Podem dizer-me: bem, aceitamos isso, acreditamos nisso, mas sabendo disso, como podemos aceitar um país como a Rússia, que olham como um país ateu, em termos gerais, sem tolerância religiosa, de facto, pode-se dizer.

Bem, penso que há tantas formas diferentes de ver esta questão. Pode-se dizer: olhem para alguns dos países que são cristãos. Podem realmente apontá-los como sendo, digamos, muito bem formados ou progressistas nos seus pensamentos e nas suas ações, politicamente falando?"*

Betty Greene: *"Definitivamente não."*
Thomas Jefferson: *"Pois, quero dizer, o ponto essencial é este: defendo a fraternidade entre os homens. Não me importa se um homem é budista, judeu ou cristão. Só me importa que ele seja um ser humano que perceba que faz parte de um propósito espiritual, que é parte do poder e do amor de Deus, que está ligado ao seu irmão independentemente da cor, classe ou credo, que somos todos seus filhos. Um dia teremos de nos sentar juntos a trabalhar juntos, em paz e harmonia. E digo-vos que o russo é tão importante, tão sincero como um americano, ou um hindu, ou um britânico.

Não devemos julgar uma nação e o seu povo pelos seus líderes, pois se o fizéssemos, receio que teríamos uma opinião bastante má deles. Eu sei, podem dizer: mas votamos neles, claro que votam neles, mas não são responsáveis pelo que fazem quando lá chegam, porque muitas vezes conseguem os votos à sua maneira, que está muito longe daquilo que pretendiam fazer ou do que fazem quando surgem as circunstâncias."*

George Woods: "Não acha que as igrejas estão a causar grande dano ao pensar mal da Rússia o tempo todo?"
Thomas Jefferson: "Bem, francamente acho que não são apenas as igrejas, acho que os jornais, acho que toda a estrutura é tão, senão ridícula, muito patética. Quero dizer, como se pode espalhar boa vontade, como se pode ter boa vontade se estão constantemente, de todas as formas, a atacar um indivíduo ou uma nação? Têm de ser mais diplomáticos, para começar. Para além de tudo, têm de ter um certo grau de diplomacia. E parece-me que, no que toca à Rússia, há muito poucas nações, particularmente as chamadas grandes nações, que tenham sido minimamente imparciais ou minimamente consideradas, ou sequer gentis, generosas e verdadeiras. Sei que a Rússia cometeu muitos erros. Ninguém nega isso, todos sabemos, mas então digam-me: haverá algum outro país que não tenha cometido erros? Muitos erros — podemos recuar na história de Inglaterra e recordar coisas que aconteceram e que foram horríveis, tão más quanto muitas das coisas de que acusam os russos de fazer."

George Woods: *"E mesmo assim, muitas pessoas lá dentro, que foram à Rússia, foram muito bem tratadas."*
Thomas Jefferson: *"Eu não estou a tomar partido por nenhuma nação em particular, preocupo-me com a paz mundial e com a boa vontade entre os homens, e digo-vos que enquanto não houver esta abordagem diferente em relação à Rússia, e enquanto não houver esta compreensão de que a Rússia quer paz e amizade com o mundo, não farão qualquer progresso — têm simplesmente de aceitar isso, e têm de confiar em alguém em algum momento, caso contrário nunca chegarão a lado nenhum."*

Betty Greene: *"Sempre pensei isso também."*
Thomas Jefferson: *"Eu sei que há enormes diferenças."*

George Woods: *"Pode sugerir e aceitar… [?] Lembro-me muito bem do seu nome de há muitos anos. Estava em… em Washington?"*
Thomas Jefferson: *"Estive, durante algum tempo…"*

Betty Greene: *"Foi presidente, não foi?"*
Thomas Jefferson: *"… fui, uma vez, há muito tempo."*

George Woods: *"Foi presidente?"*
Thomas Jefferson: *"Sim."*

Betty Greene: *"Esteve na Casa Branca?"*
Thomas Jefferson: *"Bem, não me sinto inclinado a falar disso."*

Betty Greene: *"Não, não, está bem."*

Betty Greene: *"Sr. Jefferson, gostaria que nos contasse algo sobre as suas reações quando desencarnou e como se encontrou e...?"*
Thomas Jefferson: *"Bem, as minhas reações quando passei para aqui foram simplesmente muito diferentes de tudo o que poderia ter antecipado. Suponho que, de certa forma, tinha a ideia — a maioria de vós tem — de que quando se morre vai-se para algum tipo de lugar chamado céu, ou, se se tiver azar, para o outro lugar. Bem, não sei... encontrei-me num ambiente aqui tão semelhante à vida material como a conhecia no meu país que me pareceu que estava de volta à minha juventude, pois encontrava-me numa atmosfera de beleza, campo, paisagens magníficas. Lembro-me de ver vários parentes e amigos, todos eles incrivelmente, verdadeiramente entusiasmados por me verem, todos se reunindo à minha volta, a dar-me as boas-vindas, a mostrar-me tudo.

Foi tudo como um regresso a casa maravilhoso, para um mundo que era tão novo e, no entanto, vagamente familiar. Era como se, pode-se dizer, o vosso mundo que conheci na minha juventude tivesse sido transportado para este novo mundo, como se estivesse a ser recebido num ambiente natural e bastante reconfortante. O que me espantou, claro, ao início, foi que tudo parecia tão natural. Não sei porquê, porque se pensa que morrer devia ser algo antinatural, mas, no fundo, é a coisa mais natural que acontece a todos.

Mas aqui estava um mundo tão real, tão natural, que poderia ter sido um tipo de sonho que se poderia ter tido, recordando os primeiros anos, a juventude entre amigos e o campo familiar e, de certa forma, suponho que se poderia dizer que era uma espécie de sonho. Houve sonhos muito reais e percebo agora que, várias vezes, tive sonhos, quando estava na Terra, que eram de facto realidades. Percebo que essas coisas que pensei serem sonhos não o eram. O meu espírito tinha sido libertado do corpo e eu viajava até aqui, encontrava várias almas que conhecia e estava num ambiente familiar e amigável. Portanto, quando morri, como vocês dizem, fui para este ambiente ou condição de vida que já tinha visto muitas vezes no meu estado de sonho. Por outras palavras, cheguei a casa, a um lugar que se tornara familiar, pois, como vós dizeis, o tinha sonhado tantas vezes."*

Betty Greene: *"Sim."*

George Woods: *"Pôde voltar à Terra e visitar a Terra agora que...?"*
Thomas Jefferson: *"Oh, sim, voltei com bastante frequência nos primeiros anos — uso a palavra "tempo" — para ver como as coisas iam, para ver velhos amigos. Passado algum tempo, comecei a ficar um pouco aborrecido, pois senti: 'bem, aqui estou eu a tentar fazer contacto e a interessar-me pela vida antiga, e ninguém parece muito interessado em mim, ninguém parece consciente da minha presença'. Tudo parecia um pouco sem sentido de certa forma, e cansei-me muito disso e, durante bastante tempo, afastei-me da Terra. Mas, felizmente, senti o chamamento para voltar e ser de alguma utilidade, e, em consequência, tenho-me interessado ativamente pela política, porque percebo, como muitos aqui, que é essencial que ocorram mudanças no vosso mundo."*

George Woods: *"Pode ver ambos os lados do grande... posso ver o... como as coisas estão a reagir na América?"* [ininteligível]
Thomas Jefferson: *"Bem, vi o bem e o mal em ambos os lados. É por isso que sou totalmente imparcial. Não tenho qualquer preconceito a favor de uma nação ou de outra. Percebo que os seres humanos que constituem as nações são indivíduos que, na sua maioria, 999 em 1000, são*

pela sua natureza sinceros, pessoas comuns. Não querem guerra. Não têm nada a ganhar com a guerra."

George Woods: *"Oh, não acho que a maioria das pessoas queira guerra, não no mundo, acho que as pessoas ressentem-se muito com a guerra."*
Thomas Jefferson: *"Bem, é preciso afastar-se do falso prestígio."*

George Woods: *"Sim."*
Thomas Jefferson: *"Prestígio e todas essas coisas que outrora pareciam tão importantes são coisas do passado. É preciso ir além dos limites do país, da nacionalidade, do culto da bandeira. É preciso perceber que são cidadãos do mundo, que são filhos de Deus, que são todos parte uns dos outros e que, se fizerem o mal, isso afeta outra pessoa e recai de volta sobre vós. Ninguém pode fugir de si mesmo."*

George Woods: *"É muito difícil explicar isso a todos…"* [ininteligível, depois Betty sobrepõe]

Betty Greene: *"Infelizmente para esses estadistas, eles não sabem estas coisas que lhes sugerimos."* [ininteligível]
Thomas Jefferson: *"Eu sei. Eu sei, a tragédia é que alguns estadistas podem lançar o mundo numa catástrofe e, mesmo assim, todos querem evitá-la, e mesmo assim todos caminham para ela por medo, porque não confiam em ninguém, e porque muitas vezes os seus princípios estão todos errados. Na verdade, vou tão longe ao ponto de dizer que, em muitos casos, estão definitivamente errados. É preciso afastar-se desta ideia tola de uma nação ser superior a outra."*

George Woods: *"Eles não se entendem muito entre si, esse é o problema."* [ininteligível]
Thomas Jefferson: *"Infelizmente o mundo idolatra coisas materiais: dá-lhes um valor falso. O homem tem de perceber que as únicas coisas que importam são as espirituais. São as que não enferrujam, não se deterioram. Por mais importantes que essas coisas possam ser na Terra, como a riqueza e a posição, são insignificantes em si mesmas. Deve-se perceber que se tem de progredir mental e espiritualmente, e se se é abençoado com coisas mundanas, perceber que o seu único propósito é estarem ali para serem usadas e partilhadas com aqueles menos afortunados. Mas fazer como a maioria faz: lutar do nascimento até ao túmulo por dinheiro e posição, para depois ter de o deixar para trás e não realizar nada em consequência, parece ser uma atitude sem sentido e tola perante a vida."*

George Woods: *"Acha que a Rússia chegará à Lua e viverá lá?"* [ininteligível]
Thomas Jefferson: *"Bem, sim. Não diria que lá viverão, mas provavelmente chegarão lá antes de voltarem outra vez, não gostaria de dizer."*

George Woods: *"Já há pessoas a viver na Lua?"* [ininteligível]
Thomas Jefferson: *"Nah… pessoas, por assim dizer, suponho que lhes chamariam pessoas, há entidades…"*

George Woods: *"Na Lua?"*
Thomas Jefferson: *"… na Lua e noutros planetas também. Vede, o mundo terrestre durante séculos considerou-se o único mundo. Sempre sustentou que era a única forma de vida: a vida terrestre, mas claro, gradualmente a ciência começa a evoluir e a tornar possível contactos de várias formas, e penso que chegará o tempo em que a Terra perceberá que têm de se tornar um só povo, não nações, não indivíduos separados."*

Betty Greene: *"Na verdade o mundo terrestre tem de baixar um pouco a crista, não tem?"* [ininteligível]

Thomas Jefferson: *"Bem, receio que haja muita verdade nisso, mas sinto apenas que, fundamentalmente, as pessoas da Terra são boas. Acredito na bondade. Sei que o oposto de bondade é o mal, mas percebo que o que é mau é o bem desvirtuado. Sei que o bem no homem pode superar a parte pior, e que a pessoa comum só quer fazer aquilo que é bom e correto. Todos temos pecados. Todos cometemos erros. Ninguém é perfeito. Ninguém espera que sejam. Nós não somos perfeitos, mas sabemos bem que a raça humana pode e deve unir-se, deve trabalhar em união pela paz, pela tranquilidade de espírito, pelo desenvolvimento do espírito e para o bem uns dos outros."*

George Woods: *"Já visitou outros lugares, provavelmente para além da Terra?"* [ininteligível]
Thomas Jefferson: *"Já estive em muitas esferas."*

George Woods: *"Muitas esferas? E esferas superiores?"*
Thomas Jefferson: *"Bem, tive o privilégio de ir a uma esfera mais elevada, sozinho, para uma grande visita."*

George Woods: *"Pode contar-nos como era, de alguma forma, um plano mais elevado?"*
Thomas Jefferson: *"Bem, é muito difícil porque pedes-me que te conte algo sobre uma esfera que está até afastada de mim próprio e muito, muito afastada da Terra, e para eu descrever algo em linguagem material, não encontro forma, nem palavras que realmente o descrevam, exceto dizer que era plena de luz e que tinha tal harmonia e tal beleza que as palavras não o podiam descrever, e uma pessoa estava sempre consciente da beleza de tantas formas, sentia-se tão elevado em consequência, que se sentia como se pudesse elevar-se para além de tudo o que alguma vez se conheceu, e tudo o que se alguma vez se esperou. Ali havia perfeição, se é que alguma vez houve perfeição, e de certa forma era tão maravilhoso que nos sentíamos como uma criança que abre os olhos para algo tão belo e tão glorioso que mal se pode acreditar, só se suspira de surpresa, o coração dispara e sentimos que isto é demasiado maravilhoso — e perguntamo-nos: durará? Na verdade, há coisas que não se podem descrever.

Há muitas coisas no vosso mundo que testemunhais. Embora por vezes os seres humanos estejam tão habituados a vê-las que acabam talvez por não as ignorar, mas aceitam-nas e, em consequência, mal as veem. Há muitas belezas: o esplendor de um pôr-do-sol, as estrelas no céu, todas as belezas da natureza que conheceis."*

Betty Greene: *"Vejo isso nas flores."* [ininteligível]
Thomas Jefferson: *"Acredita, vemos isso aqui, mas mil vezes mais belo. Aqui as flores crescem até dois metros de altura com flores magníficas, e emitem um tom ressonante e uma nota musical, e o perfume é maravilhoso."*

George Woods: *"Tenho recebido uma imagem imensa. Tenho escrito tudo o que tenho recebido, vejo um… um mundo lindíssimo, e tenho escrito o que diz… Vi flores com uns dois metros de altura."* [ininteligível]
Thomas Jefferson: *"É muito comum aqui. As flores crescem a alturas enormes."*

George Woods: *"E árvores com cor…"* [ininteligível]
Thomas Jefferson: *"Sim, é verdade. Vê, aqui temos muitas cores das quais não tendes conhecimento. Temos cores que não conseguiríamos descrever-vos. Os matizes são variados e muitos, e os pássaros, por exemplo: temos pássaros maravilhosos, muitos dos quais conheceis, claro, mas outros que não conheceis, e claro, aqui temos comunicação mental. Vê, no reino animal do vosso mundo: têm um animal de estimação, um cão, um gato, e passam a conhecê-lo e ele passa a conhecer-vos, e embora não fale, de alguma forma transmite-vos coisas, e vós conseguis transmitir-lhe coisas, e aqui é o mesmo, mas aqui, como a mente é tão dominante,

aqui o pensamento é uma realidade tal que o animal pode falar, não apenas num sentido vocal, mas num sentido mental. Aqui o animal é mais sensível do que é na Terra. Aqui estamos conscientes dos pensamentos uns dos outros.

Não temos de enunciar palavras ou vibrar a atmosfera para criar som para nos fazermos entender. Automaticamente conhecemo-nos uns aos outros. Isso é maravilhoso, e até um pouco assustador ao princípio, mas o ponto é que, quando percebes que realmente conheces a outra pessoa pela primeira vez, nesse precedente já não podes ter camuflagem, não podes ter fachada, não podes ser de muitas formas o que não és para alguém. Aqui não podes ser isso. Aqui és conhecido tal como és, pela primeira vez. Ao início é um pouco assustador, mas gradualmente começas a progredir e a perder muitas das coisas que outrora eram comuns na tua natureza e expandes-te e cresces e essas coisas já não te preocupam tanto. Mas receio que aqui não possas manter fachada nenhuma, porque és conhecido imediatamente. Sabes exatamente como é uma pessoa."*

George Woods: *"Sim, sim. Quando eles chegam, mostram-te uma imagem deles?"* [ininteligível]
Thomas Jefferson: *"Sim."*

George Woods: *"Como eles realmente são?"* [ininteligível]
Thomas Jefferson: *"Sim... Voltarei a falar convosco outra vez. Sei que estão a fazer um trabalho maravilhoso, mas quero que saibam isto: que eu, tal como toda a alma deste lado, só nos preocupamos com o bem-estar da raça humana. Só nos preocupamos com o desenvolvimento espiritual e a progressão do ser humano. Não nos preocupamos de forma alguma com coisas materiais em si, mas preocupamo-nos com o progresso espiritual. Não temos segundas intenções, por isso podemos dizer o que sentimos com todo o nosso coração. Não precisamos de construir nenhuma camuflagem ou fachada. Não precisamos de nos esconder atrás de algo que não somos.

Dizemos-vos a verdade, e dizemos-vos, seja quem for que ouça esta gravação, quero que saibam isto: que trabalhando em cooperação amorosa com os reinos do Espírito, nós ajudar-vos-emos, guiar-vos-emos e elevar-vos-emos. Dai-nos a oportunidade, abri os vossos corações e mentes para nós, deixai-nos entrar e faremos o máximo para vos ajudar individual e colectivamente, em paz e em harmonia, juntos. Tentem ver o ponto de vista do outro, tentem por vezes descer do vosso pedestal para o encontrar a meio caminho. Essa é a única forma de paz. Não imagineis que sois superiores, porque aqueles que são mais humildes são muitas vezes os mais evoluídos. O amor abre a porta, e sabemos que, se abrirem essa porta só um bocadinho, ela poderá abrir-se cada vez mais até que todos possam entrar e todos possam estar em harmonia.

Está tudo bem, meus amigos, enquanto se esforçarem com sinceridade e verdade por fazer aquilo que é justo, honesto e recto. Sabei que não vos falharemos, pois aquilo que empreendemos em vosso nome é pelo mundo, pelo bem da humanidade, para que cada irmão possa de facto viver em paz, crescer em conhecimento e experiência, e para que o mundo possa encontrar um caminho para a liberdade espiritual."*

Betty Greene: *"Obrigada, Sr. Jefferson."*
Thomas Jefferson: *"Abençoados sejam, adeus."*

Betty Greene: *"Adeus!"*
Thomas Jefferson: *"Voltarei outra vez, um dia. Adeusinho."*

Betty Greene: *"Adeus. Adeusinho!"*

George Woods: *"Muito obrigado."*
Leslie Flint: *"Ele foi bom, não foi?"*

(fim da gravação)

Dorcas, uma ex-Poltergeist de Dundee, Escócia
Gravado: Dezembro de 1964
"*Eu fui um fantasma*"
Dorcas viveu na Escócia no século XVIII.

Nesta conversa com George Woods e Betty Greene, Dorcas explica como permaneceu presa à Terra durante muito tempo após a sua morte trágica, mas acabou por descobrir um talento novo para assustar os habitantes locais como fantasma...

Agora a viver na sua própria "casinha" no Mundo Espiritual, Dorcas oferece-se para regressar à Terra para assombrar George e Betty — que parecem interessados em experimentar alguma atividade poltergeist genuína!
Presentes: Leslie Flint, Betty Greene, George Woods.
Comunicadores: Dorcas, Dr. Charles Marshall, Mulher Desconhecida.

Comunicadora Espiritual Dorcas: *"Conseguem ouvir o que digo?"*

George Woods: *"Sim."*

Dorcas: *"Oh! Ah pois. Tenho de transmitir imagens, sabem, mas não há palavras, sabem."*

George Woods: *"Oh, conseguimos ouvir-te."*

Betty Greene: *"Conseguimos ouvir-te maravilhosamente."*

George Woods: *"Estás a passar bem."*

Dorcas: *"Aye. Tenho de ter mesmo a certeza que [quando] falo sobre [estar] presa à volta da Terra, mas já não estou. Aqui... aqui somos todos uno, sabem."*

Betty Greene: *"Sim?"*

Dorcas: *"Aqui não há nacionalidade nem nada disso."*

George Woods: *"Pois não."*

Dorcas: *"Não tenho bem a certeza se conseguem ouvir o que digo?"*

George Woods: *"Sim, conseguimos."*

Dorcas: *"O pouco que disse foi há séculos, mas já passou muito tempo desde que voltei a falar."*

George Woods: *"Conseguimos ouvir cada palavra."*

Betty Greene: *"Podemos saber o teu nome, por favor?"*

Dorcas: *"Ahh... mas o meu nome pode não vos dizer nada, mas podem chamar-me Dorcas."*

Betty Greene: *"Dorcas?"*

Dorcas: *"Aye, Doc. O que importa o meu nome ou, pelo menos, devia dizer, esse era o nome pelo qual o meu povo me chamava 'Bern'. Mas já não há disso. Não é um nome."*

George Woods: *"Pois."*

Dorcas: *"Acho tão estranho tentar falar convosco depois de tanto tempo."*

George Woods: *"Como é a tua esfera, o teu lado da vida?"*

Dorcas: *"Essa é uma das principais razões por que vim falar convosco."*

George Woods: *"Oh, muito amável da tua parte."*

Dorcas: *"Já estou aqui há mais de duzentos anos."*

George Woods: *"Duzentos e tal anos!"*

Dorcas: *"Aye, parece muito tempo para vós, mas para mim agora não parece assim tanto. Aqui não temos ideia de tempo da mesma forma que vós tendes."*

George Woods: *"Pois."*

Dorcas: *"Eu costumava viver em Dundee. Mas isso foi há muito tempo, uma aldeia então. Naqueles dias Dundee era um lugar pequeno, nada como agora. Embora não tenha nascido lá, fui para lá levada pelos meus pais quando era muito nova. Não teria mais de três ou quatro anos."*

George Woods: *"Sim."*

Betty Greene: *"Podes dizer-nos quando passaste para aí, como te encontraste e quais foram as tuas reações?"*

Dorcas: *"Aye. Tinha apenas uns trinta e dois anos. Talvez trinta e três, mas agora não tenho bem a certeza, mas lembro-me da Terra, especialmente quando morri."*

Betty Greene: *"Sim."*

George Woods: *"O que fizeste... err...?"*

Dorcas: *"Era casada, sabes."*

Betty Greene: *"Sim."*

Dorcas: *"Não que isso tenha importância agora, mas na altura isso perturbou-me durante muito tempo; eu costumava assombrar o lugar."*

George Woods: *"Assombrar, então assombravas?"*

Dorcas: *"Aye, há muitos anos. Aye, eu era bem feliz. Não era exatamente infeliz, sabes, mas costumava andar por ali. Dava-me um grande prazer assustar as pessoas de morte."*

Betty Greene: *"Ai credo!"*

Dorcas: *"Oh, mas já mudei agora, mas não naqueles primeiros tempos, sabes, quando vim para aqui. Nos primeiros anos, um pouco como quarenta ou cinquenta anos, fui um fantasma. Isso soa-vos estranho?"*

George Woods: *"E... err... que interessante."* [riso]

Dorcas: *"Agora já não sou um fantasma, mas fui durante algum tempo."*

George Woods: *"O que fazias quando... err... vias as pessoas?"*

Dorcas: *"Aye, eu conseguia vê-las, mas por vezes elas também me viam, e costumavam dizer: 'Lá vem a velha Dorcas'."*

George Woods: *"Err... hmmm, muito interessante."*

Betty Greene: *"Ahhhh!"*

George Woods: *"E... err..."*

Dorcas: *"Agora já não importa, percebo isso. Sabem, o homem que me matou não era o meu marido, eu vivia com ele, mas nunca o apanharam, sabiam?"*

Betty Greene: *"Ai o meu Deus!"*

Dorcas: *"O que digo agora, conseguem ouvir?"*

Betty Greene: *"Sim, consigo ouvir, sim, perfeitamente. Sim."*

[Pausa curta]

Betty Greene: *"O que fazes agora? Como passas o teu tempo?"*

Dorcas: *"Oh, estou muito feliz agora. Estou bem assente aqui e sou muito... sou muito ativa também. Tenho muitos interesses aqui. Mas durante muito tempo não consegui afastar-me da Terra. Dava-me grande satisfação andar por lá a lançar imagens. E as pessoas lá, sabes, habituaram-se a ver-me e já nem ligavam muito. Costumavam dizer 'lá está a velha Dorcas' e sentiam que eu andava por perto. Claro que alguns dos jovens ouviam falar disso. Não levavam muito a sério. Mas os mais velhos; esses acreditavam e sabiam, e viam por vezes. Ahh!"*

Betty Greene: *"Tenho uma pergunta... Podes descrever a esfera onde estás agora e como é?"*

Dorcas: *"Aye, muito bonita, e é muito colorida também, e há casas muito agradáveis e paisagens lindas, lagos maravilhosos e florestas, e agora ando a cavalo. Gosto muito de cavalos; sempre gostei. Sabes, eu costumava viver com um homem que roubava cavalos. Era um homem bruto, mas era bom até beber, e foi assim que acabou por me matar."*

Betty Greene: *"Oh."*

George Woods: *"Oh, sim."*

Betty Greene: *"Percebo, uh-hmm."*

George Woods: *"Chegaste a encontrá-lo?"*

Dorcas: *"Não, não gosto de o ver agora."*

George Woods: *"Pois."*

Dorcas: *"Mas nós não éramos propriamente compatíveis nem nada; é só uma daquelas coisas."*

George Woods: *"Sim."*

Betty Greene: *"Oh isso… há sempre momentos bons também."*

Dorcas: *"Aye."*

George Woods: *"E, err… o que fazes… hum… o que fazes agora desse lado?"*

Dorcas: *"Aye. A maior parte do tempo ando a cavalo por aí. Mas ensino."*

George Woods: *"Ensinas?"*

Dorcas: *"Aye?"*

George Woods: *"Ensinar."*

Dorcas: *"Aye. Eu não tinha qualificações nenhumas. Na Terra mal conseguia falar. Mal sabia ler e escrever."*

George Woods: *"Sim."*

Betty Greene: *"Ensinas crianças?"*

Dorcas: *"Aye. Gosto muito de crianças aqui, e tenho muito que ver com elas quando ensino agora."*

Betty Greene: *"O que lhes ensinas?"*

Dorcas: *"Todo o tipo de coisas essenciais à educação delas. Ensino-as sobre a vida e como viver, e como tratar bem as outras pessoas, e como ser bondosas com os animais e com os pássaros. E depois falo-lhes sobre as pessoas, sobre… sempre tive interesse por história, embora não soubesse muito sobre isso na Terra, pois havia tão pouca educação, acho eu. Mas, sabes, aprendi imenso desde que estou aqui e posso transmitir o meu conhecimento às crianças."*

George Woods: *"Como são os pássaros aí?"*

Dorcas: *"Ahh! De todo o tipo. Há todo o tipo de pássaros aqui."*

George Woods: *"Muito coloridos?"*

Dorcas: *"Muito coloridos também."*

George Woods: *"Sim. E os animais, como são? São muito diferentes… iguais aos animais da Terra?"*

Dorcas: *"Aye. Já vi todo o tipo de animais aqui, tal como na Terra, e são todos amistosos."*

George Woods: *"E são todos amigáveis."*

Dorcas: *"Aye."*

George Woods: *"E têm a mesma cor ou uma cor diferente?"*

Dorcas: *"Mais ou menos a mesma."*

George Woods: *"Mais ou menos a mesma. Ai credo."*

Dorcas: *"Não acho que as pessoas percebam que os animais têm alma. Especialmente os animais domésticos. Eles são muito mais evoluídos também."*

George Woods: *"Oh, sim. Podemos falar com o nosso cão… eles até sabem o que estamos a dizer."*

Betty Greene: *"Costumas ir às esferas mais baixas?"*

Dorcas: *"Já lá estive. Estive lá durante bastante tempo, mas não desgostava assim tanto. Não que pudesse ser muito feliz, mas na altura não estava propriamente infeliz lá. Não é assim tão mau."*

George Woods: *"Como… como saíste, alguém veio ajudar-te a passar para o plano onde estás? Ou como…?"*

Dorcas: *"Não foi exatamente assim. Foi um estado gradual de mudança, um processo de pensamento, uma mudança de perspetiva. Mas ao início, estava completamente presa à Terra, e tirava todo o tipo de prazer e satisfação de estar perto da Terra e das pessoas que conhecia. Além disso, eu ficava tão feliz por estar presa à Terra. Gostava de observar as outras pessoas, ver o que andavam a fazer, estar de olho nelas, sabes? Costumava fazer algumas traquinices também e brincar. Fazia todo o tipo de coisas. Tive imenso divertimento e prazer com isso, abrir e fechar portas, atirar carvões e todo o tipo de coisas, partir espelhos, assustar as pessoas."*

Betty Greene: *"Até quase à morte."*

Dorcas: *"Aye, mas o que é que havia de errado nisso?"*

George Woods: *[riso]*

Dorcas: *"Fazia-os saber que eu andava por ali, e costumavam dizer, 'aí está a velha Dorcas outra vez', e aceitavam isso, e já nem se preocupavam muito com isso. Oh, houve uma altura em que já não tinham medo de mim, e eu fartei-me disso, e comecei a receber ajuda."*

Betty Greene: *"Como é que recebeste ajuda no fim? Quem… quem te ajudou?"*

Dorcas: *"Ahh! Muitas pessoas vieram ajudar-me, mas eu não as ouvi ao início, e depois, eventualmente, a minha mãe veio, e ela apareceu e foi-se embora, e eu pensei: 'bem, era ela, não faz sentido ficar aqui.' Ahh, vou com a minha mãe! Mas não fiquei muito tempo com ela, porque não éramos, sabes, não tínhamos nada em comum. A minha mãe era uma mulher muito religiosa, e ela tirava-me do sério quando eu estava na Terra, sempre com a Bíblia, a cantar hinos e o resto. Estava sempre nas aulas da Bíblia e essas coisas, mas isso não é para mim. Suponho agora, percebo agora, que eu era uma má peça. Mereci o que me aconteceu, sabes. Mas agora estou bem, já ultrapassei isso tudo. Não sou exatamente uma pessoa boa, não diria isso. Não sou como algumas pessoas que andam por aqui 'tão boazinhas'. Sou uma malandra, mas também não sou uma pessoa má. Além disso, tenho amigos maravilhosos que vêm falar convosco."*

George Woods: *"Sim, muito interessante."*

Betty Greene: *"Muito interessante…"* [ininteligível]

George Woods: *"E como é que… hum… como te vestes desse lado…?"*

Dorcas: *"Ahh! Visto o que me apetece."*

Betty Greene: *"O que estás a vestir agora?"*

Dorcas: *"Tenho um vestido azul, e tenho um xaile, não que precise de um xaile, porque não está frio, mas gosto de um xaile. Não me sinto vestida sem ele."*

Betty Greene: *"Tenho um xaile de xadrez."*

Dorcas: *"Aye, e o meu cabelo também é comprido. Tenho cabelo ruivo."*

Betty Greene: *"Sim."*

Dorcas: *"Enquanto ando por cima da Terra, se quiserem, se isso vos der algum prazer, vou aparecer e fazer-vos saber que estou por perto. Vou fazer coisas para saberem que estou lá. Não há nada como a Dorcas!"*

George Woods: *"Ha! Na nossa casa podias fazer isso?"*

Dorcas: *"Aye, gostariam de ser assombrados durante umas semanas?"*

George Woods: *"Sim… eu gostaria."*

Betty Greene: *"Eu gostaria."*

Dorcas: *"Mas quero dizer, de forma agradável, não desagradável."*

George Woods: *"Pois, eu sei."*

Dorcas: *"Vou andar por aí, sabes."*

Betty Greene: *"Tens ideia do que poderias fazer?"*

Dorcas: *"Oh, não se preocupem com isso. Está tudo bem. Vou inventar algumas coisas para vos fazer saber que estou por aí, fazer uns barulhos. Oh, vou deixar cair umas coisas para vocês, mas não vou partir nada."*

George Woods: *"Não, claro, é muito amável da tua parte fazeres isso. Eu… é tão… muito interessante."*

Betty Greene: *"Sabes, Dorena, Dorcas?"*

Dorcas: *"Aye."*

Betty Greene: *"Um dedal!"*

Dorcas: *"Aye."*

Betty Greene: *"Olha para isso!"*

Dorcas: *"Trouxe os meus próprios amigos."*

Betty Greene: *"Trouxeste?"*

Dorcas: *"Aye."*

Betty Greene: *"Tens alguma coisa da minha mãe? Quem é que está com a minha mãe?"*

Dorcas: *"Não."*

Betty Greene: *"Não tens."*

Dorcas: *"Não acho que a tua mãe o trouxesse."*

George Woods: *"Podias parar a gravação agora mesmo."*

Betty Greene: *"Sim, sabes porque perguntei isso, Dorcas? É porque ela está a ajudar crianças quando elas passam para aí, percebes?"*

Dorcas: *"Eu sei da tua mãe. Ela deve ter estado com o homem que te deu esse presente."*

Betty Greene: *"Ah talvez. A minha mãe…"*

Dorcas: *"Mas eu tenho andado por aí, muitas vezes ultimamente. Quando tive a primeira oportunidade, voltei à rua até aqui."* [ininteligível]

Betty Greene: *"Fico muito contente que tenhas vindo. Fico muito feliz por te ouvir."*

George Woods: *"Muito feliz por ouvir isso… e err, conta-nos muito mais se puderes."*

Dorcas: *"Sim, vou tentar."*

George Woods: *"Oh, tu consegues."*

Dorcas: *"Vou continuar a falar do meu marido: ele era um ladrão de cavalos. Eu também vivi como ladra de estrada*. Vivíamos uma vida precária. Mas às vezes corria-nos bem e outras vezes nem tanto e passávamos fome, e uma vez tivemos de sair da região porque as pessoas começaram a desconfiar. Ahh!"*

Betty Greene: *"Tiveste filhos, Dorcas?"*

Dorcas: *"Não. Bem, não, tive um filho natimorto, mas nunca tive um filho vivo, o que provavelmente foi o melhor."*

George Woods: *"Como é que reagias às coisas, err… como é que fazias as coisas acontecerem? Sabes, como é que conseguias deitar coisas abaixo?"*

Dorcas: *"De todo o tipo de maneiras diferentes, percebendo que… desde que haja poder, mas tens de encontrar alguém que tenha poder e vitalidade, normalmente quando há crianças presentes é mais fácil. Não funciona muito bem com pessoas se forem velhas. Não têm vitalidade nem força. Não se consegue tirar nada delas."*

George Woods: *"Ah."*

Dorcas: *"Bem, vocês não são assim tão velhos; talvez consiga tirar algumas coisas de vocês."*

George Woods: *"Bem, isso é muito amável da tua parte."*

Betty Greene: *"Não me vais fazer dar um salto, pois não Dorcas?"*

Dorcas: *"Não, não te vou fazer saltar. E aquele teu rapaz?"*

Betty Greene: *"O meu rapaz?"*

Dorcas: *"Aye."*

Betty Greene: *"Isso podia… err… deixá-lo meio… petrificado."*

Dorcas: *"Aye. Ele podia fornecer energia suficiente para fazer a mobília mexer-se."* [ininteligível] *"Se não consigo fazer nada agora, neste momento, é só porque não tenho o poder, mas normalmente quando o teu filho está lá, talvez consiga usar alguma coisa."*

Betty Greene: *"Sim, se houver energia, imagino que terias alguma força."*

Dorcas: *"O que andas a fazer com aquela parede?"*

[pausa]

Betty Greene e George Woods [juntos]: *"Parede?!"*

Dorcas: *"Aye!"*

George Woods: *"Sim, o quê, como, sim, tu… errm…?"*

Dorcas: *"Aye, claro que sei tudo sobre isso."*

Betty Greene: *"Que parede é essa?"*

George Woods: *"Que parede é essa para confirmarmos a dobrar."*

Betty Greene: *"Queres dizer aquela parede?"*

Dorcas: *"Aye."*

Betty Greene: *"Pronto, temos de dizer."*

Dorcas: *"Estou bem. Achei muita piada a ver-vos pôr uns tijolos em frente, eu fiquei a saber..."*

George Woods: *"Tijolo... disseram-te para fazer isso, foi?"*

Dorcas: *"Aye, eu andava por aí a ver-vos cá em baixo."*

Betty Greene: *"Bem, isso foi interessante, Dorcas. O que mais nos tens visto fazer, Dorcas?"*

Dorcas: *"Oh..."*

[interrupção na gravação]

Dorcas: *"... e a pintar de branco. Pelo menos tens um pincel e tens tinta."*

Betty Greene: *"É verdade."*

George Woods: *"Isso é verdade."*

Betty Greene: *"É verdade."*

Dorcas: *"Eu sou outra vez [ininteligível]... a rapariga com um chinelo!"* [ininteligível]

Betty Greene: *[riso] "Ai credo!"*

Dorcas: *"E há coisas à vossa volta, muito disso [ininteligível]... muita coisa por aí [ininteligível] a arrumar caixas, e tu a dar uns retoques..."*

George Woods: *"Sim."*

Dorcas: *"... e depois também andas a pôr livros atrás da porta."*

George Woods: *"Sim."*

Dorcas: *"Outra coisa, a tua posição tem de se ajustar."*

[Nota: Está completamente escuro dentro da sala de sessão e, portanto, é impossível dizer exatamente como o Sr. Woods está sentado.]

George Woods: *"Sim? Isso é perfeitamente verdade."*

Dorcas: *"Tens duas cadeiras e estás sentado numa e a pôr o pé em cima da outra, o que não é a coisa certa a fazer."*

George Woods: *"Vou pensar nisso. Costumo fazer isso."*

Betty Greene: *"O quê?! Ai credo… bem, err…"*

Dorcas: *"Outra coisa que te posso dizer também: devias pôr o espelho de volta onde ele pertence."*

George Woods: *"Oh, sim. Eu já vi esse espelho [?]… [ininteligível] muitas vezes…"*

Dorcas: *"Aye?"*

George Woods: *"Perfeitamente verdade. Muito interessante."*

Dorcas: *"Tens muitas coisas, mas estou a tentar lembrar-me de algo invulgar. Acho também, tenho quase a certeza disto, mas não totalmente, mas tens a cortina puxada toda para o lado."*

Betty Greene: *"É verdade, puxei. Foi assim que as pendurei."*

Dorcas: *"Aye."*

Betty Greene: *"Pus o padrão ao contrário."*

Dorcas: *"Ao contrário, e é por isso que a cortina [ininteligível] não fica bem. E tens de reorganizar o espelho que tens ao contrário."*

Betty Greene: *"Já fui comprar uns novos, bem bonitos."*

Dorcas: *"Aye. Muito bem. Outra coisa também… que tipo de suportes tens de encontrar."*

Betty Greene: *"… suportes, as pernas… das cadeiras em que estamos sentados?"*

Dorcas: *"Tens os espelhos e… [ininteligível] de facto. Embora…"*

George Woods: *"Oh eu sei o que queres dizer, sim, sim."*

Betty Greene: *"Ahh! Eu sei."*

George Woods: *"Sim!"*

Dorcas: *"[ininteligível]… Andam a falar em arranjar essa porta há muito tempo…"*

George Woods: *"Sim!"*

Dorcas: *"… mas não fizeram nada quanto a isso."*

George Woods: *"Não, ainda não fizemos nada, mas vamos pôr uma tranca."* [ininteligível]

Dorcas: *"Aye. Têm falado nisso nas últimas três ou quatro semanas."*

George Woods: *"Ah pois, esperamos que venha a acontecer."* [ininteligível]

Dorcas: *"Posso dizer-vos umas coisas…"*

George Woods: *"Sim."*

Dorcas: *"… que eu sei onde guardam o dinheiro e também fico calada, mas não vou dizer."*

Betty Greene: *"Oh, ai credo!"*

George Woods: *"Onde é que o pus? Onde é que o guardo?"*

Betty Greene: *"Ahh!"*

Leslie Flint: *[tosse alto]*

George Woods: *"Onde é que o guardo? O quê? Hã?"*

Leslie Flint: *[tosse de novo alto]*

Betty Greene: *"Vá lá Dorcas, onde é que o guardamos?"*

George Woods: *"Hã?"*

Betty Greene: *[ininteligível]*

Dorcas: *"E o livro?"*

George Woods: *"Ah o livro, sim! Oh queres dizer aquele livro que meti atrás do espelho? Pus o dinheiro nesse livro. Isso é perfeitamente verdade!"*

Dorcas: *"Eu vi-te a pôr o dinheiro no livro."*

George Woods: *"É mesmo verdade!"*

Dorcas: *"Não é um sítio muito seguro para guardar dinheiro."*

George Woods: *"Bem, eu prefiro… guardar, guardar… [ininteligível, tosse do médium]… eu guardo, mas hum, err."*

Dorcas: *"Aye. O problema é se te esqueces de onde o puseste ou onde meteste o livro."*

George Woods: *"Esse é o problema: esqueço-me muitas vezes."*

Dorcas: *"Aye. Se tens má memória, acho que não devias pôr dinheiro em livros."*

George Woods: *"Pois."*

Dorcas: *"O teu livro vai tornar-se demasiado valioso."*

George Woods: *"Hmm."*

Leslie Flint: *[risada curta]*

George Woods: *"E sabes…"*

Dorcas: *"Quero só dizer-te uma ou duas coisas para saberes que eu ando por aí."*

George Woods: *[ininteligível]*

Dorcas: *"Eu sei que, enquanto ouvias a tua gravação havia [ininteligível] qualquer coisa que sentias sobre onde pões a tua roupa."* [ininteligível]

George Woods: *"Sim, mas espero que enquanto ouves as minhas gravações… ou em qualquer altura… espero que venhas… [ininteligível] percebas… espero perceber… que…"*

Dorcas: *"Talvez precises de um sofá novo ou de uma nova cozinheira."* [ininteligível]

George Woods: *"Sim."*

Dorcas: *"Não acho que estejas totalmente satisfeito com isso."*

George Woods: *"Não. Não."*

Dorcas: *"De qualquer forma, já era tempo de comprares um para ti."*

Leslie Flint: *[tosse]*

George Woods: *"Bem… [ininteligível]"*

Leslie Flint: *[tosse mais, cobre o que George Woods está a dizer]*

Dorcas: *"Acho que devias."*

George Woods: *"Hmm?"*

Dorcas: *"Acho que devias."*

George Woods: *"Sim. Bem… e err, o que tu… muito bem, e err… [ininteligível]… Embora eu gostasse que nos fizesses saber que estás por aí."*

Dorcas: *"Bem, eu vou fazer isso."*

George Woods: *"Bom."*

Dorcas: *"Tenho de vos avisar primeiro."*

George Woods: *"Seria muito bom… devíamos… se puderes vir."*

Betty Greene: *"Podes, hum… Dorcas… [ininteligível], não podes?"*

Dorcas: *"Uh umm."*

Betty Greene: *"Poderias dar-me uma ideia na minha mente do que ias mexer e eu podia ficar atenta a isso?"*

Dorcas: *"Aye. Algumas coisas que não sejam tão pesadas."*

Betty Greene: *"Aquele vaso alto na mesa de centro."*

Dorcas: *"Aye. E o pássaro?"*

Betty Greene: *"O pássaro?... O pássaro?"*

[pausa]

Betty Greene: *"Doc... onde está o pássaro?"*

George Woods: *[ininteligível]*

Betty Greene: *"Eu não tenho pássaro Dorcas, pois não?"*

Dorcas: *"Verás do que estou a falar dentro de umas semanas [ininteligível] tempo. Eu vou ser responsável pelo pássaro."*

Betty Greene: *"Vais ser responsável pelo pássaro? Eu não tenho pássaro, pelo menos que me lembre... Está bem Dorcas, vais ser responsável pelo pássaro."*

George Woods: *"E err, seria uma grande ajuda se, err, só para ajudar as pessoas, para esta gravação, se pudesses, err, mexer alguma coisa mesmo a cair no chão, algo mesmo aí, nem que fosse um bocadinho de [barulho de partir?] esta manhã."*

Dorcas: *"Acho que sei o que posso fazer mas não vou dizer."*

George Woods: *"Pois, pois."*

Betty Greene: *"Podes contar-nos mais alguma coisa sobre a tua vida aí? Estás feliz?"*

Dorcas: *"Claro."*

Betty Greene: *"Estás muito feliz? Que bom."*

Dorcas: *"Estou muito feliz agora, mas não estava tão feliz ao início, mas agora estou muito mais evoluída. Estou bem, e estou muito feliz com as crianças e o trabalho. Agora também trabalho com pintura."*

Betty Greene: *"Ah, trabalhas?"*

Dorcas: *"Aye. Há algumas coisas interessantes que encontrei para fazer ao início que achei... [ininteligível] Isso soa-te parvo?"*

Betty Greene: *"Não, porque provavelmente é um bocadinho... [ininteligível]"*

Dorcas: *"Não. Eu era bastante determinada. Costumava ler um bocado e isso ajudou-me a acalmar, sabes?"*

Betty Greene: *"Pois."*

Dorcas: *"Ahh, há muito tempo. Agora faço coisas que pensei que não poderia fazer na Terra e agora tenho a oportunidade de fazer. Ahh, mas sabes, tenho muitos momentos felizes de várias maneiras aqui."*

Betty Greene: *"Podes contar-nos alguns?"*

Dorcas: *"Gosto de andar a cavalo. Aqui tenho o meu próprio cavalo."*

Betty Greene: *"Oh, que maravilha."*

George Woods: *"Que bom."*

Dorcas: *"É um animal lindo e chamo-lhe 'Dundee' e ando e ando. Adoro fazer isso. Oh! Trouxe o meu cavalo cá para baixo. Aye, se o ouvirem relinchar na sala do meio, sabem que sou eu aí com o meu cavalo!"*

Betty Greene: *"Está bem Dorcas, aqui na Terra. De que cor é o teu cavalo?"*

Dorcas: *"Branco."*

Betty Greene: *"Todo branco."*

Dorcas: *"Vou fazer uma coisa que vos vai pôr a todos em sentido."*

George Woods: *"Está bem, obrigado."*

Dorcas: *"Estou habituada a esse tipo de coisa. Há muitas pessoas aqui que não fazem ideia de como se faz. Eu vou mostrar-vos como se faz."*

George Woods: *"Isso é muito bom."*

Betty Greene: *"Obrigada Dorcas."*

Dorcas: *"Eu não me importo... mas tenho a impressão de que a tua voz tem andado preocupada. Tem andado nervosa."*

George Woods: *"Agora faz isso."*

Dorcas: *"Receio que ela não esteja por perto."*

George Woods: *"Acho que estás bem, não precisas disso de qualquer forma."* [ininteligível]

Dorcas: *"Gostas muito daquela... [ininteligível]"*

Betty Greene: *"Sabes daquele trabalho em pedra. [?]"*

George Woods: *"Sim."*

Betty Greene: *"Provavelmente é da mesma cor que a casa, acho eu… [ininteligível]"*

George Woods: *"Sim, acho que sim, sim. Parece que sim, sim."*

Dorcas: *"Para pintar a parede certa…"*

George Woods: *"Adoro ouvir isso."*

Dorcas: *"… e a tinta certa."*

Betty Greene: *"Não ficou bem limpo atrás."*

George Woods: *"Tudo…"*

Leslie Flint: *[tosse]*

Betty Greene: *"Quando estavas a pintar as paredes atrás. O que é que estavas, hum… lembras-te? Algo invulgar."*

Dorcas: *"Foi exatamente o que eu disse. [?]"*

Betty Greene: *"Enquanto pintavas as paredes atrás, em casa, quero dizer. O que é que ele estava a fazer? Nós os dois. Algo meio invulgar, que talvez nunca tenhas visto antes."*

[pausa]

Leslie Flint: *[tosse] "Não… [ininteligível]"*

Dorcas: *"Não queres dizer aquela coisa transparente?"*

George Woods: *"Sim."*

Betty Greene: *"Bem, sabes, err, não consegui decidir-me."*

Leslie Flint: *[tosse]*

Betty Greene: *"Estás ciente de uma coisa Dorcas: a fita que tirámos."*

Dorcas: *"Não queres dizer a coisa da porta?"*

Betty Greene: *"Não, estás a aproximar-te."*

George Woods: *[ininteligível]*

Betty Greene: *[ininteligível]*

Dorcas: *"Ah, pensei nisso, é uma certa forma de usar a roupa."*

Betty Greene: *[ininteligível] "… nunca terias visto isso antes, pois não?"*

George Woods: *"Há uma forma especial de mostrar esta sala, err remodelar… e… err… muito interessante."*

Betty Greene: *[ininteligível] "… hew!"*

George Woods: *"E que tipo de casa tens aí desse lado?"*

Dorcas: *"Uma casinha simples, mas estou muito feliz e serve-me bem."*

George Woods: *"Como é por dentro? É…?"*

Dorcas: *"Oh, muito acolhedora: vigas, paredes, uma pintura colorida, e tenho um telhado de palha."*

George Woods: *"Tens mesmo… oh… um telhado de palha, tens?"*

Betty Greene: *"É como uma casinha rural, não é Dorcas?"*

George Woods: *"Sim… e fazes… fazes o trabalho todo lá sozinha?"*

Dorcas: *"Claro. Faço todo o meu trabalho e sou perfeitamente capaz de o fazer, na verdade sou muito feliz."*

George Woods: *"… quer dizer, err o mundo onde estás é exatamente igual ou quase muito semelhante à Terra ou apenas muito melhor… é verdade?"*

Dorcas: *"Sim, o melhor, exatamente como na Terra, e gosto tanto disto, e posso fazer exatamente o que quero. É tudo um e o mesmo."*

George Woods: *"Ah pois."*

Dorcas: *"E quando pude, fiz. [?]"*

George Woods: *"Hum… e err, tens amigos contigo?"*

Dorcas: *"Ah amigos! Tenho muitos amigos aqui. Conheci todo o tipo de pessoas aqui, e alguns que conheci na Terra também."*

George Woods: *"Ah pois… e tu… err… podes tornar-te, podes ser todas as coisas que… na err, como na Terra… como as, err… encarnações e coisas assim… voltas a procurar isso?"*

Dorcas: *"Já tive interesse em voltar à Terra, mas agora já não tenho assim tanto interesse. Houve uma altura em que tinha."*

George Woods: *"Sim."*

Dorcas: *"Estava muito interessada há anos nisso. Lembro-me de ter sido uma combinação de juiz, lorde."*

George Woods: *"Foste mesmo. Ah pois. [ininteligível]"*

Betty Greene: *[ininteligível]*

Leslie Flint: *[tosse]*

Dorcas: *"Ah, lembro-me dos dias em que costumava… ganhar a vida à beira da estrada… [câncer?], pensão de alimentos [?], terras altas. [?]"*

George Woods: *"Foram dias terríveis, não foram?"*

Dorcas: *"Aye, foram piores do que os vossos mas muito mais bonitos."*

George Woods: *"Ah pois."*

Betty Greene: *"Tens razão aí Dorcas, tens toda a razão."*

Dorcas: *"E agora têm desculpas e arranjam soluções e fazem tudo em massa."*

George Woods: *"Sim, acho isso terrível."*

Betty Greene: *"Sem querer brincar com isso, mas invariavelmente é muito mais cruel."*

George Woods: *"Pois. Achas que devíamos começar outra guerra, Dorcas?"*

Dorcas: *"Aye, espero que não."*

George Woods: *"Pois."*

George Woods: *"Não sei, mas não espero que não. Nunca consigo imaginar como seria."*

George Woods: *"Seria terrível, não seria?"*

Dorcas: *"O mundo terrestre já é suficientemente mau, dizem-me."*

George Woods: *"Pois, ah pois."*

Dorcas: *"Só recentemente comecei a voltar à Terra outra vez, sabes."*

Betty Greene: *"Já?*

Dorcas: *"Estive afastada mais de cem anos. E de repente tive vontade de voltar para ver se havia alguma coisa com que pudesse ligar-me, e quis vir ver-vos também."*

Betty Greene e George Woods: *"Sim, perfeitamente verdade."*

Dorcas: *"Por isso é que vos apanhei a vocês os dois primeiro."*

Betty Greene: *"Primeiro o quê?"*

Dorcas: *"Aye, algumas coisas não pareciam muito bem, e desde então tenho andado por aí a ver como se têm saído."*

George Woods: *"Oh, isso é muito amável da tua parte."*

Betty Greene: *"Muito amável da tua parte, Dorcas."*

Dorcas: *"Quero que venham falar comigo de vez em quando."*

George Woods e Betty Greene: *"Ahhh!"*

Dorcas: *"E quero que voltem a ter a vossa ajuda disponível outra vez."*

George Woods: *"Não, eu…"*

Dorcas: *"Tenho de ver se consigo vir para vos manter alerta aos dois."*

George Woods: *"Oh, isso é muito amável da tua parte."*

Betty Greene: *"Vamos todos começar a aprender com a Dorcas."*

Dorcas: *"Aye."*

George Woods: *"E se vieres à nossa casa, faz-nos saber que estás connosco."*

Dorcas: *"Eu vou."*

George Woods: *"Vais bater, não vais?"*

Dorcas: *"Vou… [ininteligível] Vou dar-vos alguns sinais, está bem, nas próximas semanas. É só o suficiente para repararem e saberem que estou lá. E se alguma vez ouvirem um 'toc-toc', sabem que é meu."*

George Woods: *"Sim."*

Betty Greene: *"Está bem Dorcas, vamos saber que estás aí."*

Dorcas: *"Adeus…"*

Betty Greene: *"Adeus Dorcas, e fico contente por ainda estares connosco."*

Dorcas: *"… e um Feliz Ano Novo!"*

Betty Greene: *[ininteligível] "e muito obrigada."*

Leslie Flint: *[risada]*

George Woods: *"Isso é muito bom."*

Voz Feminina Desconhecida: *[ininteligível]*

Dr. Marshall: *"Na verdade, há muitas pessoas que naturalmente querem falar convosco de vez em quando. Na verdade, a que acabou de falar, Dorcas, é uma personagem como podem imaginar, e sem dúvida vai tornar-se bastante familiar para vós. Provavelmente virá de vez em quando falar*

convosco, e vai achar-vos muito divertidos e interessantes. Penso que ela sabe muito mais do que deixa transparecer neste momento. Pelo que percebo, tem bastante poder que poderá manifestar-se na vossa própria casa."

Betty Greene: *"Oh."*

George Woods: *"Sim, maravilhoso."*

Dr. Marshall: *"Muitos podem interessar-vos e posso fazer uma sugestão: tenho uma ideia simples de que quando fizerem uma sessão experimentem tirar algumas fotografias psíquicas."*

George Woods: *"Sim, obrigado."*

Dr. Marshall: *"Preparem a vossa câmara... e hum, não fiquem surpreendidos. [ininteligível] Vale a pena tentar."*

George Woods: *"Sim."*

Betty Greene: *"É Dr. Marshall? [ininteligível]"*

George Woods: *"Sim, sim."*

Dr. Marshall: *"Fico muito satisfeito por vos ver aqui esta noite, Sr. Woods."*

George Woods: *"Fico muito satisfeito por ter vindo."*

Betty Greene: *"Sim, claro."*

George Woods: *"Dr. Marshall, já conheceu o meu pai desse lado?"*

Dr. Marshall: *"Já vi o teu pai aqui várias vezes presente, sim. Na verdade, hum, tem havido bastantes dos teus familiares, hum, deste lado com uma presença semelhante à tua estando aqui."*

Betty Greene: *[ininteligível]*

Dr. Marshall: *"Sim, sim."*

George Woods: *"Hmm. Ele está bem aí?"*

Dr. Marshall: *"Imagino que sim, pelo que sei. Não conversei muito com ele, mas penso que sim, a julgar pela condição em que o vi, a julgar pela iluminação áurica dele, diria que está obviamente bastante feliz."*

George Woods: *"Sim, sim."*

Dr. Marshall: *"Aliás, não acho que seja da minha conta perguntar, mas é evidente que têm características muito diferentes."*

George Woods: *"Ah pois."*

Dr. Marshall: *"Acho apenas que eles estão separados, pelo facto de os ter visto agora, duvido muito que estivessem ajustados um ao outro, duvido muito, não quero estar errado, mas posso confirmar melhor, mas imagino que dificilmente estarão juntos deste lado."*

George Woods: *"Pois. Eram bastante, bastante diferentes, err, o meu pai, err, eles não se davam bem um com o outro."*

Dr. Marshall: *"Pois, pois, pois, não foi como se sugerisse isso."*

George Woods: *"Sugeriram isso, mas o meu pai era uma pessoa maravilhosa… e o meu pai, e a minha mãe era, à sua maneira, bastante evoluída… à sua maneira. O meu pai era muito inteligente a escrever e a vender. Dava-se lindamente, o meu pai… enquanto ele…"*

[pausa curta]

Dr. Marshall: *"Espero que tenham uma época complacente [complacente?]."*

Betty Greene: *"Obrigada."*

George Woods: *"Oh muito obrigado."*

Dr. Marshall: *"E espero ver-vos de novo em breve."*

George Woods: *"Bom dia."*

Betty Greene: *"Adeus."*

George Woods: *"Adeus."*

Betty Greene: *"Obrigada."*

Voz Feminina Desconhecida: *"Olá, ahh."*

Betty Greene: *"Olá?"*

Voz Feminina Desconhecida: *"Há algumas coisas para vos falar sobre a vossa mãe e o vosso pai."*

George Woods: *"Oh."*

Betty Greene: *"Pois. Quem é?"*

Voz Feminina Desconhecida: *"Estão a perguntar pelos vossos, sabem. A vossa mãe e o vosso pai estão aqui, e todos nós aqui. Sabem?"*

George Woods: *"Pois. Mas o que eu quero saber, err… o que eu queria perguntar era sobre uma mensagem que foi dada há algum tempo…"*

Betty Greene: *"Domingo passado."*

George Woods: "*... e se isso aconteceu mesmo, mas a mensagem que ele deu, não me pareceu que fosse o meu pai. Eu... eu só queria perguntar-lhe se foi... se ele deu mesmo essa mensagem, e não consigo imaginar... [ininteligível]*"

Voz Feminina Desconhecida: "*Vou procurar saber isso para ti.*"

[fim da gravação]

HOMEM CHINÊS (possivelmente Confúcio, 500 a.C.)
Quero comunicar convosco, mas espero que saibam que nós deste lado não achamos isto simples. Eu descreveria muitas coisas que são uma ocorrência comum e natural à nossa volta, especialmente na vossa linguagem que é muito confusa e muito difícil. Factos da nossa vida, que de certas formas são muito parecidos com a Terra, referem-se a uma condição de vida vivida sobretudo por pessoas que recentemente deixaram o vosso mundo, e portanto, pessoas de uma mentalidade tal que ainda não se libertaram do material e, em consequência, não fizeram muito progresso e encontraram um ambiente ao qual elas próprias se sintonizaram mentalmente, ajustando-se com os pensamentos terrenos. Mas quando perguntam àqueles que estão aqui há mais tempo (como vocês entendem o tempo) e que fizeram progresso espiritual, eles vivem num ambiente tão distante de tudo o que podem imaginar. Para eles seria cada vez mais difícil manifestar-se e descrever as condições em que existem.

A situação é que tudo aquilo que possam dar-vos tem de ser reduzido a um nível de compreensão, caso contrário só podem receber uma imagem muito pobre das realidades de que estamos conscientes, na medida em que estamos limitados pelas muitas condições em que temos de comunicar. Com toda a boa vontade, todo o desejo de cooperar, mesmo assim há limitações que nos são impostas, tal como a vocês nas condições em que vivem. Eu venho aconselhar e ajudar-vos. Vivi no vosso plano há séculos, na China. Fui chamado por vários nomes e não sinto que fosse uma vantagem saberem esses nomes pelos quais fui conhecido. Para um homem que é sábio (como vocês o entendem), assim que passa pelos portões chamados morte, ele percebe que aquilo que era sabedoria no passado, à medida que se progride, se torna ignorância em consequência da sabedoria adquirida.

A sabedoria é algo que é um estado de ser que se pode aplicar e aplica até ao momento em que se faz progresso para outro estado. Aquilo que era sabedoria no passado torna-se ignorância em função da sabedoria adquirida de acordo com o conhecimento de cada um, mas aquilo que era verdade ontem ainda tem elementos de verdade, não é assim à luz de um novo conhecimento. O conhecimento é algo que está sempre a mudar. Movimento é vida. O homem não pode permanecer parado. O conhecimento torna-se ignorância com a luz de uma nova sabedoria. A sabedoria de ontem não é a sabedoria de hoje porque se adquiriu maior sabedoria através da experiência. Por isso, quando chegam até nós, têm conhecimento e sabedoria até um certo ponto. Só nós, que vimos até vós, percebemos como é difícil dar-vos a maior iluminação que gostaríamos de dar. Esforçamo-nos por ultrapassar complicações e dificuldades muitas vezes criadas pela ignorância.

Grandes mestres, grandes líderes, cheios de sabedoria e séculos de tempo e então juntam o conhecimento da sabedoria antiga e chamam-se a si próprios homens sábios. Porque nem sempre é fatual, aquilo que se aplicava então já não se aplica agora, mas é uma verdade fundamental. Nós que vimos até vós sabemos que o homem só encontrará a verdade divina

quando ele próprio estiver espiritualmente sintonizado com as esferas mais elevadas e as almas maiores que chegam. Muitas vezes, em reuniões, ouvimos dizer que é muito interessante comunicar com esta ou aquela pessoa. Às vezes recebemos iluminação. Mas percebemos sempre que aqueles do vosso mundo andam a tatear na escuridão, não percebem como gostaríamos que percebessem.

O homem não pode alcançar a grandeza em espírito, uma sabedoria maior, até que se eleve acima das coisas materiais. Vocês que vão a essas reuniões, adquirem aqui e ali um conhecimento de certa espécie. Eu não desprezo esse conhecimento, mas devem procurar as coisas do espírito. Aqueles que são, por natureza, pensamento e ação, espirituais, enfrentam grandes limitações e muitas dificuldades. Não podemos ajudar-vos a comunicar com almas mais evoluídas como desejariam, nem podemos ajudar-vos a comunicar com quem possam desejar. Boas almas, algumas não muito avançadas, vêm até vós com amor e desejo de vos servir e à humanidade, através de vós, mas mesmo assim estão limitadas como vocês estão limitados por todas estas condições, condições que são criadas pelas pessoas da Terra. Devem perceber que há guerra no pensamento e guerra dentro de si mesmos e uns contra os outros e isso é porque não têm visão, nem confiança, nem percebem que o mundo é governado pelo medo.

Percebem que no mundo espiritual há almas semelhantes a vocês que não alcançaram grande iluminação ou grande conhecimento mas que vivem juntas. É verdade, num tipo de mundo de compreensão, tolerância e afeição. Não são grandes almas em sabedoria, não são grandes almas em espírito, percebem, mas vêm até vós porque estão perto da Terra. Não são seres perfeitos; são seres imperfeitos em processo de mudança. Podem dizer-vos coisas que vos interessam. Mas esse mundo não é diferente do vosso mundo, mas as coisas que desejam das esferas mais elevadas do espírito não podem ser dadas até que vocês próprios tenham subido a essa vibração mais elevada.

Eu não posso tentar descrever a esfera onde habito porque não há palavras para retratar estas coisas. Só podem ser sentidas pelos seres que estão em sintonia connosco. É algo dentro da vossa alma que virá até vós com uma grande realização e um grande impacto tremendo, quando estiverem preparados e prontos para isso.
Essas almas que vêm até vós e descrevem coisas que, quando pensam nelas, são como o vosso próprio mundo. Dizem "o nosso mundo é maravilhoso" "o nosso mundo é lindo" "temos uma paisagem maravilhosa" "temos as nossas casas. A nossa iluminação" "há beleza"... tudo isso dizem. Vocês associam tudo isso a bondade e beleza. É verdade, estas coisas existem. Há uma réplica do vosso mundo. O mundo físico e material em toda a sua beleza, toda a sua cor, sem as desfigurações que o homem provocou, sem todas as coisas que criam devastação no coração do homem e também na sua mente. Eles não percebem, nesta fase, todas as coisas maravilhosas que ainda estão por vir para eles.

Existem outras esferas de progresso onde é impossível retratar de forma alguma tal condição de vida, onde não estão limitados como vocês estão limitados. Não podem ver estas coisas; não podem compreender estas coisas; ainda não estão prontos para estas coisas. Nós não estamos num mundo tridimensional. Estamos num mundo de quatro dimensões, que vocês não poderiam conceber ou compreender… Está para além da vossa compreensão. Estou consciente do vosso desejo de servir e ajudar os outros. Um dia destes perceberão que aqueles que vêm até vós não estão assim tão afastados de vocês. Por outras palavras, são almas que, pela sua natureza, são bondosas e atenciosas e que fizeram certo progresso e contar-vos-ão da sua condição, no seu ambiente, mas não podem esperar receber das almas mais evoluídas. Devem lembrar-se que toda a vida é uma progressão gradual de estágios e é impossível para almas de certas vibrações retratar coisas a quem está noutro plano. Podemos enviar-vos e receber de várias almas coisas que ajudarão e são valiosas, mas há muitas coisas que ainda não podem

perceber. Aqueles que desejam este conhecimento não o encontrarão até que, pelo menos pela sua própria natureza e ser, o tornem possível. Contudo ouvimos pessoas dizer "isto e aquilo"... Fazem essa pergunta mas nem sequer estão prontos para as coisas elementares.

É extraordinário como é que há pessoas que não têm o mínimo conhecimento e que não tiveram o mínimo indício de progresso espiritual, que insistem que das esferas mais altas grandes almas deveriam vir até elas, para trabalhar com elas. Alguns dizem que se sentaram em círculos e que essas almas vieram até eles, almas de alta origem, e fizeram contacto direto. Eu nego isso. Digo que isso é uma impossibilidade. Não se pode receber de certas almas de esferas muito elevadas um contacto direto porque sei que não há ninguém no vosso mundo que tenha progredido espiritualmente até esse ponto para se sintonizar. Não é possível. O homem só pode receber aquilo que ele próprio tornou possível, não só pelas suas ações mas pelo seu modo de vida. Podem receber e recebem mensagens de almas altamente evoluídas mas são retransmitidas por outras almas nas suas esferas e assim por diante até chegar a vocês na vossa vibração. Estas outras almas funcionam, por assim dizer, como instrumentos. Transmitem a mensagem.

Há pessoas no vosso mundo que disseram que fizeram contacto direto com Jesus. Eu digo que isso não é verdade. O homem deve perceber que é colocado no mundo terreno e progride também para outras esferas mas todos estes diferentes aspetos da vida são estágios de desenvolvimento para um progresso gradual. O homem deve progredir de estágio em estágio e, em cada um, absorver conhecimento. O conhecimento está sempre a flutuar de condição para condição de acordo com a sabedoria adquirida numa experiência; encontra numa nova experiência maior sabedoria. Toda a sabedoria é parte do todo... Parte do completo. É neste mundo como degraus nos degraus de uma escada que se sobe. Aquela criança que tropeça e vacila no primeiro degrau está a começar, mas não consegue ver quão alto e quão tremendo é e é preciso grande coragem para subir gradualmente. Aqueles que estão no topo muitas vezes acham difícil descer. Estamos conscientes das necessidades da Terra, dos desejos das pessoas. Percebemos que a maioria daqueles que se dizem espirituais estão longe de ter uma mente espiritual. Muitas vezes estão imersos nas suas próprias vaidades, nas suas próprias ideias, nos seus próprios ideais e não estão satisfeitos para si mesmos mas querem sempre mais e mais.

É algo a aprender, saber que um pequeno conhecimento, bem compreendido, ajuda muito para um conhecimento maior. Há aqueles que têm pouco conhecimento e são vaidosos e dizem que têm todo o conhecimento. Alguns começam a abrir novas sociedades, novos grupos e corpos religiosos e garantem ao mundo que podem conter tudo o que é bom e que os outros são maus. Não há corpo religioso ou organização no vosso mundo que possa conter toda a verdade. Há aqueles que têm um vislumbre de verdade e distorcem-no com as suas próprias ideias e vaidades. Mesmo a verdade espiritual é muitas vezes obscurecida pelas vaidades do homem. Ele faz uma grande organização religiosa. Amontoa riqueza, fortuna e grandes edifícios e posses. Torna-se, por assim dizer, poderoso sobre as mentes das almas e prende-as e cria estragos nas suas vidas e a verdade real fica obscurecida.

Posso pensar em muitos corpos religiosos no vosso mundo que professam exteriormente ser espirituais mas são mais materiais do que o materialista que não tem religião nenhuma. A verdade é algo tão tremendo que deveria libertar o homem e fazê-lo perceber que faz parte do Plano Divino. Que não precisa de cerimónias e de ostentações e condições materiais para se tornar grande. O homem só é grande quando primeiro é humilde.

Quanto maior for a oportunidade, maior será a possibilidade de que ele se torne espiritualmente consciente no vosso mundo. Aqueles que procuram as grandes verdades devem lembrar-se de que só podem encontrá-las quando se libertarem de todas as coisas materiais

que vos prendem mental e fisicamente. Muitas almas vêm até vós e eu ouvi as suas vozes. São boas almas. Vêm com a intenção de ajudar. Mas... lembrem-se de que aqueles que procuram o mais elevado devem, em si mesmos, tornar-se como crianças.
Lembro-me das palavras de um grande mestre: "Deixai vir a mim as criancinhas, porque delas é o reino dos céus." Isso não era apenas a parábola das crianças que se juntavam à sua volta, mas a parábola das crianças de todas as idades (dos 0 aos 1.000 anos). Todos os tipos de crianças de todas as cores e todas as raças. Se nos tornarmos como crianças e viermos pacientemente, com amor e confiança, ao nosso Pai Divino, devemos perceber que temos de ser como crianças. Não podemos entrar no reino dos céus (?) — o que significa que não podem entrar na sabedoria, nas verdades imensas — porque é preciso ter essa fé e uma mente aberta. Muitos que vêm a estas reuniões não têm uma mente aberta. Dizem que a têm. Estão cheios da sua própria importância, cheios das suas ideias pré-concebidas. Mesmo aqueles que pregam nos púlpitos, que dizem ser espiritualmente conscientes, estão cheios da sua própria importância. Mesmo o pouco conhecimento que têm torna-se torcido e distorcido de tal forma que não pode dar uma imagem verdadeira das coisas espirituais.

Lembrem-se de que devem dar imensamente, não só de dentro de vocês próprios mas devem dar de tal forma que cresçam e atraiam novas almas que se abram para vocês e tornem possível o treino desse caminho para que essas grandes almas que desejam que venham até vós, possam vir. Elas dar-vos-ão aquilo que puderem, dependendo das circunstâncias que existirem.
Para aqueles que procuram eu digo: lembrem-se, procurem e sejam como crianças e mantenham bem aberta a porta para que possam entrar por ela, e lembrem-se de que a verdade está sempre a mudar. Aquilo que era verdade ontem não continuará a ser verdade à luz de uma nova verdade.
Não vos podemos dizer tudo mas podemos fazer-vos perceber isso dentro de vós, dentro das vossas almas, para que a seu tempo, com a vossa cooperação e amor, possamos fazer mais. Irá exigir paciência do vosso lado e do nosso lado também.

A SESSÃO DE FREDERICK OLSEN
Data: 15 de Novembro de 1967.
Participantes: George Woods e Betty Greene.
RESUMO: A aprendizagem que continua depois da morte.
NOTA: No livro de Neville Randall *"Life After Death"* o Sr. Olsen é referido como Sr. George Ohlson, que tinha sido amigo pessoal de George Woods. Ele é referido como George durante a sessão. Esta grafia do nome é adoptada para esta transcrição.

Ohlson: Olá, George.
Woods: Olá.
Ohlson: Olá, Betty.
Greene: Olá. Quem é?
Ohlson: Santo Deus. Ohlson aqui.
Woods: Oh, Ohlson.
Greene: Olá, Sr. Ohlson.
Woods: Bem, Sr. Ohlson...
Greene: Bem...
Ohlson: Então, como estão os dois?
Woods: Oh, muito bem.
Greene: Ótimos, obrigada.
Woods: E como é que se tem saído?
Ohlson: Muito bem. Sem arrependimentos. Estou muito feliz. Não voltava, nem que me oferecessem todo o ouro da China!
Greene: (Riso)

Woods: Oh, pois... (Riso)
Ohlson: Estou perfeitamente bem e perfeitamente feliz e não vos consigo dizer como é maravilhoso estar morto!
Flint: (Riso)
Woods: Oh, nunca pensei!
Ohlson: Nunca soube... Bem, sabem que sempre estive muito interessado nisto tudo e costumava ir às reuniões e às sessões...
Greene: Sim.
Woods: Eu sei que estava.
Greene: Já estive sentada consigo nesta sala antes.
Ohlson: Eu sei, isso foi há uns anos. Minha nossa — as pessoas deviam considerar-se sortudas no dia em que batem a bota!
Flint e participantes: (Riso)
Woods: O que é que tem feito, Sr. Ohlson, desse lado?
Ohlson: Oh, não tenho feito nada em particular. Só... Suponho que tudo é uma questão de adaptação e de tempo, mas estou perfeitamente bem, perfeitamente feliz no meu próprio modo de vida aqui. Encontrei toda a minha gente e muitos dos meus velhos amigos e companheiros, sabem.
Woods: Encontrou o Sr. Pell?
Ohlson: Sim, mas não sinto particularmente vontade de fazer nada. Suponho que, eventualmente, o farei. Acho tudo aqui tão estimulante, tão interessante. E sentir-me bem e saudável, poder andar por aí e interessar-me por coisas e pessoas... E há tantos interesses, George. Ah, espera até cá chegares! Não sei o que estás à espera. Não sei porque ficas aí.
Woods: Bem, quero fazer muito trabalho.
Ohlson: Ahh!! Ainda fazes uns anitos, provavelmente.
Woods: Huh!
Greene: Sr. Ohlson, o que sentiu quando se deu conta de que estava aí?
Ohlson: Bem, felizmente eu já sabia bastante sobre isto antes de vir. Isso foi uma grande bênção e uma grande ajuda; acreditem que foi. Oh, fiquei um bocado... Suponho que como todos devem ficar ao princípio, um bocado abalado de certa forma. Suponho que temos a nossa própria ideia das coisas e do que nos disseram de uma forma ou de outra mas... Acho que a realidade disto tudo, a naturalidade disto tudo, foi o que mais me surpreendeu. Suponho que não devia, mas surpreendeu.
Greene: Bem, em que tipo de condição se encontrou? Em que tipo de lugar ou... bem... sabe...?
Ohlson: Bem, eu... no que me diz respeito, o lugar onde me encontrei foi... suponho que o mais próximo que se pode dizer é como algum sítio no campo: podia ser em qualquer lugar, de certa forma. Quero dizer, havia... árvores e pássaros e era como se se acordasse numa aldeia do campo, embora, num certo sentido, não fosse uma aldeia. Percebi isso pouco depois. Milhares e milhares de pessoas; muitas, muitas... suponho que o que chamariam de blocos de apartamentos... a única forma como posso... suponho que é isso que lhes chamariam; edifícios enormes onde vivem milhares de pessoas. Parece um pouco como uma grande urbanização social, mas não é nada disso na realidade.
Greene: Não. Continue.
Ohlson: Mas muito bonito. Um cenário extremamente bonito: uma espécie de bosque, cenário lindíssimo por todo o lado. Até lagos. Quero dizer... era como se... bem, estivessem a acordar, por assim dizer, num ambiente de campo no final do Verão.
Greene: Lindo.
Ohlson: Tudo muito calmo e pacífico e, no entanto, logo se percebe que há muita atividade mas não há barulho de espécie alguma. E os animais: parecia haver muitos, muitos animais. E de facto percebi que há muitos animais aqui, particularmente animais domésticos: gatos e animais de estimação que as pessoas tiveram na Terra, sabem, e que continuam a ter aqui. Mas vivem em comunidades. Há casas separadas. Há pessoas que têm casas separadas mas isso parece —

pelo que percebo — vir para a maioria das pessoas com o tempo. Não acontece logo de imediato. Há provavelmente exceções.
Acho que este lugar... Na verdade percebi que este lugar onde cheguei primeiro era uma espécie de estação de receção — é a única forma como posso dizer — porque é óbvio que muita gente, quando chega pela primeira vez, precisa de ajuda e cuidado e atenção. Precisam de ser ajudados, por assim dizer, a passar, suponho que para muitas pessoas, por uma situação ou um período difícil. Nem todos aceitam isto logo, suponho. No início, a realização para alguns de que estão mortos e de que estão separados, especialmente de certas pessoas de quem eram próximos e de quem gostavam na Terra; quando percebem que, embora possam regressar, muito raramente têm oportunidade de ter uma conversa ou de confortar as pessoas que conhecem e amam na Terra, percebem rapidamente que não são reconhecidos, não são acolhidos e claro que isso é um grande desgosto para as pessoas no início — acho que é um dos maiores desgostos para as pessoas. É por isso que têm estas estações de receção onde há almas muito avançadas a tomar conta, que sabem lidar com estes casos mais difíceis e, em consequência, são rapidamente orientadas para uma nova forma de pensar.
Mas para algumas pessoas é muito difícil ao princípio. É por isso que este conhecimento, se o tiverem, é uma ajuda tremenda porque percebem muito rapidamente toda a situação e têm a vantagem de saber que podem fazer um contacto. E aquelas pessoas próximas e queridas, se estiverem suficientemente interessadas como invariavelmente estão (porque através do nosso próprio conhecimento disto, quando na Terra, os nossos entes queridos estão geralmente conscientes disso) e podem normalmente voltar e conseguir uma comunicação: "Estou bem. Não te preocupes comigo e está tudo bem," uma coisa assim. E isso anima-os, anima-nos a nós e, claro, assentamo-nos provavelmente mais depressa do que a pessoa comum.

Mas acho que os casos mais difíceis são aqueles de pessoas que têm convicções fortes, convicções religiosas: uma visão estreita, sabem, e... oh, elas acham tudo muito mais difícil e às vezes são mesmo um problema, sabem.
Oh, temos centros comunitários e as crianças, claro, são uma das maiores alegrias. Já vi tantas crianças que vivem com as suas pessoas aqui. Claro que para muitas delas os pais ainda estão na Terra, mas são entregues aos cuidados de pessoas, normalmente, sempre que possível, com algum laço de parentesco, como pode ser uma avó e assim por diante. Mas se não houver ligação próxima ou parentesco, há sempre almas aqui que se encarregarão delas. E temos escolas para elas e aprendem todo o tipo de coisas: certas coisas que provavelmente teriam quase de certeza aprendido na escola na Terra mas muitas outras coisas que são muito mais importantes.
Aqui é uma vida totalmente diferente e, no entanto, aceita-se como um pato se aceita na água, ou pelo menos eu aceitei. Claro que alguns não. Suponho que ao princípio, como disse, alguns acham muito difícil.
Mas sabem, há cidades imensas aqui. Quero dizer, não só como acabei de explicar o lugar para onde vim primeiro, que se poderia dizer que era... bem, era mais do que uma aldeia. Aqui há cidades imensas, cidades tremendas, cidades vastas e também há comunidades de povos que, possivelmente por causa da sua nacionalidade quando estavam na Terra e possivelmente até por causa da sua cor... têm este hábito de se manterem juntos ou estarem juntos. Isto é normalmente, claro, uma coisa temporária. Com a maioria deles... suponho que é uma coisa nacional que trazem consigo mas que se perde rapidamente e não há ressentimentos ou algo assim. De facto há grupos que se mantêm juntos e vivem como uma comunidade, que eram, pelo menos quando estavam na Terra, todos da mesma nacionalidade, sabem, mas isso desaparece rapidamente.
Oh, temos cidades vastíssimas e todos os tipos de interesses; grandes salas de aprendizagem; grandes salas de música. Pode estudar-se qualquer coisa em particular que nos atraia; quase sempre algo de índole artística porque parece-me (posso perceber isso muito melhor agora) que a arte e as coisas da mente e do espírito são as coisas que mais perduram, obviamente.

Quero dizer, certas aptidões materiais ou capacidades que se possa ter tido podem ter sido muito necessárias e maravilhosas para o indivíduo na Terra, mas aqui não têm grande valor porque essas coisas não são necessárias e não existem.
Percebem, este é um mundo real mas não é um mundo material. Por isso não temos todos os aspetos materiais como vocês têm na Terra. Não há fábricas imensas, por exemplo. Não há caminhos-de-ferro e estações e, graças a Deus, não há todo o ruído, a imundície e a sujidade. Aqui é um mundo de absoluta beleza e há uma alegria de progresso em tudo; a sensação de exaltação que vem com a realização de que a cada momento se avança. É tão subtil, suponho, de certa forma. Não se está plenamente consciente disso mas há esta perceção de que nada pode ser… bem, demasiado esforço. Tudo virá gradualmente. Há progresso em todos os sentidos, de todos os tipos. É inevitável. Quero dizer, não se pode evitá-lo. Está lá. É para ti. Depende de ti. Recebes ajuda e incentivo mas recai sempre sobre o indivíduo. E claro que há esta realização de que… bem, é algo que se constrói. Não é algo que… se atinge algo e pronto, fica-se por aí. Há sempre algo novo, algo fresco, algo mais interessante, uma nova experiência, um novo lugar para visitar, novas pessoas para conhecer; novas chegadas vindas da Terra: pessoas que conhecemos e amámos — ajudar essas pessoas a instalar-se, interessá-las por todo o tipo de coisas aqui.
Tudo isto… é muito difícil. Agora percebo, claro, mais do que nunca, como é difícil transmitir conhecimento — isto é, conhecimento relacionado com este tipo de vida — que em certos sentidos está tão afastado da Terra. E, no entanto, ao mesmo tempo é muito importante perceber que é uma realidade de vida. Não é uma coisa vaga e difusa. Não é uma espécie de "nada". É uma existência real e somos, à nossa maneira, tão físicos como vocês são e, no entanto, não é um corpo físico como o vosso. É… à primeira vista pode parecer o mesmo mas não é; a constituição é diferente. Quero dizer, vivemos numa vibração tão afastada da Terra e tudo está mais rarefeito em consequência e tudo o que fazemos tem um significado e um propósito. Ao princípio, claro, não se aprecia… ou pelo menos aprecia-se mas não se compreende. E agora não só se compreende e aprecia como se vê o propósito por trás de tantas coisas.
Quero dizer, quando olho para trás, para o vosso lado, penso: "Meu Deus! Como é que consegui passar por aquilo tudo?" Quero dizer, o vosso mundo para mim parece… bem, é como se houvesse uma atmosfera escura, sombria, enevoada e claro, as forças de pensamento que emanam do vosso mundo em massa, sabem, são tão terríveis. E há toda aquela confusão e ódio e amargura e malícia e Deus sabe o que mais, juntamente com todas as outras questões e complicações da vida. Espanta-me agora, olhando para trás, claro… claro que não se conhece nada melhor quando se está na Terra mas parece quase uma coisa tão remota — a vida antiga, sabem. Não quereria voltar para isso.

Filósofo Chinês
30 de Julho de 1959
"Vivi na Terra há séculos, na China.
Fui chamado por vários nomes..."

Esta gravação fascinante foi originalmente rotulada como 'Confúcio' — embora o comunicador espiritual nunca revele realmente o seu nome. Semelhante a um 'guerreiro' espiritual, este comunicador sem nome explica que há muitas pessoas na Terra que acreditam verdadeiramente estar em contacto direto com almas superiores, quando na realidade não estão. Ele diz que tal comunicação direta é impossível e que muitos que afirmam ser espiritualmente iluminados são, na verdade, demasiado materialistas e vaidosos. Explica que tornar-se espiritual é um processo gradual de desenvolvimento e progresso, porque não podemos adquirir todo o conhecimento numa só existência...

Voz Espiritual: [Frase desconhecida]
Woods: Olá?
Espírito: ...uh... e é com grande prazer...
Woods: Oh, muito bem...
Espírito: ...que eu e outras almas aqui viemos comunicar convosco. Mas... suponho que é um facto que vocês já sabem que nós, deste lado, não... uh, não achamos... uh, muito simples descrever muitas coisas que são comuns, naturais para nós.
Greene: Mmm?
Espírito: Explicar estas coisas em, uh... em termos terrenos — linguagem — embora não seja exatamente uma impossibilidade, é certamente muito confuso e muito difícil.
Embora haja muitos aspetos da nossa vida que, de certa forma, são muito parecidos com a Terra, quando nos referimos a essas condições de existência no nosso plano, estamos a referir-nos a uma condição de vida que é vivida sobretudo por pessoas que recentemente deixaram o vosso mundo.
E, portanto, pessoas cuja mentalidade é tal que ainda não se desprenderam completamente do pensamento e das condições materiais. Elas, por outras palavras, não fizeram muito progresso e, em consequência, encontraram um ambiente ao qual elas próprias estão mentalmente sintonizadas ou ajustadas pelos seus pensamentos terrenos.
Mas quando perguntam a almas deste lado que já estão aqui há, por vezes, séculos de tempo, como entendem o significado de tempo, e que fizeram um tremendo progresso espiritual — elas estão num ambiente tão distante de tudo aquilo que podem imaginar ou que se possa descrever ou representar para vocês, que se torna cada vez mais difícil para qualquer alma que consiga manifestar-se descrever a condição em que existe.
Tudo o que vos possam transmitir tem de ser reduzido a um nível terreno de entendimento. Por outras palavras, só podem receber uma imagem muito pobre das realidades...
Greene: Uh-huh...
Espírito: ...das quais estamos conscientes, na medida em que estamos limitados pelas próprias condições sob as quais temos de comunicar convosco.
Com toda a boa vontade, com todo o desejo que possam ter no coração de colaborar, mesmo assim, há limitações — que são impostas por vós, pelas próprias condições em que vivem.
Greene: Mmm...
Espírito: Mas, mesmo assim, esforçamo-nos por vos aconselhar, guiar e ajudar.
Greene: Posso perguntar quem está a falar?
Espírito: Vivi no vosso plano terrestre há séculos, na China.
Greene: Oh, sim.
Espírito: Fui chamado por vários nomes...
[Som de trânsito a passar]
Espírito: ...e não sinto que fosse de alguma vantagem para vós saberem esses nomes pelos quais fui conhecido. Porque um homem que era sábio, como o entendem, na Terra...
Greene: Uh-huh...
Espírito: ...assim que passa pelos portões chamados morte, percebe que a sua sabedoria terrena não era nada.
A sabedoria é puramente uma condição ou estado de ser que se pode aplicar, e aplica-se, até ao momento em que se progride para um estado mais elevado — e aquilo que era sabedoria no passado torna-se ignorância, em consequência da nova sabedoria adquirida.
A sabedoria é algo que é um estado de ser de acordo com o conhecimento das coisas que se tem no momento. Mas aquilo que era verdade ontem, embora ainda contenha elementos de verdade, já não o é à luz do novo conhecimento.
O conhecimento é algo que está sempre a mudar. O homem está sempre a experimentar coisas novas, a ganhar maior compreensão, maior perceção, maior sabedoria e, em consequência, porque movimento é vida, porque o homem não pode permanecer parado, o conhecimento torna-se ignorância à luz do novo conhecimento.

A sabedoria de ontem não é a sabedoria de hoje, porque se ganhou maior sabedoria através da experiência. É por isso que, quando vêm até nós, embora tenham conhecimento e sabedoria até certo ponto, somos nós que vos trazemos um conhecimento maior e uma sabedoria maior.
Percebemos quão difícil é dar-vos, como gostaríamos, maior iluminação. Esforçamo-nos por ultrapassar a complicação e a dificuldade criadas, muitas vezes, na ignorância do vosso mundo.
Pelo vosso mundo têm grandes mestres — os chamados grandes mestres — e grandes líderes, cheios de sabedoria recolhida de todas as fontes ao longo de séculos. E reúnem conhecimentos de antigas sabedorias e chamam-se a si próprios homens sábios — e, no entanto, a sua sabedoria é nada...
Greene: Mmm...
Espírito: ...porque não é sempre fatual. Aquilo que outrora se aplicava, já não se aplica, mas as verdades fundamentais estão lá, ainda assim. Estão obscurecidas pelo homem na sua ignorância e quanto mais, muitas vezes, aprende e sabe, mais confuso fica.
Nós que vos visitamos sabemos que o homem só encontrará a verdade divina quando ele próprio se tornar divino, quando ele próprio estiver espiritualmente sintonizado com as esferas mais elevadas e as almas maiores que vêm.
Muitas vezes ouvimos dizer nestas reuniões ou sessões, como lhes chamam, as pessoas dizem, 'ah, é tudo muito interessante. Comunicamos com esta e aquela pessoa e, por vezes, recebemos iluminação', mas percebemos sempre que aqueles que tateiam na escuridão do vosso mundo não percebem como desejaríamos que percebessem. Não compreendem como desejaríamos que compreendessem. Pois, muitas vezes, muitos daqueles que afirmam saber, pouco sabem — porque limitam o poder do espírito dentro deles próprios.
O homem não pode perceber a luz e não pode alcançar grandeza em coisas espirituais até que ele próprio esteja preparado para se elevar completamente acima das coisas materiais. Vocês que vão a estas reuniões, obtêm aqui e ali, conhecimento de um certo tipo. Não desprezo esse conhecimento. Mas digo-vos que, até que aqueles no vosso mundo que dizem procurar as coisas do espírito sejam eles próprios — por pensamento, natureza e ação — espirituais...
As limitações são grandes e as dificuldades são muitas. Não podemos ajudar como desejaríamos. Comunicam com várias almas que, em si mesmas, são boas almas, na intenção e no propósito, mas não são grandes almas. Não são necessariamente almas muito avançadas, mas vêm até vós com amor [e] desejo de vos servir e à humanidade, através de vós. Mas, mesmo assim, são limitadas como vós sois limitados. Pois todas estas condições são condições criadas dentro do próprio ser de um [ser]... pessoa e grupo de pessoas.

Nas nações, entre os povos da Terra, encontram guerra — guerra de pensamentos, guerra dentro de si próprios e uns contra os outros. E isso é porque não têm fé, não têm confiança, não têm realização. O mundo é governado pelo medo.
E não percebem também que nas esferas mais baixas do espírito existem almas, muito semelhantes a vós, que não adquiriram grande iluminação, não adquiriram grande conhecimento — que vivem juntas, é verdade, num tipo de mundo ou ambiente de compreensão e tolerância e amor e afecto.

Mas eles não são grandes almas em sabedoria, não são grandes almas em compreensão espiritual, não são grandes pessoas na realização da verdade. Mas vêm até vós, porque estão mais próximos da Terra. Podem contar-vos coisas que são do vosso interesse, mas o mundo deles não é diferente do vosso mundo. Eles não são seres perfeitos; são seres imperfeitos em processo de mudança, em processo de iluminação, em processo de realização espiritual.
Mas todas essas coisas que desejam dos reinos mais elevados do espírito, das almas que alcançaram grande verdade e conhecimento — através de séculos de tempo e experiência — estão limitadas, até que vós próprios (e aqueles que vêm até vós das esferas mais baixas) tornem possível a oportunidade de contacto na vibração mais elevada possível.
Greene: Por favor, posso perguntar-lhe uma coisa?

Espírito: O que é, minha filha?
Greene: Pode descrever-nos a sua esfera em particular?
Espírito: Não.
Greene: Não pode?
Espírito: E não tentaria descrever tal esfera onde habito, porque não há palavras que possam representar essas coisas. Só podem ser sentidas pela própria sintonia... estando em sintonia connosco.
Greene: Percebo.
Espírito: É algo que teriam dentro da vossa alma. Viríamos até vós com uma realização e um impacto que é tremendo, quando estiverem preparados e prontos para isso.
Aquelas almas que vêm até vós e descrevem coisas que, quando analisam, são muito semelhantes ao vosso próprio mundo. Dizem-vos: 'o nosso mundo é maravilhoso. Temos paisagens maravilhosas, temos belíssimos cenários naturais, temos as nossas casas, temos iluminação. Há beleza e todas as coisas que associam ao bem e à bondade.'
É verdade, essas coisas existem. Têm uma réplica do mundo físico e material em toda a sua beleza, em toda a sua cor, sem as desfigurações que o homem trouxe, sem todas as coisas que criam destruição nos corações e mentes do homem — e nas suas vidas tudo isto existe aqui em beleza e encanto.
E digo que o estado de ser deles é bom, mas ainda não visualizaram nem realizaram as coisas tremendas que estão mais além, nas esferas mais elevadas — onde é impossível em palavras descrever de forma alguma tal condição de vida, onde não estamos limitados como até eles estão limitados, como vós estais limitados.
Não podem ver estas coisas, porque não estão preparados para ver. Não podem entender estas coisas, porque não estão preparados para entender. Não estamos num mundo tridimensional. Estamos num mundo quadridimensional, que não poderiam conceber ou entender. Está para além da vossa compreensão.
Estou plenamente consciente dos desejos do vosso coração de servir e ajudar outros. Mas, mesmo assim, percebereis que aqueles que vêm até vós, não estão assim tão afastados de vós. Por outras palavras, são almas que são, por natureza, bondosas e atenciosas, que fizeram algum progresso e contar-vos-ão da sua vida e da sua condição de ser no seu próprio ambiente e mundo.
Mas não podem esperar receber das esferas mais elevadas possíveis, descrições de uma condição de vida tão distante que está para lá da compreensão — mesmo de almas das esferas mais baixas daqui. Devemos lembrar que toda a vida é uma procissão gradual, através de estados e estágios de ser, e não é possível para certas almas, em certas taxas de vibração e condições de vida, serem capazes de descrever coisas para aqueles que estão numa esfera muito mais baixa.
Podemos enviar-vos e vós recebeis de várias almas certas coisas que são valiosas e úteis, mas há muitas coisas que ainda não podem perceber. E aqueles que desejam este conhecimento não o encontrarão até que, pelo menos, eles próprios, pela sua própria natureza e ser, o tornem possível.
Quantas vezes ouvimos pessoas dizerem isto ou aquilo, fazerem esta ou aquela pergunta, mas nem sequer estão prontas para as coisas elementares. É extraordinário como há pessoas que não têm o mais pequeno conhecimento, que não têm, dentro de si, o mais pequeno indício de progresso espiritual, que esperam receber das esferas mais elevadas grandes almas a virem ter com eles, a trabalharem com eles.
Só é verdade que quereriam que estas almas viessem até vós, que fossem dignos de receber essas almas que possam trabalhar convosco em conformidade. Seria impossível para certas almas virem e trabalharem.
Já ouvi dizer que em certos círculos certas almas de origem muito elevada vêm e fazem contacto direto. Eu nego isso. Digo que isso é uma impossibilidade. Que não recebes nem podes receber de certas almas em esferas muito elevadas um contacto direto. Porque sei que

não há ninguém no vosso mundo que tenha progredido espiritualmente ao ponto de poder sintonizar-se. Não é possível. É uma impossibilidade.
O homem só pode receber aquilo que ele próprio tornou possível não só pelos seus pensamentos, mas pelas suas ações, pelo seu próprio modo de vida. Podem receber e recebem — o que é uma coisa completamente diferente — mensagens de almas altamente evoluídas, mas isso faz-se através de um sistema de retransmissão. São outras almas, em esferas mais baixas [que actuam como mentores], agem, por assim dizer, como instrumentos. Transmitem a mensagem do espírito através das fontes dos instrumentos, até vós.
Mas o contacto direto; quando oiço, como já ouvi, que há pessoas no vosso mundo que receberam contacto direto com Jesus e outras grandes almas, tenho de dizer que isso não é verdade.
Greene: Não, eu não acredito nisso. Não penso que alguém tenha feito isso.
Espírito: O homem deve perceber que foi colocado no mundo terreno e que progride do mundo terreno para outras esferas, mas todos estes diferentes aspetos da vida ou estes diferentes planos de ser são etapas de desenvolvimento gradual de progresso. O homem deve progredir de estágio em estágio. [Ele] não pode compreender, numa só existência, num só mundo, num só estado de ser, todo o conhecimento.
O conhecimento está sempre a flutuar, de condição para condição, de acordo com a sabedoria adquirida numa experiência. Encontra, numa nova experiência, maior sabedoria. Mas percebe que toda a sabedoria faz parte do todo ou do completo.
É um pouco como degraus ou os patamares de uma escada que se sobe. Essa criança que hesita e se agarra ao degrau mais baixo está a começar — mas não pode ver até onde vai a escada. Não pode ver quão alta e quão tremenda é, e é preciso grande coragem para subir gradualmente e com incerteza, como muitas vezes as pessoas devem, e fazem, até às alturas. E aqueles que estão lá mesmo no topo acham impossível, muitas vezes, descer até ao nível mais baixo.
Estamos muito conscientes das necessidades da Terra e dos desejos das pessoas. Mas percebemos que a maioria daqueles que se dizem espiritualmente inclinados, estão longe de ser verdadeiramente espirituais. Muitas vezes estão mergulhados nas suas próprias vaidades, mergulhados nas suas próprias ideias e ideais e não estão contentes consigo mesmos. Querem sempre mais e mais.
É algo a aprender, a saber; que um pouco de conhecimento, quando bem compreendido, pode ajudar muito para maior conhecimento. Mas há aqueles que têm pouco conhecimento que são vaidosos e dizem, 'temos todo o conhecimento' e começam a abrir novas sociedades, novos grupos e corpos religiosos e afirmam ao mundo que contêm tudo o que é bom e que os outros são maus.
Não há organização religiosa, nenhum corpo religioso de pessoas no vosso mundo que contenha toda a verdade. Há aqueles que têm um vislumbre de verdade e depois distorcem-na com as suas próprias ideias e vaidades e muitas vezes usam-na para os seus próprios fins materiais.
Mesmo a verdade espiritual, quando é uma verdade real, muitas vezes é obscurecida pelas vaidades do homem. Ele faz dela uma grande organização religiosa, acumula riqueza e fortuna, acumula edifícios e posses. Torna-se, por assim dizer, poderoso sobre as mentes e almas das pessoas e prende-as e cria destruição nas suas vidas e a verdade real fica obscurecida.

Consigo pensar em muitos corpos religiosos no vosso mundo que, exteriormente, professam ser espirituais, mas são mais materialistas do que o materialista que não tem religião nenhuma.
Não. A Verdade é algo tão tremendo que libertará o homem e fá-lo-á perceber que ele é parte do plano divino, que não precisa das cerimónias e das demonstrações exteriores e das condições materiais para ser grandioso.
O homem só é grandioso quando, primeiro, é profundamente humilde. Quanto mais humilde for um homem, maior é a hipótese de se tornar consciente e desperto espiritualmente.

Aqueles que procuram as verdades mais elevadas devem lembrar-se, antes de mais, que a verdade suprema só pode ser encontrada quando se desfazem de todas as coisas materiais que os prendem mental, física e espiritualmente.
Muitas almas vêm até vós e tenho ouvido as suas vozes. São boas almas. Vêm com boa intenção e propósito de ajudar, de acordo com as condições que possam existir de tempos a tempos. Mas lembrai-vos de que aqueles que procuram o mais elevado, devem, em si mesmos, tornar-se como crianças. Lembrai as palavras do grande mestre: 'deixai vir a Mim as criancinhas, porque delas é o reino dos céus'.
Isso era uma parábola, não só sobre as pequenas crianças que se reuniam em volta dele, mas era uma parábola sobre as crianças de todos os tempos, de todas as idades, de todos os climas — crianças de dezenove anos ou de milhares de anos. Pois, a menos que sejamos como crianças, [que tenhamos] de aprender, de saber, de compreender; a menos que venhamos com paciência, com fé e confiança no nosso Pai divino; a menos que percebamos que devemos ser como crianças, não podemos entrar no reino dos céus — o que significa que não podemos entrar nos mistérios, não podemos entrar nas verdades tremendas. Pois é preciso ter essa fé e uma mente aberta.
Muitas pessoas que vêm a estas reuniões não têm uma mente aberta, embora afirmem ter. As suas mentes estão cheias da sua própria importância, cheias das suas ideias pré-concebidas. Mesmo aqueles que pregam dos vossos púlpitos, que professam ser espiritualmente inclinados, estão cheios da sua própria importância. E o pouco conhecimento que têm é torcido e distorcido de tal forma, que não pode dar uma imagem verdadeira das coisas espirituais. Lembrai-vos de que devem dar enormemente, não apenas de dentro de vós, mas devem dar de tal forma que atraiam até vós almas que abrirão o caminho para vós e tornarão possível percorrer esse caminho.
Essas grandes almas que desejam que venham, virão — disso não tenho dúvida. Mas percebam que muitas vezes será difícil, e quando se trata de descrever certas coisas em termos materiais, é impossível. Mas damos-vos aquilo que vos podemos dar, nas condições e circunstâncias que possam existir.
A todos os que procuram, digo: procurai. Mas lembrai-vos, ao mesmo tempo, de que devem ser como crianças e ter fé e manter bem aberta a porta para que ela possa entrar aí e perceber que a verdade está sempre a mudar. Aquilo que era verdade ontem não permanecerá como verdade à luz de uma nova verdade.
É apenas, por assim dizer, um pequeno aspeto — pois devemos sempre lembrar que é apenas um grão, como de areia no deserto da verdade, um grão de verdade num imenso mar de areia ou deserto.
Não sabemos como vos dizer estas coisas, pois não é possível. As palavras tornam isso impossível, mas podemos fazer-vos percebê-lo, podemos fazer-vos conscientes disso dentro de vós, dentro da vossa alma.
Mas, com o tempo, com a vossa cooperação e amor e paciência e tolerância, abriremos um pouco mais do caminho para vós — mas exigirá grande paciência do nosso lado e do vosso.
Greene: Obrigada.

Dr. Charles Marshall: *"É uma pena, uma grande pena, quando pensamos para trás, sabem, quando qualquer pessoa pensa para trás, percebe-se, em particular, quão estúpido é permitir-se ficar, por assim dizer, tão afetado por coisas como credos e dogmas, em particular. Isso limita a visão, limita a compreensão. Torna a pessoa estática."*

Rosie Creet: *"É isso. É isso mesmo que eu não consigo entender."* [Rosie sobrepõe-se ao Dr. Marshall]

Dr. Charles Marshall: *"Vejam, eu acho que a coisa mais terrível que pode acontecer, de certa forma, a um indivíduo, mentalmente, é ficar estático..."*

Rosie Creet: *"Sim."*

Dr. Charles Marshall: *"...e ter uma mente fechada, não ser recetivo, nem sequer aceitar ou ouvir, e isso para mim parece extraordinário que uma pessoa permita a si própria ficar estática. Toda a vida é tão vasta nos seus muitos, muitos campos e muitos aspetos, e a verdade é tão tremendamente ampla no seu conceito. Uma pessoa pode ter algum aspeto da verdade, mas é apenas uma partícula minúscula. É como um grão de areia no deserto. Se ao menos as pessoas percebessem as possibilidades tremendas que têm pela frente. Se ao menos percebessem aquilo que têm, o que lhes pode trazer grande conforto — ninguém nega isso. Mas é apenas uma partícula da realidade; não se deve ficar parado. Infelizmente muitas pessoas ficam tão paradas. Por causa do seu passado e da sua educação, não querem aventurar-se, por assim dizer. A vida é uma grande aventura. Muitas experiências são necessárias e essenciais para a evolução e o desenvolvimento de cada um, não só materialmente, mas também mental e espiritualmente."*

Rosie Creet: *"Sim, eu sei, fiquei surpreendida..."*

Dr. Charles Marshall: *"Uma das piores coisas que pode acontecer a uma pessoa é permitir-se ficar amarrada por dogmas e credos e tudo o resto. A menos que a mente de uma pessoa seja livre, não pode assimilar verdade, conhecimento e experiência. Fica tão limitada e acorrentada, e uso isto como uma das piores coisas, se não a pior, que pode acontecer a uma alma, a uma pessoa. É preciso liberdade (liberdade de expressão), liberdade para assimilar verdade, conhecimento, experiência."*

Rosie Creet: *"Ela tinha grande inteligência, sabe doutor, querido, isso devia torná-la livre."* (referindo-se a alguém mencionado antes da gravação começar)

Dr. Charles Marshall: *"Essa é a tragédia, essa é a tragédia."*

Rosie Creet: *"Eu não consigo entender."*

Dr. Charles Marshall: *"Acho que muita gente tem medo. Acho que o medo está na base de tudo. Têm medo que, bem, possa ser mau para eles se se aventurarem ou se abrirem as asas. Preferem ficar no ninho em vez de abrir as asas."*

Rosie Creet: *"Sim, medo, é medo."*

Dr. Charles Marshall: *"Muito triste."*

Rosie Creet: *"Sim, por causa do que lhes ensinaram desde a infância."*

Dr. Charles Marshall: *"Pois, isso é uma das coisas mais importantes que se tem de aprender a deitar fora quando se chega aqui. Para algumas pessoas é muito difícil, especialmente as que têm convicções religiosas fortes. Acho que são essas que acham mais difícil. Às vezes quase penso que é melhor para as pessoas não terem convicções religiosas. Pelo menos as suas mentes não estão tão carregadas ou fechadas."*

Rosie Creet: *"Ah, é isso."*

Dr. Charles Marshall: *"Acho que esta é a tragédia que vejo tantas vezes com tantas almas aqui. Não conseguem adaptar-se rapidamente. Estão tão cheias de barreiras que criaram, que em alguns casos foram criadas para elas pelo ambiente de onde vieram. É difícil para elas

libertarem-se das velhas crenças. Percebem muito depressa, algumas pelo menos, que essas coisas não são assim. Sabem, há pessoas, felizmente, provavelmente a maioria, que começam rapidamente a orientar-se. Veem que as coisas não se aplicam. A verdade fundamental que percorre todas as religiões; é como uma veia que todas têm. Isso está bem, mas lamento dizer que tanto se perde porque as pessoas não querem ir mais fundo, não querem procurar, não querem buscar. Têm tanto medo.

Acho que os credos e dogmas têm muito que responder. E são na sua maioria, senão todos, criados pelo homem — essa é a coisa extraordinária. Não são coisas que tenham sido criadas num sentido espiritual pelo poder do espírito, pela manifestação do espírito. Não foram coisas decretadas por nenhuma entidade, e de facto a coisa extraordinária é que a maioria das religiões baseia as suas verdades na realização espiritual que lhes foi dada por pessoas ditas 'mortas'. O extraordinário é que, se não fosse, por exemplo, o retorno de Cristo depois da sua morte, não poderia ter havido uma religião cristã. Ele teve de voltar para provar a realidade da sua sobrevivência após a morte, e todas as religiões têm este mesmo tema: a vida depois da morte."*

Rosie Creet: *"Sim."*

Dr. Charles Marshall: *"E mesmo assim, quando falam destas coisas com as pessoas, muitos afastam-se como se fosse algo de que não se devesse falar ou explorar. É semelhante ao medo, e no entanto a base de tudo o que aceitam é baseada nestas verdades que foram dadas desde tempos imemoriais à Terra por entidades deste mundo."*

Rosie Creet: *"Mas todas as religiões têm essa crença."*

Dr. Charles Marshall: *"Gostava, por amor de Deus, de poder fazer mais do que fazemos. É realmente triste às vezes quando olhamos para baixo e vemos o estado de coisas no vosso mundo e quanto poderia ter mudado se as pessoas percebessem estas coisas de que falamos. A doença do mundo, a doença mental e material do mundo é aquilo que o homem trouxe sobre si mesmo. E o extraordinário é que grande parte dessas pessoas, bem-intencionadas, muitas vezes aquilo a que chamam 'religiosas' por inclinação ou por aceitação da religião pelo seu passado e educação, estão tão presas ao materialismo que a sua realização espiritual ou forma de pensar simplesmente não funciona, não parece vir à superfície, não as ajuda.

Sabem muitas vezes que as coisas que pensam e fazem são más ou erradas, e mesmo assim não têm coragem das suas convicções. A tragédia do vosso mundo é que o homem não percebeu a realidade desta verdade de que falamos e que poderia mudar toda a sua forma de ser ou de viver. As pessoas falam levianamente sobre coisas espirituais, mas mantêm-nas tão separadas e distantes em vez de utilizar esses pensamentos e colocá-los em ação na sua vida diária — isso mudaria não só as suas próprias circunstâncias e condições, mas também o mundo inteiro em consequência. Não importa se são católicos ou protestantes, se são cristãos ou budistas, o que quer que sejam; o ponto principal é que toda a humanidade está envolvida na mesma realização do final, que é, claro, a vida depois da morte. Quero dizer, ninguém pode escapar a isso."*

Rosie Creet: *"Eu acredito que a vida na Terra arruinou a realidade da espiritualidade. Nunca devíamos ter nascido na Terra. É o facto de se nascer na Terra que estragou a vida por completo."*

Dr. Charles Marshall: *"Mas então, minha querida, tens de vir para o vosso mundo: é um campo de treino, é uma sala de aula, é necessário para a evolução do indivíduo. Isto é muito importante, e é precisamente por isso que tantas almas regressam uma e outra vez para cumprir algo que é*

importante e essencial não só para a sua própria evolução e desenvolvimento, mas também para fazer um gesto para com os outros, ajudando-os na sua evolução e desenvolvimento. O mundo terreno é importante, mas claro, a questão é que o homem não tem um verdadeiro equilíbrio. Essa é a tragédia — não se espera que toda a gente ande por aí a viver uma existência cem por cento espiritual no mundo material. Não sugeriria que isso fosse assim ou sequer possível. Embora nada seja impossível, mas a questão é que se deveria perceber que se pode ter equilíbrio e viver num sentido espiritual ou ser espiritualmente motivado."

Rosie Creet: *"Mas as [limitações da vida terrena] fazem-nos perder o equilíbrio. Não se consegue evitar."*

Dr. Charles Marshall: *"Bem, tu dizes isso, mas na minha opinião não é bem assim. Parece que o homem tem esta consciência interior, esta consciência interna. Tem esta faculdade espiritual ou esta capacidade espiritual, se quiseres, que está adormecida, latente. O espírito está lá dentro do corpo material, físico, a rebentar pelas costuras, por assim dizer, a tentar sair, a tentar expressar-se, a tentar fazer algo a partir do material. A substância do espírito é tal que poderia dominar e superar todos os aspetos menores e mais grosseiros do materialismo. Mas o homem, infelizmente na maioria dos casos, não tem consciência disso em grande medida, ou se tem, tem medo disso, e também vê o mundo material como sendo vitalmente importante num sentido material e preocupa-se mais com o materialismo do que com qualquer outra coisa, e assim perde o equilíbrio. Eu acho que é o equilíbrio entre os dois. Se a motivação do espírito fosse tal que pudesse ser usada em todos os aspetos do material, o vosso mundo inteiro mudaria. Não há nada de errado com o mundo fundamental em si. Não há nada de errado com o aspeto materialista da vida na natureza e na beleza do mundo. É o que o homem está a fazer com isso, é o que o homem fez com isso no passado.

Vês, a questão é que o homem ainda não alcançou a plena realização do poder interior, [o que] claro, é aquilo de que todos os grandes profetas, mestres e videntes falaram durante séculos e gerações. O homem tem de aprender o que é capaz de realizar, o que pode fazer a partir de si mesmo. Diz-se que o poder de Deus está dentro, e é verdade — Deus está dentro. Quero dizer, quando usamos o termo 'Deus', claro, quando usamos isso, as pessoas imediatamente, muitas pessoas, pensam em algum tipo de criatura estranha e peculiar em forma ou figura de homem, mas altamente evoluída e separada do homem nesse sentido, sentado num trono branco. Mas Deus não é uma pessoa nesse sentido. Deus não tem forma nem figura. Deus é, por assim dizer — volto a usar esta expressão, esta palavra 'Deus' — Deus é infinito, Deus é um poder que está além da compreensão do homem. Mas é uma realidade viva ou força que anima toda a vida. A vida é animada pelo poder do espírito — poder da Divindade, se quiseres, não sei bem como dizer isto, como é que se pode realmente entender, mas esta é a parte do homem que deve ser desenvolvida e tornada, por assim dizer, capaz de superar o material. Se se percebesse, nada é impossível, de facto.

Quero dizer, olha para ti, em ti própria, tens dentro de ti uma consciência interior, uma consciência destas coisas de que falamos. Tens grande fé em consequência, e em consequência uma fé que tens, até certo ponto, ajudou-te a manteres-te inteira. Tens fé em mim. Tens fé no Stephen. Tens fé em inúmeras almas deste lado. Tens agora uma fé renovada no teu médico. Vês, isto também te ajudou. Foi-te dada confiança, percebes? Aprendeste a ter confiança em todos aqueles que se esforçam por servir e ajudar. Isto é o que é tão importante: o aspeto positivo do pensamento de que falei no início. Tens esta atitude mental positiva em relação a este poder do espírito. Claro que há momentos em que ficas um pouco em baixo ou deprimida, as circunstâncias são difíceis. Às vezes as coisas materiais parecem esmagadoras, mas ainda assim tens uma realização fundamental destas coisas de que falamos há tanto tempo que te

permitiu continuar, que te permitiu, bem, fosse qual fosse a dificuldade ou o problema, superar tudo isso.

Vês, se ao menos as pessoas percebessem que o poder dentro delas próprias é tal que muito pode ser superado, muito bem pode ser alcançado, muito bem pode prosperar em circunstâncias onde se pensa que é quase impossível. Não há nada impossível para o ser humano que tenha fé e a realização do poder do espírito, e tu tens isso. O Stephen tem, claro. Agora, no início, quando ele chegou, estava deprimido, estava infeliz, estava preso à Terra. Estava retido, bem, por todo o tipo de pensamentos e sentimentos que não eram nada elevados. Eram muito materiais. Ele perdeu tudo isso. Encontrou tanta alegria, tanta felicidade, tantas realizações para alcançar. Já alcançou imenso. Vês, isto é o que é tão importante: que as pessoas percebam que o poder dentro de si é tal que pode superar tudo.

Não há razão para que alguém não seja capaz de alcançar, de alguma forma, até coisas que à primeira vista parecem ou pareceriam impossíveis de alcançar. Mesmo quando se vê no vosso mundo, de várias maneiras, como as pessoas superam grandes desvantagens. Quero dizer, há pessoas que talvez não conseguem usar as mãos, por exemplo, se tiveram algum acidente à nascença ou o que for, e conseguem aprender a pintar com os pés, usando os pés como se fossem mãos. Isto é algo muito simples, talvez não comparável, mas o que quero dizer é: se tiveres fé em ti mesma em seres capaz de alcançar aquilo que queres alcançar, se tiveres um pensamento positivo sobre isso e trabalhares para esse objetivo, para esse fim, irás alcançar. Nada é impossível para quem realmente dá tudo o que tem. E no sentido espiritual, esta é a parte mais importante, obviamente: que a realização que pode ser trazida à existência pelo poder do espírito, a realização de que podes fazer, podes alcançar, podes superar. O poder do espírito transformará o mundo inteiro num lugar para lá da vossa imaginação.

O homem cria o caos, o homem cria miséria à sua volta no vosso mundo através da estupidez de pensamento e da estupidez de ação. Coisas estúpidas, coisas terríveis acontecem porque o homem está, ele próprio, infelizmente na maioria dos casos, tão preso de forma material às coisas materiais, colocando-as em primeiro lugar. Mas se ao menos houvesse equilíbrio entre o mental e o espiritual e o material em cada ser humano, especialmente naqueles em lugares de destaque, que estão em posição de criar, se quisessem, tanto bem para o mundo, mas muitas vezes criam caos e miséria, e perdem o equilíbrio. Vês, equilíbrio, equilíbrio, equilíbrio é a minha palavra-chave, podes dizer hoje, em relação a tudo. Não esperamos perfeição das pessoas na Terra, por que razão haveríamos de esperar? Não somos perfeitos nós próprios. Estamos todos a esforçar-nos por algo um pouco mais, um pouco melhor, um pouco mais sábio, um pouco mais de compreensão, um pouco mais de realização da verdade. Todos estes passos, e são passos na direção certa, podem por vezes parecer lentos e difíceis. Talvez não ganhemos muito depressa. Mas aprendemos devagar, mas com certeza, e ganhamos confiança no caminho. Eu sinto apenas que a tragédia do vosso mundo é que o homem ainda não encontrou o equilíbrio entre o espírito e o material.

Deveria haver uma força motriz do espírito no material e em todos os aspetos da vida, e quer seja na política, quer seja na religião, quer seja nas relações pessoais ou amigos ou familiares, equilíbrio, equilíbrio, equilíbrio, a realização do poder do amor em particular torna tudo possível, superará tudo, pode não parecer sempre assim no momento. Mas no fim, a longo prazo, isto é o importante, verão que o próprio amor superará todos os erros do homem, mas é preciso dar-se totalmente, dar-se absolutamente em amor e em serviço. Esquecer-se de si no serviço e começarás a encontrar o teu verdadeiro eu. Esta é outra coisa que as pessoas não percebem; se te perderes em amor, em servir, em ajudar, pensando nos outros, dando de ti o melhor que podes, podes magoar-te às vezes no processo (sim, claro) e terás desilusões e talvez algumas decepções aqui e ali com indivíduos que são fracos e tolos e estúpidos. Mas a questão

é que o amor é a única coisa que realmente importa. É o amor que abre todas as portas do conhecimento e da experiência, que torna tudo possível. Gostava que as pessoas percebessem o que o poder do amor pode fazer, o que pode alcançar. É preciso dar-se totalmente e absolutamente em amor. É isto que fazemos, e encontramos grande alegria e felicidade no serviço, ajudando os menos afortunados, trazendo-lhes esclarecimento, fortalecendo-os quando estão em baixo e deprimidos, ajudando-os a ver a realidade da verdade e assim sair do lodo e encontrar um verdadeiro, sólido suporte para que possam avançar e encontrar alegria e felicidade como nós encontramos."*

Dr. Charles Marshall: *"Minha Rose, se as pessoas percebessem este espiritualismo, como lhe chamam, se ao menos o entendessem e o praticassem — esse é o problema. Tão poucos entendem e os que entendem muitas vezes não praticam. Vês, isto mudaria as pessoas, torná-las-ia melhores. Se realmente pudermos elevá-las, tirá-las do lodo do materialismo, com isto podemos torná-las mais fortes espiritualmente e mentalmente, e então teremos alcançado muito. Sabemos quão importante é as pessoas serem consoladas e tentamos confortá-las. Damos-lhes provas, damos-lhes convicção, e em muitos casos até talvez as salvamos do suicídio. Mas a questão é que muito poucas pessoas percebem do que se trata tudo isto. Ficam satisfeitas por arranhar a superfície, não cavam fundo dentro de si, desde que sejam ajudadas a ultrapassar um obstáculo naquele momento, e depois continuam a navegar no velho caminho material. Queremos tanto fazer as pessoas perceberem as implicações daquilo de que falamos, mas às vezes sinto que falhamos. Bem, disse 'falhamos.' São elas que falham a elas próprias — as pessoas, quero dizer.*

Dr. Charles Marshall: *"Sabes, Rose..."*

Rosie Creet: *"Sim."*

Dr. Charles Marshall: *"... embora hoje em dia não tenhamos muitas oportunidades de falar juntos, lembra-te sempre que estou perto de ti e sempre que me envias os teus pensamentos, e às vezes oiço-te mentalmente dizer: 'Onde estás, querido doutor?'"*

Rosie Creet: *[risos]*

Dr. Charles Marshall: *"Bem, estou lá muitas vezes."*

Rosie Creet: *[mais risos] "Acho que consigo sentir isso."*

Dr. Charles Marshall: *"De qualquer forma, falei muito mais do que pretendia e queria que o Stephen falasse um pouco contigo. Acho que agora talvez, talvez não sei bem se o médium se está a recompor ou o que é que ele está a fazer; parece estar um bocado confuso. Mas ainda assim, espero que consigas vir pelo menos uma vez por semana."*

Rosie Creet: *"Oh, eu bem espero que sim, querido doutor."*

Dr. Charles Marshall: *"Faz com que ele se organize. Estás a ouvir?"*

Leslie Flint: *"Sim!"*

Dr. Charles Marshall: *"Então faz alguma coisa quanto a isso! Tchauzinho!"*

Rosie Creet: *"Tchauzinho, querido doutor!"*

Leslie Flint: *[risos] "Tchauzinho! … Oh, céus."*

Rosie Creet: *"Obrigada pela tua palestra!"*

(Segue-se o Mickey (espírito de controlo) que intervém, mais risos, e a gravação termina.)

Comunicador São Mateus:

Cristo foi um homem que eu conheci bem. Podem pensar que esta é uma afirmação que não pode ser verificada. Não vou sequer tentar verificar esta afirmação, porque, do vosso ponto de vista, num nível material, isso seria impossível. Só poderá ser, se é que pode ser provado de todo, ao nível da consciência e da perceção espiritual desta verdade de que vos falo.

Jesus de Nazaré foi um homem de grande simplicidade; um homem como vós em tantos aspetos. Seria errado dizer que ele não foi também sujeito à tentação, não da forma como está descrito na vossa Bíblia, pois isso é uma interpretação humana de um conceito material. Jesus era Espírito. Jesus tinha o poder de vencer a carne. Jesus conseguiu realizar o que nenhum outro homem antes dele, até onde sei, ou desde então, conseguiu, por causa da sua unidade com o poder divino que torna a vida possível. Somos todos o mesmo espírito. Não somos separados. Só o nosso aspeto físico e o corpo nos separam.

A força motriz por trás de toda a vida é o espírito, e ninguém sabe como controlar este poder. Quando alguém aprende a utilizá-lo para o bem, não apenas de si mesmo — pois isso deveria ser sempre o último pensamento — mas para os outros. Jesus não veio ao vosso mundo para fundar uma religião. Foi o homem que criou o aspeto religioso e construiu em torno dele um edifício que obscureceu a simplicidade, a beleza, a harmonia e o amor da realidade do espírito que animava Jesus. Jesus foi aquilo a que chamaríeis um instrumento, mas ele tinha a realização destas coisas de que vos falo e que desejo transmitir-vos, para que as tenhais dentro de vós de forma tão clara e tão segura, tão certa, tão real que não as percebereis num nível de consciência diferente, muito afastado daquele que chamais Espiritualismo!

Se pareço ser severo, é porque houve momentos em que Jesus também teve de parecer severo. Jesus não era, como diríeis, um "mole". Jesus era um homem de grande força, grande coragem, grande virilidade. Era um homem, que apesar da sua realização espiritual, estava sempre em guerra consigo mesmo. Isto pode parecer-vos muito estranho, mas quando o poder do espírito anima, tem de aprender a superar. Tem de superar o eu mais fraco, o material, o físico. Tem de subjugar muitas coisas no seu eu físico e material ou na sua natureza. Foram muitas as batalhas que se travaram, e eu sei que Jesus venceu porque tinha uma missão divina a cumprir.

Jesus foi uma vítima, se assim quiserem, das circunstâncias. Foi uma vítima do seu tempo, uma vítima das leis, do contexto, dos aspetos religiosos estreitos e limitados da sua época; sofreu como os homens sofrem; também se alegrou como os homens se alegram. Não era, como alguns parecem ter assumido, Deus encarnado! Ele nunca o afirmou, o homem é que desde então o afirmou, porque todos somos deuses. Esta é outra afirmação que alguns poderão ter dificuldade em aceitar: que cada ser humano, em embrião, é um deus, porque é parte do

Espírito Universal, e dependerá do indivíduo quanto desse espírito conseguirá utilizar e demonstrar, trazendo-o à manifestação na condição material e na vida em que se encontra.

A morte de um homem (a morte material de um homem) em certo sentido não é importante quanto ao método em que possa ocorrer. É humano e natural, quando na Terra, desejar que, quando chegar a hora, se seja libertado do corpo físico de forma calma, tranquila, pacífica, e isto de facto era o que se pretendia ou deveria esperar. Mas o homem criou, através das gerações, condições que irão afetar, que se aplicarão a vidas individuais. O homem cria as circunstâncias pelas quais encontra doenças disseminadas de várias formas. O homem cria as divisões onde surgem guerras, e incontáveis pessoas, algumas delas inocentes, na medida em que nunca desempenharam qualquer papel ativo em provocá-las, sofrem. Os inocentes sofrem com os culpados. Isto pode soar ilógico, cruel, injusto, anti-espiritual, e contudo, se conseguirem ver isto como quero que vejam, o homem cria as condições, o homem semeia as sementes, não apenas numa geração, mas em muitas gerações.

Foi dito que os pecados dos pais caem sobre os filhos! Isto parece, para alguns, ilógico, injusto, mas não é assim, pois vós sois hoje tanto parte de há dois mil anos e das pessoas que outrora habitaram a vossa Terra, como sois das que estão ao vosso redor, sempre presentes nos vossos lares, na vossa vida quotidiana. Quando o homem conseguir perceber a magnificência da vida, então conseguirá conceber as realidades de que falamos, e toda a vida é uma só. Vós estais separados, se de facto verdadeiramente estais separados, estais separados pelos vossos desejos materiais, estais separados pelas vossas estupidezes e tolices, pelo vosso egoísmo, pela vossa impaciência, pela vossa intolerância, pela vossa maldade, pelo vosso ódio.

Nações foram criadas e trouxeram à existência, por consequência, o orgulho. Trouxeram à existência o espírito nacional, o patriotismo, as bandeiras desfraldadas, e as igrejas apoiam e incentivam a morte, o desastre, a tragédia. Não tenho tempo para religiões. Só tenho tempo para as pessoas. Só tenho tempo para o espírito, que deve ser livre para fluir, que deve derrubar as barreiras que separam o homem dos homens, as pessoas das pessoas, nação de nação, até que o homem veja o verdadeiro espírito que o anima como sendo parte do mundo do espírito, independentemente de classe, cor, credo, nação ou espírito, ou atitude mental, individual ou colectiva.

Vós reunis-vos para procurar a verdade, e a verdade como a conhecemos, nós vo-la transmitiremos. Terão de se desfazer gradualmente de coisas que alguns de vós até podem estimar. Mas nunca pedimos a ninguém que faça algo contra a sua inclinação natural, tal como a vê. Viemos para vos trazer a paz interior. Cristo, mais uma vez, não disse ele que a paz está dentro? Não disse também que Deus está dentro? Vós sois deuses. A paz está aí, bem no fundo de vós. Não quer dizer que devam fechar os olhos e os ouvidos ao mundo da carne.

Sabemos que devem trilhar o caminho normal e natural, tal como o entendem, do materialismo. Mas se o puderem trilhar sendo guiados pelo poder do espírito, então as armadilhas não vos afetarão. Quando aprenderem a avaliar-se a vós próprios, quando aprenderem a compreender-se a si mesmos e a perceber-se, quando conseguirem ver-se como uma grande família do Espírito, quando conseguirem ver o homem que talvez vos seja estranho, por quem talvez não tenham afeição ou interesse real por causa da cor da sua pele, da circunstância do seu nascimento ou do seu contexto, talvez para vós seja inculto, algo estúpido ou tolo. Talvez, para vós, não haja razão para ter qualquer inclinação de afeição, consideração ou amor. Quando conseguirem ver todas as criaturas de Deus como uma só família, cada uma num nível diferente de consciência e perceção, cada uma vital e importante para o todo; quando conseguirem nutrir aqueles menos afortunados do que vós, os desprovidos de amor e compreensão; quando

conseguirem dizer que este é tão querido para mim como o meu mais próximo, então começarão a abrir-se e a florescer.

Há muitos no vosso mundo a quem gostaríamos de levar a mensagem do espírito. Sabemos que não será fácil, e mesmo quando receberem a mensagem, haverá muitos que fecharão os ouvidos e não quererão escutar porque terão as suas próprias razões para não querer mudar. Estão presos ao hábito. Estão presos a todas as disputas. Estão presos a velhas crenças religiosas que se agarram a eles como uma armadura, e não conseguem desfazer-se dela. E alguns de facto dão a impressão de que vão para a batalha, para a guerra, porque não conseguem livrar-se dessa fachada, pois é apenas uma fachada construída em torno deles, às vezes como protecção, assim o pensam, contra os outros, e talvez sem se aperceberem, contra si mesmos.

Vós, sinto eu, estais livres, pelo menos estais a caminho dessa liberdade de que falo, pois podeis descartar os credos e dogmas ultrapassados, as disputas e as tolices, estas coisas geradas ao longo dos séculos. Cristo e outros grandes mestres: foram homens de grande simplicidade fundamental. Oh, o espírito é simples, a verdade fundamental do espírito é simples, embora difícil de compreender enquanto ainda encerrados na carne, por causa das limitações que, talvez em parte, se abatem sobre ele, mas, ainda assim, todos os grandes mestres, e tomo Jesus como o exemplo mais elevado, conheciam estas verdades; os milagres assim chamados que realizou, e outros de que nem sabeis, eram leis simples em operação simples pelo poder do Espírito.

Quando perceberem que o vosso mundo é uma ilusão, poderão dizer que é um mundo muito sólido, real para vós; claro que é enquanto nele se exprimem, enquanto dele participam, mas ainda assim é um mundo, num certo sentido, uma ilusão, pois o homem criou-o. O homem fez surgir, ao longo dos séculos, aquilo de que sofreis. Uso a palavra "sofreis". Há bênçãos, claro que há muitas bênçãos. Mas fizeram um mundo tão cheio de caos, tão cheio de incerteza, tão cheio de medo. Iludiram-se durante séculos, pensando que o mundo material era tudo e que o grande além era algo que viria depois da chamada morte física.

Com muito pouca realização, vários grupos de pessoas ao longo do tempo criaram estas religiões baseadas na ideia de que existe algo depois da morte, desde que, claro, na maioria dos casos, senão em todos, tenham seguido o caminho traçado por essa organização ou grupo em particular, aderindo a certos princípios — alguns deles bons, não condeno nesse sentido, porque a verdade fundamental subjacente a todas as religiões é a mesma. É apenas que é deturpada pelo homem na sua estupidez, tolice e ignorância. E construíram ao longo dos séculos, naturalmente, grandes edifícios, grande poder, grande riqueza — tudo material, nada a ver com a realidade do espírito, nada a ver com o grande Jesus [que foi] um homem de grande humildade e grande simplicidade e, no entanto, de grande força, um homem que era e é, como vós mesmos.

Vede-vos como realmente sois. Não vos deixeis enganar. É tão fácil enganar-se a si mesmo. "Tenho boas intenções" — quantas vezes já ouviram? Pessoas dizem: "Tenho boas intenções, faço o meu melhor, tento." Pelo menos isso é uma admissão de que falham em certa medida, obviamente, mas isso não é suficiente. Não vos pedimos, como já disse, que sejais perfeitos, pois nós não somos perfeitos. Mas pedimos-vos, uma vez que os vossos olhos foram abertos para a verdade do espírito, que a sigam da melhor forma possível, e que procurem apenas aquilo que é verdadeiramente do espírito, e não se contentem, como tantos se contentam, com as coisas do berçário.

Os sinais e prodígios: são importantes, têm o seu lugar, e nós vamo-los mostrar, de certa forma, aqui, na medida do possível, de tempos a tempos. Mas estes não são os aspetos vitais. Jesus

usou-os, todos os grandes profetas, todos os grandes videntes, todos os grandes mestres, de tempos a tempos, usaram os poderes do espírito para demonstrar, para que se pudesse dar convicção a outros, para inspirar, para os encorajar. Mas estes são apenas coisas dadas para vos ajudar a ultrapassar as circunstâncias em que se encontram, seja por luto [etc.]. Quando venho ao vosso mundo, vejo a infelicidade e a tristeza, especialmente daqueles que, assim pensam, perderam alguém próximo e querido, alguém a quem acarinharam, alguém cujo amor significava tudo para eles e que agora estão desamparados e sozinhos, tristes, incertos, inseguros, deprimidos, por vezes até a contemplar uma saída na esperança de se juntarem à pessoa que os precedeu.

Estamos sempre conscientes destas necessidades. Estamos sempre conscientes dos desejos dos seres humanos, onde quer que estejam ou quem quer que sejam. Mas tentem ver isto de forma mais clara. Nas vossas vidas materiais criaram outra vida e deram-lhe existência. Alimentaram-na, fizeram tudo ao vosso alcance para ajudar esse espírito, e então ele é subitamente cortado e vós, ninguém sentiria nada? Mas não podem matar o espírito — o corpo, sim, a casca, a cobertura exterior, o veículo de expressão, a casa; chamem-lhe o que quiserem; mas aquilo que laboraram em amor para trazer à existência, continua a viver mais vital, mais vivo, mais belo do que qualquer coisa que alguma vez pudessem ter esperado ou sonhado, junto de vós, a esforçar-se por chegar até vós, impressionar-vos, inspirar-vos, confortar-vos.

De tempos a tempos, as almas regressam até vós para vos falar. Por vezes contam coisas mundanas e tentam provar-vos a realidade da sua existência. Por vezes falham, por vezes conseguem. Cada um deve ter o seu próprio nível, creio eu, daquilo que para si é prova de sobrevivência. Mas procurem ver isto de outra forma. Tentem perceber que estais a alimentar o amor; não só o estais a trazer à existência, mas estais a alimentar o amor por toda a humanidade, pois toda a humanidade faz parte de vós, e todas as criaturas de Deus (assim chamadas) partilham a mesma força animadora que vos deu vida. Tudo o que existe, existe; a casca exterior pode morrer e desaparecer. Podeis abrir a terra e nela colocar aquilo que em tempos vos foi querido e próximo e cobri-lo. Podeis erguer uma lápide e chorar por cima dela e colocar as vossas flores de lembrança; mas ele não está lá, o espírito.

O espírito está dentro de vós e em todo o vosso redor, e é este amor divino que torna toda a vida possível e faz tudo o que existe ser. E creiam em mim, meus amigos que hoje se reúnem, é um começo, assim espero e oro, e bem no mais profundo de mim sei que é a abertura daquela porta entre o mundo do espírito e vós. Sede pacientes, não espereis talvez demasiado de imediato, e quando eu tiver terminado aquilo que vim dizer, tirai as vossas fotografias e depois dizei adeus.

Que a paz e o amor do espírito estejam sempre convosco, como eu sei que animam cada ação, cada pensamento. Que a força e a realidade destas coisas abram o caminho de forma mais clara, mais segura, para todos os que buscam verdadeiramente estas coisas que são eternas.

Adeus, meus filhos.

Participantes: “Adeus! Sentimo-nos tão humildes. Teremos o privilégio de saber o vosso nome, talvez da vossa última vida?”

Comunicador São Mateus: Os nomes, meu amigo, nada são. Eles também, tal como o corpo, desaparecem. Ao longo do tempo, o espírito permanece. Podem chamar-me, se quiserem, Mateus.

Participante: “Obrigado.”

São Mateus: Isso é suficiente. Os nomes, em si mesmos, nada são; é o espírito que importa, o espírito é que importa.

Participante: "Obrigado, Mateus. Deus vos abençoe."

Mickey: "Desculpem, tenho de ir. Tchauzinho!"

Participantes: "Tchauzinho, Mateus/Mickey! Que discurso maravilhoso. Muito obrigado, Leslie!"

Leslie: "Oh, não foi nada."

Participantes: "Oh, foi maravilhoso!"

(Depois de mais algumas palavras, a gravação termina.)

Lucius Lucillus sobre ATLÂNTIDA

Nesta sessão, Lucius Lucillus (ou possivelmente Dr. Marshall) falou a seguinte mensagem:

Comunicador, Lucius Lucillus (sussurro quase inaudível): *[Sussurro ininteligível]*

Sitter Rosie Creet: "Sim! Pronto! Tive de ser paciente."

Lucius Lucillus: "Saudações, minha filha."

Rosie Creet: "Saudações para si, Lucillus."

Lucius Lucillus: "Espero que não tenhas esperado demasiado tempo."

Rosie Creet: "Não. Só temi que talvez não conseguisses vir."

Lucius Lucillus: "Da última vez que nos encontrámos, prometi contar-te, se possível, um pouco sobre esse país que agora chamamos de *Atlântida*."

Rosie Creet: "Oh, sim, por favor."

Lucius Lucillus: Suponho que o nome que lhe foi dado, "Atlântida", vem de tempos muito remotos, quando por alguma razão o Oceano Atlântico foi assim nomeado, e em tempos muito distantes na história do homem, quando a terra ligava o continente europeu às Américas, quando não havia mar, mas aqui e ali apenas rios e pântanos, existia este país que o homem desde então passou a chamar de "Atlântida". Não se chamava assim naqueles tempos. Na verdade, é tão remoto na história que agora muito pouco é lembrado, pois é quase o início do homem, e era um grande continente coberto por muitas tribos, frequentemente, como se pode imaginar, em guerra umas com as outras.

Havia vastas extensões sem qualquer habitação, grandes florestas, grandes montanhas, grandes desertos e, depois de talvez se viajar centenas e centenas de milhas, chegava-se a uma forma de civilização. Mas nem todas as tribos, nem todos os povos estavam próximos do reino animal. Havia um grupo chamado "Lemurianos" que tinha avançado muito além do seu tempo, ou

assim pareceria em comparação com o resto das tribos nómadas e dos seres humanos tais como eram na época. E por causa da sua grande superioridade, não apenas em número, mas em conhecimento e avanço mental e espiritual, estas almas tinham grande poder. Mas neste grupo de Lemurianos, havia alguns descontentes, alguns ambiciosos e alguns que se aventuraram no que hoje chamaríeis de "magia negra". Eram de uma ordem muito baixa, e ainda assim, tinham grande poder.

A Lemúria e os Lemurianos eram uma grande raça de pessoas, como já disse, muito à frente do seu tempo, grandes em sabedoria, conhecimento e experiência, e aprenderam a controlar os elementos, a utilizar forças na natureza que ainda hoje estão apenas a começar a ser redescobertas. De facto, séculos depois de Atlântida ter sido submersa e se tornar mar, os antigos chineses redescobriram muitas das coisas que eram conhecimento comum para os Lemurianos. Houve uma fação entre os Lemurianos — um grupo de indivíduos que se aventuraram no oculto e o utilizaram para fins baixos — que acabaram, eventualmente, por assumir uma forma de poder e, em conjunto com muitas tribos nómadas, reuniram uma grande força que atacou a capital da cidadela de Lemúria e, em consequência, foi saqueada, foi queimada e um número incalculável de pessoas foi morto, e os elementos inferiores, sob este grupo, tomaram o controlo e dominaram durante muitos anos, depois durante gerações, até que uma grande catástrofe se abateu sobre o mundo na forma de um meteorito ou pelo menos algo vindo do espaço, algo dos céus, que caiu, atingiu Lemúria e provocou o seu afundamento, a sua desintegração, e transformou-se num mar imenso.

Estou a contar-vos esta vasta história de forma muito resumida, tentando, se puder, dar-vos um esboço para que tenham pelo menos uma imagem a partir da qual construir uma realização de uma vida há muito extinta, de um povo há muito extinto e, em particular, quero, por assim dizer, preencher certos pormenores gradualmente, especialmente no que diz respeito a ti, ao médium e a certas outras pessoas. Porque, como penso que já te disse anteriormente, ao que sei, a tua primeira encarnação foi naquilo a que chamas "Atlântida", tal como foi a minha primeira encarnação, e a de outros ligados a nós.

Ocupáramos um lugar nesta Lemúria onde estávamos a progredir muito além dos povos do nosso tempo e da nossa era. Descobrimos muitas coisas que beneficiaram os povos do nosso tempo e, como te disse, as nossas cidades eram vastas e construídas com grande dignidade. Tínhamos grandes arquitectos, grandes artistas, grandes indivíduos que reuniam todos os recursos dos seus dons e das suas artes para criar, e tínhamos construído uma grande sociedade, um grande grupo de pessoas cujo conhecimento era tremendo. E com o submergir de Lemúria, a Terra recuou milhares de anos, em consequência, mas havia essas fações, essas enormes massas de pessoas analfabetas, próximas dos animais. Muitas destas tribos viviam nas terras áridas, em cabanas, em cavernas, na terra — eram os elementais inferiores que não tinham progredido. Tinham muito pouco poder mental, muito pouca capacidade de qualquer grau. O seu único talento, se é que se podia chamar talento, era imitarem os animais do campo, a vida selvagem, e viviam muito semelhantes à vida selvagem.

Entre nós havia aqueles que ressentiam a bondade e o poder da bondade, a sabedoria e a perceção que estas pessoas tinham da comunhão com o espírito de alto grau. Estas pessoas tomaram sobre si o objetivo de derrubar tudo. Não tínhamos reis ou rainhas ou imperadores, pois tínhamos avançado muito além dessa ideia. Vivíamos num estado de harmonia tal que era automático. Certas almas, pela sua natureza, pelo seu desenvolvimento óbvio em linhas espirituais, tornavam-se automaticamente, por assim dizer, os líderes do estado. Havia dez casas, ou dez grupos, se preferires, de pessoas que, num passado longínquo, tinham sido dez tribos e, ao longo de séculos de esforço, desenvolveram-se e tornaram-se um povo sábio e maravilhoso, e as tribos ou os grupos mantinham a honra pelo mérito. E quando tínhamos

aquilo a que hoje chamaríeis governo formal, um de cada grupo era escolhido por causa dos seus méritos. Tínhamos igualdade de nome.

Um destes grupos, ou uma destas tribos, é o grupo ao qual tu e vários outros pertenceis. Estou a falar disto porque quero, se puder, nos nossos diálogos, desenvolver a nossa história, desenvolver as nossas vidas e os nossos trabalhos através destes séculos de tempo. Claro que quando falamos de Atlântida ou dos Lemurianos, estamos a falar possivelmente de há 50.000 anos, pelo menos. Em certas partes do vosso mundo hoje, por vezes, encontram-se ossos fossilizados. Animais imensos percorriam os campos e as florestas e estes, claro, eram um grande perigo, especialmente para os povos nómadas, não tanto talvez para os Lemurianos e para aqueles de entre nós que se civilizaram ao longo de gerações de tempo. Construímos vastas cidades rodeadas por grandes muralhas que eram inexpugnáveis.

O início da queda de Lemúria foram aqueles poucos dentro das nossas cidades que, em si mesmos, ressentiam o poder, tal como o interpretavam, das tribos. Eram, como diriam hoje, as "ovelhas negras" das famílias. Eram indivíduos que não tinham desenvolvido nada de real, mas seguiam o rasto dos mais sábios e davam, talvez, uma aparência de sabedoria, pois convivendo com ela não podiam deixar de participar um pouco, mas eram dentro de si de uma ordem baixa, e uniram-se, e eventualmente, com as suas maquinações, derrubaram muitas das cidades.

Houve muitas almas naquele tempo de que falo, que são conhecidas por vós sob nomes variados ao longo dos tempos. Tu eras então filha de um chamado Piloninus. Piloninus era um homem que, em si mesmo, era um líder, um homem de grande sabedoria e conhecimento, alguém muito respeitado, que comandava com grande consideração e afecto. Tu eras sua filha, e eu era seu filho, o que faria de nós, portanto, irmãos nesta encarnação inicial do tempo. Todos nós nascemos numa casa onde tudo o que se podia desejar era possível. Fomos ensinados nos saberes antigos e nas artes, e nesse tempo de que falo, a música tinha um papel muito importante na nossa vida.

A música era uma forma criada, mesmo nesse tempo de que falo: mais civilizada do que alguma vez voltou a ser, possivelmente. Isto pode soar-vos difícil de compreender — tal como o passado é difícil de perceber — e algumas das coisas que vos direi também serão difíceis de aceitar. Mas eu sei do teu grande amor e interesse pela música, e por isso é importante falar disto, porque naquela época a música desempenhava um papel essencial na vida dos Lemurianos. Cada lar, cada grupo trazia à luz indivíduos com grandes talentos; alguns no sentido musical, que compunham, outros tocavam instrumentos — instrumentos há muito esquecidos — mas cujo alcance tonal era muito superior a tudo o que conhecem hoje. O mais próximo que se pode comparar a essa era, no que toca à música, seria a *música das esferas*, as nossas esferas.

Tínhamos, e já então tínhamos, grandes orquestras, grandes músicos, muitos instrumentos — não apenas instrumentos de cordas, como talvez imaginasses — mas instrumentos de tal natureza que mal se podem começar a descrever, porque não existe, por assim dizer, forma de os descrever. Mas tu e eu fomos introduzidos desde crianças nas artes, particularmente na música, tu especialmente, eu também. Eu estava mais interessado naquilo a que chamais pintura: a arte da decoração. O instrumento através do qual falo agora — o médium — também ele foi um iniciado nos templos, e nós adorávamos o único Deus, a única Força, a única Vida, o Criador e Dador de Vida; e nos nossos templos, usávamos a música e a cor de uma forma que jamais voltou a ser usada na Terra.

Os Lemurianos eram um povo que se fundia na magnificência, mas não no sentido de ostentação forçada, não por tentação, mas por puro amor à beleza. Os Lemurianos eram uma

raça que venerava a beleza em todos os aspetos. Viam beleza em tudo, até naquilo que para outros seria feio, e esforçavam-se, realmente lutavam, para ajudar os povos e tribos menos afortunados; mas era difícil, pois faltava-lhes sabedoria, e de facto o seu poder mental era muito reduzido. Eram tão semelhantes aos animais selvagens que era difícil penetrar as suas mentes, difícil criar neles o desejo de progredir sequer. Mas, sendo semelhantes em aparência aos seres humanos, e reconhecendo-os como nossos irmãos e irmãs, tentávamos assisti-los, ajudá-los, e muitos milhares de Lemurianos perderam as suas vidas nessas expedições e nesses esforços de auxílio a essas almas menos evoluídas.

Tudo isto que vos tento contar é difícil por vários motivos, porque há muito que eu gostaria de vos transmitir, mas não encontro forma ou método de o pintar ou descrever. O que quero transmitir é que, quando o mal venceu o bem, quando os Lemurianos foram subjugados pelos mais primitivos, quase animais, seres humanos — se foi ou não um acto divino, não estou preparado para o afirmar, nem posso — mas tudo o que sei é que houve uma grande convulsão nos céus: relâmpagos, estrondos imensos vindos do alto, e surgiu do céu algo que parecia uma estrela cadente que, ao aproximar-se da Terra, se tornou de tamanho colossal, como uma bola de fogo, e perfurou o centro da Atlântida. Criou uma erupção vulcânica, e, em consequência, a terra tornou-se como lama a ferver, lava a ferver, e após muitos anos deixou de existir como terra e foi gradualmente engolida pelas águas — aquilo que hoje chamais o Oceano Atlântico.

Talvez um dia seja possível que alguns espíritos aventureiros desçam até às profundezas do Atlântico e descubram alguns dos tesouros que guardam a memória do que foi uma grande raça de povos. Mas foram as forças do mal que se soltaram em Atlântida, porque mataram todos os Lemurianos — todos os que tinham sabedoria, bondade, todos os que espiritualmente se tinham tornado mais sábios e desenvolvidos. Mas é muitas vezes assim na vida: quer seja na antiga Atlântida ou nos tempos modernos em que agora viveis, frequentemente, por um tempo, o mal vence o bem, pois a bondade não procura poder, não procura as coisas da Terra por si mesmas, a bondade não retalia, a bondade dá amor.

Em todos os grandes ensinamentos, todos os grandes mestres e filósofos, isto foi dito — e todos sofreram em consequência disso. Mas a bondade, mesmo quando parece diminuir ou ser posta de lado, renasce, porque a bondade é espiritual, e as coisas do espírito não morrem. O mal da Terra, o mal das mentes dos homens, estas coisas dominam durante um tempo. Quando chega a hora, a bondade chora, porque a bondade encontra sempre a sua recompensa — e é sempre espiritual, nunca material.

Atlântida, que fica tão distante, tão obscuramente registada e recordada, mesmo por almas deste lado, ainda assim, as tribos de que falo — das quais fizemos parte, e uma em particular — passaram por eras de tempo e muitas experiências em conjunto, e trouxeram e deram, em consequência, muito conhecimento e sabedoria a outros. Esta geração em que agora existimos, o médium existe, e outras almas que conheces, cada uma de vós está a cumprir um plano; estais a abrir portas para que outros entrem, e verão através de vós a sabedoria que encontrastes e que dais a quem estiver disposto a receber.

Este é um tempo de grande recompensa para ti. Não deves falhar contigo mesma. Não deves deixar de ter fé na realização de que a tua vida foi uma de serviço — não talvez no sentido que alguns dão a essa palavra, mas tu serviste, à tua maneira. Embora a tua vida não tenha sido, talvez, como desejavas, em certo sentido foi, pois escolheste regressar à Terra para cumprir, em parte, um plano concebido no teu espírito em ligação com outros e em cooperação com outros. Agora estás a concluir esse trabalho que começou há tanto tempo. Não me peças, pois não posso explicar-te exatamente como isto está a ser feito, pois não é para ti, mesmo agora, compreenderes tudo por completo.

Aqueles da tribo chamada a "Casa", que começou há tanto, tanto tempo, continuam a trabalhar como faziam nos tempos antigos, para a elevação das almas mais simples, dos não-iniciados, dos subdesenvolvidos, dos maus, dos tolos e dos ignorantes, e tu desempenhas um papel que permite a outros, dentro de ti e à tua volta, trazerem à luz o cumprimento de um plano. Mesmo que sintas que o teu papel é insignificante ou pequeno, não importa — pois não o vemos assim. Há outros à tua volta, que conheces, e outros que ainda não conheces, que desempenham um papel maior, mais importante aos teus olhos. Mas todos sois importantes: cada um é vital para o cumprimento do plano da Casa, da tribo a que escolheste regressar vezes sem conta, em diferentes épocas, para trazer esclarecimento a muitos, para lhes dar coragem, inspiração, para buscar, para procurar e encontrar — e, por sua vez, que eles próprios se tornem portadores de boas novas e, em consequência, elevem o homem, dando livremente aquilo que tu viste e deste.

O instrumento que uso é um deles; há outros também, alguns que conheces, outros que não. Mas todos foram reunidos, alguns do teu lado e outros deste, e somos todos um só povo, um só grupo, que começou há tantos, tantos séculos na antiga Atlântida, uma tribo ou uma das tribos de Lemúria. Tu, minha criança, eu e outras almas estamos a continuar o nosso trabalho para trazer sabedoria, esclarecimento, grande verdade na escuridão do vosso mundo. Embora o vosso mundo tenha mudado muito ao longo dos séculos, não importa quantas mudanças tenham ocorrido — os corações e as mentes das pessoas continuam muito semelhantes. Há aqueles que vivem na escuridão e não veem a luz. Há aqueles que recebem a luz e, em consequência, aspiram a dá-la.

Estamos todos a servir, a trabalhar e a cooperar juntos, e o trabalho do instrumento que uso foi iniciado há muito tempo, trabalho esse que agora está a sofrer mudanças, a fazer realmente aquilo que esperávamos que ele fizesse. Estas coisas começam a tomar forma e verás nos próximos meses, como te prometi, mudanças — mudanças surpreendentes — e no que chamas de ilusão ou psicismo, receberás provas extraordinárias, mas mais importante que as provas, revelações do espírito que trarão felicidade, para que tenhas a satisfação de saber que, quando chegar a tua hora de ser libertada do corpo terreno, partirás com a plena realização de que cumpriste, de que o teu trabalho foi feito — e o trabalho do espírito continuará através de outros.

Os laços que nos unem são tão fortes, tão imensos, que ninguém poderia por um momento descrever ou explicar, pois temos sido tanto uns para os outros, de tantas formas diferentes, e fazemos parte de um grande quadro do qual somos apenas pequenas porções do todo. Aquele que criou no início e nos deu vida, deu-nos a capacidade de procurar, de lutar, de nos elevarmos, para que muito do que está no quadro tenha sido criado com grande beleza. Aqui e ali há quem complemente este quadro com escuridão e monotonia, como de facto deve ser, e mesmo esses, que ainda permanecem e têm muito a aprender, são nossos irmãos e irmãs, e nós havemos de lhes dar aquilo que encontrámos, para que também a sua luz brilhe, e muito realizaremos em consequência. Quando tudo estiver terminado e o nosso trabalho concluído, aquilo que tivermos criado será belo de contemplar.

Tu, minha criança, nos últimos anos desta vida terrena, foste-te dada uma oportunidade que poucos têm, porque tu própria, em conjunto com outros, tornaste isso possível — estás a cumprir a tarefa que te foi confiada, e terás a alegria de ver essa tarefa concluída, em parte, antes de te juntares a nós. E estarás deste lado, um dia, e encontrarás essa paz e felicidade que o teu coração procura, junto de certas almas em particular que tanto significaram para ti em vidas passadas.

Tudo isto de que falo é real. Há quem no vosso mundo não compreenda. Há quem não queira saber, não queira entender. Há quem esteja preso por todo o tipo de coisas — principalmente

por coisas dentro de si, pois estão presos à Terra — mas nós havemos de libertar, esperamos, pelo menos alguns, das suas correntes. Abriremos os olhos de alguns para a verdade e teremos a satisfação de saber que haverá outros que tomarão o nosso lugar, continuarão o nosso trabalho, e nós trabalharemos com eles e através deles nos anos que virão, pois a nossa tarefa é salvar a humanidade, trazer paz — paz verdadeira — trazer conhecimento, trazer verdade, para que a humanidade encontre o caminho para a verdadeira felicidade do espírito. Ainda temos grandes coisas a fazer, e quando chegar a hora, estas coisas tornar-se-ão claras para ti e para outros.

Faltam ainda uns poucos anos para ti. Esses poucos anos que restam serão anos de grande alegria para ti e de grande sabedoria. Sustentaremos-te de todas as formas, não só nas coisas da mente e do espírito, mas também no sentido material, em relação ao teu corpo físico, para que possa continuar a aguentar o esforço e a tensão das coisas terrenas por mais algum tempo, para que tenhas a alegria do cumprimento do espírito ainda na Terra.

Tudo isto que te prometi, e tudo o que outros te prometeram, há-de ser-te revelado a seu tempo, com paciência e amor. Trabalharemos juntos e juntos encontraremos o caminho do esclarecimento e da verdade, para que, por sua vez, possamos ajudar outros a trilhar esse caminho — o caminho da sabedoria, o caminho seguro, o caminho do espírito e da iluminação.

As minhas bênçãos para ti, minha criança, e voltarei quando voltares a sentar-te. Seja a hora que escolheres — às três em ponto, de manhã, à tarde, às nove, dez, onze ou mesmo à meia-noite — eu virei. Que a minha paz e o meu amor estejam contigo. Adeus!

Rosie Creet: "Adeus, Lucillus."

Mickey: "Tchau, Tia Rose, até breve!"

Rosie Creet: "Sim, querido."
(a gravação termina)

Sessão com Florenz Ziegfeld — Sobre o Sexo

(A sessão começa com muitas gargalhadas e trocas bem-humoradas entre o controle de Leslie Flint, Mickey, o próprio Leslie Flint e os participantes Rosie Creet e o Sr. Rollingston.)

Guia espiritual Madame Blavatsky: "Não se incline para a frente, Sr. Rollingston, relaxe!"

Sitter Sr. Rollingston: "Estou relaxado..."

Guia espiritual Madame Blavatsky: "Obrigada."

Sitter Rosie Creet: *(ri-se)*

Leslie Flint: "Estavas inclinado para a frente, Les?"

Comunicação Florenz Ziegfeld: "Olá..."

Sitter Rosie Creet: "Olá?"

Florenz Ziegfeld: "...conseguem ouvir?"

Rosie Creet: "Sim, Flo! Sim, ouve-se bem."

Florenz Ziegfeld: "Muito bem. Vim só dar um saltinho por uns minutos para ter mais um pouco de experiência a falar convosco. Conseguem ouvir o que eu…"

Rosie Creet: "Sim, tu… [inaudível] Flo, vieste mesmo!"

Florenz Ziegfeld: "Quero fazer a minha… [inaudível] do vosso lado, se eu por acaso…"

Rosie Creet: *(ri-se)*

Florenz Ziegfeld: "A perseverança é das coisas mais importantes, se queremos fazer seja o que for, de qualquer forma."

Rosie Creet: "É bem verdade, foi isso que tiveste na Terra."

Florenz Ziegfeld: "Se queremos comunicar, temos de aguentar e continuar a insistir, insistir. Se vocês vissem todas estas pessoas por aqui, acho que teriam assunto para conversar o resto da vida!"

Rosie Creet: "Hmmm. Já que estás aqui, podias aproveitar para nos contar qualquer coisa da tua banda, ou assim…"

Florenz Ziegfeld: "Bem, acho que não me enganava se dissesse que aqui tenho, pelo menos, uma pessoa de cada nação ou nacionalidade, de todas as gerações sob o sol. Sabem, quanto mais se vê a vida, mais se percebe o quanto ainda temos para aprender. Mesmo deste lado, vejo almas que cá estão há séculos e séculos e séculos, que progrediram para lá de qualquer aparência física, mas que ainda conservam, por assim dizer… a personalidade, porque é a personalidade que se sente e que se intui — e, de certo modo, se vê — mas não se vê essa personalidade, não se vê esse indivíduo, por assim dizer, numa forma física ou contorno, é algo de que se está consciente, e são almas muito evoluídas, que deixaram completamente para trás todas as condições da Terra, todos os vestígios da vida material. São totalmente, única e inteiramente Espírito e, em consequência, o organismo físico e exterior desapareceu por completo."

Rosie Creet: "Queres dizer que só se intui, que não se ouve nada?"

Florenz Ziegfeld: "Bem, pode ser que seja isso, porque eu não consigo alcançar esses níveis e eles não conseguem manifestar-se no plano em que eu existo. Sem dúvida, com o tempo, quando eu subir o suficiente, tornar-se-ão visíveis para mim como seres humanos — ou melhor, como almas, como espíritos de pessoas. Se terão exatamente a mesma forma, duvido; não sei. Mas há uma coisa que se torna muito evidente aqui: quando cá estamos algum tempo — ou melhor, quando progredimos minimamente — vamo-nos apercebendo de que todas as características físicas que diferenciam homem de mulher vão gradualmente desaparecendo, e fica em seu lugar um ser sem sexo, um espírito sem sexo, sem diferenças físicas reais. Não sei se me estou a fazer entender…"

Rosie Creet: "Sim, Flo, acho que sim…"

Florenz Ziegfeld: "Acho que, quando vamos ao fundo da questão, percebemos que a forma exterior do corpo humano é apenas uma questão de… bem, quase se podia dizer de acaso. Se é

realmente acaso ou não, não sei, mas o facto de se nascer homem ou mulher, no fundo, não tem grande importância. Simplesmente acontece: crescemos, somos mulher ou homem, ou uma mistura dos dois.

Pois bem, deste lado, começamos a perceber que há uma fusão, por assim dizer, muito maior do que na Terra, entre o masculino e o feminino. Há uma espécie de rejuvenescimento — nem sei se esta é a palavra certa — mas há uma consciência desperta das realidades cósmicas, uma consciência da vida, espiritual, que gradualmente dissolve todas as velhas ideias terrenas sobre homem, mulher, sexo e tudo o que está ligado a isso no vosso lado. Não acontece de imediato, tenho a certeza que não. Pelo menos no meu caso e no de muitos amigos daqui, sei que conservam a aparência exterior, tal e qual como na Terra — ou talvez um pouco mais jovens. Mas sei, por alguns com quem já me liguei ou comuniquei, que à vista já não têm sexo nenhum. Não sei se estou a descrever isto bem, mas a questão é… que se perde…"

Rosie Creet: "Perde-se também algo das emoções, suponho?"

Florenz Ziegfeld: "Sim, tudo se eleva para um nível muito, muito mais refinado, uma etapa ou estado de evolução onde o amor é o fator dominante — mas é um amor que é total e absolutamente espiritual, onde os velhos desejos e as velhas condições físicas se dissipam. Mas isto pode não acontecer a alguns durante muitos e muitos séculos de tempo — tal como vocês o medem."

Rosie Creet: "Então, os órgãos do corpo também desaparecem, não é? Os nossos órgãos, tudo isso desaparece gradualmente?"

Florenz Ziegfeld: "Sim, sim, mas vejam: penso que alguém já vos terá dito, não sei, esta ideia de que gradualmente todos os órgãos internos desaparecem. Por exemplo, quando aqui chegamos, ainda temos vontade de comer, de beber — e temos essas coisas — mas aos poucos esse desejo vai-se embora, o desejo de comer desaparece, o desejo de beber também, e com o passar do tempo, sem grande consciência disso, certos órgãos começam a desaparecer. Já não têm valor nem serventia. O mesmo se aplica aos órgãos físicos, aos órgãos sexuais, por exemplo."

Rosie Creet: "Sim, mas em certos momentos deve haver forma, não é?"

Florenz Ziegfeld: "Sim, sim, claro. Mas o que estou a tentar dizer é que há uma mudança gradual na mentalidade, na personalidade, no carácter da pessoa, e à medida que o corpo espiritual vai sendo moldado pelo mental, pelo emocional, pelo íntimo — pela alma, se quiserem — também estas mudanças vão acontecendo, gradualmente. E chega-se a um ponto em que se deixa de existir num certo plano ou planos, e passa-se para um estágio muito mais elevado de ser, um nível de vida muito mais alto, onde tudo é muito diferente, onde se perde a forma exterior como a conheciam."

Rosie Creet: "É preciso passar por uma espécie de morte, como nós passamos aqui?"

Florenz Ziegfeld: "Sim, de certa forma é, mas não é o mesmo tipo de morte. Não sei como hei de explicar isto."

Rosie Creet: "Pois…"

Florenz Ziegfeld: "Olha, podemos falar numa crisálida e numa borboleta — dá-vos uma ideia, ainda que vaga, do que quero dizer. À medida que progredimos, vamos percebendo que o

corpo que usamos já não nos serve para nada, e abandonamo-lo. Entramos numa espécie de coma mental, se quiseres, e quando saímos desse estado, percebemos que estamos sem aquele corpo — que não passava de um reflexo do corpo físico, no fundo — e damos conta de que temos uma forma muito mais purificada, mais rarefeita, embora não na forma que conheceram na Terra. Vejam, o corpo etérico é uma cópia exata do corpo físico, mas isso não é mais o "verdadeiro tu" do que o corpo físico é. É só o invólucro, o veículo da alma."

Rosie Creet: "Sim."

Florenz Ziegfeld: "E é a alma que continua, não o corpo etérico. Esse pode durar talvez séculos, como vocês contam o tempo — talvez milhares de anos — porque há muitas fases de vida, muitos planos de atividade. Conserva-se a forma exterior talvez por séculos. No meu caso, sei que ainda estou muito longe de me tornar uma alma completa. Neste momento, sou apenas um indivíduo que progrediu até certo ponto, mas sei que ainda mantenho toda a aparência e forma que tinha na Terra — e acho que isso vai continuar por muito tempo, porque sei que tenho muito que aprender!"
(Nota editorial: Na altura desta gravação, Flo tinha morrido há apenas 22 anos.)

Florenz Ziegfeld: "Porque sei que, eventualmente, será como aquelas pessoas que não vemos, mas que sabemos — sentimos, por assim dizer. Não sei como dizer isto, mas temos aqui médiuns, num certo sentido, como vocês têm no vosso mundo — seres altamente rarefeitos, que não podem ir para lá — para esses estados muito elevados de existência — mas que conseguem receber alguma informação e ajuda, que passam para nós, os menos afortunados e menos desenvolvidos."

"Cada fase, cada etapa da humanidade tem de ser alcançada, superada, e daí progride-se para um novo reino, um nível mais alto. Cada indivíduo passa por estágios — vocês estão a passar por um estágio agora — e quando chegarem aqui, passarão por um processo de mudança. Continuarão a viver uma vida muito semelhante em certos aspetos; continuarão a ter as mesmas reações mentais, sobretudo em relação ao amor e ao afecto. Continuarão a ter, talvez, até as mesmas paixões. O amor físico existe deste lado. Não é algo que se deite fora de imediato. Não é algo desprezado. É algo perfeitamente natural. Mantêm-se ainda as mesmas atitudes mentais em relação a certas coisas, e enquanto essas coisas forem importantes, enquanto forem vitais, continuarão a ter essa capacidade de viver assim. Não há vergonha nenhuma nisso. Ninguém pode, de repente, tornar-se uma alma completa e perfeita. Tem de se passar por todas essas diferentes condições e etapas.

Também aqui nascem crianças, em certos planos — e essas crianças são lindíssimas porque nascem da mente, da alma e do espírito. Nascem, por assim dizer, do amor, e embora os corpos psíquicos — se posso usar essa palavra — sejam usados para procriar a criança em união, já não há essa contaminação, digamos, da essência verdadeiramente material. Há tantas coisas que vos queremos explicar, mas a questão é que é muito difícil.

Se conseguissem, suponho eu, dividir cada plano em várias secções, isso poderia ajudar, mas é muito complicado. Aquilo que uma pessoa vos conta — como o nosso amigo que falou há pouco da casa na névoa — essa foi a experiência dele, mas isso porque ele só tinha atingido certo desenvolvimento, certa etapa — de facto, quase se pode dizer, no caso dele, que não tinha chegado muito longe, mas teve de construir a sua própria ponte, era algo que tinha de fazer por si mesmo. Mas assim que desejou ajuda, orientação e elevação, ficou mais fácil para os amigos dele ajudarem-no. Aos poucos, foi sendo guiado. Mas há pessoas que, quando chegam aqui, por terem vivido vidas exemplares do vosso lado, avançam muito mais depressa — e a receção que têm é bem diferente, a experiência também é diferente.

Mas, como digo, cada um que cá chega só pode contar a sua história à sua maneira — e embora haja diferenças, com o tempo tudo se encaixa, tudo combina como um puzzle; cada peça é importante para o todo."

Rosie Creet: "Sim, isso faz com que todas as histórias sejam muito, muito interessantes, tão variadas."

Florenz Ziegfeld: "Pois é, são sempre interessantes, eu sei, mas têm de ter muita paciência, sabem? Porque não é fácil vir falar convosco. Não é fácil para nós formar palavras para descrever aquilo que queremos dar-vos a entender. Tudo o que vos contamos, quero que percebam que é apenas um vislumbre daquilo que tentamos transmitir. Temos de reduzir tudo à linguagem material — e muito se perde. Mas fazemos o nosso melhor, sabem?"

Rosie Creet: "Esses vislumbres já nos ajudam imenso."

Florenz Ziegfeld: "O que quero que saibam, acima de tudo, é isto: seja como for que tenha sido a vossa vida na Terra — muito boa, muito má, ou assim-assim, como a maioria — há sempre uma oportunidade, há sempre um lar, há sempre uma esperança, e sobretudo há sempre um amor que vos sustém, vos ajuda, vos guia, vos eleva e vos salva. Há tantos amigos aqui, de todos os graus, de todas as condições, de todos os estágios de desenvolvimento, sempre prontos para dar uma mão aos recém-chegados. Ninguém precisa ter medo de morrer, seja qual for a sua condição, porque no fim, mais cedo ou mais tarde, há sempre um caminho. Mesmo que seja uma alma pobre que tenha feito coisas muito feias — talvez haja algo redentor nele, talvez tenha havido algo lá atrás na sua história, na história dos pais, que tenha semeado uma semente que o levou a fazer certas coisas erradas — talvez muito erradas.

Mas há sempre amor, há sempre uma força, há sempre um caminho para cada filho de Deus. Ninguém é impedido de pedir ajuda — pois logo que haja dentro de si um desejo redentor, por assim dizer, então está no caminho certo. Pode não ser um caminho fácil, pode ser difícil para alguns, mas nunca se está sozinho, como o amigo que vos foi falado, que se perdeu na névoa. Aquela condição de névoa foi criada pelos pensamentos — os maus pensamentos, os pensamentos doentios de inúmeras almas que a criaram a partir do vosso mundo. Em volta do vosso mundo existe uma terra de névoa. Paira sobre a Terra como uma poça negra. Algumas pessoas, quando deixam o vosso mundo, passam por ela sem sequer darem por isso, porque as suas mentes e vidas foram elevadas a tal ponto que não podem ter consciência da sua existência.

Mas há muitos para quem essa névoa é uma realidade — e ali ficam presos, pairando por lá durante algum tempo. E por vezes, em vez de subirem para nós, acham mais fácil descer até vós. E ficam a pairar à volta do vosso mundo, em vez de se fundirem nessa condição de depressão e bruma que envolve a Terra — e impregnando-se nas mentes e mentalidades das pessoas mais fracas. Por isso têm de ser fortes no vosso mundo. Têm de aprender a superar-se a vós próprios. Têm de aprender a vencer aquilo que sabem que está errado em vós. É por isso que é tão importante terem coragem, fé, e amor bastante por toda a humanidade — e mesmo que um indivíduo seja impuro, tentem ter alguma simpatia, procurem ter compreensão, porque quando emitem pensamentos de bondade, quando emitem amor, quando emitem simpatia, estão a ajudar não só os indivíduos em causa, mas a vós mesmos, e também àqueles que andam presos à Terra — e acreditem, são muitos.

Se pudessem vê-los — e se vissem os lugares que eles frequentam — não se aproximariam de nenhum deles. Tomem o homem bêbado: por vezes ele assombra os lugares onde ia quando estava na Terra. Vê os seus antigos companheiros a beberem mais um copo e, muitas vezes, retira grande satisfação disso. E os vícios, a parte mais baixa dele, entra, por assim dizer, no organismo físico do amigo ou de quem quer que seja — e isso cria influências. Vejam os vossos jornais: lêem lá, não é? Que alguém foi atacado, uma rapariga foi atacada, e na noite seguinte mais outro caso, depois mais três ou quatro. Pois bem, essa condição surge porque afeta as mentes de outros. Impregna-se em mentalidades fracas — e talvez alguém aqui, num momento de loucura, cometeu um assassinato. Fica por ali a pairar, impregnando os seus pensamentos noutra pessoa com uma mente fraca e natureza semelhante — e alguém faz o mesmo crime.

Verão sempre, no vosso mundo, que um acto gera uma dúzia de outros ou mais. É como a guerra: cresce na sua intensidade e ferocidade. Uma vez lançada a bola, por assim dizer, ela ganha velocidade e junta a si uma força e um poder tremendo. Quanto maior o grau, maior a força por trás. Vocês não fazem ideia, no vosso mundo, do que é o poder do pensamento. Por isso é tão importante que, quando pensam, pensem pensamentos retos, vivam vidas rectas, façam o que está certo — e eu sei que se se esforçarem sempre por dar o vosso melhor, não se podem enganar muito, porque há muitos bons amigos aqui para vos guiar, ajudar, elevar, partilhar todos os vossos pequenos problemas e dificuldades — e orientar-vos, se puderem. A vida é para ser vivida — mas há uma forma de vivê-la!"

(Neste ponto, surge o Comunicador Escocês Jock / David)

Jock: "Conseguem ouvir o que digo?"

Rosie Creet: "Oh! Está cá outra pessoa agora."

Sr. Rollingston: "Sim, é um escocês."

Rosie Creet: "Oh, escocês? É?"

Sr. Rollingston: "Sim, a voz mudou de repente."

Rosie Creet: "Sim, eu..."

Jock: "Ora bem, está tudo bem, agora tomo eu conta disto. O meu amigo cansou-se, então achei que tomava o lugar dele, porque estamos os dois na mesma vibração de pensamento e posso, com toda a facilidade, passar os pensamentos dele."

Rosie Creet: "Oh, isso é interessante!"

Sr. Rollingston: "Foi uma mudança muito subtil."

Jock: "Olá, conseguem ouvir agora o que digo?"

Rosie Creet: "Sim."

Jock: "Ótimo."

Sr. Rollingston: "Já cá estiveste antes, não foi?"

Jock: "Aye, muitas vezes no passado. Já ando bem perto do instrumento há muitos anos."

Sr. Rollingston: "Pois tens, sem dúvida..."

Jock: "Aye, lembro-me de ti agora, rapaz."

Sr. Rollingston: "Pois é..."

Rosie Creet: "Jock, explica-me lá como é que isso acontece? Ele fica cansado?"

Jock: "Não, mas tens de perceber que estamos todos a trabalhar juntos aqui, num plano mental — é tudo mente sobre tempo. Enquanto que para vocês, no vosso mundo, é tudo físico, obviamente; aqui é mental.

Podemos transmitir, por assim dizer, todos os nossos pensamentos, e todos podem ter a sua vez — e um pode tomar conta automaticamente do outro, todos ligados uns aos outros."

Rosie Creet: "Oh, é a primeira vez que isso acontece..."

Jock: "Ah, é fascinante, aye, e ainda não sabes de metade! Aye, tenho muitas coisas na manga para ti! Aye, todo o tipo de experiências também! Acho que esta sexta-feira vai ser uma daquelas... bem, acho que vai ser algo ainda maior do que imaginas — mas vai levar o seu tempo. Assim que conseguirmos entrar na mesma vibração mental, trabalhando convosco em harmonia total, sei que podemos fazer coisas maravilhosas."

Rosie Creet: "Ooo! Tenho a certeza de que sim. Estamos todos absolutamente entusiasmados."

Dr. Charles Marshall:
"É uma grande pena, uma grande pena mesmo, quando se olha para trás — e quando qualquer pessoa, aliás, olha para trás — apercebe-se, em particular, de como é estúpido permitir-se ficar, por assim dizer, tão afetado por coisas como credos e dogmas, em especial. Isso estreita a visão, estreita a compreensão. Torna-os estáticos."

Rosie Creet: "Pois é. Isso é mesmo aquilo que eu não consigo perceber de todo..." [Rosie sobrepõe-se ao Dr. Marshall]

Dr. Charles Marshall:
"Veja, eu acho que a pior coisa que pode acontecer, de certa forma, a um indivíduo, mentalmente, é tornar-se estático..."

Rosie Creet: "Sim."

Dr. Charles Marshall:
"... e ter uma mente fechada, não estar recetivo, nem sequer aceitar ouvir. E para mim parece extraordinário que uma pessoa se deixe ficar assim, estática. Toda a vida é tão vasta, nos seus muitos, muitos campos e aspetos, e a verdade é tão imensamente ampla no seu conceito. Uma pessoa pode ter um fragmento de verdade, mas não passa de uma partícula minúscula. É como um grão de areia no deserto. Se ao menos as pessoas percebessem as tremendas possibilidades que têm pela frente... Se ao menos percebessem aquilo que têm nas mãos — que pode dar-lhes

grande consolo, sem dúvida — mas é só uma partícula da realidade; não se deve querer ficar parado. Infelizmente, muitas pessoas ficam tão paradas. Por causa do seu passado e da educação que tiveram, não querem aventurar-se, por assim dizer. A vida é uma grande aventura. Tantas experiências são necessárias e essenciais para a evolução e desenvolvimento de cada um, não só materialmente, mas mental e espiritualmente."

Rosie Creet: "Sim, eu sei, eu fiquei tão surpreendida..."

Dr. Charles Marshall:
"Uma das piores coisas que pode acontecer a uma pessoa é deixar-se prender por dogmas e credos e tudo o resto. Se a mente de uma pessoa não for livre, não consegue assimilar verdade, nem conhecimento, nem experiência. Ficam limitados, presos, acorrentados de tal forma — e digo isto como uma das piores coisas, senão mesmo a pior coisa que pode acontecer a uma alma, a uma pessoa. É preciso ser livre — liberdade para se exprimir, liberdade para assimilar a verdade, o conhecimento, a experiência."

Rosie Creet: "Ela tinha grande inteligência, sabe doutor, querido, isso devia tê-la tornado livre." [Referindo-se a alguém mencionado antes.]

Dr. Charles Marshall:
"Essa é a tragédia. Essa é a tragédia."

Rosie Creet: "Não consigo perceber."

Dr. Charles Marshall:
"Acho que muita gente tem medo. Acho que o medo é a base. Têm medo de que — bem — possa ser mau para eles se se aventurarem ou se abrirem as asas. Preferem ficar no ninho em vez de abrir as asas."

Rosie Creet: "Sim, é medo."

Dr. Charles Marshall:
"É muito triste."

Rosie Creet: "Sim, do que lhes foi ensinado desde criança."

Dr. Charles Marshall:
"Pois, isso é uma das coisas mais importantes que se tem de aprender a deitar fora quando se chega aqui. Para alguns, é muito difícil — especialmente para pessoas com convicções religiosas muito fortes. Acho que são essas que têm mais dificuldade. Às vezes quase penso que é melhor as pessoas não terem convicções religiosas nenhumas. Pelo menos não têm a mente tão sobrecarregada, nem fechada."

Rosie Creet: "Ah, é isso mesmo."

Dr. Charles Marshall:
"Acho que essa é a tragédia que vejo tantas vezes em tantas almas aqui deste lado. Não conseguem ajustar-se rapidamente. Estão tão cheias de barreiras que criaram — barreiras que, em alguns casos, provavelmente lhes foram criadas pelo contexto em que cresceram. É-lhes difícil livrarem-se das antigas crenças. Rapidamente se apercebem, alguns pelo menos, de que essas coisas não são assim. Sabe, há pessoas — felizmente, provavelmente a maioria — que começam depressa a pôr tudo em ordem. Percebem que aquelas coisas já não se aplicam. A

verdade fundamental que percorre todas as religiões — é como uma veia que todas têm em comum. Isso está certo, mas lamento dizer que muito se perde porque as pessoas não querem escavar mais fundo, não querem procurar, não querem ir à descoberta. Têm tanto medo."

Dr. Charles Marshall:
"Acho que os credos e os dogmas têm muito que responder. E são quase todos, se não mesmo todos, invenções humanas — isso é que é extraordinário. Não são coisas que tenham sido criadas num sentido espiritual, pelo poder do espírito, pela manifestação do espírito. Não foram coisas decretadas por qualquer entidade, e de facto o mais extraordinário é que a maioria das religiões baseia as suas 'verdades' na realização espiritual que lhes foi dada por pessoas ditas 'mortas'. O mais extraordinário é que, se não fosse, por exemplo, o regresso de Cristo depois da sua morte, não poderia ter existido uma religião cristã. Ele teve de regressar para provar a realidade da sua sobrevivência após a morte, e todas as religiões têm esse mesmo tema: a vida depois da morte."

Rosie Creet: "Sim."

Dr. Charles Marshall:
"E, no entanto, quando se fala destas coisas às pessoas, muitos afastam-se como se fosse algo de que não se devesse falar ou investigar. É semelhante ao medo, e no entanto a base daquilo que aceitam está assente nestas verdades que desde tempos imemoriais foram dadas à Terra por entidades deste mundo."

Rosie Creet: "Mas todas as religiões têm essa crença."

Dr. Charles Marshall:
"Gostava tanto que pudéssemos fazer mais do que fazemos. É mesmo triste, por vezes, quando olhamos para baixo e vemos o estado de coisas no vosso mundo — e quanto poderia ter sido mudado, se as pessoas compreendessem estas coisas de que falamos. A doença do mundo, a doença mental e material do mundo, é aquilo que o homem trouxe sobre si mesmo. E o mais extraordinário é que grande parte destas pessoas — bem-intencionadas, bem-dispostas, muitas vezes aquilo que vocês chamam 'religiosas' por inclinação ou por aceitação de uma religião herdada pela educação — estão tão presas ao materialismo, que a sua realização espiritual simplesmente não funciona, não vem à superfície, não as ajuda.

Sabem, muitas vezes, que coisas que pensam e fazem são más ou doentias, mas não têm a coragem da sua convicção. A tragédia do vosso mundo é que o homem não percebeu a realidade desta verdade de que falamos, que poderia mudar toda a sua forma de ser ou de viver. As pessoas falam de espiritualidade de forma leviana, mas mantêm-na tão separada, tão afastada, em vez de usarem esses pensamentos e pô-los em prática no dia-a-dia — o que mudaria não só as suas próprias circunstâncias e condições, mas também o mundo inteiro em consequência. Não importa se são católicos ou protestantes, cristãos ou budistas, seja o que for; o ponto é que toda a humanidade está presa na mesma realização do que é, no fundo, a vida após a morte. Quero dizer, ninguém pode escapar a isso."

Rosie Creet: "Acredito que a vida na Terra arruinou a realidade da espiritualidade. Nunca devíamos ter nascido na Terra. É nascer na Terra que estragou tudo."

Dr. Charles Marshall:
"Mas minha menina, tens de vir ao vosso mundo: é um terreno de treino, é uma sala de aula, é necessário para a evolução do indivíduo. Isto é o mais importante — e é por isso, muitas vezes, que inúmeras almas regressam uma e outra vez, para cumprir algo que é importante e essencial,

não só para a sua própria evolução e desenvolvimento, mas para fazerem também algum gesto em favor de outros, ajudando-os na sua evolução e desenvolvimento. O mundo terrestre é importante, mas o problema é que o homem não tem equilíbrio real. Essa é a tragédia — não se espera que todos andem por aí a viver uma existência cem por cento espiritual no mundo material. Não sugeriria tal coisa, nem seria possível. Embora nada seja impossível — mas o ponto é que se deve perceber que se pode ter equilíbrio e viver num sentido espiritual ou ser espiritualmente motivado."

Rosie Creet: "Mas as [limitações da própria vida terrena] fazem perder o equilíbrio. Não se consegue evitar."

Dr. Charles Marshall:
"Dizes isso, mas na minha opinião não é bem assim. É como se o homem tivesse dentro de si esta consciência interior, esta faculdade espiritual ou capacidade espiritual, se quiseres, que está dormente, latente. O espírito está lá dentro do corpo físico e material, a transbordar, por assim dizer, a tentar sair, a tentar exprimir-se, a tentar fazer algo com o material. A substância do espírito é tal que poderia dominar, poderia ultrapassar todos os aspetos mais baixos e grosseiros do materialismo. Mas o homem, infelizmente, na maioria dos casos, não tem real consciência disso, ou se tem, tem medo. E olha para o mundo material como sendo vital, vitalmente importante num sentido material e preocupa-se mais com o materialismo do que com qualquer outra coisa — e perde o equilíbrio. Penso que é o equilíbrio entre os dois. Se a motivação do espírito fosse tal que pudesse ser utilizada em todos os aspetos do material, o vosso mundo mudaria por completo. Não há nada de errado no mundo fundamental em si mesmo. Não há nada de errado no aspeto material da vida na natureza e na beleza do mundo. É o que o homem faz com isso, é o que o homem fez com isso no passado.

Vês, o ponto é que o homem ainda não alcançou a plena realização do poder que tem dentro de si — que é, claro, aquilo de que todos os grandes profetas, mestres e videntes falaram durante séculos e gerações. O homem tem de aprender o que é capaz de alcançar, o que pode fazer a partir de si mesmo. Diz-se que o poder de Deus está dentro de nós — o que é verdade: Deus está dentro. Quero dizer, quando usamos o termo 'Deus', é claro que, quando o dizemos, muitas pessoas pensam imediatamente numa espécie de criatura estranha, de forma humana, mas altamente evoluída e separada do homem, sentado num trono branco. Deus não é uma pessoa nesse sentido. Deus não tem forma nem figura. Deus é, por assim dizer — volto a usar esta expressão — Deus é infinito, é um poder que está para lá da compreensão do homem. Mas é uma força viva, uma realidade viva, que anima toda a vida. A vida é animada pelo poder do espírito — o poder da Divindade, se quiseres — não sei bem como se há de exprimir isto, como se pode realmente compreender, mas esta é a parte do homem que deve ser desenvolvida e feita, por assim dizer, capaz de vencer o material. Se se percebesse isto, nada seria impossível, de facto.

Quero dizer, olha para ti mesma: tens dentro de ti uma consciência interior, uma perceção destas coisas de que falamos. Tens grande fé, e em consequência uma fé que, até certo ponto, te ajudou a manter inteira. Quero dizer, tens fé em mim. Tens fé no Stephen. Tens fé em inúmeras almas deste lado. Tens agora uma fé renovada no teu médico. Vês, isso também te ajudou. Foi-te dada confiança. Aprendeste a ter confiança em todos os que se esforçam por servir e ajudar. Isto é o que é tão importante: o aspeto positivo do pensamento, de que falei no início. Tens essa atitude positiva da mente em relação ao poder do espírito. Claro que há momentos em que te sentes um pouco em baixo ou deprimida, as circunstâncias são difíceis. Às vezes as coisas materiais parecem esmagadoras, mas tens ainda uma perceção fundamental destas coisas de que temos falado há tanto tempo, que te permitiram continuar, que te permitiram — bem — aconteça o que acontecer, vença o que vencer, ultrapassar.

Vês, se ao menos as pessoas percebessem o poder que têm dentro de si, perceberiam que se pode ultrapassar muito, que muito bem pode ser alcançado, que muito bem pode florescer em circunstâncias em que se pensaria ser quase impossível. Não há nada impossível para o ser humano que tenha fé e a perceção do poder do espírito — e tu tens isso. O Stephen também tem, claro. No início, quando ele chegou, estava deprimido, infeliz, estava preso à Terra. Estava amarrado, bem, por toda a espécie de pensamentos e sentimentos que não eram nada elevados. Eram muito materiais. Ele perdeu tudo isso. Encontrou tanta alegria, tanta felicidade, tanto que se pode alcançar. Já alcançou muito. Vês, isto é o que é tão importante: as pessoas perceberem que o poder dentro de si é tal que pode ultrapassar tudo.

Não há razão para que qualquer pessoa não possa alcançar, de uma forma ou de outra, mesmo coisas que à superfície pareçam ou parecessem impossíveis de alcançar. Mesmo quando se pensa — quero dizer, vê-se no vosso mundo, de várias maneiras, como as pessoas ultrapassam grandes desvantagens. Há pessoas que, por exemplo, não conseguem usar as mãos, seja por acidente de nascença ou o que for, e aprendem a pintar com os pés, usando os pés como se fossem mãos. É um exemplo simples, talvez sem comparação, mas o que quero dizer é: se tiveres fé em ti mesma para conseguires o que queres alcançar, se tiveres um pensamento positivo sobre isso e trabalhares nesse sentido, alcançarás. Nada é impossível para quem realmente põe tudo de si nisso. E no sentido espiritual, esta é a parte mais importante, obviamente: é que a realização que pode ser trazida à existência pelo poder do espírito, a perceção de que se pode fazer, pode alcançar, pode ultrapassar. O poder do espírito transformará todo o mundo terrestre em algo que está para lá da vossa imaginação.

O homem cria o caos, o homem cria miséria à sua volta no vosso mundo pela estupidez do pensamento e pela estupidez da ação. Coisas estúpidas, coisas terríveis acontecem porque o homem, ele próprio, infelizmente, na maioria dos casos, está tão preso ao material, às coisas materiais, pondo-as em primeiro lugar. Mas se ao menos houvesse equilíbrio entre o mental, o espiritual e o material em cada ser humano, sobretudo nos lugares de poder, onde estão em posição de criar — se quisessem — tanto bem para o mundo, mas muitas vezes criam caos e miséria, e perdem o equilíbrio. Vês, equilíbrio, equilíbrio, equilíbrio é a minha palavra-chave hoje, digamos assim, em relação a tudo. Não esperamos perfeição das pessoas da Terra, por que haveríamos de esperar? Não somos perfeitos nós mesmos. Estamos todos a lutar por algo um pouco mais, um pouco melhor, um pouco mais sábio, um pouco mais compreensivo, um pouco mais de realização da verdade. Todos estes passos, e são passos na direção certa, podem às vezes parecer lentos e pesados. Não se ganha muito depressa, talvez. Mas aprendemos devagar, mas com certeza, e ganhamos confiança pelo caminho. Sinto apenas que a tragédia do vosso mundo é o homem não ter encontrado equilíbrio entre o espírito e o material.

Deveria haver uma força motriz do espírito no material e em todos os aspetos da vida — seja na política, seja na religião, seja nas relações pessoais, entre amigos ou família — equilíbrio, equilíbrio, equilíbrio, a realização do poder do amor, em particular, faz tudo possível, ultrapassa tudo, pode não parecer assim no momento, mas no fim, a longo prazo, isso é que é importante, verás que o amor em si ultrapassará todos os erros do homem. Mas é preciso dar-se completamente, dar-se absolutamente em amor. É isso que fazemos — e encontramos grande alegria e felicidade no serviço, ajudando os menos afortunados, trazendo-lhes esclarecimento, fortalecendo-os quando estão em baixo e deprimidos, ajudando-os a ver a realidade da verdade e assim sair do lodo, encontrar um terreno firme para poderem seguir em frente e encontrar a alegria e a felicidade que nós encontramos.

Minha Rosa, se ao menos as pessoas percebessem este espiritualismo, como lhe chamam — se ao menos o compreendessem e praticassem… esse é o problema. Tão poucos compreendem, e os que compreendem muitas vezes não praticam. Vês, isto mudaria as pessoas, torná-las-ia

melhores. Se literalmente pudermos elevá-las, tirá-las do lodo do materialismo, com isto podemos torná-las mais fortes espiritualmente e mentalmente — e então teremos alcançado algo de valor. Sabemos quão importante é para as pessoas serem consoladas — e tentamos consolar as pessoas. Damos-lhes provas, damos-lhes convicção — e em muitos casos até as salvamos do suicídio. Mas o ponto é que muito poucas pessoas percebem realmente do que se trata. Ficam satisfeitas por riscar a superfície, não escavam fundo dentro de si — enquanto isso as ajuda a passar um obstáculo por agora, depois seguem o mesmo caminho material de sempre. Queremos tanto que as pessoas percebam as implicações do que falamos, mas às vezes sinto que falhamos. Bem, digo 'falhamos'. Elas falham — as pessoas, quero eu dizer."

Dr. Charles Marshall:
"Sabes, Rose..."

Rosie Creet: "Sim."

Dr. Charles Marshall:
"...embora hoje em dia não tenhamos muitas oportunidades de conversar, lembra-te sempre que estou perto de ti — e sempre que me envias os teus pensamentos, e às vezes ouço-te mentalmente dizer: 'Onde estás, querido doutor?'"

Rosie Creet: *[riso]*

Dr. Charles Marshall:
"Pois bem, muitas vezes estou aí."

Rosie Creet: *[mais riso]* "Acho que consigo sentir isso."

Dr. Charles Marshall:
"De qualquer forma, falei muito mais do que tencionava e queria que o Stephen também tivesse uma palavrinha contigo. Penso que agora talvez, talvez — não sei bem se o médium está a reorganizar-se ou o que ele está a fazer; parece um bocado atrapalhado. Mas enfim, espero que consigas vir pelo menos uma vez por semana."

Rosie Creet: "Oh, espero bem que sim, meu querido doutor."

Dr. Charles Marshall:
"Faz com que ele se organize. Estás a ouvir?"

Leslie Flint: "Sim!"

Dr. Charles Marshall:
"Então faz qualquer coisa quanto a isso! Tchauzinho!"

Rosie Creet: "Tchauzinho, meu querido doutor!"

Leslie Flint: *[riso]* "Tchauzinho! ... Oh céus."

Rosie Creet: "Obrigada pela tua palestra!"

(*O espírito 'Mickey' intervém a brincar, seguem-se mais riso — e a gravação termina.*)

Um homem desconhecido — Encerramento de uma sessão

Um espírito masculino desconhecido manifestou-se dizendo:

"A paz esteja contigo, meu filho."

Mas logo Mickey, o espírito controlador, interrompeu para avisar:

"O poder está a esmorecer. O poder está a ir."

E concluiu:

"Não consigo aguentar, boa noite."

Assim, a energia desvaneceu-se e a sessão terminou.

A história mais extraordinária de sempre — K'ung Fu Tzu (Confúcio)

Ao longo dos anos, li centenas de relatos sobre comunicação espiritual através de médiuns. Perguntam-me, por vezes, qual é o caso mais interessante que já encontrei. Costumo responder que é a história contada por Dr. Neville Whymant, um professor britânico de linguística, no seu livro de 1931 *Psychic Adventures in New York*.

Whymant, que dominava cerca de 30 línguas, visitava Nova Iorque em 1926 quando foi convidado a assistir a uma sessão espírita na casa do juiz William Cannon e da sua esposa, na Park Avenue. Nunca antes tinha estado numa sessão e era bastante céptico, embora soubesse que Cannon era um advogado e juiz respeitadíssimo.

Explicaram-lhe que o médium, George Valiantine, era um médium de *voz direta*: as vozes ou sons não eram produzidos pelas cordas vocais do médium, mas sim através de uma *trombeta de alumínio* colocada no centro de um círculo de cadeiras — era por ali que os espíritos amplificavam as suas vozes, que de outra forma seriam ténues ou apenas sussurradas. Valiantine fornecia apenas o ectoplasma, a substância com que os espíritos moldavam cordas vocais e laringes.

Whymant tinha ouvido dizer que alguns destes médiuns eram ventríloquos exímios e, por isso, estava atento a essa hipótese. Diz-se que Valiantine, como tantos, começou a perder poderes no início dos anos 30, depois de mais de uma década a produzir fenómenos extraordinários. Por isso foi acusado de fraude e a sua reputação ficou manchada. Mas é difícil ler os relatos de homens credíveis e cultos que o testemunharam sem acreditar que, antes de perder a sua faculdade — ou de ser controlado por espíritos de nível inferior — Valiantine foi de facto um médium autêntico. Relata-se que, através dele, os espíritos falaram em pelo menos 14 línguas: português, italiano, basco, galês, japonês, espanhol, russo, hindi, chinês, entre outras. Além disso, amigos e parentes falecidos dos presentes falavam com vozes características e contavam pormenores que Valiantine não teria como saber.

Para começar a sessão, recitaram o *Pai Nosso* e puseram música sacra num gramofone "para harmonizar as vibrações com as do mundo espiritual".

“De repente, por entre o som do canto, surgiu uma voz forte em saudação,” recordou Whymant. Parecia vir do chão e era tão intensa que quase sentiu as vibrações sob os pés. Era o espírito Dr. Barnett, o líder espiritual do círculo. Logo depois, outra voz, “totalmente diferente em timbre e qualidade”, apresentou-se: Blackfoot, um índio americano, guardião da “porta espiritual”. Depois, várias mensagens sussurradas de parentes falecidos foram dadas aos presentes. O pai da Sra. Whymant, por exemplo, comunicou-se com o seu sotaque típico do *West Country* de Inglaterra — impossível para Valiantine imitar ou saber.

O trompete flutuou à frente de Whymant e ouviu uma *voz* num dialecto chinês antiquíssimo:

“Saudações, ó filho do saber e leitor de livros raros! Este humilde servo curva-se perante tal excelência.”
Whymant reconheceu a língua: era o chinês clássico dos Clássicos Chineses, editados por Confúcio há 2.500 anos — tão morto no uso corrente como o sânscrito ou o latim. *“Se isto fosse uma fraude, era uma das mais engenhosas de sempre, muito além das capacidades de qualquer sinólogo vivo,”* pensou.

Respondeu num chinês mais moderno:

“Paz esteja contigo, ó ilustre. Este ignorante atreve-se a pedir o teu nome e título.”
A voz respondeu:
“O meu nome humilde é K’ung, chamam-me Fu-tzu, e o meu estilo modesto é Kiu.”
Whymant reconheceu imediatamente: era o nome de Confúcio. Pediu para repetir, para ter certeza, e a voz confirmou:
“K’ung-fu-tzu.”
Era a chance de o testar: Whymant conhecia versos obscuros do *Shih King* que confundiam estudiosos. Perguntou:
“Este tolo deseja saber a leitura correcta do verso no *Shih King*...”
A voz recitou o poema inteiro — na forma original e depois explicando o seu significado espiritual. O mistério que intrigava eruditos há séculos estava resolvido. Mais tarde, numa outra sessão, o espírito corrigiu um erro de transcrição num trecho de Confúcio, mostrando conhecimento técnico impossível de fingir.

Whymant participou em mais 11 sessões com o mesmo médium e dialogou várias vezes com o espírito que se apresentava como Confúcio. Noutra ocasião, uma *voz* falou num dialecto basco arcaico. Whymant, fluente em basco espanhol, manteve a conversa em *Labourdin Basque*. No total, diz ter ouvido 14 línguas estrangeiras diferentes em 12 sessões, incluindo chinês, hindi, persa, basco, sânscrito, árabe, português, italiano, yiddish, alemão e grego moderno.

Para ele, não havia ventriloquismo possível: numa ocasião, Valiantine falava em inglês americano com quem estava ao lado enquanto se ouviam outras línguas pelo trompete. Whymant não era espiritualista nem investigador psíquico — só escreveu o livro para não ter de contar a história tantas vezes.

Reflexão final sobre a vida, o corpo e o espírito — Brother John sobre o aborto

A 2 de Novembro de 1967, um espírito chamado Brother John respondeu a uma pergunta sobre o aborto, explicando o que é realmente essencial:

- O corpo físico tem pouca importância em comparação com o desenvolvimento do espírito.
- Quer se fale do corpo que se desprende na morte ou do que se forma na conceção, o que importa é se o espírito tem ou não oportunidade de crescer até à maturidade espiritual.
- O espírito, disse ele, não entra logo no corpo ao conceber-se — só se desenvolve depois de algum tempo, e a verdadeira maturidade espiritual pode começar até depois do nascimento.
- Ele adverte-nos de que damos demasiada importância à vida — entendida como o corpo físico. Se um espírito não entra num determinado corpo para viver a sua experiência no plano terrestre, entrará noutro corpo, ou poderá iniciar o seu crescimento espiritual numa esfera totalmente diferente da Terra. Existem inúmeras oportunidades, em muitos planos de existência, para um espírito crescer e amadurecer; a Terra é apenas um entre muitos. Nada pode matar o espírito. Um aborto não tem qualquer efeito sobre a pessoa que poderia ter amadurecido espiritualmente nesse corpo.
- Tendo esta compreensão de base, ele explica que as pessoas não devem matar nada sem necessidade, mas se as circunstâncias forem tais que o espírito não terá possibilidade de se desenvolver na Terra — seja por problemas físicos ou contextos insustentáveis — o feto pode precisar de ser interrompido.
- Não se pode fazer uma generalização sobre o aborto: cada situação deve ser considerada segundo as suas circunstâncias únicas, e o critério maior é sempre o desenvolvimento espiritual, não apenas a vida do corpo físico.

IGNATIUS
20 de Maio de 1968
"A morte não é senão um portal pelo qual todos passamos."
Falando inicialmente num estilo quase bíblico, Ignatius conta a sua fuga dos limites do seu lar monástico, aos 63 anos de idade, para fundar uma missão espiritual própria. Aí, foi inspirado por espíritos antigos a ensinar um novo sistema de crenças, o que enfureceu a fé católica romana estabelecida. Ignatius e os seus seguidores foram perseguidos, alguns foram mortos ou presos, e a sua nova igreja foi destruída. Embora a sua identidade precisa seja incerta, as suas palavras sugerem uma semelhança com a figura histórica de Inácio de Antioquia, que foi levado para Roma por soldados para ser morto por leões numa arena pública, por causa das suas crenças.

Mickey: Estás bem?
Greene: Sim, muito bem, Mickey.
Woods: Sim, obrigado Mickey.
Mickey: Isso é bom.
Woods: Estamos muito bem.
Mickey: Como está a correr o trabalho com as gravações?
Woods: Oh, muito bem. Temos andado toda a semana nisso.
Greene: Temos enviado muitas, Mickey.
Mickey: Têm?
Woods: Sim, já responderam do Canadá, a dizer que as têm passado a pessoas e...
Greene: Estão muito satisfeitos com elas.

Woods: ...estão muito satisfeitos com elas.
Mickey: Isso é interessante.
Woods: Pois é.
Mickey: Enquanto estiverem a fazer bom trabalho, para quê preocupar-se?
Woods: Exatamente. Continuaremos a enviá-las... ontem de manhã veio cá um senhor... para ter, uh... gravações. Também estou a fazer algumas para ele. Ele anda a mostrá-las a muita gente.
Greene: Ainda não ouvimos se o pessoal da África do Sul já recebeu as gravações. Esperamos que sim. [Tosse]
Greene: Não tanto quanto gostaríamos, Mickey. [Som de trânsito a passar]
Ignatius: Podeis ouvir?
Woods: Sim. Ouvimos muito bem.
Greene: Ouvimo-vos muito bem, obrigado.
Woods: Obrigado por se manifestar.
Ignatius: Deveis, de facto, ter grande paciência...
Woods: Sim?
Ignatius: ...pois aquilo que nós, deste lado, procuramos fazer não é fácil e o método que se usa é difícil.
Woods: Sim.
Ignatius: Muitas vezes pensei, que se fosse possível comunicar convosco, quanto gostaria de transmitir acerca das coisas que são verdadeiramente do espírito. Fostes grandemente abençoados, na medida em que vos foi dado vislumbre do reino do espírito e da manifestação do poder do espírito. E, mesmo assim, muito não pode ser revelado. Palavras da carne não podem transmitir a visão do espírito. Aquilo que desejamos dar-vos é limitado, pelo próprio facto e condição das coisas terrenas. Mas em breve, é desejo de muitos de nós que venhamos a aprender a superar as limitações da carne e a abrir o caminho da iluminação e da verdade, para que muitos dos que buscam possam verdadeiramente encontrar. Quando eu, há séculos atrás, caminhava e tinha o meu ser na vossa Terra, a minha mente estava sempre aberta para receber. E, mesmo assim, havia muitas barreiras trazidas pela tolice e ignorância. Embora eu me esforçasse, na minha própria luz e modo, por descobrir mais sobre as vontades de Deus, o caminho não era fácil. Havia muitos à minha volta, semelhantes a mim, e mesmo assim havia muitas pressões exercidas sobre nós. Estávamos presos pelos ensinamentos da Igreja e mantidos de tal forma, que era difícil. E, portanto, na privacidade da cela de cada um, só então se podia abrir o coração e a mente às coisas do espírito, em toda a sua plenitude. O ritual que tínhamos de seguir, rígido como era, dava-nos pouco tempo para podermos comungar, no que vós chamais, o modo do espírito. E, mesmo assim, as nossas vidas, entregues à adoração e à oração, possibilitavam uma quietude de mente e a receção das coisas espirituais. Mas só quando se podia recolher na privacidade da cela própria se podia esperar a verdadeira manifestação do poder do espírito. Anos sobre anos atrás - há muito, muito tempo - havia uma irmandade de homens reunidos para que pudéssemos buscar e encontrar a verdade. Mas mesmo assim, estávamos presos pela igreja e pelos seus ensinamentos, pela regra e método rígidos, há muito estabelecidos. Eu próprio tive a visão e a manifestação do espírito e sentia-me cada vez mais 'encurralado' pela Igreja e achava difícil transmitir o meu novo conhecimento e verdade aos meus irmãos. Em consequência, no meu sexagésimo terceiro ano, decidi - embora fosse morte - assumir para mim tal tarefa e tal risco. Saí e parti, em plena noite, afastando-me daqueles que tinham sido meus companheiros durante tanto tempo. Percebi que, ao fazê-lo, estava a quebrar os meus votos. E estava a abrir-me, por assim dizer, a toda a espécie de dificuldades e perseguições no mundo lá fora. Pois se fosse descoberto, isso significaria a morte. Pois quebrar os votos e sair, como eu saí, do mosteiro onde tinha passado tantos anos, era um grande perigo. Mas percebi que era, para mim, essencial avançar para o mundo, para procurar para mim mesmo uma oportunidade de transmitir os meus ensinamentos recém-descobertos. Na verdade, tinha sido instruído, numa meditação na minha cela - a minha alma foi retirada da Terra - para fazer aquilo que fiz. Levei muito tempo a chegar a essa decisão e parti em plena

noite, e sob o manto da escuridão, entrei na luz - na luz do pensamento material e da vida quotidiana, muito distante do meu antigo habitat. Mas não me atrevi, durante vários dias, a darme a conhecer de forma alguma. Sabia que, se fosse pregar ou tornar-me visível na área onde ficava o mosteiro, seria com toda a certeza levado a tribunal e condenado à morte. Por isso, viajei muitas, muitas milhas, sob o manto da noite, até chegar à parte norte do país - muito distante do meu antigo lar. E aí estabeleci uma missão.
Aí abri... a minha boca, para que pudessem ouvir a palavra do espírito a fluir. Pois eu era usado e controlado, como diriam na vossa linguagem moderna, por almas que estavam nos reinos do espírito há muitos séculos. E transmiti os ensinamentos do Cristo vivo e a realidade do espírito e o poder do espírito e a sua manifestação. E viajei de lugar em lugar; curando os doentes e transmitindo os ensinamentos da vida eterna, e não fui molestado. E muitos foram aqueles que vieram ter comigo e se reuniram à minha volta. E reunimos um número de almas que se tornaram seguidores e irmãos juntos. E assim começámos a construir um pequeno lugar nosso. E construímos, aí, uma casa dedicada ao espírito.
Não estávamos ligados nem ligados à Igreja. E, em consequência, atraímos sobre nós a ira da Igreja. E fomos perseguidos, mas, mesmo assim, continuámos. E, embora fôssemos insultados, não nos preocupávamos em demasia. E muitos, na área onde construímos a nossa igreja, vieram ter connosco em busca de ensinamento e cura e entraram num novo modo de comunicação, uma nova compreensão das leis do mundo que há-de vir. O poder do espírito manifestava-se fortemente entre nós e éramos irmãos juntos - de tal forma que estou convencido de que, se tivéssemos podido continuar, teríamos eventualmente devolvido à Igreja aquilo que há tanto tempo se perdeu. Mas depois da minha morte, embora tenha continuado por um tempo, surgiram novas leis e veio um novo Papa, cujos decretos eram duros e severos. E aquilo que tínhamos construído foi destruído e as pessoas ali reunidas foram dispersas. Alguns foram mortos e outros presos. E aquilo que tinha começado com tanta fé foi perdido para sempre. Mas foi, como o vejo agora olhando para trás, a ressurreição, por assim dizer, da Igreja. Mas não foi permitido continuar. O poder da Igreja ortodoxa do meu tempo era forte e, em consequência, como nos tínhamos tornado um corpo mais forte - não mais forte do que a Igreja, mas porque tínhamos ganho força em nós mesmos através da nossa fé e do nosso conhecimento. E porque éramos capazes de realizar muitas das coisas que Jesus disse que deveríamos fazer em seu nome, tornaram intoleráveis as nossas vidas.
Isto sempre foi assim, claro; aqueles que saem das trevas do materialismo, que abrem os seus corações ao Deus vivo e que manifestam o poder do Espírito Santo, de tal forma na Terra, enfrentam sempre a autoridade - o poder material da religião ortodoxa. E assim tem sido sempre. Embora grandes homens surjam e façam grande obra, invariavelmente, tem-se provado repetidamente, que essa luz que trazem; embora brilhe, é com o tempo diminuída pelas forças materiais. E vejo-vos numa luz semelhante: a tentar trazer iluminação à escuridão do vosso mundo, a manifestar o poder do espírito, a trazê-lo e a enviá-lo a todas as partes do vosso globo. Isto faz muito bem e abre os olhos de muitos. Mas a Igreja ortodoxa e o poder nela são grandes e reprimem e dificultam a vossa tarefa. Mas, mesmo assim, sabei isto; que estais a esforçar-vos e a fazer estas coisas para que outros possam ver essa luz, que tem sido diminuída no vosso mundo há tanto tempo, para que não se apague. Será verdadeiramente uma luz na escuridão para muitos e serão abençoados em conformidade.

Mas ao longo de toda a história encontrarás aquelas almas que, procurando a verdade, sob grande dificuldade e através de grande adversidade, se esforçam, procuram e conseguem, mas deveis perceber que os poderes do vosso mundo são muitos — particularmente aqueles que têm motivos para ressentir-se daquilo que fazeis. O poder deles pode ser, num sentido material, grande. Mas o poder do espírito, em si mesmo, é maior e pode realizar muitas coisas. Não vos deixeis, portanto, desanimar. Sabei, sim, que aquilo que fazeis é verdadeiramente uma grande obra e muitos, em consequência, encontram alegria, paz e tranquilidade de espírito. E descobrem para si mesmos uma nova vida e uma nova compreensão e uma nova força que

surge. Sois verdadeiramente abençoados.
O meu nome, por si só, poderá significar pouco ou nada para vós. Fui conhecido como Ignatius. Mas, hum... isto nada vos dirá. Pois há séculos atrás, nesse país que chamais Itália, o poder da Igreja era grande e forte e poderoso e estava muito intimamente ligado ao Estado e, de facto, às casas e corpos reinantes em diferentes partes do país — apoiando a Igreja para seus próprios fins e a Igreja apoiando esses homens de alta posição e grau, para sua vantagem e promoção. Para aqueles que eram simples e sinceros na sua simplicidade, buscando não o da carne mas o do espírito, e para aqueles como eu — não era fácil trazer à luz, contra o poder da Igreja e dos seus apoiantes, a verdade. E, mesmo assim, posso dizer — apesar da minha idade, apesar dos muitos problemas e dificuldades, e apesar de todas as contradições dos tempos em que vivi — conseguimos. E muitos homens foram abençoados e muitos viram a luz e muitos desenvolveram aquelas faculdades espirituais de que tantas vezes falamos.
E eles, por sua vez, fizeram muito para ajudar outros. Embora o nosso poder talvez não tenha durado, serviu, no seu tempo e lugar, um propósito e muitos foram abençoados, como já disse, em conformidade. E muitas das crianças que haviam de surgir numa geração futura, recordando estas coisas de que foram testemunhas, também, à sua maneira e no seu tempo, partiram também, como peregrinos no caminho da vida, viajando por muitos países. Embora tenhamos formado um corpo, embora tenhamos formado o que chamais uma igreja — não uma igreja talvez no sentido em que entendeis hoje o significado de igreja, mas um grupo de homens sinceros, unidos no amor e na fraternidade com revelação de espírito — embora tenhamos perdido o material que construímos, a mensagem de verdade continuou. E penso então, ao ver para trás no tempo, que não é nos edifícios, não é no edifício, não é na igreja ou no templo, não é na estrutura — não é aí que está o nosso poder e a nossa força — mas sim nas estradas e veredas, como nos disse o Mestre, que encontrámos a nossa verdadeira igreja, a nossa verdadeira missão.
Não procuramos estar unidos num sentido material, mas verdadeiramente num sentido espiritual; irmãos em Cristo, irmãos na luz da revelação, através do poder do Espírito Santo, e a mensagem segue em frente. E aqueles que percorrem o caminho quotidiano, fazendo aquilo que bem podem fazer com a força que lhes é dada para tal, alcançam muito no seu próprio tempo. Não vos desespereis, portanto. Embora pareça difícil e penoso e por vezes mostre pouca promessa, aqui e ali semeais as sementes da rectidão e da verdade, da luz e da iluminação. Semeais a semente da sabedoria, para que os homens vejam, conheçam e compreendam as realidades da vida. A morte não é senão um portal pelo qual todos passamos. Mas se passarmos por esse portal chamado morte com realização e compreensão, quando virmos que em nós mesmos alcançámos muito antes de chegarmos a esse portal, então, verdadeiramente, podemos entrar nele e entrar na vida mais plena, com uma maior realização, compreensão e preparação. Esta é a razão, o propósito e o significado da nossa vinda, para que possamos preparar cada um e cada alma que ouve a voz do espírito e para que a semente que é lançada possa florescer em cada coração humano, e todos estejam, de facto, prontos para entrar e nela participar.
Semear nas vossas vidas as sementes da bondade, verdadeiramente, este é o motivo, o propósito e o significado da vida. Ainda que vos falte e percais muito materialmente, aquilo que ganhais espiritualmente é mais do que compensação. É, verdadeiramente, a recompensa que chega. E quando chegar o tempo de entrares no reino do espírito, verdadeiramente se poderá dizer de ti: 'Muito bem, meu verdadeiro e fiel servo'. Isto é tudo o que importa. Como sei muito bem e milhares igualmente, que não importa o que recebes da carne e o que alcanças materialmente, mas o que fizeste e alcançaste espiritualmente pelos outros — iluminando aqueles que habitam na escuridão, para que vejam a luz do espírito e por ela sejam abençoados. Quando sei de vós, como soube através de outros, quando percebi que lutais e vos esforçais, muitas vezes contra grande dificuldade e mesmo assim alcançais tanto, mais do que alguma vez podereis saber, pois nem sempre podeis saber, ver e perceber os resultados que foram trazidos à existência pelos vossos esforços... transmitis a verdade, passais a tocha do conhecimento e

outros levam-na adiante. Não termina quando acabais materialmente. Na verdade, haverá muitos outros que continuarão onde vós parardes. Mas verdadeiramente, quando tiverdes concluído a vossa tarefa, então vereis e sabereis com maior clareza. Virá uma visão e um conhecimento que ainda vos estão negados. Esta será a vossa recompensa. Não tenhais dúvidas, nem medos. Tende plena confiança no poder que vos move e no poder que está em redor e convosco, e nos servos amorosos que vêm com alegria nos corações para vos ajudar. Não cessaremos de lutar pela humanidade e aquilo que fazeis, pequeno embora vos pareça, é maior do que imaginais no seu efeito. Todos somos peregrinos, todos somos mestres, de certo modo. E alcançamos aquilo a que nos propomos, talvez nem sempre na totalidade da intenção e propósito que temos no coração, mas fazemos aquilo que podemos, dentro do que as circunstâncias permitem.
Mas sabei isto, meus filhos, que aquilo que fizestes é de facto uma grande obra. E aquilo que ainda está para vir é ainda maior e a cada passo que dais não estais sozinhos, mas sois apoiados, rodeados e sustentados por inumeráveis almas cujo amor é grande e poderoso e, verdadeiramente, sois abençoados em consequência. Avançai nesta luta contra as coisas materiais com a consciência de que o poder do espírito vos sustenta, fortalece e eleva. E que verdadeiramente sois, por assim dizer, a voz do espírito vivo. Esta é a vossa alegria e também a nossa felicidade. Juntos somos fortes e nada nos pode atacar. Dá-me grande alegria, pois sou apenas um, de facto, de muitas, muitas almas. Muitas almas, de facto, que participam nesta comunhão convosco, que vos amam e trabalham convosco — invisíveis talvez, mas ainda assim muito fortemente convosco. Não nos preocupamos necessariamente com o nosso nome e posição, tal como foi ou possa ter sido. Alguns de nós, de facto, preferem que não saibais das nossas vidas materiais, pois é melhor assim. É a nossa mensagem que importa, aquilo que temos para vos dar — a verdade viva, as palavras que não podem morrer, porque a sua realidade de espírito as torna indestrutíveis. Estas são as coisas que importam.
Somos apenas os servos de almas maiores, somos os portadores de maiores notícias. Estas coisas que vos damos, estas são as realidades que vivem e nada as pode destruir. Somos os portadores da mensagem. Vós sois também portadores da mensagem — enviais a mensagem do espírito para onde quer que possam, a todos os que quiserem ouvir. Esta é a vossa tarefa e é uma tarefa que vos traz grande alegria e satisfação. Verdadeiramente, somos abençoados juntos na nossa força e no nosso amor. Dá-me grande felicidade, grande alegria vir ter convosco. E muitos são aqueles que vêm também comigo, abençoando-vos. Verdadeiramente, meus filhos, estamos a servir e a fazer a vontade do Altíssimo. Não temos motivo para dúvidas, medos ou arrependimentos. Alcançamos, à nossa maneira, por pequeno que vos possa parecer, mais do que sabeis. Muitos, de facto, têm motivos para abençoar os esforços feitos.
O meu amor e a minha paz estejam convosco, sempre. Adeus, meus filhos.
Woods: Muito obrigado.
Greene: Muito, muito obrigado por essa linda mensagem.
Woods: Muito obrigado.
Mickey: [Sussurrando] Esse é um do grupo que vem ter convosco. O nome dele é Ignatius.
Flint: [Aspirando/Tossindo]
Greene: Obrigado Mickey.
Woods: Obrigado Mickey — muito obrigado Mickey.
Mickey: Sabem, não creio que alguma vez possam perceber, ou alguém possa, aliás, que esteja realmente imerso, por assim dizer, neste trabalho, o número de pessoas que se interessam. Quer dizer, é natural quando se sentam em círculo e estão a desenvolver-se ou a trabalhar como médium, conhecem um certo número de pessoas e ficam associados a elas, percebem o sentido e o propósito do que têm a fazer e isso é muito importante para vós e esforçais-vos e às vezes ficam desanimados e tudo isso, mas mesmo assim continuam... A questão é que há milhares de pessoas na realidade. Porque, hum, embora conheçam, digamos, meia dúzia, podem apostar a vossa vida que eles representam apenas centenas e centenas de outros, que, por várias razões, não se dão a conhecer, que trabalham nos bastidores e transmitem as suas mensagens e

pensamentos e...
Por outras palavras, servem em todos os níveis, sabem.
Greene: Sim?
Mickey: De qualquer forma... continuem o bom trabalho, está bem?
Woods / Greene: Sim!
Mickey: Mantenham-se firmes e não fiquem em baixo, George, ainda tens uns bons anos pela frente, sabes!
Woods: Oh eu sei. Eu, uh... tudo o que quero é fazer o trabalho.
Mickey: Sim e, hum... cuida da tua alimentação.
Adeusinho!
Greene: Adeus Mickey.
Flint: Adeus!
Greene: Muito, muito obrigado...
Woods: Obrigado.
Flint: Cuidar da alimentação? Estás de dieta?

Douglas Conacher
16 de Outubro de 1959
"Estou a falar contigo através desta caixa..."
Durante a sua vida, Douglas Conacher foi um editor bem-sucedido e um homem religioso, que tinha opiniões muito definidas sobre a vida após a morte. Depois da sua morte, regressou para comunicar com a sua esposa Eira em muitas sessões espíritas com Leslie Flint. Esta é a primeira gravação de uma dessas sessões, onde Douglas fala com a esposa. Juntos, discutem a sua nova perspetiva sobre a vida, o método de comunicação espiritual, vários amigos que ele encontrou e fez no mundo espiritual e o casal partilha os seus sentimentos um pelo outro. Em gravações posteriores, Douglas revela detalhes de muitas vidas passadas que ele e a esposa partilharam juntos.

Flint: Esta sessão foi gravada no dia dezasseis de Outubro de 1959: participante, Sra. Conacher; médium, Leslie Flint.
Mickey: Bom dia.
Flint: Oh, rápido!
Eira: Olá Mickey, que bom ouvir-te.
Mickey: Como está, Sra. Conach... Conoch... Conoch... Conacher?
Eira: Conacher... está certo Mickey.
Mickey: Está certo. Então, como está, Sra. Conacher?
Eira: Muito bem Mickey; e tu, como estás?
Mickey: Muito bem. O seu marido está aqui.
Eira: Está mesmo?
Mickey: Sim, bem... [inaudível] Ele sabia que vinha, veio consigo.
Eira: Foi mesmo?
Mickey: Sim, e a mãe e o pai dele estão com ele.
Eira: A sério? Que interessante.
Mickey: Como se tem sentido?
Eira: Oh, muito bem, obrigada.
Mickey: Se houver algo que eu possa fazer, assim de especial, para a ajudar, estou mais do que disposto a fazê-lo.
Eira: Oh, isso é muito simpático da tua parte.
Mickey: Se tiver algo de especial, sabe... algo importante.
Eira: Queres dizer fisicamente?
Mickey: De qualquer maneira.
Eira: Bem, o meu olho esquerdo tem-me incomodado. Está um pouco melhor agora, mas tem

sido muito maçador.
Mickey: Oh, bolas. Tem de ir ao médico por isso.
Eira: Bem, hum... talvez.
Mickey: Não, quero dizer os nossos médicos.
Eira: Oh, sim. Sim, isso seria útil.
Mickey: Médicos espirituais. Cura.
Eira: Sim.
Mickey: Vamos ver o que podem fazer por si.
Eira: Obrigada.
Mickey: Vive sozinha?
Eira: Sim.
Mickey: Não se aborrece?
Eira: Não. Nunca.
Mickey: Está interessada em bem-estar animal, não está?
Eira: Bem, não particularmente Mickey. Nunca pensei em animais, mas, uh... em muitas outras coisas mais.
Mickey: Bem, tenho muito interesse em animais consigo e parece atrair muitos...
Eira: A sério? [Silêncio durante oito segundos]
Eira: Quero agradecer ao meu marido por ter trazido a mãe dele na semana passada.
Maria: Estou tão contente por vir falar consigo. Ah... Sra. Mc... Sra. McConacher... McConacher...
Eira: Sim? Quem fala, por favor?
Maria: Maria, Maria.
Eira: Oh sim?
Maria: Estou muito interessada, sabe. E estava a dizer que tem tantas pessoas interessantes que vêm ter consigo deste lado. Para além do seu marido, claro, há muitas pessoas que estão muito interessadas e muito ansiosas por lhe prestar serviço.
Eira: Oh, que bondade a sua...
Maria: Sabe, acho que vai escrever muito.
Eira: Bem, estou a tentar escrever, mas não sou lá grande coisa.
Maria: Bem, acho que vai conseguir algo, porque, sabe, está a receber muitas impressões, muita inspiração deste lado. Acho que fará mais do que imagina.
Eira: Oh, espero que sim.
Maria: Oui. O seu marido era um homem muito talentoso.
Eira: Sim... sim.
Maria: Mas sabe, ele não pareceu ter oportunidade de desenvolver certos aspetos da sua capacidade, sabe?
Eira: Não. É bem verdade.
Maria: As circunstâncias, talvez, tornaram isso impossível. Mas sabe, ele era uma pessoa muito interessante. Tinha dons definidos, sabe.
Eira: Oh sim, sim.
Maria: Sabe que ele a amava muito.
Eira: Sim, tenho a certeza disso.
Maria: Ele está muito próximo de si, um grande amor e laço de afecto.
Eira: Obrigada.
Maria: Oui. Sabe, ele não fala muito como um escocês, sabe?
Eira: Não, não falaria mesmo.
Maria: Não tem aquele... o que eu chamo um forte sotaque escocês, sabe?
Eira: Oh não. Viveu em Londres a maior parte da vida.
Maria: É um homem muito brilhante também.
Eira: Sim.
Maria: Gosto muito dele... Ele quer muito falar consigo.
Eira: Eu conheço-a... uh...?

Maria: Não. Não me conhece. [Inaudível] que eu venha aqui, mas estou muito interessada em ajudar e ser útil, sabe?
Eira: Sim, tem uma voz muito bonita.
Maria: Ah! Muito obrigada. É muito bom poder vir falar consigo — adeus.
Eira: Adeus.
Flint: Falou bem, não falou?
Eira: Muito bem.
Douglas: Olá minha querida.
Eira: Olá meu querido.
Douglas: Olá, olá, olá. Consegues ouvir-me?
Eira: Sim, consigo.
Douglas: Bom.
Eira: Sim.
Douglas: Mas o que... o que ias dizer?
Eira: Quem... és tu? Quem és tu, por favor?
Mickey: Mantenha-o a falar.
Eira: Oh.
Flint: Deve ser o teu marido.
Eira: Sim. És tu, Douglas?
Douglas: Tentei falar contigo na outra noite, mas não consegui; havia tanta gente.
Eira: Sim, mas ouvi o meu nome duas vezes.
Douglas: Sim, chamei-te.
Eira: Sim.
Douglas: Chamei-te, mas não pensei que me pudesses ouvir. Consegues ouvir-me agora?
Eira: Sim, muito claramente mesmo.
Douglas: Não faço a mais pequena ideia de como isto soa, mas estou a esforçar-me para falar contigo o mais claramente possível.
Eira: Não. Sabes onde estamos, querido?
Douglas: O que queres dizer com onde estamos? Estamos em Westbourne Terrace.
Eira: Sim, claro.
Douglas: Eu deveria conhecer muito bem esta zona.
Eira: Sim.
Douglas: Desde os velhos tempos.
Eira: Sim.
Douglas: Belos terrenos de caça!
Eira: [Rindo] Bem!
Douglas: Porque dizes 'bem' assim?
Eira: Bem, costumavas contar-me sobre a tua casa, querido, e sobre ires à igreja com [inaudível].
Douglas: Sim, é verdade, isso já vai, oh, há sessenta e tal anos ou mais. Muito mais, suponho.
Eira: Oh não, querido.

Douglas: Bem, deve estar a passar, [só um pouco]. Deve ser cinquenta.
Eira: Hmm... Ouvi dizer que tens o teu pai aí, querido?
Douglas: Sim. Esta questão do tempo confunde-me. Não faço ideia, na verdade, do tempo. Não sei se são cinquenta ou quarenta ou sessenta anos. Acho muito difícil, desde que estou aqui, ter realmente certeza quanto ao tempo, tal como o conhecem. Na verdade, estou mais consciente do tempo através da tua mente.
Eira: Estás, querido? Hmm...
Douglas: O que disseste há bocado sobre o meu pai?
Eira: Perdão?
Douglas: Pensei que tinhas dito algo sobre o meu pai.
Eira: Sim, uh, ouvi dizer que está contigo hoje?

Douglas: Sim. Está comigo — e a mãe também.
Eira: Oh, que bom.
Douglas: Ambos te enviam o seu amor e bênçãos.
Eira: Agradece-lhes por terem vindo.
Douglas: Sobre o que havemos de falar?
Eira: Bem, olha querido…
Flint: [Aspira pelo nariz]
Eira: … quero saber sobre o Reverendo Charles Robert McAllistair, que trouxeste na sexta-feira passada.
Douglas: Oh, céus, sim!
Eira: Quem é ele?
Douglas: Oh, alguém que a família conhecia há muitos anos.
Eira: Sim?
Douglas: Ninguém ligado a mim diretamente, na verdade. Era alguém que o pai e a mãe conheciam muito bem…
Eira: Eu procurei por ele.
Douglas: Foste verificar?
Eira: Tentei, mas não encontrei nada. Consultei dezenas de anuários.
Douglas: Pois. Claro, afinal de contas, foi há muitos anos.
Eira: Sim.
Douglas: Não esperaria, por um momento, que conseguisses qualquer ligação com ele agora.
Eira: Não, claro que não.
Douglas: [Devem ser] muitos anos, claro, nos primeiros anos da mãe e do pai.
Eira: Sim. Foi a tua luz que vi ontem à noite?
Douglas: Sim. Sabes, pergunto-me se vês tanto quanto eu espero que vejas. Tento chamar a tua atenção de várias maneiras e tinha a certeza… na verdade, na outra noite, tinha a certeza de que percebeste que eu estava lá. [Sentes a minha presença mesmo quando não me vês].
Eira: Não.
Douglas: Sabes, às vezes, durante o teu sono, vens aqui… e estamos juntos.
Eira: Sim.
Douglas: Estamos juntos muitas vezes, sabes?
Eira: A sério? Gostava de me lembrar. Por vezes lembro-me.
Douglas: Sim. Já decidiste ficar como estás ou quê? Pensas fazer alguma mudança?
Eira: Bem, tu disseste-me para ficar onde estou por agora.
Douglas: Pois sim, é isso que penso. Acho que seria sensato ficares onde estás e não fazeres nenhuma mudança para já. Não vejo grande propósito e não seria boa ideia fazer algo drástico…
Eira: Bem, tenho tantos interesses.
Douglas: [Não sei…]
Eira: Sim. Querido, não te perguntei pelo teu gato preferido ultimamente.
Douglas: Oh, [ele está] muito bem.
Eira: Como é que ele está?
Douglas: Está ótimo. Sabes que adoro os meus animais.
Eira: [Eu sei.] Gostavas muito desse gato.
Douglas: Não tanto como gosto de ti!
Eira: Não. Bem, fico muito feliz por ainda gostares de mim.
Douglas: Claro que sim! Sempre gostarei. Estou apenas à espera do dia em que venhas ter comigo.
Eira: Sim.
Douglas: Os anos vêm e vão. O tempo passará e estaremos juntos.
Eira: Isso será maravilhoso.
Douglas: Mas sabes, olho para trás e penso… bem, suponho que, no fim de contas, não nos

saímos nada mal. Às vezes lamento, sabes, não ter podido fazer mais por ti.
Eira: Oh, disparates!
Douglas: Dizes 'disparates', mas eu… às vezes penso no que a vida poderia ter sido…
Eira: Oh, tenho memórias muito felizes contigo.
Douglas: Foram felizes, não foram?
Eira: Sim.
Douglas: Gostava de te poder dar um grande abraço e um beijo.
Eira: Sim, mas eu sei que me amas, Douglas, e nunca foste um homem muito dado a demonstrações, pois não?
Douglas: Não, mas foi isso que quis dizer há pouco quando disse… às vezes gostava de ter sido, mas não estava na minha natureza. Não era por não sentir intensamente. Mas, não sei porquê, simplesmente não era… não era uma pessoa muito demonstrativa.
Eira: Não. [Tosse] Mas tinhas outras virtudes…
Douglas: Ha! Como quais?
Eira: [Rindo] Bem…
Douglas: [Inaudível] parece que estou a pedir…
Eira: Sim. Continuas feliz, querido, aí?
Douglas: Muito. Muito feliz.
Eira: Qual é o teu principal trabalho?
Douglas: Bem, tenho tantos interesses. Estou extremamente interessado em música.
Eira: Sim, já me tinhas dito.
Douglas: E estou muito interessado em arquitectura.
Eira: Sim, sempre estiveste.
Douglas: Isso fascina-me imenso; os diferentes tipos de edifícios, os diferentes estilos. Muito interessante mesmo.
Eira: Sim.
Douglas: E estou muito interessado em animais, claro, e tenho andado a fazer… uh, sei que isto te vai surpreender, mas tenho andado a pintar.
Eira: A sério? Isso é uma novidade!
Douglas: Sim. Parece que ganhei um grande interesse por coisas artísticas, acho que, provavelmente, porque em vida não tive muita oportunidade.
Eira: Não, acho que não. Estás a viver numa casa?
Douglas: Oh, sim.
Eira: Oh, estás?
Douglas: Sim. Espero que um dia, quando vieres para cá, gostes dela.
Eira: Oh.
Douglas: Não é muito grande, mas serve-me. É bastante pequena, na verdade.
Eira: Oh.
Douglas: Pareces muito intrigada. Porquê?
Eira: Não sei. É um bocado difícil imaginar o 'outro lado', sabes?
Douglas: Sim. Bem, claro, também imagino que deva ser. Vês, o nosso mundo, em alguns aspetos, não é muito diferente da Terra. Temos tudo o que vocês têm — só que em maior escala e mais belo. Não há os problemas ou coisas que desiludem. Aqui temos um mundo que para mim, pelo menos, é tão perfeito quanto algo pode ser. Embora eu perceba que há lugares ainda mais perfeitos. É uma questão de evolução gradual para alcançar esses estados… estados de ser…
Eira: Sim, bem…
Douglas: Mas estou perfeitamente feliz onde estou. Ficarei ainda mais feliz quando vieres ter comigo.
Eira: Sim. Bem, é algo por que ansiar, querido.
Douglas: Acho isto maravilhoso, poder vir falar contigo assim…
Eira: Sim. Sim, vale a pena, não vale?

Douglas: Vês, não sei como soa a minha voz. Tudo o que sei é que estou aqui e estou a falar contigo através desta caixa — e esta caixa, de uma forma estranha, transmite os meus pensamentos em som.
Eira: Sim?
Douglas: É bastante estranho.
Eira: É. Não é bem a tua voz.
Douglas: Não. Um concentra os pensamentos e a 'caixa de voz' responde automaticamente. Suponho que, de certa forma, é como na Terra: pensas no que queres dizer e os teus órgãos vocais respondem automaticamente e vibras o ar; crias som e as pessoas ouvem os teus pensamentos em forma de som. É exatamente isso que estou a fazer.
Eira: Sim, claro.

Douglas: Mas claro que este mecanismo é, de certo modo, artificial, por isso suponho que, de certa forma, isso altere a voz. Na verdade, não sei bem como soa ou não soa.
Eira: Bem, hum... [é] uma voz muito agradável, se fosse mesmo a tua voz, mas percebo que mal se poderia esperar isso.
Douglas: Gostaria de ficar muito familiarizado com isto, para poder fazer melhor.
Eira: Estás a ajudar-me, não estás querido?
Douglas: Todos os dias.
Eira: Sim.
Douglas: Não passa um dia sem que eu vá ver-te e que tudo o que eu puder fazer ou alcançar por ti, farei.
Eira: Sim.
Douglas: Vou guiar-te e fazer tudo o que puder [por ti].
Eira: Estás a trazer-me este conhecimento para que eu possa ajudar outros.
Douglas: Claro, e é aí que entra a tua escrita.
Eira: Sim.
Douglas: Acho que poderás fazer bastante nesse sentido, sabes?
Eira: Bem, esforço-me muito — não é nada fácil.
Douglas: Não, mas será. Vai fluir, vai melhorar mais tarde.
Eira: Hum... a propósito, tens visto o Reverendo Stainton Moses ultimamente?
Douglas: Sim, tenho, e devo dizer que ele é uma pessoa maravilhosa. Tem sido uma grande bênção e ajuda para mim.
Eira: Sim. Parece que gosta muito de ti.
Douglas: Bem, damo-nos muito bem.
Eira: Sim. Dá-lhe as minhas melhores saudações quando o vires.
Douglas: Claro que darei. Achaste o livro dele interessante?
Eira: Sim. Ainda o estou a ler.
Douglas: Sim. Um livro maravilhoso.
Eira: Fui ver o retrato dele no College of Psychic Science na semana passada.
Douglas: Sim. Sim. Bom homem. Homem maravilhoso.
Eira: Sim. Tens aí outro agora do teu lado; o Reverendo Maurice Elliott.
Douglas: Oh sim. Ele está connosco.
Eira: Sim.
Douglas: Bom homem e conheci, uh... oh, bastantes pessoas, claro, muitas pessoas. Algumas que nunca conheci em vida, mas tive o prazer de as conhecer aqui.
Eira: Sim.
Douglas: O Reverendo Drayton Thomas, por exemplo.
Eira: Oh, Drayton Thomas, sim. Já li os livros dele também. Sim. Sim, são muito interessantes.
Douglas: E conheci, uh, Inge — lembras-te do Inge?
Eira: Oh, tinhas muito carinho pelo Dean Inge, sim.
Douglas: Sim. Encontrei-o aqui. Bom homem.

Eira: Sim. Costumavas ler os livros dele. Mmm…
Douglas: Abençoada sejas. Gostava de poder ir dar-te um beijo antes de partir.
Eira: Sim. Vais embora já?
Douglas: É difícil manter-me.
Eira: Sim, portaste-te muito bem. Obrigada.
Douglas: Mas fiz tudo o que pude…
Eira: Sim, querido.
Douglas: … e talvez faça melhor da próxima vez.
Eira: E estás a ajudar [a manter os padrões] no nosso pequeno círculo?
Douglas: Claro que sim e tenho grandes esperanças para esse pequeno grupo.
Eira: Tens mesmo?
Douglas: Sim.
Eira: Oh, fico tão contente.
Douglas: Continua lá, querida.
Eira: Continuarei, sim. É tão prático para mim.
Douglas: Todo o meu amor, minha querida. Abençoada sejas.
Eira: Todo o meu amor, para sempre. Obrigada.
Mickey: Ele portou-se muito bem.
Eira: Sim, portou-se.
Mickey: Achei que ele foi maravilhoso por falar tão bem e tanto tempo!
Eira: Sim, mas só está lá há catorze meses.
Mickey: Sim. Já tinha uma certa idade, não tinha?
Eira: Sim tinha, sim. Mas agora está muito mais jovem [acho eu].
Mickey: Claro, ele é jovem. Quer dizer, só o corpo envelhece — o espírito mantém-se jovem, não é?
Eira: Sim, espero que sim.
Mickey: Acho que vais fazer muito com a tua escrita. Parecem estar muito esperançosos quanto a isso.
Eira: Achas mesmo? Obrigada Mickey.
Mickey: Sim.
Eira: Isso é muito encorajador. Bem, é apenas como um diário, sabes.
Mickey: E sentas-te no teu círculo aos sábados, não é?
Eira: Sim. Ainda não temos um controlo total. Não podias encontrar um para nós, pois não?
Mickey: Ainda não têm ninguém?
Eira: Não.
Flint: [Aspira pelo nariz]
Eira: Ainda não. Estamos apenas a sentar-nos em silêncio e a esperar, com esperança.
Mickey: Oh, vou ver se posso ajudar-vos.
Eira: Muito obrigada.
Mickey: Quantos [são] no teu círculo?
Eira: Somos só... seis, acho eu. Gostaríamos de ter sete, na verdade.
Mickey: Bem, vou ajudar-vos nesse círculo. Farei o que puder. Vou lá ver-vos no círculo...
Eira: Muito obrigada.
Mickey: ...ver se posso ajudar-vos. Se houver algo de especial que queiras perguntar, sabes, estou mais do que disposto a tentar ajudar-te.
Eira: Sim...
Flint: É sempre difícil saber o que perguntar, não é?
Eira: Não é difícil...?
Flint: Toda a gente é igual, parece sempre que, sabes, ficam...
Eira: Há tantas coisas, não há? Fiquei interessada em saber que viveste em Camden Town, Mickey…
Mickey: Oh, isso foi há bastantes anos. Eu vendia jornais.

Eira: Sim. Não é interessante?
Mickey: Sim... [Rindo]
Eira: Lembro-me quando estava a estudar arte. Conhecia bem a zona de Camden Town.
Mickey: És artista?
Eira: Bem, hum, estudei arte durante muitos anos e ensinei durante muitos anos.
Mickey: Oh, devias saber pintar bem então!
Eira: Não, por estranho que pareça não sou muito boa. Sou melhor a fazer com que outros tragam isso cá para fora.
Mickey: A sério?
Eira: Hmm... Adoro ensinar.
Mickey: É isso que fazes agora, ensinar?
Eira: Não, não. Não estou a fazer nada neste momento. Oh não... estou a escrever, sabes. [inaudível]
Mickey: Sim...
Eira / Mickey: [inaudível]
Mickey: Acho que terias sido uma boa atriz...
Eira: Oh não Mickey! [Rindo]
Mickey: Acho que terias.
Eira: Não, de certeza que não.
Mickey: Achas mesmo que não?
Eira: Não, tenho a certeza — seria um desastre!
Mickey: Tu és uma peça, és!
Eira: [Rindo] Oh não!
Mickey: Bem, de qualquer forma, vou ver-te outra vez, não vou?
Eira: Espero que sim Mickey. Vou sempre que possa para te ver.
Mickey: Oh, isso é muito querido da tua parte, porque tento ajudar-te tudo o que posso e tenho a certeza de que o tio Douglas fará muito melhor da próxima vez.
Eira: Achas?
Mickey: Ele vai melhorar. À medida que ganhar mais confiança, vai melhorar, percebes.
Eira: Sim.
Mickey: Porque tudo isto leva tempo, sabes.
Eira: Bem, claro. Acho que [ele esteve muito bem mesmo].
Mickey: Acho que ele esteve muito bem. Vou ver-te outra vez então.
Eira: Sim.
Mickey: Adeus Sra. Con... Sra. Con... Conacher. Adeus!
Eira: Sim, adeus Mickey. Obrigada por teres vindo.
Flint: Ele portou-se muito bem.
Eira: Não foi? Muito bem mesmo.
Flint: Mmm... extremamente bem. Eu achei...
Eira: Desculpa...
Flint: Desculpa, ia dizer que achei que o teu marido esteve tão bem.
Eira: Sim. Percebo que a mudança na voz se deve, na verdade... eles assumem, na verdade, um pouco da voz do médium, não é?
Flint: Bem, até certo ponto... vês, o ectoplasma é extraído do médium, que é uma espécie de substância viva, evidentemente...
Eira: Sim.
Flint: ...e obviamente, embora a mente do médium não esteja na comunicação, tens de ter alguma parte, em algum lugar, do médium...
Eira: Claro.
Flint: ...e acho que, hum... que, uh... ele — claro, não sei como era a voz dele em vida, mas achei que soava muito natural.
Eira: Oh não, ele tinha uma voz linda...

Rose Hawkins - excerto de sessão

Gravado: 12 de Novembro de 1953
"Costumava vender flores..."
Mickey fala brevemente com a Sra. Creet, depois Rose Hawkins comunica neste curto excerto de uma sessão experimental privada. Rose pergunta a um participante sobre a sua recente estadia em França e ele concorda que alguns destinos podem ser caros, onde se volta sem nada, e Rose brinca dizendo que se volta 'sem nada vestido'... Ela pergunta a outro participante sobre o processo de gravação em fita e diz à Sra. Creet que muitas vezes a vê tocar piano. Rose fala sobre o seu amor pelos animais – especialmente gatos – e como agora gosta de cultivar flores no mundo espiritual, em vez de as vender na rua, como fazia em vida...
Mickey regressa, com o seu estilo humorístico habitual, no final da gravação.
Nota: Este áudio antigo foi melhorado a partir do original de 1953.

Mickey: ...e a propósito, para onde é que vais de férias, Rosie?
Rose Creet: Eu... oh, não sei querido. Não faço ideia.
Mickey: Não tens ideia nenhuma?
Rose Creet: Não.
Mickey: Pensava eu que já tinhas marcado umas férias. Fazia-te bem. Uma mudança.
Rose Creet: Estou muito feliz em casa.
Mickey: Estás?
Rose Creet: Mmm...
Mickey: És como o velho Flint, é igual.
Rose Creet / Leslie Flint: [Risos]
Mickey: Bem, se o velho Bill conseguir o carro, podem ir passar uns dias à praia, não é?
Rose Creet: Oh sim, isso seria possível.
Flint: [Risos]
Mickey: Um dia em Brighton, todos juntos!
Rose Creet / Leslie Flint: [Risos]
Rose Hawkins: Olá querida...
Rose Creet: Oh olá Rose.
Participante masculino: Olá.
Rose Hawkins: Boa noite a todos.
Todos os participantes: Boa noite.
Rose Hawkins: Oh! Voltaste outra vez, foste? Como estás? Passaste bem?
Participante masculino: Sim, obrigado, muito bem.
Rose Hawkins: Pois. Suponho que não levaste muito contigo, pois não?
Participante masculino: [Risos] Não grande coisa.
Rose Hawkins: Aposto que gastaste logo tudo num instante...
Participante masculino: Sim...
Rose Hawkins: ...com dois filhos e uma mulher também, viste logo as moedas a desaparecer...
Participante masculino: Sim, não é propriamente barato lá.
Rose Hawkins: Não é barato em lado nenhum, se queres que te diga. Vais a Brighton ou a Southend ou a qualquer outro lado, depenam-te por todo o lado.
Participante masculino: Bem, lá voltas... voltas quase sem nada.
Rose Hawkins: Como disseste?
Participante masculino: Voltas quase sem nada vestido, se... se eles forem espertos.
Rose Hawkins: Ora, eu pensava que tinhas ido para um sítio onde nem se dão ao trabalho de vestir nada!
Participante masculino: [Risos]

Rose Hawkins: Foi sempre o que ouvi dizer de França...
Participante masculino: Bem, são um bocado assim, tendem a ser.
Rose Hawkins: Ora bem. Desde que tenhas passado bem, é o que interessa. Como estás, Willis?
Willis: Estou muito bem, obrigado Rose.
Rose Hawkins: Estás a tratar do assunto da máquina, não é?
Willis: Uh, sim. Bem, estou só aqui sentado perto. Na verdade, ela agora trata de si própria.
Rose Hawkins: Do quê?
Willis: Trata de si própria.
Rose Hawkins: Ah. Então, ligas e depois continua sozinha?
Willis: Sim, vai andando.
Rose Hawkins: Bem, assim é trabalho fácil, não é?
Willis: Sim.
Rose Hawkins: Então minha querida, como estás?
Rose Creet: Estou muito bem, obrigada Rose.
Rose Hawkins: Estás com um ar fresco como uma alface, não estás, hein?
Rose Creet: Sinto-me muito bem.
Rose Hawkins: Qualquer pessoa diria que estiveste dois meses de férias, a olhar para ti!
Rose Creet: [Risos]
Rose Hawkins: Acho que ainda tens mais vinte anos pela frente, a julgar pelo teu aspecto...
Rose Creet: [Risos]
Rose Hawkins: Não parece que te vamos ver por aqui tão cedo, de qualquer maneira. Ora, desde que sejas feliz. Isso é o que interessa, não é?
Rose Creet: Oh sim, isso é o que interessa.
Rose Hawkins: Muitas vezes vou até ao teu quarto, sabes; ouço-te a tocar piano...
Rose Creet: Ouves?
Rose Hawkins: Estive lá na outra noite.
Rose Creet: Oh.
Rose Hawkins: Gostava de saber tocar piano, sabes. Não tenho talento nenhum.
Rose Creet: E o que fazias...
Rose Hawkins: Eu? Costumava vender flores.
Rose Creet: Oh sim, eu sei. Mas, quero dizer, não tinhas nenhum passatempo, pois não?
Rose Hawkins: Não havia muito tempo para passatempos, querida, não no meu trabalho. A tentar vender as flores, quando acabava de vender tudo, bem, era hora de ir para a cama. Às vezes ainda bebia uma pint no caminho para casa. Era isso.
Rose Creet: [Risos]
Rose Hawkins: Claro, tu não sabes o que isso é, pois não querida?
Rose Creet: Eu? Oh sim eu...
Rose Hawkins: Quero dizer, ter de trabalhar o dia todo e...
Rose Creet: Oh.

Rose Hawkins: Sabes, chegar ao fim do dia estafada e ir para casa para a cama. Ah, pois...
Rose Creet: Bem, mas agora já não tens nada disso, pois não Rose?
Rose Hawkins: Oh não. Agora tenho os meus interesses aqui deste lado.
Rose Creet: Sim. Que interesses tens? Que género de interesses?
Rose Hawkins: Bem, estou muito particularmente interessada nos animais. Passo bastante tempo com eles. E, hum... claro que isso deve soar-te um bocado estranho, não é? Mas sabes... oh, temos todo o tipo de, hum, animais de estimação aqui deste lado, sabes? E eu sempre fui muito amiga de gatos.
Rose Creet: Diz-me Rose, existe aí um reino especial dos animais?
Rose Hawkins: Oh sim. Mas sabes, os animais de quem se fez muito caso, aqueles que vocês chamam de animais de estimação, sabes, aqueles de quem cuidaste e por quem tinhas muito carinho – eles tornam-se bastante espertos, como deves saber bem.

Rose Creet: Sim, sei...
Rose Hawkins: E aqui têm muito mais inteligência, até do que tinham na Terra, e claro, conseguem exprimir-se mais. Não é que falem, mas aqui, percebes, nós, hum, conseguimos comunicar totalmente por pensamento. Não precisamos de falar da forma normal, conseguimos captar os pensamentos uns dos outros muito facilmente ao fim de algum tempo e habituamo-nos a isso. E claro, também podes captar os pensamentos dos animais. Porque eles pensam, sabes...
Rose Creet: Sim.
Rose Hawkins: ...são muito espertos. Oh, gosto imenso dos animais e tenho bastantes gatos, sabes? Claro, não é esse o meu trabalho, digamos assim, mas, hum, interessa-me muito, muito mesmo.
Rose Creet: Isso era o que eu adorava fazer quando for para aí; ir para o reino dos animais...
Rose Hawkins: Tenho um jardim lindo, querida.
Rose Creet: Oh?
Rose Hawkins: Tenho um jardim maravilhoso.
Rose Creet: Tens?
Rose Hawkins: Oh, já não preciso de os vender agora, só os cultivo!
Rose Creet: Como é que os cultivas?
Rose Hawkins: Oh, é só pôr na terra como sementes, tal como vocês fazem, e eles crescem. Agora vais perguntar-me se temos estações do ano...
Rose Creet: Sim!
Rose Hawkins: Eu consigo ler o que estás a pensar, sabes!
Rose Creet: [Risos]
Rose Hawkins: Bem, temos estações, mas não exatamente como vocês entendem. Não temos inverno, verão, primavera e isso tudo, mas temos uma espécie de 'mudança na atmosfera' – suponho que é a única forma de o dizer. Não temos neve, nem granizo. Não temos, hum, chuva – mas também não é preciso aqui. As flores crescem naturalmente, no seu tempo, e são flores maravilhosas também. Crescem muito mais altas do que do vosso lado. Tudo parece maior, quando penso nisso, sabes.
Rose Creet: Mmm... e as cores?
Rose Hawkins: Flores e árvores...
Rose Creet: Suponho que as cores sejam magníficas?
Rose Hawkins: Oh, as cores, minha querida – oh, nunca viste nada assim! Há cores aqui que nunca viste nem ouviste falar. Temos combinações de cores maravilhosas.
Rose Creet: Mmm...
Rose Hawkins: Oh querida, está aqui alguém a tentar... o que é que ele diz? Tentar chamar-me a atenção, acho eu. Alguém quer experimentar esta coisa da máquina.
Rose Creet: Oh.
Rose Hawkins: Eu... hein? Está bem, só um minuto! É melhor ir, mas volto outra vez. Isto é só uma experiência, não é?
Rose Creet: Sim querida.
Rose Hawkins: Então boa noite.
Todos os participantes: Boa noite Rose.
Rose Hawkins: Tu és mesmo um caso sério, não és querida, hein?
Mickey: Estás a falar para mim? Ela estava a dizer que eu era um caso sério?
Rose Creet: [Riso contido]
Mickey: Eu não puxei a saia dela para lhe dizer que o tempo dela acabou...
Rose Creet: [Risos]
Mickey: Tu é que és um caso sério, não és Rosie?
Rose Creet: [Risos] Tu é que os manténs na linha, Mickey...
Mickey: Bem, isto é só uma experiência e, portanto, queremos aproveitar o tempo o melhor

possível.
Rose Creet: Sim, claro. Sim, sim.

ROSE HAWKINS
9 de Setembro de 1963
"Estou muito feliz onde estou..."

Em vida, Rose Hawkins foi uma vendedora de flores de Londres, que tinha o seu ponto de venda à porta da estação de Charing Cross. Falando aqui com George Woods e Betty Greene, Rose descreve a sua vida e atividades no Mundo Espiritual em detalhe simples, desde a sua aparência, ao tipo de casa em que vive, os seus passatempos e amor pelo jardim, até aos animais que vê à sua volta. A descrição de Rose sobre a vida no Mundo Espiritual tornou-se uma referência para outras comunicações e foi destacada no livro *Life After Death* de Neville Randall.

George Woods: Bom dia.
Rose Hawkins: Olá, Sr. Woods. Olá, Sra. Greene.
Woods: Oh, olá. Sim?
Betty Greene: Olá, Rose.
Hawkins: Como souberam que era eu? Não vos disse.
Greene: Reconheci-te, Rose.
Hawkins: Reconheceste?
Greene: Sim.
Hawkins: Oh, então devo ter uma voz muito distinta, não devo?
Greene: [Rindo]
Hawkins: Não pensei que ainda se fossem lembrar de mim.
Greene: Sim...
Woods: Oh, lembramo-nos de ti...
Hawkins: Já faz muito tempo desde que falei, sabem? E pensei que, sabem, podiam ter-se esquecido.
Greene: Não, não...
Woods: Nunca te esqueceríamos, Rose.
Hawkins: Tanta gente vem falar convosco de semana a semana, sabem? Devem ter uma grande mistura!
Woods: Ainda te temos...
Hawkins: Eh?
Woods: Estávamos a ouvir [a tua gravação] no outro dia...
Hawkins: Como têm andado?
Woods: Muito bem, Rose. Estamos sempre a ouvir as tuas gravações.
Hawkins: Vocês parecem atrair sempre muita gente. Sempre que vêm aqui há multidões. Não tive hipótese de chegar perto durante séculos, sabem.
Woods: Não tiveste?
Hawkins: Não me esqueci de vocês.
Greene: Eu sei que não te esqueceste de nós.
Hawkins: Imagino que estejam bastante ocupados, de uma forma ou de outra, com toda a escrita e todas as gravações?
Woods: Estamos muito ocupados. Trabalhamos até tarde algumas noites — por vezes até de manhã cedo, trabalhamos.
Hawkins: Imaginem, aparecerem na televisão!
Flint: [Rindo]
Greene: Oh, sabes disso, sabes?

Woods: Ouviste isso, Rose, foi?
Hawkins: Ouvi dizer.
Woods: Estiveste lá?
Hawkins: Oh sim... Não — não estive lá. Mas soube de tudo.
Greene: Sim. Temos de voltar, Rose...
Hawkins: Ora essa, estão a ficar umas estrelas, não estão?
Woods: Bem, não nos sentimos estrelas, Rose.
Greene: Bem, espero que não seja por esse lado.
Hawkins: Suponho que recebam cartas de fãs a seguir...
Greene: [Rindo]
Woods: Mas desde que seja útil para ajudar outros.
Flint: [Rindo]
Woods: Esse é o nosso principal objetivo. Então, Rose, como tens andado?
Hawkins: Oh, óptima, muito bem mesmo... Não tenho razão de queixa. Perdão?
Woods: O que andas a fazer agora?
Hawkins: Bem, passo bastante tempo com os mais pequenos. Gosto muito das crianças. Faço muita coisa com elas...
Woods: Sim?
Hawkins: ...e gosto de, não sei, fazer todo o tipo de coisinhas. Sei que para alguns parece parvo, mas gosto de horas sossegadas em que posso sentar-me a fazer um pouco de bordado e, oh, ler e essas coisas todas.
Woods: Fazes bordado, Rose?
Hawkins: Sim, porque não?
Woods: Oh, sim?

Greene: Continuas a viver na mesma casa, Rose, onde estavas quando...
Hawkins: Sim, e estou muito feliz. Não tenho grande desejo de mudar. Claro, há sempre pessoas que estão sempre a querer ir mais além e tudo isso. A mim não me atrai muito isso. Suponho que um dia terei vontade de mudar. Mas porquê? Estou bem. Tenho uma casinha minha, todos os meus interesses e amigos.
Woods: Como é a tua casa, Rose?
Hawkins: Oh, bastante normal. Uma casinha agradável — num sítio no campo. O que sempre teria gostado. Tendo vivido em Londres toda a minha vida, sempre pensei que seria bom, sabem, ir para o campo e reformar-me e tudo isso. Agora tenho exatamente o que queria. Não desejo mais nada. Suponho que, de certa forma, isso não seja bom. Não sei. Dizem-me que devemos ser sempre ambiciosos, mas eu não sou ambiciosa. Estou muito feliz com o meu cantinho.
Woods: Tens jardim, Rose?
Hawkins: Tenho, e é mesmo a minha cara, e cultivo as minhas próprias flores, e nunca apanho nenhuma.
Woods: Não apanhas?
Hawkins: Não, deixo-as ficar no seu ambiente natural, e tenho a maior alegria e felicidade só em cuidar delas e vê-las. Nunca parecem morrer.
Greene: Disseste isso na tua última gravação, Rose.
Hawkins: Disse?
Greene: [Disseste] que não era bem correto apanhar as flores.
Hawkins: Bem, suponho que do vosso lado seja um pouco diferente, por várias razões. Mas, não sei, agora parece-me quase um pecado apanhar as flores bonitas. Quero dizer, deixá-las ficar onde estão, no seu ambiente natural, como foi pensado.
Greene: Elas são vida, não são?
Hawkins: Claro que são. Têm vitalidade e vida própria.
Woods: Visitas muitos lugares, Rose?

Hawkins: Oh, de vez em quando. Não sou muito de andar por aí. Não me importo de sair de vez em quando, ver amigos meus e pôr a conversa em dia. Mas não tenho vontade nenhuma de andar para trás e para a frente como alguns fazem. Alguns ficam um tempo e depois, mal dás por isso, já se foram. Nunca mais os vês — foram para outro lado, para outro sítio. Não é para mim!
Greene: Estás satisfeita?
Woods: Tens vizinhos, Rose?
Hawkins: Estou. Alguns dizem que é mau estar satisfeito, mas não vejo isso assim. Acho que é mau é estar insatisfeito.
Woods: Uh, Rose...
Hawkins: E, no entanto, dizem que se não estiveres insatisfeito, nunca avanças, nunca chegas a lado nenhum, sabem. Talvez um dia me dê vontade de mudar, mas não vejo porque hei-de desistir do que já tenho por algo de que não sei muito — ou nada, aliás. Às vezes vêm falar comigo, sabem, sobre outros lugares e 'esferas', como lhes chamam. Tudo soa muito bonito mas não me sinto preparada para isso ainda. Estou feliz onde estou.
Woods: Como é o teu bungalow, podias descrevê-lo?
Hawkins: Podia o quê?
Woods: O teu bungalow. Disseste que era um... é uma casa ou...?

Hawkins: Bem, é uma espécie de casa pequena. É num ambiente campestre. Tem quatro divisões, chega perfeitamente para eu tomar conta. A coisa engraçada é que nunca se apanha sujidade. Sabem, nunca há pó. Não tens de andar sempre a passar o pó pela casa com um espanador. Parece que está sempre tudo limpo. Mas depois, sabem o que me dizem? Não consigo entender isto, sabem. Ainda não percebo bem. Dizem que só se apanha sujidade e pó em casa se a tua mente estiver errada! Bem, a minha mente, não sei, não acho que tenha uma mente má de todo. Acho que penso pelas linhas certas, o melhor que posso. Desejo sempre o bem a toda a gente e, se puder fazer alguma coisa para ajudar alguém... quando estava do vosso lado era igual.
Mas aqui, já ouvi dizer entre as pessoas, que só quando... quando a tua mente é má e suja é que apanhas sujidade na casa e porcaria no teu lugar, percebem? Por outras palavras, se pensas mal, recebes coisas más. Provavelmente é por isso que sou tão satisfeita. Não tenho nada com que me preocupar. Estou muito feliz. Nunca me senti tão bem na vida. Pareço anos mais nova. Posso andar — e faço muitas caminhadas pelo campo. Isso atrai-me. Adoro ver os animais e os pássaros e gosto de me interessar por tudo e fazer parte de tudo e, ao mesmo tempo, aqui não há nada dessa coisa de se meterem com a natureza como há do vosso lado, sabem? As pessoas aí sentem sempre que têm de interferir com a natureza. Eu não. Estou perfeitamente contente em deixar tudo crescer e fazer o que quer, e nada parece interferir com nada nem ninguém. Toda a gente parece estar em sintonia, em harmonia, e a natureza é igual. Os pássaros não... hum, quer dizer, os pássaros vêm para o jardim. São mansos como tudo, e, hum, ninguém sente vontade de destruir nada. Isso é que é maravilhoso.
Woods: Sim, muito bonito...
Hawkins: E falam em mudar. Bem, suponho que é tudo muito bonito para algumas pessoas muito eruditas que querem progredir de outra forma, sabem. Mas eu estou feliz assim como estou. Porquê mudar? Há sempre quem me diga que devia começar, sabem, a pensar em fazer mudanças, mas eu não percebo isso.

Greene: Rose, tu disseste...
Hawkins: Eh?
Greene: Rose...
Flint: [Aspira pelo nariz]
Greene: ...disseste na tua última gravação que não tinhas visto o mar. Agora, já viste desde que temos... ?

Hawkins: Não vi mar nenhum, e também não tenho grande vontade de ver mar. Lembro-me dos velhos tempos quando estava do vosso lado, às vezes fazia uma excursão a Southend ou assim. Foi o mais longe que fui. Não... bem, suponho que nunca fui muito dada ao mar. Os meus amigos gostavam de ir passar o dia — eu ia de vez em quando com eles naquele velho autocarro de excursão e tudo isso. Mas, não sei, o mar não me atrai. Talvez eu não seja do tipo aventureira? Nunca vi mar nenhum aqui. Não acho que seja necessário.
Woods: Ainda vais aos lagos? Disseste. Os lagos e...?
Greene: Com os barcos...
Hawkins: Oh sim, vou aos lagos. Gosto porque é calmo e tranquilo. Não há dessas coisas brutas, sabem. Ah... o mar nunca foi coisa para mim.
Woods: E vais às cidades? Quando perguntei disseste que havia cidades.
Hawkins: Oh, há grandes vilas, como vocês lhes chamariam, ou cidades. De vez em quando, sim. Mas... é tudo tão diferente. Quer dizer, não se veem lojas.
Woods: Não.
Greene: Quando vais às cidades...
Hawkins: Não há nada para lá ir, a menos que sejas mesmo do tipo citadino. Se queres estar no meio de muita gente, então suponho que automaticamente, assim, sentes que é preciso estar na cidade. Mas eu queria paz e sossego e tenho isso.
Woods: Não tens vizinhos à volta? Alguns vizinhos por perto?

Hawkins: Oh, há pessoas, naturalmente, que vivem por perto, que são muito parecidas comigo na forma de ver as coisas. Provavelmente é por isso que estão lá e eu estou lá com eles. Mas, hum, juntamo-nos de vez em quando e... somos felizes à nossa maneira e fazemos as coisas que nos atraem. Algumas pessoas parecem pensar que temos de estar sempre 'em movimento'. Bem, acho que o problema é que na Terra eu estava sempre em movimento — esse era o meu problema. Sempre a correr para aqui e para ali. Nunca tinha um minuto para mim, que pudesse chamar meu. Agora estou muito contente por... por relaxar e estar sossegada e aprendi a ler — uma coisa que não conseguia fazer muito bem do vosso lado. Aprendi o ABC e tudo isso, e agora sei ler e arranjo livros. E há pessoas que me trazem livros, e às vezes consigo emprestar alguns dos meus. E sentamo-nos, conversamos e lemos.
E, hum, sei que isto vos vai surpreender, mas até já fui ao cinema. Nunca me importei muito com cinema... ir ao cinema quando estava do vosso lado, e às vezes vou com alguns amigos e vamos à vila mais próxima, o que vocês chamariam de vila...
Greene: Sim.
Hawkins: ...e podemos ver filmes. E podem-se ver todo o tipo de filmes também.
Greene: Muito interessante. Que tipo de... podes descrever alguns desses filmes?
Hawkins: Oh sim. Podem-se ver coisas, por exemplo, que viste do vosso lado — filmes de que gostavas muito. E, hum, claro que há outras coisas que se podem ver, mas muitos têm uma espécie de moral, suponho que lhe chamariam assim, e são muito interessantes e muito úteis. Claro que [há] certas coisas que ainda me confundem, hum... por exemplo, dizem-me que tudo o que teve algum valor ou deu felicidade às pessoas, no bom sentido, ainda existe aqui. Bem, isso é verdade, pelo que posso dizer, porque todas as coisas que realmente significaram algo para mim do vosso lado, certamente existem aqui — e são muito reais. Não é algo que inventas na cabeça, sabes, não é 'pensas numa coisa e lá está'. É real. É tão real para mim, por exemplo, se quero sentar-me em sossego e pegar num livro para ler ou até fazer uma chávena de chá para mim.
Quero dizer, as pessoas não apanham bem a ideia de tudo isto, pelo que consigo perceber, do vosso lado. Parece que pensam que devíamos estar num estado peculiar de existência onde somos todos muito religiosos.
Greene: Sim.

Hawkins: Bem, eu nunca fui muito de religião. Tinha respeito, dentro dos limites, e conheci uma ou duas pessoas religiosas muito boas, mas também conheci pess... uh... pessoas muito boas que não eram religiosas. Aliás, costumavam praguejar e dizer asneiras como tudo! Mas quando alguém precisava de ajuda, eram os primeiros a aparecer.
A questão é que aqui, parece-me, vive-se num sentido de vida que não é exatamente religioso, é muito mais real. Quer dizer, não sei explicar, mas é maravilhoso, sabem.
Greene: Mmm...
Woods: Como são os campos e essas coisas aí onde estás? São muito bonitos ou...?
Hawkins: São o quê?
Woods: Os campos, sabes, os...
Hawkins: Oh sim, lindíssimos. Lindíssimos. Temos relva muito bonita, verde, e sei que vos vai surpreender se vos disser que temos campos de milho...
Woods: Têm?
Greene: Oh.
Hawkins: E nós não... mas a coisa engraçada é, sabem, não temos estações do ano. Não no mesmo sentido que vocês. Por exemplo, nunca vi nada que chamasse chuva.
Woods: Nunca viste? Sem chuva?
Hawkins: E nunca soube o que é estar realmente nublado. E também nunca soube o que é estar demasiado quente. É sempre muito agradável. Uma atmosfera boa, agradável, quente. E, no entanto, nunca vi o sol. Por isso não acho que a nossa iluminação e luz possam vir do sol, porque nunca o vi.
Greene: Hum... Rose, a relva é igual à nossa ou tem uma textura mais fina?

Hawkins: Bem, é macio debaixo dos pés e é muito, muito bonito... um verde lindo. E claro que há muitas flores pequenas que crescem e muitas flores grandes também. Na verdade, já estive em sítios onde as flores são tão altas que — oh, acho que devem ter uns dois metros ou mais. É como andar por uma floresta delas.
Woods: A sério? Mas, de qualquer forma, Rose, o que fazem com o milho? Cortam-no ou fazem alguma coisa com ele?
Hawkins: Bem, não, não parece que... não sei, nunca o vi ser cortado...
Woods: Não?
Hawkins: ...e mesmo assim parece estar sempre lá.
Greene: Nunca viste fazer pão com ele, pois não?
Hawkins: Não, e isso é outra coisa engraçada. Claro, não sinto vontade de comer. Sentia quando cheguei aqui, mas era sobretudo fruta e essas coisas assim que se comiam. Mas, hum, suponho que, à medida que perdes o desejo por uma coisa, percebes que não é assim tão importante e depois deixa de existir para ti. Mas, hum, eu era daquelas que gostava da minha chávena de chá, e ainda gosto e tomo.
Agora, suponho que as pessoas digam de onde vem o chá? Vem... vem de algum sítio do vosso lado? Bem, claro que tem de vir de algum sítio deste lado, por isso deve ser cultivado e deve ser, digamos, preparado, não é?
Woods: Como é que... hum... pensas, assim...
Flint: [Limpa a garganta]
Woods: ...queres uma chávena de chá, e tens, se quiseres?
Hawkins: Bem, é uma coisa engraçada. Sabem, eu não tenho consciência — por exemplo, não vou à cozinha e ponho a chaleira ao lume...
Woods / Greene: Não.
Hawkins: ...e faço o chá, nesse sentido. Mas se sinto vontade de beber uma chávena de chá... bem, só posso dizer que ela está lá.
Woods: Está lá para ti?
Hawkins: Sim.
Woods: Bem, isso é muito bom.

Hawkins: Claro que algumas pessoas dizem, e até algumas aqui deste lado, dizem que isso não é realidade. É só porque acho que é necessário que a tenho, e torna-se possível. Mas quando perder a vontade de beber chá, que, hum, bebi a vida toda, hum, quando perder essa vontade, deixará de existir para mim. Porque isso é — e digo-vos a verdade — essa é uma das razões pelas quais tenho medo de ir demasiado longe.

Porque, sabem, algumas dessas pessoas apanham uma mania na cabeça e querem fazer progresso, como lhe chamam. Bem, eu sou a favor do progresso no sentido certo, mas depois, se continuares sempre a avançar e vais perdendo a velha ideia das coisas e o desejo por certas coisas, bem, parece-me que, hum, bem, não será a mesma coisa.
Sinto, de certa forma, que estou aqui no meu ambiente, que 'me assenta que nem uma luva', por assim dizer, e, sabem, quero dizer, estou mesmo feliz e porque havia de mudar isso? Porque havia de dizer a mim mesma, bem, já não quero isto nem aquilo, mas quero isto e aquilo? Prefiro ficar com as coisas que sei que tenho e de que gosto e onde sou feliz e não faço mal a ninguém, do que avançar para algo de que não tenho a certeza e sobre o qual não sei muito. Não quero estar, assim, demasiado, assim, afastada — não sei — das coisas que para mim significam realidade, de qualquer forma.
Greene: Mmm...
Hawkins: Claro que é um bocado confuso. Admito que às vezes acho tudo isto um bocado confuso, sabem.
Greene: Ainda?
Hawkins: Oh sim. Acho.
Woods: As flores e as árvores e isso... florescem aí ou...?
Hawkins: Oh sim, as árvores são lindas...
Woods: São?
Hawkins: ...mesmo lindas e as flores de algumas árvores são maravilhosas. E o perfume. Oh, o cheiro é maravilhoso!
Woods: E têm, hum, música bonita desse lado, não têm?
Hawkins: Oh sim. E já fui a muitos concertos e assim. Música linda. Música linda. Nada de coisas muito eruditas, mas música boa, sabem.
Woods: Sim.
Hawkins: Não aquela porcaria barulhenta, sabem, que têm aí do vosso lado, mas música agradável, sabem. Mesmo boa. Não se ouve muita música religiosa. Isso às vezes irritava-me.
Woods: Sim.
Greene: [Rindo] A mim também!
Woods: [Rindo]
Hawkins: Quero dizer, tudo isso, hum, *Onward Christian Soldiers* e *There Is A Green Hill* e isso tudo. Era tão deprimente!
Woods: Sim.
Greene: Muito deprimente.
Hawkins: Sabem, mas, hum, música bonita. Gosto de boa música religiosa. Gostava de *The Holy City* e dessas coisas, sabem. Coisas boas.
Greene: Sim.
Woods: Vais a concertos onde cantam?
Hawkins: [Claro], tenho roupas lindas para vestir.
Woods: Tens?
Greene: Rose, queria perguntar-te...
Hawkins: Oh, maravilhosas. Roupas lindas.
Greene: Rose, disseste que fazes bordados. Fazes algumas das tuas roupas?
Hawkins: Sim, faço. Já fiz várias peças, e há pessoas que me trazem tecidos. Um senhor muito simpático que conheci aqui — oh, ele é um homem tão bom. É uma pessoa de estatuto alto, sabem, mas vem cá. Visita alguns amigos meus também. E vem... nunca vem de mãos vazias. Oh,

é muito generoso, muito simpático. Fico sempre um bocado embaraçada, porque penso, e agora o que diabo lhe posso eu dar?
Mas ele traz sempre qualquer coisa. Não foi há muito tempo que me trouxe um tecido lindo, era mesmo lindo. Um tom de azul maravilhoso, mesmo a cor de que gosto, sabem.
Greene: Que bonito.
Hawkins: E ele disse, 'É para si, Mãe,' disse ele. 'Isso vai dar-lhe um belo conjunto,' sabem. E eu agradeci-lhe claro e perguntei se queria uma chávena de chá. Claro que sabia muito bem que ele ia dizer não, porque ele... sabem, já ultrapassou isso, assim. Não como eu! Mas eu... sabem, nunca se sabe o que oferecer a estas pessoas quando vêm, porque não querem nada!
Sabem, isso é outra coisa, sabem, quando pensam bem... na Terra, toda a gente parece querer alguma coisa. Se alguém vem visitar-vos, sentem logo que têm de perguntar se querem uma chávena de chá ou qualquer coisa. Mas ninguém parece querer nada aqui — pelo menos ninguém que me venha visitar. A maioria deles não, de qualquer forma.
Sempre... não sei, sempre a dar e nunca a receber. Olhem que eu também gosto de dar. Já ofereci muita coisa. Faço-o com todo o gosto.
Greene: Mmm...
Woods: Quando passeias pelo campo vês animais e [vida nos campos]?
Hawkins: Oh, já vi animais nos campos, claro que vi... Sim, e não tenho medo deles. Oh, vou contar-vos uma piada — quando estava do vosso lado, metiam-me no campo, eu adorava o campo. Quase nunca lá ia, mas tinha tanto medo dos animais!

Greene: Eras?
Hawkins: Ooh! Medo?
Greene: De quê — coelhinhos?
Hawkins: Não me punhas a atravessar um campo... oh não, coelhos não! Mas não me punhas a atravessar um campo por causa dessas vacas e assim, sabem.
Greene: [Rindo]
Hawkins: Mas aqui são tão dóceis... oh, são tão queridos.
Woods: São?
Hawkins: Sim, e eles... é quase como se pudessem falar contigo. É quase como se soubesses o que estão a pensar. A sério, é mesmo, mesmo maravilhoso, sabem, quando se pensa nisso. Claro que eu nunca aguentei essas coisas rastejantes, tipo rãs e assim, sabem. Não vi nenhuma dessas.
Greene: [Não tens isso aí do teu lado?]
Hawkins: Mas dizem-me que são de uma vibração muito baixa ou lá o que é. Não sei o que querem dizer com isso... mas não existem aqui. Não sou [inaudível], mas não gostaria de rãs e dessas coisas. E não vi nada como mosquitos e moscas.
Woods: Tens cavalos aí também?
Hawkins: Já vi borboletas, isso é estranho.
Greene: Aposto que são lindas, não são?
Hawkins: Oh, lindas. Maravilhosas. Mas dizem-me que, hum, também não... lá está, não morrem, pelos vistos. É uma coisa estranha aqui — não se morre, sabem. Nada morre. Eu... quando cheguei aqui pela primeira vez, pensei... quando me instalei, pensei... bem, quanto tempo é que isto vai durar?
Sabem, perguntei-me se isto era uma espécie de... outra vida em que se continua por tantos anos e depois ficas velha outra vez, sabem, e depois 'bates a bota', pronto, e perguntei-me se haveria algo para além disso — mas aqui não há morte.
Greene: Não.
Hawkins: É muito peculiar. Parece que se pode continuar e continuar, e depois, quando ficas farta ou cansada, ou sentes que já sabes tudo o que há para saber ou tudo o que queres saber onde estás, então podes, assim, simplesmente entrar num tipo de sono ou assim, e depois passas para outro...
Claro que isso mete-me um medo terrível, de certa forma. Não quero ir, sabem. Muitos dos

meus amigos dizem que devia, mas não vejo lógica nisso. Porquê largar o que já tens, o que conheces, quando és feliz com isso, para pegar em algo que não sabes o que é? Não quero ser toda 'la-di-da'. Estou muito bem como estou.
Woods: Disseste que tinhas o cabelo comprido, da última vez...
Hawkins: Oh sim, como era antes de o cortar, sabem.
Woods: Sim.
Hawkins: Não que alguma vez o tivesse cortado muito curto nem nada disso, mas cheguei a... rapá-lo um bocado!
Greene: Sim.
Hawkins: Isso meteu-me em sarilhos, isso meteu.
Woods: Oh sim?
Greene: [Rindo]
Hawkins: Isso é outra história... oh! Já vos contei. E não vejo muito o meu 'velho', contei-vos?

Greene: Não. Não tens o teu marido...?
Hawkins: Não. Oh, não.
Greene: Oh...
Hawkins: [Oh, não nos dávamos bem]
Woods: Rose, agora...
Hawkins: Tenho de me rir agora. As coisas mudaram e já voltei várias vezes ao vosso lado, dei a volta pelos sítios antigos, sabem; Piccadilly e isso tudo. Claro que aquilo mudou tudo lá em Charing Cross. O meu ponto de venda já era.
Greene: Sim.
Hawkins: Oh, fizeram obras lá. Já não é o mesmo, pois não?
Greene: Já foste a Covent Garden?
Hawkins: Sim, já fui. Não sei, Londres já não é a mesma. Não... não me parece a mesma, de todo. Toda a atmosfera parece ter desaparecido. E quanto aos jovens de hoje — não os percebo de maneira nenhuma!
Woods: Costumas voltar muitas vezes a Londres?
Hawkins: Eh?
Woods: Costumas voltar a Londres e [ver pessoas]?
Hawkins: Oh, de vez em quando. Vou dar uma vista de olhos às vezes, mas já começo a fartar-me disso. Já não vejo grande sentido. Em tempos, não me conseguiam tirar de lá. Quando vim para aqui pela primeira vez, estava sempre a voltar; a ver os velhos sítios, amigos e isso... Mas parece-me que mudou tudo. Já não sinto esse chamamento.
Greene: Rose, quando passaste para o outro lado, como... quais foram as tuas reações? Como te encontraste?

Hawkins: Bem, não sei, suponho que como muitos outros fiquei um bocado confusa. Dei por mim num ambiente muito feliz e tudo isso. O sítio era bom. Não podia queixar-me disso e [as] pessoas eram muito simpáticas. Mas, claro, não era o que eu estava habituada, não era o que eu esperava — se é que esperava alguma coisa. Costumava, assim, andar à deriva entre os dois lados; o vosso e este.
Greene: Mmm...
Hawkins: Até que, assim, me organizei, me instalei e comecei a apreciar tudo, sabem. Claro que eu era sempre uma 'expert' do velho West End, sabem. Suponho que já nasci com isso, sempre estive habituada. Mas como digo, já não é o mesmo. Não sei o que estão a fazer ao sítio! Já não é nada como era. Toda a velha atmosfera está a desaparecer, não está? [Está] a ficar cada vez mais... americana, suponho. Sabem, todos aqueles grandes edifícios e... não sei — talvez seja só de mim?
Porque lembro-me dos velhos 'Hansom cabs' e de todos os bons velhos tempos, dos autocarros puxados a cavalos e depois, claro, tivemos os [velhos generais] e isso, não foi?

Greene: Sim.
Woods: Rose...
Hawkins: Oh, os tempos mudaram. Sim, querido?
Woods: ...as cores no céu — as cores, disseste antes, eram muito bonitas?
Hawkins: Oh, bem, o céu está sempre, assim, a mudar. Vemos as cores mais lindas. Claro, as cores aqui são maravilhosas. Oh, vocês nunca viram nada assim!
Sabem, quando vocês os dois vierem para aqui e tiverem o vosso cantinho deste lado, vão ver cada coisa! Vão mesmo divertir-se. Claro que, suponho que vão para um sítio um bocado mais acima do que eu.
Woods: Bem, não sei...
Greene: Não necessariamente, Rose...
Hawkins: Bem, não sei — vocês são cultos e aprenderam muito, não é?
Greene: Isso não tem nada a ver com isso.
Hawkins: Não digo na escola e isso, tanto, mas, sabem, vocês sabem muita coisa, não sabem? E fazem muito bom trabalho, não fazem? Oh, eu acho-vos tão queridos, sabem, a maneira como fazem as coisas. Tenho-vos observado, como têm avançado e tudo isso. Já está tudo certo agora, Sr. George?
Greene: [Rindo]
Woods: Não sei...
Hawkins: Já era tempo, sabem. Não são como eu. São um tipo inquieto, estão sempre a mudar e a trocar. Quando vierem para aqui, não acredito que fiquem muito tempo no mesmo sítio!
Woods: De qualquer forma, quero ir ver-te, Rose.
Hawkins: Eh?

Woods: Quero ver-te...
Hawkins: Oh, bem, hás-de vir tomar uma bela chávena de chá e ficamos à conversa, amigo!
Woods: Vou sim.
Greene: Obrigada, Rose.
Hawkins: Vou ficar mesmo contente por vos ver.
Woods: Conheceste o Reverendo Thomas... Drayton Thomas? Ele apareceu uma vez...
Hawkins: Oh, ele? Oh, lembro-me dele. Ele costumava... ah, sim, vi-o bastante em tempos. Já não o vejo há muito. Tens ouvido falar dele?
Woods: Não. Não tenho...
Hawkins: Oh, eu via-o muito em tempos. Ele vinha visitar-me quando chegou aqui pela primeira vez. Não, acho que ele já deve ter seguido em frente, sabes.
Sabes, eu acho sempre engraçado... porque de certa forma é engraçado, sabes — porque na Terra costumávamos dizer: 'oh, coitada da fulana; lá se foi, sabes'. E aqui é quase igual, porque alguém chega ao pé de ti e diz: 'oh, imagina, fulano tal já seguiu em frente, sabes?' Claro que isso quer dizer que avançaram um bocado, percebes?
Greene: Para outra esfera?
Hawkins: Sim. Oh, já perdi alguns amigos assim. Já seguiram. Mas, não sei — como digo, eu cá fico quieta.
Woods: Sim. Estás mesmo feliz onde estás.
Greene: Sim.
Hawkins: Oh, suponho que é... não sei, talvez...
Woods: Há cavalos aí, Rose?
Hawkins: Eh?
Woods: Cavalos, Rose?
Hawkins: Sim, lindos. Cavalos maravilhosos.
Woods: Sabes montar, Rose?
Hawkins: Oh, eu não.
Woods: Não?

Hawkins: Meterem-me em cima de um cavalo?
Greene: [Rindo]
Hawkins: Oh, bolas, amigo. Não me punham lá em cima. Gosto muito deles ao longe. Tenho um certo medo de cavalos, tenho. Sempre tive.
Greene: Rose, disseste, uh...
Hawkins: Ora essa... Não me veem a galopar num cavalo! O que disseste, menina Betty?
Greene: Disseste que ajudavas crianças, os mais pequenos... Alguma vez encontraste a minha mãe?
Hawkins: A tua mãe, querida? Não, não encontrei.
Greene: Oh.
Hawkins: Não conheceria a tua mãe, querida. Talvez um dia tenha o prazer de ser apresentada.
Greene: Bem, tenho a certeza de que ela adoraria conhecer-te.

Woods: Como são as vilas, hum, Rose? Podes descrever algumas?
Hawkins: Oh, lindas, devo dizer — não é que eu viva numa, mas são muito bem organizadas, isso digo. Jardins lindíssimos e todo o tipo de parques e sítios para as crianças, especialmente. E todo o tipo de edifícios — grandes sítios onde fazem palestras, bibliotecas com livros e coisas, e sítios onde te podes entreter... hum, oh, muito bonitos. Nada de vulgar. Nada de barato e foleiro. Tudo mesmo bonito, de bom gosto, mas divertido, sabes?
Oh, já fui a um ou dois teatros aqui, vi peças. Vi muita gente famosa de quem lia, mas nunca fui muito ao teatro. Não tinha dinheiro para isso. Às vezes ia para a galeria e via um ou outro dos velhos artistas. Oh, já vi bastantes aqui... muitos deles continuam a fazer o mesmo tipo de trabalho. Mas é lindo, sabes? Já vi de tudo por aqui, sabes? Lindo.
Woods: As vilas são coloridas?
Hawkins: Sim, lindas, hum, coloridas, sim. Mas... hum, depende do que queres dizer com coloridas. Não quero dizer que as casas ou os prédios sejam todos pintados de vermelho, branco e azul.
Woods: Não, não, não.
Hawkins: Sabes, mas, hum...
Woods: Mas a arquitectura e...?
Hawkins: Oh, é muito bonita e muito variada, sabes? Todo o tipo.
Woods: Ah sim?
Hawkins: Todo o tipo.
Greene: E a pedra, como é? Parece-se com...?
Hawkins: Bem, a pedra parece-se, não sei... para mim parece madrepérola.
Greene: Oh, que lindo!
Hawkins: Quase pensarías que era feita de madrepérola.
Greene: Que bonito.
Hawkins: Tens todos os tipos de tons lindos. Não é tudo igual, mas alguns são.
Greene: O passeio também é assim — o que chamamos passeio? Feito do mesmo tipo de pedra, é?
Hawkins: Bem, tem aspeto de pedra, mas não sei se é pedra mesmo. Claro que há, hum... outra coisa é que não há trânsito! O que é maravilhoso, na verdade, quando se pensa nisso. Não tens carros, nem motas, nada disso. Toda a gente está satisfeita em andar a pé. Ninguém anda montado. Não há necessidade. Andar aqui não custa nada.
Woods: Não. Mas se quiseres ir longe, vais pelo pensamento, não é, Rose?
Hawkins:
Não sei se vais pelo pensamento exatamente. Não. Suponho que é mais como se sentisses vontade de ir a certo sítio...
Greene: E dás por ti lá?
Hawkins: ...e dás por ti lá. Sem esforço.
Woods: Não. Tens bosques aí? Sabes, bosques bonitos?

Hawkins: Suponho que muitos dos teus parentes estão aqui, sim.
Flint: [Rindo]
Woods: Ah, não. Queria dizer bosques: árvores...
Hawkins: Sei o que queres dizer, querido. Só estava a brincar contigo!
Todos: [Rindo]
Hawkins: Sim, claro. Há bosques lindos. Lindíssimos.
Woods: Mmm...
Hawkins: Oh, é um lugar maravilhoso. Ninguém precisa ter medo de morrer. É algo que todos deviam esperar com alegria e perceber que — a não ser que tenham algo terrível na cabeça... ou no passado, sabes... Claro que suponho que todos têm algum esqueleto no armário. Mas a pessoa normal não tem nada a temer quando vem para aqui.
Quero dizer, até os muito maus — bem, pelo que ouvi — mas, embora seja muito triste e provavelmente, de certa forma, muito mau para eles. Mas não ficam perdidos, coitados. São ajudados e guiados e, eventualmente, 'saem da escuridão', por assim dizer.
Oh, a pessoa normal não tem nada a temer. Quero dizer, eu não fui particularmente boa nem particularmente má. Mas devo dizer, tenho-me saído bastante bem, e é por isso que não quero mudar. Esta mania de andar sempre a mudar — as pessoas têm uma mania disso. Há quem não saiba quando está bem, não é?
Greene: Agora vives uma vida, Rose, que sempre quiseste viver.
Hawkins: Sim, é verdade.
Greene: Sim, é isso mesmo.
Hawkins: E é por isso que não sinto vontade de mudar nada.
Woods: Estás muito feliz onde estás, Rose.
Greene: Sim.
Hawkins: Sim, muito feliz. Bem, tenho de ir. De qualquer forma, cuidem de vocês. E fico feliz por todo o bom trabalho que estão a fazer. E, hum... cuidem-se agora.
Greene: Vem visitar-nos outra vez.
Hawkins: Claro que venho, querida Betty. Tudo de bom para ti, George.
Woods: É tão bom da tua parte vires ter connosco.
Hawkins: Tchau, tchau.
Greene: Adeus, Rose... muito obrigada.
Woods: Obrigado, Rose, por teres vindo.

CHARLES DICKENS

Gravado: 29 de Maio de 1970

Durante a sua carreira literária, o autor britânico Charles Dickens criou centenas de personagens bem conhecidas; de Ebenezer Scrooge e Uriah Heep a Oliver Twist e Miss Havisham.

Os seus livros são continuamente republicados e inspiram regularmente filmes e séries em todo o mundo.
Falando aqui, no aniversário da sua morte em 1870, Charles Dickens explica que algumas das suas personagens foram baseadas em pessoas vivas que ele conhecia e noutras que o inspiraram.

Ele fala sobre as pessoas do seu tempo que viviam na pobreza e em circunstâncias desesperadas, e acredita que a sua escrita ajudou a sensibilizar a opinião pública e a inspirar mudanças para aqueles que não tinham oportunidade na vida.

Dickens explica também que a sua escrita era por vezes influenciada por pessoas do mundo espiritual, e que acabou por conhecer algumas das personagens que criou...

Um comunicador desconhecido partilha brevemente a sua gratidão com as participantes Ida Cook e Louise Cook, antes de Charles Dickens comunicar.
Flint: Esta sessão foi gravada no dia 29 de Maio de 1970, médium Leslie Flint.

Comunicador desconhecido: ...são muitos os que se reúnem à vossa volta, invisíveis para vós.

São muitos os que se aproximam, de facto, muito perto de vós, para servir a humanidade, para elevar aqueles que habitam nas trevas, para que vejam a realidade da vida eterna e das esferas de luz.

Verdadeiramente sois abençoados, na medida em que vos foi dada esta verdade. Grandes são os que vêm até vós. Muitos são os que se esforçam por derrubar a barreira que existe entre o vosso mundo e o nosso, vindos de muitas esferas [e] de muitas condições de vida.

É meu desejo, e o desejo de todos os que aqui vêm, que possamos dar voz no vosso mundo aos pensamentos do espírito, à realidade do espírito, ao poder e ao amor do espírito.

Em verdade, sois abençoados [ininteligível] por terdes tornado possível esta ligação. Ajudastes-nos a construir esta ponte, essa divisão entre o nosso mundo e o vosso, pelos vossos pensamentos de amor, pelas vossas orações e pelo vosso desejo de tudo aquilo que é bom.

Em verdade, nos próximos anos, dar-vos-emos grandes coisas, grandes novas de grande alegria. Muitos serão abençoados e consolados. Sede então de bom ânimo. Tende a certeza de que não falharemos naquilo que empreendemos juntos, pois o que fazemos é maior do que nós próprios.

São muitos os que agora desejam falar-vos. Sede pois pacientes, pois muitos encontrarão dificuldade, mas havemos de superar, havemos de alcançar, e a palavra do espírito há-de propagar-se na escuridão do vosso mundo e muitos serão iluminados. Tende fé, filhos.

Cook: Oh, sim, obrigada.

Dickens: Sou atraído ao vosso mundo nesta ocasião porque se tem falado muito de mim.

Cook: Oh, quem?

Dickens: E percebo que se faz grande alarido, só porque calha ser o meu centenário.

Cook: Oh...

Dickens: Bem, bem, bem, é tudo muito lisonjeiro – se é que se pode, por assim dizer, ficar lisonjeado neste nosso mundo – um mundo em que a lisonja não tem lugar, nem significado, nem substância.

Aqui não nos preocupamos com as fraquezas do homem. Aqui preocupamo-nos com a força do homem, a força da mente e do espírito. E aqui, de facto, só nos preocupamos com aquilo que é bom e com aquilo que é eterno – aquelas virtudes que, por si, redimem o homem das coisas materiais.

Mas, apesar de tudo, porque é o meu centenário, e porque se fala tanto e se faz tanto alarido – e percebo que vai haver mais uma nova edição das minhas obras. Tudo isto é muito agradável, mas gosto de sentir, apesar de tudo o que disse sobre a lisonja ou não querer saber dela, que seria um fraco exemplo de humanidade se não mostrasse alguma gratidão pelos pensamentos de carinho que estão por detrás de tudo o que se faz nesta altura.

E gosto de sentir que deixei para trás, e sinto que posso dizer que deixei para trás no vosso mundo, alguma luz, nos meus escritos, sobre o espírito humano.

Porque, embora dentro de algumas das minhas personagens haja talvez uma figura exterior, que alguns poderiam até sugerir que era de cartão, por assim dizer, dentro do cartão havia uma realidade viva de espírito individual e a realidade da caracterização.

Porque, vejam, tal como muitos outros escritores, às vezes peguei em pessoas compostas, por assim dizer, e fiz delas uma só, e essas tinham, por assim dizer, a aparência e a expressão exterior, mas por dentro eram, muitas vezes, várias pessoas a querer emergir. E, sem dúvida, consegui em certa medida.

Estou muito orgulhoso, se orgulho for a palavra certa para usar, num mundo onde a virtude predomina e o orgulho tem pouco lugar, mas, ainda assim, continuo humano. E também, ao aproximar-me da Terra, sinto, tanto, as forças de pensamento que emanam dos indivíduos e dos povos e o grande interesse que têm demonstrado nesta ocasião por causa do meu centenário e da obra que realizei.

Estou, naturalmente, afectado por isso, mas sabem...

Cook: Claro...

Dickens: ...algumas daquelas pessoas que criei eram pessoas vivas. Nem sempre me apercebia, quando escrevia, que algumas das pessoas não viviam do vosso lado, mas deste!

E eu era inconscientemente influenciado por várias mentalidades e várias personalidades deste lado que se impunham a mim enquanto eu escrevia. Houve alturas em que me apanhava a escrever páginas e páginas a uma velocidade estonteante...
Cook: Sim!

Dickens: E pensava para mim próprio, depois de uma longa sessão, e relia o que tinha escrito, mal conseguia acreditar que aquilo tinha sido escrito por mim. E, na verdade, acho que nem sempre estava consciente, por vezes, de algumas coisas que escrevi.

E agora sei, tendo conhecido algumas destas criaturas – almas queridas deste lado – hum, que criei certas personagens, uh, que se destacam vividamente nas páginas de alguns dos meus livros, hum, que tinham tido uma vida, que tinham sido personalidades individuais na Terra.

E embora as circunstâncias, por vezes, nos meus romances, não fossem as mesmas que a realidade que elas próprias viveram em vida, ainda assim, impunham a sua personalidade, o seu carácter, as suas manias, as suas pequenas peculiaridades de fala e o pormenor das circunstâncias que as rodearam, até certo ponto, foi transmitido nas páginas dos meus livros.

Embora, de certo modo, eu perceba também que havia um lado composto, na medida em que eu próprio, quando estava na Terra, recolhia, de pessoas que conhecia, pequenos detalhes

sobre elas e dizia: 'bem, que rosto interessante, que personagem interessante. Gosto disto, hei-de pôr uma personalidade assim num dos meus livros.'

Cook: Sim, sim...

Dickens: E claro que era... agora vejo, muito mais do que alguma vez percebi em vida, que estas eram, muitas vezes, personalidades compostas e personagens vindas de todos os estratos da vida, de ambos os lados.

Cook: Sim.

Dickens: Oh, já encontrei muitas das minhas próprias personagens aqui e fiquei espantado ao descobrir que tinham tanta substância, tanta realidade. E sabem, eu poderia... poderia entrar em detalhe, se tivesse tempo... ou se tivesse tido tempo para vos contar sobre algumas destas personalidades.

Agora vejam o Quilp...

Cook: Quilp. Sim, Quilp.

Dickens: Ele viveu mesmo na Terra.

Cook: Viveu?

Dickens: Era uma pessoa real... hum, eu não percebi, hum, na altura... eu conhecia tal homem – não de falar com ele, mas via-o em cafés, via-o nas ruas laterais e ele fascinava-me e eu pensava, bem, um dia talvez possa escrever uma personagem assim.

E quando o livro começou a formar-se na minha mente, o esboço e aquela sensação de ir tateando o caminho nos primeiros passos, pensei que este homem encaixaria na perfeição.

Mas desde que estou aqui e conheci o original, com quem nunca falei na Terra, percebo que apanhei a sua personalidade e o seu carácter – e embora as circunstâncias da vida dele fossem obviamente diferentes do que pus no meu romance – ainda assim havia muito ali que era real e verdadeiro no seu carácter e na sua constituição.

Era um homem que guardava rancor ao mundo. O mundo não o aceitava, hum, em parte por causa da sua condição, da sua aparência física e também da sua... ele era uma personagem invertida; tudo dentro de si, retorcido e deformado.

E isso ficou evidente no livro, claro, e ao mesmo tempo, desde que o conheci aqui – o que, claro, agora é 'outro campeonato' –, porque ele é um homem bem-apessoado. Isso era apenas físico. Ele teve a infelicidade de ser tão mal formado, mas aqui conheci-o e...

Sabem, é extraordinário que ele me tenha dito, vezes sem conta, que ele próprio tentou desesperadamente, quando estava na Terra, viver uma vida boa, mas as outras pessoas não o deixaram.

Ora isto pode soar a algo de muito extraordinário. Gostamos de pensar que somos, em certa medida, guardiões da nossa própria alma, guardiões da nossa natureza, que podemos moldar,

pelo menos em parte, o nosso próprio modo de vida, mas é verdade – e vejo isso agora, talvez mais claramente do que via quando estava na Terra...

Embora ache que, em certos aspectos, pus muito disso no meu trabalho, o que demonstra a minha consciência disto – mas a questão é que nenhum de nós é verdadeiramente... eu não diria responsável, não é essa a palavra certa... mas a verdade é que nem sempre estamos conscientes de que temos de seguir por um certo caminho, e muitas vezes dizemos a nós próprios, 'bem, esta é a minha vida e eu vou fazer isto ou aquilo, vou fazer isto ou aquilo outro'.

E claro, encontramo-nos num conjunto de circunstâncias, hum, onde somos influenciados pelas pessoas à nossa volta e pela própria condição em que existimos ou vivemos, hum, ou em que nascemos, e percebemos que, com a melhor vontade do mundo e as melhores intenções, às vezes temos de fazer coisas e somos obrigados a dizer coisas que nos custam, que são alheias ao nosso eu mais íntimo.

E de repente começamos a perceber que estamos a ser moldados, não por nós próprios, mas pelas acções, pelos pensamentos e pelas condições em que existimos.

Muitas das minhas personagens, hum, suponho, hoje em dia, no vosso mundo moderno onde há liberdade para dizer, fazer e pensar o que se quer, onde o homem pode agradar-se a si próprio sem ter de se curvar perante a sociedade ou sem ter de ser hipócrita, como muitas vezes tínhamos de ser no meu tempo...

Tudo isto pode soar algo estranho e talvez um pouco insólito, porque enquanto vos falo, de certa forma, embora consciente da vossa condição presente, estou, de certa forma, também muito ciente das circunstâncias e das condições do tempo em que vivi, em que trabalhei, em que existi na forma material.

Mas vejo agora, hum, que muitas das minhas personagens, embora tivessem grande profundidade, houve algumas que serviram, de certo modo, como uma espécie de... bem, como posso dizer isto? eram um pouco como as figuras de cera do Madame Tussauds.

Cook: Sim...

Dickens: Sabem? Serviam um propósito... hum, sabem, isto... vejo agora que, se pudesse escrever de novo, escreveria, em certos aspectos, de forma muito diferente. Mas houve muitas personagens de que tenho muito orgulho e que foram realmente pessoas vivas e que exprimiram muito, não só dos seus próprios pensamentos, mas também dos meus.

Usei, vejam, como todos os autores às vezes fazem, certos pensamentos e ideias e quis transmiti-los, quis ter impacto, quis talvez até mudar a sociedade ou a forma de pensar da sociedade, quis abrir a porta para que entrasse um pouco de luz na sala escura da mente dos homens. E assim, às vezes, usava as minhas personagens.

Bem, vejam, eu usei certas personagens para certas coisas que eu queria [ver] mudadas. O asilo de pobres preocupava-me. Pensava em toda a pobreza atroz e na tragédia das vidas, e tentei trazer, [em] certos aspectos das minhas obras, muito do meu sentimento mais íntimo de mudança, o desejo de mudança. Via a tragédia de vidas na miséria e na pobreza.

Quero dizer, o Thackery, por exemplo... bem, quero dizer, o Thackery, ele escrevia sobre pessoas de posição, de orgulho, de dinheiro. Ele, sem dúvida, à sua maneira, teve o seu papel...

...mas eu preocupava-me mais com as pessoas que não tinham hipótese, sem oportunidade, que eram oprimidas, que, por mais que tentassem – e tentavam muitas vezes desesperadamente – levar vidas decentes e fazer o que era certo, era impossível, por causa das suas circunstâncias e da sua situação.

Queria ver mudanças, preocupava-me com mudanças para a humanidade. E gosto de pensar, neste momento em particular, que tive alguma parte em fazer com que estas coisas acontecessem. Claro, Shaftesbury, que é um grande amigo meu, que acredito que já tentou contactar-vos antes...

Alice Green
18 de Dezembro de 1967

"Qualquer livro de valor está lá..."
O Mickey partilha os seus bons votos com o George Woods e a Betty Greene, nesta gravação feita mesmo antes do Natal. Depois, a Alice Green comunica pela primeira vez e fala sobre a sua morte e as suas experiências após chegar ao Mundo Espiritual. A Alice descreve a paisagem e o cenário deste novo mundo e explica como foi finalmente reunida com o marido depois de quarenta anos. Depois, a Alice fala das vastas bibliotecas no Mundo Espiritual onde, segundo ela, qualquer livro de valor está disponível para ser lido... Por fim, um comunicador masculino não identificado dá uma bênção de Natal.

Betty Greene: [A seguinte] gravação é da Alice Green. Foi gravada no dia dezoito de Dezembro de 1967, estando presentes como assistentes o Sr. S.G. Woods e a Sra. B. Greene, sendo o médium o Sr. Leslie Flint.
Greene: Obrigada!
Mickey: E que tenham um Natal muito, muito feliz e um ano novo muito pacífico, bem-sucedido e espiritual.
Greene: Obrigada, Mickey...
Woods: Oh, obrigado, que prenda tão bonita!
Mickey: E que... que tenham muitos mais anos para continuar a fazer o bom trabalho.
Greene: Obrigada, Mickey...
Woods: Oh, obrigado.
Greene: Nós gostaríamos de...
Mickey: E não liguem nenhuma ao velho Flint, a dizer que está a ficar velho...
[Risadas]
Greene: ...tens a idade que sentes, não é, Mickey?
Mickey: Pois, é o que se diz, mas, hum, se ainda se é útil para alguém ou para o trabalho, então não se é realmente velho.
Greene: Não. Suponho que não.
Woods: Não. Não, isso é bem verdade, Mickey. Há muita gente...
Mickey: É isso que faz as pessoas continuarem, é serem úteis, ajudarem e sentirem-se precisas, não é?
Greene: Sim.
Woods: Oh, sim.
Mickey: Essa é a tragédia de alguns velhotes; sentem que ninguém os quer.
Woods: Pois.
Greene: Bem verdade.
Mickey: E isso é terrível. Eu acho que toda a gente devia tentar fazer os velhotes sentirem-se necessários.

Greene: Sim.
Mickey: E dar-lhes coisas para fazer – mesmo que sejam coisas pequenas – para que sintam que estão a fazer algo de útil, sabes?
Greene: Bem verdade.
Mickey: Não é simplesmente encostá-los e deixá-los 'apodrecer'.
Woods: Pois.
Flint: [Tosse]
Woods: Pois, tens toda a razão, Mickey. Concordo plenamente contigo.
Greene: Quanto mais se tem que fazer, mais jovem se é.
Flint: [Assoa-se]
Woods: É melhor se... se se puder fazer algo.
Voz: Bendito seja o Senhor!
Greene: Olá?
Woods: Oh, olá? Como está?
Greene: Bom dia, amigo.
Woods: Bom dia.
Flint: Quem foi?
Greene: Não sei.
Woods: [Disse] 'bendito seja o Senhor'.
Greene: Uma senhora?
Woods: Sim, era uma senhora.
Voz: Bendito seja o Senhor...
Woods/Greene: Sim.
Voz: ...por todas as suas misericórdias.
Woods/Greene: Sim.
Voz: E toda a sua bondade para connosco.
Woods: Sim... Muito simpático da sua parte vir até nós.
Voz: Que a paz do Natal esteja convosco agora e para sempre.
Greene: Obrigada.
Woods: Muito obrigado.
Greene: Quem está a falar?
Woods: Quem fala, amiga?
Greene: [Ininteligível]
Flint: Hmm?
Greene: A voz era um bocadinho familiar.
Flint: Parecida com quem?
Greene: Achei que era... parecia-me ligeiramente familiar, a voz, sabes?
Flint: A mim soou-me como se tivesse dentadura! Desculpem lá [Risos]
Sou terrível, não sou?
Woods: Bem, ficámos muito contentes...
Flint: Espero que não [Risos] seria horrível; ter de ir buscar nova dentadura!
Greene: [Risos] Leslie!
Flint: [Risos]
Greene: Não sei...
Mickey: A sério, não se pode ir a lado nenhum com ele!
Greene/Flint: [Risos]
Woods: Bem, foi muito simpático da parte dela vir até nós, de qualquer forma. Quem seria?
Greene: Não sabemos quem era.
Woods: Muito satisfeitos.
Flint: Quem seria ela?
Mickey: [A cantar]

...na cidade de David... # Sabem qual é?

Greene: Sim. Claro! Continua, Mickey, continua.
Woods: Continua, Mickey. Eu conheço.
Mickey: [A cantar]

...O bom rei Wenceslau olhou, na festa de Santo Estêvão...

Greene: Sim, continua...
Mickey: [A cantar]

...Quando a neve estava toda à volta, fria e dura e lisa...

Greene: Sim, continua...
Mickey: Ah, ah – já não me lembro!
Greene: "Brilhava imenso a lua naquela noite..."
Mickey: Ah, pois...

...Brilhava – brilhava a lua naquela noite...# "e o vento era cruel", ou algo assim, não era?

Greene: [A cantar]

... Quando o pobre homem apareceu ...

Mickey: [A cantar]

...A apanhar lenha de inverno!

Greene: Está certo, Mickey, lindo.
Mickey: Não sou lá grande coisa a cantar.
Greene: Lindo! E que tal o 'Enquanto os pastores lavavam...'?
Flint: [Risos]
Greene: Por pouco não dizia a outra versão!

Mickey: "Shepherds... shepherds watched their sheep by night"?
Greene: "While shepherds washed their socks by night"!
Mickey: Oh, isso é muito traquina.
Greene: [A rir] Desculpa, Mickey! Bem, essa era a versão de escola de meninas.
Mickey: A sério, és mesmo traquina.
Woods: És mesmo. É. Tens razão, Mickey. Ela é muito traquina.
Greene: Ai, valha-me Deus!
Woods: "Watched their flocks by night."
Greene: "Watched their flocks by night", sim. Eu estava a cantar a versão das meninas da escola.
Alice Green: Pois, é isso.
Woods / Greene: Olá?
Alice: Sim, é isso.
Greene: Sim, amiga?
Alice: "While shepherd watched their flocks by night, all seated on the ground..."
Greene: Sim, continua.
Alice: "The angel of the Lord appeared and glory shone around."
Greene: Está certíssimo.
Alice: É isso mesmo.

Woods: Sim.
Alice: [Nós] costumávamos cantar isso no antigamente.
Woods / Greene: Pois.

Alice: Bem, os tempos mudaram desde então, sabem?
Woods: Ah, sim.
Greene: Pois mudaram, não foi?
Alice: Ai, ai. Eu não queria estar do vosso lado agora, nem por nada. Eu não queria mesmo estar aí.
Greene: Imagino que não quisesses.
Alice: Sou tão feliz aqui.
Greene: Que bom.
Alice: Você é o Sr. Woods.
Woods: Sou.
Alice: E você é a Sra. Greene.
Greene: Exactamente.
Alice: Pois, é isso.
Woods / Greene: Sim.
Alice: Sim, já ouvi falar muito de vocês...
Greene: Podemos saber o seu nome?
Alice: ...pelos meus amigos.
Woods: Pois.
Alice: O meu nome, por estranho que pareça, é Green.
Greene: Ah, é?
Alice: Mas não sou nada aparentada convosco.
Greene: Pois.
Alice: Pelo menos, que eu saiba, não sou, minha querida.
Greene: Não, não espero... quer dizer, Green é um apelido bastante comum, não é? Qual é, hum, o seu nome próprio, amiga, podemos saber?
Alice: Alice.
Greene: Alice Green?
Alice: Sim, está certo. Alice Green.
Greene: Ah, e onde é que vivia, Alice, quando estava deste lado?
Alice: Bem, vivi no *East End* a maior parte da minha vida.
(*East End* = zona leste de Londres)
Greene: Sim.
Alice: E depois mudámo-nos para Margate.
Greene: Ah, conheço Margate.
Alice: A sério?
Greene: Sim.
Alice: É um sítio bonito.
Greene: Sim... E, hum, Alice, quando, hum... sabia alguma coisa sobre este assunto antes de falecer?
Alice: Eu?
Greene: Mmm-hmm.
Alice: Não.
Greene: Não sabia.
Alice: Tinha uma amiga minha que era espírita.
Greene: Sim?
Alice: Tentava falar comigo sobre isso. Eu interessava-me, mas não ao ponto de ir a reuniões.
Greene: Pois.
Alice: Eu era baptista.

Greene: Ah! Pois.
Alice: Não que fosse grande coisa.
Greene: Não?
Alice: Mas ia lá de vez em quando. A minha mãe e o meu pai; eram todos pessoas religiosas.
Greene: E ficou confusa quando se viu do outro lado?
Alice: Não fiquei nada!
Greene: Não ficou?
Alice: Não. Levei isso na boa. Eu sabia que havia qualquer coisa. Mas não sabia bem... quer dizer, não sabia bem o quê.
Greene: E como é que se encontrou – em que tipo de condições se encontrou?
Alice: Bem, depois de sair do cemitério; foi depois do meu funeral...
Greene: Ah, foi ao seu próprio funeral?
Alice: ...voltei para junto dos meus, sabes. Eles tinham todos voltado para um petisquinho, sabes – como todos fazem depois de um funeral.
(*petisquinho* = comer qualquer coisa)
Greene: Pois.
Alice: Claro, estavam todos a falar de mim, e eu ali sentada a vê-los.
Greene: Ah.
Alice: E ninguém me ligava nenhuma e pensei, bem, não vale a pena ficar aqui. Então saí... saí, sabes.
Greene: Sim.
Alice: Rua acima, rua abaixo. Ninguém me ligava nenhuma. E pensei, bem, isto é uma situação estranha*! Mas não durou muito, porque vi o meu marido a vir.
(*situação estranha*)
Greene: Ah.
Alice: E ele já tinha morrido há… bem, devia estar quase a fazer quarenta anos.
Greene: Mmm...
Alice: Ele foi morto na Primeira Guerra Mundial. Dá vontade de rir quando se pensa nisso, mas eu fiquei um bocado zangada com ele.
Greene: [A rir]
Alice: Pois, eu até pensei que ele tinha vindo ao meu funeral. E pensei que estaria à minha espera, sabes.
Greene: Pois?
Alice: Mas pronto, depressa resolvemos isso.
Greene: E depois o que aconteceu?
Alice: Ah, ele pegou-me na mão e disse que não havia nada com que me preocupar. Eu disse, 'Eu não estou preocupada.' Eu sabia que havia algo depois da morte, mas não pensei que fosse, assim, ficar por ali muito tempo. Mas ele disse que não era preciso. A seguir, dei por mim sentada numa casinha. Uma casinha muito bonita era – uma sala bonita, uma casa agradável. E era a casa dele.
Greene: Pois.
Alice: E a mãe dele estava lá. Mas eu não percebia porque é que não tinham ido ao meu funeral. Eu... eu pensava, 'bem, isto é estranho', sabes.
Greene: Mmm...
Alice: Eu até pensava que eles tinham estado lá todos, sabes. Mas ele disse que sabia que eu estava a chegar e que era melhor, sabes, ao início, eu orientar-me*. Eu não percebi bem o que ele queria dizer com isso.
(*orientar-me* = ambientar-me)
Como eu disse, 'Pensei que estarias lá, sabes, quando eu chegasse.'
E ele disse, 'Ah não.' Disse ele, 'queríamos só que tivesses uma pequena experiência, para veres que tinhas mesmo acabado com a Terra.'

Greene: Sim. Mmm-hmm.
Alice: Claro, estavam lá as minhas... as minhas duas filhas – elas foram ao funeral, e os maridos delas. Ah, lembro-me que um deles não pôde, não conseguiu sair do trabalho. E estavam lá vários dos meus vizinhos; pessoas que eu conhecia. E a Barbara estava lá – era a minha netinha. Ah sim, foram todos, mas fiquei tão surpreendida de o meu marido não ter ido. Tantos anos morto, pensei que ele teria feito questão de lá estar. Mas ele disse que eu tinha de aprender uma lição e suponho que tinha razão, sabes. Aprendi, claro, que não valia a pena ficar ali presa à Terra.
Greene: Pois.
Alice: Bem...
Greene: Continua, é tão interessante. O que aconteceu depois?
Alice: Ah, bem, estivemos à conversa e ele contou-me tudo sobre a vida dele e as coisas do lado dele da vida... bem, agora também é o meu lado, percebes? Ele disse, 'vamos dar um passeio' e eu disse 'está bem'. E outra coisa que notei; conseguia mexer-me tão facilmente.
Tive imensos problemas com as minhas pernas... ah, horrível! Tive reumático terrível e não conseguia calçar o sapato... no pé direito. E ir dar um passeio, pensei, 'isto é maravilhoso'. Sem dores, sem maleitas. Andava como quando era rapariga, percebes?
Bem, lá fomos dar uma volta e eu ia pôr um chapéu e percebi que não tinha nenhum! Foi engraçado, não foi?
Greene: Pois [a rir] E para onde foram?
Alice: Bem, descemos um caminho de jardim desde a casa e... ah, e havia muitas outras casas. Era como uma zona suburbana, percebes?
Greene: Sim.
Alice: Havia muitas outras casas – uma comunidade mesmo. E depois ele disse, 'bem, vamos até à vila'. E eu pensei, 'isto é estranho. Não sabia que havia vilas quando se morre!'
Era uma vila bem grande – reparei que não havia lojas, mas todo o tipo de edifícios e sítios enormes, havia, como galerias de arte e... como museus, suponho – não é que tenha entrado. Pareciam aqueles sítios que se vêem em Londres, sabes, como St Martin-in-the-Fields, e sítios assim. Mas não havia igrejas.
Greene: Não?
Alice: Eu não queria... e ele disse, 'queres entrar aqui?' e eu disse, 'ah, não sei'. Então disse, 'preferia andar cá fora.' Porque não havia trânsito, as pessoas andavam todas a passear, sabes, em pequenos grupos – e crianças e havia risos e vinha música de um edifício enorme... ah, música maravilhosa. E ele disse, 'bem, vamos lá um dia, mas agora não. Queremos que te orientes e que conheças sítios e pessoas.'
E apresentou-me a vários amigos dele e... ah, pessoas que eu conhecia, alguns, de há muitos anos. Nunca os teria reconhecido. E ele disse, 'esta é fulana de tal... não te lembras de fulana?' Claro que não os teria reconhecido. Eram tão diferentes! Quer dizer, quando se pensa nisso, o tempo faz coisas às pessoas na Terra, mas lá estavam todos jovens.
Ah, e depois andámos mais para fora e chegámos ao que se pode chamar o campo, suponho, porque era como um caminho rural. E havia casas lindas... árvores – e também sítios sem casas, sabes. Via uma casinha aqui e ali, escondida. E eram pessoas que, evidentemente, viviam no campo e preferiam assim.
Ah, não era muito diferente de estar na Terra, sem todo o... não sei, o barulho e o trânsito e essas coisas, percebes? Era tudo muito real e muito acolhedor, muito agradável.
Greene: Notou se as cores eram mais vivas? Ou achou...
Alice: Ah, sim. A relva verde era linda, tão verde, e ah, havia imensas cores por todo o lado, cores lindas. A cor dos edifícios parecia como se fossem de mármore e alguns pareciam... bem, não sei de que eram feitos... é como... bem, como conchas de ostra, sabes. Eram todos em tons rosa pálido, lilás claros, azuis e...
Greene: Que bonito.
Alice: Ah, eram lindos.

Greene: E o que é que estava a vestir, Alice, quando foi dar esse passeio?
Alice: Ah, agora que perguntas! O que é que eu estava a vestir? Não faço ideia do que estava a vestir. Sei que instintivamente estendi a mão para o chapéu que não estava lá.
Greene: [A rir]
Alice: Porque eu nunca saía sem chapéu, sabes. E o meu marido disse, 'ah, não te preocupes com chapéu, querida.' Outra coisa que reparei, foi que o meu cabelo... ah, estava como quando eu era rapariga. Descia pelas costas... preto como carvão, sabes, preto azeviche. Tinha um cabelo lindo. Claro, fiquei velha e fiquei grisalha, percebes?
Greene: Sim.
Alice: E claro, fui cortando à medida que envelhecia. Agora tenho a minha linda cabeleira. Ah, era tão bonito – parecia uma rapariga nova, eu ali a saltitar. Penso nisso agora e até me rio, de certa forma. Ali estava eu, a saltitar – e até ali, sabes, andava toda coxeando. [Eu] nem conseguia calçar um sapato, tinha de usar chinelo.
Greene: O que faz agora, Alice, desse lado? Como é que...
Alice: Bem, estou a aprender, sabes, a fazer várias coisas.
Greene: Mmm...
Alice: Estou... bem, não sei bem como hei-de dizer isto. Estou a fazer, hum... bem, suponho que se possa chamar... bem, o mais parecido que posso dizer [suspiro]... a fazer coisas para as casas das pessoas. Mas, hum, soa parvo quando o digo, eu sei.
Greene: Que tipo de coisas?
Alice: Decorações e, hum... com materiais. Suponho que se possa dizer... bem, podem chamar-lhes cortinas, claro. Mas, lá está, não se precisa de cortinas. Vês, isso é que eu acho engraçado – as nossas casas são reais e as coisas lá dentro são reais; temos cadeiras e tudo o que é necessário, mas há coisas que não temos, que faltam, que associarias à Terra.
Mas há materiais lindos aqui e podemos fazer coisas e decorar e fazer tudo o que se quiser. E não é só pensar nisso – tens de pôr esforço nisso. E há todos os tipos de fios e materiais que podes trabalhar, sabes.
Greene: São como os materiais da Terra?
Alice: Ah, a nível de aspecto, sim, e fazem desenhos lindíssimos.
Greene: A sério? A textura é diferente?
Alice: Ah, sem dúvida que há texturas e há coisas que se cultivam aqui para isso. Isso é outra coisa que as pessoas não percebem. Embora haja animais, não são usados para... bem, como seriam na Terra para alimentação, sabes. E não se usa a lã e essas coisas, para fazer coisas. Parece que há materiais aqui que vêm das condições naturais da vida, mas não são, de forma alguma, como se costuma dizer, tirados de matéria viva. E, claro, tudo é vivo, na verdade, mas nada como um animal que sofresse por causa disso.
E eu já vi muitos animais – vastas áreas cheias de animais, animais mansos. Ah, são tão maravilhosos, sabes.
Greene: Que lindo, sim. É uma das coisas que mais anseio quando eu...
Flint: [Assoa-se]
Greene: ...os animais.
Woods: Ainda é religiosa desse lado, hum...?
Alice: Ah, não dessa forma, não. Ainda gosto da música antiga e sou religiosa num certo sentido, mas não de forma estreita.
Greene: Pois.
Woods: Têm igrejas ou algo assim desse lado?
Alice: Ah, eu nunca vi uma igreja, mas acredito que algumas pessoas tenham igrejas. Não, acho que a religião é algo que se vive.
Greene: Sim. Ainda está com o seu marido?

Alice: É algo que se sente, sabes.
Greene: Pois. Ainda está com o seu...

Alice: Oh sim, estou com ele.
Greene: O que é que ele faz aí, Alice?
Alice: Ah, ele passa muito tempo no jardim. Adora o jardim dele, adora flores – cultiva flores lindas. Mas lá está, quase se pode dizer que crescem de forma natural, embora precisem de cuidados, mas não parece que haja ervas daninhas aqui, sabes?
Greene: Colhem as flores?
Alice: Não.
Greene: Deixam-nas...
Alice: Não, não, deixamo-las.
Greene: Está-se a destruir uma vida quando se faz isso, não está?
Alice: Bem, suponho que de certa forma, sim, mas não se sente necessidade de as tirar da terra, percebes? E a terra é muito parecida com a que se vê na Terra – solo, sabes?
Greene: Pois. O que é que faz a sua sogra?
Alice: Sogra?
Greene: Quer dizer, ficou com a mãe do seu marido ou com a sua própria mãe?
Alice: Ah, bem, encontrei a minha mãe e, claro, encontrei a mãe do meu marido e uma data de parentes que eu conhecia; tias e o resto, e amigos.
Greene: Pois.
Alice: Não sei. Acho que se as pessoas aí conseguissem meter na cabeça que a vida aqui é tão natural para nós como a vossa é para vocês. E em muitos aspectos, é muito parecida. Mas se se pudesse tirar da vossa vida – sabes, da ideia que têm da vida aqui – todas as coisas que deprimem, e, sabes, todas as coisas más, tudo o que não é necessário, percebes...
Woods: Têm mar lá...?
Alice: ...nunca vi isto escuro aqui.
Woods: Não?
Alice: E mesmo assim sente-se uma espécie de cansaço. Quer dizer, é uma espécie de... não sei como explicar.
Greene: Cansaço mental?
Alice: Suponho que é uma espécie de, bem, cansaço mental e pode-se descansar, e descansa-se mesmo. Mas não é sono no mesmo sentido que vocês conhecem, percebes?
Greene: Pois.
Alice: Ah, já vi água, grandes extensões de água. Não sei quanto a mar, propriamente dito.
Woods: Pois. Já visitou algum dos planos mais elevados...?
Alice: Não, estou muito contente onde estou. Isso virá depois, suponho.
Greene: Já foi a algum dos, hum... salões onde se aprende...?
Alice: Ah, sim, já fui a muitos sítios. Suponho que se possa chamar-lhes – como bibliotecas...
Greene: Pois.
Alice: ...e livros maravilhosos e demonstrações. E já fui a sítios – como o que chamariam teatros, onde há concertos e coisas assim. E ouço música e, ah, é mesmo maravilhoso.
Greene: [Tem] o prazer de fazer as coisas que queria fazer enquanto estava na Terra, agora?
Alice: Sim, tenho, mais ou menos.
Woods: Como são as bibliotecas aí? Há...
Flint: [Assoa-se]
Woods: Pode descrevê-las um bocadinho, por favor?
Alice: Posso fazer o quê?
Woods: Descrever as bibliotecas.
Greene: Descrever as bibliotecas.
Alice: Ah, bem, claro, acho que lá têm todos os livros que valem a pena ser lidos – qualquer livro que tenha valor, percebes, está lá. E podes tirá-lo e lê-lo. Mas lá está, percebes, não tens mesmo de ler. Engraçado, não é? Dirias que não fazia sentido ter livros, pois não?
Greene: Não tens de ler?
Alice: Bem, não da mesma maneira.

Greene: Então como é que assimilas o que está no livro?
Alice: Bem, não sei – é como se o livro falasse contigo. Não falam mesmo, claro, não literalmente.
Greene: Podes levar os livros da biblioteca para casa e depois devolver?
Alice: Ah, bem, há milhares de cópias, suponho que se possa dizer, percebes. Mas, hum... ah, sim, podes levar coisas para casa. Mas não é realmente necessário... isso é que é o engraçado, quando se pensa nisso. É como se lá estivesse tudo o que esperarias, o que quererias.
Mas depressa começas a perceber que muitas coisas não são mesmo necessárias, da mesma forma. Mas se mentalmente te ligares a algo ou a alguém, podes ter comunicação automaticamente.
Não é como ter de pedir um livro emprestado e lê-lo, como tal. É como se quisesses saber sobre um livro – talvez um livro muito famoso – podes lê-lo... mas quando começas a perceber, esse livro pode expressar-se para ti.
Não me perguntes como é feito, não sei. Mas é como se pudesses sentar-te ali, fechar os olhos e segurar o livro na mão e tudo o que se passa no livro te fosse, de certa forma, mostrado, percebes?
Sim, é engraçado. Não me perguntes como é feito, porque não sei. Assim, em vez de ficares com a tua própria ideia – que pode não ser bem o que era suposto – consegues captar exactamente as 'impressões de pensamento' da intenção do autor, percebes?
Greene: Sim. Muito interessante.
Woods: E os, hum... teatros, são como os teatros na Terra?
Alice: Ah, muito parecidos, sim. Lugares lindíssimos, palcos maravilhosos e peças maravilhosas e actores e actrizes excelentes, a fazerem peças antigas que eu lembro-me de ver... algumas, ah, lá bem atrás, quando eu estava na Terra. E fazem as peças antigas e muitas novas também. Já vi de tudo. Eu era uma grande fã do teatro.
Greene: Era?
Alice: Ah, adorava teatro, adorava. Lembro-me bem dos velhos tempos em que ia ao Old Vic e esses sítios todos. Eu adorava – nem sempre percebia tudo, atenção, mas gostava sempre. Ah, lembro-me bem desses tempos.
Woods: Há jardins grandes aí, sabe...?
Alice: Ah, sim, há grandes parques, parques naturais.
Woods: E jardins de flores?
Alice: E animais – como se fossem zoológicos, suponho, mas sem jaulas e os animais não estão separados. Andam livres e são mansos e lindos. Podes acariciá-los; tigres e tudo, sabes.
Greene: Que lindo.
Woods: Como são as cores na... atmosfera? Têm cores na atmosfera?
Alice: Ah, sim, há, suponho que se chame céu... bem, é mesmo céu. Mas já vi o céu com cores lindíssimas. Maravilhoso.
Greene: Têm música na atmosfera, Alice? Quero dizer, assim como...
Alice: Bem, está lá se quiseres sintonizar-te com ela, mas não tens de estar consciente disso. É uma questão de, hum... de cada um, sabes, querer entrar em sintonia com isso, suponho – estar em contacto com isso.
Greene: Entendo, pois.
Alice: Há um som... há sons, especialmente quando vais para o que chamariam o campo. Porque a natureza tem os seus próprios sons e cria música. E eu já estive em sítios, no campo, onde as flores são altas como árvores. E caminhas por entre essas flores e... todas aquelas tonalidades e cores diferentes e o perfume maravilhoso – e o som que sai delas; música!

Greene: E os pássaros?
Alice: Ah, pássaros! Milhares de pássaros, pássaros lindos. Sabes, o nosso mundo é como o vosso mas muito melhor e sem todo o, sabes, o lado desagradável das coisas. É perfeito. Para mim, é perfeito, de qualquer maneira.

Não tenho grande vontade de mudar ou de ir para outro sítio. As pessoas dizem sempre que vamos querer. Claro que, à medida que se progride, vai-se mais além, mas eu não sinto esse impulso. Estou feliz como estou, porque é que haveria de querer mudar?
Woods: Como é que se deslocam, hum, sabes...?
Alice: Ah, nós andamos simplesmente.
Greene: Mas podem ir... por exemplo, pensam que gostavam de ir a algum lado e encontram-se lá?
Alice: Bem, eu... eu já fiz isso. Já estive com pessoas que foram para outros sítios e foi por uma espécie de poder de concentração.
Greene: Sim.
Alice: Não tens consciência do movimento em si, é apenas que tudo à tua volta muda e estás noutro sítio. Mas, hum... não faço muito disso. Estou bastante contente, percebes? Alguns dizem que não se deve estar demasiado contente, senão não se progride.
Bem, estou contente como estou e, claro, eventualmente hei-de progredir, sem dúvida. Mas penso, 'bem, o que é o tempo?' [ininteligível], percebes.
Greene: O tempo é irrelevante.
Alice: Ah, espero que o vosso tempo chegue!
Greene: [A rir] Oh, não penso...[ininteligível]
Alice: Eu sei que é... sabes, esperar por isso torna-se, sabes... mas, não há nada com que se preocuparem.
Woods: Pois não.
Alice: Bem, espero que vocês os dois tenham um Natal muito feliz.
Greene: Obrigada...
Alice: E espero que tenham paz e tranquilidade e, bem, saibam que o poder do Espírito Santo está convosco e estarão rodeados de almas que vos amam e ajudam.
Greene: Obrigada...
Woods: Muito, muito obrigado.
Alice: De qualquer forma, tudo de bom para vocês.
Greene: Podemos desejar-lhe um feliz Natal?
Alice: Obrigada, embora claro que nós não temos Natal como vocês...
Woods: Pois.
Greene: Pois. Mas sabe o que quero dizer, um muito...
Alice: Isso é uma coisa feita pelos homens, não é?
Greene: Sim.
Alice: Adeusinho.
Greene: Adeus, Alice, e muito obrigada.
Woods: Muito, muito obrigado, Rose.
Greene: Não é Rose: é Alice!
Woods: Oh, desculpe.
Flint: [Assoa-se]
Greene: [A rir] Ai, valha-me Deus!
Woods: Esqueci-me.
[Interrupção na gravação]
Greene: Sim.
Voz: É tempo de Natal.
Greene: Sim.
Voz: De certa forma, ela tem razão e de certa forma, claro, não tem. O espírito de Natal é o que realmente importa. [Som de trânsito a passar]
O Natal tornou-se numa coisa estranha e misturada, que está realmente, de certa forma, muito afastada da ideia original, do pensamento original. Mas, no entanto, é uma época importante e traz a muitas pessoas no vosso mundo uma grande paz, grande alegria e grande felicidade. É uma época de boa vontade entre os homens.

Se ao menos o espírito de Natal continuasse na vida de cada um, todos os dias de todos os anos – quão diferente seria, em consequência, o mundo. Mas, ainda assim, sentimos convosco, especialmente nesta altura, uma grande união no espírito de boa vontade.
Esforçamo-nos sempre, como sabem, por derrubar a barreira entre o nosso mundo e o vosso, mas nesta altura há esta condição à volta da Terra que é propícia – especialmente ao nosso esforço e ao nosso trabalho – e é uma grande alegria poder vir falar convosco.
Só desejávamos que toda a humanidade compreendesse esta grande verdade. Faria tanta diferença nas suas vidas pessoais e o mundo mudaria – quase, pode-se dizer, de um dia para o outro – se toda a humanidade compreendesse.
Vemos a tragédia do vosso mundo, vemos a tristeza que nasce da estupidez e tolice do homem. Só podemos esperar e rezar para que o poder do Espírito Santo se torne, cada vez mais, consciente e presente para a humanidade.
Fazemos tudo o que podemos. Não podemos fazer mais do que tentar. Agradecemos-vos por todo o vosso esforço e todo o amor e tudo o que se esforçam por fazer. Aguardamos com expectativa o ano que vem, em que esperamos ter muitas reuniões felizes como esta e muitas almas virão até vós.
Damos-vos o nosso amor e as nossas bênçãos e que a paz esteja convosco, meus amigos.
Greene: Obrigada.
Voz: Despedimo-nos.
Woods: Muito, muito obrigado.
Mickey: Adeusinho. Feliz Natal.
Greene: Adeus, Mickey, querido.
Woods: Adeus, Mickey.
Mickey: Adeusinho e feliz Natal.
Greene: Feliz Natal, querido, e que tenha um...
Mickey: E mantenham-se firmes e bebam uma por mim no Natal – mesmo que seja só Ribena! Adeusinho.
Greene: [A rir]
Woods: [A rir]
Flint: [A rir]

WILBERFORCE
21 de Junho de 1965

"As pessoas têm medo de ser aventureiras..."

Descendente do grande abolicionista, o senhor Wilberforce era antigamente "à moda antiga" e um produto da sua época, mas depois de ter testemunhado fenómenos psíquicos na Índia, percebeu que a vida não era apenas "preto e branco". A sua famosa família estava profundamente envolvida na igreja, mas Wilberforce diz que há muitos que "não acreditam naquilo que pregam". Ajudou o seu irmão "falecido" a ver para além dos seus modos ortodoxos e sugere que, em vez de apenas falar, os espíritos podem conseguir vir para cantar ou até tocar música...
Acima de tudo, nesta gravação, Wilberforce regressa para partilhar detalhes da sua vida na Terra e da sua chegada ao mundo espiritual — onde é finalmente reunido com a sua amada mãe...

Wilberforce: ...[contente] por estar aqui.
Woods: Muito contentes por ter vindo.

Wilberforce: Eu... espero conseguir falar convosco durante algum tempo.
Woods: Obrigado.
Greene: Está a sair-se muito bem.
Woods: Muito obrigado.

Wilberforce: Uh... ouvi falar de vós por várias pessoas; sobre os vossos muitos interesses relativamente a este trabalho e quão ansiosos estão por obter o máximo de informação, o máximo de matéria interessante, para que tenham a oportunidade de passar estas gravações a várias pessoas em diferentes momentos, dando-vos todos os diversos aspetos da vida tal como é vista e experienciada por almas de diferentes planos e graus de evolução.

E, claro, tenho a certeza de que devem ter tido toda a espécie de pessoas. De facto, pelo que pude perceber, têm tido um grande grupo de almas ligadas a vós para este trabalho em particular, há já alguns anos.

Algumas destas pessoas têm vindo ter convosco há muito tempo e outras ligaram-se mais recentemente; sabendo que toda a ajuda que possa ser dada será uma mais-valia para o avanço da verdade. Estava a pensar comigo mesmo como seria interessante se talvez, num futuro, não apenas as pessoas pudessem vir e falar, mas talvez cantar.
Greene: Oh sim!
Woods: Muito bem.
Wilberforce: Ora, isto pode parecer-vos muito estranho, mas estive a pensar comigo mesmo como deve ser interessante para as pessoas poderem não só falar, mas poderem cantar. Quero dizer, por exemplo, não estou a dizer que isto vá necessariamente acontecer de imediato, mas possivelmente.

Embora perceba que, para isto, possivelmente teria de surgir um novo conjunto de circunstâncias e provavelmente seria, em certos aspetos, mais difícil trazer alguém como o Caruso, ou outro qualquer, para cantar. Claro que, suponho eu, se isso fosse conseguido com sucesso, tenho a certeza de que muitas pessoas ficariam surpreendidas e possivelmente convencidas... uh... Claro que nunca se pode ter a certeza de qual será a reação de algumas pessoas, mas quando se pensa nas grandes almas que passaram para aqui desde o vosso plano; grandes cantores, grandes músicos... Supondo que fosse possível trazer alguém que conseguisse tocar violino — como talvez apenas um Kreisler ou outro grande músico conseguiria tocar... Não estou a dizer que isto vá acontecer, mas tenho pensado... se conseguimos produzir uma voz, isto é: falar, isto é: fazer vibrar a vossa atmosfera e criar som... não deveria ser tão difícil, talvez, uma pessoa cantar ou talvez alguma alma conseguir tocar um instrumento para que o pudessem ouvir.

Isto é, uh, algo em que tenho pensado bastante e tenho discutido com várias almas e todas parecem achar que é possível — embora possa ser mais difícil, particularmente com um instrumento — e não creio que pudessem compreender as dificuldades, mesmo que começássemos a explicá-las. Claro que acredito que, até certo ponto, algumas destas coisas já aconteceram antes... uh, mas claro, é muito complicado.
Não só é necessário criar o som vibratório, como têm outras complicações relativamente ao próprio instrumento. Pode parecer-vos... algumas pessoas podem achar que isto soa muito estranho e talvez um pouco louco. Mas se conseguimos materializar uma coisa, não vejo razão para não conseguirmos materializar outra. Seria duplamente, ou triplamente talvez, mais difícil, mas vamos tentar um dia.

Woods: Bem, obrigado.
Greene: Muito obrigado.

Woods: Muito obrigado mesmo.
Greene: É cientista, amigo?
Wilberforce: Bem, como hei-de responder a essa pergunta? Sou cientista? Sim, suponho que, de certo modo, se pode responder afirmativamente.
Greene: Bom.

Wilberforce: Tenho uma mente voltada para a ciência. Estou muito interessado na ciência e nos seus muitos aspetos. Estava no vosso lado e estou neste. E espero que, em algum momento no futuro, possamos tentar experiências de várias formas. Eu... e claro, ouvi falar de materializações e de todos os outros fenómenos que têm acontecido no decorrer deste Espiritualismo, como lhe chamam.

Eu próprio não estava de todo interessado neste assunto. Na verdade, teria ficado horrorizado e possivelmente teria sido muito... de facto, tenho a certeza de que teria sido muito contra isto. Claro que sou um daqueles que chamariam de "à moda antiga", ou melhor dizendo, era. Fui um típico produto da minha época. Frequentei uma boa escola. Tive uma boa educação, vivi numa zona altamente respeitável, criado por uma família altamente respeitável. Portanto, podem imaginar, com tudo isso, não tive grande oportunidade.

Pode parecer estranho; quando se pensa na era vitoriana, pensa-se em distinções de classe, pensa-se em escolas públicas e pensa-se em oportunidades para os privilegiados. Mas, vendo agora as coisas, percebo que havia privilégios em certas direcções, mas éramos todos bastante produzidos em série, como numa máquina de salsichas.

Hoje em dia há muito mais liberdade de pensamento, liberdade de ação. Não há tanto snobismo. Há muito mais oportunidade para um homem comum progredir, se tiver ambição. No meu tempo caía-se em categorias. Ou se ia para o exército ou se ia para a igreja, ou normalmente o futuro já estava praticamente traçado para nós — até a mulher era discutida antes de sabermos. Sugeriam que tal casamento seria muito bom. Claro que estou a recuar um pouco. Mas estava interessado na ciência, mas não... não me chamaria a mim mesmo cientista. Estava interessado em muitas coisas. Estava interessado em filosofia e religião. Tinha um irmão que era clérigo. Na verdade, ele e eu nunca nos demos muito bem. Não o culpo mais do que a mim.

Suponho que, olhando para trás, em certos aspetos era uma pessoa que não tinha tempo para a igreja. E no entanto respeitava-a. Ia à igreja mas não era um frequentador de igreja, no sentido aceite. Embora tivesse membros da família e o meu irmão incluído na igreja. Os meus pais eram muito religiosos. Possivelmente foi outra razão para eu me afastar um pouco disso. Fui criado num ambiente fortemente religioso onde se faziam orações de manhã; onde se ia à igreja três vezes ao domingo, religiosamente. Na verdade, todo o nosso modo de vida estava ligado à igreja, ao exército; o meu pai era militar. Gerações da nossa família foram soldados ou estiveram ligados ao exército — oh, e alguns à marinha, mas principalmente ao exército.

Viajávamos, como a maioria das famílias do nosso tipo, bastante. O meu pai serviu no estrangeiro. Fui para a Índia. Passei vários anos na Índia. Tornei-me muito amigo — como a minha posição tornava possível, claro — de muitas pessoas influentes. Vi muito na Índia, claro, que despertou o meu interesse por coisas psíquicas. Não professava... porque, como disse, não associava isso ao Espiritualismo em si, mas, uh, vi muitas coisas lá que me fizeram perceber que havia muito mais na vida, muito mais na... na religião do que eu esperava ou tinha sido ensinado.

Vi o interior de muitos locais extraordinários que eram proibidos, de facto, não eram permitidos ao visitante comum e, em particular, ao homem branco. Vi muitas das experiências e, uh, muitas das coisas feitas sobre as quais se lê... e, claro, tornei-me amigo de vários, uh, homens sábios que entravam em transe e falavam em várias línguas e mantinham longas conversas em idiomas que lhes eram completamente estrangeiros. E tive muitas experiências de, uh, me serem ditas coisas que aconteceriam no futuro, e que aconteceram. Passei muitos anos na Índia no início do mil novecentos... no início... no final dos anos 1890 e nos 1900. Voltei para Inglaterra... voltei para Inglaterra no final dos anos 1920.

Greene: Amigo, podemos saber o seu nome, por favor?
Wilberforce: O meu nome é Wilber... Wilberforce.
Greene: Wilberforce?
Wilberforce: E estamos ligados ao... estamos ligados ao Wilberforce, claro, que é tão conhecido. Somos da mesma família.
Woods / Greene: Oh...
Wilberforce: Conseguem ouvir-me?
Greene: Sim, muito bem, obrigado.
Woods: Sim. Muito bem, sim.
Wilberforce: É só um pouco difícil para mim. Eu...
Greene: Agora... Sr. Wilberforce, como se sentiu quando partiu? Quero dizer, em que condições se encontrou?

Wilberforce: Bem, muito felizes. Não tive dúvidas. Suponho que quando estava do vosso lado, na verdade, de certo modo, não tinha dúvidas sobre a vida depois da morte.

Era uma mistura estranha, claro, com o meu passado e educação e os meus interesses em... em religião, na medida em que estava interessado em filosofia e religião. Na Índia, em particular, vi muito que despertou o meu interesse e, quando cheguei aqui, suponho que, de certa forma, ter tido esse interesse na Índia ajudou-me imenso. Encontrei-me num ambiente muito natural, num espaço muito grande... bem, era uma sala muito grande na qual acordei. E à minha volta estavam várias pessoas que eu conhecia. Estavam os meus pais, uma irmã que morreu quando eu estava na escola (ela era apenas uma menina na altura) e, uh, dois dos meus antigos criados a quem eu tinha muito carinho. Um deles que, na verdade, foi morto por um tigre.

Greene: Ai, que horror...

Wilberforce: ...uh, uma infelicidade, mas um tipo formidável. E muitas pessoas que eu tinha conhecido. Mas esta sala era extraordinária, suponho, de certa forma, olhando para trás, e no entanto percebo agora que para mim não era extraordinária. Era uma sala muito grande, lindamente mobilada — na maioria móveis indianos, aos quais eu estava habituado há cerca de trinta e tal anos — muito bem disposta.

E lembro-me tão vivamente de acordar nesta sala e ver todos os meus amigos e familiares e, Deus sabe, parecia que esta grande sala estava cheia. E todos tentavam desesperadamente fazer-me sentir, de forma mental... percebo agora que não estavam realmente a falar, mas soava-me como se várias pessoas estivessem todas a falar ao mesmo tempo e era como se houvesse uma imensidão de pessoas a falar ao mesmo tempo. E no entanto, claro, percebo que não estavam a falar, eu estava a receber os pensamentos deles. Estava consciente dos pensamentos de muitas pessoas, mas chegava até mim como som. Era como se eu ouvisse pessoas a dizer "Olá. Que bom que vieste." e "Olá meu rapaz"; isso foi a minha mãe e o meu pai.

E a minha irmã era muito jovem e muito bonita; um pouco mais velha do que eu me lembrava dela, porque morreu muito nova. Parecia uma mulher de cerca de dezanove ou vinte anos. Era uma rapariga muito bonita, alta, esbelta. Ao início não reconheci bem quem era e caiu-me a ficha. Ela deu-se a conhecer a mim, claro. E todos pareciam ansiosos por me receber. Era esta sensação maravilhosa de calor. Era quase, para ser sincero, como se, uh, tivesse ido a uma festa — como se todos estivessem lá, todos vestidos com aquilo que se pensaria ser o seu melhor. Mas, claro, percebi depois que era a forma natural como as pessoas se vestem aqui.

Os indianos tinham a sua indumentária habitual, que eu lembrava e associava a eles, e a minha mãe tinha um vestido lindíssimo. Curiosamente, lembrei-me na altura, quando a vi pela primeira vez aqui, que era um vestido que, em rapaz, me lembrava de a ver usar quando ia a um baile. Lembro-me muito vividamente. Suponho que, lá está, tinha a ver com a minha juventude, a minha infância. Lembro-me de como fiquei impressionado com a minha mãe a descer as escadas com aquele vestido maravilhoso, que fazia um ruído. Era de algum tipo de tafetá ou assim. E era de um lindo tom lilás e ela tinha umas luvas maravilhosas a condizer. E tinha aquelas mangas "perna de carneiro". E lembro-me de quão elegante ela estava com o cabelo, que era de cor ruiva, apanhado bem alto, e tinha umas plumas de garça no cabelo. Ia a um grande evento. Suponho que eu teria uns dez anos.

Mas, de alguma forma, lembro-me sempre da minha mãe assim. E tínhamos uma fotografia dela tirada com outro vestido de estilo semelhante. E, de alguma forma, sempre a recordei e visualizei assim. Era uma memória passada de juventude. E lá estava ela, como quem dizia: "oh, sempre gostaste de me ver neste vestido, por isso estou a usá-lo especialmente para esta ocasião".
E estava lá o meu pai vestido com uma espécie de fato cinzento. É o mais parecido que consigo descrever. É o tipo de fato que me lembro, novamente, uh, há muitos anos, uh, quando eu era miúdo e o meu pai me tentava ensinar ou estava a ensinar-me a montar a cavalo; na verdade, um pónei. E, uh, era no campo.

Tínhamos duas casas naquela altura; tínhamos uma casa em Londres e uma casa em Norfolk e passávamos grande parte dos verões lá. E o meu pai costumava levar-me e íamos... bem, claro, lá está, ele estava muito interessado em caça, sendo um tipo ligado ao exército. Eu nunca fui muito atraído por isso, embora tenha estado associado ao exército toda a minha vida depois. Mas, uh, era como se, de certa forma, todas estas pessoas tivessem vindo vestidas — possivelmente porque, de forma estranha, sabiam dos meus gostos. De qualquer forma, parecia que todos se tinham vestido ou aparecido vestidos com coisas que eu recordava e associava — como se tivessem alguma forma miraculosa de conseguir pensar no passado e até pensar em roupas que eles... talvez fossem roupas de que gostavam muito.

No caso da minha mãe, uh, ela era sempre uma mulher muito bem vestida, uh, ela vinha, na verdade, de uma família muito distinta — muito melhor do que a família do meu pai, uh, e ela tinha dinheiro em nome próprio. Muitas vezes pergunto-me, olhando para trás (suponho que não deveria dizer isto), se o meu pai não casou tanto pelo dinheiro dela como por outra razão qualquer. Mas depois, lembrando-me de quão felizes eram, e eram felizes. Mas lá está, muitos vitorianos eram. Aceitavam esta ideia de casamento escolhido para eles e assim por diante, planeado, e aprendiam a viver juntos e muitas vezes eram muito felizes. Mas a família da minha mãe era muito abastada... muito bem instalada e a minha mãe era sempre extremamente bem vestida. Na verdade, éramos de uma família grande... eu era de uma família grande. Naquela altura era assim. A minha mãe morreu quando tinha uns quarenta ou quarenta e cinco anos, uh, de parto. Éramos onze filhos ao todo, mas era assim naquela altura, claro.

O meu pai voltou a casar e receio que a maioria de nós não tenha ficado muito contente com isso. Não nos, uh, dávamos e a maioria de nós acabou por se afastar de casa. Nunca cheguei a ver o meu pai nos últimos anos de vida dele — não chegámos exatamente a ter uma discussão, mas suponho que eu estava na Índia. Mas, para ser franco, sempre fui muito mais ligado à minha mãe do que ao meu pai. Mas, de qualquer forma, foi bom vê-los aqui e descobri, para grande espanto meu, claro, que eles não viviam juntos aqui. Suponho que esse foi o primeiro grande choque que tive. Não conseguia associar os dois a não estarem juntos. Não conseguia conceber, suponho, que duas pessoas pudessem viver juntas na Terra tão felizes, aparentemente, e terem tantos filhos e ainda assim, aqui, serem bons amigos, mas não estarem presos, não estarem casados, não estarem juntos.

Claro que percebo muitas coisas que não percebia então, que é algo perfeitamente normal aqui que pessoas que, em vida, embora casadas e com muitos filhos, não estejam necessariamente juntas aqui. Se não era uma união de almas, se não era... por outras palavras, se não eram certos um para o outro, se não eram ideais um para o outro, se não eram compatíveis... é algo muito raro, acredito eu, duas pessoas na Terra juntarem-se sendo absolutamente almas gémeas. Foi mais fácil para mim, talvez, do que para a maioria, aceitar muitas das teorias e ideias e muitas coisas que me aconteceram desde então deste lado, aprendi a entender e a aceitar. E muito me chegou com facilidade, enquanto para algumas pessoas teria sido, sem dúvida, muito difícil aceitar e compreender.

Claro que sabem, uh, a religião, com todo o respeito, pode ser uma coisa muito boa, claro, para algumas pessoas. Mas para um homem pensante ou uma mulher pensante, uma pessoa que é analítica, que quer mesmo conhecer a verdade e está disposta a procurá-la e não está disposta a aceitar algo só porque um padre ou um pastor diz ou porque um livro o diz... uh, uma pessoa que é mesmo um buscador, no sentido mais alto e verdadeiro, uh, ele, essa pessoa, uh, descobrirá que a vida aqui é muito mais fácil, no início, de aceitar, compreender, apreciar. Porque já encontrei tantos desde então, claro, que vieram para aqui com mentalidades muito fechadas e preconceituosas e tem sido muito difícil para eles ajustarem-se, assentarem. E muitas vezes, de facto, alguns deles assentaram-se em comunidades onde vivem num, aquilo que eu chamaria, paraíso de tolos.

Eles estão bastante felizes, claro. Eles... vivem num mundo criado pela sua própria mente, porque é exatamente isso que é. É aquilo que esperam, o que querem, o que mais os satisfaz e com isso continuam à sua maneira. Claro que, mais cedo ou mais tarde, a maioria deles muda e muitos mudam mesmo. Começam a pensar que talvez isto seja um tanto parvo, uh, e começam a pensar — e assim que começam a pensar, podemos ajudá-los. É essa a questão. Ter uma mente aberta e receptiva. Estar preparado para ouvir. Estar preparado, se necessário, para aprender. Não condenar demasiado depressa só porque não se compreende. Dizer apenas a si mesmo: 'bem, eu não compreendo isto, mas é possível. Pode ser. Talvez um pouco mais tarde eu receba algo que me dê uma prova ou convicção extra que me satisfaça.'

Vejam, tanta gente salta para conclusões. Tantas pessoas aceitam as coisas apenas por confiança e, particularmente na religião, isso vê-se constantemente. Tudo é aceite por confiança, e depois, especialmente se se cita a Bíblia. Lembro-me de que o meu irmão me levava à loucura com isso. Porque mal punha os pés em casa dele, sabendo ele que eu era — como ele achava — um pecador, começava logo comigo. Oh, e ele tentava, mas era inútil. No fim, concordámos em discordar e raramente nos víamos. Mas sabem, a tarefa mais extraordinária que alguma vez tive foi com esse irmão aqui deste lado. Durante muito tempo não conseguíamos chegar até ele e ele não conseguia chegar até nós; os meus pais, eu e outros membros da família. Íamos visitá-lo. Ele vivia no seu próprio ambiente, entre os seus, perfeitamente feliz.

Oh, não encontrariam homem mais feliz em lado nenhum. Continuava a fazer as suas pregações, continuava a dizer às pessoas no que deviam acreditar, o que deviam fazer. Era mais feliz quando... sempre foi feliz a dizer aos outros para serem bons, o que deviam fazer e o que não deviam fazer. Era um verdadeiro tipo à moda antiga, claro, pastor, sabem. Quero dizer, ele acreditava mesmo em fogo do inferno e danação. E o simples facto de pregar estas coisas e de as aceitar, para ele era natural que continuasse a pregá-las, a falar de cima para baixo às pessoas, a dizer-lhes. E tinha a sua própria... tinha a sua própria comunidade, a sua própria igreja e continuava a fazer tudo como sempre fazia, mesmo aqui.

E durante muito tempo tentámos chegar até ele, mas ele simplesmente não nos aceitava, nem à própria família. Vivia neste mundo que tinha criado dentro de si mesmo e tudo o que estivesse fora disso não tinha qualquer interesse para ele. Na verdade, ele simplesmente não me aceitava e percebia que não podia fazer, como ele pensava... tentou, tentou convencer-me de que eu estava errado, mesmo aqui! Mas, uh, levou muito tempo, mas ele agora mudou. Graças a Deus. Alterou a sua forma de ver, percebe a futilidade de continuar incessantemente, sempre no mesmo ponto de vista estreito. E felizmente agora está a progredir ao ponto de a sua mente ser receptiva. Está a progredir na medida em que está a aprender verdades maiores e novas compreensões. É um homem muito mais feliz, menos fanático.

Se as pessoas ao menos percebessem que embora a religião, a verdadeira religião, possa fazer muito bem; pode impressionar e inspirar as pessoas a fazer grandes coisas. De facto, todos sabemos que isto é perfeitamente verdade e há muitas grandes almas nas igrejas — e não quero dizer apenas as igrejas cristãs, quero dizer todas as denominações e todas as religiões. Mas a questão é que tantos têm percepções e conceitos tão estreitos, eles... sentem que estão certos e que todos os outros estão errados. Assim que as pessoas perceberem a imensidão da vida, que não é apenas algo dividido entre bons e maus; não é entre céu e inferno; não é entre Lúcifer e Deus. Não podemos ter tudo preto ou tudo branco. Há todos os tipos de tonalidades, todas as diferenças de gradação de cor nos nossos pensamentos, nas nossas vidas, nas nossas ações, em todos os aspetos da vida.

Temos de aceitar o facto de que estamos todos no caminho. Por vezes estamos um pouco às apalpadelas na escuridão do vosso lado, mas quando vemos um vislumbre de luz, quando vemos uma pequena esperança, devemos agarrá-la e tentar alimentá-la até se tornar chama. Mas tanta gente na Terra tem medo. Têm medo de avançar com coragem. Têm medo de ser aventureiros e têm medo de arriscar. Agarram-se a algo que sentem dar-lhes uma forma e um sentido de segurança, porque sempre foi assim; porque dizem a si mesmos, 'foi bom para o meu pai, é bom para mim', e encontram todos os tipos de argumentos. E assim é que muito poucas pessoas progridem no vosso mundo no que toca à verdade. Agarram-se a credos e dogmas ultrapassados, têm essas ideias fixas de céu e inferno.

Têm tantas teorias e ideias estranhas que, no fundo, sabem que não são verdade. Isso é o mais extraordinário nisto. Metade dos pastores que pregam, as coisas que pregam, não acreditam nelas. Se fossem homens honestos admitiriam que não acreditam em metade do que pregam. E de qualquer forma, sabem muito bem que falta a prova. Mas o meu irmão era igual, mas nunca se conseguia vencê-lo. Nunca se conseguia fazê-lo mudar. Era inflexível. Às vezes, nesses primeiros anos, eu tentava argumentar com ele. Mas não se conseguia argumentar com ele, a mente dele estava fechada, estava deturpada...

George Bernard Shaw
23 de Dezembro de 1965

**“As pessoas vão dizer ‘o que aconteceu ao G.B.S.?
Parece que perdeu o sotaque irlandês!’”**

“De repente comecei a sentir uma personalidade muito forte a impôr-se a mim, psiquicamente. Embora tentasse ignorar essa perceção, acabou por ser demasiado forte para resistir e sugeri que, se fechássemos as cortinas e apagássemos a luz, talvez conseguíssemos perceber quem era essa personalidade. As cortinas foram fechadas e a luz apagada, mas só foi possível obter uma escuridão parcial. Felizmente a Rose tinha um gravador. O escurecimento incompleto não impediu a personalidade que eu tinha sentido de falar quase imediatamente. Ao início não sabíamos a quem pertencia a voz...”

Presentes: Rose Creet, Leslie Flint.
Comunicadores: George Bernard Shaw, Mickey.
Larry Taylor: [A seguinte] comunicação foi recebida no dia 23 de Dezembro de 1965, quando George Bernard Shaw falou com a Sra. Creet. O médium foi Leslie Flint.

Shaw: “Divirtam-se no dia de Natal e ataquem a comida.”
Creet: É isso mesmo.
Shaw: Que expressão, que expressão.

Creet: Porquê?

Shaw: Que mau inglês é esse.

Creet: Huh!

Shaw: “Divirtam-se no dia de Natal.” Bem, isso não é muito mau. Mas “ataquem a comida”?

Creet: [A rir]

Shaw: Que expressão. Mas não é a expressão, é o sentimento por trás dela que importa. Isso eu sei muito bem. Mas, sabes, tenho tanto interesse pelas pessoas e, hum, pelos sotaques das pessoas, hum... Quando estava do vosso lado costumava ter um ouvido muito atento para os sotaques.

Creet: Ah é?

Shaw: Às vezes fazia de propósito para ouvir uma pessoa. E às vezes fazia questão de ir a cafés e sítios onde podia sentar-me, observar e ouvir, sem que as pessoas se apercebessem. E eu ficava tão fascinado com as conversas das pessoas e as entoações da voz delas e tentava, às vezes, sentado num comboio; espero que não fosse observado ou notado – mas, mesmo assim, estava a absorver tudo. Estava a avaliá-los, a tentar dar-lhes personagens, a construir coisas à volta deles. E às vezes acho que, sabes, de uma forma quase subconsciente, hum, acertava, muitas vezes, na história verdadeira.

Sabes, é uma coisa extraordinária, acho que nenhum de nós percebe totalmente, mas sabes, somos todos muito suscetíveis às condições. Somos muito suscetíveis às forças de pensamento. Somos muito suscetíveis à atmosfera, que às vezes não conseguimos explicar – e, hum, por vezes ficamos até um pouco intrigados, mas mesmo assim, acho que a grande maioria das pessoas, sem perceber ou entender, talvez, é extremamente sensível e psíquica a estas coisas.

Costumava... quando me sentava no meu escritório, quando pegava na caneta e no papel e tentava criar e dar vida a personagens, encontrava-me a recordar... na verdade, costumava ter uns caderninhos e às vezes ia consultá-los. Talvez uma personagem me fascinasse, alguém que tinha ouvido ou conhecido, sabes, e eu pensava que essa pessoa podia... dar uma boa personagem para uma peça e, hum, e eu tecia... tecia essa pessoa, por assim dizer, na história e construía situações e usava algum do diálogo real que os tinha ouvido usar, talvez dias antes, num restaurante ou, talvez, num eléctrico.

Mantinha os olhos bem abertos e os ouvidos também e não me escapava muita coisa. Sabes, costumava pegar em várias, hum, pessoas como modelo, costumava, hum, moldá-las de certa forma nas minhas histórias...
Creet: Pois.

Shaw: ...e peças e por aí fora. Muitas vezes penso, olhando para trás, que podia ter feito muito mais do que fiz, porque, hum, acho que perdi, de certa forma, muitas oportunidades. Mas depois acho que todos os artistas criativos sentem isso; quer seja um autor ou um dramaturgo ou um músico ou um artista de outra forma qualquer. Nós, nós, nós trabalhamos. Trabalhamos numa coisa...

Creet: Sim.

Shaw: ...cheios de entusiasmo, construímos à volta disso e criamos e tiramos tanto de nós próprios na tentativa... e depois não ficamos satisfeitos com isso; achamos que a estrutura está errada talvez ou que a trama não está a sair como devia e mil e uma coisas nos passam pela cabeça. E agora olho para trás e vejo que bastantes coisas que escrevi, que nunca foram publicadas, hum, talvez tenha sido pena não ter, hum, voltado a elas ou trabalhado nelas outra vez. Acho que algumas das melhores coisas, bem, nunca foram publicadas.

Creet: Era dramaturgo?

Shaw: Bem... tinha a reputação de ser dramaturgo e escrevi bastante mais coisas também.

Peço imensa desculpa minha querida senhora, sou o G.B.S.

Creet: Oooh! Mas eu pensei que...

Shaw: Hum, suponho que se fossem... como é que dizem agora 'passar isto outra vez'? Penso que é assim que dizem, com esta máquina: esta máquina notável, que devo admitir, quem me dera que tivesse sido inventada no meu tempo. Teria sido uma grande mais-valia para mim e para todos os escritores. Mas, hum... as pessoas vão dizer 'o que aconteceu ao G.B.S.? O que aconteceu ao G.B.S.? Parece que perdeu o sotaque irlandês!'

Creet: Pois, isso era...

Shaw: Pois. Pois, eu sei. Sei que isso é verdade. Sei que as pessoas vão pensar e dizer isso e, hum, suponho que é porque aqui, temos – e falo por mim – tenho-me imerso tanto na minha vida aqui e, em consequência, entrei na vida de tantas outras pessoas, fiquei interessado em tanta coisa que aqui se passa, hum...
Creet: Sim.

Shaw: ...e percebi o quanto mais se pode entrar, mentalmente, na vida das pessoas, nas suas mentes e por aí fora e habituei-me tanto a... a comunicar pelo pensamento...

Creet: Pois.

Shaw: ...que, hum, no processo de viver e trabalhar e ser aqui, o aspecto irlandês ou o... percebes, uma das primeiras coisas que aprendemos a esquecer aqui é... ia usar o termo 'eu próprio', que, de certa forma, é verdade e de certa forma não é – digamos que aqui aprendemos a pôr-nos mais para segundo plano.

Creet: Pois.

Shaw: Percebe-se que se deve ser e tornar-se, eventualmente, submerso na vida, no sentido mais pleno, e há muitos aspectos do ser humano, especialmente em certas pessoas – e incluo-me – que são um obstáculo ao progresso de alguém... no que diz respeito ao progresso aqui. Deve-se esquecer muitas coisas e uma das coisas que se esquece [som de um comboio a passar] é a nacionalidade e o espírito nacional; a visão nacional, o patriotismo, o orgulho e muitos dos... defeitos... e são definitivamente e verdadeiramente defeitos nos seres humanos.

Quando se está na Terra, claro, não se pensa nisso dessa forma. Se se é irlandês ou escocês ou o que for, por origem e educação, é algo normal e natural, pela escola e tudo o resto, sentir orgulho na própria nacionalidade. Não estou propriamente a criticar isso, mas o problema é que isso é um entrave para a vida humana e para a sociedade humana, para o bem-estar da raça humana. Este orgulho meio estúpido pela raça...

Creet: Que deviam ser patriotas?

Shaw: Sim. Isso leva à guerra, como sabemos, leva a uma tragédia sem fim. E claro que isso... não estou a dizer que isto seja uma resposta para eu ter perdido – ou pelo menos assim parece – o meu 'brogue' irlandês, como lhe chamam, mas ao mesmo tempo suponho que também seja verdade dizer que não tenho o hábito de fazer comunicações e, hum...

Vês, a questão é esta, minha cara senhora...

Creet: Sim?

Shaw: ...quando alguém como eu tenta comunicar, suponho que se espere muito mais de nós. Vês, se eu fosse a tua 'tia Fannie' não seria tão importante. Ficarias perfeitamente satisfeita com a tua tia Fannie a contar-te qualquer coisa idiota que aconteceu há não sei quantos anos e que, na família, foi hilariante e deu lugar a grandes gargalhadas na altura. Mas, hum, o pobre do G.B.S. ou o pobre do Barry ou outra alma qualquer que queira vir – que era conhecido ou tinha reputação de ser, digamos, um espírito mordaz, ou um estudioso, digamos assim...

Creet: Sim.

Shaw: ...ou qualquer coisa desse género – espera-se que faça, como se diz, um belo espectáculo.

Creet: Sim! [A rir]

Shaw: Mas receio que, de certa forma, embora eu possa ter sido um bom homem de espectáculo na Terra, já não sou tão bom a tentar dar espectáculo agora. Pelo menos, do ponto de vista de que, hum... talvez não seja tão experiente, no sentido de comunicação, como, talvez, a tua querida tia Fannie. A tua pobre tia Fannie pode ter o hábito de vir falar contigo e podes já estar tão habituada a ouvir as tolices que ela provavelmente diria...

Creet: [A rir]

Shaw: ...que eu, na verdade, não conseguiria competir com ela!

Creet: Tenho a certeza de que não conseguirias porque nunca... sabes, tu nunca... as tuas... as tuas peças e tudo o resto, não tinham nada de tolice.

Flint: [Assoa-se]

Shaw: Bem, não sei... havia muito sentido, sim. Muita parvoíce também. Quando se pensa bem, embora houvesse muito sentido e muita... bem, acho que algumas pessoas que, no passado, me viam um pouco como alguém que queria pregar sermões. Embora, sabes, nos meus primeiros anos...[ri-se] os críticos, alguns deles, benditos sejam, ficaram com a impressão de que eu usava as minhas peças para pregar sermões e para... De certa forma, era verdade. Eu queria trazer nova luz sobre... sobre temas que me interessavam, que me afectavam.

Queria que as pessoas pensassem por si mesmas e pensassem especialmente em certas coisas que, no meu tempo... no meu tempo, hum, me causavam grande preocupação. Preocupava-me com... com muitos assuntos que, hum... da minha época, eram temas muito importantes, mas que muita gente ou não tinha interesse ou não tinha muita vontade de fazer algo em relação a isso. E tentei trazer para as minhas peças temas e assuntos que eu sentia que também tinham uma mensagem, que fizessem as pessoas pensar.

Vês, sei que é uma coisa comum e concordo que é muito correcto que, se se vai ao teatro, vai-se para se entreter. Mas ao mesmo tempo, se se pode entreter e educar e trazer certos assuntos à atenção das pessoas que talvez, quem sabe, levem a que se faça algo que beneficie pessoas menos afortunadas, então acho que isso é bom.

Creet: Pois.

Shaw: Não acho que uma peça deva ser um sermão. Mas ao mesmo tempo acho que deve conter algo de valor e algo de consequência, algo que faça as pessoas pensar e algo que espero que, pelo menos em parte, eleve a mente humana a um estado superior, a uma condição mais elevada.

Sabes, o teatro hoje em dia quando vou, o que admito ser muito raramente, horroriza-me. Francamente sinto que, embora aqui e ali possa haver peças excelentes, no geral, sinto que o teatro decaiu mesmo.

Creet: Oh, decaiu. Decaiu.

Shaw: Mas devo admitir que acho imensa piada ao que conseguem fazer hoje em dia, do ponto de vista de usarem o trabalho de outros autores e adicionarem música...

Creet: Sim. [A rir]

Shaw: ...e geralmente transformarem uma peça como a minha...
Creet: Como a tua...

Shaw: Pois... em, hum... não me vou queixar. Acho que, de certa forma, a música até ajudou um bocado. Mas, hum, [a rir] achei imensa piada. Achei mesmo muita piada porque a peça tinha

sido um grande sucesso, uma das minhas peças mais bem-sucedidas, claro, e depois decidiram animá-la um bocadinho.

Creet: [A rir]

Shaw: E agora dá mais dinheiro, acredito eu, desde que a animaram com a música de outra pessoa.

Creet: Foi o *My Fair Lady*...

Shaw: Pois... do que alguma vez deu antes.

Creet: Pois.

Shaw: Enfim, fico muito feliz por saber que os jovens de hoje beneficiam dos lucros desta nova versão, se é que assim lhe posso chamar, das minhas obras antigas. É muito engraçado pensar que, hum, que... que... que isto está a acontecer.

Creet: [A rir]

Shaw: De qualquer forma, sabes... claro que provavelmente não viste [quando foi] representada pela primeira vez, pois não?

Creet: Não. Nunca a vi.

Shaw: Não. Foi há bastantes anos. Ah, tive conversas muito divertidas e interessantes... mas sabes, não era suposto estar a falar contigo tanto tempo.
Creet: Não faz mal.

Shaw: Na verdade, só vim por uns minutos – já que parecia haver aqui uma espécie de festa, uma festa de Natal – para te desejar um Natal muito feliz. Mas aqui estou eu, a falar contigo longamente, como se fosse um daqueles teus parentes que têm privilégios especiais!

Creet: Oh, não podes ser a tia... tia Fannie, de qualquer maneira! [A rir]

Shaw: Não, não gostaria nada de ser a tia Fannie de ninguém!

Creet: [A rir]

Shaw: Odiaria isso. Mas a Ellen está aqui comigo. Sabes, sempre tive grande consideração pela Ellen.

Creet: De qualquer forma, é muito, muito agradável...

Shaw: Eu acredito... acredito que têm andado a ler as nossas cartas? Acredito que foram publicadas?

Creet: A sério? [Ininteligível]

Shaw: Ah, as coisas que fazem quando estás morto e acham que não podes retaliar.

Creet: Pois.

Shaw: Sabes, é uma coisa extraordinária, como as pessoas... como as pessoas esperam até estares morto para te despedaçarem... bem, claro que não te despedaçam quando estás vivo mas parece que, quando estás morto, acham que podem fazer contigo o que bem entenderem.

Creet: Isso é...

Shaw: A verdade é que isso a mim não me afecta muito.

Creet: Oh, não acho que seja lá muito bonito de se fazer, mas acontece a tantos.

Shaw: Suponho que pensam, 'bem, já tiraste tudo o que podias da tua vida, agora deixa-nos tirar alguma coisa disso.'

Creet: É isso. [A rir]

Flint: [A rir]

Shaw: Mas enfim, escrevem e dizem todo o tipo de coisas que, às vezes, francamente, é muito... uma pessoa até acha graça.

Creet: Suponho que esteja a ter uma vida muito interessante agora?

Shaw: Por um momento pensei que ias dizer que estava a ter uma vida dupla! Não. [Risos] Estou a ter... a levar uma existência muito feliz, sim claro que sim.

Creet: Que bom.

Shaw: Mas ainda estou a escrever e gostava de encontrar algum instrumento adequado – um médium ou chamem-lhe o que quiserem – através de quem pudesse passar, escrever e conseguir publicar alguns dos meus trabalhos aí do vosso lado. Não seria maravilhoso?

Creet: Porque não tenta a Geraldine Cummins?** Dizem que é muito, muito boa.

Shaw: Não conheço a srta... como é que se chama? Geraldine quem?

Creet: Cummins.

Shaw: Ah. Não conheço a querida senhora.

Creet: Acredito que é uma escritora automática maravilhosa. Devia tentar. Tente ver se consegue trazer alguma coisa através dela. Pode ser que consiga.

Shaw: De qualquer forma, no que me vou concentrar agora...

Creet: Sim?

Shaw: ...se eu conseguir vir falar contigo outra vez em detalhe, o que espero conseguir no próximo ano...

Creet: Mmm...

Shaw: ...vou concentrar-me um pouco no meu sotaque irlandês, senão, minha cara Dama...

Creet: Ah, que bom!

Shaw: ...minha cara Dama Sybil** e alguns dos meus outros amigos aí do vosso lado nunca me aceitarão.

Creet: Pois.

Shaw: Não é horrível que as pessoas não te aceitem quando estás morto?

Creet: Pois é verdade. Faz...faz por isso [ininteligível] para que te possam reconhecer...

Shaw: Mas sabes, minha cara...

Creet: ...com esse teu sotaque.

Shaw: ...a querida Dama Sybil sabes, ela... não acho que esteja realmente interessada neste assunto.

Creet: Está o quê?

Shaw: Não acho que esteja interessada neste assunto.

Creet: Não está?

Shaw: Não me parece. Não verdadeiramente.

Creet: Ah. Há tantos que não estão. Muita gente mesmo. Não se pode fazer nada.

Shaw: Enfim, tenho de ir. Mas que Deus te abençoe e um Natal muito feliz para ti, minha querida senhora.

Creet: Obrigada.

Shaw: Adeus.

Creet: Adeus.

Mickey: Não esperava que ele viesse, então [falasse tão alto].

Creet: Oh, mas por favor diz-nos...

Mickey: Não sei. Não faz mal. Espera aí...

Creet: Sim.

Flint: [A rir]

São Francisco
Gravado: Segunda-feira, 18 de Fevereiro de 1963
"Quantas vezes o espírito renasce num novo corpo?"

Nesta comunicação profundamente espiritual, Rose Creet ouve Francisco de Assis. Ele compreende que muitos não acreditarão na sua identidade, mas espera que as suas palavras tragam pelo menos alguma luz aos nossos corações.

Ficamos a conhecer a sua visão sobre o renascimento, tanto no sentido material como no espiritual, e ele partilha uma percepção de uma ligação antiga com o médium.

A energia e a cura geradas no momento em que esta gravação foi feita criaram um som audível, comentado por quem estava presente.
Presentes: Leslie Flint, Rose Creet.
Comunicadores: Francisco, Mickey.

Gwen Vaughan: A seguinte sessão foi gravada a 18 de Fevereiro de 1963. Médium, Leslie Flint. Assistente, Rose Creet. Comunicador, São Francisco de Assis.

Flint: Esta sessão foi gravada no dia 18 de Fevereiro de 1963. Médium, Leslie Flint.
Creet: Acho que é o Francisco outra vez.
Flint: É possível.
Francisco: Sou eu, Francisco.
Creet: Ah, sim, Francisco, isto é maravilhoso.
Francisco: Sem dúvida, minha filha...
Creet: Sim.
Francisco: ...estás a perguntar-te porque é que venho agora tão frequentemente ter contigo.
Creet: Sim.
Flint: [Tosse] Ai, desculpem.
Creet: Estou a perguntar-me, Francisco, porque disseram-me que raramente desces à Terra.
Francisco: Raramente me manifesto num sentido pessoal. Durante séculos de tempo terrestre, é verdade, manifestei o meu amor e o meu poder para beneficiar a humanidade de todas as formas possíveis. Mas ultimamente, como dizem no vosso tempo terrestre, tenho sido mais atraído para a Terra, porque sinto que as necessidades da Terra são muitas. Possivelmente, neste tempo, maior é a necessidade e, em consequência, maior é o meu desejo de servir. Podes perguntar-te porque é que hei-de ser eu a ser particularmente atraído aqui...

Creet: Sim.
Francisco: ...e talvez até a ti em particular. Gostaria, se me permites, de esclarecer esta situação que surgiu.
Creet: Sim, por favor.
Francisco: Porque na tua própria mente, não tenho dúvidas de que estás um pouco, senão perturbada, intrigada...
Creet: Sim.
Francisco: ...e cheia do desejo de uma explicação.
Creet: Sim, por favor.

Francisco: Eu não venho apenas para te dar o meu amor, o meu poder e a cura. Venho porque sei que, através da manifestação dos poderes deste instrumento, posso conseguir chegar a muitos povos, senão agora, num tempo futuro.

Venho porque sei que tens tanta fé, tanta confiança e tanto desejo de ver o poder do instrumento que uso, usado de tal forma que o trabalho do espírito possa, em consequência, ser expandido.

Por outras palavras, minha filha, embora seja minha inclinação e desejo natural servir e ajudar-te, através de ti posso chegar a muitos povos. Pois pelo teu amor, paciência e compreensão, ajudaste a criar uma atmosfera e uma condição que são propícias; não só para o meu regresso através deste instrumento, mas propícias de tal forma que eu possa falar a muitos povos.

Não preciso de te dizer estas coisas que, de certo modo, devem ser evidentes; que todos nós deste lado da vida que progredimos, progredimos – não só pelos nossos próprios esforços e sacrifícios, não só progredimos através das nossas próprias experiências, possivelmente em muitas vidas para além desta – mas tornámo-nos enobrecidos, tornámo-nos espiritualmente sábios, tornámo-nos espiritualmente 'ampliados' pelo ministério, pelos esforços e pelos sacrifícios dos outros.

Pois não vivemos todos uns pelos outros? Não é ao partilharmos as dores e as experiências uns dos outros que aprendemos e crescemos? E quando esquecemos de nós mesmos em verdadeiro serviço, quando, por assim dizer, nos tornamos um com os outros, então verdadeiramente começámos o caminho de progresso espiritual e começámos a encontrar-nos a nós próprios em consequência?

Durante muitos anos, o instrumento através do qual agora falo tem servido a humanidade. Mas há um campo de atividade mais amplo e uma maior urgência do espírito para se libertar sobre o mundo através do instrumento que agora uso. Claro que estou bem consciente de que haverá muitos no vosso mundo que, tendo ouvido estas coisas, não ficarão convencidos. Como poderia ser de outra forma?

Para aqueles que estão imersos nas condições materiais do vosso mundo, que não conseguem perceber a verdade do espírito a tentar atravessar a escuridão das suas mentes, não podem compreender nem apreciar. Surgirão todos os tipos de argumentos, tal como ao longo de toda a história o homem trouxe argumentos contra a verdade – e no entanto, apesar de tudo, a verdade prevalece.

Olho para trás, para a minha própria existência terrena, mais conhecido da humanidade como Francisco. Lembro-me demasiado bem de como o meu próprio povo se voltou contra mim, porque pela primeira vez vi um vislumbre da verdade e mantive-me firme, e em consequência renunciei ao mundo. E aqueles que eu mais amava, foram os que menos compreenderam.

E assim tem sido sempre, que aqueles que servem a verdade são os que mais sofrem. Perdem tudo, possivelmente, aquilo que o mundo parece oferecer. E mesmo na sua busca por maior conhecimento e verdade e ao descobrir o caminho da sabedoria de Deus, ainda assim sofrem muito. Pois todos aqueles que estão dispostos a seguir em busca da sabedoria de Deus e da vontade e propósito de Deus encontrarão, não amigos, mas inimigos.

Encontrarão entre os povos da Terra grande angústia e grande infelicidade. E grandes serão os fardos que lhes serão pedidos para carregar. E quanto maior a iluminação e o conhecimento que possuam, mais difícil será serem compreendidos e reconhecidos. Todos os tipos de argumentos poderão ser apresentados, pelas pessoas no vosso mundo, contra aquilo que eu digo.

E ainda assim digo-te a ti e a todos os que possam ouvir a minha voz: importa, num certo sentido, pouco, se me aceitam como sou de nome, mas sim que aceitem o espírito com que venho. Aceitem a mensagem que dou. Esperem apenas que eu vos traga tal iluminação aos vossos corações e mentes quanto me permitirem dar.

Pois se fecharem a janela contra mim, algures talvez, um feixe da minha luz penetrará pelas cortinas do vosso quarto e a escuridão aí dentro será iluminada em parte. Digo a vós que não acreditais; percebei, se puderdes, a imensidão da vida, a imensidão do propósito da vida, percebei que não sois o que pareceis à superfície.

Vós, que vos conheceis a vós próprios, ou pensais que vos conheceis, percebei que sois verdadeiramente um ser espiritual, mesmo que pareça que não sois, pelas vossas ações e pensamentos e pelas próprias condições em que vivem e existem. Se me disserem, 'não consigo ver', é porque vós próprios só conseguem ver aquela parte de vós que é da Terra.

Mas aquilo que vê profundamente dentro de ti, aquele lampejo de luz que é do espírito, que está tão diminuído e ainda assim cintila; essa parte de ti pode vir à tona para iluminar toda a tua natureza e podes ser tão transformado em consequência, que estarás verdadeiramente renascido de novo. Cristo disse: "Para entrar no reino dos céus, é preciso nascer de novo."

Renascer: quantas vezes o espírito renasce num novo corpo, recebe uma nova expressão de vida; por um breve tempo, um homem? Até ao momento em que tenha aprendido, através de um tempo sem fim e de incontáveis condições de vida, e se torne tão espiritualmente consciente e desperto que esteja verdadeiramente renascido — não de novo no mundo material da carne, mas renascido num corpo espiritual de graça e beleza, muito além da concepção do homem terreno.

Quando nós, que vimos até vós para descrever e ilustrar as coisas do espírito, nos esforçamos — e esforçamo-nos mesmo — é difícil. Como poderá alguém pintar, com cores artificiais do vosso mundo, a raridade, a beleza e a pureza das cores de um mundo espiritual? Não se pode transformar, pelos modos terrenos, aquilo que é verdadeiramente do espírito. Mas, ainda assim, tentamos.

Não vimos apenas para vos tirar da escuridão por um momento, para depois vos verem novamente lançados na escuridão. Lutamos convosco e trabalhamos convosco e nunca cessamos nos nossos trabalhos amorosos em vosso favor.

Há aqueles que começaram no caminho do progresso espiritual, e por uma razão ou outra, deram as costas à verdade. Ficaram desencorajados, insatisfeitos por uma razão que só eles sabem, e muitas vezes por egoísmo. Alguns sentem que, para se tornarem verdadeiramente conscientes da graça espiritual, é necessário demasiado sacrifício, espera-se demasiado, e contentam-se em ficar, por assim dizer, apenas à superfície.

Talvez não tenham força, dentro de si, para cavar fundo e encontrar o ouro que está escondido bem no fundo. Tantos, como sabes, que professam estas verdades, têm apenas uma pequena parte dela. Viram apenas uma fracção e não estão dispostos a ir mais além.

Quando venho ao vosso mundo e vejo as muitas, muitas pessoas que dizem seguir o Mestre Jesus, fico triste. Porque percebo que não o viram, não viram o seu verdadeiro valor — não compreenderam que amá-lo e segui-lo nos seus passos coloca sobre si próprios uma grande responsabilidade.

E se esperam pela redenção e se esperam, em consequência, por aquilo a que chamam salvação, não podem esperar encontrá-la permanecendo, como tantas vezes permanecem, materialistas. Cristãos materiais, há muitos. Cristãos espirituais são poucos. E ao vir falar-vos destas coisas, quero que percebam que, no meu estado iluminado, compreendo que todos os profetas e os grandes que carregaram a tocha da iluminação espiritual no vosso mundo, no seu tempo, foram todos Cristos — na medida em que serviam a Deus e expressavam, à sua maneira, o seu aspecto particular da Sua sabedoria.

Pois não é dado a um homem ter todo o conhecimento. Não é dado a um homem conhecer todas as coisas. Não é dado a um homem ter todo o poder e toda a glória. Pois estas coisas de que falamos, as glórias do espírito...

[Som forte de estalo]

...são em si mesmas tão tremendas, tão poderosas, que não há possibilidade de que na Terra, qualquer ser humano, por mais evoluído que seja, consiga expressar um milionésimo da sabedoria e do propósito de Deus.

E assim é que eu e outros como eu vimos até vós. E à nossa pequena maneira, esforçamo-nos por abrir uma brecha e dar-vos a vós, e a outros como vós, um lampejo da verdade. É como se lançássemos uma pedra ao mar, e daí, a partir do centro, surgem ondas que se expandem gradualmente e se perdem. Vimos dar-vos tanto quanto nos é possível.

Estamos conscientes da imensidão da nossa tarefa, e se conseguirmos captar a vossa atenção suficientemente; despertar-vos ao ponto de verdadeiramente vos tornardes iluminados e de facto servos no mais alto sentido, então teremos realmente alcançado muito.

O instrumento que utilizo, conheço-o há muitos anos do vosso tempo terreno. Não apenas nesta encarnação presente, mas noutras — assim como a ti também conheço, e muitos outros.

Há aqueles no vosso mundo que não conseguem compreender a imensidão desta verdade tremenda, na qual nós, como irmãos e irmãs, avançamos, se não sempre de mãos dadas, através de muitas existências. Mas, mesmo assim, se as nossas mãos não se unem nesta encarnação ou naquela, eventualmente somos tão atraídos uns aos outros que nos abraçamos em calor e amor.

Podem haver momentos em que parecemos distantes. Podem haver momentos em que parecemos reunir-nos e depois afastar-nos. Mas, no final, quando todas as nossas jornadas estiverem feitas, e todas as experiências ganhas que a Terra nos pode dar, quando nos tivermos aperfeiçoado no amor, pelo amor e através do amor, com tal força que verdadeiramente nos tornamos irmãos, quando tivermos lançado fora os grilhões pela última vez, os laços terrenos, quando nos virmos uns aos outros pela primeira vez como verdadeiramente somos, então saberemos que as nossas tarefas terrenas terminaram e o nosso trabalho espiritual, num plano espiritual, começa.

Mas em todas estas existências, às vezes sem nos apercebermos, manifestámos a vontade de Deus. Manifestámos o poder do espírito. Crescemos uns pelos outros e através uns dos outros e, em consequência, tornámo-nos parte do todo. Aqueles que conheces e amas, aqueles que foram muito para ti e ainda o são, aproximam-se de ti comigo.

Vigiam-te e guiam-te. Trazem-te o sopro da vida, que é eterna, e dão-te uma força que não pode desaparecer. Dão-te a beleza das esferas e a alegria da juventude eterna e dão-te aquilo

que é para sempre jovem; aquela beleza que ultrapassa toda a compreensão conhecida — pois é a beleza das esferas, é a beleza da vida eterna.

Não há velhice, não há nada que desgaste ou estrague nos reinos da consciência espiritual — pois aqui, tudo é perfeito. E nesta perfeição do espírito, todas as coisas tornam-se reais e possíveis. Todas as dores do passado são esquecidas, todas as esperanças são realizadas, todos os sonhos são cumpridos. Nos reinos da vida eterna, habitamos verdadeiramente na paz, na harmonia e no amor.

E aqueles que concluíram as suas tarefas na Terra, vêem pela primeira vez as realidades da vida verdadeira. E aqueles que muito sofreram, não sofrem mais, mas alegram-se numa saúde de ordem espiritual, inimaginável para aqueles que ainda percorrem os caminhos da Terra.

Eu poderia dizer-vos, a vós que ouvis a minha voz, muitas coisas. E em devido tempo, sem dúvida, poderei fazê-lo. Mas não vos aflijais se, no vosso estado presente, não conseguirdes compreender ou aceitar aquilo que vos trago. Pois pode muito bem ser que ainda não estejais preparados. Pode ser, por razões que não são necessariamente culpa vossa, que nem sequer desejem saber. Mas escutem e aprendam, se puderem. Mantenham os vossos corações e mentes abertos. Libertem-se dos grilhões, se puderem, que vos prendem e compreendam que estas coisas vos chegaram dos reinos do espírito.

Nós, que vimos com estas verdades, já não nos curvamos perante poderes e principados, nem perante credos ou dogmas. Nós, que vimos até vós, estamos livres de tudo o que vos prende. E se, pouco a pouco, pudermos afrouxar as correntes que vos prendem, é nossa alegria fazê-lo. Não vos aflijais, se ainda não conseguirem aceitar ou acreditar. Eu compreendo o dilema e a dificuldade em que se encontram.

Mas digo a todos vós; há-de chegar o tempo em que começarão a ver a grande verdade, a grande realização do amor de Deus, quando começarão a perceber as possibilidades de liberdade, muito além dos vossos sonhos mais ousados neste momento, quando perceberão que o poder do espírito, que em tempos jamais teriam pensado possível, se tornará uma realidade em consequência.

Pois onde existe amor assim, como o que vos é derramado dos reinos do espírito, nada é impossível. Todos os grilhões que vos prendem e as correntes podem ser quebradas. Não vos aflijais. Seja qual for o estado em que se encontrem, seja qual for a opressão que vos pesa sobre a cabeça, seja qual for o fardo que carreguem que vos faz sentir enfraquecidos; sabei que, com amor, tudo se torna possível.

Se pudermos tirar de vós, se nos permitirdes fazê-lo, os fardos que carregais, podemos trazer-vos uma força renovada, não só de corpo e de mente, mas de espírito. Podemos dar-vos o cajado da vida que fará com que possais seguir livres no caminho do progresso em direcção à luz. Não duvideis de que estamos convosco, a todas as horas, em todos os momentos.

Chamem por nós quando precisarem de nós, e nós iremos até vós. Peçam-nos o que quiserem e responderemos às vossas perguntas. Mas lembrai-vos em todos os momentos de que, tudo o que dizemos, tudo o que fazemos, é através do amor e do poder do Espírito Santo, que nos dá esta capacidade para fazer a vontade do Altíssimo.

Somos apenas servos, tal como vós. Lembrai-vos: servir é viver, e viver é aprender, e aprender é ser livre, e ser livre significa, verdadeiramente, que o vosso espírito se elevará para fora da escuridão, como um pássaro em voo para o novo mundo, onde tudo é iluminação. Encontrareis

então essa paz que vem àqueles que procuram a liberdade, que procuram o amor, que procuram a paz.

Tudo o que damos é em amor e em paz. Que as bênçãos do Espírito Todo-Poderoso estejam sobre vós. Que assim desçam sobre vós de tal forma que sintam o corpo, a mente e o espírito revigorados, para fazer a sua obra junto daqueles dos seus filhos com quem são chamados a estar. Servir e ajudar e guiar, fazer a vontade do Mestre, é o seu desejo. E eu assim o faço por ordem dele, para os seus filhos. A minha paz, o meu amor, estejam convosco todos. Agora e sempre. Despeço-me.

Creet: Adeus Francisco. Muito, muito obrigada. E espero que me ensines, a mim e a todos nós, muito mais ainda.

Flint: [Suspira] Não sei o que foi aquele estrondo enorme, sabes?
Creet: Não sei o que foi.
Flint: Fez-me saltar. Foi um estoiro terrível, não foi?
Creet: Sim. Espero que o... como se chama esteja bem.
Flint: O microfone está bem e o gravador também está.
Creet: Não vou acender já a luz.
Flint: Não, não. Por amor de Deus, não acendas, não.
Mickey: Tens de esperar coisas extraordinárias muito em breve, Rosie, pelo que eu percebo disto.
Creet: A sério?
Mickey: As coisas estão bem encaminhadas, querida.
Creet: O quê? Está mesmo?
Mickey: Sim.
Creet: O que foi aquilo?
Mickey: O Francisco esteve maravilhoso hoje, não esteve?
Creet: Oh, sim. Maravilhoso. Mas Mickey, o que foi aquele barulho tão alto?
Mickey: Oh, isso é o poder a ser usado. Ha! Gostava que não o fizessem enquanto estão a falar, mas suponho que não se aperceberam. Mas eles hão-de fazer algumas experiências e não fiques surpreendida se vires coisas.
Creet: Oh, não.
Mickey: E acho que podia ser boa ideia, não sei o que pensam os outros, se começasses outra vez com a tua máquina fotográfica, para ver se consegues apanhar alguma coisa na máquina.
Creet: Oh.
Mickey: Por isso é melhor perguntares aos outros. Não me leves só a mim à letra, porque, aha, tenho só as minhas ideias. Mas de qualquer forma, está maravilhoso esta noite; o poder e as condições. Está tudo óptimo. E a cura que os dois têm recebido é... oh valha-me Deus! Deviam andar a correr por aí como se tivessem dois anos. [Risos]
Mickey: Bem, adeusinho.
Flint: Adeusinho.
Creet: Adeusinho, querido.
Flint: [A rir]
Creet: Oh, maravilhoso! [A rir]
Flint: Pergunto-me o que terá sido o barulho. Bem, eles... ele não explicou exactamente, pois não?

PERCEA
Gravado a 15 de Março de 1965
"Cristo era tão diferente daquilo que a Igreja ensina."

Com George Woods e Betty Greene presentes, esta conversa sinceramente espiritual vem de um comunicador que se identifica como Percea.
Embora a gravação comece com o Mickey, que está de muito bom humor...

Flint: Esta sessão foi gravada no dia 15 de Março de 1965. Assistentes: Sra. Greene e Sr. Woods. Médium: Leslie Flint.

Woods: É bom ouvir-te, Mickey.

Mickey: Estive a ouvir a vossa conversa sobre comida.

Greene: Ah, estavas? A ficar com água na boca, Mickey?

Mickey: Não, nada disso. Estava só a pensar em como é necessário ter comida para o corpo e comida para o espírito.

Greene: Muito bem dito.

Woods: Hum, nós – nós temos – quando vimos às reuniões, percebes, para ouvir as gravações, Mickey, nós temos de...

Mickey: Suponho que lhes dês de comer, hum, comida para lhes dar força para receberem o alimento da mensagem do espírito. [Risos]

Greene: É isso mesmo.

Woods: É isso mesmo, Mickey.

Greene: Ah, eu gosto de lhes dar um bom lanche, Mickey.

Mickey: Bem, é um problema, não é? Não se pode agradar a toda a gente, quer lhes ponhas bolos à frente, ou sandes, ou alimento espiritual. Há sempre alguém que há-de dizer: 'Ah, não gosto disso, sabes.' Ha, ha, ha, ha! [Risos]

Mickey: 'Ah, isso dá-me indigestão — quer seja psíquica, espiritual ou física.' [Risos]

Greene: Bem, suponho que se pode ter indigestão psíquica, não se pode?

Mickey: Ah pois, de certa forma, sim.

Woods: De qualquer maneira, nós continuamos, Mickey.

Mickey: Deviam definitivamente servir pão ázimo para algumas dessas pessoas.

Flint: [A rir] Pão ázimo!

Greene: Eu não sei fazer isso...

Mickey: O quê?

Greene: Não sei cozer pão ázimo, Mickey.

Mickey: Bem, eu também não faço a mínima ideia. [Risos]

Greene: Ah bem, como estás tu?

Mickey: Oh, não há nada de mal comigo.

Greene: Que bom.

Mickey: É convosco que eu estou preocupado.

Greene: Comigo?

Mickey: Bem, convosco os dois.

Greene: Oh.

Woods: Porquê...?

Greene: Porquê que estás preocupado connosco?

Mickey: Bem, eu sei... percebem o que quero dizer. Não há nada de mal connosco deste lado nesse sentido, mas hum, convosco desse lado há todo o tipo de problemas, não há? Que surgem? E con-con-confusões e pessoas que simplesmente não parecem perceber como é necessário esforçarem-se por ser compreensivas e de mente aberta, e como avançar, em qualquer sentido — a não ser que tenham uma mente aberta. Vejam, o ponto é que a mente de muitas pessoas está tão fechada.

Greene: Ah, eu sei...

Mickey: Estão tão cheias de tralha, não estão?

Greene: Ah, pois.

Woods: Tivemos dificuldades com muitos deles esta semana que têm as mentes tão fechadas...

Mickey: Ah, pois é normal. Eles não querem ouvir nada que não apoie o que já acham que sabem.

Woods: Pois.

Mickey: Já decidiram tudo. Huh! E enquanto lhes passares algo que apoie aquilo em que, hum, eles têm uma opinião muito formada, bem, estão do teu lado, mas Deus te ajude se não estiveres. [Risos]

Woods: É mesmo isso, Mickey.

Mickey: 'Ah, acho que não acredito nisso, sabes. Não podia aceitar isso de forma alguma. Ah não…' Sabes. Ai, valha-me Deus! '…porque nós estamos numa vibração muito elevada, sabes. Ai, valha-me Deus.' [Risos]

Greene: Já tivemos alguém que disse que está nos ensinamentos mais elevados, enquanto nós, mais ou menos, estamos nos mais baixos, sabes.

Mickey: Pois está bem. Imagino que devem sentir-se mesmo desconfortáveis. É tudo o que posso dizer. [Risos]

Mickey: Ai, faz mesmo sorrir. Suponho que devem estar em comunicação regular com Jesus a falar num inglês perfeito.

Flint: [A rir]

Woods: Ah pois, já tivemos isso, Mickey.

Greene: Ah, já tivemos isso, Mickey, sim.

Flint: [Tosse]

Mickey: Pobre tocas de toupeira…* [Risos]

Mickey: Velhas tocas de toupeira…

Greene: Oh?

Woods: Temos de tudo, Mickey, de tudo.

Mickey: É impressionante como as pessoas engolem algumas destas coisas que, na verdade, quando se analisa, são bastante estúpidas, e dizem: 'ah, isso é maravilhoso, querida!' Sabes. Suponho que… ah, suponho que se ela entrasse em transe assustava-se de morte.

Flint: [A rir] Ai, ai!

Woods: Mmm. Pois assustava.

Mickey: Suponho que há pessoas que nunca saíram de um.

Greene: Provavelmente é verdade, Mickey.

Flint: [Tosse]

Woods: Um cavalheiro disse, na semana passada, que nunca tinha ouvido falar disto. Ele disse: 'Ooh', diz ele, 'não é assustador?' diz ele, 'ir lá e poder ver o que fazemos?' 'Não é assustador', disse eu, 'é uma coisa muito boa…'

Mickey: Mostra que ele tem consciência, não mostra?

Flint: [A rir] Ai valha-me Deus!

Greene: Pois…

Flint: Ai, ai…

Woods: Bem, estamos muito felizes por tentar ajudar os outros, Mickey.

Mickey: Desde que não fiquem superiores.

Woods: Mickey, nunca vais precisar de te preocupar...

Mickey: Quanto mais humildes forem, maior é a probabilidade de haver mais compreensão e mais percepção da verdade. Mas se começam com aquela atitude; 'ah, claro que eu sei isso, querida. Sim claro, não poderíamos ver isto da mesma forma, mas isso é muito… ah não!' Sabes, e essa conversa toda.

Woods: Não há perigo disso… connosco, Mickey.

Flint: [A rir]

Mickey: Só imagina a velha Betty ali. Ooh, se fosse assim; 'ah não… claro que estou numa vibração muito elevada sabes, eu…'
Ai valha-me Deus. Credo, não seria a velha Bet pois não?

Greene: [A rir] Não seria mesmo, Mickey. Bem dito!

Flint: [A rir]

Woods: Não seria mesmo, Mickey.

Mickey: As pessoas têm de aprender a encarar a verdade e os factos. Ficam nesse estado todo pomposo e normalmente são as pessoas que já estão a ficar velhas, sabes, mesmo avançadas em anos. Muitas vezes essas pessoas são assim. Oh valha-me Deus!

Woods: Eu sei…

Mickey: Os jovens, graças a Deus, têm uma mente muito mais aberta.

Greene: Têm, sim.

Mickey: São esses que vocês devem tentar alcançar. Os velhos patetas vão descobrir tudo muito em breve, por isso porque é que se hão-de preocupar com eles?

Flint: [A rir] Ai valha-me Deus!

Woods: [A rir]

Greene: É muito difícil chegar aos jovens, Mickey, sabes?

Mickey: Segue o meu conselho e vai atrás dos jovens e deixa os velhos tratar da vida deles.

Greene: Fazemos isso. Tentamos, mas é muito difícil conseguir chegar aos jovens.

Woods: Ontem tivemos dois jovens, Mickey, eles estavam bastante… estavam muito...

Flint: [Tosse]

Woods: ...muito contentes com a nossa conversa.

Mickey: Só posso dizer sobre eles que as alvas deles precisam de ser lavadas.

Flint: [A rir]

Greene: Alvas? [A rir] A Páscoa está a chegar, Mickey. Eles lavam-nas sempre na Páscoa.

Mickey: Ah, graças a Deus por isso. Acho que deviam ler os anúncios do Omo***. [Risos]

Greene: Ou Daz?

Mickey: Ou Daz***, pois. [Pausa longa] Podiam certamente meter lá as auréolas também. [Risos] [Pausa longa]

Percea: Somos ouvintes…

Woods: Olá?

Greene: Bom dia, amigo.

Woods: Bom dia.

Percea: Bom dia.

Woods: Bom dia.

Percea: Estive a ouvir o nosso amigo.

Greene: [Risos]

Woods: Sim?

Percea: Admiro o sentido de humor dele.

Woods: Sim?

Percea: Ele é uma pessoa notável e tem, sem dúvida, um sentido de humor notável. E só posso dizer-vos que é um factor muito importante ter um sentido de humor notável. Sem ele, acho que a maioria de nós estaria perdida, senão todos nós. Quer estivéssemos do vosso lado, quer estivéssemos deste. Nos primeiros tempos ao chegar aqui, acho que é preciso desenvolver — se ainda não se tem — um sentido de humor. Porque onde quer que haja seres humanos, e acreditem, nós somos muito humanos, é muito necessário ter sentido de humor.

As pessoas têm estas ideias estranhas sobre a vida depois da chamada morte. A grande maioria tem uma concepção das mais estranhas sobre o que isso significa. E de facto, a grande maioria está completamente enganada. Este mundo é um mundo real, composto por pessoas reais,

cujos próprios pensamentos criaram as circunstâncias em que se encontram. Não é um mundo que tenha sido preparado, por assim dizer, antes de chegarem. Foram eles próprios que o prepararam pelos seus próprios pensamentos e acções enquanto na Terra. Por outras palavras, criaram o ambiente em que eventualmente entrarão. Mas felizmente nada é estático.

Se assim fosse, se existisse uma vida ou existência estática, não poderia haver… nenhuma realização de coisa alguma. Porque, se não fosse assim — que a vida é contínua, na medida em que adquirimos novo conhecimento e nova experiência, se não fossemos… fluidos, por assim dizer, se não estivéssemos constantemente a rever os nossos pensamentos e ideias e as nossas concepções de verdade — não poderia haver vida alguma.

É movimento e mudança. É a compreensão de que estamos constantemente a acrescentar e a retirar dentro de nós mesmos, que somos como somos, que temos vida. Essa é a resposta em poucas palavras. Em certo sentido, é toda a resposta. Claro que há muitos, muitos aspectos desta grande verdade. Mas o essencial é que, quando o homem perceber que está constantemente a acrescentar ao seu conhecimento, constantemente a mudar a sua visão e as suas ideias, que está sempre a entrar num mundo de pensamento. E é o pensamento que torna possíveis as próprias condições em que vivem e existem — quer seja no vosso mundo quer seja neste.

O vosso mundo é um mundo de pensamento. Vivem numa condição que o homem, através de gerações de tempo, criou. Se há caos e medo e infelicidade, se há conversa de guerra e a guerra surge, é obra do homem. Os pensamentos do homem tornaram-se activos e criaram a circunstância e a situação. O homem está sempre a acusar Deus, a dizer; 'porque é que Deus permite isto' e 'porque é que Deus permite aquilo?' O ponto é que Deus em si mesmo — se alguém tentar visualizar tal coisa como um Deus ou uma personalidade — Deus está, num certo sentido, afastado e separado da humanidade.

Mas depois, nós deste lado que temos algum conhecimento — penso que muito distante do vosso — não aceitamos Deus no sentido ortodoxo em que o homem o aceita, particularmente o homem religioso. A formação religiosa e os ensinamentos do homem confundiram-no e confundiram gerações. O homem, se quiser compreender os mistérios do universo, deve começar primeiro por si mesmo. Deve começar por conhecer-se a si mesmo.

Na Índia havia esta compreensão, que ainda existe — que o homem deve conhecer-se a si mesmo. O homem deve voltar-se para dentro de si para encontrar o início da verdade. Mesmo os ensinamentos de Cristo eram idênticos. De facto, muito do que Cristo pregou e muito do que foi acrescentado e muito do que foi transmitido, ao longo das gerações, veio de velhas verdades. Cristo sabia que o homem tinha primeiro de procurar dentro de si. Pois dentro de vós está o início da realização, o início do conhecimento, o início da verdade, o início do crescimento. E é essa parte do homem que é indestrutível, que lhe mostrará o caminho, a via e a luz.

"Eu sou a luz", disse Cristo, mas não quis dizer, como o mundo pensa, que era o salvador do mundo, na medida em que era Deus encarnado na Terra. Quis dizer que aquilo que vinha de dentro dele próprio e iluminava todo o seu ser, que dava confiança e dava… dava confiança e compreensão aos seus discípulos. E era essa verdade interior, esse conhecimento interior, essa realização interior — essa compreensão de que o corpo era apenas a máquina, a máquina temporária, que era, fundamentalmente, apenas a cobertura exterior, a casca exterior. A realidade, a personalidade, o espírito, a mente, tudo aquilo que é o homem, que é indestrutível e eterno, é aquilo que está dentro.

Temos de chegar a estes factos e a estas compreensões, que dentro do homem está um potencial e é esse potencial que é, em si mesmo, o espírito indestrutível que não pode morrer. Pois aquilo que é da mente e do espírito vive, e o corpo falecido já não tem significado nem existência como tal, e está, de facto, perdido e esquecido no próprio tempo. Mas a realidade, a realidade do espírito, isso é outra questão. O homem encontrará por si aquilo que criou, seja pelo seu conhecimento seja pela sua ignorância. Criará para si mesmo exactamente, identicamente, essas vibrações e condições de vida que lhe são mais adequadas, por um tempo, até que ele próprio comece a lutar e a emergir para um estado de ser mais elevado.

É verdadeiramente como a crisálida e a borboleta, e aqueles que dizem o contrário não conhecem a verdade. Nenhum homem pode encontrar a verdade numa forma completa. Não existe tal coisa, de facto poder-se-ia dizer, como verdade completa. Pois a verdade nunca pode ser completa.

A verdade é, por assim dizer, algo que é uma parte de, é algo que se acrescenta, algo que cresce, algo que é em si tão imenso, que nem a mente nem o espírito a podem compreender totalmente em qualquer estágio de evolução. Se fosse assim, se soubéssemos toda a verdade, não haveria razão para a vida. É isso que a torna tão interessante e entusiasmante, e isso é o que acaba por se cumprir em parte. É isso que nos faz lutar. É isso que torna a própria vida possível, tolerável e compreensível. Aqueles que vos dizem que possuem toda a verdade, que esse credo ou religião a que se prendem é a verdade absoluta, são tolos!

Eles não conhecem senão um aspecto da verdade. E muitas vezes o aspecto de verdade que têm está tão deturpado, tão adulterado, por gerações de pensamentos errados, que quase perderam a partícula que primeiro possuíam.

O verdadeiro Cristianismo, por exemplo, tal como ensinado nos primeiros anos, nas primeiras fases do seu desenvolvimento, é uma coisa bem diferente daquela que se vê hoje à vossa volta. Onde quer que vão há confusão, há incerteza. Há tanto que é transmitido como facto sólido, mas que não tem qualquer ligação com a verdade. Aqueles que buscam a verdade, como Cristo disse e todos os grandes profetas disseram, devem primeiro procurar dentro de si. E devem, em muitos casos, esquecer muito do que já aprenderam. Quando a mente está livre e desimpedida e aberta, então encontrarão nela a inteligência divina e o pensamento divino.

Nós que vimos até vós, tão variados como devemos e somos, e felizes por sermos uma tão variada irmandade, vindos de diferentes esferas e diferentes condições de vida, dar-vos-emos o nosso conhecimento e o nosso aspecto da verdade. Tudo se resume à única verdade, mas estamos todos a dar-vos aspectos dela. Somos todos como correntes numa grande... somos todos como elos numa grande cadeia de força e, de facto, ela cresce dessa forma. A sua imensidão é tão tremenda que ninguém pode esperar compreendê-la totalmente.

Mas lembrai-vos de que cada elo dessa corrente é forte, firme e seguro. Pode ser que uma alma venha até vós de uma esfera e vos dê certo conhecimento, impressão e visão, mas lembrai-vos de que nunca reclamará conhecer toda a verdade. Nunca afirmará ser o grande messias ou o grande mestre. De facto, eu diria: desconfiai de todos aqueles que vêm com palavras altissonantes e grandes ideias, para tentar impressionar-vos de que são verdadeiramente os maiores de todos.

Pois aqueles que vêm das esferas mais elevadas e dos estados mais altos muitas vezes vêm na forma mais humilde — até mesmo os grandes profetas de outrora e o grande Mestre Jesus. Eles não chegaram — como tantas vezes aqueles que parecem chegar deste lado, segundo aquilo

que ouvem... eles não chegaram com pompa e circunstância e frases grandiosas e palavras altivas. Eles não faziam grandes afirmações.

Cristo nasceu nas circunstâncias mais humildes. Toda a sua vida foi vivida em humildade de espírito e humildade de condição material. Ele não fez grandes proclamações. Estas proclamações que são atribuídas a Cristo são o que outros fizeram por ele, para que pudessem, por sua vez, construir uma grande organização ou organizações, que se desenvolveram — tão distantes dos ensinamentos simples de um homem humilde e de grande consciência espiritual.

Cristo era tão diferente do que a Igreja ensina. Cristo sabia do poder que residia dentro. Sabia do poder do grande espírito que habitava nele e que podia expressar o seu poder e o seu amor e superar muito do material em consequência. Mas toda a história de Cristo é tão diferente do que tantos gostariam que acreditassem.

Ele próprio sabia que dentro dele estava o poder que podia superar todas as coisas, e superou, até a morte. A morte não é o grande separador. A morte não é aquilo que se deve temer. A morte é o portal para a libertação — um novo conhecimento e uma nova experiência. Ninguém deve temê-la.

Woods: Desculpe. Poderia dizer-me o seu nome, por favor?

Percea: O meu nome não vos transmitirá pouco ou nada.

Woods: Eu sei, mas...

Percea: Mas o meu nome é Percea.

Woods: Percea?

Percea: É um nome que não ecoará claramente na vossa mente. Pois é um nome tão antigo... tão antigo como o tempo. Na medida em que remonta a muitos milhares de anos. Haverá quem dirá, 'que prova, que evidência têm disto?' Mas isso em si mesmo tem pouca importância. Não é a voz. Não é o nome. É apenas a mensagem do espírito que importa. Haverá quem não compreenderá isto e quem dirá que não é assim. Mas digo àqueles que escutam a minha voz: não se preocupem com nomes. Não se preocupem com o que se foi, mas com o que se é, com o que se tornou.

Escutem a mensagem do espírito, pois é apenas a voz do espírito que importa, não o nome ou o lugar que em tempos foi o lar do corpo físico material. Pois todos os homens tiveram muitos corpos em muitos tempos. Há muitos que não gostarão desta ideia, muitos que não concordarão ou aceitarão. Mas é porque pensam de forma errada, na medida em que gostam de sentir que são um corpo, um espírito, que não são, por assim dizer, diferentes. Que são, em si mesmos, individuais ao ponto de não poderem e não deverem partilhar-se com outros.

Há aqueles que falam da irmandade do homem. Há aqueles que falam em serem um só em espírito e em verdade. Mas quando chega o momento de realmente perceber o que isso significa, têm medo disso, não gostam disso e viram-lhe as costas. Mas até que alguém aprenda a viver de muitas formas, em muitas vidas, em muitos corpos, sob muitas formas e disfarces — até que alguém tenha assimilado tudo o que pode da vida terrena e tenha crescido em estatura mental e espiritual — e até que se tenha absorvido na realidade da vida eterna, até esquecer o eu de forma tão completa que se torne parte de uma alma-grupo...

Por outras palavras, de certa forma, embora se retenha uma individualidade e uma identidade e uma forma e um contorno e, se necessário, até um nome, isso não é o importante. É que se é parte do grande Espírito Santo. Que se é, de facto, verdadeiramente um indivíduo na medida em que se mantém, até certo ponto, um sentido individual, mas se tornou tão parte da vida e da plenitude da vida e da inteligência da vida, e se ficou tão imerso no espírito, que se perderam todas as concepções materiais. Que se está perfeitamente contente por se expressar a verdade eterna. Por outras palavras, todos somos parte da verdade eterna. Todos somos parte da vida eterna. E perdemos todas as coisas que, muitas vezes, nos tornam individuais na forma ou sentido errados.

Por outras palavras, o pior desapareceu de nós e apenas o bem permanece. E é o bem que nos eleva até às alturas da consciência e da percepção espiritual. E se quisermos regressar à Terra para conversar ou fazer algum comentário ou aconselhar ou ajudar ou dar, como tantas vezes o fazemos de nós mesmos, reassertamo-nos de certa forma para que possamos ser ouvidos ou para que possamos ser reconhecidos de certas formas. Mas isto, em si mesmo, é nada. O que é importante é a mensagem do espírito.

As pessoas dizem, 'ah eu falo nas minhas sessões ou nas minhas reuniões com esta ou aquela alma. O nome dele é tal e viveu em tal lugar, em tal época quando estava na Terra.' Tudo isso é interessante. Tudo isso é, de certa forma para vós, importante, porque vos ajuda a ter uma forma de reconhecimento e dá-vos a oportunidade de falar de nós como indivíduos.

Mas todos vimos até vós com grande inteligência. Não me preocupo tanto com o facto de nome e de lugar. Preocupamo-nos com a mensagem divina da vida eterna, para que sejais imbuídos com o desejo de servir a verdade e transmiti-la onde quer que vão. Mas há aqueles no vosso mundo, como bem sabeis, a quem não conseguem chegar, pois estão cheios de si mesmos. E isto é o que quero salientar. É até se perderem a si mesmos que se encontram, não antes.

Aqueles que estão cheios de si mesmos e pensam que tudo o que sabem é assim e está certo e é justo, que não há mal, nem erro, nem falha naquilo que têm e que querem incutir nos outros — este é o engano. Este é o erro.

Quando o homem é como um vaso vazio e limpo, verdadeiramente as águas da vida, do espírito e da verdade podem ser aí vertidas. Mas deve ser vertido gentilmente. Não deve transbordar ou derramar-se em excesso, pois aí é desperdício e muito se perde. E assim é que nós, que vimos até vós, somos vasos do espírito e reabastecemos como quiserem esse vaso.

Porque, de certo modo, aquilo que fazemos por vós e através de vós, recebemos de vós aquilo que vós mesmos expressais e vos tornais, algum poder e vitalidade que nos permite continuar o nosso esforço e o nosso trabalho em vosso favor. Mas se viéssemos demasiado cheios, a transbordar, e vós recebessem demasiado, demasiado cedo, isso não seria bom e não vos poderíamos ajudar nem assistir. Devemos vir e dar-vos, gentilmente, aquilo que sabemos: para que possam ser reanimados por um momento. Um vinho novo deve ser vertido em garrafas velhas. Vós, meus filhos, estais a aprender depressa.

Mas ao mesmo tempo não é fácil, a tarefa que vos está destinada, de poder transmitir isto a outros. Haverá aqueles que provarão e acharão amargo, porque não foram preparados, não estão prontos. De facto, para alguns será como um remédio que poderia curá-los, mas não gostam do sabor e afastam-se dele e manterão a sua doença. Há muitos que não receberão o remédio do espírito, porque terão medo. Ver-vos-ão, talvez, como médicos que não são

eficientes, que não sabem o seu ofício ou a sua arte. Digo-vos que revigorareis muitos e muitos rejubilarão por vossa causa.

Muitos serão reanimados e recuperados para a saúde e muitos verão uma nova vida diante deles, clara perante si, e ficarão em júbilo. Mas haverá aqueles que terão medo de vós, não confiarão em vós, não aceitarão o que lhes dais. Por esses pouco podereis fazer. Pois a provação e tribulação deles e a infelicidade e todas as coisas — os males, como o mundo os chama — talvez ainda tenham de aprender e de experimentar. O vosso mundo é um campo de treino para a alma. E quando o homem perceber isso, que cria pelos seus pensamentos e acções as próprias condições em que se encontra, quando aspirar no sentido mais elevado à verdade que lá está à espera de ser recebida, então expandir-se-á e crescerá no seu conhecimento e na sua condição.

Grandes são as coisas que podem ser transmitidas pelo espírito. Mas apenas quando o homem estiver preparado para aprender, ouvir, participar e esvaziar-se de todos os pensamentos que impedem a sua aceitação. Quando a mente está demasiado cheia e demasiado atulhada, não há espaço para nova verdade, novos pensamentos, novas ideias.

O homem deve aprender, por assim dizer, a lançar para fora de si grande parte das noções e ideias pré-concebidas, os pensamentos e ideias erróneas que aceitou — muitas vezes sem se preocupar profundamente com a sua veracidade. Lançai fora o erro e abri a vossa mente ao conhecimento e à verdade e então sereis livres. E à medida que a vossa liberdade se expande e o vosso conhecimento cresce, assim vos elevareis cada vez mais. E, contudo, à medida que vos elevais às alturas, o novo conhecimento e a nova revelação tornar-vos-ão ainda mais humildes.

Desconfiai de todos aqueles que vêm dizendo que vêm de alta condição e que são, por si mesmos, dignos de grande reverência. Pois aqueles que trazem a verdade são humildes na verdade. Não têm dúvidas, não têm reais... não têm quaisquer dúvidas dentro de si mesmos de que são, por assim dizer, apenas pequenos à luz da grande verdade.

Quanto maior a verdade que conhecemos, mais humildes nos tornamos. E eu também vos digo: tende boa fé e sede humildes nela. Ide adiante na escuridão do vosso mundo e transmiti essa luz que vistes. Embora nem sempre penetre suficientemente, para vosso agrado ou de outros, a penumbra do vosso mundo, ainda assim será uma luz e outros virão até ela e serão atraídos por ela e buscarão e encontrarão. E a sua luz crescerá, como o grande Cristo disse: 'deixai brilhar a vossa luz perante o mundo, para que todos os que a virem se regozijem e vejam a glória dos céus.'

Vós, meus filhos, fizestes muito, mas muito mais ainda fareis. Grandes são os que vos rodeiam, vindos de vários graus de iluminação, mente, pensamento e espírito. Mas todos vêm como irmãos, juntos em harmonia e em amor, e não há dúvidas, nem medo, apenas confiança e amor e a certeza, em todos os momentos, da sabedoria do Altíssimo. Para que as esferas do espírito se unam verdadeiramente à esfera da Terra, para que todos os que buscam encontrem e a luz verdadeiramente siga adiante para iluminar o caminho de toda a humanidade.

Sede vós, filhos da minha fé, bons e fortes e não tenhais dúvidas nem medos, pois não falharemos, pois aquilo que fazemos é verdadeiramente maior do que nós mesmos.

FIM DA GRAVAÇÃO
Esta transcrição foi criada para o Trust por Lorie McCloud em 2017.

(* *Old Mole* = expressão para descrever uma pessoa que trabalha na escuridão. Neste caso, possivelmente um médium de sessão.
** *Church Fellowship* = Irmandade ou Comunidade da Igreja.
*** *Daz / Omo* = marcas vintage de detergente em pó.)

DR. FRANKE

Dr. Franke: Olá.
Woods: Olá?
Greene: Bom dia, amigo.
Woods: Bom dia.
Dr. Franke: Bom dia... a vós. Estou muito contente por vir.
Woods: Estamos muito contentes por ter vindo.
Dr. Franke: É muito estranho, isto.
Woods: Sim.
Dr. Franke: Não sei se é possível...
Woods: Oh, conseguimos ouvi-lo muito bem, amigo.
Dr. Franke: Gostava muito de vir falar.
Woods: Estamos muito contentes que tente.
Dr. Franke: É engraçado — engraçado para mim. Não sei nada disto. É difícil. Eu não sabia disto quando estava no vosso mundo. É difícil, difícil, difícil saber como conseguir falar nesta caixa — esta coisa, esta coisa. Coisa diferente. Não é como eu esperava... Um amigo trouxe-me aqui. Um amigo trouxe-me aqui que estava habituado... Não — habituado a isto. Ele disse-me que era possível. Estou muito surpreendido. Venho, falo. Muito difícil. O meu nome... o meu nome é Franke. Franke. Na vossa língua em Inglaterra dizem Frank.
Woods / Greene: Sim.
Dr. Franke: Estou tão surpreendido. Estou tão surpreendido. Eu morri... morri na guerra — a guerra.
Woods: Sim?
Dr. Franke: Eu estava no Campo. No Campo.
Woods: Sim?
Dr. Franke: Dachau. Não bom lugar. Muitas, muitas pessoas, ya. Muitas pessoas. Oh terrível, terrível, terrível. Eu não sabia... eu não sabia...
Woods: Sim?
Dr. Franke: ...se saía. Eu morri. Saí depois, depois de morrer. Mas muito, muito tempo não saí do campo. Não. Eu muito triste, muito triste. Pessoas te... te... terríveis con... con... condi... condições. Eu era médico e tentaram fazer-me coisas que eu não queria. No início eu cuidava de outras pessoas e não era tão mau, mas mais tarde não gostei de certas coisas que queriam — que queriam que eu fizesse. Então fui morto... morto. Ya. Aprendi um pouco de inglês no... no campo e já sabia um pouco antes da guerra. Miséria. Em todo o lado... em todo o lado naquele lugar, ainda hoje, condições muito más, atmosfera muito terrível. Tanta miséria, tanta infelicidade, tanta crueldade a acontecer lá, que ainda na condição da atmosfera é má vibração e em con... con... se... quência — consequência, não é condição feliz lá.
Durante muito tempo muitas pessoas permanecem lá. Não compreendem totalmente que estão mortas. Muitas almas deste lado vêm para resgatar, para ajudar, para fazer coisas, mas mesmo assim isto foi bom e muita ajuda foi dada, muitos dos que resgatam, muitas das pessoas eram pessoas que elas próprias tinham passado por esse Campo em tempos. Houve muitas coisas terríveis, claro, mas apesar disso, aqui e ali houve pessoas maravilhosas que fizeram tanto.

Nem todos… nem todos os guar… guardas, nem todos os que con… controlavam eram maus. Muitos eram, mas alguns tentavam ajudar um pouco, onde podiam, mas muito difícil. Muitos tentaram fugir, mas muito difícil. Muito raro. Poucas pessoas escapavam aqui e ali, mas muito mau, muito mau, muito difícil. Eu ainda não percebo bem inglês, mas tento…
Woods: Está a ir muito bem.
Greene: Dr. Franke, como é que acabou por se libertar da sua prisão terrena e…?
Dr. Franke: Oh, isso foi depois de algum tempo. Eu soube depois de algum tempo — depois de um tempo eu soube que estava morto, mas de certa forma, senti que era meu dever ficar… como se diz? Ficar, ficar se eu pudesse ajudar talvez com pensamento e oração e amor, aqui e ali. Foi tão terrível, mas eventualmente fui aconselhado — aconselhado — aconselhado a deixar essa condição.

Porque era muito má para mim e dois amigos, que eu conhecia há muito tempo antes, que tinham estado comigo na formação antes da guerra, que também tinham morrido. Ajudaram-me, trouxeram-me do vosso mundo para este mundo, onde me deram casa — casa — onde pude começar a ver diferentes aspectos. Dá uma visão diferente da vida. Aqui comecei a compreender mais sobre a minha nova vida e eu ace… aceito — aceitei gradualmente, então comecei a ter uma mente diferente, pensamentos diferentes. Pensamentos muito mais felizes, muito mais brilhantes porque estava fora da escuridão da Terra e do estado deprimente e infeliz. E aqui foi tão maravilhoso sentir-me jovem e livre e bem e tudo. Poder ler de novo, livros, poder andar livre ao ar livre, poder fazer outras coisas que eu adorava fazer na Terra, antes desta coisa terrível acontecer.

E muitos dos meus velhos amigos, esses dois amigos especiais que eu conhecia, levam-me aqui e ali, levam-me aos colégios, onde estão os estudantes. Onde aprendem e podem estudar qualquer coisa, parece, que lhes interesse, especialmente coisas relacionadas com a nova vida. Também conheço médicos. Eles levam-me a um lugar onde cuidamos de pessoas que vêm aqui da Terra cujas mentes estão em estado terrível. Porque não conseguiram livrar-se dos velhos pensamentos, velhas ideias. Então ficam alojados… alojados num grande lugar, como hospital ou enfermaria e lá são tratados, mas é uma educação da mente. É a transformação do indivíduo do velho eu material infeliz, para um novo ser cheio de luz, cheio de alegria, cheio de felicidade.

Nisso baseio o meu trabalho. Assim, o meu trabalho real é agora nestes grandes lugares para onde às vezes são trazidas certas pessoas cujas mentes estão num estado de infelicidade e turbulência. E eu ajudo, e como muitas outras almas aqui, a reintegrá-las ou reabilitá-las nesta nova forma de pensar, para que possam libertar-se de todas as velhas ideias e coisas horríveis que ainda se agarram a elas. Sabem, é muito difícil fazer as pessoas mudarem imediatamente. Às vezes é impossível, porque no momento em que uma pessoa se liberta do corpo, isso não significa que esteja imediatamente livre das velhas ideias e pensamentos que constituíram toda a sua vida. Um homem é o mesmo homem depois da morte que era antes: na sua visão, nas suas ideias, na sua ideologia ou até na sua política. Em todos os aspectos mentais, é a mesma pessoa, porque embora o corpo esteja morto e não tenha mais existência para ele, o seu eu, a sua realidade, a sua alma, toda a sua concepção de vida é o que ele se tornou através das suas experiências mentais.

Assim, a mentalidade do indivíduo é o que vive numa forma astral [ininteligível] ou espiritual ou psíquica, semelhante na aparência exterior ao velho corpo, aquele que era importante na Terra. É o contraponto que habitamos da Terra, o corpo. Mas é muito mais sensível e assim que começamos a pensar em coisas espirituais, então vem a leveza e a pesadez desaparece. Os pensamentos mudam e mudamos em consequência.

Neste hospital — eu chamo-lhe assim, embora seja mais do que isso, e vocês nem perceberiam à primeira que é um hospital, mas ainda assim é uma forma de hospital — é um hospital para cura da doença da mente ou dos pensamentos, que devem ser mudados — para ajudar as pessoas a esquecer muitas coisas que é melhor não lembrarem, que as prendem, que ainda as tornam materialistas e, em consequência, retardam o seu progresso.

Portanto, temos de trabalhar muito talvez como alguns dos vossos psicólogos ou talvez aqueles cuja tarefa na Terra é tentar descobrir as causas que criam o efeito desagradável. Temos de conhecer os indivíduos, temos de compreendê-los, temos de falar com eles. Temos de saber exactamente o que é que os está a impedir de progredir. E há muitas razões diferentes e coisas diferentes pelas quais uma pessoa não se adapta imediatamente ou mesmo depois de algum tempo, à vida mais plena aqui. Devem primeiro aprender a desfazer, devem primeiro aprender a libertar-se de todas estas ideias preconcebidas ou fobias. E até coisas religiosas que são talvez muito fortes nelas. Na verdade, às vezes o tipo de indivíduo religioso é mais difícil de lidar porque, como sabem, muitas vezes pensa que está certo e tem tanta certeza. Está tão convicto de que não pode estar errado, de que só ele está certo. São muitas vezes as pessoas mais difíceis de lidar.

Mas claro que estou a falar aqui de casos especiais para os quais trabalhamos, servimos e ajudamos. Mas a pessoa média, a pessoa comum que tem uma visão média, que não tem preconceitos fortes e cuja vida é bastante irrepreensível, cuja vida é razoável — não foi excessivamente cruel nem cometeu nenhum grande crime que pudesse afectar o seu progresso. Essas — pessoas normais, pessoas comuns — geralmente não têm grande dificuldade em adaptar-se rapidamente à nova vibração e nova condição de vida aqui. Mas há muitas pessoas, claro, que chegam aqui tão de repente que é um grande choque e, em consequência, precisam muitas vezes de tratamento especial.

Por vezes, casos de suicídio ou casos de homicídio ou alguns que morreram — como muitos de nós morremos nos Campos — onde, durante todo o tempo em que lá estivemos, não houve nada senão tristeza, depressão, horror e todas as coisas horríveis que o homem pode fazer a outro homem. Tudo isto era tão forte, toda a atmosfera no próprio local, muito, muito difícil para alguns se adaptarem rapidamente. É muito difícil explicar tudo isto, mas se as pessoas percebessem que os pensamentos em si mesmos são poderosos e que, tal como um homem pensa, assim ele é — nem mais, nem menos — e que ele cria para si próprio o seu próprio céu e inferno pelos seus pensamentos, isto seria muito importante de lembrar.

Woods: Poderia dizer-nos um pouco — como é o seu mundo desse lado?

Flint: [Espirra]

Dr. Franke: O que é isso?

Flint: Oh, desculpe…

Dr. Franke: Eu não sei…

Woods: …como é o seu mundo…

Dr. Franke: Não sei se… se eu vos contar a minha vida, as minhas experiências, pode ser tão diferente das de outros porque é tão complexo, tão vasto e oh, não se pode explicar totalmente estas coisas. O mundo… o mundo do espírito é vasto, tão vasto que nenhum de nós o pode compreender. Só sabemos um pequeno vislumbre do nosso próprio ambiente particular. A

minha vida, claro, como vos contei agora, é feliz e adoro trabalhar entre as pessoas, especialmente aquelas que chegam a esta nova... a esta nova vida e cujas necessidades são muitas.

Adoro servir, ajudá-las, tentar ensiná-las e claro, em alguns casos é difícil, mas é lidando com pessoas cujas necessidades são grandes que encontro a minha felicidade. Trazer-lhes nova vida, nova iluminação e compreensão de amor. Tirar o medo, que muitas vezes é muito forte na mente das pessoas, especialmente aquelas que aqui chegam, como muitas vezes acontece, cheias de medo. Sabem, é a coisa mais extraordinária como tantas pessoas têm medo. E muitas vezes esses medos que têm não têm fundamento, não têm base, mas esses medos foram por vezes incutidos por aqueles que têm convicções tão fortes que fazem os outros temerem onde deviam ter fé, onde deviam ter mais confiança.

Não é bom temer a morte. Não é bom temer Deus. Não é bom temer a vida. A vida é uma aventura. A vida aqui é uma aventura gloriosa à qual todos deviam olhar com coração e mente ávidos. Para esta grande aventura, que todos nós devemos partilhar, todos nós devemos eventualmente fazer esta viagem para aquilo que chamam o desconhecido. Claro que há muitos no vosso mundo para quem é desconhecido e ainda assim não precisava de o ser. Porque aqueles que procuram verdadeiramente encontrarão, e aqueles que encontraram, mesmo que seja apenas um vislumbre de luz na escuridão do vosso mundo, podem tornar-se uma iluminação tão forte que há-de tirar o mundo inteiro da escuridão.

Nós vimos no vosso mundo o que pode ser feito por homens maus. Podemos ver como um homem movido pelo poder e pela ânsia de poder e cujo coração se desviou do bem e cuja mente está cheia do desejo de conquistar outras pessoas e sujeitá-las e impor-lhes a sua vontade e ao mundo. Vimos como um homem mau pode trazer grande destruição, grande infelicidade ao mundo. Vemos o poder que pode ser exercido e o que pode ser alcançado quando é posto em movimento. Quanto mais pode ser alcançado por homens bons, cujas mentes e corações estão cheios de amor pelos seus semelhantes: que podem, unindo-se em amor e experiência e conhecimento com esta verdade plenamente revelada, tornar o vosso mundo tão diferente?
Precisamos de homens e mulheres que estejam preparados para sacrificar, se necessário, a si mesmos em amor e serviço à humanidade. Para mostrar o caminho da rectidão e da verdade: para mostrar o caminho para fora da escuridão, em direcção à luz. Precisamos daqueles no vosso mundo que actuarão como instrumentos, que serão verdadeiramente instrumentos da vontade e do poder de Deus e que guiarão aqueles que vivem na escuridão das coisas materiais para o caminho da luz e do espiritual.

Woods: Poderia contar-nos algo sobre a sua vida — o tipo de mundo que é desse lado — como é esse mundo, podia?

Greene: Pode descrever a sua casa, Dr. Franke, por favor?

Dr. Franke: Tenho uma casa muito pequena, mas basta para mim. Não anseio por grandes coisas. Sou feliz com coisas simples e pessoas simples. Quando digo simples, não quer dizer que sejam simples no sentido, talvez, que algumas pessoas dão a essa palavra. Mas simples no seu desejo pelo — aquilo que supõem chamar — coisas materiais. Que, afinal, embora sejam, num certo sentido, espirituais, também são, em certo sentido, materiais porque, por exemplo, a minha casa é muito real.
É sólida, tão sólida como a vossa casa seria e é pequena mas bastante bonita. É o que supõem chamar [ininteligível]. Tem apenas quatro divisões. É pequena como uma casa de campo. Tem um jardim muito bonito, porque adoro a natureza e as flores e os pássaros que cantam nas

árvores.
Eu não sei como é que alguém pode esperar que as pessoas no vosso mundo às vezes compreendam. Quando falamos de uma casa que é material e dentro da casa há coisas que esperariam encontrar numa casa. Para mim, são todas as coisas que seriam necessárias para a tornar confortável, como cadeiras e coisas desse tipo. Mas não precisamos de calor para nos aquecer. Não há estações no mesmo sentido que vocês têm. Não há frio intenso. Nem há calor intenso. Por isso não precisamos de lareiras, pois não há inverno. Ao mesmo tempo há calor e há luz e ainda assim não é a luz do sol, pois eu não vejo o sol no sentido em que podem olhar para o céu e ver no céu o sol.
Mas aqui há uma iluminação que é suave e branda e bonita. Ilumina o mundo em que existimos. E as flores que crescem, embora pelo que sei não sejam plantadas, estão sempre lá. E têm a sua própria beleza. Não precisam de ser cuidadas ou tratadas e nunca são cortadas para pôr, como fariam, dentro de casa. Toda a natureza parece ser capaz de cuidar de si própria. O homem não tem de cuidar, embora haja quem o faça e faça, por um tempo, possivelmente porque assume que é necessário cuidar dos seus jardins.

Mas é tão estranho porque é como se os próprios pensamentos do homem pudessem criar para si aquilo que para ele é o melhor ou o mais necessário. Por isso, quando o vosso amigo aqui me diz: 'descreva o seu mundo', sei claro que esperam que eu descreva o meu mundo. Descrevo o meu mundo como o conheço ou tento descrevê-lo. Mas cada homem que vem ter convosco deste lado descrever-vos-á exactamente o que experimentou. Mas o que a experiência dele pode ser, pode ser talvez muito diferente de outro. E se puderem perceber que este mundo é um mundo onde os pensamentos são tão poderosos, que um homem pode criar para si, mesmo ao princípio talvez sem saber, as condições que são melhores para ele.

É como se fosse uma lei, uma lei natural aqui, para o homem entrar numa condição ou estado de ser que lhe seja mais adequado. Claro que já expliquei um pouco como as mentes de algumas pessoas estão tão confusas e cujas condições de pensamento são tão más, que precisam de ser cuidadas. E os seus pensamentos precisam de ser mudados, pelos bons pensamentos e os pensamentos verdadeiros de pessoas que têm conhecimento — e são levados a certos lugares para isso. Mas a maioria das pessoas, ao entrar neste mundo pela primeira vez, costuma ser claro, recebida pelos seus entes queridos. São levadas para as casas dos seus entes queridos e são tratadas como uma alma perdida que foi encontrada. Mostra-se-lhes tudo, mas devem lembrar-se que mesmo que mostrem a uma alma do vosso mundo certas coisas, se ela não estiver pronta para ver, não vê da mesma forma. É difícil explicar isto, mas uma pessoa nem sempre consegue compreender algo imediatamente.

Têm talvez uma vaga ideia de certas coisas que registam dentro de si. Mas a iluminação completa e o conhecimento e a experiência, mesmo num estágio mais baixo de existência, não podem ser totalmente compreendidos por elas. Têm de aprender a 'purificar-se'. Suponho que é uma espécie de... como se tivessem de se purgar de tanta coisa que sentiam ser tão importante. Por exemplo, uma pessoa que venha para aqui e que fosse dependente — como dizem — de bebida, acharia muito difícil. E seria, talvez em alguns casos, necessário nos estágios iniciais, por causa da força do pensamento da sua mente e da necessidade e desejo de certas coisas — neste caso bebida — ter essas coisas. Mas é na realidade, num certo sentido, uma ilusão. Vejam, a mente é criativa. Os pensamentos são poderosos. E qualquer pessoa que sinta que as coisas... que certas coisas são reais ou necessárias ou as sinta tão necessárias para si, essas coisas assim serão, mas não têm realidade — só na mente desse indivíduo.

Por isso, algumas dessas pessoas nestes hospitais, como lhes chamamos aqui, que estão a ser ajudadas a mudar a sua mente e forma de ver, de facto precisam de certas coisas e são-lhes dadas essas coisas. Quando digo que lhes são dadas essas coisas, por vezes, em certos casos, é-

lhes permitido ter a ilusão de que têm isto ou aquilo que lhes é tão necessário. Mas isso acabará por desaparecer. Temos de ser muito cuidadosos, temos de ser muito, mesmo o que vocês chamariam talvez, [ininteligível], porque temos de conhecer o nosso assunto. Temos de conhecer o nosso caso. Temos de estudar o indivíduo e temos de perceber quanto podemos esperar que essa pessoa consiga alcançar e qual a melhor maneira de o fazer, para a ajudar. Por vezes temos de ceder-lhes. Por vezes temos de lhes dar a impressão de que estamos de acordo com eles sobre certas coisas, mas este é um processo lento. Mas é a única forma, por vezes, que temos de ajudar as pessoas: ceder e por vezes deixá-las assumir que aquilo que pensam ou o ideal que têm, pode ser correcto. E possivelmente para elas, naquele estágio particular da sua evolução, assim é. Não podemos apressar a mudança.

Nem mesmo a morte pode apressar a mudança dentro do homem. A morte pode transportá-lo de uma existência para outra, mas até que ele próprio permita ser afectado em grande medida por essa mudança, assim a sua atitude mental e perspectiva irão, de certo modo, barrá-lo ou afectá-lo para perceber, aceitar e compreender plenamente. É por isso que certos tipos de indivíduos com convicções fortes são as pessoas mais difíceis de lidar. A pessoa que tem a convicção firme de que está certa e que a sua, neste caso, digamos, religião, é o único caminho ou a única certa — são muitas vezes muito difíceis de lidar e mudar-lhes a perspectiva é muito difícil.
Nada é pior do que o fanático, a pessoa cuja voz é estridente com a certeza de que sabe. E, se não fosse triste, poderia por vezes ser muito divertido. Mas temos de tratar cada caso individualmente. E lembrar que cada pessoa é uma alma à procura de iluminação, talvez sem perceber sempre que está à procura dela. Mas todos estão à espera de algo — muitas vezes não sabem o quê, mas é na verdade a revelação da vida. É o conhecimento de que têm um caminho a percorrer. Por vezes esse caminho não é fácil, mesmo deste lado. Ninguém gostaria que ficassem com a impressão de que aqui tudo é maravilhoso, que tudo aqui é como gostariam que fosse. Não pode ser necessariamente assim porque não seria bom. Porque aqui estamos num mundo de realidade.

É verdade, lembremo-nos, que quando falo de um mundo de realidade, falo de um mundo que é real, vital e vivo, no qual as pessoas habitam em diferentes estágios de ser, de acordo com elas próprias, de acordo com o que são, no que se tornaram. E, de certo modo, também devemos lembrar, nos estágios iniciais de chegada aqui, existe uma... uma condição ou etapa, se quiserem, de... de ilusão. Não pode ser de outra forma. Durante algum tempo há este tipo de estado estranho de transição — entre o vosso mundo e este mundo. Numa espécie de condição de ilusão de pensamento, que tem de ser gradualmente alterada e eles têm de ser ensinados e orientados a ajustarem-se.

É como crianças que têm de ser ensinadas a tornar-se adultas. Têm de ser cuidadas, guiadas, educadas. Têm de lhes mostrar o caminho. Uma criança tem muitas ilusões. E à medida que vai crescendo e ficando mais sábia — isto é, como o mundo o vê — ela muda. Algumas das suas ilusões infantis podem não ser más e permanecerão com ela, porque são boas. Mas muitas ilusões são coisas tolas e atrasam a evolução.

Greene: Dr. Franke, como é o hospital onde trabalha, como é por dentro? Pode descrevê-lo?

Dr. Franke: Oh, é como uma grande casa, esta. Como uma casa muito grande no campo, com muitas divisões lindamente decoradas em várias cores, diferentes salas em diferentes tons. Há, em alguns casos, claro, pessoas que estão em camas como numa enfermaria. Mas estes são invariavelmente os recém-chegados, que precisam de cuidados e talvez ainda nem sequer tenham despertado para a sua nova vida. Ainda estão numa espécie de sonolência. Ainda estão, por assim dizer, não totalmente conscientes. Depois, claro, há muitas salas onde se fazem

palestras e há muitas pessoas que ensinam. Há muitas salas onde as pessoas podem sentar-se em cadeiras confortáveis, como se estivessem numa sala de estar, e podem ler — e leem mesmo. Há livros para eles e até réplicas de revistas que têm na Terra também. Isto pode parecer tão estranho que as pessoas no vosso mundo vão rir.

Mas há, nestes planos mentais, reproduções mentais criadas pela força do pensamento, que em si mesmas se tornam visíveis e tornam-se, na medida em que o indivíduo é receptivo, uma realidade. Quando as pessoas puderem perceber que nada é impossível onde há pensamento, então o pensamento pode recriar ou criar todo o tipo de coisas. Afinal, no vosso mundo, antes de criarem algo, está na mente. Tem de ser posto em prática. Tem de ser criado a partir de substância. Tem de ser feito por várias pessoas, contribuindo para o bem comum ou para o que quer que seja, neste caso para benefício ou prazer das pessoas.

Aqui, estas coisas podem ser criadas pela força do pensamento. Este é um mundo onde o pensamento é predominante e mais poderoso e, em consequência, pelos próprios pensamentos dos indivíduos. E onde, devem lembrar-se, onde há coesão ou onde há, como se diz, onde há harmonia total, como há nas esferas mais avançadas, então tudo o que é trazido à existência é criado de forma harmoniosa e, por isso, nada choca, nada está fora do lugar. Tudo está em sintonia, tudo está certo. Não há nada ali que irrite ou cause preocupação. Tudo é propício à alegria e felicidade e tem o seu ser na realidade. Porque a força do pensamento, sendo tão poderosa, pode criar a partir do pensamento a realidade do objecto ou seja o que for. Gostaria de poder explicar isto, mas é difícil.

Greene: Disse que as salas do hospital têm cores diferentes. Portanto, presumo que os pacientes são colocados na sala com uma cor que lhes seja favorável, com a qual fiquem em harmonia. É isso?

Dr. Franke: Bem, a cor, a cor, a cor desempenha para nós um papel muito importante. A cor pode ser usada para ajudar a acalmar, talvez, um paciente que mentalmente está muito perturbado. Claro que também usamos música [ininteligível] e temos música maravilhosa aqui. E em todos os vários quartos ou salas há música harmoniosa e agradável, que é propícia a acalmar e ajudar o indivíduo e a ajudá-lo a ajustar os seus pensamentos. Cor e música — temos todo o tipo de cores, muitas cores que não têm no vosso mundo. Há cores estranhas, algumas talvez até que, se eu pudesse descrever, não compreenderiam. E claro que não temos necessariamente apenas uma cor. Podem haver talvez dezenas de cores todas a misturar-se umas com as outras mesmo numa sala, o que pode parecer-vos estranho. Mas se pudessem visualizar um arco-íris, têm alguma ideia da beleza de uma sala. Mas é tudo tão harmonioso, nada choca. Não sei [ininteligível].

Temos muitos materiais bonitos. As pessoas têm vestuário lindíssimo — vestes, suponho que seria a melhor forma de descrever. Claro, aí está, nas certas esferas, nos primeiros estágios de chegada, muitas vezes as pessoas usam roupas muito semelhantes às que usariam na Terra. Mas isso deve-se aos seus pensamentos, não ficariam felizes se de repente fossem colocados numa bela veste. Sentiriam que não era para eles. Pensariam: 'oh, isto não é certo para mim. Pareço tão estúpido'. Então vestem trajes ou roupas que lhes são comuns ou naturais. Isso ajuda-os a sentirem-se normais.

Vêem o que temos de fazer? Temos de ser habilidosos — eu disse-vos. Por vezes temos de tentar fazê-los pensar de uma forma que para eles é normal, antes de podermos mudar a sua perspectiva e pensamento para aceitar coisas que são muito mais avançadas. Temos de olhá-los como crianças. Temos de desfazer todas as coisas más que muitas vezes os professores do vosso lado lhes ensinaram. Essa é uma das nossas maiores dificuldades; desfazer o que outros

fizeram do vosso lado, o que criou — bem, o que criou todo o tipo de complicações e dificuldades para eles. As piores pessoas, claro, são aquelas que têm ideias fortes e definidas. É muito difícil por vezes para elas. Talvez da próxima vez possa vir e falar convosco outra vez?

Greene: Muito obrigada.

Dr. Franke: Já não consigo aguentar mais.

Greene: Foi muito bem.

Woods: Foi muito bem...

Dr. Franke: Espero que tenha sido interessante para vós?

Woods: ...e é muito amável da sua parte ter vindo.

Dr. Franke: Espero voltar. Aprendo melhor. Falo melhor para vós.

Woods: Sim.

Greene: Foi muito bem.

Dr. Franke: Adeus. Tenho de ir.

Greene: Muito obrigada.

Woods: Muito, muito obrigado.

Mickey: Adeusinho.

MICKEY
"Existem seres altamente evoluídos que estão a tentar estabelecer contacto com o vosso mundo..."
8 de Dezembro de 1973
Flint: Esta sessão foi gravada no dia 8 de Dezembro de 1973, Médium Leslie Flint.
Todos os participantes: Olá Mickey... Deus te abençoe... Olá Mickey, como estás?... Sim... Ouvimos-te, Mickey.
Mickey: Estão aqui dois Howards, não estão?
Participante: Está certo, Mickey.
Mickey: Há um Sr. Howard e, bem, ele é Howard, mas é Christian Howard.
Participantes: É verdade. [Risos]
Flint: Christian Howard?
Mickey: Bem, esse é o nome próprio dele. O outro homem chama-se Howard mas é... o apelido, não é?
Participante: Exactamente, Mickey.
Mickey: E a Janet.
Janet: Olá Mickey.
Mickey: Como estás, Jan?
Janet: Bem, penso eu.

Mickey: E a Shirley.
Shirley: Olá Mickey.
Mickey: Como estás, Temple?
[Risos altos]
Flint: Como estás, Temple?
Mickey: Acho que lhe puseram o nome Shirley por causa da Shirley Temple.
Shirley: Foi mesmo. Tens toda a razão.
Mickey: Eu sei que foi. A tua mãe achava-a querida…
Shirley: É verdade.
Mickey: …então deu-te o nome dela.
Shirley: Perfeitamente verdade.
Mickey: Hum… [sussurra: sim, está bem então…] E aquele tipo do autocarro. [Risos altos]
Flint: Oh valha-nos Deus, 'o tipo do autocarro'!
Mickey: Como estás, amigo?
Participante: Estou bem, obrigado, Mickey… [Interferência no microfone]
Mickey: Não estás com vento, pois não?
Participante: …tudo considerado. Com vento?
Flint: Oh valha-nos Deus!
Participante: Como assim?
Mickey: Deixa lá.
Flint: Então quem mais está aqui, Mickey?
Participante: Não vás embora, Mickey.
Mickey: Eu não vou embora.
Participantes: Murmúrios gerais.
Participante: Ainda bem.
Mickey: Como estás?
Participante: Tudo bem. Obrigado.
Mickey: Nigel. Doreen.
Nigel: Sim.
Mickey: Já estás resolvido agora, não estás?
Doreen: Uh-huh.
Nigel: Está tudo bem, obrigado Mickey.
Mickey: Graças a Deus.
Nigel / Doreen: Sim.
Mickey: Como está a Daphne?
Daphne: Estou bem, obrigada Mickey.
Mickey: Como está o teu joelho, Daph?
Daphne: O meu joelho? Está bem.
Mickey: Mas tiveste problemas na perna, não tiveste, Daphne?
Daphne: Oh sim. Tu gozaste com isso, não gozaste?
Mickey: Bem, num bom sentido.
Daphne: Pois foi.
Mickey: E claro que a Viviana também está aqui.
Vivian: Olá, Mickey.
Mickey: Como estás, Viviana?
Vivian: Agora estou bem.
Mickey: E esse é teu amigo, não é?
Vivian: Sim, é um amigo meu.
Mickey: Como estás?
Participante: Estou bem, obrigado.
Mickey: Não estás com vento, pois não?
Participante: Nem por isso. Não.

Participante: Com vento?
Participante: Assustado…
Mickey: Não estás com vento pois não, amor?
Participante: Nem por sombras.
Participante: Ah, está bem. Já percebi.
Mickey: Não deixei ninguém de fora, pois não?
Participante: Sim.
Mickey: Oh, não a ti, não me refiro a ti. [Risos altos]
Mickey: Bem, tu és… [Sussurra algo] …Bem, vou ver o que posso fazer.
Bram: Eu sou parte da mobília e dos acessórios, é? E o Jim?
Mickey: Oh bem, ha ha… [Risos altos]
Jim: O que é isso, Mickey? Mickey…
Mickey: Tu és uma peça, tu és, Jimmy Ellis, não és?
Jim: Quebrei o círculo ontem? Desculpa se o fiz.
Mickey: Não. Claro que não quebraste.
Jim: Não? Ok.
Mickey: O que te faz pensar que quebraste o círculo?
Jim: Bem, levantei-me quando falaste e paraste logo ali.
Mickey: Isso não me incomoda, amigo.
Jim: Ah ok. Desde que eu saiba.
Flint: Estás muito calmo esta manhã, não estás, Mickey?
Bram: Se calhar está a tentar resolver qualquer coisa.
Participante: Pois, é que já passa do meio-dia.
Mickey: Aquela senhora nova… Gerda. É esse o teu nome?
Gerda: É sim.
Mickey: Conhecias um rapaz que te viesse visitar e que tenha morrido de forma trágica? Não há muito tempo, há umas semanas ou meses?
Gerda: Sim. Sem dúvida.
Mickey: Conheces a esposa dele?
Gerda: Não – nem sequer o conhecia, na verdade.
Mickey: O quê?
Gerda: Não o conhecia.
Mickey: Mas sabes – sabes alguma coisa sobre a esposa dele?
Gerda: Não sei praticamente nada sobre ela.
Mickey: Oh bolas! Espera um bocadinho.
Gerda: Excepto que acho que ela é americana.
Mickey: Que diferença é que isso faz?
Gerda: Não sei… [Risos] [Som de cadeira a ranger]
Mickey: Fica quieta.
Flint: Tsk. Está bem. [Risos]
Mickey: És uma mexerica, tu és…
Flint: Tsk.
Mickey: Costumas rezar o terço?
Gerda: Não.
Mickey: Então que história é essa das contas?
Gerda: Contas…
Mickey: Tens algum colar ou coisa assim…
Gerda: Sim.
Mickey: E há algum 'significado especial' nisso?

Gerda: Sim, tenho.
Mickey: E, hum, bem, eu não percebo isto. Alguém está a rir-se e diz que tu já não usas as

contas.
Gerda: Ah, bem, estas são – são uma espécie de contas Zen Budistas, mas eu – elas estão só penduradas no meu quarto, eu não as uso…
Mickey: Bem, isto é muito interessante para mim. Está aqui um tipo – um homem – e ele diz que tu tens umas contas muito especiais e que são feitas – são contas especiais e – e tu mexes-te com elas e concentras-te ou pelo menos ajudam-te a relaxar.
Gerda: É para isso que supostamente servem.
Mickey: E porque é que não o fazes então? Porque seria uma boa coisa. Eles querem que tu apanhes essas contas e as uses, não apenas as pendures.
Gerda: Percebo. Sim.
Mickey: Porque há muito poder nessas contas e elas vão ajudar-te.
Gerda: Oh. Obrigada.
Mickey: Hum, foram-te dadas especialmente por alguém?
Gerda: Não, fui eu que as comprei.
Mickey: Bem, há um grande poder nessas contas e da pessoa a quem elas pertenciam.
Gerda: Oh.
Mickey: Essas contas – agora, não vou dizer que são milagrosas – mas a questão é que essas contas, se as manuseares, especialmente quando precisares ou estiveres em apuros…
Gerda: Sim?
Mickey: …elas trar-te-iam uma grande – não só uma grande paz, mas também trar-te-iam coisas que são boas para ti. Por outras palavras, não estou a dizer que são como a lâmpada do Aladino, mas o ponto é que, se tivesses algo muito presente na mente que fosse necessário ou que quisesses – se fosse bom para ti ter isso, então ajudaria. Eles dizem algo sobre o poder dessas contas de que tu não sabes nada.
Gerda: Oh. Obrigada por me dizeres. [Tosse]
Mickey: Sabes que alguém ligado a ti cometeu suicídio.
Gerda: Er… sim. Sim. Não directamente ligado a mim…
Mickey: Bem, sim – bem, não directamente, mas estás de certa forma ligada a essa pessoa. E essa pessoa já não conseguia enfrentar a vida e foi uma grande tragédia. Parece que chegou a um ponto em que simplesmente não conseguia continuar.
Gerda: Sim. Acho que provavelmente é verdade.
Mickey: Tu própria és uma pessoa extremamente psíquica. Não sei porque é que não percebes isso melhor.
Gerda: Bem, eu não tenho, digamos, necessidades nesse sentido. Talvez seja por isso.
Mickey: Não. Pode ser que não tenhas necessidades, mas podias ser de grande ajuda e bênção para outras pessoas. E tens uma grande – o que se chama intuiti-tiva, uma coisa dentro de ti, cá dentro. E tu recebes coisas, coisas muito fortes. E, hum, podes ajudar pessoas a falar com as pessoas e és inspirada no que dizer, muitas vezes.
Gerda: Bem, eu já faço bastante isso de qualquer forma.
Mickey: Eu sei que fazes. Mas não chamas a isso psíquico, mas és, amiga. És muito mais psíquica do que alguns desses médiuns que vão para o palco, amiga.
[Risos gerais]
Gerda: Obrigada.
Mickey: Tens isso aí, amiga. E tens uma grande realização interior. E é como se tivesses o terceiro olho, como eles dizem. E essas contas – pertenciam a alguém aqui que era um médium muito poderoso e tinha uma grande compreensão, essa pessoa tinha, de valores espirituais.
Gerda: Consegues descrever-me melhor as contas, achas? Porque tenho várias lá em casa. Acho que – há algumas que eu – eu…
Mickey: Bem, são coloridas.
Gerda: São coloridas, são?
Mickey: Mas não são todas da mesma cor.
Gerda: Oh, então devem ser outras que não aquelas em que eu pensei, porque essas são de

madeira. São todas – todas vermelhas.
Mickey: Estas são pintadas.
Gerda: Oh, então tenho de as procurar.
Mickey: O quê, amor?
Gerda: Tenho de as procurar.
Mickey: Oh não. Tens de saber quais são. São velhas, não são novas. E são pintadas, como se tivessem sido mergulhadas em qualquer coisa.
Gerda: Se calhar, dei-as a um dos meus filhos ou assim, eu não – não consigo mesmo…
Mickey: Então é melhor ires buscá-las de volta depressa!
Gerda: Está bem. [Risos gerais]
Gerda: Está bem.
Mickey: É um rosário longo. Não é curto.
Gerda: Bem, este rosário longo – estas eram longas aquelas em que pensei que estavas a descrever. São todas de madeira com um pequeno pendente azul em baixo.
Mickey: Sim, mas são coloridas?
Gerda: Não, não são, são só de madeira normal. São de madeira clara.
Mickey: Espera um momento. [sussurra: porque é que me estás a dizer isso então? Disseste que eram de cores diferentes. Hein?] Alguém está muito interessado em ti. Hum, está aqui uma senhora, referem-se a ela como Mary Ann.
Gerda: Oh.
Mickey: E, hum, o nome verdadeiro dela – dois nomes próprios eram Mary e Ann e chamavam-na muitas vezes Mary e às vezes Polly. Sabes algo sobre…
Gerda: Bem, conheço uma Polly, mas não pensei que ela – pensei que ainda estava por cá…
Mickey: Oh ela está por cá, está bem, mas está por cá deste lado.
Gerda: [Ri-se] Ah, percebo. Pensei que ela ainda estivesse por cá deste lado.
Mickey: Não, não é dessa de quem estamos a falar, amiga. A senhora aqui cujo nome era Polly – Mary Ann, mas chamavam-na muitas vezes Polly, e ela é uma parente tua.
Gerda: Oh.
Mickey: Era uma senhora idosa, cabelo grisalho. Era uma tia.
Gerda: Oh.
Mickey: Talvez uma tia-avó tua.
Gerda: Bem, eu – eu tinha uma tia-avó Matilda mas não uma tia-avó Polly.
Mickey: Oh sim tinhas. Tinhas uma tia-avó Polly.
Gerda: Talvez eu não soubesse dela.
Mickey: Tinhas sim. Mary Ann, Mary Ann e hum, [sussurra: sim, o que disseste?] [Longa pausa]
Mickey: Tens andado assombrada, não tens?
Flint: Huh!
Gerda: Bem, de certa forma, sim.
Mickey: Pois tens. Esta última semana ou duas, tens-te apercebido da presença de alguém…
Gerda: Sim!
Mickey: …e, hum, tens tido algumas coisas estranhas a acontecer.
Gerda: Sim, foi mesmo por isso que vim aqui, percebes.
Mickey: E também tens tido sonhos estranhos. Se bem que se calhar não te lembras deles. Chamarias-lhes sonhos, mas são viagens astrais. Não me importa se percebes ou não, tu és uma alma velha. És uma médium, uma médium natural e recebes muito mais do que muitos dos chamados médiuns recebem. Devias mesmo dedicar-te a isto.
Gerda: Mmm, sim. Bem, de certa forma, faço-o.
Mickey: Pois, mas fazes de forma diferente. Não estou a dizer que estás errada nisso, acho que provavelmente para ti está certo. Mas és muito mais psíquica e mediúnica do que a maioria dos médiuns que conheço. E se pegasses num objecto que pertencesse a alguém, receberias todo o tipo de coisas, sentias e podias mergulhar no passado e deixar-te ir até ao passado e entrar na vida das pessoas.

Gerda: Mas de que forma é que isso é útil para eles?
Mickey: Bem, pessoas que estão em necessidade ou com problemas ou que estão desesperadamente infelizes, acho que muitas vezes serias inspirada a dizer aquilo que é certo dizer e muitas vezes serias capaz de lhes dar orientação.

Gerda: Sim.
Mickey: Há muita influência chinesa à tua volta, imensa!
Gerda: Oh.
Mickey: Tens – eu sei que parece parvo – mas tens coisas chinesas em tua casa?
Gerda: Sim, tenho. Sim.
Mickey: Não têm grande valor mas, hum, coisas que têm – não sei como é que as arranjaste mas há uma influência chinesa muito forte à tua volta. Deves ter tido muito a ver com a China em encarnações passadas.
Gerda: Oh. [Longa pausa]
Mickey: Estás a dividir a tua casa?
Gerda: Hum, não propriamente, mas eu – eu tenho – há outra família que vive mais ou menos na minha casa.
Mickey: Bem, é como se estivessem lá outras pessoas que, no fundo, não têm nada a ver contigo, como se tivesses dividido o espaço.
Gerda: Bem, não. São todos família, na verdade.
Mickey: Bem, é muito estranho. É, hum, não sei. Tenho coisas contigo… extraordinárias. [sussurra: Hein? Bem está bem então. Hein? Eu já lhe disse tudo isso mas ela não – acho que ela (?) de certa forma] [Longa pausa]
Gerda: Mickey, posso perguntar-te uma coisa?
Mickey: O quê?
Gerda: Hum, o – o tipo de quem disseste que me andava a assombrar recentemente, ele está aí contigo?
Mickey: Bem, claro que está mas, hum, percebes, há tanta coisa à tua volta e pessoas e as suas vibrações e as suas condições. Conheces o Graham?
Gerda: Sim.
Mickey: Bem, hum…
Gerda: O meu genro.
Mickey: Oh valha-me Deus, valha-me Deus. [Longa pausa] Não sei, quer dizer, há uma situação estranha contigo, para ser franco. Hum, acho que és uma individualista muito forte, na verdade, e no entanto, hum… Oh Deus, nem sei como dizer isto. [Longa pausa] [sussurra: não sei, de certeza. Ela é um enigma.]
[Risos gerais]
Flint: Valha-nos Deus!
Gerda: O quê, um enigma?
Mickey: Chinês também. [Mais risos]
Bram: Um enigma chinês…
Gerda: Bem, esses são os mais difíceis de todos.
Mickey: Não, a sério. Acho-te fascinante. Acho que tu simplesmente não percebes quão notável psíquica és. E acho que, hum, é uma pena que não possas aprofundar mais isto.
Gerda: Bem, podia, não podia?
Mickey: Podias, mas acho que não tens – bem, não digo a inclinação tanto, mas as circunstâncias à tua volta não te permitem, pelo menos por agora. E os assuntos materiais não têm sido fáceis para ti. Têm sido muito complicados.
Gerda: Têm, por vezes, sim.
Mickey: E de certa forma tiveste de baixar o estore, não foi? E tiveste de te separar e, hum, afastar-te.
Gerda: Sim, sim.

Mickey: Vês, esse é o teu problema. És – uma combinação estranha, tu és. Estás em guerra contigo mesma, na verdade.
Gerda: Bem, eu não diria isso.
Mickey: Pois eu digo. Tu podes não dizer. Podes dizer que estás em paz contigo mesma e em paz com o mundo. Em certo sentido isso pode até ser verdade, mas, hum, tu és dupla e tens esta tremenda consciência e percepção espiritual e esta tremenda força psíquica à tua volta, que de alguma forma não pareces querer ou não pareces perceber totalmente que a tens – ou que podes alcançar tanto com ela ou através dela. E acho que, percebes, é como, hum, oh não sei. É uma coisa complexa…

Três níveis de consciência. Três níveis; há o psíquico, há o espiritual e há o material. E suponho que de certa forma estão bastante harmonizados, mas devias sem dúvida desenvolver mais o psíquico. Quer dizer, é muito bonito ligar-se ao espiritual mas, o psíquico é o que mantém o espiritual e o material em harmonia. Acho que devias desenvolver mais o psíquico em ti.
Gerda: Como sugerias que eu fizesse isso?
Mickey: Bem, gostava de te ver sentar, uma vez por semana, de preferência com várias pessoas da mesma opinião, que conheças e estejam sinceramente interessadas, e simplesmente sentar e esperar que o poder do espírito se manifeste através das forças psíquicas. Mas claro, se tens filhos suponho que é difícil, não é?
Gerda: Bem, não seria muito fácil. Temos uma reunião uma vez por semana mas é de outra natureza. Nós…
Mickey: Bem, isso está bem na medida em que vai, mas estás a tentar caminhar num só nível e, para ser franco, acho que tens de, hum, perceber – muita gente, percebes, está a esforçar-se pelo espiritual, o que é maravilhoso, mas o nível psíquico é a alavanca. É o nivelar e a valorização e a realização do eu psíquico que se abre aos níveis espirituais de consciência e percepção.

As pessoas… percebes, há pessoas – não estou a dizer tu – que só estão interessadas em coisas espirituais altamente evoluídas, mas não percebem que é a porta psíquica que abre essas coisas. E quando se consegue ter isso na perspectiva certa ou no nível certo, então torna-se muito mais evoluído e envolvido e muito mais consciente psíquica e espiritualmente, e tudo fica equilibrado.
Sabes, é por isso que há pessoas que ficam 'doidas' com a religião. Ficam com uma espécie de mania religiosa, não estou a falar de ti, e ficam com essa ideia fixa na cabeça e isso não é bom. Não se sintonizaram, não se nivelaram com o psíquico. O psíquico é o que te mantém em harmonia – materialmente, psíquica e espiritualmente. Foi isto que os grandes profetas e os mestres sempre souberam. É por isso que realizavam o que o mundo chama de milagres.
Gerda: Sim.
Mickey: Eles realizavam percepções espirituais no nível psíquico através de uma manifestação material. Enfim, eu não posso…
Bram: Isso é muito interessante… [Outros murmuram em concordância]
Gerda: Bem, eu só alguma vez me interessei mesmo pelas coisas espirituais mais simples. Nada muito profundo ou complicado. Só coisas muito simples.
Mickey: Que nível dirias que tens então?
Gerda: Eu na verdade não encontro um nível e na verdade não encontro ninguém…
Mickey: Estás só a fazer meditação?
Gerda: Não – bem, de certa forma, mas isto é – eu não – não encontro ninguém aqui que esteja num nível…
Mickey: Não encontras o quê?
Gerda: Não encontro ninguém aqui, nenhuma pessoa aqui que esteja em nível nenhum. Só – só um vazio, que contém tudo o resto.
Mickey: Não percebo bem isso. Quer dizer, sejamos francos, todas as pessoas estão em

diferentes níveis de consciência e percepção conforme a sua busca individual ou procura ou… Sabes, mas hum, acho que, percebes, pode-se estar em sintonia com muitas pessoas. Mas, hum, eu – eu não sei bem o que estás a procurar.
Gerda: Eu na verdade não estou a procurar nada. Eu estou apenas a ser. Não há – não encontro nenhum objectivo pelo qual lutar porque já está atingido, está aqui mesmo.
Mickey: Bem, isso também não percebo bem.
Gerda: Bem, não há nada a alcançar. Eu não encontro nada – nada que seja necessário alcançar, porque tudo é dado neste momento agora.
Mickey: Bem, tem de haver um sentido de, certamente, hum, elevar-se para além do mundano e do material e alcançar a iluminação e a consciência espiritual e a percepção, e tornar-se, por assim dizer, até certo ponto, para além daquilo que é normal ou físico. Percebes – quer dizer…
Gerda: Bem não, eu – eu não vejo isso assim. Não.
Mickey: Mas, hum, é isso que – percebes, és uma personagem extraordinariamente interessante porque tens este grande potencial de poder psíquico, e a realização que deveria vir disso e com isso elevar-te-ia num nível mental e espiritual de realização, através do qual poderias ajudar muitas pessoas. Não quero dizer apenas para coisas mundanas e materiais, mas para que se elevem a si próprias.

Vês, quer gostes ou não, quer entendas ou não entendas, tu foste – obviamente – dotada de uma capacidade que poderia elevar e tornar possível um caminho para muitas pessoas que procuram. Tens de ser uma professora. Quer… queres ou não, percebes, tens esta capacidade de – de transmitir, de dar. Vês, toda a gente tem de estar, de certa forma, a lutar – todos estão, mesmo que talvez não se apercebam disso. Acho que tu estás, sem te aperceberes.
Quero dizer, é verdade dizer que dentro do homem há um grande potencial, mas hum, tudo à tua volta, no universo, é conhecimento e é experiência, é realização e é, hum, os frutos, por assim dizer, dos esforços feitos pela humanidade, prontos a serem colhidos e partilhados. Quero dizer, não basta dizer que dentro de ti está o poder do espírito – que sabemos que está lá – mas também, o poder do espírito só pode florescer ou atingir o auge quando se faz um esforço. Ninguém pode alcançar nada sem fazer um esforço.
É preciso – é preciso ter o sentido de – de lutar e – de ser e – de tornar-se e então, quando atinges um certo padrão ou nível, percebes que há outras paisagens maiores e mais maravilhosas para ver, compreender e conquistar. É isso que isto é. A vida é toda ela assimilação de uma nova e mais ampla visão e experiência.

Quero dizer, é muito fácil dizer que está tudo aí. Está tudo aí, mas não está apenas dentro de ti, está fora de ti também. Todo o universo está cheio disso. As pessoas não percebem o que se passa no universo. Não percebem que tudo está à espera de ser aproveitado. Tudo está lá, à espera de ser visto, ouvido, experienciado. Não é apenas nada no ar. É algo. Um algo tremendo. Todo o conhecimento está lá guardado. Tudo está lá. Tudo pode ser encontrado e descoberto, se ao menos fizeres o esforço. Vês, tudo é uma questão de realização e acho que isso também é humano, na medida em que, se as coisas estão simplesmente lá e tu tens consciência delas sem qualquer esforço, não há satisfação. Tens de fazer um esforço. Todos têm – é como a escola. Todos estão a estudar. Talvez nem sempre percebam que estão, de certa forma, a estudar, mas o ponto é que está lá.

Está tudo lá para ser trazido à superfície e – e para ser descoberto e vivido. E não há princípio nem fim para estas coisas. É toda uma grande realização que surge conforme a evolução de cada indivíduo. Tens isso dentro de ti e – mas tudo à tua volta são mundos de uma imensidão tão vasta que nem sequer podemos começar a descrevê-los ou retratá-los. Acho que devias estar à procura. Acho que estás, sem te dares conta disso. Acho que está tudo aí, à espera de ser descoberto.
Gerda: Sim. Mas estou a tentar, acho eu, ajudar as pessoas à minha maneira, persuadindo-as a

olharem para a sua verdadeira natureza, que não se identifica com esta forma humana.
Mickey: Bem, acho que tens essa ideia certa, mas acho que esta coisa de, hum – acho que toda a gente tem de – até certo ponto identificar-se de alguma forma. Não sabem bem com o quê ou com quem ou como. Algumas pessoas identificam-se com Cristo, outras identificam-se com Buda. Outras identificam-se com Confúcio e assimilam certas coisas que pertencem a essas personalidades, deuses ou chamem-lhes o que quiserem. E isso ajuda-os, mas é só uma parte. Não é completo.

Flint: [Tosse]
Mickey: [Sussurra: cala-te!]
Bram: Está ali um copo de água…
Mickey: Gostava que as pessoas entendessem melhor.
Bram: Bem, com certeza que – acho que estamos a tentar entender.
Mickey: Vês, não existe uma estrada só. Há inúmeras estradas.
Gerda: Mas há – há esta unidade de todas as coisas e acho que isso é realmente o importante a perceber, não é?
Mickey: Há uniões básicas, sim. Quer dizer, acho que todas as verdades… as verdades, as verdades fundamentais são todas verdades básicas. Mas há inúmeras, milhares e milhares de outras estradas e aspectos e caminhos e meios.
Gerda: Tenho a certeza, sim, sim. Não se pode seguir todas.
Mickey: Não, e não sugiro que o faças ou sequer que penses nisso mas, o ponto é, que a verdade fundamental subjacente a todas as religiões é a mesma.
Gerda: Sim.
Mickey: Seja qual for o caminho que escolhas, chegarás a um ponto determinado e depois, quando lá chegares, então começarás a aprender. Então começarás a expandir. Então começarás a crescer. E então começarás a libertar-te de muitas coisas que as várias religiões ou organizações, ou chamem-lhes o que quiserem, impuseram e que muitas vezes obscureceram as simples verdades de base.
Quer dizer, acho que isto é óbvio. Acho que todas as religiões do mundo obscureceram, em muitos casos, a verdade valiosa que foi primeiro proclamada ou transmitida. E até que te libertes de todas essas coisas que o homem criou ou impôs ao ensinamento original, não fazes realmente grande progresso.
Gerda: Isso é bem verdade.
Mickey: Acho que o homem tem de descobrir dentro de si, em primeiro lugar, sim. Mas também tem de procurar mais longe. Tem de procurar fora de si mesmo. Tem de procurar nos domínios da mente, do espírito e do psíquico e perceber que o ser humano perfeito, se é que existe tal coisa como um ser humano perfeito, é uma combinação. Não é apenas o que algumas pessoas parecem pensar; um indivíduo. Não existe isso, na verdade, de certa forma. Essa é a maior ilusão de todas.
Acho que as pessoas assumem que são indivíduos e, de certa forma, materialmente são – mas são o produto de experiências incontáveis, das experiências de outras pessoas, pensamentos de outras pessoas, ideias de outras pessoas. Tu assimilaste todo o tipo de coisas de todo o tipo de fontes e muitas vezes proclamas-as como parcialmente tuas ou, em alguns casos, como tuas. Mas não há nada de novo. Tudo está lá. E tudo, de certa forma, já foi, em algum momento, descoberto e talvez perdido.

Tudo à tua volta é vida, a força estimulante que te dará tremendas realizações, se apenas estenderes a mão para as alcançar. Mas quando estás na Terra tens de usar o físico, o psíquico e o espiritual em completa harmonia. Quando te reajustas, quando te ajustas, então começas a perceber estas coisas e começas a progredir para um conhecimento e experiência mais verdadeiros. E gradualmente, à medida que evoluis, libertar-te-ás de muitas noções e ideias pré-concebidas e de muitas das coisas com que foste imbuída desde criança.

Quero dizer, as pessoas são, de certa forma, infelizes porque – porque são criadas de determinada forma e muitas vezes essas coisas agarram-se a elas e muitas vezes tornam-se obstáculos. Se por acaso nasceste numa família muito religiosa, então se não tiveres cuidado ficas acorrentada para o resto da vida a ideias e noções pré-concebidas. Não é até estares livre, desencadeada e sem grilhões que podes esperar fazer algum progresso real. A pessoa sem grilhões é a pessoa que progredirá. Não aquela que está acorrentada.

Gerda: Mas Mickey, se há – se é tudo uma constante procura de algo num qualquer momento no futuro, isso não é, de certa forma, deixar o presente passar despercebido e o presente é realmente tudo o que alguma vez temos em cada momento, não é – agora? Estamos constantemente a procurar alcançar algo no futuro e este presente parece…
Mickey: Bem, não. Eu não quero dizer…
Gerda: …passar despercebido.
Mickey: Eu sei, a sério, hum… Não, claro que tens de enfrentar o presente. É por isso que falamos do físico, do psíquico e do espiritual. Hum, o físico é, de certa forma, o presente. O físico é a expressão, se quiseres, de muitos aspectos do eu. E claro que o corpo físico é o veículo dessa expressão e tem de enfrentar os problemas, as vicissitudes e todas as experiências dos assuntos materiais. Mas se o ajustamento vier através do psíquico, que é o veículo da expressão do espírito – e quando os três estão em harmonia, então tens uma espécie de todo perfeito – essa é a verdadeira trindade.
E o ponto é que, hum, claro que tens de enfrentar os problemas, tens de viver a tua vida material. Mas também podes vivê-la com a consciência da faculdade do psíquico, que ajudará a nivelar e a ajudar-te no material e dar-te-á uma compreensão e percepção mais amplas da possibilidade do que pode ser alcançado pelo espírito a manifestar-se em harmonia com o psíquico e o físico.

Mas o presente é uma grande ilusão, tal como o passado e o futuro. Todo o tempo não é nada. O tempo não pára. Tu estás apenas a respirar, por assim dizer, neste momento. Mas o ponto é que, através de ti, o espírito eterno manifesta-se de alguma forma. E estás a prender-te ao tempo pelos relógios, pelo sol, pela lua, pelas estrelas e pela renda que tens de pagar, e esse tipo de coisas, mas isso são coisas passageiras. A cada segundo o teu corpo está a mudar, de uma forma da qual pouco ou nada sabes e provavelmente nem terias interesse em saber. Mas a questão é que a maior ilusão de todas é esta ideia de que estás no tempo.
Na realidade estás apenas preso no tempo de certa forma. É a maior ilusão de todas. Na verdade não estás no tempo. Na verdade estás fora do tempo e fora de compasso com o tempo e o que está a acontecer agora já está registado. O passado está contigo, o futuro está lá. Estás a entrar nele, embora na verdade já lá esteja. Não há linha de demarcação. Não há nascimento nem há – nem há morte.

Gerda: Eu sei. Sim.
Mickey: Sabes, quero dizer… tens de te orientar de certa forma, sim. Tens de tratar dos assuntos, tens de enfrentar o levantar-te e apanhar o autocarro. Mas, de certa forma, isso é uma ilusão. É uma coisa muito real enquanto a estás a viver no mesmo nível de consciência materialista. Mas por trás de tudo o que fazes e pensas há outras facetas, há outras coisas a considerar.
Há outras pessoas, sem sequer te aperceberes da presença delas, que te estão a impressionar. Muitas vezes estão a dizer-te coisas, muitas vezes estás a registar coisas e não as consegues explicar. Estás a receber impressões, pensamentos, ideias de todo o tipo de pessoas; em alguns casos, de pessoas chamadas mortas. Mas a questão é que há outros planetas, há outras esferas. Há outros seres; altamente evoluídos – muito mais evoluídos do que as pessoas na Terra, que se convencem de que são civilizadas.

A questão é que não percebes que à tua volta há um número incalculável de mundos vivos, mundos que respiram, mundos que vivem experiências e povos, muito, muito, muito afastados de tudo aquilo que conheces na tua forma de vida...
Bram: Conta-nos um pouco mais sobre isso, Mickey...
Mickey: Porque é que se convencem de que são as únicas pessoas? Consigo perceber de certa forma, porque é assim que foram educados. Em tempos, o mundo era plano, segundo se acreditava. Agora sabem que é redondo. Agora começam a descobrir que há milhares de mundos. E em breve começarão a perceber que há seres altamente evoluídos – muito mais evoluídos do que os seres humanos do vosso planeta – que estão a tentar estabelecer contacto com o vosso mundo. Em certos aspectos, estão a tentar estabelecer contacto para tentar salvar o vosso mundo de um desastre. O homem está a criar o seu próprio ambiente, a criar os seus próprios problemas, a criar os seus próprios distúrbios e isso não tem nada a ver com religião – toda essa questão da religião é a maior falácia de todas.
Bram: Mickey, esses outros planetas que são habitados, essas pessoas alguma vez estiveram neste planeta ou é...

Mickey: Vês, isto é outra coisa. As pessoas parecem sempre assumir que povos que vivem noutros planetas ou noutros mundos, que provavelmente quase de certeza devem ter vivido na Terra. Como se a Terra fosse o único terreno fértil de... sabes, isto é, hum – na verdade o vosso mundo, no tempo em si, se é que têm de ter tempo, é apenas um bebé. Há mundos que existem há incontáveis biliões e biliões e éones e éones de tempo. E alguns destes são estados de existência altamente evoluídos onde povos, não exatamente como vocês, assimilaram tal experiência, muito para além dos vossos sonhos mais ousados.

E são algumas dessas pessoas que – sem provavelmente revelar-vos isto – tentaram inspirar e ajudar o vosso mundo. Há pessoas a andar pelo vosso planeta que não são da Terra de todo, que vieram ao vosso mundo para tentar influenciar. Reconhecem-nas, a todos os efeitos, como pessoas comuns, mas não são.
De qualquer forma, não posso aprofundar isto agora. Mas, quer dizer, não é o tipo de círculo que esperavam, mas, hum, não posso fazer nada quanto a isso.
Todos os presentes: É maravilhoso Mickey – Terrivelmente empolgante, obrigado. Muito obrigado.
Mickey: Vês, eu sei que é da natureza humana, quero dizer, isto é compreensível. Que todos, seja qual for a sua crença religiosa ou seja qual for a sua persuasão ou interesse no assunto espiritual, porque são humanos... para eles, e provavelmente está certo – esse é o caminho certo ou a estrada certa. Encontraram-na ou foram conduzidos a ela e, naturalmente, porque isso os ajuda e lhes dá uma paz ou tranquilidade de espírito, é bom para eles. Eu seria o último a tentar mudá-los ou tirar-lhes isso.

Mas não é até começares a perceber, como eu percebi e outras almas deste lado, a imensidão da vida, o quão estúpido é limitar os limites da tua mente às restrições de qualquer crença ou persuasão religiosa em particular. Todas elas são pequenas gotas no oceano da experiência e não é até teres estado aqui, e teres experienciado e testemunhado muitas coisas e os teus olhos se terem aberto às tremendas possibilidades da vida, em todos os seus graus e formas, que começas a desejar que as pessoas na Terra pudessem ver mais claramente quão necessário e essencial é, acima de tudo, serem desencadeadas e livres – livres para pensar e contemplar, para abrir os corações e as mentes à sabedoria e à verdade nas suas muitas facetas.
É como um diamante que – que está em bruto. Tem muitas faces. Tem um brilho tremendo. E se ao menos pudessem perceber que é esta percepção de que toda a vida é uma só. Não importa se estás neste planeta ou naquele planeta ou nesta esfera ou naquela esfera, se nasceste no vosso mundo em circunstâncias difíceis ou terríveis ou se nasceste numa família muito rica e herdas o mundo, por assim dizer.

Todas as criaturas da criação, não importa quem são, o que são ou que aspecto da vida tomam ou que forma ou figura, é o mesmo espírito animador de toda a vida que te dá o teu aspecto de ser. Tu própria és como uma pequena peça de – bem, como um grão de areia nos desertos do tempo, e no entanto cada grão é importante para o resto. Cada grão ajuda a formar o deserto – e mesmo no deserto grandes coisas podem crescer.

O que quero dizer, o que quero esclarecer se puder, é que todos são importantes. Todos têm aspectos da Divindade. Todos têm o poder dentro de si de assimilar ainda mais desse poder, desse espírito, dessa percepção e desse conhecimento, e podem tornar-se muito mais evoluídos, muito mais conscientes, muito mais atentos. Mas nunca, nunca deves permitir que te fechem ou acorrentem, ou pensar por um segundo que a tua forma particular de religião ou crença é o princípio e o fim. Nunca poderá ser isso.

Quero dizer, Cristo veio ao mundo para dar um exemplo, para mostrar um caminho, para mostrar uma via, como todos os grandes mestres e profetas. E perceberam o potencial dentro do homem. Perceberam o poder do espírito que era a força eterna de todo o bem, que é a força que dá vida, que é eterna, que nada pode destruir ou tirar. A morte não pode separar nem dividir e, o ponto é que, Cristo sabia estas coisas. Ele explanou estas coisas. Demonstrou estas coisas, tal como muitos dos grandes profetas o fizeram, mas eles perceberam que o mundo, o mundo material, é apenas o berço. Não é o tudo e o fim de tudo. Cresces para além dele.

E – e se ao menos as pessoas pudessem ver a imensidão de tudo isto, não se restringiriam nem se prejudicariam. O seu amor seria um amor que tudo abrange, envolvendo todos os povos de todas as nacionalidades – e mesmo para além de mundos como o vosso. E veriam que cada parte da criação tem o seu lugar e o seu propósito: que tudo o que vive é parte de ti. Destróis uma aranha – em certo sentido estás a destruir-te parcialmente a ti mesma. As pessoas não percebem isto. Olham, por exemplo, para um mosquito ou uma pulga ou o que seja, como algo que, bem, não tem direito a existir. Não estou a dizer que seja importante, no mesmo sentido em que um ser humano é, ou digamos, um cão é, um cão de estimação ou algo assim. Mas tudo o que é trazido à existência tem vida. Tem um aspecto animador de si mesmo. Não é a capa exterior.

Vês, é aqui que o homem se engana. Pensa em si mesmo apenas como físico. Não é o físico que é importante. É uma – é uma concha. É um revestimento, é uma casa, através da qual expressas aspectos de Deus, aspectos do poder Divino, aspectos de ti mesma como te conheces – ou pensas que te conheces ou como cresceste até certo ponto, pela experiência.

Mas a questão é que não podes destruir nada. O homem pensa que destrói e muitas vezes deseja destruir. Mas quando destrói algo, de certa forma ou maneira ou noutro nível qualquer, está a destruir-se a si mesmo. Até que haja a compreensão universal destas coisas — que toda a vida faz parte do plano Divino — não podes escapar disso, tal como não podes escapar de ti próprio. Quando fazes mal a outra pessoa, estás a magoar-te a ti próprio. Muitas vezes magoas-te mais a ti do que à outra pessoa. As pessoas simplesmente não conseguem compreender estas coisas.
Quero dizer, se pudesses ver com a visão do espírito e se pudesses viver em harmonia; na trindade do espírito, do psíquico e do material — quando estás fundido em completo amor e harmonia, em ajustamento, então começas a perceber — então começas a respirar e a viver e a ter consciência do que é tudo isto.

As pessoas estão a procurar, a esforçar-se, a lutar, e não sabem bem para onde ir. Alguns vão por este caminho, outros por aquele. Alguns encontram algo que os ajuda. Mas ninguém possui a verdade universal, claro, porque a verdade universal é demasiado imensa para uma mente, ou

num único período de tempo, ser compreendida. Só podes ter uma pequena poeira disso. Mas um dia perceberás mais plenamente que — que há tanto em tudo isto. Tudo o que podes esperar fazer, claro, é seguir aquilo que te foi dado, da melhor forma que conseguires. Mas deves perceber sempre que é apenas uma parte minúscula do grande todo.

Nós vimos ter contigo em amor; para te servir, para te ajudar, para te elevar, para te inspirar, para te dar um significado e um propósito. Vimos para te consolar, para te ajudar e para te trazer a compreensão das coisas como as conhecemos. Podemos não fazer tudo o que gostaríamos de fazer — nunca poderíamos esperar fazer isso. Só podemos abrir a porta um bocadinho — se nos ajudares a empurrá-la entreaberta, então podemos dar-te um pouco mais. Mas, o ponto principal é que, tantas pessoas que se dizem espiritualistas, por exemplo, não fazem ideia do que isto significa. Para elas o Espiritismo é receber uma mensagem ou algum conselho — geralmente material. Isso não é nada. Isso — isso é apenas uma fracção.
Pode-se até dizer que é — é a chave, se quiseres, para abrir a porta, mas ninguém a roda ou muito poucos a rodam. Parece-me que a maioria das pessoas que dizem que procuram, estão apenas a procurar num nível muito material. Tens de perceber que por trás de tudo o que fazes, de tudo o que procuras, há um significado maior e uma força maior e um poder maior e uma compreensão maior à espera de te ser dado. Mas enquanto estiveres contente a falar com a Tia Franny, enquanto estiveres contente em falar apenas no nível material sobre coisas materiais ou pedir a um parente que conheceste e amaste e que ainda te ama, um conselho material, então obviamente vais manter-te a ti e, até certo ponto, essa pessoa, nesse nível.

Não há razão para não te ligares, claro, a todo o tipo de pessoas deste lado, mas tenta perceber: estás apenas a ligar-te numa base material? Ou estás a tentar ligar-te num plano mental e espiritual, para o progresso deles assim como o teu? Porque podes ajudá-los, tal como eles te podem ajudar a ti.

Se ao menos pudesses perceber a 'unidade' do espírito e o que isso pode alcançar, o que pode fazer. Mas depende de ti. Só receberás aquilo para o qual estás preparado e que provavelmente és capaz de compreender. Mas se alargares o teu horizonte, se aspirares a uma ligação mais elevada ou a uma visão mais alta, então nada é impossível. Mas se estiveres contente por ficar como estás, então temporariamente ficarás como estás. Se disseres a ti mesmo, 'bem, estou contente com o que tenho,' então até certo ponto ficarás contente. Mas isso não é o tudo e o fim de tudo.

A compreensão de que tudo está aí, à espera de ser alcançado; de ser agarrado, de ser compreendido, de ser vivido — então todos os níveis de consciência do espírito estão lá. Nada é impossível para quem se esforça. E é apenas pelo esforço que o homem alcançará e sempre se esforçará para atingir as alturas. Não te contentes com as profundezas. Não te contentes em ficar parado. Não te contentes em ser estagnado. Mas aspira sempre pelas coisas que são verdadeiramente eternas, pelas coisas que são imperecíveis, pelas coisas que são de Deus e pelas coisas que são tuas por herança. Porque és filha do Deus vivo — não de alguma figura vaga sentada num trono, como alguns gostariam que acreditasses.

Deus é a realidade viva da — da vida e é esta força vivificante que te anima e faz de ti uma realidade. És Deus ainda na Terra, em embrião. És parte do plano Divino. És parte da força Divina. És parte da realização de toda a verdade. Aspira a isso. Luta por isso. Combate por isso e isso virá até ti — e assim fazendo mudar-te-ás a ti mesma. Mudarás o mundo e trarás paz e compreensão da verdade ao teu mundo. Mas até que o homem se eleve do lodo e se levante da escuridão, nunca encontrará a luz, nem a verdade.

Nós fazemos o que podemos, mas temos de deixar contigo a luta e tornar possíveis as coisas que te damos. Não adianta nada nós falarmos, não adianta nada expressarmo-nos, a menos que tu própria faças o esforço. Não adianta nada ouvir e depois esquecer. Tens de ouvir e depois tens de pôr em prática as coisas que são do espírito — e então 'espiritualizarás' o teu mundo e será verdadeiramente um mundo em que os filhos de Deus possam viver em paz, em harmonia, em amor.
Agora tenho de ir. Mas o meu amor e bênção para todos vós. Adeus.
Todos os presentes: Adeus Mickey...

"Devemos tentar libertar-nos dos pensamentos e desejos materiais
e perceber o poder do espírito dentro de nós..."
"Estais a viver nas sombras.
Nós estamos a tentar trazer-vos a luz — a iluminação da mente e do Espírito!"
Comunicadores:
Mickey, Orador desconhecido.
"Cada um de vós está aqui por um propósito... fundamentalmente estão aqui para elevação espiritual... mas o sentimento profundo que as pessoas devem ter... é o desejo de um contacto pessoal com alguém [no Mundo Espiritual] que significou a própria vida para vós...
Durante todos estes cinquenta e tal anos que trabalhei com o velho Flint, o meu trabalho tem sido dar-vos provas e ajudar-vos — o que foi maravilhoso e fico feliz por tê-lo feito — mas ele não está a ficar mais novo (na verdade está a ficar uma antiguidade!)

Gostaria de sentir que, nestes próximos anos que restam, o nosso trabalho possa ser ao nível que sentimos ser necessário para a massa da humanidade.
Estas gravações podem ser feitas, podem ser utilizadas e reproduzidas, dando às pessoas a oportunidade de receber algo de verdadeiro valor. Gostaríamos de usar a Mediunidade do Flint ao nível que sentimos ser necessário e que sentimos ter justificação em poder fazê-lo. Depois de ter prestado cerca de cinquenta anos de serviço a um certo nível, agora gostaríamos de encerrar o nosso trabalho com algo de natureza mental e espiritual, que conforte toda a humanidade.

Não queremos formar uma organização, não queremos formar um grupo religioso. Não queremos colocar um indivíduo numa posição superior — qualquer grupo que reclame superioridade ou que diga que está certo e os outros errados, há ali algo profundamente errado — seja com o expoente ou com o chefe da organização...

Estamos, de forma universal, a procurar que os 'filhos' de Deus se unam em verdadeira harmonia, em verdadeira paz e amor, para que vejam que todos são parte do plano Divino e todos são parte do mesmo Espírito.
Queremos derrubar barreiras, queremos trabalhar juntos. Estamos ansiosos por encontrar canais. Tivemos de desenvolver este Médium (Flint) há anos, para que pudesse ser usado na capacidade de ajudar outros — e nesse sentido acho que fizemos um bom trabalho. Mas nunca sentimos que conseguimos aquilo que poderíamos ter feito, porque, até certo ponto, tivemos de ceder à vontade e às exigências das pessoas — principalmente do vosso lado, mais do que do nosso..."

"Queremos mostrar-vos a realidade do Espírito, queremos demonstrar-vos a realidade do Espírito...

Esta é a nossa tarefa, este é o nosso trabalho..."

ESTELLE ROBERTS
Gravado: 9 de Março de 1972

Roberts: Estelle…
Cook: Eu sabia que estavas aqui…
Roberts: Olá…
Cook: Olá.
Roberts: Ida…
Cook: Sim, querida.
Roberts: Louise…
Cook: Sim, querida…
Roberts: Estou muito mais calma agora.
Cook: Estás?
Roberts: Acho que posso falar contigo muito melhor do que falava há muito tempo.
Cook: Sim.
Roberts: Está aqui tanta gente hoje. Muitos dos antigos trabalhadores – e guias… Sabes, eu por vezes venho ao vosso pequeno círculo.
Cook: Sim, eu pensei que sim.
Roberts: Isso significa muito para nós.
Cook: Fico tão contente de ouvir isso.
Roberts: Só gostava que houvesse mais círculos como o vosso. Sabes, é o círculo – o círculo doméstico – que é a espinha dorsal deste trabalho.
Cook: Claro.
Roberts: Só gostava que as pessoas percebessem isso. Todos nós sentámos – a maioria de nós – durante muitos anos em círculos caseiros. É apenas no círculo doméstico que se pode encontrar a paz, a harmonia e a tranquilidade que tornam a comunicação uma realidade.
Cook: Sim. Isso é verdade.
Roberts: Os médiuns podem nascer – invariavelmente nascem – mas leva tempo a desenvolver e é preciso fornecer a atmosfera e as condições certas. E no entanto eu sei, claro, no meu caso, que às vezes nos primeiros anos não era sempre possível ter as condições ideais, mas mesmo assim, 'aguentámo-nos' e desenvolvemo-nos. Sabes, hoje em dia há uma grande tendência para as pessoas subirem à plataforma antes de estarem prontas, antes de estarem desenvolvidas. E tão poucos parecem ter hoje em dia a paciência para se sentarem num bom círculo – ou até encontrar talvez um bom círculo é mais difícil do que era. Mas é uma tragédia.
Aqui deste lado estamos tão ansiosos, se pudermos, de fazer algo quanto a isto. Gostava apenas que houvesse alguma organização como havia antes, que incentivasse as pessoas a sentarem-se em círculos e a reunirem-se ocasionalmente, para se encontrarem e discutirem todo este assunto com inteligência.
Sabes, todos os grandes médiuns do passado que eram tão dedicados, sentaram-se durante anos para desenvolver os seus poderes. Não aconteceu de repente, sabes. E são os guias que os desenvolvem – mais ninguém o pode fazer. Se eu não tivesse tido o Red Cloud e se outros médiuns não tivessem tido o seu guia ou ajudante particular, para os guiar, instruir e desenvolver, não teria havido a mediunidade que conhecíamos.
Às vezes pergunto-me o que o futuro reserva ao Espiritismo. Sei que aqui e ali há alguns bons médiuns, mas há tantos medíocres…
Cook: Sim, há.
Roberts: …o que faz tanto mal ao movimento.
Cook: Sim.
Roberts: Não sei porque, de certa forma, estou a falar contigo assim, porque tu entendes. Tu sabes. Mas sinto como se quisesse chegar ao movimento, e quero que todos no movimento saibam que não 'fechei a porta'. Ainda estou, por vezes, muito presente e por perto…
Cook: Que maravilhoso.

Roberts: …a tentar ajudar tanto quanto posso. Nunca perderei realmente, suponho, o meu vínculo. O que quero dizer com isto, claro, é que estarei sempre ansiosa por ajudar onde puder. Gostaria muito de ajudar os médiuns jovens, de os incentivar. Mas sinto que hoje há uma falta triste de boa mediunidade e acho que isso se deve muitas vezes ao facto de não haver muitas pessoas, infelizmente, que tenham a dedicação que nós tínhamos. E tivemos de travar tantas batalhas, sabes. Acho que as pessoas hoje em dia não percebem aquilo por que tivemos de passar, aquilo que tivemos de suportar. As pessoas hoje, suponho, desde que a mediunidade se tornou um pouco mais respeitável – aceite, sabes – as pessoas não têm ideia do que alguns dos pioneiros tiveram de enfrentar.

Mas sabes, a base, a base do verdadeiro Espiritismo é o círculo doméstico. Gostaria de ver mais interesse despertado no desenvolvimento da mediunidade na privacidade do círculo doméstico. Sabes, não há dúvida de que o Espiritismo surgiu através da acção de pessoas que se sentavam e desenvolviam os seus poderes em casa. Sei que os tempos são diferentes e talvez mais difíceis, mas acho que tem de haver um regresso ao círculo doméstico, onde as pessoas têm fé e confiança nas almas que vêm ter com elas do nosso lado da vida, que as desenvolverão e usarão e tornarão possível, depois de um período de treino no ambiente certo, que mais tarde possam sair e 'espalhar o evangelho'.

Mas sabes, a tendência hoje em dia parece-me que as pessoas se sentam alguns meses num qualquer círculo, não necessariamente um círculo privado doméstico onde existe amor e harmonia, mas nestes grupos mistos de pessoas onde todo o tipo de entidades podem vir, e vêm. Sabes, nem sempre necessariamente boas, lamento dizer. Porque sabes, a menos que estejas protegido e a criar as condições certas, então estás a abrir a porta a problemas.

Cook: Sim, de facto.

Roberts: Estou muito perturbada com isto e sei que muitos dos guias deste lado estão muito preocupados.

Sabes, antigamente, talvez não fôssemos muito instruídos, mas quando subíamos à plataforma não éramos nós que falávamos – os médiuns – eram os guias que nos tomavam, nos usavam e falavam através de nós, e era esse o impacto que tínhamos sobre o público, isso é que importava. As pessoas podiam ouvir alguém fazer uma invocação em inglês não muito correcto, no seu estado normal, mas depois de se sentar e talvez se cantar um hino e se voltar a levantar em estado de transe, alguma alma maravilhosa faria uma grande oração.

Sabes, lembro-me desses dias maravilhosos quando alguns dos médiuns eram, de certa forma – acho que deveria dizer um pouco como eu – não particularmente instruídos e, na verdade, a vida era uma grande luta, tentando criar uma família, tentando, de certa forma, fazer as coisas que se tinham de fazer na rotina diária da vida. E no entanto, o ponto era que, quando nos desenvolvíamos, podíamos subir à plataforma sabendo que não seríamos nós, seriam os guias. E não importava talvez se alguém fazia uma oração não muito bem feita ou num inglês não muito correcto, se depois o guia que falava dava uma maravilhosa oratória e um poder maravilhoso, e também dava através do médium uma maravilhosa clarividência.

Sabes, talvez isto soe a nostalgia, mas sabes, é tão verdade.

Cook: Sim.

Roberts: O mundo mudou, eu sei, mas há esta tendência hoje em dia das pessoas subirem à plataforma antes de estarem prontas, antes de os guias terem tido oportunidade de, realmente, os conhecerem. E na verdade, muitas vezes os guias nem sequer têm a oportunidade de os desenvolver. Acho tudo isto muito angustiante. Estou muito preocupada com o movimento hoje em dia. Sinto que, embora tenhamos ganho alguma respeitabilidade, e tudo se tenha tornado muito legal, uma grande parte do verdadeiro espírito desapareceu. Certamente, quando penso naqueles anos difíceis meus, e sei que isto se aplica a muitos dos velhos médiuns, é muito triste para nós, sabes.

Cook: Sim.

Roberts: Espero que não te importes que venha falar contigo… mas sinto que tenho uma mensagem para o Espiritismo. Sinto que quero incutir o velho espírito. Quero falar aos jovens.

Quero que percebam a grande responsabilidade que será colocada sobre os seus ombros para continuar o grande trabalho que criámos – que 'semeámos a semente' há muito tempo. E há tantos de nós que semearam sementes maravilhosas que trouxeram grandes bênçãos. Mas sabes, tem de haver sempre novos 'jardineiros', tem de haver sempre novos 'plantadores'.
E quero que os jovens percebam que, se quiserem desenvolver-se, se quiserem ser médiuns, há apenas um lugar, na minha opinião, onde podem esperar desenvolver-se da forma como devem – e é na privacidade, na quietude, na paz, na tranquilidade e na harmonia de um pequeno grupo de pessoas de mente semelhante em casa. Não pode ser feito de outra forma – não acho. Nós sentámo-nos durante anos. Todos os bons médiuns que fizeram um trabalho tão valioso no passado, sentaram-se durante anos, pacientemente. Não correram para a plataforma.

Sei que algumas pessoas podem pensar que estou a ser nostálgica. De certa forma, isso é verdade. Mas sinto o amor que todos nós temos por este trabalho — sabendo das lutas que devem existir, das desilusões, das decepções e das mágoas — isto faz parte do trabalho. São necessários para nós, temos de aprender as nossas lições, temos de ter as nossas decepções. Sabes, não se pode ter sucesso instantâneo. Parece-me que hoje em dia toda a gente que quer ser, mais ou menos, médium de algum tipo, bem, parece que — é como café instantâneo — não têm o tempo nem a paciência de o preparar, de o fazer como deve ser e servi-lo. Tem de ser tudo feito depressa. Mas isso não faz bem a ninguém, só dá mau nome ao movimento.
Há tantos dos antigos aqui comigo e dos meus velhos conhecidos e velhos amigos — os meus velhos companheiros, sabes. E muitos de nós vêm visitar-vos. Sinto que o vosso círculo é um exemplo e sinto que, se ao menos as pessoas tivessem a paciência e a percepção de que é a única forma de servir, desenvolver e realmente valer a pena neste trabalho. É, de certa forma, como eu — como vós — como sabem, comecei o vosso círculo e a minha mensagem não é apenas para o vosso círculo. É para todos os círculos. Quero que transmitam isto a outros. Quero que tentem publicá-lo, porque sinto, sinto que temos um dever a cumprir.

Amo este trabalho, adoro sentir que de alguma forma ainda posso servir, que ainda posso dar de mim, do meu amor, da minha sinceridade de propósito. Sabes, éramos dedicados. Lembro-me desses primeiros anos meus, os anos difíceis e quando fui a Marylebone.* Lembro-me desses primeiros anos de formação. Não foi fácil, mas aprendi o meu 'ofício', se assim lhe posso chamar, da forma mais difícil. Tive de aprender da forma mais dura e tive de me desenvolver e tive de ser usada da forma certa. Podia contar-te tantas coisas, sobre muitas pessoas que todos nós conhecemos. Algumas, claro, que só conhecerias de ouvir falar. Mas quando penso na dedicação de algumas dessas almas e agora, quando por vezes olhamos para o vosso trabalho hoje, o movimento — não digo que não haja pessoas dedicadas, claro que há e sei que se faz muito bem — mas não podemos esquecer que o trabalho deve continuar, da forma como foi pensado.
É uma grande coisa curar os doentes e os que sofrem. É uma grande coisa ser curador e ser dedicado e isso é um trabalho maravilhoso em si mesmo. Antigamente, na Casa do Red Cloud, todo o tipo de manifestações do poder do espírito santo eram demonstradas. No velho Marylebone, onde eu basicamente comecei, lembro-me desses anos maravilhosos. Lembro-me de todas essas pessoas maravilhosas que estavam associadas — quão dedicadas, como trabalhávamos juntos e sei que o trabalho continua em vários graus e de várias formas, na SAGB e noutras organizações. [Eles] fazem todos um trabalho valioso, às vezes com grandes dificuldades. Mas o que sinto ser tão importante transmitir é a necessidade do círculo doméstico.

Recentemente, a esposa do Sr. Zerdin veio ter connosco. Ela era uma alma doce e eu conhecia-a bastante bem e claro, conhecia muito bem o Noah** e o Sceptre, o seu guia. E lembro-me desses primeiros anos quando ele começou *The Link*. O *Link* foi uma organização maravilhosa. Foi uma organização criada para incentivar as pessoas a sentarem-se em casa para

desenvolverem a sua mediunidade. E teriam a oportunidade de corresponder com outros círculos e partilhar informação, para que aprendessem uns com os outros e se encontrassem ocasionalmente em Londres em grandes reuniões, e teriam grandes demonstrações de mediunidade e ajudariam também médiuns em início de caminho a 'encontrar o seu lugar'. Ora isto foi uma coisa maravilhosa. Acho muito triste não haver hoje uma organização assim.
[O áudio degrada-se aqui]
Sinto isto tão fortemente. Ajudei-os a iniciar muitas coisas, como provavelmente sabes, no passado. Sempre fiz o meu máximo para ajudar e encorajar médiuns. Mas percebi então e percebo agora, que há apenas uma forma de um médium se desenvolver, e é a forma certa — na quietude e na privacidade e na tranquilidade, na paz e na harmonia, de um grupo dedicado de pessoas num círculo doméstico. Quero que esta mensagem seja divulgada. Quero que as pessoas saibam que ainda estou a trabalhar para o bem da causa, mas quero ver mais esforço feito para ajudar médiuns da forma certa, porque esta é a única forma. Quando se sentam juntos como grupo, como círculo, estão ali para o bem comum, não por uma razão pessoal.
Cook: Claro.

Roberts: Estão ali para se ajudarem uns aos outros, para desenvolverem os poderes do espírito, sejam eles quais forem…
Cook: Quaisquer que sejam.
Roberts: …da forma como se manifestarem. E sinto tão fortemente que se as pessoas se sentassem juntas, em harmonia e em amor, com a mente aberta para receber. Se ao menos entendessem que, aqui e ali, uma alma será desenvolvida e desenvolver-se-á naturalmente, não se pode forçar isto. Ninguém, na verdade, pode desenvolver um médium — um médium só pode ser desenvolvido pelo seu guia. Ninguém na Terra pode fazer isto.
É verdade que uma pessoa que tenha algum conhecimento ou experiência pode ajudar-te, até certo ponto. Mas cabe sempre aos guias, aos trabalhadores deste lado que são dedicados, que sabem o que fazem, que conhecem o seu instrumento, as possibilidades desse instrumento, o poder que essa pessoa pode ter, como melhor pode ser usado, como melhor esse poder pode ser desenvolvido e para onde deve ser dirigido. É no círculo doméstico, meus queridos, que a verdadeira mediunidade se desenvolve. Assim foi no passado e assim é no presente. Quero que transmitam esta mensagem. Não quero que a guardem para vocês.

São almas boas e sentam-se em harmonia e em amor para o bem comum. A vossa ideia toda é servir e é nesse círculo, que fundei, que o serviço virá, se desenvolverá. Receberão aquilo que há muito vos prometemos, aquilo que os guias vos prometeram há muito — manifestações do poder do espírito, a trabalhar de várias formas; na voz directa, na clarividência, na clariaudiência, noutras manifestações. Leva tempo, é necessária paciência. Vocês entendem isto.
Cook: Sim.
Roberts: Quero que transmitam a minha mensagem, para que outros possam ouvir, para que outros possam ser encorajados. Para que vejam no passado, no presente — e vejam o caminho certo pelo qual o movimento deve seguir, em direcção a uma expansão do trabalho, no sentido mais alto e melhor possível. Através da evolução gradual e do desenvolvimento da mediunidade na quietude e paz do círculo doméstico, onde uma boa mediunidade pode ser gerada. Não pode ser apressado, não pode ser forçado, não pode ser ensinado. Só pode surgir através do desenvolvimento ao longo do tempo, em completo amor e cooperação com outros de mente semelhante, de ambos os lados.
Divulguem a minha mensagem. Este é um momento em que ela é necessária. Continuarei a servir e a ajudar sempre que possível. Não vim hoje para dar uma mensagem de evidência, isso não é necessário. Embora, sem dúvida, o farei de tempos a tempos, porque vos amo muito, ambos, e porque nos conhecemos há muito tempo. E afeiçoei-me a vós, como muitas vezes me afeiçoei às pessoas, e soube que eram sinceros e dedicados e porque fundei o vosso círculo e abri o vosso círculo e, de certa forma, porque sinto que sou a mãe do vosso círculo…

Cook: És.
Roberts: ...que vos falo. Sei que haverá quem não consiga aceitar totalmente o que digo, mas isso não pode ser evitado. Não se pode dizer a verdade sem, por vezes, magoar alguém. A verdade tem de ser servida, custe o que custar.
Cook: Sim, querida.
Roberts: Sabes, olho para a minha vida e vejo que talvez pudesse ter feito ainda mais. Mas fiz tudo o que pude. Para mim, consolar os que choram, fortalecer os que são fracos, confortar os que têm muitas necessidades e socorrer os doentes e os que sofrem, fazer o trabalho que me foi dado a fazer — e saber que servir é a maior coisa que um homem ou uma mulher pode fazer, dar-se em serviço amoroso — isto é o mais importante.
Cook: Sim.
Roberts: Esquecer o eu, em serviço amoroso, trabalhar para o bem comum, fazer o trabalho para o qual foste chamado pelo poder do espírito. Gostava de vos contar muito mais ... só quero que saibam que ainda sirvo.
Dêem o meu amor à Sylvia e à Barbie*** e a todos os meus queridos, queridos amigos e companheiros de trabalho. Continuem o trabalho do espírito. Levem a bandeira da verdade bem alto e saibam que atrás de vocês está um batalhão de almas, cujo único desejo é servir com amor. Abençoe-vos, queridos amigos.
Cook: Abençoe-te.
Roberts: Abençoe-vos. Adeus.
Cook: Obrigada, Estelle. Adeus.
Flint: Não foi maravilhoso?
Cook: Foi uma mensagem maravilhosa.

MR. JOHNSON FALA DO OUTRO LADO

Entre as muitas gravações de comunicação transcendental feitas na presença do médium de Voz Directa Leslie Flint (1911-1994) está a conversa entre o 'Sr. Johnson' e o grupo de participantes da sessão. Este artigo apresenta excertos da transcrição da gravação, originalmente feita num gravador de bobine em 1966. A gravação começa com uma breve conversa com o espírito guia de Flint, o irónico 'Mickey'. Depois, após algumas palavras de 'Hilda', ouve-se pela primeira vez uma voz masculina e grave às 8:17.

Bom dia. Isto é uma experiência bastante interessante, devo admitir. Não tenho bem a certeza sobre isto. Sei que vocês têm estudado bastante este tipo de coisa. Pelo que entendi de várias pessoas que estão aqui, sugeriram que eu talvez gostasse de vir e experimentar isto. Estou aqui — oh, deve fazer 63 anos...

Chamo-me Johnson. Costumava viver nesta rua [Westbourn Terrace]. Tiveram cá uma jovem há pouco? Era — pensei que ela talvez tentasse falar. Era uma criada nossa. Costumávamos visitar esta casa, na verdade. A minha mulher e eu, há muitos anos, voltando muito atrás no tempo.

Claro que toda esta vizinhança mudou para além de qualquer reconhecimento, na verdade. Não parece nada a mesma — piorou, lamento dizer — suponho que isto seja o moderno.

Quando lhe perguntaram como tinha falecido e qual a sua reacção, o Sr. Johnson disse:

Oh, apanhei uma constipação. E a minha saúde já se tinha vindo a deteriorar há algum tempo. O peito era o meu maior problema — apanhei uma constipação muito forte e penso que isso deve ter sido — [se] a memória não me falha — a causa da minha morte. Pneumonia. Oh, isso já foi há tanto tempo. A Miriam está aqui, se conheceram — a minha mulher.

Parte da conversa fala sobre a actividade do casal como amantes de teatro durante a vida terrena.

Um participante voltou a perguntar-lhe sobre as suas reacções quando faleceu.

Não creio que alguma vez tivesse pensamentos muito fortes sobre a morte quando estava do vosso lado.

Era religioso no sentido de ir regularmente à igreja. E não diria que fosse um bom cristão. Não acho que tenha ficado surpreendido quando percebi que estava morto. Se alguma coisa, acho que foi uma coisa muito natural para mim.

O Sr. Johnson foi recebido pelos pais e pelo irmão mais novo, que já tinham falecido antes dele.

Mostraram-me uma aldeia e não sei bem mas essa aldeia, a todos os efeitos, era muito parecida com a aldeia que eu conhecia em criança. Costumava visitar um tio meu durante as férias de verão. Íamos para esse sítio...

E parecia que, quando aqui cheguei, essa aldeia, a todos os efeitos, era exactamente a mesma que aqui. Deve ter sido — bem, para mim na altura, quando cheguei, parecia tudo muito real. Mas os meus parentes estavam a viver numa casa — fui àquela que tinham na Terra...

Tínhamos tempos tão felizes em crianças. E fiquei muito surpreendido — de certa forma, claro — por descobrir que este lugar realmente existia aqui. E em todos os detalhes, até onde a memória me serve, era exactamente igual ao que conhecia na minha infância.

A minha tia e o meu tio — eles amavam tanto este lugar que, de alguma forma estranha — não sei como isto acontece mas colocaram tanto de si nesta casa. Significava tanto para eles. Amavam-na tanto que, quando vieram para aqui, tinham uma réplica exacta dela.

Ele explicou que “a idade é puramente uma coisa física, material” e na sua nova existência descobriu que as pessoas pareciam mais jovens:

Tinham regressado aos seus anos mais jovens e eu reconheci-os. Era como se, de uma forma estranha, embora fossem mais jovens, eu os pudesse ver de duas formas — como eram agora e como eram quando estavam na Terra. É uma coisa extraordinária — esta percepção que temos. É uma coisa peculiar até de descrever, como estamos conscientes e atentos a coisas e pessoas e todo o tipo de incidentes relativos a nós próprios e aos outros. E, no entanto, estas coisas podem mudar e, mesmo assim, estamos conscientes de todos os detalhes. É como se às vezes pudéssemos viver em — bem, é quase como se estivéssemos a viver não só no presente mas também no passado ao mesmo tempo. E até certo ponto uma extensão que avança para o futuro. Como explicar isto não posso sequer imaginar — é assim.

Houve algumas recordações da sua vida na Terra quando se sentia atraído pela música e pelo teatro. Menciona que vivia “muito bem de vida” e era “um excelente estudante”. Retomando o discurso sobre a vida no novo plano, o Sr. Johnson recordou-se de ter mudado para outras residências.

Esta casa que — foi preparada para nós, era uma casa que tinha sido criada presumivelmente por [um] arquitecto do século XVIII que, quando aqui chegou, continuou a desenhar e a dar vida a várias propriedades, casas para as pessoas. Não necessariamente pessoas que conhecesse mas porque adorava desenhar e criar, conseguiu reunir à sua volta um grupo de indivíduos que

também tinham o mesmo interesse por casas e lugares foram criados. E estes eram atribuídos a certas pessoas quando chegavam. E, de alguma forma estranha, o meu desejo e gosto por um certo tipo de casa foi, presumivelmente, tornado aparente e esta casa foi-nos oferecida durante algum tempo, até sentirmos necessidade de nos ajustarmos mais noutros sentidos. Mas fomos muito felizes lá e só recentemente me mudei para outro lugar.

Disse que o seu novo trabalho é ajudar "novas almas quando chegam" a adaptarem-se à vida no novo plano. O Sr. Johnson disse que a sua mulher e o filho também estavam com ele e também agora serviam como professores. Explicou que não há países nem atritos entre nacionalidades; e não há casamento, embora haja pessoas que vivam juntas com devoção.

...se me perguntassem, como me perguntaram — como é o nosso mundo, eu diria que é uma réplica do vosso mundo mas sem os seus defeitos — grandes continentes; há vastas planícies, montanhas, lagos, grandes áreas dedicadas à vida, dedicadas a povos. Há um grande reino animal que se mistura com o reino humano, onde há uma maior compreensão e um maior sentimento pelo reino animal. Não há medo.

Mas há um maior desenvolvimento até entre os animais e, na verdade — e uma das coisas mais fantásticas que me aconteceu quando aqui cheguei foi ter uma conversa — suponho que é a única forma de o dizer — pode parecer loucura — ter uma conversa com um cão de estimação. Mas percebi que isto não é uma conversa no sentido normal como vocês entendem, usando os órgãos vocais e criando som e palavras, etc. Mas é uma conversa entre mentes, entre consciências, percepção, transmissão de pensamentos, ser capaz de — vejam, outra coisa que aprendi muito depressa é que a fala como tal não é necessária aqui. Podes comunicar inteiramente através do processo de pensamentos. Não é necessário usar os órgãos vocais e falar embora muitas pessoas o façam. Não estou a sugerir que não o façamos. Não estou a sugerir que não falemos uns com os outros. Não estou a sugerir que os grandes cantores não cantem e vibrem a atmosfera e criem som. Claro que fazem.

É por isso que, claro, por exemplo, podemos saber exactamente o que a outra pessoa está a sentir ou a pensar. Aqui está outra das coisas que, no início, me perturbou um pouco, suponho, porque não estava familiarizado com isso e também porque, de certa forma, era algo estranho e talvez um pouco assustador, de certo modo — foi a realização de que as pessoas podiam saber exactamente o que estavas a pensar. E depressa começas a perceber que já não podes dizer uma coisa e querer dizer outra. Por outras palavras, nunca poderias enganar — não que se quisesse propriamente enganar alguém. Suponho que, na Terra, uma pessoa se habituava a evitar assuntos por vezes e por vezes a não dizer aquilo que pensava lá no fundo. Essas coisas agora, claro, são impossíveis — já não se pode esconder a verdade, nunca mais se pode esconder o verdadeiro eu. Aqui revelas-te tal como realmente és. Já não podes manter a velha fachada.

Quando o Sr. Johnson foi questionado pelos participantes de Flint sobre os grandes mares do seu mundo, a sua resposta indicou que ele viu grandes mares mas disse: "Mas pode muito bem ser que haja outras esferas onde não existam tais mares." Comentou também sobre viajar pelo pensamento: "Sim, de certa forma isso é verdade. Podes viajar pelo pensamento. Podes transportar-te a ti mesmo. Vês, aí está mais uma vez: os nossos corpos tornam-se tão sólidos e reais para nós no nosso próprio ambiente e não necessariamente sólidos e reais para nós quando vimos ter convosco. Mas a nossa comunicação convosco é puramente numa vibração de pensamento e podemos transmitir-nos num estado mental até vós."

A certo ponto, o Sr. Johnson comentou aos presentes: "Acredito que escrevem livros... Sei que têm tido um número tremendo de experiências com várias entidades deste lado ao longo de muito tempo. Devem ter material muito interessante."

Um dos participantes fez um comentário sobre partilhar este conhecimento e o Sr. Johnson reflectiu sobre o assunto.

"...se as pessoas não fazem o esforço para descobrir algo, seja relacionado com este assunto, como vocês lhe chamam — este Espiritismo, como lhe chamam — ou se for outra coisa, é a mesma história de sempre: têm de sair do caminho habitual, esforçar-se e dedicar tempo e pensamento a isso. É tão estúpido condenar algo de que nada se sabe e sobre o qual não se fez nenhum esforço para descobrir ou aprender."

Quando lhe pediram para descrever as escolas de aprendizagem, o Sr. Johnson respondeu:

"Bem, essas escolas de aprendizagem são tantas e tão variadas. E qualquer indivíduo pode estudar qualquer assunto em particular ou muitos assuntos, conforme queira. Se quiseres voltar atrás no tempo e estudar a história de lá e quiseres recuar, por assim dizer, podes viver tudo isso. Podes ir a aulas aqui onde há mestres ou grandes professores que, pelo próprio processo do seu pensamento, te podem transportar temporariamente, por assim dizer, de volta no tempo para que possas realmente testemunhar e viver e entrar, se quiseres, em coisas que aconteceram há séculos e séculos atrás à humanidade. Por exemplo, se tivesses um interesse particular por um certo período — digamos, um período romano ou um período egípcio, não só poderias ser transportado para trás através dos esforços destas grandes almas que têm este poder maravilhoso — com a sua assistência e ajuda, podes ser transportado mentalmente de volta, temporariamente, para que possas realmente testemunhar essas coisas, porque vês, tudo o que aconteceu ainda lá está. Vês, as pessoas presumem que o que aconteceu ontem já não existe mas, claro, ainda existe porque tudo o que alguma vez aconteceu no estado mental, que originou uma reacção material — por outras palavras, tudo o que aconteceu está registado e é apenas uma questão de sintonizar uma certa frequência vibratória na qual podes reentrar, por assim dizer..."

Mas tenho de ir. Enfim, adeus. Deus vos abençoe. E talvez um dia tenha o prazer de voltar. Adeus.

SÉANCE DE GEORGE HARRIS
Data: 1970.
Comunicador: George Harris.
RESUMO: O lugar onde ele está é tão real quanto pode ser — seja o que for que gostes de fazer na Terra, podes continuar a fazê-lo lá — ele ainda constrói coisas com tijolos tão sólidos como qualquer um na Terra.

Woods: Sim? Vá lá, amigo, conseguimos ouvi-lo.
Harris: (Falando com outro espírito) Mas não acho que seja, sabes. É muito bonito para ti dizeres isso mas eu não vejo que consiga.
Greene: Vá lá, amigo, está muito claro.
Harris: Como é que isto (Ininteligível) então? (Murmura ininteligível) É fácil para alguns.
Espírito: (Num sussurro) Sim, eu sei mas tu consegues.
Harris: Mas eu não acho que consiga.
Espírito: Sim, consegues.

Flint: Huh!
Greene: (Para Flint) Ele fala alto e bom som.
Flint: Mmm.
Harris: Espíritos!
Flint: Huh!
Woods: Sim.
Greene: Sim, continue, estava a dizer.
Woods: Está muito claro. (Silêncio) Vá lá, amigo.
Harris: Espiritualismo.
Greene: Sim.
Harris: Ha! Eu não tinha grande tempo para este tipo de coisa quando estava do vosso lado. Na verdade, era algo completamente distante da minha existência.
Woods: Sim.
Greene: Sim.
Harris: São espiritualistas, não são?
Woods: Não... não...
Greene: Na verdade, não.
Harris: Não são espiritualistas? Bem, pensei que fossem espiritualistas que se põem em contacto connosco...
Woods: Ah, sim, bem, sim.
Greene: Desse ponto de vista, sim.
Woods: Desse ponto de vista, sim, sim.
Harris: Ah, parecem um bocado como se tivessem preconceito contra espiritualistas então.
Woods: Oh não...
Flint: (Rindo-se).
Harris: Se não são espiritualistas, que diabo são então?
Woods: Bem, nós somos...
Greene: Investigadores.
Woods: ... investigadores.
Harris: Bem, não vejo diferença nenhuma, sinceramente.
Greene: (Ri-se)
Woods: Está bem. Percebo. Sim.
Harris: Sentam-se e esperam que os chamados mortos venham falar convosco — o que são vocês senão espiritualistas?
Greene: Diz-nos o teu nome, amigo?
Harris: Eh?
Greene: Por favor, podemos saber o teu nome?
Harris: O meu nome? O meu nome não vos vai dizer coisa nenhuma, de qualquer forma. Então qual é o propósito?
Flint: (Rindo-se) Oh, valha-me Deus!
Harris: Venham contar-nos sobre vocês próprios e sobre o que sabem.
Flint: (Tosse)
Harris: George Harris.
Greene: O quê?
Harris: Já que querem o meu nome, mais vale dizer-vos. O meu nome é George Harris.
Greene: George Harris.
Woods: Sim.

Greene: E o que fazias quando estavas na Terra?
Harris: Oh valha-me! Perguntas, perguntas, perguntas!
Greene: Oh sim.
Harris: Parece que se tem de andar com o tal cartão de identificação quando se vem para aqui.

Flint: (Rindo-se) Oh, valha-nos Deus!
Woods: Oh bem, dá-nos uma conversa.
Greene: Fala connosco, George.
Woods: Deixo isso contigo.
Harris: Que diferença é que isso faz? Huh!
Woods: Bem nós... gostávamos de ouvir.
Harris: Bem... quer dizer, mal deito o fôlego cá para fora, já querem saber quem sou, onde estou, de onde vim... (Murmura entre dentes) Corra-me!
Woods: Não, não é necessariamente isso, tu er... apenas o que quiseres contar-nos. Sim? Fala connosco... o que quiseres. Deixamos ao teu critério.
Harris: Ha! Espiritualistas. Claro que são espiritualistas. Têm de ser espiritualistas, senão não estariam aí sentados a tentar falar comigo.
Flint: Huh! Huh!
Woods: Oh céus...
Harris: Esta coisa toda de "investigação".
Woods: O quê?
Flint: Huh! Huh! (Rindo-se)
Woods: Bem, conta-nos sobre o teu lado da vida aí... coisas diferentes.
Harris: Bem, no que me diz respeito, não é assim tão diferente do vosso.
Greene: Bem George, ouve, quando morreste tu... tu passaste...
Harris: (Interrompe) Eh?
Greene: Quando passaste para lá, deste por ti vivo. Agora, como pensaste sobre as coisas?
Harris: Bem, queres dizer quando eu... quando eu bati a bota.
Greene: Sim.
Harris: Huh! É praticamente o mesmo que estar do vosso lado, pelo que consigo perceber. Há certas diferenças, suponho; claro que há. Não temos todas aquelas velhas preocupações e dores de cabeça que tínhamos, tipo... bem... arranjar sustento e essas coisas todas.
Greene: Mmm.
Harris: E a nossa vida é muito, de certa forma, a mesma — muito parecida. Igual... Pelo que tenho visto, tudo é tão sólido, tão real. Temos as nossas casas e sítios e interesses. Claro que não temos de sair para trabalhar. Nada disso. Não tenho de tentar ganhar uns trocos. O dinheiro não significa nada aqui. O dinheiro não tem qualquer importância. És o que és e como és.
(Houve um som de móveis a serem arrastados ou objectos a cair no chão, vindo do andar de cima do apartamento)
... Oh valha-me Deus, o que é que eles estão a fazer? A deixar cair coisas. Deviam... cuidado... (Murmura ininteligível)
Greene: Está tudo bem. Isso é lá em cima...
Harris: (Interrompe) Eh?
Greene: Está tudo bem. Isso é lá em cima.
Harris: Ah. Agora quem é que está lá em cima? Já estive lá em cima e dei uma bela volta antes de vir cá para baixo. Boa casa.
Greene: Sim.
Woods: Er...
Harris: Eh?
Woods: O que tens aí do teu lado? Tens animais e... porque não tens tal coisa como carros ou...
Harris: Não vi nenhum raio de carro. Oh valha-me Deus, quem é que quer carros? Aqui conseguimos ir a pé para todo o lado.
Woods: Andas a cavalo?
Harris: Bem, eu não ando.
Woods: Não.
Harris: Suponho que há quem ande.

Woods: Como passas o teu tempo desse lado?
Harris: Bem, interesso-me por construção. Estava no ramo da construção e...
Woods: Ah sim.
Harris: ... estou muito interessado em construção e gosto do meu trabalho. Mas aqui é de forma diferente... Nós construímos... Nós construímos com materiais e coisas que são reais e sólidas e tudo isso mas... Claro que não o fazes por dinheiro. Não o fazes porque tens de o fazer. Fazes porque gostas de o fazer, porque isso te dá prazer e felicidade.
Claro, já me disseram algumas pessoas que onde estou é muito, como dizer... Bem, suponho que chamariam isto de "primeiras etapas", sabes. Por isso é que temos de construir, como dizes, sabes. Mas dizem, sabes, nesses planos superiores como lhes chamam, que tudo é criado pelo pensamento. Bem! Suponho que seja. Não sei. Não percebo nada disso, eu próprio.
Onde estou é tão real quanto pode ser. Tens materiais e trabalhas com materiais. Criamos, como dizes, com materiais. Oh, já vi praticamente uma réplica de, oh, muitas coisas que eram comuns do vosso lado. As pessoas não ficam só ali sentadas a pensar numa coisa e pronto, ali está ela. Não haveria grande prazer nisso. Acho que isso seria uma forma miserável de levar a vida, eu acho. Acho que, a menos que tenhas de fazer algum esforço para isso e construir e trabalhar para isso... Afinal, esse é o único verdadeiro prazer e felicidade, acho eu, pelo que vejo é... é... seres, sabes, de certa forma criativo, sabes; fazeres tu mesmo com o teu próprio... sabes... esforço, por assim dizer. E toda essa conversa que têm sobre esses lugares elevados de que já ouvi falarem... criar... Não sei. Não percebo nada disso.
Greene: George, como é que arranjas os tijolos para construir?

Harris: Ah, são produzidos. Há sítios onde os fornecem, e tu podes ir buscá-los e usá-los e construir com eles. Claro, é um sítio maravilhoso onde estou, sabes; um sítio lindo. Casas, oh, muito bonitas; sítios muito bonitos. Centenas de milhares de pessoas onde eu vivo, a viver em pequenas comunidades; pequenas, como lhes chamariam, suponho, bem... religiosas, suponho. Alguns deles parecem ter um lugar que — assim me dizem — é como aquilo que tinham quando estavam na Terra. Mas claro que eu, falando por mim, estava mais ou menos sempre hospedado algures. Em sítios diferentes. Andava de um lado para o outro, "de cá para lá" e tudo o resto. Claro, eu era muito homem de mim próprio. Não me misturava muito. Nunca casei. Bem, sabes...
Woods: E constróis casas para pessoas especiais ou para toda a gente, ou quem é que decide quem deve ter as casas?

CHARLES DRAYTON THOMAS
29 de Junho de 1970

"Não se pode fugir de si mesmo..."

Charles Drayton Thomas foi um grande defensor da investigação psíquica durante a sua vida. Gravou muitas horas de sessões em transe, fez demonstrações públicas de mediunidade e apresentou George Woods a Leslie Flint. Nesta gravação, o Sr. Thomas regressa para comunicar com os seus amigos. Refere-se às gravações das sessões de George Woods e depois fala das leis espirituais, causa e efeito, o poder do pensamento, doença, natureza e o poder do espírito. Thomas entra então em detalhe sobre o seu trabalho atual, ajudando a inspirar almas que vivem em esferas inferiores, perto da Terra. Finalmente, é-lhe perguntado sobre a médium Gladys Osborne Leonard, com quem trabalhou durante muitos anos.
No primeiro minuto ouve-se a voz de Sylvia Pankhurst, cuja mãe comunicou em 1968, depois uma voz masculina interrompe, mas o Sr. Thomas intervém rapidamente para falar de forma clara e distinta durante o resto desta fascinante sessão.

Greene: Olá?
Pankhurst: Mrs Greene.
Greene: Bom dia.
Woods: Bom dia.
Pankhurst: Como está?
Greene: Muito bem, obrigada. Muito bem.
Woods: Oh, muito bem mesmo. Muito bem.
Greene: É bom ouvi-la.
Woods: Quem está a falar?
Woods: Olá?
Greene: Bem, a sua voz soa mesmo...
Pankhurst: Sylvia Pankhurst.
Woods: Ah! Estou tão contente por ter conseguido vir.
Greene: Eu pensei que sim. Sim, olá.
Woods: Sim.
Pankhurst: Está aqui uma multidão de pessoas.
Woods: Bom.
Greene: Sim?
Pankhurst: Mais do que o habitual.
Greene: Sim? Bem, o que tem para nos dizer hoje, Sra. Pankhurst?
[sussurrando] Eu pensei que pudesse ser realmente...
Woods: Sim. Bem, Sra. Pankhurst, saiu-se muito bem, conseguimos ouvi-la bem.
Voz masculina: Sylvia Pankhurst?
Woods: Sim?
Greene: Sim?
Voz masculina: Que incómoda que essa mulher era.
Greene: Oh!
Flint: Huh!
Woods: Bem, eu acho que ela fez muito bom trabalho. Conseguiu o voto, não foi?
Voz masculina: Oh, conseguiu o voto. Mas, minha nossa, deu muitos problemas no seu tempo. Ela e o movimento sufragista dela. Mas ainda assim, suponho que, em certos aspetos, fez algum bem. Embora não tenha tanta certeza de que, uh, as mulheres tenham contribuído assim tanto.

Woods: Oh eu... eu... eu acho que sim. Muitas delas têm, como a Barbara Castle e essas...
Voz masculina: Oh, elas iam fazer tanta coisa se chegassem ao Parlamento. Não sei se fizeram assim tanto.
Woods: Bem, eu acho que realmente não tiveram muita oportunidade, na verdade, para fazer grande coisa.
Voz masculina: Minha nossa, se não tiveram oportunidade eu não sei quem teve.
Woods / Greene: [Riso]
Voz masculina: Iam fazer isto e iam fazer aquilo.
Woods: Quem está a falar?
Voz masculina: Já foi há bastante tempo, de qualquer forma.
Greene: Quem é, amigo? Podemos saber o seu nome — por favor?
Flint: Huh!
Woods: Vá lá amigo, podemos saber o seu nome? Gostava de saber quem era.
Greene: Eu diria alguém... alguém do Parlamento. Não sei bem.
Woods: Sim. Pode ser.
Drayton Thomas: Às vezes, para vós, queridos amigos aí do vosso lado, alguém vem e diz umas palavras e depois desvanece-se. E depois outra pessoa tenta e muitas vezes deve ser muito confuso para vocês. Mas claro que isto tem de ser assim, receio eu; algumas pessoas, claro, têm muita dificuldade em manter uma conversa...

Greene: Mmm?
Drayton Thomas: ...outras simplesmente não conseguem de todo. E há alguns que, provavelmente por experiência e oportunidade, conseguem manifestar-se bastante bem e transmitir, até certo ponto suponho, uh, a sua personalidade, algo do antigo eu e afirmar-se de tal maneira que não há grande dúvida sobre quem é a pessoa.

Mas claro que há multidões de pessoas que simplesmente não conseguem e acabam por fazer uma grande confusão com isso, suponho. Isto é inevitável, percebem. Não se pode esperar outra coisa. Oh bem, bem, bem. Então como está, Leslie?
Flint: Oh, estou muito bem, obrigado.
Woods: Quem está a falar?
Drayton Thomas: Sr. Greene... ou melhor, Sra. Greene...
Greene: Olá, sim?
Drayton Thomas: ...Sr. Woods.
Woods: Sim?
Greene: Quem é?
Drayton Thomas: Olá, é o Charles Drayton Thomas.
Greene: Oh, olá Sr. Drayton Thomas.
Woods: Oh...
Drayton Thomas: Achei que já era altura de aparecer.
Mas sabem, acho isto tão interessante sabem. Quando fico aqui e ouço todas as várias almas a tentar manifestar-se e contactar. Agora percebo, mas não apreciava totalmente antes. Como poderia? As muitas dificuldades. Tinha uma ideia razoável de que havia problemas e dificuldades, mas nunca pensei que fosse tão complicado como é.

Claro, há alturas em que as condições são absolutamente esplêndidas e conseguimos passar e não parece haver problema algum. Mas isso depende muito dos comunicadores. Alguns comunicadores aceitam isto com naturalidade e vêm e falam — e tão clara e distintamente como se estivessem no corpo físico.
Bem, é um grande prazer vir e falar com velhos amigos. Como vão com o vosso bom trabalho?
Greene: Bem, suponho que já tenha ouvido falar de toda a publicidade nos jornais. Já ouviu, Sr. Thomas?
Drayton Thomas: Oh, já ouvi tudo, sim...
Greene: A sua gravação correu o mundo.

Drayton Thomas: ...e penso que, uh, vai haver um enorme ressurgimento do movimento nos próximos meses e no próximo ano ou assim.
Greene: Que bom.
Drayton Thomas: Acho que o médium vai ter um papel muito importante nisso também.
Mas vocês... vocês os dois, uh, têm muito a agradecer-vos, sabem. Vocês... vocês realmente colocaram-no no mapa, de certo modo, com todas as gravações e levá-las de um lado para o outro, passá-las e enviá-las para aqui e para ali.
Todo o tipo de pessoas ficou interessado — despertou muito interesse e mesmo que, em alguns casos, seja apenas curiosidade, faz com que as pessoas pensem e falem.
Greene: O que está a fazer agora, Sr. Thomas?
Drayton Thomas: Oh, eu?
Greene: Sim, o que está a fazer?
Drayton Thomas: Bem, de certo modo, estou a ensinar as almas mais “baixas”. Não gosto de usar essa expressão. Não deveria tê-la usado, porque, de certa forma, uh, não há ninguém inferior, uh...

Estamos todos em diferentes, uh, níveis de consciência, níveis de experiência, ou de falta dela, e sou muito feliz a fazer um certo trabalho em certas esferas, uh, tentando esclarecer almas e elevá-las. E tentar dar-lhes uma visão das coisas que realmente importam e ajudar a... a... a tirá-las da escuridão em que existem, que é, claro, devida ao seu estado mental. Oh, acho isso muito interessante e fico muito feliz por ir ajudar e ensinar e elevar sempre que posso. Claro que tenho muitos outros interesses também, sabem.
Woods: Queria perguntar... pode dizer-nos algo sobre a Lei do Karma? Perguntam-nos muito sobre isso...
Drayton Thomas: Oh, minha nossa, que pergunta.
Woods: Bem, sobre as, uh...
Flint: [A assoar-se. Limpa a garganta.]
Woods: ...sabem, as leis da vida aí, desse lado. Como funcionam e esse tipo de coisa, percebem.
Drayton Thomas: Bem, as leis da vida são as mesmas onde quer que estejam! São todas basicamente as mesmas leis. Claro, de certa forma, no sentido material, isto é, na Terra, uh, há uma... uma diferença na medida em que são afetados por condições materiais. Mas isso não altera o facto de ser a mesma lei a operar em todos os diferentes níveis de consciência. E afinal de contas, é como são, lá bem no fundo, como indivíduos. Como pensam, assim são e assim criarão, de acordo com essa atitude mental e pensamento que vos é peculiar — estejam no corpo ou fora dele. A questão é que, de certa forma, não há assim tanta diferença. Temos um corpo psíquico, espiritual, vocês têm um corpo material. Mas é o mesmo espírito a manifestar-se e a fluir através de todos os graus e condições de vida, seja qual for o corpo que estejam a usar naquele momento. A questão é que, de certa forma, não há grande diferença. É tudo uma questão de estratos e condição e de perspetiva, opinião e desenvolvimento ou falta dele.

E, uh... esta questão do Karma. O que quer que semeiem, de alguma forma, irão colher. Podem não colher... [Interrupção na gravação] ...numa encarnação ou numa vida, como lhe chamam, mas colherão noutra. Não se pode fugir de si mesmo — não importa o quanto tentem, o quanto desejem. Podem parecer escapar por um tempo e, uh, durante um período podem andar por aí a navegar. Mas mais cedo ou mais tarde isso apanha-vos. É como um bumerangue; o que lançam voltará para vós.

Se lançarem bons pensamentos, boas condições, tentarem criar harmonia e amor e promover fraternidade e compreensão e paz e tranquilidade — verão que isso não só será benéfico para muitas almas e ajudará muitas a expandirem-se como indivíduos, como seres humanos, mas também vos ajudará a vós. Embora, claro, quando fazem algo, não o façam a pensar no retorno, não o façam a pensar no ganho. Fazem-no porque querem fazê-lo, porque querem ser, por assim dizer, a expressão do amor de Deus, do poder de Deus, da vontade de Deus — a manifestar, uh, na medida do humanamente possível, particularmente quando estão na Terra, aquilo que reconhecem como Divino, que nada pode destruir.

Quanto mais se dá, mais se recebe em retorno — não se pode fugir de si mesmo. Esta questão do Karma, isto é algo sobre o qual muitas pessoas têm opiniões e ideias muito firmes, mas normalmente não compreendem de todo o significado do termo. É necessário dar, e quanto mais se dá, mais se recebe de volta. Mas se se dá maus pensamentos, então más ações seguir-se-ão e outros sofrerão, não apenas nós próprios.

Vejam, a questão é que cada indivíduo faz parte do outro. Não são, como muitas vezes pensam, indivíduos separados. De uma forma estranha podem considerar-se assim, e de certa forma são. Mas todos fazem parte do mesmo espírito e se pensarem da forma errada, então irão afetar alguém próximo e querido, muitas vezes, e por vezes pessoas muito afastadas de vós. Um pensamento é algo muito grande e real, e se um grande número de pessoas pensa num nível de

consciência errado, com ideias e ideais errados, então, claro, a tragédia segue-se inevitavelmente. Isto é Karma, na medida em que aquilo que semeiam, colhem.

Greene: Isso também se aplica, Sr. Thomas, a, uh... cura e doença do corpo também.
Drayton Thomas: Oh, não há dúvida nenhuma — que se as pessoas pensassem de forma saudável, uh... viveriam de forma saudável.
Greene: Pois, veja...

Drayton Thomas: Mas, uh... o homem criou doenças ao longo de séculos de tempo com pensamentos errados e uma forma de vida errada, e tornou tudo isso de tal forma que todo o tipo de doenças e, uh... várias, uh... espécies de, uh... enfermidades entram no seu corpo físico e, claro, na sua mente. Tudo começa na mente e isto é algo muito sólido e muito real. Tudo o que vem da mente tem, de certa forma, enquanto se está na Terra, um contraponto físico. É uma reação a esses pensamentos. Traz atrás de si todo o tipo de problemas.

Greene: Vai um pouco mais fundo do que isso? O corpo é constituído por átomos, que são vida e, portanto, mente, e conforme se pensa, assim se atrai — embora isso seja da mente — doenças ou coisas más que vão atacar certas partes do corpo.

Drayton Thomas: Isto é bem verdade. Mas, uh... tudo, cheguei à conclusão, brota do estado de espírito.
Woods: Uma coisa, uma...
Drayton Thomas: Tenho tanta certeza disso.
Woods: Refiro-me à tremenda crueldade que está a acontecer nesta era moderna, como lhe chamam, com os animais: fechar, uh... galinhas em pequenas capoeiras...
Greene: Sim.
Woods: ...para o resto da vida — galinhas que nunca veem a luz do dia... e não deixam o sol tocar as vacas, nunca as deixam sair para ver a vida urbana. E fazem isso com porcos, fazem isso com todo o tipo de animal.
Drayton Thomas: Podem ter a certeza de que, eventualmente, isso vai desenvolver-se de tal forma que o homem sofrerá. Uh... certas novas doenças ou certas condições surgirão, num sentido físico, que lhe serão obviamente prejudiciais, fisicamente e, claro, mentalmente.
Woods: Sim.
Drayton Thomas: Não se pode interferir com a natureza. É preciso deixar a natureza seguir o seu próprio caminho e método. Não se pode interferir sem, mais cedo ou mais tarde, ter de sofrer as consequências.
E se fizerem esse tipo de coisa aos animais, uh... como dizia das galinhas presas, então claro que, eventualmente, haverá reações que afetarão o organismo físico, sabem. Não há dúvida disso.
Woods: Eles, uh... matam centenas de aves e animais...
Flint: [A assoar-se]
Woods: ...através de químicos que pulverizam na terra. Parece terrível, esta destruição horrível e crueldade para com a natureza, que colocam na terra.
Drayton Thomas: Bem... todas essas coisas artificiais que o homem criou estão destinadas a, mais cedo ou mais tarde, ter efeitos secundários. O homem descobrirá que todo o tipo de coisas novas e estranhas irão acontecer.
Woods: Qual é o seu...?
Drayton Thomas: Sabem, eu... tenho a certeza disto.
Woods: Como é o seu lado aí onde está agora? Já passou para um... um plano mais avançado?

Drayton Thomas: Bem, isso depende bastante de que aspeto da vida se está a viver. E no meu caso, falando de mim, uh... tenho a vantagem, na medida em que já estou aqui há tempo

suficiente e aprendi o bastante para experienciar muitas coisas; posso estar, por vezes, numa condição de vida e outras vezes noutra, totalmente di... diferente. É uma questão de ajustar a mente e a si mesmo à condição em que se deseja, uh... entrar, da qual se quer fazer parte e onde talvez se tenha vontade de servir.
Por exemplo, quando vou a certas esferas fazer certo trabalho que me agrada, que sei que será de valor, de serviço e de ajuda, então tenho de, até certo ponto, colocar a minha força de pensamento nesse nível de consciência, para que eu possa tornar-me e ser parte dela, mesmo que seja apenas de forma temporária. E então posso, de certo modo, falar com as pessoas, entrar na sua constituição e compreender o funcionamento da sua mente, até certo ponto. E também posso, forçando o meu próprio eu; o meu eu mais profundo; o meu eu mais avançado; a consciência daquilo que me tornei, posso falar-lhes.

E posso dar-lhes uma demonstração, por vezes, do poder do espírito, que, uh... para eles é algo muito novo e muito estranho e, uh... dar-lhes uma forma de experiência que nunca tiveram antes e tentar, por esse método e por esse caminho, arrancá-los, por assim dizer, da letargia... da condição letárgica em que se encontram. Porque muitas destas pessoas, uh... não são necessariamente más pessoas. Muitas caíram num estado muito pobre e estão, de certa forma, uh... letárgicas em relação a tudo o que diz respeito a si mesmas e à sua vida. Vivem num género de mundo de sonho criado por elas próprias. E têm de ser re-despertadas para a compreensão de coisas que estão para vir, coisas que são mais elevadas, mais sólidas, mais reais e mais, digamos, condizentes com o espírito do homem.

Vejam, muitas pessoas entram num estado peculiar em que não estão nem felizes nem infelizes. Onde, de certa forma, andam à deriva num estado de espírito que é, uh... em si mesmo muito, uh... retido por circunstâncias e forças de pensamento relacionadas com o eu e o antigo eu, tal como se conheciam na Terra. Às vezes temos muitas dificuldades e problemas com algumas... algumas almas que são obviamente muito pouco... pouco esclarecidas e muito, uh... entorpecidas, talvez seja a palavra — que não conseguem pensar claramente nem ver, e vivem num tipo de mundo que, em alguns aspetos, não é muito diferente do mundo material. Tem muitos aspetos do vosso mundo que lhes são familiares e nos quais se encontram e que aceitam como um estado de ser para o qual se trouxeram ou entraram. E para eles, é o único estado de ser que existe.

E não percebem que há formas de vida mais elevadas, estados de ser mais altos aos quais poderiam muito bem evoluir e tornar-se, em consequência, almas muito mais abertas e muito mais, digamos, felizes, com uma visão mais ampla e uma maior amplitude de oportunidades. Muitas destas pessoas permanecem neste tipo de nível de consciência estranho — que não está muito afastado da Terra — mas vivem num estado de sonho do qual precisam de ser sacudidas. E é isso que tentamos fazer.
Muitos de nós vamos, entramos nas suas casas e nas suas vidas e até tentamos fazê-los perceber o poder que têm dentro de si, que podem manifestar esse poder nesse ambiente em particular. Mesmo que ainda não possam aspirar ou, nesse momento, digamos, aspirar a algo mais elevado.

Por outras palavras, tentamos dar-lhes uma força de rejuvenescimento, uh... que, em si mesma, os fará começar a pensar mais profundamente e com mais cuidado sobre si próprios e sobre a possibilidade de mudança. Vejam, existe esta grande... esta grande espécie de atmosfera e atitude mental em muitas destas pessoas. Elas estão bastante, à sua maneira, satisfeitas por permanecer nesse nível de consciência. E algumas delas não encontraram, claro, almas a quem, uh... estivessem ligadas ou apegadas quando estavam na Terra.

Talvez, em certos casos, seja até melhor assim, pois eles não estão realmente prontos, talvez, para entrar num estado de ser onde certos parentes ou amigos de quem gostavam habitam. Mas muitas vezes essas almas que, por si mesmas, estão mais avançadas, também farão o esforço para chegar até eles. Mas, claro, uma pessoa só pode ser alcançada quando ela própria abre a mente e a consciência e tem um desejo profundo, dentro de si, de mudança e de maior compreensão e de uma maior expansão, por assim dizer, de visão e experiência.

Por outras palavras, alguns de nós como eu e outros, muitos outros também, o nosso principal propósito ao ir é pôr a roda a girar; é, por assim dizer, tentar abrir os olhos um pouco — nem que seja só uma fração — para que surja uma centelha de... de esperança e uma centelha de compreensão da possibilidade de uma vida maior e mais ampla e uma maior possibilidade de realização. Tantas pessoas, lamento dizer, entram num estado de ser onde estão perfeitamente contentes por permanecer, não têm desejo de mudar. Encontram mais ou menos, dentro do razoável suponho, o que mais precisam e uma quantidade extraordinária de pessoas tem pouca ambição — e quero dizer ambição num sentido espiritual, de avançar para além de uma certa condição ou fase de existência em que se encontram.

Por outras palavras, suponho que se pode dizer que somos re-despertadores ou despertadores do espírito no homem. Tentando, de certa forma, fazer surgir dentro da mente humana ou do próprio ser humano, a compreensão da possibilidade do poder do espírito interior. Que, claro, é aquilo que todas as religiões, fundamentalmente, deveriam tentar fazer e que, em alguns casos, tentam fazer, quando ainda se está na Terra. A base da religião é o despertar da consciência espiritual do homem, para que ele comece a procurar por si mesmo, a esforçar-se e a vencer as fraquezas do eu e os aspetos físicos e materiais do eu, que tantas vezes prendem o homem. E tal como prendem o homem materialmente, assim podem, até certo ponto, prendê-lo deste lado, em certas esferas mais baixas, que estão muito próximas e muito ligadas à Terra.

E nestas esferas há milhões de almas que lá habitam. Algumas estão lá, possivelmente, como vocês dizem, há séculos! E, uh... o tempo sendo, por assim dizer, uma grande ilusão, muitos destes não têm consciência, na verdade, nem noção de que o tempo passou. Alguns ainda vivem em memórias e pensamentos do passado e ainda criam para si próprios ambientes e condições — que, uh... seriam talvez comparáveis a, uh... condições e lugares na Terra de séculos atrás. Há certos lugares ou esferas para onde se pode ir, e eu já lá estive, onde parece que se volta aos confins da Idade das Trevas.

Woods: Santo Deus!
Greene: Céus!
Drayton Thomas: Mas, claro, estas são condições de vida criadas por indivíduos que eram muito fortes, uh... personagens à sua maneira. Talvez muito presos por crenças e persuasões religiosas, que tinham pontos de vista muito fortes e fixos e, uh... invariavelmente achavam-se, uh... não perfeitos talvez, mas achavam que a sua forma de pensar era a certa e a de todos os outros era errada.

E, lamento dizer, há algumas esferas muito escuras, onde certos tipos de indivíduos permanecem e assim presumivelmente permanecerão — até começarem a procurar, até certo ponto, dentro de si mesmos e serem ajudados por almas que vêm de outras esferas, para tentar trazer alguma luz e iluminação à escuridão das suas mentes. E este mundo ou mundos ou aspeto de mundo ou esfera ou condição — chamem-lhe como quiserem — em que se encontram é meramente o reflexo de si próprios. Não tem base real. Não tem fundamento real de realidade. São mundos criados pelo pensamento de dentro de cada um, que são muito reais para os seus habitantes. Mas, claro, para pessoas como eu e outros que lá vamos, não há realidade nenhuma. É tudo um estado de ilusão. Mas deve ter-se em mente que há muitos

estágios de evolução e falta de experiência ou condições de vida, que são fundamentalmente mundos de ilusão — que o homem criou por ilusão, por um estado de pensamento e mente — e tornou-os, para si próprio, algo que lhe parece uma realidade de solidez e que tem toda a aparência de realidade.

Mas nós, que somos mais avançados, até certo ponto, vemos para dentro desses mundos e sabemos o que são: estados de mente, estados de ser; artificialmente criados, sem base em factos ou verdade — mas mantidos, por assim dizer, numa forma ou num sentido de substância, pelas mentes e pelos pensamentos dos indivíduos que os tornaram possíveis. Assim, nós... tal como descemos até vós e tentamos elevar-vos e inspirar-vos e indicar-vos o caminho, uh... a seguir — assim fazemos o mesmo com outras esferas. Há esferas que, de certo modo, se pode dizer que são, em alguns aspetos, menos avançadas do que a vossa.

Vejam, é preciso perceber que nos encontraremos numa condição de vida ou estado de ser para o qual estivermos mais preparados, talvez inconscientemente. Tal como se pensa, assim se é, e é por isso que é preciso meter na cabeça a realidade desta verdade: que não se pode entrar em nenhuma condição de vida até que se tenha tornado isso prático e possível para si mesmo. É por isso que cabe a cada indivíduo procurar aquilo que é mais elevado e melhor; aquilo que trará a maior alegria e satisfação, porque é do espírito e, portanto, algo de verdadeiro valor. Não de natureza material.

Quanto mais se luta por coisas da mente e do espírito, mais, quando aqui chegarem, passarão além dessas condições inferiores ou entrarão em condições ou esferas de existência que prendem os homens, por vezes, como disse, durante séculos, como vocês contam o tempo. Mas então, para essas pessoas, o tempo é nada. Em certo sentido, claro, sabemos que é uma grande ilusão. Mas há almas que continuam e, por vezes, interferem na Terra. E, através de pessoas na Terra, tentam ter a sua própria vida de volta, por assim dizer, ou influenciar indivíduos a dizer e a fazer coisas que, normalmente, seriam estranhas a essa pessoa na Terra.

Então surgem esses casos de obsessão. Então surgem esses casos de pessoas que, sem perceberem, assumem algum aspeto da constituição mental de outro indivíduo. E fazem coisas, talvez por impulso, [pelas] quais não são realmente responsáveis e cometem algum crime. Não sabem o que é isto com algumas dessas almas que estão presas à Terra ou vivem em condições mentais próximas da Terra, num estado de vida tão real para elas como o vosso é para vós. Vejam, o vosso não é o único mundo, num certo sentido, que é material. Há outros mundos materiais, tão maus e talvez muito piores do que o vosso. Mas são todos estados de mente; estados de ser, criados pelo homem ao longo de gerações de tempo.

E... vejam, a questão é que não se torna de repente um ser divino; uma alma altamente iluminada. É preciso, muitas vezes, passar por muitas fases e condições de vida, antes de se ir muito além dos limites da Terra. E quando se percebe isto, deve-se perceber que haverá indivíduos, tentados a contactar, em todos os estratos de existência, com e sem experiência, boas e más, almas indiferentes que têm muita qualidade, e ao mesmo tempo muito na sua constituição que é duvidoso. É preciso aprender a diferenciar. É preciso testar os espíritos e ver se são de Deus. Mas devemos sempre lembrar-nos de que todos fazemos parte do plano de Deus e do propósito de Deus. Estamos todos em diferentes níveis de consciência. Estamos todos em diferentes níveis de compreensão.

E cabe-nos ajudar-nos uns aos outros e não rejeitar nenhuma alma — não importa quão humilde seja ou como possa parecer à superfície — aquilo que até o mundo chama de mal. Pois do mal pode vir o bem e devemos ajudar todas essas almas menos afortunadas. Não devemos virar-lhes as costas. Temos de dar de nós livremente e completamente e absolutamente e não

devemos duvidar de que tudo o que fazemos tem algum significado, algum propósito. Pode não nos ser revelado na altura, mas mais tarde veremos pelo que é, em toda a sua verdade, e perceberemos o significado e propósito de muitas coisas que são obscuras no momento.

O que vos digo é: continuem o vosso bom trabalho. Mantenham as vossas mentes abertas e livres. Esforcem-se por ajudar todas as pessoas de ambos os lados, seja qual for o nível de consciência em que se encontrem. Tentem lembrar-se e perceber que o vosso é um trabalho grande e maravilhoso. Tem grande responsabilidade, mas é-vos dada força, é-vos dado encorajamento, é-vos dado muito amor. E são muitos os que vêm até vós e não vos falharão. Pois, como tantas vezes vos foi dito... aquilo que fazemos juntos é maior do que nós próprios. Somos todos servos do Altíssimo. Estamos todos a fazer o pouco que podemos e da melhor forma que sabemos. Estamos todos a servir.

Portanto, se alguém se lembrar disto e continuar a fazer o trabalho, da melhor forma que puder, não poderá errar muito. Mas não desanimem.
De qualquer forma, todos aqui vos enviam todas as suas bênçãos e amor.
Greene: Sr. Thomas?
Drayton Thomas: Sim?
Greene: Já encontrou a Sra. Osborne Leonard?
Drayton Thomas: Claro que já encontrei a Sra. Osborne Leonard...
Greene: Como está ela?
Drayton Thomas: ...e a Feda. Muito bem.
Greene: Que bom.
Drayton Thomas: Todos os velhos amigos; aqueles que me ajudaram tanto no passado.
Woods: Já esteve nos planos muito mais elevados?
Drayton Thomas: Oh sim, mas prefiro trabalhar, em certos aspetos, mais perto da Terra.
Woods: Ah, sim.
Drayton Thomas: Claro que avancei, mas quero usar o meu conhecimento e a minha experiência. Quero ser útil e ajudar os menos afortunados. Agora tenho de ir.
Woods: Bem, é muito gentil da sua parte...
Drayton Thomas: Adeus. Deus vos abençoe. Adeus Leslie.
Greene: Obrigado por uma conversa maravilhosa.
Flint: Adeus.
Woods: Muito obrigado.
Greene: Obrigada.
Drayton Thomas: Adeus.
Mickey: Adeus.
Greene: Adeus Mickey, obrigado.
Woods: Oh obrigado Mickey. Obrigado Mickey. Essa gravação vai sair...

ISAAC WATSON
1964
"Parecia que toda aquela cor tinha alguma ligação com a música..."

Isaac era filho de um imigrante judeu do século XVIII vindo da Polónia, que entrou para o negócio da família ainda jovem. Depois de sofrer de problemas de saúde até ao fim da vida, sentiu grande alívio quando finalmente despertou no Mundo Espiritual — e se reuniu com os pais e o irmão que perdera em criança... Isaac descreve assistir a um concerto, onde uma orquestra de centenas cria um deslumbrante espetáculo de cor com a sua música. Diz que estamos errados em supor que a Terra é o único mundo e sente tristeza por ainda sofrermos

com guerras e doenças — porque o progresso científico deveria unir o mundo. Pensa que não somos tão civilizados como deveríamos ser, mas que a mudança só virá quando mais pessoas compreenderem que somos espíritos a ter uma existência material...

Watson: Sempre tive uma certa inclinação para... bem, desprezar isto, para dizer o mínimo [de] fazer contacto. Na verdade, foi só recentemente que senti que poderia ter vontade de vir... Consigo compreender que as pessoas venham se quiserem muito entrar em contacto com alguma alma, algum amigo na Terra e tenham algo de importante para dizer. Ou talvez para dar alguma ajuda ou conforto a alguém em grande aflição. E, claro, sei que há certas almas que fazem disto um hábito, vindo regularmente, que provavelmente sentem que podem dar algum conhecimento relativo a esta nova vida. Suponho que tudo se resume muito ao indivíduo, se deve vir ou não. Felizmente temos livre arbítrio. Não temos de voltar a menos que queiramos ou sintamos que é urgente. Eu próprio sinto-me mais inclinado a ficar longe da Terra. Não vejo, do meu ponto de vista, que benefício poderia tirar disso. Talvez eu seja um pouco egoísta, na medida em que estou tão contente e tão feliz aqui, que não tenho realmente desejo de fazer qualquer ligação ou contacto com a Terra. Já não tenho ninguém muito próximo ou querido para mim. Do ponto de vista de vir, não me parece ser muito... bem, necessário.
De qualquer forma, por curiosidade mais do que outra coisa, vim ver como são...
Greene: [Riso] Espero que não esteja desiludido?
Watson: ...aí do vosso lado da vida. E devo admitir que, considerando que não estive em lado nenhum perto da Terra há, deve fazer cinquenta anos, eu diria que — falando do meu ponto de vista pessoal — não tenho desejo particular de voltar a vir. Tanta coisa parece ter mudado. A vida parece ter-se tornado tão rápida. As pessoas agora parecem não ter tempo umas para as outras. E a tranquilidade e a paz do campo parece ter sido perturbada por todas essas invenções modernas, que, evidentemente, vos fazem deslocar muito depressa — mas no processo não se vê nada ou muito pouco, penso eu. E, ao mesmo tempo, parece-me que não têm tempo real para se preocuparem com as coisas que realmente importam. Toda a gente parece muito inquieta. Ninguém parece particularmente satisfeito ou feliz.

E, para ser sincero, embora perceba e pareça que as classes mais pobres tenham, certamente, agora uma vida melhor — pelo menos parecem ter todas as conveniências modernas e parecem ter todas as oportunidades possíveis... uh, o que realmente, de certo modo, as torna, não sei, tão diferentes do que me lembro das classes mais pobres. Claro que sei que havia pobreza extrema e sofrimento e sei que, em muitos sentidos, as classes mais pobres tiveram uma vida muito dura. E tudo isso, sem dúvida, é para melhor. Quer-se ver progresso para as pessoas e é bom saber que hoje em dia têm mais dinheiro no bolso e mais tempo livre e melhores casas e, na verdade, fizeram grandes progressos, em certos aspetos pelo menos. Pelo menos agora estão bem alimentados e bem cuidados e, certamente, parecem lavar-se mais vezes!
Greene: Amigo, pode dizer-nos algo sobre si — o seu nome e o que faz, a esfera em que está?
Watson: O meu nome, duvido muito que vos diga alguma coisa. Não vejo razão para tal. O meu nome era Isaac.
Woods: Isaac?
Watson: Isaac Watson.
Woods: Isaac Watson. Sim...
Watson: Embora esse na verdade não fosse o meu nome. Watson não era o nome da família, mas mudámo-lo para Watson por razões... razões de família. Na verdade, éramos uma família judia... e o meu pai tinha um negócio...
Woods: Sim.

Watson: ...e, uh, na verdade, entrei no negócio quando tinha quinze... dezasseis anos e fomos muito bem-sucedidos. Mas, uh... os meus irmãos também abriram vários negócios. Na verdade, éramos de ascendência polaca. O meu... o meu pai veio para Inglaterra na sua juventude, no

início do século dezoito. Mas, uh, isso é uma longa história. Tenho a certeza de que não estão interessados na história da nossa família.
Greene: Foi criado... estritamente na fé judaica, Sr. Watson?
Watson: Oh sim, fui criado na fé judaica. Mas nos meus trinta anos não diria que tinha qualquer religião em particular. Não me interessava muito. Não estava muito interessado em religião, como tal. Na verdade, se alguma coisa, acho que me tornei, mais ou menos, no que chamariam ateu. Li bastante, li vários livros — sobre este assunto, aliás, nos últimos anos da minha vida. Não posso dizer que fiquei muito impressionado, embora tenha ficado interessado. Há tanta parvoíce, claro. Essa é outra razão pela qual penso que não tinha grande vontade de voltar. Há tanta parvoíce nisto do Espiritualismo.

Woods: Poderia dizer-nos...
Watson: Além disso, eu não queria voltar. Na verdade, já tinha tido o suficiente do vosso mundo quando lá estive, de uma maneira e de outra; um casamento muito infeliz, mas eu também não era um homem saudável. A minha saúde não era boa, tive uma longa doença e fiquei muito contente por deixar o vosso mundo de uma vez por todas. Talvez eu não fosse uma pessoa fácil de lidar e, no entanto, ao mesmo tempo, penso que, uh... tentei fazer o melhor que pude pelos meus trabalhadores. Não era uma má pessoa, não creio. Certamente não era um capataz severo e tentei dar-lhes toda a ajuda que pude. E, de facto, penso que posso dizer, em comparação com a grande maioria dos negócios do meu tempo e das pessoas da minha posição na época — penso que tratei muito bem as minhas pessoas. Não gostaria que pensassem que estou, de certa forma, satisfeito comigo mesmo. Longe disso. Quem está? Mas olhando para trás e lembrando a pobreza extrema que havia, particularmente... particularmente nas zonas mais urbanizadas das grandes cidades... em Leeds, em Manchester e por aí fora, penso realmente que hoje em dia, claro, as pessoas têm muito mais oportunidades. Mas esta questão da comunicação, percebo, claro, que pode fazer muito bem, mas não acho que alguma vez consigam derrubar as barreiras que as pessoas ergueram com a intolerância religiosa. Penso que a tarefa é imensa. Não sei quantas religiões têm — devem ser centenas, imagino eu. Toda a gente a agarrar-se às suas convicções...
Woods: Poderia dizer-nos algo sobre o seu lado da vida?
Watson: Oh, podia. Na verdade, uh... desde que aqui estou mudei muito das minhas opiniões. Mas suponho que é porque uma pessoa se ajusta tão bem à nova vida, com todos os seus muitos interesses e as muitas atrações que existem, de todas as maneiras possíveis. E gradualmente, especialmente se se foi infeliz — como eu fui na Terra, por várias razões muito válidas — fica-se muito contente por esquecer tudo isso e estabelecer-se aqui e interessar-se pela vida. Não vejo sentido, em alguns destes que fazem disto um hábito de voltar. Não sei que bem lhes faz, ou a mais alguém. Claro que, suponho, como tudo, há exceções.
Greene: Sr. Watson, qual foi a sua reação ao passar para o outro lado. Pode descrever como foi...?
Watson: Uma sensação de alívio...
Greene: Como se sentiu?
Watson: Uma sensação de enorme alívio. Meu Deus, fiquei tão contente por sair da Terra e daquele meu corpo. E por ficar longe de... bem, de algumas das pessoas que estavam apenas à espera que eu morresse, para poderem ficar com o meu dinheiro. Mas temo que tenham ficado todos bastante desiludidos. Tratei de garantir isso.
Greene: Como é que se encontrou, Sr. Watson? Em que condições se encontrou?
Watson: O quê? Condições?
Greene: Bem, quero dizer, que tipo de... uh...
Watson: Bem, encontrei-me aqui, a primeira coisa de que me lembro foi o meu pai vir ter comigo. O mais curioso foi que me lembro de "acordar" — suponho que é assim que se pode dizer — pareceu-me (bem, era) um jardim. Primeiro pensei que era o jardim da nossa antiga casa. Tínhamos um jardim magnífico. O meu pai era um grande jardineiro e muito interessado

nisso. Este lugar era tão parecido. E lembro-me de estar sentado num banco a olhar para o relvado até a um lago ornamental, que o meu pai mandara fazer. E lembro-me de acordar e ver o meu pai a vir na minha direção com as mãos estendidas. Primeiro não me pareceu estranho. Acho que pensei em tudo de uma forma tão natural, como se fosse a coisa mais natural. Lembro-me dele se sentar ao meu lado e me dar os parabéns. Bem, isso pareceu-me estranho, porque é que me daria os parabéns? Na verdade, não conseguia pensar no que teria feito, no que teria alcançado. Ele não era um homem demonstrativo na Terra e lá estava ele a dizer-me o quão feliz estava por eu ter passado e conseguido.
Por um momento não percebi a que se referia e depois, de repente, caiu-me a ficha de que tudo aquilo era uma situação irreal. O que estava eu a fazer sentado naquele banco, naquele lugar em particular — que era, na verdade, de há quarenta anos atrás, ou mais, na minha juventude; nos meus primeiros anos, os anos de formação? Costumávamos ir para o campo durante os meses de Verão, quando o trabalho permitia — e no Inverno também. E era como se eu tivesse voltado por uma ou duas semanas ao campo, à casa do meu pai. E pareceu-me tão estranho, porque foi como se me lembrasse, naquele momento, que eu já tinha sido muito mais velho, e que estava deitado numa cama e que tinha, e tivera durante muitos meses, muitos problemas com os pulmões e o peito, grandes dificuldades em respirar.
Mas ali estava eu, como se nada fosse... e a respirar tão facilmente como nos velhos tempos. E o meu pai disse: 'sabes, agora estás livre de tudo isso.' E comecei a perceber que aquilo era uma situação irreal. Mas o que ele queria dizer era que eu estava fora da vida antiga e não consegui deixar de pensar comigo mesmo: 'bem, não posso estar morto.' E, no entanto, tudo parecia indicar que tinha acontecido uma grande mudança, porque tudo aquilo era tão familiar e, no entanto, era de quarenta... cinquenta anos atrás na minha vida.
Então pensei: 'bem, como é possível, este lugar?' Se é... se é uma nova vida em que estou, se isto é verdade, então não vejo como é que a propriedade do meu pai pode estar deste lado da vida.' Era tudo confuso.
E ele dizia-me: 'claro que sabes que ainda temos a casa antiga.'
E achei aquilo tão estranho. Ele disse: 'sabes que isto é uma réplica exata.'
Eu disse: 'O que queres dizer com uma réplica exata?'
Ele disse: 'Da velha casa.'
E percebi, claro, que evidentemente era uma réplica. Embora para mim parecesse idêntica, pensei que fosse a casa, mas sabia que não podia ser.
E ele disse: 'Vamos entrar para ver os outros.'
E eu disse: 'Os outros? Que outros?'
E ele disse: 'Oh, a Mãe e o Simon.'
Simon era um irmão mais novo, aliás, que faleceu em criança e quando ele disse 'Simon', isso não me disse nada.
Eu disse: 'Simon, Simon, quem diabo é o Simon?'
Ele disse: 'O Simon é teu irmão. Não te lembras do irmão bebé que morreu quando tinhas uns três ou quatro anos?'
Eu disse: 'Simon?'
Não me lembrava nada disso.
De qualquer forma, entrámos na velha casa. Era exatamente igual. Tudo nela era igual; os mesmos móveis, as mesmas estátuas, a mesma prateleira da lareira. Tudo era idêntico na sala de estar; o piano estava lá e eu podia ver, por assim dizer, como se estivesse a recuar mais de 50 anos — tudo perfeitamente reproduzido.
E lá estava a minha mãe, com um aspeto tão jovem, tão muito jovem, que mal percebi ao início que era ela. Mas era ela, mas como era quando a minha mãe e o meu pai, presumivelmente, se conheceram. E estava lá um rapaz alto. Eu diria que parecia ter uns dezassete, dezoito anos. Aconteceu ser este irmão que morreu em criança. Um quebra-cabeças.
E depois lembro-me de perguntar aos meus:
'Bem, como é que têm esta casa? Como é que isto aconteceu?'

Eu disse: 'Aceito o facto de dizerem que estou morto e percebo que algo tremendo aconteceu, mas não entendo como é que se tem a velha casa reproduzida. Quem faz todos estes móveis? Quem faz todos os tapetes e coisas e como é que tudo isto acontece?'

E o meu pai disse: 'Bem, isto é algo que não é fácil de explicar, mas é algo que tu conquistaste — que nós conquistámos.'
E eu pensei comigo mesmo: 'bem, não sei se conquistei assim grande coisa.' E, uh, lembro-me do meu pai; embora fosse, em muitos aspetos, um homem bom, ao mesmo tempo era um homem muito rigoroso; um homem, suponho eu, a dirigir um negócio, o que... era necessário ser quando se estava na Terra. Mas era honesto e justo e, de facto, era um homem notável em muitos sentidos. Mas eu não conseguia ver justificação para tudo aquilo, que me parecia tão notável por ser tão idêntico em tudo.
O meu pai disse: 'Bem, claro, até certo ponto, as condições, o ambiente, a vida aqui, se quiseres, devem-se, em grande parte, ao que foste tu próprio quando estavas na Terra; a tua atitude para com os outros, os teus esforços em prol dos outros — e, até certo ponto, a forma como te deste aos outros.' E enquanto ele dizia isto eu não podia deixar de pensar: 'bem, pode haver algo nisto, se ele o diz.' E, no entanto, eu não podia propriamente dizer que o meu pai, ou eu próprio, fôssemos pessoas particularmente generosas. Éramos sensatos, ajudávamos as pessoas, é verdade, e éramos especialmente bons para os nossos trabalhadores. Mas, pelo que percebi, conforme se vive, até certo ponto, isso deve e de facto afeta o modo de vida aqui e o acolhimento que se tem. Portanto, evidentemente, não devíamos ter sido assim tão maus. Fizemos para nós alguma preparação, sem sequer nos darmos conta!
O meu pai era muito ortodoxo. Eu não era um homem ortodoxo no que toca à religião, mas o meu pai era estritamente ortodoxo. Mas claro que, depressa percebi que essa visão ortodoxa da religião tinha mudado muito e ele já não pensava mais segundo as velhas linhas...
[Interrupção na gravação]
...e parece-me que vivi de forma muito natural, feliz, durante um tempo com os meus. E devo dizer que, em muitos aspetos, a nossa vida era muito parecida com a que tínhamos tido na minha juventude — nos primeiros anos na Terra. A única coisa de que comecei a aperceber-me foi que parecia não haver necessidade de comida nem de bebida. Ao princípio isto deixou-me intrigado. Pensei, não percebia porque não tinha esse desejo. Era algo natural, na minha vida terrena. Na verdade, eu gostava muito de comer até a minha doença tornar impossível comer muito. E, uh, a ideia de estar bem e saudável e, mesmo assim, já não ter desejo por comida e bebida parecia, de certo modo, antinatural.
E, quanto a isso, nunca vi nada no sentido de comida, embora houvesse alturas em que havia fruta disponível. Se isto era, de alguma forma, algo do pensamento — e acho que possivelmente devia ser — havia momentos em que talvez se desejasse ou se sentisse vontade disso e lá estava. Mas muito raramente se comia fruta ou qualquer coisa, ou se tinha vontade de beber. A coisa que mais me interessou e me atraiu naqueles primeiros anos de formação — se assim posso chamá-los aqui — foi o desejo de continuar os estudos que o meu pai interrompeu. Quando era bastante novo, tinha mostrado tendência para a música, e a minha mãe incentivou-me nisso, e durante uns dois a três anos pude ter aulas.
Mas acho que o meu pai começou a sentir que isso se tornava demasiado importante na minha vida e mandou-me para um colégio e a música foi completamente posta de lado. E sempre, de certa forma, nos meus anos mais tarde, lamentei isso. Porque eu era grande apreciador de ópera. Raramente perdia uma temporada em Covent Garden e muitos recitais a que ia, os grandes músicos do meu tempo. Na verdade, todo o tempo livre que conseguia arranjar dedicava à música.
[O som de um avião a passar é audível]
E aqui pareceu-me, naturalmente, voltar à música, e suponho que não deveria ter sido surpresa, mas o meu pai incentivou-me e ficou encantado quando comecei de novo a interessar-me seriamente pela música. E, numa ocasião, bastante cedo na minha estadia aqui, ele disse:

'Gostarias de ir a um concerto?' Fiquei felicíssimo, mas ao mesmo tempo, surpreendido que ele sugerisse tal coisa porque tinha pouco ou nenhum tempo para as artes. Era muito voltado para os negócios e nunca tinha tido tempo para música e artes, em particular. Mas eu disse: 'Sim, claro que sim.' Mas estava um pouco intrigado. Ele disse: 'Oh bem, vamos.'
Então fui levado ao meu primeiro concerto num edifício vastíssimo. Oh, tão vasto, que pensei ao entrar, não só quão magnífico e bonito era, mas ao mesmo tempo, não podia deixar de pensar na imensidão daquele lugar. Certamente, se alguém se sentasse em algumas partes deste lugar, não ouviria grande coisa.
Mas fiquei espantado e surpreendido com as propriedades acústicas e o som nítido, e uma orquestra enorme de, pelo que me pareceu, pelo menos, embora fosse impossível contar, mas várias centenas de músicos — e muitos dos instrumentos que tinham eram-me completamente desconhecidos. E havia vários pianos, não apenas um, como se poderia esperar num concerto, talvez dois, pensaria um, mas ali pareciam ser pelo menos vinte pianos. Deus sabe quantos violinos. Na verdade, era a maior orquestra que já tinha visto, e o som era... bem, indescritível.
Mas o mais extraordinário era que, por trás dessa grande orquestra havia o que parecia ser uma grande parede, uma superfície de parede, que parecia feita de algum tipo de substância que emitia todo o tipo de tonalidades em cores. Era extraordinário, parecia cintilar, e todo esse fundo parecia mudar de acordo com a música. Às vezes ficava impregnado das cores mais pálidas, e ocasionalmente havia clarões de vermelhos brilhantes, azuis, verdes e cores, de facto, algumas das quais nem conseguia começar a descrever.
E parecia que toda aquela cor tinha alguma ligação com a música, de acordo com o andamento da música que estava a ser tocada, aquilo parecia funcionar como uma... de tal forma, que representava em cor a cena ou ideia da música. E depois... depois disso, claro, fui a muitos desses concertos, e desde então conheci muitos músicos, e sempre, como disse, estive interessado em música e conheci muitos grandes músicos e compositores. E agora estou tão imerso na música que, uh... talvez isso explique, ou seja uma das razões pelas quais nunca senti atração por voltar à Terra e porque estou tão feliz na minha vida aqui e na música em particular, que não sinto necessidade ou vontade de voltar. E tenho a certeza de que devem haver milhares, milhões como eu. E tenho a certeza de que, talvez para alguns, seja uma coisa boa voltar.
Há aqueles que têm, talvez, trabalho específico, especial a fazer, que provavelmente são as pessoas certas para voltar a comunicar, mas eu nunca senti essa vontade. Não gostaria que alguém pensasse que sou egocêntrico. Não gostaria que alguém pensasse que era egoísta, mas acho que há pessoas cuja tarefa é voltar para comunicar, fazer algum trabalho especial, talvez para a humanidade. E há outros que, talvez à sua maneira, fazem algo de realmente importante no seu próprio ambiente. Claro que sei que, embora não tenha o hábito de voltar à Terra, sei que os meus esforços na música têm sido de alguma ajuda para almas, quando fomos a outros planos e, uh, demos... demos-lhes a nossa música, e tenho a certeza de que tem sido um grande incentivo e uma grande ajuda para que se elevem, por vezes, da escuridão em que se encontram.
Há muitos, muitos lugares diferentes. Não gostaria que pensassem — como sem dúvida tantas pessoas pensam — que a Terra é o único mundo. Acho muito errado e muito, digamos, presunçoso que as pessoas assumam que o delas é o único mundo. O vosso é apenas um de muitos mundos, e há muitos estratos diferentes de inteligência e seres.
Na verdade, poderia dizer-se que, até certo ponto, a Terra é um dos mundos menos avançados. Há muitos mundos e... uh, o mundo terrestre é, em comparação com alguns, muito atrasado. Na verdade, eu diria que isso é muito óbvio para qualquer pessoa com alguma inteligência — quando se considera a idade do vosso mundo e as gerações de povos que o habitaram, ainda estarem, nesta fase da vossa evolução, a falar e pensar em guerra. Ainda estão, de facto, a fazer guerra. Têm guerra civil. Têm todo o tipo de doenças provocadas pela estupidez e ignorância do homem. Na verdade, iria tão longe ao ponto de dizer que o mundo terrestre é talvez um dos mundos menos avançados na atmosfera, no sistema, no sistema solar.

Não penso que as pessoas se dêem conta de quão pouco progresso, em certos aspetos, foi feito. Apesar de terem tido um grande progresso científico, ao mesmo tempo — embora a ciência possa ter beneficiado em alguns sentidos — certamente não uniu o mundo em mente e espírito. Pode ter-vos aproximado materialmente, mas isso, por si só, não é necessariamente algo bom. Se combinasse o espiritual e o mental e o bem-estar da humanidade, então seria diferente. Mas quando vejo, como tenho visto recentemente no vosso mundo, as condições mentais horríveis, a atitude terrível dos seres humanos uns para com os outros, e como são todos tão irracionais e egocêntricos e como o mundo inteiro parece cheio de ódio e intolerância — não aprenderam praticamente nada. Podem lisonjear-se de que progrediram em certos aspetos, mas na verdade, em alguns aspetos, está pior do que esteve durante séculos.
Havia pequenos conflitos, e suponho que na sua época eram considerados grandes conflitos, onde povos estavam em guerra — mas agora não pensam duas vezes em largar uma "bomba", como lhe chamam, e aniquilar milhares de pessoas de uma vez. Parece-me realmente que o mal se tornou ainda mais poderoso numa escala muito maior. E, no entanto, veem-se a si próprios como seres humanos civilizados, e alguns de vós veem-se como cristãos a seguir o Cristo. Outros têm as suas crenças religiosas, igualmente sinceras, possivelmente, sem dúvida. Mas parece-me que estão a viver numa era, num tempo, num mundo que andou para trás em vez de para a frente.
E penso que até começarem a pensar mais profundamente nas coisas que realmente importam; as coisas do espírito e da mente, e deixarem que estas coisas tomem precedência e se tornem da maior importância nas vossas vidas... todo o mundo é materialista na sua abordagem rancorosa — mesmo aqueles que professam ser religiosos. A maioria deles, assim me parece, age e pensa de forma hipócrita. Na verdade, quanto mais vejo do vosso mundo, menos gosto dele. E certamente não gostaria de voltar para aí, e devo dizer que, se achasse que poderia ser de alguma verdadeira ajuda ou utilidade ao vir, viria. Mas francamente, não vejo que bem possa fazer. Não creio realmente que outros deste lado, por muito forte que seja a sua intenção de fazer o bem, possam esperar conseguir muito.
Porque mesmo aqueles que professam saber sobre este assunto parecem-me muito pouco mais avançados do que os outros — se em certos sentidos, até menos avançados. Na verdade, as suas responsabilidades são maiores, mas não me parece que façam muito ou consigam muito. Acho espantoso que, onde há pessoas que têm este conhecimento da sobrevivência, da comunicação... uh, que não se veja o progresso espiritual e mental que se esperaria. Só se pode supor, então, que, em muitos casos, os contactos e ligações que se estabelecem são feitos com almas numa vibração e condição muito semelhantes às das próprias pessoas da Terra. Claro que há exceções, sem dúvida, mas parece-me uma tragédia que, tendo esta oportunidade de comunicação, não façam melhor uso dela.
Parece-me que estão a conseguir muito pouco e, portanto, não vejo realmente que bem possam esperar conseguir com isso — até que, pelo menos, mais pessoas entendam e aceitem e façam algo a respeito. Não adianta dizer, 'ah sim, entro em contacto com esta ou aquela pessoa, e temos conversas e é tudo maravilhoso, e sabemos que é verdade sobre a vida depois da morte.' Isso virá depressa, morrerão depressa o suficiente e descobrirão por vocês mesmos. A menos que façam algo enquanto aí estão e realmente se empenhem nisso e façam algo de natureza espiritual, num mundo tão material como o vosso, todo o esforço parece inútil e em vão. Pessoalmente, não gostaria de voltar regularmente. Não vejo que haja qualquer bem ou vantagem nisso para alguém. Certamente não parece ter feito grande diferença. O mundo parece estar pior do que quando o deixei.
Não posso ficar muito mais tempo. Lamento, suponho que não fiz nem consegui nada.
Greene: Conseguiu.
Woods: Conseguiu. Fez muito.
Greene: Fez.
Watson: Não pensei que viesse muito bem daí, para dizer a verdade. Honestamente, não me hei-de arrepender... não me hei-de arrepender de me afastar disto. Tenho pena de vocês. Que

Deus vos abençoe, mas não gostaria de passar pelo vosso mundo outra vez... não consigo imaginar nada que desgostasse mais!

Bem, adeus.
Greene: Adeus Sr. Watson. Muito obrigado.
Woods: Obrigado por ter vindo...

DAVID SCOTT
14 de Abril de 1960
"Estou na sala aqui mesmo ao vosso lado."

David fala com Rose Creet sobre os métodos e problemas enfrentados quando as pessoas do espírito comunicam através de uma laringe artificial. Fala do amor e do serviço altruísta dos guias espirituais que partilham o seu conhecimento e sabedoria e trazem entes queridos para ajudar aqueles que estão em grande tristeza. David explica também que a única forma de obtermos verdadeira felicidade ou contentamento é ajudarmos os outros o máximo que pudermos e apreciarmos as nossas vidas — não importa em que esfera de existência habitamos...
Diz-se que 'David' seria uma encarnação anterior de Rudolph Valentino, que teria vivido uma vida na Escócia, há muito tempo.
Mrs Creet: Olá?
David: Não sei se ouves agora o que estou a dizer?
Mrs Creet: Oh, uh... David?
David: Aye.
Mrs Creet: Oh David!
David: Pensei que já estava na hora de dar um ar da minha graça.
Mrs Creet: Sim!
David: Agora percebo que tenho um rival?
Mrs Creet: [Riso]
Flint: [Riso]
Mrs Creet: Ninguém pode rivalizar contigo querido...
David: Está bem, é só uma forma de falar...
Mrs Creet: Sim.
David: Estou-me perfeitamente nas tintas. Fico feliz por teres outra pessoa de vez em quando que vem dar-te alguma informação e consegue falar bem.
Mrs Creet: [Riso] Ele é muito parecido contigo.
David: Em que sentido queres dizer?
Mrs Creet:
Oh bem, não é muito reservado a falar.
David: Oh, de que serve vir falar com alguém se não vais abrir a boca e falar?
Mrs Creet: [Riso]
David: Há muita gente que vem a este tipo de coisa e depois, quando chega a hora de falar, não têm nada para dizer. Parece-me um desperdício de esforço.
Mrs Creet: Sim, é bem verdade.
David: Aye, mas suponho que alguns acham muito mais difícil. Eu achei ao início, mas agora estou bem.
Mrs Creet: Não...
David: Agora levo tudo numa boa. Estou-me nas tintas. É só abrir e fechar a boca.
Mrs Creet: [Riso] Oh, és uma peça.*
(*ser uma peça = pessoa divertida, marota)

David: Na verdade isso não é tecnicamente bem assim, mas soa bem. Porque não tens de abrir e fechar a boca para conseguires falar.
Mrs Creet: Não? Como...? Agora David, David... explica-me como fazes isso e como consegues...
David: Bem, acho que a resposta é que toda a comunicação é feita pelo pensamento.
Mrs Creet: Eu sei.

David: E é a transmissão do pensamento e da personalidade combinados, através do mecanismo — que é, afinal de contas, apenas uma réplica artificialmente reproduzida da caixa de voz — que é essencial para a fala.
Mrs Creet: Está, uh, uh... absolutamente nesta sala, e está a pensar e, uh...
David: Claro que estou na sala. Estou na sala aqui mesmo ao teu lado.
Mrs Creet: Sim.
David: Mas é a minha concentração do pensamento que cria o som. O som é artificialmente reproduzido, e aquilo que ouves como som é apenas o nosso pensamento a ser transmitido através da caixa de voz artificial. E isso, claro, penso eu, é onde reside grande parte do problema — algumas pessoas não conseguem fazer isso. Nunca parecem conseguir dominar a coisa no...
Mrs Creet: Ectoplasma, quer dizer?
David: Bem, a caixa de voz ectoplásmica...
Mrs Creet: Sim.
David: ...ou os órgãos vocais ectoplásmicos que são construídos...
Mrs Creet: Sim.
David: ...artificialmente.
Mrs Creet: Sim.
David: Eles só podem permanecer enquanto o poder o torna possível e, claro...
Mrs Creet: Sim.
David: ...isso está sempre, de certa forma, a flutuar e a mudar e, em consequência, é aí que surgem as falhas. Às vezes continuamos a transmitir pensamento e tu não o recebes...
Mrs Creet: Sim.
David: ...porque nós próprios, por vezes, nem sequer estamos conscientes de que a caixa de voz não está, por assim dizer, a funcionar... e depois, claro, tens de ter em mente que, se o pensamento, tal como o conhecemos, é... é a base da comunicação...
Mrs Creet: Sim.

David: ...então, não só o pensamento da influência predominante, que posso ser eu — como sou agora — mas o pensamento, por vezes, de outra pessoa que esteja por perto pode, de forma estranha, interferir...
Mrs Creet: Sim.
David: ...e atravessar-se no caminho. E a menos que tenhas um canal limpo, não podes esperar ter uma receção clara, não podes ter uma transmissão clara... uh, a cem por cento, por assim dizer, daquilo que está a ser transmitido pelo comunicador em questão. É por isso que trabalhamos em harmonia, isto é, como um grupo — temos de o fazer.
Mrs Creet: Sim.
David: Para além de que, naturalmente, queremos fazê-lo. Mas a questão é que, fundamentalmente, muito do que é dito por um, é muitas vezes o que é dito por outro. Por outras palavras, estamos todos na mesma frequência ou vibração. Estamos todos a trabalhar em harmonia e em estreita cooperação, e por isso se eu estou a tentar transmitir-te algo...
Mrs Creet: Sim.
David: ...devido, por vezes, a dificuldades de transmissão, outra pessoa alimenta-me, se quiseres, podemos dizer assim... com pensamentos que, uh, nem sempre surgem com facilidade quando estás a tentar concentrar-te a trabalhar com isto ou a comunicar. Descobres que as coisas que muitas vezes preparaste para dizer, uh...
Mrs Creet: Perdem-se?

David: ...de forma estranha, não surgem com facilidade quando estás a tentar passar. E outras pessoas à volta actuam, de certa forma... elas transmitem-te esse pensamento e tu automaticamente passas-o. E é por isso que, por vezes, na comunicação, recebes, uh... uma comunicação em segunda mão.
Mrs Creet: Sim.
David: Alguém pode estar a fazer-se passar por quem fala na primeira pessoa... e outra pessoa pode estar a fazer a transmissão na frequência, percebes?
Mrs Creet: Sim.
David: Por exemplo, se tens uma alma que vem de uma esfera mais elevada... e não consegue manipular o mecanismo, não consegue descer à vibração inferior... vibração que é essencial para este tipo de trabalho, então transmite-a a alguém que esteja habituado a comunicar. E aí, novamente, depende de quão bom é o comunicador; a pessoa que manipula a caixa de voz ou transmite pela outra pessoa. Depende de quão bom é, para saberes se recebes a personalidade. Podes receber, uh, o conteúdo, podes receber... as coisas que querem transmitir, mas podes não receber a personalidade com isso e é por isso que algumas pessoas dizem, 'não sei, mas o que fulano disse foi bastante bom, foi uma boa prova, e foi muito ao estilo dele, mas não era ele.'
Mrs Creet: Sim, sim...
David: Não no sentido de reconhecerem a personalidade dele.
Mrs Creet: Sim. Oh, essa é uma explicação muito boa e vai ser muito útil para mim quando as pessoas vierem perguntar o porquê disto ou daquilo. Foi por isso que te perguntei de propósito. Obrigada.

David: Penso que é muito importante... que as pessoas no vosso mundo percebam que, devido às muitas complicações e dificuldades da comunicação, o pensamento em si é a coisa predominante que importa. É o pensamento que é transmitido para ti, artificialmente. Mas na transmissão do pensamento podem existir discrepâncias, podem existir coisas que não se encaixam bem na tua forma de pensar ou na tua forma de aceitar.
Quero dizer, por exemplo, podes ter uma ideia muito formada sobre a pessoa e, uh, isso pode vir da experiência que tens, desse conhecimento prévio firme e dessa ideia fixa. Quero dizer, por exemplo, se conheceste alguém durante quarenta ou cinquenta anos na Terra e conheces a personalidade dessa pessoa e o modo de falar dela e as suas pequenas manias, e tudo isso que ajuda a compor aquela pessoa tal como a conheceste na Terra — naturalmente, se alguém vem dar-te uma mensagem, mesmo que o conteúdo seja excelente — se a voz e a personalidade não corresponderem, dirás, 'bem, não sei se era realmente essa pessoa ou se era alguém a imitá-la.'

E é aí que surge esse *papão* no vosso mundo, entre os espiritualistas e as pessoas que não aceitam... e ficam intrigadas, porque se perguntam quanto é cem por cento e quanto é realmente aquela pessoa... e quanto, uh, é imitação.
Mrs Creet: Sim.
David: Vês, há muitas coisas que têm de ser, uh, analisadas, muitas coisas que têm de ser aceites e compreendidas e tens de perceber que não existe tal coisa, fundamentalmente, ou é muito raro, esperar-se obter uma comunicação a cem por cento. Não digo que não aconteça, mas é raro e é difícil. Só uma pessoa com grande conhecimento de comunicação e uma personalidade muito forte... pode esperar passar muito de si própria... ou o que quer dizer ou transmitir.
Mrs Creet: Sim, bem...
David: É por isso que surgem dificuldades; por exemplo, há alturas, por exemplo, em que talvez eu tenha estado a falar contigo e, uh... porque sou bastante bom nisto agora, estou tão... uh, concentrado ou tão, digamos, uh... seguro de mim nisso, que consigo fazê-lo bastante bem. Mas há alturas em que, talvez, se tiver estado a falar uns vinte minutos ou assim, do vosso tempo... sinto o... o enfraquecimento. Sinto que já não estou a segurar-me tão firmemente como no início, o que é natural.

Mrs Creet: Sim.
David: Então, outra pessoa...
Mrs Creet: Entra...
David: ...entra...
Mrs Creet: Sim.
David: ...e assume gradualmente. Às vezes é tão subtil que, provavelmente, mal dás por isso.
Mrs Creet: Oh sim, sim. Já tive experiências dessas.
David: Mas o facto é que isso acontece. Vês, essa fusão, se quiseres, essa fusão de comunicação ou essa fusão de personalidade, que acontece nas sessões e por aí fora... é... é perfeitamente compreensível, porque tens de perceber que a caixa de voz ou o instrumento, se quiseres, que usamos... está numa certa frequência de vibração. Essa pessoa foi sintonizada ao longo de anos de desenvolvimento, sem dúvida, para se tornar num instrumento numa certa frequência ou vibração... e, em consequência, temos de nos sintonizar e temos de estar em harmonia com essa pessoa — é por isso que a harmonia é outra coisa muito importante nas sessões.
Mrs Creet: Sim.
David: Se tens um grupo de pessoas que estão em perfeita harmonia, que estão habituadas a sentar-se juntas durante muito tempo, que se conhecem, compreendem-se, confiam umas nas outras e têm grande afecto. Por outras palavras, se tens uma combinação e uma condição perfeitas, então torna a nossa tarefa muito mais fácil porque temos, não só o poder que é derivado dos vários participantes — como poder no sentido físico — mas temos também a harmonia mental e o espírito de cooperação e temos muito ali de que podemos dispor e usar. E, em consequência, muitas vezes conseguimos manter-nos durante bastante tempo — muito mais do que num grupo aleatório de pessoas que se juntam; cada um com a sua personalidade forte e cada um com os seus desejos e a querer isto e aquilo — e cada um a puxar por si mesmo, por assim dizer... e sem interesse pelos outros presentes. Por outras palavras, têm, talvez inconscientemente, mas um motivo egoísta... e é aí que penso que a mediunidade, uh, sente uma pressão.
Vês, um médium é um indivíduo altamente sensível, não necessariamente apenas do ponto de vista da personalidade... uh, e do temperamento, mas também do sentido psíquico de que tem esta qualidade, que foi desenvolvida — que, ao longo do tempo, se tornou tão sensível que, em certas condições, pode ser usado como instrumento de forma muito bem-sucedida.
Mas, a questão principal é que, tal como tudo o que é sensível, todos os instrumentos sensíveis, mesmo no sentido mecânico e técnico do vosso lado, se forem mal utilizados ou usados sem, uh... conhecimento, se forem manuseados de forma descuidada, por assim dizer, pelas pessoas... Por outras palavras, se alguém não sabe como cuidar de uma peça delicada de maquinaria e garantir que está a funcionar correctamente e que é cuidada, então, gradualmente, vai avariar-se.
Mrs Creet: Sim.

David: E é aí que está o problema de todos os médiuns profissionais, penso eu, que, uh... embora seja o trabalho deles espalhar a verdade (e esse é o trabalho que temos, claro) ao mesmo tempo, devem ser usados da forma certa. Devem ser cuidados e devem ser apoiados e não se deve permitir que façam isto e aquilo. Quero dizer, não estou a sugerir que alguém tenha o direito de tentar controlar outra pessoa quanto aos seus pensamentos e ações; uma pessoa deve poder desenvolver a sua própria personalidade e carácter e deve ter livre arbítrio. Mas a questão é que tem de haver o espírito de cooperação com o médium e a consciência da sua responsabilidade para com os outros e para com o trabalho que tem de fazer.
É uma tarefa tremenda e sei que há muito poucas pessoas que conseguem realmente corresponder à exigência que lhes é colocada. E quando uma pessoa se desenvolveu e foi desenvolvida, depois de muito esforço do nosso lado, então tem direito e tem... não só direito, claro, à sua própria vida pessoal, mas tem uma obrigação — tem uma obrigação para consigo mesma e para com as pessoas que ajuda e para quem trabalha e, claro, para com aqueles que

fizeram tanto por ela deste lado. Vês, se tens a mentalidade certa, se tens o médium que está disposto a dar a sua vida em serviço da humanidade e disposto a cooperar de todas as formas possíveis, então temos um canal. E quanto mais elevados forem os seus pensamentos, quanto mais, por assim dizer, pensarem em coisas espirituais e derem o verdadeiro valor às coisas que importam, então temos um instrumento com que podemos realmente trabalhar e através do qual podemos fazer grandes coisas — e temos aqui tanta esperança.
Quero dizer, sei que tem havido desilusões e contratempos e tudo isso. Mas não culpo ninguém por isso, porque seria a última pessoa... porque sei que é preciso ser humano e é preciso... é preciso, até certo ponto, quando se está num mundo material, considerar as coisas materiais. Não se pode viver no vosso mundo e estar deste lado ao mesmo tempo. Ou ser a pessoa que até gostarias de ser ou querias ser, porque às vezes não é possível. Mas a questão é que, onde há cooperação total, tanto quanto humanamente possível...
Mrs Creet: [Tosse]
David: ...não há limites para o que se pode conseguir. Quero dizer, ouvi o que te prometeram. Ouvi as coisas que disseram e não tenho dúvida de que não há limites ao que se pode alcançar — se apenas houver esta continuidade de amor e harmonia e espírito de cooperação e a consciência do que pode ser feito pelo poder do espírito. Porque não há realmente limite, quando há harmonia total e cooperação total entre o nosso mundo e o vosso. É tudo o que pedimos, nem mais nem menos.

Mrs Creet: Oh, sim, todos nós sabemos isso. Não é que não...

David: Sei pela minha própria experiência, desde que venho aqui, que... uh, as pessoas que vêm são... são mesmo bastante (sei que provavelmente ficariam irritadas se me ouvissem dizer isto) mas são pessoas maravilhosas. São realmente pessoas extremamente boas, com motivações elevadas e... e têm tanto que querem alcançar e tanto que querem... que querem transmitir. Sabes, quando vim cá pela primeira vez era muito diferente do que sou agora. Aprendi muito ao vir cá e ao ouvir e ao conhecer estas pessoas e ao começar a apreciar, gradualmente, o que estão a tentar fazer e o que procuram alcançar. Percebo que são realmente tão altruístas e dão tanto de si para descer à Terra e fazer este trabalho e dar tudo o que podem dar para ajudar, não só a ti, mas a quem quer que venha aqui, quer seja de forma normal, além do grupo habitual em que te sentas e das tuas sessões particulares...
Mas as pessoas que vêm cá; estive aqui muitas vezes quando vieram pessoas e estavam com grande tristeza e grande necessidade, e a forma como trabalharam deste lado para ajudar essas pessoas, para trazerem os seus entes queridos e ajudarem a confortá-las e a dar-lhes uma nova forma de viver — foi uma grande revelação para mim, porque realmente eles abdicam de muito. Não creio que ninguém perceba bem o quê. Seriam os últimos a dizer-to. É verdade que o tempo que passam na Terra é insignificante, em termos de tempo. Isso é tudo muito verdade e eles dizem isso muitas vezes. E eu não teria razão para... para negar isso, mas parece-me que não é uma coisa fácil. Sei, pela minha própria experiência, que não é uma coisa fácil.
Quando já viste e experimentaste e viveste num mundo que está tão distante, em tantos aspetos, da Terra; onde tudo é muito mais... muito mais nobre, muito mais belo e muito mais elevado... voltar a entrar nos velhos modos de pensar e viver da Terra é... nós fazemos isso, de certo modo, por um tempo quando aqui vimos. Não é fácil.
Mrs Creet: Não. Eu sei. Mudaste muito, David e...
David: Oh, ao início eu levava as coisas muito mais na brincadeira do que agora. Eu tinha... ainda tenho sentido de humor.
Mrs Creet: Sim, sim, sim...

David: Mas a questão é que percebo que nunca costumava pensar muito profundamente. Não era... não que fosse exatamente "superficial", porque não acho que, por natureza, alguma vez tenha sido mau, não realmente mau ou que pensasse mal dos outros. Eu era... na verdade,

provavelmente era um tanto ingénuo, mas ao mesmo tempo vivia mais ou menos como queria e não pensava no amanhã. Era bastante despreocupado, mas agora penso muito mais profundamente e percebo que a vida é um assunto sério e não algo por que se passa de um dia para o outro. E não falo apenas da vida do vosso lado, mas desta vida também. A vida é uma... é uma experiência. É um presente precioso...
Mrs Creet: É e é uma continuação desta.
David: Pois... e há tanto para assimilar, tanto para aprender e tanto para conhecer, e tanto para viver de tantas formas diferentes. E percebo agora, mais do que alguma vez percebi, que muitas vezes são as coisas difíceis que são as mais importantes. Não as coisas que são simples e fáceis, não os momentos mais felizes talvez, quando tudo corre bem. Essas coisas são naturais, que mais gostamos, é humano, mas...
Mrs Creet: Ah! Ah!

David: ...mas são os reveses da sorte... e as desilusões na vida e a compreensão que vem da dor e do sofrimento, que nos fazem aprender. Aprende-se muito mais do que se aprende tendo tudo à nossa maneira e conseguindo tudo o que se quer. Porque mesmo essas coisas, por muito importantes que sejam no momento, perdem o encanto muito depressa, porque descobres, afinal, que não querias isto ou aquilo assim tanto como pensavas e não saiu bem como esperavas. Na verdade, há tantas desilusões nas coisas que pensamos querer e gostar e assim por diante, que descubro que é nos reveses da sorte, na tristeza e nos contratempos... que nos tornamos mais bondosos, mais humanos, mais compreensivos, mais tolerantes, mais pacientes. Na verdade, aprendemos todas as boas qualidades, curiosamente, através dos maus acontecimentos, sabes.
Mrs Creet: É bem verdade. É através do mal que se aprende...

David: Pois... há um velho ditado, "do mal vem o bem" e nós não sabemos realmente o que é o mal. O mal foi, por vezes, mal interpretado.
Mrs Creet: Sim, sim.
David: Acho... acho que tendemos a pôr a palavra mal em todo o tipo de coisas que são contra o que queremos ou contra o que pensamos. Claro que sabemos que há coisas que são claramente más; do ponto de vista de serem perversas e erradas, mas ao mesmo tempo, muitas das coisas que desprezamos e que nos incomodam e as coisas que tentamos evitar, se pudermos — curiosamente, são as coisas que mais nos ensinam. Aprendi bastante.
Mrs Creet: Bom, David! Fico tão feliz por ouvir isso.
David: Oh, já não sou bem a mesma pessoa.
Mrs Creet: Estás contente? Não estás... estás contente agora onde estás?
David: Suponho que de certa forma se pode dizer que estou contente.

Mrs Creet: Sim.

David: Contentamento é uma palavra estranha de usar. Em tempos, provavelmente na Terra, eu pensaria em contentamento como sendo poder fazer o que quisesse quando me apetecesse e poder pagá-lo e essas coisas todas, mas isso não é realmente contentamento... isso é, na verdade, o contrário, de certa forma. O que penso é que estou contente. Ao mesmo tempo, percebo que ainda há tanto para viver e aprender, mas estou ansioso por saber ou ansioso por descobrir. Por isso, de uma forma estranha, suponho que estou contente e descontente.
Mrs Creet: Ah, sim. Isso mesmo, é assim... é assim que deve ser... que se... que se...
David: Sabes, é como viver numa casa muito bonita e gostares muito dela e ela dar-te grande alegria e felicidade; parece que tens lá tudo o que queres, mas há várias portas que estão trancadas e não tens a chave.

Mrs Creet: Sim.

David: E pensas, “Oh, pergunto-me o que estará lá atrás daquela porta. Quem me dera ter uma chave para aquela porta”, e não percebes que não podes passar por essa porta, não podes abri-la até teres feito por merecer a chave para o fazer.

Mrs Creet:
Sim. Sim, isso é verdade.
David: Acho que a vida é assim — às vezes parece que tens tudo. Mas ao mesmo tempo há coisas que... que não tens, porque não as vês, não estás consciente delas. Só quando os teus olhos se vão abrindo é que podes perceber que há coisas ali o tempo todo, que nunca percebeste que existiam. Não abres os olhos até tu mesmo teres feito por valer a pena e possível.
Por outras palavras, tens dentro de ti a chave para abrir todas as portas; e há sinceridade e propósito e a compreensão de que fazes parte de um grande plano e que não podes viver só para ti, mas tens de partilhar aquilo que tens com os outros. E deves perceber que o que quer que tenhas não é realmente teu, é apenas emprestado por um tempo — e que a partir disso podes ganhar experiência. Mas qualquer experiência que tenhas não pode satisfazer-te totalmente, pela simples razão de que há sempre outras coisas que sabes que algures existem, e tens de encontrar o caminho.
Por outras palavras, é uma luta eterna dentro de nós para nos expressarmos, uma luta por compreensão e para encontrar o caminho. E quando encontras esse caminho, percorres-no e às vezes — embora saibas que estás no caminho certo — sentes que tens de parar um pouco e ganhar mais força para avançar. E, sabes, a vida é cheia de interesse. Nunca deixa de interessar, não importa qual o aspeto dela que tens em mente, há sempre algo de novo. Há sempre coisas estranhas que podem acontecer.
Mrs Creet: Oh, essa é a beleza disso.
David: É uma grande aventura e acho que esse é todo o segredo; é olhar para a vida em todos os aspetos, em qualquer esfera em que estejas — quer seja na Terra ou aqui. Seja qual for o grau em que estejas, é apreciá-la e fazer um esforço um pouco maior cada dia, para ganhar mais conhecimento e experiência e tornar isso possível pensando, não só em ti, mas nos outros.
Mrs Creet: Sim.

David: Sabes, aprendes mais através dos outros e ajudando os outros do que alguma vez aprenderás sentado a coçar os polegares.
Mrs Creet: Sim, é bem verdade. Bem verdade, David. Que lindo discurso deste hoje!
David: Um bocado. Um bocado, posso garantir-te. Um bocado. Mas talvez não o diga assim tão bem, mas... sinto-o muito intensamente, mesmo assim.
Mrs Creet: Disseste-o muito bem. Estou muito, muito satisfeita.
David: Eu estou sempre ansioso pelos vossos encontros, tu sabes disso.

Mrs Creet: Sim.
David: Porque sei que, uh... contigo, posso ser eu mesmo, posso falar naturalmente... e posso abrir-me. E, na verdade, para ser completamente honesto quanto a isto, tiro um enorme prazer de vir falar contigo e também sinto, o tempo todo, que de uma forma estranha, também estou a aprender.
Mrs Creet: Estás a aprender?

David: É estranho.

Mrs Creet:
Bem, fico muito, muito feliz por teres encontrado o teu caminho até aqui.
David: Mas não tens motivo para te preocupares.

Mrs Creet: Não.

David: Eu sei... sei que já te disseram isto muitas vezes e deves estar farta de ouvir, mas é verdade; embora a tua vida nem sempre seja fácil e o rumo das coisas não aconteça, talvez, da forma como gostarias, ao mesmo tempo eu sei, eu sei que não tens razão para estar demasiado preocupada com o futuro.
Mrs Creet: Não. Está bem, David. Espero que sim... [da nossa parte].
David: Eu sei que quando vieres para aqui, haverá uma receção tão calorosa para ti.
Mrs Creet: [Riso]
David: Eu estarei lá.
Mrs Creet: E eu vou ficar muito feliz.

David: De qualquer forma, tenho de ir agora porque o poder está a enfraquecer. Mas foi bom falar contigo e sei que todos aqui — e isso inclui todos os entes queridos que associas à tua vida pessoal — todos te enviam o seu amor e a sua bênção.
Mrs Creet: Obrigada!

David: E tenho a certeza de que terás o teu namorado de volta em breve.

Mrs Creet: [Riso]

David: Adeus.
Mrs Creet: Adeus, David...

Mickey: Adeus.
Mrs Creet: ...obrigada...

RAINHA ALEXANDRA — 1960

Em 1863, a Princesa Alexandra da Dinamarca casou-se com o Príncipe Eduardo da Grã-Bretanha e tornou-se Princesa de Gales. Em 1901, após a morte da sua mãe, a Rainha Vitória, Eduardo tornou-se o Rei Eduardo VII e Alexandra tornou-se Rainha. Após a morte de Eduardo, em 1910, o título de Alexandra mudou mais uma vez e ela passou a ser a Rainha-Mãe do seu filho, o Rei Jorge V. Alguns anos depois, Alexandra participou numa sessão espírita em Londres com o médium escocês John Sloan para comunicar com o seu marido no mundo espiritual. Então, em 1960, Alexandra voltou para comunicar ela própria, pela primeira vez desde a sua própria morte, nesta sessão espírita de Leslie Flint...
A sessão espírita com John Sloan foi também assistida por Sir William Barrett, Sir Arthur Conan Doyle, Sir Oliver Lodge, Sir Thomas Lipton e os cientistas Richard E. Byrd e Guglielmo Marconi. Detalhes retirados do livro 'On the Edge of the Etheric' de J. Arthur Findlay.
Presentes: George Woods, Betty Greene, Leslie Flint.
Comunicadores: Dr. Charles Marshall, Rainha Alexandra, Mickey.

Marshall: ...voltar a falar convosco outra vez. Perguntava-me se me conseguem ouvir?
Greene: Sim, conseguimos ouvi-lo muito bem.
Marshall: Marshall aqui.

Woods/Greene: Sim.
Marshall: Há várias almas aqui que são bastante novas nisto.
Greene: Ótimo.
Marshall: Na verdade, espero que possamos conseguir trazer algumas delas até vós... mas poderá haver dificuldades... poderá ser necessário várias sessões, mas veremos... sei o quão interessados estão em contactar certas entidades e almas deste lado que possam ser de interesse para as pessoas do vosso lado e, o tema de que poderiam falar seria de grande valor... mas, como já disse, vários deles são bastante novos na comunicação e provavelmente acharão muito difícil no início e poderão precisar de várias tentativas. Duvido que consigam necessariamente à primeira. De qualquer forma, veremos o que conseguimos fazer.
Greene: Obrigada.
Woods: Muito obrigado.
Marshall: Tenham só um pouco de paciência. Espero que não demoremos muito.
Greene: Obrigada.
Woods: Muito obrigado, Dr. Marshall.
[Pequena pausa]
[Flint assoa-se]
[Som de trânsito do exterior]
Greene: Olá?
Woods: Olá.
Alexandra: Como estão?
Greene: Como está?
Woods: Como está?
[Pequena pausa]
[Flint assoa-se]
Woods: Olá?
Alexandra: Não sei se conseguem ouvir?
Woods: Sim.
Greene: Conseguimos ouvir muito bem...
Woods: Está muito claro.
Alexandra: É muito difícil.
Woods: Muito claro.
Alexandra: Tenho muita dificuldade em falar convosco, mas vou tentar.
Greene: Sim, conseguimos ouvi-la.
Woods: Conseguimos ouvi-la.
Greene: Quem está a falar?
Woods: Vá lá, amigo, conseguimos ouvi-lo...
[Flint assoa-se]
Woods: ...bastante claro. Está bastante claro.
Greene: Soa bastante claro, sim.
[Pausa mais longa]
[Flint assoa-se]
[Alguma interferência digital]
Woods: Olá?
Greene: Olá?
Woods: Olá...
Alexandra: Peço desculpa. É extremamente difícil, muito mais difícil do que se poderia pensar.
Greene: Sim? Quem está a falar, por favor?
Woods: Muito claro.
Greene: Sim...
Woods: Está muito claro, conseguimos ouvi-la bastante bem.
Alexandra: Lamento muito, porque sinto que estou...

[Pequena pausa]
Greene: Pode dizer-nos o seu nome?
Alexandra: O meu nome é Alexandra.
Woods: Ah, sim, sim.
[Flint assoa-se]
Greene: Alexandra?
Woods: Conseguimos ouvi-la bastante bem.
Greene: Vá lá, é maravilhoso.
[Pequena pausa]
Woods: Está bastante claro.

Alexandra: Nunca fui capaz de falar desta forma antes, mas desejei muitas vezes fazê-lo.
Greene: Está a fazê-lo muito bem.
Alexandra: Estou aqui com muitos que... tal como eu... continuam a ter grande interesse nos assuntos deste país, e de facto de todo o mundo.
Woods: Sim.
Greene: Sim?... posso fazer-lhe uma pergunta?
Alexandra: Eu sei o que vais perguntar, minha querida.
Greene: Sabe?
Alexandra: Sim, sou eu.
Greene: Rainha Alexandra? Claro... ahh!
Alexandra: Mas devo dizer que fui, porque já não estou nessa condição. Aqui, nós, naturalmente, não temos títulos.
Greene/Woods: Sim.
Alexandra: Aqui somos conhecidos por nós próprios, tal como somos pela nossa natureza e carácter; não pela nossa posição quando estávamos na Terra.
Greene: Oh, por favor, pode contar-nos tudo, como foi a sua passagem e o que faz agora?
Alexandra: Isso é...
Woods: Lembro-me muito bem de si.
Greene: Eu também.
Woods: Sim.
Alexandra: Sabem... a vida... é... muito mais do que parece à superfície. Descobri bem demais que a única... coisa importante é... fazer... o trabalho de Deus.
Woods: Sim... sim.
Alexandra: Às vezes não vemos sempre... a oportunidade que está... mesmo à nossa porta. Muitas vezes um homem ou uma mulher vai procurar longe e, no entanto, se pudesse perceber, a oportunidade está dentro de si e mesmo ao seu lado. Na minha vida, dentro de certos limites, pude fazer alguma coisa para o bem do mundo. Mas compreendo que, se alguém quer servir a humanidade, se alguém quer fazer o trabalho que trará paz, que trará tranquilidade de espírito e harmonia entre nações e povos, devemos, acima de tudo, olhar internacionalmente e não nacionalmente. Os dias passaram em que alguém podia colocar-se a si próprio ou ao seu próprio país em primeiro lugar. Cheguei à conclusão de que devemos ter um espírito internacional. Devemos derrubar as barreiras que existem entre povos e nações. Devemos lembrar-nos agora... que a ciência aproximou todos os povos como se estivessem sob o mesmo tecto. Já não há distância. O homem vive quase, pode-se dizer, à porta uns dos outros. Já não se pode permitir ter estas barreiras que o homem construiu ao longo de séculos. Devemos aprender a viver juntos em paz, conscientes das consequências da guerra, conscientes de que agora não há escapatória para ninguém. Portanto, essas ideias do passado, quando sentíamos que podíamos viver em segurança, como se fosse, na nossa ilha fortaleza; esses dias passaram para sempre. Já não há barreiras agora, já não há muralha de protecção. O mar já não protege esta ilha.

Por outras palavras, o homem avançou cientificamente a tal ponto que tornou... a vida muito difícil, e como há tanto medo no mundo, é preciso encontrar uma forma de o erradicar. É preciso ter fé e confiança, e é preciso ver as nações do mundo unidas em harmonia e paz. Tomar consciência das consequências da guerra, por si só, seria suficiente para ter impedido qualquer nação ou nações de pensarem segundo os velhos moldes, e, no entanto, ainda há aqueles no vosso mundo que não aprenderam a lição do passado. As guerras geram guerras, o ódio gera ódio, a intolerância gera intolerância. Temos de encontrar a solução para estas coisas. Temos de tentar fazer o homem, em todo o lado, consciente da sua herança; a herança que é, por natureza, sua própria; que são todos filhos de um Deus vivo e que não há barreiras, que são todos um só, independentemente de classe, credo, cor ou língua. Já não se pode pensar em termos de impérios. Hoje é preciso pensar em termos de harmonia entre todos os povos...

Greene: Sim...

Alexandra: ...entre todas as nações. Na verdade, parece-me que agora deveis considerar-vos membros de todas as nações, de todas as raças. Já não podeis dizer que sois isto ou aquilo. Já não existem barreiras, apenas aquelas que o homem, na sua ignorância e tolice, cria dentro de si mesmo. Têm agora uma grande oportunidade, uma oportunidade maravilhosa de formar uma nova conceção de vida, uma nova forma de viver. Tenho a certeza de que este medo que pesa tão fortemente sobre as nações dará lugar a algo que será muito maravilhoso. Sinto dentro de mim que esta consciência de que a guerra agora é impossível — pois, se acontecesse, seria a destruição de tudo aquilo que conhecem e prezam —, esta consciência do poder, do poder atómico, acabará por unir todos os homens, e o medo será erradicado e o amor e a harmonia prevalecerão. Naturalmente, existem muitas dificuldades, mas podem ser ultrapassadas.

Gostaríamos de ver uma língua universal. Se isso pudesse ser criado, seria um enorme passo na direção certa. Espero muito que isso possa ser tentado ou concretizado.

Greene: Poderia dizer-nos algo do que está a fazer... [Flint assoa-se]
Greene: ...do outro lado, da sua vida... agora? [Pequena pausa]

Alexandra: A minha vida aqui tem sido uma constante mudança. E com isto quero dizer que, à medida que fui adquirindo conhecimento e experiência, fui-me encontrando, consequentemente, em diferentes ambientes, de acordo com a minha progressão. E durante o tempo que tenho estado aqui, vi muitos aspetos da vida, muitas mudanças, muitas pessoas; que, em si mesmas, foram responsáveis por grande parte da minha educação, da minha experiência e do meu desenvolvimento. Passa-se por várias fases, várias esferas, conforme o desenvolvimento de cada um depois de deixar a Terra. Felizmente, embora eu não tivesse conhecimento, no sentido aceite, de vida após a morte, tinha uma grande consciência interior, uma grande perceção interior de que a vida continuava. E quando cheguei aqui não foi como se estivesse numa vida tão estranha como talvez pudesse ter sido para alguns. Para mim não era desconhecida e percebo também que, durante o meu chamado estado de sono quando estava na Terra, muitas vezes viajei pelo reino espiritual e, por assim dizer, previ muitas das pessoas e lugares que acabaria por encontrar e herdar, em consequência da transição chamada morte.

Vi muitas grandes almas, muitas que conheci na Terra, muitas que partiram antes de mim, e foram muitas vezes de grande ajuda para mim, guiando-me e levando-me a várias esferas e lugares. Passei por muitas escolas ou condições de educação. Aprendi muitas coisas e agora sou capaz de ensinar. E tenho, já há bastante tempo, como vocês diriam, visitado esferas mais baixas para ensinar aqueles que são menos afortunados; para lhes dar uma visão de uma forma de vida para que se possam desenvolver e elevar-se para fora da escuridão em que existem: a

escuridão das suas próprias mentes, e assim ver e conhecer aquilo que está mais além, e que, se assim o desejarem, pode estar muito próximo.

Pois aqui tudo é uma questão de grau, uma questão de desenvolvimento da mente e do espírito e da consciência que surge, de que se pode progredir e de que o caminho para progredir é através da aprendizagem, da experiência e da prática daquilo que se adquiriu em conhecimento. Fiz muito, sinto, nesse sentido, e consegui ajudar muitas almas ligadas à Terra e muitas que estavam, por assim dizer, em esferas mais baixas; não desenvolvidas e não progredidas. Mas entre aqueles que achei mais difíceis, estão aqueles que se agarraram desesperadamente a velhas crenças religiosas, aqueles que tinham, por assim dizer, ideias muito fixas. Esses são, para mim, os mais difíceis de lidar.

Aqueles cujas mentes estão mais abertas, mais receptivas, são obviamente muito mais fáceis de ajudar, de instruir e de desenvolver. Mas aqueles cujas mentes estão fechadas, aqueles que têm uma conceção muito rígida e estreita, particularmente da religião, são os que achei mais difíceis. Na verdade, é muito extraordinária a atitude de algumas destas almas. Há, por exemplo, grandes grupos de almas totalmente dentro da sua própria mente, nas quais consideram que são os únicos que existem nesta esfera de vida ou fase de existência. Por outras palavras, estão à espera do grande dia da ressurreição, quando voltarão à Terra e herdarão o Reino de Deus na Terra.

Têm esta conceção estreita: de que estão numa condição de vida ou suspensão do tempo até ao momento em que se reformarão na Terra nos seus corpos físicos. É muito difícil fazê-los mudar de perspetiva, de ideia e de forma de vida; não direi que são infelizes, mas vivem numa condição tão restrita, estreita e confinada de mente, que temos tido grande dificuldade em ter qualquer efeito ou em alcançá-los. Na verdade, para mim, são os mais difíceis.

Greene: Mmm... Posso fazer-lhe outra pergunta?
Alexandra: Sim, claro.
Greene: Pode dizer-nos, na verdade, quando passou, onde se encontrou, em que... eu ia dizer, não exatamente 'país', mas como se encontrou?
Alexandra: Eu... lembro-me muito vividamente de acordar num quarto que era muito semelhante a um quarto de que eu gostava muito, muitos anos antes, na minha existência terrena. Em todos os aspetos parecia ser uma réplica exata: as cores, os materiais, o mobiliário. Na verdade, tudo nele era uma reprodução perfeita; tanto que, de início, não percebi que tinha falecido. E lembro-me muito bem da vista lindíssima da janela, com a relva verdejante, o relvado e o terraço e, lá em baixo, ao longe, o rio. Era um local de que eu gostava muito. E neste quarto, quando acordei, estavam muitos dos meus parentes e amigos que eu tinha conhecido. Foi quase como uma espécie de receção, que de facto foi. E devo admitir que foi uma grande alegria para mim encontrar todos esses amigos e todas essas almas que tanto significaram para mim na minha vida terrena, e ter a sensação de paz e a perceção de que estava num ambiente no próprio quarto onde fui mais feliz. Era um quarto que me tinha dado grande alegria e prazer muitos, muitos anos antes.

Na verdade, agora percebo muito bem que fui muito afortunada na minha passagem, por ter sido tão abençoada. E muitas vezes recordo na minha mente muitas das coisas e acontecimentos da Terra. E tentei tantas vezes perceber porque é que fui tão afortunada. Compreendo, claro, à minha maneira, e de certa forma, talvez de uma forma algo limitada, que procurei fazer o que pude para servir e ajudar. Mas sabem, é algo extraordinário, quando alguém está tão ligado como eu estava a uma família que é chamada ao serviço e tem de assumir o peso e a responsabilidade da Coroa, uma pessoa está, de certa forma, embora muitas vezes a servir, muitas vezes a trabalhar num campo limitado. Com isto quero dizer que, embora

se possa servir aqui e ali, possa ser chamada a cumprir este ou aquele dever, ainda assim, em certa medida, faz-se as coisas, não exatamente de forma automática, mas faz-se porque em parte é o dever, que se deve cumprir, em parte porque é essencial e importante no sentido de Estado, mas muitas vezes sente-se que há coisas que se poderia ter feito ou teria gostado de fazer, mas não se... não se pôde fazer. Na verdade, se se tentasse fazer certas coisas, ter-se-ia causado atrito ou comentários em certos meios e, na verdade, talvez teria sido mal recebido.

Muitas vezes, sabem, quando... eu estava de visita, ou talvez... quando estava hospedada num certo lugar, certas coisas eram-me trazidas à atenção — não por aqueles à minha volta, mas muitas vezes por acaso, não de propósito — e eu ficava horrorizada com certas coisas que experimentava ou testemunhava, especialmente entre os pobres. A pobreza era algo que me afetava muito, e mesmo assim sentia-me tão impotente, podia fazer tão pouco, e de uma forma pequena tentei. Mas sabem, especialmente no meu tempo, era extremamente difícil para uma pessoa na minha posição fazer muito pelos pobres. E eu estava sempre consciente dos pobres e sempre desejosa de os ajudar, e foi uma das maiores desilusões da minha vida sentir que uma pessoa na minha posição e com — o que tantas pessoas consideravam, e suponho que pode ser considerado — poder, pudesse fazer tão pouco, na verdade nada. E penso que foi uma das maiores desilusões da minha vida, ter podido fazer tão pouco por aqueles que precisavam de tanto.

A pobreza preocupava-me terrivelmente. Causava-me grande dor, e havia tanto disso no meu tempo. Estava tão habituada ao fausto e à cerimónia, tão habituada ao lado mais agradável e feliz da vida. Tudo era, claro, tornado o mais agradável e bonito possível, e mesmo assim eu estava sempre consciente da pobreza e tentava ajudar tanto quanto podia — nos hospitais também.

Aqui, por exemplo, tenho grande interesse pela doença mental, que, claro, é em grande parte a causa da infelicidade do mundo — refiro-me ao vosso mundo — e, em grande medida, também do nosso. Pois muito do sofrimento e do problema aqui, entre aqueles menos desenvolvidos, está na condição mental. Na verdade, eu iria tão longe a ponto de dizer que grande parte dos problemas do mundo, tanto de doença como de outras formas, deve-se à mente. Se ao menos conseguíssemos alcançar as mentes das pessoas e mudar a sua forma de ver e a sua atitude, se ao menos conseguíssemos isso — e, claro, é exatamente isso que estamos constantemente a tentar fazer. Estamos a tentar alcançar as mentes da humanidade, onde quer que esteja, independentemente da sua condição de vida. Qualquer que seja a sua nacionalidade, estamos constantemente a trabalhar sobre as mentes das pessoas, especialmente daqueles que ocupam lugares de destaque e que têm o destino das nações nas suas mãos. Estamos a esforçar-nos por incutir paz, incutir as coisas que são de Deus, para que possam unir-se no futuro e salvar o mundo de si mesmo, da destruição. Estou convencida de que isso será feito, e tenho a certeza de que o homem encontrará um novo caminho, uma nova forma de vida, onde poderá trabalhar em harmonia e amor, nação com nação, povos com povos, e a vontade de Deus poderá realizar-se. Estamos a lutar desesperadamente por isto, para fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para ajudar.

Woods: Posso fazer-lhe uma pergunta?
Alexandra: Sim, meu amigo.
Woods: Posso perguntar se encontrou o falecido Rei?
Alexandra: Claro que sim, encontrei todos os membros da nossa família.
Woods: Sim.
Alexandra: E talvez, num futuro próximo, outros possam também falar convosco. Desejei muito vir falar e terei de voltar outra vez. Tenho de ir.

Greene: Posso transmitir uma mensagem sua... para alguém, da sua parte?
Alexandra: Duvido que fosse recebida.
Greene: Pois, é isso, compreendo, sim.
Alexandra: Mas isto é tudo o que realmente importa: que continuemos a servir e a ajudar, num sentido mais amplo, toda a humanidade. Já não estamos restringidos, já não somos, de forma alguma, obrigados a conformar-nos a políticas ou religiões. Agora não estamos presos em nenhum sentido. Somos livres para falar e agir, completa e absolutamente como filhos — pois assim somos, de facto, filhos de um único Deus — empenhados em servir todos os Seus filhos em todo o mundo. Isso é liberdade. Liberdade de espírito. Trabalhar, servir e amar todos os filhos da Terra, todas as nações da Terra. Agora somos uma grande família: a família de Deus. Abençoados sejam, meus amigos.
Woods: Lembro-me...
Greene: Muito obrigada por ter vindo.
Woods: Lembro-me tão bem de si...
Greene: Eu também.
Mickey: Tchauzinho!
Greene: Oh, adeus Mickey, obrigada Mickey.
Woods: Muito obrigado.

CHARLES MARSHALL — FRÉDÉRIC CHOPIN FOI AKHENATON
Quinta-feira, 13 de Março de 1958

Durante a sua vida, o Dr. Charles Marshall foi um dermatologista e especialista em cancro de grande reputação. Após a sua morte em 1940, a sua esposa Blanche começou a assistir a sessões espíritas de Flint para comunicar diretamente com ele. O Dr. Marshall tornou-se um comunicador regular nas sessões de Flint durante quase 50 anos. Aqui fala com Rose Creet sobre o tema de vidas passadas e como alguns comunicadores espirituais podem apresentar-se como personalidades de uma vida anterior. Ele refere-se em particular a Frédéric Chopin, que, segundo Marshall, foi outrora Akhenaton do Egipto...

Flint: [Esta sessão foi gravada no]... 13 de Março de 1958. Participante, Rose Creet. Médium, Leslie Flint.
Creet: ...não pense em nada, Mamoose.
Flint: Não estou a pensar em nada.
Creet: Ótimo.
[Curto silêncio]
Marshall: [É] uma pessoa muito invulgar aquela que consegue sentar-se e não pensar em nada.
Creet: Peço desculpa?
Marshall: Como se consegue isso, Rose?
Creet: O que quer dizer?
Marshall: Ser capaz de se sentar e não pensar em nada?
Creet/Flint: [Riso]
Creet: Bem, conheço o médium tão, tão bem que não quero que a sua mente seja perturbada durante a sessão. Por isso é que lhe pedi isso [Riso].
Marshall: Pois, imagino que não gostaria que a mente dele fosse perturbada com coisa alguma, em momento algum.
Creet: Isso é bem verdade, mas é impossível.
Marshall: Compreendo. Bem, vamos passar a outro assunto.
Creet: Há uma coisa que eu queria perguntar-lhe, querido Doutor, que me deixou um pouco intrigada...

Marshall: O que é?
Creet: Posso?
Marshall: Sim.
Creet: Quando Akhenaton apareceu da última vez, na minha última sessão, a sua voz era totalmente diferente da primeira vez, quando tomou posse do médium.
Marshall: Quando diz «tomou posse», quer dizer que ele estava em transe?
Creet: Sim.
Marshall: Bem, isso pode explicar.
Creet: Era só isso, queria perguntar-lhe isso. Mas porquê, porque é que isso explica?
Marshall: Bem, penso que a questão é que, hum, quando um médium é usado...
Creet: Sim...
Marshall: ...a ideia própria que ele tem das coisas, se é que se pode dizer assim, ou a sua própria impressão...
Creet: Sim...
Marshall: de certa forma estranha, inibe ou afeta a entidade comunicadora.
Creet: Entendo...
Marshall: Por exemplo, se a mente consciente ou subconsciente do médium pensa que certa pessoa deveria ter determinado tipo de sotaque, ou esperaria isso, a entidade que comunica provavelmente adoptaria isso automaticamente ou pareceria que o assume. Por outras palavras, quando o médium é completamente anulado do fenómeno, então há muito mais probabilidade de o indivíduo em causa, que está em contacto, conseguir vir de forma mais natural e falar com uma voz não muito diferente da que usaria quando estava na Terra ou que usaria aqui se fosse falar.
Creet: Entendo.
Marshall: A questão é que se deve ter isto muito claro: a voz em si é sempre algo artificialmente reproduzido e nunca se deve antecipar ou esperar que a voz que se ouve seja necessariamente idêntica à verdadeira voz ou à voz comum dessa pessoa quando estava na Terra, hum... tudo depende do grau de mediunidade e da mentalidade do médium.
Creet: Sim.
Marshall: O médium que consegue eliminar-se completamente do fenómeno tem mais probabilidades de produzir não só provas mais impressionantes, mas também de reproduzir mais fielmente a voz da entidade comunicadora. No fim de contas, devem compreender que toda a comunicação é um processo mental; é tudo pensamento transformado em som.
Creet: Oh sim, sei disso, querido Doutor, mas queria apenas saber...
Marshall: ...e assumindo... assumindo que cada voz que vos chegasse falasse sempre da mesma maneira e tivesse, ou parecesse ter, a mesma personalidade, então penso que se poderia dizer que o médium estaria muito envolvido no fenómeno. Por outras palavras, a consciência do médium estaria a afetar muito o fenómeno. Mas quando se obtém uma voz que tem as suas próprias peculiaridades, que é diferente no tom e na qualidade e diferente na forma de falar, usando talvez expressões que poderiam ter sido familiares a essa pessoa em vida... por outras palavras, quando surge uma personagem deste lado com a sua própria personalidade, o seu tipo próprio evidente, então podem ter mais ou menos a certeza de que estão a receber uma boa parte do espírito comunicador. Mas nunca se deve esquecer que, em qualquer momento, há de haver, algures, algum traço da personalidade do médium. Por exemplo, deve ser bastante óbvio para si ou para qualquer um... quero dizer, por exemplo, já a ouvi dizer ao Mickey «oh, vamos lá Mamoose» ou algo assim, o que indica que está consciente, de forma subconsciente, da influência ou interferência ou consciência, de algum modo, da mediunidade. Claro que aí há também um ponto interessante; há uma grande 'ligação', obviamente, tem de haver, entre alguém, digamos, como o Mickey e o médium. Onde existe tal colaboração tão próxima...

Creet: Sim.
Marshall: ...essa ligação tão próxima entre um instrumento, um médium, e a entidade, como o

Mickey, que é realmente um espírito de controlo que está sempre por perto, que provavelmente consegue afirmar-se mais e consegue fazer melhor uso do poder de um médium como aquele que usamos; então é inevitável que se crie esse tipo de ligação. Talvez seja difícil para ti perceberes que o médium, embora inconscientemente, está consciente... inconscientemente ligado ao fenómeno. O Mickey e ele são praticamente inseparáveis.
Creet: Sim. Oh, sim, eu sei disso, querido doutor.
Flint: [Limpa a garganta]
Creet: Eu só estava a pensar nisso...
Marshall: Mas isso não quer dizer que, por isso ser assim, a entidade que conheces como Mickey não seja uma entidade distinta e separada...
Creet: Uma individualidade distinta, oh sim.
Marshall: Mas vê, há uma ligação tão forte entre os dois; o médium e a entidade de controlo, neste caso o Mickey, que é muito difícil para alguém como tu, que já se sentou inúmeras vezes, não esquecer às vezes quem é quem. Por outras palavras, eles estão tão próximos que, hum, é intrigante...
Creet: Sim, e a palavra 'fluídico' é muito expressiva para isso.
Marshall: Sim. Bem, penso que se deve ter em mente que o fenómeno, este tipo de fenómeno e, na verdade, qualquer tipo de fenómeno, é, num certo sentido, algo fluídico. Como já disse antes, é duvidoso que se possa eliminar completamente o médium; de vez em quando pode acontecer.
Creet: Mas o senhor parece sempre estar distintamente separado do médium.
Marshall: Sim, claro, porque eu afirmo-me. Vais ver que qualquer alma deste lado que tenha uma personalidade afirmativa, assertiva, invariavelmente se sai muito melhor. É por isso que algumas pessoas que são mais, digamos, retraídas e menos propensas a dar o passo em frente, que são, hum, um pouco inibidas, hum, têm mais dificuldade.
Creet: Sim, é tudo muito interessante. Mmm...
Marshall: É por isso que o teu amigo Frédéric se sai tão bem.

Creet: O quê? Frédéric o quê?
Marshall: Disse que é por isso que o teu amigo Frédéric se sai tão bem.
Creet: Sim.
Marshall: Ele pode assumir o que quiser.
Creet: Eu sei. Estava a perguntar-me se há algum tipo de...
Marshall: Na verdade, penso que ele teria sido um ator brilhante.
Creet: Sabes, ele preocupa-me, querido doutor.
Marshall: Não sei porque é que isso te deveria preocupar, minha querida.
Creet: Porque ele...
Marshall: Porque às vezes ele é... sabes, vou ser completamente honesto contigo, não vale a pena andar com rodeios contigo, Rose, és demasiado perspicaz... Há algum tempo eu disse-lhe para não vir tão frequentemente porque não achava que fosse bom para ti, para a tua tensão arterial e para a tua saúde em geral, mas ele tem vindo várias vezes disfarçado.
Creet: Eu sei!
Flint: [Riso]
Creet: Sabes, tenho pensado nisso, querido doutor... e neste Akhenaton...
Marshall: Vês, se recebes uma entidade que se apresenta como Akhenaton ou se alguém se apresenta como Jock, tu aceitas. Mas o que não percebes é que é uma personalidade adicional do Frédéric.
Creet: Ora esse Akhenaton... quer dizer, eu estava muito desconfiada.
Marshall: Bem, não há razão para não estares. Quando digo desconfiada, acho que nunca poderás perceber isso, Rose, poderás? Que o Frédéric é uma das almas mais antigas de todas. Ele é tão antigo, na medida em que já teve tantas encarnações, é uma personalidade tão desenvolvida. É uma pessoa tão extraordinária, sabes, que teve tantas existências e Akhenaton

foi uma das suas vidas passadas.
Creet: Foi?
Marshall: ...e essa é uma razão... Vês, Rose, a questão toda contigo é esta: tu... talvez, bem, tu sabes isso, mas muita gente não sabe, especialmente as pessoas do teu lado... e houve um tempo em que não terias aceitado o Frédéric, nem por nada. Se alguém tivesse aparecido e dito, há dez anos ou até cinco anos, talvez, que era o Frédéric Chopin, terias ficado extremamente desconfiada. Provavelmente terias ouvido com interesse, mas não terias acreditado numa palavra. A questão é que o Frédéric foi ter contigo sob diferentes disfarces, em momentos diferentes, até chegares ao ponto de estares pronta para a revelação completa. A questão, Rose, é que estás a começar a perceber gradualmente que nós podemos, à vontade, assumir 'cascas' antigas ou podemos assumir personalidades antigas. Sabes, os Teosofistas têm toda a razão quando falam em 'cascas astrais'.
Creet: Sim...
Marshall: Porque nós podemos, habitando e recriando, dar vida a uma existência anterior, a uma personalidade anterior. Fazemos isso por vezes, algumas vezes porque temos uma boa razão para tal; isto é, não queremos que uma pessoa na Terra duvide de nós, não queremos que tenha receios, queremos dar-lhe convicção, queremos ajudá-la de várias formas. Por isso, por vezes, especialmente nas fases iniciais, quando estamos a comunicar com uma pessoa a quem queremos interessar e ajudar durante muito tempo, nós, hum, voltamos como uma entidade anterior, hum... menos, digamos, famosa, menos talvez interessante, se quiseres pôr as coisas assim, onde há menos probabilidade de o recetor da mensagem, o participante, ficar desconfiado.
Com o Frédéric... contigo foi sempre, não direi uma condição de idolatria... mas a questão é que, de alguma forma, quem quer que viesse ter contigo, mais ou menos dentro do razoável, aceitarias, e provavelmente não terias muitas dúvidas. Mas quando se trata do Frédéric, querias ter tanta certeza de que não estavas a ser enganada, que era impossível para ele dar-te essa convicção, dar-te este estado de espírito que agora tens em relação a ele. Por outras palavras, ele teve de esperar pelo momento certo e veio ter contigo para preparar o terreno, preparar o caminho...
Creet: Sim...
Marshall: ...até chegares ao ponto de estares recetiva. Por isso é possível. Ele virá e tem vindo, nestes últimos meses, ter contigo de vez em quando — e a divertir-se imenso, não me importo de te dizer...
Creet: [Riso]
Marshall: ...sob nomes diferentes.
Creet: Mas diz-me, que outros nomes, querido doutor? Esclarece-me.
Marshall: Bem, claro, Akhenaton, mas...
Creet: Porque da última vez foi Akhenaton...
Marshall: Sim. Mas ele também tem vindo... veio ter contigo sob este disfarce escocês.
Creet: Não foi o David?
Marshall: Ficarias muito surpreendida, minha querida.
Creet: David? Eh?
Marshall: Sim.
Creet: David?
Marshall: E ainda por cima a fazer pouco de mim ao mesmo tempo, raios partam.
Creet: O quê? Quem é esse?
Marshall: Estou a dizer que sim, e a fazer pouco de mim.
Creet: A fazer pouco de si?
Marshall: Bem, não te lembras das coisas que ele te disse?
Creet: Oh, sim!
Marshall: Sobre mim?
Flint/Creet: [Riso altos]

Creet: Mas o David era uma personalidade, ele falava da noiva dele que estava na Terra e foi morto na guerra e tudo isso.
Marshall: A questão é que há duas entidades que te falaram e que disseram ser o Jock. Uma é a verdadeira pessoa, a outra é assumida.
Creet: Uma é a nova pessoa?
Marshall: Não, não, não. Oh, céus!

Creet: Sim?
Marshall: Um é o David.
Creet: David?
Marshall: Sim, Jock.
Creet: Jock?
Marshall: Sim. Um rapaz escocês que é de facto quem diz ser. Por outras palavras, ele tinha uma mulher na Terra de quem estava apaixonado; creio que estavam noivos. O outro é o Frédéric.
Creet: Jock?
Marshall: Sim.
Creet: Oh.
Marshall: Ainda estás confusa, não estás?
Creet: Sim.
Marshall: Oh, céus.
Creet: Não faz mal, deixa estar para já.
Marshall: Oh não, é muito importante que saibas. Porque há alguns meses, há bastante tempo, há seis meses ou assim, eu estava muito preocupado com a tua saúde e pensei que esta tensão arterial se devia em grande parte a demasiada excitação e eu, eu, eu admito, eu disse ao Frédéric e a outros, mas especialmente ao Frédéric, que era sensato que ele não viesse tão frequentemente porque ficavas demasiado agitada, demasiado excitada e, hum, desde então ele não tem vindo tantas vezes. E houve períodos longos em que estivemos a experimentar, é verdade, mas também houve momentos em que ele te falou sob este pseudónimo, este disfarce, percebes?
Creet: Sim...
Marshall: Mas, hum, não fiques perturbada com isso...
Creet: Não, não estou perturbada. Agora espera até eu o apanhar como Frédéric Chopin. Espera só.
Marshall: Agora não quero que percas...
Creet: Ouve, querido doutor, estou tão habituada a ouvir o Frédéric vir que não fico excitada. Fico mais excitada com coisas que me são contadas, de que não tenho conhecimento e que me interessam, do que com o Frédéric a vir.
Marshall: Sim, está bem, está bem. Mas de qualquer forma estás muito, muito melhor...
Creet: Sim.
Marshall: ...e o bom tempo vem aí e vais sentir-te melhor contigo mesma e voltaremos ao nosso ritmo. Mas temos estado muito ocupados com experiências e não quisemos desperdiçar energia e tempo a falar demasiado. Portanto, para além dessa outra questão de, bem, pensar e preocupar-me com a tua saúde... a questão é que não deves ficar chateada ou aborrecida com o Frédéric...
Creet: Oh não estou chateada. Eu...
Marshall: Ele estava na verdade a tentar agradar-te à sua maneira, que talvez, do teu ponto de vista, não tenha sido a forma certa. Mas é verdade que ele teve muitas encarnações e pode assumir várias personalidades, como de facto muitos de nós podemos. Porque podemos rapidamente aceder aos recursos que estão à nossa volta e recuperar, se quisermos, muitas memórias passadas e podemos vir ter contigo sob um disfarce diferente se acharmos que é essencial ou necessário ou que te pode ser útil. Porque às vezes algumas das nossas outras encarnações, quando recontadas e dadas a ti como uma lição, se quiseres, podem ser de grande

utilidade.
Há, claro, alguma confusão na tua mente sobre o David, porque o David é uma entidade separada e não é o Frédéric. Mas já houve uma ocasião em que, hum, o Frédéric se fez passar ou veio ter contigo como um escocês.
Creet: Jock?
Marshall: Sim. Portanto não fiques... vê essa diferença.
Creet: De qualquer forma, obrigada por me dizer, querido doutor.
Marshall: Agora vou provavelmente ter problemas com ele.
Creet: Não, não, não, não digo uma palavra. Não, vou apenas brincar com ele também, da próxima vez que... espero que ele não esteja por perto?
Marshall: Bem, não faz mal se estiver, suponho. Afinal de contas ele compreende, sabes?
Creet: Mas isto... este Akhenaton, ele era?
Marshall: Vês, Rose, agora olha, vamos esclarecer isto desde o início...
Creet: Eu só queria saber isso...
Marshall: Tu... quando entraste nesta verdade, neste tema, leste muitos livros, procuraste conhecimento, experimentaste escrita automática e assim por diante, e foram-te trazidos... várias entidades foram trazidas até ti...
Creet: Sim.
Marshall: ...e eram indivíduos separados e vieste a conhecê-los individualmente e a amá-los, em consequência, pelas suas qualidades e pelo seu interesse, hum...
Creet: Sim.
Marshall: Mas aqueles... nessa altura o Frédéric tentou manifestar-se para ti mas tu recusaste...
Creet: Sim, é verdade.
Marshall: ...e em consequência ele percebeu que, se quisesse fazer contacto contigo, teria de preparar o caminho. O tempo era demasiado cedo, prematuro, então no período intermédio ele veio ter contigo para te ajudar, para te guiar, para te instruir e para, em geral, preparar o caminho para si mesmo... para quando pudesse vir como ele próprio.
Creet: E ele fê-lo lindamente, querido doutor.
Marshall: E, hum, tiveste esses contactos e agora tens este contacto que agora podes aceitar como Frédéric e o culminar de tudo isto ainda está para vir... isso é algo que queremos muito sublinhar para ti. Que o culminar de todo o conhecimento e experiência que foi construído para ti, contigo e à tua volta, em breve se concretizará. É nisso que estamos a trabalhar agora.
Creet: Entendo.
Marshall: Compreendes, não compreendes?
Creet: Sim, compreendo agora, querido doutor, mas este Akhenaton estava a intrigar-me e eu tive uma sensação de que era ele, tive uma sensação. [Riso] Mas obrigada por me esclarecer...
Marshall: Tenho de ir, minha querida, lamento mas tenho de ir.
Creet: Está bem. Dá o meu amor ao Akhenaton!
Marshall: Darei. A minha bênção e amor para ti.
Creet: Mas, querido doutor?
Flint: [Limpa a garganta]
Creet: Ele era mesmo o Akhenaton?
Marshall: Era.
Creet: Era? Oh.
Marshall: Isso deve explicar muitas coisas. Pois o Akhenaton estava séculos adiantado no seu tempo, era uma alma muito avançada mentalmente... uma alma mentalmente evoluída.
Creet: Oh. Mmm...
Flint: [Assoa-se]
Creet: Oh céus. Da próxima vez que vier espero que haja muita conversa, porque tenho muito para...
Mickey: Vai haver muitas oportunidades para fazeres quantas perguntas quiseres.
Creet: Mickey, Mickey querido?

Mickey: O quê?
Creet: Porque é que não me contas estas coisas?
Mickey: Bem, é muito difícil.
Creet: Sabias?
Mickey: Sim, sabia, mas eu... bem, não sabia, estava mesmo a tentar ajudar. Porque pensei que se contasse tudo ia ter sarilhos...
Creet: Bem, descobri tudo sozinha.
Mickey: Bem, acho que o doutor sabia o que fazia e ele só queria...
Flint: [Tosse]
Mickey: ...oh não sei, mas a questão é: para quê preocupares-te?
Creet: Eu não estou preocupada...
Flint: [Riso]
Creet: ...mas gosto de ter as coisas direitinhas. Sabes? Para mim é interessante porque fico sempre a matutar, mas...
Mickey: Mas olha que uma estrada direita é bastante aborrecida, uma que serpenteia por aqui e por ali é muito mais interessante...
Creet: Mas ele é um patife, Mickey...
Mickey: Claro que é, mas tu também és!

Flint/Creet: [Riso altos]
Creet: O que é que ele anda a fazer comigo, podes dizer-me?
Mickey: Ele está a tentar ajudar-te...
Flint: [Tosse]
Mickey: ...e acho que ele tem-te ajudado e está a tentar...
Creet: Oh, ele ajudou-me imenso.
Mickey: ...dar-te informação e provas e ajudar-te no caminho do progresso espiritual e mental. Mas, claro, isso tem de ser feito da forma certa, não da forma que tu queres.
Creet: Percebo.
Mickey: Tu queres tudo, tudinho de uma vez!
Creet: Sim. Percebo, entendo. Tem de ser...
Mickey: Tens de receber em partes, tens de... Além disso, olha o divertimento do puzzle; encaixas as peças e começas a ver o quadro.
Creet/Flint: [Riso]
Mickey: Tchauzinho.
Creet: Tchauzinho, querido.
Flint: Adeus.

ALEXANDRE DUMAS — Quinta-feira, 30 de Abril de 1970
Dumas: Ora, ora, ora. Claro que haverá sempre pessoas que não aceitarão e não compreenderão; que ficarão, como vocês dizem, no passeio a ver tudo passar. Mas quando chegar o momento de dizer algo definitivo, não se assumirão.
Cook: Não.
Dumas: Não te preocupes com eles.
Cook: Isso é tão verdade.
Dumas: Serão bons observadores mas não farão qualquer comentário.
Cook: Não. [Riso]
Dumas: Dirão: 'Sim... isto e aquilo', mas não dirão nada em definitivo.
Cook: Não.
Dumas: Estou aqui há muitos anos.
Cook: Está?
Está?
Cook: Qual é o seu...

Dumas: Tenho bastantes amigos meus aqui: pessoas que conheci, pessoas que admirei, pessoas pela sua capacidade artística e criativa. Escritores, artistas, músicos. Pessoas que conheci pessoalmente e algumas que, claro, não conheci mas encontrei desde que estou aqui. O meu nome provavelmente não significará muito ou nada para si... o meu nome é Dumas.
Cook: Dumas? O mais velho ou o mais novo?
Dumas: Sabe?

Quando estava do vosso lado eu escrevia e tinha muitas coisas que queria transmitir nos meus livros. Às vezes não conseguia passar para o papel suficientemente depressa. Sabe, agora sei que em muitos casos fui inspirado. Havia almas deste lado, que já estavam mortas, como vocês dizem, há séculos alguns deles, que me impressionavam. Eu às vezes tinha a capacidade de escrever longamente e com grande rapidez. Depois, às vezes, não vinha nada, não conseguia escrever nada. Agora percebo que todas as grandes almas — sabe, não que me considere uma grande alma — mas o que quero dizer é que se tiverem este 'algo' dentro de vós do espírito, é possível para almas deste lado, almas altamente evoluídas, usarem-vos, num certo sentido, como instrumento. Eu não percebia que era um instrumento. Isto é algo que não é fácil de explicar. Mas, hum, sabe, cada um de vós tem o poder dentro de si para ser usado pelo espírito. De formas diferentes o espírito actua. Para uns é na música, na composição; para outros é pela pena e pela escrita de pensamentos que são impregnados, sabe, neles pelas almas. Muitas das histórias, muitos dos incidentes, muitas das pessoas sobre quem alguém é levado a escrever, pensa-se, quando se está do vosso lado, que são personagens fictícias, mas não necessariamente.

Às vezes são investidas de verdade, são investidas com a vida de almas aqui que viveram muitas das coisas que o autor coloca no livro, mas que não são dele próprio como muitas vezes pensa, mas sim factos em vez de ficção.
Sabe, é uma grande alegria para mim poder vir aqui com os meus amigos. Éramos um grupo muito maravilhoso — como se diz?... hum... como se diz? — um povo feliz. Tínhamos as nossas discussões e diferenças. Às vezes não nos falávamos durante semanas, mas, hum, no nosso coração havia sempre grande afecto uns pelos outros. E sempre depois da zanga havia grande alegria. Regozijávamos e — como se diz? — 'dávamos palmadinhas nas costas' e bebíamos e ficávamos muito felizes. Paris, sabe, quando eu estava do vosso lado, era tão diferente. Claro que os tempos mudam, as pessoas mudam, tudo muda com o tempo e a experiência. Mas, ah, não posso dizer-lhe quão maravilhoso é saber que isto é possível; vir aqui com alguns dos meus amigos para falar consigo, Madame.
Cook: Maravilhoso, maravilhoso!
Adoramos os seus livros.
Dumas: Ah, qual deles?
Cook: Todos.
Dumas: Ah, muito obrigado.
Cook: Gostamos d'«O Conde de Monte Cristo».
E «Os Três Mosqueteiros».
Dumas: Ah! Houve muita verdade n'«O Conde de Monte Cristo».
Cook: Sim?
Dumas: Muitas pessoas não sabem, mas é verdade.
Cook: Sim. «O Colar da Rainha».
Dumas: Ah! Aprendi a verdade sobre isso.
Cook: A sério?
Dumas: Aha! E a pobre Maria Antonieta. Huh!
Cook: Sim.
Dumas: Foi vítima das intrigas de outras pessoas...
Cook: Intrigas?

Dumas: Há tanto de que não se pode falar... mas ela era uma mulher muito tola. Era muito vaidosa e talvez muito estúpida, mas no seu coração tinha boas intenções. Era boa, mas tinha muitas pessoas à sua volta que não eram boas. Mas há muito a dizer sobre todas as pessoas dessa época, boas e más.
Cook: Sim, sim. Sem dúvida.
Tem consigo alguns dos cantores do seu tempo?
Dumas: Oh, conheci... conheci, claro, esses, mas, huh, eles continuam a encantar com a sua arte. Isso é uma das grandes coisas, sabe, que as pessoas não percebem necessariamente do vosso lado: que a arte é a única coisa que realmente, num certo sentido, vive como uma realidade viva. Sabe, as pessoas no vosso mundo têm as suas vidas; muitas delas, num certo sentido, são muito monótonas — como se diz? — muito desinteressantes e não contribuem em nada ou quase nada. Mas há as grandes almas que têm este maravilhoso poder de criar; seja cantar como um anjo ou compor como Chopin ou todas as várias artes. Estas são as coisas que são do espírito. Estas são eternas. Estas são coisas que não podem morrer. Nada pode matar o espírito. As coisas do material, do corpo, as coisas físicas da carne; mudam, desaparecem, deixam de existir com o tempo, hum? Mas as coisas da mente e do espírito, a realidade do espírito, o poder criativo que todo o verdadeiro artista tem — isso vive. Essa é a grande alegria, a grande beleza, os grandes arrepios.
No vosso mundo, para além da música e do poder criativo de pintar ou escrever, seja o que for, vejam a arquitectura; as fachadas gloriosas, os edifícios e todas essas coisas que dão grande alegria e felicidade e deleite ao olhar, sabe, que têm de desaparecer com o tempo do vosso lado. Aqui são recriadas, mas ainda mais belas. Vê, estas coisas que vêm do espírito, estas coisas que o homem cria pela mente, pelo espírito, estas coisas são a realidade que vive. E tudo o que é bom existe e tudo o que não é bom — gradualmente desaparece com as mudanças que ocorrem dentro do homem, nele mesmo, na sua alma. Estas coisas que são verdadeiramente artísticas, estas coisas que são verdadeiramente da mente e do espírito: estas são as coisas, as realidades, as realidades vivas que nada pode destruir.

O homem pode criar de forma material e isso desaparecerá materialmente. Mas se tiver uma base de verdade, se tiver o poder do espírito, se tiver a beleza e a delicadeza das coisas que são eternas, então rejubilamos porque isso continua. Nada se perde que seja bom. Nada se perde que seja belo. Nada se perde que seja verdadeiramente do espírito e da mente no seu estado mais elevado de ser. Ah, isto é maravilhoso! Sabem, aqui à vossa volta, não os veem, mas há almas, muitas, muitas almas. Algumas delas vocês conheceram: tocaram as suas vidas, talvez só de raspão, mas mesmo assim elas estão aqui à volta. Estão gratas pela oportunidade de poderem vir e manifestar-se para falar, se possível, e dar convicção onde puderem às pessoas da Terra que habitam nas trevas do pensamento material, para que percebam que a realidade do espírito é algo vivo que nada pode destruir. E tudo o que é bom no homem elevar-se-á ao poder do espírito santo e manifestar-se-á de forma maior, de forma mais ampla, de forma eterna. E todos os homens se alegrarão nestas coisas que são verdadeiramente eternas e nada pode desaparecer que seja de Deus. Ah! Se ao menos pudéssemos explicar estas coisas, mas palavras, palavras, palavras, palavras, palavras: são coisas com as quais eu brincava como as crianças brincam com os brinquedos e constroem castelos. Mas agora, as palavras não transmitem. Como podem transmitir a realidade do espírito, que está sempre vivo, em que existimos e temos o nosso ser? Mas vocês, meus amigos, viram um vislumbre de luz na escuridão do vosso mundo. E vamos ajudar-vos, para que esse vislumbre se torne uma chama e uma tocha que carregarão na escuridão do vosso mundo. E outros verão e seguirão e conhecerão a realidade da verdade. Oh, é uma grande alegria para mim.
E sabem, os vossos amigos que há tanto tempo... estiveram associados convosco, sabem, as, hum, pessoas que conheceram na vossa existência terrena, pessoas por quem têm tanto afecto, pessoas que vos dão tanta beleza e tanta perceção da verdade — estas almas trouxeram-nos até vós, para que possamos, de certa forma, ajudar não só a vós, mas através da ajuda desta...

máquina, poder chegar a muitas pessoas, falar a muitas pessoas no vosso mundo, dar-lhes a perceção e a verdade e o conhecimento e a delicadeza e a beleza do poder do espírito santo. Oh, temos tanto para fazer convosco, meus amigos. São muito abençoados. [Leve interferência de rádio] Mas da próxima vez, talvez, se não... em breve, de qualquer forma, espero poder vir de novo e trazer muitos dos meus amigos para vós, porque muitos dos meus amigos desejam vir. Oh, hoje aqui há tantos, tantas pessoas. Gostava que fosse possível para vós compreenderem. Sei que compreendem. Mas gostava que fosse possível para vós verem.
Dumas: Ah...
Dumas: Mas continuem o vosso bom trabalho.
Dumas: E saibam que nesse pequeno grupo, como lhe chamam — esta 'pequena família', como o nosso pequeno amigo disse de vós — há tanta alegria, há tanta felicidade, há tanta promessa, há tanta força e poder e amor e fraternidade. E o poder do espírito santo manifestar-se-á de tal forma que terão tanto motivo para se alegrarem e nessa alegria encontrarão o caminho para servir ainda mais plenamente. Ah, é bom para nós comunicarmos convosco. Meus queridos amigos, é uma grande felicidade no meu coração falar por vós... convosco, hum? Mas todos aqui que agora não podem falar, eu sei, querem que eu vos transmita o seu amor e a sua bênção e vos deseje o poder do espírito sempre convosco: como sei que estará à vossa volta, para vos elevar e guiar e dar-vos essa inspiração que torna tudo possível. O caminho está lá. Ser-vos-á mostrado o caminho. Já vos foi mostrado o caminho, mas ainda há muito mais a percorrer e muito mais a ver. E não ficarão parados à beira do caminho, mas caminharão pelos caminhos da iluminação. Ah, é uma grande felicidade para mim. Au revoir e que Deus vos abençoe. Au revoir de todos nós.

MARY IVAN
Gravado: 15 de Agosto de 1966

"Eu não pensei logo que estivesse morta..."
George Woods pergunta ao Dr. Marshall se o seu amigo pode vir às sessões, depois Mary Ivan fala pela primeira vez. Ela fala sobre as suas primeiras impressões do Além e pensa, inicialmente, que está num hospital — até que a sua irmã, morta há muito tempo, vem ao seu encontro. Mary visita um jardim onde as almas podem reunir-se com os entes queridos e descreve o ar limpo e a beleza envolvente do seu novo mundo. Mary descreve a casa com que sempre sonhou, onde agora vive com o marido e até ajuda no 'hospital' onde chegou pela primeira vez...
Presentes: George Woods, Betty Greene, Leslie Flint.
Comunicadores: Dr. Charles Marshall, Mary Ivan.

Woods: Dr. Marshall...
Marshall: Sim?
Woods: Temos um amigo que nos tem ajudado muito com este trabalho... O nome dele é, hum...
Greene: Bernard Hutton.
Woods: Hutton... Bernard Hutton. E esperamos trazê-lo connosco. Não nas nossas sessões regulares, mas entre as sessões, assim... Será que está bem? Ele é muito... podemos recomendá-lo, ele é muito sincero.
Marshall: Qualquer pessoa que recomendem, claro que está bem. Devem conhecer os vossos amigos e saber do seu interesse genuíno. Claro, tragam o vosso amigo. Ficaremos encantados.
Greene: Bem, ele quis que lhe pedíssemos primeiro, Dr. Marshall, antes de vir. Ele não queria perturbar as vibrações.
Marshall: Oh, é uma alegria ter a oportunidade de alguém tão sincero como vocês. Ficaremos encantados.

Woods: Oh, obrigado Dr. Marshall.
Greene: Muito obrigada.
Woods: Ele não viria sem... se não lhe déssemos a confirmação de que podia vir.
Marshall: Ótimo. Fico muito feliz com isso.
Woods: Sim.
Marshall: Fazemos tudo o que podemos.
Woods: Sim, obrigado.
Greene: Obrigada, Dr. Marshall, muito obrigada.
Como está?
Marshall: Estou muito bem, claro. Obrigado por perguntar. Embora, num certo sentido, possam imaginar bem, estamos muito bem aqui. Seria muito estranho se não estivéssemos.
Greene: [Riso]
Woods: Sim, claro. Mmm...
Marshall: Não faria muito sentido morrer, se fosse para ser pior do que na Terra, ou tão mau.
Woods: Sim, claro.
Marshall: Ninguém precisa de ter medo de morrer. É um grande alívio.
Greene: Sim.
Woods: Sim.
Marshall: Sair da agitação, da luta e da atmosfera instável do vosso mundo é uma grande alegria.
Greene: Tenho a certeza de que deve ser.
Woods: Sim, oh sim.
Marshall: De qualquer forma, esperem um momento, por favor...
Greene: Obrigada, Dr. Marshall.
Woods: Obrigado, Dr. Marshall, por se manifestar...
Mary: [Não tenho a certeza] se conseguem ouvir agora o que estou a dizer.
Greene: Sim, conseguimos, obrigada.
Woods: Sim, muito bem mesmo.
Mary: Ouvi falar de vós.
Greene: Ouviu?
Woods: Ouviu?
Mary: Você é o Sr. Woods.
Woods: Sim.
Mary: E você é a Sra. Greene.
Greene: Exatamente, sim.
Mary: Como estão?
Greene: Como está?
Você é escocesa, não é?
Mary: Aye. Como é que sabe?
Greene: Pelo seu sotaque!
Mary: Nem me dou conta de que estou a falar com sotaque. Deve ser esta coisa aqui...
Woods: [Ininteligível]
Mary: Você não é escocês?
Greene: Não.
Mary: Você não parece escocesa... não soa a escocesa...
Você não é mesmo escocesa, pois não?
Greene: Toda a família da minha mãe é escocesa, sim.
Mary: Ah! Do lado da família da sua mãe?

Greene: Sim, sim.
Mary: Há quanto tempo deixaste a Escócia? Devem ser muitos anos.
Greene: Não vou lá acima desde...

Mary: Ah, bem me parecia, provavelmente. E não tens sotaque nenhum.
Greene: Não.
Mary: E tu és o Sr. Greene... quer dizer, o Sr. Woods?
Woods: Sim.
Mary: É uma combinação estranha.
Greene: [Riso]
Woods: [Riso]
Mary: Woods e Greene...
Woods: Bem, eu sou mesmo, porque a minha...
Mary: Não me refiro só a ti, mas aos nomes...
Greene: Oh sim, nós temos...[ininteligível]... de vez em quando.
Woods: É verdade. Vê, a minha mãe era irlandesa... a minha avó era irlandesa. A minha mãe era...
Flint: [Tosse]
Woods: ...e o meu pai era dos escoceses...
Mary: Oh, uma combinação bastante interessante.
Woods: Sim, um pouco sim.
Greene: [Riso]
Mary: Não admira que sejas um homem estranho!
Greene: Oh! [Riso]
Woods: Sou, sim. [Riso]
Mary: Estou a brincar...
Greene: Vais dar-nos uma boa conversa hoje?
Mary: Ah! Não tenho a certeza. Eu não sou muito de falar, não do ponto de vista de algumas pessoas que vêm aqui, que sem dúvida são muito mais experientes nesse tipo de coisa do que eu.
Greene: Podes...
Mary: Já estou aqui há bastantes anos...
Greene: Sim?
Mary: E não tenho arrependimentos e não gostaria de voltar para o vosso lado da vida para viver.
Greene: Aposto que não.
Woods: Não.
Mary: Oh, é tão bom poder vir aqui assim. Ninguém precisa ter medo de morrer agora. É uma coisa maravilhosa.
Greene: Podes dizer-nos o teu nome, amiga, por favor?
Mary: O meu nome é Mary.
Greene: Mary?
Mary: Mary Ivan.
Woods: Mary Ivan?
Mary: Aye. Não é um nome verdadeiramente escocês. Não é um nome escocês de verdade.
Greene: Hum, uh, podes... onde vivias, Mary?
Mary: Tinha um filho, Ian. Está aqui comigo agora.
Greene: Oh, bem...
Mary: E isso deixa-me muito feliz. Aye. Perdi o meu marido há muitos anos. Digo «perdi», mas encontrei-o aqui, claro. Portanto, não o podia ter perdido, pois não? Mas ele morreu quando eu era uma mulher jovem. Tinha só uns vinte e sete anos.
Greene: Oh, céus...
Mary: Aye, e o meu «wee bairn», sabes.
(*wee bairn* = criancinha)
Greene: Sim.
Mary: Aye. Encontrei-o aqui quando morri. Ele veio ter comigo. E o meu filho também, ele morreu bastante jovem.

Greene: Onde vivias, Mary, na Escócia?
Mary: Ah, vivi em vários sítios na verdade. Andava sempre de um lado para o outro nos meus primeiros anos. Vivi uma altura nos arredores de Glasgow e outra altura, durante vários anos, vivi em Dundee.
Greene: Oh, sim?
Mary: Mas isso já foi há muito tempo. Já lá vão uns bons anos. Isso já recua até 1890 agora. Já são muitos anos. Eu estive ao serviço quando era uma «wee one», durante muitos anos. Venho de uma família pobre.
Greene: Mary, podes contar-nos algo sobre, sabes, como passaste? Estavas confusa quando partiste?
Mary: Aye, estava um bocadinho. Mas de certa forma, não sei, se foi por causa da minha educação religiosa — eu era muito religiosa em rapariga — talvez isso não me tenha assustado. Estava aqui e suponho que fiquei feliz por sair disso. Mas, hum, não foi diferente do que eu esperava, embora suponha que tivesse uma ideia [ininteligível]. Mas de certa forma tudo pareceu tão natural. Acho que isso é o mais maravilhoso quando se vem para aqui, tudo é tão natural. As pessoas esperam todo o tipo de coisas, se esperarem algo, claro. Sabes, uma coisa estranha ou religiosa de certa forma, mas não é. É como se... bem, é como acordar e dar por si noutro país. Mas não é exatamente estranho porque estás rodeado de pessoas que conheceste — pessoas que foram muito próximas e queridas para ti.

A minha mãe estava aqui. Era uma alma doce. Viveu até uma idade bastante boa. Mas sabes, ela também era uma mulher muito religiosa. Morreu apenas um ano antes de mim.
Greene: Mas Mary, como é que te... como é que te encontraste? Em que tipo de condições...
Mary: Ah, acordei e dei por mim num sítio como um hospital. Pensei: 'Bem, o que é isto?' Porque estava em minha casa e... sabes, estava doente na cama e tudo. E tinha uma irmã que tomava conta de mim. E lembro-me de acordar aqui e estava num sítio tipo enfermaria de hospital.
Greene: Sim?
Mary: Mas muito agradável e muito limpo, e tudo parecia tão fresco e arejado, e toda a gente parecia tão eficiente e calma e em paz, e o sol ou o que fosse — pelo menos pensei que fosse o sol na altura — brilhava pelas janelas, e em todo o lado era bonito e limpo. Havia quadros pendurados nas paredes e de certa forma parecia um hospital muito especial. E pensei, bem, isto é estranho. E então veio ter comigo uma mulher muito doce e disse-me: 'Sabes', disse ela, 'tens apenas de descansar um bocadinho e depois ficarás bem, assim que te organizares e conheceres as coisas. E os teus virão ver-te daqui a um bocadinho.' E pensei: 'Isto é estranho.' Tinha a certeza de que estava em casa na minha própria cama, e aqui estou eu num hospital, então devo ter ficado inconsciente e devem ter-me levado para o hospital. Não pensei logo que estivesse morta. E depois comecei a ver, passado um bocadinho, outras almas deitadas ali e estava uma menina doce ao meu lado, na cama ao lado, uma criancinha loura. Era uma criança bonita, e estava sentada ali a conversar e depois mostrou-me uma ou duas coisas que tinha; uma boneca, uns livros e coisas assim. E ela disse: 'Não é bom estar aqui?' Disse ela, 'Estou tão feliz!'
Eu disse: 'Aye, é muito bom, mas o que tens tu?'

Ela disse: 'Oh, apanhei difteria.'
Eu disse: 'Bem, não pareces nada que tenhas difteria. Pareces fresca como uma flor, e as tuas faces e tudo estão rosadas e alegres.'

Sabes, não conseguia pensar que houvesse algo de errado com a «wee lassie». E eu disse: 'Bem, há quanto tempo estás aqui?'
Ela disse: 'Acabei de chegar.' Disse ela, 'Mas estou muito feliz.'
Eu disse: 'Vejo isso.'

Enfim, depois vi a minha irmã a vir na minha direção. E fiquei tão surpreendida porque, sabes, tinha essa irmã que morreu muito nova, quando eu tinha uns doze anos. Chamávamos-lhe Kate. E pensei: 'Isto é estranho. A Kate não está aqui. A Kate está morta.' E ali estava ela. E veio ter comigo com um grande ramo de flores nos braços. Eram flores lindas, frescas, com orvalho. E ela disse: 'Aqui, trouxe-te isto e estamos tão contentes por teres vindo.' E disse: 'A mãe vem já, e também o pai.'

Eu disse: 'Não,' disse eu, 'Isso não é possível.' Disse: 'Em todo o caso, como é que entraste aqui, sabes. Tu não estás aqui; estás morta.'
Ela disse: 'Oh, não sejas tola,' disse ela, 'Eu estou morta sim e tu também!'
Eu disse: 'O que queres dizer com isso, estou morta?'
Ela disse: 'Estás morta.'
Eu disse: 'Nãooo, isso não é possível.' Disse: 'Estou bem viva. Estou num hospital. Mas como é que entraste? Alguém viu-te passar pela porta?'
Ela disse: 'Aye, todos viram-me passar pela porta porque todos os que aqui estão são mortos.'
Eu disse: 'Não percebo nada disto.'

E a pequenina ficou a olhar para mim na cama ao lado, e disse: 'Aye?' Disse ela, 'É verdade? Estamos mortos e a senhora? A senhora,' disse ela, 'ela está mesmo morta também?'
Então eu disse: 'Bem, ela é minha irmã e está morta. E se ela está morta, então devemos estar mortos, mas estamos vivos. Eu disse: 'Não percebo isto.'
Então a minha irmã disse: 'Viemos buscar-te.'

Eu disse: 'O que queres dizer com "vir buscar-me"? Tens de ter permissão do hospital para eu sair da cama. Mas devo dizer que me sinto tão bem, nunca me senti tão bem na vida.'
Ela disse: 'Claro que estás bem. Não há nada de errado contigo. Só na tua mente. Tira isso da cabeça. Não estás doente.'
E depois disse: 'Vou falar com a senhora que está encarregada desta enfermaria.'
Enfim, passado um bocado, houve uma «conflab» entre elas e deixaram-me levantar.
E eu disse: 'Mas e as minhas roupas?'
E a minha irmã riu-se e disse: 'Não precisas de te preocupar com isso. Já as tens vestidas.'
Eu disse: 'O que queres dizer com isso, "já as tenho vestidas"?' E olhei para mim e ali estava eu, vestida. Não percebia nada daquilo, porque não me lembrava de ter vestido roupa nenhuma. E não me lembrava de ter levado roupa.

E ali estava eu de pé, ao lado da cama, com uma linda bata. Era... era de um azul clarinho e comprida, com uma fita e muitos rendilhados à volta do pescoço. Pensei: 'Bem, não entendo nada disto.' E o meu cabelo estava todo penteado e bonito.

E a minha irmã riu-se e disse: 'Está tudo bem, eu ajudei-te a vestir, mas tu não sabias.' E disse: 'Ajudei-te a pentear também, com os meus pensamentos.'
Eu disse: 'Mas como é que fazes isso?' Eu disse: 'Achaste que vou conseguir fazer coisas com os pensamentos?' E ela disse: 'Sim, claro que vais. Leva algum tempo a habituar-te, mas quando perceberes isso, vais ver que pelos teus pensamentos consegues fazer tudo o que queres fazer.'
Eu disse: 'Não entendo.'
Ela disse: 'Não faz mal. Lembras-te quando eu era uma "wee lassie" e costumava dedilhar no piano? E eu sempre quis tocar e ficava mal-humorada e batia o pé e tudo o resto, porque os meus dedos não faziam o que eu queria?' Ela disse: 'Agora posso tocar lindamente. E faço-o agora pela concentração e porque quero fazê-lo e porque o poder torna possível que eu o faça.'

Eu disse: 'Achaste que é mesmo assim?'
Ela disse: 'Aye,' disse ela, 'é mesmo assim.' Enfim, ela disse: 'Anda, vamos agora. Vamos ver a

mamã e os outros.’
Eu disse: ‘Mas pensei que tinhas dito que a mamã vinha.’
E ela disse: ‘Oh, provavelmente está lá em baixo.’
Pensei: ‘Bem, não percebo isto. É tudo tão estranho.’

E descemos uma escadaria lindíssima. E era como se fosse feita de mármore. Era linda. E havia todo o tipo de pessoas interessantes a andar por ali, e todos pareciam tão saudáveis e bem-dispostos. E em todo o lado parecia que, não sei, como se tudo fosse tão bem cuidado. Era tudo tão limpo.

Greene: Continua, Mary, isto é mesmo muito interessante.

Woods: Muito interessante.

Mary: Aye, e descemos as escadas e saímos por esse, assim, pórtico ou lá como se chama, por uns degraus até a um jardim maravilhoso. E era como se, não sei, nunca tinha estado nesses sítios finos, porque nunca tive possibilidade de fazer esse tipo de coisa na Terra, mas dizem-me que não é muito diferente do que se vê em França, nesses jardins lindos com as fontes. E havia todo o tipo de pessoas. Crianças também, a correr e a brincar. E havia adultos, claro, e todos... todos pareciam saudáveis e bem-dispostos.

E então pensei: ‘Que estranho. Nenhuma destas pessoas parece deslocada e no entanto eu sinto-me tão deslocada.’
‘Suponho que já estejam aqui há muito tempo,’ disse eu à minha irmã.
Ela disse: ‘Não, só nos últimos dias, como vocês dizem “tempo”, e estão só a habituar-se a tudo e à espera dos amigos. Estão à espera dos familiares. Isto é o que chamamos o “lugar de receção”, onde as pessoas vêm, muitas vezes, não todos, mas uma grande parte, até ficarem habituados às novas condições de vida. E os seus amigos começam a chegar e depois vêm ter com eles, e eventualmente vão embora.
‘Geralmente, vão viver com a esposa ou o marido ou talvez com a mãe e o pai, se não forem casados. Ou pelo menos com as pessoas que mais amam. São esses que, invariavelmente, esperam no jardim e esperam que eles saiam, porque aí sabem que despertaram. Claro que normalmente alguém como eu, no teu caso, vai lá dentro “quebrar o gelo”, como se costuma dizer, sabes.’

Ah, é maravilhoso. Sabes, ninguém precisa ter medo de morrer porque é a coisa mais maravilhosa. É a coisa mais emocionante que pode acontecer a alguém. Ninguém precisa preocupar-se com isso. Tudo aqui é tão real, tão natural. Toda a gente é tão, não sei, cheia de amor. E não há ódio nem intolerância e toda a gente é tão paciente, especialmente com aqueles que são novos e frescos, e todos querem ajudar. É uma forma de vida maravilhosa.

Greene: E encontraste os teus, Mary?

Mary: Aye, eventualmente encontrei. Sim, e depois fui viver com a minha mãe, e depois disso, com o meu marido.

Greene: Como encontraste o teu marido? Como é que foi, assim...

Mary: Bem, ele estava ausente — isto pode parecer estranho — mas ele estava ausente e estava a fazer um trabalho especial, descobri depois. Mas tinha a ver... a ver com alguma guerra que estava a acontecer em algum lugar, em África... África do Sul ou algo assim, acho eu. E ele estava a ajudar os feridos e os moribundos e, enfim, quando ficou livre veio até à casa da minha mãe e

depois, eventualmente, vivemos na casa dele, que era uma casinha tão bonita... muito pequena, mas muito agradável.
É o tipo de casa de que sempre falávamos que gostaríamos, sabes. Uma casinha antiga com vigas e traves e um jardinzinho bonito. E ele, pelos vistos, gostava muito de jardinagem. Não que o fizesse na Terra, porque não era possível e não tínhamos jardim, mas aqui, interessou-se muito e cuida das flores.
Mas sabes, ele andava a fazer esse trabalho, a ajudar esses soldados nessa Guerra dos Bóeres na África do Sul, o que suponho que eu estivesse doente há meses e possa ter ouvido vagamente falar dessa guerra, mas não me lembrava disso até ele me contar, que essa coisa terrível estava a acontecer. Claro, já houve guerras piores e ele tem feito muito trabalho de resgate e eu vou [ininteligível] e faço enfermagem. Tenho ajudado almas, nos últimos anos, no que chamam, ou chamamos, estações de receção, como já vos disse.

Greene: Sim...

Mary: ...e acho um trabalho muito interessante. Conheço todo o tipo de pessoas muito interessantes e posso falar com elas e ajudá-las a, de certa forma... ajustarem-se à sua nova forma de vida e aos seus novos pensamentos. É muito importante que as pessoas eliminem todas as ideias antigas, sabes, e se tornem cada vez mais, por assim dizer, ajustadas e mais sintonizadas com uma forma de vida diferente e uma vibração e condição de vida diferentes.
É tudo muito interessante, sabes, o nosso trabalho. Eu odiaria estar num sítio onde não houvesse nada para fazer.

Woods: O que... o que aconteceu à menina que estava ao teu lado?
Mary: Oh, presumo, não sei, mas presumo que a família dela tenha vindo buscá-la eventualmente. Mas ela só estava ali há um ou dois dias. Mas, hum, pelos vistos havia uma razão para ela ter de ficar ali mais um pouco. Há sempre, claro.
Greene: E o teu filho, como é que ficou, Mary?
Mary: Oh, ficou muito bem, muito bem mesmo e vejo-o com frequência.
Greene: Uh-huh...
Woods: Como é o teu mundo, hum, Mary?
Mary: Oh, que pergunta! Que pergunta. É tão variado que, na verdade, não se poderia descrever muito dele em linguagem material, porque não há palavras que o possam descrever ou retratar. No entanto, pode dizer-se que é, em certos aspetos, não muito diferente da Terra no seu estado mais belo, sem todas as coisas que causam pequenas irritações e aborrecimentos, sem todas as coisas estúpidas que as pessoas fazem para estragar tudo.

Aqui, tudo é belo porque as pessoas têm pensamentos belos e, de uma forma estranha, esses pensamentos belos ajudam a atmosfera. É tão rarefeita e pura e bela e a luz é tão maravilhosa. É uma luz reflectida que temos, dizem-me. Não vem do sol, mas de outra fonte, e é sempre uma luz suave e bonita e as cores aqui são tão maravilhosas. Temos uma gama de cores tão maravilhosa e as flores também. Já estive em florestas de flores — suponho que é a única forma de as descrever — onde as flores são enormes e lindas e libertam o perfume mais maravilhoso. Claro que, aqui, embora se possa apanhar flores, rapidamente se aprende a não o fazer. No início faz-se, suponho, é um hábito fazer isso, e pô-las em casa, mas aprendemos depressa que não é o mais correto, porque há vida nas flores e é melhor que fiquem no seu ambiente natural.

Mas quando a minha irmã veio e me trouxe aquelas flores, perguntei-lhe sobre isso — muito tempo depois.
'Oh', disse ela, 'eram só flores de pensamento, não eram flores reais. Eram flores criadas pelo pensamento. Por outras palavras, pensei num bonito ramo de flores para ti, e ali estavam para

ti.' Mas era só temporário, percebes? Oh, tudo aqui é tão perfeito, tão belo. Talvez noutra altura volte a falar convosco, mas tenho de ir.

Greene: Oh Mary, não vás...
Tens mesmo de ir?
Mary: Receio que tenha de ir dentro de um momento, dizem-me que o meu tempo está quase a acabar.
Greene: Ia perguntar-te...
Mary: Querias perguntar-me alguma coisa?
Greene: Sim. Disseste que o ar era muito rarefeito. Tens oxigénio aí? É oxigénio no ar?
Mary: Bem, não sei se vocês lhe chamam oxigénio, mas eu chamo-lhe ar. Porque uma pessoa tem consciência de respirar e consciência de absorver... bem, suponho que deve ser um tipo de ar. Mas é tão... é como vinho!
Ah, este é um mundo perfeito. Não tenho vontade de fazer mudanças nenhumas. Espero que não haja mais tipos de morte, estou muito feliz onde estou. Embora me digam que há muitas esferas em que se pode entrar gradualmente. É uma questão de evolução. Mas estou muito satisfeita, não gostaria de mudar.
Enfim, tenho mesmo de ir. Mas o meu amor e bênçãos para ambos. Adeus.
Greene: Obrigada, Mary, muito obrigada.
Woods: Obrigado, Mary.
Mickey: Tchauzinho!
Woods: Adeus Mickey e obrigado por isto, muito obrigado.
Greene: Adeus Mickey. Obrigada, querido, muito obrigada.

SESSÃO DE GRUPO

Gravado: 19 de Novembro de 1953
Presentes: Leslie Flint, Florence Hurts, Rose Creet, Leslie Rowlinson

Comunicadores:
Um cavalheiro americano,
Helena Petrovna Blavatsky (H.P.B.),
Albert,
Theo (irmão de Rose Creet),
Singer (egípcio/árabe),
Mickey,
Sam,
Monsieur,
Jock,
Um cavalheiro búlgaro,
Gertrude Lawrence,
Florenz Ziegfeld Jr,
White Wing.

American: Sim, claro. Eles pensaram que eu poderia ser útil. Não sei bem de que forma ainda, mas pensei que talvez algumas das minhas experiências fossem interessantes para vocês, sabem?
Rowlinson: Sim, certamente. Tudo faz parte...
American: É preciso todo o tipo de gente aqui para formar um mundo, tal como no vosso mundo.

Rowlinson: Sim.
American: Sim, vou tentar contar-vos algumas das minhas experiências depois de ter sido baleado. Ah, aconteceram-me coisas tão engraçadas, digo-vos eu.
Creet: Oh, não nos podes contar um bocadinho agora?
American: Não acho que me seja permitido.
Creet: Não, mais vale não.
H.P.B: Não, agora não!
American: Está bem, madame, já vou. Está bem, já vou! [Riso]
H.P.B: ...quero que cada comunicador tenha apenas um bocadinho convosco...
Hurts: Sim.
H.P.B: ...para se habituar a falar. E então, quando conseguirem falar bem, semana após semana, poderão então relatar as suas próprias experiências à sua maneira. Mas não quero que passem muito tempo ainda. Quero que seja gradual, que se tornem competentes, quero que vos transmitam a sua personalidade, para que tenham um registo completo na vossa máquina para referência futura, e, gradualmente, à medida que se tornarem melhores, poderão ficar mais tempo e falar-vos de coisas que, tenho a certeza, serão valiosas e interessantes para vós e para aqueles que se interessem pelo que estamos a fazer. Temos um trabalho muito, muito interessante para fazer e estou certa de que, com o vosso amor e cooperação, teremos bastante sucesso. Agora, também não devo perder tempo. É muito bonito eu dizer aos outros para não perderem tempo, eu própria não devo fazê-lo. Tenho de trazer outra pessoa.

Creet: Ah... receio que tenha sido culpa minha. Eu perguntei...
H.P.B: Gostaria muito que tivessem combinado ter o vosso cão fechado noutra sala.
Albert: Olá...
Presentes: Olá.
Albert: Conseguem ouvir o que digo?
Rowlinson: Sim, muito bem.
Albert: Olá Leslie.
Rowlinson: Olá, como estás?
Albert: Oh, estou bem. E tu também estás bem?
Rowlinson: Sim, estou bem, obrigado.
Albert: Olá tia...
Rowlinson: Qual tia?
Albert: Tia Rosie!
Creet: Oh olá querido. Não é, hum, oh...
Flint: Parece o Albert...
Creet: Albert.
Albert: Aye. Mas já não venho há muito tempo. Não consegui vir.
Rowlinson: Não conseguiste?
Albert: Não. Estive fora.
Rowlinson: Onde estiveste?
Albert: Na escola.
Rowlinson: Estiveste?
Albert: Aye.
Rowlinson: Aha...
Albert: Mas consegui entrar aqui. Trouxe-o comigo. Ha ha! [Riso]
Albert: Ele trouxe-me com ele, trouxe. Ele não pensava que eu conseguisse vir.
Rowlinson: Mmm?
Albert: Eu conheço a senhora, mas ela não me conhece a mim.
Hurts: Eu?
Creet: Sim.
Albert: Aye. Conheço-te, querida.

Hurts: Oh, conheces?
Albert: Aye.
Hurts: Oh?
Albert: Tu és a Florrie.
Hurts: Sim, sou.
Albert: Aye, eu sei. O Mickey falou-me de ti.
Hurts: Oh, falou...?
Albert: Aye. Ajudaste o médium quando ele era bebé! [Riso]
Flint: Um bebé?
Hurts: Espero que o Mickey tenha dito coisas boas sobre mim?
Albert: Aye. Ele diz coisas boas sobre ti. Nunca ouvi o Mickey dizer nada de mau sobre ninguém.
Rowlinson: Que bom. Velho Mickey querido.
Hurts: Não.
Albert: Aye. Ele pode dizer o que pensa, mas nunca deixou ninguém [ininteligível] ainda.
Hurts: Não, não deixou.
Albert: Estou a ser treinado para um trabalho parecido.
Hurts: Estás?
Albert: Aye, mas não consigo encontrar médium! [Riso]
Hurts: Vem à minha casa e encontra um, queres?
Albert: Aye. Vou visitar-te também, amiga.
Hurts: Sim?

Albert: Aye, mas talvez já tenhas os teus próprios a ajudar-te?
Hurts: Bem, não nos importamos de ter mais alguém.
Albert: Aye, mas eu quero ser exclusivo! [Riso]
Hurts: Ah, está bem. Bem, eu tenho [ininteligível] guardado, por isso podes... vir e encontrar um, acho eu.
Albert: Aye. Quero fazer por turnos como o Mickey. Se encontrar o médium certo, percebes.
Hurts: Sim?
Albert: Estás a comer rebuçados?
Hurts: Eu, a comer rebuçados?
Albert: Aye.
Hurts: Não.
Albert: O que é que estás a chupar? [Riso]
Hurts: Eu estive a comer rebuçados, hum, rebuçados. [Tosse]
Albert: Aye, a senhora come rebuçados. [Tosse]
Hurts: Podes vir e tentar.
Albert: Aye. Tens uma constipação, querida?
Rowlinson: Eu? Não, só uma comichãozinha na garganta.
Albert: Ouvi-te tossir, no entanto.
Rowlinson: Ouviste?
Albert: Olá Rosie.
Creet: Olá querido.
Albert: Consegues ouvir o que eu digo?
Creet: Sim.
H.P.B: Vamos embora, vamos embora.
Albert: Vou? Aww!
[Riso]
Albert: Tenho de ir.
Creet: Está bem Albert.
Albert: Aye. Ela disse que tenho de acabar.
Creet: Oh. Está bem Albert.

Hurts: Oh, que pena.
Albert: Aye.
Creet: Obrigada por teres vindo.
Albert: Tchau.
Presentes: Adeus Albert. Deus te abençoe.
Hurts: Já o ouvi antes.
Flint: Ele fala alto, não é?
Hurts: Meu Deus...
Creet: Oh, ele estava tão próximo.
Hurts: ...a andar mesmo à nossa frente.
Flint: Mmm...
Theo: Olá Rosie.
Creet: Oh, olá querido.
Theo: É o Theo.
Creet: Sim... querido.
Theo: Posso vir por uns minutos.
Creet: Sim.
Theo: Queria só que soubesses que estive aqui esta noite, sabes, na reunião, assim.
[Ranger de cadeira]
Theo: Quero que venhas falar comigo a sós.
Creet: Oh, está bem, irei.
Theo: Não posso dizer-te certas coisas agora. Quero dizer, porque não é permitido neste círculo...
Creet: Não.
Theo: ...falar de coisas pessoais, mas espero que venhas falar comigo, para que eu possa falar contigo a sós, percebes?
Creet: Sim...
Theo: Talvez possas combinar?
Creet: Está bem.
Theo: Todo o meu amor. E a mamã manda-te o amor dela.
Creet: Oh, todo o meu amor para ela e para ti, querido.
Theo: Obrigado.
Creet: E espero poder falar contigo muito em breve.
Theo: Estava a pensar... se conseguirias vir no teu aniversário?
Creet: Oh, vou tentar.
Theo: Deus te abençoe. Adeus.
Creet: Está bem. Adeus querido.
Flint: [A fungar]
Espírito feminino: [A cantar]
Presentes: [Sussurrando]
Espírito feminino: [Continua a cantar...]
Flint: Acho que já tivemos essa voz antes.
Creet: Não percebo o que ela está a dizer.
Mickey: Esperem...
Rowlinson: Olá Mickey.
Creet: Mickey...
Mickey: Acho que ela era egípcia.
Creet: Egípcia, era?
Presentes: [A discutir a língua]
Voz: Árabe.
Sam: Boa noite.
Presentes: Boa noite.

Sam: Boa noite Sr. Rowlinson.
Rowlinson: Boa noite.
Sam: Boa noite meus amigos.
Creet: Boa noite.
Sam: Conseguem ouvir-me?
Creet: Sim. És tu, Sam, não és?
Sam: Exato, senhora.
Creet: Ótimo.
Rowlinson: Que bom ouvir-te.
Sam: Não tinha a certeza se me conseguiam ouvir ou não. Conseguem ouvir-me agora?
Creet: Sim, muito bem.
Sam: Sim, ótimo. Bem, mais um bocadinho de prática não me faz mal.
Creet: [Riso]
Sam: Bem, isto é agradável. Temos uma visitante esta noite, vejo.
Creet: Sim.
Sam: Bem, bem, bem. Fico muito feliz por conhecê-la, senhora.
Creet: [Sussurrando] Ele está a falar consigo.
Rowlinson: Ele está muito feliz por conhecê-la, Sra. Hurts.
Hurts: Oh, obrigada. Deus te abençoe.
Sam: Tens muitos amigos à tua volta, senhora.
Hurts: Aha...
Sam: Algumas pessoas muito boas aqui esta noite.
Creet: Quem está aqui, Sam? Alguém que conheças... ou que nós conheçamos?
Sam: Gostava de fazer uma pergunta a essa senhora — a nova senhora. Ouvi dizer que tens um círculo.
Hurts: Sim.
Sam: Bem, não sei se tens consciência disso, mas tens tido, hum, algumas visitas bastante interessantes que também apareceram aqui esta noite.
Hurts: Oh?
Sam: E, hum, uma das pessoas, hum, é, hum... é, hum, Kitchener.
Hurts: Oh, sim?
Sam: Mas não sei se ele veio recentemente ou se foi há muito tempo.
Hurts: Há muito tempo.
Sam: Mas, hum, este cavalheiro Kitchener — Lord Kitchener...
Hurts: Sim?
Sam: ...parece ter algum interesse no teu trabalho, em conjunto com alguém nas tuas reuniões — um cavalheiro — e acho, hum, que ele se vai manifestar.
Hurts: Obrigada.
Sam: E, hum, para além dele, o cavalheiro aqui; o clérigo, que já fez várias tentativas para se manifestar nas tuas reuniões...
Hurts: Sim?
Sam: ...é o Sr. Vale Owen.
Hurts: Oh. Vale Owen, sim, sim.
Sam: Tens guias muito bons e controles muito bons e visitantes muito interessantes.
Hurts: Obrigada.
Sam: Sabes, não dás muita oportunidade a ti própria; é uma pena.
Hurts: Não, não dou.
Sam: Parece-me uma pena, minha querida...
Hurts: Oh, está bem.
Sam: ...e suponho que, afinal de contas, se tens círculos para o desenvolvimento de outros, deves esperar, num certo sentido, ficar em segundo plano. Mas é uma pena. Porque os teus próprios guias, sabes, acho que gostariam de te controlar mais do que controlam.

Hurts: Está bem, vou deixá-los então.
Sam: Mas, hum, tens certamente pessoas muito boas aqui.
Hurts: Sim, obrigada.
Sam: Trazes condições muito boas. Gostava que fosses membro deste grupo.
Hurts: Bem, vou tentar vir o mais frequentemente que puder.
Sam: Oh, bem, da minha parte serias muito bem-vinda... e tenho a certeza de que todos os outros sentem o mesmo. Ainda assim, não devo tomar, hum, não devo tomar o controlo...
Hurts: Bem, veremos o que pode...
Sam: ...a Sra. H.P.B. ainda me apanha!

[Riso]
[Tosse]
Hurts: Obrigada.
[Pequena pausa]
Monsieur: Olá.
Creet: Olá?
Monsieur: Boa noite.
Creet: Boa noite.
Monsieur: Boa noite. Eu estou, hum, aqui esta noite...
Creet: Sim?
Monsieur: ...só para dizer umas palavras a vocês.
Creet: Oh, és tu Monsieur?
Monsieur: Vim só por uns momentos... para que saibam que estou aqui.
Creet: Oh, que maravilha!
Monsieur: Eu, hum, trouxe a minha orquestra. Trouxe todos os meus músicos.
Creet: Oh... oh Monsieur!
Monsieur: Estou, hum, a ter, como dizem, mais prática, sabem. Eu disse-vos que estava, hum, contente em ir passo a passo.
Creet: Sim, isso é...
Monsieur: E assim, esta noite, hum, trouxe alguns dos meus amigos, os meus músicos, sabem, a minha orquestra.
Creet: Sim?
Monsieur: Hum, mas quero que todos se habituem às condições. Quero que, eventualmente, consigam... consigam fundir-se mais...
Creet: Oh Monsieur, isso é tão...
Monsieur: ...para que tenham uma ideia, uma pequena ideia, da música das esferas, sabem. Não é impossível, afinal, se uma pessoa pode falar ou duas pessoas podem falar, porque não, hum, várias pessoas? Porque não uma orquestra de músicos?
Creet: Sim.
Monsieur: É só uma questão de poder e, quando tivermos poder suficiente para isso e, hum, experiência suficiente deste lado, hum, nós faremos isso, sabem — e vocês poderão gravar na vossa máquina. E teremos [ininteligível] tudo para mim ou talvez eu... não, não... mas, hum, esperem. Nós vamos conseguir.
Creet: Um dos teus próprios?
Monsieur: Impossível.
Creet: Oh... oh, não és tão querido e doce? Oh...
Monsieur: Não fiques chorosa!
[Riso]
Monsieur: Sabem, às vezes penso, 'oh aquela mulher. Vai desabar a qualquer minuto!'
[Riso]
Creet: Bem, estou tão feliz que mal consigo acreditar.
Monsieur: Bem, vais acreditar quando eu o fizer.

Creet: Sim.
Monsieur: Há muitas coisas difíceis de apreciar, sabes, difíceis de acreditar às vezes — mas acredita em mim. Sempre. Conseguimos, eventualmente, provar as coisas.
Creet: Sim.
Monsieur: Eu sei que não duvidas, mas sabes, não tens ideia — não fazes ideia — do que conseguimos fazer se tivermos as condições certas e o poder certo...[ininteligível]
Creet: Sim.
Monsieur: Gostava que Madame estivesse sempre aqui, porque ela traz boas condições, tem muito poder. Madame, podes ter 80, mas pareces 40 e tens o poder de uma mulher de 20.
Hurts: Sim, obrigada!
Flint: [Riso]
Hurts: Bem, vou tentar vir. Estou a gostar muito esta noite.
Flint: [Tosse]
Rowlinson: Meu Deus!
Creet: Que maravilha...
Monsieur: Au revoir.
Presentes: Au revoir Monsieur.
Hurts: Au revoir.
[Pequeno silêncio]
Jock: Olá, conseguem ouvir o que digo?
Presentes: Sim!
Jock: Viva! É assim que estou contente por estar aqui!
Creet: Bom.
Jock: E como está esta noite, Sr. Rowlinson?
Rowlinson: Estou muito bem, obrigado.
Jock: Aye, estás com ótimo aspeto.
Rowlinson: Sim, estou...
Jock: E tu Rosie, como estás?
Creet: Oh, estou muito bem, obrigada.
Jock: Aye, bem podia ser a tua gémea!
[Riso]
Creet: Quem é que está a falar?
Jock: Aye... não sabes?
Creet: Não.
Jock: Tens a memória fraca?
Rowlinson: Jock?
Jock: Aye.
Rowlinson: Sim, já falaste comigo...
Jock: Exato.
Rowlinson: ...numa sessão privada.
Jock: Mas estou surpreendido que te tenhas esquecido de quem eu era...
Rowlinson: Não me esqueci de ti.
Jock: Aye.
Creet: Nunca vieste ter comigo Jock...
Jock: Agora já vim. Mas tens a cabeça como um coador!
Creet: [Riso]
Rowlinson: Sim, reconheci-te...
Jock: Claro que sim, devias sair. Aye, é como se fosses 'mutt and jeff' [surda].
[Riso]
Hurts: Está bem Jock.
Jock: Tens a certeza de que não são parentes?
Hurts: Sim. Não, oh não. É a primeira vez que vejo a senhora.

Jock: Aye. Antes de voltares a St Albans vais estar como o velho Flint.
Hurts: A sério? Nem pensar!
Jock: Aye. Espero bem que sim, de qualquer maneira.
Hurts: Sim.
Jock: Têm muito em comum, além do aspeto.
Hurts: Oh.
Creet: O que é que temos em comum, Jock?
Jock: Aye. Interesse por esta grande verdade.
Hurts: Oh.
Creet: Sim.
Jock: Aye. E têm o mesmo tipo de coração caloroso e bondade e disposição. E as duas já foram passadas a perna vezes sem conta, mas continuam a cometer os mesmos erros...
Creet: [Riso]
Hurts: Sim.
Jock: ...mas é essa a tarefa que têm de fazer...[ininteligível] e só podem fazer o vosso melhor. E se às vezes alguém vos pisa, bem, levantam-se, limpam a cara e voltam a tentar.
Creet: [Riso]
Hurts: Isso é bem verdade Jock.
Jock: Aye. Fico muito contente por te ver aqui.
Hurts: Obrigada.
Jock: Aye. Sr. Rowlinson?
Rowlinson: Sim?
Jock: Aye, é melhor chamar-te Leslie.
Rowlinson: Bem, soa melhor, não soa?
Jock: Aye. E o que é que vais fazer contigo mesmo?
Rowlinson: Quando?
Jock: Aye. Talvez não devesse fazer a pergunta.
Rowlinson: Mas porquê não?
Jock: Mas estava a pensar quando a velhota vier.
Rowlinson: Bem, sabes o que estou a tentar fazer...
Jock: Aye. Espero que consigas fazê-lo.
Rowlinson: Sim.
Jock: Bem, tenho a certeza de que terás muita ajuda deste lado — e que vás levar o trabalho a sério.
Rowlinson: Bem, levo. Acho que sou sincero nisso, Jock, não achas?
Jock: Aye, sei disso. Mas o que quero dizer é que possas dedicar mais tempo...
Rowlinson: Oh, oh...
Jock: Sabes, levar isso mais a sério do que tens conseguido até agora.
Rowlinson: Oh, sim, sim.
Jock: Aye. E não precisas de te preocupar se a pobre velhota vier para aqui em breve. Ela ficará melhor aqui com toda a sua gente.
Rowlinson: Acho que sim...
Jock: Aye. Não precisas de derramar uma lágrima. Será da natureza humana chorar, mas quero que saibas que é o melhor. Ela será muito mais feliz aqui.
Rowlinson: Sim, obrigado Jock.
Jock: Sem dor, sem preocupações. Vai ficar como uma jovem outra vez, sabes?
Rowlinson: Sim, bem, de certa forma será melhor, sabes?
Jock: Aye. Cuida de ti, amigo. Tenho de ir. Já ouço chamarem-me.
Rowlinson: Ah. Está bem...

H.P.B: Vamos, vamos!
Presentes: Adeus Jock / Boa noite Jock.

Flint: [Riso]
Hurts: Deus te abençoe.
Rowlinson: Ele é um tipo tão simpático, veio falar comigo há anos.
Creet: Flint: [A fungar]
Creet: Eu não me lembro nada dele.
Rowlinson: Muito simpático.
Hurts: Oh, eu lembro-me dele.
Flint: [Tosse] [Pequeno silêncio]
Hurts: Está a vir muita gente hoje.
Flint: Sim. Mais do que o habitual.
Presentes: [Todos a falar]
Hurts: Por eu estar aqui, suponho?
Flint: Sim, dás muita energia, percebes.
[Interrupção na gravação]
Voz masculina: Boa noite...
Presente: Boa noite.
Voz masculina: Estou muito interessado...em tudo o que se está a passar aqui. Primeiro devo perguntar se conseguem ouvir o que vos estou a dizer.
Creet: Sim.
Voz masculina: Pois ainda não estou familiarizado com a comunicação desta forma.
Creet: Ouço-te muito bem. E tu, Leslie?
Flint: Eu ouço-o, sim.
Creet: Consegues ouvir, Les?
Voz masculina: Pode ser que a minha voz não esteja muito clara...
Rowlinson: Assim está melhor...
Voz masculina: Porque é a minha primeira experiência a falar convosco.
Hurts: A tua primeira experiência?
Voz masculina: Têm de perdoar se a minha voz não está a re-co-rdar, como dizem, na vossa [ininteligível].
Creet: Está a gravar. Ouço-te muito claramente.
Rowlinson: Sim, sim... [Interrupção na gravação]
Hurts: Que pena.
H.P.B: Não faz mal. Ele tentará noutra ocasião. Não fiques desanimada, minha querida. Alguns deles têm dificuldade.
Hurts: Sim.
H.P.B: É inevitável.
Hurts: Pois é, não é?
Creet: H.P.B., ele era austríaco ou alemão?
H.P.B: Penso que era búlgaro.
Creet: Oh búlgaro, ah... obrigada. [Pequeno silêncio]
Voz: Boa noite.
Presentes: Boa noite.
Voz: Boa noite.
Presentes: Boa noite.
Hurts: Vamos lá... vamos lá. [Pequeno silêncio]
Lawrence: Olá...
Presentes: Olá.
Lawrence: Oh estou tão feliz por poder vir falar convosco. Espero que não se importem?
Creet: Nem por isso... quem és tu, querida?
Lawrence: Acho isto tudo tão confuso.
Creet: Ouvimo-te muito bem.
Lawrence: Ouvem?

Hurts: Sim. Muito claro.
Lawrence: É tudo tão estranho, sabem, vir falar assim convosco.
Hurts: Sim.
Lawrence: Eu não estou propriamente... bem, quero dizer, não estou mesmo ligada ou algo assim, sabem.
Hurts: Não.
Rowlinson: Bem, isso não importa.
Creet: Isso não importa.
Lawrence: Não estou aqui há muito tempo.
Rowlinson: Não estás?
Lawrence: Bem, não, na verdade não.
Creet: É a Gertrude?
Lawrence: Sim.
Creet: Eu achei que era...
Lawrence: Não tinha bem a certeza se me conseguiam ouvir, sabem.
Creet: Sim.
Lawrence: É extremamente difícil tentar falar através disto — desta instalação, sabem.
Creet: Sim eu...
Lawrence: Conseguem ouvir-me agora?
Creet: Sim.
Rowlinson: Muito bem, sim.
Creet: Sim, muito bem.
Lawrence: É mesmo, é muito esquisito tentar falar, sabem.
Hurts: Muito claro.
Voz: (Olá)
Lawrence: Oh espero mesmo conseguir. Sabem, quero falar bastante, sabem.
Creet: Sim, espero que sim, porque tiveste uma vida muito interessante — vida teatral, não foi?
Lawrence: Sim, a minha vida aqui foi muito curta.
Rowlinson: Sim, desde que... sim.
Lawrence: Quero dizer, não estou aqui há muito tempo...
Creet: Não, eu sei que não.
Rowlinson: Estás muito melhor do que estavas quando vieste pela primeira vez.
Lawrence: Estou? Oh, que bom.
Rowlinson: Muito melhor.
Lawrence: Oh, ainda bem.
Rowlinson: Oh sim.
Creet: Oh sim.
Lawrence: Espero mesmo conseguir falar muito melhor do que isto.
Creet: Vais conseguir...
Lawrence: Tenho um grupo grande comigo esta noite, sabem?
Creet: O quê?
Lawrence: Tenho um grupo grande de pessoas comigo.
Rowlinson: Tens?
Creet: Oh tens?
Lawrence: Oh sim.
Rowlinson: Mas estás a conseguir muito bem...
Creet: Quem trouxeste contigo, Gertrude?
Lawrence: O velho Zieg.
Rowlinson: Ziegfeld?
Creet: Ziegler? Oh, querido Ziegler. Eu adoro-o. Acho-o um querido.
Rowlinson: Sim. Ziegfeld: Eu sei. Ouço o que estás a dizer! [Riso]
Ziegfeld: Só pensei que gostariam de saber, trouxe alguns amigos meus esta noite.

Creet: Oh sim.
Ziegfeld: Sim, mas estou a ficar sem energia. [Relógio a dar as horas]
Creet: Oh. Oh, estou tão contente por ouvir a tua voz, Flo.
Ziegfeld: E estou muito ansioso para que ela se habitue a isto, sabem...
Rowlinson: Ela — ela grava muito bem.
Ziegfeld: ...porque será uma comunicadora muito boa.
Creet: Sim.
Ziegfeld: E embora esteja aqui há pouco tempo, tem muito que vos pode contar, de qualquer forma, sobre a receção dela aqui e...
Rowlinson: Sim.
Ziegfeld: ...várias pessoas que conheceu e as impressões dela — as primeiras impressões, sabem.
Creet: Sim.
Ziegfeld: Aqui vem todo o tipo de gente, sabem, e de todas as condições.
Creet: Mmm.
Ziegfeld: E como estás esta noite? Estás melhor do que estavas?
Creet: Oh sim, estou muito...
Ziegfeld: Da última vez não estavas muito bem.
Creet: Não eu...
Ziegfeld: Se bem me lembro, então, houve um certo sarilho com algo que estavas a comer.
Creet: [Riso]
Ziegfeld: Não pode ser.
Creet: Não. Oh, estou muito melhor, obrigada Flo.
Ziegfeld: Bem, boa noite.
Presentes: Boa noite. [Interrupção na gravação]
White Wing: Grande Espírito Branco abençoe-vos a todos... White Wing.
Presentes: Ah, White Wing.
White Wing: White Wing vem, traz a bênção do Grande Espírito a cada um de vós, filhos.

Eu sei que nos vossos corações se esforçam por servir de todas as formas possíveis, para fazer a obra do Grande Espírito. Cada um de vós foi escolhido para servir o Grande Espírito e os seus filhos. Cada um de vós é um instrumento e cada um tem o seu caminho a percorrer. E sei que estão sempre conscientes do grande poder que vos chega, através de muitos daqueles que ministram e que vêm e comungam convosco. Para mim é uma grande alegria saber que há, no vosso mundo, almas como cada um de vós que se esforçam por fazer a obra do espírito, para elevar aqueles no vosso mundo cujos corações estão pesados, para lhes dar encorajamento e esclarecimento e para lhes dar o caminho que devem trilhar, sabendo que não estão sozinhos, mas sempre amparados pelo mundo do espírito e guiados por aqueles que o habitam. Cada um de vós [ininteligível] pois são de facto abençoados por muitas almas, algumas que conhecem pelo nome, outras que não conhecem. Mas todos vieram em amor, para servir e ajudar.

E eu, nesta ocasião, antes de nos despedirmos, quero dizer-te, nossa filha, quão gratos estamos a ti por toda a bondade e carinho que tens mostrado ao nosso instrumento. Tu que ajudas a tornar possível o trabalho que realizámos até este ponto no tempo, e para os anos que se avizinham, lembrar-nos-emos de ti e do teu amor... [ininteligível] ...lembrar-nos-emos sempre e abençoamos-te.
Creet: Obrigada.
White Wing: A cada um de vós, ao deixarmos-vos, deixamos a nossa bênção. Que o amor do poder do Grande Espírito esteja sempre convosco, como sei que estará e estará sempre. E que os vossos caminhos sigam sempre em frente para mais luz e verdade. E que os vossos corações cantem de alegria porque sabem que não estão sós, mas estão sempre a ser ajudados e guiados e nunca falharão...
[Cão a ladrar]

...porque aquilo que fazem é maior do que vós, maior do que nós que vos vimos. Pois aquilo que fazemos é do Grande Espírito e somos apenas como vós; instrumentos desse espírito. Então, que a paz esteja convosco e adeus.
H.P.B: Boa noite a todos.
Presentes: Boa noite.
H.P.B: Boa noite e Deus vos abençoe. Deus abençoe cada um de vós. Boa noite.
Creet: Muito obrigada. Obrigada.

GEORGE HARRIS
3 de Abril de 1970

"Não preciso de comer..."

Antes de morrer, George Harris era construtor. Construía casas e gostava do seu trabalho. Segundo George, quando chegamos ao mundo espiritual podemos continuar a fazer as coisas de que gostávamos em vida — por isso George continua a construir. Ele usa tijolos tão sólidos como quaisquer outros na Terra e constrói casas que são "tão reais quanto possível". George descreve o mundo que agora habita como "muito natural", com estações do ano, clima e até dia e noite. Dorme, trabalha, mas já não sente necessidade de comer...

Woods: [...vamos lá] amigo, conseguimos ouvir-te.
Harris: (A falar com outro espírito)
Mas não acho que seja, sabes. É muito bonito para ti dizeres isso, mas eu não me vejo assim.
Greene: Vá lá amigo, isso foi muito claro.
Harris: Como é que isto é tão bom? Muito bom se consegues fazer isso, suponho. É fácil para alguns.
Voz: (A sussurrar) Sim, eu sei, mas consegues.
Harris: Não acho que consiga.
Voz: Sim, consegues.
Flint: Huh!
Greene: Isso foi muito claro.
Flint: Mmm.
Harris: Espíritos...
Woods: Sim?
Flint: Huh!
Woods: Sim.
Greene: Sim, vá lá. És bem claro.
Woods: Muito claro. Vá lá, amigo.
Harris: Espiritualismo.
Greene: Sim?
Harris: Ha! Eu não ligava muito a este tipo de coisa quando estava do vosso lado. Na verdade, era algo completamente fora da minha existência.
Woods: Sim...
Greene: Sim...
Harris: Vocês são espiritualistas, não são?
Woods: Não... não...
Greene: Não propriamente, não. Não, não propriamente.
Harris: Não são espiritualistas? Bem, pensei que fossem espiritualistas ou algo assim: para entrarem em contacto connosco...
Woods: Oh sim, bem, sim. Nós...

Greene: Nesse sentido, sim.
Woods: Nesse sentido, sim, sim.
Harris: Oh, vocês... parecem um bocado como se fossem preconceituosos contra os espiritualistas então.
Woods: Oh não...
Flint: (A rir) Oh céus!
Woods: Nós somos, hum...
Harris: Bem, se não são espiritualistas, então que diabo são?
Woods: Bem, nós somos...
Greene: Investigadores.
Woods: ...investigadores, percebes?
Harris: Bem, não vejo grande diferença, eu.
Greene: (A rir)
Woods: Oh, percebo. Sim.
Harris: Se se sentam aí à espera que os 'ditos' mortos venham falar convosco, o que são senão espiritualistas?
Greene: Bem, é... podes dar-nos o teu nome, amigo?
Harris: Eh?
Greene: Por favor, podemos ter o teu nome?
Harris: O meu nome? O meu nome não vos vai dizer nada de qualquer maneira. Então, qual é o propósito?
Flint: (A rir) Oh, céus, céus!
Greene: Bem se... vem contar-nos sobre ti e o que... sabes...
Flint: (A tossir)
Greene: O que fazes...
Harris: George Harris.
Greene: Desculpa?
Harris: Não queriam o meu nome? Mais vale dizer. O meu nome é George Harris.
Greene: George Harris.
Woods: Sim.
Greene: E o que fazias quando estavas na Terra, George?
Harris: Oh bolas! Perguntas, perguntas, perguntas!
Greene: Oh sim.
Harris: Parece que tens de andar com o teu cartão de identidade quando vens para aqui.
Flint: (A rir) Oh, céus!
Woods: Bem, dá-nos uma conversa...
Greene: Dá-nos uma conversa, George.
Woods: Fico por aqui.
Harris: Que diferença faz isso?
Woods: Bem, gostaríamos... gostaríamos de ouvir... o que tens a dizer.
Harris: Bem, quer dizer... mal respiro e já querem saber quem sou, onde estou, de onde vim... (a murmurar) Credo, livra!
Woods: Não, não necessariamente, tu, hum... é o que quiseres dizer-nos, está bem? Fala connosco... o que quiseres. Deixamos ao teu critério.

Harris: Espiritualistas! Claro que são espiritualistas. Têm de ser espiritualistas, caso contrário não estariam aí sentados a tentar falar comigo.
Flint: (A rir)
Woods: Oh céus...
Harris: Esta treta toda de 'investigação'.
Woods: O quê?
Greene: (A rir)

Flint: (A rir)
Woods: Bem, conta-nos sobre o teu lado da vida e, hum, coisas diferentes.
Harris: Bem, no que me toca, não é assim tão diferente do vosso.
Greene: Bem George, ouve, quando morreste tu... tu passaste...
Harris: (A interromper) Eh?
Greene: ...quando passaste para o outro lado, deste por ti vivo. Agora, o que pensaste disso?
Harris: Bem, queres dizer quando eu... quando eu estiquei o pernil?
Greene: Sim.
Harris: Huh! Muito igual a estar do vosso lado, pelo que vejo. Há certas diferenças, suponho; claro que há. Não temos todas aquelas preocupações antigas e dores de cabeça que tínhamos como... bem... arranjar meios e o resto.
Greene: Mmm.
Harris: E a nossa vida é muito, de certa forma, a mesma — muito igual. Igual... pelo que vi tudo é tão sólido, tão real. Temos as nossas casas e lugares e interesses. Claro, não temos de ir trabalhar. Nada disso. Não tenho de tentar ganhar uns trocos*. O dinheiro aqui não significa nada. O dinheiro não tem qualquer importância. És o que és e como és.
(*uns trocos = algum dinheiro)
(Sons do andar de cima)

...Oh bolas, o que é que eles andam a fazer? A deixar cair coisas. Deviam... cuidado... (murmura ininteligível)

Greene: Está tudo bem. Isso é lá em cima...
Harris: (A interromper) Eh?
Greene: Está tudo bem. Isso é lá em cima.
Harris: Ah, eu sei que é lá em cima. Já estive lá em cima e dei uma bela olhadela antes de descer aqui. Casa bonita.
Greene: Sim.
Woods: Hum...
Harris: Eh?
Woods: O que... o que tens aí do teu lado? Tens animais e... mas não tens coisas como carros ou...
Harris: Nunca vi carros nenhuns. Oh bolas, quem é que quer carros? Podemos andar aqui com os nossos próprios pés.
Woods: Andas a cavalo?
Harris: Bem, eu não ando.
Woods: Não.
Harris: Suponho que haja quem ande.
Woods: Como passas o teu tempo desse lado?
Harris: Bem, tenho interesse pela construção. Estava na construção civil e...
Woods: Oh sim?
Harris: ...interesso-me muito por construir e gosto do meu trabalho. Mas aqui é um bocado diferente. Constrói-se mesmo. Constrói-se, com materiais e coisas que são reais e sólidas e tudo isso, mas, hum, claro que não é por dinheiro. Não se faz porque é preciso fazer. Faz-se porque se gosta, porque se tira prazer e felicidade disso. Claro, disseram-me algumas pessoas que, onde estou, é, hum, muito tipo, hum, como é que se diz, hum, 'primeiros estágios', percebem?

Woods: Sim...

Harris: E é por isso que temos de "construir", como tu dizes, percebes? Mas dizem, sabes, lá nesses planos mais elevados, como lhes chamam, que tudo é criado pelo pensamento. Bem, suponho que seja. Não sei. Não percebo patavina disso, eu.

Onde estou, é tão real quanto pode ser. Tens materiais e trabalhas com materiais. Cria-se, como se diz, com materiais. Oh… eu já vi praticamente réplicas de… oh, muitas coisas que eram comuns do vosso lado. As pessoas não ficam só sentadas a pensar em algo e lá está. Não teria graça nenhuma nisso. Acho que seria uma forma miserável de viver, digo eu. Acho que, a menos que tenhas de fazer algum esforço por isso, construir, trabalhar para isso… Afinal de contas, o único verdadeiro prazer e felicidade, pelo que vejo, é… é… seres, percebes, criativo. Sabes… fazeres tu mesmo… com o teu esforço, percebes? E esta conversa toda que têm… destes lugares elevados, já ouvi-os… a falar sobre isso. Talvez. Não sei. Não consigo apanhar essa parte.

Greene: George, como arranjas os tijolos para construir?

Harris: Oh, são… são produzidos. Há sítios onde os fornecem, e podes ir buscá-los e usá-los para construir… eh… Claro, é um sítio maravilhoso onde estou, sabes; sítio lindo. Casas; oh, sítios muito bons, muito bonitos mesmo. Centenas e milhares de pessoas onde vivo, a viverem em pequenas comunidades; pequenas… como é que lhes chamariam… bem… aldeias, suponho. Algumas parecem ter um lugar que – dizem-me – é igualzinho ao que tinham quando estavam na Terra.
Mas eu, falando por mim, estava mais ou menos sempre em pensões ou alugueres* em todo o lado. Diferentes sítios. Mudava de um lado para o outro, e o resto. Claro, eu era muito homem de mim mesmo. Não me misturava muito. Nunca me casei. Bem, sabes…

(*Digs = alojamentos temporários)

Woods: Constróis casas para pessoas especiais ou para toda a gente, ou como é que… quem decide quem tem casas?
Harris: Bem, isso depende de cada um.
Woods: Sim?
Harris: Quer dizer, não há empresas ou coisa parecida. Mas, eh, toda a gente que vem para aqui – estou a falar de onde estou – eh, se tinham uma profissão ou algo de especial e gostavam disso, se isso os fazia felizes, têm o mesmo aqui.
Tens carpinteiros, tens pintores, decoradores e tudo isso, e suponho que, eh, seja o que for que gostasses de fazer na Terra, podes continuar a fazer aqui…

(Sons do andar de cima)
Harris: [Ah, calem-se…]
E dizem também que… [Olha, vai-te embora!]
E dizem que, aqui, sabes, podes fazer o que quiseres, até chegar o momento em que começas a pensar de outra forma. Quer dizer, eu ouço estas pessoas de outros sítios…
Woods: Sim…
Harris: … eles vêm e falam e dizem-te isto e aquilo e o outro, mas porque é que havíamos de largar… quer dizer, porque é que eu havia de largar uma condição, como lhe chamam, de vida onde sou perfeitamente feliz e perfeitamente contente e tenho todas as coisas que me interessam. E eu…

Como digo, sou muito feliz a construir, a ajudar outros que, sabes, também estavam na construção na Terra e construímos e trabalhamos juntos. E as nossas casas são tão reais e sólidas como as vossas, e algumas são mesmo lindas, sabes.
Claro, as pessoas para quem construímos são pessoas de quem gostamos, pessoas de quem somos amigos, pessoas que querem muito ter algo delas, à sua maneira de pensar e ideia, e tudo se organiza. Há pessoas que criam aqui. Há quem seja, eh… como é que se chama… arquitectos e tudo isso. E, eh, eles esboçam* coisas, percebes; fazem o plano e nós seguimos.

(*Rough out = fazer um esboço)

Claro, há aspetos que não são iguais. Quer dizer, percebes logo que não precisas de comer da mesma forma e não há nenhum dos outros aspetos da vida que são comuns na Terra, mas, eh… É engraçado… é mais como o vosso mundo mas mais perfeito; sem aquelas coisas irritantes, percebes, e as coisas que… bem, não há dores, não há doenças, não vi hospitais nem nada disso. Embora, por outro lado, dizem-me que há sítios parecidos com hospitais, mas dizem que são para casos mentais, percebes; pessoas que… são um bocado "transtornadas da cabeça", assim, sabes. Não consigo perceber porque haviam de estar transtornadas da cabeça, aqui.
Mas depois tentam dizer-me, por exemplo, e a outros que foram a essas reuniões, que dizem que é tudo um estado de espírito; que tudo onde vives é um estado de espírito e se pensas que queres fazer certas coisas, então fazes certas coisas. Mas até aprenderes a "olhar" de outra forma, continuas na mesma vida de sempre.
Bem, quer dizer, tudo bem, até certo ponto, mas porque é que eu havia de querer mudar? Estou tão feliz. Era construtor do vosso lado. Dava-me prazer o meu trabalho. Sempre gostei. Faço o mesmo aqui…

… para mim, os tijolos que uso são tão sólidos como qualquer um que alguma vez usei na Terra. Olha, não sei de onde vêm. É isso… perguntaste-me isso e não sei. Suponho que deve haver sítios onde os fazem… olarias… não sei. Mas tudo me parece real. Tudo parece real. E tudo parece muito como era na Terra.
Mas é isso que estes outros me dizem; que, eh, percebes, que é um estado de espírito. Não sei se me estão a tentar dizer isso porque o meu estado de espírito – e eu acho que não consigo construir se não tiver tijolos e tudo o que é preciso, percebes.

E então, parecem tentar dizer-me (claro que não acredito nisso) que faço tudo isto por causa do meu próprio estado de espírito – e o mesmo acontece com as outras pessoas onde estou; que trabalhamos num certo, como é que se diz, estado de espírito, vibração ou vibração material ou coisa parecida que tentam dizer-me, sabes.
E, em consequência, tudo parece o que é, mas na verdade não é – percebes o que quero dizer? O que me parece que é como se estivessem a dizer que vivemos num estado de ilusão.
Bem, não acredito nessa treta. Quer dizer, os tijolos que toco são reais. Quer dizer, venho e falo contigo. É tão real quanto pode ser. Quer dizer, eh… huh! Já vi algumas destas outras pessoas. Quer dizer, são muito simpáticas, muito agradáveis e tudo isso mas… sabes…
Quer dizer, nunca fui de ser "pregado" com conversas, quando estava do vosso lado. Nunca ia à igreja e nunca ia a reuniões e coisas assim. Tinha ouvido falar de espiritualistas. Foi o que pensei que vocês eram… bem, têm de ser, caso contrário não estariam a falar comigo. Quer dizer, é… é tudo um estado de espírito, suponho, até certo ponto.
Mas quando um estado de espírito é tão real como o meu, isso não é uma ilusão. Como poderia ser? Quer dizer, os tijolos são reais como tudo, e as casas que construímos são reais como tudo. E fazemos o mesmo processo de sempre. Quer dizer, construímos mesmo.

Greene: (Ininteligível)

Harris: Quer dizer… sim, todas essas coisas.
Cada um faz o seu trabalho e todos trabalhamos juntos em harmonia. E, claro, comes, mas, eh… engraçado isso. É uma coisa em que acho que há algo de verdade – no que dizem – sabes. Tenho a impressão de que nós… não sei. Quando aqui cheguei parecia, suponho, necessário para mim ter certas coisas, refeições e isso. E agora já não sinto tanto essa necessidade. É engraçado isso. E, em consequência, não sinto necessidade de comer. Nem sequer precisas de ir à casa de banho. Não é engraçado? Quer dizer, fazes uma bela refeição e pensar-se-ia… bem, depois terias de ir à retrete*, percebes, mas não tens!

(*Joey = gíria para casa de banho)

Isso foi uma coisa que me espantou ao início. Não percebia nada disto. E depois disseram-me, 'Oh, bem, é diferente. Já não é o mesmo corpo físico,' como lhe chamam, 'e não tem a mesma, eh, construção,' ou lá o que é. E, eh, disseram-me, 'Na verdade, essa coisa de quereres comer e outros como tu sentirem necessidade de uma chávena de chá e tudo isso – é só um estado de espírito.'
Claro, suponho que, de certa forma, o que dizem é verdade, mas, eh, suponho que é. Mas sou tão feliz como sou, no meu ambiente natural e a fazer as coisas de que gosto. E agora encontro muitas pessoas com quem me dou bem e, eh…
Ainda não encontrei a minha mãe nem o meu pai. Isso é uma coisa engraçada, não é? Não encontrei nenhum dos meus parentes. A minha velha, ela passou para o outro lado… bolas… já há muitos anos e era um bocado religiosa. Sempre achei que ela era um bocado maluca, sabes, com a religião.
O velho, ele morreu, oh, quando eu era miúdo. Tinha outro irmão. Ainda não o encontrei. Ele… ele era mais ou menos, eh… bem, só um ano de diferença entre nós. Ele foi para a Austrália. Bolas! Nunca… suponho que já deve estar morto agora. Mas se está, ainda não o encontrei.

Engraçado, não é? Não encontrei ninguém da minha gente. Claro, a velha era muito religiosa, por isso deve ter ido lá para cima, sabes… sabes… essa treta toda.
Flint: (A fungar)
Woods: Tens noite e dia aí, assim…?
Harris: Sim. Tal como vocês. Noite e dia. Claro que sim.
Woods: E à noite – escuro?
Harris: Vou dormir, vou para a cama, acordo, tal como vocês na Terra.
(Som do cão do Flint a ladrar)
Harris: Estações diferentes. Chuva e sol e tudo isso. Oh sim, posso contar-vos umas coisas sobre isso. É tudo muito natural.

Woods: Tens…
Harris: Eh?
Greene: Tens chuva, disseste?
Harris: Tenho o quê?
Greene: Disseste que tens chuva?
Harris: Sim. Chuva e tudo isso. Eu… É tudo igual. É como se tivesses uma réplica (é isso?)… da Terra, sabes?
Greene: Sim.
Harris: Oh, muito bonito.
Greene: George, quando passaste para aí, como é que te sentiste? Quer dizer, não ficaste confuso?
Harris: Oh bem, de certa forma, percebes. Uma coisa assim… assim… assim.
Greene: Mmm.
Woods: E tens… e tens, eh… há árvores aí, sabes, e morrem e vivem?
Harris: Tudo morre e vive.
Woods: E vive… e cresce outra vez?
Harris: Sim. Exceto as pessoas…
Woods: Tal como era na Terra?
Harris: Exceto pessoas e animais. Esses não morrem.
Woods: Não. Mas as árvores desaparecem e…
Harris: Bem, têm as suas estações.
Woods: …como o outono?
Harris: Para mim é exatamente como na Terra.

Greene: Então tens primavera, verão e outono, tal como nós?
Harris: Sim. Exatamente igual... exatamente igual... exatamente igual...
Woods: Sim, isso é muito interessante.
Harris: ... exatamente igual...
Greene: Muito interessante.
Woods: Sim.
Harris: Eh......
Woods: Oh, não vás embora, amigo. Gostamos de falar contigo.
Harris: ...Não consigo continuar. Talvez venha outra vez.
Greene: Ahh...
Woods: Que pena...
Greene: Oh George, fizeste uma linda conversa.
Woods: Sim, foi mesmo.
Harris: Vemo-nos depois... mais logo. Bye-bye.
Greene: Adeus George. Obrigada.

HARRY TUCKER
4 de Novembro de 1968
"Criaste para ti mesmo uma masmorra de trevas"

Harry Tucker viveu grande parte da sua vida como ladrão, roubava viajantes e carruagens públicas pelas estradas. Nesta comunicação, Harry reflecte sobre a sua vida e a sua morte já em idade avançada e sobre as mudanças que viu em Londres desde os seus tempos no século XVIII. Harry descreve como encontrou o seu próprio corpo depois de morrer, e como ninguém o podia ouvir nem ver... Só quando o pai e a irmã, já falecidos, apareceram é que Harry percebeu que o seu futuro seria num mundo diferente — onde o esperavam surpresas ainda maiores.

Mickey: ... contente por poder vir falar convosco outra vez. Olá George-porge! Como estás?
Woods: Muito bem, obrigado Mickey.
Mickey: Georgie-porgie!
Woods: Muito bem.
Greene: Oh sim Mickey!
Mickey: Estão bem?
Woods: Sim, estamos bem. Muito bem, eu e a Betty. Muito bem mesmo.
Greene: E tu, Mickey, como estás?
Mickey: Oh, não há nada de errado comigo. Seria muito estranho se houvesse.
Greene: [Rindo] Bem, estamos contentes por voltar aqui acima, para começar o trabalho outra vez.
Woods: Muito contentes, Mickey.
Mickey: Vêm durante o inverno todo?
Greene: Sim, claro que sim.
Woods: Oh sim.
Greene: Mmm. A menos que a neve e o gelo nos impeçam ou algo assim – que pare o comboio, sabes.
Woods: Se conseguirmos vir até cá acima, vimos Mickey. Não importa como esteja o tempo...
Greene: Olá?
Flint: Huh?
Woods: Olá?

Tucker: Aye. Os tempos mudaram, isto agora não reconheço nada por aqui…
Greene: Não?
Tucker: É tudo completamente diferente, de como costumava ser.
Greene: Sim?
Tucker: Nem saberias onde estavas agora. Eu não saberia se não mo tivessem explicado… Ah, os tempos mudaram, a roupa das pessoas – tudo mudou.
Greene: Uh-huh…
Tucker: Oh céus, céus, céus…
Greene: Quem és tu, amigo…?
Tucker: Que lugar tão mudado este é. Oh, anos atrás isto era tudo campos.
Greene: Sim?
Tucker: Oh céus, céus… e havia um… oh, um velho sítio, algures aqui perto onde eu costumava esconder-me muitas vezes. Isso também já se foi. Oh céus, céus. Valha-me Deus, não tenho… não tenho vontade nenhuma de voltar ao vosso mundo. Já me bastou. Eh, vocês não perceberiam se eu vos contasse.
Greene: Porquê não?
Tucker: Bons velhos tempos. Sou um homem diferente agora. Sou outro tipo. Sou um homem feliz. Não é que fosse exatamente miserável quando estava do vosso lado – tinha os meus altos e baixos. Ah… tive os meus bons momentos e os maus momentos. Mas quando estava do vosso lado; oh céus, céus, isto era tudo campo, tudo campos e umas quantas casas aqui e ali; uma aldeia não muito longe daqui havia, e um sítio muito bom chamado The Boar – onde eu costumava esconder-me durante algum tempo, às vezes, quando as coisas ficavam 'quentes' demais!
Greene: Quem eras tu, amigo?
Tucker: Eu andava na estrada.
Greene: Oh…
Tucker: Eh… o meu nome não vos vai dizer nada, claro. Porque haveria de dizer?
Greene: Podemos sabê-lo?
Tucker: O meu nome era Harry.
Greene / Woods: Harry?
Tucker: Harry. Pois.
Greene: Harry. Sim.
Tucker: Sim. Harry Tucker.
Woods / Greene: Harry Tucker?
Tucker: Sim. O velho Harry Tucker!
Greene: Sim?
Tucker: Nem vos digo como alguns me chamavam. Mas tive boas aventuras e consegui umas quantas guinéus* aqui e ali. [Riso] O velho posto das diligências não ficava muito longe. Eu costumava ir lá para baixo até Hempstead.

(*guinéus = moedas de ouro)

Greene: Sim?
Tucker: Oh, e eu costumava ser um grande amigo do velho Will. Ele era um tipo esperto, era. Vocês… vocês estão a viver muitos anos depois de mim. Oh, estou a falar de…
Woods: Andavas nas estradas, amigo?
Tucker: Estou a falar de… oh, há 160 – 180 anos atrás.
Greene: Sim…
Tucker: Oh céus, céus. Não ficava muito longe o velho Tyburn* daqui; alguns dos azarados iam lá parar. Tive a sorte de morrer na minha cama [Riso].
(*Tyburn = patíbulo junto ao antigo rio Tyburn, perto de Marble Arch em Londres.)

Greene: Hum…
Tucker: Enganei-os, não foi?
Greene: [Rindo]
Flint: [Rindo]
Greene: Hum… Harry, como é que tu… tu eras um salteador de estrada, não eras?
Tucker: Bem, podias chamar-me isso. Eu não era exatamente um salteador de estrada. Era um bocado disto e um bocado daquilo.
Greene: Bem Harry, quando passaste para o outro lado, hum…
Flint: [Tosse]
Tucker: Quando eu quê?
Greene: Quando morreste… quando… por outras palavras, 'morreste'…
Tucker: Ah, quando morri…
Greene: Como é que reagiste a isso? Como é que… em que tipo de condições te encontraste?
Tucker: Não gostei.
Greene: Mmm?
Tucker: Ah… eu lembro-me de estar sentado no The Boar. Já estava velho nessa altura e tinha algum dinheiro guardado [Rindo].
Greene: Sim?
Tucker: Ah… estiquei o pernil.*
(*Snuffed it = morreu. Literalmente "apagou-se"; aqui traduzido para "estiquei o pernil", expressão popular para morrer.)*
Greene: Sim, e o que aconteceu quando…
Tucker: Estiquei o pernil, estiquei.
Greene: Sim, mas o que aconteceu quando tu…
Tucker: E quando estiquei o pernil, lembro-me de descer aquela escada. Huh! O sítio estava às escuras, não havia vivalma.
Greene: Sim, continua Harry.
Tucker: Não sabia que estava morto. Engraçado… tive vontade de beber qualquer coisa. Huh.
Greene: Sim?
Tucker: Engraçado isso. Pensei que ia buscar uma garrafa. Huh! Ah, coisa estranha essa. A descer as escadas…
Greene: Sim?
Tucker: E pensei para comigo, huh… porque é que não tinha acendido uma vela, não sei. Mas era uma noite de verão, a lua brilhava [Rindo]. Via bem o caminho. Sabia para onde ir, já lá tinha ido centenas de vezes. Ele não sabia; o velho do balcão. Ele não sabia que eu muitas vezes ia lá abaixo roubar uma noitada. Era um hábito, suponho eu – quando todos dormiam [Rindo]. Eu abria… tirava o tranco da porta velha e lá ia eu [Rindo]. Sabia onde buscar uma garrafa. Ele nunca dava por falta.
(*tap man = taberneiro, barman)

Nessa noite fui lá abaixo, devia ser três ou quatro da manhã, lembro-me de ouvir o sino da igreja bater. Eram três. Fui ao sítio do costume, [Rindo] meti a mão no armário e tentei pegar numa garrafa – não conseguia pegá-la! Não percebia nada daquilo. Nunca me tinha acontecido. Parecia estranho, não conseguia pegar na garrafa, não conseguia agarrá-la. Quanto mais punha a mão à volta, mais difícil era. Nem parecia que lhe tocava.
Depois, de repente, fez-se luz; a descer as escadas, era como se, não sei, não sentisse a mão no corrimão nem os pés nos degraus. Não sentia peso nenhum. E pensei para mim, aos poucos, 'Bem… sinto-me leve'. Sabes?

Pensei, 'Isto é muito estranho'. Então pensei, 'Devo estar a sonhar ou coisa assim ou devo estar doente'. Então pensei 'Vou subir outra vez para a cama'. Então subi as escadas, devagarinho – não parecia que tocava nos degraus e pensei, 'estou tonto ou assim, esquisito, sabes… estranho,

tipo…'
Abri a porta… isso foi outra coisa estranha, empurrei a porta e foi como se, de certa forma, tivesse passado através dela, por isso pensei 'Devo estar a ter um sonho ou coisa assim… um pesadelo, sabes?' E fui para me deitar na cama e vejo lá um homem. Pensei que tinha entrado no quarto errado. Então comecei a voltar para trás mas depois senti, assim, uma coisa estranha, esquisita, arrepiante. A luz era – luz de lua – entrava pela janela e batia na cama e eu via a cara daquele homem e pensei, 'Deus, ele é igual a mim'.
E de alguma forma, quando me cheguei perto dele, olhei bem para ele, vi que era eu. Não podia acreditar nos meus olhos. Nem sabia o que pensar, por isso comecei a correr escadas abaixo, como se o diabo me perseguisse. Gritava, gritava, aos berros. Ninguém parecia ouvir uma palavra. Ninguém veio.

Pensei, 'Isto é estranho, o que se passa aqui?' Então subi as escadas a correr, bati às portas. Ouvia o barulho a bater, mas ninguém acordava, ninguém fazia caso. Estava em estado terrível. Fugi porta fora, desci o caminho da estalagem e desatei a correr pelo campo. Gritava, gritava. Corri pelo campo, atravessei campos e cheguei a um rio – não muito longe daqui era. Ah… e parei no rio.
'Isto está errado, isto é um pesadelo. Isto é… isto é loucura, isto é uma parvoíce, isto é…' Sabes, não conseguia acreditar… Sentei-me… na margem e estava – não sei – como se estivesse num sonho. Simplesmente não conseguia acreditar que fosse verdade. Mal conseguia… de repente comecei a perceber que havia algo de diferente em mim – não me sentia o mesmo.

E por essa altura já estava a amanhecer e estava eu sentado na beira da margem, estava, e via a água e fui… e de repente, ao olhar para baixo, vi-me a mim – era o meu reflexo, suponho eu. E não podia acreditar. Não parecia eu.
Greene: Continua Harry, isto é tão interessante.
Woods: Continua Harry. É muito interessante.
Tucker: Parecia um rapaz novo.
Greene: Oh!
Tucker: Um rapaz muito novo era. Não podia acreditar. E depois, passado um bocado, pensei, 'isto não sou eu'. 'O que é aquilo, o que é aquilo, o que é aquilo?' dizia eu. 'O que é aquilo?' Pensei que estava alguém atrás de mim e virei-me e não estava lá ninguém. Não percebia… não percebia nada disto.

Então levantei-me e andei, e andei, e andei. Devia ter andado quilómetros, e por essa altura já havia gente por aí. Lembro-me de uma carruagem passar e estava cheia de gente e eu pensava para comigo, cor, se eu pudesse… não sei… se eu pudesse, talvez, sacar umas guinéus ou assim, mas não sei, era como se eu não fosse eu mesmo.
E depois continuei a andar e a andar e parecia que tudo passava por mim. E o mais estranho era que parecia haver uma multidão a formar-se, todos a caminhar. E eu não os via, mas ouvia-os. Ouvia-os a tagarelar, ouvia-os a falar, ouvia-os a rir, ouvia os passos deles. E parei e olhei para trás e não via ninguém.

E à medida que continuava a andar mais um bocado, parava e olhava para trás e ninguém lá. E, no entanto, eu via as pessoas que ainda estavam na Terra, via-as a fazer as suas coisas, a passar por casinhas e lugares. Via gente a sacudir tapetes e… a trazer ovos das galinhas, e as vacas via-as nos campos e, de vez em quando, via alguém a cavalo a passar. Mas esses eram, oh, pessoas que simplesmente não me podiam ver, suponho eu – pelo menos, falei com várias pessoas e ninguém disse nada.
E eu ouvia essas pessoas atrás de mim. O tempo todo ouvia pessoas atrás de mim. Era como se ninguém me pudesse ver. E eu… eu via aqueles que ainda estavam na Terra, mas não conseguia

ver essas outras pessoas que eu sabia que estavam atrás de mim e era como uma grande multidão de gente.

Era como se eu não tivesse consciência de que eles lá estavam e, no entanto, eu sabia que estavam; e queria saber quem eram eles, o que eram eles e porque é que me seguiam e porque é que eu conseguia ver outras pessoas que ainda estavam obviamente na Terra e eles não me viam; as pessoas da Terra. Era como se eu não estivesse lá e estivesse, e ninguém percebesse que eu estava lá — mas eu estava ali com eles. Ninguém falava, ninguém ligava.

Lembro-me que senti fome e cheguei a um sítio pequenino e vi algumas pessoas a entrar lá dentro e pensei que também ia entrar para ver se conseguia comer qualquer coisa. E ouvia aquelas pessoas a rir, a conversar e… e quando entrei pela porta, ouvia-os atrás de mim e olhei rápido para trás e ninguém tinha entrado. E vi outras pessoas lá dentro e sentei-me e bati na mesa para me atenderem, mas ninguém veio. Ninguém ligou.
Um do outro lado estava a comer, uma tarte ou coisa assim, e estava lá uma mulher num canto e… e eu continuei a bater na mesa e ninguém ligava. Fui até à lareira e chamei o homem. Disse: 'vá lá, dá-me… quero qualquer coisa', sabes. E ele não ligou nenhuma e a mulher aproximou-se e tinha uma bebida, estava a falar com ele e eu estava ali de pé. Empurrei-a para o lado, mas ela não pareceu notar nada e aí percebi que aquelas pessoas, simplesmente, não sabiam que eu estava ali. E eu estava num estado… pensei, oh não sei, sentia-me vazio por dentro e, ao mesmo tempo, sentia-me, sempre, como se estivesse delirante.

Enfim, percebi que não valia a pena, por isso fui-me embora e quando cheguei à porta vi uma multidão de gente. Oh, deviam ser, oh, centenas de pessoas. Havia homens e mulheres e crianças e até uns cães e estavam todos… todos a encher a estrada de um lado ao outro. E todos riam e conversavam e duas pessoas avançaram da multidão e eu reconheci-os logo.
Um era o meu pai. Já tinha morrido há, oh, uns quarenta anos. E vinha a rir-se. Nunca o tinha visto com tão bom ar; cara rosada, feliz, alegre estava ele. E com ele vinha a minha irmã que morreu, oh, muitos anos antes, morreu — e lá estavam eles. Disseram: 'Anda, anda, temos andado a seguir-te, à tua espera, mas tu não estavas pronto, não nos podias ver, não sabias que estávamos aqui. Trouxemos todos os nossos velhos amigos'.

Então olhei à minha volta e vi que todas aquelas pessoas eram gente que eu tinha conhecido anos atrás. Claro, o meu pai era um homem muito religioso, era. Oh, demasiado, por isso é que eu fugi de casa quando era novo, sabes.
E ficámos tão felizes e eu senti-me tão mal e comecei a perceber que, bem, eu… por esta altura eu já sabia que algo terrível tinha acontecido, mas custava-me admitir a mim mesmo, suponho. Mas pronto, pegaram-me pelos braços, estavam a empurrar-me e a puxar-me… pelo meio daquela multidão e todos cantavam e percebi que estavam a cantar uma canção. Já não me lembro como era, mas era como se fosse um coro, como se fosse numa igreja, só que não era nada religioso, era alegre e vivo e cheio de cor e tudo, sabes.

E toda a gente, percebi então, parecia muito bem vestida, o que me pareceu estranho, porque nós nunca fomos gente abastada nem nada disso. Estavam vestidos com roupa bonita, limpa, arranjada. Depois reparei noutra coisa: todos tinham o cabelo arranjado, claro que nós fazíamos o nosso próprio cabelo mas os ricos costumavam pôr pó no cabelo e às vezes usavam perucas, sabes. Mas todos ali pareciam arrumadinhos, o cabelo bem penteado, bonito, fresco e limpo — e roupa asseada.
E olhei para mim e fiquei espantado porque já não tinha aquelas roupas velhas que vestia. Parecia-me como era quando era, oh, um homem novo, mas vestido num fato bonito; era um fato cor de ameixa e calções bonitos e sapatos bonitos e percebi que estava diferente de

alguma forma. Mas percebi depois que era o pensamento das pessoas para comigo que me tinha ajudado.

Ah, subimos por aquele sítio, aquela estrada e eles cantavam e entoavam cânticos e eu ria-me para mim, já me sentia mais alegre e contente e perdi a fome, já não sentia fome nenhuma — e depois, de repente, parecia que chegávamos ao topo de uma colina. Foi estranho, porque até ali o campo era como eu sempre me lembrava dele, e de repente chegámos ao cimo da colina e olhei lá para baixo e era diferente — nada como eu alguma vez tinha visto. Era como olhar para longe, ao longe, uma grande cidade era.
Oh, era um espetáculo lindo; sítios lindíssimos, edifícios ao longe e era como se estivesse tudo iluminado. Tudo brilhante e cintilante e novo e bonito. Era como se as paredes fossem feitas de jaspe e pérola e, oh, era lindo era, mesmo lindo.

E, hum, a próxima coisa de que dei por mim foi de estar de pé, do lado de fora do que era como uma entrada para um — bem, suponho que se podia chamar castelo, mas não era como nenhum castelo que eu alguma vez tivesse visto. Mas era um edifício grande com torres e era muito bonito, agradável de se ver e eu estava do lado de fora daqueles portões e os portões abriram-se devagar, como se não houvesse ninguém lá para os abrir, mas abriram-se… eu deslizei para dentro, não posso dizer que entrei a andar por eles.
Mas já não estava com aquelas pessoas todas. Era como se estivesse sozinho e não estava. Tinha consciência de uma pessoa muito alta ao meu lado, mas não conseguia vê-lo. Mas sabia que se o pudesse ver ele seria muito luminoso e… e bonito. Não sei porquê, mas tive uma sensação como se fosse um cavaleiro ou assim e, no entanto, eu sabia que não podia ver — não conseguia ver. Mas era como se fosse uma alma maravilhosa ou alguém cheio de luz, sabes.

De qualquer forma, entrámos naquele sítio e subimos uma grande escadaria e por uma grande, oh, suponho, varanda, era. E depois chegámos a uma sala, uma porta e entrámos por essa porta — e outra coisa, foi como se essa porta se abrisse sozinha — e era um grande salão. Oh, era um sítio enorme; lindamente… cor, sabes, decorado e havia grandes tapeçarias nas paredes, cores lindas e bordados e havia várias senhoras sentadas ali com trajes antigos, como eu tinha ouvido falar, tecidos lindos e senhoras lindas eram elas.

E estava lá um homem e, não sei, pensei ao início que era um rei ou assim, mas depois percebi que não era nada disso. Mas era um homem maravilhoso de se ver — digo velho, bem, parecia velho, mas enquanto olhava para ele sabia que não era — e era uma espécie de… não sei… mas, lá está, vês uma coisa e sentes uma coisa e nesse estado em que eu estava, de qualquer forma… ele estava sentado numa espécie de grande cadeira, numa parte meio elevada, estava, e aquelas senhoras estavam sentadas à volta.

E de qualquer forma eu tinha consciência de uma grande sensação de, tipo, oh, não sei, calor humano, suponho. Uma sensação boa vinda dele e eu estava, tipo, a andar por aquele salão. E quando me aproximei dele, levantou-se e fez-me sinal para avançar e disse: 'bem' — lembro-me sempre, disse: 'bem, agora que estás aqui, vais ver por ti mesmo como preparaste aquilo que é o teu lar.'
Não sei, não sabia o que pensar, porque eu… de repente, era como se, de repente, me lembrasse de todas as coisas que tinha feito. Nunca fiz mal a ninguém de verdade, graças a Deus, mas roubei e furtei um bocado e… bem, mas eram tempos difíceis e… e pensei, era como se toda a minha vida passasse à frente de mim.

De qualquer forma, ele fez-me sinal para o seguir e descemos por um corredor comprido e depois parecia que descíamos e descíamos e descíamos e eu pensei que íamos para masmorras e, no entanto, não posso dizer que fosse como masmorras ou que fosse escuro. Claro que,

apesar de estarmos a descer por aquele corredor comprido, estava iluminado, não era escuro e não havia tochas nem nada a iluminar, mas eu tinha consciência da luz.
E depois chegámos ao que era, bem suponho, uma sala, não muito grande e lá dentro estava um homem sentado a uma mesa e olhei para ele quando entrei e era como eu, como eu era. Não percebia aquilo. Pensei bem... e então aquela outra pessoa diz, 'isto é como tu eras.' Então eu disse, 'como assim, como eu era?' Ele disse, 'eras como um homem numa masmorra.' Disse, 'criaste à tua volta paredes — e fechaste-te às coisas que importavam. Mas isso já não é,' disse ele, 'isso já não és tu, porque isto são reflexos do que foi.'

Disse, 'Mas o que é e o que há de vir, é o que importa.' Disse, 'criastes para ti próprio uma masmorra de escuridão, construíste à tua volta um muro. Fechaste a luz porque a tua mente não estava aberta. Mas,' disse, 'agora vais aprender e eu vou ajudar-te a aprender. Anda, vou levar-te a outro lugar.'
E fui com ele e voltámos, subimos e subimos e subimos muitos degraus e voltámos ao sítio — ao grande salão. As senhoras ainda lá estavam e lembro-me de uma delas, ela avançou e pegou-me na mão e foi como se, de forma estranha... ela pegou-me na mão, como se, bem... como se eu tivesse sido, bem... transformado ou qualquer coisa tivesse acontecido; não sei como dizer. E olhei para a cara dela pela primeira vez e era um rosto que nunca tinha esquecido.

Foi o rosto de uma rapariga por quem eu, nos meus primeiros anos, fui muito apaixonado, muito ligado. E, quando olhei para ela e ela olhou para mim, percebi que se a minha vida tivesse seguido outro caminho e eu pudesse tê-la casado, tenho a certeza que teria sido uma pessoa diferente. Não me teria metido em más companhias nem pegado na estrada nem nada disso.

E ela sorriu para mim, e quando ela sorriu, eu soube que, se ela não tivesse morrido quando morreu, ainda jovem, nós provavelmente teríamos casado, e eu provavelmente teria sido uma pessoa diferente. Provavelmente teria trabalhado na quinta, ou teria arranjado qualquer coisa ali na terra que nos permitisse viver. Mas ela morreu, e foi isso que realmente me virou contra tudo e todos.
E ela pegou na minha mão ali, pegou. Disse: 'agora, vem.' Disse: 'agora podes começar tudo de novo comigo. E eu hei-de ajudar-te e hei-de guiar-te e mostrar-te o caminho,' disse ela. E eu caminhei com ela para fora daquele grande castelo e chegámos, pelo que pareceu, a um lugar pequeno. Era na beira de uma, suponho, vila, como lhe chamariam, mas era como se fosse logo fora da vila, mas... e ao mesmo tempo era parte dela. E aquela pequena casinha, como lhe chamariam, com um telhado de colmo... [com um murete baixo à volta].

E havia uma sensação tão bonita e era como se eu tivesse chegado a casa e, no entanto, eu nunca tinha conhecido aquele lugar na Terra. Mas... e depois, quando entrámos nessa...
[o cão do Flint ladra]

...ela parecia diferente e, no entanto, era a mesma. Mas as roupas mudaram e, em vez daquele vestido bonito, elaborado, ela tinha agora um vestido muito simples de algodão, suponho — suponho que era algodão, mas parecia um vestido de algodão ou assim. Mas para mim continuava igual; a roupa era outra, mas ela era a mesma. E ela tinha estado à minha espera todo este tempo, a olhar por mim cons... constantemente — como é que se diz? — a pensar em mim, a tentar pôr-me no caminho certo, ela esteve, todos esses anos.

É estranho quando penso nisso agora, mas agora estamos juntos e progredimos tanto juntos e é tudo tão diferente, claro, do que foi. Mas isto aconteceu há tanto tempo, muitos anos atrás, e muita coisa mudou. E ela vem comigo. Esta noite... hoje, ela está aqui. Não diz nada, mas noutra altura, quando eu vier, talvez também fale, mas...

Greene: Obrigada, Harry.

Tucker: Hei-de contar-vos mais sobre isto tudo com mais detalhe do que posso contar agora. Mas ainda tenho de aprender, claro. Mas enfim, talvez noutra altura eu possa vir. Eu… eu… eu não sou talvez bom a descrever as coisas, mas se for de algum interesse… porque foi isso que me disseram — que queriam que nós viéssemos falar das nossas experiências… das nossas vidas, experiências, como vocês dizem agora, na vossa língua nova, sabes.

Greene: Sim.
Tucker: Nós… há muita coisa que eu gostava de vos contar e talvez traga a Jenny e talvez vos contemos muito mais depois. Mas tenho de ir, porque…
Greene: Obrigada, Harry.
Tucker: Mas foi bom conhecer-vos, pessoas tão simpáticas.
Woods: Obrigado, Harry.
Tucker: Mas, hum, hei-de voltar a estar convosco.
Greene: Ah, que bom!
Woods: Ah, que bom, Harry.
Tucker: Adeusinho.
Greene: Adeus, Harry…
Woods: Adeusinho, Harry. Obrigado.
Greene: … muito obrigada.
Mickey: Tchau-tchau.
Greene: Adeus, Mickey querido. Foi lindo!

SIR WINSTON CHURCHILL
Gravado: 22 de Outubro de 1987
Esta gravação é um excerto de uma sessão de grupo realizada em 1987. Durante a sessão, o grupo ouve a voz de Winston Churchill, o Primeiro-Ministro britânico durante a Segunda Guerra Mundial, que admite ter participado em sessões com médiuns em vida. Ele reconhece os milhões que sofreram durante a Segunda Guerra Mundial e faz referência ao povo britânico e russo daquela época. Partilha as suas preocupações quanto às condições na Terra, referindo-se especialmente à América, à Irlanda e ao Médio Oriente. Depois faz algumas observações espirituais e espera que a sua voz seja reconhecível. Refere-se à esposa de um dos participantes — que todos pensam estar a falar com Sir Oliver Lodge…
Presentes: Leslie Flint, Anne, Keith, Arthur, Pat, Robert Kennedy, Lynne.

Churchill: Há momentos em que deve ser muito difícil para as pessoas compreenderem. Na verdade, quando eu estava do vosso lado, embora não o tornasse um hábito, cheguei a sentar-me com médiuns. Achei mais sensato não tornar isso do conhecimento público. Durante aqueles anos difíceis, tive uma ou duas experiências interessantes e fui ajudado em alguns aspetos, de qualquer forma. Mas, claro, sabem que é sempre muito mais difícil para pessoas em posições como a que eu tinha tornar isso público.

Participante: [Tosse]

Churchill: Sabem, suponho que é de esperar que, hum, as pessoas tenham, até certo ponto, uma ilusão sobre nós. Suponho que é extraordinário, olhando para trás no tempo, como as pessoas realmente construíram, sabem, uma imagem ou ideia que, na verdade, estranhamente, não era a

realidade da pessoa em si, ou dele ou dela, se formos por aí. Foi uma época muito difícil, mas conseguimos ultrapassá-la. Mas meu Deus, como? Como? E o sofrimento de milhões e milhões de pessoas inocentes que estiveram envolvidas. Conheci muitas pessoas deste lado que, estranhamente, provavelmente, olhando para a minha vida, nunca pensei voltar a ver. Não sei se tenho opiniões muito fortes em certos aspetos sobre religião. Suponho que automaticamente se segue os pais, as impressões e ideias que nos são incutidas desde a infância.

Mas, hum, agora sei, acima de tudo, que a vida continua. A morte não é o fim. De certa forma, é a maior ilusão de todas. A realidade do eu, a realidade do espírito interior, que pode superar. Sabem, foi o espírito do povo britânico que superou os males de Hitler e dos restantes. Claro que houve outros também muito envolvidos e muito apanhados na luta contra o mal.

Mas, hum, acho, olhando agora para o vosso mundo, não posso deixar de sentir uma grande tristeza. Que não haja maior entendimento entre os povos nos lugares de poder. Sabem tão bem quanto eu que, se não fosse pela Rússia... não estou a dizer que não teríamos ganho a guerra, mas acho que teria durado muito mais tempo. E o povo russo foi magnífico e entristece-me e, na verdade, entristece todos aqui ver a animosidade, ver a situação que surgiu nos últimos anos, quando a mão da fraternidade deveria ter sido estendida para que o mundo fosse, de facto, um lugar muito mais feliz e muito mais seguro, mas cá estamos nós. Política. Eu sei demasiado bem como, por medo mais do que outra coisa, se cometem erros de todos os lados. Estamos muito preocupados, estou particularmente preocupado com a situação no vosso mundo no Médio Oriente e, claro, com a velha, velha questão da Irlanda, que nunca diminuiu — na verdade, piora. Há várias coisas que poderia dizer, mas não acho que fosse muito aconselhável, neste momento no vosso tempo.

Mas quero apenas que saibam que muitos de nós deste lado da vida estamos profundamente envolvidos e preocupados com o vosso mundo. Há tanto no vosso mundo que causa preocupação, e só esperamos que haja uma maior e melhor compreensão entre a América e a Rússia. Isso parece-me o início de alguma solução que poderia trazer uma paz e tranquilidade de espírito eventualmente, mas, claro, estamos muito, muito preocupados com o Médio Oriente. E não quero começar a fazer promessas, mas posso dizer-vos que acontecerá algo no Extremo Oriente que talvez não seja totalmente uma surpresa, mas será o início de algo que poderá trazer uma situação mais pacífica e estável no tempo que aí vem.

Mas sabem, infelizmente, não estão a lidar inteiramente com pessoas racionais. São muito irracionais, muito estúpidas, se assim posso dizer. Mas, hum, haverá uma certa súbita mudança, e haverá uma transformação que acontecerá por algo que ocorrerá, hum... não estou a profetizar uma guerra, hum, de facto, se estou a profetizar alguma coisa, é na direção oposta.

Direi isto: aquilo que parece que se está à beira não é necessariamente assim. Surgirão certas circunstâncias que mudarão todo o aspeto das coisas...

Participante: [Ininteligível]

Churchill: ...no Médio Oriente.

De qualquer forma, não vim aqui para falar de política, hum... sei que vocês, queridos amigos, hum, se reúnem, hum, na esperança de desenvolver o poder do espírito que está adormecido dentro de cada um, como de facto está em todos os povos. Desejo-vos tudo de bom. Têm bons amigos e maravilhosos ajudantes aqui e têm o espírito para ter sucesso e o desejo de servir e ajudar. Isso é o mais importante de tudo, o desejo de estar ao serviço. E a única maneira de alcançar algo de valor é esquecerem-se de si próprios num serviço de amor uns pelos outros.

Sabem, deparamo-nos com toda a espécie de pessoas no vosso mundo que procuram, de certa forma, provavelmente com muita sinceridade, querem saber mais sobre si mesmas.

Participante: Mmm...

Churchill: Bem, acho que quanto menos se preocuparem convosco próprios, é aí que começam a fazer progresso espiritual. Deixem o ego em paz, deixem-no encontrar o seu próprio nível e, gradualmente, abrirão a vossa consciência para a realidade da vida, espiritual e, de certa forma, ainda na Terra, material. Compreendo demasiado bem os problemas que alguns de vocês enfrentam. A vida nem sempre é fácil, nem sempre é como gostariam que fosse individualmente e, por vezes, até colectivamente. Mas vocês, queridos amigos, viram uma centelha da luz do espírito. Deixem-na transformar-se numa chama plena. Não há razão para não o conseguirem, todos têm investigado sinceramente, esforçado-se sinceramente por estar ao serviço, e cada um de vocês irá desenvolver-se de alguma forma. E o poder que estão a utilizar abrir-se-á de uma forma que poderá bem surpreender-vos. Não se deixem desanimar com isso. E quanto a esse americano...

Robert: Sim, senhor?

Churchill: Que homem de sorte que é.

[Riso]

Por ter uma alma tão doce e querida a interessar-se tanto por si.

Robert: Muito obrigado...

Churchill: Suponho que o merece, não?

[Riso]

Robert: Eu também...

Churchill: Espero que sim, por seu bem.

Anne: É o Oliver?

Pat: Não...

Churchill: Ora, temos um grande, grande desejo de ajudar cada um de vocês. Não! Santo Deus! Talvez não esteja a tornar isto claro… não sei como soa, tudo o que sei é que estou em frente deste mecanismo, seja ele o que for, e concentro os meus pensamentos nele e depois vocês ouvem o que tento transmitir. Se soa como eu era em vida, não posso dizer. Obviamente, cabe-vos a vocês decidir.

Mas sabem que fiz o meu melhor e, no fim, tirei-vos do atoleiro, hum… bem, mas não quero entrar por aí fora… [ininteligível]

Anne: É o Churchill? É o senhor Churchill?
Pat: Não, não, não...
Churchill: Winston.

Anne: É o Winston?
Churchill: Claro que é o Winston.
Robert: Oh, que bom!
Anne: É o Winston Churchill?
[O grupo exclama surpreso]
Churchill: Estive aqui de pé...
Anne: Oh, sim?
Churchill: ...desde que entraram nesta sala e pensei, bem, se for possível vou manifestar-me.
Anne: Sim...
Churchill: E não é tão fácil como se possa pensar...
Anne: Não, não...
Churchill: Mas, hum...
Anne: É maravilhoso ouvi-lo.
Churchill: Claro que eu não posso saber, tão bem como vocês sabem, como estou a conseguir. Mas quero apenas que todos saibam... que vos enviamos todo o nosso amor, todas as nossas bênçãos e que continuem o maravilhoso trabalho do espírito.
Anne: Oh, sim...
Churchill: Tenham coragem. Não desanimem, não fiquem deprimidos. Estas coisas levam tempo.
Anne: Sim.
Churchill: E que homem de sorte é esse...
Robert: Deus o abençoe, senhor!
Churchill: ...esse rapaz americano.
Robert: Muito obrigado, senhor.
Churchill: Ah, bem, Deus vos abençoe.
Robert: Deus o abençoe, senhor.
Anne: ...e obrigada!
Churchill: Adeus!
Grupo: Adeus!

ARTHUR CONAN DOYLE
Gravado: 1966
"*Tantos médiuns parecem estar numa vibração baixa — uma vibração não muito distante da sua própria. Há tanta comunicação astral.*"
Presentes: Leslie Flint e Rose Creet
Comunicador: Arthur Conan Doyle

Doyle: Tantas pessoas parecem não ter tempo, mesmo quando têm oportunidade.
Creet: Ah!
Doyle: E tantas pessoas não têm oportunidade e têm imenso tempo.
Creet: [Ri]
Doyle: E tantas pessoas não têm tempo nem oportunidade — e a grande maioria não tem inclinação nenhuma.
Creet: Pois é.
Doyle: A tragédia do vosso mundo é que tão poucas pessoas se interessam pelas coisas que realmente importam. Todos encontram tempo e criam oportunidade, se possível, para as coisas mais mundanas, mais miseráveis, mais materiais.

Coisas que para eles parecem, à superfície, tão importantes, tão vitais, tão necessárias. Compreende-se, claro, os problemas da vossa vida e as dificuldades, a luta para ganhar a vida de forma normal.

A pessoa comum, eu compreendo bem, tem muitos problemas com que lidar. A vossa é uma vida complicada e difícil. O vosso mundo apresenta muitos... problemas, e a pessoa comum, seja quem for, dedicará todo o seu esforço e tempo a tentar superar obstáculos.

De facto, o homem tem uma natureza que lhe permite, não importa quais sejam os contratempos, continuar a lutar e a esforçar-se. Mas tudo isto é invariavelmente do foro material e há tão poucos que estejam dispostos a fazer qualquer esforço, seja ele qual for, em relação às coisas do espírito.

Mesmo quando uma chave, por assim dizer, é colocada na porta e rodada para eles, muito poucos, num sentido espiritual, fariam qualquer tentativa, mesmo quando a porta está aberta, de atravessar e ver o que está do outro lado.

Sabem, quando eu estava do vosso lado, ficava tantas vezes angustiado. Tantas vezes preocupado com pessoas que, mesmo quando lhes era dada a oportunidade, pouco proveito tiravam dela e, mesmo quando o faziam, apesar da sua natureza, não aceitavam de bom grado a verdade, a evidência do Espiritualismo.

Mesmo alguns daqueles que se davam ao trabalho de ler livros ou talvez assistir a reuniões, muitas vezes, apesar de serem eles próprios a erguer obstáculos dentro de si, quando lhes era apresentada evidência que satisfaria qualquer pessoa comum e inteligente — refutavam-na, ou se não a refutassem, arranjariam uma explicação para ela. Muitas vezes mais mirabolante do que o próprio facto em si. Há tanta coisa que entristece uma pessoa.

Quando se luta para ajudar as pessoas a encontrar a verdade, o extraordinário é que, mesmo aqueles que se dizem à procura da verdade, invariavelmente, pela sua própria natureza, erguem barreiras, de modo que a verdade tem ainda mais dificuldade em dar-se a conhecer e ser compreendida.

Mesmo aqueles que se dizem verdadeiramente buscadores espirituais, particularmente os de várias religiões... organizações religiosas onde se esperaria que acolhessem a verdade de braços abertos, onde se anteciparia que ficariam mais do que encantados por ter provas substanciais para apoiar as suas próprias crenças — mesmo entre homens de grande inteligência e visão, encontramos aqueles que erguem obstáculos, barreiras.

As suas mentes, muitas vezes, estão tão fechadas que simplesmente não se consegue atravessar o muro que eles erguem. E, no entanto, muitos deles, em si, são sinceros e honestos, bem-intencionados.

Quando eu estava do vosso lado, no meu trabalho de trazer o Espiritualismo para a linha da frente, para interessar as pessoas e despertar-lhes a curiosidade, se quiserem, para que pudessem encontrar algo de verdadeiro valor, algo que lhes fosse útil, algo que lhes trouxesse conforto — muitas vezes encontrávamos, vezes sem conta, esses indivíduos que, tendo recebido por um meio ou outro, prova da sobrevivência, muitas vezes disputavam-na, tentavam destruí-la, arranjar desculpas e encontrar outras explicações.

Quando andava nas minhas digressões, quando dava palestras como fiz tantas vezes e expunha as minhas crenças, por vezes alguém fazia uma pergunta inteligente na audiência. Mas na maioria das vezes, acho que vinham mais por curiosidade para ver o homem que tinha escrito Sherlock Holmes. Estavam mais interessados em ver-me, em conhecer a pessoa, por assim dizer, que tinha despertado tanto interesse com os seus livros, do que em vir ouvir as minhas convicções profundas.

Houve quem dissesse que eu era um tolo. Que estava a arruinar a minha reputação, que estava a criar para mim próprio complicações que afetariam as vendas dos meus livros — que afetariam não só as vendas mas também a minha integridade como ser humano!

Mas sabem, é uma coisa extraordinária, sempre que um homem de algum peso, um homem numa posição, seja alguém como eu ou alguém como Hannen Swaffer ou alguém como Lord Dowding ou Sir Oliver Lodge — quanto mais respeitado se é, mais se é, por assim dizer, colocado num pedestal...

[Tosse]
Doyle: ...da opinião pública e do carinho do público, mais pensam que se deve ser um pouco excêntrico.
Creet: [Ri]
Doyle: Se por acaso dizem que estão interessados em Espiritualismo ou que estão convencidos da sobrevivência, dizem 'ah sim, uma mente tão brilhante, sabem, um homem tão notável, mas sabem, claro, que ficou um pouco fora de si na velhice.'
[Tosse]
Doyle: Muitas pessoas nunca o disseram na minha cara mas insinuaram-no de várias formas, em revistas e jornais e, de facto, em algumas ocasiões raras, na minha audiência, sugerindo que talvez eu tenha escrito tanta ficção durante tanto tempo que acabei por criar algo com a minha própria mente relativamente a este assunto.

Sabem, as pessoas são extraordinárias. Se lhes dão aquilo que querem, gostam muito de vocês. Mas se lhes dão algo que não querem ou que pensam não querer ou algo que seja...
[Tosse]
Doyle: ...estranho à sua natureza ou à sua educação e contexto ou se lhes dizem algo que vai contra as crenças aceites, seja em religião ou em política ou no que quer que seja que vá contra o que lhes está entranhado, pensam, 'ah, coitado, o velhote. É um querido velhote, contribuiu imenso à sua maneira, mas agora, claro, está a envelhecer e ficou um bocadinho mouco.'
Creet: Já falou com alguma dessas pessoas na Terra desde que está desse lado?
Doyle: Ah, já passei e falei em diferentes alturas.
Creet: E o que é que pensam agora?
Doyle: Bem, claro, agora alguns ainda acham que sou um bocadinho doido.
[Riso]
Doyle: Mas continuam a achar que não sou eu. Sabem que se eu conseguisse vir e escrever um novo livro ou talvez umas novas aventuras de Sherlock Holmes e mesmo que fossem publicadas, as pessoas não acreditariam que eu tinha vindo e as tinha dado.

Eles diriam: 'oh não, não'. Por mais brilhante que o livro fosse ou mesmo que fosse melhor… se o livro fosse melhor do que tudo o que eu tinha escrito antes, ainda assim diriam: 'oh não, não poderia ser, não poderia ser de forma alguma. Deve ser algum manuscrito antigo que descobriram e trouxeram à luz, que ele escreveu quando estava na Terra', ou arranjariam, claro, uma desculpa, de uma forma ou de outra.

Sabem, a evidência da sobrevivência é algo tão pessoal para o indivíduo que, num certo sentido, não se podem estabelecer regras fixas e rígidas em relação a isso.

O que é evidência para uma pessoa não o é para outra. E claro, temos de aceitar isso. Mas o que me espanta é o número de pessoas inteligentes, intelectuais, homens de reputação que sacrificam, de facto, o seu bom nome, poderia dizer-se, e uma fonte de rendimento, e que de facto abriram mão de tanto da sua vida pessoal para expor esta verdade, mas são invariavelmente vistos como excêntricos.

Como se fôssemos uma espécie de raça de pessoas que enlouqueceu um pouco, sabem? Falo muitas vezes com o Lodge e falo muitas vezes com o Crookes e com muitos outros amigos meus deste lado, e claro que todos sofremos com isto. E, de certa forma, suponho, ainda hoje se fala de nós e ainda se faz críticas.

De facto, sei que ainda há muitas pessoas no vosso mundo que, embora nos respeitem e admirem pelo nosso trabalho em determinado campo, seja na ciência ou na literatura, ainda assim pensam que o outro aspeto das nossas vidas, que se tornou o interesse principal das nossas vidas — o nosso interesse neste grande tema, este tema que deveria e certamente afeta todo o ser humano, este tema universal, esta verdade universal — ainda assim não aceitam esse aspeto do nosso interesse, da nossa crença e da nossa grande cruzada — porque foi uma cruzada.

Quando Doy… quando eu e quando o Lodge e todos os outros… o Crookes… quando todos nós que tentámos, que nos esforçámos por expor esta verdade, por divulgar este conhecimento, quando tentámos derrubar as barreiras da crítica, éramos atacados por todo o tipo de pessoas de todos os meios de vida, desde aqueles de orientação religiosa até aqueles que tinham pouca ou nenhuma.

Depois, claro, de certa forma, esperávamos isso. De certa forma, talvez possam dizer que não nos importávamos. Claro que nos importávamos, mas ao mesmo tempo, nesta grande cruzada — e é uma cruzada para trazer a verdade à humanidade — temos de esperar ser colocados no pelourinho da opinião pública. E sei muito bem, quando olho para o vosso mundo e vejo hoje, embora o Espiritualismo tenha avançado e agora se tenha tornado respeitável — o que possivelmente, de certa forma, é a pior coisa que lhe poderia ter acontecido — porque qualquer coisa que se torna respeitável torna-se talvez um pouco aborrecida e talvez não seja…

Creet: [Riso]
Doyle: …tão particularmente interessante quanto poderia ser. Quando algo não é particularmente aceite, a curiosidade das pessoas leva a melhor e começam a espreitar e a querer saber sobre isso, a bisbilhotar. Mas sabem, quando uma coisa se torna respeitável, já não tem o mesmo interesse para a grande maioria das pessoas, embora, claro, de certa forma, haja interesse — e eu sei disso — mas o que sinto que é a tragédia, o que sinto que é uma grande pena, é que tão poucos espiritualistas se preocupem com a espiritualidade.

Creet: É verdade.
Doyle: Tão poucos se preocupam em descobrir a possibilidade que está dentro de cada um. Estão todos preocupados, bem, a grande maioria está preocupada — e não só… o que, claro, é natural que se interessem pela evidência pessoal, isto deve vir antes de se ter convicção — mas tantos estão mais preocupados com coisas materiais; que os seus entes queridos, os seus parentes e amigos, e por aí fora, consigam resolver todos os seus pequenos problemas materiais e preocupações e ansiedades. E estão sempre a dizer aos seus amigos deste lado: 'Agora, o que devo fazer acerca disto?' e 'Podes aconselhar-me sobre aquilo?' e é sempre em relação à sua existência mundana e material.

De certa forma, tenho simpatia por isso. Mas ao mesmo tempo, parece-me a tragédia do Espiritualismo que haja tão poucos que se preocupem com a verdade espiritual, que se preocupem com o conhecimento espiritual, que se preocupem em permitir que esta verdade tremenda os revitalize e os torne novos outra vez.

De certa forma, há tanto que gostaríamos de discutir, tanto que gostaríamos de falar. Tanta coisa que sentimos ser vital e importante é travada por causa destas almas que são trazidas para

um nível baixo de consciência — ou devo dizer um nível baixo de comunicação — por causa das forças de pensamento e das condições que são geradas pelos participantes e até os próprios médiuns caem nesse nível baixo, estando lá apenas para responder a problemas e perguntas materiais do inquiridor médio, assim chamado.

Sabem, quando imaginei este tema, quando o vi pelo seu verdadeiro valor do vosso lado, depois de receber a evidência e o conforto que se podia tirar dele, vi a sua imensidão, as suas possibilidades. Vi-o como uma grande verdade que reuniria toda a humanidade; que derrubaria as barreiras de credos, dogmas e política que se ergueram ao longo dos séculos.

Que traria aos homens uma compreensão, uma verdadeira realização do propósito da vida. E a possibilidade de uma vida para além, e como essa realidade da vida para além poderia ser trazida, de certa forma, ainda mais perto vivendo-a, até certo ponto, enquanto ainda na Terra.

Sabem, a grande maioria das pessoas, mesmo tendo algum conhecimento desta verdade, não a deixa ou raramente a deixa tornar-se demasiado importante nas suas vidas. Não há equilíbrio. Não esperamos, claro, que as pessoas num mundo como o vosso — que mudou tanto desde o meu tempo e que é uma vida muito mais difícil de viver, com complexidades vastas e muitas — mas, ainda assim, pensar-se-ia que aqueles que realmente têm este conhecimento teriam algum equilíbrio nas suas vidas, onde teriam, por assim dizer, esta realização e a colocariam em prática. Que permitiriam que fosse a força dinâmica por trás de todos os seus pensamentos e ações.

Que seriam verdadeiramente, por assim dizer, uma luz, pode-se dizer, na escuridão do vosso mundo. Mas estamos constantemente, constantemente a ser desiludidos, constantemente a ser — não direi desencorajados — mas, ainda assim, somos humanos o suficiente para sentir esse sentido de frustração com aqueles que amamos tanto do vosso lado da vida, que sentimos que deveriam estar a fazer tanto que é vital, tanto que é bom.

Quando vamos às igrejas e às sociedades e ouvimos a repetição do mundano e do material, onde deveria ser tão vitalizante e tão cheio de vitalidade e de vida do espírito — quão poucas igrejas, agora, parece, têm médiuns ou instrumentos que, por assim dizer, possam ser tomados pelo poder do Espírito Santo, serem controlados e usados para falar as palavras do espírito.

Tantos parecem estar numa vibração baixa. Uma vibração não muito distante da sua própria. Há tanta comunicação astral. Há tanta comunicação de baixa ordem. Há tanta coisa que se diz e faz que está em desacordo com as verdades do espírito, tal como as entendemos e as conhecemos.

Penso na minha própria vida e reconheço, claro, que havia e deve haver dificuldades. Sei que há muito com que lutar, mas sei isto — que se um homem ou uma mulher estiver disposto, se necessário, a sacrificar-se pela verdade, não permitirá que qualquer obstáculo ou barreira fique no seu caminho. Irá sair e dirá ao mundo: 'Isto é verdade, isto é realmente verdade — porque provei-o, descobri-o e sei que assim é.'

E isto é algo que cada um poderia encontrar e provar por si mesmo. Não é algo que dependa de um livro ou de uma série ou conjunto de livros escritos há séculos, que foram mudados e alterados pelo homem, muitas vezes para proveito próprio.
Embora os livros de que falamos possam conter alguma verdade — pois em todas as coisas há verdade — muitas vezes esta está obscurecida pelo tempo e pela ignorância e, de facto, pelos próprios pensamentos e actos dos homens — mas por detrás de tudo isto está a semente da verdade que, se lhe derem tempo e oportunidade, germinará e florescerá.

Sabem, o que é triste é quando vemos o vosso mundo, quando vemos a infelicidade...
[Tosse]
Doyle: ...e quando vemos a miséria do vosso mundo, quando vemos povos incontáveis que sofrem, muitas vezes desnecessariamente — porque grande parte da vossa doença e enfermidade e moléstia é causada pelo próprio homem, pelo seu modo de pensar errado, pelo seu modo de viver errado.

Sabem, há muitas coisas que nos causam grande tristeza e penso que uma das coisas que mais nos causa infelicidade é o facto de o homem ser tão intolerante. Que o homem tenha tanta tendência para ser egoísta e tão raramente se preocupar com os outros. Até que se consiga esquecer de si mesmo em verdadeiro serviço e amor, não se pode esperar fazer qualquer mudança dentro de si. Não se pode esperar elevar-se acima das condições comuns, mundanas e materiais da vida em que se encontra.

Até que o homem veja dentro de si as possibilidades — e cada homem tem uma grande possibilidade. Porque cada homem é um espírito e cada homem tem a oportunidade de desenvolver os poderes espirituais que permanecem adormecidos dentro de si.

Todos têm a mesma oportunidade. Eu sei que há muitas pessoas que dirão: 'ah, mas este homem teve um passado muito melhor ou este homem teve mais oportunidades, por causa disto ou daquilo. Ou este homem tem muito mais dinheiro, e por aí fora', mas todas estas coisas, quando analisadas, voltam sempre ao mundano e ao material. E eu diria até que aqueles que, muitas vezes, parecem ter os maiores obstáculos, são os que, muitas vezes, têm as maiores oportunidades.

Porque até que se tenha sofrido, até que se tenha pelo menos sentido a necessidade das coisas do espírito, não se pode compreendê-las nem apreciá-las. E é verdade dizer que muitas vezes, aqueles cujas tarefas são muitas e cujo caminho é mais difícil, muitas vezes têm, através do próprio sofrimento, maior oportunidade de alcançar, através da sensibilidade das coisas, as realidades do espírito. Porque estas coisas de que falo são invariavelmente reveladas mais àqueles que, pelo sofrimento, pelas complicações e dificuldades da vida, se tornaram sensíveis à verdade.

Porque não se pode encontrar a verdade se se vive e apenas se espera da vida tudo o que é bom como o mundo o vê — pois se se quer ver o bom como o espírito o vê, então é preciso ter aprendido pelo sofrimento e ter-se tornado tão sensível ao sofrimento dos outros, e ter dentro de si sentimentos tais que se torna mais recetivo.
Por outras palavras, se se quer ser um instrumento ou um médium — se quiserem usar o termo médium — só se pode esperar aceitar, compreender e apreciar as coisas espirituais quando se tiver tornado suficientemente sensível.

Aqueles que passam pela vida, ou assim parece, sem qualquer preocupação ou dificuldade especial, aqueles a quem a vida parece oferecer todas as 'delícias' — são estas as pessoas que têm dificuldade em compreender as coisas da mente e do espírito.
Todos os grandes mestres, todos os grandes profetas, todos os grandes videntes, todos os homens de grande sabedoria — sabedoria espiritual — foram homens que sofreram. Nenhum que queira fazer o trabalho do espírito deve alguma vez pensar que o caminho será fácil.
Não será. No sentido material, muitas vezes será o mais difícil, o mais complexo e, de facto, a verdade, embora no seu aspeto fundamental seja, pela sua própria natureza, simples — ainda assim tem as suas complexidades, porque a mente humana não consegue necessariamente compreender tudo tão bem, tão facilmente.

Há muitas coisas, claro, pertencentes ao espírito e aos reinos do espírito que não podem ser totalmente compreendidas, tal como não podemos explicá-las totalmente.

Mas digo isto: qualquer homem ou mulher que procure sinceramente a verdade, encontrá-la-á. Eu sei que haverá alguns que criticarão ao ouvir isto. Haverá alguns que arranjarão desculpas. Haverá alguns que dirão: 'ah, bem, como sabemos que é ele?' Haverá alguns que dirão: 'oh, claro, sabem que ele tinha uma fenda no lábio, e isto não soa à voz dele' — mas, se forem inteligentes, saberão muito bem que eu não tenho fenda no lábio aqui deste lado.

Enfim, continuem o bom trabalho [e que Deus vos abençoe. Deus vos abençoe a ambos. Boa noite, meus queridos].

A PALESTRA NA UNIVERSIDADE DE COLUMBIA
Gravado: 20 de Setembro de 1970

Esta é uma palestra sobre mediunidade de Leslie Flint, de Setembro de 1970. Foi gravada em Nova Iorque pelo Professor William R. Bennett, que convidou Flint a falar na Universidade de Columbia.
Professor de Engenharia Eléctrica em Columbia, William Bennett investigou pessoalmente a mediunidade de Flint e garantiu a sua autenticidade.

Segundo Bennett: "A minha experiência com o Sr. Flint é em primeira mão. Ouvi as vozes independentes. Além disso, técnicas modernas de investigação, que não estavam disponíveis em testes anteriores, corroboram conclusões anteriores, indicando que t... Professor Bennett: ... da sua casa em Londres. Passámos a conhecê-lo, a apreciar o seu calor humano e personalidade, a sua honestidade, a sua sinceridade e a sua dedicação em usar os seus dons notáveis para benefício da humanidade e não para ganho material privado. É também apropriado dizer — como foi anunciado no folheto — neste ambiente universitário, que o Sr. Flint colaborou com investigadores científicos que tentaram determinar a verdade sobre estas coisas que são tão pouco compreendidas e sobre as quais ele vos falará mais.

E quando alguém se voluntaria para participar em experiências científicas deste tipo, talvez não se tenha noção do desconforto pessoal e das indignidades que o sujeito tem de suportar. Alguns destes testes incluíram a realização de uma sessão em que o Sr. Flint teve a boca firmemente selada com fita adesiva. Noutros testes, foi induzido a colocar um líquido colorido na boca, sendo a quantidade medida antes e depois do teste. E tenho o prazer de dizer que, em todos estes muitos testes, que duraram muitos anos, nunca ninguém conseguiu apresentar qualquer prova de fraude.

Agora penso que, sem mais demoras, passarei a palavra ao Sr. Flint, que vos explicará algumas destas coisas. Leslie...

(APLAUSOS)

Flint: Sr. Presidente, Professor Bennett, senhoras e senhores, não vos posso dizer quanto, bem no fundo de mim, sinto a honra que me fizeram ao convidar-me para vir falar-vos neste edifício magnífico sobre este tema — que me é tão querido ao coração, que tem sido o trabalho da minha vida e que espero, ainda possa continuar a fazer durante mais alguns anos.

Ora, ser médium não é necessariamente um trabalho agradável. Com isto quero dizer, desde logo — e penso que é perfeitamente compreensível que muitas pessoas, que sabem muito pouco sobre o assunto e, de facto, muitas que sabem, naturalmente sejam muito cautelosas e um pouco desconfiadas quanto à integridade do médium. Por outras palavras, se se vai dar a vida em serviço como médium, tem-se de ter uma pele de rinoceronte, embora se deva — e se tenha de ser, para ser médium — ultra sensível.

Portanto, é preciso aprender a viver com a consciência de que haverá sempre pessoas que duvidarão da vossa sinceridade, da vossa honestidade e da vossa integridade.

Ora, eu vim aqui hoje não — não sob pressão — mas vim realmente porque o Professor Bennett, quando veio a Londres e participou em sessões comigo, e sabendo que eu vinha visitar a América, estava muito ansioso para que eu viesse falar convosco.
Bem, só espero que não saiam daqui desiludidos, porque não me considero um orador público. Sou um médium. Sento-me, realizo sessões, não entro em transe. As vozes que falam são completamente independentes de mim. Não tenho qualquer controlo sobre o que se passa nas sessões. E penso que, antes de vos dizer muito, seria uma ideia muito melhor ouvirem, apenas durante dez minutos, uma gravação que trouxe comigo, que consiste em excertos de várias sessões.
Ora, não pretendo nem espero que a gravação de demonstração que trouxe hoje para tocar aqui vá necessariamente — na verdade, não esperaria nem anteciparia que provasse, de forma alguma, muitas das coisas de que vou falar, e não espero que fiquem convencidos. Seria um idiota se esperasse isso e também não pensaria muito de vós se aceitassem tudo apenas à superfície.
Sessões, mediunidade, pela sua própria natureza, são complexas. Quanto mais se sabe sobre mediunidade e mais se se entrega a ela, mais se percebe quão vasto e complexo é este tema. E cada ser humano que entra neste campo de experiência, em busca de prova de sobrevivência, deve encontrá-la por si mesmo. O que é prova para um homem não é, obviamente nem necessariamente, para outro homem — e por isso as gravações só podem servir neste sentido. Mas ouvirão pelo menos seis vozes de indivíduos, assim chamados 'mortos', a conversar.
Agora, como o Professor Bennett vos disse, eu submeti-me voluntariamente, ao longo de muitos anos e particularmente nos últimos dezoito anos, a todo o tipo de testes que vários doutores da ciência e outros puderam conceber. Mais recentemente, alguns destes testes incluíram telescópios de infravermelhos — que, como todos vocês provavelmente sabem, são instrumentos que permitem ver o que se passa numa sala de sessão escura. Também me colocaram microfones de garganta em redor do pescoço, ligados a altifalantes. Fui firmemente amarrado e preso em cadeiras e, por vezes, pessoas seguraram-me nas mãos de cada lado. Por outras palavras, submeti-me a todos os dispositivos possíveis e imagináveis — para que se pudesse provar, de forma clara, que as vozes são separadas e distintas de mim.
Se eu não tivesse passado por estes testes ao longo de tanto tempo — e ainda continuo a reunir-me com membros da Society for Psychical Research em Londres — ainda a experimentar. Porque sinto que quanto mais fazemos isto, mais sensato é, mais inteligente é, e mais podemos convencer o mundo da realidade da comunicação entre vivos e mortos.
Se não pudesse apresentar-vos isto, não teria a ousadia de me pôr aqui à vossa frente e pedir-vos que ouvissem esta gravação. Mas penso que, independentemente de aceitarem ou não, acharão muito interessante.
Porque nesta gravação ouvirão pelo menos seis entidades individuais, separadas, com as suas peculiaridades de fala e idiossincrasias. Ouvirão uma atriz inglesa muito famosa, Ellen Terry, e talvez antes de passar a gravação, deva também salientar — além do aspeto de teste do meu trabalho — sempre que recebemos uma comunicação e foi gravada, de algum indivíduo que sentimos que, de alguma forma, poderíamos comprovar, como por exemplo Bernard Shaw…
Ele veio até nós em muitas ocasiões e conseguimos, eventualmente, contactar várias pessoas

que conheceram muito bem Shaw. Também contactámos várias pessoas que contracenaram nas suas peças e, sem exceção, todos aceitaram que era Bernard Shaw a falar. Claro que houve, naturalmente, como seria de esperar, alguma discordância entre as pessoas envolvidas, relativamente à própria voz. Por exemplo, algumas pessoas disseram: 'Ah sim, bem, o conteúdo da mensagem e a forma como foi dada e o humor e aquele toque sarcástico por trás das respostas, etc., eram tão tipicamente e obviamente Bernard Shaw. Não poderia ser mais ninguém.'

E depois, claro, acontece muitas vezes, quando tentamos fazer este tipo de verificação das vozes, haver pessoas que dizem: 'Bem, não era exatamente a voz dele, mas claro que era exatamente o tipo de coisas que o Shaw diria.'

Por outras palavras, temos de dizer as coisas assim: toda a comunicação, seja qual for a forma que tome, é artificial. Não existe tal coisa como uma comunicação natural. Com isto quero dizer que, se uma pessoa do outro lado da vida tenta contactar-nos, tem de usar, de alguma forma, um médium. E não importa quão honesto, sincero e genuíno seja esse médium, em algum lugar, alguma parte desse médium pode — não digo que seja sempre — mas pode tornar-se aparente.

Agora, já vos disse que as vozes são totalmente independentes do médium. Com isto quero dizer que foi provado, cientificamente, que são separadas do meu organismo físico. Por outras palavras, não falo eu mesmo. E, tanto quanto conseguimos perceber e entender, também não são usados os meus órgãos vocais. E, claro, já tivemos em raras ocasiões duas e por vezes três vozes a falar ao mesmo tempo, mantendo uma conversa — incluindo, por vezes, eu próprio a conversar. O que torna bastante óbvio que não poderia, de forma alguma, ser eu a produzir a voz espiritual.

Menciono tudo isto porque acho importante e não teria a audácia de estar aqui à vossa frente a falar sobre todo este tema, se não soubesse que a minha mediunidade foi comprovada cientificamente.

No próximo ano (1971) vai sair um livro — oh, isto até soa como se estivesse a querer que o comprem — mas a questão é que estou a publicar um livro sobre a minha vida e o meu trabalho, que vai expor muito mais em detalhe do que posso dizer agora.

Mas, de qualquer forma, penso que para já, se pudéssemos ter dez minutos para ouvir as vozes, depois discutirei mais e mais tarde, se alguém quiser fazer alguma pergunta em particular, se estiver ao meu alcance responder, terei todo o gosto em fazê-lo.

(GRAVAÇÃO DAS VOZES ESPIRITUAIS É TOCADA PARA A AUDIÊNCIA)

Flint: Compreendo que as gravações, por si só, não podem fornecer-vos prova. Em todo o caso, as gravações talvez não sejam tão boas quanto poderiam ser, a reprodução, etc., e é difícil ouvir com grande clareza. Ainda assim, é uma ilustração de um tipo de trabalho e, o que gostaria de dizer é isto: há sempre muitas pessoas, quando se discute este tema do Espiritualismo e da pesquisa psíquica, cujo primeiro impacto, a primeira impressão e a primeira reação é: 'Ah, bem, eu não acho que isto seja uma coisa boa, não acho que se deva mexer nisto e não acho correto invocar os mortos.'

Ora bem, todos sabemos, pelo menos aqueles de nós que têm algum conhecimento do assunto, que é impossível invocar os mortos. Ninguém pode invocar os mortos. Um médium certamente não pode fazê-lo, quero dizer, eu poderia sentar-me daqui até ao dia do Juízo Final, por assim dizer, numa sessão e, possivelmente, de facto, muitas vezes, nada acontecer. Portanto, esta ideia que algumas pessoas têm, que sabem pouco ou nada do assunto, de que se pode invocar os mortos, é simplesmente muito estúpida.

Mas este tema todo, como disse no início, é terrivelmente, terrivelmente complexo. A mediunidade, pela sua própria natureza, é variável, imprevisível. Pode haver uma ocasião em que alguém vos procura para uma sessão e podem ter os resultados mais extraordinários, a evidência pode ser esmagadora e, depois, talvez no dia seguinte, nada acontece.

Este tema todo, pela sua própria natureza, é complexo. Não sabemos muito sobre ele; na verdade, sinto que, após quase quarenta anos como médium, sei muito, muito pouco sobre a 'mecânica', se assim lhe posso chamar, da mediunidade. A mediunidade é terrivelmente complexa, quer se trate de mediunidade física, como a voz direta ou a materialização, quer seja de outro tipo, como o transe ou fenómenos mentais. E claro que há muitos níveis; não sabemos até que ponto o subconsciente pode afetar a mediunidade, como pode influenciar a mediunidade. Seja com o 'médium mental' ou clarividente ou se for o psicometrista ou um médium de voz — há tanto que não sabemos.
Mas o que fica, o resíduo probatório, é tão fantástico que não creio que qualquer pessoa realmente inteligente, que se debruce sobre este tema e que tenha lido, possa duvidar da realidade das experiências de tantas pessoas. Muitas delas, pessoas muito eminentes, indivíduos de ciência — seja recuando no tempo até Lodge e Flammarion ou até aos dias de hoje. E com as técnicas modernas, ou as técnicas científicas modernas, isto é, penso eu, o mais maravilhoso de tudo.
Hoje em dia é possível testar verdadeiramente a mediunidade; estou a falar agora particularmente da mediunidade física. Porque a mediunidade física, pela sua própria natureza, tem de ser produzida, invariavelmente — na maior parte das vezes para ter sucesso — numa sala escura. Ora, isto é algo que, naturalmente e com razão, muita gente que sabe pouco ou nada do assunto condena imediatamente: 'ah, bem, acontece no escuro. Não se pode ver o que se passa. Podem ter fios e truques e tudo pode ser feito para enganar.' E eu seria o último a negar o facto de que o Espiritualismo, durante o último século, tem sido o seu próprio inimigo. Na verdade, os próprios espiritualistas e médiuns deram ao 'homem da rua' uma excelente oportunidade para condenar. Não quero dizer com isto que tenha sido sempre culpa dos espiritualistas completamente, mas a tragédia da mediunidade é que pode ser imitada, pode até certo ponto ser copiada. E por isso este tema, este 'Movimento', chamem-lhe o que quiserem, teve muitos fraudes.
Bem, há uma coisa que não se pode produzir fraudulentamente — seja o que for que se possa produzir de forma fraudulenta — não se pode dar prova genuína de sobrevivência. Isto é algo que tem de vir por si mesmo, de forma natural, e há muitos, muitos casos de provas irrefutáveis — que não podem ser atribuídas a comportamento fraudulento por parte do médium. Não podem ser atribuídas à mente consciente ou subconsciente do médium ou do assistente ou assistentes. E como já disse, sinto que a razão pela qual o Espiritualismo não progrediu como deveria, não se deve tanto ao mundo exterior — que, naturalmente, é céptico. Mas a maior parte da culpa é nossa, como espiritualistas — e às vezes como médiuns.
Não quero alongar-me nisto, mas sinto que este é o momento certo para dizer estas coisas. Não nos faz mal nenhum. Pode até fazer-nos muito bem a todos. E não estou a pensar apenas aqui na América; sei muito pouco, ou nada, sobre o Espiritualismo americano. Estou a pensar, de certo modo, no meu próprio país.
Ao longo dos anos, foram os próprios espiritualistas que expuseram médiuns fraudulentos. De facto, sempre que um médium foi exposto como fraude, foi pelos espiritualistas, raramente por uma fonte exterior. Mas sinto que nós, como médiuns, temos uma grande responsabilidade sobre os ombros. Sejamos médiuns físicos ou médiuns mentais, estamos, pela própria natureza das coisas, sujeitos a todos os tipos de influências, boas e más. E até nos livrarmos, individual e colectivamente, do lado mais negativo, até podermos ficar em frente de uma audiência — falo agora do ponto de vista de um médium — e dizer 'bem, olhem, francamente, hoje não vejo nada, não ouço nada e os meus poderes não estão a funcionar.'
Hoje em dia, espera-se demasiado, francamente, de um médium. Espera-se sempre que o médium 'dê provas'. Espera-se que forneça evidências e, como todos sabemos, grande número de espiritualistas, em vez de verem isto pelo que é: uma grande filosofia, uma grande tomada de consciência da verdade e esforçando-se por segui-la individual e colectivamente, estão apenas preocupados se vão receber uma mensagem. E muitas vezes as mensagens que as pessoas querem são puramente materialistas. Eu próprio não olho de cima para ninguém que

procure ajuda, conselho ou orientação, seja ela material ou espiritual. Vem ter comigo todo o tipo de pessoas, em Londres, por várias razões e motivos diferentes. É humano e natural. Vivemos num mundo material muito, muito difícil e duro e há alturas em que ficamos muito deprimidos, em que sentimos que já não aguentamos mais e precisamos daquele apoio extra, daquele conforto ou ajuda. E, consequentemente, é humano que se vá, se formos espiritualistas, a um médium ou a uma sociedade ou igreja onde um médium se esteja a demonstrar, esperando receber uma mensagem.

Isto é natural, mas direi — e penso que é verdade dizer — que sinto que não fizemos progresso, como unidade ou organização, porque estamos demasiado satisfeitos em ficar à superfície. Estamos demasiado satisfeitos em sentar-nos com um médium com o objetivo de obter algo muito pessoal para nós, geralmente ou muitas vezes de natureza material; receber algum conselho sobre se devemos, digamos, vender o negócio ou mudar de apartamento, ou seja o que for. E isto arrasta a mediunidade para baixo. Isto afeta os médiuns, afeta a mediunidade. Baixa o médium a um nível onde nunca deveria ser esperado que fosse trazido.

Devemos, pela nossa própria natureza, aspirar às coisas da mente e do Espírito. Devemos aspirar, devemos tentar elevar-nos até àqueles que se dão de si mesmos para descer até nós. Por favor, não interpretem mal esta minha afirmação. É algo que sinto muito sinceramente e muito intensamente. E outra razão pela qual senti necessidade, particularmente na minha própria mediunidade, de limitar a quantidade de trabalho que faço, de me esforçar por trabalhar, tanto quanto humanamente possível, com pessoas que procuram sinceramente — não apenas o conforto pessoal quando perdem o marido ou o filho — não apenas para serem consoladas, não apenas para terem a grande realização de que a morte não é o fim — não apenas isso, embora seja maravilhoso. Mas devemos perceber que todos somos Espíritos aqui e agora, encarnados em matéria física, que fomos colocados neste mundo com um propósito. Mas às vezes é mesmo necessário e essencial que, até certo ponto, tenhamos de sofrer. Que só talvez através do sofrimento possamos encontrar-nos. Na verdade, penso que é verdade dizer que, até nos perdermos, não podemos esperar encontrar-nos.

E sinto que esta é a mensagem do Espírito. Estas almas maravilhosas que descem até nós, tentando derrubar a barreira que erguemos, através de séculos de tolice e ignorância. Fomos nós que construímos a barreira, não eles. Fomos nós que lhes fechámos a porta e eles estão a bater a esta porta da nossa consciência — tentando contactar-nos. Ligar-se a nós, tentar elevar-nos, tentar dar-nos uma maior compreensão e uma melhor filosofia de vida — para que possamos, até certo ponto, ir com eles enquanto ainda estamos na carne e assim mudar este mundo em que vivemos — do qual somos responsáveis.

E é aqui que sinto que a mediunidade e o Espiritualismo e a pesquisa psíquica, chamem-lhe o que quiserem, têm o seu grande e maravilhoso papel a desempenhar. Se se espera que os médiuns, como tantas vezes se espera, dia após dia, hora após hora, como em Londres, em algumas das grandes sociedades, onde têm vinte e quatro médiuns no quadro, cada um com o seu pequeno cubículo e os horários feitos para que cada hora dê uma consulta. Bem, eu sei que nenhum médium que seja genuíno, nenhum médium honesto, pode dar oito ou dez consultas uma atrás da outra e produzir fenómenos genuínos. E isso agrada ao 'homem da rua', agrada à mulher que quer uma pequena mensagem ou benefício material.

Não estou exatamente a condenar isto, embora pareça que estou. Sinto que temos uma realidade tremenda e maravilhosa para dar ao mundo e estamos a prostituí-la.

Estamos a usá-la numa base e num nível material. Estamos a arruinar os nossos médiuns, onde existem, esperando demasiado deles. Os médiuns têm de pagar as contas como toda a gente, têm de pagar a renda da casa, o gás, a electricidade, a conta do telefone. Têm de fazer tudo o que qualquer outro ser humano tem de fazer e, no fim da vida, não têm garantia, não têm subsídio nem apoio financeiro, a menos que tenham tido a sorte de poupar um pouco para a velhice.

O homem comum tem um salário regular, um rendimento assegurado. Normalmente tem, no final da vida, uma fonte de rendimento da empresa para a qual trabalhou, etc.
Estas são coisas materiais, eu sei, e talvez seja verdade que nós, médiuns, não devamos esperar demasiado, mas por outro lado, se nos pedem uma sessão e dizemos: 'o meu honorário é... tal e tal...', muitas vezes as pessoas levantam as sobrancelhas e pensam — bem, se não disserem, pensam — 'oh, não imaginava que ele cobrasse honorários' ou, se cobra, 'tanto quanto cobra'. São coisas materiais; 'o trabalhador é digno do seu salário'.
Mas claro que qualquer médium digno de si mesmo ajudará qualquer pessoa sem pensar em dinheiro.

Todos estes fatores entram na mediunidade; vejam, este é um ponto e um problema que, na verdade, talvez não ocorra facilmente ou rapidamente a muita gente. O problema é que os médiuns são pessoas ultra-sensíveis, são pessoas muito 'humanas' e, em certos sentidos, são de facto muito mais sensíveis do que a pessoa comum. Têm de o ser, caso contrário não poderiam ser médiuns. E estão sujeitos a todo o tipo de influências, boas e más — mais, diria eu, do que o homem comum na rua, que tem um trabalho normal a fazer.

Estou a insistir neste ponto e neste tema por um motivo. Porque quero, se puder, especialmente para aqueles que estão na periferia, que não têm a certeza se devem mergulhar neste assunto — que tenham, até certo ponto, um retrato, que sinto ser muito verdadeiro. O Espiritualismo tem muito para oferecer, mas receio que, a menos que façamos algo por nós mesmos, não iremos muito longe — e acho que não fomos. Sei que se fala muito de Ocultismo e Espiritualismo e Pesquisa Psíquica. Fala-se muito de Clarividência e de todas estas outras coisas relacionadas com o mesmo tema, porque são todas parte do mesmo todo. E este é um tempo em que provavelmente é mais necessário do que em qualquer outra altura da história do homem. O homem precisa desta verdade — mas o que estamos nós a dar à humanidade?

Estamos apenas a dar-lhes a pequena mensagem trivial? É reconfortante, é útil — e em muitos casos, quando as pessoas estão sós no mundo, ter uma pequena mensagem significa muito. Não lhes negaria isso. Mas temos uma realidade de verdade tremenda, é a base de todas as religiões. Na verdade, se tirarmos a realidade da vida após a morte, não há sentido na religião, a religião deixa de significar qualquer coisa. Não importa a que religião se pertence ou que fé ou organização se professa. Tudo se baseia numa vida para além. Se não há vida para além, a religião é inútil, sem sentido e não tem significado.

Nós, como espiritualistas, estamos a tentar, talvez não tão bem quanto desejaríamos, provar a realidade daquilo de que todas as religiões falam. Por isso imaginar-se-ia que as religiões de todos os tipos e denominações nos acolheriam. Ficariam tão felizes em saber que há pessoas que se esforçam por provar aquilo de que falaram durante séculos. Mas todos sabemos que não é assim. A grande maioria dos corpos religiosos e indivíduos ligados às instituições religiosas são invariavelmente — há exceções — contra isso. Costumam dizer, entre outras coisas, 'é do diabo'. O que sempre me surpreende, porque tenho muitos amigos muito queridos, doces e amáveis que são cristãos e sabem tanto sobre o diabo que às vezes penso que devia perguntar-lhes um pouco mais. Parecem tão familiarizados!
(RISO)
Mas falando a sério, e piadas à parte, não quero ficar demasiado intenso com isto, mas é algo que sinto com muita força. Somos todos parte da criação de Deus, somos todos parte de uma 'morte viva'.

Estamos todos a morrer a cada segundo do nosso dia de vida. Estamos todos, gradualmente, a chegar um pouco mais perto desta vida eterna. Mas somos todos Espíritos, aqui e agora. Esta é a tragédia que não percebemos: que somos Espíritos aqui e agora. São os nossos corpos que

estão gradualmente a morrer e a mudar e a decair. Mas somos inteligência, somos personalidade — esta parte de nós que é tão querida para aqueles que nos amam, os nossos amigos e entes queridos — esta realidade do eu não pode morrer. E é isto que acontece nas sessões e nas gravações. Temos Ellen Terry, a grande atriz inglesa, que vem ter connosco de tempos a tempos.

Há muitos anos, antes de certos membros da sua família morrerem, costumavam sentar-se comigo. Julia Neilson, que foi uma atriz muito, muito famosa, e Fred Terry, o seu maravilhoso marido ator, que era — Fred Terry era irmão de Ellen Terry. E Ellen Terry costumava vir através de mim e falar com Julia Neilson e outros membros da família Terry e Neilson. E tivemos muitas horas felizes a ouvir a conversa que se desenrolava entre eles. Os assim chamados 'mortos' e os vivos.

Esta é a grande realidade. É a realidade por detrás de todas as grandes religiões. Não importa qual a religião que se professa, ou se não se professa nenhuma, ou se se aceita ou não se aceita. Sem ela não há religião, não há nada. A verdade é predominante, a verdade é a realidade do Espírito e é isso que estamos a tentar demonstrar. E se, no meu caso — como estou a tentar fazer — a demonstro de forma científica, não posso dizer que fico sempre muito satisfeito com alguns dos resultados. Às vezes, nestas sessões de teste, não obtenho nada, o que é de esperar. Outras vezes, os testes são altamente bem-sucedidos e, claro, esses testes levam a outros testes. E qualquer médium que tenha passado por estas coisas sabe que muitos dos cientistas nunca ficam satisfeitos. Passa-se por um teste e dizem: 'ah sim, isso foi muito interessante e muito bom.' E arquivam-no nos registos da Society of Psychical Research e ninguém ouve muito mais, se é que ouve. E depois sugerem outra coisa e assim se continua.

Mas, ainda assim, só podemos esperar que chegue o dia em que haja estas pessoas corajosas que saiam e façam as suas declarações publicamente, para o bem desta grande verdade. Mas claro, muitos destes chamados tipos científicos nunca ficam realmente satisfeitos. Vão até certo ponto e não avançam mais durante algum tempo, depois começam outra coisa. Mas não quero começar a dizer nada de desagradável sobre ninguém, particularmente os cientistas, porque são pessoas muito simpáticas quando os conhecemos, se é que alguma vez se conhece — mas penso que a maioria é muito humana.

Estava a falar com o professor sobre Nova Iorque. Aqui está uma das — provavelmente a maior cidade do mundo, com imensa riqueza, imensa integridade, tanto para oferecer — mas não tem uma igreja espiritualista. Isto parece-me a coisa mais extraordinária! Pode-se andar por aí e ver igrejas lindas, igrejas baptistas e de outras denominações, igrejas católicas, mas o Espiritualismo não tem uma igreja. Acho isto quase impossível de acreditar. Deve haver milhares de pessoas nesta grande cidade só, que estão interessadas neste tema, que estão a procurar, que estão a explorar, que querem saber. E deve haver muitos que estão convencidos pela evidência que receberam — pensar-se-ia que haveria uma estrutura, um edifício, onde as pessoas se reuniriam e se poderiam ter serviços e comunicação e assim por diante.

Sei que o professor disse que há, como aqui, onde têm uma sala. Mas nenhum edifício propriamente dito, nenhum edifício real. Acho isto bastante extraordinário. Obviamente há razões muito válidas, mas o ponto é — e isto é verdade em Inglaterra tanto quanto aqui, embora tenhamos igrejas, é verdade…

Mas as pessoas que talvez pudessem ajudar e dar de si mesmas, em tempo e em dinheiro, para ajudar outros a encontrar a verdade, a realização e o conforto, raramente fazem muito. Isto é, suponho, a natureza humana em todo o mundo, mas parece-me uma coisa terrível. Que, à medida que todos nos aproximamos do inevitável, muito poucos estejam dispostos a fazer algo

de si mesmos, para tornar isto possível para que outros possam ver a verdade, conhecer a verdade e ter a oportunidade de a experimentar. E um edifício que seja dedicado a este trabalho maravilhoso.

Isto é apenas uma expressão pessoal, espero que não seja mal interpretada, mas é extraordinário que o Exército de Salvação, a religião católica e todas as religiões. Todos conseguem obter dinheiro para construir edifícios magníficos. E, no entanto, não têm a grande coisa que importa: a realidade da vida para além, com a evidência para a apoiar. Nós temos a evidência, podemos dar a realização no sentido mais completo e, no entanto, não temos o bem-estar material.

Talvez seja assim que tem de ser. Pode bem ser que não esteja destinado, mas onde há verdadeira iluminação da mente e do espírito, as coisas materiais — edifícios, estruturas e afins — são pouco importantes.
Cristo disse: 'ide pelas estradas e caminhos e pregai o meu evangelho a toda a criatura' e talvez não seja em edifícios, não seja em estruturas, mas sim nos corações dos homens, numa compreensão mais profunda dentro do homem, que esta verdade será dada.

Flint: Agora, talvez eu tenha divagado um bocadinho, se o fiz, perdoem-me — e penso que talvez seja uma boa ideia agora abrir esta reunião e, se alguém tiver alguma pergunta em particular — se estiver ao meu alcance respondê-la, assim o farei.

Membro da audiência: Alguma vez alguém disse alguma coisa — ou alguma vez viram Deus — ou o que é que dizem sobre Deus do outro lado?

Flint: O que dizem sobre Deus? A senhora pergunta se alguém do outro lado alguma vez disse — pelo menos em qualquer das minhas sessões — se alguém já viu Deus ou se alguém já viu Jesus?
Ora, em primeiro lugar penso que a única explicação que posso dar para isto, a única coisa que posso dizer sobre isto, é que não conheço nenhum Espírito do outro lado que tenha dito alguma vez ter visto Deus. Mas o que dizem é que viram uma manifestação daquilo a que se chama Deus. Do outro lado sempre nos deram a impressão de que Deus não é uma pessoa. Que Ele não tem forma nem figura, tanto quanto sabem — não O viram — mas sentem e conhecem Deus.
Mas é um sentimento profundo dentro deles e uma expressão para a qual não conseguem encontrar uma palavra, um nome ou um título. É algo fora do seu conhecimento como forma ou figura.

Professor Bennett: Temos uma pergunta aqui...
Membro da audiência: Gostaria de saber se já apareceu algum Espírito que não falasse inglês?
Flint: Oh, sim, claro. Oh, sim, desculpem, talvez devesse ter mencionado isso. Nas sessões de que falo, de vez em quando — não diria que é algo comum — mas, de vez em quando, tivemos comunicações noutras línguas. Às vezes pode acontecer que alguém venha ter comigo da Alemanha para uma sessão. E em algumas ocasiões — não é necessariamente algo regular, obviamente — em algumas ocasiões vieram comunicações noutras línguas.
Mas penso que é justo dizer que, em certos casos, houve dificuldades. Mas isso provavelmente deve-se ao facto de toda a construção mental ser minha — e claro, não falo outras línguas — e também ao facto de eu trabalhar num país de língua inglesa, onde o inglês é predominante. Isso pode, até certo ponto, tornar as coisas mais difíceis. Não sei porque deveria ser assim, mas é.
Mas claro que houve ocasiões em que as pessoas vieram e falaram noutras línguas e mantiveram conversas bastante inteligentes, mas diria que é muito mais raro do que comum.

Professor Bennett: Pergunta aqui…
Flint: Sim?
Membro da audiência: Quando as vozes estão a dar provas, o que se passa, se é que se passa algo, no cérebro do médium? As ondas alfa e as ondas beta…

Flint: Oh, vejam, eu não sou cientista. E serei muito franco quanto a isto — na verdade, não sei nada do ponto de vista científico sobre a minha mediunidade. Entrego-me a outros, de espírito científico, para que experimentem comigo. Mas na realidade sou — na realidade sou completamente ignorante. Mas percebo, com isso quer dizer uma espécie de gráfico, esta coisa nova que surgiu sobre o gráfico? As vozes terem, como impressões digitais?

Professor Bennett: Não, isto é…
Flint: É outra coisa? Porque eu estou muito…
Professor Bennett: Eletrodos na cabeça e medições das ondas cerebrais.
Flint: Bem, até agora, não surgiu essa hipótese. Não. Mas pode ser que ainda venha a surgir.
Professor Bennett: Estão a trabalhar nisso…
Membro da audiência: Existem casos de médiuns que eu… testados com sucesso para mostrar nenhuma atividade no cérebro do médium enquanto está em transe…
Flint: Bem, isso é algo novo para mim, percebem, algo que provavelmente sabem — obviamente sabem — eu não sei.
Nunca passei por isso, não. E não acho que me agradaria muito…
Professor Bennett: Pergunta aqui em baixo…
(RISO)

Flint: Sim?
Membro da audiência: (Faz uma pergunta longa e pouco audível, pedindo, em parte, ao Sr. Flint, em nome de todos os presentes, "para confirmar, pela graça de Deus, e dar-nos uma mensagem — uma mensagem internacional… seria tão amável de tentar? Tem o poder… estamos todos gratos…")

Flint: Bem, penso que sei o que quer dizer. Acho que sou suficientemente inteligente para perceber o que está a tentar transmitir-me… mas tudo o que posso dizer é que sou um médium. Não tenho controlo, conscientemente, certamente, ou de outra forma, tanto quanto sei, sobre o que acontece. E como penso que já disse antes, não está ao meu alcance comandar ou exigir ou chamar qualquer pessoa ou pessoas em particular.

Mas sei o que quer dizer, no sentido mais amplo, e penso que é muito verdade dizer-se que, se nós — pelo nosso exemplo — e isso para mim é mais importante do que a oração, deixe-me explicar isto…
Não nego a eficácia da oração, quando é sincera, vinda do mais profundo da alma. Mas preocupo-me mais com coisas práticas — isto pode parecer estranho. Quero dizer, tanta gente reza com grande sinceridade, e tenho a certeza de que as suas orações têm efeito. Na verdade, muitas vezes a oração é atendida.
O que me importa mais é o que somos por dentro. Não adianta estar de pé a rezar, é por isso que fico sempre embaraçado quando me pedem para rezar. Detesto, intensamente, rezar em público. Sinto que preciso que alguém reze por mim. Sinto que a vida de cada um deve ser uma oração — não que se consiga sempre. Deve-se tentar fazer o melhor que se pode, na vida diária — enviando essas ondas de pensamento. Claro que se enviam ondas de pensamento pela paz e pelo bem da humanidade — mas acho que não respondi à sua pergunta, pois não? Receio que não.

Bram Rogers: O que queriam era uma demonstração.
Outro participante: Não, tem de dizer que não pode dar uma demonstração numa sala destas…

Flint: É impossível dar uma demonstração da minha mediunidade, aqui num local público como este. Não é o meu campo de atividade. Não é o tipo de mediunidade que se demonstra perante uma audiência desta natureza. Vejam, não sou clarividente, não… suponho que poderia, mas não estou aqui para dar mensagens às pessoas.

Professor Bennett: Além disso, ele não pode comandar as vozes para dizerem o que ele quer que digam. Dizem o que quiserem.

Flint: Bem, penso que qualquer médium que possa comandar, há algo muito suspeito nele. Nenhum médium genuíno pode chamar uma pessoa específica, só porque o participante o quer. Não existe tal coisa como 'chamar os mortos', este é o ponto. Uma pessoa pode ir a um médium com o mais sincero sentimento e propósito, com amor e tudo no coração, com o desejo de comunicar com o filho ou o marido. Mas um médium não pode fazer com que essa pessoa venha. Não há poder algum que o médium tenha para chamar os mortos ou receber uma coisa específica que uma pessoa quer.
É aqui que tanta gente se engana. Assumem que um médium pode fazer exatamente o que querem e responder a todas as suas perguntas. Simplesmente não é assim. Um médium genuíno não pode fazer nada disso.

Professor Bennett: Pergunta aqui…

Membro da audiência: Alguma vez foi dito do outro lado que alguém viu Jesus?

Flint: Bem, sim, já ouvi casos de indivíduos de natureza superior — ou seja, pessoas que obviamente já estão lá há séculos — que progrediram espiritualmente e atingiram um estado muito elevado de evolução e desenvolvimento, que afirmaram ter visto e falado com Jesus. Mas o comum — se é que se pode usar a palavra comum — o homem ou mulher vulgar, que apenas recentemente passou para lá, pode ter visto — conheço casos em que indivíduos disseram ter visto uma aparição, suponho que seja a palavra certa — não é exatamente a palavra certa — de alguém que assumiram ser Jesus.
Mas, de novo, pode muito bem ser que tenham tido um reflexo da mente e da beleza de Jesus, num nível da sua própria consciência. E, mais uma vez, pelo que se pode entender, Jesus não é necessariamente uma figura física.

Mas parece que Jesus — ou qualquer um dos grandes mestres ou profetas ou almas altamente desenvolvidas — pode manifestar-se, sob diferentes condições e circunstâncias, a pessoas em diferentes níveis de consciência, do outro lado da vida e, sem dúvida, deste lado da vida, em certos momentos quando há uma razão ou um propósito real para isso.
É por isso que penso que é bastante plausível e lógico aceitar o facto de que houve pessoas, ao longo dos séculos, que viram aparições, seja da Virgem Maria, seja de Jesus ou de São Francisco de Assis — ou de quem quer que seja. Estou bastante certo de que estas almas podem tornar-se visíveis em certas condições.

Mas isso não quer dizer necessariamente que a pessoa esteja ali no sentido completo, tal como talvez gostaríamos de entender. Pode ser um reflexo do eu que é transmitido ou enviado por um propósito definido.

Professor Bennett: Temos uma pergunta aqui…

Membro da audiência: Quero saber se alguma das [vozes]… alguma vez lhe falou sobre reencarnação… e acredita na reencarnação?

Flint: Bem, a reencarnação é um tema que, obviamente, ganhou um grande terreno. Muitas, muitas pessoas estão interessadas na reencarnação. Não posso falar com autoridade sobre isso, porque sei pouco ou nada. Não a menosprezo, acho que em circunstâncias excecionais há toda a razão para acreditar que é assim — mas não a posso provar.
Vejam, com o Espiritualismo, com a mediunidade, pode-se provar até ao limite. Se uma mulher vai a um médium ou se uma mulher vem ter comigo como médium e entra em contacto com o filho e as provas que recebe são irrefutáveis — que certas coisas são dadas e ditas que só poderiam ter sido ditas pelo filho e mais comunicações surgem, ao longo do tempo, e as provas acumulam-se, então temos um caso que se pode dizer, 'bem, isto está provado, tanto quanto se pode esperar, razoavelmente, que esteja'.
Mas com encarnações e reencarnação, não vou dizer que não possa ser provado, mas eu próprio não conheço nenhum caso pessoal que seja 100% incontestável, provado.
Penso que é muito possível que haja certos indivíduos que voltam em forma física, talvez porque tenham um trabalho específico a fazer, que é necessário — mas não sei mais do que isso. Não sei.

Membro da audiência: Alguma vez serviu de canal para F.H. Myers e, se sim, foi feita alguma gravação?

Flint: Ele foi um pouco antes do meu tempo…

Membro da audiência: Ele voltou pessoalmente?

Flint: Ah, quer dizer se ele voltou a comunicar? … que eu saiba, nunca voltou através da minha mediunidade. Mas suponho que, obviamente, tenha voltado, mas não sei através de que médiuns. Nunca tive qualquer contacto…
Sim senhor?

Membro da audiência: Os seus guias espirituais e comunicadores dão alguma indicação sobre o modus operandi de…

Flint: Oh, sim. Claro que isto é algo que deixei um bocado de lado, não foi? Sim, claro, tenho os meus guias particulares e almas cuja tarefa é estar presentes numa sessão. E dizem-nos que, do médium e, por vezes, dos participantes — extraem uma substância, a que chamam, por falta de melhor expressão, ectoplasma. E a partir do ectoplasma moldam uma réplica dos órgãos vocais necessários para a fala e transmitem a sua força-pensamento para isto, e isto torna-se, temporariamente, um reprodutor artificial ou uma laringe artificial. E através disto conseguem reconstruir algum aspeto de si mesmos. Mas o eu mental que está por detrás disso não está apenas a tentar passar a prova pessoal e confirmar quem é, mas também tem de tentar, através desta caixa de voz artificial feita de ectoplasma, [criar] uma réplica de si próprio tal como seria lembrado na Terra.
Por outras palavras, parece que têm de fazer várias coisas ao mesmo tempo. Têm de afirmar a sua personalidade, têm de manipular esta laringe artificial — que lhes é antinatural — para que possam ser ouvidos do nosso lado, artificialmente. Todas as entidades que vêm têm de usar a mesma laringe e caixa de voz artificiais, e é por isso que às vezes pode haver uma tendência para algumas vozes se sobreporem e soarem um pouco como outra pessoa.
Mas quando afirmam a sua personalidade, obtém-se esta tremenda realidade de voz e personalidade e idiossincrasia na forma como falam. Mas é necessariamente artificial, não pode ser de outra forma.

Professor Bennett: Temos uma pergunta aqui…

Membro da audiência: O Edgar Cayce alguma vez se manifestou?

Flint: Não, ainda não tive o prazer de Edgar Cayce, mas tenho a certeza de que, com toda a publicidade que ele está a ter, ele voltará em breve! (Riso.)

Professor Bennett: Tem uma pergunta, jovem?

Membro da audiência: Gostava de perguntar ao Sr. Flint se, quando um participante vai ter consigo, pode pedir para falar com alguém específico ou se…

Flint: Bem, posso explicar isso. Penso que já disse, disse isto pelo menos três vezes e tenho a certeza de que concordam comigo. Se um participante viesse ter comigo e dissesse, 'Sr. Flint…' Não, vou dar um exemplo.
Alguns meses antes de vir para Nova Iorque recebi uma carta de uma senhora, uma carta longa, na qual dizia que estava desesperadamente infeliz. Tinha perdido o filho num acidente. Deu-me o nome do filho na carta, descreveu o acidente. Deu-me detalhes sobre a casa dele e a escola. Falou da filha que ainda vive — casada e com três filhos. E disse, 'Se eu for a Londres, posso entrar em contacto com o meu filho através de si?'

Bem, respondi imediatamente e disse, 'Minha senhora, compreendo a sua necessidade, mas se está a pensar tentar contactar o seu filho, não diga, quando vier à sessão, nada sobre si ou sobre a pessoa com quem quer contactar, porque é uma perda de tempo.'

Ora, se uma pessoa viesse ter comigo, à minha sala de sessões, e assim que entrasse dissesse, 'oh, quero contactar o meu marido Jack tal e tal, porque quero isto e quero aquilo.' Eu diria, 'bem, minha senhora, lamento mas está a perder o seu tempo e o meu, não quero fazer uma sessão consigo.'
Porque nenhum médium, se for uma pessoa honesta, quer saber nada sobre o participante a não ser que seja sincero e inteligente na forma como aborda o assunto.
Vejam, na verdade eu ficaria furioso se alguém viesse ter comigo e começasse a dizer, 'quero contactar o Jack e quero contactar o Fred tal e tal.' Eu pensaria, para quê — isto é estúpido.

Quero dizer, quando se vai a um médium, vai-se de mente aberta e de coração aberto e dá-se o benefício da dúvida se se é céptico. Mas, pelo menos, não se senta lá a dizer o que se quer. Se o fizer, é um perfeito idiota.

Bram Rogers: Mas uma vez estabelecido o contacto, pode-se trazer o assunto de que se quer falar?
Flint: Ah, bem, isso é diferente. Quero dizer, estava a falar puramente do ponto de vista das sessões de prova, de obter resultados de algo tangível e obter provas de sobrevivência.

Mas se um participante está num círculo e um guia ou alguma alma se manifesta e se pode fazer uma pergunta inteligente ou discutir um determinado tema, isso é perfeitamente aceitável. Não se está a procurar prova dessa forma, que seja valiosa para si, está-se apenas a procurar conselho e orientação espirituais, isso é diferente. Mas quem procura prova nunca deve dizer nada a um médium.

Professor Bennett: Há aqui uma pergunta…

Membro da audiência: O Bispo Pike alguma vez se manifestou consigo?

Flint: Não. Eu, sabem, acho que devo ter mesmo azar, nunca parece que recebo nenhum dos americanos...
(RISO)
Não tenho o Cayce, não tenho o Pike. Não sei quem mais morreu recentemente na América. Mas parece que nem na morte querem vir 3.000 milhas até Londres.
(RISO)
Tenho mesmo azar. Se calhar os americanos não gostam dos médiuns ingleses, mas eu — tirando quando os americanos vêm até mim para uma sessão, aí é diferente, mas caso contrário, não recebo todos esses americanos maravilhosos. Talvez não gostem assim tanto dos ingleses?

O PROGRAMA "TODAY" – ENTREVISTA DE TELEVISÃO

Gravado: Abril de 1970
Recentemente descoberto, este raro áudio de 15 minutos regista uma entrevista televisiva inicial com o médium Leslie Flint. Foi originalmente transmitida na televisão nacional britânica em Abril de 1968 como parte do programa de conversas "Today". O programa foi criado e apresentado pelo veterano apresentador Eamonn Andrews e produzido pela Thames Television. Este novo programa foi publicitado na altura como "lançando um olhar inquisitivo sobre Londres" e, neste episódio, Andrews entrevista Leslie Flint e os investigadores George Woods e Betty Greene.
A gravação está completa e inclui três excertos editados de sessões espíritas, tal como foram originalmente transmitidos. O nosso sincero agradecimento vai para Ann Harrison por esta rara gravação.

Andrews: Bem, agora, as suas afirmações de que gravou as vozes de pessoas mortas, erm, soam fantásticas e para algumas pessoas, chocantes. Mas antes de entrarmos no que são essas suas afirmações, vamos ouvir, antes de mais nada, a gravação do Sr. Woods de Oscar Wilde:
Wilde: Oh, é melhor saberem; o meu nome é Wilde.
Greene: Oscar Wilde?
Woods: Oh, eu li os seus livros... muitos deles, sim.
Greene: Oh, que maravilha!
Greene: Sr. Wilde, pode contar-nos algo da sua vida "do outro lado" agora – e o que está a fazer?
Wilde: Bem, devo admitir, é um alívio ser convidado a falar sobre a vida aqui, de preferência à vida quando na Terra... mais dinheiro foi ganho com a minha reputação desde a minha morte do que alguma vez consegui ganhar com as minhas peças – o que vem provar que o pecado é muito bem-sucedido!
Andrews: Ora bem, quando é que isso foi gravado, Sr. Woods?
Woods: Isso foi gravado há cerca de, erm, quatro ou cinco anos, foi.
Andrews: E quais são as circunstâncias desta e de todas as gravações que faz? Como... como são feitas – a gravação destas vozes que afirma virem do "outro lado"?
Greene: Bem, há aqui um ponto muito importante, que é o de que a voz do comunicador espiritual não vem através do médium. Por outras palavras, não sai pela sua boca.
Andrews: O Sr. Flint é o médium?
Greene: O Sr. Flint é o médium – e toda a gente tem esta substância conhecida como ectoplasma, que é uma força vital, e um médium físico tem uma grande quantidade desse poder em particular. Do "outro lado", eles extraem este poder do médium e moldam uma réplica dos órgãos vocais, que é conhecida como "caixa de voz".
Andrews: Isso é algo que veem quando estão a gravar?
Greene: Não se consegue ver – se tirasse uma fotografia por infravermelhos conseguiria ver. E também as pessoas presentes libertam uma certa quantidade de ectoplasma, do qual eles também se servem. E os comunicadores espirituais transmitem a sua voz, ou melhor dizendo, os seus pensamentos, através dessa caixa de voz, o que nos chega como som ou voz.

Andrews: E onde está o seu microfone, Sr. Woods, quando grava isto?
Woods: Está a cerca de, erm, um metro e vinte do médium – digamos que estava sentado ali, estaria a essa distância de… si, percebe?
Andrews: E presume-se, Sr. Flint, que já foi acusado de, digamos, conseguir projectar a sua voz de onde quer que esteja sentado para esse microfone?
Flint: Ha! Bem, há trinta e cinco anos que sou médium e, durante esse período, sentei-me para várias pessoas; investigadores psíquicos e espiritualistas, claro, sob todo o tipo de condições, testes e outros. Dei demonstrações, já há muitos anos, em várias salas, e na altura tínhamos o sistema 'Tannoy', que instalava os microfones e os altifalantes, etc., e numa ocasião, sem o nosso conhecimento, eles testaram se seria possível um dos homens sentar-se no gabinete, no qual eu estava fechado por pesadas cortinas, e projectar uma voz normal, a sua voz, para o microfone, que estava a um metro e meio de distância – e perceberam que era absolutamente impossível.
Por um lado, mesmo assumindo que conseguissem fazer passar a voz, a voz humana normal ficava tão abafada que nunca se poderia ouvir nada distintamente, erm, o que eles declararam publicamente ser fisicamente impossível de fazer. Portanto, nunca me importei que pessoas inteligentes investigassem a minha mediunidade. Na verdade, tenho-me oferecido, como disse, durante muitos, muitos anos, a investigadores. Na verdade, estou mesmo agora, e há já seis meses, a colaborar com alguns investigadores psíquicos. E se formos bem-sucedidos, o que espero que sejamos – e há todos os indícios de que seremos bem-sucedidos – provaremos cientificamente que as vozes não podem vir, de forma alguma, de uma fonte humana.
Andrews: Bem, não sei como é que vai provar isso – mas voltemos a Oscar Wilde, que ouvimos. Ora bem, ele não soou talvez tão espirituoso ou tão satírico como se lê dele em vida. Ficou com a impressão de que ele não é feliz?
Woods: Bem, veja, não ouviu a gravação completa. Deviam ouvir a gravação toda, então concordariam que ele é muito cínico. Ele… brinca connosco e diz coisas terríveis, é mesmo muito rude connosco. É muito rude do princípio ao fim.
Andrews: Porque acha que ele veio falar convosco em primeiro lugar?
Woods: Bem, ele é apenas, erm, como outros espíritos, todos querem vir através de nós para dizer às pessoas que continuam vivos. E gostam de tentar passar como eram quando estavam na Terra.
Andrews: Mas quando teve essa sessão e Oscar Wilde apareceu, tinham pedido por ele ou…?
Woods: Não, não…
Greene: Nós não pedimos ninguém.
Woods: Nunca pedimos ninguém.
Flint: É absolutamente impossível. Veja, isso é algo que se diz muitas vezes sobre os espiritualistas – que nos sentamos e "chamamos os mortos" – o que é a coisa mais estúpida que alguém poderia dizer ou imaginar. Ninguém é capaz, ninguém pode chamar os mortos. Pode-se ficar sentado até ao fim dos tempos. Se uma pessoa não quiser vir comunicar consigo, não se consegue obrigá-la a vir. Não há poder que tenha para exigir que ela venha. Na verdade, posso sentar-me para um grupo de pessoas interessadas no assunto, posso sentar-me muitos dias seguidos para as mesmas pessoas e nada acontecer. Depois, de repente, assim parece, sem razão aparente, a própria pessoa que mais gostaria que viesse falar, fala – mas ninguém consegue chamar os mortos.
Andrews: Bem, vamos ouvir outra gravação. Esta, afirma, é a voz da atriz Ellen Terry:
Terry: Na esfera em que agora existo, há uma oportunidade tremenda e existem grandes almas, de facto, que progrediram de esfera em esfera e experienciaram experiência. Temos a forma mais maravilhosa de existência que se pode esperar experienciar – e, no entanto, todo o tempo que se está a viver esta existência na vida, está-se sempre consciente das possibilidades daquilo que ainda está para vir…
Andrews: Alguma vez ouviu uma gravação da voz real, a voz em vida de Miss Terry?
Flint: Já ouvi.

Andrews: E como… como se comparam as duas?
Flint: Bem, não acho que haja comparação possível. Não acho que soem de forma semelhante. Erm, há que recordar que a gravação – creio que a única gravação existente de Ellen Terry – foi feita a citar Shakespeare, 'A Qualidade da Misericórdia', que foi há muito, muito tempo (pré-eléctrico) e ela era uma senhora muito idosa, com cerca de oitenta anos, imagino eu. Portanto, de qualquer forma, não sei como se podem fazer comparações, porque afinal, se uma pessoa comunica de forma normal quando ainda está no corpo deste lado da vida, em condições normais, então obviamente não enfrenta o mesmo tipo de esforço e dificuldade e complexidade ao comunicar do outro lado da vida. Erm, e não vejo, sinceramente, como se pode esperar que a voz de uma pessoa, a tentar comunicar connosco neste mundo, seja idêntica. Há tantos fatores a considerar. Têm de afirmar a sua personalidade. Quero dizer, por exemplo, disse que Oscar Wilde não foi particularmente espirituoso. É verdade que não ouviu a fita toda, mas o ponto principal é…
Andrews: Mas em relação à qualidade – quero dizer, à qualidade da voz – as vozes…

Flint: Sim.
Andrews: …se soam ou não como a voz original, mas soam certamente como vozes humanas.
Flint: Oh, são vozes humanas, na medida em que – bem, no fim de contas, a voz é humana, na medida em que a agência – e é preciso ter sempre isto em mente, e muita gente não percebe isto – que, por mais sincero e inteligente que o médium seja, por mais honesto, em algum lugar, alguma parte desse médium tem de "entrar" na comunicação. Desafio alguém a sugerir o contrário.
Sou médium há muitos, muitos anos e sei muito bem – embora eu próprio não tenha consciência de ter qualquer influência nas vozes – obviamente, em algum ponto, porque alguma parte de mim é usada de forma estranha, que nem consigo explicar – tem de haver alguma parte, algures, do médium. Não se pode eliminar completamente o médium, como poderia?
Andrews: Sr.ª Greene, não lhe parece estranho que a maioria das vozes sejam de figuras historicamente famosas? Sabe, porque acha que isso acontece?
Greene: Bem, acho que eles se manifestam assim porque têm um impacto maior. Veja, se fosse a voz de um dos nossos próprios familiares, isso não interessaria ao público…
Andrews: Quer dizer que não fazem isto para interessar o público?
Greene: Não. Fazemos isto para trazer… fazemos isto para tentar ajudar a humanidade a aprender que existe uma Vida Para Além da Morte. Que muita coisa horrível que acontece hoje é por causa do pensamento do homem, das atitudes do homem. E muitas, muitas pessoas que se manifestaram connosco deram-nos palestras sobre isso. Que a forma como as pessoas vivem hoje em dia causou todo este caos que se está a passar.
Andrews: Mas quero dizer… não acha… quero dizer, toda a base fundamental do Cristianismo é que existe uma Vida Para Além da Morte – sem se ouvirem vozes do Além.
Greene: Sim, mas a Vida Para Além da Morte que a Igreja prega é um tanto ou quanto vaga. Eles não… não pregam uma vida que, por assim dizer, "continua" – continua-se de esfera em esfera, por assim dizer. Quero dizer, quando se continua, está-se a criar o tempo todo nesta Terra como se está, e está-se a criar do outro lado. E conforme se criou nesta Terra, assim se vai para essa criação do outro lado, percebe?
Andrews: Bem, é isso que… eu acredito nisso, de qualquer forma, que seja o que for que se faça, está-se a acumular para o futuro – para o bem ou para o mal.
Greene: Conforme se pensa ou conforme é a sua atitude mental, ou como se pensa, assim se está a criar. E tem de se experienciar a própria criação, seja deste lado ou talvez esperar até chegar ao outro lado…
Flint: Posso dizer uma coisa…
Greene: …é tão simples quanto isso.
Flint: …se faz favor? Referiu-se às vozes de pessoas famosas. Acho que deve ficar bem claro que, por cada personalidade famosa que tentou contactar-nos (comunicar), centenas de pessoas,

homens e mulheres comuns, vieram e falaram com os respectivos familiares…
Andrews: Sim, eu sei, mas estavam a explicar que não ficam sentados ali – e ninguém consegue – a chamar um Espírito.
(ambos falam)
Andrews: É curioso saber porque é que Ellen Terry aparece em Worthing…
Flint: Bem, porque não haveria de aparecer? Há alguma razão para… há uma lei para uns e outra lei para outros? E porque não haveria uma pessoa famosa de vir como uma pessoa comum?
Andrews: Bem, quero dizer, para mostrar o outro lado da questão, temos aqui uma gravação de alguém…
Flint: Sim, sim.
Andrews: …que não é famoso, e é alguém chamado Jeremiah – um "Roundhead" e soldado raso de Cromwell que morreu em batalha – e isto foi o que ele disse de si mesmo quando se manifestou:
Jeremiah: Fui morto em batalha. Era seguidor do Mestre Cromwell. Era soldado raso. Não me lembro de mais nada. Só depois me vi no chão. À minha volta estavam corpos dos nossos amigos e dos nossos inimigos, todos juntos…
Andrews: Ora bem, obviamente Sr. Flint, algumas pessoas que nos veem agora vão dizer, então isso é o senhor a mudar a sua voz para um sotaque de "inglês arcaico". O que diz a quem diz isso?
Flint: Bem, o que posso dizer? Quero dizer, obviamente há pessoas que, seja o que for que lhes seja apresentado – mesmo que seja uma experiência muito pessoal com um médium – dizem sempre "ah bem, podia ter sido o médium, podia ter sido ventriloquismo." Terão sempre as suas próprias explicações, porque preferem isso, em muitos casos.
Quero dizer, a questão é que uma pessoa que quer convicção só a encontrará, obviamente, se – ele ou ela, conforme o caso – estudar isto, abordar o tema de forma inteligente, não aceitar necessariamente tudo como uma verdade absoluta – eu não aceito. Estou há trinta e cinco anos como médium profissional e não aceito necessariamente, erm, tudo o que ouço.
Andrews: Não aceita todas as identificações que eles próprios dão?
Flint: Não. Eu… eu aceito porque… podemos pôr as coisas desta forma; depois de trinta e cinco anos a sentar-me com pessoas de todas as origens, de todo o mundo – e vêm ter comigo de todo o mundo – e têm comunicação com os respectivos familiares, sobre os quais eu não poderia saber absolutamente nada. Então, se aceito isso, como tenho de aceitar, pelo peso e pela evidência disso, então porque não hei-de aceitar o facto de que essa voz, digamos, é Ellen Terry?
Porque é que haveria de duvidar? Porque é que haveria de desconfiar? Eu não digo que seja. Isso é outra questão, percebe? Eu…
Andrews: Mas está disposto a dizer que não acredita em tudo o que ouve?
Flint: Não acredito necessariamente em tudo o que ouço, a não ser que me seja provado. O extraordinário é que, como médium…
Andrews: Como pode ser provado? Como pode Ellen Terry provar que é… (ambos falam)
Flint: …concordo e não podia concordar mais. Mas lembre-se que não creio que nenhum de nós possa provar que essa é a voz de Ellen Terry.
Mas pessoalmente não acho que isso seja tão importante, nesse sentido. Erm, quer se aceite ou não o facto de ser Ellen Terry, pelo menos a mensagem (ininteligível) a mensagem é uma para o mundo, numa tentativa desta personalidade do outro lado, de tentar fazer algo para ajudar o mundo a salvar-se do que parece ser uma destruição iminente.
Por outras palavras, isto não é algo novo, quero dizer, isto acontece há séculos. Por detrás de todas as religiões existe esta verdade fundamental da vida depois da morte – pessoas a tentar comunicar com este mundo. Não importa que religião se escolha. Veja-se a vida de Cristo, ele apareceu aos seus discípulos no cenáculo. Eles estavam desesperados, eram homens infelizes. Pensavam que a sua (ininteligível) se tinha perdido e ele apareceu entre eles.
Se Cristo não tivesse aparecido depois da morte, não poderia ter existido Cristianismo. E mesmo

assim duvidaram. Queriam… um quis pôr a mão no seu lado para ter a certeza, e depois havia essa terrível incerteza.
A questão é que, se não houver vida depois da morte, não faz sentido haver religião. Tudo o que tentamos fazer é – na medida do possível, de forma inteligente – tentar trazer provas. E o extraordinário é que as pessoas que pensaríamos que mais acolheriam aquilo que tentamos fazer são, invariavelmente, aquelas que tentam desvalorizar, pôr obstáculos.
Tudo o que podemos dizer é que, como médium, estou apenas interessado em tentar ajudar a humanidade, provar a sobrevivência, dar conforto aos que estão de luto – e seria de esperar que fosse bem acolhido, mas infelizmente não é assim.

as vozes não são dele.

Mas para ser rigoroso, deveria considerar-se a possibilidade de cúmplices presentes… Esta sugestão tornou-se insustentável para mim, durante a sua visita a Nova Iorque em Setembro de 1970, quando, numa sessão improvisada no meu apartamento, as mesmas vozes não só apareceram, como participaram em conversas com os convidados.

AMY JOHNSON

Amy Johnson, pioneira da aviação (1903-1941)
Amy Johnson foi a primeira mulher britânica a obter uma licença de engenheira de solo para trabalhar com aviões. Em 1930, tornou-se a primeira mulher a voar de Inglaterra até à Austrália, num voo de 11.000 milhas. Continuou a bater mais recordes de voo. Em 1940, durante a Segunda Guerra Mundial, juntou-se à Air Transport Auxiliary, transportando aviões da Royal Air Force por todo o país. Morreu num acidente relacionado com o voo em 1941.
Amy Johnson manifestou-se numa sessão espírita em 1970. Após os testes normais da caixa de voz, ela fala sobre as pessoas irem para o espaço, um fenómeno novo em 1970. Diz que não sabe de ninguém que tenha contacto com alguém noutro planeta. Betty Greene menciona que George Woods está com gripe e Amy diz que fica espantada por ainda não se ter encontrado cura para a gripe.
Diz que tem pouco contacto com a Terra agora. Está a aprender gradualmente sobre as leis universais. Mas afirma que as pessoas na Terra precisam de aprender sobre a morte e a vida para além dela. Diz que é terrível que as pessoas não compreendam isso. Há uma forma de tempo na vida para além da morte, mas não é medido pelo sol, lua, estrelas e calendário. Continua a ter interesse em voar. No entanto, lá não precisam de coisas mecânicas para voar. O marido está interessado em desenvolver-se mentalmente. Também está interessado em música e arte, e tornou-se muito mais sensível desde que atravessou para o outro lado. Diz que costumava voltar à Terra, mas que já não é interessante. As pessoas conseguem fazer coisas do lado dela da vida sem qualquer esforço. Não têm de comunicar da mesma forma; é totalmente diferente. As coisas que pareciam importantes na Terra já não têm importância. As pessoas não têm as mesmas necessidades.
Está a tentar aprender a exprimir-se melhor, a passar para outra camada e a abrir a mente a outros horizontes. Não está interessada em coisas materiais da Terra. Diz que se as pessoas compreendessem a verdade da vida após a morte, isso ajudaria imensamente, mas a maioria das pessoas está completamente cega para isso. Muitas vezes, pessoas que deviam saber, não sabem. Diz que não acha que estejam interessadas. São mais materialistas do que nunca. Todos têm de morrer, mas ninguém quer pensar, falar ou saber sobre isso. As coisas mais importantes da vida são aquelas que as pessoas põem de lado.
Ela descreve o seu sentido espiritual quando voava. Quando voava, estava sozinha "lá em cima". Diz que pensava imenso. Estava muito mais próxima do espiritualismo do que a pessoa média quando voava. Mentalmente, estava muito sensibilizada pelo seu trabalho. Afastava-se das pessoas e das coisas materiais, mentalmente. De forma estranha e curiosa, sentia-se "em

contacto". Era extraordinário o que lhe passava pela mente. A morte não parecia importar. Pensa que muitos aviadores são assim; afastam-se das coisas materiais. Especula que os astronautas devem sentir isso, ao perceberem a imensidão da vida e que esta não é apenas física e material. Nesses momentos, descobria que era mais do que parecia. O corpo permite às pessoas na Terra experimentar, mas é algo que em si mesmo é um meio para um fim, não o fim em si.

Olho para a minha vida e vejo que não tinha medo. Tive momentos em que desfrutei de coisas, mas era sempre mais feliz quando estava longe da terra, num avião. Agora percebo que era uma experiência psíquica. Estava mais sintonizada. Estava fora da Terra e da contaminação das coisas materiais. Estava mental e espiritualmente sintonizada.

Diz que acha que foi ajudada do outro lado até certo ponto, mas ajudar as pessoas na Terra é uma coisa muito difícil; depende do indivíduo. Disse que é difícil para eles fazerem muito. Não é até as próprias pessoas quererem ser ajudadas que é possível ajudá-las. Muitas vezes, as pessoas em dificuldade pedem ajuda ou rezam e por vezes são ajudadas, mas até abrirem a porta, os do outro lado não podem entrar. "Fecham a porta e põem o ferrolho e a tranca", diz ela. Para receber ajuda, a pessoa tem de ter fé. "Abram a porta bem aberta", diz ela, "não espreitem por ela." Algumas pessoas duvidam e têm medo, mas se não fizerem algum esforço, não há nada que os do outro lado possam fazer. Depende do indivíduo. Tem de haver reciprocidade. Continua a explicar que em todos os campos da vida, a menos que a pessoa arrisque e faça o esforço de descobrir e experimentar, não se consegue nada. O problema é que a grande maioria das pessoas tem medo.

Depois diz que gostaria de educar crianças. As crianças irritavam-na em vida, mas agora interessa-se por almas jovens, em ensinar e ajudar. Há crianças muito pequenas que precisam de ajuda e orientação. Acha isso estimulante e o que se aplica a uma pode não se aplicar a outra. Esclarece rapidamente que quando se fala de crianças, nem sempre são crianças que eram jovens na Terra. Às vezes são adultos imaturos. Os deficientes mentais na Terra são como crianças. Diz que é espantoso que as pessoas de quem não se espera grande coisa possam ensinar imenso. Por vezes encontram pessoas de planos superiores. Há sempre algo de novo, fresco e entusiasmante. Os mongolóides (atrasados mentais) não se tornam de repente muito inteligentes quando passam para o outro lado. O lado físico deixa de se aplicar, por isso já não estão sob o mesmo handicap, mas a sua condição mental é atrasada e têm de trabalhar nisso. Muitas vezes, são bastante inteligentes por si mesmos, mas o seu cérebro físico não funcionava bem. Têm a capacidade de alcançar e, quando não estão no corpo, são diferentes; conseguem assimilar conhecimento e aprender. A possibilidade de realizar existe. Na verdade, são muito mais ensináveis porque não têm os mesmos problemas que tinham na Terra. Na vida após a morte, têm um "corpo rarefeito", um corpo perfeito. Na Terra, o corpo era imperfeito, mas na vida após a morte é perfeito. Isso provoca imediatamente certas mudanças e depois só precisam de um ajuste de mente e espírito em sintonia com o corpo etérico e com a harmonia. O reino terrestre está cheio de desarmonia, não apenas com crianças deformadas mas com todas as pessoas. As pessoas precisam de criar harmonia, sintonizando-se. É muito mais difícil para pessoas com ideias fixas e fortes, que criam obstáculos, do que para crianças, mesmo que fossem imperfeitas e não conseguissem pensar claramente. É mais fácil para elas tornarem-se pessoas diferentes, até brilhantes e avançadas. É muito mais difícil para aqueles com opiniões rígidas aprenderem e avançarem do que para o idiota da aldeia.

O problema dos mongolóides é físico, mas nunca foi intenção que alguém nascesse física ou mentalmente imperfeito. O homem fez isto. Os pecados dos pais recaem sobre os filhos. Somos produto de outras pessoas em todos os sentidos, mental e fisicamente. Todas as pessoas na Terra partilham o mesmo espírito. Todos estamos ligados. Se gerações de pessoas pensam mal, criam mal; criam imperfeições. As condições físicas do passado alcançam o presente e o futuro. O homem criou a situação e é responsável pelo que acontece na Terra. Se têm filhos imperfeitos, a culpa é do homem. Os pais podem ser perfeitos fisicamente, mas podem não o ser mentalmente, e os problemas vêm de gerações passadas. Não há indivíduo isolado; todos

somos um produto. Todo o universo faz parte uns dos outros e todos fazemos parte do mesmo espírito, manifestado na carne, todos ligados à raça humana. Se tratarmos mal os animais, isso reflecte-se na raça humana. As pessoas não podem escapar à lei natural. As coisas que nos afligem na Terra existem porque o homem as tornou possíveis.
A questão de uma alma escolher os pais é estranha. Sugere que a consciência do indivíduo existe antes de nascer, apenas à espera de um pai. A Terra e o mundo espiritual, todos os diferentes mundos, são apenas aspetos diferentes da evolução do homem. Pode haver vida noutros planetas no mundo espiritual. Os do outro lado não veem isso da mesma forma. O homem na Terra olha para a Terra e a Lua e vê a Lua como um mundo morto, mas há uma forma de vida nela. E há outros seres que estão separados por séculos de tempo e quilómetros de distância.
Ela diz que todas as pessoas que conhece já tiveram existência na Terra em algum momento anterior e evoluíram. O significado da vida é evolução. Não há princípio nem fim. Nada é novo; tudo já foi descoberto. Algumas coisas perderam-se na Terra e foram redescobertas séculos depois. Há tanto à espera de ser descoberto.
Johnson: Extraordinário…
Greene: Extraordinário?
Johnson: Tentei manifestar-me há muito tempo.
Greene: Foi?
Johnson: Estou aqui com o Jim…
Greene:
Desculpe? Pode dizer-me o seu nome?
Johnson: Amy.
Greene: Amy quê?
Johnson: Johnson.
Greene: Oh!
Johnson: Johnson.
Greene: Pensei que fosse – pensei que fosse. Já esteve connosco antes, não esteve Miss Johnson?
Johnson: Há muito tempo.
Greene: Oh, sim, que bom.
Johnson: Há séculos.
Greene: Sim? Bem, está a sair-se muito bem.
Johnson: Ainda… acho isto extremamente… estranho…

Greene: Sim?
Johnson: …a tentar falar. Consegue ouvir-me?
Greene: Sim, consigo ouvi-la perfeitamente agora, obrigada, sim.
Pode dar-me uma palestra esta manhã? Fale sobre o que quiser.
Johnson: É absolutamente fantástico o que está a acontecer – esta questão do espaço.
Greene: Sim, interessa-lhe isso?
Johnson: Oh, imenso, sim! Estou tremendamente interessada nisso. Bem, todos estamos.
Greene: Sim? Descobriu algo que talvez os… os astronautas ainda não tenham descoberto?
Johnson: Não sei. Da minha parte, nunca fui capaz de – bem, pelo que sei, ninguém conseguiu realmente fazer contacto com outros planetas – não deste lado. É possível contactar a Terra…
Greene: Sim.
Johnson: …de vez em quando, de qualquer forma, com a ajuda de médiuns e tudo isso. Mas não conheço ninguém que alguma vez tenha estado em contacto com alguém noutros planetas. Claro que pode muito bem acontecer mas, hum, nunca conheci ninguém.
Greene: Não conheceu?
Johnson: Consegue ouvir-me?
Greene: Sim, muito bem, Miss…

Johnson: Oh, chame-me Amy, por amor de Deus!
Greene: Amy… (riso)
Johnson: Onde está o outro cavalheiro? Costumava vir sempre alguém consigo.
Greene: Sim, o Sr. Woods. Ele está bem mas houve uma epidemia terrível de gripe e ele não vem cá (inaudível).
Johnson: Quer dizer que ainda não descobriram uma cura para a gripe?
Greene: Não.
Johnson: Valha-me Deus, teria pensado que agora, com tudo o que fazem, já teriam certamente encontrado uma cura para isso – uma forma de prevenir.
Greene: Bem, há tantas coisas, Amy, que na verdade não são – digamos assim…
Johnson: Já não estou muito em contacto com o vosso mundo agora.
Greene: Pois, bem, não tem…
Johnson: De vez em quando, de tempos a tempos, oiço várias pessoas contarem-me coisas que estão a acontecer e, certamente, o mundo não parece melhorar em certos aspetos, pois não?
Greene: Não. Estávamos precisamente a dizer antes, quando alguém se manifestou, que o homem não sabe nada sobre as leis universais e está a aprender sobre isso agora, não está?
Johnson: Oh, gradualmente, sim. Se ao menos as pessoas entendessem mais sobre esta questão de morrer e da vida depois da morte, e o tipo de mundo, até certo ponto, que vão encontrar de qualquer maneira. Quero dizer, acho horrível. Acho terrível pensar que as pessoas não compreendem isto. Quero dizer, quando vim para aqui pela primeira vez foi um grande choque.
Greene: Sim, eu sei, disse-nos isso quando veio da primeira vez, sim.
Johnson: Deve fazer muito tempo desde que falei consigo, alguns anos, suponho.
Greene: Uns dois anos.
Johnson: Tanto tempo assim?
Greene: Mmm…
Johnson: O tempo é muito peculiar para nós, já não estamos sujeitos a ele. Tempo, espaço, distância – tantas coisas que se aplicam na Terra não parecem ter o mesmo significado aqui. Existe uma forma de tempo, suponho, mas não é medido pelo sol e pela lua, estrelas e calendário.
Greene: Pois, claro. Erm… Amy, o que faz agora?
Johnson: Oh, tenho todo o tipo de interesses. Perdi o interesse pela aviação, o que para algumas pessoas deve soar muito estranho, mas claro que já não é preciso. (riso) De qualquer forma já não precisamos de coisas mecânicas aqui, já não é necessário.
Greene: E o Jim, o que faz?
Johnson: Oh, bem, temos muitos interesses. Ele está tremendamente interessado em desenvolver-se mentalmente num plano totalmente diferente de tudo o que alguma vez fez na Terra. Está muito interessado em – em música também e em arte. Tornou-se muito mais, não sei, muito mais sensibilizado, acho eu.
Greene: Já não tem interesse nenhum em voar, não tem interesse em…
Johnson: Nenhum, de todo, agora. Não.
Greene: …(inaudível) ou algo assim?
Johnson: Tinha no início, mas agora já não. Costumava voltar – não que fosse capaz de comunicar – mas costumava voltar e interessar-me pelo que se passava. Mas agora vejo que isso já não me interessa nem me atrai. Suponho que é porque aqui se consegue fazer tantas coisas. Consegue-se fazer coisas sem, de certo modo, qualquer esforço e já não há a necessidade de, por assim dizer, percorrer grandes distâncias – e já não é preciso, por assim dizer, comunicar sequer da mesma forma. Na verdade, a vida é tão absolutamente, totalmente diferente, que muitas das coisas que pareciam importantes obviamente já não são, por isso, consequentemente, a pessoa simplesmente deixa de se interessar. Quero dizer, não se sente a urgência ou a necessidade.
Greene: O que acha agora que é a coisa mais importante?
Johnson: Oh, meu Deus, quer dizer na Terra?

Greene: Não, bem – hum… a coisa mais importante que a afeta agora, o que acha que é o mais importante?
Flint: [a fungar]
Johnson: Suponho que seja, na verdade, tentar aprender mais e exprimir-me melhor de várias maneiras. Acho que a questão toda é saber mais sobre a evolução e evoluir para outro nível, e, por assim dizer, abrir a experiência a horizontes mais amplos.
Quero dizer (riso) certamente não acho que tenha absolutamente nada a ver com coisas materiais. Quero dizer, como já disse, já não me interesso realmente por coisas materiais. Uma pessoa sente-se triste e pesarosa pela forma como o mundo é e gostaria de ajudar se pudesse. Mas parece-me que os seres humanos continuarão sempre a cometer o mesmo tipo de erros e só espero que, a certa altura, comecem a aprender alguma coisa com eles e a mudar em conformidade. Acho que a única coisa é que [se] as pessoas compreendessem esta verdade, percebessem as realidades disto, acho que ajudaria imenso. Mas acho que a grande maioria das pessoas está completamente cega para isso, não está interessada. Não quer saber.
Greene: Exatamente. É isso que enfrentamos.
Johnson: Sinto que, apesar das religiões, e parece-me que, muitas vezes, as pessoas que deviam saber, não sabem. Parece muitas vezes cegos a guiar cegos. Não acho que as pessoas estejam interessadas. Acho que estão cada vez mais viradas para o materialismo.
Greene: E no entanto, quando chega o momento em que – talvez lhes digam que podem morrer ou algo assim, aí ficam todos preocupados…
Johnson: Mas toda a gente sabe que tem de morrer!
Greene: …e aí querem saber mais sobre isso.
Johnson: E ninguém parece querer saber nada sobre isso, ou muito poucos. E toda a gente adia, sabe – não quer pensar nisso, falar nisso, saber disso. Quero dizer, parece-me que são os fatores mais importantes, as coisas mais importantes na vida, que as pessoas põem de lado. Suponho que eu também o fiz – a maioria de nós faz, de facto, quando está na Terra. Não acha?
Greene: Acho que sim – sim, acho que sim. Imagino que naqueles tempos em que voava não se preocupava com…
Johnson: Pois é isso, acho que quando voava – não sei, suponho que era estar totalmente sozinha "lá em cima", por assim dizer, tinha imensa oportunidade e tempo para pensar e pensava imenso. Acho que, de uma forma meio estranha, estava muito mais próxima do que chamam de Espiritualismo ou da compreensão das coisas, do que a pessoa média. Não sabia nada, praticamente, isto é, do ponto de vista prático, quero dizer. Mas agora, claro, olhando para trás, percebo que mentalmente estava, de certo modo, muito em sintonia. Estava muito sensibilizada pelo simples facto de… suponho, o meu trabalho. Pode parecer estranho mas é verdade.
Greene: Não, acho que quando se está sozinho – lá em cima – tem tempo para pensar, não é?
Johnson: Pois é isso, acho que a pessoa se afastava das pessoas, afastava-se das coisas materiais – e estava-se totalmente, por assim dizer, sozinho e acho que mentalmente, de uma forma estranha e curiosa, estava-se em contacto – digamos assim. Eu não teria dito isso na altura, talvez nem o tivesse pensado, mas é extraordinário o que parece passar pela nossa mente, sabe. E, de certa forma, a morte não parecia importar. Não se sentia sequer… uma sensação absolutamente extraordinária. Acho que muitos aviadores são assim. Acho que perdem peso, por assim dizer, peso material e os problemas parecem afastar-se deles.

Greene: Quando veem o vasto espaço à frente deles, isso faz com que pensem, não é?
Johnson: Bem, acho que é isso mesmo. Quando se está lá em cima e se vê – deve ser ainda mais assim com estes astronautas, acho que é isso que torna possível fazerem o que fazem. Acho que se percebe a imensidão da vida… e que não é apenas puramente física ou material. Acho que, de uma forma estranha, percebe-se que se é muito mais do que se parece e que o corpo é meramente, bem, apenas algo que permite ter experiências. Mas é obviamente apenas algo que,

em si, é um meio para um fim – e não é o princípio e o fim de tudo. Acho que se tem essa sensação quando se está, por assim dizer, longe da Terra.

Greene: Mmm. Sim.
Johnson: Eu sei que, quando olho agora para a minha vida, vejo tudo de forma tão diferente. Acho que não tinha medo, realmente. Em certo sentido, acho que me sentia mais feliz longe da Terra do que nela. Quero dizer, claro que tive os meus momentos em que gostei das coisas, mas – não sei, estava sempre mais feliz quando estava longe da Terra, num avião. Acho que era mais – mais eu própria e isso porque, de certa forma estranha, estava fora de mim mesma. Agora percebo que isso era uma experiência psíquica.
Greene: Tinha uma perceção interior?
Johnson: Sim, bem, não lhe chamaria isso na altura, não saberia o que era, mas estava realmente, num certo sentido, mais sintonizada. Acho que estava fora do ambiente e da condição da Terra e longe da contaminação das coisas materiais e, de certa forma estranha, estava, por assim dizer, mental e espiritualmente sintonizada. Sei que isto soa estranho, mas é verdade.
Greene: De qualquer forma, acha que, olhando agora para a sua carreira na aviação, acha que houve – agora que tem consciência disso – acha que houve momentos em que foi possivelmente ajudada por alguém – um aviador, por exemplo, do outro lado, que tinha sido aviador na Terra?
Johnson: Acho que isso é justo até certo ponto.
Greene: Como o Campbell ajudou – ajudou o Donald Campbell.
Johnson: Sim, até certo ponto, mas lá está, acho que, pelo que sei da minha própria experiência, tentar ajudar as pessoas na Terra é uma coisa muito difícil. Pode-se influenciar um pouco mentalmente, e lá está, depende do indivíduo. E, hum, o estado e a condição do mundo sendo o que é, é muito difícil fazermos grande coisa. Gostaríamos de o fazer, mas não é até as próprias pessoas fazerem o esforço, sabe, mentalmente, quererem mesmo ser ajudadas, sabe, realmente… que isso se torna possível.
Toda esta questão de ser ajudado, quero dizer, muitas vezes as pessoas, quando estão em dificuldade e em apuros, pedem mentalmente ajuda ou, talvez, até rezam por ajuda. E por vezes têm sorte e são ajudadas. Mas muitas vezes é inútil, porque até abrirem a porta não podem esperar que alguém entre. Mas tantas pessoas, sem sequer se aperceberem, não só fecham a porta, como põem o ferrolho e a tranca.

Greene: Hmm. Eu sei. Já vivemos isso muitas vezes.
Johnson: Veja, a questão toda é que, se uma pessoa quer descobrir e saber, então, até certo ponto, tem de, bem, abrir a porta. Quero dizer, tem de ter alguma fé. Tem de, er, abrir a porta quando alguém bate e não, por assim dizer, deixá-la apenas entreaberta e espreitar pelo canto. Tem de ter alguma fé e abrir a porta bem aberta, para que a pessoa possa entrar.
Não adianta ficar ali parado cheio de medo e apreensão, a pensar se deve puxar o ferrolho ou a tranca, sabe, e abrir só um bocadinho a porta. Quero dizer, percebo que, até certo ponto, seja compreensível que as pessoas tenham dúvidas e medos e tudo mais, mas se não fizerem algum esforço, então não há muito que possamos fazer para as ajudar.

Greene: Por mais que se tente empurrar o ferrolho…
Johnson: Depende muito do indivíduo. Tem de haver reciprocidade, tem de haver esforço, tem de haver… quero dizer, por exemplo, em qualquer área de atividade – para além disto de conseguir comunicar, ou querer comunicar e tudo isso, e saber algo desta verdade – quero dizer, a questão toda é que, em qualquer área da vida, a menos que se corra riscos, a menos que se esteja disposto a fazer o esforço para descobrir, experimentar e realmente, por assim dizer, dar tudo. Quero dizer, simplesmente não se consegue nada… quero dizer, o grande

problema é que a grande maioria das pessoas tem medo, está cheia de medo, esse é o problema do mundo.

Greene: Amy, tem (inaudível) no nosso trabalho (inaudível) no nosso trabalho? Sabe – claro que sabe o que estamos a fazer, não sabe?
Johnson: Sim, claro, mas honestamente não posso dizer que tenha. Quero dizer, não é que não me interesse, mas não senti vontade de voltar muito.
Greene: Que tipo de trabalho gostaria de fazer agora, aí do seu lado?
Johnson: Sei que isto vai soar estranho mas gostava de educar crianças.
Greene: Gostava de educar crianças?
Johnson: Pois, estou muito interessada em crianças – não estava muito interessada na Terra e, na verdade, as crianças até me preocupavam um bocado. Mas possivelmente é por isso mesmo que agora estou a ficar interessada. Estou interessada em almas jovens e em tentar ajudá-las e ensiná-las. Na verdade, faço, de certo modo, bastante esse trabalho agora.
Greene: Quando elas chegam?
Johnson: Sim. E há muitas crianças aqui que realmente precisam de ajuda e orientação. E acho isso estimulante e sou capaz de ajudar bastante.
Greene: E como faz isso, Amy?
Johnson: Bem, isso depende muito da criança. O que se aplica a uma não se aplica necessariamente a outra – a forma como se ajuda uma criança não seria necessariamente a certa para outra, e este é outro aspeto interessante... e, num certo sentido, quando falamos de crianças, nem sempre são crianças como tal – às vezes são pessoas muito imaturas.
Greene: Ah, sim.
Johnson: ...e também recebemos aqui pessoas que eram muito retardadas na Terra, e mentalmente, por assim dizer – bem, não eram compos mentis. Sabe, quero dizer, que eram mesmo como crianças. Eu, eu... temos aqui vastos locais como auditórios e sítios onde as pessoas podem ir para ser ajudadas. E suponho que lhes chamem uma espécie de clínicas – uma mistura de hotel, escola e colégio, sabe. Quero dizer... locais enormes, tão vastos e há tanto que se pode fazer e aprender, mesmo quando se está a ajudar outros.
É espantoso como, às vezes, pessoas de quem não se esperava grande coisa podem ensinar-nos imenso. Aprende-se sobre a vida o tempo todo com as pessoas. Às vezes são pessoas num plano muito mais elevado ou num estado de ser superior e outras vezes de pessoas que, francamente, em certos aspetos não progrediram nada. Veja, essa é a alegria e a beleza disto, poder encontrar todo o tipo de pessoas e todos os níveis de ser, sabe, e aprender o tempo todo e ensinar também... a pessoa sente sempre que há algo novo, fresco e entusiasmante. A cada segundo, se é que se pode usar a palavra tempo, sabe.

Greene: Oh, isso foi um ponto muito interessante, Amy. Falou de pessoas com atraso mental a chegarem, como crianças. Agora, uma pessoa, um mongolóide – sabe, alguém com mongolismo – chega como é, como mongolóide?
Johnson: Sim, sim – bem, não, não chegam nesse sentido. Quero dizer, não se tornam de repente muito inteligentes mas, hum... ficam mais, digamos... er, como hei-de dizer isto...?
Greene: Não tanto como eram deste lado?
Johnson: Bem, não é muito fácil explicar isto porque... o lado físico é puramente físico, de qualquer forma, e isso já não se aplica, portanto já não estão sob a mesma condição nem com o mesmo handicap. Mas claro que havia uma condição de atraso... uma condição mental e é esse aspeto mental que têm de trabalhar.
Mas normalmente são bastante inteligentes por si mesmos, mesmo na Terra, só que não conseguem exprimir-se ou o cérebro não funciona correctamente. Mas isso não altera o facto de que existe a capacidade, existe a possibilidade e, claro, aqui é tudo capacidade e possibilidade de realização... er, e claro que sob condições diferentes eles são diferentes e conseguem assimilar muito mais conhecimento e experiência, são muito mais ensináveis, sabe.

E não temos os mesmos problemas, obviamente, que teriam na Terra porque não há o mesmo corpo físico e material. É um corpo rarefeito e é um corpo perfeito. E enquanto a pessoa podia ter um corpo imperfeito, fisicamente, aqui tem um corpo perfeito, o que de imediato provoca certas mudanças.
E depois, claro, é uma questão de ajustamento com a mente e o espírito, por assim dizer, como um só, em sintonia com o, como lhe chamam, corpo etérico. É uma combinação de harmonia, percebe. Enquanto há desarmonia no seu mundo, não só com, er, crianças deformadas e assim, mas com praticamente todos os seres humanos, nesse sentido, há desarmonia. Por isso é isso que têm de fazer, têm de começar a criar harmonia. Têm de, por assim dizer, sintonizar-se e isso é a parte mais difícil para a maioria das pessoas quando chegam aqui. E muito mais difícil, por vezes, para pessoas que têm opiniões muito fortes e fixas, porque criam obstáculos.

Às vezes é mais fácil para uma criança, mesmo uma que seja imperfeita e que, hum, não tinha capacidade de pensar com clareza. Às vezes é até mais fácil para ela assimilar e tornar-se uma pessoa diferente e uma alma avançada do que é para pessoas que, na Terra, podiam ser consideradas muito brilhantes e avançadas, mas que estão cheias, digamos, de falsos valores e falsas ideias e opiniões fortes, sendo muito mais difícil para elas talvez mudarem e, consequentemente, avançarem do que talvez para alguém que tenha sido, por exemplo, o idiota da aldeia.

Greene: Consegue dizer quando eles… porque é que são retardados mentais, ou porque é que são mongolóides? Ou são apenas retardados mentais… pode dizer-nos o que causou isso, há uma razão?
Johnson: Bem, normalmente é físico.
Greene: Normalmente físico?
Johnson: Acho que invariavelmente é físico.
Greene: Não é um espírito não desenvolvido que vem para este lado cedo demais?
Johnson: Pode haver circunstâncias ou casos excepcionais em que isso possa ser, mas não creio. Não acho que alguma vez tenha sido intenção que alguém nascesse imperfeito, seja mental ou fisicamente. Acho que isto é algo que o próprio homem criou ao longo de eras e, embora ninguém goste do velho ditado sobre os pecados dos pais recaírem sobre os filhos, porque tudo isso soa tão injusto e muito injusto, mas lá está, se virmos mais claramente que se é produto de outras pessoas em todos os sentidos. Quero dizer, mentalmente, fisicamente e de todas as maneiras – não apenas dos próprios pais.

Porque quando se percebe que todos partilham o mesmo espírito e que todos são trazidos à existência no sentido material da mesma forma, que todos estão, de certa forma, ligados e que, no fim de contas, não acho que possa ser outra coisa. Se gerações de pessoas pensam de forma errada, então têm inevitavelmente de recriar e criar de forma errada, sabe, e terão de haver imperfeições porque não se pode pensar mal sem agir mal – e as condições físicas do passado têm de chegar ao presente e ao futuro.
Acho que, hum, tudo o que acontece é lógico na medida em que o homem estabeleceu as condições, criou a situação e tornou possível o que quer que aconteça. Tudo pode ser realmente traçado de volta ao próprio homem. Eu, eu acho que, se se têm filhos imperfeitos, é o homem o culpado. Pode dizer-se que os pais são perfeitos fisicamente, mas podem não ser mentalmente tão perfeitos ou pode haver imperfeições lá atrás, hum, de qualquer um dos lados da família ou de ambos, hum, que eventualmente vêm ao de cima.

Veja, a questão toda é que, não existe realmente, num certo sentido, um indivíduo identicamente, ou digamos, puramente por si só. Gosta-se de pensar assim, mas toda a gente é produto dos pensamentos e mentes de outras pessoas e, hum, até certo ponto, também de corpos físicos. Veja, quando se percebe que o universo inteiro faz parte e parcela… uns dos

outros. Quero dizer, cada indivíduo faz parte de outra pessoa, e que todos fazem parte do mesmo espírito, a mesma manifestação na carne até – quero dizer, pode ter formas ou aparências diferentes, tem-se o reino animal, mas eles ainda estão ligados à raça humana.

Greene: Sim.
Johnson: E se tratarem mal os animais, então de uma forma estranha – não me pergunte como – mas isso acabará por se reflectir neles, nos indivíduos, acabará por se reflectir na raça humana.
Greene: Tem de se experienciar o que se cria.
Johnson: Claro que sim. Quero dizer, isto é lei, lei natural. Por outras palavras, não se pode escapar da lei natural e tem de se ter todas estas coisas a acontecer, que tanto angustiam, porque o homem tornou isso possível.
Greene: A lei da atração também se aplica, Amy, quero dizer, uma criança é atraída para os pais – a alma, o espírito é atraído para aqueles… para esse tipo de pais?
Johnson: Bem, hum… acho esta pergunta um pouco estranha porque sugere, hum… que há consciência do indivíduo antes de nascer, à espera ou por… à procura de um pai adequado.
Greene: Veja…
Johnson: Ou pais, aliás.
Greene: Certamente, hum, este não é o único mundo, há milhões e milhões de outros mundos e…
Johnson: Bem, só conheço um mundo material, físico – a Terra – e os, e os mundos espirituais dos quais, hum, tenho alguma experiência.
Greene: Então, na verdade, não há um real…
Johnson: Mas, lá está, todos estes mundos diferentes são aspetos diferentes da evolução do homem.
Greene: Pois.
Johnson: E, hum… se me pergunta se há vida em vários planetas, bem, pode muito bem ser que uma parte do mundo espiritual esteja ligada… ou seja… ou que alguns dos planetas façam parte deste mundo real, sim. Mas, hum, veja, nós não pensamos exatamente da mesma forma. Suponho que o homem veja a Terra como o mundo Terra e veja a Lua. E agora que o homem chegou à Lua, vê-a como outro mundo, que de certa forma é, mas é um mundo morto mais ou menos, bem, existe uma forma de vida…
Greene: Existe uma forma de vida na Lua.
Johnson: Sim, mas não é a mesma coisa, sabe, quero dizer, hum, não é vida como a conhecem.
Greene: Não.
Johnson: E portanto, para o homem, de certa forma é um mundo morto, do ponto de vista da inteligência humana. Mas, hum, há outros mundos e há seres, mas são, pelo que sei, seres que… fazem parte do homem, hum, que fazem parte da Terra, de certa forma, embora estejam separados por… bem, suponho que séculos e séculos de tempo e quilómetros e quilómetros de chamada distância. Mas tudo faz parte do mesmo mundo. É muito estranho mas não consigo explicar melhor.

Greene: Veja, há almas no seu mundo sem… que nunca estiveram na Terra, que passaram ao lado disto na sua evolução.
Johnson: Ah, isso pode ser, não saberia dizer… mas pelo que sei, todas as pessoas que conheço e que contactaram já tiveram existência na Terra em algum momento anterior e evoluíram. É tudo, pelo que vejo, esse é o significado da vida – evolução. É na Terra e é aqui, e é apenas uma questão de continuação. É por isso que agora, claro, percebo que não há princípio nem fim, hum, o que me confundia e quando pensava nisso, sabe.
Uma… não acho que nada seja novo num certo sentido. Acho que tudo já foi descoberto, às vezes na Terra perdeu-se e às vezes é encontrado de novo, às vezes demora séculos, sem dúvida. Parece-me que há tanto à espera de ser descoberto… e sempre lá esteve, não sei.

Greene: Mas a evolução acontece, hum, de muitas formas diferentes – não é preciso mantê-la, hum, como apenas uma, hum, forma de evolução. Porque como digo, podem passar ao lado disto e a evolução deles pode vir de caminhos totalmente diferentes.
Johnson: Pode muito bem ser, quero dizer eu…
Greene: Esferas totalmente diferentes… passam ao lado [das suas próprias?].
Johnson: Só sei que se evolui pessoalmente…
Greene: Sim, claro.
Johnson: …como ser humano para um nível mais elevado de realização e, hum, podem haver todo o tipo de outras experiências.
Greene: Mas não é preciso passar por esta Terra para evoluir, na verdade, nem sempre (inaudível).
Johnson: Mas isso pode ser, não sei. Eu, eu não sei. Sempre percebi que a Terra era… ia dizer, a creche, não sei.
Greene: Bem, isso pode ser outro ponto para falar de qualquer maneira…
Johnson: Parece lógico. De qualquer forma tenho de ir. Mas voltarei outra vez e espero, hum, que o seu amigo esteja bem.
Greene: Bem, ele está bem, mas disse que virá a Londres…
Johnson: Bem, talvez ele consiga vir outra vez em breve.
Greene: Oh sim, oh sim.
Johnson: De qualquer forma, da próxima vez talvez o Jim venha…
Greene: Oh isso seria bom.
Johnson: …e fale. De qualquer forma, adeus.
Greene: Adeus Amy, muito obrigada.
Johnson: Adeus.
Mickey: Adeus…
Greene: Adeus Mickey…
Mickey: Adeus.
Greene: Tudo de bom.

MICKEY – excerto
Gravado: Verão de 1935

Esta é talvez a sessão espírita mais antiga de Leslie Flint de que há registo. Presume-se que tenha sido gravada no verão de 1935 e contém a voz de Mickey, o jovem ajudante espiritual de Flint, que, nesta altura, estava com ele há menos de dez anos. O primeiro interveniente neste breve excerto é uma esposa em Espírito a falar com o marido; depois Mickey fala, numa versão aguda da sua voz bem conhecida.

Ouve-se então a tentativa sem sucesso de comunicação por parte de um Espírito desconhecido, que é substituído por um comunicador regular das primeiras sessões chamado Jim, seguido pela breve aparição de uma criança em Espírito chamada Jimmy…

Presentes: Sr. Dawes, Srta. Lloyd e outros.
Comunicadores: Sr.ª Dawes, Mickey, Espírito Desconhecido, Jim Hawkins, Jimmy

Sr. Dawes: …meu amor…
Sr.ª Dawes: Não quero que ele esqueça o passado. Quero que continue a ser como sempre foi – o nosso rapaz.
Sr. Dawes: O nosso rapaz…
Sr.ª Dawes: Não quero que ele se estrague. Não quero que o sucesso lhe suba à cabeça. Quero que pense no futuro, não apenas nas condições físicas, mas espirituais. Sabe o que quero dizer…
Sr. Dawes: Sei, querida, e se ouvisses as nossas conversas ultimamente, que deves ter ouvido,

deves aprovar e notar a diferença…
Sr.ª Dawes: Ele vai compreender.
Sr. Dawes: Ele vai compreender. Ele vai ouvir-te…
Sr.ª Dawes: O meu amor mais profundo para ele e, se ele ouvir isto que…
Sr. Dawes: Ele vai ouvir.
Sr.ª Dawes: …quero que saiba que estou muitas vezes com ele. O meu amor está com ele, em tudo o que faz, e estarei sempre orgulhosa dele, como fui no passado. Mas então, passado, presente e futuro são tudo um só. Para nós, não há tempo, sabes…
Sr. Dawes: Não há tempo, eu sei disso, querida…
Sr.ª Dawes: …nós apenas continuamos, mesmo que eu tenha deixado para trás aquele meu velho corpo físico, continuo contigo. Continuo ao teu lado, a inspirar-te o melhor que posso.
Sr. Dawes: Sim, e parece que percebo…
Sr.ª Dawes: …e quero que saibas disso, que sejas paciente, que me suportes quando as coisas são difíceis para mim.
Sr. Dawes: Isso sempre foi…
Sr.ª Dawes: …e apenas… apenas tem… apenas tem essa paciência. E em breve saberás, como eu sei, que existe um amor maior e mais belo, ainda maior do que conhecemos no passado. Deus te abençoe, querido.
Sr. Dawes: Deus te abençoe, minha querida.
Sr.ª Dawes: Tenho de ir.
Sr. Dawes: Adeus então.
Sr.ª Dawes: Deus vos abençoe a todos pelo poder que me deram esta noite e que Deus vos conceda paz e contentamento.
Todos os Presentes: Deus te abençoe. Obrigado. Muito obrigado.
Mickey: Cor! Nada mau. Sabem, perguntei-me se ela conseguiria vir esta noite, perguntei mesmo.
Participante: Olá Mickey.
Mickey: Ela ficou um bocado exaltada. Sabem como as pessoas ficam exaltadas, não sabem?
Sr. Dawes: Sim, oh ela estava…
Mickey: Sr. Dawes?
Sr. Dawes: Sim Mickey?
Mickey: Sabes o que vais fazer, não sabes?
Sr. Dawes: Não, não sei.
Mickey: Vais pintar quadros das pessoas em Espírito que vêm ter contigo, à medida que recebes as impressões. E mais tarde vais ter clarividência e vais vê-los – e vais conseguir pintar os rostos deles, sabes, no papel, claro. E as pessoas vão saber que são os próprios familiares pelo "pare-sido" que consegues apanhar, percebes?
Participante: Isso é uma palavra grande para ti!
Sr. Dawes: Obrigado Cuckoo, isso é muito…
Mickey: Espera para ver no Outono.
Sr. Dawes: Está bem Cuckoo.*
Mickey: Cor!
Sr. Dawes: Oh, esse é o Mickey!
Participante: É o Mickey.
Sr. Dawes: Obrigado Mickey.
Mickey: Sabes, tu és um caso. Nunca – nunca consegues distinguir um do outro, não consegues, porque ficas tão ansioso à espera de uma pessoa.
Sr. Dawes: Sim, desculpa.
Mickey: Não faz mal. Nós não nos importamos, amigo.
Sr. Dawes: Não te importas que às vezes te chame Cuckoo, pois não?
Mickey: Não, não me importo. É uma honra. Ela é boa, sabes.
Sr. Dawes: Sim, ela é boa.

Todos os Presentes: # *Por todos os santos que do seu labor descansam, Que a Ti, por fé, diante do mundo confessaram, Teu nome, ó Jesus, seja eternamente bendito. Aleluia, Aleluia.* #
Sr. Dawes: O dourado poente brilha no ocidente…
Todos os Presentes: # *O dourado poente brilha no ocidente; Em breve, em breve aos peregrinos cansados vem o descanso…* #
Espírito Desconhecido: A paz esteja convosco todos…
Participante: Abençoe-te. Deus te abençoe, amigo. Deus te abençoe.
Espírito Desconhecido: Estou aqui esta noite…
Mickey: Oh, ele não tem energia suficiente, é melhor cantarem mais.
Participante: Está bem, querido.
Todos os Presentes: # *Teu nome, ó Jesus, seja eternamente bendito. Aleluia, Aleluia.* #Jim Hawkins: Olá mãe? Olá a todos, como estão, tudo bem?
Todos os Presentes: (Conversas gerais)
Jim Hawkins: Pois, cá estamos. Ouvi que perguntaram por mim, então achei melhor aparecer e dizer "como estão", estão a ver?
Todos os Presentes: (Riso)
Jim Hawkins: Olá Srta. Lloyd.
Srta. Lloyd: Oh, olá querido…
Jim Hawkins: Oh, não é uma Sr.ª pois não? É Srta.…
Srta. Lloyd: Exatamente.
Jim Hawkins: Confundo-me sempre, sabe.
Srta. Lloyd: Não nos esquecemos de ti…
Jim Hawkins: Cor, crikey – eu é que não me podia esquecer de ti, mãe! Srta., quero dizer, desculpa.
Todos os Presentes: (Riso)
Jim Hawkins: Eh, sabe, não sei se devia ocupar tempo, mas não consigo resistir à tentação. De qualquer forma, vi que andaram por Hyde Park* hoje. Crikey! Era um dos meus velhos sítios…
Srta. Lloyd: Estás a falar comigo, Jim?
Jim Hawkins: Pois, contigo em particular agora.
Srta. Lloyd: Sim, estivemos…
Jim Hawkins: Pois, sítio esquisito, não é? Crikey! Fala-se de… está lá a religião para vocês. Todos defendem um homem e depois destroem-no. Cada um tem uma ideia, outro tem outra. Há montes de grupos por lá, todos a discutir sobre ele. E o que faz com que acredites no que eu não devia acreditar? Ora, há só uma lei, o que ele ensinava há anos – isto é, amai-vos uns aos outros – e lá estão eles a discutir por causa disso! Não sei o que vem aí, juro que não.
Srta. Lloyd: Sempre foi assim, até nos tempos de Cristo. Era igual, não era?

Jim Hawkins: Pois, bem, quando chegarem aqui vão perceber o erro. Não importa se és católico, protestante ou o que fores. Só há uma lei, a que Jesus ensinou – amai-vos uns aos outros. Se só obedecessem a isso não estariam muito errados, nenhum de vocês. Em vez de andarem a despedaçar-se uns aos outros, a fazerem uma bela figura em público…
Todos os Presentes: (Riso)
Jim Hawkins: Acho que isso é degradar a religião, acho eu… lá está, cada um tem direito à sua opinião, suponho. É melhor do que tentar mudar a cabeça das pessoas. Bem, não tenho de ficar aqui a ocupar tempo, ou então ainda levo um raspanete quando voltar para lá…
Todos os Presentes: (Riso)
Jim Hawkins: Está aqui um monte deles. Cor, deviam ver a multidão aqui…
Srta. Lloyd: (Inaudível)
Jim Hawkins: 'Ora, podes dar as minhas lembranças a, a todo o teu pessoal, Srta. Lloyd?
Srta. Lloyd: Sim, eu dou, Jim.
Jim Hawkins: Pois, dá as minhas lembranças ao Sr. Como-é-que-ele-se-chama – Zerdin, é isso. Diz-lhe que a mulher dele está aqui, manda-lhe o maior amor e diz-lhe para ter força, continuar,

não… não abandonar o navio – que ele não vai afundar!
Srta. Lloyd: Muito obrigada, querido.
Jim Hawkins: Anda um bocado preguiçoso, não anda? Não faz mal rapariga. Vai em frente através dessas dificuldades, está bem? Não te preocupes.
Srta. Lloyd: (Inaudível)
Jim Hawkins: Um ou dois maus marinheiros no barco, não faz mal. Assim que os deitares borda fora, vai ficar tudo bem. Sabes de quem estou a falar?
Srta. Lloyd: Sim, perfeitamente.
Jim Hawkins: Pois eu também.
Srta. Lloyd: Leva tempo.
Jim Hawkins: Ah bem, vai correr bem.
Jimmy: Ah ha! Sou o Jimmy…
Srta. Lloyd: Olá Jimmy. Foi bom ouvir o Jim hoje.
Jimmy: Mas ele já não vem muito agora.
Srta. Lloyd: Pois, não vem…

MICKEY

Gravado: 26 de Abril de 1982

"É muito mais importante para os espiritualistas perceberem que o nosso trabalho é muito mais do que produzir mensagens pessoais…"

Mickey explica que tem dois grupos de almas que querem comunicar e descreve as dificuldades técnicas que enfrenta ao tentar juntar os dois grupos separados, para que possam comunicar eficazmente com os presentes…
Um grupo é composto por família, amigos e entes queridos dos presentes – o outro é um grupo de almas que já estão no Espírito há milhares de anos e habitam um reino completamente diferente…
Ele explica que quer ajudar toda a gente, mas só o pode fazer com a cooperação absoluta de todos os lados…

"Devemos tentar libertar-nos dos pensamentos e desejos materiais e perceber o poder do Espírito dentro de nós…"
"Vivem nas sombras. Estamos a tentar trazer-vos a luz – a iluminação da mente e do Espírito!"

Presentes: Leslie Flint, Bram Rogers, D. Sassoon, Rosalind Cattanach, Hilda Lilley, Rosemary Caplin, Mel Griffin e Jean Barrett.

MICKEY & Orador Desconhecido

"Cada um de vós está aqui por um propósito… fundamentalmente estão aqui para elevação espiritual… mas o sentimento interior profundo que as pessoas devem ter… é o desejo de um contacto pessoal, com alguém [no Mundo Espiritual] que significou a própria vida para vós…

Durante todos estes cinquenta e tal anos em que trabalhei com o velho Flint, o meu trabalho tem sido dar-vos provas e ajudar-vos – o que foi maravilhoso e estou contente por o ter feito – mas ele não está a ficar mais novo (na verdade está a ficar uma peça de museu!). Gostava de sentir que, para os próximos anos que restam, o nosso trabalho possa ser no nível que achamos necessário para a massa da humanidade.

Estas gravações podem ser feitas, podem ser usadas e passadas, dando às pessoas a oportunidade de receber algo de verdadeiro valor. Gostaríamos de usar a mediunidade de Flint no nível que sentimos ser necessário e que sentimos estar justificado em poder fazer. Depois de cerca de cinquenta anos de serviço num certo nível, agora gostaríamos de encerrar o nosso trabalho com algo de natureza mental e espiritual, que conforte toda a humanidade. Não queremos formar uma organização, não queremos formar um grupo religioso. Não queremos colocar um indivíduo numa posição superior – qualquer grupo que afirme superioridade ou que diga que está certo e os outros errados, há algo fundamentalmente errado – ou com o expositor ou com a liderança da organização...*

"Procuramos universalmente que os 'filhos' de Deus se juntem em verdadeira harmonia, em verdadeira paz e amor, para que vejam que todos são parte do Plano Divino e todos parte do mesmo Espírito. Queremos derrubar barreiras, queremos trabalhar juntos. Estamos tão ansiosos por encontrar canais. Tivemos de desenvolver este médium (Flint) há anos, para que pudesse ser usado na capacidade de ajudar os outros – e nesse sentido acho que fizemos um bom trabalho. Mas nunca sentimos que alcançámos tudo o que podíamos ter feito, porque até certo ponto tivemos de ceder à vontade e às exigências das pessoas – maioritariamente do vosso lado, mais do que do nosso...

"Queremos mostrar-vos a realidade do Espírito, queremos demonstrar-vos a realidade do Espírito...

"Esta é a nossa tarefa, este é o nosso trabalho..."

Maurice Chevalier
(1888–1972)
Conteúdo da Sessão
Esta gravação do *Leslie Flint Educational Trust* contém cinco registos com Maurice Chevalier, o ator, cantor e artista de variedades. É um bom exemplo de como a voz é obviamente a mesma, mas a qualidade da voz através do aparelho de voz muda.
Chevalier foi um artista francês extremamente popular e afável, cujo sotaque se tornou familiar ao público de todo o mundo. As suas canções mais conhecidas foram "Louise", "Mimi" e "Valentine". Também participou em alguns filmes. Na primeira gravação, de uma sessão em 1972, tinha falecido havia apenas uma ou duas semanas e estava muito confuso. Não sabia como tinha chegado ali e, na altura, não tinha plena consciência de que tinha morrido.
Chevalier manifestou-se numa segunda sessão, alguns anos mais tarde. Os participantes pensaram que poderia ter sido quatro anos depois, mas isso não bate certo com as datas da sua morte e da terceira sessão seguinte. Nesta sessão, estava muito animado e "muito feliz por estar vivo", sem dores nem males. Diz que Tyrone Power está lá com ele. Traz consigo uma mulher que apenas menciona a palavra "Chanson", que significa "canção" em francês. Nada mais se sabe sobre ela.
Na terceira sessão, a 3 de Abril de 1975, Chevalier volta a manifestar-se, mais contido. Explica que há muitas pessoas lá, mas que é muitas vezes difícil conseguirem falar. Diz que está muito feliz agora.
Na quarta sessão, em 1982, está energético e cheio de vida. Explica que, por vezes, as pessoas ficam presas à Terra depois da morte e não sabem que estão mortas. Pensam que vão acordar

deste sonho. Explica que, quando morreu, não conseguia acreditar que estava morto e que guias vieram ajudá-lo a compreender. Menciona que um dos presentes conhece um amigo seu com quem contracenou num filme. Diz que um dia virá cantar, talvez a canção "Louise". Explica que, por vezes, vai a esferas mais baixas ajudar almas que lá estão. Às vezes reconhecem-no.

Na última sessão, em Novembro de 1984, Chevalier volta a manifestar-se. Diz que muitos gostariam de falar e, por vezes, conseguem passar, mas na maior parte das vezes há tantas pessoas que não conseguem chegar até à frente. Têm de "abrir caminho" para conseguir falar. Mickey, o controlo de Flint do outro lado, tinha mencionado na primeira sessão em que Chevalier apareceu que ele "se tinha empurrado para entrar". Muitas pessoas ficam em segundo plano. Contudo, algumas seguram-se propositadamente para que outros possam falar. Diz que há tantos que gostariam de falar que estariam ali dias a ouvir se todos pudessem manifestar-se. O tempo é uma ilusão, diz ele. O reino espiritual tem muitos, muitos mundos, que estão na nossa atmosfera terrestre. Têm uma forma de tempo, mas não como o entendemos. Estão mais conscientes dos nossos pensamentos do que imaginamos. Às vezes conseguem sintonizar-se com os nossos pensamentos e aproximar-se mais da nossa vibração. Toda a vida, explica, é movimento constante, vibração e mudança. Nós, na Terra, sabemos pouco disto. O que pensamos ser realidade ou solidez é apenas algo com que estamos em harmonia ou vibração. Sentamo-nos numa cadeira e ela parece sólida porque vibramos em harmonia com ela. Continua explicando que, quando morremos, a pessoa real que somos continua. No momento em que deixamos o corpo físico, a "casca", a "casa" onde estivemos durante um curto período de tempo, deixamos de usar o corpo e o cérebro físicos, deixamos de nos sintonizar com o mecanismo do corpo. Contudo, por um breve tempo, agarramo-nos a pensamentos e ideias materiais. Não somos diferentes imediatamente depois. Quando nos libertamos completamente da velha recordação, entramos num nível mais elevado, nos mundos exteriores.

Tudo, explica ele, é lei natural, em ordem e em harmonia. Vem ter connosco a partir de uma esfera de atividade afastada do nosso mundo, mas isso não quer dizer que não possa reentrar no nosso mundo por um curto espaço de tempo.

Explica que, muito pouco depois de morrer, estava desorientado e andava nos Campos Elísios, esbarrando em pessoas, mas elas não se apercebiam. Gritava alto para ser notado, mas ninguém ouvia. Ficou muito frustrado. Diz que se sentou num café e um homem e uma mulher sentaram-se muito perto da sua mesa. Olhou para eles, mas pareciam não saber que ele estava ali. Pegaram nas chávenas de café e ele disse que queria beber também, mas não conseguia. Fala que ficou muito irritado porque ninguém lhe prestava atenção e começou a pontapear as mesas. Foi até à mesa onde o homem e a mulher estavam sentados, gritou, pontapeou as cadeiras e deu um pontapé na perna do homem. Mas o homem não reparou em nada. Isso deixou Chevalier muito zangado. Ele sabia que estava vivo, mas queria que eles soubessem que ele estava vivo. Diz que andava de elevador, "para cima e para baixo, para baixo e para cima". As pessoas ficavam mesmo à sua frente e ele respirava no pescoço delas, mas elas não se apercebiam. Uma mulher disse: "Oh, que corrente de ar tão fria", e era ele.

Chevalier continua a explicar que, se pensarmos neles, isso envia os nossos pensamentos até eles. Eles recebem as nossas impressões e podem então estar connosco, não de forma física, mas mentalmente. O tempo, afirma ele, não é nada.

Termina a última sessão dizendo que, lá, todos acabam por perceber que todos fazemos parte da mesma vida, da mesma criação; estamos todos ligados pelo amor, que supera todos os obstáculos.

Bimbo, o Palhaço

Bimbo, o Palhaço, manifestou-se inicialmente com dificuldade, enquanto aprendia a manipular o aparelho de voz. Diz que está do outro lado há muito tempo. Continua a fazer as pessoas rirem-se do outro lado. Fica feliz quando faz os outros felizes. Quando partiu, a sua "mamma", o "pappa", muitos irmãos e outros vieram recebê-lo, incluindo pessoas do circo, acrobatas e

outros artistas.
Diz que o além é um lugar maravilhoso. Há florestas lindas e cores. Diz que não há circo lá. Há animais e as pessoas falam com os animais, mas eles não estão em jaulas. As pessoas não sabem quão conscientes os animais são. Sempre quis ser treinador de animais na Terra. Diz que agora cuida dos animais quando eles passam para o outro lado.
Quando os animais passam, aqueles no além tratam-nos com bondade e compaixão. As pessoas deveriam ter mais compreensão pelos animais e amor. Quando se trata os animais com amor, esse amor é retribuído. Um animal morrerá por uma pessoa. As pessoas dizem que os seres humanos são superiores, mas ele acha que os animais são muito mais inteligentes do que os humanos pensam. Só matam quando é necessário, não pelo prazer de matar. Mas com os seres humanos, matar é um grande problema.
Não se pode fugir de si mesmo, diz ele. O maior problema no circo é o público. Não compreendem. As pessoas rezam para que algo terrível aconteça, por isso gostam de números perigosos. Há pessoas muito talentosas no circo. Diz que experimentou muitas coisas no circo, mas voltava sempre a ser o Bimbo, o Palhaço. A sua família estava no circo há 200 anos. O seu melhor amigo do outro lado é Grimaldi (Joseph Grimaldi, britânico, "O Pai dos Palhaços", 1779–1837), a quem chama de homem notável e alma maravilhosa. Encontrou lá muitas pessoas. Diz que conheceu o Coco, o Palhaço, embora o mais famoso Coco, Nicolai Poliakoff, só tenha morrido em 1974. As datas das sessões eram muitas vezes imprecisas, contudo. Também poderá referir-se a outro Coco, o Palhaço, mais antigo.

Sir Oliver Lodge

Sir Oliver Lodge foi professor de Física na Universidade de Londres e na Universidade de Liverpool. Foi eleito membro da Royal Society em 1887, recebeu a Medalha Albert da Royal Society of Arts pelo seu trabalho pioneiro na telegrafia sem fios, e foi agraciado com o título de Sir em 1902. Foi presidente da British Association em 1913. A sua grande reputação como físico ficou estabelecida pelas suas investigações em electricidade, termo-electricidade, rádio (sem fios) e teorias da matéria e do éter.
Nesta sessão, em 1965, ele descreve as dificuldades em provar verdades espirituais às pessoas devido à ciência, às suas crenças religiosas e ao facto de um médium estar sempre envolvido.
A sessão começa com alguma conversa entre George Woods, Betty Greene e Leslie Flint, enquanto Lodge tenta manifestar-se.
"Não tenho bem a certeza se me conseguem ouvir. Já passou bastante tempo desde a última vez que pude falar. Aqui é o Lodge. Bom dia. Estou muito feliz, de facto, por poder vir, ainda que apenas por alguns minutos, mas devo dizer que passou tanto tempo desde que falei que estou um pouco destreinado. Estou tremendamente interessado, naturalmente, nos avanços tremendo que têm sido feitos do vosso lado, cientificamente, em muitos campos diferentes e nós estamos, e temos estado há muito tempo, a trabalhar deste lado num método entre o vosso mundo e o nosso que, estou certo, acabará por ser aceite cientificamente e esperamos, eventualmente, ser capazes de tornar possível a comunicação de tal forma, de um ponto de vista científico, que ninguém possa jamais duvidar da sua autenticidade e realidade.
Se alguma vez conseguiremos prescindir totalmente dos médiuns como tal... Penso que, de alguma forma, o elemento humano não pode, obviamente, ser dispensado; penso que tem de haver este elemento humano — mesmo que possamos produzir instrumentos científicos que tornem possível a comunicação entre os dois mundos. Tenho a certeza de que não poderemos prescindir da ajuda, de alguma forma, do médium. A única questão é que não será no mesmo sentido ou forma como atualmente se usa.
Na Rússia, parece haver muito interesse neste assunto, embora sobretudo de um ponto de vista científico; certos cientistas estão muito interessados na comunicação e já estão a fazer experiências em certas linhas. Pode muito bem ser da Rússia que teremos o primeiro indício de comunicação realmente científica com a ajuda de instrumentos. Ainda se compreende muito

pouco, mesmo agora, sobre o nosso mundo e a comunicação, e a mediunidade, pela sua própria natureza, deve ser algo flutuante e estamos sujeitos a todo o tipo de condições muito além da vossa compreensão.
A boa mediunidade é muito rara. Não é, de modo algum, tão comum como era no meu tempo na Terra. Então, parecia que tínhamos uma variedade de médiuns de todos os tipos, especialmente médiuns físicos muito poderosos, o que era uma grande mais-valia e permitia-nos conduzir experiências e provar satisfatoriamente a sobrevivência. Pelo menos, tanto quanto eu pessoalmente estava envolvido e muitos outros. Hoje em dia, a mediunidade parece estar agora a um nível mental. Isto está bem à sua maneira, mas não se presta tão bem à investigação científica. Foi feito um progresso tremendo, cientificamente, desde o meu tempo de vida. Mas, claro, há certos aspetos que nos perturbam, mas muitas das coisas que já foram descobertas, e outras que ainda hão-de vir à luz, se puderem ser usadas, como esperamos e rezamos para que sejam, para benefício do homem, serão uma bênção tremenda.
O meu principal interesse é realmente no aspeto científico de todo este assunto e, embora vos fale desta forma, através da agência de um médium, aguardo com expectativa o tempo em que possa ser possível — de facto estamos certos de que será possível — através de instrumentos científicos, maquinaria, sintonizar uma taxa de vibração muito além do ouvido humano, tal como o entendeis, numa taxa tão única em si mesma que terá de ser descida, transformada, transferida, por assim dizer, para um som audível e fala, eventualmente. Afinal, é exatamente isso que, de certo modo, se faz quando se comunica desta forma particular: é a transmissão do pensamento para o som e a sua reprodução, vibrando a atmosfera, criando som. Talvez eu possa quase dizer, recriando-o.
Temos um método em que estamos a trabalhar agora, pelo qual sentimos que seremos capazes de reproduzir através de instrumentos, instrumentos científicos — sons. As vozes de pessoas há muito, como o vosso mundo lhes chama, "mortas", que irão comunicar. O domínio deste método ainda não está completo. Há aqueles que, por várias boas razões talvez, não estão preparados nesta fase para avançar com qualquer informação específica. Podemos dizer que não falta muito para que a Rússia, certos cientistas na Rússia, que estão a experimentar em certas linhas, tropecem, mais do que talvez deliberadamente procurem, em algo — procurando outra coisa, tropeçarão neste método, que estamos a tentar ajudar. A ideia deles é produzir certos instrumentos de comunicação, em certos comprimentos de onda; em taxas de vibração, se possível, com videntes já em certa medida bem-sucedidos. Têm recebido pulsações e certos sons que estão muito fora do alcance do som terrestre mas sabemos que, acidentalmente mais do que intencionalmente, porque não sabem da nossa ajuda, irão tropeçar, irão receber mensagens durante um longo período, que serão transformadas em som na Terra. Isto é algo que, neste momento, não sinto que se possa aprofundar muito.
A América também está em linhas semelhantes mas penso, na verdade sei, que não estão tão avançados nisto; esta ansiedade, este desejo de descobrir mais do espaço exterior, de descobrir como são os vários planetas, do que são feitos, quais seriam as condições se um homem lá chegasse e assim por diante… Bem, não estão interessados, nem sequer conscientes da possibilidade de que o homem, que uma vez viveu na Terra, viva em esferas na atmosfera, comunicando. Estão mais preocupados com mundos que conhecem há algum tempo e que gradualmente se estão a aproximar cada vez mais, com a ajuda da ciência, trazidos para uma grande realidade. Irão descobrir, para grande surpresa deles, mundos de seres humanos que outrora habitaram a Terra e que ainda continuam a viver num campo de atividade mais elevado porque será a mente a estender-se, por outras palavras, serão forças de pensamento a estender-se até ao homem, que serão captadas.
Isto é algo que não estão a antecipar mas estamos a aproveitar ao máximo o que estão a fazer do vosso lado para que, cientificamente, possamos usá-lo de certa forma para provar a nossa identidade, para provar a nossa realidade, para provar que realmente existimos após a morte, que existe um mundo após a morte física, no qual milhões de almas de todas as nacionalidades ainda existem, desenvolvem-se e evoluem, e têm uma maior inteligência e maior resposta à

vida. Esta é uma realidade viva de que falo, que já disse que esperamos eventualmente provar cientificamente àqueles no vosso mundo que, de momento, não têm consciência do que se passa mas que ficarão surpreendidos com certas coisas que acontecerão. Inicialmente, sem dúvida, pensarão que estão em comunicação com inteligências de outros planetas, mas ficará claro para eles que as inteligências são dos indivíduos e almas deste lado que estão desesperadamente a tentar comunicar. Será uma revelação e esperamos que, eventualmente, traga uma maior compreensão entre as pessoas da Terra.
Podemos ver muito da futilidade das condições criadas através da ignorância e, de facto, da intolerância. Ficamos muito perturbados quando olhamos para o vosso mundo e vemos as condições terríveis e horríveis que surgiram através da intolerância e tolice do homem e esperamos ansiosamente evitar uma catástrofe e sentimos que, se conseguirmos romper e fazer isto de forma científica, de que falo, dissuadirá o homem de "ir até à beira" do abismo. Estamos muito preocupados quando vemos o vosso mundo-prisão e o estado terrível e terrível em que o homem permitiu que ele chegasse...
A ciência bem usada é uma bênção para o homem. Muito do que é dado ao homem através da ciência poderia significar para o homem uma vida melhor e mais feliz. Há uns poucos que a veem, muitas vezes, como uma arma que pode ser usada em defesa, assim dizem, ou na guerra. Isto é um facto terrível e, em vez de ser usada para o bem do homem, é frequentemente usada para a sua destruição. Vimo-lo no passado e queremos evitá-lo no futuro. Nós, que vimos deste lado, particularmente aqueles de nós que vimos com a ideia de ser úteis, de ter valor e ajudar o vosso mundo, ficamos perturbados e chocados quando vemos o estado e a condição do vosso mundo. Estamos preocupados em melhorar, se pudermos, e estou certo de que poderemos, eventualmente, desta forma científica de que tento dar-vos uma ideia. Mas será, terá de ser. O tempo não está muito distante em que haverá este aspeto científico da comunicação. Não haverá dúvidas e será universalmente aceite e então, talvez, veremos o verdadeiro início da Fraternidade do homem. Veremos muitas das velhas barreiras derrubadas e veremos que o homem percebeu, talvez pela primeira vez, quão vital e necessário é unir-se e derrubar as barreiras que separam, credo, religião e política. Barreiras que o homem construiu ao longo dos séculos.
Esperamos e rezamos para que não demore muito até que os primeiros frutos do nosso trabalho se tornem evidentes. Que ouvireis, e faço disto uma profecia definitiva, ouvireis, tenho a certeza, muito em breve falar-se de certas coisas que vos darão alguma ideia e conhecimento do que tentei transmitir. Certamente haverá os primórdios desta descoberta. Não está muito distante, particularmente na Rússia, onde a ciência é progressiva. Para nós, é algo extraordinário: a Rússia, que há menos de cinquenta anos era uma das nações mais atrasadas do mundo, onde o povo não tinha qualquer oportunidade de progredir, tornou-se agora, realmente, cientificamente, a nação líder no mundo. Tornaram-se uma nação coesa. Sei que há muitos aspetos que se poderiam condenar, mas devo falar puramente do ponto de vista científico da nação e do seu avanço científico extraordinário, realizado por estas pessoas que há cinquenta anos não sabiam ler nem escrever e não tinham escolaridade, nem oportunidade. Para mim, é algo de extraordinário. Se conseguiram este avanço, como fizeram nestes últimos cinquenta anos, o que poderão alcançar nos próximos vinte e cinco anos é fantástico e tem de se dizer que é da Rússia, do ponto de vista científico, que se podem esperar ver estes avanços — não que a América fique muito atrás, mas sinto que, do ponto de vista da comunicação científica entre o nosso mundo e o vosso, será na Rússia que veremos os primeiros sinais.
Parece haver lá mais progresso e certamente estamos a trabalhar com certos cientistas na esperança de produzir algo muito concreto num futuro muito próximo. Se for publicado, o que penso que será tornado público, não creio que seja algo que queiramos esconder, porque não teria valor num sentido material. É algo puramente da mente. Os russos, há muito tempo, têm vindo a perfurar o véu, a experimentar cientificamente com a força do pensamento e o poder do pensamento e o que pode alcançar. Têm estado muito ativos a nível mental, muito avançados mesmo. Vereis isto. Digo-vos isto: muito em breve vereis o início disto.

Sir Oliver Lodge manifesta o seu profundo interesse pelo que vós, queridos amigos, estais a fazer. Ele reconhece que existem dificuldades. É natural que haja limitações de certos tipos, mas sabe que trazeis luz e considera-vos muito afortunados, na medida em que tendes esta mediunidade; mas, ainda que se admire a boa mediunidade — que é rara — ele diz que todos aguardam ansiosamente o avanço científico.

George Woods: pergunta sobre os discos voadores vindos de outros planetas.
Claro que existem outros planetas que procuram estabelecer contacto. Estão curiosos e interessados no vosso mundo, assim como no vosso mundo há certos cientistas e pessoas interessadas noutros planetas. Claro que existem, e claro que se diz muita "asneira" e muitas coisas que não têm aplicação, mas existem entidades, almas a tentar abrir caminho de forma científica a partir de outros planetas para o vosso mundo e que estão, como eu diria, de certa forma mais avançados e estão a tentar contactar à sua maneira; mas penso que posso dizer com absoluta verdade que, naturalmente, estão muito apreensivos. Vós deveis perceber que as almas noutros planetas que procuram comunicar, ou pelo menos que se interessam pelo vosso mundo, não ignoram a mentalidade da massa.
Deveis aceitar que há toda a razão para eles desconfiarem das motivações dos povos da Terra, que durante gerações viveram pela guerra e que, quaisquer que sejam os avanços científicos — pelo menos muitos dos avanços materiais que foram feitos — têm sido usados para destruição em vez de para o bem. Por isso, há apreensão em alguns planetas onde há uma perceção do que se passa na Terra, por causa dessa atitude mental, porque não se pode ignorar a Mente Colectiva que se gera no vosso mundo e que trespassa as condições etéricas do vosso mundo. Se pudessem ver as vibrações etéricas e as condições em torno do vosso mundo, compreenderiam e perceberiam porque deve haver apreensão em várias esferas e planetas. Mesmo nós, que vimos comunicar, estamos muito conscientes desta força etérica tão forte e poderosa à volta do vosso mundo, que é constantemente projectada por milhões e milhões de mentes e pensamentos que, por si mesmos, não são bons. São muito pesados. Estão preocupados com o materialismo a tal ponto e há tanto medo.
Há uma força tremenda à volta do vosso mundo de que nada sabeis, que torna difícil a comunicação, além de tudo o resto. É espantoso que recebam as comunicações que recebem, porque se pudessem ver como eu vejo, muitos de nós temos consciência, as condições em torno do vosso mundo são horríveis. Isto é provocado pelo próprio homem, pelos próprios pensamentos que gera constantemente. Para nós é como um nevoeiro. É uma atmosfera terrível à volta do vosso mundo. O vosso mundo inteiro vive no medo. O tempo todo estais, por assim dizer, a viver na beira de um precipício. Nunca sabeis bem o que o dia seguinte trará. Tivestes recentemente certos indícios do que pode acontecer por acidente, mas, meu Deus, não creio que as pessoas da Terra percebam que cada segundo e cada momento está carregado de perigo. Têm tanto poder de destruição no vosso mundo, pronto a ser desencadeado num instante, e não creio que a humanidade se dê conta do que fez a si própria.
Construiu um enorme arsenal de força e poder de destruição. O mundo inteiro está cheio de medo e intolerância. A fraternidade do homem foi empurrada para segundo plano. As igrejas não fazem nada. Alinham-se com os governos, alinham-se com a força, se necessário; fingem ser pacifistas mas, ao mesmo tempo, estão longe de o ser. Ao mesmo tempo, supostamente seguem Cristo, o homem de Deus, o Príncipe da Paz, o homem que não tinha onde repousar a cabeça... mas, ao mesmo tempo, negam-no nos próprios pensamentos e ações, apoiando o poder. Porque não se ergue a igreja como um vasto corpo de força para denunciar este horror que o homem construiu? Esta condição terrível sob a qual viveis, esta situação intolerável que o homem trouxe sobre si mesmo através do medo.

Mrs. Greene: As pessoas que viram os discos voadores dizem que sentem uma enorme sensação espiritual quando estão perto deles.
Pois claro. Penso que é perfeitamente verdade, que sentiriam e devem sentir, porque as

motivações e os desejos das almas que procuram ligar-se ao vosso mundo, seja de que planeta ou esfera vierem, são para o bem. Cada alma está preocupada com o bem-estar do homem, com o bem do homem, mas vós vedes todos os perigos. Vemos como estais, o tempo todo, a preparar-vos, em todos os sentidos, não apenas fisicamente, mas também mentalmente. Vedes, toda a atmosfera no vosso mundo, para nós, é terrível. O homem criou tanto caos no passado e agora tem armas que, francamente, poderiam não deixar nada. Bastaria que algumas fossem ativadas. Não tivestes uma lição recentemente — este assunto de Espanha. Pois honestamente, deveria provar às pessoas o terrível perigo, mesmo por um simples acidente, sob o qual viveis hoje. Para mim é assustador, para mim é terrível, para mim é algo que acho quase inacreditável que pessoas com inteligência e poder de raciocínio, especialmente aquelas que professam ter crenças espirituais e desejos espirituais, se permitam sentar e não fazer nada; para mim é um estado de coisas extraordinário mas não posso ficar. Que Deus vos abençoe, agora tenho de ir, adeus.

Nesta sessão, Lodge fala sobre a comunicação com o além. Explica que é difícil para personalidades famosas provarem a sua identidade, e que a verdade sobre a comunicação com o além nunca será totalmente aceite até que seja desenvolvido um método puramente científico. Reconhece que a mentalidade dos seus colegas cientistas rejeitará a sobrevivência o máximo de tempo possível devido às convicções materialistas profundamente enraizadas que possuem. Contudo, afirma que as organizações religiosas são o maior obstáculo ao avanço espiritual.
A sessão começa com alguma conversa entre George Woods, Betty Greene e Leslie Flint, enquanto Lodge tenta manifestar-se.

Sir Oliver Lodge — 25 de Abril de 1966

"Ainda se compreende muito pouco, mesmo agora, sobre o nosso mundo e a comunicação..."
Sir Oliver Lodge foi um grande defensor dos médiuns e da comunicação espiritual durante a sua vida. Aqui, regressa para falar com George Woods e Betty Greene 25 anos depois da sua própria morte. Ele refere-se a um novo método científico de comunicação com o espírito e reflecte sobre a possibilidade de algum dia chegar o tempo em que os médiuns já não serão necessários...

Greene: Vá, amigo, podemos...
Woods: Vá, amigo, conseguimos ouvi-lo.
Flint: [Aspira] Pergunto-me quem será? Não é o Marshall, pois não?
Woods: Não. É outra pessoa. Consigo ouvi-lo bastante bem. É uma voz completamente diferente.
Lodge: [Sussurrando]
Woods: Sim?
Lodge: Não tenho bem a certeza se me conseguem ouvir ou não.
Woods: Oh sim, conseguimos...
Greene: Conseguimos ouvi-lo muito bem.
Woods: ...muito bem.
Lodge: Já passou bastante tempo desde a última vez que pude falar.
Woods: Pois...
Lodge: Aqui é o Lodge.
Woods/Greene: Oh Lodge! Sim...
Lodge: Bom dia.
Woods/Greene: Bom dia.
Lodge: Isto é, hum...
Woods: É muito simpático da sua parte vir falar connosco.

Lodge: Estou muito feliz, de facto, por poder vir, ainda que apenas por alguns minutos. Mas devo…
Woods: Estamos muito contentes.
Lodge: …devo dizer que passou tanto tempo desde a última vez que falei, que estou um pouco destreinado.
Woods: Sim, bem, ficaríamos muito contentes se nos falasse de alguma coisa.
Lodge: Estou tremendamente interessado, naturalmente, nos avanços tremendo que foram feitos do vosso lado cientificamente…
Woods: Sim.
Lodge: …em muitos campos diferentes.
Woods: Oh, sim.
Lodge: E nós estamos, e temos estado há muito tempo, deste lado, a trabalhar num método de comunicação entre o nosso mundo e o vosso que será aceite, estou certo, eventualmente, de forma científica. E esperamos, eventualmente, poder tornar possível a comunicação de tal forma, de um ponto de vista científico, que ninguém poderá jamais negar a sua autenticidade e realidade.

Quer venhamos alguma vez a prescindir totalmente dos médiuns como tal… Penso que, de alguma forma, o elemento humano deve existir — não pode ser dispensado. Tem de haver este elemento humano.

Mesmo que possamos produzir instrumentos científicos que tornem possível a comunicação entre os dois mundos, nunca conseguiremos, tenho a certeza, prescindir totalmente da ajuda, de alguma forma, de um médium. A única questão é que, obviamente, não será no mesmo sentido ou forma em que agora é usada.

Na Rússia, parece haver muito interesse neste assunto. Embora seja sobretudo de um ponto de vista científico, certos cientistas estão muito interessados na comunicação e já estão a fazer experiências em certas linhas. Penso que poderá muito bem ser da Rússia que teremos este primeiro indício de comunicação realmente científica, com a ajuda de instrumentos.
Woods: Isso é muito interessante.
Lodge: Ainda se compreende muito pouco, mesmo agora, sobre o nosso mundo e a comunicação. E a mediunidade, pela sua própria natureza, tem de ser algo muito flutuante e estamos sujeitos a todo o tipo de condições, muito além da vossa compreensão.

Mas a mediunidade, a boa mediunidade, é muito rara. De facto, pode dizer-se que não é, de forma alguma, tão comum como era no meu tempo na Terra. Na altura, parecia que tínhamos uma variedade de médiuns, de todos os tipos e, especialmente, médiuns físicos muito poderosos…
Woods: Sim.
Lodge: …o que era uma grande mais-valia e permitia-nos conduzir experiências e provar satisfatoriamente a sobrevivência, tanto quanto me dizia respeito pessoalmente e a muitos outros.

Hoje, a mediunidade parece ser mais num nível mental. Isto está bem à sua maneira, mas não se presta tão bem, tão facilmente, à investigação científica. Mas há um novo…
Woods: Sim? Conseguimos ouvi-lo muito bem. Um novo…? Vá, por favor, conseguimos ouvi-lo. Isso foi muito interessante…
Greene: Sim.
Woods: Por favor, continue.
Lodge: …e o tremendo progresso que foi feito cientificamente desde o meu tempo, cientificamente. Claro que há certos aspetos que nos perturbam. Mas muitas das coisas que já

foram descobertas, e outras ainda por vir à luz; se puderem ser usadas, como esperamos e rezamos para que sejam, para benefício do homem, serão uma bênção tremenda.

Mas claro, como podem imaginar, o meu principal interesse é realmente no aspeto científico de todo este assunto. Embora vos fale desta forma através da agência de um instrumento ou médium, aguardo ansiosamente o tempo em que possa ser possível — na verdade estamos certos de que será possível — através de um processo mecânico, científico, poder sintonizar, de tal forma, com uma taxa de vibração muito além do ouvido humano, como o entendeis, numa taxa tão única em si mesma que terá de ser descida, transformada, transferida, por assim dizer, para um som audível e fala, eventualmente.

Afinal, isto é exatamente o que, de certo modo, se faz quando se comunica desta forma particular. É a transmissão do pensamento para o som e a sua reprodução, vibrando a atmosfera, criando som — talvez, de certo modo, se possa quase dizer, recriando-o.

Mas a questão é que temos um método em que estamos a trabalhar agora, pelo qual sentimos que seremos capazes de reproduzir, através de instrumentos — instrumentos científicos — sons; as vozes de pessoas há muito, como o mundo lhes chama, "mortas".

O domínio deste método ainda não está completo. Mas há aqueles que, por várias boas razões talvez, não estão... não estão preparados, nesta fase, para avançar com qualquer informação específica. Mas penso que podemos dizer com absoluta segurança que não falta muito para que a Rússia, certos cientistas na Rússia, que estão a experimentar em certas linhas, tropecem — mais do que talvez pelo ponto de vista de procurar deliberadamente, mas procurando outra coisa, tropecem — neste método, com o qual estamos a tentar ajudar.

A ideia deles, claro, é produzir certos instrumentos para ter comunicação em certos comprimentos de onda, em taxas de vibração, com certos, se possível, videntes. Já, em certa medida, isto tem sido bem-sucedido. Têm recebido pulsações e têm recebido certos sons que estão fora — na verdade, muito fora — do alcance do som terrestre.

Mas sabemos que acidentalmente, mais do que intencionalmente, porque não sabem da nossa ajuda nisto; mas tropeçarão, estarão a receber mensagens que estamos a enviar, que serão transmitidas durante um longo período, que serão transformadas em som na Terra. Mas isto é algo que, neste momento, não sinto que se possa aprofundar demasiado. A América também está em linhas semelhantes, mas não penso, na verdade sei, que não estão tão avançados nisto.

Esta ansiedade, este desejo de descobrir mais sobre o espaço exterior, de descobrir como são os vários planetas, do que são feitos, quais seriam as condições se um homem lá aterrasse e assim por diante... bem, eles não estão, evidentemente, interessados — na verdade, nem sequer têm consciência da possibilidade de o homem, que uma vez viveu na Terra, viver em... em esferas na atmosfera, a comunicar.

Estão mais preocupados com mundos dos quais têm consciência há algum tempo e que gradualmente se aproximam cada vez mais com a ajuda da ciência, sendo trazidos para uma grande realidade. Mas vão descobrir, para grande surpresa deles, mundos de seres humanos que outrora habitaram a Terra e que continuam a viver num campo de atividade mais elevado, porque será a mente a estender-se. Por outras palavras, serão forças de pensamento a estender-se até ao homem que serão... que serão captadas.

Isto é algo que não estão a antecipar nem a esperar. Mas nós estamos a aproveitar totalmente, a tirar o máximo partido, do que eles estão a fazer do vosso lado, cientificamente; para que

possamos usar isso, até certo ponto, para provar a nossa identidade, para provar a nossa realidade, para provar que realmente existimos, que existe um mundo após a morte física, no qual milhões de almas de todas as nacionalidades continuam a existir, a desenvolver-se e a evoluir, com maior inteligência e maior resposta à vida.

Esta é a realidade viva de que falo, que esperamos vir a provar, como já disse, cientificamente, àqueles no vosso mundo que, de momento, não têm consciência do que se passa, mas que ficarão surpreendidos com certas coisas que irão acontecer. No início, sem dúvida, pensarão que estão a comunicar com inteligências de outros planetas. Mas ficará claro para eles que a inteligência é dos indivíduos e das almas que estão desesperadamente, deste lado, a tentar comunicar. Será uma revelação tremenda e esperamos que traga, eventualmente, uma maior compreensão entre as pessoas da Terra.

Podemos ver muito da futilidade das condições que foram criadas através da ignorância e, de facto, através da intolerância. E ficamos muito perturbados, naturalmente, quando olhamos para o vosso mundo e vemos as condições terríveis, terríveis que surgiram através da intolerância e tolice do homem, e esperamos ansiosamente evitar uma catástrofe.

E sentimos que, se conseguirmos romper esta barreira e fazer isto da forma científica de que falo, isso dissuadirá o homem de ir até ao limite, até ao próprio abismo. Estamos muito preocupados quando vemos o vosso mundo atual e o estado terrível, terrível em que o homem permitiu que ele chegasse.

A ciência, bem usada, bem aplicada, é uma bênção para o homem. Muito do que é dado ao homem através da ciência poderia significar para ele uma forma de vida melhor e muito mais feliz. Mas há um número restrito de pessoas que a veem, muitas vezes, como uma arma que pode ser usada em defesa — assim dizem — ou na guerra.

E isto é, evidentemente, o facto terrível; que, em vez de ser usada para o bem do homem, é frequentemente usada para a destruição do homem. Vimo-lo no passado e queremos evitá-lo no futuro. Nós, que vimos deste lado, particularmente aqueles de nós que vimos com a ideia de servir e de ter um verdadeiro valor e ajudar o vosso mundo, ficamos naturalmente perturbados e chocados quando vemos o estado e a condição do vosso mundo.

Estamos preocupados em provar, se pudermos — e estou certo de que conseguiremos, eventualmente, desta forma científica de que tento dar-vos uma ideia. Mas será, terá de ser. O tempo não está longe em que haverá este aspeto científico da comunicação. Não haverá dúvidas e será aceite universalmente e então, talvez, veremos o verdadeiro início da 'fraternidade do homem'.

Veremos muitas das velhas barreiras serem derrubadas e veremos que o homem percebeu, talvez pela primeira vez, quão vital e necessário é unir-se e derrubar as barreiras que separam — as barreiras do credo, as barreiras da religião e da política — estas barreiras que o homem construiu ao longo dos séculos.

Esperamos e rezamos para que não demore muito até que os primeiros frutos do nosso trabalho se tornem evidentes. Mas ouvirão — e faço disto uma profecia definitiva — ouvirão muito em breve, tenho a certeza, certas coisas que vos darão alguma ideia e conhecimento daquilo que tento transmitir. Certamente haverá os inícios desta descoberta. Não está tão distante, particularmente na Rússia, onde a ciência progrediu verdadeiramente...

Sabeis, para nós é a coisa mais espantosa. A Rússia — que há apenas, menos de cinquenta anos, ou há cinquenta anos, era uma das nações mais, senão a mais, atrasada do mundo, na qual não havia qualquer oportunidade para o povo progredir — tornou-se agora, de facto, cientificamente, a nação líder no mundo. Tornaram-se uma nação coesa.

Sei que há muitos aspetos que se poderiam condenar e não estou aqui para condenar, mas cientificamente devo falar apenas desse aspeto... o avanço técnico e científico extraordinário que foi feito por estas pessoas que, há cinquenta anos, não sabiam ler nem escrever, não tinham escolaridade nem oportunidade. Para mim, é a coisa mais extraordinária. Se conseguiram este avanço, como o fizeram em cerca de cinquenta anos, o que alcançarão e poderão alcançar nos próximos vinte e cinco anos é fantástico.

E tem de se dizer que é da Rússia, do ponto de vista científico, que se podem esperar ver estes avanços. Embora não pense que a América fique muito atrás. Mas sinto que, do ponto de vista da comunicação científica entre o nosso mundo e o vosso, é na Rússia que veremos os primeiros sinais.

Parece haver mais avanço lá e certamente estamos a trabalhar com certos cientistas, na esperança de produzir algo muito concreto num futuro muito próximo. Assim, se for publicado, como imagino que acabará por vir a público, não penso que seja algo que queiramos esconder, porque não teria valor num sentido material. É algo puramente da mente.

Os russos, há muito tempo, têm vindo a perfurar o véu. Têm experimentado cientificamente com a força do pensamento e o poder do pensamento e o que isso pode fazer, o que pode alcançar. Têm sido muito ativos num plano mental, num nível mental. Muito, muito avançados mesmo. Vereis isto, digo-vos isto, muito em breve vereis o início disto.

De qualquer modo, estou muito interessado no que vós, queridos amigos, estais a fazer. Sei que há dificuldades. É natural que existam limitações de certo tipo, mas sei que fazeis o vosso melhor. E penso que sois muito afortunados, na medida em que tendes esta mediunidade. Mas sabeis, por muito que se admire, a boa mediunidade — que é rara — aguardamos ansiosamente um avanço científico. Isto é algo que me preocupa muito, muito, e que me interessa profundamente.

Bem, não creio que possa ficar.
Woods: Oh, Sir Oliver?
Lodge: Sim?
Woods: Sir Oliver, poderia... queria perguntar-lhe algo agora que veio. Sobre os discos voadores; são verdadeiros ou não? São... vêm de outros planetas?
Lodge: Mas claro que existem outros planetas que procuram estabelecer contacto ou que são curiosos ou interessados no vosso mundo. Tal como no vosso mundo há cientistas, certos cientistas, e pessoas interessadas noutros planetas. Claro que existem, e claro que se diz muita asneira, sem dúvida, e muitas coisas que não se aplicam.

Mas claro que há entidades, almas, que estão a tentar abrir caminho de forma científica a partir de outros planetas para o vosso mundo e que estão numa posição — diria eu, em certos aspetos — mais avançada e estão a tentar estabelecer contacto à sua maneira. Mas penso que posso dizer com absoluta verdade que, evidentemente, estão muito apreensivos.

Vede, não deveis pensar que almas noutros planetas, que procuram comunicar ou pelo menos se interessam pelo vosso mundo, não têm consciência da mentalidade da massa.
Woods/Greene: Exato. Sim.

Lodge: Vede, tendes de aceitar o facto de que há toda a razão para desconfiarem das motivações dos povos da Terra, que, durante gerações, viveram da guerra. E que, quaisquer que sejam os avanços científicos... pelo menos muitos dos avanços científicos materiais que foram feitos, têm sido usados para destruição em vez de para o bem. Vede, há apreensão em certos planetas, onde há uma perceção das coisas da Terra, por causa da atitude mental.

Vede, não se pode evitar a mente colectiva que se gera no vosso mundo, que trespassa as condições etéricas em redor do vosso mundo. Se pudessem ver as vibrações etéricas e as condições em redor do vosso mundo, compreenderiam e perceberiam porque deve haver apreensão em várias esferas e planetas. Mesmo connosco, que vimos comunicar.

Estamos muito conscientes desta força etérica tão forte e poderosa em redor do vosso mundo, que é constantemente projectada por milhões e milhões de mentes e pensamentos que, por si mesmos, não são bons. São muito pesados. Estão preocupados com o materialismo a tal ponto e há tanto medo. Há uma força tremenda de que nada sabeis, que rodeia o vosso mundo e que torna muito difícil a comunicação, além de tudo o resto.

É espantoso que recebam as comunicações que recebem. Porque se pudessem ver como eu vejo, muitos de nós temos consciência, as condições em torno da vossa Terra são terríveis.
[Som do cão de Flint.]
Lodge: Isto é provocado pelo próprio homem, pelos próprios pensamentos que gera constantemente. É terrível... o que para nós, suponho que se possa dizer, para nós é como uma espécie de nevoeiro. É uma atmosfera terrível em redor do vosso mundo. O vosso mundo inteiro vive no medo. O tempo todo estais a viver, por assim dizer, na beira de um precipício.

Nunca se sabe bem o que o dia seguinte vos trará. Tivestes recentemente certos indícios do que pode acontecer por acidente. Mas, meu Deus... não creio que as pessoas da Terra percebam que, o tempo todo, a cada segundo da sua vida, por assim dizer, vivem num estado carregado de perigo. Têm tanto poder de destruição no vosso mundo neste momento; tudo pronto a ser desencadeado num instante, e não creio que a humanidade perceba o que fez a si própria.

Construiu um enorme arsenal de força e poder de destruição. O mundo inteiro está cheio de medo e intolerância. A fraternidade do homem foi empurrada para segundo plano. As igrejas não fazem nada. Tomam o partido dos governos, alinham-se com a força, se necessário. Fingem ser pacifistas e, no entanto, ao mesmo tempo, estão longe de o ser. Ao mesmo tempo, supostamente seguem Cristo, o homem de Deus, o Príncipe da Paz, o homem que não tinha onde repousar a cabeça... e, no entanto, o tempo todo o negam nos próprios pensamentos e ações ao apoiar estas coisas.

Porque é que a Igreja não se ergue, como deveria, como um vasto corpo de poder e força para denunciar este horror que o homem construiu? Esta condição terrível sob a qual viveis, esta situação intolerável que o homem trouxe sobre si mesmo através do medo.

Greene: Sir Oliver, posso perguntar-lhe algo?
Lodge: Sim, faça favor, mas não creio que possa ficar.
Greene: Oh, hum, voltando aos discos voadores; as pessoas que os viram dizem que sentem uma sensação espiritual enorme quando... quando estão perto deles. Como se fossem... vibrações espirituais...
Lodge: Pois claro, penso que é perfeitamente verdade, que sentiriam e que têm de sentir. Porque as motivações e os desejos das almas que estão a tentar ligar-se ao vosso mundo, seja de que planeta ou esfera venham, são para o bem.

Preocupamo-nos… cada indivíduo, cada alma preocupa-se com o bem-estar do homem, para o bem do homem. Mas vede, nós vemos todos os perigos. Vemos como estais, o tempo todo, a preparar-vos, em todos os sentidos… não é apenas físico, é mental também.

Vedes, toda a atmosfera no vosso mundo, para nós, é terrível. O homem criou tanto caos no passado e agora tem armas que, francamente, poderiam não deixar nada. Bastaria que algumas fossem desencadeadas. E tivestes um indício recente com este assunto de Espanha…
Greene: Sim.
Lodge: Pois, honestamente, isso deveria provar às pessoas o terrível perigo — mesmo por mero acidente — sob o qual existis hoje. Para mim, é assustador, para mim, é terrível, para mim, é algo que acho quase inacreditável; que pessoas com inteligência e poder de raciocínio, especialmente aquelas que professam ter crenças espirituais e desejos espirituais, se permitam sentar e não fazer nada. Para mim, é um estado de coisas extraordinário, mas receio que não possa ficar…

Que Deus vos abençoe, tenho de ir. Adeus.

Greene: Muito obrigada por ter vindo.
Woods: Muito obrigado por ter vindo até nós…
Greene: Foi maravilhoso hoje…
Woods: Muito obrigado. Estamos muito gratos.
Mickey: Tchau-tchau.
Greene: Adeus, Mickey. Até para a semana, segunda-feira.
Mickey: Sim, tchau-tchau.
Greene: Tchau, querido.
Woods: Obrigado, Mickey, por tudo o que fizeste.

Bobby Tracey

Nesta sessão invulgar, a energia para a sessão foi retirada de George Woods, um dos presentes, que explica que tinha potencial para ser um médium de voz direta. Normalmente, a energia para o aparelho de voz, as vozes e as materializações vem principalmente do médium, mas também dos assistentes e daqueles do outro lado que concentram a sua energia no esforço.
O orador na sessão é Bobby Tracey, um menino de cinco anos morto num acidente de carro com a mãe. Ele diz que vai à escola. Não percebe que os presentes na sala não o conseguem ver e aparentemente aponta para alguém na sala, ou Woods ou Flint, e pergunta: "Quem é aquele senhor?"
Ele diz que na escola aprende geografia e história e "todo o tipo de coisas". Vive com a mãe. Pergunta se Betty Greene tem uma casa bonita e se tem filhos rapazes.
Bobby diz que tem todo o tipo de amigos lá. Jogam jogos como críquete e futebol. Ele tem um jardim bonito, diz ele. Não tem animais de estimação, mas brinca com os cães, gatos e póneis que andam por lá.
Diz que a escola é uma casa grande com muitas salas e muitas pessoas. Usa calças e gosta de nadar no rio, comentando que é um bom nadador.
Diz que não sabe há quanto tempo está lá. Não se lembra do nome do sítio onde viveu. Para e pergunta à mãe dele. Ela diz-lhe um local e ele pronuncia-o para os presentes. Depois diz repetidamente a George que ele tem um cabelo engraçado, que está espetado para cima. Diz que há um médico do outro lado que ajuda o George. "Tens sorte", diz ele, "Ele não quer que morras."
Bobby depois explica que todo o tipo de pessoas vêm quando Flint e os presentes têm

reuniões. "Não sei porque é que querem que eu venha até vocês. Eu não sou crescido."
Explica que vai num barquinho e que gosta de remar. Um senhor simpático que usa uma camisola azul e tem uma cara corada leva as crianças a passear de barco. Brincam em ilhotas, trepam às árvores, correm por todo o lado e jogam ao "esconde-esconde". Chamam-lhe O Capitão porque tinha um barco quando estava na Terra e levava pessoas até uma ilha e trazia-as de volta. Agora tem um barco e leva as crianças até uma ilha.
Bobby diz que gosta de pintar quadros. Gostava de fazer isso na Terra, mas explica que agora consegue fazê-lo bem; tem "boa perspetiva". Diz que não vê muito o pai. Ele "tem outra senhora" e só os vê às vezes.
Depois descreve a sua morte. Diz que ele e a mãe morreram num "acidente na estrada". Depois comenta de novo que o cabelo do George está "engraçado". "Ele está a mexer na cabeça, mas aquilo continua engraçado", exclama. Volta a mencionar que há um médico que cuida dele do outro lado. Diz que já esteve lá muitas vezes e assistiu ao círculo de sessões de Flint. Diz que tem brinquedos, mas não o deixam ter soldados.
Bobby explica que gostaria de ser professor quando crescer, tal como os professores que o ensinam agora, só que melhor. Quando lhe perguntam se são bondosos, ele diz "Toda a gente aqui é bondosa." Continua a comentar o cabelo do George, dizendo que parece espumoso. Pergunta se o George tem bebés. "És demasiado velho para ter bebés; só os jovens têm bebés. Eu odiaria ser velho como tu. Quando morreres, vais ser jovem. Podes ajudar melhor as pessoas deste lado."
Explica que não tem os mesmos amigos que tinha na Terra. Não volta à Terra porque ninguém lhe liga.
Diz que tem uma casa bonita, com um telhado grande que termina em ponta, janelas grandes e uma varanda à frente. Diz que se pode andar à volta da casa. A casa tem várias divisões, incluindo uma sala agradável onde todos se sentam e conversam. Há cadeiras bonitas e alcatifa e muitas coisas bonitas como a mãe gosta. Diz que agora não come nada, mas às vezes come uma maçã. Têm árvores de fruto, mas quase ninguém come os frutos. Diz que é lindo e muito agradável, nunca frio.

Rainha Vitória (1819–1901)
John Brown (1826–1883)

Nesta sessão, a Rainha Vitória explica que está a vir acompanhada de John Brown, seu grande amigo e confidente. Surpreende Betty Greene e George Woods ao descrever o papel que John Brown teve como médium para que ela pudesse contactar o seu falecido marido, o Príncipe Alberto, que morreu prematuramente e por quem ela chorou o resto da vida. Muito se especulou sobre a natureza exata da relação entre John Brown e a Rainha Vitória, mas provavelmente foi a de um servo leal e de uma monarca solitária. John Brown fala no final da sessão. A qualidade da gravação é fraca porque foi feita num gravador de fita primitivo por volta de 1960. Segue-se a transcrição dessa gravação, que começa após um breve momento inicial em que Vitória se habitua ao aparelho de voz do médium.

Betty Greene: Quem está aí?
Rainha Vitória: ...poderá ser possível que bastantes de nós venhamos a falar.
Betty Greene: Sim, compreendo perfeitamente. Gostaria de saber quem me está a falar. É muito difícil, sabe. Só consigo ouvir a voz.
Rainha Vitória: Vim com John.
Betty Greene: Com John?
Rainha Vitória: O meu bom amigo.
Betty Greene: Sim? Diga-me quem é, o seu nome, para que eu possa tratá-la pelo nome. Não quer?
Rainha Vitória:

Eu também tive o privilégio, na minha vida, de conhecer esta grande verdade, e John Brown foi o meu médium. Tal como tu, minha querida, tens um instrumento, eu também tive.
Sou Vitória, já não sou rainha. Muitas pessoas não compreenderam o laço tão forte que se forjou entre John e eu, mas ele foi o elo entre mim e o meu querido Alberto, com quem agora resido no paraíso. Eu não podia falar destas coisas quando estava do vosso lado. Não teria sido apropriado. Teria sido mal interpretado.
Guardei religiosamente, dia após dia, um diário de todas as comunicações entre mim e o meu querido marido. Todos eles foram, depois da minha morte, segundo soube, destruídos... Palmerston e outros. Benjamin Disraeli, que tentou falar-vos há instantes... foi uma pessoa notável. Foi, de facto, um dos meus grandes favoritos. Foi um bom homem; claro que, como todos os seres humanos, cometeu erros. Em muitos aspetos, julguei-o mal, mas já lhe pedi desculpa.
Todos nós temos tendência para nos compreender mal uns aos outros. Na minha posição, com o meu passado, a minha educação, rodeada como estava de tantos oradores agradáveis e pessoas de fala mansa, era muito difícil. Um dizia isto, outro dizia aquilo, e depois insinuava-se que o outro não era verdadeiro e só após anos comecei a ver um pouco mais claramente e mais profundamente a natureza humana.
Poderia contar-vos uma grande quantidade de coisas. Um dia poderei voltar para o fazer e um dia o meu querido marido virá falar convosco. Ainda estamos muito, muito atentos e interessados em tudo o que se passa no vosso mundo. Não do ponto de vista do que está exatamente determinado, mas do ponto de vista do bem que ainda poderá vir a surgir.
Quando as pessoas começarem a conhecer, a perceber e a compreender mais umas das outras e todas as barreiras, que esperamos e oramos, possam ser derrubadas, os verdadeiros homens poderão viver e habitar juntos em paz.
Como é diferente hoje quando, em tempos idos, tínhamos um vasto império. Agora, muitas das velhas barreiras caíram e muitas novas nações começam a surgir... Estão a passar pelas suas dores de crescimento, mas penso que, eventualmente, virá uma grande realização e uma forma maior de paz entre as nações. Todos a trabalhar para este fim comum... para o bem comum. Podemos não ser capazes de fazer muito deste lado, mas impressionamos e inspiramos sempre que possível. Tentamos desesperadamente de muitas formas. É muito difícil, mas esforçamo-nos por fazer tudo o que podemos e, claro, temos uma preocupação especial por este país. Isso é natural, mas ao mesmo tempo vemos não apenas Inglaterra, mas todo o mundo, pois procuramos a verdadeira fraternidade entre as nações e os povos, para que possam viver juntos em paz e tranquilidade. Trabalhando para fazer a vontade de Deus enquanto ainda estão na Terra. Isso há de chegar eventualmente, embora possa parecer distante, mas estou certa de que chegará.
Quão privilegiados sois por conhecer este grande conhecimento, esta grande verdade. Na verdade, se não fosse por este grande conhecimento que possuís, eu própria, tenho a certeza, nunca poderia ter suportado aquela minha longa vida. Foi este maravilhoso conhecimento e a realização que tive que me ajudaram a passar por todos aqueles anos de dificuldade, provação e tribulação. Na verdade, é um grande consolo e uma grande bênção conhecer estas grandes verdades. Deus vos abençoe a todos.

Ted Butler

Gravação: 10 de Fevereiro de 1964

"*Devo ter andado à volta da minha casa durante semanas...*"
Edward "Ted" Butler fala com George Woods e Betty Greene sobre a sua morte após um acidente com um veículo na sua cidade natal de Leeds, Inglaterra.

Ele recorda-se de ver o seu próprio corpo e a sua mulher desesperada. Descreve ter ficado preso à Terra durante algum tempo, antes de receber ajuda para finalmente seguir para o

Mundo Espiritual. O Dr. Charles Marshall conclui esta comunicação sugerindo que as pessoas comuns e interessantes que comunicam tornam estas gravações valiosas. O investigador e médium Alfred Scarfe deixa uma última palavra nesta gravação, sobre os seus esforços para contactar a esposa do Dr. Marshall.
Presentes: Leslie Flint, George Woods, Betty Greene. Comunicadores: Edward Butler, Dr. Charles Marshall e Mickey.

Betty Greene: A seguinte gravação em Voz Direta é de Edward Butler. Foi morto num acidente na rua. Isto foi gravado no dia dez de Fevereiro de 1964, os assistentes foram o Sr. S.G. Woods e a Sra. B. Greene. Médium, Sr. Leslie Flint.

Woods: [Conseguimos ouvi-lo] muito bem.
Butler: Oh...
Greene: Sim.
Woods: Sim, muito claro...
Greene: Vá em frente...
Butler: Estou muito, uh, interessado em tudo isto.
Woods: Sim?
Butler: Não tenho bem a certeza, eu próprio, sabe, se estou a ser ouvido como deve ser... correctamente...
Greene: Sim, conseguimos ouvi-lo.
Woods: Oh, sim. Conseguimos ouvir muito bem.
Butler: É sempre um esforço, penso eu, fazer contacto assim, sabe. Já vim várias vezes no passado, mas devo dizer que ainda acho tudo muito confuso.
Woods: Bem, de qualquer forma...
Butler: O senhor é o Sr. Woods...
Woods: ...estamos muito contentes por ter conseguido vir até nós.
Butler: ...e a senhora é a Sra. Greene.
Greene: Podemos saber o seu nome?
Butler: Ouvi falar muito de vocês através de pessoas deste lado que têm voltado, sabe. E eu disse, 'bem, um dia espero ter a oportunidade de dizer umas palavras.'
Greene: Podemos saber o seu nome, amigo?
Butler: O meu nome é Edward. Ted.
Greene: Ted?
Butler: Ted.
Greene: E qual é o seu apelido?
Butler: Perdão?
Greene: Qual é o seu apelido?
Butler: Oh, o meu apelido?
Greene: Sim.
Butler: O meu nome é Edward Butler, Ted Butler.
Greene: Ted Butler...
Butler: Sim. Já estou aqui há bastantes anos, sabe. Vim para aqui, oh, em 1923, penso eu. Sim, deve ter sido em 1923. Sim, foi. 1923. Já foi há bastantes anos, não é?
Greene: Sim.
Butler: Sim. Eu não ligava muito a este tipo de coisa. Na verdade, não sabia nada disto. A minha velha, ela tinha uma inclinação para estas coisas, mas eu não ligava muito. Simplesmente... bem, descartava tudo como conversa de velhas, sabe.
Greene: Mmm.
Butler: Ela às vezes ia a reuniões. Às vezes contava-me umas coisas. 'Ah', dizia eu, 'um monte de disparates!' E aqui estou eu agora, a falar convosco daqui! Portanto, estou numa posição, pode-se dizer, de ter de aceitar o facto, queira ou não queira. Mas devo admitir que fico muito feliz

por poder. Estou muito feliz aqui. Não percebo agora, claro, porque é que as pessoas não percebem todas isto. E porque é que há qualquer prejuízo... preconceito acerca disto, não faço ideia. Porque é a coisa mais natural viver... viver depois do que chamam de morte, sabe?
Greene: Sr. Butler, pode contar-nos... pode contar-nos como passou para o outro lado e como se sentiu?
Butler: Oh, sim, fui morto num acidente.
Greene: Oh.
Butler: Estava a atravessar a rua principal. Era um sábado — lembro-me sempre. Tinha ido às compras e estava a atravessar a estrada e, antes que se dissesse 'Jack Robinson', algo me atingiu. Foi um camião que, penso eu, ficou fora de controlo ou algo assim, numa descida. Seja como for, prendeu-me contra a parede, uh, e apaguei logo! Lembro-me apenas de algo a vir na minha direção, e pronto.
Greene: Mmm...
Butler: Foi tudo tão de repente, sabe? Não tenho, assim... bem, suponho que é melhor não pensar muito nessas coisas, sabe? E eu...
Mas a velha, claro, na altura, ficou num estado lastimável. Casou-se de novo alguns anos depois. Não a culpo. Porque não havia de fazê-lo? Quer dizer, não havia grande sentido... ela não tinha bem... bem, devia ter uns 53 ou 54 anos, a May tinha. E...
Greene: Mas como é que se encontrou, na realidade?
Butler: Hã? Encontrei-me?
Greene: Sim. Que tipo de condições?
Butler: Bem, não sei. Só sei que vi um monte de gente toda parada, a olhar para baixo para alguma coisa... e eu espreitei com a multidão e vi alguém que era igualzinho a mim!
Pensei... bem, ao início não percebi que era eu. Pensei, 'bem, que coincidência. Aquele tipo é igual a mim, exatamente igual. Deve ser um irmão gémeo.' E era eu, claro. Não me caiu a ficha na altura.
E, uh, depois percebi que a minha mulher — que estava lá a chorar como uma desalmada, claro — não parecia perceber que eu estava ali ao lado dela. Estava a fazer um drama e um escarcéu, claro, o que é muito natural, suponho, naturalmente. Mas ela não parecia saber que eu estava ali. Pensei, 'bem, isto é uma situação esquisita, é o que é.'
E, uh, pronto, meteram o corpo na ambulância, sabe, e a mulher entrou. E havia lá uma enfermeira ou uma mulher — penso que devia ser enfermeira — e eu, naturalmente, entrei com a mulher e sentei-me naquela ambulância... e ela não parecia perceber que eu estava lá sentado. E, pouco a pouco, caiu-me a ficha que aquele era eu deitado ali e eu estava ali sentado, bem disposto, por assim dizer, mas a mulher não parecia aperceber-se de que eu estava ali. Fui para o hospital e... oh! Depois, claro, meteram-me numa morgue e eu não gostei nada disso. Não me agradava nada aquilo, por isso saí dali num instante e fui para casa. E a mulher estava com a Sra. Kitchen da porta ao lado, a tentar consolá-la, sabe?
Greene: Mmm...
Butler: Ai, foi um tempo difícil. Acho que foi a pior altura de todas, a primeira semana, suponho eu. Depois houve o funeral e tudo isso. Claro, fui lá também e pensei para comigo na altura, 'bem, não sei. É tanto alarido e despesa para nada'.
Porque lá estava eu. Ia no coche, num coche puxado a cavalos que a mulher arranjou, porque ela sabia do meu amor pelos cavalos. Já havia carros, mas ela quis isto puxado a cavalos, suponho. E pensei, 'é tudo muito tocante', mas ao mesmo tempo tudo me parecia tão parvo, porque lá estava eu.

Ninguém me ligava nenhuma. O velho pároco — eu já o conhecia, não que alguma vez tivesse tido grande coisa a ver com ele. Nunca fui à igreja dele nem nada disso, mas quando baptizámos o nosso primeiro miúdo fomos lá. Casámo-nos anos antes, noutra freguesia, mas enfim...
Pois bem, ele estava lá, a debitar aquelas palavras todas, sabe, e eu pensava: 'Bem, não sei. Se

alguém devia saber, era ele.' Então fui ficar ao pé dele, a dar-lhe umas cotoveladas de leve de lado. Ele não fez caso nenhum. Limitou-se a continuar com o ritual, sabe? E depois, lá, disse umas palavras à minha mulher e a um ou dois amigos e vizinhos, e foi-se. Levantou as saias do hábito e lá foi ele. Pouco lhe importava. Deve ter recebido o dele, claro.
Depois estavam os coveiros. Conhecia um deles, o velho Tom Corbett. Era um caso, era. Quantas vezes não se bebia uma pint com ele, a dar umas gargalhadas. Ele, com o outro, encheu a cova com a velha urna lá dentro. Pfff! Pensei: 'Bem, que bela coisa. Eu não fico aqui com esta gente.' Então saí dali. Não sabia bem o que fazer… fiquei num estado, assim… Suponho que devo ter andado por casa semanas a fio…

Greene: Mmm. Continue.
Butler: De vez em quando andava nos velhos eléctricos e… primeiro estava, assim, todo baralhado. Ainda me ria às vezes. Pensava: 'Se a câmara soubesse que eu estou aqui sentado sem pagar bilhete, diziam alguma coisa!' Mas depois comecei a perceber que toda a gente sentada naquele eléctrico, por exemplo, também não estava a pagar bilhete. Alguns… alguns safaram-se assim durante anos, de uma maneira ou de outra.
Depois, claro, houve um ou dois que encontrei; lembro-me de uma das primeiras conversas mesmo a sério que tive, foi com uma mulher sentada ao meu lado num eléctrico. E, uh, achei que parecia muito simpática, assim, e começou uma conversa.
Ela… lembro-me de ela me dizer: 'O que fazes aqui?' Pensei: 'Que bela maneira de começar uma conversa.' Eu disse: 'O que quer dizer com isso de o que faço aqui? Posso estar aqui como em qualquer outro sítio, se me apetecer.' 'Sim,' diz ela, 'eu sei, suponho. Mas devias era estar a fazer alguma coisa, não só a andar para cima e para baixo nos eléctricos e autocarros e a chatear a tua mulher. Assim não fazes nada.' Então eu digo: 'Bem', disse eu, 'isso é tudo muito bonito para ti', disse eu, 'mas para onde é que tu vais então?' E percebi logo ali que ela também estava morta, sabe?
Pensei: 'Bem, o que é que ela faz aqui na mesma vida que eu? Se está morta, está morta, o que é que…' Eu disse… 'Bem', disse ela, 'na verdade', diz ela, 'tenho andado para cima e para baixo nos eléctricos e autocarros contigo há já algum tempo. Provavelmente nunca reparaste em mim até agora', diz ela. 'Mas tenho estado aqui, à espera de uma oportunidade para tentar dar-te uma ajuda.'
E eu disse: 'Bem, o que é que podes fazer?'
Então ela disse: 'Bem, não achas que já é tempo de te ires embora e deixares estas condições? São só os teus pensamentos que te prendem. Devias querer mais do que isto, de certeza; andar a vaguear pela Terra? Ninguém te liga nenhuma. Qual é o sentido?'
Então eu disse: 'Bem, isso faz sentido. É verdade, ninguém me liga nenhuma. Mas acho que é… é… é melhor do que, melhor do que… assim… bem, não fazer nada. De qualquer maneira,' disse eu, 'não conheço outra coisa.'
Então ela disse: 'Bem, isso é culpa tua. É o teu estado de espírito que te mantém aqui. Se libertasses os teus pensamentos,' disse ela, 'e pensasses em coisas de ordem mais elevada, saías disto tudo.' Ela disse: 'Claro, eu percebo que em parte se deve à forma como partiste, tão repentina, e às vibrações de pensamento (como ela lhes chamou) da tua mulher e da tua mãe e de mais uma ou duas pessoas, isso prende-te cá em baixo,' disse ela, 'mas devias afastar-te disto.' Diz ela: 'Vem comigo.'
Então eu digo: 'Bem, para onde vamos?' E ela diz: 'Oh, eu levo-te. Não te preocupes.' Eu digo: 'Bem, saímos na próxima paragem?' Ela diz: ''O que queres dizer com isso de sair na próxima paragem? Não é preciso esperar pela próxima paragem. Podemos sair quando quisermos — assim que decidires que queres sair disto tudo.' Então eu disse: 'Bem, não percebo isso.'
Então ela diz: 'Já devias saber,' diz ela, 'que embora possas entrar num autocarro, por exemplo, sentar-te no autocarro, sair na paragem e entrar no local de embarque e tudo isso, não precisas de ser assim. Não tens de fazer o que toda a gente faz. Estás só a fazer as coisas por hábito.' Diz ela: 'Tens de largar alguns desses hábitos e perceber agora que essas coisas não têm

importância e podes, só pelo pensamento, podes transportar… transmitir-te… transferir-te', é isso, 'transferir-te desta condição, assim.'
Então eu disse: 'Bem, não sei.' Ela diz: 'Olha,' diz ela, 'aqui tens a minha mão. Dá-me a tua mão, fecha os olhos e tenta não pensar em nada em especial. Limpa a cabeça. Mas não penses em nada material, pelo menos.' Então fiz como ela me disse. Custou-me um bocado. Não sei quanto tempo é que ficámos naquele autocarro até sairmos, mas enfim… isso agora não interessa, pois não? Seja como for, a próxima coisa que soube foi como se tivesse perdido a consciência ou assim.
Quando dei por mim, estava sentado numa poltrona muito confortável em frente a esta senhora, numa salinha muito acolhedora. Era uma sala bonita, sabe? Muito bonita, muito agradável. Cortinados de chita nas janelas. Um tapete bonito junto à lareira e, uh, embora houvesse uma sensação maravilhosa de leveza e calor, parecia que o sol entrava pelas janelas. Tudo parecia impecável. A mesa estava bem posta. Ah, estava lá tudo o que se podia querer. Era como se eu tivesse ido a casa de alguém tomar um chá, sabe? Pensei: 'Bem, não sei. Onde estou agora?' O sítio não me era familiar, embora fosse muito agradável. Então ela disse: 'Ah, trouxe-te para aqui.' Diz ela: 'Vais perceber agora,' diz ela, 'estás na minha casinha.' Eu disse: 'Ah, isso é muito amável da tua parte. Não sei o que a minha mulher pensaria de eu estar sentado na casa de uma mulher estranha!'
Ela riu-se. Disse: 'Não penses assim agora.' Disse: 'Isso já ficou para trás.' Diz ela: 'Agora vamos ter uma boa conversa e uma chávena de chá e eu explico-te tudo,' percebes? Então eu disse: 'Bem, isso é muito simpático da tua parte, querida.' Ela disse: 'Ah, a propósito,' diz ela, 'queria que soubesses,' diz ela, 'que já estou aqui há, oh, muitos anos. Vim para aqui mesmo no virar do século.' Eu disse: 'Ah, sim?' Ela disse: 'Sim.' Diz ela: 'Tive um ataque,' diz ela, 'e caí ao lado da mesa da cozinha. Lembro-me bem de como foi. E devo ter caído na inconsciência,' diz ela. 'Mas a minha querida mãe veio buscar-me.'
'De qualquer forma,' diz ela, 'estou muito feliz aqui e vivo com a minha mãe.' Eu disse: 'Ah, sim?' Eu disse: 'Então onde está a tua mãe agora?' 'Ah,' diz ela, 'ela saiu.' 'Ah, sim?' disse eu. 'Então como? Vai trabalhar?' Ela riu-se. Diz: 'Bem, sim, suponho que se possa chamar trabalho, mas não trabalho como dantes. A minha mãe era uma mulher muito trabalhadora quando estava na Terra, sabes? Lavava roupa para fora, estava sempre a fazer qualquer coisa. Mas agora está muito ocupada. Vai a um lugar onde toma conta das crianças, porque sempre gostou muito de crianças. E essas crianças são meninos que morreram bebés ou muito novos, sabes, e ela ajuda a criá-los e a tomar conta deles. Ela adora esse trabalho. Logo volta.'
'Então,' diz ela, 'vamos tomar uma chávena de chá.' Pensei: 'Bem, isto é agradável.' Pensei: 'Isto é engraçado, será que vou sentir o sabor?' Porque quando eu costumava ir a casa da minha mulher ou assim e eles tomavam chá, eu pensava: 'Ah, gostava de uma chávena de chá.' Mas claro, não podia pegar nas chávenas, percebes?
Greene: Mmm…
Butler: Sabes, suponho que não o teria provado. Mas ela disse: 'Ah, aqui vais sentir.' Disse: 'Aqui, porque estás numa atmosfera completamente diferente,' disse ela, 'estás agora nas tuas condições naturais, por isso tudo à tua volta vai ser real e natural. Agora,' diz ela, 'estende a mão,' diz ela, 'vais sentir as coisas como reais, não como quando voltavas para a tua mulher e outros sítios, as coisas não pareciam ter realidade nenhuma.'
Diz ela: 'Aqui vais sentir.' Diz: 'Bebe esta chávena de chá, querido, e vais saboreá-la. Vai saber exatamente como o chá que tinhas na Terra.' Então provei e era mesmo. E ela diz: 'Então, não é bom?' Eu disse: 'Sim, é muito bom,' disse eu, 'mas quem diria?' Não consegui evitar rir. Disse: 'Bem, quem pensaria que as pessoas na Terra iam imaginar-nos sentados aqui em cima a tomar chá. Pensariam que éramos malucos,' sabes? E ela disse: 'Pois, claro, é esse o ponto.' Diz: 'As pessoas simplesmente não entendem.'
Diz: 'Aqui,' diz ela, 'consoante fores, digamos, evoluindo,' como ela disse. Diz: 'e conforme fores progredindo,' diz ela, 'vais encontrando coisas à tua medida. Se, quando chegas, sentes que é preciso ter isto ou aquilo, isso é-te proporcionado. Mas é só uma coisa temporária, até te

habituares à ideia de que não precisas dessas coisas,' diz ela.
'Agora,' disse ela, 'eu normalmente,' diz ela, 'agora,' diz ela, 'já não tomo chá nem nada disso.' Diz: 'Mas como és meu convidado em minha casa e estás a habituar-te gradualmente às coisas, pensei que ajudaria, tornar tudo o mais natural possível.' Disse: 'Mas é só para teu benefício.' Eu disse: 'Bem, isso é muito simpático da tua parte. Não devias ter-te dado a esse trabalho.' 'Ah, não,' disse ela, 'não é trabalho nenhum. Faz parte do meu trabalho.'
Eu disse: 'TRABALHO?!' Então ela disse: 'Ah, sim,' diz ela. 'Faço disto um hábito,' diz ela, 'de ir até à Terra e, se puder ajudar alguém que esteja como tu estavas, preso à Terra...' Eu disse: 'O que disseste?' 'Preso à Terra,' diz ela. Eu disse: 'Preso à Terra?' Ela diz: 'Sim, era o que tu eras, pobre querido.' Diz: 'Estavas preso à Terra por causa do teu estado de espírito e dos teus pensamentos. Não conseguias libertar-te. E isso faz parte do meu trabalho; ajudar as pessoas a libertarem-se das coisas materiais.'
'Por isso,' diz ela, 'pude fazê-lo.' Diz: 'Andei para cima e para baixo naquele... naquele autocarro,' diz ela, 'e naquele eléctrico,' diz ela, 'muitas vezes com pessoas. Porque eu costumava viver naquela cidade há muitos anos.' Então eu disse: 'Ah, vivias?' Ela disse: 'Sim,' diz ela, 'habituei-me a voltar nos primeiros tempos, nos primeiros anos,' disse ela, 'de volta à cidade,' diz ela. 'E claro, havia muitas pessoas que eu conhecia lá e achei que seria uma coisa maravilhosa se eu pudesse ajudar essas pessoas — especialmente aquelas que realmente precisavam de ajuda — desse lugar, percebes? Por isso, estou a fazer a minha parte.' Diz ela: 'Milhares e milhares de pessoas fazem isso, sabes, e eu sou só uma delas.'

Greene: Mmm. Muito interessante.
Butler: Pois. Ah, bem, claro, eu... o engraçado é que eu na verdade não era natural daquela terra. Fui para lá, suponho eu, ah, devia ter uns dezanove anos, para trabalhar numa fábrica.
Greene: Onde é isso?
Butler: Leeds, era disso que eu falava. Sim. Ah, foi há muitos anos já.
Woods: Como é aí do teu lado?
Butler: Hein?
Woods: Como é aí onde estás?
Butler: Ah, bem, depende do que se olha. Porque há tanta diversidade de sítios e de condições, por assim dizer, que eu podia descrever tantas condições diferentes e, suponho, outra pessoa descreveria outra coisa, que no fundo seria diferente. Mas no geral, suponho que se juntasses tudo — se fosse possível — podias dizer que tens todos os aspetos de paisagem e de condições de vida que associarias à Terra, só que num...
Eu não sei, suponho que é como teres toda a beleza do mundo — do vosso mundo — mas sem as irritações e os percalços e essas coisas. Há sítios lindíssimos: lagos, florestas, árvores, pássaros; flores e uma luz maravilhosa: não é uma luz agressiva. É uma luz suave e, ainda assim, bonita. Não é... no início perguntei-me se seria do sol, mas depois disseram-me que não tem nada a ver com o sol.
É uma iluminação que é de uma natureza... natural, mas qual a sua origem, nunca cheguei a descobrir. Pelos vistos, ah, é algo muito diferente da Terra, onde dependem do sol e da lua e das estrelas. Nós não dependemos disso. É um mundo tão distante, por assim dizer, da velha ideia das coisas, em certos aspetos.
E essas leis que nos regem aqui são tão naturais em si mesmas que não há injustiça. Há uma realização perfeita, por assim dizer, das coisas, que de certa forma nos vai mudando a todos, gradualmente. Mas vivemos num estado de harmonia tão bonito porque não há má vontade, nem maus pensamentos. Claro que há nos planos mais baixos, suponho. Como disse, tudo depende de quão longe foste e do que conquistaste.
Mas, claro, depois de algum tempo, quando me estabilizei, ainda voltei uma ou duas vezes para ver a minha mulher. Ela voltou a casar. Não a culpo por isso. Mas, ah, não sei, parecia que a velha Terra já não significava o mesmo para mim. Fui uma ou duas vezes a alguns sítios e encontrei... ou fui ver pessoas. Claro que ninguém percebia. Fui uma ou duas vezes ao centro

espírita onde a minha mulher costumava ir. Ela costumava falar-me de uma casinha, lá para The Cut*. Mas, ah, não liguei muito. Subi as escadas velhas daquela sala onde faziam as sessões. Uma ou duas pessoas que reconheci, mas… uma vez ainda consegui mandar uma mensagem, assim de qualquer maneira, mas ah, acho que não fui grande coisa nisso. É tudo muito interessante.
Sabem, vocês têm sorte, vocês os dois, porque já tiveram — pelo que ouvi — muita experiência. Claro, devem dar de caras com uns casos difíceis. Imagino que os mais difíceis são os religiosos, porque têm aquilo tudo tão fixo na cabeça que deve dar um trabalhão para mudar. Prefiro um homem de mente aberta, que não esteja carregado de ideias.
Claro que agora percebo muito mais. Muitas vezes penso; se ao menos eu tivesse percebido isto, não andava ali a vaguear, a andar de autocarro e eléctrico para cima e para baixo, a maçar-me como me maçava. Uma parvoíce, pode-se dizer — tudo porque eu era ignorante. Sabem, esse é o grande problema do mundo — a ignorância. Se ao menos as pessoas não fossem ignorantes desta verdade, sabem, da vida e do que acontece na morte, faria uma diferença enorme para um sem-fim de pessoas, em todos os sentidos.
Porque não só faria uma grande diferença para as pessoas que cá chegam, mas também uma grande diferença para quem fica para trás. Acho que assim todos veriam as coisas de outra forma e perceberiam melhor e isso mudava-os. Tornava-os pessoas diferentes, novas… deitava abaixo todas essas barreiras parvas que as pessoas têm sobre cor, religião e… e classe e essa parvoíce toda.
Ah, eu… não sei, tinha ouvido falar da Utopia, como lhe chamam na Terra. Bem, suponho que se existe tal coisa como a Utopia, é isto, porque acredita que é mesmo um mundo onde há vida plena em todos os sentidos. Não há… não há sentimento de má vontade de espécie alguma. Todos nos damos bem e estamos todos em harmonia e há uma grande paz e oportunidade para fazeres tudo o que quiseres, todos os interesses que tiveres. É uma coisa maravilhosa, sabes, maravilhosa! Quem me dera poder convencer toda a gente disto, faria uma diferença enorme a todos, acredita que faria.
Acho que vocês os dois são maravilhosos. A maneira como andam por aí e tentam trabalhar e ajudar as pessoas e mostrar-lhes a verdade. Acho que vocês os dois merecem toda a consideração, a sério que acho. Soube de vocês por um amigo meu, na verdade, que faz trabalho de resgate. Ele disse 'devias ir e tentar contactar esse Sr. Woods e a Sra. Greene, porque eles fazem mesmo um bom trabalho.'
Não como alguns desses outros… bem, não digo nada. Não me cabe a mim condenar, pois não? Mas vocês fazem um trabalho maravilhoso. Deus… Deus vos abençoe aos dois. Bem, não consigo manter-me… não sou grande coisa nisto. Já cá vim duas ou três vezes…
Woods: É muito simpático da tua parte…
Greene: …Muito simpático.
Butler: …mas devo dizer que é a primeira vez que tive mesmo uma conversa a sério. Bem, Deus vos abençoe aos dois…
Woods: Obrigado por teres vindo…
Butler: …e continuem o bom trabalho e não desanimem. Não podem agradar a toda a gente. Hão-de levar umas pedradas, sabem! Ah! São um bom casal. Adeusinho.
Greene: Muito, muito obrigado, Sr. Butler.
Woods: Muito obrigado por ter vindo até nós. Obrigado.
Dr. Marshall: Deixámos que ele viesse porque achámos que seria uma ilustração de um tipo que interessaria e agradaria a muitos. Era apenas um homem comum, banal, por assim dizer, quando estava do vosso lado, mas cuja reação à vida aqui é notável. Claro que ele evoluiu, especialmente desde o tempo de que falou, quando cá chegou.
É verdade que há muitas pessoas que se agarram à Terra e continuam, por vezes durante muito tempo, a fazer praticamente o mesmo que faziam quando estavam na Terra; a viajar em autocarros e comboios; a ir a teatros e cinemas; a visitar casas, pessoas que conheciam; toda a espécie de coisas mundanas que os retêm, porque é a única coisa que conseguem entender ou

valorizar — apesar de serem completamente ignorados.
Percebem, até que a mentalidade de uma pessoa mude, e a sua perspetiva, é muito difícil libertá-la sempre das coisas materiais. Claro que muitas pessoas, ah, deixam a Terra logo ao morrer. Mas há pessoas que, por várias razões, ficam retidas por pensamentos materiais, por condições e todo o tipo de coisas. Por isso, se esta verdade fosse entendida e aceite, podia poupar muita infelicidade e muitas pessoas poderiam ver, logo cedo depois de partirem, a verdade e a realização da vida.
Isso significaria menos trabalho para muitos de nós aqui que vimos ajudar e trazê-los para longe das condições terrenas. De facto, poderia dizer-se que toda a tragédia é que, em vida, muito poucas pessoas no vosso mundo sabem das realidades do espírito. Sabem tão pouco da própria vida. Estão tão preocupadas em existir materialmente que não sabem nada ou quase nada das coisas de verdadeira importância. Não sabem nada das coisas do espírito; a vida verdadeira, que é a vida de continuidade; a vida que nunca acaba. Em vez de construírem para o que é permanente, tantos constroem para o que é material — que tem o seu momento e desaparece.
Gostava apenas que fosse possível que tantas outras almas que temos em mente viessem falar convosco e, sem dúvida, algumas virão. Queremos trazer-vos um grupo variado de entidades, de pessoas, para que tenham uma boa amostra transversal da humanidade e das suas reações à vida aqui. Porque sabemos que fazem pleno uso das vossas gravações e isso dá-nos grande alegria.

É uma grande alegria para nós vir ter convosco porque sentimos que estamos a conseguir algo. Sentimos que não estamos, por assim dizer, a perder o nosso tempo, como tantas vezes fizemos e ainda fazemos com outros. Eu sei que é importante dar a prova pessoal, a evidência e o consolo ao indivíduo, mas tantas pessoas, uma vez que recebem isso, não fazem mais nada. Não fazem nada para promover a verdade e ajudar outros. Vocês estão a fazer um verdadeiro trabalho e é um grande prazer e uma grande alegria vir até vós. Foi muito bom esta manhã, em particular, porque sinto que, ah, ao deixarmos o nosso amigo passar, provavelmente apresentámos uma personagem interessante, uma experiência interessante para muitos e sei que farão pleno uso disso.
Woods: Faremos pleno uso disso. Posso garantir-lhe isso.
Dr. Marshall: A minha bênção para ambos.
Greene: Dr. Marshall, pode esperar um minuto?
Dr. Marshall: Espero, sim.
Greene: Pode dar-me alguma ideia de quem posso contactar com a sua informação sobre a cura do cancro — porque estou tão ansiosa por ajudar a sua esposa nisto também, percebe?
Dr. Marshall: Agradeço a sua... muita gentileza...
Greene: Pode dar-me alguma ideia de quem poderia estar interessado?
Dr. Marshall: Não creio que possa. Pela simples razão de que não penso que alguém vá interessar-se que possa realmente ajudar. Não se interessaram durante a minha vida terrena, não quiseram ouvir e não mostraram qualquer interesse. Acho que é ainda menos provável agora. Sei que todos estão muito ansiosos por ajudar neste sentido, mas só podemos esperar e rezar.

Estamos a tentar ajudar de todas as formas possíveis, mas... receio não poder dar-lhe nomes de quem procurar. Acho que seria um esforço infrutífero da sua parte, mas aprecio muito a sua bondade e a intenção.

Obrigado, minha querida, tenho de ir. Adeus.
Greene: Adeus Dr. Marshall.
Woods: Obrigado Dr. Marshall.
Mickey: Adeus.

Alfred Scarfe: O segundo orador que ouviram do mundo espiritual foi um guia do círculo, o Dr. Marshall. O Dr. Marshall, quando estava na Terra, vivia em Southend-on-Sea e passou para o mundo espiritual, não sei ao certo quando, mas não há assim tanto tempo. Escrevi à Sra. Marshall sobre a cura do cancro, a perguntar se poderia ajudá-la a colocar essa informação valiosa no sítio certo. Mas isto [foi] para a Escócia, disse-me ela, e quando voltasse para ela, se não tivessem feito nada com isso, então eu teria a oportunidade de ver o que poderia fazer.

Mas a Sra. Marshall também faleceu cerca de quinze dias ou três semanas depois disso. Assim, esta cura para o cancro, que já era conhecida quando o Dr. Marshall estava na Terra, não foi posta em prática como uma cura útil para quem sofre de cancro.

FIM DA GRAVAÇÃO

- Jack Robinson = da expressão *'before you could say Jack Robinson'*.

Uma forma de dizer que algo aconteceu muito depressa, "antes que se pudesse dizer Jack Robinson".

- Cotton on = aperceber-se, dar-se conta.

- How-d'ya-do = uma situação inesperada ou confusa, um "sururu", um "reboliço".

- A rum do = uma situação estranha ou complicada, um "caso esquisito".

- Down The Cut = junto ao canal Leeds e Liverpool (gíria local para o canal).

- Hum-drum = comum, rotineiro, banal.

- Dr Charles Marshall faleceu em Maio de 1940.

- Mrs Marshall, esposa do Dr Charles Marshall, faleceu em Outubro de 1966.

Oscar Wilde
Segunda-feira, 20 de Agosto de 1962

"*Oh, eu simplesmente morri como toda a gente...*"

Na sua primeira tentativa de comunicação por voz direta, Oscar Wilde fala com Betty Greene e George Woods sobre a sua vida, a sua morte e o seu contínuo interesse pela escrita.

No seu estilo típico, Wilde brinca e faz trocadilhos nesta gravação única, mas deixa-nos a promessa de que regressará...

"*O meu primeiro arrependimento foi não ter ficado mais tempo do vosso lado.*"

Presentes: Leslie Flint, George Woods, Betty Greene.
Comunicadores: Oscar Wilde, Mickey.

Wilde: É um prazer estar aqui.

Woods: Bem, fico tão contente.

Wilde: Não tenho bem a certeza se me conseguem ouvir.

Woods: Ouvimo-lo muito bem.

Greene: Muito bem, obrigada.
[Silêncio]

Greene: Vá lá, amigo, está a sair-se muito bem.

Woods: Sim... bastante claro. Conseguimos ouvi-lo.

Wilde: Já que não estou precisamente a fazer nada neste momento, não vejo como podem considerar que estou a sair-me extremamente bem.

Greene/Woods: [Riso]

Flint: [Riso altos]

Greene: Pensei que talvez estivesse a dizer algo e não o tivéssemos ouvido? [Riso]

Woods: Sim.

Wilde: Nunca fui conhecido por não dizer nada.

Greene: Por favor, podemos saber o seu nome? Tem um som tão...

Wilde: [Se] não pudesse dizer algo de valor, então preferia não dizer nada.

Greene: Quem está a falar, por favor?

Wilde: Isto é tudo tão extraordinário.

Woods: Sim, amigo?

Wilde: Depois, estar morto é um assunto extraordinário! Especialmente quando se está a falar com pessoas na Terra que supostamente estão vivas mas que são tão apagadas e baças; e, consequentemente, mortas. Que coisa extraordinária é esta.

Woods: Sim.

Wilde: Parece que tem havido grande interesse... na minha obra ultimamente.

Woods: Não percebi bem o que disse...

Greene: ...grande interesse na obra dele.

Woods: Ah, percebo. Sim, sim.
[Silêncio]

Woods: Está bastante claro.

Greene: Mmm. Gostava que dissesse o nome.

Woods: [Ininteligível]

Wilde: Muitas pessoas deste lado tentam invariavelmente dizer imenso e, consequentemente, dizem muito pouco. Pela simples razão de termos de utilizar este método extraordinário de comunicação. Porque não conseguem inventar algo mais agradável, mais apropriado e mais eficaz do que isto, não consigo imaginar.

Woods: Sim...

Wilde: Suponho que se deve estar grato aos médiuns. É uma pena que os médiuns tenham de ser seres humanos, porque são tão difíceis, tão complexos. Olhe para este médium, por exemplo; se pudessem ver este médium como eu o vejo deste lado da vida, perceberiam com o que temos de lidar.

Woods: Sim.

Flint: Huh!

Woods: Sim, bem, conseguimos ouvi-lo muito bem, amigo.

Greene: Amigo, podemos saber o seu nome?

Wilde: Porquê essa preocupação com o meu nome? Certamente, o que digo é muito mais importante do que o meu nome, não é?

Greene: Sim, mas ficaria surpreendido...

Wilde: O meu nome meteu-me em imensos sarilhos quando estava do vosso lado.

Greene: Bem, não faz mal.

Woods: A questão é... é, hum... quando tocamos esta gravação a outras pessoas, percebe, perguntam quem é e nós... às vezes não podemos dizer, percebe?

Wilde: Podem dizer-lhes que é o Coronel Bogey.*

Flint: [Riso]

Woods: [Riso] Não acho que isso caísse muito bem... não sei. Mas, hum, de qualquer forma, amigo, estamos muito felizes por tê-lo connosco.

Wilde: E estou certo de que estão muito mais felizes por me terem convosco do que eu por vir.

Woods: Oh?

Wilde: Ou talvez fosse mais correto dizer que estou bastante feliz por vir; mas certamente gostaria que fosse muito mais agradável tentar conversar — passar-vos os meus pensamentos — através deste método de comunicação em particular, que pode ou não ser bem-sucedido, conforme o ponto de vista.

Mas, do meu ponto de vista, é um assunto extremamente irritante. Aqui estou eu a tentar falar convosco de forma inteligente e deparo-me com esta coisa oscilante que tenho de usar, que torna isso praticamente impossível.

Quando se escreve, embora se tenha o meio da caneta, nada te impede de colocar claramente no papel os teus pensamentos. Mas quando tens de usar outro ser humano para demonstrar aquilo que sentes intensamente dentro de ti, acho extremamente irritante. Porque como pode outra pessoa ser responsável por aquilo que quero transmitir-vos com clareza e inteligência? Nenhum indivíduo pode alguma vez ser um instrumento, no verdadeiro sentido.

Lembro-me, lá atrás — há séculos, assim me parece agora, se não a vocês, a mim — que eu tentava fazer com que as pessoas interpretassem personagens que eu tinha criado e dissessem falas que eu lhes tinha escrito. Muitas vezes soava-me tão estranho… como se não fossem as minhas palavras, e no entanto eram. Mas as pessoas raramente pareciam ter a entoação certa, raramente conseguiam dar o peso à palavra certa para transmitir o sentido por trás da frase, para lhe dar autoridade, tom e cor.

Invariavelmente, as pessoas eram, com o devido respeito, médiuns muito fracos. O mesmo se aplica aqui, ao usar um médium para comunicar convosco deste lado da vida. É como usar um ator do vosso lado para tentar usar essa pessoa para nos representar, para transmitir, por assim dizer, a nós próprios — ou aquilo que escrevemos, no caso das minhas peças. Tudo muito confuso.

Greene: Oh, "as minhas peças"…?

Wilde: Oh, mais vale saberem. O meu nome é Wilde.

Greene: Oscar Wilde?

Woods: Oh, li os seus livros.

Greene: Oh, que maravilha.

Woods: Sim. Estou tão contente…

Wilde: Que sortudos vocês são.

Greene: Perdão?

Woods: Sim.

Wilde: Digo-vos, que sortudos são por terem lido os meus livros.

Woods: Sim, li.

Greene: Meu Deus!

Woods: Sim. Oh céus. Sim, tenho alguns dos seus livros… tive pelo menos. Muitos dos seus livros.

Greene: Que simpático da sua parte vir falar connosco.

Wilde: Suponho que devia sentir-me lisonjeado por saber que leram os meus livros e que até têm um ou dois. O que significa, ou sugere, que os compraram, o que é muito agradável de saber. Mas não estou a receber royalties nenhuns disso, claro. Sem dúvida que pertencem a uma biblioteca muito boa.

Flint: [Riso]

Greene: Sr. Wilde, pode contar-nos um pouco da sua vida do outro lado, se faz favor — o que está a fazer agora?

Wilde: Bem, devo confessar, é um alívio pedirem-me para falar da minha vida aqui, em vez da minha vida na Terra. Porque, de qualquer forma, a minha vida na Terra é bem conhecida entre os mexeriqueiros.

Greene/Flint: [Ambos a rir]

Woods: Muito interessante…

Wilde: Se eu vos dissesse que a minha vida aqui não é nada… nada diferente da minha vida na Terra, ficariam provavelmente horrorizados. Mas acontece que é perfeitamente verdade e não tenho nenhum arrependimento quanto a isso. Estou perfeitamente feliz, perfeitamente satisfeito e vivo uma vida de delicioso pecado!

Flint: [Riso]

Greene: [Ininteligível]

Wilde: Mas só como o mundo vê o pecado. Porque como o mundo vê o pecado, já não é pecado aqui ser-se humano e ser-se natural. Mas na Terra, ser natural é ser pecaminoso. Mas aqui pode-se ser "pecador" porque é natural. Mas o mundo tem ideias estranhas do pecado. Eu vivo uma existência natural… natural aqui e sou perfeitamente feliz.

Woods: Sim.

Wilde: Tenho as minhas amizades e tenho os meus amigos, porque não se pode ter amizades sem amigos, obviamente. Que casal extraordinário vocês são…

Greene: Porquê?

Wilde: Bem, já ouvi falar de vocês; de como se esforçam para chegar às pessoas do vosso lado, para as iluminar e elevar. Mas acham que vão sentir-se mais felizes por isso? Tendo visto tantas pessoas, acho que são muito mais felizes nas suas misérias e na sua escuridão do que jamais seriam na luz.

Mostrem iluminação a uma pessoa e ela começa a gritar como louca e foge a correr para escapar da luz.

Woods: [Riso]

Greene: Bem, eu não diria isso em todos os casos, Sr. Wilde.

Wilde: Eu sei! Estou a ser faceto.

Greene: [Riso]

Wilde: Mas claro que percebo que há muitas pessoas no vosso mundo que poderiam ser ajudadas por esta verdade. Porque é verdade. Mas, ao mesmo tempo, há muitas para quem até poderia ser uma coisa má. Vejam como alguns são felizes com os seus santos. Que pena tirá-los dos seus santos. Ficariam perdidos. Seriam como crianças no deserto.

Greene: Quer dizer que são dignos de pena?

Wilde: Oh, eu não diria isso. Dá-lhes grande felicidade. Para quê tirar a uma criança aquilo que a diverte e a mantém quieta? Afinal, querem a criança aos gritos porque perdeu o brinquedo?

Woods: Sim, eu…

Wilde: Diz-se que o conhecimento vem com a vida adulta. É por isso que tantos adultos são como crianças. Na verdade, não cresceram nada, pois não? Que par extraordinário vocês são…

Greene: [Riso]

Woods: [Riso] Bem, concordo consigo, na verdade. Vejo mesmo as pessoas como crianças, na forma como entendem o conhecimento e como o expressam.

Wilde: Tantos daqueles do vosso lado que professam, supostamente, conhecer este saber, conhecer esta verdade, saber sobre comunicação, saber sobre a vida depois da morte — tantos deles parecem-me mais uns crescidos que não passam de crianças grandes. Não beneficiaram nada com esse saber.

Greene: [Suspiro]

Wilde: Na verdade, parece-me que alguns estariam melhor sem ele.

Woods: Sim. É verdade, há aí um ponto: alguns estariam mesmo melhor sem ele, pela forma como o usam.

Wilde: Sabem, não devem abordar este tema como se fossem uns missionários a ir para a África mais profunda. Ainda acabam dentro da panela de cozido, sabem.

Woods: [Riso]

Flint: [Riso altos]

Greene: Acho que já acabámos em mais de uma panela, na verdade…

Wilde: Tenho a certeza que sim. E tenho a certeza de que as pessoas que mexeram a vossa panela foram os espiritualistas.

Greene: Sim.

Flint: [Riso]

Woods: Sim. Exato.

Greene: Sim.

Wilde: Estariam muito mais seguros entre a vida selvagem.

Woods: Sim, concordo consigo.

Wilde: Esses espiritualistas… sabem, já fui a muitas dessas chamadas reuniões e sessões espíritas deles. Sabem, se não fosse um bocado triste, seria altamente divertido. Já fui a algumas dessas sessões, dessas reuniões, e, na verdade, é tão… tão patético.

Já vi queridas velhinhas em Bayswater, de pé, a discursar — ou pelo menos assim achavam — convencidas, sem dúvida, de que estavam a ser controladas por alguma grande entidade ou alma deste lado. A imaginação delas solta-se toda em Bayswater!

Greene: Mmm.

Woods: Sim. Concordo consigo, de facto.

Wilde: Tanto mal é causado por essas criaturas tão estranhas. Porque é que as mulheres de sessenta anos viram-se para este tipo de coisa e se tornam personagens tão extraordinárias por consequência? Teriam sido muito mais felizes a empurrar um carrinho de bebé pela Bayswater Road!

Flint: [Riso altos]

Woods: [Riso]

Greene: Talvez seja por isso mesmo, porque nunca tiveram um carrinho para empurrar.

Wilde: É possível.

Woods: Sim.

Wilde: Ainda que certamente não tenham dado à luz filhos, mas deram à luz umas criações bem estranhas que dizem vir do nosso lado da vida.

Woods: Sim.

Flint: [Riso]

Woods: O que está a fazer desse lado da vida agora, hum…?

Wilde: Porque é que hei de dizer-vos o que estou a fazer?

Greene: Bem, estamos muito, muito interessados. Gostaríamos… seria interessante.

Wilde: Na verdade… falando a sério… continuo a escrever.

Woods: Oh, que bom.

Greene: Oh, que bom.

Wilde: E continuo a ter as minhas peças representadas. E sou muitas vezes chamado a ir aos planos inferiores — para ajudar. Estranho, sem dúvida, podem achar, que eu deva ser chamado aos planos inferiores para ajudar…

Greene: Não, não.

Woods: Oh não. Nada estranho para mim.

Wilde: Talvez até interpretem, muito bem, que provavelmente sou mais adequado para ajudar pessoas nos planos inferiores, porque não progredi muito eu próprio — mas, na verdade, estou muito em sintonia com toda a gente. A minha mente, espero eu, dá-me a entrada, mesmo que a minha reputação não dê.

Woods: Oh, não sei. Os seus livros eram…

Greene: [Ininteligível]

Wilde: A minha reputação não me preocupa.

Greene: Ótimo.

Wilde: Mas parece preocupar imensa gente do vosso lado.

Woods: Os seus livros são muito valiosos em termos de conhecimento.

Greene: [Ininteligível]

Wilde: Pelos vistos, fez-se mais dinheiro com a minha reputação desde a minha morte do que eu alguma vez consegui ganhar com as minhas peças; o que prova que o pecado é um grande sucesso!

Greene: [Riso]

Flint: [Riso]

Greene: Disse, Sr. Wilde, que sempre teve uma mente muito aberta, não foi?

Wilde: A minha mente sempre foi muito aberta.

Woods: Estava acima da média, vê?

Wilde: A minha mente sempre foi muito aberta e, como diz, acima da média. Podem dizer-me qual é a média e quão aberta deve ser uma mente? Eu estava sempre pronto a receber inspiração. Na verdade, posso dizer que os meus… os meus trabalhos de sucesso deveram-se ao facto de ter uma mente aberta e, consequentemente, muito foi derramado através dela, de

inspiração, que foi um grande sucesso — e tenho a certeza de que, se não fosse por ser "mente aberta", talvez não tivéssemos algumas das obras de sucesso que consegui realizar.

Greene: Mmm.

Wilde: Mas claro que isto é uma questão que muitos discutem. O veneno de rato de uns é o manjar de outros.

Greene: Oh não, eu acho… acho que todo o escritor é inspirado de algum lado, até certo ponto.

Wilde: Oh, não devemos tirar a nossa própria personalidade e originalidade, minha cara, por favor.

Greene: Oh não, não…

Wilde: Mas, hum, estou perfeitamente disposto a admitir que fui inspirado. Sempre fui uma figura inspiradora.

Greene: [Riso]

Wilde: Na verdade, agora tornei-me quase imponente — possivelmente porque estou morto!

Greene: [Riso]

Flint: [Tosse]

Greene: Sr. Wilde, hum…

Wilde: Quer que deixe a ironia de lado e seja sério?

Greene: Não, não… é tão tipicamente seu.

Wilde: Mas ser sério é, muitas vezes, ser aborrecido.

Greene: É tão tipicamente seu — não deixe de ser assim.

Wilde: Tantas pessoas, quando estavam na Terra, eram tão sérias que não podiam deixar de ser absolutamente aborrecidas, e eu recuso-me a juntar-me a tal congregação.

Greene: Não deixe de ser assim, porque não seria você se não fosse assim.

Wilde: Faço isto deliberadamente, porque haverá sempre pessoas que dirão: "Como sabemos que este é o Oscar Wilde?" E então espera-se que eu volte exatamente igual, com a mesma… atitude perante a vida e perante as pessoas, e a dizer o mesmo tipo de coisas que se esperaria de mim.

Portanto, faço isto por vossa causa, porque sei, coitados, que se esforçam tão desesperadamente por convencer. E se eu puder ajudar-vos a convencer, então estarei a fazer um bom trabalho que talvez apague algumas das minhas manchas. Oh!

Greene: Sr. Wilde?

Wilde: Sim?

Greene: Desde que está do outro lado, aprendeu alguma coisa?

Wilde: Seria uma pessoa muito estranha se não tivesse aprendido alguma coisa depois de estar aqui tanto tempo.

Greene: Mmm…

Wilde: Todos aprendemos, quer gostemos ou não. Quer sejamos bons alunos ou não, todos aprendemos, independentemente de quão mau seja o professor.

Greene: Ficou surpreendido quando se viu…?

Wilde: Nada me surpreendeu alguma vez. E certamente nada poderia surpreender-me em relação a Deus, porque Ele era uma pessoa que fazia sempre as coisas mais surpreendentes — se fosse para acreditar em tudo o que se lê na Bíblia. Na verdade, parecia uma personagem tão extraordinária que, por isso mesmo, se tornava interessante.

Greene: Sim…

Woods: [Riso]

Flint: [Riso]

Greene: Mas… (tenho de pensar um bocado nisto)…

Flint: [Assoa-se]

Greene: Hum, como é que se encontrou realmente quando passou para o outro lado? Pode, de certa forma, descrever-nos o momento da sua passagem?

Wilde: Oh, eu simplesmente morri como toda a gente.

Greene: Mmm… mas deve ter-se encontrado em algum lugar; num jardim ou numa sala ou…

Wilde: Porque é que havia de me encontrar necessariamente num jardim? Ou porque é que, já agora, havia de me encontrar necessariamente numa sala? Que embaraçoso seria, por exemplo, acordar e descobrir que estava no boudoir da Lady Cynthia, num momento muito inconveniente.

Flint: [Riso]

Greene: Não, mas quero dizer, alguém o encontrou, não foi? Alguém deve tê-lo recebido e ajudado a passar?

Wilde: Bem, é natural supor que, se vamos fazer uma longa viagem de comboio para algum lugar, que os nossos amigos do outro lado estarão na estação para nos receber.

Mas lembro-me de ter feito algumas viagens extraordinariamente longas e ter uma viagem cansativa em consequência, e chegar a meio da noite e não haver lá ninguém, ninguém com

um… — — — —, ninguém com nada. Ficar ali parado com as nossas… com… com as nossas bagagens, a perguntar a nós mesmos se vamos para o hotel mais próximo ou se apanhamos o comboio e voltamos para trás. Mas claro, infelizmente não se pode apanhar o comboio e voltar para o vosso lado da vida — ou felizmente, dependendo de como se vê a coisa.

Mas na verdade, a sério, fui recebido pela minha mãe.

Greene: Sim…

Woods: E como é que encontrou as coisas lá, sabe? Encontrou tudo mais ou menos igual à Terra, ou encontrou tudo muito diferente?

Wilde: Bem, naturalmente. Não se pode ir para um país estranho sem encontrar as coisas muito diferentes. Mas o extraordinário e interessante é que as pessoas eram as mesmas. As situações podem ser diferentes, o país pode ser diferente, os hábitos podem ser diferentes, a nossa atitude perante a vida e tudo pode ser diferente. As pessoas, graças a Deus, são as mesmas. Continuam a parecer as mesmas e continuam a ser as mesmas — e, consequentemente, senti-me em casa.

Encontrei muitas, muitas pessoas que admirei e muitas que não admirei e que desde então aprendi a admirar. Por razões diferentes, claro. E viajei muito; para muitos lugares, muitos planos — muitos "países", se quiserem chamar-lhes assim. Porque, num certo sentido, são isso mesmo.

Não há barreiras, só barreiras em nós próprios… dentro de nós mesmos, na nossa própria mente. As barreiras entre as relações humanas e os povos estão dentro de nós; são criadas pelo homem e aprendemos a deitá-las fora. Aprende-se gradualmente a evitar muitas das armadilhas, mas quando se está aqui, mesmo por pouco tempo, percebe-se o quanto estamos todos ligados uns aos outros. Estamos todos entrelaçados e em sintonia. Embora às vezes, ao início, pareça que estamos muito desafinados. Estamos todos muito em sintonia e muito de uma só mente e de um só espírito.

É tudo muito intrigante, porque todos os filhos de Deus acabam por se fundir. Embora mantenham a sua individualidade e personalidade própria, começamos todos a fundir-nos até estarmos em harmonia. E, em consequência, vivemos numa condição de paz, serenidade e harmonia, onde todos e cada um podem ter os seus interesses, sejam eles quais forem.

Alguns sentem o impulso… a necessidade de trabalhar de várias maneiras. Outros não. Eu prefiro continuar a escrever, porque escrever era, em grande parte, a minha vida. E espero encontrar um instrumento adequado do vosso lado — se puder — cuja mente seja suficientemente aberta para eu poder transmitir novas peças, novos trabalhos, novas coisas de interesse, que ajudem a humanidade e iluminem a humanidade.

Mas lembrem-se sempre de que a melhor forma de chegar ao coração de um homem não é… não é através do estômago. Para chegar ao coração de um homem é preciso dar-lhe algo que esteja muito longe das coisas materiais; algo da mente e do espírito, que perdure no próprio tempo. Sinto que poderia fazer muito, mas ainda tenho de encontrar um instrumento adequado para este trabalho.

Greene: Mmm…

Woods: Bem, esperamos que encontre um, porque os seus livros… eu gosto muito, muito deles…

Flint: [Assoa-se]

Woods: ...[ininteligível]

Wilde: Não o vou embaraçar perguntando-lhe o nome de um deles.

Woods: Mas, hum, e também li sobre o seu... o seu julgamento, sabe... [ininteligível] ... e achei que não teve um julgamento nada justo.

Wilde: Muito obrigado.

Woods: Achei que foi muito injusto e desleal.

Greene: O seu julgamento já foi encenado várias vezes...

Wilde: Sim, eu sei. Foi a parte mais bem-sucedida da minha carreira.

Greene: [Riso]

Flint: [Riso]

Greene: Sr. Wilde, tem algum... oh, suponho que... toda a gente tem...

Wilde: Acho isto tão complicado, falar convosco. É bastante irritante, de certa forma.

Greene: Oh.

Wilde: É como se não conseguisse ter a mente clara; há sempre obstáculos e impedimentos. Mas sem dúvida vou melhorar. Continue, o que queria perguntar-me?

Greene: Suponho que toda a gente, quando passa para o outro lado, tem alguns arrependimentos, não é? Quer dizer, talvez algo que não tenha feito enquanto estava deste lado?

Wilde: Bem, o meu primeiro arrependimento foi não ter ficado mais tempo do vosso lado.

Greene: Oh, a sério?

Wilde: Pois claro. Ainda tinha desejos. Ainda queria escrever mais. Ainda queria reintegrar-me, por estranho que pareça, na sociedade humana. Não que alguma vez tenha sentido completamente que estava fora dela. Mas era suficientemente vaidoso para supor que poderia recuperar o meu antigo lugar no mundo. Mas isso foi há muito tempo. Desde então mudei.

Greene: Mmm... sim. Há alguém a quem queira deixar uma mensagem? Vai ficar gravado na fita, percebe?

Wilde: Não creio que reste alguém do vosso lado a quem eu tenha particular desejo de enviar uma mensagem.

Woods: Já encontrou Bernard Shaw desse lado?

Wilde: Oh, encontrei o Shaw. Claro que encontrei o Shaw... que homem!

Greene: [Riso]

Woods: É verdade, sim...

Wilde: Uma personagem extraordinária. Brilhante, ainda que um tanto... bem, talvez seja melhor não dizer estas coisas. Supostamente estou, até certo ponto, evoluído.

Woods: [Riso]

Flint: [Riso]

Woods: Como é desse lado; o plano em que está? Pode contar-nos algo sobre isso?

Wilde: Quer dizer pictoricamente?

Woods: Sim. Pensei... têm teatros e coisas assim. Têm teatros, não têm? Ainda podem... ainda há peças aí...

Wilde: Oh, continua-se a escrever e continua-se. O nosso mundo é, de certa forma — como, sem dúvida, já ouviram — muito semelhante à vossa Terra. E temos todo o tipo de cenários a que estão habituados. Ainda mais belos.

A natureza, tal como a conhecem, existe aqui. Mas os aspetos piores e os mais irritantes da natureza são inexistentes para nós. Por exemplo, não temos pragas; como moscas, tesourinhas e todas as coisinhas irritantes que a natureza inventa para aborrecer o homem. Essas coisas parecem ter desaparecido, felizmente. Temos toda a beleza e toda a formosura da natureza, sem os pequenos aborrecimentos.

Greene: Mmm.

Wilde: Nunca mais andar a matar moscas. Oh, eu conhecia uma mulher, certa vez, que adorava ficar sentada toda a tarde numa cadeira com um mata-moscas! E tinha uma tarde de matar moscas...

Greene: [Riso]

Wilde: Pergunto-me muitas vezes o que fará ela aqui sem um mata-moscas, sem as moscas para matar. Oh, isso foi há muito tempo. As coisas mudaram. Olho para Londres e mal a reconheço. Graças a Deus vivi antes do meu tempo!

Woods: Sim, mudou.

Greene: Sim. Não vai reconhecer todos os edifícios enormes que estão a crescer.

Wilde: Mal reconheço algo de Londres. E estou tão feliz por ter vindo quando vim e ter partido quando parti. Não gostaria de viver na vossa Londres de hoje.

Woods: Como são os vossos edifícios aí... do vosso lado?

Wilde: Temos todos os tipos de edifícios. Mas no plano em que vivo são todos elegantes — de grande beleza.

Woods: O quê, vilas e cidades e...?

Wilde: Sim, podem chamar-lhes cidades. São cidades onde vivem milhares de pessoas, onde têm o seu lar. Mas é tão diferente e, no entanto, em alguns aspetos, tão parecido com o antigo.

Woods: Mas não têm carros nem coisas assim, pois não?

Wilde: Não. Graças a Deus. Não temos essas máquinas. Cavalos ainda temos; animais, bichos de estimação — muito daquilo que significou tanto para a humanidade e a humanidade, de certa forma, também deu em troca. Como o cão de estimação ou o cavalo de estimação. Os animais estão muito próximos dos humanos. Infelizmente os humanos, muitas vezes, estão muito próximos dos animais. Às vezes penso que os animais estão mais evoluídos do que os humanos.

Woods: Sim.

Wilde: Pelo menos seguem os seus instintos naturais e, consequentemente, não se considera que façam algo moralmente ou de outra forma errado. Os seres humanos estão sempre em apuros, porque tentam desesperadamente, muitas vezes, encontrar o seu verdadeiro eu. O homem devia ser autorizado a ser o seu verdadeiro eu, porque só assim poderá esperar desenvolver-se.

Não quero dizer com isto que o crime, em si, deva ser reconhecido ou, de alguma forma, apoiado. Mas deveria haver algum controlo, é verdade, pela lei. Mas a lei em si tem formas tão estranhas de funcionar. Não consegue entender as fraquezas ou, se as entende, muitas vezes pune sem necessidade. Temos de ajudar-nos uns aos outros, temos de aprender a ser mais bondosos, mais tolerantes. Temos sempre de tentar pôr-nos no lugar do outro. Tentar perceber que temos um dever para com os outros e que só podemos esperar encontrar a nossa salvação sendo misericordiosos, sendo compreensivos e dando amor.

Woods: Tem uma casa própria onde possa escrever?

Wilde: Sim, tenho. Uma casa muito bonita. Uma casa ao meu gosto. Mas, por outro lado, suponho que é porque eu próprio a criei, sem sequer perceber. Estava a criá-la antes de cá chegar, com os meus pensamentos, os meus pensamentos melhores.

Woods: E com um jardim e tudo à volta?

Wilde: Tenho um jardim. Não demasiado grande, mas suficiente.

Woods: Sim.

Wilde: Mas nunca fui muito dado à vida ao ar livre. Apreciava a natureza, mas preferia observá-la à distância, em vez de estar sempre debaixo da sua luz crua. Muitas vezes percebe-se mais claramente, mais distintamente, à distância. Tenho de ir. Voltarei para falar convosco de novo.

Woods: Foi muito simpático da sua parte vir ter connosco. Muito obrigado.

Greene: Obrigada, Sr. Wilde, muito obrigada.

Wilde: Foi muito agradável falar convosco e, se por vezes pareci… pareci um pouco ácido, fiz isso tanto para vosso benefício…

Greene: Oh, sim, sabemos que foi.

Woods: Saiu-se muito bem.

Wilde: …para que possam, de certa forma, ser uma ajuda para outros. Porque, caso contrário, se eu não fosse, até certo ponto, o meu velho eu, as pessoas diriam: "Isso não pode ser." Portanto, por vossa causa, faço isto. Mas posso e falarei sobre os assuntos que desejarem que eu trate, hum, a seu tempo.

"Que Deus vos abençoe" — é a fórmula habitual, creio eu, quando se diz adeus em sessões espíritas…

"Que Deus vos abençoe, meus amigos" — digo-o com os outros e faço parte deles. Adeus.

Greene: Obrigada, Sr. Wilde.

Woods: Muito obrigado.

Mickey: Tchau-tchau!

Jock
Comunicador escocês Jock (David): "Conseguem ouvir o que digo?"

Rosie Creet: "Oh, agora há outra pessoa."

Sr. Rollingston: "Sim, é um escocês."

Rosie Creet: "Ah, escocês, é?"

Sr. Rollingston: "Sim, a voz mudou de repente."

Rosie Creet: "Sim, eu…"

Jock: "Ora, está tudo bem, estou a tomar conta agora. O meu outro amigo ficou cansado, por isso pensei em tomar conta de vocês, porque estamos os dois na mesma vibração mental, e posso muito facilmente passar os pensamentos dele."

Rosie Creet: "Oh, isso é interessante!"

Sr. Rollingston: "É uma mudança muito suave."

Jock: "Olá, conseguem ouvir agora o que estou a dizer?"

Rosie Creet: "Sim."

Jock: "Isso é bom."

Sr. Rollingston: "Já cá esteve antes, não já?"

Jock: "Aye, muitas vezes no passado. Estou bem próximo do instrumento há muitos anos."

Sr. Rollingston: "Pois esteve, com certeza..."

Jock: "Aye, lembro-me de ti agora, meu rapaz."

Sr. Rollingston: "Exato..."

Rosie Creet: "Jock, oh explica-me como isso acontece? Ele fica cansado ou assim?"

Jock: "Não, mas tens de lembrar-te que estamos todos a trabalhar juntos aqui e a trabalhar num plano mental, e há mente acima do tempo. Enquanto que para ti, no teu mundo, é difícil perceber isso, porque o teu mundo é físico, obviamente. Aqui é mental.

Sr. Rollingston: "Podia explicar..."

Jock: "Podemos transmitir, por assim dizer, todos os nossos pensamentos, e mesmo assim todos podemos ter uma oportunidade, e mesmo assim um pode tomar conta automaticamente do outro, todos ligados em conjunto."

Rosie Creet: "Oh, é a primeira vez que isso acontece..."

Jock: "Muito intrigante, aye, há muitas coisas que vocês ainda não sabem! Aye, tenho muitas coisas na manga para vocês! Aye, todo o tipo de experiências também! Acho que esta sexta-feira à noite vai ser uma daquelas... bem, acho que vai ser algo ainda mais do que imaginam, mas vai levar tempo. Quando estivermos na mesma vibração mental a trabalhar convosco em completa harmonia, sei que podemos fazer coisas maravilhosas."

Rosie Creet: "Ooo! Tenho a certeza de que podem. Estamos todos absolutamente entusiasmados."

Jock: "Sabem, uma das maiores coisas é percebermos que somos exatamente aquilo que fizemos de nós mesmos, e uma vez que aceitamos o facto de sermos o que criámos, muita coisa fica feita por nós — mas aquilo que fizemos de nós mesmos dá-nos uma grande oportunidade de fazer muito mais de nós próprios. Muitas vezes ouvem pessoas no vosso mundo dizer: 'Eu não sei... não sei porque é que alguns conseguem fazer isto e aquilo. Eu não tenho oportunidade nenhuma.' E, mesmo assim, parecem sair-se muito melhor do que eu. Eu sei que, por vezes, as coisas no vosso mundo parecem muito desiguais, mas há uma razão por trás de tudo.

O que têm de lembrar é que, embora sejam indivíduos, ou digamos que se estão a formar como indivíduos, em grande parte reagem ao longo de uma linha natural peculiar a si próprios, e ninguém vos pode afetar. Ainda que possam ter nascido, digamos, em melhores circunstâncias, não há dúvida de que ainda assim seguiriam o mesmo tipo de caminho. Podem não ter feito exatamente as mesmas coisas, podem não ter tido o mesmo nível social, por assim dizer, mas fundamentalmente continuariam a ter as mesmas intuições, continuariam a ter o mesmo tipo de reações emocionais às pessoas e às circunstâncias. Continuariam a ser mais ou menos a mesma personalidade, embora a aparência exterior fosse diferente por causa das circunstâncias. A

questão é que são o que são, estão a formar-se como tal. Tornam-se o que são pelos vossos pensamentos e ações passadas.

Não têm dúvidas na vossa própria mente, tal como não têm dúvidas na vossa mente de que são indivíduos separados, mas isso não quer dizer que possam ignorar ou descuidar o outro indivíduo ou indivíduos à vossa volta. Também não muda o facto de que, até certo ponto, hoje são o que as circunstâncias fizeram dos vossos pais. Sabem, há um velho ditado que diz que os pecados dos pais perseguem os filhos — e isso não está totalmente certo, mas há ali uma certa verdade.

Assim, a vida é toda fluídica. A vida não é algo que começa no nascimento e acaba na morte. A vida continua; a vida na sua essência. Quero que se lembrem de que uso a palavra 'essência'. A vida, na sua essência, é uma força ou poder fluídico que flui e flui continuamente através do tempo e do espaço, sem princípio nem fim. Mas pode fluir, como inevitavelmente há-de fluir, para um organismo físico ou corpo. Esse corpo torna-se uma casa ou um invólucro, mas essa pequena parte do indivíduo torna-se o espírito individual que começa gradualmente a expressar-se, começa gradualmente a emergir como uma personalidade — mas continua, na sua essência, a ser parte do todo. De qualquer forma, não sei se conseguem acompanhar o que estou a tentar dizer? Têm de se tornar uma personalidade. Têm de se tornar um carácter antes de poderem evoluir separadamente da essência. Embora a essência lá esteja. É como uma pequena faísca que gradualmente se torna numa chama imensa."

Jock: "A 'casa física' é apenas o invólucro exterior durante um certo tempo, no qual é possível viver e expressar-se; podem ter muitas casas, não necessariamente sempre na Terra, mas muitas casas deste lado, muitas casas etéricas, muitas casas psíquicas, se quiserem chamar-lhes assim. Passam por esfera após esfera, plano após plano, até se tornarem parte, mais uma vez, do todo — mas de tal forma e com tal força, que se tornam uma essência vital tremenda, enquanto antes, nos primeiros estágios, eram apenas uma partícula de tudo. Tal como por vezes sentem que são uma partícula no tempo, no sentido material. Assim também, nos primeiros estágios, não passam de uma partícula na matéria espiritual ou no tempo espiritual. São apenas, por assim dizer, o mais pequeno grão de força espiritual ou poder de alma. Mas, eventualmente, à medida que evoluem e evoluem e evoluem, expandem-se, tornam-se uma unidade, tornam-se uma parte integral e importante do todo. Mas para alcançar esse estágio de ser e existência, para alcançar essa magnificência, têm de passar por todo o tipo de condições e fases de vida. Percebem?"

Rosie Creet: "Sim."

Rosie Creet: "Agora quem é esse? Ainda és tu, Jock?"

Frederic Chopin: "Venho, com prazer, falar convosco. Oh, é um pouco difícil para mim, talvez, neste momento..."

Rosie Creet: "Chopin!"

Frederic Chopin: "...que eu expresse tudo tão claramente como os meus amigos. Só quero que saibam que também estive aqui, e, bem, posso dizer-vos, à minha maneira, mais tarde, coisas que foram 'música' para mim..."

Rosie Creet: "Oh, sim."

Frederic Chopin: "…porque a música é, de certa forma, a base da vida. Pois vibração é vida, vibração é música. Harmonia: é a própria essência…"

(Neste ponto, a gravação termina abruptamente.)

Mahatma Gandhi

Nesta sessão, Gandhi transmitiu a seguinte mensagem:

Há muitos preconceitos criados pela tolice e ignorância do homem, devido ao orgulho nacional, à sua teimosia e ao desejo de posição pessoal. Até que o homem compreenda que todos pertencem a uma só família, que existe apenas uma religião, uma religião universal que é a Verdade, continuará a haver barreiras criadas pela ignorância e pelo desejo de engrandecimento pessoal. O homem considera o seu conhecimento perfeito, enquanto o conhecimento dos outros é imperfeito, e vê a sua religião como a única verdadeira, enquanto todas as outras são falsas.

Existe apenas uma verdade que é o fundamento de todas as religiões. Na essência, o homem construiu à volta da religião muitas barreiras, falsidades, credos e dogmas e, em consequência, não há apenas diferenças entre religiões, mas também entre nações, grandes divergências de opinião, grandes diferenças e caminhos separados que causam grande infelicidade a muitas pessoas. Neste mundo há grande pobreza e, muitas vezes, essa pobreza deve-se não apenas à ignorância, mas também ao orgulho pessoal e ao desejo do indivíduo que tem poder para suprimir.

Muitas vezes, a religião está na base de grande parte da infelicidade do mundo. As religiões tornam-se fortes e grupos de indivíduos criam para si uma grande massa de riqueza que não é usada para os pobres, para os malnutridos, para os oprimidos, mas para o engrandecimento pessoal de poucos, não só fora da religião, mas também dentro dela. Onde quer que haja grande força na religião, há frequentemente a maior fraqueza. As religiões que acumulam grande riqueza estão muitas vezes muito afastadas da verdade. Vi isto de tantas maneiras diferentes.

Quando estava do vosso lado e desde que estou aqui, vi através e dentro dos corações de muitas destas pessoas que se encontram nos chamados altos cargos e posições elevadas, e elas não se preocupam com o bem da humanidade. Preocupam-se com o seu orgulho pessoal e com a sua ideia pessoal do que consideram ser a verdade e, muitas vezes, estão longe dela. É nosso desejo, de todos nós que aqui estamos, que possamos, com o tempo, derrubar estas barreiras que o homem criou na sua tolice. Preocupa-me que tu e outros como tu deveis ser os propagadores desta grande revelação que é tão essencial para a felicidade e o bem-estar do mundo.

Hoje o vosso mundo está, por assim dizer, na ponte da destruição. A qualquer momento essa ponte, que em si é tão pouco fiável, dificilmente sustentará o peso que sobre ela se coloca,

porque o próprio homem, inconscientemente e de certa forma conscientemente, gerou uma condição de confusão, de ódio e intolerância — há tanta intolerância espalhada pelo mundo através da tolice humana, que, a não ser que algo seja feito muito em breve, vejo que pelo peso da tolice e ignorância humanas, combinado com a falta de espiritualidade, será destruída a própria ponte que permite ao homem alcançar em segurança a margem da paz e da felicidade.

Nós, deste lado, há muito tempo que nos esforçamos por construir entre o nosso mundo e o vosso uma ponte onde o homem possa elevar-se a alturas e encontrar aquela paz que o vosso mundo não pode dar. Sabemos que é apenas nesta verdade, apenas nesta realização da comunicação entre os chamados mortos e os vivos, que reside a salvação do vosso mundo. Toda a história se repete. A própria história mostra que o verdadeiro fundamento da felicidade do homem está no conhecimento e na realização da vida que há-de vir.

A vida terrena é apenas o campo de treino, é apenas a escola onde o homem deve aprender a lição que, em consequência, lhe dará a oportunidade de herdar o reino do Pai vivo. Há tanta ignorância no vosso mundo, tão poucos são estudantes, tão poucos estão dispostos a aprender, tantos são egoístas, teimosos e extremamente tolos. Vós, meus filhos, estais preparados para ser bons estudantes, preparados para aprender, mas há muitas, muitas almas que não estão preparadas para aprender, nem preparadas de forma alguma para fazer qualquer sacrifício. Aqueles que servem a Deus devem estar preparados para se sacrificar, se necessário, a si próprios, e são poucos os que estão dispostos a sacrificar-se.

Em todas as organizações religiosas, como as chamais, em todos os credos que tendes, e em todas as diferentes nacionalidades, há aqui e ali boas almas que são sinceras. Mas, infelizmente, muitos só conseguem conceber a verdade a partir do seu próprio ponto de vista limitado e estreito. Não estão dispostos a ter a mente aberta, a viver livres e a receber inspiração. Aceitam apenas aquilo que aceitaram e acreditaram durante tanto tempo. Para eles, a revelação de Deus é um livro fechado: o que sabem foi-lhes revelado, e só isso. Não percebem que, ao longo dos tempos, houve grandes profetas, grandes videntes, grandes mestres, grandes filósofos, grandes almas. Todas estas almas, em muitos casos — senão em todos — sacrificaram-se de boa vontade no altar do amor pelos seus semelhantes. Há poucos no mundo de hoje que estariam dispostos a sacrificar-se.

Para eles, a sua religião é algo que lhes dá talvez, num sentido exterior, uma espécie de paz, mas não é a verdadeira paz. Não lhes dá a realização que nós nos esforçamos por vos dar. Muitas vezes são falsos até para consigo próprios e até para com aquilo em que professam acreditar. Custa-nos ver como no vosso mundo há tanta maldade, tanto ódio, tanta intolerância, tanta infelicidade, tanto medo, tanta dúvida. O vosso mundo está cheio de medo: medo no seu aspeto religioso, medo na perceção que têm das coisas que sabem.

Não há segurança na mente das massas. Mesmo aqueles que professam a sua marca particular de religião, muitos deles duvidam até daquilo que aceitam ou professam acreditar. São muito poucas as pessoas no vosso mundo que têm uma verdade que as torne livres, pois a primeira coisa que a verdade faz quando a tendes é dar-vos liberdade de mente. Então estais aptos a receber mais verdade, e mais verdade, e essa acumulação de verdade traz-vos uma segurança e uma paz de espírito que transcende tudo. Já não tendes medo no vosso coração e estais então aptos a lutar contra o mundo em que tendes de existir. Há muito de que queremos libertar o homem, sobretudo do medo. A vida no vosso mundo está cheia de medo. As pessoas temem tantas coisas.

Porque há hoje tanto medo no vosso mundo? Porque o homem não aprendeu o caminho. Há apenas um caminho real. É o caminho do espírito, e são poucas as pessoas que o seguem. Há

alguns que o professam, há alguns que o tentam, mas poucos o conseguem, porque não conseguem esquecer-se de si próprios. A primeira lição que se deve aprender é esquecer-se de si mesmo. Dar em amor tudo o que é possível de dentro de si, e isso vos será devolvido. Foi disto que Cristo falou, e todos os grandes mestres, e todos os grandes filósofos ao longo dos tempos: que o homem deveria esquecer-se de si mesmo para que, em troca, se pudesse encontrar.

Quando vos perdeis num mar de amor, então de facto encontrais novamente as margens. É como se vos lançásseis no poder purificador do mar eterno de amor, e não vos afogais, mas sois, por assim dizer, erguidos, sustentados por ele e carregados por ele, e, em consequência, o vosso trabalho então começa. E muitas margens podeis alcançar, e permitireis a outros encontrar aquilo que encontrastes. Acreditai, meus amigos, eu sei: há apenas um caminho, e é o caminho do amor.

Quando o homem se esquece de si mesmo no amor e no serviço, então começa a viver, então começa a perceber Deus e o Seu propósito para si. Então Ele vos mostrará o vosso caminho, como podeis vivê-lo, o que podeis fazer com ele e como podeis permitir a outros também encontrá-lo. A primeira lei é amar o teu próximo mais do que a ti mesmo, e ao fazeres isto começas a viver pela primeira vez. Começas a respirar o ar da liberdade, e encontras a força que te é dada para combater todos os males do teu mundo. Aqueles a quem foi dada a tarefa de fazer a vontade de Deus tiveram sempre primeiro de aprender a esquecer-se de si próprios. Eu, tal como outros, não me preocupava com casa, com roupas, com posição. Não me preocupava com dinheiro, e, no entanto, foi-me providenciado em amor por outros que viam em mim, tal como em outros discípulos de épocas passadas, um caminho para Deus, um caminho em que podiam ajudar outros a encontrar paz e felicidade.

Houve alguns no vosso mundo, como ainda hoje, que consideraram que os meus desejos eram de poder, e, no entanto, eu não tinha poder, senão através do amor sobre outras pessoas. Não desejei nada para mim, mas houve quem dissesse que o meu interesse não era pelo bem dos outros, mas por mim mesmo. Alguns diziam que os meus motivos eram políticos. Tudo isto não era verdade. Eu só me preocupava com o bem da humanidade. Tentei trabalhar não apenas para o meu povo. Claro que tinha um dever, como o via, para com o meu povo, de os tirar daquela condição em que se encontravam, de tentar melhorá-los talvez materialmente, mas, ainda assim, o meu interesse fundamental era melhorá-los espiritualmente. Compreendi as muitas diferenças no meu país entre os povos, especialmente na religião. Era uma grande barreira. Depois, algumas pessoas consideraram que eu vim fundar uma espécie de nova religião. Isso não era verdade.

Foi apenas através da minha meditação, da minha oração e, se me é permitido dizê-lo, da minha humildade, que pude receber a força e a inspiração para continuar, muitas vezes contra a doença, contra a má saúde e dificuldades que desconheceis. Mas digo-vos, meus filhos, se seguirdes os passos que os grandes mestres e professores mostraram no passado, aqueles que sacrificaram tanto por amor às suas criaturas, permitireis que, através de vós, façamos muito para aliviar o sofrimento nos corações de muitas pessoas. Não devemos esperar mudar completamente a face do mundo tão cedo. Sei que isso não é possível. Ninguém deste lado pode antecipar tal coisa maravilhosa. Levará muito tempo, mas precisamos de um núcleo — discípulos aqui e ali que se unam e se esforcem connosco para tornar isto uma possibilidade. São os poucos que salvarão os muitos, meus amigos.

Estamos muito preocupados com o vosso mundo hoje. Não melhora, piora, muito pior. Basta o toque de um dedo para incendiar o vosso mundo. Não penso que isto precise de ser dito com grande ênfase; é óbvio que há medo a mais no mundo. Qual é a base deste medo? Será para o

bem da raça humana? Por causa do medo de certas pessoas em relação a outras nações? Não. É porque temem a falta ou perda do seu próprio modo de vida, porque temem perder o seu poder e força no mundo. Todas estas coisas têm por base motivos materiais, não espirituais. Dar-vos-ão uma interpretação espiritual à superfície, mas quando aprofundais, descobris que as raízes estão enterradas profundamente na Terra, na matéria grosseira. Não se preocupam com os seres humanos enquanto tais. Preocupam-se com o poder. Preocupam-se com o dinheiro, com investimentos. Preocupam-se com a força do material, não do espiritual.

Se pudéssemos mudar a visão e os pensamentos destas pessoas que ocupam lugares elevados e fazê-las ver os verdadeiros valores... Mas, para que haja paz no vosso mundo, tem de haver harmonia, tem de haver equilíbrio. Não esperamos que no vosso mundo vivam sem coisas materiais. Mas o homem preocupa-se apenas com as coisas materiais. Não considera o espiritual. Quase ninguém se preocupa com o espiritual. É sempre propriedade, bens, ações, dinheiro e todas as coisas que pertencem à Terra. Seja esta ou aquela nação, não faço distinção entre elas. Não defendo um credo ou, digamos, não defendo uma crença política particular em detrimento de outra. Vejo o bem fundamental em todos, mas também vejo que, na chamada defesa deste credo político em particular, milhões de pessoas podem ser levadas à morte prematura, despreparadas para uma nova vida, cheias de erro nos corações e nos caracteres, e isso seria desastroso.

Ninguém poderia vencer uma guerra assim, quer sejam os que vivem na Terra, quer sejam os que aqui chegam por causa dela. Só vemos destruição total, desolação total, infelicidade total para os que ficariam, para os que viriam para aqui, pois são poucos os que alguma vez chegam aqui preparados para a morte. A morte é algo que, no vosso mundo, é tabu. As pessoas têm medo de mencionar a palavra; não gostam de pensar nisso. Fogem disso. É algo de que têm medo, porque sabem, lá no fundo, que é uma realidade que terão de enfrentar inevitavelmente, e temem-na porque sabem, dentro de si, que não estão totalmente preparados para ela. Sabem tão pouco sobre a morte e têm medo de saber. O medo domina os corações e as mentes dos homens, e sabemos que, a não ser que algo seja feito quanto a isto, antes que seja demasiado tarde, as consequências desastrosas são tão tremendas que quase ninguém ousa pensar nelas.

A vossa responsabilidade é grande. Quanto mais conhecimento recebeis, quanto maior é a realização destas coisas, destas verdades que vos damos, maior é a vossa responsabilidade. Não é uma tarefa fácil a que vos propusestes. Asseguro-vos, não será fácil fazer este trabalho. Na verdade, sei que descobristes que isso implica muitos sacrifícios. Mas também sei que não vos importa, porque amais servir. É este amor por servir, este desejo de servir, que importa. Ao servir, encontrais a vossa própria salvação, como milhares o fizeram no passado. Mas, neste momento presente, o mais imperativo é como salvar o vosso mundo do desastre. Porque vos asseguro que há duas grandes nações no vosso mundo que têm tal medo, que, nesse medo, podem destruir não só a si mesmas, mas o resto do mundo ou grande parte dele.

É este medo terrível, esta sensação de que estais sentados mesmo na beira do precipício, e basta o toque de um dedo para vos empurrar. Isto é algo tão terrível; depois de guerras tão desastrosas e de o homem ter sofrido tão intensamente, pensar-se-ia que ele teria aprendido. Mas não, torna-se ainda pior; cria para si mesmo um inferno vivo, porque pensa sempre, única e exclusivamente, de forma material. Não vislumbra nada em sentido espiritual. Todas as organizações religiosas (as vossas diferentes religiões) fazem pouco para aliviar esta condição. Às vezes falam sobre isso, "como é terrível." Mas sustentam o seu modo de vida tal como o veem ou a sua religião em particular, como quem diz: "se o pior acontecer, estamos justificados em defender o nosso modo de vida", sabendo, nos seus corações, que há muito mal no seu modo de vida; contudo, dizem: "bem, é o menor dos dois males," e ainda assim sabem que a destruição que cairia sobre o mundo seria tal que é terrível de se imaginar.

Há bem em todos; isso não nego. Em todos os corações há algum bem, e fundamentalmente, suponho eu, nos corações das massas de pessoas: elas desejam apenas a paz. Mas são tão manipuladas de tantas formas diferentes, são como ovelhas levadas ao matadouro. É-lhes incutida a ideia de que estão sempre certas, mas, muitas vezes, estão erradas. Este medo terrível, esta realização que deve, eventualmente, chegar ao homem de que ele não pode viver pelo medo, mas apenas pelo amor. Esta é a nossa tarefa, esta é a nossa responsabilidade: temos de dar ao mundo a realização de que o amor tudo conquista. É o credo mais antigo, é a verdade mais antiga do mundo: que é pelo amor que conquistamos — não pelo ódio. O poder do amor é tremendo. Este poder do amor torna possível a nossa vinda até vós para conversar convosco. Este poder do amor dá-nos a força para combater os males do vosso mundo. Este poder do amor torna possível para vós uma nova vida. Pois quando partis da vossa, entrais no reino do amor, e se não estiverdes prontos, porque não há amor suficiente no vosso coração, então tereis de aprender a adaptar-vos e a trabalhar muito arduamente. É melhor saber estas coisas ainda na Terra. Tende fé, pois, como Cristo disse: "A tua fé te salvará."

(Gandhi fez aqui uma pausa para responder a perguntas [não legíveis o suficiente para se transcreverem] do grupo.)

O passado é como aquilo que está no espelho. É o reflexo da realidade. A realidade é o presente e o futuro que há-de vir. Não vemos, no momento, o nosso verdadeiro eu quando olhamos para o espelho. As coisas estão invertidas. Muitas vezes não vemos a clareza do coração. O mundo precisa imensamente de líderes — líderes espirituais. No momento presente, está a ser liderado não por líderes espirituais, mas por líderes materiais. E mesmo esses alguns não estão fora da igreja, mas dentro dela. Não quero que se pense que tenho no meu coração qualquer inimizade ou má vontade; isso não existe agora de todo na minha natureza, mas digo-vos, porque agora posso falar totalmente na verdade e, portanto, não tenho medo de afirmar o que sinto, que sei que até que muitas pessoas, particularmente aquelas em lugares elevados na política e na igreja, mudem os seus corações e a sua forma de pensar, não poderão salvar o vosso mundo da destruição.

A igreja tem grande poder e pode fazer muitas coisas, mas deve lembrar-se de que a igreja cristã não é a única igreja, não é a única fé, não é o único caminho. Na verdade, a igreja cristã é pequena em comparação com o número tremendo de pessoas que estão fora dela. Lembrai-vos de que não é numa igreja, não é num credo, não é num dogma que se encontra a verdade. A verdade encontra-se apenas procurando dentro de si mesmo, como Cristo disse, e na realização de que sois parte de um plano divino, de que fazeis parte do propósito de Deus e de que deveis esquecer-vos de vós próprios e, então, podereis começar a servir. Infelizmente, a maioria dos que se proclamam líderes não se esqueceram de si próprios, mas só se lembram de si, e é por isso que estão na posição em que estão — não pelo seu mérito como seres espirituais, mas pelo seu mérito como seres materiais, e é essa a fraqueza do vosso mundo. É onde a força do vosso mundo se diminui. Não é uma força verdadeira a que tendes no vosso mundo, por causa de quem são os vossos líderes.

Os vossos líderes ascenderam a lugares elevados não por motivo espiritual ou por amor espiritual pela massa da humanidade, mas apenas porque se preocupam com a posição material, o poder material e os bens materiais. A força do amor, a força da felicidade, da alegria, a força do conhecimento, da paz, todas as boas qualidades existem apenas quando se esquece de si mesmo. Estas pessoas não se esqueceram de si. Fizeram-se a si mesmas apenas porque lutaram materialmente por lugares elevados. Não se negaram a si mesmas. Muitas vezes chegaram a lugares elevados através de corrupção, como dizeis, e também por métodos obscuros, em que ultrapassaram o que pensavam ser obstáculos sem se preocuparem com os indivíduos. Preocupam-se consigo mesmos. Enquanto houver egoísmo e intolerância, enquanto

houver ódio e maldade nos corações dos homens, serão esses os homens que ascenderão a lugares elevados e trarão destruição ao vosso mundo.

Os verdadeiros líderes são os do espírito, os da mente. São eles que deveis procurar para a salvação do vosso mundo e para a alegria e felicidade que devem vir. Asseguro-vos de que a vossa salvação não está na política, não está nos políticos, não está nas pessoas em lugares elevados na igreja, no credo ou no dogma, mas nas pessoas verdadeiras, sinceras e honestas que não procuram os lugares elevados do mundo, mas apenas procuram o reino de Deus e o seu amor pelos seus filhos. São estas as pessoas em quem deveis confiar. Estes que nada têm, que nada vos podem dar materialmente, mas que vos dão muito espiritualmente. Estes que negam o mundo salvarão o mundo. Estes que nada têm terão muito, pois o seu reino é de Deus, e aquilo que acumulam é no céu, e isso é indestrutível.

Aqueles que acumulam grandes fortunas no vosso mundo, aqueles que acumulam grande poder para si e para os seus amigos, trarão destruição ao mundo e infelicidade. Estes são os que perderão tudo. Não encontrareis nada aqui, vós, meus filhos, não considereis demasiado as coisas da Terra. Construí, como Cristo disse, os vossos tesouros no céu através do vosso coração e das boas obras que o vosso coração vos dirige a fazer, e, em amor, servi os seus filhos, e encontrareis a paz, e na humildade encontrareis a verdade, e a verdade vos dará liberdade.

Tende fé, meus amigos, tende fé. Tenho de partir, paz para vós. Paz para vós. As minhas bênçãos a todos os povos da Terra.

(Mickey intervém para terminar a gravação com algumas despedidas e seguiu-se muita discussão.)

Rabindranath Tagore

Bom dia, bom dia.

George Woods: “Ficamos muito contentes por ter conseguido comunicar.”

Rabindranath Tagore: Estou muito feliz por estar aqui para falar convosco. [Pausa] Estou muito interessado em tudo o que se passa em relação a este trabalho. Há muito tempo que procuro ajudar deste lado. Muitas pessoas vêm, algumas, naturalmente, conheceis muito bem, mas muitas pessoas que vêm ajudar e assistir são-vos desconhecidas. Claro que, se for possível, algumas destas outras almas acabarão por se dar a conhecer. Mas seria impossível que todos falassem, porque, se assim fosse, significaria que teríeis de vir sentar-vos todos os dias, durante muitos dias, durante muitos anos, porque há tantas pessoas muito interessadas.

Eu próprio estava interessado neste assunto há muito tempo antes de vir para aqui. Quando estava na Índia, ouvia muitas almas interessadas em religiões, em comunicação. Oh, não era exatamente como isto, claro, mas na Índia há muitos, muitos profetas, muitos videntes, muitas pessoas maravilhosas que estão em contacto com o infinito. Embora eu não conhecesse isto exatamente como vós conheceis o Espiritualismo, estava interessado no ocultismo. Estou interessado em todos os aspetos deste tema tão vasto e, oh, era possível — e tive a experiência — ter comunicação, mas a nossa ideia era um pouco diferente; mesmo assim, são todas as mesmas verdades, diferentes aspetos que se tornam visíveis a várias pessoas de formas diferentes, mas cada um tem o aspeto da verdade que lhe é peculiar. Tendes sido muito afortunados por terdes recebido tanto deste conhecimento.

Eu era um grande seguidor de Gandhi, mas não totalmente. Tinha grande respeito e admiração por Gandhi. Mas havia outros que também me interessavam, em Benares, onde passei grande parte do meu tempo; ouvia várias almas. Havia lá uma pessoa extraordinária a quem eu ia, que era um homem notável, mas completamente desconhecido fora da Índia. Só algumas pessoas sabiam dele, entre o resto da Índia, mas fora da Índia não era conhecido pelos brancos, pelos europeus.

Eu próprio era algo de um ocultista. Conseguia, em mim mesmo, transportar-me a mim próprio milhares de quilómetros. Neste estado de transe, podia viajar no meu corpo astral e visitar lugares e pessoas, e estava a aprender muito sobre viagem astral. Também conseguia usar o poder do pensamento para alcançar resultados que, em si mesmos, eram muitas vezes bastante impressionantes. Não creio que o mundo ocidental conheça suficientemente — na verdade, sabe muito pouco — sobre o poder do pensamento, do eu interior, do poder que se pode alcançar através da devoção, da introspecção, de sentar-se calmamente e placidamente durante algum tempo todos os dias em contemplação, aprendendo a superar as limitações da carne. O homem tem muito pouca perceção de como superar o eu, de como libertar o eu, o verdadeiro eu, do corpo físico. Dá-se demasiada importância ao corpo físico. Dá-se demasiada concentração mental às coisas materiais. Se o homem aprendesse a usar o poder do eu, do eu interior, e se concentrasse nisso, aprenderia a superar, a fazer muitas das coisas que estão registadas nos grandes livros dos tempos antigos.

O grande Buda e Jesus compreendiam todas estas verdades do eu interior, e foi assim que conseguiram alcançar e fazer as coisas que ficaram registadas na história. Noutras palavras, conheciam o poder do eu interior, da alma interior, sabiam como usar esse poder para superar todas as limitações do corpo. Não há limitações do corpo quando se começa a compreender o poder da alma interior. Usar esse poder, manifestá-lo, aprender a superar — coloca-se demasiada restrição ao homem porque ele pensa apenas materialmente e não pensa espiritualmente. Não pensa no poder interior da alma, no indestrutível, em como superar as limitações da carne. Seria, de facto, algo grandioso se as pessoas aprendessem estas verdades, pois isso mudaria não só cada um individualmente, mas poderia mudar, claro, todo o mundo e a forma de pensar do mundo inteiro, e, em consequência, o mundo tornar-se-ia verdadeiramente um lugar muito melhor. Mas há tanta destruição no homem, há tanto pensamento mau, pensamento errado. Tanta energia e tempo são dedicados a coisas que não têm importância, e nenhum tempo é dado às coisas que são vitais e verdadeiras, duradouras, às coisas da alma, às coisas que são indestrutíveis.

Vós sois espiritualistas, como vos chamais, conhecendo alguns aspetos da verdade, mas mesmo assim, mesmo entre os espiritualistas com quem tenho estado em contacto, especialmente desde que aqui estou, estive em vários lugares onde os espiritualistas se reúnem e muito raramente vejo qualquer realização da verdade no mais alto sentido. Tudo se mantém num nível muito baixo, material, e, em consequência, muitos deles atraem a si almas que fizeram muito pouco progresso. Na verdade, muitos deles são muito semelhantes às próprias pessoas. Diria mesmo que, de um modo geral, o Espiritualismo não é assim tão espiritual — é muito material, é uma conceção muito material de algo que, na sua essência, é espiritual. É algo que me entristece muito.

Fico muito contente quando entro em contacto com algumas pessoas como vós, que se esforçam sinceramente por estabelecer o contacto no mais alto sentido, para que não só vós próprios sejais elevados, mas outros também, em consequência. Mas gostaria que tivésseis, o que penso que seria muito importante para vós, uma meditação uma vez por dia. Penso que se conseguissem ter meia hora de quietude onde pudessem reunir-se em paz e libertar-se das coisas materiais durante esse espaço de tempo, com o tempo tornar-se-iam muito mais

conscientes não só do poder do espírito dentro de vós, mas também daqueles à vossa volta que vos assistem e procuram abrir-vos o caminho para que possais continuar este trabalho de uma forma melhor, num sentido mais elevado. Fizestes, pelo que compreendo, um trabalho muito bom, mas penso que não é nada comparado com aquilo que podem alcançar com a cooperação do poder do espírito que está dentro de vós próprios, ligando-se de forma mais elevada e mais mental e espiritualmente com aquelas almas que vêm até vós, que vos assistem, muitas das quais conheceis. E, como digo, há muitas que não conheceis.

Estou muito ansioso por vos ajudar, por vos assistir, e ficarei muito feliz por o fazer.

Betty Greene: "Por favor, amigo, podemos saber o seu nome?"

Rabindranath Tagore: Oh, o meu nome: não terá importância para vós. Eu era eu mesmo e, na verdade, não tinha desejo algum de ser outra coisa, completamente desconhecido. Mas se quiserdes, podeis chamar-me Tagore.

Betty Greene: "Tagore?"

Rabindranath Tagore: Tagore.

Betty Greene: "Tagore. Agora, posso perguntar-lhe outra coisa? Falava do poder do pensamento. Claro que lemos sobre isso e, claro, fomos informados de que o poder do pensamento é muito forte. Agora, no mundo espiritual, se quisermos pensar em algo, por exemplo, se quiser pensar numa chávena de chá e tê-la, como funciona exatamente esse poder do pensamento?"

Rabindranath Tagore: Bem, por exemplo, se concentrarem a vossa mente ou os vossos pensamentos sobre determinada coisa; têm uma palavra para um objecto, isso, por si só, pode tornar-se uma realidade, porque o pensamento é uma realidade para nós. É algo que pode ser dirigido de tal forma que, a partir dos elementos das condições de vida em que existimos, há substância que pode ser, pelo processo de pensamento, moldada e usada, mesmo na fração daquilo que chamais um segundo, na aparência real desse artigo em que vos concentrastes. Mas, embora tenha, a todos os olhos, uma qualidade física — na medida em que podeis pegá-la, por exemplo, se for uma chávena de chá — tem substância apenas para o indivíduo em questão, e então só enquanto esse poder permanecer com o indivíduo que, evidentemente, depois de aqui estar algum tempo, deixa de desejar coisas tão mundanas como chávenas de chá.

Mas se tiverdes uma empregada de limpeza, seja quem for, que venha para aqui e deseje a proverbial chávena de chá, pelo processo do seu pensamento, desejando-a, fá-la-á acontecer, estará lá, e não será como se fosse por magia. Noutras palavras, o que quero dizer é que a própria constituição do indivíduo fornece as condições e o ambiente sob os quais existirá e viverá, e, em consequência, as coisas que são naturais e essenciais para ele estarão lá. No primeiro momento, portanto, o que é mais natural do que uma pessoa que não tem grandes ambições em sentido algum, digamos, na Terra, que viveu uma vida muito mundana, muito comum, que se habituou a varrer uma casa, a fazer camas ou a cozinhar, seja o que for? Encontrará, essa pessoa encontrará, uma condição tão semelhante à sua forma de pensar ou perspetiva, que essas coisas se apresentarão automaticamente; estarão lá, e assim a proverbial chávena de chá será feita da forma proverbial ou da forma a que ela estava habituada.

Noutras palavras, estas coisas são, de certa forma, materiais apenas para os indivíduos em questão, mas são na realidade ilusões. Estas coisas estão puramente numa vibração mundana

(ou cerebral), numa vibração mental do cérebro, embora eu não queira dizer o cérebro físico no mesmo sentido. Vede, uma pessoa não é mais do que pensa que é. Se uma pessoa que aqui chega pensa que é necessário fazer todas as tarefas rotineiras, mundanas, a que estava habituada, se pensa que o seu corpo é igual ao que era na Terra, então todas as funções do corpo, e assim por diante, serão as mesmas por tanto tempo quanto ela demorar a perceber que há uma mudança e que não a compreendeu totalmente. Ainda não a aceitou totalmente, mas limita-se a si própria pelas suas vibrações de pensamento, e, portanto, permanecerá nas condições que criou até ao momento em que começar a pensar de outra forma.

Noutras palavras, somos todos o produto, por assim dizer, do nosso próprio pensamento criativo, nem mais nem menos. Mas, claro, uma alma mais evoluída — por isso vos disse — se estiverem perturbados e tiverem esta realização do poder interior, da força vibracional da alma interior que pode manifestar-se e, ao fazê-lo, alterar e mudar as circunstâncias até mesmo em que existis, viveis e trabalhais. Assim, isto pode aplicar-se num sentido material do vosso lado. Ou seja, pode mesmo mudar as circunstâncias da vida. As pessoas não percebem: "Oh, isto não é bom para mim... porque é que estas coisas não mudam?" e assim por diante. Não percebem que têm dentro de si o poder para alterar as próprias circunstâncias e condições da sua vida. O poder de mudar está dentro delas, mas até que o compreendam, não haverá mudança. Porque podem mudar não só a vossa própria forma de pensar e vida, mas também as pessoas próximas e queridas. Claro que elas também têm de desejar a mudança e têm de cooperar, mas o poder está lá. Em toda a vida humana existe o poder de mudar, de ser diferente, de alterar, de se tornar diferente no sentido de se tornar mais consciente e espiritualmente desperto, e muitas das limitações e complicações da existência material desaparecerão em consequência. Tudo depende do processo individual de pensamento.

Betty Greene: "Quando passaste, como te encontraste? Pensei que passaste de forma estranha."

Rabindranath Tagore: Felizmente, viajei muitas vezes do corpo terrestre para as esferas. Entrei em certos níveis vibracionais de existência e convivi com várias almas que cá estiveram, algumas durante séculos. Não me foi difícil. Quando chegou a hora e percebi que estava a aproximar-me de deixar o corpo definitivamente, foi simples libertar-me completamente dele. Não houve dor, nem sofrimento, não estava doente, porque sei como me libertar finalmente, no fim, sem nenhuma das condições que tantas vezes aparecem em muitas pessoas. A doença é uma força de pensamento que é muito prevalente no vosso mundo, porque o próprio homem tem uma mente doente. Quando o homem deixar de pensar de forma doente, mudará, ficará saudável. Quando o homem pensar pensamentos saudáveis, quando pensar pensamentos espirituais, tudo o que nele é negativo desaparecerá: todas as enfermidades da Terra, todas as fragilidades da condição terrestre. Todas estas coisas de que sofrem e que o homem criou. O vosso mundo era um mundo perfeito. O homem tornou-o imperfeito pela sua tolice, ignorância e desejo errado de si mesmo. O homem pensa mal e, por isso, atrai para si coisas más. Pensai pensamentos puros e tereis um corpo puro, e toda a vossa vida será transformada.

Desejo muito ajudar-vos.

George Woods: "Foste iogue quando estavas na Terra?"

Pode dizer-se que sim, mas é apenas um termo. Há muitos tipos de yoga. Ah, na Índia, há tantos!

George Woods: "Como é o teu mundo? Podes descrever algo em que estejas?"

Rabindranath Tagore: Está tão longe do vosso mundo que as palavras não o conseguem descrever, e por isso não podeis imaginar ou conceber porque os vossos pensamentos não vos permitem entrar naquela condição de vida a que pertenço, pois vós próprios não transformastes suficientemente os vossos pensamentos ou a vossa visão para alcançardes algo que eu possa transmitir nesse sentido. Tentar transferir para vós imagens mentais, que é o que isso seria, do meu mundo, não faria sentido para vós neste momento. Receio que seria impossível. Só vos posso dizer que o mundo em que existo está tão afastado da vossa conceção de vida que não é possível descrevê-lo, salvo dizer-vos, tanto quanto consigo, que se conseguirdes visualizar toda a beleza natural do vosso mundo, sem quaisquer imperfeições, se puderdes sentir toda a beleza que conheceis, para além do que se pode sequer descrever, aquilo que sentis na intensidade do ser dentro de vós próprios, mesmo que talvez não a vejais totalmente com os olhos da carne, se puderdes sentir a intensidade do amor e a beleza da realidade da vida no mais elevado sentido possível, essa é a única forma possível de vos transmitir uma imagem da nossa vida. Há toda a beleza, todo o amor perfeito, toda a oportunidade de serviço amoroso no mais alto sentido, e as condições em que vivemos estão tão para além da descrição que só se pode sentir, mas não descrever; não sei como seria possível.

Mas digo-vos isto: eu e outras almas aqui, eu, Tagore, ajudarei e, se nos derdes a oportunidade de reservar pelo menos um pouco de tempo por dia para retirar-vos da Terra e das suas condições e transferir os vossos pensamentos para o mais alto nível possível que conseguirdes alcançar, nós e muitos outros virão ajudar-vos. Ajudar-vos-emos imenso no trabalho que abraçastes. Sei que estais a fazer um grande trabalho, mas não compreendeis a imensidão da tarefa que tendes pela frente, especialmente se a levardes para o plano elevado que eu e outros desejamos que deveis alcançar. Recebestes muita instrução, muita orientação, muito auxílio. Recebestes muito conforto, mas ainda há muito por revelar. Muito só virá gradualmente, passo a passo; ireis subir até às alturas. Mas quando alcançardes essas alturas que desejámos para vós, ao olhardes para trás vereis como foi lento o caminho, mas como valeu a pena, porque tereis ganho uma experiência tão grande e maravilhosa, e a visão do espírito que vos foi dada será grande.

Estamos muito felizes e sentimos que tudo valeu a pena. E, enquanto começais o que chamais um novo ano, que para vós parece tão importante, mas que é apenas a continuação, pois, como sabemos, é todo o tempo dentro do tempo, o mesmo tempo, mesmo assim, eu e outros ajudaremos, e vereis que os próximos meses, como lhes chamais, vos trarão grande alegria. Grande força vos será dada e surgirão grandes oportunidades; estaremos convosco e não vos falharemos, porque aquilo que tantas vezes vos dissemos, o que fazemos juntos é muito maior do que nós próprios. Somos apenas servidores de almas maiores do que nós. Fazemos a obra do Grande Espírito. É uma grande alegria vir até vós, meus filhos, e dou-vos a minha bênção. Adeus!

George Woods e Betty Greene: "Muito obrigado!"

Mickey: "Adeus!"

Betty Greene: "Adeus, Mickey!"

George Woods: "Adeus e muito obrigado, Mickey!"

Mickey: "Adeus!"

Betty Greene: "Até para a quinzena."

Mickey: “Sim!” (a gravação termina)

Mrs. Stella ‘Patrick’ Campbell
Gravação: 26 de Maio de 1972

"*Tenho um forte sentido de humor e, estando morta, é absolutamente essencial!*"

Nesta gravação única, a atriz do palco eduardiano
Mrs Beatrice Rose Stella ‘Patrick’ Campbell
fala com Ida Cook e Louise Cook* sobre o seu amor pelos animais
e o seu alívio ao descobrir que os animais sobrevivem à morte.

Ela explica os seus esforços para reproduzir a sua voz terrena, para aqueles que poderiam duvidar da sua identidade — conforme lhe recomendou George Bernard Shaw.

Depois, partilha a sua própria filosofia e dá muitos conselhos às irmãs Cook sobre os seus esforços para desenvolver a comunicação espiritual, acrescentando que o grupo delas é como um “oásis no deserto” para pessoas de ambos os lados da vida.
Presentes: Leslie Flint, Ida Cook, Louise Cook.
Comunicadores espirituais: Mrs Stella Campbell, Mickey.

Mrs Campbell: Não sei se me conseguem ouvir?

Louise Cook: Oh, sim, maravilhoso…

Ida Cook: Oh, sim… Tens uma projecção maravilhosa.

Mickey: Esperem…

Mrs Campbell: Queria tanto vir falar convosco…

Louise Cook: Sim?

Mrs Campbell: …há já bastante tempo.

Ida Cook: Estamos muito contentes…

Mickey: Esperem…

[Os presentes conversam entre si]

Mrs Campbell: É uma coisa extraordinária vir falar convosco desta forma. Conseguem ouvir-me?

Louise Cook: Perfeitamente.

Ida Cook: Conseguimos.

Louise Cook: És muito boa, mesmo.

Ida Cook: Abençoada sejas, obrigada por teres vindo.

Louise Cook: Sim.

Mrs Campbell: Extraordinário. Se alguém me tivesse dito que eu poderia vir falar convosco desta forma, eu não teria acreditado.

Louise Cook: Não?

Ida Cook: Compreendemos, sim.

Mrs Campbell: Embora eu tivesse vários amigos que eram espiritualistas.

Louise Cook: Sim…

Mrs Campbell: Eu tinha interesse até certo ponto…

Ida Cook: Tinhas?

Mrs Campbell: …mas eu própria nunca tive qualquer experiência prática e, tanto quanto a minha memória me serve, não tenho qualquer recordação de alguma vez ter estado numa sessão espírita.

Louise Cook: Não, não…

Mrs Campbell: E alguns dos meus amigos, não muito bondosos, nos meus últimos anos, diziam que eu teria dado uma óptima médium.

[Riso]

Mrs Campbell: Mas não acho, de certa forma, que eu parecesse minimamente uma médium.

Ida Cook: Não, não acredito que parecesses.

Mrs Campbell: Não, certamente não como alguns dos médiuns que tenho visitado desde que estou, assim chamada, 'morta'.

Louise Cook: Oh, sim…?

Mrs Campbell: …e, francamente, alguns daqueles que visitei mais por curiosidade do que outra coisa, eu não gostaria de ser vista morta na companhia deles…

[Riso]

Mrs Campbell: Mas tenho a certeza de que eles não veem muito nem ouvem muito e certamente não me viram a mim, graças a Deus. Tenho conseguido evitá-los.

[Riso]

Ida Cook: Continuas a ter uma forma de falar muito incisiva.

Mrs Campbell: Tenho um forte sentido de humor e, estando morta, é absolutamente essencial — caso contrário, não se aguentaria.

[Riso]

Ida Cook: Não, não…

Mrs Campbell: A maior alegria que tive desde que cheguei aqui foi saber que os animais…

Ida/Louise Cook: Ah… ah…

Mrs Campbell: …existem.

Ida Cook: Sim.

Mrs Campbell: Para mim não haveria paraíso, nem felicidade, nem alegria sem os meus 'Pekes'.

Louise Cook: Oh, claro, lembro-me…

Ida Cook: Oh, tens toda a razão.

Mrs Campbell: Muitas vezes, na Terra, recusei ficar em casa de amigos ou mesmo em hotéis porque não permitiam os pequinês ou, pelo menos, mostravam algum ressentimento para com eles. E como é que algum ser humano pode mostrar ressentimento a uma pobre criatura muda, não sei.

Louise Cook: Não, não, de facto.

Mrs Campbell: Dizem-me que escreves livros.

Ida Cook: Escrevo.

Mrs Campbell: Compreendo, pelo Shaw, que és uma escritora, de certa forma.

Ida Cook: De certa forma, sim. Romances.

Mrs Campbell: Romances?

Ida Cook: Sim.

Mrs Campbell: Bem, um romance pode ser uma obra de arte.

Ida Cook: Não creio que os meus sejam obras de arte.

Mrs Campbell: Bem, vamos assumir que são!

Ida Cook: Oh, isso é simpático.

Mrs Campbell: ...torna tudo muito mais agradável.

Ida Cook: Sim, está bem.

[Riso]

Ida Cook: Vamos assumir, sim... muito.

Mrs Campbell: [Em tom de segredo] Posso confiar-vos uma coisa?

Ida/Louise Cook: Sim. Sim, claro.

Mrs Campbell: Na verdade, estou a impor-me mais por vossa causa do que por outra razão, porque posso perfeitamente compreender que as pessoas aí do vosso lado da vida... com toda a razão e naturalidade, sejam muito críticas quando ouvirem esta... gravação, ou lá como lhe chamam, e digam: 'Bem, será que é mesmo fulana tal ou não é?'

Ida Cook: Sim.

Mrs Campbell: E se eu me afirmar... e tentar reproduzir, conforme a memória me permite, algo do meu antigo eu e da minha personalidade... então será mais aceitável para eles...

Ida Cook: Sim.

Mrs Campbell: ...mas eu mudei.

Louise Cook: Ah, sim, tenho a certeza de que todos mudamos...

Mrs Campbell: Faço isto de propósito porque o Shaw disse-me para o fazer... Sabem, o Shaw disse, não só a mim, mas a outras almas, o quão importante é, quando comunicamos, tentar afirmar-nos de tal forma que, tanto quanto possível, possamos ser reconhecidos por aqueles na Terra... como a personalidade que um dia fomos, mesmo sabendo que desde então já podemos ter mudado.

Portanto, se estou a fazer isto desta forma, não é apenas por vós, mas pelo benefício de qualquer alma do vosso lado que esteja à procura de verdade e de provas da sobrevivência da personalidade — estou a esforçar-me por afirmar a minha. É só deste ponto de vista que vos asseguro: eu mudei, como, aliás, todos devemos mudar, eventualmente para melhor.

Ida Cook: Sim, claro.

Mrs Campbell: Embora eu deva dizer que sei que podia ter sido — e fui considerada — uma pessoa muito difícil, mas, ainda assim, tinha os meus pontos bons.

Louise Cook: Tenho a certeza...

Mrs Campbell: E o meu amor pelos animais foi a chave que me abriu a porta…

Ida Cook: A sério?

Mrs Campbell: …e penso que se as pessoas no vosso mundo percebessem esta verdade, que é um aspeto de muitas verdades… perceberiam que aquilo que fazemos, não só aos outros, mas principalmente àqueles que não têm forma de se defenderem e que dependem tanto da nossa bondade e consideração… Se cuidássemos das criaturas mudas… as chamadas 'menos afortunadas'… então, seguramente, esta seria uma chave que abriria muitas portas. As portas do amor… da tolerância, do bem-estar, tornando o nosso caminho mais certo, e mais próximo daquele objetivo a que todos aspiramos.

Ida/Louise Cook: Sim. Sim.

Mrs Campbell: …a unidade com o eterno. Não suporto crueldade para com as pobres criaturas mudas.

Ida Cook: Não. E acontece tanto.

Mrs Campbell: Tantas pessoas não lhes reconhecem o crédito pela maravilhosa inteligência que têm e pela sensibilidade. Sabem, os animais podem ver e ouvir muito mais do que o ser humano enquanto está na Terra.

Louise Cook: Eu acredito nisso.

Mrs Campbell: Os meus cãezinhos eram muito sensíveis e sofriam, à sua maneira, tal como nós sofremos. É por isso que devemos, em todos os momentos, cuidar deles… O Homem perdeu, em parte, o caminho, porque se afastou demasiado na direção oposta, afastando-se da natureza, afastando-se da sensibilidade que o reino animal ainda conserva.

Louise Cook: Sim.

Ida Cook: Tens tanta razão.

Mrs Campbell: Tenho ido às vossas sessões.

Ida Cook: Foste mesmo?

Mrs Campbell: Não falei, claro, mas fui levada até lá por várias almas, em diferentes momentos, e o vosso pequeno grupo é, sem dúvida… um oásis no deserto do vosso mundo…

Louise Cook: Oh, que bonito ouvir isso.

Mrs Campbell: …de ambos os lados da vida. Talvez, por vezes, sintam-se desanimadas ou, se não exatamente insatisfeitas, a pensar como estão a progredir. É humano e natural sentirem isso, ao sentarem-se, como dizem, semana após semana… ano após ano… e parecer que muito pouco acontece.
É verdade que há lá um jovem com uma mediunidade notável, como lhe chamam, que começa a mostrar sinais excelentes de desenvolvimento. Mas sabem, o Shaw e outros que já foram ao vosso grupo têm grande esperança de que um dia poderemos vir e falar convosco assim como vos falo agora.

Ida Cook: Que maravilhoso!

Mrs Campbell: Este é, segundo compreendo, o verdadeiro propósito e intenção do vosso grupo.

Louise Cook: Assim esperamos…

Mrs Campbell: Vocês esperam por isso e eles estão convencidos de que, eventualmente, acontecerá. Mas, claro, evidentemente estas coisas levam, muitas vezes, muitos anos.

Ida Cook: Sim, e todos nós só queremos servir, certamente.

Mrs Campbell: Serviço, verdadeiro serviço, é a chave, ou uma das muitas chaves que abrem portas que conduzem à consciência e compreensão espirituais e ao desabrochar. Há muitos aspetos desta grande verdade, e é só agora que começo a perceber a grande possibilidade — não só para mim, mas para um número incalculável de outras almas. Se ao menos conseguíssemos derrubar as barreiras entre o vosso mundo e o nosso… poderíamos trazer ao vosso mundo uma grande revelação de verdade.

O Homem mudaria em consequência, e o mundo encontraria harmonia, paz, amor, tranquilidade e irmandade. Temos tanta fé, mas sabemos o quanto precisamos de instrumentos adequados… que tornem isto possível. É por isso que o vosso grupo é tão importante, porque pode abrir a porta para muitos. Não percam o ânimo.

Louise Cook: Oh não, minha querida, não perderemos.

Mrs Campbell: Sabem, por vezes, quando vimos ter convosco, ficamos ali, à espera pacientemente… e esperamos tanto, e também sentimos, por vezes, uma certa desilusão, tal como vocês devem sentir. De certa forma, talvez seja mais difícil para nós do que para vós.

Ida Cook: Oh… sim, tenho a certeza…

Mrs Campbell: Tudo o que podem fazer é sentar-se pacientemente, com reverência e em harmonia, esperando e rezando para que o tempo não esteja muito distante, quando conseguiremos ter sucesso naquilo que empreendemos juntos. Mas, ao mesmo tempo, somos nós, deste lado, que temos tanto para fazer.

Louise Cook: Sim… tão complexo.

Mrs Campbell: Há aqueles cuja tarefa é trabalhar de uma forma, suponho, científica, para tornar isto possível. Há aqueles cuja tarefa é construir, como lhe chamam, a partir do ectoplasma ou da substância que é usada, que é retirada do instrumento ou médium e, de facto, do resto do círculo…

Ida Cook: Sim…

Mrs Campbell: …todos podemos dar uma contribuição — e utilizar este poder, como dizem, para que possa ser usado, moldado… 'fabricar' suponho que não seja a palavra certa, mas é a única que me ocorre, para criar o que é uma réplica dos órgãos vocais necessários para a fala. Assim, poderemos eventualmente falar convosco, vibrando a vossa atmosfera, falando convosco da melhor forma possível e tentando reafirmar o nosso verdadeiro eu, para sermos ouvidos e

reconhecidos... para trazer convicção e prova ao vosso mundo. Essa é a nossa esperança e a nossa prece, tal como é a vossa.

Louise Cook: Sim, minha querida.

Mrs Campbell: Mas sabem, se fosse possível para vós visualizarem, verem com clareza de visão, inúmeras almas; almas sem conta, que vêm, que se juntam, trazendo tanto amor, tanto amor tremendo para vós. Muitas delas vocês não conhecem, outras conhecem bem — velhos amigos, familiares, guias, um número... um número de almas que vocês não conhecem... que são atraídas pela beleza do brilho do espírito que emana, que resplandece na escuridão do vosso mundo; uma criação dos vossos próprios pensamentos e personalidades.

Vejam, quando se sentam juntas é como se estivessem unidas, como de facto estão; as vossas auras entrelaçam-se como uma só — e é como se uma luz vos envolvesse... e isso atrai muitas almas deste lado.

E claro, embora haja aqueles que têm prioridade, há muitos que são atraídos e aproximados. Alguns que talvez estejam muito próximos da Terra, mas ficam ali, em maravilhamento. Não lhes é permitido comunicar, é verdade, mas mesmo assim são ajudados por estarem presentes e, embora talvez não percebam isso, à vossa maneira, mesmo sem o saberem, estão a ajudá-los. Porque os vossos guias e amigos, ao vê-los ali, ajudam-nos, e quando partem vão com eles, e são ajudados e elevados e trazidos para fora da escuridão das suas próprias almas, para uma maior compreensão do propósito da vida.

São levados, por assim dizer, do astral para a luz do verdadeiro espírito.

Ida Cook: Oh, sim.

Mrs Campbell: ...e assim... assim veem, estão a fazer mais do que imaginam. Quer estejam sentadas com o objetivo ou o desejo de comunicar com almas que venham para elevar, instruir, guiar... estão também, de certo modo, a encorajar outros menos afortunados, que são abençoados pelos vossos pensamentos e preces; que são mostrados o caminho e conduzidos da escuridão para a luz. Lembrem-se também disto [... inaudível...].

Penso... penso que deve ser extremamente difícil para as pessoas do vosso lado compreenderem o verdadeiro significado e a verdadeira realidade do espírito. Mesmo aqueles que dizem ser [... inaudível...] e que têm algum conhecimento e experiência através da comunicação, não — muitos deles, tenho a certeza — não compreendem plenamente o propósito, o significado e a intenção da nossa comunhão. Há tantos que se contentam em permanecer num plano que não está muito distante da Terra...

Louise Cook: Não, de facto.

Mrs Campbell: E esta é a tragédia do Espiritualismo, como eu entendo. Quer vás a uma sociedade, a uma igreja, a uma casa de reuniões ou mesmo a este ou àquele círculo, é extraordinário o número de pessoas que deveriam saber mais. Contentam-se em arranhar a superfície e não se aprofundam para procurar aquilo que está escondido por baixo. Muitos contentam-se com a fachada e não procuram a substância.

Ida Cook: Não.

Mrs Campbell: Vocês pensam na substância do espírito; na realidade do espírito, na força e no poder do espírito — e isto é o que é tão importante. Sei, e tenho ouvido muitos aqui que discutem isto longamente, que fazem questão de ir a este e àquele médium, a esta e àquela igreja, na esperança de que de alguma forma possam elevar e inspirar — e dar-lhes uma maior perceção do significado e do propósito do trabalho do espírito. Mas muitas vezes tem sido impossível alcançar as pessoas.

É por isso que é tão vital, tão importante, que as aspirações mais elevadas do vosso círculo — e de qualquer círculo — sejam as de contactar os reinos do espírito em toda a sua beleza e toda a sua glória, mas apenas aqueles que vêm com a verdadeira mensagem do espírito, que podem trazer a verdade e a elevação, e dar esta gloriosa realização do que significa ser um verdadeiro Espiritualista… com o acento no 'espiritual' — há tão pouco acento, no Movimento Espiritualista, no espiritual.

De facto, pelo que pude compreender e experimentar, muito é material e astral. E foi uma alegria vir ter convosco, porque sei, pela experiência que tive no vosso pequeno grupo, que há um propósito novo, ainda que ténue, mas real. Isto é o que conta, isto é o que importa. Devemos aspirar sempre a tudo o que é bom e, no processo de nos estendermos aos outros, devemos lembrar-nos dos menos afortunados e dar-lhes tudo o que pudermos, de conforto e de ajuda… dar-lhes a nossa força para que também eles se tornem fortes, para que também eles possam conduzir outros da escuridão para a luz.
O Shaw tem muito que quer transmitir ao mundo… e estou certa de que, eventualmente, o fará.

Estou convencida de que ele tem uma mensagem que — se puder ser recebida e registada — será uma grande inspiração, uma grande força, que ajudará muitos a construir sobre uma rocha firme, um edifício.

Ida Cook: Gostava de acreditar…

Mrs Campbell: Sabem, [inaudível] poderíamos mencionar grandes almas que estão à espera da oportunidade de encontrar o instrumento certo ou o círculo certo, através do qual possam vir e transmitir, não só uma grande mensagem para o mundo, mas dar de si mesmos de tal forma que possam acrescentar à estrutura tal força e tal poder, que não haverá ninguém no vosso mundo que possa negar a realidade e a verdade desta comunhão [connosco].

A porta foi aberta de várias formas… há aqueles no vosso mundo que escreverão as palavras do espírito. Há aqueles no vosso mundo que ouvirão a música das esferas — e ela virá através da instrumentalidade de indivíduos que a possam registar e será gravada. Há aqueles no nosso mundo que podem escrever, de tal forma que peças de teatro serão dadas e representadas… será uma ilustração para o vosso mundo da realidade do espírito.

Há tantas, tantas formas de servirmos. E serviremos, e cada um servirá, na forma que for melhor para ele ou para ela. Vós servireis, trabalhareis para o espírito, podereis fazer muitas coisas e o vosso círculo será grandemente abençoado […inaudível]. Por isso não… quero dizer, por vezes é humano duvidar ou talvez sentir-se desconsolado ou sentir que não se está a alcançar muito. Estas são fragilidades humanas […inaudível] — são coisas que têm de acontecer, mesmo connosco.

Quando nos esforçamos muito, também sentimos, por vezes, como vós sentis — isso deve-se em parte, claro, ao facto de que, ao tentarmos comunicar com a Terra, de certo modo, trabalhamos também em pensamento e condições materiais.

Ida Cook: Sim, de facto.

Mrs Campbell: Assim, tomamos sobre nós, temporariamente, claro, algo do velho eu, algo de vós, algo da Terra. Mas posso assegurar-vos que, onde há fé e o poder do Espírito Santo, tudo é possível. Nada é impossível ao poder do espírito e é por isso que falo convosco com confiança, não só por mim, mas por inúmeras almas que estão todas à nossa volta. Pois havemos de ter sucesso naquilo que empreendemos, porque aquilo que vos trazemos é maior do que nós próprios.

Somos apenas humildes instrumentos de um poder maior. Sabei isto e [...inaudível] sabei que tudo é possível com Deus. Não podemos, e não falharemos. Vemos no vosso mundo a grande necessidade de saber. Vemos o grande sofrimento em que o homem [...inaudível], que ele próprio, na sua [...inaudível] e tolice, criou. Mas sabemos que assim como o homem cria para [...inaudível], também ele pode criar através do poder do conhecimento, da verdade e do amor.

E, em consequência, ele transformará o mundo apoiado nestas coisas que são boas, que são eternas, que nada pode apagar. Trabalharemos juntos para este bem comum da humanidade e, em certa medida, teremos sucesso.

Ida Cook: Sim.

Mrs Campbell: Não podemos esperar ou desejar muito, talvez, tão depressa, mas [...inaudível] caminharemos devagar mas seguramente rumo ao objetivo que foi traçado. E assim, meus amigos, todos estamos a desempenhar o nosso papel neste grande plano da vida. Pode parecer-vos um puzzle, do qual têm uma pequena peça aqui...

Ida/Louise Cook: Sim...

Mrs Campbell: ...e uma pequena peça ali, e não conseguem ver a imagem completa. Mas a vossa pequena parte [...inaudível] e desempenha um papel muito importante no todo. Portanto, sejam pacientes e saibam que estamos convosco, que trabalhamos convosco e por vós e pelo mundo. O nosso amor e as nossas bênçãos estejam sempre convosco, e espero que, ao tentar afirmar-me no início da minha pequena conversa convosco, isso tenha algum significado ou traga alguma prova de algum tipo para aqueles que ouvirem.

Ida Cook: ...está gravado.

Mrs Campbell: Mas não importa, no fim de contas. Mas estamos ansiosos por convencer o vosso mundo... fazemos o que podemos.

As minhas bênçãos e as bênçãos de TODOS nós aqui, agora e sempre. Adeus.

Ida/Louise Cook: Adeus. Obrigada.

Mickey: Claro que ela fez o melhor. Ela afirmou-se...

Ida Cook: Ela é maravilhosa...

Mickey: ...sabem, ela tem uma grande intensidade e, bem, ela era atriz e tudo isso, e sente tudo muito intensamente.

De qualquer forma, vejo-vos, raparigas, quando… quando ela voltar, não é?

Louise Cook: Sim, sem dúvida…

Mickey: O meu amor e bênçãos, e irei ver-vos de vez em quando no vosso círculo… adeusinho e amor para todos eles, adeusinho.

Ida Cook: Adeus, querido.

Flint: Adeusinho, querido.

Louise Cook: Adeusinho, querido.

EXCERTO MICKEY
Gravado: Verão de 1935

Este é, provavelmente, o registo mais antigo de uma sessão de Leslie Flint.

Presume-se que tenha sido gravado no verão de 1935 e contém a voz do jovem ajudante espiritual de Flint, Mickey, que nesta altura estava com ele há menos de dez anos.

O primeiro orador neste pequeno excerto é uma esposa em espírito a falar com o marido, depois Mickey fala, numa versão mais aguda da sua voz conhecida.

Depois ouvimos a tentativa sem sucesso de comunicação por parte de um espírito desconhecido, que é substituído por um comunicador regular chamado Jim, seguido pela breve aparição de uma criança em espírito chamada Jimmy…
Presentes: Mr Dawes, Miss Lloyd e outros.
Comunicadores: Mrs Dawes, Mickey, Espírito Desconhecido, Jim Hawkins, Jimmy

Mr Dawes: …meu amor…

Mrs Dawes: Não quero que ele se esqueça do passado. Quero que continue a ser como sempre foi — o nosso rapaz.

Mr Dawes: O nosso rapaz…

Mrs Dawes: Não quero que ele se estrague. Não quero que o sucesso lhe suba à cabeça. Quero que ele pense no futuro, não apenas nas condições físicas, mas no espiritual. Sabes o que quero dizer…

Mr Dawes: Sei, querida, e se ouvisses as nossas conversas ultimamente, o que deves ter feito, de certeza que aprovarias e notarias a diferença…

Mrs Dawes: Ele compreenderá.

Mr Dawes: Ele compreenderá. Ele ouvir-te-á…

Mrs Dawes: Meu querido amor para ele e se ele ouvir isto que…

Mr Dawes: Ele ouvirá.

Mrs Dawes: ...quero que saiba que estou muitas vezes com ele. O meu amor está com ele, em tudo o que faz, e terei sempre orgulho nele, como tive no passado. Mas então, passado, presente e futuro são um só. Para nós, não existe tempo, sabes...

Mr Dawes: Não existe tempo, eu sei, querida...

Mrs Dawes: ...nós continuamos, mesmo tendo deixado para trás o meu velho corpo físico, continuo contigo. Ainda ao teu lado, a inspirar-te o melhor que posso.

Mr Dawes: Sim, e eu começo a perceber...

Mrs Dawes: ...e quero que saibas disso, que sejas paciente, que tenhas paciência comigo quando as coisas forem difíceis para mim.

Mr Dawes: Sempre foi assim...

Mrs Dawes: ...e só... só tens de ter... só tens de ter essa paciência. E em breve saberás, como eu sei, que há um amor maior e mais belo, ainda maior do que o que conhecíamos no passado. Deus te abençoe, querido.

Mr Dawes: Deus te abençoe, querida.

Mrs Dawes: Tenho de ir.

Mr Dawes: Adeus, então.

Mrs Dawes: Deus vos abençoe a todos pelo poder que me deram esta noite e que Deus vos conceda paz e contentamento.

Todos os Presentes: Deus te abençoe. Obrigado. Muito obrigado.

Mickey: Cor! Nada mau. Sabem, perguntei-me se ela conseguiria esta noite, perguntei mesmo.

Sitter: Olá Mickey.

Mickey: Ela estava, assim, emocionada. Sabem como as pessoas ficam emocionadas, não sabem?

Mr Dawes: Sim, oh, ela estava...

Mickey: Mr Dawes?

Mr Dawes: Sim, Mickey?

Mickey: Sabes o que vais fazer, não sabes?

Mr Dawes: Não sei.

Mickey: Vais pintar retratos das pessoas do Espírito que vêm ter contigo, à medida que recebes as impressões. E mais tarde vais ganhar clarividência e vais vê-los — e vais poder pintar-lhes as caras, sabes, em papel, claro. E as pessoas vão saber que são os seus próprios parentes pela *semelhança* que tu apanhas, percebes?

Sitter: Isso é uma palavra grande para ti!

Mr Dawes: Obrigado, Cuckoo, isso é muito…

Mickey: Espera para veres no Outono.

Mr Dawes: Está bem, Cuckoo.

Mickey: Cor!

Mr Dawes: Oh, é o Mickey!

Sitter: É o Mickey.

Mr Dawes: Obrigado, Mickey.

Mickey: Sabes, és mesmo engraçado. Nunca — nunca consegues distinguir um do outro, não consegues, porque ficas tão nervoso à espera de uma pessoa.

Mr Dawes: Sim, peço desculpa.

Mickey: Não faz mal. Nós não levamos a mal, amigo.

Mr Dawes: Não levas a mal eu chamar-te Cuckoo às vezes, pois não?

Mickey: Não, não me importo. É uma honra. Ela é boa, sabes.

Mr Dawes: Sim, ela é boa.

Todos os Presentes: # *Por todos os santos, que do seu labor repousam, Que a Ti pela fé diante do mundo confessaram, Teu nome, ó Jesus, seja para sempre bendito. Aleluia, Aleluia.* #

Mr Dawes: *A tarde dourada brilha a oeste…*

Todos os Presentes: # *A tarde dourada brilha a oeste; Em breve, em breve, aos peregrinos cansados chega o descanso…*#

Espírito Desconhecido: A paz esteja convosco todos…

Sitter: Abençoado sejas. Deus te abençoe, amigo. Deus te abençoe.

Espírito Desconhecido: Estou aqui esta noite…

Mickey: Ele não tem força suficiente, é melhor cantarem mais.

Sitter: Está bem, querido.

Todos os Presentes: # …*Teu nome, ó Jesus, seja para sempre bendito. Aleluia, Aleluia.* #

Jim Hawkins: Então, como estão todos? Como estão, tudo bem?

Todos os Presentes: *(Conversas e riso)*

Jim Hawkins: Pois, cá estamos. Ouvi-vos falar de mim, então pensei: 'Mais vale aparecer e dizer olá', percebem?

Todos os Presentes: *(Riso)*

Jim Hawkins: Olá, Miss Lloyd.

Miss Lloyd: Oh, olá querido…

Jim Hawkins: Oh, tu não és Mrs, pois não? És Miss…

Miss Lloyd: Isso mesmo.

Jim Hawkins: Estou sempre a confundir-me, sabes.

Miss Lloyd: Não nos esquecemos de ti…

Jim Hawkins: Cor, raios! Eu é que não te esquecia, Ma! Miss, quero dizer, desculpa.

Todos os Presentes: *(Riso)*

Jim Hawkins: Eh, sabes, não sei se devia ocupar tempo, mas não resisto à tentação. Bem, vi que hoje andaste por Hyde Park. Coragem! Um dos meus velhos refúgios, era…

Miss Lloyd: Estás a falar comigo, Jim?

Jim Hawkins: Sim, contigo em particular agora.

Miss Lloyd: Sim, fomos lá…

Jim Hawkins: Sim, sítio esquisito, não é? Coragem! Fala-se de… ora aí está religião para ti. Todos a defender um homem e depois a despedaçá-lo. Cada um com uma ideia, outro com outra. Para aí uns quantos grupos ali, todos a discutir sobre ele. E que te faz acreditar no que eu não devia acreditar? Ora, só há uma lei, aquela que ele ensinava há anos — amar uns aos outros — e lá estão eles a discutir sobre isso! Não sei o que vem aí, a sério.

Miss Lloyd: Sempre foi assim, até no tempo de Cristo. Era o mesmo, não era?

Jim Hawkins: Pois, quando chegarem aqui vão perceber o erro. Não importa se és católico, protestante ou o que fores. Só há uma lei, a que Jesus ensinou — amai-vos uns aos outros. Se obedecessem só a isso, não erravam muito, nenhum de vós. Em vez de andarem a desfazer-se uns aos outros, a fazer figura triste em público…

Todos os Presentes: *(Riso)*

Jim Hawkins: Eu acho que isso é degradar a religião, acho mesmo... enfim, cada um tem direito à sua opinião, suponho. É melhor do que tentar mudar-lhes as ideias. Bem, não tenho de ficar aqui a ocupar tempo, senão ainda levo um puxão de orelhas quando voltar lá para trás...

Todos os Presentes: *(Riso)*

Jim Hawkins: Está aqui uma multidão. Coragem, deviam ver esta multidão aqui...

Miss Lloyd: *(Inaudível)*

Jim Hawkins: Olha, dá as minhas lembranças a toda a tua gente, Miss Lloyd?

Miss Lloyd: Sim, faço isso, Jim.

Jim Hawkins: Pois, dá cumprimentos ao Mr Como-se-chama — Zerdin, é isso. Diz-lhe que a mulher dele está aqui, manda o maior amor para ele e diz-lhe para continuar, não desista — o barco não vai afundar!

Miss Lloyd: Muito obrigada, querido.

Jim Hawkins: Está a balançar um bocado, mas não faz mal, rapariga. Vai em frente com essas dificuldades, está bem? Não te preocupes.

Miss Lloyd: *(Inaudível)*

Jim Hawkins: Há sempre um ou dois maus marinheiros no barco, não faz mal. Quando os deitares borda fora, fica tudo bem. Sabes do que estou a falar?

Miss Lloyd: Sim, perfeitamente.

Jim Hawkins: Pois eu também.

Miss Lloyd: Leva tempo.

Jim Hawkins: Ah, vai ficar tudo bem.

Jimmy: Ah ha! É o Jimmy...

Miss Lloyd: Olá Jimmy. Foi bom ouvir o Jim hoje.

Jimmy: Mas ele já não vem muito agora.

Miss Lloyd: Pois não vem...

MICKEY — Abril de 1982

"É tão mais importante para os espiritualistas perceberem que o nosso trabalho é muito mais do que produzir mensagens pessoais…"

Mickey explica que tem dois grupos de almas que querem comunicar e descreve as dificuldades técnicas que enfrenta para tentar juntar esses dois grupos separados, para que possam comunicar eficazmente com os presentes…

Um grupo são os familiares, amigos e entes queridos dos presentes — o outro é um grupo de almas que já estão em espírito há milhares de anos e habitam um reino totalmente diferente…

Ele explica que quer ajudar todos, mas só pode fazê-lo com a cooperação absoluta de todos os lados…

"Devemos tentar libertar-nos dos pensamentos e desejos materiais e perceber o poder do espírito dentro de nós…"

"Estão a viver nas sombras. Nós estamos a tentar trazer-vos a luz — a iluminação da mente e do Espírito!"

MICKEY, Orador Desconhecido

*"Cada um de vós está aqui por um propósito… fundamentalmente estão aqui para a elevação espiritual… mas o desejo interior profundo que as pessoas devem ter… é o desejo de um contacto pessoal, com alguém [no Mundo Espiritual] que significou a vida para vós…

Todos estes cinquenta e tal anos que trabalhei com o velho Flint, o meu trabalho foi dar-vos provas e ajudar-vos — e tem sido maravilhoso e fico feliz por tê-lo feito — mas ele não está a ficar mais novo (na verdade, está a ficar uma relíquia!)

Gostava de sentir que, nos próximos anos que restam, o nosso trabalho possa ser feito ao nível que sentimos ser necessário para a massa da humanidade.

Estas gravações podem ser feitas, podem ser usadas e passadas, dando às pessoas a oportunidade de receberem algo de verdadeiro valor. Gostaríamos de usar a mediunidade de Flint no nível que sentimos ser necessário e justo. Depois de cerca de cinquenta anos de serviço a um certo nível, agora gostaríamos de encerrar o nosso trabalho com algo de natureza mental e espiritual, que conforte toda a humanidade.

Não queremos formar uma organização, não queremos formar um grupo religioso. Não queremos colocar um indivíduo numa posição superior — qualquer grupo que clame ser superior ou diga que está certo e os outros errados, há algo profundamente errado — seja com o orador, seja com o líder da organização…*

*"Estamos, universalmente, à procura de que os 'filhos' de Deus se unam em verdadeira harmonia, em verdadeira paz e amor, para que vejam que todos fazem parte do Plano Divino e todos fazem parte do mesmo Espírito.

Queremos derrubar barreiras, queremos trabalhar juntos. Estamos tão ansiosos por encontrar canais. Tivemos de desenvolver este médium (Flint) há anos, para que pudesse ser usado na

capacidade de ajudar outros — e nesse sentido acho que fizemos um bom trabalho. Mas nunca sentimos que alcançámos tudo o que podíamos ter alcançado, porque, até certo ponto, tivemos de nos curvar à vontade e às exigências das pessoas — mais do vosso lado do que do nosso...*

*"Queremos mostrar-vos a realidade do Espírito, queremos demonstrar-vos a realidade do Espírito...

Esta é a nossa tarefa, este é o nosso trabalho..."*

Alfred Higgins

Gravado: Segunda-feira, 14 de Outubro de 1963.
Esta é a voz de Alfred Higgins, um pintor e decorador que faleceu no hospital depois de cair de uma escada no trabalho. Ele explica como tentou, pela primeira vez, comunicar com a sua esposa, que ficou a sofrer com a sua partida, e como fez uma visita, com um novo companheiro espiritual, para ver os seus amigos no pub...
Presentes: Leslie Flint e Betty Greene
Comunicadores Espirituais: Alfred Higgins e Mickey

Greene: Bem, pode dizer-me, Sr. Higgins, como partiu e quais foram as suas reações depois de partir?

Higgins: Caí de uma escada.
Greene: Oh.
Higgins: Não morri logo, mas fiquei inconsciente e morri no hospital. Claro, já foi há bastantes anos. Eu era pintor e decorador.
Greene: Mmm.
Higgins: Você é da zona de Brighton, não é?
Greene: Sim, sou.
Higgins: Vivi na zona de Brighton, durante algum tempo.
Greene: Sim? Onde em Brighton?
Higgins: Já foi há muitos anos e, como tantos sítios, mudou bastante, não foi? Era para os lados de trás do Old Steine.
Greene: Para os lados de trás do Old Steine?
Higgins: Sim.
Greene: Sr. Higgins, pode dizer-me as suas reações ao partir? Como se encontrou.
Higgins: Como quê?
Greene: Como se encontrou — as suas reações quando partiu.
Higgins: Bem, quando tive, assim, uma primeira espécie de consciência ou noção do que me tinha acontecido, estava deitado numa espécie de talude com vista para um rio.
Greene: Oh.
Higgins: Eu... não percebia nada daquilo. Não fazia ideia de onde estava. Não reconhecia o sítio e não fazia ideia de como ali tinha chegado. E então vi alguém a aproximar-se de mim, vestido... bem, parecia-me que era um monge. Mas percebi, claro, depois, que não era um monge. Mas tinha uma espécie de hábito comprido e parecia um senhor benevolente, e bastante jovem. Lembro-me que, quando o vi, pensei: "Oh Deus", quando percebi — ou pelo menos pensei — que era um monge, pensei: "É tão novo para ser monge."
Para ser sincero, naquela altura pensei para comigo que ele parecia mesmo Jesus. Pelo menos como eu já tinha visto em imagens de Jesus. Mas percebi depois, claro, que não era. E ele chegou-se a mim e ficou ao meu lado a falar comigo.

Ele disse: "Ah, chegaste."
Eu digo: "Cheguei? Não percebo bem o que quer dizer."
Ele diz: "Não percebes então que estás aqui, onde estás?"
E eu digo: "Não. Só sei que não reconheço este sítio. É muito bonito."
E ele diz-me: "Estás morto, sabes?"
Eu digo: "O quê?!"
Ele diz: "Sim. Estás... estás morto."
Eu digo: "Ah! Não estou morto. Como posso estar morto? Não conseguiria ver." E senti-me, toquei-me. Disse: "Olhe, como posso estar morto? Olhe, estou sólido, percebe?" E ele diz: "Ah, muita gente do teu lado pensa que quando morrem ou deixam de ser nada ou então vão para o céu ou para algum outro sítio como o inferno. Não há sítio nenhum que seja céu, nem sítio nenhum que seja inferno. Estás num estado de vida que é tão real — como podes ver por ti mesmo — como tudo o que já conheceste antes.
A vida além do que vocês chamam morte é um estado da mente. A tua condição agora é talvez um pouco confusa. Mas não estás infeliz e, pelo que vejo, pareces bastante tranquilo. Pareces calmo e sereno. Não estás demasiado ansioso com nada em particular, pois não?"
Eu digo: "Não, mas agora que começo a perceber que o que diz é verdade, tenho de admitir que estou um bocado preocupado com os meus. Deve ter sido um choque terrível para eles, sabe? Não me lembro de morrer. Só me lembro de cair. Ou melhor, tive a sensação de estar a cair e depois não me lembro de mais nada."
E ele diz-me: "Bem, claro, morreste no hospital, sabes?" Então eu digo: "Ah, foi?"
Ele diz: "Gostavas de voltar, nem que fosse por um bocadinho, para ver os teus? Achas que isso te ajudaria?"
Eu digo: "Bem, seria interessante, não seria? Gostava de os ver."
Mas ele diz: "Eles não te vão ligar nenhuma, sabes?"
Eu digo: "Então porquê?"
Ele diz: "Eles não percebem que estás lá porque não te podem ver e não te ouvem se falares com eles."
Então eu digo: "Bem, assim não vale a pena ir, pois não?" E ele diz: "Bem, fica ao teu critério", assim num tom, sabe?
E eu digo: "Ah, vou na mesma. Pode ser que a Ada — que era a minha mulher — talvez... Gostava de ver como ela está, pelo menos."
E ele diz: "Está bem. Vamos então."
Eu digo: "Então como é que vamos lá?"
Ele diz: "Vens comigo. Vamos só subir esta estrada." E subi a encosta até à estrada. Fomos andando e ele diz: "Dá-me a mão."
Senti-me um bocado estranho, sabe? Pensei: soa meio tolo eu estar a dar a mão a alguém assim. Mas pronto, ele disse para dar a mão, então dei. Assim que lhe toquei na mão, foi como se tudo ficasse meio estranho. Era como se tudo, aos poucos, desaparecesse. Era como se eu estivesse — não sei — a adormecer, suponho, de certa forma, mas não era bem sono. Era só uma espécie de falta de perceção e de consciência das coisas à volta. Fiquei como que inconsciente, suponho.
Quando dei por mim, estava de pé na nossa cozinha a ver a minha mulher. Ela estava em frente ao lava-loiça a descascar batatas e eu pensei: "Isto é esquisito." Pensei: "Não sei, será que ela sabe que estou aqui?" e chamei o nome dela. Ela não disse nada. Não me ouviu, obviamente. Então o meu amigo diz: "Ela não te vai ouvir, sabes?" E eu digo: "Bem, não sei. O que posso fazer?"
E ele diz: "Não podes fazer nada. Mas pode ser que ela sinta a tua presença. Nunca se sabe. Vamos esperar mais um bocadinho."
Então fiquei ali parado a concentrar-me.
Ele diz: "Concentra o teu pensamento nela. Pensa com força, sabes? Pensa o mais forte que conseguires. Pensa no nome dela."

E eu fiz isso e, de repente, ela ficou direita e deixou cair… deixou cair a faca e a batata que estava a descascar e olhou à volta. Parecia mesmo confusa, parecia quase assustada e eu fiquei com pena, de certa forma, por ter assustado a minha Ada, porque percebi que devia ter sido eu a tentar chegar até ela, sabe? E pronto, ela saiu a correr da cozinha. Abriu a porta e depois fechou-a de novo, sentou-se, pôs a cabeça na mesa e começou a chorar. E eu senti-me tão mal com aquilo. Pensei: "Oh Deus, isto é horrível."
E ele diz-me: "Não te preocupes. Ela sente. Ela percebe. Ela sabe, dentro dela. Ainda não entende, mas sabe cá dentro que estás perto dela."
Eu digo: "Bem, se é para a deixar assim tão triste, não vale muito a pena, pois não?"
E ele diz: "Não te preocupes com isso. Isto acontece muitas vezes às pessoas. Elas não sabem com certeza. Nunca lhes falaram da vida depois da morte. Nunca lhes falaram da possibilidade de comunicação e essas coisas. Mas ela vai perceber… ela sente… ela sabe, lá no fundo."
Eu digo: "Bem, não há nada que eu possa fazer?"
E ele diz: "Nada. Não é o momento certo. Tens de esperar. Mais tarde, talvez possamos fazer alguma coisa."

Então eu digo: "Bem, e agora o que fazemos?"
E ele diz: "Bem, acho que aqui já não podes fazer muito mais. Acho que o melhor é voltarmos."
Então eu digo: "Ah, está bem. Mas gostava de ir a um ou dois sítios antes de voltarmos, se não se importa."
E ele diz: "Bem, onde queres ir?"
Então pensei: "Bem, seria interessante… já que estou assim, gostava de ver uns amigos e tal."
E ele diz: "Está bem."
Então eu digo: "Importas-te de vir a um pub?" Ele riu-se quando eu disse isso. Eu disse: "Não te importas, pois não? Parece um pedido estranho pedir-te a ti, que és um anjo, para vires comigo a um pub."
E ele diz: "Ha! Nós vamos muitas vezes a pubs e sítios assim. E eu não sou um anjo."
Então eu digo: "Bem, eu fiquei com a impressão de que, desde que estás aqui, assim tão respeitável e tudo, devias ser. Mas reparei que não tens asas."
E ele riu-se outra vez. Ele diz: "Claro que não temos asas. Isso é uma ideia antiga que muita gente religiosa tem na Terra, a de que os anjos têm asas. Isso é porque sempre pensaram que as pessoas, quando morrem — isto é, as boas — sobem ao céu. E antigamente pensavam que a única forma de subir ao céu era arranjar asas como os pássaros. É mais uma daquelas coisas tortas que eles metem na cabeça, percebes?" Claro que ele não disse exatamente assim — isto sou eu a contar à minha maneira.
De qualquer forma, ele tinha um grande sentido de humor e eu senti-me tão à vontade com ele.
Então eu digo: "Bem, gostava mesmo de ir a este pub."
E ele diz: "Está bem."
E eu pensei para comigo: "Bem, isto vai ser esquisito, porque ele obviamente não vai saber onde é o pub e eu não sei como lá chegar sozinho, agora assim como estou, sem corpo físico como vocês dizem."
Então ele diz: "Eu sei o que estás a pensar. Basta pensares no sítio, fechares os olhos, e já lá estamos."
Então pensei: "Bem, isto está ótimo." Então ele estendeu a mão para mim. Pensei: "Pronto, devo ter de lhe dar a mão outra vez," percebes, então dei. E a seguir dou por mim no balcão do pub, percebes, e lá estavam três dos meus velhos amigos. Fui e pus-me ao lado de um e lembrei-me do que me tinham dito para fazer com a esposa — concentrar-me, pensar com força, percebes? E ele tinha a caneca de cerveja à boca e eu estava a pensar o nome dele, percebes, e de repente ele pousou aquilo no balcão com força, percebes? E ficou mesmo atrapalhado. Olhou à volta e depois disse aos meus outros dois amigos: "Isto é esquisito. Tive a certeza de que ouvi… Tive a certeza de que ouvi…"
E os outros disseram: "Ouviste o quê?"

E ele diz: "Não ouviram nada?"
E eles disseram: "Não, não ouvimos nada."
E eu pensei: "Bem, fiz com que ele..." ... Ele deve ter pensado que estava a fazer figura de parvo.
Então ele diz: "Ah. Não é nada."
Então riram-se e disseram: "Que se passa contigo, pá? Estás nervoso?" Percebes, e ainda se divertiram um bocado com isso.
Mas ele ouviu-me bem. Mas foi feito pelos meus pensamentos. Uma das primeiras coisas que percebi foi que não precisas de falar para seres ouvido. Tens é de te concentrar muito. É uma questão de estares sempre a pensar que queres contactar ou fazer qualquer coisa, e então é possível. Não dá é para fazer isso falando como antigamente, percebes? Foi a minha primeira lição disto.
Depois, mais tarde, levaram-me a uma igreja — uma igreja espiritualista. E eu pensei: "Bem, se ao menos conseguisse passar uma mensagem à minha mulher," percebes, mas ela nunca ia a essas coisas.
Mas... claro, por esta altura eu já tinha aprendido bastante e o meu amigo — este senhor de quem vos tenho falado — eu percebi e soube muito mais sobre ele passado um tempo. Percebi que ele era líder de um grande grupo de pessoas aqui e era um professor e eu aprendi imenso com ele, sabes? E mais tarde ele disse-me: "A única forma, claro, de esperares contactar alguém teu na Terra é ir a uma igreja espiritualista."
Eu disse-lhe: "Bem, já ouvi falar de igrejas espiritualistas e disso tudo mas nunca pus os pés numa. Acho que a mulher foi a uma, há muitos anos, mas não era muito virada para isso, percebes, e eu também nunca a encorajei."
Então pensei: "Bem, essa é uma forma. Então o óbvio é tentar levá-la a uma igreja espiritualista."
E lá fui eu a uma igreja espiritualista que ficava não muito longe de onde costumávamos viver e, claro, a minha mulher não estava lá. E fui lá várias vezes e ela não estava lá. Então pensei: "O que tenho de fazer é tentar influenciá-la para ir a uma igreja espiritualista."
Então comecei a visitar a minha mulher outra vez e comecei a tentar influenciá-la para ir a uma igreja. Devia ter passado, ah, uns 18 meses depois de eu ter batido a bota, percebes, e ter vindo para aqui, percebes. E pronto, passado um tempo, consegui meter-lhe a ideia na cabeça de ir a uma igreja espiritualista. Mas, claro, ela não queria ir sozinha. Levou a irmã Floss com ela, percebes.
Então, uma noite, eu estava na igreja. Eu sabia que já a tinha convencido a ir porque tinha estado o dia todo a trabalhar nela. Aliás, já tinha andado a trabalhar nela uns dias antes. E pronto, lá foi ela, naquela noite, com a Floss. E estavam sentadas lá atrás e estava uma médium na plataforma. Eu olhei para ela e pensei: "Ó diabo, tinha mesmo de calhar uma assim." Não me pareceu grande coisa, percebes? Já tinha visto boas e más, sabes, e esta parecia daquelas todas santinhas e falava de coisas que até eram boas para quem gosta, mas não era grande coisa a dar provas e não parecia descrever muito bem.
Então pensei: "Dá-lhe gás, Joe," percebes.
E quando ela começou a dar aquelas mensagens, pensei: "Bem, tenho de me meter nisto de alguma forma," percebes? Pensei: "Tenho de fazer alguma coisa." Então concentrei-me como um maluco nela, percebes, e lá ela acabou por apanhar.
(Silêncio)
Greene: Força, Alfred, isso está ótimo... (Silêncio) ... Sr. Higgins, ainda está aí?
Flint: *(Tosse alto umas quantas vezes)* Desculpem!
Greene: Está bem. Está a ser ótimo.
Flint: Mmm.
Greene: Força, Alfred... (Silêncio) ... Oh, foi-se embora?
Higgins: Estava a tentar pensar...
Greene: Ah...
Higgins: ... sabes, no que podia... passar-lhe, percebes?
Greene: Sim.

Higgins: Bem, esta médium não era grande coisa. Mas pronto, ela lá me apanhou. Ela apanhou certas coisas que eu estava a tentar passar-lhe. Consegui que ela falasse de… Ela não parava de ver uma escada. Claro que ela baralhou aquilo tudo (desculpem a expressão). Mas baralhou, percebes.
Ela diz: "Não sei, minha querida, se vais ter alguma sorte, mas vejo uma escada contigo." E eu pensei: "Valha-me Deus, isto vai bem, vai!"
Mas claro, a minha mulher lá percebeu que eu tinha tido um acidente numa escada. Então a minha mulher diz: "Bem, isso da escada faz sentido."
E claro, a médium baralhou tudo. Ela diz: "Acho que vai acontecer-te algo muito bom, minha querida. Vejo-te a subir esta escada rumo ao sucesso."
Claro que isto não era nada do que eu estava a dizer à bendita médium (com todo o respeito), mas foi a interpretação dela, percebes? Pensei: "Ó diabo!"
Mas pronto, lá consegui passar umas coisinhas e depois consegui passar o meu nome. Isso é que foi duro: conseguir passar o meu nome próprio, percebes? E então a minha mulher diz: "Acho que percebo isto tudo muito bem." E depois ela diz — claro que eu podia ter dado um pontapé na minha mulher depois — porque ela diz: "O meu marido morreu numa escada e chamava-se Alf."
Pensei: "Bem, consegui passar isso à minha maneira," mas a médium estragou um bocadinho. Mas pronto, não faz mal.
Depois pensei: "Bem, o que é que posso dizer que a deixe mesmo sem dúvidas?" percebes? Então pensei: "Agora tenho de passar uma coisa mesmo certeira," percebes?
Então eu digo… quer dizer, concentrei-me na médium para dizer… (Digo "digo" mas na verdade, quando estás a tentar passar, é como se estivesses a dizer através da médium mas estás a pensar, percebes? É tudo muito complicado.)
Então eu digo — impressionei a médium para dizer: "Esse anel que tens não é o anel, não é o mesmo anel," percebes? Ora isto não faria sentido para ninguém, suponho, mas para a minha mulher tinha um grande significado, porque o que aconteceu mesmo foi que a minha mulher perdeu a aliança de casamento e tentou não me contar que a tinha perdido, porque sabia que eu ficaria chateado, então foi comprar outra igual, praticamente igual, percebes? E eu sabia disso — porque soube desde que vim para cá. Pode parecer estranho para ti…
Greene: Não.
Higgins: … mas isso estava na cabeça dela, o facto de ter aquela nova aliança sem eu saber, em vida. Mas eu sabia, claro… desde que vim para cá, e estando em contacto com a minha mulher, não há muito que eu não saiba do que se passa. Então pensei: "Bem, isto vai deixá-la sem palavras," percebes? Então pensei e falei do anel de casamento, percebes, que não era o original e que tinha comprado outro. E claro, ela ficou branca, mas disse: "Como é que o meu marido podia saber isso? Nunca lhe contei, sempre o escondi dele," percebes?
E claro, a médium inchou toda — sabes como é que é, algumas fazem isso. "Bem, claro," diz ela, "sabes que isto é uma prova do teu marido, não é, minha querida?" percebes? Foi toda "la la". Sentiu-se bem naquela noite. E eu fiquei contente por ela também, por lhe dar um empurrãozinho, percebes? Alguns destes médiuns ficam em baixo quando começam mal uma sessão. Precisam de algo que os anime e eu fiquei feliz por ter conseguido fazer isso. E a minha mulher também recebeu um bocadinho, percebes? Foi bom para todos. Fiquei mesmo feliz com isso. E depois disso a minha mulher ficou muito interessada e foi a várias sessões. E agora, aliás, está aqui comigo.

Greene: Ah, eu percebi isso, sim…
Higgins: (Interrompendo) Mas, hum… estou a falar de há trinta e tal anos, sabes.
Greene: Sim.
Higgins: Mas já me ri muito, sabes.
Greene: Já?
Higgins: Algumas reuniões espiritualistas, sabes… É uma pena porque muita desta gente é muito

simpática, muito sincera. Têm boas intenções. Mas metade deles são uns meia-leca, não estão verdadeiramente desenvolvidos, e muito é imaginação deles. De vez em quando lá passam alguma coisa. Quer dizer, conseguimos meter-lhes qualquer coisa na cabeça, sabes, e pôr isso cá fora. Mas acho que o problema é que muitos velhotes, sabes, gostam de se levantar ali, sabes, e de parecer importantes para o resto da congregação e, se calhar, não devia dizer isto — são bem-intencionados — mas muitas vezes fazem mais mal do que bem, sabes.
Nunca me hei-de esquecer daquela primeira vez, conseguir chegar àquela médium. Acho que ela nunca tinha feito tão bem na vida. Ela ficou radiante até aos ossos. Ficou mesmo entusiasmada com aquilo tudo. Claro que isto já foi há muito tempo.
Greene: Sr. Higgins, ou é Sr. Higginson, não é? O que está a fazer agora, aí do outro lado?
Higgins: Hã?
Greene: O que é que faz agora do outro lado? Como passa o seu tempo?
Higgins: Bem, sou muito, muito feliz com as várias coisas que faço. Eu sei que pode parecer maluco para ti, mas não posso fazer nada se parece ou não (embora muita gente não fosse perceber isto), mas dá-me muito prazer tomar conta das casas das outras pessoas, ajudá-las a instalar-se quando chegam cá pela primeira vez, fazer uns trabalhos para eles.
Sabes, as pessoas metem na cabeça que os sítios aqui não são como na Terra. Bem, de certo modo é verdade. Não são bem iguais, mas as pessoas gostam de ter um lar. Gostam de ter à volta coisas a que estão habituadas.
Gostam de cor na casa, de beleza. E muitas vezes vem para aqui uma pobre alma que, se calhar, tinha só um quartinho no fundo de um beco e sempre quis ter uma casinha bonita, talvez no campo, rodeada de flores... ter, se calhar, um cão ou um gato, ou um companheiro, sabes? E aqui conseguimos ajudar esses velhotes, sabes?
As pessoas aí não fazem ideia da infelicidade que há nas traseiras, nos becos escondidos... As pessoas veem pouco do que se passa realmente. A maioria preocupa-se tanto com a sua vida que ou não pensa ou não quer saber do que se passa com tanta gente.
Aqui, quando cá chegam, algumas destas pobres almas, são pessoas solitárias às vezes. Algumas viveram sozinhas durante anos.
Tenho sempre interesse pelos mais velhos. E, claro, a maioria, é verdade, tem cá a sua família, parentes que os recebem e isso tudo. Mas gosto de sentir que posso ajudá-los a instalarem-se na sua casa. E faço uns trabalhinhos e ajudo no que posso.
Nós decoramos. As pessoas pensam que isto soa tolo, mas, percebes, estou a falar de condições de vida que, de certa forma, são muito parecidas com as da Terra. O mundo em que vivemos é muito, muito parecido em certos aspetos, muito natural. E ainda bem que é assim. Porque quem quer vir do vosso mundo, alguém que foi uma pessoa normal, boa pessoa, não muito esperta ou talentosa, talvez — não quer de repente tornar-se anjo e entrar num estado de ser que o fizesse sentir-se completamente deslocado. E, de qualquer forma, mesmo que percebessem, iriam dar valor porque aquela ideia de que alguns têm de que viver aqui é como viver num mundo de santinhos é tão ridícula; é tão rebuscada e tão...
Bem, quero dizer, isso vem — obviamente — da velha ideia de que se foste muito bom vais para um mundo bonito e tornas-te anjo e ficas santo e tal: isso não é viver, isso é um estado de espírito que, quando se analisa, não vale nada.
O nosso é um mundo real onde há todo o tipo de ações e pensamentos, percebes? Temos as nossas casas, temos sítios para onde vamos ouvir música maravilhosa, podemos receber amigos, visitar uns aos outros. Temos centros de educação. Temos grandes bibliotecas onde há livros maravilhosos para leres, e sítios onde podes ver coisas maravilhosas... Suponho que chamarias filmes, embora não sejam bem filmes como tu conheces, mas é a forma mais parecida que tenho para descrever — onde podes ver representado tudo o que diz respeito ao Homem e ao seu desenvolvimento, à vida, à evolução dos povos e das nações.
E aqui vivemos juntos em paz e harmonia. E a cor ou a nacionalidade não significam nada para nós. Somos todos buscadores, somos todos filhos do mesmo Deus, a desenvolvermo-nos e a progredir juntos, em amor e harmonia. Não há essa parvoíce que tens na Terra, nem essa

tacanhez. Não há atritos como no vosso mundo entre religiões, partidos políticos, organizações e isso tudo. Aqui compreendemos, aqui percebemos que somos todos, verdadeiramente, parte do reino de Deus, parte da Sua obra, todos a tentar evoluir e melhorar-nos mental e espiritualmente. E somos muito humanos.
Muita gente aí pensa que mal chegamos aqui deixamos de ser humanos, deixamos de ser quem éramos. Claro que somos os mesmos, mas um bocadinho mais sábios, um bocadinho mais sensatos, um bocadinho mais compreensivos, um bocadinho mais tolerantes. Eu diria muito mais tolerantes. Simplesmente já não temos essas ideias tontas que se ensinam ano após ano aí: todas essas crenças fechadas e o resto. Isso não ajuda os filhos de Deus. Separa-os. Todos, todos os filhos de Deus têm a mesma oportunidade de sobrevivência no sentido mais elevado, espiritual e mental. Gostava de conseguir explicar isto melhor.
Greene: Explicou muito bem.
Higgins: … mas, hum… lamento que o teu amigo querido não esteja aqui porque acho que ele é um homem muito simpático. Talvez venha noutra altura.
Greene: Ele vai ficar muito feliz com esta gravação, Sr. Higgins.
Higgins: Bem, diz-lhe que lhe desejo tudo de bom.
Greene: Sim. Sr.… (pausa)
Higgins: Já não aguento muito mais, querida.
Greene: Oh, está bem então, não se preocupe.
Higgins: O que é que ias dizer?
Greene: Está a viver numa casa com a sua mulher agora, não é?
Higgins: Temos uma casinha muito jeitosa, que nos serve bem, mesmo perto… mesmo perto de uma grande… suponho que lhe chamarias uma cidade. Fica nos arredores de uma grande comunidade de pessoas que vivem… bem, só posso dizer que é uma espécie de cidade, embora não seja exatamente o mesmo que vocês chamam cidade mas… comunidade, se preferires.
É uma coisa maravilhosa, maravilhosa. Ah, quem me dera conseguir explicar como é realmente a vida. Ninguém precisa ter medo de morrer. É algo pelo qual vale a pena esperar, acredita. Tenho de ir, mas ficam todas as minhas bênçãos. Adeus.
Greene: Adeus e muito obrigada.
Mickey: Tchau tchau.
Greene: Adeus Mickey, que Deus te abençoe.
Mickey: Amor para o George.
Greene: Direi, meu querido, muito obrigada Mickey.
Flint: (Tosse) Mmm. Foi bastante interessante, não foi?
Greene: Foi muito bom… maravilhoso. Não podemos queixar-nos, Leslie!
Flint: Não. É… bem, não é exatamente invulgar mas é… bom, não é? (Tosse) Desculpem a tosse…
Greene: Está bem… tem estado com um mau resfriado, não tem?
Flint: Bem… tive uma espécie de constipação, estas duas últimas semanas, que não é…

HARRY PRICE

19 Dez 63

Esta é a voz de Harry Price, o renomado investigador psíquico e autor britânico, que faleceu em 1948.
É mais conhecido pelas suas investigações sobre a assombração do *Borley Rectory*, em Essex.
Nesta comunicação — onde Price fala muito pausadamente no início — ele explica a diferença entre fantasmas e pessoas do Espírito.
Presentes: Leslie Flint, George Woods e Betty Greene
Comunicadores Espirituais: Harry Price e Mickey.

Greene: [Obrigada] amigo.
Woods: Muito contentes por ter vindo ter connosco.
Price: Não tenho a certeza se me conseguem ouvir ou não.
Greene: Sim.
Woods: Ouvimo-lo muito bem.
Greene: Muito bem mesmo, obrigada.
Price: Bom. Antes de começar a falar convosco sobre o que considero um assunto de grande interesse — e tenho a certeza de que o que tenho para dizer vos será útil e vos prestará um bom serviço — queria ter a certeza de que me ouvem nitidamente, porque é sempre um problema saber até que ponto estamos a ser bem registados. Presumo que não preciso, necessariamente, de entrar em muitos detalhes sobre como funciona a comunicação e quais as dificuldades com que temos de lidar. Estes pontos, tenho a certeza, conhecem-nos bem. Mas tenho pensado muito ultimamente como seria interessante poder vir falar-vos sobre fantasmas...
Greene: Oh, sim.
Woods: Sim, muito interessante.
Price: Porque tenho a certeza de que no trabalho que tentam fazer — e que acredito que fazem com muito sucesso — devem receber muitas perguntas das pessoas, especialmente perguntas sobre fantasmas...
Greene: Mmm.
Price: ... e como eu próprio, quando estava do vosso lado, estudei o assunto... e como provavelmente sabem, escrevi... bastante sobre isso — sobre o meu esforço para descobrir a verdade sobre o tema, em especial no que diz respeito a Borley. O meu nome, aliás, é Price, Harry Price.
Woods: Oh.
Greene: Oh, olá, Sr. Price.
Woods: Olá. Estamos muito contentes por ter vindo...
Price: (Interrompendo) ... e gostava de dizer antes de mais que estou muito consciente, agora que estou deste lado, de como é difícil — quase impossível, diria eu — provar seja o que for relacionado com assuntos psíquicos de forma puramente material ou científica. Acho que temos de aceitar o facto de que uma prova científica — aquela prova que atrairia e seria aceite, estritamente com base científica, por mentes científicas — é praticamente impossível de obter a 100%; e sabem que a ciência só se interessa por provas de 100%. Não quer saber de 50 ou 75. Pode, até certo ponto, aceitar com reservas, mas a ciência quer demasiado essa prova absoluta, com base científica, de algo que, no fundo, eu sinto que não pode ser aceite ou provado cientificamente.
Mas a razão de eu ter vindo é que pensei que uma discussão, uma conversa, sobre fantasmas seria interessante, e também, talvez, respondesse — como espero que responda — a certas dúvidas em relação a eles.
Costuma-se ouvir falar de fantasmas e entidades que assombram certos lugares, muitas vezes durante séculos. E às vezes são, consoante a mentalidade do fantasma em questão, um incómodo. E às vezes são muito indesejáveis do ponto de vista de perturbarem e assustarem quem vive nesses sítios. Mas penso que, antes de mais, devemos diferenciar porque há vários tipos de fantasmas.
Primeiro tens o fantasma de um indivíduo, talvez morto há muito tempo, que não tem ligação direta com o verdadeiro espírito da pessoa em questão. O que tento dizer aqui é que podes ter uma força de pensamento muito poderosa que pode, pelo seu poder, dar a impressão de que a pessoa ou personalidade está presente durante a ocorrência da assombração. E muita gente, quando vê o que chama de fantasma, tem a impressão de estar a ver a aparição na forma exterior do indivíduo que há muito morreu. Mas o que acontece realmente é que o indivíduo em questão não está necessariamente presente. É uma projecção astral no ambiente que, em certas ocasiões (normalmente porque o ambiente é propício a isso) se manifesta em forma ou

aparência.
Mas essa aparição não tem poder algum, porque a mentalidade ou a mente do indivíduo — o fantasma — não está lá, não está presente. Noutras palavras, é uma espécie de 'casca' que se forma a partir do éter em certas condições, muitas vezes em certas alturas, e tem um poder limitado. Só se pode mover em certas áreas e condições e só pode ser visto, muitas vezes, por pessoas que são (sem o saberem) mediúnicas ou sensíveis ao ponto de conseguirem ver nessa vibração que envolve a Terra — a qual é muito usada, muitas vezes, por médiuns espiritualistas para se ligarem e sintonizarem com espíritos de outras esferas.
Com isto, o que tento transmitir é que um fantasma é algo totalmente diferente de um espírito. Pode-se dizer que um fantasma — que não tem substância real nem poder real — é uma vibração mental muito forte que se impregnou no ambiente de um lugar específico, invariavelmente porque no momento da morte da pessoa, os seus pensamentos eram tão fortes e poderosos que deixaram atrás uma condição de memória que pode, até certo ponto, ser tangível, embora o indivíduo em si, como já disse, tenha há muito partido.
Muitas destas assombrações... o poltergeist... não tem ligação com o indivíduo. É uma condição do passado que se registou, registou-se tão fortemente no ambiente que consegue recriar-se numa forma, figura e substância de um tipo que não tem qualquer poder físico real — poder material — mas apenas uma condição etérica, e não pode, em circunstância alguma, fazer mal a quem quer que seja; não pode de forma nenhuma fazer ou dizer nada, ou ter qualquer poder sobre alguém que se aperceba da sua presença.
Vês isso em casas muito antigas, castelos e por aí fora, onde estas aparições surgem, e não estão necessariamente sozinhas. Por exemplo, há lugares onde se travaram grandes batalhas, onde aconteceu morte súbita em massa e a força do pensamento foi tão forte, ficou tão registada em redor daquele local, que há ocasiões em que essa batalha pode, de facto, voltar a ser vista.
Na verdade, quando as pessoas do vosso mundo perceberem que o mundo astral ou etérico, que se mistura com o vosso, é, num certo sentido, um espelho... Ele regista e consegue mostrar todo o tipo de acontecimentos relacionados com a vida do Homem, em especial o momento da morte. O mundo físico está rodeado, completamente, por esta condição etérica de vida ou substância, tal como é, que contém reflexos de acontecimentos passados.
Na verdade, pode-se dizer que tudo o que aconteceu de importante, individualmente ou colectivamente para o Homem, ainda está no ambiente. Até a pessoa mais comum pode entrar numa casa com intenção de a comprar ou de lá viver no futuro e, mesmo sem ser 'psíquica' no sentido geral de mediunidade, ao abrir a porta sente e percebe uma atmosfera. Às vezes é tão forte que, por mais agradável que a casa pareça, não a comprarias; nem a aceitarias de presente, porque nessa casa há um poder de tal forma forte e intenso que ninguém se sentiria feliz lá. As paredes estão impregnadas com as forças de pensamento de indivíduos ou de um indivíduo que viveu naquele lugar.
Sabes, é perfeitamente verdade que nós próprios criamos a nossa própria atmosfera. Somos todos indivíduos, e alguns muito mais fortes que outros; e no que diz respeito aos nossos bens na Terra — as nossas casas, os nossos locais de culto, por exemplo — encontras condições muito variadas. Normalmente, claro, felizmente, são bem agradáveis e habitáveis. Mas há lugares onde aconteceram actos, coisas se passaram com pessoas, que ficaram tão impregnadas nas próprias paredes e no ambiente que ficaram lá — mesmo que o espírito tenha seguido para as esferas — ficaram registadas de tal forma que ninguém se sente bem em viver nessas vibrações e condições.
Infelizmente, nós deste lado — e eu tentei descobrir algo desta verdade aí convosco, sem grande sucesso — sabemos tão pouco sobre vibrações. Fala-se muito em vibrações em relação a sessões mediúnicas, e acredito que a ciência hoje no vosso mundo está gradualmente a descobrir mais sobre vibração: o que pode fazer, o que pode alcançar, o que é. Mas mesmo assim há um limite, sinto eu, para o que a ciência pode descobrir sobre forças psíquicas; porque as forças psíquicas são, em si mesmas, não-científicas do ponto de vista material. São também

tão poderosas e não podem necessariamente ser controladas num sentido material.
Uma casa que retenha vibrações poderosas de forças de pensamento não é facilmente alterada ou mudada. Muitas vezes é comum, quando uma casa é tida como assombrada, chamar o pároco local ou um cônego ou um deão ou alguém para a exorcizar. Ora, não há tal coisa como exorcizar um poder que se manifesta em condições etéricas, a não ser que o espírito individual esteja presente. O que pode acontecer, claro, é que… a única forma que me parece que pode haver uma mudança não é através de exorcismo mas pelo poder dos indivíduos que possam viver nesse edifício, de concentrarem os seus pensamentos de tal forma que esses pensamentos contrariem as vibrações dentro e à volta do edifício; que libertem, por assim dizer, essas forças de memória, essas forças que, como disse, não têm substância mas são puramente condições mentais deixadas para trás pela entidade que seguiu em frente.

Por outras palavras, através do poder do pensamento é possível alterar as vibrações desse edifício e limpá-lo dessa força, que pode nem sequer ser maléfica. Na verdade, fala-se tanto de influências malignas ou de espíritos malignos quando, para ser franco, é extremamente raro haver um lugar verdadeiramente maligno — se aceitarmos o mal no sentido em que geralmente se entende. Forças individuais, emanadas de mentes individuais, criam certas condições que nem sempre são fáceis de alterar ou transformar, mas pode fazer-se quando se compreende melhor este tema das assombrações. O etérico — essa substância, porque de facto é uma substância — onde se regista todo o tipo de acontecimentos do passado não pode, por si só, ser necessariamente transformado, mas pode ser influenciado por forças de pensamento do vosso lado, da vossa Terra, pensamentos corretos, positivos, capazes de contrariar e dissipar algo que, em si mesmo, seja desagradável ou até desnecessário.

Existe uma grande diferença entre essas forças de pensamento, que muitas vezes se manifestam em forma etérica como réplicas de pessoas, e aquelas assombrações de espíritos individuais. Há uma grande diferença entre essas chamadas aparições, que não têm substância real, e uma assombração verdadeira, onde está presente o espírito de um indivíduo. Aí, porque existe uma substância real por detrás — a força mental e o poder do pensamento desse indivíduo — já se trata de algo totalmente diferente. E é possível comunicar com esse espírito através da mente, pedir-lhe que parta e ajudá-lo, pois invariavelmente trata-se de almas que precisam de auxílio: estão presas à Terra e é possível ajudá-las.

Em Borley, era bem conhecido — na antiga reitoria e também na própria igreja — que a manifestação, que era muito real, não era de uma só pessoa, mas de duas. Uma era de uma freira que, durante muitos anos, se manteve ligada àquele lugar. Ela tinha sido muito maltratada, foi seduzida, o seu filho foi morto em bebé e, para a manter em silêncio, foi assassinada; tal aconteceu há muitos séculos. E também havia um monge que era responsável por isso e que mais tarde se suicidou — algo que foi encoberto. Isto remonta a quase quatrocentos anos. Dir-se-ia que uma alma, passados tantos séculos, já teria partido há muito. Mas sabem, essa freira aparecia de tempos a tempos, ansiosa — alguém poderia achar que, depois de tanto tempo, seria irrelevante — mas ela queria que o esqueleto, o corpo, fosse descoberto, tal como o da criança. O monge também estava ligado a tudo isto. Não havia ali nada de maléfico; não havia nada que se pudesse considerar desagradável. Era apenas o facto de, de tempos a tempos, ela ser atraída de volta à Terra por forças de pensamento e pelas memórias dos acontecimentos passados, com o desejo de ver feita justiça, de ver o corpo enterrado em solo consagrado, o que na altura era considerado muito importante. E como ela própria não foi sepultada em solo sagrado, isso mantinha-a, de certo modo, mais próxima da Terra. Ela queria ver isso cumprido, queria essa reparação. Mas este é apenas um caso isolado.

Há milhares de casos bem documentados de pessoas que viram manifestações de espíritos perturbados que queriam ver resolvidas questões que deixaram pendentes: justiça por um

crime, dinheiro escondido, ou algo semelhante que lhes pesava na consciência depois da morte. A maioria destes casos, bem autenticados, envolve espíritos perturbados, incapazes de encontrar paz, que assombram certos locais na esperança de ver corrigida uma injustiça ou um assunto por resolver.

Mas existe uma diferença imensa entre estas assombrações individuais, por espíritos reais, e as outras aparições que não passam de manifestações etéricas, sem substância, que são meramente ecos de forças de pensamento muito antigos. Por exemplo, na Torre de Londres existem estas forças etéricas que pairam à volta do edifício. Há relatos muito bem autenticados de soldados de guarda que viram aparições — sem dúvida nenhuma — mas que não eram os indivíduos em si: eram criações de força de pensamento no etérico, que em certas condições podem ser vistas ou até, raramente, parecer falar. Um fantasma quase nunca fala — não tem poder para tal — mas quando se trata de um espírito verdadeiro, esse sim, por vezes consegue fazer vibrar ondas sonoras e tornar-se audível.

Depois, claro, temos os poltergeists, que são quase sempre espíritos presos à Terra que, pelas condições em que se encontram num determinado local, conseguem usar objetos para chamar a atenção. Mas normalmente há alguém naquela casa — muitas vezes um jovem — cheio de vitalidade, energia e força psíquica, o que permite ao espírito usar essa energia para se materializar parcialmente, mover móveis ou atirar coisas. Trata-se quase sempre de uma tentativa deliberada de comunicação, raramente com maldade, mas antes de frustração: querem chamar a atenção porque precisam que algo seja descoberto. Pode ser dinheiro escondido, ou até um corpo enterrado debaixo do soalho.

De facto, há muitas boas razões para que certos espíritos regressem e assombrem lugares: desejam ver resolvido algo que os perturba, não conseguem "descansar" ou adaptar-se ao novo ambiente até que esse assunto seja tratado. Mas isto raramente dura muito tempo, porque se não conseguem estabelecer contacto acabam por perceber a inutilidade de continuar e partem. Ainda assim, há aqueles persistentes, que se agarram, fazem tudo para que aquilo que sentem ser absolutamente necessário seja realizado.

Claro que este tema daria pano para mangas: por exemplo, as aparições de cavalos, cães, gatos ou até aves — essas não são necessariamente reais no sentido de conterem a alma do animal. São quase sempre manifestações etéricas: projeções de força de pensamento que em certos momentos se tornam visíveis. As carruagens fantasmas não têm substância real, mas podem ser vistas como uma repetição etérica de acontecimentos fortes que se prolongam por décadas ou séculos.

Infelizmente, fala-se tanta parvoíce sobre fantasmas! Fazem-se piadas, goza-se, e por vezes há razão para ver o lado divertido. Alguns fantasmas até têm sentido de humor: há pessoas que mantêm esse lado bem-disposto do outro lado da vida, e por vezes gostam de pregar partidas, não por maldade mas por diversão — para nos abanar, para nos fazer pensar. Porque, sabem, depois de morrer, ninguém muda radicalmente: continuamos a ser quem somos. Descobri desde que estou aqui que este lado é o mundo real. Para nós, o vosso mundo é uma ilusão, porque tantas coisas que aí tomam por certas são, na realidade, muito frágeis. Aqui é o real: mantemos as nossas qualidades e também os nossos defeitos, tornamo-nos apenas mais compreensivos, mais tolerantes.

A maioria das assombrações que ocorrem tem uma razão de ser. E por vezes até achamos graça quando vemos um padre a tentar exorcizar um espírito, porque ninguém tem poder de exorcizar uma força deste tipo — ainda por cima, muitos clérigos não fazem ideia do que realmente se passa. Falta-lhes conhecimento do que é a vida após a morte. E por isso, às vezes,

usamos as assombrações de propósito: para fazer o padre pensar mais seriamente sobre a vida além da morte, sobre a possibilidade de comunicação. Assim, acabamos por infiltrar a verdade em todos os cantos.

Sabem, usamos todos os métodos possíveis para fazer chegar a verdade sobre a sobrevivência da alma ao mundo. E, sim, as assombrações são muitas vezes uma forma de despertar interesse, de semear dúvidas e curiosidade, de trazer mais almas à consciência de que existe algo para lá da existência terrena. E se, com isso, conseguirmos chamar a atenção de um clérigo e fazer com que ele reflita, então fizemos um bom trabalho.

Price: Sabem, usamos todos os tipos de métodos, todas as formas possíveis, para tentar trazer ao mundo a consciência e a verdade da sobrevivência, e as assombrações são, para nós, muitas vezes um meio de despertar interesse. E se conseguirmos que o pároco local, ou o cónego, ou seja quem for, entre na casa ou no local e que isso tenha muita publicidade nos jornais, então estamos a pôr as pessoas a pensar e a questionar — e também o próprio sacerdote (se for possível fazê-lo perceber que ele também está a ser usado como um médium), a levá-lo a reflectir sobre a sobrevivência e a comunicação. Assim estamos no bom caminho para infiltrar a verdade em todas as direcções. Portanto, há muitas razões para isto.

Greene: Sr. Price, posso perguntar-lhe uma coisa?

Price: Sim.

Greene: Não é verdade que alguns desses espíritos presos à Terra o estão pura e simplesmente por ignorância? Por ensinamentos errados da Igreja? Não sabem nada sobre a vida após a morte e não se apercebem que já partiram.

Price: Pois claro, há esses casos de indivíduos que estão presos à Terra por ignorância e porque estão tão presos a pensamentos materiais dentro deles próprios. Quero dizer, são pessoas que em vida eram tão materialistas que não conseguem deixar de o ser — embora, de certo modo, separados da Terra — continuam materialistas e agarram-se às coisas e condições que conhecem, vivendo durante algum tempo num tipo de mundo ilusório. Parece que ainda têm prazer, divertimento, felicidade de certo tipo, ao fazer outras pessoas fazerem aquilo de que eles gostam. Ou seja, por vezes, ligam-se a indivíduos no vosso mundo e usam-nos muitas vezes para os seus próprios fins e isso, claro, é mau e pode, em certos casos, ser perigoso.

Como tentei explicar, há todos os tipos, formas e condições relacionados com assombrações, aparições e espíritos. Queremos muito, se possível, dar uma imagem mais clara disto porque é algo muito importante para as pessoas do vosso lado saberem.

Greene: Porque é que, quando há um espírito por perto — quero dizer, não uma daquelas formas etéricas, mas um espírito verdadeiro — porque é que a atmosfera fica gelada?

Price: Não sei bem porque é que há-de ficar necessariamente gelada.

Greene: Mas fica.

Price: Não sei se, no processo de retirar energia e força, talvez das pessoas do vosso lado, para tornar a manifestação possível... hum... poderão estar a retirar algo da atmosfera que dá calor. Não sei. Não posso afirmar, mas é uma explicação plausível. Mas a verdade é que existe sempre isto, creio eu... e eu próprio experienciei isso quando estava convosco... essa frieza e a sensação de que há algo que não é normal ou natural. Mas isso pode dever-se mais a algo mental do que

físico — pode ser um processo mental que tenha uma reação física e essa frieza é a reação que sentem. Pode não ser uma mudança real de temperatura; pode ser uma ilusão de alteração de temperatura. Embora tenha sido verificado, creio eu, por métodos — chamados — científicos, que a temperatura do ambiente baixa.

Mas devo dizer que gostaria de discutir isto convosco com mais detalhe noutra ocasião porque há muito neste assunto que seria útil e interessante para muitos e também ajudaria certas almas deste lado que muitas vezes precisam de ajuda. Como já disseram, há esses espíritos presos à Terra que se ligam a indivíduos e os usam, muitas vezes em prejuízo deles. Enfim, espero não vos ter aborrecido.

Woods: Não, de todo, Sr. Price. Fico muito contente por ter vindo falar sobre este assunto. Mas há uma coisa que gostaria de lhe perguntar antes de ir, se me permite?

Price: O que é?

Woods: Bem, o Sir William Crookes — sabe, escreveram algumas coisas pouco agradáveis sobre ele. Poderia esclarecer-nos sobre isto? Porque ele foi um cientista famoso, não foi? E um bom cientista?

Price: Bem, eu não sei muito sobre isso mas ouvi dizer algumas coisas e acho que o melhor a fazer — embora nem sempre seja fácil — é ignorar. Disseram coisas sobre mim que também não eram muito elogiosas. Mas haverá sempre aqueles que, se puderem de uma forma ou de outra... por meios pouco dignos... tentarão manchar o nome de alguém que fez tanto para o progresso da ciência e da verdade. Suponho que se pode dizer que o melhor é ignorar essas coisas porque serão aceites apenas por quem tiver mentalidade para isso e descartadas por quem não for assim. É um problema mas...

Woods: (interrompendo) Porque ele era um homem famoso, não era? Um homem extraordinário.

Price: Bem, sabem, há um velho provérbio chinês — penso que é chinês — que diz: "as árvores altas apanham mais vento". Acho isso perfeitamente verdade. Quanto mais alto se sobe ou mais famoso se é, mais se torna um alvo. Não acho que devêssemos preocupar-nos muito com isso porque a verdade acabará por vir ao de cima. E no que toca a qualquer crítica de ordem moral que, creio eu, foi insinuada em relação ao Crookes, acho que se pode ignorar isso; e que ele fosse cúmplice de algo fraudulento é ridículo.

Woods: Sim, claro que é.

Price: Ele não arriscaria e colocaria em jogo a sua reputação em algo assim. Um homem que tinha tanto a perder — um bom nome — não se meteria em nada que não fosse completamente honesto e correto. Acho tão estúpido — qualquer pessoa inteligente refutaria e discordaria de tal disparate.

Woods: Sim. Muito obrigado.

Price: Bem, devo ir. Aproveito para vos desejar um feliz Natal.

Greene: Obrigada, Sr. Price, muito obrigada mesmo.

Woods: Sim, muito, muito obrigado mesmo.

Price: Adeus.

Todos: Adeus.

Mickey: Um feliz Natal e um próspero Ano Novo!

Greene: Espero que sim, Mickey.

Mickey: Sim.

Woods: Sim, obrigado. E espero que também tenhas.

Mickey: Tchau, tchau.

Greene: Tchau Mickey. Obrigada, Mickey.

Mickey: E espero que o espírito do Natal esteja convosco...

Greene: Obrigada, Mickey.

Woods: Obrigado, Mickey, muito, muito obrigado.

Greene: Deus te abençoe.

Mickey: ... e espero que o fantasma do Marley não apareça!

Woods: E um feliz Natal para ti também, Mickey.

Greene: Tchau Mickey. Obrigada.

Mickey: Tchau, tchau.

Greene: Adeus, querido.

Woods: Adeus, Mickey.

Flint: O que é que ele disse do fantasma do Marley?

Greene: O fantasma do Marley. É o 'Scrooge'.

Flint: Ah, pois é.

Greene: Sim, o 'Scrooge'.

Flint: Ah!

MABEL ST CLAIR STOBART
Gravado: 1968

Mabel Annie St Clair Stobart, que faleceu em 1954 com 92 anos, tornou-se uma autora de sucesso após uma vida dedicada a um trabalho de guerra importante e a perdas trágicas.

Stobart era espiritualista e amiga de Sir Arthur Conan Doyle, e regressa aqui para falar das suas esperanças para o futuro do mediunismo e da comunicação espiritual...

Presentes: Leslie Flint, Betty Greene, George Woods
Comunicadores espirituais: Mabel Stobart, Mickey

Stobart: …é então, claro...

Greene: Bom dia, amiga.

Stobart: ...bastante diferente do que se poderia ter esperado.

Woods: Sim.

Stobart: Quando pensamos que sabemos tanto… percebemos que sabemos tão pouco.

Greene: Sim.

Stobart: …e só quando chegamos aqui… é que percebemos quão pouco realmente se sabia, apesar de anos de experiência e estudo do assunto. E quanto à mecânica da comunicação, bem... isso é extremamente desconcertante. E mesmo aqueles que têm uma mente científica, tenho a certeza de que, por vezes, ficam muito intrigados. E quanto à ciência, do vosso lado, encontrar um método de comunicação… sem a ajuda de médiuns, penso que é extremamente improvável, extremamente remoto, e penso que de alguma forma, em algum lugar, o médium, tal como o conhecemos, terá de desempenhar um papel. A ciência poderá inventar instrumentos de certo tipo, que sem dúvida acabarão por produzir provas que convencerão a ciência e o mundo em geral. E penso que haverá sempre a necessidade, e terá de haver a ajuda de médiuns de algum tipo ou descrição.

Claro que não há dúvida de que, no futuro, o mediunismo físico desempenhará um papel muito, muito importante. Neste momento parece ter caído em segundo plano. Parece haver muito poucos médiuns físicos. E, no entanto, estou convencida de que será através da agência do mediunismo físico, testado e aprovado cientificamente sob certas condições que a ciência criará, que teremos a... plena realização por parte do mundo da verdade deste... grande tema.

A ciência encontrará o seu próprio caminho, e desenvolverá os seus próprios métodos, e estou convencida de que o mediunismo, tal como o conhecemos, continuará a desempenhar um papel muito importante. Tenho a certeza de que sem a agência da força e do poder psíquico, gerado pelos médiuns e utilizado por nós, este é o único caminho, embora possa ser mais científico no seu método e abordagem, continuaremos a precisar de médiuns. Tive muitas experiências com muitos médiuns. Muitas muito satisfatórias e outras desiludentes. No entanto, é só através da pesquisa constante e sessões constantes, sob todos os tipos de condições, que se chega à plena realização da verdade da sobrevivência.

Vocês, eu sei, estão a experimentar, e há muito, muito tempo, com muito sucesso em transmitir, por assim dizer, as vossas descobertas ao público. Mesmo com a ajuda da vossa máquina – que compreendo que regista com precisão todos os detalhes de uma sessão como esta – ainda assim têm grandes problemas e dificuldades. Suponho que tudo se resume à experiência pessoal. Até que cada indivíduo tenha a sua própria experiência, acompanhada de provas que o

satisfaçam em particular, não há verdadeiro progresso. De certa forma, faz-se progresso, talvez. Desperta-se o interesse, claro. Mas ainda assim tudo se resume à abordagem individual e à experiência individual. Tudo o que podem fazer é abrir a porta. Depende do indivíduo se ele passará por essa porta e descobrirá por si próprio o que está para além dela.

Mas fazem um trabalho muito, muito valioso e importante. E, nesse sentido, ajudamos-vos, claro, da melhor forma possível. Claro que há muito que gostaríamos de fazer, muito mais que gostaríamos de alcançar. Mas há certos limites, sem dúvida. Certamente que têm de haver limites de certa ordem. Mas penso que é incrível que tenham conseguido o que conseguiram, e sei que continuarão a esforçar-se.

Mas ainda sinto que o dia ainda não chegou em que o mundo começará a ver com a clareza de visão que todos desejamos e esperamos. Esse dia ainda está longe. Mas, no entanto, estão a fazer a vossa parte. E outros também estão a tentar, de formas diferentes. Mas continuamos a sentir que até darmos essa convicção de forma científica às mentes científicas, sob condições científicas, não faremos o impacto. Aqui e ali conseguiremos fornecer a prova da sobrevivência, consolar muitas pessoas, despertar muito interesse. Mas até que possamos ter plena cooperação, num sentido e modo científico, entre os cientistas deste lado da vida e os cientistas do vosso, até que métodos científicos sejam postos em prática – o que acontecerá, tenho a certeza – até que isso aconteça, não convenceremos o mundo.

Claro que, uma vez que o façamos. Uma vez que seja cientificamente aprovado, aceite e dado a conhecer, quando todas as nações do mundo estiverem plenamente conscientes e cientes da realidade desta vida após a chamada morte, e da realidade da comunicação, quando isto realmente acontecer, quando todos os povos aceitarem e compreenderem, não podemos esperar alcançar mais do que aquilo que conseguimos até que isto seja plenamente aceite cientificamente. Isto virá. Disso não tenho dúvida, virá. O mediunismo continuará a desempenhar um papel importante, porque o elemento humano terá de estar sempre presente.

Temos grandes esperanças de que muitas coisas aconteçam nos anos que estão por vir. Sentimos que é a única salvação para o mundo. Na verdade, sabemos que é a única salvação para o mundo. Quando o homem estiver consciente e aceitar plenamente a realidade da vida após a morte. Quando perceber que, como semear no vosso mundo, assim colherá neste.

Até o homem ver o erro dos seus caminhos, até o homem ser unido em fraternidade e amor, com uma perfeita realização e compreensão de que cada ato ou vontade, pela própria natureza, cria uma situação e condição, não só no vosso mundo, mas neste, especialmente para aqueles que chegam cá pela primeira vez. Quando perceberem que as sementes semeadas no vosso mundo darão fruto neste mundo, assim como no vosso. Quando o homem vir o erro do pensamento e da ação errados. Quando vir a realidade e a beleza do Espírito, e aspirar a ela. Quando se elevar com o conhecimento do Espírito, e a realização do poder do Espírito, então virão mudanças no vosso mundo. Temos grande fé e esperança nisto.

Greene: Qual é o seu nome, por favor?

Stobart: O meu nome é St. Clair Stobart.

Greene: Ah, sim, claro.

Woods: Poderia dizer-nos...(inaudível)

Flint: (Tosse alto)

Woods: (inaudível)...poderia explicar algo sobre isso, Sra. St Clair Stobart?

Stobart: Cientificamente, não. Não está no meu poder explicá-lo. Mas, claro, há muitos níveis de consciência...

Woods: Sim.

Stobart: ...e um nível de consciência é possibilitado por condições que são peculiares a esse aspeto particular da vida. Capaz de transferir e transmitir, em certa medida, com algum sucesso, para outra condição ou esfera de existência. Claro que entidades de esferas superiores entram em esferas inferiores, transmitindo a sua mensagem de amor e esperança, e dando informação e orientação espiritual aos menos afortunados.

Mas tudo é de natureza mental. Toda a vida é, claro, mental. Se não fosse assim, não poderia haver existência. Na verdade, eu diria que por detrás de tudo... o que acontece, onde quer que haja existência, onde quer que haja consciência, há vida, claro. Mas é puramente num nível mental, e como pensamos, verdadeiramente somos. E assim, à medida que aspiramos e crescemos... mentalmente, assim crescemos em estatura espiritual e graça. Mas um homem não é mais do que aquilo que pensa ser. Por outras palavras, ele não é mais do que aquilo que fez de si próprio pelos seus pensamentos, que claro conduzem à ação.

A questão é que estamos envolvidos, num certo sentido, com tantos níveis diferentes de consciência, mas não podemos alcançar um nível superior até termos tornado isso possível para nós próprios. Tudo, claro, se resume ao estado de ser da mente. Mas como pensamos, somos. E como somos, agimos em conformidade. Mas o homem pode aspirar e pode abrir a sua consciência a um nível mais elevado, e a uma condição de vida mais elevada, e em consequência será ajudado e guiado por aqueles mais evoluídos.

Fazemos exatamente o mesmo quando vimos até vós. Impressionamos, inspiramos. Tentamos dar-vos esclarecimento e verdade, tal como a conhecemos, de uma esfera ou ambiente particular de onde vimos. Podemos estar limitados até certo ponto pelas condições ao vosso redor. E, claro, estamos limitados, no sentido pessoal, pelo indivíduo ou indivíduos que tentamos contactar. Se eles têm mentes fechadas, não podemos alcançá-los.

A tragédia do vosso mundo é que a sua mente 'em massa' está fechada às coisas espirituais. Funciona numa base puramente material, e como o mundo inteiro é mais ou menos inclinado para o material, sem pensamento para o Espírito, e aquilo que está para vir no amanhã. Enquanto o homem se agarrar ao pensamento e condição material, é difícil para nós alcançá-lo. Mas uma vez que um homem abra o seu coração e o seu ser ao conhecimento, abra a sua mente, então pode receber essa inspiração que podemos dar. Mas como tanto depende do indivíduo. Se ao menos as pessoas se elevassem um pouco mais, para que as possamos alcançar.

Existem muitos métodos de comunicação. O método mental... é um método maravilhoso, que pode alcançar grandes coisas. E na verdade é realmente e fundamentalmente a forma mais elevada de comunicação. O processo de... mente sobre a matéria. O processo de inspiração espiritual. Vindo do nosso lado, entrando no vosso mundo, na mente do indivíduo. Essa pessoa pode ser tão afastada das coisas materiais, ser tão elevada e tão inspirada, que pode receber uma tremenda... ajuda e orientação espiritual, que transformará a própria pessoa e a sua vida, e aqueles à sua volta também podem ser afetados pela pessoa ou alma que recebeu inspiração e a segue.

Mas claro que existem muitos métodos de comunicação. O método físico, tal como o usamos, quando é usado correctamente e ao mais alto nível possível, é sem dúvida a forma mais elevada de comunicação. Mas claro que é extremamente raro. E quando é encontrado, muitas vezes é limitado pelas condições em redor do próprio médium, e pelas pessoas que, muitas vezes, se sentam com esse médium. O mediunismo desta natureza, aquilo a que se chama 'fenómenos físicos', pode ser o nível mais elevado possível de comunicação, desde que as condições em redor do médium, e com o médium em particular, sejam elevadas ao nível mais alto de consciência possível. Mas infelizmente isso nem sempre acontece.

Outros tipos de mediunismo evoluem e surgem. Estamos sempre à procura de instrumentos, e a ciência também desempenhará o seu papel. Serão feitos esforços científicos por certos indivíduos aqui e ali, em diferentes partes do mundo, que colaborarão com médiuns. E através da combinação de uma abordagem científica e uma forma elevada de mediunismo, traremos eventualmente à existência um método de comunicação que convencerá o mundo.

É para isso que estamos a trabalhar. E sabemos que isto pode e acontecerá. Mas há obstáculos, muitos obstáculos a ultrapassar. Muitas condições a mudar. Mas aqui e ali encontraremos os sujeitos certos. Aqui e ali encontraremos os que têm uma mente científica e desejos espirituais, e juntos emergiremos e faremos surgir, de tudo isto, um método de comunicação que surpreenderá e espantará o mundo, e lhe trará convicção.

Tudo isto é o que procuramos alcançar. Sabemos que as necessidades do mundo são desesperadas, e é por isso que trabalhamos tão arduamente nesta direção, para trazer, por assim dizer, um casamento entre a ciência no vosso mundo e também entre aqueles neste mundo com mentalidade semelhante. Procuramos a forma mais elevada possível de comunicação num nível que possa trazer convicção ao mundo. E todos aqueles que duvidam encontrarão essa verdade, que todos nós desesperadamente nos esforçámos por vos apresentar, trazida de forma que ninguém a possa contestar, ninguém a possa duvidar, e todos a terão de aceitar.

E então, quando isso acontecer, o mundo, em consequência, pela própria natureza dessa evidência, mudará. Os governos verão e agirão em conformidade e de forma diferente, em harmonia com o mundo do Espírito. Desejamos trazer essa harmonia e essa paz, que conhecemos, para o vosso mundo, e ela virá e há-de vir. Disso não tenho dúvida. Embora possa levar ainda muitos anos. Mas estamos no caminho certo. Estamos a encontrar sujeitos. Estamos a encontrar instrumentos. E aqui e ali estão a ser feitos esforços em muitos países. E mais tarde… ainda não, mas mais tarde, verão certos cientistas a tornarem públicas as suas descobertas. Estas coisas acontecerão, mas ainda não.

Todos nós estamos a esforçar-nos por isto deste lado, para a melhoria do vosso mundo. Para que o conhecimento, a verdade e a luz possam ser trazidos até ele. E surgirá uma nova forma de pensar, uma nova forma de vida, e a paz, eventualmente, pode e há-de descer sobre o mundo da carne. É uma grande alegria falar convosco. Tenho de vir, e de facto virei novamente. Mas a energia esmorece…

Woods: Foi uma médium famosa quando estava na Terra…?

Stobart: Nunca fui médium.

Woods: Ah não foi?

Stobart: Não no sentido de 'médium', mas mesmo assim… tinha um grande, grande conhecimento e interesse no assunto.

Woods: Ah sim.

Stobart: Tenho de ir. Deus vos abençoe. Adeus.

Greene: Muito obrigada.

Woods: Muito obrigado.

Mickey: Adeus, tchau tchau.

Flint: Tchau tchau. (Aspira pelo nariz)

Mary Ann Ross

Gravado: 20 de Janeiro de 1969
Mary Ann Ross falou em 1969 e descreve a forma como morreu, a sua partida da Terra e o seu despertar no Mundo Espiritual. Mary explica como tudo lhe parecia estranho ao início, quando encontra os amigos e a família que pensava estarem mortos e desaparecidos.

Ela descreve o reencontro com o seu amor perdido há muitos anos e como, juntos, assistem a um concerto musical espiritual como nunca tinha experienciado antes…

Presentes: Leslie Flint, Betty Greene, George Woods
Comunicadores espirituais: Mary Ann Ross, Mickey

Woods: Olá?

Greene: Olá amiga, venha daí.

Mary: Não sei se me conseguem ouvir.

Greene/Woods: Sim… Conseguimos ouvi-la muito bem.

Mary: (inaudível)

Greene: Sim.

Woods: Sim, tem toda a razão.

Mary: Não tenho a certeza se me conseguem ouvir.

Greene: Está muito clara…

Woods: Oh, conseguimos ouvi-la muito claramente.

Greene: Vá, venha daí…

Woods: Venha daí amiga, nós podemos…

Mary: O meu nome é Ross.

Greene: Ross?

Mary: Isso mesmo.

Greene: Sim. É escocesa, não é?

Mary: O meu nome é Mary Ann Ross.

Woods: Mary Ann Ross?

Greene: Mary Ann Ross? Vá, Mary. Pode dar-nos uma conversa?

Mary: Acho isto tudo muito estranho, mas espero que me consigam ouvir.

Greene: Ouvimo-la muito claramente, Mary.

Mary: Vocês nunca estiveram na Escócia, pois não?

Greene: Eu não estive – ah, quando era bebé, sim.

Mary: Mas foi há muito tempo?

Greene: Pois foi!

Mary: Já faz bastantes anos desde que estive lá.

Greene: Sim?

Mary: No corpo, quero dizer.

Greene: Sim. Onde vivia, Mary?

Mary: Em Dumfriesshire.

Greene: Dumfriesshire?

Mary: Conseguem ouvir?

Greene: Sim.

Mary: Acho muito difícil fazer-me ouvir. Suponho que é porque não estou habituada a isto. O cavalheiro aqui está realmente interessado em tudo isto.

Woods: Sim, estou. Muito interessado.

Mary: Teve muita experiência, claro.

Woods: Sim. Uma boa dose de experiência, tenho sim.

Mary: Eu nunca soube nada sobre isto, quando estava do vosso lado da vida. Só desde que vim para aqui.

Greene: Mary, pode contar-nos algo sobre, sabe…

Mary: Eu tinha uma casinha.

Greene: Sim.

Mary: Olá?

Greene: Sim, continue.

Mary: Eu já estava avançada em idade, quando vim. Tinha mais de oitenta.

Greene: Tinha mesmo? E o que lhe aconteceu, Mary?

Mary: Nunca me casei.

Greene: Como?

Mary: Nunca me cheguei a casar.

Greene: Nunca se casou?

Mary: Não. Vivi com os meus pais na velhice deles.

Greene: Sim. E o que aconteceu, Mary, quando passou para o outro lado – quando morreu?

Mary: Já foi há muito tempo. Eu estava sentada na cozinha, a fazer um pouco de costura, com uma lamparina.

Greene: Sim, continue…

Mary: E não me lembro de me ter levantado da cadeira…

Greene: A sério?

Woods: O que aconteceu depois, Mary?

Greene: Sim.

Mary: Mas é muito estranho. Foi como se a sala inteira se enchesse de luz. E eu podia ver todo o tipo de pessoas à volta. Lá estava a minha mãe e o meu pai e o meu irmão, que tinha morrido muitos anos antes. E a Nellie.

Greene: Sim.

Mary: Ela era uma amiga. Uma das minhas poucas amigas, que tinha morrido apenas umas semanas antes… estavam todos na sala e eu pensei que estava a ter um sonho, com as minhas pessoas. Mas foi a Nellie que veio, abraçou-me e beijou-me na cara. E era quente e real. E a

minha mãe veio, beijou-me também. E pegaram-me nas mãos, e a seguir foi como se eu estivesse a flutuar pela janela fora…

Greene: Sim, continue.

Mary: ...e depois tudo ficou preto. Não me lembro de mais nada até acordar. E estava numa cama, num quarto muito bonito, com vigas e traves e coisas – como uma casa antiga. Mas era acolhedora e amigável e o sol, pelo menos pensei que era sol, brilhava pela janela.

E lá estava a minha mãe, mas ela não tinha o mesmo aspeto de quando a vi no sonho, como pensei. Parecia jovem, como eu a via numa fotografia que costumava ter no meu quarto, quando era recém-casada, há muitos anos. E estava com um vestido branco e um laço preto no cabelo – tal como eu a via nas fotografias antigas, quando eu era muito nova. Costumávamos ter tudo – uma colecção de fotografias antigas, que a mãe guardava numa lata. Sim, era como se a visse como era então.

Ela disse-me que eu estava bem e que não tinha nada com que me preocupar e que não voltaria para trás, e eu pensei: isto é só um sonho. Mas ela disse que não, que não era um sonho, que era real… que eu estava viva agora, que não tinha de me preocupar com nada. E disse que em breve, quando estivesse mesmo recuperada disto, íamos sair, íamos encontrar todo o tipo de pessoas que eu conhecia quando era uma menina pequena, sabe, quando era jovem.

Eu não conseguia bem ver e perceber, não conseguia compreender nessa altura que estava morta. Era como um sonho bonito. Depois houve um cão que saltou para a minha cama e isso deu-me um susto, de certa forma. Não que eu tivesse medo de cães, eu gostava de animais, mas este era um cão que tínhamos tido há muitos anos, que o meu pai adorava e que foi atropelado por uma carroça, há muitos anos, quando eu tinha, oh – uns vinte e tal anos, suponho. E este cão chamava-se Nipper. E sabe, ver o Nipper saltar para aquela cama assustou-me e eu não conseguia perceber. A minha mãe disse que, claro, também temos animais aqui. Ah, pensei eu, bem isto é – sabe, não conseguia perceber, se eles estavam mortos. Como a minha mãe disse, que também haveria animais. E ela disse: ah, isso não é nada. Disse que lá fora, no quintal, eu veria muitos outros animais também.

Eu não conseguia aceitar isto de todo, não conseguia acreditar. Sabe, quando se cresce como eu cresci, numa forma de vida religiosa, não se pensa automaticamente que também haveria animais aqui. E depois pensei: isto é demasiado natural para ser o céu. Achei que seria completamente diferente, como se vê em quadros e livros religiosos, sabe, com os anjos e as asas e tudo isso… Sabe, isto não parecia certo, pensei que devia ser um sonho ou que ia acordar, mas não. Não sei quanto tempo estive assim, mas sei que me sentia diferente.

Sentia-me leve como o ar e estava curiosa sobre mim própria e disse que queria ver-me ao espelho e a minha mãe riu-se de mim e disse que aqui não temos espelhos. Os espelhos não são necessários, podes ver-te quando te conheces a ti própria. Não precisas de olhar para um espelho para ver como estás ou como és. Eu não percebia nada disto, mas tudo o que sei é que me sentia tão diferente. Sentia-me tão jovem e o meu corpo parecia leve. Senti como se pudesse levantar-me e dançar pela sala fora. Mas a minha mãe disse: não, por agora não, espera só um bocadinho, percebes?

E a seguir devo ter adormecido, pelo menos foi o que pensei. Mas não era bem adormecer. A seguir dei por mim a caminhar por aquilo que parecia ser um caminho, sabe. Era lindo, com árvores de ambos os lados e campos lindos e podia ver gado. E havia todo o tipo de animais

que eu tinha visto em livros ilustrados. E uma vez, há muitos anos, quando a minha mãe estava bem, muitos anos antes, e o meu pai ainda era vivo, tínhamos ido a Edimburgo e lembro-me que fomos a um sítio onde havia animais. E foi muito interessante ver todos os animais diferentes lá. Eu não conseguia perceber, sabe, havia criaturas lindas e andavam todas por ali e ninguém sentia medo, eu não sentia medo.

Ah, não sei, e havia pássaros nas árvores e estavam a assobiar e a cantar e havia música. E só posso dizer que me parecia música, mas não havia – nada que eu lembrasse da música. Mas eu era muito musical, embora nunca tivesse tido oportunidade de estudar música, mas sempre gostei de música. E podia ouvir música e sons, que eram – oh, era uma coisa estranha, como se fossem sons da natureza. E também havia os animais e os pássaros e era tudo tão maravilhoso, como se tudo se misturasse. E lembro-me de caminhar e caminhar por aquela estrada e, de alguma forma, não sentia cansaço nenhum e cheguei ao fim, do que suponho ser o caminho, e havia uma casa branca, linda. Uma casa linda, toda branca e, no entanto, não estava pintada de branco.

E a primeira coisa que me chamou a atenção foi que, embora pudesse ver que a casa estava lindamente cuidada, não era tinta. Tinha um certo brilho, como madrepérola. E, mesmo assim, era principalmente branca e tinha tons suaves de outras cores pastel. Era como se tudo estivesse a brilhar e, quando cheguei a esta casa, um homem saiu da porta e o meu coração deu um salto, se é que tinha coração, mas senti como se – oh, não conseguia acreditar naquilo. Mas era um jovem de quem eu gostava muito, a quem eu tinha dito que não, mas não foi porque não gostasse dele. Foi porque percebi que não podia casar com ele, pois isso significava que tinha de abandonar os meus pais, que já estavam a ficar velhos e a precisar de cuidados e atenção. E não achava justo colocar o fardo de uns pais de outra pessoa sobre um homem, por mais que ele gostasse de mim, por isso disse-lhe que não.

E ele nunca se casou e mudou-se da região pouco tempo depois e perdi o contacto com ele durante muitos anos. Depois, ele saiu desta casa e estava exatamente como o tinha visto, oh, muitos anos antes, nos seus trinta, alto e moreno e, naqueles dias, ele tinha bigode. E a coisa que – suponho que é parvo como certas coisas nos ficam, mas ele já não tinha bigode nem nada, mas consegui reconhecê-lo muito bem apesar disso. Mas ele correu pelo caminho do jardim e encontrou-se comigo. E abraçou-me e, oh, fez tanta festa comigo e eu senti-me tão emocionada, sabe. E senti, oh, como se pela primeira vez, fosse desejada.

Suponho que, de certa forma, não devia dizer isso, porque era muito querida pelos meus pais e gostava muito deles, e eles foram muito bons para mim, mas não sei, é um sentimento diferente, não sei explicar isso, e ele disse ah, finalmente vieste para mim e disse, desta vez não me vais dizer que não. E eu não sabia o que lhe dizer e depois, de repente, pareceu que, no jardim, todas as flores começaram a florescer.

Ah, não sei como explicar isto sem parecer tolo, mas todas as flores de repente pareciam crescer e, era como se o jardim ganhasse vida. E havia todo o tipo de flores, flores que eu lembrava da Terra e flores que nunca tinha visto antes. E havia um grupo de enormes flores cor-de-laranja, como papoilas, mas pareciam crescer e crescer sem parar. E pensei, se não pararem de crescer vão ficar mais altas do que a casa. Pensei, que parvoíce isto, estou tão feliz aqui, com o Rossi – Rossiter, sabe – e mesmo assim, apesar de toda a minha felicidade, de o ter reencontrado e de me sentir em paz e feliz, eu via estas papoilas, como lhes chamava, a crescer cada vez mais até se tornarem como grandes árvores. E depois, de repente, as pétalas começaram a abrir e começaram a, como que, inclinar-se.

Quando digo isso, não quero dizer que estivessem a morrer, é como se se abrissem e as pétalas se dobrassem para baixo, formando, como que, uma espécie de chapéu-de-chuva. E estavam lá todas aquelas flores cor-de-laranja lindas, como chapéus-de-chuva. E fomos e ficámos, pelo menos penso que ficámos, debaixo delas. Era como se, através das pétalas dessas enormes flores cor-de-laranja, houvesse uma luz bonita, e parecia ter calor e um brilho suave. E ele sorria com isto porque eu disse: nunca vi flores tão grandes e nunca vi cores tão bonitas e nunca vi flores tão altas.

E ele disse: ah, até tu chegares, embora eu tenha plantado muitas sementes nos meus pensamentos, de que um dia teria um jardim bonito, não foi até tu chegares que soube que teria um jardim do qual me poderia orgulhar. E disse: estas papoilas, como tu as chamas, são o meu amor, que tem crescido todos estes anos em que estive a velar por ti. E disse: são simbólicas de nós, de certa forma, e do nosso amor. E agora podemos ser livres. Disse: vem para dentro de casa.

Então, novamente, não sei dizer se andei ou se flutuei, mas era como se os meus pés nunca tocassem o chão. E lembro-me de entrar na casa e era tal como sempre tinha desejado e sonhado. Não era uma casa grande mas era, era maior do que qualquer coisa a que eu estivesse habituada e tudo parecia perfeito, tal como eu sempre tinha querido ter para mim, e os móveis, tudo. E era sólido e real e havia cores tão bonitas e uma sensação tão maravilhosa de lar. E ele disse: agora, disse ele, estamos juntos e agora podemos recuperar o tempo perdido. Eu nunca me tinha sentido tão feliz e depois pensei na minha Mãe e no meu Pai e ele disse: está tudo bem, disseste adeus. Agora tens a tua própria vida, para ser partilhada comigo. Mas manteremos contacto e podemos ir vê-los sempre que quisermos e eles também podem vir ver-nos.

Disse: tens tanto para aprender. E de repente, num canto da sala, enquanto ele dizia isto, algo que eu não tinha visto antes. Vi um piano. Não sei porque não o vi logo de início, mas, porque sempre quis ser música. Sempre quis saber tocar. Sempre amei muito música. E ele tinha sido professor de música e eu não percebi, suponho que me devia ter ocorrido, que naturalmente ainda estaria interessado em música e que, se fosse possível, teria um piano e disse: agora, disse ele, podes ter um dos desejos do teu coração, podes tornar-te musical e eu ensinarei-te e poderás aprender. E, ah, estava tão feliz e tão entusiasmada. Era como se a minha juventude tivesse regressado a mim e todas as oportunidades que desejava e todas as coisas que mais me importavam, eram minhas. Ah, sei que isto soa tão estranho.

Depois ele sentou-se ao piano e tocou como um anjo, toda a música bonita que eu tanto amava. E no curto tempo em que o conheci, ele tocava na igreja e tocava às vezes nos encontros que se faziam no centro social, na aldeia, sabe. E ele estava a tocar todas aquelas coisas que eu tanto amava, sabe. E não só essas coisas, mas outras também e era como se, através dele, eu estivesse quase, pode-se dizer, hipnotizada para conseguir tocar eu própria. Porque não me lembro, por assim dizer, de ter aulas. Claro que devo ter tido aulas, mas era como se quando me sentei mais tarde ao piano, e ele ficou ao meu lado, fosse como se os meus dedos, automaticamente, fossem para as teclas certas.

E agora sei que era ele, a trabalhar através de mim de uma forma estranha, ajudando-me mentalmente e ajudando os meus dedos desajeitados, sabe. E, ah, sei que isto soa tão extraordinário. Depois ele disse que às vezes íamos, ao que vocês chamariam concertos, e ouvíamos grandes artistas, o que, dizia ele, o fazia sentir-se tão insignificante, mas dava-lhe esperança de que um dia também pudesse tocar lindamente. E eu não fiquei aborrecida com ele, mas pensei que parvoíce. E disse: mas tu tocas lindamente, tens um toque maravilhoso, sabes. E ele disse: não, não, não, tu não ouviste o que eu ouvi. E eu disse: bem, eu estou

perfeitamente feliz contigo e com a forma como tocas. Ele disse: bem, tens de vir comigo e iremos a concertos.

E eventualmente levou-me a um sítio em particular, que era numa, suponho que se podia chamar cidade, porque havia todo o tipo de casas e edifícios grandes onde as pessoas viviam e havia um grande lugar, com muitos degraus e quando olhei pela primeira vez para todos aqueles degraus pensei: meu Deus, que quantidade de degraus. Ficar-se-ia tão cansada a subir todos aqueles degraus e o mais estranho foi que não senti cansaço nenhum. Nem senti como se tivesse subido degraus. Mas, mesmo assim, entrámos naquele grande lugar e era tão vasto. Devia caber lá milhares de pessoas. E lá, num palco, estava um piano lindíssimo, a coisa mais bonita que eu já tinha visto na vida.

Era enorme, muito maior do que qualquer outro piano que eu alguma vez tivesse visto ou ouvido falar. E imagino que tinha três camadas de teclas, era uma coisa enorme e muito, muito bonita. E era como se fosse feito de madrepérola, tinha cores e tons tão bonitos. E depois apareceu uma criatura linda [um homem], era alto e bonito e tinha o cabelo comprido e traços delicados e sentou-se e começou a tocar.

Bem, nunca tinha ouvido nada assim. O mais estranho é que parecia como se os três teclados estivessem a ser usados ao mesmo tempo e, mesmo assim, só havia um par de mãos. E quando ou como, não sei como os outros teclados eram tocados. Não vi as mãos dele irem para os teclados de cima, apenas para o de baixo. Mas podia ver as teclas a serem pressionadas nos outros teclados e só posso supor que, de alguma forma, estavam todos ligados, posso estar errada, mas era extraordinário. O som, era como se fosse levado por ele e como se fosse envolvido por ele, e como se perdesse a noção do lugar e do tempo e de tudo. E como se estivesse, de certa forma, com a música e parte da música e se perdesse de vista a sala e as pessoas e até o pianista ao fim de algum tempo.

Era como se fosse transportado de uma forma muito estranha, como se fosse parte da música e como se ela falasse consigo e o ajudasse a compreender. Foi uma experiência extraordinária, depois percebi o que o meu amigo tinha dito e queria dizer, quando falou na diferença na forma dele tocar. Foi, claro, uma grande experiência para mim, mas como disse ao meu amigo, apreciei muito e foi uma experiência maravilhosa, mas ainda gosto da forma como tu tocas da mesma maneira. E ao dizer isso percebi que era verdade.

Ao mesmo tempo, olhando para trás, sei que era um laço entre nós, mas percebo que essa outra experiência era algo para lá da música comum. E agora, claro, sei que aqui acontecem todo o tipo de coisas extraordinárias, e que há muitos aspetos, penso que dizem, de experiência, que ninguém poderia começar a explicar.
Mas agora sou muito feliz, mas devo dizer que tive experiências fantásticas que gostaria de contar de vez em quando, se for permitido, sabe. Porque acho que poderia ser interessante para outras pessoas.

E quanto às pessoas morrerem, ninguém precisa de se preocupar com isso. É a experiência mais maravilhosa. E claro que, no início, é um choque, mas ultrapassa-se depressa, e se soubermos algo sobre isto antes, sabemos o que esperar, o que é uma grande ajuda. Eu não sabia, percebe, e muita gente não sabe e não se apercebem de que morreram de início. Demoram um pouco a perceber, percebe?

Woods: Que cores estás a usar agora, er Margaret? [querendo dizer Mary]

Mary: Oh, bem, nunca pensei nisso. Ah, é estranho perguntar-me isso, mas até mencionarem isso, nem estava consciente, mas o meu vestido é lilás e tenho um ramo de violetas no vestido. Mas se não tivessem mencionado, nem teria pensado nisso.

Greene: E o que estás a fazer agora Mary, quero dizer, para além da música? [Flint ouve-se tossir]

Mary: Agora?

Greene: Sim, o que fazes?

Mary: Estou a ensinar crianças numa escolinha e estou muito feliz com isso.

Greene: Que bom.

Mary: Mas sempre adorei crianças e sempre teria gostado de ter tido filhos, e agora ensino. Mas virei falar convosco se me deixarem, outra vez.

Greene: Oh sim, adoraríamos.

Woods: Muito obrigado.

Mary: Foi bom falar convosco e espero poder voltar em breve.

Woods: Bem, espero que volte.

Mary: Mas tenho de ir. O que quer que seja que torna possível eu falar convosco, já não está tão forte. O poder, como quer que se chame. Mas estou feliz por ter estado aqui e posso dizer que espero voltar em breve, outra vez.

Greene: Obrigada Mary.

Mary: Adeus.

Greene: Obrigada por uma conversa tão bonita.

Woods: Obrigado.

Mickey: Tchau tchau.

Greene: Tchau Mickey.

Mickey: Acho que ela vai voltar, é bastante interessante.

Greene: Espero que sim, Mickey.

Mickey: Tchau tchau.

Woods: Obrigado.

Greene: Adeus Mickey.

Flint: Tchau tchau.

Mickey: Continuem a sorrir!

Alfred Pritchett
Gravado: 4 de Novembro de 1960
Esta é a voz de Alfred Pritchett, que fala sobre os horrores da Primeira Guerra Mundial, como morreu e a ajuda que recebeu depois…
Fala também sobre ajudar outros soldados, mortos durante a Segunda Guerra Mundial.
Presentes: Leslie Flint, George Woods e Betty Greene.
Comunicadores espirituais: Alfred Pritchett, Mickey.

Pritchett: Sinto-me um bocado, er, como um intruso...

Woods: Sim?

Pritchett: …aqui, esta manhã, de certa forma. Porque já estive por aqui muitas vezes quando vocês tiveram estas reuniões...

Woods: Sim.

Pritchett: E… nunca gostei de me impor, porque… eu sei...

Woods: Bem, é muito simpático da sua parte vir...

Pritchett: …sei que vocês estão realmente, de certa forma e muito bem, interessados em certas pessoas que… bem, que podem ter algum peso e influência nestas vossas gravações. Mas… claro, há muitos de nós aqui que… bem, somos apenas pessoas comuns. Como bem sabem, este é um assunto que afeta todo o ser humano, seja ele de cima ou de baixo, na escala da vida, por assim dizer.

Woods: Sim.

Pritchett: Claro, eu era apenas uma pessoa comum e suponho que o que tenho para dizer não terá grande peso para a maioria das pessoas – aquelas que possam ouvir as vossas gravações. Mas, de qualquer forma, estou muito interessado e fico muitas vezes aqui parado a ouvir e a interessar-me pelo que se passa, e sei como vocês andam por aí a mostrar estas coisas às pessoas e isso dá muito interesse e consolo às pessoas, tenho a certeza.

Woods: Sim, é verdade.

Pritchett: Claro, nunca tive nada a ver com isto quando estava do vosso lado. Bem, na verdade nunca tive nada a ver com religião, como tal, exceto quando era miúdo. Como a maior parte dos miúdos fui à velha escola dominical e aprendi umas coisinhas e nunca teve grande influência em mim, especialmente quando eu… bem, quando a Primeira Guerra Mundial… quando me alistei e me juntei aos rapazes e… uma coisa e outra e… o estado das coisas. Receio que o pouco de religioso, bem, convicções ou – bem, não eram propriamente convicções, claro – mas a pouca inclinação religiosa que eu podia ter foi rapidamente posta de parte. Sei que foram as minhas reações, mas qualquer um naquela altura na Primeira Guerra Mundial… ó céus, ó céus! Eu

pensava, 'bem, se há um Deus ele nunca permitiria isto tudo.' E quanto à igreja eu pensava… bem, quanto menos se disser melhor.

De qualquer forma, ainda assim, provavelmente… mudei bastante desde então. Não há nada de errado, num certo sentido, com a igreja. O problema é que eles têm uma grande verdade e nunca souberam bem como lidar com ela ou como, de certa forma… bem, apresentá-la às pessoas para lhes dar essa realização, por assim dizer, e convicção como deviam. Se seguissem os ensinamentos do Senhor – as verdades simples que ele ensinou… seria uma história completamente diferente. Não se pode ter a espada numa mão e a Bíblia na outra, pois não?

Greene: Não.

Pritchett: E no entanto muitos deles têm. Certamente na Primeira Guerra Mundial. Cor, céus, ó céus. Não estou a dizer que não havia homens bons entre eles, Padres e tudo o resto. Rapazes sinceros, a maioria deles, do lado mais jovem também, e fizeram um trabalho maravilhoso, à sua maneira, e tenho grande respeito por eles. Mas se falar realmente de Cristo e do que ele realmente queria dizer, do que trouxe, para, para o mundo – uma realização maravilhosa do propósito de Deus – dificilmente se pode associar isso a um assassínio em massa… Receio que isso me afastou da religião para sempre… a Primeira Guerra Mundial.

Greene: Por favor, podemos saber o seu nome?

Pritchett: Hã?

Greene: Podemos saber o seu nome?

Pritchett: Ah, o meu nome não quer dizer nada, pois não?

Greene: Bem, gostávamos de saber o seu nome.

Pritchett: O meu nome é Pritchett.

Greene: Pritchett?

Pritchett: Sim, Alf Pritchett.

Greene: Oh, sim.

Pritchett: Não quer dizer nada.

Greene: Pode dar-nos uma ideia de como passou para o outro lado e as suas reações?

Pritchett: Hã?

Greene: Pode dar-nos uma ideia de como passou para o outro lado e das suas reações quando se deu conta…?

Pritchett: Sim, passei durante a primeira guerra.

Greene: Sim.

Pritchett: Mil novecentos e… deve ter sido em 1917 ou 18. Já nem sei ao certo agora. Já foi há tanto tempo.

Greene: Sim.

Pritchett: Hã! Que tempo aquele foi. Cor, céus, ó céus! A última guerra foi bem dura, não foi? Na verdade, desde então, na verdade, sabe, desde que vim para aqui quero dizer, durante a última guerra estive a ajudar os rapazes a atravessar. Pobres diabos. Estavam tão confusos que muitos não sabiam o que lhes tinha acontecido. Simplesmente não conseguiam perceber que estavam mortos. Lá estavam eles – num minuto cheios de vida e vitalidade e juventude – metidos, bem, em condições terríveis. Sabe, cheios de esperança, a pensar e a rezar para saírem daquilo vivos. Claro que apanhavam um 'blighty one' e lá estavam, vinham para aqui. Alguns deles ainda estavam convencidos de que ainda estavam vivos. Tivemos de nos esforçar para lhes fazer perceber, a alguns, que estavam mesmo mortos. Tudo aconteceu tão depressa e foram lançados, por assim dizer, de uma vida para a outra num segundo. E lá estavam eles, no entender deles, ainda com o mesmo corpo e ainda a pensar como antes e ainda, em alguns casos, a comportar-se exatamente como se ainda estivessem no corpo físico.

Veja, não se pode destruir um homem, mesmo quando se o explode. Ele continua a ser a mesma pessoa com os mesmos instintos, os mesmos pensamentos e tudo, e continua a fazer o que estava a fazer, em alguns casos. A morte, quando é assim, súbita e – não vou dizer inesperada, porque na guerra nunca se sabe – mas er, é uma coisa terrível. Quero dizer, quando um homem morre na cama, depois de uma doença, há uma mudança gradual a acontecer. Ele está gradualmente, de certa forma, inconscientemente se quiser, a preparar-se para um novo mundo. Pode não perceber isso, num certo sentido, mas isso dá-lhe tempo para se ir ajustando gradualmente à ideia de que vai deixar a Terra e começa, mentalmente pelo menos, a fazer alguma mudança. Mas esta coisa da guerra ou mesmo de acidentes, onde as pessoas são de repente lançadas para fora dos seus corpos e… bem, é uma coisa terrível.

Não concordo com guerras ou coisas assim… porque isso é o que mais me revolta, sabe, com a igreja. Suponho que não devia ter preconceitos mas tantos deles, sabe, têm a espada numa mão e a Bíblia na outra. Abençoar as bandeiras e abençoar os navios e abençoar as armas e abençoar os rapazes; dizer-lhes que estão a lutar pelo bem e tudo o resto. Qualquer coisa que tire a vida ou qualquer coisa que seja assassínio em massa premeditado e organizado, é, para mim, a coisa mais perversa de todas e como é que um cristão, como tal, pode apoiar isso ou de alguma forma ter alguma coisa a ver com isso, ultrapassa-me. Estou firmemente convencido de que se a igreja… se as igrejas se manifestassem mesmo, com aquilo que sabem fundamentalmente ser a verdade, e dissessem que é errado e perverso tirar a vida, não acho que pudesse haver guerras, francamente, porque não vejo como poderia haver. Se todos os católicos e todos os protestantes e todos os outros 'ismos' se unissem e dissessem que é absolutamente errado e contra todos os ensinamentos da igreja e os ensinamentos de Cristo. Não acho que se pudesse ter uma guerra. Não vejo como poderia haver. De qualquer forma, quando vi, como vi, as milhares de pessoas lançadas aqui para este lado, desprevenidas, é uma coisa pavorosa.

Na verdade, gostava de poder fazer alguma coisa em relação a isso… é por isso que me sinto tão atraído por este tipo de reuniões, na esperança de que possamos passar um pouco de esclarecimento e verdade e realização, por assim dizer, às pessoas. Essa é a verdadeira razão pela qual venho. Bem, ias dizer qualquer coisa, não ias querida?

Greene: Bem, eu ia perguntar-lhe, Sr. Pritchett, exatamente quais foram as suas reações quando se deu conta de que estava do outro lado, porque foi atirado para lá de repente, não foi?

Pritchett: Eu?

Greene: Sim.

Pritchett: Num momento eu estava… num momento eu estava vivo e estávamos… lembro-me tão bem disso. Tínhamos estado debaixo de um bombardeamento pesado praticamente o dia inteiro e pensei para comigo na altura: 'se sairmos desta, teremos sorte', sabe, e depois fomos… de madrugada deram-nos ordem para avançar. Bem, pensei: 'é agora, rapaz', sabe, 'oh bem, se sair desta, tenho uma sorte dos diabos'. De qualquer forma, lá fui. Tenho de admitir que me custou tudo o que tinha dentro de mim para conseguir mesmo sair da trincheira.

De qualquer forma, nem gosto de falar muito sobre isso, exceto que, tudo o que sei é que estava a correr em frente e continuei a correr em frente. E a parte estranha é que alguns dos alemães vinham na minha direção e passaram por mim como se não me vissem. Pensei, 'bem, isto é estranho'. Só me lembro de me sentir num estado miserável, sabe, a suar e, 'ó, santo Deus, é agora', sabe.

Mas em vez de me atacarem ou de, de alguma forma, mostrarem qualquer interesse por mim, passaram por mim a correr. Pensei, 'ora bolas! Não percebo nada disto.' E demorei um bom bocado a perceber o que tinha acontecido. Na verdade, acho que levei algum tempo até perceber. Continuei, e tudo o que me lembro é de correr e correr e pensei, 'bem, se eles não me veem, não vou preocupar-me com eles. Vou tentar meter-me num buraco qualquer e sair disto.' E tudo o que me lembro é de me enfiar num buraco no chão, que devia ter sido feito por uma bomba, imagino. De qualquer forma, tudo o que sei é que me enfiei nesse buraco e fiquei lá encolhido a pensar, 'bem, vou esperar que isto acabe e ver se tenho sorte. Pode ser que me façam prisioneiro, quem sabe? Eu não.'

E estava ali deitado a pensar, 'bem, isto é estranho. Eles não me viram. Deviam ter-me visto, mas passaram mesmo por mim.' E comecei a pensar nisso e pensei, 'bem, não sei. Tive sorte.'

E, oh, não sei quanto tempo estive ali. De qualquer forma, devo ter adormecido ou assim porque, a próxima coisa que sei foi que, nessa altura, lembro-me de ver uma luz brilhante à minha frente. Foi como se acordasse e houvesse uma luz muito forte. E não conseguia perceber aquilo, porque era o tipo de luz que nunca tinha visto antes. Era como se o lugar todo estivesse iluminado e era tão ofuscante que, por um momento, quase não conseguia olhar. Tinha de ir fechando os olhos e espreitar. E pensei, 'bem, não sei. Algum tipo de truque de luz ou assim.' Fiquei um bocado nervoso, sabe, não sabia o que pensar.

Depois, de repente, foi como se visse um contorno, uma forma ou figura a aparecer. E, continuei a olhar e pensei, 'bem, não sei.' Não tinha a certeza se era humano ou o quê. Era o contorno de um ser humano e estava cheio de luminosidade e, aos poucos, pareceu ganhar forma. E eu estava a suar em bica porque, eventualmente, pude ver que era um velho amigo meu, que eu sabia que tinha sido morto meses antes, chamado Smart – Billy Smart nós costumávamos chamá-lo – 'Velho Bill'. E ele estava a olhar para mim e eu a olhar para ele e foi… não sei como explicar isto. Foi como se de alguma forma houvesse uma espécie de fusão, suponho, de mim com ele. Muito estranho, não consigo explicar.

De qualquer forma, tudo o que sei é que senti-me a levantar – e achei estranho estar consciente de me levantar. De uma forma estranha, pensei, 'bem, aqui estou eu deitado aqui provavelmente toda a noite – todo o dia e a noite. Devia sentir-me rígido, desconfortável.' Mas não. Sentia-me leve como uma pena e pensei, 'bem, alguma coisa me subiu à cabeça. Talvez tenha levado uma pancada, sabe, ou algo assim.' Não sabia o que pensar daquilo. De qualquer

forma, fui na direção dele, como se fosse um íman, atraído por ele, e à medida que me aproximava, via que ele estava, oh, não sei, cheio de vitalidade, cheio de vida, uma cor maravilhosa na cara. E depois, de repente, à medida que me aproximava dele, caiu-me a ficha de que ele estava morto!

O engraçado foi que, quando o vi pela primeira vez, não pensei nele como morto, embora devesse lembrar-me e perceber, de certa forma, que tinha sido morto meses antes. De qualquer forma, tudo o que sei é que fui atraído por ele e ele sorriu para mim e suponho que devo ter sorrido de volta. De qualquer forma, ele estendeu-me a mão e eu senti-me um bocado parvo, de certa forma, porque sei que é natural apertar a mão, mas ali estava eu – num buraco, numa trincheira, num buraco de bomba, como quiser chamar, no meio da terra – a apertar a mão a alguém que estava morto e isso pôs-me a suar frio, de certa forma, e pensei, 'bem, o que se passa aqui? Devo estar a sonhar ou assim.' De qualquer forma, ouvi-o falar e ele disse:
"Está tudo bem, não tens nada com que te preocupar. Estás bem, amigo. Anda."

E lá estava eu a pôr a minha mão na dele, como uma criança. E pensei, 'bem, isto é mesmo parvo, isto é. Há aqui qualquer coisa errada.' De qualquer forma, tudo o que sei é que peguei na mão dele e de repente senti uma sensação de flutuar e antes que desse por mim, era como se estivesse a ser levantado no ar, sempre a segurar-lhe na mão. E pensei, 'bem, isto é qualquer coisa.'

Fez-me lembrar uma coisa que vi há anos; o Pan – Peter Pan ou assim. Lá estava eu, a flutuar no ar a segurar-lhe na mão e pensei, 'santo Deus! Que sonho mais estranho este.'

Lá íamos nós, meio a flutuar – não posso dizer que estivesse a fazer outra coisa senão flutuar, com os pés fora do chão – a subir cada vez mais alto, como se tudo fosse ficando cada vez mais distante. E podia ver lá em baixo ao longe o campo de batalha. E via os canhões e a luz e as explosões e a guerra obviamente ainda a decorrer. E pensei, 'bem, não sei, isto é o sonho mais estranho.'

E depois, a próxima coisa de que me lembro foi de, gradualmente, ver ao longe o que me pareceu ser uma grande cidade. Era luminosa. É a única forma de descrever isto, era luminosa. Era como se todos os edifícios tivessem uma espécie de brilho. Esse brilho, aliás, parecia ser algo que não estava apenas com ele, o meu amigo, mas com tudo. Mesmo agora, quando me lembro, havia uma espécie de névoa ou brilho sobre tudo.

De qualquer forma, para encurtar a história, de repente senti os meus pés a tocar o chão outra vez. Muito estranho… e… parecia sólido. E lembro-me de caminhar por aquilo que parecia ser uma longa avenida. E de cada lado dessa rua ou avenida havia árvores lindas. E entre cada duas árvores, ou assim, havia o que me parecia ser uma espécie de estátua. É a única forma que posso descrever – figuras. Figuras lindíssimas eram. Esculturas, percebe.

E no passeio, suponho que é como lhe chamariam – ou o caminho, passeio – as pessoas andavam de um lado para o outro, mas vestidas com roupas muito estranhas. Pensei, 'ó céus, isto é mesmo um sonho,' sabe, 'um verdadeiro sonho.' Pareciam como se pudessem ter sido romanos ou gregos ou algo assim, como se vê nas imagens. E er, edifícios lindos com colunas e escadarias bonitas a subir, alguns tinham. E eram quase todos de telhado plano, por sinal. Não me lembro de ver telhados inclinados, como se vê em Inglaterra, por exemplo. Pareciam todos, como se diz, ao estilo continental, casas bonitas de telhado plano. Lindamente desenhadas e com aquele brilho. Havia todo o tipo de pessoas e vi cavalos. Vi várias pessoas a cavalo, cavalos lindos e magníficos eram eles. E pensei, 'isto é mesmo coisa de sonho.'

E de qualquer forma, ele ia a falar comigo…
"Claro," diz ele, "claro, sabes o que te aconteceu?"
E eu digo, 'o que me aconteceu?' digo eu, 'tudo o que sei é o que aconteceu ou não aconteceu, estou a passar um bom bocado aqui. É melhor do que estar lá em baixo, naquele inferno. Vai ser uma pena acordar.'

Ele diz, "não te preocupes. Não vais acordar."
Eu digo, 'o que queres dizer com não vais acordar?'
"Bem," diz ele, "já foste, amigo."
Eu digo, 'o que queres dizer – já fui?'
Então ele diz, "estás morto."

Eu digo, 'não sejas tolo. Como posso estar morto? Estou aqui. Vejo tudo à minha volta. Vejo-te a ti.' Mas disse, 'sei bem que tu morreste há uns meses. Apanhaste o teu. Mas, como é que… não sei'… disse-lhe, 'podes estar morto, mas eu estou a sonhar.'

"Ah," diz ele, "não estás não. Estás mesmo morto. Apanhaste o teu naquele ataque."
Eu disse, 'ah, vá lá! Como é que podia ter sido? Não estaria aqui assim, pois não?'
Ele diz, "é isso mesmo," diz ele, "estás aqui. Estás morto."
Eu disse, 'o quê? Não me digas que isto é o céu?'
Então ele diz, "bem, não exatamente, mas é um aspeto."
Eu pensei para comigo, 'aspeto? O que raio quer ele dizer com aspeto?' E de repente caiu-me a ficha de que era uma espécie de 'parte de', tipo, sabe.

De qualquer forma, para encurtar a história, subimos aquela estrada muito agradável naquela cidade linda, e chegámos a uma espécie de colina. Não era uma colina muito íngreme. E mesmo à minha frente, no topo dessa colina, pude ver o que me pareceu ser um edifício lindíssimo. Tipo – bem, como posso descrever isto? – algo que vi na City de Londres, só que muito mais branco e muito mais bonito. E, 'oh', pensei, 'isto é um lugar bonito, o que é aquilo?'

Então disse-lhe, 'o que é aquele lugar?'
"Oh," diz ele, "vais lá," diz ele, "encontrar alguns dos teus velhos amigos." Disse, "é o que chamamos uma estação de receção."
Eu disse, 'uma o quê?'

Ele disse, "é como uma espécie de hospital."
Eu disse, 'bem, eu não quero ir para hospital nenhum. Não tenho nada de mal. Estou bem.' Eu disse, '…e de qualquer forma, não percebo nada disto.' Ele disse, "não te preocupes. Não stresses a tua cabeça," disse ele, "demasiado por agora. Vais perceber depois. Só relaxa e diverte-te."
Eu disse, 'bem, isso estou eu a fazer. É muito melhor do que estar lá em baixo. De certa forma,' disse eu, 'não quero propriamente acordar. Se isto é mesmo como dizes – verdade. Tenho de acreditar em ti, mas ao mesmo tempo não percebo nem metade disto.'

De qualquer forma, para encurtar a história, chegámos a este lugar, sabe, e bem, entrámos e estava lá todo o tipo de gente. De todos os tipos. Mas o que me chamou a atenção… estavam vestidos mais ou menos como, bem, muitas pessoas que eu conhecia e como eu me vestia em vida civil. Fatos e coisas assim. E tudo parecia muito natural e o mais engraçado era que, por fora, o sítio parecia um templo ou algo assim, suponho que se poderia chamar assim, mas por dentro parecia tudo muito natural. Muito estranho. Não era exatamente como um hospital mas ao mesmo tempo tinha uma atmosfera de paz e tranquilidade e tudo isso.
E parecia haver muitas salas, além da grande entrada, havia muitas divisões diferentes. Mas

entrava muita luz. Outra coisa – não me lembro de ver o sol, mas parecia haver luz com fartura. E janelas grandes. E pessoas sentadas a conversar. Havia mesas e cadeiras. Não vi camas nenhumas, e pensei, 'bem, isto é um hospital estranho, mas também não é bem um hospital, suponho.'

Todos pareciam bastante animados e alegres e felizes, tudo muito natural. Uns conversavam e outros comiam – e isso é que me chamou a atenção. Pensei, 'ah, apanhei-o agora. Ele diz que isto é uma parte do céu. De certeza que não comeriam.' Então eu disse, 'olha! Eles estão a comer ali.'
E ele disse, "porque não haviam de comer?"
E eu pensei, 'bem, parece estranho. Se estás morto não precisas de comer.'
Então ele disse, "ah, o que não percebes é que, quando vens para aqui, se sentes que é essencial fazer certas coisas e sentes que é essencial comer e beber, então podes fazê-lo."

Então caiu-me a ficha de que isso até fazia sentido, no fim de contas. Porque se colocares alguém num sítio onde está fora de harmonia e as coisas não acontecem da forma que gostaria, então sente-se desconfortável. Portanto fez-me sentido.

Espere um bocadinho…

Woods: Muito interessante.

Greene: Sim, é muito interessante.

Woods: Muito.

Greene: Mmm.

Pritchett: Bem… sentei-me numa mesa com mais alguns rapazes e eles disseram:
"Olá. Acabaste de chegar?"
Eu disse, 'sim.'
Então um deles disse-me, "acabaste mesmo de vir, não foi? Só há umas horas, não é?"
Eu disse, 'o quê?'
Ele disse, "só há umas horas."
Eu disse, 'é? Eu não sabia.'
Então ele disse, "ouvimos dizer que vinhas aí."
Então eu disse, 'o que queres dizer com ouvir dizer que eu vinha? Nem sequer me conheces.'
Ele disse, "ah, pois é o que tu pensas."
Então eu disse, 'bem, como é que podias conhecer-me? Eu nunca te conheci, lá em baixo, como vocês chamam.'
Ele disse, "ah, bem, nós sabemos." Disse. "Temos os nossos batedores cá fora, temos os nossos grupos, sabes. Ajudantes."
Ele disse, "eu fui ajudado da mesma forma. Também só estou aqui há muito pouco tempo. Dois dias, acho eu."

Então eu disse, 'Ah.' Então eu disse, 'estás a ambientar-te?'
Ele disse, "ah, sim. Muito bom. Muito melhor do que aquilo que nos diziam lá em baixo, não é?"
Então eu disse, 'como assim?'
Ele disse, "bem, sabes o que nos diziam lá em baixo, sobre o céu e o inferno, e as trombetas e tudo isso? Pois," disse ele. "Estava tudo errado."
Então eu disse, 'bem, parece que sim, não é?'
Ele disse, "pois." Disse, "toda essa conversa de, se fores muito bom, vais lá para cima para o

camarote principal e se não fores tão bom, vais lá para a cave. Ha!"
Disse. "Está tudo errado, amigo." Disse, "aqui somos iguais ao que éramos, só que melhor. Bem felizes."
Disse, "amanhã, vou sair daqui."
Então eu disse, 'O quê? Para onde é que vais?'
"Bem," disse ele, "vou," disse, "visitar os meus avós."

Claro que isto tudo me pareceu uma grande parvoíce, mas pensei, 'bem, mais vale alinhar com eles,' sabe, '...e falar a mesma linguagem. Afinal, se tenho de ficar aqui, como dizem, mais vale ambientar-me.' Senti-me no estado mais estranho, mesmo, quando penso nisso agora.
Ele disse, "sim, vou visitar os meus avós."
Então eu disse, 'bem, onde é que eles estão?'
Ele disse, "bem, disseram-me," disse ele, "que estão neste plano, como chamam aqui, mas mais para fora."
Eu disse, 'mais para fora?'
Então ele disse, "sim."
Então eu disse, 'o quê, a muitos quilómetros?'
Ele disse, "quilómetros? Dizem que aqui não há quilómetros. Não tens distância da mesma forma que tens na Terra. Ainda não me habituei a isso," disse ele, "mas hei-de ficar bem. Vou ser levado até lá."
Então eu disse, 'ah, muito bem. E quem é que te leva?'
Ele disse, "o meu guia."

Eu disse, 'guia?'
Então ele disse, "sim. Nem sabia que havia coisas como guias, sabes. É algo que só agora descobri. Mas há um tipo muito porreiro aqui. É como um dos mordomos, suponho que se possa chamar assim. E descobriu um pouco sobre o meu passado e a minha família e deram-lhe o trabalho de me acompanhar."
Ele disse, "a propósito," disse ele, "notaste quando chegaste aqui como foi estranho? Como te sentiste leve?"
Então eu disse, 'sim, reparei nisso.'
Ele disse, "não foi engraçada aquela sensação de flutuar que tiveste, sabes?"
Então eu disse, 'sim, foi bastante notável. Senti-me um bocado estranho, sabes, meio a flutuar. Foi mesmo esquisito.'
Então ele disse, "pois, é assim que vamos, acredita. Não vamos andar. Vamos, tipo... suponho que algumas pessoas chamariam voar. Não sei se aqui se chama assim, mas é o que parece. De qualquer forma, amanhã vou lá ver os meus avós. Engraçado, lembro-me da velha – avó. Tinha, ah, uns 76 quando deu o... quando bateu a bota, sabes, e sempre me perguntei se eles me reconheceriam, sabes."

Ele disse, "outra coisa engraçada é que pensarias que eles teriam vindo ter comigo se soubessem que eu vinha para cá, não é?"
Então eu disse, 'bem, se calhar não sabiam. Se calhar só estes que estão mais acima é que sabem disso antes.'
Ele disse, "pode ser isso. De qualquer forma é isso que aconteceu e para onde vou."
Ele disse. "Algumas destas pessoas já estão aqui há muito tempo, acredito. E só agora é que estão a começar a ambientar-se. Alguns são um bocado difíceis de lidar quando chegam."

Ele disse, "tu pareces ter levado isto bem."
Então eu disse, 'o que é que podes fazer? Dizem-te que deste o berro... que estás morto. O melhor a fazer quando estás morto, acho eu, é seguires as instruções e portares-te bem. Afinal, nunca se sabe quem vai julgar-te e tudo isso,' disse eu. 'Segundo o que diz a velha Bíblia e o

que eu percebia, és julgado.'
"Ah," disse ele, "esquece isso!" disse ele. "Ninguém te julga, pelo que percebo. Julgas-te a ti próprio. Tu próprio... sabes," disse ele, "desde que estou aqui," disse ele, "tenho estado a reflectir, sabes.
A voltar atrás no passado e a pensar em coisas." Disse ele, "agora percebo, como muitas pessoas, claro, que cometi muitos erros. Fui um bocado parvo, sabes, comigo e com os outros. Mas," disse ele, "estou a começar a ver agora. Mesmo que esteja aqui há pouco tempo," disse ele, "não existe tal coisa como julgamento, não na ideia antiquada que a velha igreja ensina." Disse ele, "a única coisa é," disse ele, "tu próprio julgas-te. Afinal, é a tua consciência," disse ele. "Eu tenho uma, e tu também tens, aposto. Todos temos."

Então eu disse, 'bem, eu tenho uma consciência, sim senhor, mas,' disse eu. 'Claro, não vivi assim tanto para ter feito muita coisa má, que eu saiba.' Disse eu, 'pelo que me lembro, a única coisa que fiz mesmo mal foi afogar um gato.'
Eu disse, 'não consigo pensar em mais nada... ah, uma vez bebi uma imperial e nunca paguei porque estava lá uma multidão, e ele esqueceu-se e eu nunca a paguei. Não vi nada de assim tão mau nisso. Pelo que me lembro,' disse eu.
'Não fiz nada de verdadeiramente mau. Quer dizer, não sou como algumas dessas pessoas. A única coisa que posso dizer que fiz de mau, se é que é mau, e não é totalmente culpa minha porque fui obrigado, foi ter morto uns quantos alemães.' Disse eu.

'Agora que penso nisso, ponho-os no mesmo saco que eu. Não me sinto muito bem com essa ideia, embora já perceba que não é assim tão mau estar morto, mas afinal de contas, se calhar eles tinham uma vida para cumprir na Terra, e eu também, para o caso disso.'
Eu disse, 'mas o que eu sinto neste momento é o facto de estar nesta posição. Não é que me importe, de certa forma,' disse eu.
'Mas outras pessoas que, quando se pensa bem, não arriscam nada da vida. Ficam sentados mais ou menos confortáveis, a fumar os seus charutos e por aí fora,' eu disse. 'Nós é que somos os tansos, não é?'

Então ele disse, "estás a dizer tudo, rapaz."
Disse, "não te preocupes com esses financeiros e o resto, eles safam-se bem, mas de que lhes serve isso? O que é que eles terão para responder quando chegarem aqui? Pensa nisso," disse ele para mim.
Disse, "tu não tens nada na tua consciência, amigo, mas por Cristo, eles têm uma carga enorme na deles e os outros que são responsáveis por nos porem nesta posição."

Eu disse, 'bem, suponho que não devíamos ter sentimentos amargos.' Eu disse.
"Não," disse ele, "eu não tenho ressentimento, mas o que..." disse ele, "me chateia e me revolta, é que estas pessoas que são a causa disto tudo, aquele punhado deles, se comparares com os milhões que têm de sofrer por isso. São esses que têm mesmo algo na consciência. Quando cá chegarem, não queria estar nos sapatos deles," disse ele.

Eu disse, 'concordo contigo nisso, amigo.' Eu disse, 'somos como as pobres ovelhas, não somos?'
Ele disse, "estás a dizer tudo," disse ele. "Mas não faz mal," disse ele. "Vai ser bom aqui, sinto isso."
Disse, "desde que cá estou todos têm sido simpáticos, agradáveis e prestáveis." Disse, "sinto-me mesmo em casa já."
E disse, "tu vais ficar bem. Não te preocupes."

Então eu disse, 'bem, sabes, eu não percebo bem isto tudo. Eu... tenho de aceitar o facto de estar morto,' disse eu. 'Mas, ainda acho difícil acreditar.'
Ele disse, "bem, vai passar. Vais habituar-te à ideia." Disse, "habituar-se à ideia de estar morto custa um bocado ao início, mas depois apanha-se o jeito. E não é nada mau," disse ele, "digo-te eu. Vais ter mesmo tudo o que quiseres que seja essencial."
Ah, ele continuou a contar-me uma data de coisas e os outros rapazes ali à volta não diziam grande coisa e pensei, 'bem, são um bocado calados estes.' Mas ele disse, "claro," disse ele, "os meus amigos aqui," disse ele, "estão só agora a ambientar-se como tu. Também chegaram há pouco tempo. Só mesmo antes de tu chegares, na verdade."
Disse, "eles estão a pensar nisso tudo e têm andado preocupados, acho eu. Um ou dois deles pelo menos," disse ele.

E ele olhou para eles e eles olharam para ele e para mim e estávamos todos a olhar uns para os outros, sabes, e ele disse, "eles estão um bocado preocupados com as pessoas do outro lado."
Cor! E eu lembrei-me nesse momento, eu disse, 'meu Deus, esqueci-me completamente deles. Não é terrível pensar que, sabes, com isto tudo a acontecer,' eu disse, 'esqueci-me completamente deles?'
Ele disse, "bem, um dia hão-de perceber," disse ele. "Mas olha, sabes, dizem-me que podes voltar para os ver se quiseres."
Então eu disse, 'voltar para os ver?'
Então ele disse, "sim."

E eu disse, 'isso quer dizer que te tornas num fantasma então? Claro que isso assustava a minha velha até à morte.' Sabes.
Então ele disse, "bem, as pessoas dizem isso mas..." Disse, "podemos voltar, sabes."
Então eu disse, 'bem, eu gostava de voltar para ver a minha gente e ver como estão. Cor,' eu disse, 'pergunto-me se já souberam que estou morto?' Sabes.
Então ele disse, "bem, se calhar ainda não sabem. Sabes como é lento aquilo de avisarem... sabes, avisarem a família e isso. Além disso," disse ele, "se quiseres voltar, isso pode ser combinado, sabes."
Disse, "um dos tipos que manda aqui. Ele pode tratar disso e levar-te de volta."
Disse, "claro, só te vai deixar miserável, acho eu, porque." disse ele, "vais lá, mas eles não ligam patavina a ti – e depois?"

Eu disse, 'isso é engraçado, falares em não ligarem nenhuma. Lembro-me bem na altura,' eu disse, 'quando... quando avancei, eu ia a correr com o resto dos rapazes em direção aos alemães,' disse eu, 'os alemães vieram a correr na minha direção como loucos, mas nem me viram.'
Ele disse, "pois é. É exatamente isso que vai acontecer se voltares à Terra. Ninguém te vê. Ninguém te liga nenhuma. Podes bater à porta da tua mulher, se tiveres uma, ou podes ir bater à porta do padre e ele não quer saber de ti para nada – porque ele é cego como um morcego, como os outros todos."
Então eu disse, 'cor, fogo! Isso é duro, não é? Não vale a pena ir se ninguém liga nenhuma.'
Então ele disse, "bem," disse ele, "espera para ver. Vai com calma, amigo. Vais ficar bem."
Então pensei, 'bem, suponho que mais vale fazer o que me dizem. É o melhor, não é? De qualquer forma, se estiveste no exército tempo suficiente, aprendes a fazer o que te mandam, senão estás tramado.'
Então pensei, 'bem, estou numa situação estranha aqui. Por isso, o melhor é estar calado e ouvir e falar pouco,' sabes.
De qualquer forma, chegou a altura em que este amigo que me trouxe até aqui, veio ter comigo outra vez e disse, "quero mostrar-te uma coisa."
Então eu disse, 'ah, está bem, amigo.'

Então fui com ele e saímos para fora e ele levou-me por outra rua. Havia lá casas. Muito bonitas eram, com varandas pequenas e flores e, ah, flores lindas, nunca vi flores assim. E levou-me até ao fim dessa rua e saímos para uma grande praça. Era como uma espécie de praceta, fora de uma rua, percebes. E havia uma grande fonte no meio. E eu podia ouvir música. Ah, era maravilhoso! Música maravilhosa era. Música linda. E pensei, 'isto é mesmo bonito.'

Lembrou-me dos velhos tempos em que me sentava no parque a ouvir a banda. Mas esta banda era algo de… bem, ia dizer de outro mundo… e era. Era magnífica. A tocar ali. Música linda. Eu não sabia o que era, mas era música maravilhosa. E vi aqueles músicos sentados e pareciam mesmo maravilhosos. O engraçado é que não tinham fardas, tinham uma espécie de túnicas.
E eu pensei, 'bem, isso fica muito bem, mas eu havia de ficar estranho com uma fatiota dessas.' Mas, 'bem,' pensei, 'não vale a pena pensar nisso agora.' E pensei, 'o que é que estou a vestir agora?' e olhei e estava de fato outra vez e pensei, 'ah, pois é, está certo.'

E tudo se passava ao mesmo tempo na minha cabeça. Estava mesmo, meio baralhado. De qualquer forma, sentámo-nos num banquinho debaixo de uma árvore linda, cheia de flores, e eu ouvia aquela música e estava, de certa forma, mesmo levado por aquilo e o meu amigo disse-me, "nós vimos cá muitas vezes ouvir música. É muito agradável, não é?"
Eu disse, 'é muito bom.'
Ele disse, "vais ver que é muito relaxante. Fica aqui. Eu deixo-te aqui um bocadinho e volto para ti."
Então pensei, 'está bem.'
Então fiquei ali sentado a ouvir aquela música linda e estava mesmo a gostar daquilo. E… ah, céus, estou mesmo a falar demais, não estou?

Greene: Continue, continue, não pare.

Woods: Continue, estamos a gostar muito.

Greene: Sim.

Woods: Muito interessante.

Pritchett: …e, de qualquer forma, eu estava ali sentado de olhos fechados, a ouvir aquela música tão bonita. E de repente, tive uma sensação de que havia algo… alguém sentado ao meu lado. E abri os olhos e olhei, e estava ali uma senhora muito bonita. Ela era mesmo bonita. Tinha um cabelo loiro lindíssimo, claro. Muito bonita. Parecia ter uns dezanove ou vinte anos e eu fiquei mesmo surpreendido. E ela disse… er… chamou-me pelo nome, é verdade, e eu pensei, 'bem, que engraçado. Ela sabe o meu nome, mas eu não a conheço.'

Então ela disse, "estás a gostar disto tudo aqui ?"
Então eu disse, 'muito, obrigado. Er… menina ?'
Então ela disse, "não precisas de me chamar menina." Disse ela. "Não me conheces ?"
Então eu disse, 'não. Não a conheço.'
Ela disse, "o meu nome é Lilly."
Então eu disse, 'Lilly ? Não conheço nenhuma Lilly. Desculpe,' eu disse, 'não quero parecer mal-educado, mas não a conheço.'
Ela disse, "não me conheces ? E ainda assim" disse ela, "não admira, de certa forma."
Disse ela, "mas eu sou tua irmã. Morri quando era bebé."

‘Ó valha-me Deus,’ eu disse. ‘Lembro-me da minha mãe dizer... falar de uma menina que morreu quando tinha só uns dias ou assim, se bem me lembro.’ Eu disse, ‘mas não podes ser ela. Estás crescida.’
Então ela disse, “é verdade. Sou tua irmã. Morri quando era bebé e cresci aqui.”
Então eu disse, ‘bem, não percebo nada disto.’ Eu disse, ‘mas fico muito contente por te conhecer e sinto-me feliz por te conhecer, mas ainda me faz confusão seres minha irmã, e eu nunca a ter conhecido – oh, quer dizer...’
Então ela disse, “oh, não te preocupes com isso.”
Disse ela. “Mas agora vou tomar conta de ti, agora que estás aqui.” E, er, ela disse, “vem comigo, que eu levo-te para casa.”
Eu disse, ‘casa ?’
Ela disse, “sim, casa.”
Então eu disse, ‘ah !’

De qualquer forma, fui com ela e ela levou-me para fora desta praça, por uma avenida larga, ladeada de árvores. E virámos por outro caminho e depois descemos uma encosta, e parecia que estávamos a sair completamente da cidade. E fomos para o campo, por uma estrada de campo linda e eu conseguia ver ao longe umas casinhas espalhadas aqui e ali. Gradualmente chegámos a uma pequena casa de campo – é a única forma que tenho de a descrever. Foi a coisa mais parecida, por sinal, com as casinhas que eu conhecia em casa, em Inglaterra. E ela acabou por parar numa casinha num jardim próprio, com um portãozinho e um alpendre pequeno na porta. Cheio de flores lindas, reparei logo.
E entrámos. E entrámos por aquele pequeno corredor e à esquerda, lembro-me, havia uma salinha – tudo muito acolhedor e confortável. Cadeiras boas. E reparei que não havia lareira e pensei, ‘bem, isso é estranho.’

Então eu disse-lhe, ‘ah, então aqui não têm lareiras ?’
Então ela disse, “não, não precisamos de lareiras porque está sempre quente e sempre agradável.”
Então eu disse, ‘isso é bom, não é. Então não têm chuva ?’
Então ela disse, “não. Não temos chuva. Mas” disse ela, “temos orvalho às vezes, por mais estranho que pareça.”
Então eu disse, ‘bem, isso deve ser bom.’
E ela disse, “sim, é.”

De qualquer forma, ficámos ali a conversar e ela começou a falar da minha mãe e do meu pai e do meu irmão, que ainda estavam na Terra. E disse que ia muitas vezes vê-los e que ia ter comigo – e comigo – desde bebé, e que tinha estado comigo durante todos os anos da guerra. E, er, não conseguiu... não estava comigo quando morri de facto, mas preparou tudo para mim. Mas, er, ela sabia que eu viria e que seria trazido e, de qualquer forma, lá estava eu e ia viver com ela e ela ia tomar conta de mim e eu pensei, ‘ah, isto é bom.’

Depois pensei, ‘bem, não sei, isto é tudo tão estranho.’ De qualquer forma, instalei-me e fiquei com a minha irmã. E, se calhar, é melhor vir cá outra vez para vos contar mais a partir daqui, percebem, porque o tempo... disseram-me que o tempo acabou, percebem.

Woods: Oh, estamos muito interessados.

Pritchett: Bem, eu sei. Quero dizer, a questão é que sinto que não vos consigo falar com tanta inteligência, talvez, como algumas das outras pessoas...

Woods: Oh, claro que consegue.

Greene: É muito interessante, Sr. Pritchett.

Woods: Muito interessante.

Pritchett: ...mas pode ser interessante para outras pessoas se eu, de certa forma, vos contar estas coisas, percebem. De qualquer forma, disseram-me que a força – seja lá o que for – está a acabar, mas...

Woods: Morava na Sydney Street ?

Pritchett: Não. Não. Tenho de ir, minha querida, desculpe mas...

Greene: Não podemos dar uma mensagem por si a alguém ?

Pritchett: Não. Não há ninguém. A minha gente...

Woods: Qual era o seu...

Pritchett: ...a minha gente, a minha gente está toda aqui agora, percebe.

Woods: Sim.

Greene: Ah, percebo.

Pritchett: Tenho de ir. Adeus.

Greene: Obrigada – muito obrigada.

Woods: Obrigado.

Mickey: Tchau tchau.

Woods: Oh Mickey...

Rupert Brooke
Gravado: 14 de Setembro de 1957

"Se eu morrer, pensa apenas isto de mim,
que há um canto de um campo estrangeiro,
que será para sempre Inglaterra..."

Estas palavras famosas são de Rupert Brooke, o célebre poeta britânico que morreu na Grécia em 1915.
Presentes: Leslie Flint, George Woods e Betty Greene.
Comunicadores espirituais: Rupert Brooke, Mickey.

George Woods: Gravámos isto no dia da Batalha de Inglaterra e todos os aviões passavam por cima como loucos nesse dia... faziam barulho por todo o lado, por isso vais ouvir os aviões a passar...

Woods: Bom dia.

Brooke: Não tenho a certeza se me conseguem ouvir ou não?

Greene: Sim.

Woods: Sim, ouço-o bastante bem.

Brooke: O meu nome é Brooke.

Woods: Brooke? Ah, sim.

Brooke: Rupert Brooke.

Greene: Ah, que encantador.

Woods: Sim.

Greene: Sim.

Brooke: Isto é uma experiência algo peculiar para mim, mas, tanto quanto eu... não, eu...

Woods: Conseguimos ouvi-lo perfeitamente.

Brooke: Só um momento... Já estou aqui há bastantes anos.

Greene: Sim.
[Ouve-se o som de aviões a sobrevoar]

Brooke: Lamento imenso. Receio estar a fazer uma grande confusão disto.

Woods: Oh, não está nada.

Greene: Não. [Todos falam ao mesmo tempo]

Greene: ...tem todo o tempo do mundo, está tudo bem.

Brooke: Foi-me sugerido que poderia ser interessante se eu conseguisse estabelecer contacto. Na verdade, de certo modo, não sei bem o que posso fazer ou de que forma poderia ser útil. Sinto-me um verdadeiro principiante nisto tudo.

Greene: Bem, quer que lhe diga, e talvez o ajude? Gostaríamos de saber como se deu a sua passagem, como, sabe, como se encontrou. Gostaríamos de saber se poderia descrever o seu plano particular e que tipo de trabalho faz agora, percebe?
Isto, se o ajudar de alguma forma.

Brooke: Bem, sim, ajuda de certo modo. Mas acho extremamente difícil, na verdade. Quando tento falar desta forma, não penso com clareza. Acho que isso se aplica à maioria das pessoas, tanto quanto sei. Disseram-me que seria muito difícil fazer isto e pensar com clareza.

Imagino que, uma vez que alguém se habitue a isto — isto é, a sintonizar-se, por assim dizer, com a vossa vibração e a tornar-se mais experiente a falar assim — então consegue-se pensar

com mais clareza e concentrar a mente em coisas importantes. Mas, francamente, sinto-me um pouco perdido.

Sinto-me como se não estivesse num mundo nem noutro. Mas tenho consciência de estar a falar convosco e tenho consciência de vocês responderem. Consigo sentir e, por vezes, até ouvir. É muito confuso, de facto é quase impossível saber se estou a ouvir o que dizem ou se, de certo modo, estou consciente dos vossos pensamentos. Na verdade, acho isto tudo muito peculiar. Peço desculpa por ser um estorvo. Não sou grande coisa nisto, por agora.

Greene: Vá lá.

Brooke: Desde que aqui estou, dediquei-me bastante, especialmente durante os anos da guerra, a ajudar rapazes que cá chegaram — que passaram durante a guerra recente. E o meu trabalho tem sido, suponho que se poderia chamar de equipa ou grupo de resgate. Na verdade, aprendi muito com os rapazes que vieram nos últimos anos, durante a guerra.

Trabalhei tão de perto em combinação com outros que também tinham passado durante a guerra recente, que era quase, por assim dizer, um deles, na medida em que, pelo menos quando descia ao plano terrestre para ajudar estas pessoas, pensava ao nível deles. Cheguei mesmo a ganhar o hábito de usar uma terminologia que me era totalmente estranha no meu tempo. Por exemplo, palavras cujo significado nem sabia ao princípio. Agora percebo que fazem parte da linguagem corrente. Na verdade, noto que há muitas palavras novas na língua inglesa que não existiam no meu tempo.

Pergunto-me o que poderia ter feito com um vocabulário como o que os ingleses adoptaram desde a minha partida, o que poderia ter feito com ele em termos de poesia e afins...

[Betty Greene perguntou ao Sr. Brooke como foi a sua passagem...]

Brooke: Bem, passei durante a Primeira Guerra Mundial.

Greene: Sim.

Brooke: Foi tudo muito repentino. Não me lembro de muito, exceto que, de repente, dei por mim numa espécie de... bem, nem saberia como descrever. Parecia que estava num corpo que já não era, à primeira vista, o mesmo. E, no entanto, em aparência, creio que era o mesmo. Mas não conseguia compreender. Não conseguia perceber que tinha morrido. Tudo parecia, de certo modo, bastante natural. E, no entanto, o corpo que usava parecia-me estranho. Na medida em que não sentia que tivesse peso. Isso incomodou-me bastante.

Quando estamos habituados a um corpo com peso e substância, encontrar-nos num corpo que parece não ter peso — e, de certo modo, nenhuma substância sequer — pareceu-me muito estranho. Havia uma leveza terrível em mim, que me incomodou e me deixou muito confuso no início. Na verdade, acho que me preocupei demasiado. Agora percebo que não devia ter sido assim — porque era demasiado sensível, talvez, não sei — mas esta sensação horrível de leveza tremenda. E, no entanto, se me tocasse, era sólido, mas se me beliscasse, não sentia nada.

Isso incomodou-me terrivelmente. Na verdade, uma das primeiras coisas que fiz, acho eu, se bem me lembro, foi, quando me dei conta de que já não estava do vosso lado e, no entanto, tinha um corpo que, em certos aspetos, era idêntico em aparência ao antigo, pensei: 'Estou ou não estou vivo, no mesmo sentido em que me conhecia vivo na Terra?' Belisquei-me e fiquei surpreendido por não sentir nada, o que me preocupou imenso. Pensei: 'Bem, este meu corpo,

esta coisa estranha, que é um corpo e, para todos os efeitos, não parece responder da mesma forma.'

E pensei para comigo: 'Porque haveria de o fazer?' Obviamente não é o mesmo corpo antigo, é um corpo diferente. Deve ser composto de substâncias diferentes e, no entanto, eu estava ainda, por assim dizer, na Terra, isto é, consciente da Terra. E depois, claro, tive um ou dois choques, quando percebi que as pessoas não me viam, e pensei: 'Bem, se não me consigo sentir ao beliscar-me, porque haveriam as pessoas de me ver? — porque estão obviamente ainda na Terra no corpo antigo.'

E comecei a perceber que havia uma grande diferença entre os corpos, consequentemente, e pensei: 'Deve ser porque estou numa taxa de vibração ou algo assim que não é comum na Terra, e, portanto, as pessoas não me conseguem ver.' Era isso que me irritava e incomodava há tanto tempo. Eu via outras pessoas e elas não me viam. Parecia tudo tão estranho e… lembro-me vividamente de estar sentado junto a um rio e olhar para mim mesmo e não me ver — isso incomodou-me imenso.

[Ininteligível]... um rio de que gostava muito na minha juventude. Lembro-me de estar sentado a olhar para o rio e não ver reflexo algum. E pensei: 'Isto é extraordinário. Tenho um corpo e, no entanto, não tem reflexo.' Receio que estava completamente confuso mentalmente. Não conseguia adaptar-me de todo. Por isso, andava de um lado para o outro, junto de várias pessoas que conheci, a tentar dizer-lhes que estava vivo e bem, para não se preocuparem comigo, e elas simplesmente não percebiam que eu estava lá e, quando percebi que nem no rio tinha reflexo, compreendi então que a razão de não me conseguirem ver era porque, se o meu corpo não tinha reflexo, então não podia ser sólido para eles. Não podia estar na mesma vibração: não podia ser o mesmo tipo de matéria. Obviamente era diferente e tive de me adaptar ao facto de ter um corpo que, para todos os efeitos, parecia o mesmo e, no entanto, obviamente não era um corpo real do ponto de vista terrestre.

Portanto, eu estava no que, suponho, se chamaria de corpo espiritual, e ainda assim pensei: 'Bem, não sou propriamente espiritual.' Estava tão confuso, tão perplexo. Aqui estava eu, apegado à Terra, por assim dizer, nos meus pensamentos, nas minhas memórias do que passou e a tentar acompanhar as coisas também. Na verdade, estava a tentar fazer tantas coisas diferentes ao mesmo tempo e não fazia nada bem.

Parecia-me tudo extremamente irritante e confuso.

Lembro-me de estar sentado junto a este rio, cada vez mais confuso e, na verdade, não pouco assustado, a pensar qual seria o próximo passo, quando de repente tomei consciência de alguém ao meu lado. Olhei, mas não via ninguém. No entanto, sabia que estava ali alguém. E pensei: isto é ridículo, e olhei para o rio e não havia reflexo nenhum e eu simplesmente não sabia o que fazer. Então, de repente, foi como se, claramente — como agora percebo — eu tivesse ouvido uma voz a dizer: "Vem comigo." E pensei: "Bem, como diabo posso eu ir com alguém que não vejo? Não sei para onde vai, nem sei quem é."

E por três vezes esta voz disse: "Vem comigo. Fecha os olhos." E eu pensei, quem não arrisca não petisca. Não posso fazer grande coisa, por isso vou simplesmente fechar os olhos…

A próxima coisa de que me lembro foi de estar num lugar totalmente diferente — o que parecia ser um edifício enorme, não muito diferente, suponho, do aspeto de uma sala de concertos, na medida em que havia lugares, muitos lugares, e muitas, muitas pessoas estavam reunidas ali e eu estava sentado nesse local e podia ouvir música lindíssima, era simplesmente um som

maravilhoso. Nem consigo retratar ou descrever — e parecia, não sei, vibrar de tal forma que parecia transportar-me, para lá do tempo e do espaço. Parecia ter uma mensagem que eu interpretei como sendo de paz, de tranquilidade e descanso, para não me preocupar ou afligir demasiado. Por outras palavras, parecia receber desse lugar — dessa música — uma sensação maravilhosa de estar em paz e, em consequência, senti-me muito diferente e muito mais calmo. E, gradualmente, comecei a perceber, lá ao fundo, o que parecia ser um panorama enorme de luzes em mutação. Parece-me que tenho de o descrever como todos os tipos de cores, mas que mudavam constantemente de tons muito pálidos para matizes profundas e, gradualmente, toda a sala, todo o edifício, parecia ficar imerso nisso. E eu perguntava-me como é que aquilo era conseguido.

Era — era quase como se estivesse a ver algo projectado num ecrã de cinema ou algo assim. Todo o edifício, gradualmente, parecia ser iluminado e transformado por aquela cor. E, embora conseguisse ver tudo à minha volta, não parecia de alguma forma, embora me sentisse uno com eles, não parecia que conseguisse falar. Na verdade, estava tão perturbado — tinha estado tão perturbado na minha mente anteriormente, por causa do meu corpo, sobre qual era a sua função e se era realmente como o corpo terreno, que em certo sentido parecia ser, mas eu não tinha certeza disso. Não sabia, não sabia realmente como fazer as coisas, suponho, mas queria falar com alguém e, mesmo assim, estava quase com medo de tentar articular palavras. De qualquer forma, tornei-me muito consciente de alguém perto de mim a dizer: "Tu consegues. Não te preocupes. Tu consegues. Não te preocupes," e ouvi-me a dizer: "Que lugar é este? Que lugar é este?"

E ouvi, em resposta, uma voz dizer:
"Isto é um lugar onde podes ser trazido para um novo ser. Aqui as vibrações tornarão possível uma nova forma de vida para ti. Isto é uma estação de purificação."
Não consegui perceber o que significava com uma estação de purificação. Soa como um termo muito estranho. Parecia-me tão distante de qualquer coisa que se pudesse imaginar. Uma estação de purificação, se alguém puder imaginar como seria uma estação de purificação. Aquilo parecia-me como uma grande sala de espetáculos, como o Albert Hall, por exemplo, mas muito maior e muito mais bela, claro. Bem, havia um som glorioso, música a tocar e luzes e pessoas.

Então percebi de repente que estava a acontecer uma mudança em mim. Já quase tinha consciência disso desde o início e as pessoas em redor, sentia, também estavam a mudar de forma subtil. E, mesmo assim, não conseguia explicar. Mesmo agora não sei bem como explicar. Mas parecia de repente que o meu corpo inteiro estava a ficar imerso num poder carregado, numa vitalidade, e tudo parecia tornar-se muito mais sólido. É a única forma que tenho de o dizer. Parece um disparate, mas para mim parecia mesmo que tudo à minha volta, que claro, para todos os efeitos, já parecia muito real — isto é, eu podia ver pessoas, podia ver coisas, podia ver a imensidão do edifício e a sua beleza, e as cores e tudo.

Mas, de certa forma, anteriormente, tudo me parecia tão irreal, era demasiado maravilhoso para ser verdade, não conseguia compreender e, no entanto, apreciava-o e tinha um efeito maravilhoso de paz em mim. Mas gradualmente parecia tornar-se muito mais real, muito mais intenso. As pessoas pareciam, onde antes estavam sentadas muito calmas e quietas, agora pareciam ganhar um pouco de vida. Por outras palavras, começaram a mexer-se um pouco e tornava-se-se consciente de algo a acontecer dentro de nós e nas pessoas à nossa volta e, passados muito pouco tempo, ou assim me pareceu, uma ou duas pessoas começaram a mexer-se, a levantar-se e a andar por ali e a começar a — o que parecia ser — falar, pelo menos as suas bocas abriam-se e fechavam-se, embora eu não conseguisse ouvir o que saía delas.

E, no entanto, estava consciente de que estavam a tentar transmitir os seus pensamentos de forma audível. E parecia-me que aquelas várias pessoas estavam a começar a ganhar vida. Não quero dar a entender que, no início, pareciam pessoas mortas, não era exatamente isso. Mas agora percebo que nós estávamos todos completamente inexperientes nestes corpos, obviamente, tínhamos acabado de passar e tínhamos sido trazidos para este lugar e estávamos a começar… por assim dizer, a ser mostrados como experienciar a nova vida. Estávamos a ser preparados, estávamos, por assim dizer, a ser iniciados, se quiserem. E depois houve, após isto, quando o lugar parecia mais vital, mais vivo — isto é, do ponto de vista das pessoas a mexerem-se e a andarem por ali e assim — eu vi, como suponho que outros também devem ter visto, o que pareciam ser figuras, pessoas que não estavam ali antes, ou pelo menos não eram visíveis.

Pareciam tornar-se visíveis de todos os lados, alguns eram homens, outros mulheres. Algumas mulheres foram ter com outras mulheres sentadas no auditório e alguns homens foram ter com alguns dos homens. A maioria das pessoas parecia muito bela. Não me lembro de ver uma única que não tivesse uma expressão muito bonita no rosto. Não eram necessariamente sempre bonitas, no sentido de traços e tudo isso, mas os rostos pareciam iluminados e tinham grande animação, grande encanto, grande dignidade também — e percebi, claro, muito mais tarde, depois, que estas eram pessoas cuja função era conduzir este tipo de cerimónias de iniciação, se quiserem chamar assim… e coisas do género para ajudar pessoas que, ao passarem, precisavam desta reabilitação gradual para uma nova vida — e possivelmente, parece-me agora, não tinham nenhum parente ou amigo do outro lado para as receber.

Muitas vezes, percebo agora, há muitos parentes e amigos que se reúnem ali à espera que este tipo de serviço termine e então dão-se a conhecer, mas parece-me que o choque da morte súbita faz com que muitas pessoas precisem de ser gradualmente revitalizadas no sentido espiritual. Precisam, por assim dizer, de ser purificadas — é a melhor forma de o dizer — das suas antigas ideias e pensamentos. Precisam de reajustar o seu pensamento e este é um método usado em certos casos e para certas pessoas. Não é usado para toda a gente, evidentemente — descobri isso depois, mas de qualquer forma foi uma experiência extraordinária e uma que nunca esquecerei porque foi uma experiência muito bela e maravilhosa e ajudou-me imenso.

Depois de ter falado com várias pessoas, cuja tarefa era evidentemente ajudar-nos a passar, fui levado para o que parecia ser um parque. Embora agora perceba que não é exatamente um parque, pareceu-me então um parque. Nesse parque vi muitas pessoas com muitos tipos de trajes. E percebi que aquele lugar era o exterior daquele edifício, e, depois desta cerimónia de iniciação — ou chamem-lhe o que quiserem — continuámos no exterior, neste belo parque, e passeávamos, e sentia-se então que o nosso corpo era uma realidade. É a única forma que tenho de o descrever. Percebi que o meu corpo funcionava então em harmonia com os meus pensamentos. Por outras palavras, era uma realidade para mim e eu podia deslocar-me, podia passear. Podia correr, podia até nadar, o que fiz.

E lembro-me de estar sentado debaixo de uma árvore a falar com uma pessoa em particular, que vim a descobrir mais tarde que era o meu ajudante pessoal. E ele explicou-me que tudo o que tinha acontecido era muito importante, porque devido às condições da minha passagem em particular e à minha natureza e forma de estar, tinha sido essencial libertar-me completamente de todos os pensamentos materiais e físicos relacionados com a guerra e com as condições terríveis em que tinha existido — por outras palavras, tinha de ver a luz, a beleza e a realização de coisas maiores ainda por vir. Tinha de me libertar completamente, por assim dizer, de velhos pensamentos, velhas ideias. E isto ajudou-me imenso.

E perguntei especialmente se seria possível aqui, por exemplo, continuar a escrever e assim, e ele disse:
"Claro que podes fazer isso se quiseres. E podes, se quiseres, fazer outras coisas. Se quiseres, por exemplo, tornar-te pintor ou músico, nada te impede. Na verdade, podes fazer exatamente aquilo a que te sentires inclinado. Na verdade, essa é a única forma de progredires deste lado, é avançar na direção que tu mesmo tornaste possível através do teu pensamento e da tua ação."

E, em consequência, percebi que podia, se quisesse, fazer muitas coisas, mas sentia que se ao menos pudesse retratar algumas destas experiências de tal forma que as pudesse enviar de volta à Terra, seria algo tão interessante e uma grande ajuda. E perguntei se isso era possível, e disseram-me que sim, que seria possível, mas que não seria possível durante bastante tempo, por várias razões. Uma delas era que eu ainda era um iniciado, ainda era novo e estava a descobrir tudo muito estranho, não conseguiria adaptar-me tão depressa — tão facilmente para fazer uma coisa dessas e depois, claro, o mais óbvio seria a dificuldade em encontrar alguém que pudesse servir de instrumento. Nem sequer percebia naquela altura que era necessário um médium. Embora tivesse tido aquela experiência desagradável quando deixei a Terra e tentei contactar pessoas que não via. Pensei que de alguma forma devia haver um meio. Vagamente ouvira falar de Espiritualismo na Terra, mas nunca tive qualquer interesse nisso, na verdade não tinha mesmo — achava provavelmente que era tudo um disparate. Mas de repente queria contar ao mundo — ao mundo da Terra — tudo isto, queria que soubessem disto. Não sabia como o fazer e estava tão entusiasmado, tão ansioso, mesmo então, nessa fase inicial, por fazer alguma coisa.
Esse homem sorriu e disse:
"Bem, claro que a maioria das pessoas, quando chega aqui, é assim. Querem correr para os seus amigos e parentes. Querem dizer a toda a gente no mundo como é maravilhoso tudo isto, passar do vosso mundo para este. É o processo mais natural que existe. Não há necessidade de todo aquele medo terrível que as pessoas têm dentro de si sobre morrer. Na verdade, tudo é tão ordenado. É apenas a confusão que o homem traz consigo que cria a dificuldade. Se o homem tivesse uma imagem clara das coisas antes de morrer, não haveria a confusão que as pessoas têm, como tu tiveste, por exemplo, quando estavas, por assim dizer, preso à Terra."

Ele disse-me:
"Quando percebeste que as pessoas não se apercebiam que estavas ali e olhaste para a água e não viste o teu reflexo — tudo isso, na verdade, altera o estado de espírito do homem ao morrer, as velhas ideias, os velhos pensamentos que o perseguem — que te enchem de medo. Quando na realidade o homem devia ser livre e devia compreender estas coisas, porque isto é a lei natural — que Deus criou o homem à Sua imagem e, em consequência, é indestrutível. Só o aspeto material e físico da vida é que é destrutível em si mesmo, mas tu, o verdadeiro espírito do homem, continua. Claro que todos sentem o mesmo que tu sentiste. Querem correr de volta e contar ao mundo, mas tens de te lembrar que o velho mundo existe há séculos e séculos. Vive de enigmas, constrói todo o tipo de barreiras, cria religiões e superstições estranhas e, em consequência, torna impossível ter conhecimento e experiência. Quando poderiam tê-lo, se tivessem a mente clara e voltada para as coisas do Espírito e não corrompessem tudo no sentido material. Até os pensamentos mais elevados e nobres, o homem muitas vezes deturpa."

Tudo isto, claro, eu percebi muito bem, mas não sabia como se poderia fazer isso e ele disse:
"Bem, não te preocupes com isso. O tempo passará e poderá chegar o momento em que poderás voltar e ser útil de alguma forma."
Mas eu sentia-me terrivelmente ansioso. Mas tinha de perceber que ainda tinha muito a aprender e que ainda não era o momento certo para regressar.

E cá estou eu agora, passados, oh, não sei bem, provavelmente quarenta anos, suponho, a falar convosco. E tudo isto parece tão estranho e, no entanto, tão maravilhoso. Receio não ter dito assim tanto...

Woods: Obrigado. Que tipo de roupa usa desse lado?

Brooke: Bem, descubro que as roupas de que mais gosto — e falo apenas por mim — gosto, suponho que a forma mais aproximada de descrever, é algo parecido com o que os antigos gregos usavam. É muito, muito confortável, muito bonito de se ver e os materiais são muito belos.

Woods: Muito colorido?

Brooke: Oh, muito. Mas claro, aí está uma coisa que não depende só de nós. Quero dizer, gostamos de sentir que usamos o que gostaríamos de usar, o que é verdade em essência. Mas a questão é que há certas cores, por exemplo, que não poderias usar a menos que tu mesmo, pela tua própria natureza e, por assim dizer, pela tua própria alma, as tornasses possíveis; porque muitas vezes somos conhecidos pelo temperamento e carácter através da cor da nossa indumentária.
Não só... percebem a questão, é que nos reconhecemos uns aos outros pela própria iluminação e luz à nossa volta. Por exemplo, se certas cores estão na tua aura, podem haver outras cores que não poderias usar na tua roupa ou no teu aspeto, na tua indumentária. Percebes, há coisas que simplesmente não podem ser.

Quero dizer, por exemplo, se não tivesses progredido muito, não poderias usar um azul muito suave e límpido, por exemplo, porque isso não faria parte da tua constituição e natureza. Não terias criado em ti a possibilidade de ter essa cor na tua emanação áurica e, em consequência, não a usarias na tua roupa. Para começar, nem sequer te sentirias atraído por ela porque não estarias pronto para isso, digamos assim, e em segundo lugar simplesmente não seria possível. Não sei bem explicar porque é que não seria possível — mas não seria. A questão é que de certa forma, quase automaticamente, és aquilo que és...

Woods: Sim.

Brooke: ...e não podes ser além disso nem menos do que isso, de certo modo. Quero dizer, todos seguimos em frente. Todos nos esforçamos de uma forma ou de outra e evoluímos em conformidade; e, em consequência, somos automaticamente como somos pelo nosso próprio esforço; e seria muito antinatural assumir aqui uma fachada que tu próprio saberias, dentro de ti, que não enganaria ninguém.
Por outras palavras, enquanto na Terra um homem pode criar uma fachada, pode construir algo à sua volta que dá uma impressão errada aos outros — as pessoas podem dizer: "Ah, fulano é uma pessoa óptima", mas na realidade, por baixo, pode ser uma pessoa horrível. Esse tipo de coisa podes fazer do vosso lado, mas aqui não podes. É uma das primeiras coisas que se percebe, na verdade, e é um grande choque, garanto-te. Aqui não há engano de espécie alguma. Aqui és conhecido pelo que és e...

[tosse começa] Peço desculpa.

Greene: ...estava a dizer... para poder falar connosco assim. Bem, talvez lhe dê alegria saber... [tosse alta] ...que esta noite, a sua voz e o que nos tem contado vai ser ouvido por bastantes pessoas na Terra.

Brooke: Oh, digo-vos sinceramente, fico muito feliz em saber disso. Só gostava, pela santa paciência, que me tivessem dito isso antes. Teria dito algo muito mais valioso. Porque percebo perfeitamente que há tanto que se pode dizer ou que se devia dizer. E claro, esta foi a minha primeira tentativa de contacto direto desta forma e, em consequência, acho extremamente difícil, na verdade. Mas, sem dúvida, se puder, voltarei mais tarde. Farei o meu melhor.

Greene: Gostava de lhe perguntar uma coisa. Quando, hum, escrevia os seus versos — quando estava no plano terrestre — achava que era inspirado? E desde então encontrou alguém que o tenha inspirado no seu trabalho?

Brooke: Oh, sim, meu Deus.

Greene: Encontrou? Quem foi?

Brooke: Agora percebo que, quando estava na Terra, era, na verdade, de certo modo um instrumento ou um médium. Isso não quer dizer que não tivesse o meu próprio talento, claro. Detestaria — acho que qualquer um detestaria sentir que é apenas uma máquina automática a debitar coisas de outros.

Greene: Oh, alguém que eu conheça?

Brooke: Quero dizer, tinha o meu próprio talento, naturalmente. Mas hum, percebo que atraía para mim — e que alguns deles eram meus próprios ajudantes e guias, deste lado da vida — Byron, Shelley e Keats.

Greene: Oh, que maravilhoso.

Brooke: São os meus maiores amigos. Mas tenho de voltar outra vez para falar convosco. Tenho de ir, dizem-me que a energia está a esgotar-se. Mas foi maravilhoso e espero não ter sido longo — demasiado longo?

Greene: Bem, obrigado pela sua bela conversa.

Brooke: De qualquer forma, Deus vos abençoe e adeus.

Greene: Obrigada.

Mickey: Tchau tchau.

Greene: Tchau tchau, Mickey.

Woods: Obrigado, Mickey.

JOHN ELLIS

Gravado: 11 de Novembro de 1962
"Tive a desagradável tarefa de tirar vidas pela lei."
Entre 1907 e 1924, John Ellis foi o Carrasco-Chefe do Reino Unido.
Supervisionou o enforcamento de mais de 200 prisioneiros; incluindo Dr. Crippen, Frederick Seddon e Roger Casement.

Aqui, Ellis descreve alguns dos seus casos mais marcantes, os seus sentimentos em relação à pena de morte, o poder que o jornalismo detém sobre a opinião pública e como o seu trabalho impactou a sua vida.
Presentes: Leslie Flint e Betty Greene
Comunicador espiritual: John Ellis

Ellis: ...o facto de eu conseguir comunicar com pessoas do vosso lado da vida, os amigos que me pediram para vir, sentiram que a minha mensagem teria algum interesse para as pessoas do vosso lado. Na verdade, há um velho ditado que diz que o passado é passado — e está morto e enterrado — mas nós, deste lado, sabemos bem demais que nada está mais longe da verdade — porque o passado está sempre presente — se não fosse o passado, não poderia haver presente nem futuro. E, de certo modo, o passado é como um espelho onde podemos ver o nosso próprio reflexo. Sem ele, não tenho dúvidas de que nada poderia existir.

Muita gente tem tendência a pensar que, quando uma coisa está morta e acabada, é o fim. As memórias podem ficar, mas elas próprias com o tempo tornam-se vagas e por vezes obscuras e, gradualmente... na Terra, irrelevantes.

Mas quero falar-vos de algo que considero muito vital e muito importante. Porque afeta todos os seres humanos, direta ou indiretamente, e é isto: não podemos fugir de nós próprios e não podemos fugir das nossas responsabilidades. Não só para com os outros, mas também as responsabilidades que temos em relação ao nosso próprio eu individual.

No passado, tudo o que aconteceu em relação aos seres humanos é importante. Olho para a minha vida e estou plenamente consciente de que, se soubesse o que sei agora, teria feito tudo de forma muito, muito diferente. Muito diferente mesmo.

Tive a desagradável tarefa de tirar vidas pela lei. Ora, podem haver desculpas, e de facto há desculpas muito boas para tirar uma vida em certas circunstâncias e condições. Embora perceba que tirar uma vida, em qualquer circunstância, é moralmente errado. E, no entanto, há circunstâncias atenuantes por vezes, quando uma pessoa faz algo, quando perde todo o controlo e as suas paixões são despertadas e fica completamente e absolutamente fora de controlo — fazem coisas de que depois se arrependem. E, de certo modo, quando... e sentem-se desesperadamente arrependidos quando chega a altura de "pagar a conta" à sociedade. E claro, há outros que organizam e planeiam um assassinato premeditado. Isso, claro, está numa categoria totalmente diferente.

Mas mesmo assim, depois de grande reflexão, de muito debate e discussão, no meu íntimo — e claro, com muitas almas deste lado — algumas, na verdade, enviadas para cá pela lei e, em alguns casos, pela minha própria mão.

Voltei especialmente para apelar à humanidade para que se abstenha de tirar vidas. Um caso que me vem muito fortemente à mente neste momento em que vos falo, é o caso de Edith Thompson. Foi há tanto tempo e talvez já tenham esquecido completamente. Quer se lembrem ou não, quer a sociedade tenha esquecido, como muitas vezes faz — às vezes até convenientemente, de tal forma que nada pode iluminar o caminho... uma tragédia terrível, onde uma mulher, tola, uma mulher apaixonada, se deixou apanhar na teia das circunstâncias. Se alguma vez uma mulher estava acabada, era ela.

No entanto, a sua vida foi tirada, porque a sociedade, e em grande parte o público, assim o exigiram. O público queria. O público — e por mais estranho que pareça — e garanto-vos que não tenho animosidade pessoal ou má vontade em relação a ninguém, seja qual for o seu sexo.

As mulheres do país, na altura, se a memória não me falha, estavam muito inclinadas a sentir que ela tinha enganado um homem mais novo e que era, em grande parte, responsável pela tragédia... e que era justificado que fosse enforcada.

Não. Os seres humanos são muito estranhos e não há nada pior — e posso garantir-vos que é verdade — não há nada pior do que uma forma de histeria colectiva. E muitas vezes quando os jornais incitam a opinião pública, incitam e sensacionalizam, como certamente fizeram no caso Thompson e Bywaters. Não há dúvida de que a mulher não tinha qualquer conhecimento de que um assassinato iria acontecer naquela noite. Era tão inocente como um recém-nascido do facto de o seu amante ir cometer um assassinato, naquela noite ou em qualquer outra. Era uma mulher muito tola em muitos aspetos. E ainda assim, como muitos outros sofreram pela sua tolice... não é raro que muitos que vão para a forca sejam inocentes dos crimes que lhes são imputados.

O meu nome era Ellis e posso garantir-vos que não é, num certo sentido, um nome de que me orgulhe agora. Houve um tempo, nos primeiros anos, em que tinha bastante orgulho de ser carrasco público. Não via mal nenhum nisso. Achava que era dever de todos apoiar a lei e, quando ocorria um assassinato... acreditava, como tantos ainda acreditam, num olho por olho e dente por dente — a velha lei de Moisés. Mas como é estranho parecer, num país cristão, que a velha lei de Moisés seja a que se tome como "evangelho", em vez dos ensinamentos de Cristo.

Woods:
Foi você quem, hum...

(todos a falar ao mesmo tempo)

Ellis: ...deixem-me, por favor, continuar. Desculpem, não quero parecer rude, mas é muito difícil para mim concentrar-me e... mas eu — eu estava a dizer-vos que me pediram para vir, várias almas deste lado, que estavam ligadas de uma forma ou de outra à lei e à aplicação da justiça, tal como a conheciam. Mas têm de se lembrar — e penso que isto é provavelmente o mais importante a lembrar — que não haveria imprensa, ou não teria havido imprensa para pessoas como eu, se não fosse o público [e a] opinião pública. Claro que, desde o meu tempo, as pessoas mudaram muito a sua atitude em relação a estes assuntos importantes. Há agora uma maior consciência, do que possivelmente em qualquer outra altura, de que não é a solução para o problema. O assassinato é um crime terrível e não quero que pensem, nem por um momento, que tenho necessariamente simpatia por quem comete um assassinato. Estou ansioso, como todos os que têm bom senso, por ver feita justiça. Mas posso garantir-vos [que] tirar uma vida não resolve o problema. De facto, iria tão longe ao ponto de dizer que agrava o problema, torna-o pior. Leva a outros crimes, muitas vezes por pessoas que são possuídas, não só pelos pensamentos que foram tão excitados em torno de um determinado assassinato, e pela tremenda publicidade que é dada a um caso de homicídio, especialmente um como o caso Thompson e Bywaters. Não só isso, por si só, tem um efeito tremendo na mente colectiva, mas aqui e ali em indivíduos.

As pessoas tendem, às vezes, a ser como ovelhas. Quantas vezes isto não se provou correto, que tivemos o que se poderia chamar de assassinatos em fotocópia? Um assassinato é cometido, dá-se-lhe grande publicidade, o caso é lido por milhares de pessoas e, num espaço muito curto de tempo, tens, talvez, várias séries de assassinatos quase idênticos. Eu percebo que, claro, estes casos têm de ter publicidade. Não estou a sugerir que se deva tentar suprimir o trabalho da imprensa ou o espírito de notícia. Não sou contra a imprensa, mas sugiro uma coisa importante: que quando surge um... assassinato, muitas vezes tens repetição, tens cópias — fotocópias do

assassinato idêntico. E também, outro facto importante é que muitas vezes a pessoa que foi enforcada se agarra à Terra por muito tempo.

Tirei a minha própria vida. Agora percebo que foi a coisa errada a fazer, mas estava num estado terrível, terrível de depressão. Testemunhei algo que me mudou tanto, mudou a minha visão e as minhas opiniões. Da noite para o dia, tornei-me um homem diferente e não consegui encarar o futuro e não consegui enfrentar algo de que muitas pessoas no vosso mundo não têm conhecimento — não consegui enfrentar as coisas que vi. Não conseguia dormir, não conseguia concentrar-me e não encontrava paz. Fui assombrado pelas coisas que testemunhei [e] pelas coisas que fiz e, acima de tudo, pelas pessoas a quem tive a infeliz tarefa de enviar para outro mundo. Um mundo que agora habito em segurança e no qual, graças a Deus, posso dizer que sou agora feliz.

[Mas] só uma pessoa como eu [pode] dizer-vos da miséria incalculável que acontece deste lado, especialmente nos primeiros tempos de chegada aqui, para aqueles que foram enviados para a forca e para aqueles cuja tarefa é cometer...

A lei justifica — como justa retribuição. Crime e castigo, crime e castigo. Suponho que há muitas formas de crime e muitos tipos de castigo aplicados, mas muito raramente o castigo [corresponde] ao crime. Não se pode trazer de volta a vida que foi tirada, e eu sugeriria que aqueles [que cometem o] crime de tirar outra vida [com] assassinato, que cada caso — e percebo que hoje se leva muito mais em conta os seus méritos ou deméritos — cada caso deve ser considerado.

E mesmo quando é provado ser um assassinato premeditado, não há qualquer bem em enforcar essa pessoa. Eu sugeriria que fossem postos a trabalhar em algo útil, separados do resto da sociedade e [lhes fosse] dada a oportunidade de trabalhar, de algum modo, pela sua salvação. E, de certo modo, isto é um castigo mais terrível, mas é um castigo são, sensato... de mudança e, até certo ponto, de redenção por aquele momento de loucura.

Marshall Hall, Birkenhead e outras grandes almas ligadas à lei todas... e é porque eles pediram que eu, em particular, viesse, que quero que vocês... e compreendam que, se no trabalho que se esforçam por fazer, conseguirem trazer — ajudar a trazer — estas mudanças que há tanto tempo são necessárias. Há alguns anos, a lei mudou; desde então, claro, mudou novamente, de forma que para certos tipos de homicídio o enforcamento ainda se realiza. Mas o que penso que se deve recordar é que, nos piores casos de homicídio, isto é, homicídio premeditado e planeado, aí têm uma pessoa fria, insensível, voluntariosa, obscurecida, que não hesitará perante nada para alcançar os seus objetivos; esta é uma pessoa que, obviamente, não progrediu nada. É uma pessoa que está no estrato mais baixo da vida humana, a pessoa que mais precisa de se desenvolver, de expandir o seu conhecimento e de se tornar uma pessoa melhor em consequência.

Ver uma pessoa assim aqui, embora para todos os efeitos materiais essa pessoa já não exista "em vida", essa pessoa está morta — nada mais longe da verdade — essa pessoa está bem viva... presa à Terra em consequência, e invariavelmente procura a sua vingança sobre a sociedade, agarrando alguma alma no vosso mundo, possivelmente um ser altamente sensível, muito frágil talvez — mas ainda assim, não necessariamente uma má pessoa — e, se puder, levará essa pessoa simples, sem sofisticação, a reinos de escuridão.

Muitos destes crimes, estes crimes repetidos, estes crimes que se poderiam chamar cópias-carbono são frequentemente cometidos por pessoas que, em circunstâncias normais, [não cometeriam] qualquer forma de crime. Nem sequer maltratariam um animal ou arrancariam as

asas de uma borboleta. São muitas vezes indivíduos algo frágeis, altamente sensíveis e muitas vezes muito psíquicos, sendo assim bons alvos para que estas almas presas à Terra — estes outrora assassinos — se projectem sobre eles.

Se tivesse tempo, poderia contar-vos inúmeras histórias — histórias que tenho a certeza que interessariam a todos. E são histórias verídicas sobre crimes cometidos, sobre pessoas que pagaram a pena e, em alguns casos, eram inocentes de qualquer crime e, claro, em muitos casos eram de facto criminosos, cometeram o crime, mas em circunstâncias estranhas pelas quais não eram totalmente responsáveis.

Existem alguns casos muito grandes e clássicos — que se tornaram casos clássicos na história do crime — que são frequentemente recordados e discutidos. Mas compreendo que houve uma grande mudança entre certas pessoas em relação a certos crimes cometidos há muito tempo. Tomem o caso do Dr. Crippen. Ora, o Dr. Crippen era um homem completamente e absolutamente livre de qualquer astúcia. Se alguma astúcia se desenvolveu nele, foi apenas nos últimos meses da sua vida. Era um pobre homenzinho subjugado, bem falante, razoavelmente instruído. [Era] um homem que, obviamente, não faria mal a uma mosca em circunstâncias normais. Mas tinha uma esposa grande, exuberante, uma personalidade dominante como era, tinha estado nos Music Halls, de segunda ou terceira categoria, sem amor ou afecto pelo marido. Pergunta-se porque se deu ao trabalho de casar com ele, talvez pensasse que isso lhe daria um certo grau de respeitabilidade e a oportunidade de fazer festas de forma mais faustosa. Mas estava sempre a fazer festas, sempre a receber aquela gente "barulhenta, de Music Hall de terceira categoria", que tomava conta da casa.

E toda a sua maneira de ser era tão oposta à dela. Pergunta-se porque é que alguma vez se juntaram, mas é isso que as pessoas fazem na sociedade — e coisas estranhas acontecem. "Toc-toc", dirão, acabam juntos. Provavelmente sem rima nem razão. À superfície parece que não tinham hipótese de serem felizes. Mas ele estava enamorado dela, sem dúvida, nos primeiros tempos. Mas, para resumir, eu sei os factos desse caso. Crippen não tinha qualquer intenção de matar a mulher, mais do que vocês têm intenção de matar alguém. É verdade, discutiam. Os ânimos exaltavam-se. Mas ele era um homenzinho franzino e, se quisesse matar a mulher, tinha todas as oportunidades, porque sabia o suficiente sobre medicamentos e venenos para o ter feito de forma "sensata". Pelo menos digo sensata — sensata do ponto de vista de que poderia nem ter sido descoberto. Se ela tivesse adoecido, por exemplo, e morrido, sendo enterrada normalmente, provavelmente teria escapado.

Tudo aponta para o facto de que não matou deliberadamente a esposa. O que realmente aconteceu foi que, numa noite, houve uma discussão terrível entre eles e ele perdeu completamente o controlo de si mesmo — e lembrem-se, era apenas um homenzinho, ela era uma bela mulher forte. E ela estava bêbada, e foi para lhe bater, e ele pegou — mal se apercebendo do que fazia — num atiçador de lareira e bateu-lhe. E ela voou, bateu com a cabeça no pesado guarda-fogo de latão [e morreu] em consequência. O pobre homem entrou em pânico, não sabia o que fazer. Percebeu ou pensou que, se chamasse a polícia, seria acusado de a assassinar — o que, suponho, de certo modo, se poderia dizer, fez. No calor do momento perdeu a cabeça — a raiva foi dirigida a ela — pegou no atiçador e bateu-lhe para se defender. [Ela] caiu, jovem como era, e bateu com a cabeça.

Na realidade, não foi o atiçador que a matou. [Foi] o bater da cabeça no pesado guarda-fogo. Ele entrou em pânico, o que fez? Enterrou-a e depois fugiu — o que foi o pior que poderia ter feito. Podia ter enfrentado tudo, podia ter chamado a polícia e explicado o que tinha acontecido, e poderia ter sido absolvido ou condenado por homicídio involuntário.

Conto isto porque é interessante. Porque sempre houve dúvidas em relação a Crippen — aquele homenzinho tão franzino. É verdade que tinha uma amante, mas ia para ela em busca de paz e sossego e felicidade que não conseguia encontrar. Podia continuar a relatar vários exemplos e casos de vários homicídios — [tanto] a favor como contra — mas o que quero dizer é que, se vocês dois, de alguma forma, conseguirem ajudar a criar uma nova forma de ver as coisas — e espero, eventualmente, tornar possível encontrar uma forma para que as pessoas que caem pelo caminho, que fazem coisas contra todos os seus melhores instintos — que lhes seja dada uma oportunidade de trabalhar a sua salvação. Que não sejam enviadas para aqui antes do seu tempo, impreparadas, desprevenidas. E que não fiquem muitas vezes presas à Terra para se vingarem da sociedade.

Não consigo continuar, mas gostaria de vir falar convosco novamente noutra altura.

Woods:
Muito obrigado por ter vindo.

Greene:
Obrigada.

Woods:
Podemos ter o seu nome novamente? Não percebi bem.

Ellis:
O meu nome é Ellis.

J Arthur Findlay
Gravado: 18 de Dezembro de 1975
James Arthur Findlay, nascido em Glasgow, estudou em Edimburgo e na Suíça e iniciou a sua carreira como corretor de bolsa em Glasgow. Casou-se com Gertrude Walker em Ayrshire em 1913 e reformou-se aos quarenta anos de idade.

Apoiando o bom mediunismo através do Movimento Espiritualista, Findlay tornou-se convicto da sobrevivência após a morte graças ao mediunismo de John Campbell Sloan. Entre os seus muitos livros contam-se *On the Edge of the Etheric*, *The Torch of Knowledge*, *The Curse of Ignorance* e *The Unfolding Universe*.

Após a sua morte, Findlay quis que a sua casa em Essex, Stansted Hall, se tornasse um colégio residencial de Mediunismo e Ciência Psíquica. O *Arthur Findlay College* pertence agora à União Nacional dos Espiritualistas (*Spiritualists' National Union*) e acolhe estudantes de todo o mundo. Arthur Findlay e a sua esposa estão sepultados na igreja da vila de St John's, com vista para a sua antiga casa de Stansted Hall.

TRANSCRIÇÃO DO ÁUDIO

Uma senhora comentou a um colega como os Espíritos comunicam quando mais é preciso. Arthur Findlay responde...

Findlay: Na verdade, é perfeitamente compreensível, creio eu. Vocês estão tão profundamente envolvidos, ambos, com este trabalho. E esforçam-se, à vossa maneira, por servir, e minha nossa, como servem. Bem gostaria eu que outros que têm este movimento no coração fizessem tanto quanto vocês fazem.
Sitter: Com quem estamos a falar? Deus o abençoe por ter vindo.

Findlay: Estamos muito tristes e muito preocupados com o estado do movimento Espiritualista. Apesar de ainda terem alguns excelentes médiuns, alguns excelentes instrumentos, e estou convencido de que outros poderiam ser desenvolvidos e surgir, e o movimento prosperaria em consequência disso. Mas lamento que não pareça haver harmonia, e é profundamente lamentável que esta grande verdade, este grande conhecimento que vos foi confiado, a ajuda, a orientação e a realização espiritual que vos foi apresentada no vosso mundo, tão pouco tenha sido feito por tantos que poderiam prestar um grande serviço, que poderiam propagar estas coisas que há tanto tempo esperamos fazer chegar.

Sentimo-nos muito desanimados, sabem, e suponho que isso vos pareça estranho, que nós deste lado possamos sentir-nos desanimados, mas é o nosso único "pecado" nas condições de vida deste lado. Não estamos deprimidos, claro. Mas podemos entrar no vosso mundo, podemos entrar nas condições que foram criadas no vosso mundo pela humanidade em todo o mundo, [e] ficamos muito desolados, muito tristes, e particularmente entre aqueles que dizem conhecer estas verdades, que deviam propagá-las e demonstrá-las, não só no sentido psíquico e espiritual, mas também nas suas vidas diárias, como exemplos.
Sitter: É o senhor Findlay?
Findlay: Sim!
Sitter: Eu pensei que sim, Deus o abençoe.
Findlay: Mas estou muito desanimado...

Sitter: Reconheci a sua voz...

Findlay: Odeio admitir isto, mas percebo que os seres humanos são seres humanos. Ninguém é perfeito, claro. Isso é de esperar. E sei que há indivíduos sinceros que fazem o melhor que podem à sua maneira, mas percebo demasiado bem que há uma grande corrosão do movimento aqui e ali. Bem gostaria eu que fosse possível resolver isso, endireitar tudo e colocar o movimento de volta no pedestal que tenho a certeza de que devia ocupar.
Sitter: Senhor Findlay, posso fazer-lhe uma pergunta sobre...
Findlay: Faça favor.
Sitter: Será possível que, se eu estivesse mais vezes em Stansted Hall, o senhor pudesse ajudar as pessoas a perceber muito mais o quanto estão no caminho errado? E muito obrigado por me usar, por poder usar-me. Devo disponibilizar-me mais para si?
Findlay: Espero que sim...
Sitter: Eu sei muito bem...
Findlay: Não quero que — não quero que fique com a impressão errada. Quero esclarecer, se puder, certos pontos.

Sitter: Sim.

Findlay: Sabe tão bem como eu que dediquei muitos anos da minha vida ao movimento, a propagá-lo [através] dos meus livros e da doação que fiz ao movimento Espiritualista. Sempre foi para que fosse um fórum aberto, para que fosse utilizado, para que a casa fosse utilizada para propagar esta verdade, para o desenvolvimento de instrumentos que pudessem servir e prestar um grande serviço ao mundo exterior, e que usassem o colégio como um colégio onde pudessem ser treinados, onde pudessem ser enviados. Sempre esperei que pudesse ser usado nesse sentido, que pudesse ser um colégio de formação onde as pessoas pudessem aprender sobre o movimento, os aspetos do mediunismo, o desenvolvimento do mediunismo. Onde pudessem ser treinadas, alojadas, educadas, onde pudessem encontrar uma forma de servir melhor, e pudessem ser enviadas para sociedades, igrejas, encontros de propaganda, apresentando este assunto de forma inteligente, racional e com evidências. Mas parece-me que

se transformou numa espécie de hotel de segunda categoria — com um serviço pouco cuidado e comida fraca!

Sitter: (riso) Sim.

Findlay: Desculpem ter de dizer isto...

Sitter: Não, não. Tem toda a razão.

Findlay: ...mas o nível do mediunismo, de uma forma geral, é suficiente para afastar a maioria das pessoas inteligentes. Acho isto muito triste. Compreendo que haja uma escassez de médiuns de primeira classe, e que não haja encorajamento suficiente nem desenvolvimento noutras formas de mediunismo, como o físico, que afinal de contas foi o que me convenceu. Foi o aspeto físico de todo este tema que me deu a convicção, através de Sloane, e ocasionalmente outros, e sinto que isso falta muito.

Não estou a dizer que não devam ter ou não devam existir médiuns mentais. Claro que têm de ter médiuns mentais, são absolutamente necessários e essenciais; também têm de ter cura espiritual. Mas a questão é que sinto que há uma grande escassez de bom mediunismo físico. E precisamos de médiuns físicos. Porque é que não estão a aproveitar esta forma de mediunismo? Porque é que não estão a ser desenvolvidos médiuns? Porque é que o colégio não está a ser usado como um centro de desenvolvimento de mediunismo de primeira classe que possa demonstrar a verdade ao mundo? Sinto uma grande falta de cooperação, uma grande falta de coordenação. E parece-me, neste momento, que o movimento está — bem, não sei se devo dizer dividido — mas certamente parece privado, em certa medida, de harmonia, amor, amizade e fraternidade. Porque não juntam os seus recursos? Porque não se livram, por eles mesmos, de todas essas tolices e fraquezas que estão a arruinar o movimento? Porque não tratam de fazer o trabalho?
Sitter: Bem, infelizmente há falta de financiamento aqui. Faço o que posso, Arthur, mas receio ser uma voz no deserto, quase.
Findlay: Meu caro amigo. O financiamento, num certo sentido, creio ser verdade dizer, nada tem a ver com o desenvolvimento de mediunismo de primeira classe. Não é preciso ter dinheiro no banco para se tornar um bom médium.
Sitter: Não, isso é verdade.
Findlay: Não estou a dizer que o Colégio não precise de apoio financeiro, que não precise de mais dinheiro para ser gerido como deve ser, mas reconheço — e penso que todos deviam reconhecer — que o bom mediunismo invariavelmente surge, e sempre surgiu, de pessoas que, infelizmente, tinham pouca instrução e poucos recursos, ou nenhum.

Vejam o Sloane. Não podiam ter tido melhor médium do que o Sloane, mas ele tinha pouca ou nenhuma instrução, pouco ou nenhum passado. Era um homem sincero, genuíno e honesto que desenvolveu um mediunismo maravilhoso. É disto que o movimento precisa... de um grupo dedicado de pessoas que se reúnam em amor, amizade e fraternidade para desenvolver os poderes do espírito. E depois utilizem esses poderes para o bem comum, para propagar esta grande verdade. Não vejo isso a acontecer em Stansted.
Não sei o que dizer — sei o que sinto vontade de dizer. Bem, não sei. É como um hotel de segunda categoria. [As pessoas] bebem juntas lá, há escândalos e Deus sabe o que mais se passa. Acho isto terrivelmente desanimador.

Sitter: Acho que esse departamento das bebidas devia ser removido...
Findlay: Parece-me que estão a desenvolver o tipo errado de “espíritos”. Não me oponho a que alguém beba, não me interpretem mal, mas parece-me tudo muito triste, que o lugar devesse

ser um local de educação e elevação, e a realização do poder do espírito devesse ser demonstrada da melhor forma possível pelas pessoas envolvidas. E agora parece-me que está a transformar-se em algo absolutamente diferente do que eu tinha imaginado...
Sitter: Nós — estamos a tentar...

Findlay: Estou a ficar muito preocupado com isto, sabem.
Sitter: Estamos a tentar, Arthur, a...
Findlay: Bem sei que estão a tentar...
Sitter: ...a alargar as atividades para um campo mais vasto e a cortar a posse exclusiva da SNU. Estamos a tentar expandir isso, e podemos ter esperança de que, eventualmente, tudo se tornará no que eu sei que o senhor desejava que fosse, ou seja, um campo de provas para a atividade humana no sentido mediúnico.
Findlay: Eu visualizei-o como um centro de luz num mundo obscurecido...
Sitter: Mas é...
Findlay: ...onde as pessoas viriam...
Sitter: Mas é muito difícil, sabe, quando se está contra tantos seres humanos...
Sitter: Onde estão os outros "Leslie Flints"? Não os conseguimos encontrar...
Findlay: Lamento dizer isto, mas parece-me que há uma tal escassez de bons médiuns...

Sitter: Sim.

Findlay: ...e os que são bons estão sobrecarregados, por isso, obviamente...

Sitter: Sim.
Sitter: Sim.

Findlay: ...e os que são bons estão sobrecarregados, por isso, obviamente...

Sitter: Sim.

Findlay: ...fazem demasiado, e em consequência a sua saúde acabará por falhar, ou o seu mediunismo falhará, e perderão os seus dons. Isto está, de facto, a acontecer aqui e ali. É tudo muito trágico e muito triste.
Sinto que isso se deve, em parte, obviamente — a razão, como dizem, é o dinheiro, mas eu teria gostado de ver o Colégio a ser usado como um lugar onde as pessoas pudessem desenvolver os poderes do Espírito, onde, sob certas circunstâncias, pudessem receber apoio financeiro durante o seu desenvolvimento, e certamente ser encorajadas de todas as formas possíveis e imagináveis, e gradualmente serem levadas para o público para fazer o trabalho do espírito, para demonstrar os poderes do espírito.
Mas parece-me que dependem de qualquer um que consigam arranjar, seja bom, mau ou medíocre, e têm de manter um programa em funcionamento. E, minha nossa, alguns dos programas — receio que não gostaria de ser visto morto no meio deles.

Sitter: Não.

Findlay: Sabem, é pena não arranjarem lá alguns fenómenos de poltergeist para animar um pouco a coisa!
Sitter: (riso) Isso é verdade. Bem, faço o que posso, Arthur.
Findlay: Eu sei, Deus o abençoe. Tenho a certeza de que faz. [Os meus melhores] votos para todos os meus amigos — presumo que ainda tenha alguns!
Sitter: [Oh] sim.
Findlay: Claro que estou a ser sarcástico. Mas de qualquer forma, Deus o abençoe. Continuem o

bom trabalho e deem as minhas lembranças a todos, e não pensem que por estar a ser um pouco cáustico estou a ser cruel. Não pretendo ser cruel, mas tenho de admitir que estou muito desanimado e desiludido com o colégio.

Não é o que eu antecipei. Não é o que eu pretendia, e certamente não está a seguir o caminho que eu esperava que seguisse.

Compreendo a falta de financiamento. Compreendo que tenham de o gerir mais ou menos como um hotel de segunda categoria para o manter aberto. Mas acho tudo muito triste, porque o que importa é o trabalho que tem de ser feito.
Sitter: Pergunto-me se seria possível para si impressionar-nos para...
Findlay: O poder está a esgotar-se, dizem-me, mas Deus vos abençoe, e espero que tenhamos outra oportunidade para uma conversa. Talvez um dia destes tragam alguns dos vossos amigos, e possamos sentar-nos a sério e discutir as coisas. (riso)
De qualquer forma, adeus.

Sitter: Adeus e que Deus o abençoe.

Nellie Wright
Gravado: 11 de Julho de 1966
Nesta gravação muito clara e divertida de 1966, ouvimos a voz de Nellie Wright. Uma senhora que, durante a sua vida, serviu no Exército de Salvação durante quase 50 anos. A gravação é única porque Nellie, a princípio, mostra-se relutante em conversar com os presentes, já que, na sua mente, todos são pecadores no sentido cristão e devem primeiro ser salvos, aceitando Jesus nas suas vidas. Podemos ouvir a total incredulidade e, por vezes, as gargalhadas nas vozes de George Woods, Betty Greene e do próprio Leslie Flint, enquanto respondem às afirmações de Nellie. Ela explica como passa o tempo a ajudar aqueles, no Outro Mundo, que precisam de ser salvos, que tem orgulho no Exército de Salvação e que decorou a Bíblia de cor. Durante a sessão, Nellie fica agitada e defensiva das suas crenças cristãs, às quais se agarra claramente, mesmo na vida após a morte...
Presentes: Leslie Flint, Betty Greene, George Woods
Nellie Wright, Dr Charles Marshall, Mickey

Nellie: Olá?

Woods: Sim? Força, amiga, conseguimos ouvi-la.

Nellie: Querem que eu vá falar com eles? Falar sobre o quê?

Flint: Hmm?

Woods: Sim?

Nellie: Eles não vão querer ouvir-me.

Woods: Mmm? Não consigo perceber bem o que disse, amiga.

Flint: Quem será? Está a gravar isto?

Greene: Sim.

Nellie: O cavalheiro diz que vocês gostariam de falar comigo.
(Todos ao mesmo tempo)

Greene: Sim, amiga, queremos muito, venha ter uma boa conversa connosco.

Woods: Sim, gostaríamos muito de falar consigo.

Flint: Ai senhor!
Woods: Fale connosco...

Nellie: Eu disse ao cavalheiro que vocês não... que eu não achava que vocês iam estar interessados.

Woods: Oh, estamos muito interessados. Fale connosco, amiga.

Nellie: O meu...

Woods: Sobre o que gostaria de nos falar?

Nellie: Desculpe?

Woods: Fale connosco.

Nellie: Desculpe?

Woods: Fale connosco sobre o que quiser, e o que faz aí desse lado?

Nellie: Vocês... vocês são religiosos?

Greene: Não.

Woods: Não, não somos religiosos.

Nellie: Não são? Eu era.

Woods/Greene: Era?

Woods: É religiosa agora?

Nellie: Não exatamente como era antes, mas eu era muito religiosa no meu tempo.

Greene: A sério?

Nellie: Sim, era. Estive no Exército anos e anos. A minha mãe — a minha mãe interessava-se muito por religião e eu entrei para o Exército quando tinha 17 anos e estive com eles durante, oh, 50 anos, suponho.

Woods: Foi mesmo?

Nellie: Desde quase os primeiros anos estive. A minha mãe era presbiteriana.

Greene: Era?

Woods: E a senhora, o que era?

Nellie: Do Exército de Salvação. Eu disse-vos. Você é o Sr. Woods, não é? Porque foi isso que o cavalheiro acabou de me dizer. Disse: vai falar com o Sr. Woods. Eu disse: mas quem é o Sr. Woods? E ele disse que era você. Você é espiritista, não é?

Woods: Bem, eu na verdade não sou nada disso, faço investigação, percebe?

Nellie: Você é o quê?

Woods: Investigação, estudo estas coisas, percebe?

Nellie: Você não parece homem de investigação para mim.

Woods: Não, eu...

Nellie: Não que eu saiba bem como é suposto parecerem, mas não tem ar de ser do tipo científico, pois não?

Woods: Não, não sou.

Nellie: Então foi religioso?

Woods: Bem, sim, mas não, não bem como a religião ortodoxa. Eu acredito...

Nellie: Eu acho que você não sabe bem o que é.

Woods: Pois, não...

Flint: (A rir)

Nellie: Esta é a sua senhora?

Greene: Não, não... eu não sou, não, eu... eu ajudo o Sr. Woods no trabalho dele.

Nellie: Ah, então o que é que ele faz para viver? Ele sai para trabalhar?

Woods: Não.

Nellie: Suponho que tenha um escritório e isso tudo. Ah, deve ter muito dinheiro, suponho.

Woods: Não, não, eu espalho esta verdade, é isso que faço.

Nellie: Então é religioso.

Woods: O quê?

Nellie: É religioso.

Woods: Bem, eu não — pode chamar-lhe isso, se quiser.

Nellie: Você não parece saber o que é, o que faz metade do tempo, pois não?

Woods: Pois, tem razão.

Nellie: Parece-me um caso perdido.

Greene: Amiga, pode dizer-nos o seu nome, querida?

Nellie: Nellie.
Greene: Desculpe?

Nellie: Nellie Wright.

Greene: Nellie Wright?

Nellie: Sim, está certo.

Greene: Nellie, podemos...

Nellie: Costumavam fazer piadas com isso, sabe? Eu costumava dizer: sou a Nellie Wright. Eles diziam: ah, "right an' all". Eu costumava entrar nos pubs, sabe, e vender o *War Cry* e o *Young Soldier* e essas coisas todas, sabe? Porque estou a recuar agora aos anos vinte e trinta. Fui morta no Blitz.

Woods: Oh, foi?

Greene: Oh, na última guerra?

Nellie: É verdade.

Greene: Oh, foi mesmo, Nellie?

Nellie: Sim. Vivi em Londres praticamente toda a minha vida, bem, vivi mesmo, tirando uns poucos anos que passei fora quando casei. Isso não correu bem, ele não era um bom homem. Suponho que não devia dizer isto, mas aguentei até ao fim.

Woods: Mas fez muito bom trabalho no Exército de Salvação.

Nellie: Como sabe? Eu não lhe disse que tinha feito.

Woods: Não, mas sei que o Exército de Salvação faz muito trabalho.

Nellie: Oh bem, seja o que for que as pessoas digam, eles fazem um bom trabalho, sabe senhor, um trabalho muito bom. Vão onde outros não vão.

Woods/Greene: Sim.

Nellie: Sempre quis ser missionária, mas não fui — suponho que não era para ser.

Greene: Nellie?

Nellie: Eu estive, hum... oh, anos, sabe, no Exército. O que estava a dizer senhora?

Greene: Ia perguntar-lhe, Nellie, quando foi morta no Blitz, como reagiu quando se apercebeu que continuava viva? Como se sentiu?

Nellie: Oh Deus.

Greene: Lembra-se?

Nellie: Bem, não sei, não sei bem. Exceto que vi a minha querida mãe ali de pé a sorrir para mim e a abrir os braços para mim.

Greene: Sim.

Nellie: Eu não... pensei que estava a sonhar, suponho. Não percebi que algo terrível tinha acontecido. Não sabia, claro, o que tinha acontecido. Foi tudo tão rápido, num minuto estava perfeitamente bem, pode-se dizer. No minuto seguinte, bem, eu estava a andar por uma rua, estava escuro, sabe, as sirenes tinham tocado, eu conseguia ouvi-las lá em cima, sabe, os aviões e tal, e pensei: bem, o Senhor vai cuidar de mim e tinha fé. Ah... a próxima coisa que sei é que estava morta, pode-se dizer. Mas o Senhor cuidou de mim. Não tenho nada com que me preocupar. Estou feliz com os meus aqui.

Greene: Mas quando a sua mãe a encontrou...

Nellie: Mas eu não sabia que, hum, toda esta coisa de conseguir voltar e falar com as pessoas era — bem, já tinha ouvido as pessoas falarem disso, claro, mas achava que era pecado. Oh, eu achava terrível, que alguém tentasse contactar os mortos. Achava que só havia dois tipos de mortos: os bons e os maus. E se se contactasse, só se entrava em contacto com os maus, por isso mantive-me afastada disto até agora.
Estive — bem, tenho pensado nas coisas e claro que agora vejo as coisas um bocado de forma diferente, mas ainda não estou muito certa disto. Suponho que tenha o seu lado bom, vejo isso, mas comunicação, como lhe chamam, parece uma coisa estranha, não parece?
Ainda não percebo vocês; então diz que é, hum... o que é que diz que é, senhor?

Woods: Oh, eu estudo, percebe, para poder ajudar outras pessoas. Percebe?

Nellie: Oh?

Woods: (inaudível) as comunicações e tudo isso, para poder ajudar outras pessoas neste trabalho, percebe?

Greene: Está a ver, Nellie, nós fazemos estas gravações em fita.

Nellie: O quê, o que é isso?

Greene: Oh, bem, estou a gravar o que está a dizer agora, percebe?

Nellie: O quê?

Greene: Estou a gravar o que está a dizer.

Nellie: Oh, o que estou a dizer? Como é que faz isso então? Não têm aí nenhum gramofone, pois não?

Greene: Não, temos gravadores. Não existiam no seu tempo.

Nellie: Ah, não percebo nada dessas coisas.

Greene: Bem, de qualquer forma, toda a gente pode — estas fitas vão para todo o mundo...

Nellie: Vocês sempre foram um bocado doidos, então?

Woods: Desculpe?

Nellie: Vocês sempre foram um bocado tolinhos?

Woods/Greene/Flint: (Riso)

Woods: Um bocado tolinho, não sei quanto a isso...

Nellie: Bem, sempre achei que as pessoas que se interessavam por Espiritualismo — Espiritualismo, como lhe chamam — eram um bocado tolinhas.

Woods: Ah, achava? Bem, de qualquer forma... (Riso) Eu não me sinto tolinho, de qualquer forma.

Nellie: Bem, tem ar de ser sensato. Claro que nunca se sabe.

Flint: (A rir)

Woods: Bem, não, tem razão.

Nellie: Porque é que ele está a rir? Ele não diz grande coisa, esse tipo, pois não? Só fica aí sentado de boca fechada, meio a dormir. O que é que ele faz para viver?

Greene: Bem, ele é médium.

Nellie: Ele é o quê?

Greene: É médium.

Nellie: Médium? É mesmo?

Greene: Sim.

Woods: Podia dizer-nos...

Nellie: Eu pensava que os médiuns entravam em transe e essas coisas.

Woods/Greene: Não, nem todos.

Nellie: Ele parece-me meio doido. Não sei o que pensar de vocês. Se não fosse este outro cavalheiro aqui a dizer "anda lá e fala"... não sei o que diabo ele queria dizer. Negócio esquisito, isto tudo.
O que é que quer, querida?

Greene: Escute, quando a sua mãe a encontrou, para onde é que foram, o que fizeram?

Nellie: Não percebi logo que estava morta e depois, de repente, caiu-me a ficha de que ela tinha morrido há anos. E então, gradualmente, ela explicou-me as coisas.
Eu disse: bem, eu não percebo isto, disse que provavelmente devia ver o General. E ela riu-se de mim, disse "o General?". Eu disse: sim, o querido velho General, sabe. E ela disse: "Ah, queres dizer o Booth", e eu disse: sim, claro. Então ela disse: "Ah, provavelmente vais vê-lo." Já o conheci, claro, tipo simpático. Claro que não se parece nada com aquelas fotos que eu via no Salão do Exército, com a grande barba e tudo aquilo, sabe. Ah, e a sua querida esposa, eram almas maravilhosas, eram o que eu chamo cristãos verdadeiros. Sabe, eram cristãos a sério, eram.

Woods: Oh, sim, eram.

Nellie: Sabe, não lhe fazia mal nenhum salvar-se, sabe?

Woods: Não fazia?

Nellie: Não. Acho que devia pensar nisso.

Woods: Ah, sim?

Nellie: Venha para o Senhor, sabe? Ficarão muito mais felizes, os dois.

Flint: Oh, céus! (Riso)

Woods: Conte-nos como é a sua vida aí desse lado.

Greene: O que faz, Nellie, aí desse lado?

Nellie: Hum?

Greene: O que faz agora?

Nellie: Estou a fazer o trabalho do Senhor, com as crianças. A ensinar-lhes e a ajudá-las, os pequeninos que chegam. E continuo a pregar, claro que não sou uma pregadora a sério, não tive esse tipo de educação. Mas posso falar com as pessoas lá no fundo, nos lugares escuros onde vou — levo a Luz e a Verdade da Palavra, levo mesmo. Ensino-os e prego-lhes, sabe?

Greene: Oh, nós também estamos a fazer o trabalho do Senhor, Nellie, porque nós...

Nellie: Oh, eu não acho que seja o mesmo.

Greene: Estamos a ajudar pessoas...

Nellie: Eu não acho que seja nada o mesmo.

Greene: Oh, é sim, estamos a ajudar as pessoas a perceberem que há mesmo uma Vida Após a Morte. As pessoas não sabem isso.

Nellie: Eu acho que vocês não percebem bem as coisas, sabem, vocês os dois. Acho que devia tentar ajudar-vos. Acho que deviam vir para o Senhor e serem salvos e depois podem começar a falar às pessoas sobre as coisas — mas não antes. Porque até serem salvos não estão em posição de pregar a ninguém.

Greene: Salvos de quê, Nellie?

Nellie: Hum?

Greene: Salvos de quê?

Nellie: Do diabo e do mal e de todas as coisas perversas que se passam. Olhem para o vosso mundo hoje.

Woods: Eu sei.

Nellie: Sabem, o homem é que fez tudo isso. Não foi mais ninguém, só o homem. Deus não fez isso. Deus não interfere, sabem. O homem tem liberdade própria e se pensa coisas más, pensamentos maus e isso, acontecem todas essas coisas. Vocês deviam vir para o Senhor, vocês os dois — e ele ali no canto, que chamam o Médium.

Flint: Ai meu Deus...

Greene: (A rir)

Woods: Já conheceu Deus?

Nellie: Eu não digo que vocês sejam más pessoas. Não me entendam mal e não quero parecer rude, mas sabem, nunca vão conhecer a verdadeira alegria e felicidade até virem para o Senhor. Sabem que ele morreu por nós, não sabem?

Woods: Oh, já o conheceu?

Nellie: Eu não o conheci. NÃO, ainda não sou boa o suficiente para o conhecer, querido. Mas um dia hei-de conhecê-lo, mas vocês nunca o vão conhecer se não o aceitarem, sabem? Têm de aceitar o Senhor Jesus. Se não o aceitarem, estão condenados para sempre, sabem? Vão para o abismo.

Woods: É?

Nellie: Vão mesmo, sabem.

Woods: Já esteve no abismo para os ver?

Nellie: Não, não exatamente no abismo em si, mas já estive com algumas dessas almas que estão, bem — não estão salvas, sabem, e eu tento ajudá-las, porque ainda há uma hipótese para

elas, uma vez que aceitem o Senhor, sabem. Oh, é maravilhoso, não é, ser salvo? Claro, vocês não sabem!

Woods: Pois, claro.

Flint: (A rir)

Nellie: Não é motivo de riso.

Woods: Já conheceu espíritos católicos romanos?

Nellie: Oh, não me fale deles.

Greene: Ah, mas Nellie, isso não está certo, não devia ser intolerante.

Nellie: Não quero ser, mas acho, sabem — bem, não concordo com toda essa história do Papa e toda aquela pompa e cerimónia e isso tudo. Isso não é de Cristo, pois não? Quer dizer, Cristo era pobre e não tinha onde pousar a cabeça e isso de se enfeitarem todos como se estivessem no teatro. Isso não é religião, isso não é cristianismo. Oh não.

Greene: O cristianismo, Nellie, é a forma como se vive e como se trata os outros.

Nellie: Oh, mas têm de ser salvos primeiro, não se pode ser cristão até ser salvo.

Woods: Como é que se pode ser salvo, diga-me lá como?

Nellie: Bem, quando aceitam o Senhor Jesus Cristo como vosso salvador pessoal e são lavados no sangue e os vossos pecados são lançados fora e ficam mais brancos — mais brancos do que a neve. Lembram-se daquele lindo hino antigo que cantávamos todos juntos no Citadel e tudo isso? Oh, tínhamos umas noites maravilhosas. Eu adorava as reuniões, sabem. Cantávamos a plenos pulmões e saíamos para as ruas com o velho harmónio que levávamos connosco. Tínhamos momentos maravilhosos, mas nunca consegui habituar-me ao pandeireta, não sei porquê. Tentei e tentei e, no fim, não me preocupei mais com isso. Parecia que abanava aquilo sempre no momento errado.

Greene: Mas sabe Nellie, eu sinto...

Nellie: O quê?

Greene: Que tenho de tentar desfazê-la um bocadinho dessa ilusão.

Nellie: O que quer dizer com desfazer-me a ilusão?

Greene: Bem, veja, Jesus não foi o único...

Nellie: Eu estou aqui. Devo saber mais do que vocês, não devo? Vocês estão aí em baixo.

Greene: Não necessariamente.

Nellie: Vocês não sabem, ainda não estão aqui, sabem? (Riso)

Woods: Pode dizer-nos como é o seu mundo?

Nellie: Oh, maravilhoso. Lindo. Bonito. Bonito. Ainda vou às reuniões e ainda cantamos os nossos hinos e todos rezamos juntos e eu vou, vou ter com os mais pequenos e ensino as crianças, sabem, temos — oh, passamos momentos maravilhosos.

Woods: Tem uma igreja também?

Nellie: Oh, tenho um sítio muito agradável, tenho um sítio só meu.

Greene: Tem?

Nellie: Oh sim.

Greene: Vive sozinha?

Nellie: Sim, vivo.

Woods: Tem o Exército de Salvação...?

Nellie: Estou muito feliz sozinha. Acho que é porque, quando estava aí do vosso lado, não sei, suponho que o meu casamento foi um desastre e eu estou sempre — não sei. Estou feliz por estar sozinha e vou ver pessoas, claro.

Greene: Tem o Exército de Salvação...?

Nellie: Engraçado é que nunca vejo o Fred. Agora ele era um homem estranho, se alguma vez houve um. Não era mau homem, mas não tinha paciência para o Exército. Sabem, olhando para trás penso — penso nisso e penso, não sei, porque é que alguma vez me casei com ele? Mas nunca se sabe. Eu estava apaixonada por ele, pensava eu, sabem. Mas nós — não sei, afastámo-nos, sabem?

Greene: Então ainda têm casas de reunião na sua esfera, Nellie?

Nellie: Oh sim.

Greene: Ainda têm as bandeiras e os estandartes...?

Nellie: Oh sim.

Woods: Têm banda e tudo isso?

Nellie: Oh sim, há uma banda maravilhosa.

Greene: Nellie, onde é que vivia em Londres?

Nellie: Para os lados de Hoxton.

Greene: Para os lados de Hoxton?

Nellie: Eu não tinha — claro, veja, mudei-me algumas vezes. Vivi em Hackney bastantes anos.

Greene: Estava a viver lá quando morreu, estava?

Nellie: Oh não, deixe-me ver — tenho de parar para pensar agora. Foi há tanto tempo, onde é que estava a viver da última vez? Foi em M... não me lembro se era em Mare Street... Não. Não me lembro, bem, acho que era, acho que foi Hackney o último — não sei. Nós — mudámo-nos bastante, depois claro houve o... Oh Deus, depois fui para Liverpool durante vários anos, estive em Liverpool.

Greene: Ah, percebo. Andou por todo o lado.

Woods: Já conheceu o General Booth?

Nellie: Já disse que ainda não o conheci. Espero vir a conhecê-lo… Claro que ele subiu mais alto, percebe, por ser — quero dizer, ele fundou o Exército, percebe? Quero dizer, ele era um verdadeiro cavalheiro de Deus, não era? Suponho que um dia o hei-de conhecer.

Woods: E usa uniforme?

Greene: Ainda usa o seu uniforme?

Woods: O seu uniforme — uniforme do Exército de Salvação?

Nellie: Porque eu conheci um dos Booth. Claro, sabe que há muitos deles.

Greene: Sim. Provavelmente conheceu um dos mais recentes. Ainda usa o uniforme, Nellie?

Nellie: Oh, sim.

Greene: Um chapeuzinho bonito e o laço?

Nellie: Sim, um conjunto bonito.

Greene: Já o mudaram um bocado agora.

Nellie: Eu sei que havia um rapaz que me irritava imenso. Sempre que me via a chegar — claro, eu já estava mais velhota nessa altura — ele dizia: "Aí vem a Tia Charlie." Suponho que fosse por causa do chapéu, sabe? Claro que, quando era mais nova, de vez em quando ia ao teatro e tal, e lembro-me desse espetáculo, ou peça, ou lá o que era, sabe. Oh, os diabretes, sabe, alguns eram mesmo. Mas, pelo que vejo do que se passa no vosso mundo, estão muito pior do que alguma vez foram no meu tempo. Sabe, acho que as pessoas têm liberdade a mais, sabe, demasiado no bolso. Qual é a sua religião?

Woods: O quê?

Nellie: Qual é a sua religião?

Woods: Não tenho nenhuma, Nellie.

Nellie: Oh, tem de ter uma religião.

Woods: O quê?

Nellie: Tem de ter uma religião.

Greene: Nem eu tenho, Nellie.

Nellie: Oh, isso é terrível. Isso é terrível, não ter uma religião — mesmo que fosse Católica, era melhor que nada.

Greene: Nellie, porque é que se há-de ter uma religião quando se tenta fazer o bem pelos outros?

Nellie: Oh, mas tem de se ter uma religião.

Greene: A religião pode prender uma pessoa.

Nellie: Oh, a mim não me prendeu...

Woods: Nellie...

Nellie: ...fizemos muito bom trabalho também.

Woods: Nellie, há outras religiões no seu mundo?

Nellie: Oh, não sei, suponho que haja — diferentes religiões, não as vejo. Estou muito feliz com o Exército.

Woods: Há sinos de igreja a tocar no seu mundo? Têm sinos de igreja a tocar ao domingo?

Nellie: Não ouço sinos de igreja.

Greene: Não, não têm no Exército.

Woods: Têm domingo aí? Um dia de...

Nellie: Todos os dias são dias do Senhor para nós, não apenas um dia por ano — semana. Não, todos os dias, todos os dias, senhor. Todos os dias são dias de oração, todos os dias são dias felizes, todos os dias são dias de Deus. Ah! É maravilhoso. Não sabem o que estão a perder. Mas sabem, deviam entrar para o Exército. É a melhor coisa. Assim seriam felizes, muito mais felizes do que são agora.

Woods: Oh eu — bem... hum...
Nellie: Sabe que é um pecador. Sabe disso, não sabe, hum? Sabe disso, não sabe?

Woods: Que sou um pecador?

Nellie: Sim.
Greene: Oh Nellie...

Nellie: Oh, mas são, são todos pecadores... Eu era pecadora, uma pecadora terrível nos meus primeiros anos, até ser salva.

Woods: Mas agora já não é, então?

Greene: Já está salva agora?

Nellie: Oh não, agora estou bem, gostava era que vocês estivessem. Mas este cavalheiro aqui, que veio comigo, sabe, ele não concorda comigo.

Woods: Quem?

Nellie: É mais como vocês.

Greene: É?

Nellie: Sim.

Greene: Bem, Nellie, é muito amável da sua parte vir falar connosco...

Nellie: Foi ele que me convenceu a vir hoje. Ele disse: talvez possas ajudar essas pessoas. Mas não sei bem, não parece que consiga fazer muito por vocês.

Woods: O quê?

Nellie: Parecem teimosos.

Woods: Oh, não somos...

Nellie: Acho que é sim, senhor. Acho que é um homem muito teimoso.

Greene: Nellie, nós até podemos ser capazes de ajudar a si, sabia?

Nellie: Podem o quê?

Greene: Ser capazes de a ajudar.

Nellie: Eu estou salva, e isso é mais do que vocês estão.

Woods: Está salva?

Nellie: Vocês não estão salvos.

Woods: Pois, mas o que...

Nellie: E eu estou aqui e devo saber e vocês ainda não estão aqui, por isso não estão em posição de discutir.

Greene: Não, mas nós vimos para cá em estado de sono, acredite.

Nellie: Bem, não vou dizer. Não quero ser indelicada convosco, porque parecem pessoas muito simpáticas, mas acho que estão muito enganados e acho que se viessem ao Salvador, seriam muito mais felizes e muito melhores pessoas.

Woods: Bem, já o viu?

Nellie: Não, ainda não sou boa o suficiente.

Woods: Pois, mas como sabe que ele está lá?

Nellie: Bem, ele tem de estar.

Woods/Greene: (A falar por cima um do outro) Porquê...?

Nellie: Mas eu ainda não cheguei a esse...

Woods: ...ainda não o viu?

Greene: Porque é que ele tem de estar lá?

Woods: Se não o viu, Nellie, como sabe que ele está lá?

Nellie: Mas se ele... ele tem de estar.

Woods/Greene: (A falar por cima um do outro)

Nellie: Agora estão a tentar mudar a minha... hum...

Woods: Não estou nada.

Nellie: São uns traquinas, são muito traquinas.

Greene: Ouça Nellie, eles pregam que se vai para os braços de Jesus quando se morre. Quando se morre...

Nellie: Isso é metafórico.

Greene: Isso é o quê?

Nellie: Metafórico.

Greene: Quer dizer, ninguém nunca viu...

Nellie: É isso que dizem, não é — metafórico?

Greene: Sim.

Nellie: Bem, não se deve levar isso à letra.

Greene: Bem, algumas pessoas levam.

Nellie: Não, eu não… Sou um bocadinho mais sensata do que alguns.

Woods: Conheceu… Jesus não a veio encontrar? Porque é isso que eles dizem sempre, sabe, o Exército de Salvação. Que Jesus vai encontrá-la.

Nellie: Acho que está tudo confuso. Nunca ouvi dizer no Exército que Jesus nos vem encontrar.

Woods: Eu já ouvi.

Nellie: Podemos encontrar Jesus quando formos suficientemente bons.

Woods: Mas quando é que vai ser suficientemente boa, Nellie?

Nellie: Não sei. E não me atreveria a saber, e não é para si dizer isso.

Woods: Bem, eu tenho dito…

Nellie: Sabe, é um bocado rezingão, não é?

Woods: Não, não…

Flint: Ai meu Deus, ai meu Deus… (a rir)

Woods: …só estou a tentar perceber as coisas.

Nellie: Olhe, se me vai gozar, vou-me embora.

Woods: Nellie, não faria isso. Não estou a tentar gozar consigo, estou a tentar perceber e quero que me conte.

Nellie: Bem, está a fazê-lo de uma forma muito estranha, se me permite dizer.

Woods: Não, Nellie, não estou. Só estou a fazer perguntas. Sou um buscador…

Nellie: É um pecador.

Woods: Jesus disse: "Buscai e encontrareis."

Nellie: É um pecador.

Woods: Ah, bem, você diz…

Nellie: E devia admitir os seus pecados.

Greene: Ai meu Deus…

Woods: O quê?

Nellie: Devia admitir os seus pecados.

Woods: Que pecados?

Greene: Que pecado cometemos, Nellie?

Woods: Que pecado…

Nellie: Bem, eu — não sou eu que hei de lhe dizer quais são os seus pecados.

Woods: Bem, se não soubermos que pecado cometemos…

Nellie: E têm de…

Woods/Greene: Não os podemos corrigir.

Woods: Pois não?

Nellie: Vocês…

Woods: Se me disser que pecado é que cometi…

Nellie: Como é que pode sentar-se aí…

Woods: O quê?

Nellie: …um homem da sua idade e dizer que não tem pecados?

Woods: Eu não digo isso, oh não…

Nellie: Bem, está a insinuar.

Woods: Eu não, eu não digo isso. Mas quero saber um pouco mais sobre…

Dr Marshall: Oh, esta amiga, como podem ver…

Greene: Olá Dr. Marshall.

Dr Marshall: Esta amiga, como podem perceber, não é muito avançada. Mas é uma boa alma.

Greene: Sim.

Woods: Sim, concordo consigo aí.

Greene: É o Dr. Marshall, não é?

Nellie: O que é que ele disse agora?

Woods: Disse que é uma boa alma.

Nellie: Oh, disse, foi?

Woods: Sim.

Nellie: Oh, então está bem.

Woods: Ah, nós acreditamos que… e hum…

Nellie: Eu não teria vindo se não me tivessem convencido, sabe?

Woods: Eu sei, mas nós…

Nellie: Mas disseram que podia fazer um bom trabalho ao vir.

Woods: Sim.
Greene: Sim, pode, Nellie.

Woods: Nellie, você…

Greene: E vamos passar a sua gravação a muita gente.

Woods: Vamos passar a sua gravação a muita gente…

Greene: até a pessoas do Exército de Salvação.

Woods: …e eles vão ouvir a sua voz na gravação.

Nellie: Não percebo vocês.

Woods: Não, bem…

Nellie: Estão para além de mim.

Woods: Hum?

Nellie: Estão para além de mim.

Greene: Nellie, como é a sua casa?

Nellie: Oh, é bastante pequena, serve-me bem. É uma casinha pequenina. Um andar em cima, um em baixo.

Greene: Muito bonita. Um jardim bonito?

Nellie: Sim, mas não tenho muito tempo para jardins.

Greene: Suponho que se está fora o dia todo, não tem, pois não?

Nellie: Não estou fora o dia todo. Não temos dia e noite como vocês.

Woods: Tem uma Bíblia?

Nellie: É dia permanente.

Woods: Leva a Bíblia aí? Nellie.

Nellie: Levo o quê?

Woods: Tem uma Bíblia?

Nellie: Não tenho, sei-a de cor.

Woods: A Bíblia?

Nellie: Não, não tenho de andar com Bíblias para todo o lado. Oh não, vê-se que não me conhecem. Eu sei a Bíblia de princípio a fim, de cor.

Woods: (inaudível)

Greene: Que memória maravilhosa.

Woods: ...uma memória maravilhosa.

Nellie: É — apenas a minha concentração.

Woods: Sim.

Nellie: E sigo a Bíblia. Claro que estou mais interessada no Novo Testamento, naturalmente. Porque veja, serei honesta em admitir isto, não acho necessariamente que tudo no Velho Testamento deva ser levado demasiado à letra. Mas hum, o Novo Testamento — e aprendi muito mais sobre o Novo Testamento também. Isso vai surpreendê-los.

Greene: Oh, conte-nos Nellie, conte-nos.

Nellie: Oh meu Deus, tenho que o fazer! Muitos outros capítulos que estavam em falta.

Greene: Ah, sim?

Nellie: Ah, sim. Eu também os sei.

Greene: Sobre o que é que são? Pode contar-nos?

Nellie: Um dia talvez vos conte — se estiverem interessados, mas eu não acho que sejam pessoas religiosas.

Woods: Bem, não, eu não sou um homem religioso, de forma alguma.

Nellie: E eu não acho que realmente queiram ser salvos.

Woods: Oh bem, não sei bem o que quer dizer com ser salvo, Nellie.

Greene: Não, eu nunca percebi essa expressão também.

Woods: Se me disser o que quer dizer com ser salvo, eu...

Nellie: Ser salvo.

Greene: Sim, mas Nellie...

Nellie: Livrar-se de todos os seus pecados...

Greene: Que pecados cometemos nós?

Nellie: ...e ser — ser feito novo.

Woods: Pois, bem, nós não...

Nellie: A minha mãe ainda discute comigo, sabe.

Greene: Discute?

Woods: Discute?

Nellie: Oh, ela vem ver-me de vez em quando. Ela diz: 'Sabes', diz ela para mim, 'sabes Nell', diz ela, 'estás a viver num paraíso de tolos.' Oh, fiquei tão magoada. Oh, tivemos uma grande discussão por causa disso, digo-vos. Mas, enfim, ela ainda vem. Ela não vive no mesmo sítio que eu. Está noutro lugar completamente diferente.

Woods: Há também...

Nellie: Eu particularmente não quero ir para lá. Não acho que me sentiria feliz com essas pessoas, quer dizer, ela é minha mãe e tudo isso e gosto dela. É engraçado, sabe, aqui está-se com pessoas de quem se gosta, pessoas que pensam da mesma forma. Somos todos iguais, sabe, todos com a mesma maneira de ver — é bom, porque estamos todos confortáveis e aconchegados juntos. Não há assim diferença de opinião, é tão bonito, sabe, é mesmo como o céu. Claro que sei que ainda não é, porque isso há de vir, mais tarde. Mas eu não gostaria de viver num sítio onde as pessoas estivessem sempre a discutir. Especialmente sobre religião, oh não.

Greene: Nellie, não reparou que as coisas são um bocadinho diferentes da Terra, quando lá vivia?

Nellie: Claro que são diferentes em certos aspetos, eu sei disso. Claro que são diferentes, querida, mas estamos todos salvos juntos. E um dia seremos todos arrebatados juntos e estaremos com Jesus. Oh, é tão bonito. Sabe, devia ser salvo, senhor. Sentir-se-ia um homem tão diferente. Seria novo, renovado. Não seria como é agora — uma confusão. (Riso) Seria muito melhor, sabe.

Woods: Nellie, são todos do Exército de Salvação aí?

Nellie: Sim, somos todos do Exército.

Woods: (Tosse) São?

Nellie: Oh, sim, e há outros que não são do Exército, mas pensam mais ou menos como nós, sabe.

Woods: Os Testemunhas de Jeová...?

Nellie: Oh, devia vir às nossas belas reuniões. Temos momentos tão bons e felizes. E cantamos e o barulho — sabe, às vezes penso para mim, bem, estamos a cantar tão alto, estamos a fazer tanto barulho. Mas depois pensamos, bem, que importa? Ninguém se vai queixar, todos têm o mesmo pensamento e ideia. É tão bonito, não é, quando estamos todos juntos no mesmo ambiente assim?

Greene: Nellie, pode cantar um bocadinho daquele hino de que gosta tanto?

Nellie: Oh, não sei. Já é o que posso fazer para falar consigo, menina, quanto mais cantar hinos.

Greene: Tente cantar um bocadinho...

Woods: 'We Gather in the Sheaves' — não é um deles?

Nellie: Pensava que não sabiam nada disso?

Woods: Oh, sim, eu ouço-a.

Greene: Nós ouvimo-la, adorávamos.

Woods: 'Gather in the Sheaves'. É um deles, não é?

Nellie: 'Wash Me in the Blood of the Lamb'.

Greene: É isso mesmo.

Woods: Sim, esse é outro.

Nellie: Esse é um bom.

Woods: Sim. Todos os...

Nellie: Oh, está bem, se é isso que querem que eu faça, eu faço, eu faço. Oh está bem, senhor, está bem. Ele quer que eu venha — vai-te embora.

Woods: Não, eu não quero.

Nellie: Não é você.

Woods: Não...

Nellie: Este cavalheiro.

Woods: Gostaríamos de vir...

Nellie: Não quer que eu continue a falar com eles?

Dr Marshall: Tens de vir agora.

Nellie: Pensei que estava a tentar ajudá-los.

Woods: Foi muito simpático da sua parte vir, Nellie.

Nellie: Eles não estão salvos, sabe, não estão salvos.

Woods: Não.
Greene: Ai meu Deus.

Woods: Ai meu Deus.

Nellie: Pobres coitados.

Woods: Oh, não faz mal, Nellie.

Greene: Não faz mal, Nellie. Mas vai ter de vir falar connosco outra vez e tentar ajudar-nos.

Dr Marshall: Tenho de ir.

Greene: Vai-se embora, Dr. Marshall?

Dr Marshall: Tenho de levá-la, lamento muito...

Woods: Está tudo bem, Doutor, compreendemos perfeitamente.

Dr Marshall: Pensei que seria interessante.

Greene: Mande lembranças nossos à Sra. Marshall, Dr. Marshall?

Dr Marshall: Sim, sim, sim. Não posso ficar. Adeus.

Greene: Adeus, muito, muito obrigada.

Woods: Adeus. Obrigado.

Mickey: Tenho de ir. Trouxeram-na como exemplo, sabem.

Greene: Sim, Mickey. Um exemplo maravilhoso.

Mickey: Vai ser interessante para as pessoas. Tchau, tchau.

Greene: Adeus, Mickey querido.

Woods: Obrigado.

Flint: Adeus.

DR. CHARLES MARSHALL A FALAR SOBRE AS ESFERAS

Creet: Sobre o que vamos falar hoje?
Marshall: Acho que devíamos discutir — ou melhor, falar — sobre as esferas.
Creet: Sim.
Marshall: Porque há imenso para dizer sobre as esferas. Existem tantas condições.
Creet: Gostaria de saber desde a mais baixa e ir subindo gradualmente, doutor.
Marshall: Entendo! Bem, não me sinto particularmente inclinado a levar-te às esferas mais baixas, pelo simples motivo de que não creio que daí venha algum bem. E uma vez que sei muito bem que não terás qualquer contacto com elas quando vieres para aqui; e é tudo muito deprimente; e não quero nada que te deprima.
Creet: Mas acho que gostaria de ir lá abaixo quando vier para ver se posso ajudar alguém.
Marshall: Bem, minha querida, terás livre arbítrio para escolheres por ti própria se quiseres fazer esse tipo de trabalho, embora aí também seja necessário um treino especial.

Creet: O que quer dizer com treino?
Marshall: Bem, aqui temos colégios, suponho que lhes possas chamar assim, de ciência; colégios onde as pessoas podem aprender todo o tipo de coisas que são essenciais para o seu desenvolvimento. E, no que diz respeito a entrar nas esferas mais baixas, é necessário ter uma certa formação quanto ao método de abordagem, por exemplo. Não se pode simplesmente ir, como um touro numa loja de porcelanas, para uma das esferas mais baixas. Acredita, pode ser perigoso, mesmo para uma alma muito evoluída, mesmo para alguém que tenha progredido até certo grau. Entrar nas esferas muito baixas, em si mesmo, é já uma grande empreitada. Não digo exatamente que seja repleto de perigos, mas certamente é algo que pode ser, até certo ponto... bem...
Creet: (Interrompendo) Pode-se ficar contaminado indo lá?
Marshall: Bem, até certo ponto, sim. Vês, o ponto é que as almas muito evoluídas não entram elas próprias, ou muito raramente, nas esferas mais baixas. Mas há muitos, muitos estágios de evolução e desenvolvimento e certas pessoas, não necessariamente muito evoluídas mas, ao mesmo tempo, muito boas — espiritualmente evoluídas até certo ponto — que escolhem ir às esferas mais baixas para trabalhar e ajudar, e é realmente uma grande tarefa. Deves perceber que nós, deste lado, estamos mais sujeitos a condições do que tudo aquilo que conheces no teu mundo. Vocês estão sujeitos a condições, mas a questão é que aqui estamos muito mais sujeitos. Se uma pessoa escolhe fazer o que chamamos trabalho de resgate, de ir às esferas mais baixas para ajudar, tende a ser afetada — de uma forma ou de outra, dependendo muito do indivíduo em causa — pelas condições em que se encontra. Não quero com isto dizer que a pessoa em questão, que atua como ajudante ou líder ou alguém que escolhe servir de alguma forma nas esferas mais baixas, seja necessariamente corrompida ou diminua o seu padrão de espiritualidade por entrar nesse ambiente. Mas isso não altera o facto de que se pode e se é muitas vezes afetado por condições inferiores.
O mesmo acontece, por exemplo, contigo, de certo modo. Supondo que tu, uma mulher com alguma educação e certamente alguém muito sensível; alguém que sente intensamente, muito musical e habituada a um certo padrão de vida — se fosses colocada, digamos, numa zona de barracas, num lugar deprimente, serias muito afetada por essas condições. Não te tornarias necessariamente numa pessoa igual àquelas que provavelmente encontrarias à tua volta, mas serias afetada mentalmente por essa atmosfera. Pois bem, o mesmo se aplica às almas que escolhem ir às esferas mais baixas para servir e trabalhar. Elas são afetadas até certo ponto pelo ambiente em que se encontram e muitas vezes, quando regressam à sua habitação normal, precisam de muita atenção. Por outras palavras, precisam de ser revigoradas, por assim dizer, num sentido espiritual.
Creet: Como é que isso é feito, doutor?
Marshall: Bem, há certos lugares aqui que são, suponho que lhes possas chamar clínicas ou hospitais, ou locais onde as pessoas podem afastar-se do ambiente, das suas circunstâncias e assim por diante, ou condição, e são colocadas nessas instituições — ou chama-lhes o que quiseres — onde recebem cuidados; onde recebem, se quiseres, uma espécie de tratamento energético. Onde são... não sei bem como começar a explicar isto, é muito difícil.
Vês, a emanação áurica que trazem consigo da esfera inferior é tal que, assim que entram no ambiente a que realmente pertencem, que é a sua condição natural, há um choque. Há um período em que devem gradualmente ser re-habituados. Precisam de ser refrescados e de ser colocados numa posição em que possam ser revigorados com as condições da esfera que habitam normalmente e têm de... Oh! Não sei bem como dizer isto — têm de perder a contaminação, por assim dizer, que trouxeram das outras esferas, das mais baixas.
Creet: Bem, essas... emanações áuricas devem ser como tentáculos.
Marshall: Bem, não consigo explicar isto muito bem, é muito difícil.
Creet: Sim.
Marshall: Se conseguires imaginar um ser humano, não tanto a pessoa mas a sua condição áurica, é como uma esponja; absorve tudo o que está à sua volta e depois tem de dispersar isso

ou rejeitá-lo e renovar-se. Tem de ser renovado com as condições da sua própria esfera e certas pessoas aqui…
(Muda de assunto a meio da frase)
Vês, talvez não consigas compreender ou seguir isto e eu não consigo explicar muito bem. Mas nós sabemos muito mais cientificamente, e uso a palavra "cientificamente" num sentido muito real porque o nosso mundo é científico na medida em que é uma realidade. Há muito que ainda está por saber e descobrir. Mesmo na própria esfera em que possamos viver há muito que ainda temos de descobrir e conhecer. Deves perceber isto também: uma esfera — entende-a como um lugar, embora na realidade seja parte de muitos — o ponto é que numa esfera há uma habitação; é um lugar que foi habitado por milhões incontáveis de almas ao longo de muitas gerações de passagens do vosso mundo para este. Não é algo estático. Com isto quero dizer que os indivíduos em questão não permanecem lá para sempre. Não ficam lá parados. Mas o próprio lugar em si é estático na medida em que as pessoas ficam lá por um período do que chamariam de tempo até terem progredido para além dessa etapa, depois passam por uma fase do que vocês chamariam de morte, embora não seja nada como a morte física que conhecem…
Creet: (Interrompendo) Não, já explicou isso, obrigada.
Marshall: …e novas pessoas tomam o lugar. Mas lembra-te de que o lugar em que uma pessoa se pode encontrar é o que gerações anteriores tornaram possível e nunca poderás reagir ou responder a nada para além dessa fase de existência. Podes naturalmente descer a esferas inferiores ou condições mais baixas e experienciar muito lá, mas se o fizeres, embora possas fazê-lo com o desejo de ajudar, ao mesmo tempo é uma missão que assumes com grande responsabilidade. E estás destinada, de alguma forma, a ser afetada por outras condições a que não estás habituada, que não são naturais ou normais para ti e, em consequência, quando regressas ao teu ambiente precisas de ser refrescada. Precisas de ser purificada de novo, se quiseres. Precisas de descartar da tua emanação áurica e do teu eu áurico todas essas condições e pensamentos que assimilaste.
O mesmo acontece quando passas pela tua vida física, normal, material; acumulas e absorves todo o tipo de experiências — muitas delas que não te servem de nada do ponto de vista espiritual. E gradualmente, à medida que envelheces e olhas para trás, e estás mais sábia, percebes o quanto do que aconteceu era sem importância, desnecessário e, mesmo assim, tiveste de o experienciar, até certo ponto. Talvez porque fosse essencial para conheceres essas coisas, caso contrário não poderias crescer.
Vês, temos escolas aqui onde as pessoas aprendem muito sobre a natureza humana e como melhor abordar, por exemplo, um indivíduo num certo grau ou falta de grau de desenvolvimento. E, em consequência, tens um conhecimento prático, por assim dizer, de uma pessoa e de como trabalhar com essa pessoa para a ajudar. Como é provavelmente melhor, ou seria, ajudar essa pessoa a sair do seu ambiente atual. Mas mesmo apesar de tudo isso, isso não altera o facto de que podes deparar-te com uma pessoa ou pessoas que estás a tentar ajudar numa esfera inferior que são extremamente difíceis. Talvez uma pessoa que, digamos, tenha ideias muito fixas e firmes, não necessariamente más. Mas, por exemplo, algumas das maiores dificuldades que temos são com pessoas que têm convicções religiosas muito fortes e rígidas. Penso que já te dissemos antes que aqueles que estão, por assim dizer, fortemente presos por dogmas e credos. Não que estejam infelizes, em particular, no seu ambiente e não sugeriria por um momento que estejam num ambiente mau ou mesmo negativo. Mas, ao mesmo tempo, são muito mais difíceis de abordar, muito mais difíceis de trabalhar, muito mais difíceis de ajudar, do que talvez alguém que fosse — tal como o mundo entende — uma pessoa bastante má. No entanto, ao mesmo tempo, tinham uma mente flexível. Não estavam, digamos, presos ou rigidamente atados a credos e dogmas restritos. Sinto sempre que as pessoas mais difíceis de ajudar são aquelas que durante muitos, muitos anos da sua vida terrena estiveram presas por credos e dogmas.
Creet: Sim. Sabe, há alguns anos, creio que o meu irmão, quando eu dormia, costumava levar-me às esferas mais baixas. Havia uma ou duas pessoas e uma em especial por quem ganhei

muito carinho, que viveu no reinado de Carlos II. E creio que ele vinha ter comigo e dizia-me o quanto eu era uma ajuda para ele e penso que agora ele progrediu imenso.
Marshall: Acredito perfeitamente.

Creet: Já o viu?
Marshall: Não conheço a pessoa em questão, mas acredito perfeitamente. Quer dizer, sei que as pessoas na Terra são muitas vezes usadas para ajudar pessoas menos afortunadas em esferas inferiores. Por exemplo, vês, uma coisa é invariável: o mundo terrestre está muito mais próximo e muito mais em harmonia, se assim posso dizer, com as esferas mais baixas porque, afinal de contas, o mundo terrestre é muito materialista e a maioria das pessoas nele só se preocupa com o materialismo. Isso não quer dizer que sejam necessariamente más, embora haja muitas condições más prevalecentes no mundo. Mas é perfeitamente possível que se tu...
(Muda de assunto a meio da frase)
...e eu sei que durante muito tempo tens estado tão interessada nesta grande verdade, neste assunto, que tens sido ajudada deste lado e que tens sido levada a várias esferas. E aí tenho a certeza de que já viveste muita coisa. E sei que, pelo que aprendeste e pelo conhecimento que assimilaste, não haverá qualquer hipótese de entrares em esferas mais baixas. Só, como disse, por tua livre vontade.
Creet: Sim.
Marshall: É perfeitamente plausível e percebo bem que já fizeste uma certa quantidade do que chamamos trabalho de resgate ainda em corpo físico. E, em consequência, isso ter-te-á ajudado para, quando vieres para aqui, progredires e provavelmente não terás necessidade nem desejo de entrar novamente em qualquer esfera ou ambiente inferior para fazer tal serviço ou trabalho. A verdade é que muitas pessoas sentem a necessidade, o desejo, de fazer esse tipo de trabalho. Mas de alguma forma não creio que vás sentir esse desejo dentro de ti para o fazeres mais. Acho, falando francamente, se te conheço (não estou a sugerir que sejas egoísta por natureza) mas sei que vais estar tão, mas tão feliz quando vieres para aqui, entre os teus amigos músicos e a tua música e os teus familiares, a tua mãe, o teu pai e o teu irmão e assim por diante, que não acho, nem por um segundo, que vás ter qualquer desejo de ir às esferas mais baixas, a não ser por pura curiosidade para ver que tipo de música lá têm.
Creet: (Rindo)
Marshall: E tenho a certeza de que se fores, não vais gostar, porque há de ser totalmente diferente de tudo aquilo que admiras ou gostas.
Creet: Sim, mas seria interessante, sabe doutor; perceber os diferentes graus.
Marshall: Bem, minha querida, posso garantir-te que não ganharias muito com isso porque, se queres ter uma boa ideia de como soa a música nas esferas mais baixas, vai ao Albert Hall a um concerto moderno. Não ficarás muito longe da realidade.
Creet e Flint: (Rindo)
Marshall: Se queres dissonâncias e desarmonia; se queres barulho e estrondo; bem, vai ouvir um concerto de um compositor moderno.
Creet: (Rindo) Não, não quero, muito obrigada.
Marshall: Se queres passar pelos infernos wagnerianos, isso é contigo.
Creet: (Rindo) Bem, ele era um maravilhoso... ele descrevia muito bem os infernos e tudo isso, não era?
Marshall: Sim, acho que ele devia ter tido um toque muito pessoal com eles.
Creet: Sim, acho que sim. Por isso é que não gosto dele.
Marshall: Acho que ele é bastante típico da sua nação, embora isso possa soar muito cruel, porque há muitos alemães bondosos. Mas o espírito guerreiro da raça alemã estava muito evidente na música dele. Mas isso não altera o facto, claro, de que também escreveu melodias muito belas. E sei que ele é uma alma muito avançada aqui e que a sua música tem grande profundidade e grande poder e não deveria fazer referências pouco simpáticas ao trabalho dele, embora por vezes me sinta um pouco em sintonia contigo quando te oiço dizer: "...Nunca

consegui suportar Wagner, de maneira nenhuma…"
Creet: Não, não o suporto.
Marshall: Sabes, fazes-me algumas perguntas e eu quero mesmo respondê-las mas deparo-me com esta escassez de palavras tão… valha-me Deus. Como é que se explicam algumas destas coisas? As palavras são tão insuficientes.
Creet: Sim, eu sei, mas não precisas de as explicar absolutamente de forma explícita porque eu consigo, de certa forma, ler nas entrelinhas. Tento, pelo menos, embora não consiga imaginar nada do outro lado, na verdade.
Marshall: Então, suponho que nunca te ocorreu… sei que o teu interesse pela música traz isto ao de cima… Mas nunca te ocorreu que temos músicos que se desenvolveram ou foram, por assim dizer, criados deste lado, que quando estavam na Terra não tinham o mínimo sinal de música dentro de si. Podem nunca ter tido oportunidade ou capacidade, talvez, mas aqui desenvolveram esses dons maravilhosos da música e são grandes músicos por mérito próprio.
Creet: São?
Marshall: Oh, sim.
Creet: Como é que isso acontece se não tens o dom latente? Quer dizer, talvez eles…
Marshall: (Interrompendo) Bem, acho que isso acontece… O que quero dizer é que do teu ponto de vista, uma vez que tu — refiro-me não só a ti mas à pessoa comum — só conseguem conceber, por assim dizer, que algo é herdado ou nasce com a pessoa ou se desenvolve com ela na vida material. Mas, na verdade, isso é uma suposição um bocado tola porque, no fim de contas, uma pessoa não tem necessariamente de ter determinados dons do vosso lado para não os ter deste.
Existe tal coisa como uma lei de compensação. Quero dizer, por exemplo, há muitas pessoas no vosso mundo que têm de se virar para serem limpa-chaminés ou algo bastante deprimente, não têm educação musical, nem base musical e, pelo que se pode julgar, não têm qualquer apreço. Mas isso é uma falta, não dentro delas próprias, num certo sentido, mas falta de oportunidade, falta de ambiente — o ambiente certo — e por aí fora. A questão é que, só porque uma pessoa não nasce com uma apreciação musical ou um desenvolvimento musical na Terra, não quer dizer que não o venha a desenvolver de alguma forma aqui. E já ouvi música escrita ou composta por músicos aqui que, quando estavam na Terra, não tinham o menor interesse ou conhecimento de música; o que te dá grande esperança, visto que tu já sabes algo sobre isso.
Creet: Meu Deus, dá mesmo. Esse é o meu grande, grande objetivo quando lá chegar…
Marshall: (Interrompendo) Vês, aí está outra ideia errada: as pessoas acham que a sua primeira existência, a sua primeira consciência da vida é na Terra, o que, claro, não é verdade.
Creet: Hmm
Marshall: Como sabes se não existias antes de nasceres no mundo terrestre? Eu iria ao ponto de dizer que a vida sempre existiu, de alguma forma. Não registou necessariamente sempre num corpo material…
Creet: (Interrompendo) Então, não há princípio nem fim, pois não?
Marshall: Bem, é movimento perpétuo, vida perpétua. Não creio que haja… vês, só consegues julgar um começo quando podes ver o início, mas isso não quer dizer que não existisse antes de estares consciente do início. A questão é que tens consciência de Rose Creet porque a tua mãe te disse que nasceste num certo dia, a uma certa hora ou a um certo momento, num certo lugar.
Creet: Doutor, o que me intriga é isto: agora, nesta encarnação tenho uma mãe, mas na minha última encarnação devia ter tido outra mãe. O que aconteceu a todas essas mães?
Marshall: Oh, sê generosa, também deves ter tido um pai!
Creet e Flint: (Rindo)
Marshall: Já é a segunda geração em que dizes que tens uma mãe; não queres saber do pai para nada! O que pensas, que foste uma conceção miraculosa ou algo do género?
Creet e Flint: (Rindo)
Creet: Mas é isso que me intriga: mães e pais. Os pais, por exemplo…
Marshall: Os pais não têm grande importância, num certo sentido, e não digo isto com maldade

ou com altivez. Quero dizer, o mero acidente de nascimento é apenas isso: um acidente. No fim de contas, milhões de pessoas deitam-se à noite e nascem crianças. Às vezes não são desejadas. Às vezes, se fosse possível, nem sequer estariam ali. A questão é que, muitas vezes, o facto de se nascer não é desejado.
Creet: Sim, mas se é um acidente, porque é que as crianças se parecem tanto com os pais?
Marshall: Bem, não acho que haja grande dificuldade em perceber isso. Nem acho que tenha grande importância.
Creet: Suponho que tenha.
Marshall: No fim de contas, não importa tanto o teu aspeto — podias ser feia como o pecado — mas importa é o que és por dentro, como é o teu espírito.
Creet: É esta parte de "por dentro" que não consigo compreender de todo...
Marshall: (Interrompendo) Bem, devias conseguir.
Creet: Oh, bem, sinto coisas diferentes cá dentro mas...

Marshall: (Interrompendo) Minha querida, há muita gente a andar por aí hoje no teu mundo que, exteriormente, não tem qualquer mérito; que, por fora, parece tão aborrecida como água parada e tão desinteressante como... como quiseres dizer. Mas por dentro, há uma alma maravilhosa, há um temperamento maravilhoso, há um desenvolvimento de carácter fantástico que pode ter sido formado ao longo, talvez, de gerações de tempo, por tudo o que sabes. A aparência exterior não tem importância nenhuma.
Creet: Mas como se parece quando se sai da carapaça?
Marshall: Bem, minha querida, muito bonito.
Creet: A sério?
Marshall: Sim.
Creet: O que quer dizer com isso? É a mesma forma e...?
Marshall: (Interrompendo) Ah, percebo. Noutras palavras, agora queres saber se viveste várias gerações, ou seja, se tiveste várias encarnações ao longo, digamos, de mil anos, a qual delas é que te pareces?
Creet: Sim! É isso que me confunde.
Marshall: Bem, a questão é que provavelmente não te pareces com nenhuma.
Creet: Oh, meu Deus!
Marshall: Oh, não te preocupes, serás reconhecida.
Creet: Bem... conta-me mais.
Marshall: Minha querida, gostava que fosse possível encontrar palavras para explicar estas coisas. Não percebes que nós — pelo menos aqueles de nós que se desenvolveram até certo grau — temos algo muito mais importante para transmitir do que apenas a expressão exterior ou a forma? Temos a consciência e a capacidade de ver e perceber a alma. E a alma, em si, não é apenas uma forma ou um rosto ou uma figura; isso pode ser assumido e muitas vezes é, especialmente para fins de reconhecimento quando necessário. Mas à medida que te desenvolves espiritualmente e te tornas cada vez mais consciente dos poderes e da grandeza do espírito, só te interessa o desenvolvimento de um espírito. Só estás consciente, por assim dizer, e só desejas estar ciente da realidade — que é a alma interior do indivíduo. A aparência exterior ou a cobertura é apenas a máscara.
Creet: Eu sei, mas como é que se parece a alma interior? Sabes, aquelas fotografias que temos do Chopin ao piano, como ele era... o que...
Marshall: (Interrompendo) Minha querida, se essa fotografia tivesse retratado uma reprodução física perfeita, tal como a entendes, do Chopin, terias ficado nas nuvens de contentamento. Mas a questão é que, porque tens aquilo que achas ou parece ser uma figura indefinida, há uma ligeira desilusão, de certa forma. Mas o que quero que saibas é que o poder radiante de uma alma, que só te chega naquela forma como a viste — indefinida — é, em si, na sua verdadeira beleza e toda a sua grandeza, algo mais importante e maravilhoso do que um exterior físico. Viste, de certa forma, apenas tenuemente, uma parte do homem interior.

Vês, no fim de contas, quando ouves uma grande peça musical não estás consciente do rosto ou da forma do artista que está a executar essa música, embora possas olhá-lo e vê-lo ao piano. No entanto, dentro de ti, na tua mente, na tua verdadeira consciência interior, estás muito afastada do artista que está a tocar a música.
É o que a música significa para a tua alma, a forma como te eleva, por assim dizer, para fora de ti mesma. A forma como sentes que és transportada para o céu, para o céu dos céus; isso é algo que é mais vital, mais importante. Estás a sentir. Estás, por assim dizer, a tocar a própria alma do instrumentista ou do músico. Estás a receber um contacto divino, de certa forma, com ele.
Gostava que fosse possível explicar isto. Vês, só consegues apreciar, até certo ponto — suponho que é natural — enquanto estás num mundo material, precisas de forma. Precisar de forma. Não digo que isso não exista aqui, existe.
Creet: (Interrompendo) Mas supondo que eu passo para o outro lado, por exemplo; então, como vou parecer?
Marshall: Porque estás tão preocupada com o que vais parecer? Vais parecer a Rose Creet, de 140 Westbourne Terrace, Londres, West 2, Inglaterra, o Mundo; mas apenas por um tempo, e só quando necessário. Vês, minha querida...
Creet: (Interrompendo) Então os espíritos têm o poder de assumir formas diferentes?
Marshall: Claro que têm.
Creet: (Interrompendo) Como é que isso se faz?
Marshall: Pela mente; pelo poder do pensamento; pelo sentimento e emoção profundos e desejos e intensidade de propósito que vêm lá do fundo.
Creet: Que dura apenas um pouco, enquanto o pensamento for suficientemente forte?
Marshall: Minha querida, se assim quisesses — e não acredito que queiras nem por um momento, mas vou supor — supondo que assim querias, que quando viesses para aqui estavas tão farta de ser a Rose Creet de 140 e tal... Londres, Inglaterra, querias parecer diferente, porque estavas tão cansada, como se costuma dizer, desse teu velho corpo.
Creet: Muito bem, sim.
Marshall: Bem, se quisesses parecer bonita e deslumbrante, nada te impediria. Mas depois, também, não há nada a ganhar com isso, pelo que vejo.
Creet: Claro que não... não.
Marshall: No fim de contas, o que importa és tu, minha querida, tu mesma. Nós não te vemos como tu te vês ao espelho ou muito raramente, a não ser que tenhamos uma razão especial para te querer ver tal como és, nesse sentido, fisicamente. Vemos a verdadeira Rose Creet; a alma; a pessoa profunda, constante, sincera que és, com todo o amor e a beleza que tens dentro de ti. Vês, aqui não nos preocupamos com carapaças físicas ou corpos. São emprestados materialmente por um tempo e para um propósito. Terás o exterior da Rose Creet quando vieres para aqui, claro, para ser reconhecida. Mas, por outro lado, não serás a Rose Creet de 65, ou lá a idade que tens. Serás a Rose Creet de 22 ou algo assim.
Creet: Logo de imediato?
Marshall: Claro que sim.
Creet: Oh!
Marshall: Não necessariamente, em alguns casos, isso seria assim porque, se a pessoa passa com uma ideia muito fixa de si própria como era quando estava a passar, ou quando passou e estava consciente de todas as dores e achaques (se os tinha) e assim por diante, poderá agarrar-se, por um curto período, a essa forma-pensamento de si mesma. Mas tu, com o conhecimento que adquiriste e a experiência que tens, é muito improvável que tragas esse velho corpo para aqui. Não vais pensar em ti nesse sentido ou dessa forma. Espero que não.
Creet: Oh, espero que não. Pode-se ver a si próprio lá?
Marshall: Claro que sim, se quiseres. E não precisas de um espelho para isso.
Creet: Não? Então como é que te vês?
Marshall: Reflexo na Atmosfera Astral, é tão simples quanto isso. Tal como podemos ver tudo o que passou nas nossas vidas ou nas vidas dos que nos rodeiam. E assim podemos recuar no

tempo séculos e séculos sobre séculos e ver o que já aconteceu. Portanto, podemos ver na atmosfera não só a nós próprios, mas tudo. Nada fica escondido.
Creet: Isso acontece quando saímos dos nossos corpos, por exemplo, toda a nossa vida passa diante de nós?
Marshall: Sim, mas sabes... não sei se alguma vez ouviste, mas diz-se que uma pessoa, no momento de se afogar, pode passar pela sua vida toda?
Creet: Oh, sim.
Marshall: Vês, o que tens de lembrar, minha filha, é que a tua vida em particular ou a minha vida em particular ou a vida de qualquer alma em particular está registada à volta dela no seu próprio ambiente — e sempre que uso o termo ambiente não quero dizer necessariamente a habitação onde vive, mas sim na sua própria emanação áurica; em si mesma. Sabes que a Bíblia tem coisas escritas de uma forma muito estranha, provavelmente escritas de forma simples para mentes simples da época. Mas, sabes, diz-se que tudo está registado, "...e o livro da vida será aberto..." e por aí fora, "...e serás julgado..."

Creet: Sim.
Marshall: Bem, a questão é que ninguém te julga. Tu julgas-te a ti própria. E estás, pela primeira vez, completamente exposta, por assim dizer, a todos e a tudo. É por isso que não podes vibrar, não podes habitar ou entrar numa condição para a qual não estás preparada. Tens de, automaticamente, entrar na condição onde fazes parte ou virás a fazer parte dela.
Creet: Suponho que se passa por um certo tempo de sono, não?
Marshall: Bem, depende. Vês, não devemos meter ou juntar tudo no mesmo saco. Quero dizer, alguns acham essencial e necessário descansar ou relaxar ou dormir por um período de tempo e, gradualmente, serem, por assim dizer, introduzidos no novo ambiente. Mas com outros isso não é necessário.
Creet: Oh.
Marshall: Não acho que vás dormir muito. Acho que vais estar tão viva, tão desperta, a correr para aqui e para ali, "Diz-me isto!" "Diz-me aquilo!"
Creet: (Rindo)
Marshall: Além disso, tens amigos tão bons. O teu irmão, que está sempre por perto, será o primeiro a estar ao teu lado para te guiar e ajudar. E eu não estarei muito longe e sei que o meu amigo Chopin também terá uma palavra a dizer nisto tudo. Não, não, não. Sei que é natural quereres saber tudo o que possas e isso dá-me, em especial, sempre, uma grande alegria em vir responder às tuas perguntas. Mas a questão, minha querida, é que algumas perguntas não podem ser respondidas no sentido material porque estão tão afastadas das coisas materiais que não há, pelo que vejo, maneira material de as responder. Só te posso dar uma ideia geral.
Creet: Talvez mais tarde, quando tivermos outras coisas, as explicações venham facilmente... sem palavras?
Marshall: Sim, espero que sim, mas só podemos esperar para ver.
Creet: Seria maravilhoso.
Marshall: A questão é que... a ciência, por exemplo, no vosso mundo desenvolveu-se de tal forma que, até certo ponto, ajuda a provar o que tentamos dizer-te ou transmitir-te. O facto de poderes sentar-te numa sala e veres com os teus próprios olhos coisas que estão a acontecer a cem ou mais quilómetros de distância, testemunhando no mesmo momento, até certo ponto, ajuda a provar, se for necessária prova, o que estamos a tentar transmitir. Tudo está registado na atmosfera. O que está a acontecer neste preciso segundo está tudo a ser registado. É como se todo o mundo etérico ou todo o éter à tua volta, em todo o mundo, fosse um instrumento de gravação. E tu estás a registar os teus pensamentos, as tuas emoções e as tuas condições ao longo da vida.
Creet: Então uma palavra como "espaço" não devia existir no Éter de todo. Não há espaço.
Marshall: Não, não num certo sentido. Há espaço na medida em que podes atravessar o espaço. Por exemplo, podes entrar num avião, podes viajar pelo espaço mas não é o nada nebuloso que

as pessoas pensam. Não é apenas ar e nuvens e por aí fora. É muito mais do que isso. Vês, a questão é que se estiveres numa vibração muito baixa, pode-se atravessar… (Ele faz uma pausa)
Creet: Hmm.
Marshall: …digo, se estiveres numa vibração muito baixa, ela pode ser atravessada por uma muito alta, sem que a vibração baixa tenha consciência disso.
Creet: (Um pouco confusa) Eu… se estivesse numa vibração inferior poderia atravessar para uma superior, disseste?
Marshall: Sim, pode funcionar ao contrário também. Pode funcionar na direção oposta, mas hmm… oh, como é que posso explicar isto? Por exemplo, eu posso atravessar uma porta.
Creet: Sim.
Marshall: Tu tens de a abrir.
Creet: Sim… Oh, sim, percebo. Entendo.
Marshall: É apenas uma questão de vibração.
Creet: Sim, sim. Oh, isto é tudo muito interessante.
Marshall: Esses operários estão muito silenciosos, não estão?
Creet: Sim, estão. Como é que é? Alguém deve estar em cima deles… (Para Leslie Flint) É tudo muito interessante.
Flint: Sim, não é! Estive meio a dormir.
Creet: (Para Flint) Oh, meu Deus!
Marshall: Sabes, gostava de poder ilustrar certas coisas. Lembro-me de muitas ocasiões em que pacientes tiveram uma perna ou um braço amputado e muitas vezes disseram que conseguiam sentir os dedos dos pés ou das mãos e, no entanto, eles já não estavam lá. Era apenas o corpo etérico que estavam a sentir. É o corpo etérico que sente. Vês, o corpo físico em si não sente nada, é o corpo etérico que tem consciência.
Creet: Sim, porque assim que o corpo etérico parte, bem, já não há sensação nenhuma, pois não?
Marshall: Quando ocorre a morte. Na verdade, as pessoas dão importância a mais ao corpo físico, percebo, claro, que deve ser cuidado e é um dever e muito essencial que se cuide do corpo físico. Mas, na verdade, se as pessoas se interessassem tanto pelo corpo etérico e o desenvolvessem na mesma medida e cuidassem dele como fazem com o corpo físico, bem, tenho a certeza de que teriam maior conhecimento e maior consciência e certamente se desenvolveriam num sentido muito mais espiritual. Sabes, esta verdade — e é uma verdade muito, muito maravilhosa e muito grande, tão vital para a raça humana — se ao menos fosse ensinada. Se ao menos fosse parte do currículo de cada um, por assim dizer, desde a infância. Tanto poderia ser feito.
Marshall: Bem, as religiões, claro, durante séculos foram usadas num sentido material. Quero dizer, não digo que não haja um fundo de verdade, há e não há dúvida de que há muito de bom na maioria das religiões. Mas a questão é que durante séculos foram usadas por indivíduos para apoiar as suas próprias ideias, para apoiar a sua própria personalidade ou encher os seus próprios bolsos.
Creet: Sim. Para se sustentarem.
Marshall: A questão é que a religião é um paliativo para a raça humana. A questão é que o Homem tem de perceber que é um ser espiritual em processo de desenvolvimento, que tem os poderes espirituais dentro de si. Não precisa de ir a mais ninguém para saber deles ou desenvolvê-los — pelo menos não deveria ter de o fazer. Deveria estar consciente deles. Deveria conhecê-los. Não há homem nenhum, nenhum padre, nenhum clérigo que tenha poder para te absolver, por exemplo, de quaisquer pecados ou de algo errado que tenhas feito. É algo que tu própria tens de pagar de alguma forma, o que, acredita, irás fazer pela própria lei da natureza. O que quer que se faça na vida — e isso não se aplica apenas à tua vida mas a todas as vidas, a todos os estágios de existência — o que quer que se faça, é um processo gradual de evolução. E se cometes erros, então aprendes com eles e, de certa forma, sofres com isso. Mas a questão é que, eventualmente, desenvolves-te e cresces para além de todo o reconhecimento — lá

voltamos nós à questão do reconhecimento — para além de todo o reconhecimento do aspeto material.
A questão é que isso é a vida. Toda a vida é progressiva pelo simples motivo de que, fundamentalmente, é movimento. É movimento perpétuo. Se não fosse pela fricção, por exemplo, nem sequer estarias no mundo. A vida desenvolveu-se a partir da fricção. Toda a natureza é movimento, é fricção. Mas eu posso... oh, há tanto sobre o que devo falar contigo. A seu tempo, fá-lo-ei. Tudo o que quero é que penses, que percebas que estás a ser cuidada o melhor que podemos. Fazemos o que está ao nosso alcance por ti mas, até certo ponto, obviamente tens de fazer algo por ti própria. É a tua vida que estás a formar e que já formaste até certo ponto. Mas não fiques desanimada nem te deixes abater porque, até certo ponto, podes sentir que és um fracasso. Todos nós sentimos que somos fracassos. E acredita que há muitas pessoas que chegam aqui sentindo que são fracassadas e que não fizeram muito ou não conseguiram nada.
Sei que tu, em particular, sentes que não conseguiste nada em termos musicais. Mas, por outro lado, não te julgues com demasiada severidade. Não sabes o que podes ter conseguido em termos espirituais. Não sabes o que podes ter feito, e eu certamente sei um pouco mais do que tu, que quando vieres para aqui vais ter uma surpresa agradável porque muita coisa aconteceu de que não sabes nada e sobre a qual acabarás por saber. Mas tem fé e bom ânimo. Há tanto, minha menina, que temos para conversar, tu e eu, e teremos muitas oportunidades para o fazer.

Creet: Oh, espero bem que sim.
Marshall: Tenho de ir. Dizem-me que a força está a diminuir, mas mantivemos aqueles benditos operários calados durante uma hora. De qualquer forma, Deus te abençoe, minha querida. Voltaremos a ver-nos na quarta-feira à noite.
Creet: Sim, muito obrigada, meu querido doutor.
Marshall: Adeus.
Creet e Flint: Adeus.
Flint: Foi uma conversa longa, não foi? Esta questão de não sermos reconhecidos é um pouco confusa, não é? Quer dizer, dizem que nos reconhecemos uns aos outros e tudo o resto, mas perdemos a nossa forma física. Isso preocupa-me um bocado.
Creet: ...sim, que perdemos a forma física mas podemos assumi-la de novo; extraordinário! Não sei, mas gostava de saber como somos na verdade sem qualquer forma assumida.
Flint: Bem, claro, o tempo para eles não é nada, mas suponho que quando lá chegarmos, obviamente, mantemos a nossa aparência exterior provavelmente durante muito tempo, se o tempo existir.
Creet: Quando se é jovem, por volta dos 20 ou 22.
Flint: Mas acho que há uma coisa intuitiva nisso... Quero dizer, por exemplo, pensa numa pessoa que é completamente cega e não consegue reconhecer ninguém. Bem, têm um sentido incrível, não têm?
Creet: Oh, sim.
Flint: Bem, talvez seja algo assim. Não que as pessoas sejam cegas do outro lado, não era isso que queria dizer. Não sei. É tudo tão interessante.

Lord Birkett e Lord Birkenhead

Gravado: 1962

No dia 29 de Março de 1962, a voz de Lord Birkett falou sobre os seus sentimentos relativamente aos vastos efeitos de aplicar a pena de morte.

Infelizmente, durante a gravação, o equipamento falhou e só a primeira parte da sua comunicação ficou registada.

Betty Greene e George Woods recordam que, durante essa sessão, Lord Birkenhead também falou.

Devido à falha de gravação e à importância do que Birkenhead queria transmitir, ele prometeu voltar noutra ocasião.

No dia 19 de Abril de 1962, Birkenhead cumpriu a promessa e regressou. Continuou a comunicação que tinha iniciado três semanas antes.

Dada a semelhança do tema, o áudio único abaixo contém a primeira parte da comunicação de Lord Birkett de Março de 1962 e a segunda comunicação de Abril de 1962 por Birkenhead.

Pode ouvir-se Betty Greene a explicar os problemas de gravação, antes de George Woods anunciar quem estava presente na sessão.
Presentes: Leslie Flint, Betty Greene, George Woods
Comunicadores Espirituais: Lord Birkett, Lord Birkenhead

Betty Greene: Gostaríamos de deixar claro, antes de ouvirem esta gravação ou lerem a transcrição, que durante a sessão a fita encravou e a máquina teve de ser desligada, mas a voz continuou, embora não a pudéssemos gravar. Infelizmente, até esse momento, nenhum nome tinha sido dado. Durante o resto da sessão, que durou mais meia hora, ambos recordamos claramente a voz dizer: "Eu sou Birkenhead." Mas se ele era o comunicador espiritual antes de a fita encravar, não podemos afirmar, mas presumimos que fosse Lord Birkenhead.
No final da sessão também o ouvimos dizer: "Percebo que têm tido problemas com a gravação, e como o tema é tão importante, vou voltar a comunicar na próxima sessão."

Contudo, desde a gravação completa desta fita, que combina duas sessões, Lord Birkenhead voltou a falar connosco e explicou que, na primeira ocasião, Lord Birkett estava com ele e também falou, sendo Lord Birkett quem fala sobre ter tido de aplicar a sentença de morte. Mas, claro, também na primeira parte desta gravação, Lord Birkenhead pode muito bem ter falado. A semelhança de voz deve-se ao facto de ser usada a mesma caixa de voz, e a voz do Espírito tem de ser transmitida pelo pensamento.

29 de Março de 1962

Lord Birkett: [Bom dia] amigos. [Peço que] me desculpem se não falo talvez tão bem como alguns daqueles que vos visitam de vez em quando, mas sou, em comparação com eles, um comunicador inexperiente.
Woods: Está a sair-se muito bem...
Lord Birkett: Vim esta manhã porque há algo de que desejo muito falar, algo que considero vital e importante para o vosso trabalho, e para o trabalho de todos os que estão conscientes da brutalidade e do uso inútil da pena — a sentença de morte.
Woods: Oh, sim. Muito interessante.
Lord Birkett: Não acho que seja possível, para alguém no vosso mundo, imaginar as terríveis condições em que se encontra um indivíduo que sofre a pena de morte. Quando estava do vosso lado, era meu dever, muitas vezes, aplicar a sentença... e é por isso que, especialmente, quis vir falar-vos hoje. Porque ninguém tem mais direito a discutir esta questão tremenda do que eu, com a possível exceção dos meus colegas Juízes que também tiveram o infeliz dever de fazer isto a outro ser humano. Sei dos muitos argumentos que são apresentados em relação a este tema — esta questão vital de tirar a vida humana pela lei.

Tive a tarefa muito infeliz, em mais do que uma ocasião, de aplicar a sentença de morte, e agora, ao vir aqui falar-vos nesta sala, invisível para vocês, mas que está, no entanto, cheia de almas que vieram para o nosso lado da vida através da execução pela lei. E percebo mais do que nunca a total futilidade deste ato. Tem pesado na minha consciência há muito tempo, embora tenha agido, na altura, de boa fé, a fazer o trabalho que tinha de fazer, e, por vezes, sentindo-me mais do que justificado em aplicar a sentença, conhecendo todos os factos de cada caso individual, na altura sentia-me, na maioria das vezes, justificado em decretar essa sentença de morte. Sei que há crimes horrendos cometidos, por vezes a sangue frio, onde não há justificação, ou assim parece, para clemência, mas apesar disto percebo que, não importa qual o crime, a pena capital não é a resposta.

Existem várias razões muito boas para isto. Em primeiro lugar, não importa qual o crime, ou em que condições foi cometido, a pena de morte em si não pode trazer de volta à vida a vítima infeliz. Em segundo lugar, tirar a vida de quem cometeu um crime não resolve nem impede que muitos outros crimes de natureza semelhante ocorram. Tirar a vida de um ser humano não é, em momento algum, justificável, seja pela lei, seja fora dela.

A morte é, por si só, uma coisa tremenda, quer seja para a vítima, quer para quem cometeu o crime, quer para o ser humano comum que parte em circunstâncias normais — seja por acidente, seja por guerra, seja por doença. A mudança tremenda chamada morte é, em si, tão vitalmente importante, particularmente do ponto de vista de nós deste lado, que vemos as reações dos indivíduos que chegam aqui.

Aqueles que partem de forma natural, para eles é talvez mais suave, mais fácil e mais feliz. Para aqueles que partem de repente, seja por acidente ou assassinato, é trágico e o impacto é tremendo, e muitas vezes ficam presos à Terra, e em muitos casos procuram apenas a companhia dos que ficaram, e nem sempre dos mais próximos e queridos.

Woods: Muito interessante.

Lord Birkett: Mas no caso daqueles cuja vida é tirada pela lei, o processo lento da lei, a atrocidade do ato em si de destruir uma vida de forma fria e premeditada, a preparação, a força mental tremenda que é gerada, não só pelo indivíduo, o assassino, mas por todos aqueles que, de certa forma, são afetados por isso — os da prisão, os guardas, o carrasco, as pessoas que leem sobre esses casos nos jornais. Ninguém fica livre da mancha, da atmosfera, deste assassinato premeditado pela lei. Não serve qualquer fim bom ou útil, cria condições terríveis, não só do nosso lado, mas também do vosso. Se pudessem ver o que eu tenho visto desde que aqui cheguei, as reações dessas pessoas que foram enforcadas, compreenderiam porque falo convosco desta forma.

Lord Birkett: Aqui, ao meu lado, estão duas almas cujas vidas foram tiradas desta forma, pela chamada "justiça" do país. E, ao olhar para trás, para as suas vidas infelizes, percebo que foram vítimas de uma paixão e de uma força mais fortes do que eles próprios. Não sugiro, nem por um momento, que isso os absolva de forma alguma do que aconteceu, mas se não formos capazes de ter compaixão, se não formos capazes de reconhecer dentro de nós mesmos que, sob certas condições como esta, pelas quais eles passaram, como podemos nós saber se também não nos teríamos encontrado no banco dos réus?

Estas duas almas, o mundo não pode considerar — e eu também não — que fossem inocentes. O que foi feito, foi feito pelo homem num momento de paixão. Num momento em que ele próprio não era realmente responsável pelos seus pensamentos ou pelas suas ações. Não foi um assassinato a sangue frio, calculado. Foi uma daquelas coisas que acontecem nas vidas humanas

todos os dias. Onde dois homens e uma mulher estão envolvidos num triângulo eterno.
A própria mulher, muita gente na altura achou que levou o jovem a cometer este ato terrível — que o incitou. De facto, nas suas cartas ela sugeria-lhe que tinha tentado livrar-se do marido. Mas não havia qualquer verdade nisso. Era tudo altamente romantizado.

Ela tentava segurar o homem que amava. Tentava provar-lhe que ele era, para ela, mais importante do que qualquer outra coisa. Mesmo que isso significasse sacrifício, estava disposta a arriscar, até a própria vida. Mas tudo isto era, em grande parte, apenas fantasia e, na realidade, a ideia de que ela tivesse qualquer intenção de se livrar do marido era totalmente infundada. Bywaters e Thompson foi um caso clássico, há muitos anos, que talvez recordem, e foi extremamente infeliz que o rapaz, Bywaters, tivesse guardado as cartas desta mulher. Quem leu essas cartas, quem estudou o caso, quem viu a mulher, como eu vi, no banco dos réus, saberia perfeitamente que se tratava de uma mulher que vivia muito mentalmente dentro de si própria. Romantizava tudo, criava, por assim dizer, toda uma aura de romance e paixão. Levava uma vida muito monótona, cinzenta, desinteressante...

Betty Greene: Foi neste ponto que a fita encravou e tivemos de desligar a máquina. No entanto, três semanas depois, a 19 de Abril de 1962, tivemos outra sessão com o médium, e Lord Birkenhead voltou a comunicar, como tinha prometido, e a gravação seguinte é realmente uma continuação da sua primeira mensagem.

19 de Abril de 1962

Lord Birkenhead: Houve dificuldades com as vossas máquinas. Sem dúvida, foi uma grande desilusão para vocês, e [isso] deu-me certamente a oportunidade, entretanto, de me familiarizar um pouco mais com este método particular de contacto com o vosso mundo e também de rever, até certo ponto, algumas das coisas de que queria falar convosco — não que tenha mudado de opinião, mas em alguns pontos que tenho de vos dizer. Estou bem consciente de que, em certos meios, isto não será muito bem aceite, mas isso é de esperar.
Há muito tempo, quando estava do vosso lado, escrevi um livro. Nesse livro registei as minhas impressões, as minhas conclusões, as minhas opiniões, relativamente a vários julgamentos famosos. Certamente esses julgamentos, tenho todas as razões para crer, foram muito bem conduzidos e muito justos, típicos da justiça britânica. Mas, desde que aqui estou, pude inteirar-me de mais factos, mais conhecimento relativamente a certos casos e, claro, tenho visto, como penso que vos disse da última vez, os efeitos sobre os indivíduos que são enviados para aqui através da...

..."justiça" é uma palavra que muitas vezes é mal utilizada e, na verdade, poder-se-ia dizer facilmente que a justiça em si é algo que raramente é justificado. Isto pode soar talvez estranho, porque não sugiro, nem por um momento, que os criminosos no vosso mundo fiquem sem castigo.
Percebo perfeitamente que, se assim fosse, a vida seria intolerável, e seria uma situação impossível para a maioria da humanidade. Mas, ao mesmo tempo, a justiça em si não resolve necessariamente o problema ou os problemas da sociedade. Muitas vezes, porque a interpretação da justiça nem sempre é correta, ou humana, ou sensata, ou espiritual, ou cristã. Quando o homem peca contra a sociedade, a sociedade fica ultrajada e defende-se imediatamente e, invariavelmente, em consequência, comete um crime, muitas vezes tão mau como o do criminoso, e por vezes ainda pior. Estou convencido de que, eventualmente, terão de vir muitas mudanças na lei penal, e a mais urgente, obviamente, é o fim de se tirar uma vida por via da lei. Seja pela corda do carrasco ou de qualquer outro método. A lei, tal como está hoje, é verdadeiramente um disparate. Não me lembro se foi o Gilbert que disse, numa das suas operetas, que a lei era um disparate.

Mas não há dúvida de que, neste aspeto particular, é mesmo um disparate, porque nada justifica tirar a vida — fora da lei ou dentro dela. Na verdade, poder-se-ia quase dizer que, por vezes, há mais justificação para tirar a vida fora da lei do que dentro dela, porque aquilo que é feito num momento de fúria, num acesso de raiva, aquilo que a pessoa comete nesse momento louco, quase insano — não digo que seja justificável, claro — mas há pelo menos alguma desculpa. Mas não há desculpa para o assassinato a sangue-frio, calculado, que, claro, é o que acontece quando a lei decide tirar uma vida.
Estas opiniões que agora tenho são completamente contrárias às opiniões que tinha quando estava do vosso lado, mas vi os efeitos deste lado, de almas enviadas para cá despreparadas, pessoas cujas mentes estão em tormento e tumulto, e algumas cujos pensamentos estão cheios de vingança e ódio e malícia, amargura, intolerância. Por outras palavras, as almas são muitas vezes enviadas para cá despreparadas, sem estarem prontas, e permanecem perto da Terra, presas, desejosas de se vingar da sociedade. E, na minha opinião, muitos destes crimes repetidos que vocês têm, são causados pela influência exercida por almas deste lado, presas à Terra, que se impõem sobre indivíduos no vosso mundo que, muitas vezes, já são mentalmente instáveis, levando-os a cometer o mesmo tipo de crime. Acho que, se a sociedade soubesse mais, muito mais, sobre o que acontece na morte, alteraria muitas coisas na sua estrutura.

Vemos os efeitos dos atos cometidos pelos homens na Terra, muitas vezes homens de boa vontade, homens que são cristãos nos seus princípios e carácter, em muitos casos homens e mulheres admiráveis. Mas tanta coisa é feita por ignorância, tal como o crime que é muitas vezes cometido pelo criminoso na tolice, na ignorância, num momento de raiva. E vemos a mesma coisa a ser cometida vezes sem conta pelo Estado, pela lei. Quando se pensa nas inúmeras milhares e milhares de almas que são enviadas para aqui antes do seu tempo, despreparadas, sem estarem prontas. Estas almas que são levadas a pegar em armas contra os seus irmãos, nos corações dos quais não há malícia, nem ódio, apenas aquilo que é incitado pelos governos e pela imprensa pública, que são enviados para "defender o país", como se diz.

São pequenas marionetas que não têm controlo, só têm de obedecer, são como instrumentos nas mãos de cirurgiões desajeitados. Estamos sempre conscientes deste lado da hipocrisia, da insensatez dos poucos que trazem as tragédias às vidas humanas, as misérias que entram no vosso mundo por causa daqueles que detêm o poder. O homem comum, o homem simples, o homem cujo único desejo é viver em paz com o vizinho no mundo, que só quer o seu pedaço de terra, o seu lar, criar os seus filhos em paz e tranquilidade. Ele é a marioneta, é o pobre pedaço de barro moldado por aqueles que assumem para si a responsabilidade de escultores, muitas vezes sem imaginação nem consideração, que não pensam em termos de paz.

Falo como falo porque sinto tão intensamente as injustiças da sociedade. Sinto tão intensamente os erros cometidos, muitas vezes em nome da justiça, e o que é ainda pior, da chamada perspetiva cristã e educação cristã. Lembro-me vezes sem conta dos ensinamentos simples de Cristo. Quando estavam prestes a apedrejar a mulher infeliz, "aquele que estiver sem pecado que atire a primeira pedra." E ninguém atirou pedra nenhuma.

Sei que estes problemas são problemas muito grandes, particularmente hoje no vosso mundo, que parece tornar-se cada vez mais cruel, cada vez mais cheio de ódio e intolerância, num mundo em que o medo predomina, e a juventude parece ter a mentalidade de: "vamos aproveitar hoje, porque quem sabe o que o amanhã trará."
E têm toda a razão, os jovens de hoje, em responder e dizer: "este é o mundo que vocês, nossos pais, criaram, podem culpar-nos por querermos aproveitar o hoje? Foram vocês que criaram o caos e a confusão, e não há certeza neste mundo incerto."

Sei que a juventude de hoje é muitas vezes criticada, e embora entenda os sentimentos da minha geração, não se pode culpar os jovens por terem pouca fé, pois que mundo é este em que se encontram hoje? Este estado de coisas caótico em que se encontram, cada dia mais perplexos, mais confusos, mais incertos, mais inseguros. Depois de duas guerras mundiais, encontram-se na mesma posição de antes, num mundo de medo e incerteza. O ódio gera vingança, a intolerância gera todas estas coisas que acontecem hoje no vosso mundo. Não há fé, não há confiança em parte alguma.

Têm essa terrível, terrível corrida às armas. Nações a medir forças umas contra as outras, usando essa riqueza não para o bem-estar da raça humana, mas para a destruição, e a desculpa é sempre que temos de estar preparados, caso contrário somos como uma casa sem proteção, e qualquer ladrão pode entrar e roubar os nossos bens.
Se ao menos se pudesse fazer-vos entender, no vosso mundo, que um dia, de alguma forma, uma nação — uma grande nação — terá de aprender a confiar e a ter fé. Se este estado de coisas continuar, todos sabemos qual será o resultado. Seja o que for que os políticos vos digam, podem ter a certeza de que, se esta corrida às armas continuar, o desfecho final é demasiado terrível para sequer imaginar.

Não há justiça, não há verdadeira justiça no vosso mundo. Hoje o Homem vive pelo medo, e, no fim, este medo irá destruí-lo. O Homem não tem fé. O Homem sente que, para se proteger, tem de matar — seja no tribunal, seja no mundo da política, ou até na religião. Vemos esta terrível semente em cada aspeto, cujo fim último é a destruição.

Temos aqueles que detêm o poder e que tirariam a vida de alguém, pensando que estão a fazer o certo e a proteger a sociedade. Se soubessem, não estão a proteger sociedade nenhuma. Há outras formas, melhores, mais sensatas, mais humanas, mais cristãs de defender a sociedade. Essas pessoas infelizes que muitas vezes, de qualquer forma, estão completamente insanas, que cometem assassinatos e assim por diante, poderiam ser postas a trabalhar de forma útil. Poderiam ser levadas a servir a sociedade e a ter a oportunidade de expiar e redimir-se. A sociedade não tem o direito de tirar essa vida.

E se pudessem ver os efeitos deste lado, como nós vemos, hesitariam em não mudar a lei como ela está. E depois temos o mesmo numa escala mais ampla, das nações a tirarem vidas por meio de regras organizadas e regulamentação, a regimentação de seres humanos, transformando-os em assassinos em massa.
Não será isto — não será isto ainda mais cruel, mais insano? Digo-vos que o tempo tem de chegar, e teria pensado que o poder e o medo de uma “guerra atómica” teriam feito a humanidade ganhar juízo, que os governos e as nações teriam visto a total futilidade de continuar assim — dia após dia.

Sei que as nações se reúnem, ou pelo menos os chefes de nações reúnem-se, e discutem todo este problema, mas nunca chegam a qualquer acordo. Não se encontra solução porque existe este medo terrível de que uma nação possa ser mais poderosa do que outra. E assim continuam a tentar ultrapassar a superioridade do outro. Mais dinheiro e armas são produzidos. A sociedade parece determinada a destruir a vida.

Quando estava do vosso lado, tive muitas oportunidades e vantagens que são dadas a poucos. Vi todos os aspetos que era possível visualizar e ver, de todos os tipos de humanidade — e, até certo ponto, aprendi com essas experiências. Mas percebo, agora que vejo tão claramente, que aprendi muito pouco.

Não acho que fosse um homem intolerante, mas percebo que poderia ter feito muito mais, e este é o lamento que brota do coração de praticamente todas as almas que chegam aqui. Olhando para trás, como teria feito isto ou aquilo de forma diferente, como teria agido de forma diferente numa determinada situação. Se ao menos tivesse sido um pouco mais atencioso, um pouco mais paciente, um pouco mais compreensivo, um pouco mais humano e, se quiserem, um pouco mais cristão.

As religiões, fundamentalmente, têm tanto em comum, mas as suas diferenças são muitas. Embora hoje, talvez, sejam um pouco mais polidas do que eram há séculos atrás, isso não altera o facto de que existe esta espécie de "corrida armamentista" num sentido diferente, mesmo entre os corpos religiosos.

Não há unidade, não há verdadeira irmandade cristã, nem verdadeira compreensão. A simplicidade dos ensinamentos — a realidade dos ensinamentos de Cristo — raramente existe entre aqueles que os pregam. Vemos Cristo crucificado deste lado a cada momento do vosso dia, por aqueles dentro da igreja e por aqueles fora dela, e há alguma desculpa para os de fora da Igreja, mas não há desculpa para os de dentro. E quanto mais alto se vai na hierarquia, mais evidente isso se torna.

Aqui e ali há almas sinceras, cristãos devotos que procuram e fazem a vontade de Deus. Mas há tantos em lugares de poder que, na minha opinião, são muito pouco cristãos. Que estado de coisas tão terrível é este, quando olhamos para o vosso mundo e vemos o coração dos homens. Quão pouco semelhantes a Cristo são por dentro. É incrível como são poucos. Quantas vezes vemos os Pilates entre eles!

Digo-vos, meus amigos, que as coisas que digo e o trabalho que tentam fazer serão muito impopulares. [Mas] consolem-se com o facto de que todos os grandes mestres, todos os grandes profetas, todos os que procuraram trazer a verdade ao mundo, todos os que procuraram fazer a vontade de Deus, verdadeiramente fazer a vontade de Deus, foram perseguidos. Cristo foi perseguido durante a sua vida, mas acreditem em mim, Cristo foi mais perseguido pelos seus seguidores desde então do que alguma vez foi em vida.
Este nosso grande país, esta Inglaterra, com a sua grande história, o seu grande passado, fez muito pelo bem-estar da raça humana. Como todas as grandes nações, teve os seus retrocessos e, possivelmente hoje, já não é considerada a grande nação que foi, mas isso não altera o facto de que, aqui neste país, há mais oportunidade, verdadeira oportunidade de progresso, do que em qualquer outro país do mundo. Sei que a Inglaterra cometeu erros no passado, e há muitas ofensas aos olhos de Deus. Mas, ainda assim, esta nação, este país fez muito, mas sinto que poderia fazer mais, muito mais, e sinto que tem uma oportunidade de ouro neste momento de dar o exemplo ao mundo, mas precisará de toda a fé possível para o fazer. Precisará de todo o apoio dos chamados cristãos, dos movimentos cristãos e da Igreja em particular, para o fazer.

Há algumas almas no vosso mundo, e são como sempre as pessoas comuns, que estão a tentar desesperadamente começar a fazer algo, a dar o exemplo. Mas, como sempre, são perseguidas pela lei, pelos estados, pela sociedade, são mal interpretadas — muitas vezes deliberadamente pela imprensa.
Mas digo-vos que este poderia ser um grande momento, se este país se mantivesse firme pela paz, no sentido mais verdadeiro possível. Já viram e sofreram demasiado com os efeitos da guerra, para alguma vez desejarem ou aceitarem outra, e digo-vos que esta é a oportunidade de dar o exemplo, de mostrar o caminho, de ter fé em Deus e na Sua vontade e propósito. Sei quão fácil é estar do lado do vizinho, porque é mais fácil estar com o rebanho, é sempre mais confortável estar com o rebanho.

Se ao menos fosse possível mostrar-vos que não há morte, apenas aquilo que parece ser. Nós vivemos, e constantemente tentamos inspirar-vos. Peço-vos, suplico-vos, imploro-vos, que façam tudo ao vosso alcance para trazer esta grande e gloriosa verdade da sobrevivência a toda a humanidade.
Vivem num mundo de dúvida. Vivem num mundo que falhou miseravelmente, mas com esta Verdade, com este conhecimento, com esta consciência, com esta tremenda unidade de espírito que tentamos implantar em vocês, com esta barreira chamada morte derrubada, podemos verdadeiramente vencer os males dentro do Homem. Podemos pôr de novo os seus pés no caminho do progresso espiritual, podemos voltar atrás, por assim dizer, dos males da guerra, da intolerância, da amargura. Podemos implantar no Homem a verdade, e essa verdade torná-lo-á livre, e ele aprenderá a viver e a conviver em paz e harmonia uns com os outros, todas as nações sob um só Deus.

As Igrejas têm uma grande responsabilidade. Falharam tão completamente no passado, e sabem-no nos seus corações, embora não o admitam. Pois, se verdadeiramente o Cristianismo tivesse imperado, muitos dos males do vosso mundo teriam desaparecido e, certamente, a guerra seria coisa do passado. A Igreja não deve apoiar a guerra, a Igreja deve isso à humanidade, pois são os pastores e a humanidade são as ovelhas. Se os pastores não guiam bem, então as ovelhas afastam-se do rebanho — e, de facto, muitas se afastaram.

Digo-vos, meus amigos, que nesta grande e gloriosa verdade da ressurreição de cada alma humana reside a resposta para os problemas do mundo. Quando o Homem perceber que a sua vida não é o fim, mas é apenas, por assim dizer, a sala de aula onde as suas lições devem ser aprendidas, então certamente, quando as pessoas perceberem a importância da sua vida na sua verdadeira perspetiva, que é uma escola preparatória para o que está para vir — então pensarão mais profundamente, mais seguramente e agirão em conformidade.

Vimos para vos ajudar, vimos para vos guiar, para vos elevar, para vos inspirar e, se possível, em todos os nossos esforços, trazer-vos a paz que tanto desejam. Essa paz que pode vir se nos ajudarem a torná-la possível.
Há muitas coisas de que eu, e outros, gostaríamos de falar convosco, mas devemos ser pacientes, devemos fazer o que podemos, o melhor que podemos, nas circunstâncias que nos são dadas. Eu próprio estou grato a vocês, porque sei que estão desesperadamente a tentar ajudar outros, a abrir-lhes os olhos para que vejam essa luz que vem das esferas, que os guiará suavemente, mas seguramente, para fora da escuridão.

E neste vosso mundo de trevas hoje, como precisa desesperadamente deste vislumbre de luz. Vocês, meus amigos, têm uma grande responsabilidade sobre os ombros, mas sei que não podem falhar, porque esse trabalho que fazem é muito maior do que vocês, pois é o trabalho de Deus. Haverá quem tente convencer-vos do contrário. Dirão que não é assim, que não é verdade, ou se for, que é obra do Diabo, "porque o que eles dizem não está de acordo connosco, e nós somos da Igreja, nós é que sabemos a verdade, nós é que sabemos!"

Tentarão convencer-vos do contrário, porque não dizemos necessariamente sempre o que eles gostariam que disséssemos, mas não vamos dizer meias-verdades; não vamos mentir para agradar a alguns. Estamos aqui para falar a verdade e, onde virmos quem falha, não teremos medo de denunciar, mas fazê-lo-emos com toda a bondade, com toda a doçura da humildade, porque amamos todos os filhos de Deus, independentemente de quem sejam, ou da sua posição, ou da falta dela. Só nos importa a unificação da raça humana, a harmonização das nações e dos povos e trazer, verdadeiramente ao mundo, os ensinamentos de Cristo — seguir os seus passos e procurar cumprir a sua obra. E, portanto, se virmos erro, apontá-lo-emos, e onde virmos que há algo a louvar, louvá-lo-emos.

Meus amigos, sigam em força e não tenham dúvidas de que estão a ser ajudados, guiados e abençoados em todos os vossos esforços. Não sintam, como por vezes devem sentir, que a tarefa é demasiado imensa, demasiado impossível, porque o pouco que vos parece que fazem, espalha-se. E outros juntar-se-ão e outros farão o mesmo que vocês, fazendo os mesmos esforços. Ficarão espantados com a forma como o vosso trabalho se expandirá e será abençoado em consequência.
Voltarei para falar convosco noutra ocasião.

Greene:
Por favor, por favor — antes de ir, poderia pôr o seu nome na gravação para nós?

Birkenhead:
Diga apenas que sou Birkenhead. Fui, em tempos, Chanceler de Inglaterra e isso já foi há muito tempo. Adeus.

GEORGE WILMOT

Gravado: 6 de Dezembro de 1965
Esta é a voz de George Wilmot, que se descreve como um negociante de trapos e ferro-velho, casado duas vezes, que tinha mais carinho pelo seu cavalo do que por qualquer uma das suas duas mulheres.
George explica quão satisfeito, mas surpreendido, ficou ao descobrir que a sua égua favorita, a "velha Jenny", sobreviveu para o saudar no outro mundo…
Presentes: Leslie Flint, George Woods e Betty Greene
Comunicadores espirituais: George Wilmot e Dr. Charles Marshall

Wilmot: [Já ouvi falar disto] antes.
Greene: Ouviu?
Wilmot: Sim, sobre o George e o problema dele. Ele tenta fazer demais, não é?
Greene: Sim.
Wilmot: Ele não é nenhum bebé, sabem? Quer dizer, tens o quê, uns 70 e tal, 71, não é George?
Woods: Vou fazer 72 na próxima primavera.
Wilmot: Então tens 71 — 72 no próximo aniversário. Bem, considerando o que passaste o ano passado, hã! Eu bem pensei que estarias mais do que contente por abrandar o ritmo.
Greene: Mmm. Quem é o seu amigo?
Wilmot: Hã?
Greene: Quem é você?
Wilmot: Oh, desculpe. O meu nome é… o meu nome é Wilmot, George Wilmot.
Greene: George Wilmot?
Wilmot: Sim. Já andei por aqui várias vezes a ouvir as conversas e pensei que um dia podia ter uma oportunidade, sabem? Nunca se sabe a sorte que se tem. Mas aquele Dr. Marshall, ele é mesmo um cavalheiro, sabem, é mesmo. Ele percebe do que fala, percebe mesmo.
Greene: Ah, claro que percebe, sim.
Wilmot: Ele percebe mesmo do que fala.
Greene: Sr. Wilmot, pode contar-nos um pouco sobre si…
Wilmot: Eu era negociante de trapos e ferro-velho.
Greene: Ah, era?
Wilmot: Sim.
Greene: E como foi que partiu…
Wilmot: Eu costumava… eu andava de porta em porta a recolher o que as pessoas tinham, sabem, e fazia algum dinheiro com isso. É… ah! Ia remendando a vida. Suponho que se podia chamar isso de sustento. De vez em quando tinha um bom dia, conseguia algo mesmo valioso e

ganhava talvez uma nota de cinco libras, sabem. Mas nunca tive tanta sorte como alguns dizem que têm. Claro que muito disso é conversa, penso eu. Mas enfim, estou bem feliz por ter saído do vosso mundo. Já tive que chegue, de uma forma ou de outra. Tive uma vida bastante dura, de modo geral, embora, à minha maneira, me tenha divertido. Tive um pouco de diversão, às vezes. Tive duas mulheres: nenhuma delas valia grande coisa. Mas pronto, talvez fosse tanto culpa minha como delas, quem sabe? Mas fui azarado, suponho.
Greene: Sr. Wilmot, como foi que partiu? O que aconteceu?
Wilmot: Oh, apanhei uma pneumonia num inverno rigoroso, a andar por aí, sabem. Apanhei uma tosse e os problemas no peito começaram. E antes de me dar conta, estava no hospital local, sabem. Não estive lá mais do que, oh... suponho que uma semana. Ah! Já estava demasiado avançado, sabem. Sempre tive uma tosse, o meu peito sempre foi um ponto fraco, sabem. Mas, oh Deus, oh Deus, sabem, posso fazer-vos rir mas é a mais pura verdade.
Olhem, eu sempre fui muito dado a pessoas. Sempre me interessei pelas pessoas. Aliás, acho que posso dizer isto com honestidade: muitas vezes as pessoas vinham fazer-me perguntas a sério quando estavam em apuros. Eu ficava sempre feliz por ajudar, gostava muito de gente. Mas o curioso foi — e de certa forma nem fiquei surpreendido, porque gostava tanto dela — que a minha velha Jenny foi a primeira que vi quando cheguei aqui.
Greene: Ah, sim?
Wilmot: Sim. Ora, isso deixa-vos a pensar, mas a Jenny não era nenhuma das minhas mulheres, graças a Deus, era o meu cavalo.
Greene: A sério?
Wilmot: Sim, ela... a velha Jenny puxava a minha carroça nos meus primeiros anos, nos anos 30, sabem. Fiquei mesmo em baixo quando a pobre Jenny caiu e morreu, sabem. Ela era tão próxima de mim como qualquer mulher podia ser, na verdade ainda mais. Tinha grande carinho e consideração pela Jenny e tenho a certeza de que ela entendia tudo o que eu lhe dizia. Era das mais espertas que podia haver. Era uma "bela peça". Não era grande coisa de se ver, suponho, para um cavalo, claro, mas era mesmo uma bela velha égua, era.
E a primeira coisa que me lembro quando acordei aqui foi estar num — bem, suponho que se pode chamar um campo. Parecia que estava deitado, sentado, debaixo de uma árvore e lembro-me, assim, de acordar. E vi este cavalo a vir na minha direção e lá estava a minha velha Jenny. Caramba! Parecia mais nova, claro, e estava... oh, estava tão feliz, tão contente, dava para sentir. Não sei como explicar isto. Mas era quase como se ela falasse comigo. Era extraordinário. Não ouvi voz nenhuma e não se espera ouvir um cavalo falar. Mas era de alguma forma mental, suponho, agora percebo. Deve ter sido como se ela estivesse a falar comigo e a dar-me as boas-vindas e veio encostar-se a mim e lamber-me a cara. Meu Deus, nunca esquecerei isto enquanto viver. Fiquei tão emocionado, tão excitado, acariciava-a, fazia-lhe festas. E então foi como se eu ouvisse uma voz atrás de mim e virei-me, e lá estava um tipo bem-apessoado. Devia ter uns 1,90m, alto, cabelo claro, jovem. E era um tipo tão simpático.

E ele diz: "Vim tomar conta de ti."
Então eu digo: "Tomar conta de mim? Do que é que estás a falar?"
Sabem, fiquei tão apanhado de surpresa com a Jenny e o resto.
Ele diz: "Sim, vou tomar conta de ti. Fui designado para ti."
Eu disse: "Como assim, designado para mim? Sempre fui capaz de tomar conta de mim mesmo. Sempre tive de ser, de qualquer forma."
Ele diz: "Não, tu não percebes. Sabes que estás morto."
Claro que, por um momento, aquilo caiu-me como um raio, sabem. E de repente fez-se luz. Claro, a Jenny já tinha morrido há uns anos e eu tinha arranjado outro cavalito depois dela, sabem. Um cavalo simpático, mas nunca como a Jenny.
Então ele diz: "Estás morto."
E eu pensei: "Bem, não sei o que fazer disto tudo."
Depois pareceu que ele conseguiu mostrar-me algo. Não sei se foi ele que me mostrou,

suponho que sim. Mas vi-me deitado numa cama, rígido e gelado, sabem, e era como se… bem, como se eu estivesse a ver o meu próprio corpo. E, no entanto, eu não estava lá e, ao mesmo tempo, estava. E vi porem aquele corpo numa maca… tirarem-no da cama, porem-no numa maca e levarem-no. E eu ia a caminhar atrás daquele corpo a ser levado e depois tudo desapareceu e eu estava de volta, onde estava, com aquele homem.
E depois soube que o nome dele era Miguel. E ele disse: "O meu nome é Miguel."
Então eu disse: "Ah, sim?"
Ele disse: "Percebeste que estás morto?"
E eu disse: "Bem, não sei o que pensar."
Ele disse: "Bem, acabaste de ter essa perceção, não foi? Essa visão, digamos, do teu corpo, não foi?"
Ele disse: "Sabes que morreste naquele hospital."
Então eu disse: "Bem, lembro-me agora de estar muito doente no hospital, mas como posso estar morto se estou aqui a falar contigo e tenho a Jenny?"
Ele disse: "Bem, não é a Jenny, por si só, uma prova de que estás morto?"
Então eu disse: "Bem, parece muito estranho mas, por outro lado, se isto é o Céu, se é isso, não se espera encontrar cavalos lá. Eles não têm alma, pois não?"
Então ele disse: "Ah, é isso que vos dizem quando estão na Terra, que eles não têm qualquer outra vida, só a vida material", como vocês lhe chamam.
Ele disse: "Esse cavalo, por causa da proximidade contigo e do amor e carinho que lhe deste, ganhou algo que lhe permite prolongar (como ele disse) o tempo de vida."
Eu não percebi bem esta coisa toda, sabem: "prolongar o tempo de vida" e isso tudo.
Ele disse: "Mas enquanto tiveres amor, carinho e consideração por esse cavalo, ele terá uma existência. Os seres humanos não conhecem a sua responsabilidade para com os animais. Desde que estou aqui, que são centenas de anos…"
Claro que olhei para ele quando disse isso. Pensei: "Bem, isto é um bocado demais," sabem, "com este ar jovem, bem-parecido — centenas de anos?" Pensei… bem… enfim pensei, "Mais vale não interromper este senhor," sabem. Afinal de contas, sentia-me um bocado perdido e achei melhor portar-me bem.

Então ele disse: "Oh, o tempo não é nada, percebes?"
E eu disse: "Pelos vistos, não é nada, camarada."
E ele disse: "Estou aqui há centenas de anos, e parte da minha responsabilidade e do meu trabalho (como ele disse) é ver e cuidar dos animais. Vou muitas vezes lá abaixo às minas."

Fiquei a pensar o que raio queria ele dizer com minas. Pensei que estava a falar do inferno ou algo assim.
Então ele disse: "Não, minas onde têm os animais lá em baixo. Eu trato deles e tento ajudá-los, mas não há muito que se possa fazer. Muitos são muito maltratados, sabes. Aqui deste lado temos grandes planícies" — foi assim que ele disse — "e lugares onde os animais se juntam e onde há amor e carinho, e onde podem ser cuidados.

As pessoas têm esta ideia estúpida de que, por serem seres humanos, são os únicos que têm direito a uma existência futura, se é que existe uma. Claro que muita gente na Terra nem sequer acredita que haja uma. Depois tens os religiosos, que acham que deve haver e há, mas também não fazem grande ideia do que é."

Claro que ele estava a falar muito, sabes, e eu estava a ficar muito intrigado. E enquanto ele falava eu estava meio a ouvir e meio a pensar em mim próprio. No que eu ia fazer, sabes, estando morto e tudo o resto. Era como se ele estivesse a ilustrar coisas e eu tentasse perceber, mas ao mesmo tempo não conseguia parar de pensar em mim e nas minhas preocupações.

“De qualquer maneira”, diz ele, “não queres ficar aqui sentado, vamos andar.”
Então eu disse: “Está bem.”
Pensei: “Bem, isto é tão esquisito.”
Lá fui eu a caminhar ao lado dele e caminhámos por aquele campo até ao que parecia ser uma espécie de caminho através de um portãozinho.

Era mesmo… a sério, era como se estivesses no campo na Terra, sabes. E enquanto caminhava, o cavalo seguia-me. Pensei: “Bem, não sei.” Parecia tão estranho o cavalo a seguir-me e, no entanto, eu gostava tanto dele e não havia dúvida nenhuma. Era o mesmo cavalo que eu tinha tido antes, mas pronto, pensei: “Bem, não vale a pena preocupares-te muito.”

Nunca fui muito dado a preocupações. Então lá fui eu a caminhar ao lado dele, caminhámos e caminhámos, pelo que me pareceu, e tudo era tão bonito e agradável. Havia flores a crescer à beira do caminho e havia aquela estrada muito bonita: não era muito larga, era bem estreita, na verdade. Suponho que passasse lá uma carroça e um cavalo. E era difícil passarem dois ao mesmo tempo. De qualquer maneira, entrámos num sítio campestre e passámos por umas casinhas pequenas e eu via pessoas, às vezes à porta, outras vezes à janela, e todos pareciam tão radiantes e ainda assim muito normais, muito naturais. Às vezes acenavam e às vezes as pessoas chamavam, e eram todos brancos. Não vi nenhuma pessoa de cor.

E pensei comigo: “Isto deve ser, se é o que ele diz que é — o Céu e tal — deve ser um Céu só para brancos.” Comecei a pensar em pessoas de cor. Não sei porquê estava a pensar em pessoas de cor e pensei: “Bem, não sei, parecem todos tão normais e naturais aqui, mas não se vê mais ninguém, só brancos.”

E fiquei a pensar para mim. Claro que não lhe disse nada, mas ele deve ter sido capaz de ler os meus pensamentos.
“Ah”, diz ele, “estás a perguntar-te porque é que estas pessoas são todas brancas. Também há pessoas de cor. Todas as raças, todas as nações. Mas claro que é natural as pessoas quererem viver numa comunidade ou numa condição de vida que seja mais adequada para elas. Quero dizer, gostam de, er… talvez uma pessoa goste de uma casinha e fica feliz assim, e tem isso; enquanto talvez uma pessoa de cor, dependendo da sua experiência de vida e tal, não ficaria feliz naquilo que chamam de ambiente de homem branco. Mas vais ver que há pessoas de todas as nações, todos os tipos, aqui. E vivem numa comunidade ou condição de vida que lhes é mais adequada, onde ficam mais felizes. Mas gradualmente mudam os seus pensamentos e as suas perspetivas, sejam brancos ou de cor, e depois encontram comunidades onde se integr… seja o que for: juntam-se, percebes.”
Então pensei: “Não sei, este tipo parece saber todas as respostas. Parece até conseguir ler os meus pensamentos, por isso vou ter de ter cuidado com o que penso.”
Ele olhou para mim enquanto eu pensava isto e sorriu e disse: “Não precisas de pensar assim. Sê tu mesmo. Eu compreendo perfeitamente o que quer que penses.”
E eu pensei: “Bem, não sei. Ele é um tipo porreiro, mas é melhor ter cuidado aqui.” Mas ele parecia ter muito sentido de humor, o que me pareceu estranho porque eu sempre pensei que as pessoas religiosas fossem muito altivas e assim… bem, meio rígidas, sabes, difíceis de lidar e bastante religiosas. Mas ele parecia bastante normal, bastante natural. Fiquei bem à vontade com ele, na verdade.
De qualquer maneira, continuámos a caminhar e, bem, fomos por um desvio e depois virámos à direita, passando por um monte de choupos de cada lado da estrada: muito bonito.
Então pensei: “Estes choupos lembram-me qualquer coisa, mas não sei o quê.” E de repente caiu-me a ficha! Claro, lembrei-me. E lembrei-me daquela estrada. Era exatamente igual à estrada em França, quando estive lá na guerra de 14-18. Aqueles choupos grandes e altos de

cada lado. E eu sabia sem — antes mesmo de lá chegar — que no final disto haveria uma casa muito antiga cheia de gente que eu tinha conhecido.

Não sei porque é que pensei nisto quando, afinal de contas, era tudo uma experiência nova, mas se fosse como eu achava que ia ser, seriam aquelas pessoas que foram tão boas para mim quando estive em França, alojado lá. De qualquer maneira, aconteceu mesmo assim e lá estavam a mãe e a filha, e o pai. Mas eles vieram e ficaram à entrada do portão, a acenar para mim como doidos.
E pensei para mim: "Bem, não sei." Essas pessoas, essas pessoas eu acredito que devem ter morrido, porque ouvi mais tarde que aquele lugar tinha sido completamente bombardeado, sabes, durante a guerra, e não conseguia tirar isso da cabeça. Pensei, bem, essas pessoas — tinha um pressentimento de que já estavam mortas de qualquer forma.

E pensei: "Bem, eu estou morto e supostamente estou num mundo de mortos, por isso essas pessoas devem estar mortas."
Tudo isto passava-se na minha cabeça e depois olhei bem para eles, sabes, e pude ver que o marido e a mulher pareciam jovens. Eram as mesmas pessoas mas pareciam mais jovens. Então a minha mente foi para um quadro, dois quadros que eles costumavam ter sobre um aparador. Um era dela e outro dele, quando eram jovens. Oh, suponho que teriam então uns vinte e tal anos e pareciam exatamente como pareciam naqueles retratos que eles tinham. Ela parecia exatamente igual; ele também. E a filha, ela parecia tão jovem como a mãe. A mãe, sabes, parecia da mesma idade.
Claro que eu era muito chegado a essa filha, e na verdade, se as coisas tivessem corrido bem, eu teria — bem, se tivesse tido oportunidade, teria pedido a sua mão em casamento. Claro que eu não era casado na altura, percebes. E sempre pensei — claro que agora sei — mas sempre pensei quando estava na Terra — que foi outra razão, talvez, porque os meus dois casamentos não deram certo — eu carregava sempre a memória dessa rapariga no coração, sabes. Sempre pensei o quão querida ela era, muito doce e bondosa, e sempre senti que ela era a certa para mim, embora mal falássemos uma palavra da língua um do outro, quer dizer, mas dávamo-nos bem.

Eles eram sempre muito bons para mim. Mas ouvi, como te disse, que toda aquela área foi muito bombardeada e, sabes, acho — não sabia ao certo, atenção, se tinham morrido, e agora percebo, claro, que deviam ter morrido.
De qualquer maneira, estavam a conversar e o engraçado foi que, pela primeira vez na minha vida, consegui entender a língua deles. Sabes, quando estava na Terra, não conseguia. Falavam só um bocadinho de inglês, pelo menos o velho falava, e a mãe sabia dizer umas palavras, mas ali estavam a conversar comigo ou pelo menos assim parecia e eu entendia tudo perfeitamente. E estávamos a ter uma conversa e eu a responder, e enfim, entrei naquele sítio e era exatamente igual.
A sala era igual. As cadeiras, o aparador estava lá, os dois quadros estavam lá, o candeeiro estava no canto onde sempre me lembro dele. Oh, foi... bem, foi fantástico.

E lá estava eu. Bem, não conseguia acreditar naquilo tudo.
Então o rapaz loiro disse-me: "Bem, agora vou deixar-te com os teus amigos mas voltarei daqui a pouco e falaremos sobre o que vamos fazer e o que gostarias de fazer. Afinal é importante que faças o que queres fazer. Não sou eu que te vou dizer o que deves fazer porque, de qualquer forma, não posso dizer-te o que tens de fazer."

Ninguém aqui, aparentemente, te diz o que tens de fazer. Podem dar sugestões e ideias mas toda a gente parece ser tão livre e descontraída e capaz de fazer o que quer, dentro do razoável, percebes, e enfim, eu estava bem contente, suponho. Claro que agora percebo que fui levado

até aquelas pessoas porque… bem, ele sabia que eu tinha aquele carinho profundo e consideração pela família e pela rapariga e suponho que ele sabia que eu ficaria mais feliz com eles. Percebi depois, claro, que ele tinha razão.
De qualquer maneira, fiquei com eles mas aquilo pareceu-me tão estranho, sabes, e lembro-me sempre de outra coisa: era difícil, claro, naquela altura, por causa da comida e mais não sei o quê, digo na Terra, e eles faziam sempre uma sopa. Não sei bem como a faziam porque as coisas eram difíceis mas suponho, claro, sendo de quinta e tudo isso ou pelo menos propriedade rural, eles arranjavam sempre qualquer coisa que, talvez, não se arranjasse noutro sítio. Enfim, não sei porquê, nem sequer queria, suponho, de certa forma e ainda assim, de forma subconsciente, suponho, associei aquilo a eles e disseram: "Oh, temos algo bom para ti saboreares."

E eu pensei: "Comida? Bem, não se come comida no Céu, pois não?" Então eles riram, sabes, e enfim puseram esta grande taça de sopa à minha frente e, honestamente, era como se eu estivesse de novo na Terra, de volta ao passado, sabes, e estava a comer aquela sopa e gostei mesmo, e também o fumo. O velho tinha o seu cachimbo. Claro que já não era velho agora mas era como nos velhos tempos e, no entanto, havia uma diferença. Claro, isto continuou… Fiquei lá, não sei quanto tempo. Não tenho ideia de tempo para nós e depois o rapaz louro voltou outra vez.

Então ele disse: "Bem, como te sentes?"

E eu disse: "Sinto-me ótimo. Nunca me senti melhor. O que me espanta é a naturalidade de tudo: poder comer, beber, fumar e tudo o mais." Ele olhou para mim e riu-se.
Ele disse: "Bem, isso é apenas porque tu pensas, e outras pessoas como tu pensam, que essas coisas são necessárias. Mas vais perceber depressa que não são. E quando o desejo se for, a força do pensamento ou lá o que for, vai desaparecer com ele, e essas coisas deixarão de existir para ti. As coisas só existem para ti até ao momento em que decides que já não são necessárias. Encontraste o teu cavalo bem tratado?"

Claro que isso fez-me lembrar logo dessa parte.
Eu disse: "Oh, sim. Já fui ver. Eles têm uma cavalariça lá atrás e o meu cavalo está bem alimentado, bem tratado e sai todos os dias para os campos."
Ele disse: "Ah, então estás contente com isso. Estás contente aqui."
E eu disse: "Oh, sim. Não tenho grande vontade de ir para outro lado. Estou muito contente. Mas estou um bocado curioso."
Ele disse: "Curioso com o quê?"
E eu disse: "Com as minhas duas mulheres: a Emmy e a Liz."

Então ele disse: "Oh. Queres ir vê-las?"
E eu disse: "Bem, nós não nos dávamos lá muito bem, sabes, e a Liz arranjou outro tipo, sabes."
Então disse: "Não, não quero."
Ele disse: "Acredito que gostavas de saber o que lhes aconteceu."
E eu disse: "Bem, sim e não. Não quero encontrá-las."
E ele disse: "Não tens de as encontrar se não quiseres. Mas podes ir vê-las, mas elas não te verão."
Pensei: "Bem, isto é um bocado demais."
Ele disse: "Então, queres ir vê-las?"
E eu disse: "Está bem."

Claro que eu nem sabia, porque tinha perdido o contacto, mas sabes, eu segui o meu caminho e elas foram à vida delas com os seus interesses e casos, por isso disse: "Não sei se estão vivas ou

mortas."
Ele disse: "Bem, na verdade ambas estão vivas mas são muito velhas agora e uma vive no campo e a outra vive em Londres."
E eu disse: "Ah. Acho que não vale a pena."
Ele disse: "Olha, acho que devias."
E eu disse: "Porquê? Nunca nos demos bem. Não sinto grande vontade."
Ele disse: "Acho que devias porque uma delas vai passar para aqui dentro de... bem, muito pouco tempo e acho que isso ajudaria."

Eu não via como é que eu a podia ajudar, porque nunca nos demos bem, mas enfim, para resumir, fui com ele. É engraçado isso, porque quando se fala de ir com alguém deste lado... Claro que não se apanha um comboio, nem autocarro, não há autocarros Green Line nem nada disso, sabes, por isso eu disse: "Então como é que vamos?"
"Oh", disse ele, "Vamos. Basta relaxares completamente. Não penses em nada. Relaxa completamente e deixa comigo."

Eu não sabia bem o que fazer.
Ele disse: "Oh, basta fechares os olhos. Não penses em nada."
E antes de me aperceber, era como se eu tivesse sido, não sei, transportado, suponho, como numa pantomima, sabes; aqueles cenários de transformação.
Enfim, resumindo, dei por mim num bairro... a andar por uma rua, pelo menos parecia que estava a andar por uma rua. Era um sítio muito antigo, muitas casas todas parecidas. E encontrei-me numa divisão, uma casa vitoriana mesmo à moda antiga, e lá estava a minha velha deitada numa cama de ferro. Oh, estava mesmo com mau aspeto! Suponho que não devia ter pensado isto.

Pensei: "Meu Deus, fui poupado a isto ou quê." Sabes. Pensei: "Bem, é feio pensar assim, mas ela nunca foi grande coisa de bonita."
Mas enfim, ela tinha um ar horrível e eu pensei: "Oh, valha-me Deus!"
Então este tipo, o Michael, diz: "Sabes que ela vem para aqui em breve, não sabes?"
E eu disse: "Já me tinhas dito isso."
E ele disse: "Duvido que ela te reconheça. Duvido que te veja. Claro que é muito raro eles verem-nos. Estão completamente cegos para nós por algum motivo; em parte porque não entendem que há possibilidade disto, comunicação e tal. Mas fica aí ao pé da cama, sim, e concentra-te nela."

Então eu disse: "Mas porquê? Nem estou assim tão interessado."
Ele disse: "Olha, tens de perceber que mesmo que não te dês com as pessoas, e não gostes particularmente delas, de certa forma tens um dever a cumprir, e isso vai ajudá-la."
Então eu disse: "Está bem."
Então fiquei ali como ele disse. E de repente vi-a a mudar de cor — é a única forma que posso pôr isto. Parecia que a cor voltava-lhe às bochechas, os olhos pareciam mais vivos e ela estava tão diferente. E ouvi-a a chamar o meu nome, percebes. Fez-me sentir estranho por dentro, digo-te. Senti-me um verdadeiro palerma, ali parado assim.
E depois ela estendeu as mãos e de repente vi que tinha mudado, sabes. Algo tinha acontecido. E havia uma luz à volta dela. Oh, uma luz brilhante. E depois vi outras pessoas a entrar na divisão, a ficar à volta dela. Oh, e vi uma ou duas dessas pessoas que, embora eu não fosse propriamente, como se diz, do mesmo comprimento de onda ou lá como se chama, eu via-as bem e reconheci dois deles como sendo a mãe e o pai dela. E, oh, parecia que ela flutuava — é a única forma de dizer — como se flutuasse acima do corpo e viesse para uma espécie de... bem, como se se levantasse direita, assim. E na verdade parece parvo agora, mas eu afastei-me para trás: pensei que ela ia cair em cima de mim.

E o Michael sussurrou-me: "Ela está a sair do corpo agora. Vai ficar bem. Vão levá-la, percebes. São os pais dela, e aquelas outras pessoas são amigos que vieram ajudar. Quis que viesses porque, de certa forma, ajudaste-a. Ainda não percebes quanto a ajudaste."

Então eu disse: "Bem, é muito estranho. Ela está aqui sozinha."
E ele disse: "Sim, evidentemente tem vivido sozinha há muitos anos, e ninguém se importa muito com ela, e as outras pessoas na casa nem sabem que ela está doente na cama. Vão encontrá-la morta na cama, provavelmente durante o dia, ou talvez amanhã. Mas isso não é tão importante. É ajudá-la num momento difícil. Ela teve uma vida dura, sabes, desde... bem, desde que a conheceste. O homem com quem foi viver abandonou-a e... bem, foi de mal a pior. Precisa de ajuda e embora não percebas, ela tinha muito carinho por ti, à maneira dela."
Então eu disse: "Bem, eu não diria isso, pelo comportamento dela."
Ele disse: "Olha, não deves pensar assim."

E, oh, ele estava a dar-me conselhos, a dizer-me isto e aquilo. Enfim, foi tudo muito interessante e ao mesmo tempo eu pensei: "Bem, se calhar devia tentar fazer alguma coisa mas o que posso eu fazer?" Quer dizer, eu próprio era novo nisto tudo.
"Enfim," disse ele, "agora quero que vás ver a tua outra mulher."
"Oh valha-me Deus," eu disse. "Temos mesmo de ir?"
Ele disse: "Sim, anda lá."

Então a próxima coisa que eu soube foi que estava num pub de campo, pelo menos era mesmo um pub, parecia uma estalagem ou assim: mesmo um sítio rústico. E lá estava ela. Raios me partam, devias ter visto! Pensarias como eu pensei cá para dentro: "Olha do que fui poupado," sabes. Ela estava horrível. O cabelo todo pintado, a cor certa do cabelo dela, quando era jovem, era assim ruivo. Bem, obviamente tinha ficado grisalha e pintara-o de vermelho. Raios me partam, parecia um espantalho! Estava sentada ali a virar o gin, sabes. Parecia mesmo uma desgraçada.
Ele disse: "Olha para o estado dela." E depois o Michael disse-me: "Temos de tentar ajudá-la. Está cada vez pior e está mesmo num estado chocante."
E eu disse: "Bem, não sei o que podemos fazer por ela. Na verdade, francamente... a bebida foi... eu sabia que a bebida ia ser a ruína dela. Ela bebia que se fartava."
Ele disse: "Pois, mas mesmo assim, temos de tentar ajudá-la."
E eu disse: "Bem, não sei o que posso fazer. Tentei o meu melhor quando estava na Terra, mas não a podia aturar durante tanto tempo. Tive de fazer alguma coisa."
Ele disse: "Não me interessa o passado. O que me interessa é o futuro. Temos de tentar salvá-la. Tentar ajudá-la," percebes.
E eu disse: "Oh bem, não sei. O que posso eu fazer?"
Ele disse: "Podes. O que quero que faças é que fiques com ela."
Eu disse: "O quê?! Estás doido, pá? Sabes, eu não quero ficar com ela. Estou feliz onde estou, com os meus amigos franceses e, sabes, não quero voltar para..."
Ele disse: "Olha, quero que faças uma coisa por mim. Quero que fiques com ela umas semanas e tentes concentrar o teu pensamento para que ela se torne diferente e as coisas mudem, sabes, para que ela pense de forma diferente e aja de forma diferente."

Pensei: "Bem, que grande parvo. Eu? Não, não conseguia fazer isso."
Ele disse: "Olha, é certo que não vale a pena tentares se não quiseres e se tiveres esse pensamento negativo (como ele disse) não sairá nada de bom disso. Mas podias ajudá-la porque... bem, provavelmente és a única pessoa que a pode ajudar. Ainda não estás há muito tempo deste lado. Estás ainda próximo o suficiente da Terra para conseguires sintonizar-te (como ele disse) com ela e ajudá-la com os pensamentos dela."

Então eu disse: "Bem, não sei o que podia fazer."
Ele disse: "Tenta, homem, tenta."
Então pensei: "Está bem, tento tudo pelo menos uma vez", mas não estava nada contente com isso.
Eu disse: "E os meus amigos franceses? Vão pensar que os abandonei."
Ele disse: "Eles compreendem. Eles sabem. Sabem que vens aqui fazer um trabalho."
Eu disse: "Eu? Fazer um trabalho? Com ela?"
Então ele disse: "Sim, tens de fazer um trabalho com ela porque é o teu dever."
Eu disse: "Dever? Eu não tenho dever nenhum."
Ele disse: "Vais ver que tens."

De qualquer forma, fiquei com ela durante… bem, não sei, deviam ter sido umas semanas e… foi… não gostei nada. Noite após noite ali sentada naquele bar, a virar copos. A meter-se com tipos, não que alguém quisesse realmente alguma coisa com ela. Quer dizer, ela era feia como… sei lá o quê. E tinha um aspeto… não sei… aquela maquilhagem toda e porcaria que ela punha na cara, sabes. Mas, não sei, ao princípio parecia que não conseguia fazer nada por ela, até que um dia ela pensou que teve um sonho e pensou que me viu num sonho. Na verdade, foi porque ela conseguiu sair do corpo e tenho de dizer isto: quando ela saiu do corpo, parecia diferente, graças a Deus, e ela tentou t… t… t… r… oh, espera, estou a perder-me agora.
Woods: Vá lá, amigo… vá lá, amigo. É muito interessante.
Greene: É muito interessante.
Woods: Sim, gostava muito que acabasses… podes continuar, amigo? Consegues, amigo? É pena porque isto estava muito interessante.
Greene: Estava muito interessante.
Woods: Realmente interessante, sim. Espero que ele consiga.
Dr. Marshall: A energia acabou-se.
Woods: Sim? Amigo?
Dr. Marshall: A energia acabou-se.
Greene: A energia acabou-se, diz ele.
Woods: Não consegues mesmo, amigo?
Dr. Marshall: …vou tentar trazê-lo de volta da próxima vez para continuar… Desculpem, a energia parece ter acabado.
Greene: Está bem, Dr. Marshall.
Dr. Marshall: Lamento muito por isso.
Woods: Está tudo bem, Dr. Marshall…

ALFRED PRITCHATT, um soldado britânico
Morto em combate durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918)
Gravação de 11 de Abril de 1960

Pritchatt começa humildemente dizendo que ele e outros ali "são apenas pessoas comuns" e sente-se inseguro se Woods e Greene quereriam ouvir a sua história. O Dr. Marshall ajudou várias pessoas comuns a virem nas sessões para que Woods e Greene pudessem gravar uma gama de pessoas no Além, ajudando assim as pessoas na Terra a aprenderem mais sobre o outro lado.
Pritchatt diz que tinha pouco interesse na vida após a morte quando estava na Terra, e o pouco interesse religioso que poderia ter tido foi-lhe arrancado pelos acontecimentos terríveis nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial, onde foi soldado britânico. Estas são as suas palavras:

"Lembro-me bem das minhas reações na altura da Primeira Guerra Mundial. Oh Deus, oh Deus. Pensei: Bem, se há um Deus, Ele nunca permitiria isto tudo, e quanto à igreja, pensei: quanto menos se disser melhor. Mudei muito desde então. Não há nada de errado, no fundo, com a igreja. O problema é que têm uma grande verdade e nunca souberam bem como lidar com ela. Deviam apresentá-la às pessoas, dar-lhes essa espécie de consciência e convicção que deviam ter. Se seguissem os ensinamentos do Senhor, as verdades simples que Ele ensinou, seria tudo completamente diferente. Não se pode ter a espada numa mão e a Bíblia na outra, pois não?"

Ele disse que a Primeira Guerra Mundial o afastou para sempre da religião.
Explicou que passou para o outro lado por volta de 1917 ou 1918. Durante a Segunda Guerra Mundial, ele estava "a ajudar os rapazes a passar". Os soldados não conseguiam perceber que estavam mortos. Num momento estavam cheios de vida e de força, cheios de esperança de sobreviverem à guerra, e de repente estavam ali. Era difícil ajudá-los a perceber que estavam realmente mortos porque tinham o mesmo corpo e a mesma mente. "Vês, não se destrói um homem mesmo quando o rebentas. Ele continua a ser a mesma pessoa, com os mesmos instintos e pensamentos e continua na mesma." Quando alguém morre em paz, tem tempo de se adaptar mentalmente a deixar a Terra e começa, de certa forma, a fazer uma mudança mental. Mas na guerra e nos acidentes, são lançados de repente para o outro lado: "É uma coisa terrível."

Estas são as palavras dele:

"Eu não sou a favor de guerras nem nada disso. Claro, é isso que me irrita, sabes, com a igreja. Suponho que não devia ter preconceitos, mas tantos deles com a espada numa mão e a Bíblia na outra, a abençoar bandeiras, a abençoar navios, a abençoar canhões, a abençoar os rapazes, a dizer-lhes que estão a lutar pelo bem e tudo o resto. Qualquer coisa que tire a vida ou que seja assassinato em massa premeditado e organizado é, para mim, das coisas mais perversas que há. Como é que qualquer cristão pode apoiar ou defender isso ou ter algo a ver com isso é algo que me ultrapassa. Estou firmemente convencido de que se a igreja, se as igrejas dissessem realmente aquilo que sabem, no fundo, ser a verdade e dissessem que é errado e perverso tirar uma vida, acho sinceramente que não podia haver guerras, porque não vejo como poderia haver se todos os católicos, todos os protestantes e todos os outros 'ismos' se juntassem para dizer que é absolutamente errado e contra todos os ensinamentos da igreja e de Cristo, não acho que pudessem ter uma guerra."

Ele gostava de poder fazer alguma coisa para mudar o facto de que quando as pessoas são lançadas de repente para o Além, ficam confusas. Se as pessoas na Terra entendessem a morte, não teriam um choque tão grande. Isso, explicou ele, é a razão de vir a sessões como a do Leslie Flint.

Pritchatt depois explicou o que aconteceu quando morreu. Ele disse que estava nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial sob um bombardeamento pesado e receberam a ordem de "sair da trincheira". Ele saiu da trincheira e continuou a correr em frente, mas os alemães corriam a passar por ele e parecia que não o viam. Saltou para uma cratera de uma bomba, agachou-se e adormeceu.
Acordou e viu uma luz brilhante à sua frente, como se o sítio todo estivesse iluminado. Teve dificuldade em olhar para aquilo. De repente, viu uma forma aparecer, o contorno de um ser humano. Aos poucos, tomou forma e ele viu que era um amigo dele que tinha sido morto em combate meses antes, Billie Smart. Olharam um para o outro e sentiu uma "união" entre eles. Levantou-se mas não sentiu o corpo rígido ou preso. Disse que se sentia leve como uma pluma. Foi na direção do Billie Smart como se um íman o atraísse. O Billie estava cheio de vida, com uma cor maravilhosa no rosto. Pritchatt tinha-se esquecido de que o Billie estava morto, e

depois lembrou-se. O Billie estendeu-lhe a mão e ele achou estranho estar a apertar a mão a alguém que estava morto. O Billie disse: "Nada com que te preocupes. Está tudo bem, camarada. Anda daí." Pritchatt deu-lhe a mão e sentiu uma sensação de flutuar, como o Peter Pan, a levitar no ar. Pensou: "Isto é um sonho estranho." Aos poucos foram subindo cada vez mais alto. Conseguia ver ao longe o campo de batalha, as armas, as luzes, as explosões. Sentia-se como se estivesse num sonho esquisito.
A próxima coisa que viu foi uma grande cidade com edifícios luminosos. O brilho que viu no Billie Smart, nos edifícios e em todo o ambiente era o mesmo. Caminharam por uma longa avenida com árvores lindas a ladeá-la. Entre as árvores havia esculturas. No passeio, as pessoas circulavam com "trajes mais peculiares", como romanos ou gregos. Havia edifícios lindos, na sua maioria com telhados planos.

Ele viu várias pessoas a cavalo a passear. O Billie estava a falar. Disse: "Tu sabes o que te aconteceu... já foste, camarada. Morreste." O Pritchatt não conseguia perceber nem acreditar naquilo. Sentia que estava a sonhar.
Foram pela estrada acima até à cidade. No topo de uma colina havia um belo edifício branco. O Billie disse-lhe que alguns dos seus velhos amigos estavam lá. Era uma "estação de receção", como um hospital. Entraram no edifício e toda a gente estava vestida como as pessoas normais. Por fora parecia um "templo", mas por dentro era muito natural. Era um lugar tranquilo, com muitas salas e muita luz, mas sem sol. As pessoas estavam sentadas à conversa, mas não havia camas. Toda a gente parecia alegre e radiante. Alguns estavam a comer, o que ele achou estranho para pessoas que estavam mortas. O Billie disse-lhe que, quando as pessoas chegam lá, se sentirem que é essencial comer e beber, podem fazê-lo. Isso ajuda-as a sentirem-se confortáveis.
Sentou-se e as pessoas à mesa disseram: "Olá, acabaste de chegar?" Disseram que já sabiam que ele vinha. "Temos os nossos batedores a ajudar-nos." A pessoa que falava disse que também só estava lá há uns dias. Disse que era muito melhor do que contavam às pessoas na Terra, sobre o Céu e o Inferno, as trombetas e isso tudo. "Eles entenderam tudo mal. Aquela história de que se fores muito bom vais para o andar de cima e se fores mau vais para a cave... eles entenderam tudo mal, camarada. Aqui estamos como sempre fomos." Disse que amanhã ia ver os avós. "Onde é que eles estão?", perguntou o Pritchatt. O homem explicou que estão no mesmo plano, mas mais além. Não em milhas. Não há distância da mesma forma que havia na Terra. O guia dele ia levá-lo lá. O guia tinha o trabalho de o acompanhar e de conhecer o seu povo.
O homem explicou que ele e o guia iam ver os avós "a flutuar", tal como o Pritchatt tinha de fazer para lá chegar. Disse que algumas pessoas eram difíceis de lidar quando chegavam, mas que o Pritchatt estava a portar-se bem.
O Pritchatt disse: "O melhor é seguir as instruções. Afinal, nunca se sabe quem é que vai julgar-te. Segundo o que a Bíblia dizia e o que eu entendia, tu eras julgado." O homem respondeu: "Esquece isso. Ninguém te julga aqui. Tu é que te julgas a ti mesmo. Tenho andado a reflectir sobre o passado. Estou a começar a perceber. Não há julgamento. Tu julgas-te com a tua consciência."
O homem explicou sobre os líderes que causaram as guerras. Essas pessoas, explicou ele, são apenas um punhado, mas "Tu tens coisas na tua consciência, camarada, mas quando eles vierem, vão ter muito na deles. São eles os responsáveis por nos meterem nesta posição. São eles que têm contas a prestar à consciência, e quando cá chegarem, eu não queria estar na pele deles."
O homem disse que os outros que estavam ali tinham chegado recentemente e estavam a pensar em tudo. Disse que estavam preocupados com o pessoal que ficou do outro lado. "Meu Deus", disse o Pritchatt, "esqueci-me completamente deles." O homem disse que o Pritchatt podia voltar para os ver. O Pritchatt disse que gostava de saber como estavam. O homem disse que um dos responsáveis podia tratar disso, mas que isso só o deixaria triste porque eles não

saberiam que ele lá estava. Ele lembrou-se dos alemães a correrem ao lado dele.
Acabou por o Billie Smart voltar para ele e levá-lo para fora. Andaram por uma rua com casas lindas e flores que ele nunca tinha visto antes. Chegaram a uma praça com uma fonte lindíssima e música maravilhosa a tocar. Ele viu pessoas com "aquelas vestes". Ficou um bocado confuso. Sentou-se debaixo de uma árvore linda cheia de flores, a ouvir a música, e ficou "como que levado". O Billie disse-lhe: "Senta-te aí a ouvir. Vou deixar-te aqui um bocado."
O Pritchatt ficou lá um tempo a ouvir aquela "música linda" e sentiu alguém sentar-se ao lado dele. Olhou e estava lá uma senhora mesmo bonita, cabelo loiro, clara, parecia ter uns 19 ou 20 anos. Ela chamou-o pelo nome, o que o espantou. Ela disse: "Estás a achar isto tudo bonito aqui?" Ele respondeu: "Sim, é tudo muito bonito, menina." Ela disse: "Não precisas de me chamar menina. Não me conheces? Eu chamo-me Lily." O Pritchatt disse que não conhecia nenhuma Lily. Ela disse: "Sou tua irmã. Morri quando era bebé." Depois explicou que o Pritchatt ia viver com ela. Ela ia tomar conta dele. E assim foi viver com ela e ficou ali instalado na vida do Além.

Alice Green

Alice Green manifestou-se numa sessão com Leslie Flint, George Woods e Betty Greene a 18 de Dezembro de 1967.
Ela diz que está muito feliz por estar do outro lado e que não tem vontade nenhuma de voltar ao plano terrestre. Sabia pouco sobre Espiritualismo quando estava na Terra. Era baptista.
Ela diz que não ficou confusa quando passou para o outro lado. Assistiu ao seu próprio funeral e, depois, ficou em casa a ouvir as pessoas a falarem dela. "Fiquei sentada ali a vê-los", disse ela. Ninguém a via e ela ficou entediada de estar ali sem ser notada, por isso saiu e desceu a rua. Lá, ninguém ligou a ela também.
Depois viu o marido a vir. Ele tinha morrido quarenta anos antes, na Primeira Guerra Mundial. Ficou aborrecida com ele porque não foi ao funeral dela. Menciona este aborrecimento quatro ou cinco vezes durante a sessão. Mas resolveram isso, e ele pegou-lhe na mão. Quando deu por si, estava sentada numa casinha. Era a casa dele. A mãe dela estava lá.
Ela perguntou outra vez porque é que ele não foi ao funeral e ele disse que não foi porque era melhor para ela perceber que tinha acabado a vida na Terra. Depois descreve as pessoas que foram ao funeral. Disse outra vez que ficou aborrecida por ele não ter ido.
Conversaram sobre coisas do lado dele da vida, e depois ele disse: "Vamos dar uma volta." Ela disse que tinha problemas nos joelhos em vida e não conseguia andar bem, mas quando andava no Além, não tinha dores e andava como se fosse jovem outra vez. Instintivamente estendeu a mão para ir buscar um chapéu, mas ele disse que lá não precisava disso.
Foram por um caminho de jardim, passando por casas como numa zona suburbana. Ele disse: "Vamos até à vila." Disse que entraram numa grande vila. Não havia lojas, mas havia grandes edifícios que pareciam museus. Não havia igrejas.
As pessoas andavam calmamente; as crianças brincavam e riam. Havia uma música maravilhosa a vir de algum lado. O marido disse que iriam onde estava a música mais tarde, mas não naquela altura. Depois pessoas que ela conhecia começaram a aproximar-se para lhe dar as boas-vindas. Pareciam tão jovens que ela nem reconhecia muitos deles. O marido dizia sempre: "Este é não sei quem" e "Lembras-te de não sei quem."
Depois saíram da vila para o campo. Era muito parecido com estar na Terra, com casas aqui e ali, mas sem o barulho e o trânsito. Havia cores lindas por todo o lado. Os edifícios eram lindos, disse ela, como se fossem feitos de mármore.
Ela disse, toda contente, que o cabelo dela era como quando era rapariga. Era preto azeviche e caía-lhe pelas costas. Quando morreu, tinha o cabelo grisalho e cortado curto. Disse que era como uma jovem, a saltitar e a rir-se. Não conseguia andar bem quando estava na Terra. Um pé

estava tão inchado que tinha de usar uma chinela nele.
Explicou que agora faz pequenas decorações para as casas das pessoas, com vários materiais. As casas lá são reais. Têm mesas e cadeiras reais e tudo mais. Decoram com designs e texturas bonitas. Há animais, mas não são consumidos. Não usam lã nem outros produtos de origem animal para fazer coisas. Usam materiais que vêm de condições naturais, não de seres vivos. Nada como um animal sofre lá.
Ela diz que já viu muitos animais. São mansos.
Explica que é religiosa, mas não da forma como as pessoas são na Terra, o que ela descreve como "estreito". Não há igrejas, mas acrescenta que algumas pessoas têm igrejas se sentirem necessidade disso. A religião, diz ela, é algo que se vive e se sente.
O marido adora o seu jardim, onde cultiva flores lindas. Elas crescem naturalmente, explica ela. Não colhem as flores; não sentem necessidade disso. Há solo como na Terra.
Conheceu a mãe do marido, tias, amigos e muitos familiares. A vida lá é muito parecida com a da Terra. Se tirarmos da nossa vida terrena todas as coisas deprimentes, más e desnecessárias, é assim que a vida é do outro lado. Ela nunca viu escuro ali, mas as pessoas sentem uma forma de cansaço, uma espécie de cansaço mental. Descansam, mas não é sono.
Ela diz que já esteve em bibliotecas maravilhosas e teatros onde há concertos e música. Lá as bibliotecas têm todos os livros que valem a pena ser lidos, que têm valor, diz ela. As pessoas podem tirar os livros das prateleiras e lê-los, mas não leem propriamente. "É como se o livro falasse contigo", explica ela. Diz que poderiam levar os livros para fora da biblioteca, mas não é necessário. É como se houvesse tudo ali que uma pessoa poderia querer, mas depressa se percebe que nem tudo é necessário.
Quando alguém quer saber sobre alguém ou algo, como filosofia, basta "sintonizar-se". Diz que uma pessoa pode sintonizar-se com um livro para conhecer o seu conteúdo. "O livro exprime-se para ti", diz ela. Senta-se, fecha os olhos e todos os acontecimentos do livro são "mostrados". Assim, em vez de o leitor ter a sua própria ideia, tem as impressões idênticas à intenção do autor.

Ela diz que há palcos maravilhosos e peças magníficas. Fazem as peças antigas e muitas novas também. Conta que adorava o teatro quando estava na Terra. Ia ao Old Vic. Sempre gostou muito das peças, mas nem sempre as compreendia bem.
No Além, há grandes jardins e parques e sítios onde há animais, como tigres — mas não estão em jaulas. Estão apenas em áreas separadas, tigres. O céu não é bem um céu, mas tem cores lindíssimas. Há música na atmosfera, mas cada um tem de se "sintonizar" nela. Depende de cada indivíduo. No campo, a natureza tem os seus próprios sons. Há flores tão altas como árvores, com cores, tonalidades e aromas que parecem perfumes. Há milhares de aves belíssimas. Ela explica que o mundo deles é como o plano terrestre, mas muito melhor e sem as coisas desagradáveis. "É perfeito", diz ela. Repete que não tem interesse nenhum em evoluir para fora desse plano.
Prefere deslocar-se a pé, mas é possível ir a outros lugares só concentrando-se neles. Não têm consciência do movimento quando viajam assim — tudo em volta simplesmente muda e estão no destino.

Sessão com Amy Johnson

Amy Johnson, aviadora pioneira
(1903-1941)
A Amy Johnson foi a primeira mulher britânica a obter uma licença de engenheira de manutenção de aviões. Em 1930, tornou-se na primeira mulher a voar de Inglaterra até à Austrália, num voo de 11 mil milhas. Depois disso, estabeleceu mais recordes de voo. Em 1940,

durante a Segunda Guerra Mundial, juntou-se ao Air Transport Auxiliary, pilotando aviões da Royal Air Force por todo o país. Morreu num acidente relacionado com voo em 1941.
A Amy Johnson manifestou-se numa sessão em 1970. Depois das dificuldades normais com o "voice box", falou sobre as pessoas a irem para o espaço, um fenómeno novo na altura. Disse que não sabia de ninguém que tivesse contacto com alguém de outro planeta. A Betty Greene comentou que o George Woods estava com gripe, e a Amy disse que ficava espantada por ainda não se ter descoberto uma cura para a gripe.
Disse que tem pouco contacto com a Terra agora. Está a aprender, gradualmente, as leis universais. Mas diz que as pessoas na Terra precisam de aprender sobre a morte e o Além. Acha horrível que as pessoas não percebam isso.
Há uma forma de tempo no Além, mas não é medida pelo sol, lua, estrelas ou calendário. Continua interessada na aviação. No entanto, lá, não precisam de coisas mecânicas para voar. O marido está interessado em desenvolver-se mentalmente. Ele também se interessa por música e arte, e tornou-se muito mais sensível desde que passou para o outro lado.
Diz que costumava voltar à Terra, mas agora já não lhe desperta interesse. As pessoas lá conseguem fazer coisas sem qualquer esforço. Não têm de comunicar da mesma forma; é totalmente diferente. As coisas que pareciam importantes na Terra já não interessam. As pessoas já não têm as mesmas necessidades.
Está a tentar aprender a expressar-se melhor, a passar para outra camada e a abrir a mente a outros horizontes. Já não se interessa por coisas materiais da Terra. Diz que, se as pessoas entendessem a verdade do Além, isso ajudaria imenso, mas a maioria é completamente cega a isso. Muitas vezes, quem devia saber, não sabe. Diz que não acha que tenham interesse. Estão mais materialistas do que nunca. Todos têm de morrer, mas ninguém quer pensar nisso, falar nisso ou saber disso. As coisas mais importantes da vida, as pessoas põem de lado.
Ela descreve o seu sentido espiritual quando voava. Quando voava, estava sozinha "lá em cima". Pensava imenso, diz ela. Estava muito mais próxima do espiritualismo do que a maioria das pessoas enquanto voava. Mentalmente, estava altamente sensibilizada pelo trabalho. Afastava-se das pessoas e das coisas materiais, mentalmente. De uma forma estranha, sentia-se "em contacto". Era extraordinário o que lhe passava pela cabeça. A morte não parecia importar. Acha que muitos pilotos são assim; afastam-se das coisas materiais. Especula que os astronautas devem sentir isso, ao perceberem a imensidão da vida e que não é só física e material. Nesses momentos, sentia que era mais do que parecia. O corpo permite às pessoas na Terra ter experiências, mas é apenas um meio para um fim, não o fim em si.
Olho para a minha vida e vejo que nunca tive medo. Tive os meus momentos de alegria, mas era sempre mais feliz quando estava longe da Terra, num avião. Agora percebo que era uma experiência psíquica. Estava mais sintonizada. Estava fora da Terra e da contaminação das coisas materiais. Estava mental e espiritualmente sintonizada.
Diz que acha que foi ajudada do outro lado até certo ponto, mas ajudar as pessoas na Terra é muito difícil; depende do indivíduo. Disse que é difícil fazerem muito. Só quando as pessoas querem ser ajudadas é que é possível ajudá-las. Muitas vezes, as pessoas em dificuldade pedem ajuda ou rezam e às vezes são ajudadas, mas até abrirem a porta, os do outro lado não podem entrar. "Fecham a porta e metem o ferrolho e a tranca", diz ela. Para receber ajuda, a pessoa tem de ter fé. "Abre a porta de par em par", diz ela, "não espreites só por uma frincha." Algumas pessoas têm dúvidas e medo, mas se não fizerem algum esforço, não há nada que os do outro lado possam fazer. Depende do indivíduo. Tem de haver reciprocidade.
Explica que em todos os campos da vida, a não ser que a pessoa arrisque e faça o esforço de descobrir e experimentar, não se consegue nada. O problema é que a grande maioria das pessoas tem medo.
Depois diz que gostaria de educar crianças. As crianças aborreciam-na em vida, mas agora interessa-se por almas jovens, por ensinar e ajudar. Há crianças muito pequenas que precisam de ajuda e orientação. Acha isso estimulante e o que se aplica a uma pode não se aplicar a outra. Diz rapidamente que, quando se fala de crianças, nem sempre são crianças que eram

pequenas na Terra. Às vezes, são adultos imaturos. Os mentalmente deficientes na Terra são como crianças. Diz que é incrível como pessoas de quem não se espera muito podem ensinar muito. Às vezes encontram pessoas de planos mais elevados. Há sempre algo de novo, fresco e entusiasmante.
Os mongolóides [pessoas com deficiência mental] não ficam de repente muito inteligentes quando passam para o outro lado. O lado físico deixa de ter influência, por isso já não têm o mesmo entrave, mas a condição mental está atrasada e têm de trabalhar isso. Muitas vezes, são bastante inteligentes por dentro, mas o cérebro físico não funcionava bem. Têm capacidade para aprender e quando já não estão no corpo, são diferentes; conseguem assimilar conhecimento e aprender. A possibilidade de evoluir está lá. Na verdade, são muito mais ensináveis porque não têm os mesmos problemas que tinham na Terra. No Além, têm um "corpo etérico" mais leve, um corpo perfeito. Na Terra, o corpo era imperfeito, mas no Além é perfeito. Isso provoca logo certas mudanças, depois precisam apenas de um ajustamento de mente e espírito, em sintonia com o corpo etérico e em harmonia.
O plano terrestre está cheio de desarmonia, não só com crianças deformadas mas com todas as pessoas. As pessoas precisam de criar harmonia, sintonizando-se. É muito mais difícil para quem tem ideias fixas, que criam bloqueios, do que para crianças, mesmo que fossem imperfeitas e não pensassem bem. É mais fácil para elas tornarem-se outras pessoas, até brilhantes e avançadas. É muito mais difícil para quem tem opiniões fortes aprender e evoluir do que para o idiota da aldeia.
O problema dos mongolóides é físico, mas nunca foi suposto que alguém nascesse fisicamente ou mentalmente imperfeito. O homem fez isso. Os pecados dos pais passam para os filhos. Somos o produto de outras pessoas em tudo, mental e fisicamente. Todas as pessoas na Terra partilham o mesmo espírito. Todos estamos ligados. Se gerações de pessoas pensam mal, criam mal; criam imperfeições. As condições físicas do passado reflectem-se no presente e no futuro. O homem criou a situação e é responsável pelo que acontece na Terra. Se há crianças imperfeitas, a culpa é do homem. Os pais podem ser perfeitos fisicamente, mas podem não o ser mentalmente, e os problemas vêm de gerações atrás. Não há nenhum indivíduo isolado; todos somos produto de outros. Todo o universo faz parte de todas as outras pessoas, e todos somos parte do mesmo espírito, manifestado na carne, todos ligados à raça humana. Se tratarmos mal os animais, isso reflecte-se na raça humana. As pessoas não podem escapar à lei natural. As coisas que nos afligem na Terra existem porque o homem as tornou possíveis.
A questão de uma alma escolher os pais é estranha. Sugere que a consciência do indivíduo existe antes de nascer, apenas à espera dos pais. A Terra e o mundo espiritual, todos os diferentes mundos, são apenas aspetos diferentes da evolução humana. Pode haver vida noutros planetas no mundo espiritual. Os do outro lado não veem isso da mesma forma. O homem na Terra olha para a Terra e para a Lua e vê a Lua como um mundo morto, mas há uma forma de vida nela. E há outros seres separados por séculos de tempo e milhas de distância.
Ela diz que todas as pessoas que conhece já tiveram existência na Terra em algum momento e evoluíram. O sentido da vida é a evolução. Não há princípio nem fim. Nada é novo; tudo já foi descoberto. Algumas coisas perderam-se na Terra e depois voltaram a ser descobertas séculos depois. Há tanto à espera de ser descoberto.
Johnson: Extraordinário...
Greene: Extraordinário?
Johnson: Tentei vir cá há muito tempo.

Greene: Fizeste?

Johnson: Estou aqui com o Jim...

Greene:
Como? Podes dizer-me o teu nome, por favor?

Johnson: Amy.

Greene: Amy o quê?

Johnson: Johnson.

Greene: Oh!

Johnson: Johnson.

Greene: Eu bem pensei — eu pensei que sim. Já vieste ter connosco antes, não foi, Miss Johnson?

Johnson: Há muito tempo.

Greene: Ah, sim, que bom.

Johnson: Há séculos.

Greene: É? Bem, estás a sair-te muito bem.

Johnson: Ainda... acho isto extremamente... estranho...

Greene: Sim?

Johnson: ...tentar falar. Conseguem ouvir-me?

Greene: Sim, ouço-te perfeitamente agora, obrigada, sim.
Podes dar-me uma conversa esta manhã? Fala sobre o que quiseres.

Johnson: É absolutamente fantástico o que se está a passar — esta história do espaço.

Greene: Sim, interessas-te por isso?

Johnson: Oh, imenso! Estou tremendamente interessada nisso. Bem, todos estamos.

Greene: É? Descobriste — algo que talvez os astronautas ainda não tenham descoberto?

Johnson: Não sei. Por mim, nunca consegui — bem, pelo que sei, ninguém realmente conseguiu fazer contacto com outros planetas — não deste lado. É possível fazer contacto com a Terra...

Greene: Sim.

Johnson: ...de vez em quando, com a ajuda de médiuns e tudo isso. Mas não conheço ninguém que alguma vez tenha estado em contacto com alguém de outros planetas. Claro que pode ser possível, mas hum, nunca encontrei ninguém.

Greene: Não encontraste?

Johnson: Conseguem ouvir-me?

Greene: Sim, perfeitamente, Miss...

Johnson: Oh, chama-me Amy, por amor de Deus!

Greene: Amy... (riso)

Johnson: Onde está o outro senhor? Costumava vir sempre alguém contigo.

Greene: Sim, o Sr. Woods. Está bem, mas houve esta terrível epidemia de gripe e ele não tem vindo (inaudível).

Johnson: Queres dizer que ainda não arranjaram cura para a gripe?

Greene: Não.

Johnson: Valha-me Deus, pensava que agora, com tudo o que já fazem, já teriam certamente descoberto uma cura — uma forma de prevenir.

Greene: Bem, há tantas coisas, Amy, que realmente não são — digamos assim...

Johnson: Já não estou muito em contacto com o vosso mundo agora.

Greene: Não, pois não...

Johnson: De vez em quando, de tempos a tempos, oiço várias pessoas contarem coisas que se passam, e certamente o mundo não parece melhorar em certos aspetos, pois não?

Greene: Não. Estávamos mesmo a dizer há pouco, quando outra pessoa se manifestou, que o homem não sabe nada sobre as leis universais — e tu agora estás a aprender sobre isso, não é?

Johnson: Oh, gradualmente, sim. Se ao menos as pessoas compreendessem mais sobre isto da morte e da vida depois da morte, e o tipo de mundo que, de certa forma, irão encontrar. Quer dizer, acho horrível. Acho terrível pensar que as pessoas não percebem isto. Quando vim para aqui pela primeira vez, foi um grande choque.

Greene: Sim, eu sei, contaste-nos isso quando vieste da outra vez, sim.

Johnson: Deve fazer muito tempo desde que falei convosco, já são anos, suponho.

Greene: Uns dois anos, mais ou menos.

Johnson: É assim tanto tempo?

Greene: Mmm...

Johnson: O tempo é muito estranho connosco, já não estamos sujeitos a ele. O tempo, o espaço, a distância — tantas coisas que se aplicam na Terra não parecem ter o mesmo significado aqui. Há uma forma de tempo, suponho, mas não é medida pelo sol, pela lua, pelas estrelas ou pelo calendário.

Greene: Não, pois. Hum... Amy, o que fazes agora?

Johnson: Oh, tenho todo o tipo de interesses. Perdi o interesse pela aviação, o que, para algumas pessoas, deve soar muito estranho, mas, claro, já não é preciso. (ri-se) De qualquer forma, não precisamos de coisas mecânicas aqui, já não é necessário.

Greene: O que faz o Jim?

Johnson: Oh, bem, temos muitos interesses. Ele está tremendamente interessado em desenvolver-se mentalmente, num plano totalmente diferente de tudo o que fez na Terra. Interessa-se muito por música também, e por arte. Tornou-se muito mais — não sei — muito mais sensível, acho eu.

Greene: Já não tens interesse nenhum em voar, não tens interesse em...

Johnson: Nenhum mesmo, agora. Não.

Greene: ...(inaudível) ou algo assim?

Johnson: Tive no início, mas agora não. Costumava voltar — não que conseguisse comunicar — mas voltava e interessava-me pelo que se passava. Mas agora vejo que isso já não me interessa nem me atrai. Suponho que é porque aqui se pode fazer tantas coisas.

Pode-se fazer coisas sem, por assim dizer, qualquer esforço, e não há necessidade de ir grandes distâncias — nem sequer é preciso comunicar da mesma forma. Na verdade, a vida é tão completamente, totalmente diferente, que muitas das coisas que pareciam importantes obviamente já não o são, e por isso, consequentemente, já não nos interessam. Quer dizer, já não se sente a urgência nem a necessidade.

Greene: O que achas agora que é a coisa mais importante?

Johnson:
Oh, meu Deus, queres dizer na Terra?

Greene: Não, bem — hum... a coisa mais importante que agora te afeta a ti, o que achas que é o mais importante?

Flint: [a fungar]

Johnson: Suponho que, na verdade, é tentar saber mais e expressar-me melhor de várias maneiras. Acho que o essencial é conhecer mais sobre a evolução e evoluir para um nível diferente, e, por assim dizer, abrir as experiências a horizontes mais amplos.

Quer dizer (ri-se) certamente não acho que tenha algo a ver com coisas materiais. Já disse, não estou interessada, de facto, em coisas materiais. Sente-se tristeza e pena pela forma como o mundo está, e gostaria-se de ajudar, se possível. Mas parece-me que os seres humanos vão continuar a cometer os mesmos erros, uma e outra vez, e só espero que, a certa altura, comecem a aprender alguma coisa com eles e a mudar.

Acho que a única coisa é que, se as pessoas entendessem esta verdade, percebessem as realidades disto, poderia ajudar imenso. Mas acho que a vasta maioria das pessoas é completamente cega para isto, não se interessam. Não querem saber.

Greene: Exatamente. É isso que encontramos.

Johnson: Sinto que, apesar das religiões, e certamente parece-me que, muitas vezes, as pessoas que deviam saber, não sabem. Parece, muitas vezes, que é um cego a guiar outro cego. Não acho que as pessoas se interessem. Acho que estão cada vez mais materialistas.

Greene: E mesmo assim, quando chega o momento — quando talvez lhes digam que podem morrer ou algo assim — então ficam todos agitados…

Johnson: Mas toda a gente sabe que tem de morrer!

Greene: …e aí querem saber mais sobre isso.

Johnson: E ninguém parece querer saber nada disso, ou muito poucos. E toda a gente adia, sabes — não quer pensar nisso, falar nisso ou saber disso. Quer dizer, parece-me que são os fatores mais importantes, as coisas mais importantes da vida, que as pessoas põem de lado. Suponho que eu fiz o mesmo — quase todos fazemos, na verdade, quando estamos na Terra. Não achas?

Greene: Acho — sim, acho que sim. Imagino que tu, naqueles tempos em que voavas, não te preocupavas muito com isso…

Johnson: Pois, é isso. Acho que quando eu voava — não sei — suponho que era estar completamente sozinha "lá em cima", como quem diz, tinha imenso tempo e oportunidade para pensar e pensava imenso.

Acho que, de certa forma estranha, eu estava muito mais perto do que se chama Espiritualismo ou da perceção das coisas do que a pessoa normal. Eu não sabia nada na prática, quer dizer, do ponto de vista prático. Mas agora, claro, olhando para trás, percebo que mentalmente eu estava, de certa forma, muito sintonizada. Estava altamente sensibilizada pelo próprio facto… suponho que pelo meu trabalho. Pode parecer estranho mas é verdade.

Greene: Pois, acho que quando ficas sozinha — lá no alto — tens tempo para pensar, não é?

Johnson: Pois, é isso. Acho que uma pessoa afastava-se das pessoas, afastava-se das coisas materiais — e ficava-se, por assim dizer, inteiramente por conta própria, e acho que mentalmente, de forma estranha, ficava-se em contacto — digamos assim. Na altura eu não teria dito isso, nem sequer pensado nisso talvez, mas é extraordinário as coisas que parecem passar pela cabeça de uma pessoa, sabes. E de algum modo, a morte não parecia importar. Não se sentia nada disso… é uma sensação mesmo extraordinária. Acho que muitos aviadores são assim. Acho que eles perdem peso, num certo sentido, o peso material e os problemas parecem dissipar-se.

Greene: Quando veem a imensidão do espaço à frente deles, isso fá-los pensar, não é?

Johnson: Pois, acho que é isso. Quando estás lá em cima e vês — deve ser ainda mais assim com os astronautas, acho que é isso que torna possível fazerem o que fazem. Acho que se percebe a imensidão da vida… e que não é só físico ou material. Acho que, de uma forma estranha, percebes que és muito mais do que pareces, e o corpo é meramente, bem, apenas algo que te permite ter experiências. Mas é só, obviamente, algo que em si é um meio para um fim — e não é o princípio e o fim de tudo. Acho que se tem essa sensação quando se está, por assim dizer, afastado da Terra.

Greene: Mmm. Sim.

Johnson: Eu agora olho para a minha vida e vejo as coisas de forma tão diferente. Acho que eu não tinha medo, na verdade. De certo modo, acho que me sentia mais feliz longe da Terra do que nela. Quer dizer, claro que tive os meus momentos em que aproveitei as coisas, mas — não sei, sempre fui mais feliz quando estava longe da Terra, num avião. Acho que era mais — mais eu mesma, e isso porque, de certa forma, estava fora de mim própria. Agora percebo que isto era uma experiência psíquica.

Greene: Tinhas uma realização interior?

Johnson: Sim, bem, eu não teria chamado isso na altura, não saberia o que era, mas na verdade estava, de certa forma, mais sintonizada. Acho que estava fora do ambiente e da condição da Terra, afastada da contaminação das coisas materiais e, de uma forma estranha, estava, por assim dizer, mental e espiritualmente sintonizada. Sei que isto soa estranho mas é verdade.

Greene: Olhando para trás, na tua carreira de aviadora, achas que houve — agora que percebes — achas que houve momentos em que foste possivelmente ajudada por alguém — um aviador, por exemplo, do outro lado, que também tinha sido aviador na Terra?

Johnson: Acho que isso é justo até certo ponto.

Greene: Como o Campbell ajudou — ajudou o Donald Campbell.

Johnson: Sim, até certo ponto, mas lá está, acho que, sabendo pela minha própria experiência, tentar ajudar pessoas na Terra é uma coisa muito difícil. Podes influenciá-las até certo ponto mentalmente, mas isso também depende da pessoa. E hum, o estado e condição do mundo sendo o que é, é muito difícil fazermos muita coisa. Gostaríamos, mas não é possível até as próprias pessoas fazerem o esforço, percebes, mentalmente, quererem ser ajudadas, quererem mesmo… de certa forma tornarem isso possível.

Toda esta história de ser ajudado, quer dizer, muitas vezes as pessoas, quando estão em dificuldade, pedem ajuda mentalmente ou, talvez, até rezam por ajuda. E às vezes têm sorte e são ajudadas. Mas muitas vezes é inútil, porque até se abrir a porta, não se pode esperar que alguém entre. Mas tantas pessoas, sem sequer perceberem, não só fecham a porta, como põem o ferrolho e a tranca.

Greene: Hmm. Eu sei. Já vimos isso muitas vezes.

Johnson: Vês, o ponto todo é que, se uma pessoa quer descobrir e saber, então até certo ponto tem de, bem, abrir a porta. Quer dizer, tem de ter alguma fé. Tem de, hum, abrir a porta quando alguém bate, e não ficar ali com ela entreaberta, a espreitar pelo canto. Tem de ter fé e abrir a porta de par em par, para que a pessoa possa entrar.

Não serve de nada ficar ali parado, cheio de medo e receio, a pensar se deve puxar o ferrolho ou a tranca, sabes, e abrir só um bocadinho. Eu percebo que, até certo ponto, é compreensível que as pessoas sejam duvidosas e tenham medo e tudo isso, mas a não ser que façam algum esforço, não há muito que possamos fazer para as ajudar.

Greene: Por mais que se tente empurrar a tranca…

Johnson: Depende muito da pessoa. Tem de haver reciprocidade, tem de haver esforço, tem de haver... quer dizer, por exemplo, em qualquer área da vida — mesmo à parte disto de poder comunicar ou querer comunicar e assim — quer dizer, o ponto é que em todos os campos de atividade, a não ser que se corram riscos, a não ser que se esteja disposto a fazer o esforço para descobrir, para experimentar e, de certa forma, dar tudo por tudo. Quer dizer, simplesmente não se consegue nada... Quer dizer, o grande problema é que a vasta maioria das pessoas tem medo, estão cheias de medo, esse é o problema do mundo.

Greene: Amy, tens (inaudível) no nosso trabalho (inaudível) No nosso trabalho? Sabes — claro que sabes o que fazemos, não sabes?

Johnson: Sim, claro, mas não posso dizer honestamente que acompanho muito. Não é que não esteja interessada, mas não tenho sentido vontade de voltar muito.

Greene: Que tipo de trabalho gostarias de fazer aí, do teu lado?

Johnson: Eu sei que vai soar estranho, mas gostava de educar crianças.

Greene: Gostavas de educar crianças?

Johnson: Sim, tenho muito interesse em crianças — não me interessavam muito na Terra e, na verdade, as crianças até me preocupavam. Mas talvez seja precisamente por isso que agora me interesso. Estou interessada em jovens almas, em tentar ajudá-las e ensiná-las. Na verdade, já faço isso, de certa forma, bastante.

Greene: Quando chegam aí?

Johnson:
Sim. E há muitas crianças aqui que precisam mesmo de ajuda e orientação. E acho isso estimulante e consigo ajudar bastante.

Greene: E como fazes isso, Amy?

Johnson: Bem, isso depende da criança. O que serve para uma, não serve necessariamente para outra — a forma de ajudar uma criança não é necessariamente a certa para outra, e isso é outro aspeto interessante... e, de certa forma, quando falamos de crianças, não são necessariamente sempre crianças como tal — às vezes são pessoas muito imaturas.

Greene: Ah, sim.

Johnson: ...e também temos pessoas que vêm para cá que eram muito retardadas na Terra, mentalmente — bem, não eram "compos mentis". Sabes, quer dizer, eram mesmo como crianças. Eu, eu... temos imensos lugares aqui como salas de palestras e locais onde as pessoas podem ir e ser ajudadas. Suponho que lhes chamarias uma espécie de clínicas — ou hotéis — ou escolas — ou colégios, sabes. Quer dizer... lugares imensos, tão vastos e há tanto que se pode fazer e aprender, mesmo quando se está a ajudar os outros.

É espantoso como, às vezes, pessoas de quem não esperaríamos aprender grande coisa podem ensinar-nos imenso. Aprende-se sobre a vida o tempo todo com as pessoas. Às vezes pessoas que estão num plano ou estado de ser muito mais elevado e outras vezes com pessoas que, francamente, em certos aspetos, não progrediram nada. Vês, essa é a alegria e a beleza disto,

poder conhecer todo o tipo de pessoas e todos os estratos de existência, sabes, e aprender o tempo todo e ensinar também… sente-se, o tempo todo, que há sempre algo de novo, fresco e excitante. Cada segundo, se é que se pode usar a palavra tempo, sabes.

Greene: Oh, fizeste aí um ponto muito interessante, Amy. Falas de pessoas com atraso mental a chegarem aí, como crianças. Agora, uma pessoa, um mongolóide — sabes, alguém com mongolismo — chega aí tal como é, como um mongolóide?

Johnson: Sim, sim — bem, não exatamente. Quer dizer, não se tornam de repente muito inteligentes mas… são mais, digamos… como hei-de dizer isto…?

Greene: Não tanto como eram aqui deste lado?

Johnson: Bem, não, é muito difícil explicar isto porque… o lado físico é puramente físico, de qualquer forma, e isso já não se aplica, por isso não têm a mesma condição, com a mesma limitação. Mas claro que existia uma condição de atraso… uma condição mental, e é esse aspeto mental que eles têm de trabalhar.

Mas normalmente são bastante inteligentes dentro deles mesmos, mesmo na Terra, só que não conseguem exprimir-se ou o cérebro não funciona bem. Mas isso não altera o facto de que existe ali capacidade, existe possibilidade e claro, aqui é tudo possibilidade e capacidade de alcançar… e, claro, em condições diferentes eles são diferentes e têm muito mais capacidade de assimilar conhecimento e experiência, são muito mais ensináveis, percebes?

E nós não temos os mesmos problemas, obviamente, que vocês têm na Terra porque não existe o mesmo corpo físico, material. É um corpo mais subtil e é um corpo perfeito. E enquanto a pessoa podia ter um corpo imperfeito, fisicamente, aqui tem um corpo perfeito, o que imediatamente provoca certas mudanças.

E depois, claro, é uma questão de ajustamento da mente e do espírito, por assim dizer, em sintonia com o que vocês chamam o corpo etérico. É uma combinação de harmonia, percebes? Enquanto no vosso mundo há desarmonia, não só com crianças deformadas, mas praticamente com todos os seres humanos, nesse sentido há desarmonia. Por isso é isso que é preciso fazer, é preciso começar a criar harmonia. É preciso ficar, por assim dizer, sintonizado e isto é a parte mais difícil para a maioria das pessoas quando cá chegam. E às vezes é muito mais difícil para pessoas que têm ideias muito fixas, fortes, porque isso cria obstáculos.

Às vezes é mais fácil para uma criança, mesmo uma imperfeita, uma que não tinha capacidade de pensar claramente. Às vezes é até mais fácil para ela assimilar e tornar-se uma pessoa diferente e uma alma avançada, do que para pessoas que na Terra podiam ser consideradas muito brilhantes e avançadas, mas que estão cheias, digamos, de valores falsos e ideias erradas e opiniões muito fortes, sendo muito mais difícil para elas talvez mudarem e consequentemente avançarem, do que talvez para alguém que fosse, digamos, o "idiota da aldeia", por exemplo.

Greene: Consegues dizer porque é que eles… porque é que são atrasados mentais ou porque é que são mongolóides? Há uma razão?

Johnson: Bem, normalmente é físico.

Greene: Normalmente é físico?

Johnson: Acho que invariavelmente é físico.

Greene: Não é um espírito não desenvolvido que vem para este lado demasiado cedo?

Johnson: Pode haver circunstâncias ou casos excepcionais em que isso aconteça, mas não penso assim. Não acho que alguma vez tenha sido intenção que alguém nascesse imperfeito, seja mental ou fisicamente. Acho que isto é algo que o próprio homem criou ao longo de eras de tempo e embora não se goste do velho ditado sobre os pecados dos pais caírem sobre os filhos, porque soa tão injusto e tão cruel, mas por outro lado, se virmos mais claramente que cada um é o produto dos outros em todos os sentidos. Quer dizer, mentalmente, fisicamente e de todas as maneiras — e não apenas dos próprios pais.

Porque quando percebes que todos partilham o mesmo espírito e que todos são trazidos à existência, no sentido material, da mesma forma, que estão todos ligados e que, no fim de contas, não pode ser de outra forma. Se gerações de pessoas pensam errado, então inevitavelmente vão recriar e criar errado, percebes, e vão surgir imperfeições porque não se pode pensar errado sem agir errado — e as condições físicas do passado têm de apanhar o presente e o futuro.

Acho que, hum, tudo o que acontece é lógico, na medida em que o homem definiu as condições, criou a situação e tornou possível que o que quer que aconteça, aconteça. Tudo, na verdade, pode ser traçado até ao homem. Eu, eu acho que se se têm crianças imperfeitas, a culpa é do homem. Podes dizer que os pais são perfeitos fisicamente, mas podem não ser mentalmente tão perfeitos assim ou pode haver imperfeições muito lá para trás, hum, de um lado da família ou de ambos, hum, que acabam por se manifestar.

Percebes, a questão toda é que, não existe tal coisa, realmente, no sentido de um indivíduo isolado, ou digamos, puramente por si só. Gostamos de pensar que sim, mas todos somos o produto dos pensamentos e mentes de outras pessoas e, hum, até certo ponto, dos corpos físicos também. Vês, quando percebes que o universo inteiro é parte integrante… uns dos outros. Quer dizer, cada indivíduo faz parte de outra pessoa e todos fazem parte do mesmo espírito, da mesma manifestação em carne — quer dizer, pode assumir formas diferentes, tens o reino animal, mas continuam ligados à raça humana.

Greene: Sim.

Johnson: E se tratas mal os animais, então de uma forma estranha — não me perguntes como — mas isso acaba por reflectir-se neles, nos indivíduos, e reflecte-se na raça humana.

Greene: Tens de experienciar aquilo que crias.

Johnson: Claro que sim. Quer dizer, isto é a lei, lei natural. Em outras palavras, não se pode fugir à lei natural e estás condenado a ter todas essas coisas a acontecer, que tanto nos angustiam, porque o homem tornou isso possível.

Greene: A lei da atração entra nisso também, Amy, quer dizer, uma criança é atraída para os pais — a alma, o espírito é atraído para aqueles… para aqueles pais?

Johnson: Bem, hum… acho esta pergunta um bocado estranha, porque sugere que, hum… há uma consciência do indivíduo antes de nascer, à espera ou… à procura de pais adequados.

Greene: Pois…

Johnson: Ou de pais, melhor dizendo.

Greene: Pois, mas, hum, este não é o único mundo, há milhões e milhões de outros mundos e…

Johnson: Bem, eu só conheço um mundo material, físico — a Terra — e os, e os mundos espirituais com os quais, hum, tenho alguma experiência.

Greene: Então, na verdade, não há…

Johnson: Mas lá está, vês, todos esses mundos diferentes são aspetos diferentes da evolução do homem.

Greene: Exato.

Johnson: E hum… se me perguntas se há vida em vários planetas, bem, pode muito bem ser que parte do mundo espiritual esteja ligada… ou seja… ou que alguns planetas façam parte deste mundo real, sim. Mas hum, percebes, nós não pensamos exatamente da mesma forma. Suponho que o homem olha para a Terra como o mundo terrestre e olha para a Lua. E agora que o homem chegou à Lua, vê aquilo como outro mundo, que num certo sentido é, mas é um mundo morto, mais ou menos, bem, existe uma forma de vida…

Greene: Existe uma forma de vida na Lua.

Johnson:
Sim, mas não é a mesma coisa, percebes, quer dizer, hum, não é vida como a conhecem.

Greene: Não.

Johnson: E por isso, para o homem, num certo sentido, é um mundo morto, do ponto de vista da inteligência humana. Mas hum, existem outros mundos e existem seres, mas são, tanto quanto sei, seres que… fazem parte do homem, hum, que fazem parte da Terra de certa forma, embora separados por… bem, suponho, séculos e séculos de tempo e milhas e milhas de chamada distância. Mas é tudo parte do mesmo mundo. É muito estranho mas não consigo explicar melhor.

Greene: Vês, há almas no teu mundo que nunca estiveram na Terra, passaram ao lado dela na sua evolução.

Johnson: Ah, isso pode ser, não sei… mas tanto quanto sei, todas as pessoas que conheço e que contactei tiveram existência na Terra em algum momento e evoluíram. É tudo, pelo que posso ver, esse é o significado da vida — evolução. É na Terra e é aqui, e é apenas uma questão de continuação. Por isso é que agora percebo que não há princípio nem fim, hum, o que me confundia e quando pensava nisso, sabes.

Uma… não acho que nada seja novo, num certo sentido. Acho que tudo já foi descoberto, às vezes na Terra perde-se e às vezes volta a ser encontrado, às vezes demora séculos sem dúvida. Parece-me que há tanto ali à espera de ser descoberto… e que sempre lá esteve, não sei.

Greene: Mas a evolução faz-se, hum, de formas muito diferentes — não tens de a manter, hum, como uma única, hum, forma de evolução. Porque como digo, podem passar ao lado dela e a sua evolução pode vir de caminhos completamente diferentes.

Johnson: Pode muito bem ser, quer dizer eu…

Greene: Esferas completamente diferentes… passam ao lado da [sua própria?].

Johnson: Eu só sei que cada um evolui pessoalmente…

Greene: Sim, claro.

ANDRÉ: Descrevendo os Aspetos do Seu Mundo
TODOS SÃO RESPONSÁVEIS POR TODOS

Um homem apresentou-se numa sessão dizendo chamar-se André. Aparentemente, um dos presentes tinha acabado de perguntar: *"Como é aí?"* — essa era uma das perguntas preferidas de George Woods. André responde:

Há tantos planos de experiência de vida, que descrever um só plano é apenas descrever uma parte infinitesimal de tudo. Cada indivíduo que vem da Terra cria para si mesmo a sua própria vibração ou condição. Aquilo que pode ser familiar e trazer felicidade a uma pessoa pode não significar nada para outra. Cada um vibra numa condição para a qual está preparado e convive com outros que vibram no mesmo plano. Se uma pessoa fosse obrigada a viver de forma completamente diferente no Além, sentir-se-ia perdida.

A vida após a morte é tão vasta que não se pode descrever. Há milhões e milhões de almas. Não é só para cristãos ou pessoas com crenças religiosas. É tão vasta que não há palavras para descrevê-la. Há imensas estratificações. Existe uma fusão geral, mas também uma separação. Um homem encontrará o seu próprio céu, Nirvana, paraíso ou até o seu próprio inferno, dependendo da sua maneira de ser, do seu pensamento e carácter. Quando perguntam *"Como é aí?"*, ele diz que pode dar uma ideia vaga, mas o que descreve é apenas um aspeto.

No Além, explica, têm-se todas as belezas da natureza: aves, flores, árvores, prados verdejantes, rios, lagos, montanhas, desertos e todas as condições que existem na Terra. A natureza está lá em todas as suas formas e belezas. Contudo, tudo é numa escala muito maior. As casas onde vivem são construídas pelas mentes dos indivíduos. Se uma pessoa sente que será feliz numa pequena casa de campo, é-lhe providenciada uma. Só se pode receber aquilo que se merece, pelo modo como se viveu a vida. Algumas pessoas vivem em tugúrios porque as suas mentes eram tão atrofiadas e estreitas, os seus caracteres e temperamentos na Terra eram tão maus que não merecem melhor, por isso encontram-se numa condição muito pobre. Ele diz:

O homem recebe exatamente o que merece. Diz-se na Bíblia, no Livro da Vida, que todos são julgados. Aqui ninguém julga ninguém. O homem julga-se a si próprio. Tudo aqui é criado por si; não se recebe nem mais nem menos. Assim, alguns têm lugares belíssimos para viver, belas vestes para usar, grande beleza à volta e luz (se posso usar a palavra "luz do sol", embora não tenhamos sol como vocês entendem — mas há grande luz). Para alguns há iluminação, grande luz e grande beleza. Para outros, não há grande luz, mas talvez até escuridão. Porque há esferas ainda mais baixas do que a Terra, onde as pessoas são degeneradas. Onde não houve progresso, mas apenas degeneração.

Mas há sempre oportunidade, digamos, de salvação. Isto é, a pessoa ou o indivíduo pode salvar-se a si mesmo. Ninguém pode fazê-lo por ele. Outros podem mostrar o caminho e tentar tirá-lo das trevas para a luz. Mas até que surja dentro dele o desejo de ganhar conhecimento, experiência e desenvolver-se espiritualmente, nada pode ser feito. A pessoa tem de o fazer por si mesma. Outros podem ajudar, mas não podem fazer por ela. Cada um deve encontrar-se a si próprio, a sua própria salvação. Há muitas esferas, de acordo com as mentes dos homens. Porque este mundo é um mundo criado pelo pensamento.

Explica que este pensamento é posto em ação. Uma pessoa que adore música pode aprender a tocar piano, violoncelo, violino ou até instrumentos que não existem na Terra. A gama de vibrações torna a música muito diferente, porque na Terra não podemos ouvir as faixas largas de vibrações que eles podem no Além. Usar palavras terrenas dificulta a descrição das esferas mais altas. *"A vida pode ser muito bela e maravilhosa, mas depende de ti"*, diz ele. Um padre não pode salvar uma pessoa. Uma pessoa não pode ser salva. Tudo está na mente. Não se podem alterar fundamentalmente as coisas que já aconteceram, mas cada um pode fazer coisas que ajudem os outros e, em consequência, ajudar-se a si mesmo. Tudo o que uma pessoa faz é importante.

Explica ainda que à volta da Terra, na sua atmosfera, tudo o que acontece na Terra fica registado. Pessoas sensíveis conseguem saber ou sentir coisas armazenadas nessa atmosfera. Casas assombradas têm condições gravadas na atmosfera de tal forma que indivíduos podem ser vistos em certos casos. É o pensamento mental registado na atmosfera, mas o indivíduo não está ali.

André prossegue:

O que quero que percebam é que vocês próprios têm tanto dentro de vós que podem exprimir. Dentro de vós está o Espírito de Deus; dentro de vós está a essência do Divino. É para vós exprimirem isso cá para fora, para tornarem as pessoas conscientes da mudança em vós, para que também elas vejam e procurem.

Têm oportunidades grandes e maravilhosas. Nós ajudamos-vos tanto quanto podemos. Precisamos do vosso amor e da vossa cooperação. Pois o que estamos a fazer não é só para nós; não somos pessoas egoístas. Estamos aqui para trabalhar na vontade e no caminho de Deus para os Seus filhos, para lhes mostrar o caminho, para derrubar as barreiras de casta, credo e cor, e todas as hipocrisias acumuladas ao longo dos séculos. Queremos que as pessoas tomem consciência da sua irmandade, uns com os outros, que somos de facto filhos do Altíssimo, todos filhos da luz, e não há necessidade de haver escuridão nos corações e mentes dos homens.

Se ao menos vissem dentro de si, como Jesus via. Ele compreendia estas verdades simples. Foi o grande mestre, o grande guia, o grande messias. Mas não veio para um reino terreno. Como Ele disse: *"O meu reino não é deste mundo. Vou para o meu Pai preparar um lugar para vós, para que onde eu estiver, vós estejais também."* Ele sabia das muitas moradas, das muitas esferas, das muitas casas onde as pessoas se encontrariam conforme o seu progresso espiritual.

André explica que esta verdade que o círculo do médium encontrou liberta os homens. No serviço encontrarão grande alegria e felicidade. O serviço é a chave. Aqueles no Além podem trazer uma paz que o mundo não conhece, a paz que Jesus descreveu, a paz que vem de estar em harmonia com o Divino. *"Confiai nas coisas do espírito e sabei que nós, que vos visitamos, vimos em amor para servir, guiar e elevar-vos, a vós e à humanidade."*

[Sobre a oração]
A oração é muito importante, explica ele, mas para a compreender é preciso perceber que os pensamentos são muito fecundos, muito reais, muito vitais. Quando enviamos os nossos pensamentos, se tiverem sentimento verdadeiro e sentido por trás, podem fazer muito. Explica que não está a sugerir que possam salvar o mundo de si mesmo. Se alguém pensa numa pessoa ou num grupo de pessoas, isso pode ter um efeito.

Não podemos mudar uma pessoa. A mudança deve sempre vir do indivíduo. Não podemos obrigar a pessoa a entender ou apreciar. Ela tem de ter uma resposta dentro dela. Se não houver resposta, nada se pode fazer. Os que estão do outro lado, explica, tentam inspirar. Nós, deste lado, captamos isso e dizemos: *"Sinto tal coisa."* Nós na Terra reagimos ao que eles nos dão. É uma forma de hipnose, explica ele. A pessoa está apenas sentada para desenvolvimento. Abre o coração e a mente às coisas do espírito. Fica sob a influência de uma entidade deste lado que vem inspirar a pessoa. Toda a comunicação é um processo mental. Nós, no plano terrestre, pensamos algo, falamos e assim criamos vibrações no ar e outra pessoa conhece os nossos pensamentos. André explica que eles fazem o mesmo.

Toda a comunicação, explica ele, é mental. Toda a vida é vibração e condição mental. Vibramos a atmosfera. O nosso corpo físico vibra. A cadeira está na mesma frequência de vibração que nós, por isso podemos sentar-nos nela. Aqueles do outro lado, como André, baixam as suas vibrações para falar connosco. Pedem-nos que elevemos as nossas vibrações para comunicar com eles. Eles têm de aprender a fazer estas coisas.
Quando as pessoas se colocam em segundo plano para servir os outros, encontram uma grande paz. Aqueles do outro lado ficam felizes por servir. Ele diz que o círculo de Leslie Flint fica feliz por se reunir e servir. "O propósito que temos é fazer a vontade de Deus na Terra", diz ele.
A oração deve ser serviço. Se ouvirem pessoas a rezar, é "Dá-me isto" ou "Dá-me aquilo". Quando uma pessoa reza pelo bem dos outros ou mesmo por um pequeno animal sofredor, isso é uma oração verdadeira; é serviço, dar, sem a intenção de receber para nós próprios. Quando alguém reza assim, cria algo de tangível entre o mundo espiritual e a Terra.
A oração deve ser sincera. Quando um clérigo na igreja reza de forma automática, sem grande sentimento ou emoção, não tem poder nem efeito. A oração simples, vinda do coração, por uma pessoa que sofre, pela paz no mundo, é ouvida. A oração não é o que se põe em palavras, mas o que se sente no coração. Pode-se rezar sem dizer uma única palavra.
[André fala sobre pessoas que foram assassinas no plano terrestre.] Pessoas que fazem algo num impulso, na paixão, recebem grande ajuda. Têm remorsos. O pior assassinato é o assassinato pelo Estado, frio, calculista, deliberado, sem piedade. Há muitas vezes uma desculpa para alguém que mata num momento de loucura, na "hora da loucura", mas matar de forma fria e calculada é muito pior.
Existe magia negra. Há aqueles no plano terrestre que são ignorantes e são usados e controlados por forças maléficas. Quando chegam ao além, ficam presos por influências malignas. São atraídos para essas condições. André avisa o círculo de que, quando realizam uma sessão, devem ter os motivos mais elevados. Caso contrário, entidades desviá-los-ão. Isso será mau para eles em todos os sentidos. Ele repete: "Procurem sempre o mais elevado e o melhor."
[Um participante pergunta sobre um problema em África e se os brancos devem ser responsáveis pelos negros. André responde.] Todos são responsáveis por todos. Os brancos são responsáveis pelos negros; os negros pelos brancos. Isso pode não parecer prático porque no plano terrestre as coisas podem não ser práticas. Mas somos filhos de um só Deus. Devemos ser responsáveis pelos outros. Se a pele de alguém escurece com o tempo ao sol, isso não faz diferença, pois somos seres espirituais a viajar pela vida para desenvolver o nosso carácter e personalidade. A Terra não é mais do que uma escola onde as pessoas aprendem lições. Uma pessoa pode ter de voltar uma e outra vez para aprender as lições.
Onde há países que acumulam grandes armamentos, haverá sempre guerra. Os países têm medo uns dos outros e fazem armas. Enquanto os homens não tiverem coragem de se livrar das armas de guerra, não haverá fim para as guerras. Se uma nação como a América ou a Inglaterra dissesse: "Não entraremos em guerra a qualquer preço. Vamos livrar-nos de todas as munições", o exemplo seria tão grande que não haveria glória para uma nação que tentasse dominá-los. Não haveria guerra.
Porque cada nação tem medo de dar esse passo, milhões de dólares ou libras são gastos em vez de serem usados para o bem da humanidade. O único bem que poderia vir das bombas

atómicas é que uma nação ficaria tão assustada de entrar em guerra porque as consequências poderiam ser tão devastadoras. Ninguém ganhou a última guerra. À medida que as guerras se tornam mais intensas, menos há por que lutar. Acredito que num futuro não muito distante a guerra desaparecerá para sempre. Quero ver as pessoas unidas em felicidade e paz, que não se sintam insignificantes. "Ficariam surpreendidos com o que podem fazer. Os vossos pensamentos e orações são muito importantes. O serviço é a chave. Isso trará alegria e paz ao vosso coração."

Annie Besant (1847-1933)

Annie Besant foi uma destacada Teosofista, activista pelos direitos das mulheres, escritora e oradora.
Annie Besant entrou na sessão dizendo que queria falar com o "John", também conhecido por "Jack". Diz-lhe que ele é uma alma antiga que teve muitas encarnações. Pergunta-lhe se estava interessado em Egiptologia quando era mais novo, e ele responde: "Sim." Ela diz que a razão é que ele esteve no Egipto noutra encarnação, envolvido na religião daquela época. No Egipto, continua ela, ele tinha uma consciência interior das coisas do espírito e afastou-se da religião tradicional para seguir uma direção diferente. Ela acredita que ele foi enviado de volta nesta encarnação por um propósito. Ele tem uma profunda perceção das coisas do espírito. Diz que ele tem a capacidade de mostrar os dons do espírito, mas não fez muito em relação a isso. Diz que ele poderia fazer o trabalho e dar muita ajuda e esclarecimento, mas terá de fazer algumas mudanças. Menciona que ele tem sido um "criacionista", mas não explica porque isso é significativo. Diz que "eles" querem que ele se esforce para fazer este trabalho.
Quando estava na Terra, interessava-se pelas coisas do espírito. Tinha dentro de si a consciência das verdades. Pergunta se os participantes conhecem a Sociedade Teosófica e explica que foi uma das primeiras pessoas a envolver-se nela. Diz que o Espiritualismo é fundamentalmente verdadeiro, mas há uma tendência de alguns para não compreender ou saber.
"Uma encarnação é como uma jóia num fio de jóias, um colar de jóias." Não se deve assumir que numa encarnação se compreenderá completamente ou se saberá para onde se está a ir. As pessoas podem não regressar durante séculos de tempo terrestre. Outros escolhem regressar para fazer um trabalho específico, para iluminar a era em que se encontram com a sua filosofia, ensino e consciência de si mesmos.
Ela diz que todos no círculo têm trabalho a fazer. Pode não ser sempre evidente ou realizado, e podem surgir obstáculos. Mas adverte que não devem preocupar-se demasiado se, temporariamente, não conseguirem alcançar certas coisas. Todos procuram a verdade, o que é o verdadeiro "eu". O verdadeiro "eu" não será o período em que se encontram. Cada pessoa no círculo foi ali reunida para partilhar conhecimento, partilhar experiência e partilhar a grande consciência de si. A natureza humana, sendo o que é, afetada pelas coisas materiais, nem sempre se pode fazer o que se deseja fazer, mas cada um no círculo ali está reunido por um propósito. Ela disse-lhes que já tinham aprendido muito, mais do que sabiam. Tinham aprendido coisas dentro de si, que podem não conseguir falar ou demonstrar, mas todos ali, juntos, tornaram-se parte uns dos outros. Disse que tinham uma "alma de grupo". Continuou: "Individualmente, têm os vossos espíritos individuais, formas individuais de expressão, mas, no entanto, há uma alma de grupo." Esta alma é vitalmente importante como um todo.
Sri Baba (Sri Satya Sai Baba), diz ela, é uma grande alma, uma alma muito antiga, com muitas encarnações. Assegura aos participantes que foram trazidos para esse grupo. Aqueles do outro lado estão a tentar derrubar barreiras criadas pela religião: intolerância, ódio e malícia. Muitos males são causados pelos ensinamentos religiosos, mas o fundamento de todas as religiões é a mesma verdade. O círculo com Leslie Flint, disse ela, tinha uma compreensão mais ampla, uma consciência mais alargada e, à sua maneira, estavam a abrir a sua própria consciência para a transmitir a outros.
Uma vida, diz ela, é uma gota no oceano do próprio tempo. Disse que eram abençoados porque tinham visto as realidades do espírito e tinham sido fortalecidos pelo amor do espírito. As

muitas almas à volta deles estavam felizes por estar com eles, e muitas almas elevaram-nos. "Com o conhecimento e consciência que têm, esforçam-se por fazer as coisas que são verdadeiramente do espírito para trazer esclarecimento, alegria e conforto." Se houver retrocessos, tentem compreender que há uma razão. A vida é como é. Advertiu o círculo de que viviam num mundo material com muitos stresses, más relações e, por vezes, problemas de saúde. Incentiva-os a saber que o amor à volta deles é poderoso e forte e que os pensamentos amorosos à sua volta vêm das mentes de inúmeras pessoas. Todos os grandes mestres e todas as grandes almas compreenderam que, à medida que o objetivo se aproxima, surgem todos os tipos de problemas. Também eles se cansaram, mas a verdade foi proclamada e ainda permanece no mundo terreno.

Assegurou-lhes que não podem falhar porque o amor supera todas as coisas e engloba todas as coisas. "Vão para o mundo da carne e proclamem a verdade. Pensem apenas naquilo que é verdadeiramente do espírito, pois isso vos fortalecerá para uma atividade futura. Amamos-vos e estamos muito próximos de vós, mais próximos do que poderiam compreender."

Disse que inúmeras almas, não apenas duas ou três, estavam à volta deles. As pessoas falam de um ou dois guias, mas havia inúmeras almas a ajudá-los. Falou de Mickey, o guia de Leslie Flint, que foi morto aos 11 anos e, quando vem à sessão, fala com um sotaque cockney agudo, de rapaz. No entanto, acrescenta, ele já não pertence à Terra. É uma grande alma, uma alma brilhante do espírito que entra temporariamente na condição do plano terrestre e assume a antiga persona do rapaz de 11 anos que foi quando estava na Terra. Quando o Mickey vem, assume o eu material. Vem deliberadamente para tornar a atmosfera menos tensa.

Com um grupo de pessoas como o do seu círculo, o elemento humano é natural nas fases iniciais da investigação da verdade da sobrevivência; as pessoas querem provas e evidências. Então, aqueles do outro lado fazem o melhor para fornecer essas provas, por isso tem de ser a nível material — caso contrário, não seria aceitável. No entanto, quando um círculo ultrapassa isso e está num nível mental e espiritual, então aqueles do outro lado podem descartar temporariamente o eu, que em certa medida os participantes esperam. Aqueles que vêm do outro lado podem falar em diferentes níveis.

Ela diz o quão notável é que ela e os outros que vêm falar possam tornar-se temporariamente na pessoa que foram no plano terrestre. É notável porque tiveram muitos corpos materiais e conhecem muitas perspetivas da verdade em muitos níveis. Diz que foram muito afortunados por terem entrado em contacto com vários médiuns. Diz que todos somos instrumentos, e alguns estão muito mais avançados do que temos consciência. Podemos não nos chamar médiuns, mas sentimos, pressentimos e compreendemos coisas para além da "intuição". Não é intuição. É compreender ou perceber algo que poderá vir a ser ou poderia ser.

"Toda a vida é mental", diz ela. "Estamos todos a pensar; estamos sujeitos ao pensamento." É por isso que cabe às pessoas conscientes desta verdade pensar num nível mental e espiritual que nos mude individualmente para podermos fazer o trabalho que temos de fazer. Nós, no plano terrestre, diz ela, temos de ultrapassar as restrições do material, mas temos a verdade e lutaremos por essa verdade, propagá-la-emos e tornar-nos-emos essa verdade. "Somos todos parte do mesmo grupo", assegura-lhes ela.

Bessie Smith
Livre pela Primeira Vez

Bessie Smith era uma apanhadora de algodão escravizada nos campos do Alabama que nunca conheceu a liberdade enquanto estava viva. Quando faleceu, foi livre pela primeira vez. No final da sessão, o Dr. Marshal, um dos guias de Leslie Flint do outro lado, explica que Bessie soa como uma escrava analfabeta do Sul porque assumiu a sua personalidade terrena quando veio falar ao círculo. No entanto, ela é na realidade uma alma muito avançada, agora já longe do plano terrestre. Ele alerta que nós, no plano terrestre, devemos ter cuidado em julgar aqueles que se manifestam com base no modo como falam e nos seus maneirismos; todos eles baixam

as suas vibrações para aquilo que eram quando estavam no plano terrestre.
Na sessão, Bessie diz que teve uma vida dura, mas agora não tem arrependimentos. Está a "ensinar os pequeninos" na sua própria escola no outro lado. Quando passou para lá, ficou muito feliz por estar livre, porque tinha trabalhado como escrava nos campos de algodão durante 45 anos, toda a sua vida. Os donos eram "bastante bondosos", disse ela.
Quando atravessou, foi recebida pela sua "mammy", "pappy", irmãos e irmãs. Ela diz: *Fiquei tão surpreendida por não ter asas! Foi verdade! Quando percebi onde estava, senti nas minhas costas e não tinha asas nenhumas, sabe! Não sabia o que pensar. Consegui ver toda aquela gente à minha volta e ninguém tinha asas! E pensei: Bem, estou no Céu? Porque ninguém aqui tem asas? Mas depois percebi que lá não se têm asas. Mas sempre me ensinaram, sabe, que quando se ia para o Céu tinha-se umas asas bem grandes, e quanto melhor se fosse, maiores eram as asas.*
Contudo, ficou aliviada por ver que não estava no outro lugar.
Bessie diz que sabe do trabalho que o círculo de Leslie Flint estava a fazer. Diz que George Woods é bem conhecido do outro lado.
Ela está muito orgulhosa da sua roupa. Tem um vestido azul bonito que vai até aos pés. Fez-o ela própria. Tem um adorno de cabeça lindo, com uma estrela bem no meio, feito para ela porque o mereceu.
Bessie diz que agora vive num "lugarzito", uma casa bonita com uma paisagem encantadora. Está lá com a mãe, o pai, irmãos e irmãs. Diz que ficará satisfeita por mostrar-lhes o seu lugar quando eles atravessarem. O mundo é como era lá no Sul.
Há muitos animais lá. Diz que tem uma grande "puss" (gata):
Chamo-lhe Matilda, é assim que a chamo. Chamo-lhe assim porque é uma menina bonita. Era uma grande gata quando estava do vosso lado, mas aqui é três ou quatro vezes maior... Acho que é o amor que a faz tão grande, sabe. Falo com ela. Ela também fala comigo! Mas não fala com a boca; fala com a mente, e eu sei o que essa menina pensa. Somos inseparáveis, somos.
Diz que há pássaros, mas os pássaros não têm medo dos gatos.
Está muito orgulhosa por o seu cabelo agora ser liso. Os brancos na Terra tinham o cabelo liso, mas o dela era "todo frisado". Agora tem o cabelo liso e está muito feliz com isso. Diz que quando George Woods atravessar, ficará muito feliz. Bessie prevê que Betty Greene terá de ficar sem George quando ele atravessar. Contudo, isso não foi o que aconteceu. Betty Greene faleceu em 1975 e George Woods continuou o trabalho até 1983.
Ela continuou:
Sabe o que mais tenho? Tenho uns sapatos lindíssimos, nunca viu igual!... Têm uns saltos bons, são bonitos e muito pretos e têm umas bolinhas. E o meu cabelo! Oh, se pudesse ver o meu cabelo. Fiquei tão contente com ele. Está mesmo bonito, liso e comprido, sabe. Cuido dos pequeninos... Não tive educação do vosso lado da vida, não tive. Mas sou louca por educação desde que estou aqui. Oh rapaz, oh rapaz! Não há nada que eu não queira saber sobre educação. Queria saber isto e queria saber aquilo e, sabe, dizem-me: "Queres saber demais, demasiado depressa, queres." Mas eu digo, bem, tenho de aprender, tenho muito que recuperar.
Ela diz que adora educação. Continua a ir à escola o mais regularmente que pode. Aprende coisas e volta para casa para contar a todos o que aprendeu. Adora dançar e ensinar as pessoas a dançar. Não toca instrumentos, mas muitos da sua família tocam. Diz que todos são muito felizes.
Descreve um além muito diferente do que esperava:
Eu costumava pensar que tinha de ter asas e que ia estar sempre a rezar ao Senhor. Não, ele não quer que rezemos para ele. Quer que sejamos felizes e amemos e façamos coisas boas para fazer as pessoas felizes. Religião é o que se sente, o que se acredita, o que se sabe e o que se faz.
Lá, diz ela, há todos os tipos de pessoas, de todas as nacionalidades, e são todos uma grande família.
No final da sessão, Bessie retira-se, mas enquanto os participantes discutem de onde ela veio, ela volta para dizer "Alabammy", significando que era do Alabama.
Depois, o Dr. Marshal, um dos guias de Flint, vem explicar que ela se foi porque o poder

diminuiu. Ela gastou muita energia por causa da sua vitalidade. Ele descreve a pessoa com quem acabaram de falar como sendo muito diferente do que parece quando se aproxima da Terra:
Ela é uma personagem notável, e quando se aproxima da Terra, assume a sua velha personalidade de forma extraordinária, o que, do vosso ponto de vista, é muito interessante. E é verdade que ela é muito ativa aqui. Adora as pessoas; adora fazer tudo o que pode. E é uma personagem extraordinária. Quer muito saber e aprender e transmitir informação e conhecimento. Veja, ela foi tão limitada do vosso lado. E o seu conhecimento era... bem, e não teve oportunidade de aprender, de poder ler e escrever. E via outros mais afortunados do que ela; e sempre desejou, obviamente, ser educada e saber tudo o que pudesse. Assim, agora é uma alma altamente avançada. Não devem julgá-la apenas pela sua voz. Devem perceber que, ao aproximar-se da Terra, ela retoma algo do seu antigo eu. Sem dúvida, quando ela comunicar no futuro, vai afirmar-se ainda mais. E se a encorajarem, como tenho a certeza que farão, verão que ela é muito interessante e informativa e divertida de certa forma. Ao mesmo tempo, é uma alma que penso que pode trazer muito interesse, reflexão e ideias para comunicações que serão de verdadeiro valor para outros que possam ter a sorte de ouvir. Ela, claro, não percebe nada de gravações. E isso realmente não importa. O que interessa é o que ela eventualmente poderá comunicar que seja importante para que outros beneficiem ao ouvir. Sejam pacientes.

Mensagem de Biggs
Um homem que disse chamar-se "Biggs" morreu na sua cadeira enquanto lia o jornal. Depois tentou acordar o corpo para não assustar a irmã. Ficou ao lado dela a tentar dizer-lhe que não estava morto. Depois de levarem o corpo, sentou-se de novo na cadeira para pensar naquilo tudo, depois a lareira desvaneceu-se e deu lugar a vistas de outro mundo. Foi ao seu funeral e ficou perturbado porque foi enterrado numa vala comum.

Alfred Higgins
Alfred Higgins morreu numa cama de hospital depois de se magoar mortalmente numa queda de uma escada. Depois de Higgins ter falecido, acordou numa margem ao lado de um rio. Não sabia como tinha lá chegado. Uma pessoa vestida como um monge aproximou-se dele, mas era um homem jovem. Disse: *"Ah, chegaste."* Higgins ficou perplexo. *"Estás morto, sabes,"* disse o homem.
Ele disse que se tocou e conseguia sentir o corpo, por isso disse: *"Como posso estar morto?"* O homem explicou que muitas pessoas pensam que quando morrem vão para o Céu ou para "outro lugar", mas não existem tais lugares como Céu ou Inferno. Explicou que se está numa condição real de vida. *"A vida para além da morte é um estado de espírito."*
Higgins disse que estava muito preocupado com a sua família. Diz que teve a sensação de estar a cair e depois não se lembrava de mais nada. Como Higgins morreu numa cama de hospital, isso faz paralelismo com a experiência de quase-morte de viajar pelo espaço.
O seu guia pergunta-lhe se gostaria de voltar para ver a sua família. Avisou-o de que eles não seriam capazes de o ver ou ouvir. Higgins disse que gostaria de ver como estavam, mas não sabia como iriam lá chegar. O guia disse: *"Vem comigo,"* e caminharam por uma estrada. O guia disse: *"Dá-me a tua mão."* Higgins disse que se sentiu parvo a fazer aquilo, mas deu. Disse que assim que tocou na mão do guia, tudo ficou "esquisito", como se fosse adormecer. Disse que foi uma mudança de consciência.
A seguir, deu por si de pé na cozinha da sua casa. A mulher estava lá a descascar batatas. Tentou falar com ela, mas ela não o conseguia ouvir. O guia disse: *"Concentra o teu pensamento nela. Pensa com força."* Então Higgins pensou no nome dela, concentrando-se nela, e diz que de repente ela levantou-se, deixou cair a faca da mão, olhou em volta confusa, quase assustada, e

fugiu da cozinha. Sentou-se, encostou a cabeça na mesa e começou a chorar. Higgins ficou triste. O guia disse para não ficar triste. Ela sabe dentro dela que ele está ali. O guia disse que as pessoas não sabem com certeza e não foram ensinadas de que a vida continua depois da morte. Não sabem sobre comunicação. Disse que lá no fundo, ela sabe. Este não é o momento. Tem de esperar. Talvez mais tarde se possa fazer algo.

Higgins disse então que gostaria de ir ao pub onde ele e os amigos costumavam passar o tempo. Ficou envergonhado de pedir isso ao guia, "um anjo", para ir a um pub. O guia disse que iam muitas vezes a pubs, e que ele não era um anjo. Higgins disse que reparou que o guia não tinha asas. O guia riu-se e disse que essa ideia antiquada surgiu quando as pessoas pensavam que o Céu estava nas nuvens e que, se as pessoas iam deslocar-se, teriam de ter asas como os pássaros. Higgins disse que o guia disse algo como *"isso é mais uma daquelas coisas malucas em que as pessoas metem na cabeça"*, mas apressou-se a dizer que o guia não usou exatamente essas palavras.
Higgins não sabia como chegar lá, mas o guia sabia o que ele estava a pensar e estendeu-lhe a mão. Higgins agarrou-a e fechou os olhos. E estavam simplesmente lá. Viu os seus velhos amigos. Higgins concentrou-se num deles, que estava prestes a dar um gole, e pensou no seu nome. O homem parou de levar o copo à boca e pousou-o. Disse aos outros amigos: *"É estranho. Tinha a certeza de que ouvi..."* e parou. Não explicou aos amigos que tinha acabado de ouvir Higgins na sua cabeça.
O guia explicou que se se quer que algo aconteça, tem de se pensar nisso.
O guia disse a Higgins que, se queria enviar uma mensagem à esposa, teria de a levar a uma igreja espírita. Ele não sabia como a faria ir a uma igreja espírita. Foi várias vezes a uma igreja espírita perto de casa, mas ela não estava lá. Começou a ir a casa e a concentrar os pensamentos nela e assim fez durante 18 meses. Finalmente, ela teve a ideia de que deveria ir a uma igreja espírita. Levou a irmã com ela.
Ela foi à igreja espírita e sentou-se lá atrás. A médium na plataforma não inspirava confiança a Higgins. *"Não era grande coisa com as provas."* Quando começou a dar mensagens, ele *"concentrou-se nela como um doido"* e ela acabou por captar algo. Ela captou-o. Ele conseguiu transmitir sobre a escada de onde caiu e morreu, mas a médium baralhou-se. A médium aproximou-se da esposa dele e disse: *"Não sei se vai ter um bocadinho de sorte, mas vejo uma escada consigo."* A médium assumiu que a imagem da escada significava ascensão na fortuna. Higgins ficou frustrado. Chamou-lhe uma *"médium parva da pior espécie."*
Acabou por conseguir que o seu nome, Alfred, passasse. A esposa soube que a mensagem era de Higgins. Então pensou: *"O que posso dizer para a convencer mesmo?"* Decidiu concentrar-se na médium, apesar de ser difícil. Impressionou a médium a dizer: *"Esse anel que tem não é o mesmo anel."* Isso tinha um grande significado para a esposa. Ela tinha perdido a aliança de casamento e nunca contou a Higgins. Saiu e comprou outra igual e nunca lhe disse nada. Higgins agora sabia tudo, porque conhecia os pensamentos da esposa. Ela disse: *"Como é que o meu marido poderia saber isso? Eu escondi-lhe isso."* A médium *"ficou toda atrapalhada, ficou toda fina."*
A esposa dele ficou muito interessada e foi a várias sessões, mas, disse ele, agora está com ele. Disse que tinha ido ver muitos médiuns desse lado e que alguns conseguem transmitir algumas coisas, mas muitos são bem-intencionados e acabam por fazer muito mal. Enganam-se em muita coisa.
Higgins disse que é muito feliz desse lado. Toma conta das casas dos outros. Quando as pessoas chegam lá pela primeira vez, gosta de fazer coisas por elas.
Enfatizou que as pessoas gostam de ter uma casa com coisas bonitas. Algumas pessoas que chegam ao além viviam num quartinho minúsculo como única habitação, e gostariam de ter uma casa no campo, com um animal de estimação e um jardim. Lá, podem tê-los.
Disse que as pessoas na Terra veem pouco do sofrimento entre as grandes massas. Estão tão envolvidas nas suas próprias vidas que não percebem que há outras pessoas sozinhas e sem

esperança. Algumas pessoas que chegam ao além estiveram sozinhas, isoladas, durante anos. Disse que gosta de sentir que pode ajudar as pessoas. Faz pequenos trabalhos por elas e decora as suas casas. Disse que as condições no além são muito semelhantes às da Terra. As pessoas vindas do plano terrestre não querem tornar-se anjos nem estar num estado estranho e desconfortável de existência. Querem uma vida familiar, parecida com a que tinham na Terra. Enfatizou que o além é um mundo real, com casas reais e lugares onde vão ouvir música maravilhosa. Recebem amigos. Têm centros educativos, bibliotecas e locais onde vão ver maravilhosas representações de coisas relativas ao homem, ao desenvolvimento, à vida e à evolução das nações e dos povos. Vivem juntos em paz e harmonia; a cor e a nacionalidade não significam nada. São todos filhos do mesmo Deus, a desenvolver-se e a progredir juntos em amor e harmonia. Não há fricções nem preconceito.

Rainha Alexandra da Dinamarca
(1844-1925)

A sessão começa com o Dr. Marshal, um dos que ajudavam os espíritos a comunicar através de Leslie Flint, a comentar sobre aqueles que queria trazer. O Dr. Marshal trabalhava incansavelmente do outro lado para trazer pessoas às sessões que pudessem ser esclarecedoras e ajudar a humanidade a compreender o além.
A Rainha Alexandra era britânica, Rainha Consorte de Eduardo VII de Inglaterra. Começa com alguma dificuldade em falar, como acontece com muitos que se manifestam nas sessões. À medida que se adapta ao meio mediúnico, torna-se bastante articulada.
A vida é muito mais do que parece à superfície, explica. Aprendeu que *"a única coisa importante é fazer a obra de Deus." "Se se quer fazer o trabalho que trará paz, tranquilidade e harmonia entre as nações, temos de olhar internacionalmente... Temos de ter um espírito internacional."*
A ciência, explica, aproximou todos os povos como se estivéssemos todos sob o mesmo tecto. Já não podemos permitir ter as barreiras que o homem construiu através dos séculos. *"E, no entanto, ainda há aqueles no vosso mundo que não aprenderam as lições do passado: guerras geram guerras, ódio gera ódio, intolerância gera intolerância. Temos de encontrar a solução para estas coisas; temos de tentar tornar o homem em todo o lado consciente da sua herança, a herança que é por natureza dele mesmo, que somos todos filhos do Deus vivo e que não há barreiras, que somos todos um."*
"Devem agora considerar-se membros de todas as nações e de todas as raças."
"Gostaríamos de ver uma língua universal."
Explica que, enquanto está no além, tem estado em diferentes circunstâncias, dependendo do seu progresso. Pessoas ajudaram-na na sua educação e desenvolvimento.
Explica que, enquanto estava na Terra, teve experiências em que viu grandes almas que muitas vezes foram de grande ajuda para ela. Teve experiências que a prepararam para o além.
Agora é capaz de ensinar aqueles que estão em esferas mais baixas, *"que são menos afortunados,"* para que possam erguer-se da escuridão em que existem, *"a escuridão das suas próprias mentes."*
Pode-se progredir aprendendo e praticando. Os mais difíceis de ajudar a crescer espiritualmente são aqueles que se agarram a velhas crenças religiosas, que se apegam a ideias fixas. Aqueles cujas mentes estão mais abertas podem receber conhecimento e desenvolver-se. Os que têm a mente fechada, particularmente por causa de crenças religiosas, são especialmente difíceis. Há grupos de pessoas que acreditam que são os únicos na esfera de existência. Estão à espera de ser trazidos de volta à Terra em corpos físicos numa ressurreição. São os mais difíceis de ajudar a crescer espiritualmente.
Ela explica que, quando faleceu, estava em ambientes familiares da sua juventude, e relações e amigos que conhecia estavam lá. Foi uma grande alegria para ela ter o reencontro com todas aquelas pessoas que conhecia e estar no velho quarto que tanto amava na sua juventude. Sentiu-se muito afortunada por ter tido uma passagem tão alegre.

Alfred Frost
Conteúdo da Sessão

Alfred Frost começa por dizer que espreitou Woods e Greene ocasionalmente. Depois, na sessão, há um problema com o "poder" durante alguns segundos. Frost explica que a maioria das pessoas na Terra tem ideias estranhas sobre a morte e o além. Recordou que alguém tinha escrito uma série de artigos sobre a vida após a morte, mas não tinha muito interesse neles. Disse que faleceu quando estava no jardim. Sentiu-se um pouco estranho e simplesmente morreu. A filha dele veio onde ele tinha caído e, ao vê-lo deitado no chão, deixou cair a chávena que tinha na mão e gritou. Depois, disse ele, viu a sua esposa, mas ela tinha falecido anos antes. A esposa parecia tão jovem que ele não a reconheceu de imediato. Viu-os a levar o corpo para dentro de casa.
Depois foi ao funeral. A filha colheu algumas rosas do jardim e pô-las no caixão. Tentou fazer a filha saber que estava ali e que estava bem, mas ela não o podia ouvir nem ver. Disse que isso é uma das coisas mais terríveis na morte: o falecido consegue ver a dor da família mas não consegue tranquilizá-los de que está bem.
Parecia um pouco frustrado com o facto de as pessoas não serem ensinadas sobre a morte e o facto de os falecidos estarem ainda vivos, apenas noutra forma. *"As pessoas não ensinam nada, não provam nada"* sobre a morte. Disse que tinha ido a igrejas espíritas, mas foram-lhe frustrantes e não aprendeu nada ali.
Ficou no plano terrestre durante algum tempo, na esperança de animar a filha, *"mas foi inútil,"* disse ele. Passado algum tempo, a esposa e outros ajudaram-no a ir além do plano terrestre. Agora, vive com centenas de outras pessoas, todos em harmonia. Disse que agora está bastante feliz. *"Sempre fui bom a conviver. Estamos todos tão em sintonia."*
Explicou que lá há grandes extensões de jardins, com música bonita a tocar. Há crianças por todo o lado. Há uma secção inteira dedicada às crianças, onde pessoas que as amam as ensinam e ajudam. Há escolas, mas o conteúdo não é educação materialista; é educação espiritual. No entanto, são ensinadas sobre a vida como foi vivida na Terra e alguma história.
Disse que sempre gostou de talhar madeira na Terra e queria fazer talhas bonitas, mas não conseguia. Agora faz talhas. Foi muito enfático ao dizer que as coisas desse lado da vida são reais. Há substâncias que crescem e são sólidas. Usam ferramentas e criam coisas, como ele faz ao talhar. Disse que é pura estupidez imaginar que, no além, as pessoas pensam numa coisa e ela aparece. Disse que isso é possível, mas ele não o faz assim.
Continuou, sublinhando novamente que as pessoas do nosso lado da vida têm de entender que o dele é um mundo real. É uma realidade sólida. Todos os tipos de substâncias são usados para construção e as pessoas que gostam de usar as mãos fazem coisas de grande beleza. Lá, uma pessoa pode exprimir a sua personalidade. As coisas não acontecem automaticamente; têm de trabalhar para as conseguir.
Disse que está satisfeito onde está, por isso não tem qualquer impulso para avançar mais no desenvolvimento espiritual. *"Progredimos devagar,"* explica. *"As mudanças são muito subtis."* Descreveu almas que lá estão há séculos e séculos e são mais desenvolvidas. Mas para aqueles como ele, que lá estão apenas há alguns anos, estão onde devem estar, num mundo muito semelhante à Terra.
Explicou que não há necessidade de maquinaria. As pessoas que talham e produzem não usam máquinas nem fábricas. Todo o esforço é individual. Não há negócios, máquinas, carros ou autocarros.
Depois explicou a essência de como é a vida no além. *"Tudo está dentro de ti mesmo, o que és, o que farás, o que te tornarás,"* explicou. Algumas pessoas estão em ambientes muito próximos da Terra e quase idênticos em carácter devido aos seus pensamentos materialistas, mas essas coisas estão nos seus pensamentos ou imaginação. Porque é assim que pensam, é nesse reino

que vivem. Estão num estado de sonho, de certo modo.
No além, as pessoas estão num ambiente criado pela condição dos seus pensamentos. Há um plano intermédio muito próximo do plano terrestre para algumas pessoas viverem enquanto fazem a transição entre a Terra e as esferas superiores. É uma qualidade de sonho para pessoas tão materialistas que não conseguem erguer-se acima do reino material; não estão preparadas. Almas das esferas superiores têm de ajudar essas pessoas a sair deste estágio.
Explica que, como resultado, há esferas de vida interligadas no nosso mundo terrestre, como dois mundos num só. É daí que vêm as assombrações, diz ele. Em certos momentos, as condições tornam-se propícias e pessoas que não são espiritualistas experienciam estas pessoas no plano próximo da Terra. Estas almas ligadas à Terra tornam-se visíveis.
Frost sublinha que o poder da mente é tal que tudo é possível. Disse que se apercebe cada vez mais de que muito mais poderia ser alcançado na Terra se as pessoas voltassem as suas mentes para o espiritual. As pessoas são mais materialistas e não se interessam pelo espírito.

Irmão Adjul
O Irmão Adjul teve alguma dificuldade em habituar-se ao aparelho de voz mediúnico, como acontece com muitos que se manifestam. Explicou que, quando estava na Terra, estudou num grupo religioso durante vários anos e sentia que compreendia a espiritualidade. O estudo abriu-lhe a compreensão. Explicou que ele, juntamente com os "irmãos" onde estava, foram ensinados segundo a perspetiva cristã, mas ele queria mais respostas. À medida que foi investigando, foi ostracizado pelos irmãos.
Saiu para as colinas para meditar, abrindo-se de uma forma que descreveu como "extraordinária". Sempre teve a consciência de que era possível comunicar com aqueles que estão no além; na Bíblia, via muitos exemplos disso. Por isso, não conseguia entender por que razão era tão mal interpretado.
Aprendeu que uma pessoa pode estar em contacto com os espíritos "desencarnados" através de uma experiência notável que teve. Tornou-se muito próximo de um homem que, "pela sua natureza, demonstrou grande afeição por mim", mas percebeu que tinham de ser muito cuidadosos porque a relação podia ser mal interpretada pelos outros irmãos. Os outros eram dedicados ao silêncio, oração e serviço. Qualquer sentimento material que não fosse amor fraterno era reprimido. Infelizmente, o seu amigo morreu. Ficou de coração partido porque o seu amigo era a única pessoa com quem podia abrir a alma e aliviar-se.
Pouco depois da morte do amigo, teve um sonho. No sonho, viu o amigo distintamente. O amigo sorriu-lhe e ouviu-lhe a voz. Chamou Adjul com um gesto e apontou para a porta da sua cela. Adjul seguiu-o pelo corredor até à porta principal e os dois atravessaram-na. Caminharam, caminharam e caminharam até às montanhas que ficavam a vários quilómetros de onde era a cela de Adjul. O amigo apontou para uma abertura na rocha que parecia um túnel e entrou. Adjul seguiu-o.
Os dois sentaram-se e o amigo disse:
Virei ter contigo regularmente e contar-te-ei muitas coisas que experienciei e testemunhei. Mas é essencial que estejas sozinho. E eu virei ter contigo e farei com que ouças e saibas das coisas que tanto anseio contar-te. Pois não são apenas para ti; são para aqueles que ouvirão a verdade da voz do espírito. Ficarás aqui durante vários anos do teu tempo terreno e depois irás de lugar em lugar, de mercado em mercado, daqui para ali, e falarás das coisas que são do espírito. E quando fores questionado e algumas pessoas duvidarem de ti e te meterem medo, eu impressionar-te-ei ou dar-te-ei mensagens que poderás dar-lhes para que saibam que assim tem de ser.
Adjul diz que conseguiu ajudar muitas pessoas de forma limitada. Acima de tudo, diz ele, quando as pessoas se reúnem para falar de coisas relacionadas com o Grande Espírito, aqueles do outro lado vêm dar orientação. Vir à Terra e passar tempo não tem grande significado para eles porque o tempo vale muito pouco. O amor torna tudo possível; as pessoas devem reunir-se em harmonia. Às vezes, aqueles do outro lado dão uma pequena mensagem a alguém — talvez a alguém que perdeu um ente querido. A mensagem será que o seu ente querido está à sua

volta e ainda o ama, e que um dia se reunirão.
Diz que podem não ter consciência da sua responsabilidade. Não será sempre fácil, diz ele. As pessoas insultá-los-ão e dirão que estão mentalmente perturbados. Explicou que foi apanhado pelo poder da igreja. Não é fácil para aqueles na igreja terem uma mente aberta sobre estas coisas. A impressão que os da igreja davam era de amor, e era um amor de certo tipo, diz ele. Mas o amor duradouro é o amor espiritual que supera todas as coisas, materiais e carnais. Adverte que não é fácil para aqueles que seguem o caminho da verdade fazer com que os outros percebam e compreendam que a vida é verdadeiramente eterna, que aqueles do outro lado estão com eles constantemente, mesmo que não os vejam. As pessoas são seres espirituais, embora apenas um embrião. O corpo é apenas uma casa onde o espírito habita durante um tempo.
Explica que fala não só para os presentes na sessão, mas também para os muitos que poderão ouvir a verdade do espírito. O gravador é semelhante ao que faziam há séculos quando copiavam manuscritos para criar um livro iluminado com verdade.
Não é a igreja que importa. É a realização da verdade dentro de si. Falar dessa verdade, viver essa verdade, amar essa verdade, ser essa verdade. *Meus queridos filhos, são muito abençoados. Tomei tempo porque sinto a necessidade de deixar a minha mensagem a vocês, sabendo que seguirá em frente e outros a ouvirão nos anos vindouros. Saibam que estamos convosco e damos-vos tudo o que é possível dar-vos em amor. Vivam juntos em paz, em amor e em harmonia. Pois há força na união; se não houver união, então, de facto, talvez seja mais difícil.*

Irmão Boniface
George Woods pergunta ao Irmão Boniface por que razão os jovens já não vão à igreja. O Irmão Boniface responde que, ultimamente, as pessoas recusaram aceitar o que a igreja oferece. Os jovens tornaram-se mais analíticos e consideraram as afirmações feitas pela igreja. Estão cheios de dúvida e incerteza. Já não aceitam os ensinamentos da igreja que não têm fundamento e realização que tragam convicção.
Antigamente, as pessoas aceitavam cegamente, sem questionar, o que a igreja ensinava. Os homens no púlpito eram vistos como a voz de Deus. Hoje, os jovens veem-nos de forma diferente. Veem-nos como homens, como eles próprios, muitas vezes sem inspiração. Hoje, os jovens cavam mais fundo. Não se contentam em ficar à superfície, aceitando sem questionar. Contudo, é nos jovens que depositamos esperança para o progresso da verdade para as gerações futuras.
Aqueles do outro lado procuram médiuns que possam dar continuidade ao trabalho do espírito. Boniface explica que aqui encontram a maior decepção, porque tantas vezes os jovens ficam desiludidos, até mesmo com o Espiritualismo. Esta é a tragédia que tanto os preocupa: há tão poucos médiuns capazes de expor estas coisas e também trazer a convicção tão desejada e necessária. Os mais jovens ficam desiludidos porque a evidência nem sempre surge e, muitas vezes, os que são médiuns não cumprem as obrigações que lhes são impostas. Não aderem à verdade.
Neste momento, o Espiritualismo deve desenvolver médiuns que sejam capazes de demonstrar a realidade destas coisas. Boniface diz que há muito poucos capazes e os que são capazes sobrecarregam-se mental, física, psíquica e espiritualmente. Os espiritistas devem proteger os médiuns, mas muitos médiuns não se protegem. Em alguns casos, estão ansiosos por servir tão bem que prejudicam o seu próprio bem-estar e o daqueles que procuram. Um médium, por mais sincero que seja, deve proteger-se a si próprio e ao poder do espírito. Quando esse poder se manifesta e é utilizado, tudo corre bem.
O Irmão Boniface continua a explicar que há momentos, muitas vezes para além do controlo do médium, em que aqueles do outro lado não conseguem manifestar-se. Muitos fatores têm de ser considerados. Há tão poucos médiuns e, muitas vezes, os que servem tendem a

sobrecarregar os seus poderes. Os médiuns são, por vezes, fracos. Os médiuns devem ser espiritualmente orientados para serem bons médiuns.
Há uma diferença entre psiquismo e Espiritualismo, entre dons psíquicos e dons espirituais. Entrelaçam-se. O que precisamos são bons psíquicos e, acima de tudo, bons médiuns espiritualmente orientados. Precisamos de garantir que apenas o que é bom virá disso. Muitas vezes, no entanto, não é fácil de gerir. Aqueles do outro lado só podem fazer o melhor que podem de acordo com o poder que é gerado, com a substância que têm para trabalhar. Muitas vezes lidam com pessoas no plano terrestre que estão desapontadas e desiludidas. Explica que aqueles do outro lado fazem o melhor para elevar e inspirar, mas não podem forçar, nem tentariam obrigar os médiuns a fazer algo contra a sua vontade. Desejam aquilo que é bom, mas ainda assim estão sujeitos às condições que prevalecem em redor do médium. Eles, do outro lado, não são melhores do que o contacto e o médium que utilizam. Ainda assim, muitas vezes têm sucesso.
Na sua mensagem, voltou então ao tema dos jovens na igreja e na espiritualidade. Eles não são fáceis de convencer, diz ele. Muitas vezes esperam que tudo seja perfeito, na medida em que possa resistir a escrutínio e análise. Por vezes é assim, outras não. O que não percebem é que aqueles do outro lado estão limitados pelas condições que prevalecem no momento. Às vezes, uma sessão pode oscilar, dependendo de tantos fatores. E os jovens não percebem que eles próprios contribuem para as condições que tornam possível a comunicação. Às vezes a atitude deles não é a que deveria ser, apesar da sua sinceridade. Devem aprender a ser humildes.
A sua educação e as circunstâncias da vida moderna criam barreiras. Todos os que procuram compreender o espírito devem ser como uma criança antes de poderem entrar na compreensão do espírito. As pessoas devem entrar numa sessão ou encontro com a mente aberta, sem amarras, sem ideias preconcebidas. Devem estar abertas na abordagem e os seus corações devem estar cheios de amor por toda a humanidade e por toda a criação. Em muitos casos, entram nesse "contrato" entre o além e o reino terrestre, nesta base de bondade, amor, paz, harmonia, compreensão e realização espiritual, mas é frequentemente um caminho lento e laborioso. Quem entra nesta verdade não a encontrará fácil. Por isso, diz ele, abrir os olhos de uma pessoa para as coisas do espírito é difícil, pois está a erguer-se do lodo. Deve adquirir para si um novo valor, nova compreensão, novas realizações, novo propósito e entrar num estado de consciência e de ser afastado das coisas materiais. Deve aprender, em consequência, a ajustar-se e a dar a cada coisa o seu verdadeiro lugar.
Isso não é fácil para os jovens. Exige que sacrifiquem coisas que parecem materialmente importantes. Para uma pessoa já idosa, que viveu a sua vida, cometeu erros e avaliou valores, não é tão difícil deixar de lado muitos desejos materiais da carne e coisas que outrora pareciam importantes. É muito mais difícil para os jovens reavaliar valores, deitar fora muitas coisas materiais que lhes são importantes na sua energia e juventude. Por isso, aqueles do outro lado descobrem que os seus esforços são insuficientes porque os jovens não têm paciência para procurar maior profundidade e valor. Julgam rapidamente e ficaram desiludidos com médiuns cuja qualidade não é das melhores. Não recebem a inspiração que tanto desejavam, por isso afastam-se.

Alguns têm ansiedade de ser úteis e estão espiritualmente despertos, mas a vida no mundo impede-os. As pessoas com quem muitas vezes se tornam amigos, que pensam de forma diferente, acabam por arrastá-los para condições materiais que, pela sua natureza, fecham a porta ao espírito. Têm grande dificuldade em ganhar a convicção e a realização necessárias para trilhar os caminhos da verdade e obedecer às leis do espírito.
Alguns no plano terrestre presumem que aqueles do outro lado já se afastaram muito das coisas materiais da Terra. Isso é verdade até certo ponto, mas ele sublinha que estamos todos no caminho de progresso gradual. Alguns manifestam-se num estado de ser tão, tão afastado do mundo material, onde a vida está tão além que seria impossível descrevê-la com palavras que as pessoas na Terra pudessem entender. Há aqueles que estão mais perto, e não são muito

diferentes dos da Terra, não na forma exterior, mas na atitude, na mente e no desígnio espiritual.
Todos os homens, qualquer que seja o seu estrato de ser, têm dentro de si desejos profundos, enraizados e latentes de realização espiritual, consciência espiritual, despertar espiritual e o desejo de derrubar as obras do ego. Todos nós somos personagens Jekyll e Hyde. Ele diz que está sempre consciente do ensinamento simples que Cristo deu: *"Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus."* Isto, explica, é um exemplo do que procuram gravar naqueles na Terra, jovens e velhos. As pessoas devem compreender o aspeto espiritual de si mesmas, com todo o seu potencial, magnificência, beleza e poder, não necessariamente quando chegam ao outro lado, mas ainda enquanto estão na Terra. Esta é a grande oportunidade que tão frequentemente se perde por todos, independentemente de credo ou cor. Não sugerem que as pessoas na Terra abandonem a vida material. Dizem que as pessoas deste lado devem acolhê-la de mãos abertas e ser felizes, aproveitar o que é bom da Terra.
Compreendem que muitas tentações se colocam no caminho das pessoas. E não consideram que algumas das coisas que se dizem ser tentações o sejam verdadeiramente. Muitas vezes são oportunidades para adquirir conhecimento e experiência.
É necessário cometer erros, mas é preciso aprender e muitas vezes a única forma de aprender é através do erro. O erro não é uma coisa boa, mas não negam que, muitas vezes, o erro seja necessário. Uma criança, na ignorância e tolice, faz coisas tolas. Mas a criança aprenderá pelo erro, fazendo coisas disparatadas. Muitas das coisas que os homens chamam de mal não são vistas por aqueles do outro lado como mal.
A igreja está a mudar gradualmente. Embora as igrejas estejam vazias, aqueles que servem a igreja estão a mudar. O jovem pastor está a mudar de atitude e visão consideravelmente em relação há 100 anos. Há esperança para a igreja a este respeito. Os jovens na igreja verão mais claramente os erros do passado e tentarão corrigi-los. Demonstrarão as faculdades espirituais e os dons na igreja e muitos regressarão como resultado. Aqueles que curam os doentes, aqueles que percebem os dons de profecia, aqueles que percebem que é possível voltar aos primeiros dias da igreja quando era simples, como crianças na humildade e fé, participando do poder do espírito.
Ele diz que os primeiros cristãos viam, ouviam e sabiam que a vida é contínua, que a morte não é o fim. Foi daí que os primeiros mártires cristãos obtiveram a sua tremenda esperança e certeza, alegria nos corações. Receberam o poder do espírito que se manifestava de muitas maneiras. Estavam seguros. Não tinham medo da morte. Não tinham medo da libertação do espírito do corpo físico.
Incontáveis pessoas temem hoje a morte. Temem a doença, a enfermidade, a agonia. Outros temem as consequências e a retribuição, especialmente aqueles com mentalidade religiosa incutida pela igreja. Mas não há julgamento; ninguém julga outro. Todos nos julgamos a nós próprios. Todos nos avaliamos. Quando um homem chega ao outro lado, é como se, de uma forma estranha, se tornasse consciente de si mesmo pela primeira vez. O homem é despido de todas as coisas e já não pode usar máscara nem esconder-se atrás da fachada falsa construída ao longo de uma vida. Boniface explica que muitos que conheceu ficaram horrorizados ao perceberem que no mundo do espírito não há julgamento, nem condenação, nem necessidade de medo ou apreensão. Cada homem encontra o seu verdadeiro nível e trabalha por si mesmo a sua própria salvação.
O que se pretende no caminho cristão de vida é que se siga o mestre, Jesus: moldar-se tanto quanto possível nele, tornar-se como ele, fazer estas coisas que são maiores do que nós. O homem tem dentro de si o poder de se salvar, de fazer as coisas de Deus enquanto está na Terra. O homem recebe o poder de dentro para superar as múltiplas fraquezas da carne, para perceber que tudo o que acontece na Terra tem o seu lugar, significado e propósito. É preciso aprender o poder do espírito, a força vital, a essência de toda a bondade. Deus é poder, Deus é amor, Deus é o aspeto criativo do eu, a energia e vitalidade, a realização da unidade com toda a criação.

Se ao menos o homem se pudesse ver. Se ao menos a juventude pudesse perceber isto, pois é na juventude que surgem as grandes oportunidades, com a força de vida para criar a fraternidade dos homens, a salvação do mundo, perceber que o mundo terreno e o além são um só mundo, não mundos separados. Aqueles do outro lado são desconhecidos, mas são parte do nosso espírito na Terra, tal como nós somos parte do espírito deles. Termina exortando-nos a abrir-nos a estas coisas, ver e conhecer o poder divino que sustenta toda a vida. A verdadeira realização disto, que nos dão, é o alicerce sobre o qual será construída uma compreensão do espírito para as gerações futuras. Nós na Terra vivemos tempos difíceis. O homem criou estas condições em que se encontra. Torna-se mais difícil e assustador, e poderia ser horrível.
O Irmão Boniface fala sobre a natureza de Deus. Descreve como surgiu a religião. Sugere que, em tempos antigos, o homem sentiu necessidade de um grande líder, uma força suprema ou poder, que foi chamado de "Deus" ou "Jeová" ou outro nome qualquer. No entanto, não existe um Deus que se sente para julgar ou condenar. Deus está no homem. É a força vital, elementar, a própria essência ou núcleo do homem. Isso é Deus, o poder, a força divina. Deus não julga nem condena.
A missão de Cristo foi mal interpretada. Ele disse: *"Eu e o Pai somos um."* O homem interpretou isso como significando que Deus é um homem sentado num trono em forma material. Deus é o poder, a força indestrutível que dá vida. O poder de Deus ou luz de Deus é o que nos dá vida. Em diferentes estratos de ser, surge uma realização maior do poder que existe em si mesmo, o poder espiritual.
À medida que progredimos espiritualmente, os termos e expressões que usamos ganham forma como revelações parciais, dependendo do crescimento de cada pessoa. À medida que nos tornamos mais conscientes do poder do Espírito Santo, tornamo-nos mais capazes de perceber a força potencial. Tornamo-nos cada vez mais capazes de estar espiritualmente conscientes. Esta é a descrição de Deus de Boniface:
Não existe Deus no sentido em que Deus é geralmente aceite e entendido. Deus está dentro. Mas é uma força; é um poder. Não é uma pessoa; não é uma forma; não é uma figura. Deus é uma realização do espírito de cada um, uma realização das possibilidades de si mesmo, na medida em que se tem poder e vitalidade, e se tem indestrutibilidade de natureza e tipo espiritual. E se tem forma, é porque nós temos forma e figura, na medida em que, na Terra, temos um corpo físico, e quando deixamos o corpo físico na morte, temos um corpo astral, e quando deixamos os planos astrais, temos um corpo espiritual, e por isso temos forma e figura. Mas é o espírito que é Deus.
"Deus" não passa de uma palavra. É apenas um manto que cobre a realidade interior. Assim, um termo como "Deus" é apenas um termo. Não explica nada e, num certo sentido, é nada. É a força vital de toda a vida que é Deus. Mas não é forma. E se tem forma, é porque nós próprios lhe damos forma. Uma forma e figura são necessárias, e enquanto tivermos forma e figura, temos em nós o poder que nos ajuda a criar-nos à medida que evoluímos numa forma de Deus. Mas não existe Deus no sentido em que Deus é entendido e aceite. Este é um mistério, num certo sentido, que persiste há muitos séculos. O homem reza a Deus, mas na verdade está a rezar à força divina que é toda a vida, que torna todas as coisas possíveis, seja no vosso mundo ou neste. E invoca esse poder ou força para o ajudar e apoiar, para o guiar e elevar. Mas não é uma forma ou figura; não é uma pessoa que restringe bênçãos. É um poder; é a força vital que está em todas as coisas. Está nas coisas mais humildes ou formas no vosso mundo. Seja uma árvore ou uma folha que cai, seja um ser humano, ou uma nuvem no céu, tudo isto é vida, e isto é Deus. Deus é vida, não uma forma ou figura ou pessoa. Mas é a força vital que está por detrás de tudo. Emanando e dando origem e tornando possível todas as coisas boas e más. Pois tudo existe em Deus e Deus está em todas as coisas. Mas não é uma pessoa.
Esta força é indestrutível. Pode-se matar o corpo, mas não se pode matar o espírito. O próprio coração do homem que é invisível, mas o mais real de tudo. Vemos a forma e figura exterior, mas não vemos a consciência interior. Isso é Deus, quer esteja na natureza, quer nos seres

humanos. Tudo isto é Deus. Sente-o e conhece-o dentro da tua alma e aprenderás o que é Deus.
O cérebro é uma estação de receção. A mente é Deus. É o veículo ou expressão. Torna possível a realização de todas as coisas. Sem consciência, não poderia haver vida. Isto, num certo sentido, é Deus. Este poder é a parte vital e vivificante do homem. Temos de nos afastar da ideia pagã de que Deus é uma pessoa. Deus não pode ser confinado num espaço. Há pouca realização do poder do Espírito Santo, mas este termo, como todas as expressões que o homem criou, serve para dar uma ideia, mas não consegue dar a expressão ou realização completa do que está por trás dessas ideias. À medida que o homem progride, tem a capacidade de ver, conhecer, experienciar. Mas primeiro devemos derrubar a expressão limitada do que é Deus. Deus não é um homem, figura ou forma. Deus é o poder que sustenta toda a vida, o que torna toda a vida possível.
O homem deve perceber que é responsável para com o próximo e para com todas as formas de vida que existem. Todos os diversos estágios da evolução fazem parte do seu reino, parte de si mesmo. Somos todos compostos da mesma substância. Devemos aprender a viver em harmonia e paz uns com os outros. Devemos apreciar o mais humilde antes de podermos apreciar o mais elevado. Até conhecermos tudo o que existe, não podemos elevar-nos acima do mundano. Quando pudermos ver o mundo do sentido e fazer parte dele ainda na Terra, devemos aprender a viver em paz, tranquilidade, harmonia e amor com todas as coisas. A mesma força vital flui através de tudo. Estamos entrelaçados. É errado fazermos guerra uns aos outros. Há muito de bom que pode ser revelado e usado em grande vantagem. Mas temos de nos sacrificar. Para alcançar o estágio mais elevado de ser, é preciso aprender a pôr-se mais e mais em segundo plano, a estar mais sintonizado com os outros, especialmente com aqueles cujas necessidades são maiores. Devemos esquecer-nos um pouco de nós mesmos. Só assim podemos crescer mental e espiritualmente.
As pessoas não percebem o quão necessário é ser humilde. Todos os grandes profetas viram que o segredo é ser humilde para se tornar grande, para encontrar o Reino de Deus, para encontrar a realização do poder do Espírito Santo. Devem tornar-se os mais baixos para se tornarem os mais elevados. Cristo percebeu isto muito mais do que os profetas do passado. Se se quer progredir espiritualmente, devemos tornar-nos humildes. Só na humildade podemos perceber a sabedoria que nos libertará das correntes do mundano. A maior força reside no que parece não ter valor.

A natureza de Deus é uma questão frequentemente feita, mas há tanto que não pode ser revelado ou compreendido. Deus não é um indivíduo; é uma força e poder em cada um de nós. Em alguns está mais submerso, mas pode ser invocado de dentro de nós para iluminar o nosso caminho para sempre. Tanto se construiu sobre o medo de Deus, mas isto é uma coisa cruel criada pelo homem que dá uma impressão errada, que torna algo contra a nossa natureza. Tudo o que é feito por medo não é bom. Tudo deve ser feito por amor. Nada se ganha pelo medo: o medo das consequências não é uma verdadeira realização. Tudo deve ser feito com sinceridade e fraternidade. Isso é bom. O que é feito por medo é mau.
Aqueles que não conseguem ver ou que não querem ver, aqueles que se agarram a uma velha imagem e dão assentimento a um credo ou dogma por causa da imagem, têm de aprender a encontrar progresso por si próprios. Devemos lembrar, acima de tudo, que a verdade será revelada à medida que o indivíduo a tornar possível. Os indivíduos só podem encontrar a revelação encontrando a realização dentro de si mesmos. A porta está destrancada e podemos ver gradualmente as possibilidades que residem dentro de nós. Temos dentro de nós o poder de conhecer muitas coisas. Podemos tornar muitas coisas possíveis. A fé pode mover montanhas. Fé e amor andam de mãos dadas. À medida que trabalhamos em amor e fé, não devemos permitir que nada se coloque no caminho do progresso espiritual.
Esse bem-estar é a paz que excede todo o entendimento. Saiba que dentro de si mesmo está a resposta. Há a possibilidade de grandeza, verdadeira grandeza. Somos um em espírito e

verdade. Grande é o poder do divino, e neste poder somos verdadeiramente irmãos, verdadeiramente eternos. Superaremos e, ao fazê-lo, a realização torna-se cada vez mais clara. Compreenderemos a sabedoria do Altíssimo.

Irmão Boniface

O Irmão Boniface fala sobre a natureza de Deus. Descreve como a religião surgiu pela primeira vez. Sugere que, em tempos remotos, o homem sentiu a necessidade de um grande líder, uma força suprema ou poder, que foi chamado de "Deus" ou "Jeová" ou outro nome. No entanto, não existe um Deus que se senta para julgar ou condenar. Deus está no homem. É a força vital, elementar, a própria essência ou núcleo do homem. Isso é Deus, o poder, a força divina. Deus não julga nem condena.

A missão de Cristo foi mal interpretada. Ele disse: *"Eu e o Pai somos um."* O homem interpretou isso como significando que Deus é um homem sentado num trono em forma material. Deus é o poder, a força indestrutível que dá vida. O poder de Deus ou luz de Deus é o que nos dá vida. Em diferentes estratos de ser, surge uma maior realização do poder que existe em si mesmo, o poder espiritual.

À medida que progredimos espiritualmente, os termos e expressões que usamos ganham forma como revelações parciais, dependendo do crescimento de cada um. À medida que nos tornamos mais conscientes do poder do Espírito Santo, tornamo-nos mais capazes de perceber a força potencial. Tornamo-nos cada vez mais capazes de estar espiritualmente despertos e conscientes. Esta é a descrição de Deus de Boniface:

Não existe Deus no sentido em que Deus é geralmente aceite e entendido. Deus está dentro. Mas é uma força; é um poder. Não é uma pessoa; não é uma figura; não é uma forma. Deus é uma realização do espírito de cada um, uma realização das possibilidades de si mesmo, na medida em que se tem poder e vitalidade, e se tem indestrutibilidade de natureza e tipo espiritual. E se tem forma, é porque nós temos forma e figura, na medida em que, na Terra, temos um corpo físico, e quando deixamos o corpo físico na morte, temos um corpo astral, e quando deixamos os planos astrais, temos um corpo espiritual, e por isso temos forma e figura. Mas é o espírito que é Deus.

"Deus" não passa de uma palavra. É apenas um manto que cobre a realidade interior. Assim, um termo como "Deus" é apenas um termo. Não explica nada e, num certo sentido, não é nada. É a força vital de toda a vida que é Deus. Mas não é forma. E se tem forma, é porque nós próprios lhe damos forma. Uma forma e figura são necessárias, e enquanto tivermos forma e figura, temos em nós o poder que nos ajuda a criar-nos à medida que evoluímos numa forma de Deus. Mas não existe Deus no sentido em que Deus é entendido e aceite. Este é um mistério, num certo sentido, que persiste há muitos séculos. O homem reza a Deus, mas na verdade está a rezar à força divina que é toda a vida, que torna todas as coisas possíveis, seja no vosso mundo ou neste. E invoca esse poder ou força para o ajudar e apoiar, para o guiar e elevar. Mas não é uma forma ou figura; não é uma pessoa que restringe bênçãos. É um poder; é a força vital que está em todas as coisas. Está nas coisas mais humildes ou formas no vosso mundo. Seja uma árvore ou uma folha que cai, seja um ser humano, ou uma nuvem no céu, tudo isto é vida, e isto é Deus. Deus é vida, não uma forma ou figura ou pessoa. Mas é a força vital que está por detrás de tudo. Emanando, dando origem e tornando possíveis todas as coisas boas e más. Pois tudo existe em Deus e Deus está em todas as coisas. Mas não é uma pessoa.

Esta força é indestrutível. Pode-se matar o corpo, mas não se pode matar o espírito. O próprio coração do homem é invisível, mas o mais real de tudo. Vemos a forma e figura exterior, mas não vemos a consciência interior. Isso é Deus, quer esteja na natureza, quer nos seres humanos. Tudo isto é Deus. Sinta-o e conheça-o dentro da sua alma e aprenderá o que é Deus.

O cérebro é uma estação de receção. A mente é Deus. É o veículo ou expressão. Torna possível a realização de todas as coisas. Sem consciência, não poderia haver vida. Isto, num certo sentido, é Deus. Este poder é a parte vital e vivificante do homem. Temos de nos afastar da ideia pagã de

que Deus é uma pessoa. Deus não pode ser confinado num espaço. Há pouca realização do poder do Espírito Santo, mas este termo, como todas as expressões que o homem criou, serve para dar uma ideia, mas não consegue dar a expressão ou realização completa do que está por trás dessas ideias. À medida que o homem progride, tem a capacidade de ver, conhecer, experienciar. Mas primeiro devemos derrubar a expressão limitada do que é Deus. Deus não é um homem, figura ou forma. Deus é o poder que sustenta toda a vida, o que torna toda a vida possível.
O homem deve perceber que é responsável para com o próximo e para com todas as formas de vida que existem. Todos os diversos estágios da evolução fazem parte do seu reino, parte de si mesmo. Somos todos compostos da mesma substância. Devemos aprender a viver em harmonia e paz uns com os outros. Devemos apreciar o mais humilde antes de podermos apreciar o mais elevado. Até conhecermos tudo o que existe, não podemos elevar-nos acima do mundano. Quando pudermos ver o mundo do sentido e fazer parte dele ainda na Terra, devemos aprender a viver em paz, tranquilidade, harmonia e amor com todas as coisas. A mesma força vital flui através de tudo. Estamos entrelaçados. É errado fazermos guerra uns aos outros. Há muito de bom que pode ser revelado e usado em grande vantagem. Mas temos de nos sacrificar. Para alcançar o estágio mais elevado de ser, é preciso aprender a pôr-se mais e mais em segundo plano, a estar mais sintonizado com os outros, especialmente com aqueles cujas necessidades são maiores. Devemos esquecer-nos um pouco de nós mesmos. Só assim podemos crescer mental e espiritualmente.
As pessoas não percebem o quão necessário é ser humilde. Todos os grandes profetas viram que o segredo é ser humilde para se tornar grande, para encontrar o Reino de Deus, para encontrar a realização do poder do Espírito Santo. Devem tornar-se os mais baixos para se tornarem os mais elevados. Cristo percebeu isto muito mais do que os profetas do passado. Se se quer progredir espiritualmente, devemos tornar-nos humildes. Só na humildade podemos perceber a sabedoria que nos libertará das correntes do mundano. A maior força reside no que parece não ter valor.

A 'MOLLIE RISONHA'
Gravado: 1965
"*O único tipo de espíritos que me interessava era o que vinha da garrafa...*"

Leslie Flint, George Woods e Betty Greene têm uma surpresa quando a voz risonha de uma mulher escocesa/irlandesa chamada Mollie começa a ser ouvida.

Ela fala da sua felicidade no Mundo Espiritual mas conta da sua vida solitária e alcoólica na Irlanda — e, mesmo assim, não para de rir durante toda a gravação...

Após a sua partida, a voz do Dr. Charles Marshall explica que ela foi trazida como um ponto de interesse, mais do que pela sua filosofia.
Presentes: Leslie Flint, George Woods, Betty Greene.
Comunicadores espirituais: Mollie, Dr. Marshall, Mickey.

Woods: Sim.
Greene: Vá lá.
Woods: Vá lá.
Mollie: [A rir]
Greene: Sim?
Mollie: [A rir]
Greene: Vá lá. Alguém a rir-se...

Woods: Sim.
Mollie: [A rir]
Greene: Vá lá, amiga.
Woods: [Ininteligível]
Flint: Oh, meu Deus. Quem será esta?
Woods: Vá lá, amiga.
Mollie: [A rir] Olá.
Greene: Queres contar-nos a piada? Olá…
Mollie: Olá.
Woods: Olá.
Greene: Olá, amiga.
Mollie: Oh, estou tão feliz. [A rir]
Greene: Ela está a rir ou a chorar?
Woods: Não. A rir…
Greene: A rir?
Woods: Sim.
Greene: A pregar uma partida a alguém.
Mollie: Oh, estou tão feliz.
Woods / Greene: Oh, isso é bom.
Mollie: Oh, estou tão feliz por poder vir… [A rir]
Woods: Que bom.
Mollie: Eu não sei, a sério.
Woods: Oh, estamos muito contentes por ti — por teres vindo, amiga.
Mollie: Tu és o Sr. Woods.
Woods: Sim.
Mollie: [A rir] Já ouvi falar tanto de ti… [A rir]
Mollie: Pois é.
Greene: Sim?
Mollie: Sr. Woods e Sra. Greene.
Greene: Exato.
Woods: Sim. Está certíssimo.
Mollie: Já ouvi tudo sobre vocês pelos amigos daqui.
Greene: Ótimo. Então podes contar-nos tudo sobre ti, amiga?
Mollie: Oh, se eu começasse a contar tudo sobre mim… huh, ficaria aqui a noite toda. [A rir]
Greene: Podes dizer-nos o teu nome, por favor?
Woods: Por favor?
Mollie: O meu nome é Mollie.
Greene: Mollie?
Woods: Mollie?
Mollie: Pelo menos era assim que me chamavam. Oh, isto é tão extraordinário, jesus. Ai meu Deus, ai meu Deus, ai meu Deus. Ai meu Deus, ai meu Deus.
Woods: Vá lá, Mollie. Podes dizer-nos o que andas a fazer, Mollie?
[Sons de sussurros]
Mollie: Oh, as coisas mudaram tanto.
Woods: Ah, pois é.
Mollie: Oh, meu Deus. Nem reconheceriam nada agora.
Woods: Não creio que…
Mollie: Oh, já passou tanto tempo desde que voltei aqui, ai meu Deus, ai meu Deus.
Greene: Mollie, podes contar-nos como passaste para o outro lado e como foi essa passagem?
Mollie: Queres dizer como morri?
Greene: Exatamente, sim.
Mollie: Oh, simplesmente dei o meu último suspiro e pronto… [A rir]

Woods: O que é que ela disse?
Greene: Ela disse que deu o último suspiro e pronto.
Greene: Mollie, como te sentiste depois desse último suspiro?
Mollie: Morri de velhice…
Greene: Mmm…
Mollie: … e não fiquei nada triste por vir para aqui, longe das coisas aí do vosso lado. Passei por muita coisa, de uma forma ou de outra. Mas até tive bons momentos, na verdade. [Ininteligível]
Greene: Onde é que tu…
Woods: Como é que é aí do teu lado, Mollie?
Mollie: Oh, é muito bom, muito bom.
Woods: Podes… contar-nos alguma coisa sobre isso.
Mollie: Eu não percebo nada disto, falar através desta caixa… [A rir] … Eu pensava que eram espíritos. [A rir]
Woods: Bem, estás a sair-te muito bem.
Mollie: O único tipo de espíritos que me interessava era o da garrafa… [A rir] … Eu costumava beber, eu própria… [A rir]
Greene: Bebias muito, não era?
Mollie: Ah, eu bebia, bebia e bebia.
Greene: Ai, ai.
Mollie: Eu era uma verdadeira bêbeda.
Greene: Ah, percebo.
Mollie: [Ininteligível] … mas eu era feliz. [A rir]
Greene: Onde vivias, Mollie?
Mollie: [Ininteligível] Vocês são o que chamam de espiritualistas.
Greene: Pois somos…

Mollie: O Padre não teria gostado nada disso… [A rir] … Teria dito que vocês eram do diabo… [A rir] … Teria dito que eram perversos. Teria dito que eram tudo o que não deviam ser… [A rir] … Oh, mas ele gostava do seu trago… [A rir] … Ele conseguia ganhar-me nisso… [A rir] … Oh, estou tão feliz aqui… [A rir]

Greene: Muito bem.

Mollie: Eu não sei porque é que estou aqui esta noite… [A rir] … Só porque me falaram disto e eu pensei: *'Vou só espreitar para ver do que se trata'*… [A rir] … Então vocês são espiritualistas? Ai, ai, ai… [A rir]

Greene: Mollie…

Mollie: O que disseste?

Greene: Mollie. Olha, podes dizer-nos como te sentiste depois de teres passado para o outro lado?

Mollie: Eu não sei o que queres dizer com 'como me encontrei'. Eu nunca me perdi! [A rir]

Greene: Bem, quero dizer…

Mollie: Ai, que personagem ele era… Eu separei-me do meu marido e fiquei muito feliz, tive muito melhor vida depois que ele saiu de cena… [A rir]

Greene: [A rir]

Mollie: Ai, ai…

Greene: Então, Mollie, podes dizer-nos, que tipo de lugar encontraste quando passaste? Percebeste que tinhas morrido?

Mollie: Oh, não sei o que pensei… [Ininteligível] estava bastante feliz.

Woods: [Ininteligível]

Mollie: Tenho a minha casinha, sozinha. O que disseste?

Woods: Podes dizer-nos como é o mundo onde vives — como é?

Mollie: Oh, é muito bonito, muito mesmo, e tenho lá quase todos os meus velhos amigos, muita gente que conhecia. Tenho uma casinha muito jeitosa. Oh, é só uma pequena cabana, mas serve-me bem. Eu não queria nada voltar para o vosso lado… [A rir] … Ai, ai, ai, que… [A rir] … que gentinha.

Woods: Foste artista de palco, Mollie?

Mollie: Claro que não fui artista de palco, o que pensas tu, que eu era uma atriz ou quê?

Woods: Não sei, eras…?

Mollie: [A rir] … Não, eu estava bem assim, à minha maneira. Tinha uns porcos, tinha a minha pequena quinta, estava bem como estava, só que bebia tudo… [A rir]

Greene: Ai, ai…

Woods: Então eras agricultora, Mollie?

Mollie: O quê? Oh, eu não diria… [A rir] … Não me chamaria agricultora. Tinha uns porcos…

Woods: Sim?

Greene: E suponho, Mollie, que eras uma católica romana muito devota, não eras?

Mollie: Não, eu não diria que era devota. Oh, o Padre estava sempre à porta a fingir que vinha salvar a minha alma, mas estava mais interessado era na pinga. Ele vinha sempre à espera de um golinho.

Woods: Onde é que vivias, quando estavas na Terra?

Mollie: [Ininteligível]… custava-me caro mantê-lo.

Woods: Mollie…

Mollie: O que disseste?

Woods: Onde vivias, quando estavas na Terra, onde é que vivias? Em que parte? Que país era? Era na Irlanda ou Inglaterra?

Mollie: Na Irlanda.

Woods / Greene: Irlanda. Ah sim, sim.

Mollie: Mas a minha mãe era escocesa.

Woods: A tua mãe era escocesa?

Mollie: É isso que é engraçado... [A rir] ... Eu nunca soube bem quem era o meu pai... [A rir]

Greene: Ah, percebo. Então Mollie, o que fazes agora, no outro lado?

Mollie: Estou a aprender a ser uma boa mulher — um bocadinho atrasado.

Flint: [A rir]

Woods: Ah, isso é engraçado.

Mollie: Estou a aprender a ser uma boa mulher. É um bocadinho atrasado...

Woods: Sim.

Greene: Ah sim?

Mollie: ... mas estou bem. Estou muito feliz.

Greene: Muito bem.

Mollie: Eu não faço mal a ninguém — nunca fiz — e do que vejo de algumas pessoas que conheci aqui, que supostamente eram tão santinhas... Ai, ai. Não eram assim tão boas afinal.

Greene: Viste as pessoas como são realmente, não foi Mollie? Viste as pessoas verdadeiras.

Mollie: Vê-se as pessoas como nunca se viu antes. Mas esse homem, fazia-me sempre rir.

Greene: Que homem?

Mollie: O'Leary.

Greene: O'Leary?

Mollie: Padre O'Leary. Estava sempre a tentar salvar-me a alma, mas precisava de uns golinhos para começar... [A rir] Também demos boas risadas juntos. Era um bom homem, à sua maneira.

Greene: Mollie, quem te recebeu quando chegaste ao outro lado?

Mollie: A minha mãe.

Greene: A tua mãe?

Mollie: Se alguma vez houve uma pecadora, era ela. Mas parece que se safou bem. Não era má mulher, na verdade. Gostava de homens e da garrafa também. [A rir] Mas está bem agora. Era fraca, mas tinha um coração de ouro. Ela tinha um coração de ouro.

Greene: Pois, aposto que tinha.

Mollie: … e o jovem Sr. Woods… [A rir]

Woods: Sim?

Mollie: Já ouvi falar muito de ti… [A rir] … e também já ouvi falar de ti, Sra. Greene.

Greene: Já ouviste?

Woods: Podes contar-nos algo sobre o teu mundo, como é, Mollie?

Mollie: Tentar pregar. Tentar pregar aos pregadores… [A rir]

Greene: Bem, nós tentamos dizer-lhes alguma coisa, Mollie…

Mollie: Eu sei. Oh, vocês não lhes podem dizer nada. Eles sabem todas as respostas…

Woods: Pois é, Mollie…

Mollie: Eles têm privilégios especiais. Foram ensinados a saber tudo.

Woods: Sim, não se lhes pode dizer nada.

Mollie: Não vale a pena tentar ensinar nada a um padre.

Greene: Mmm…

Woods: Encontras muitos aí?

Mollie: Oh, já encontrei alguns. Nunca tive muito a ver com pastores protestantes de qualquer forma, mas acho que muitos deles tiveram de aprender tudo de novo.

Woods: Pois.

Mollie: Tu és uma pessoa interessante, és. Nunca foste à Irlanda, pois não?

Woods: Não…

Greene: Eu já estive.

Mollie: Já estiveste? Em que parte?

Greene: Malahide, perto de Dublin.

Mollie: Já foste a Galway?

Greene: Não.

Mollie: É um sítio bonito, e o condado também — e Kerry? Nunca foste a Kerry?

Greene: Não, só uma vez Mollie, a Malahide.

Mollie: Eu andei de um lado para o outro até aos últimos anos da minha vida, depois arranjei uma pequena cabana. Só um cantinho, mas era jeitoso e tinha uma pequena pensão… [A rir]

Greene: Mollie, como passas o teu tempo aí do outro lado, o que fazes contigo mesma?

Mollie: Oh, estou muito feliz, vou à escola. [A rir] Parece tão estranho dizer isto, que vou à escola. Mas já não sou uma velha, sabes, estou a aprender muitas coisas. Estou a aprender coisas que gostaria de ter aprendido na minha juventude. Eu não tive escola nenhuma quando estava aí do vosso lado. Era impossível, sabes, não tínhamos ensino. Mas aqui estou a aprender tudo aquilo que gostaria de ter aprendido. Como ler e escrever, pintar, desenhar. Oh, estou muito feliz aqui. Não trocaria esta vida por nada.

Greene: Quando chegaste aí, percebeste que os ensinamentos religiosos…

Mollie: Bem, eu nunca liguei a isso… [A rir]

Greene: Nunca ligaste… [A rir]

Mollie: [A rir] Oh, eu tinha mais juízo do que isso… [A rir] … ai, ai… eu já vos disse, o padre vinha cá toda a semana, às vezes duas vezes por semana. Mas eu tenho a certeza que ele só se desviava do caminho porque queria um copinho, especialmente numa noite fria… [A rir] … oh, ele falava-me daquilo tudo e eu dizia: 'sim padre, não padre, está certo padre'. Oh, mas nós dávamo-nos bem. Ele sabia bem que não me convencia. [A rir] Ele falava, e eu deixava-o falar.

Greene: Foste muito sensata, na verdade.

Mollie: Bem, ele tinha o seu pónei e carroça, sabes. Às vezes dava-me boleia para a vila. Era um velhote bem animado. Acho que ele… [Ininteligível]. Acho que isso era o principal.

Woods: Pois.

Greene: E agora já superaste o hábito da bebida?

Mollie: Oh, já não me preocupo com bebida nenhuma, isso acabou.

Greene: Já? Que bom.

Mollie: A minha mãe velha viveu comigo até aos 80 — 85. Continuava tão escocesa, apesar de viver connosco na Irlanda durante muitos anos, era tão escocesa como no dia em que nasceu. Nunca perdeu os modos escoceses, mas dávamo-nos bem. Por um curto período vivemos em Dublin. O meu marido — isso foi enquanto o meu marido era vivo — oh, mas ele era barqueiro. Não fiquei nada triste por o ver pelas costas, ele foi-se embora com outra mulher. Não fiquei nada triste por o ver pelas costas. Tive três filhos.

Greene: Ah sim?

Mollie: Eles nunca se deram ao trabalho de vir ver-me, não nos últimos anos da minha vida. Mas não fazia mal.

Greene: Há quanto tempo foi isso tudo, Mollie?

Mollie: Oh, deve ter sido há cem anos já.

Greene: Oh céus!

Mollie: Deve ter sido.

Greene: Os teus filhos estão agora aí do teu lado?

Mollie: Ah, está cá toda a minha gente. Vejo-os de vez em quando… [A rir] … Ai, ai, ai, quando penso naqueles tempos… Passei por maus bocados.

Woods: Deves ter passado, sim, tempos muito duros. E ah, como é aí desse lado, Mollie? Podes contar-nos algo sobre o teu lado da vida?

Mollie: Muito bonito. É um sítio maravilhoso para se estar. É um lugar muito real, é tão real para nós como o vosso é para vocês — ou ainda mais.

Woods: Ainda tens…

Mollie: Temos as nossas escolas para as crianças pequenas e para quem quer aprender, sabes, e temos todo o tipo de sítios. Não vi igrejas nenhumas, graças a Deus… [A rir]

Greene: Ainda bem!

Mollie: Ai, ai, e os clérigos que ficam sem trabalho quando chegam cá… [A rir] … têm de começar a ganhar a vida. [A rir] … e claro, não da mesma forma como aí na Terra, mas toda a gente tem de cumprir o seu lugar. Claro, atenção, há homens muito bons na igreja — não devia dizer isto, pois não? Mas eu estive a ouvir a vossa conversa sobre os vossos… [A rir] … sobre o vosso encontro com todos aqueles clérigos… [A rir] … ah, não precisam de me contar, eu sei, eu sei… [A rir] … ai, ai. Eles sabem todas as respostas e falam, falam, falam. Oh, basta deixá-los falar e eles ficam contentes de ouvir a própria voz. Se disseres 'sim padre' e 'não padre', ficam satisfeitos [A rir] … ai, ai, não sei, sinceramente. Não devia estar a dizer isto… o que disseste? Oh não, não, não…

Greene: Oh, eu estava a rir-me… [A rir] … Oh, ainda não te foste embora, pois não, Mollie?

Mollie: Não, não, não. Acho isto tudo muito estranho, ai, ai. Fico a pensar: se eu soubesse disto… Claro que nós tínhamos o nosso povo das fadas, sabes, tínhamos uma ideia de certas coisas, mas nunca acreditámos na comunicação com espíritos, como vocês lhe chamam. Oh, o padre tinha-nos posto todos a fugir, claro, ele teria feito exorcismos a toda a gente… [A rir]

Greene: Isso não teria adiantado de nada, pois não?

Mollie: Não. Ele lá vinha com o sino, o livro e a vela. Ai, ai.

Greene: Estás mesmo a divertir-te, não estás?

Mollie: Estou muito — acho muito engraçado vir falar. Falar através disto aqui, é como um — eu nem sei o quê. É tudo muito estranho.

Woods: Mas é muito interessante, no entanto.

Greene: É a primeira vez que fazes isto, Mollie?

Mollie: Oh, não tenho voltado ao vosso lado há — deve fazer, oh quanto tempo estou aqui já? Ai, ai; 1833.

Greene: Céus!

Mollie: Santo Deus. Nem sei quanto tempo isso faz. Muitos anos já.

Greene: Antes da Rainha Vitória.

Mollie: Quem é essa?

Greene: Eu disse, antes da Rainha Vitória.

Mollie: Não sei nada sobre rainhas Vitória.

Woods: Ainda estás a cultivar, agora? Tens um bocadinho de terra ou assim?

Mollie: Não, tenho mais juízo do que isso. Não tenho quintas nem coisas assim aqui. Não me interesso por isso.

Woods: Então o que fazes para ocupar o teu tempo, Mollie?

Mollie: Oh, este homem não se cala… [A rir] ai, ai, ai. Está sempre a fazer a mesma bendita pergunta… ai, ai, ai. Que homem tão extraordinário que és.

Woods: É que me interesso muito, Mollie, por saber o que fazes e tudo isso, Mollie, é muito interessante.

Greene: Mollie, como é que estás vestida, o que tens vestido?

Mollie: Tenho uma saia, uma blusa e um — um xaile.

Greene: Como antigamente…

Mollie: O que pensavas? Que eu vinha cá toda nua?

Woods: Oh não…

Mollie: [A rir] Pergunto-me o que é que as pessoas pensam de nós. Suponho que acham que andamos todos por aí nus como viemos ao mundo, a flutuar em nuvens e a fazer bolhinhas de sabão ou lá o que é… [A rir]

Mr Woods: Não, nós não pensamos isso, Mollie.

Mollie: Não? Espero bem que não. [A rir]

Woods: Não, não pensamos isso.

Mollie: Tu és um homem bem interessante… [A rir] … não serás irlandês, pois não — não, não, não…

Woods: A minha avó era, no entanto.

Mollie: Era mesmo?

Woods: A minha avó, sim…

Mollie: A mistura mais interessante é a de irlandês com escocês, deixa-me dizer-te.

Woods: … o meu pai era escocês. A minha mãe era inglesa. Por isso, na verdade, nem sei bem o que sou.

Greene: Conheces Malahide, Mollie?

Mollie: O que é que disseste?

Greene: Conheces Malahide? Perto de Dublin.

Mollie: Estou a tentar lembrar-me. Foi há tanto tempo desde que estive lá e nunca mais voltei. Não, não me lembro. Talvez — é um sítio novo?

Greene: Oh não, não é novo. Fica na costa, tem muitos hotéis.

Woods: Mollie, podes contar-nos algo sobre o que fazes aí do teu lado da vida?

Mollie: Oh, outra vez não, outra vez não, homem… [A rir] … és pior que um — pior que um pregador. Nunca dás descanso a ninguém… [A rir]

Greene: Mollie, há alguma coisa especial que gostasses de nos contar, de nos falar?

Mollie: Encontrei o meu marido.

Greene: Encontraste?

Mollie: Mas nós não — nós não vivemos juntos. Nunca nos demos bem, sabes? Nunca batíamos certo, como vocês dizem, não. Nunca nos compreendemos bem. Não éramos talhados um para o outro. Se ele não me tivesse engravidado, nunca o teria casado.

Greene: Ah, percebo.

Mollie: Foi uma daquelas coisas de casar porque era o que se fazia; a minha mãe e a família dele queriam. Mas nós não éramos feitos um para o outro, claro. Só vivemos juntos uns poucos anos. A minha mãe tinha um pequeno negócio. Era muito habilidosa com a agulha, tinha um pequeno negócio, ganhava uns trocos. Eu era muito cuidadosa com o dinheiro, tirando a minha garrafa.

Greene: E o que te levou a pegar na garrafa, Mollie?

Mollie: Oh, quando estás afastada de tudo e de todos, a viver num lugarzinho pequenino, a milhas de tudo e o vizinho mais próximo fica a vários quilómetros, não tens muito que fazer e eu ia buscar a minha bebida. Às vezes ia na carroça com o pónei buscar o que precisava. Era feliz a viver do que a terra dava. Tinha os meus nabos, suecos, cenouras, batatas, claro. Sabia fazer uma boa bebida com nabos e tal.

Greene: Vinho de nabo?

Mollie: Sim. Quando me faltava algo mais forte, dava isso aos amigos… [A rir] … até dei ao padre uma ou duas vezes… [A rir] … ele — ele não se importava… [A rir] … desde que fosse qualquer coisa. Eu gostava muito do padre. Se ele não fosse padre, talvez até me tivesse casado com ele… [A rir] … quer dizer, ele não se importava de ter um bocadinho de diversão às escondidas, e se calhar não devia falar disto, pois não? [A rir]

Greene: Bem, somos todos humanos, Mollie.

Mollie: Oh, foi há tanto tempo. Não devia estar a falar destas coisas, mas suponho que, tendo sido há tanto tempo, não faz mal a ninguém, não interessa. Só posso dizer que sou feliz aqui, à minha maneira. A minha mãe também era uma boa mulher [ininteligível].

Woods: Continua a falar, Mollie, nós gostamos de ouvir…

Greene: Vá lá, não pares, Mollie…

Mollie: Tinha duas irmãs que já encontrei aqui.

Greene: Duas irmãs?

Mollie: Annie e Martha. Claro que estamos muitas vezes juntas.

Woods: O que fazem elas, Mollie? As tuas irmãs. Vivem contigo ou fazem outra coisa?

Mollie: Eu mudei-me — mudámo-nos para a Irlanda quando eu tinha catorze anos, vinda da Escócia.

Greene: Ah, certo. Onde vivias na Escócia, Mollie, lembras-te?

Mollie: Dundee.

Greene: Dundee?

Mollie: Depois estivemos em Dublin um tempo, depois casei-me e depois saí de Dublin. E depois mudei outra vez e outra vez, várias vezes, a tentar afastar-me das pessoas. Talvez não devesse falar disso? Foi há tanto tempo, ninguém quer saber disso agora… Estou feliz aqui… ai, ai.

Greene: O que fazem as tuas irmãs?

Mollie: Oh, uma é professora dos mais pequenos — das crianças. Ela ensina as crianças e a outra, está num hospital. Mas não é um hospital como vocês lhe chamam, é um sítio onde levam pessoas que precisam de ajuda e de cuidados. Sabes, são pessoas que não conseguiram orientar-se sozinhas e precisam de conforto, precisam de direção, que lá recebem, percebes? São pessoas que precisam de — não sei bem que palavra usar, mas é para as ajudar a ambientarem-se na nova casa, no novo ambiente, porque não conseguem, assim de repente, organizar-se. Oh, mas eu tenho aprendido muito aqui e coisas tão interessantes também. Sempre gostei de aprender mas nunca tive oportunidade quando estava do vosso lado, ai, ai. Não havia tempo para escola nesses tempos.
Lembro-me que quando era pequena — pequena mesmo — não tínhamos ninguém que nos ensinasse. Nunca fui à escola a sério, só umas semaninhas aqui e ali, mas não eram escolas de verdade. Nunca tive muito tempo para isso. Ai, ai. Isto é tudo tão estranho. Já tinha ouvido falar muito disto e pensei: quero ver como é.

Greene: Olha que te estás a sair muito bem.

Mollie: Não percebo muito disto — e vocês são espiritualistas? Ai, ai.

Greene: Isso diverte-te, não é?

Mollie: Diverte, diverte, porque agora sinto que sou uma também. [A rir] Ai, nunca fui grande coisa para a igreja, mas meu Deus, se soubessem disto eu devia ter sido exorcizada ou lá o que fazem às pessoas… [A rir] … ai, ai.

Greene: Estás a sair-te muito bem, Mollie.

Mollie: As igrejas. Eu não sei… suponho que tenham boas intenções. Deve-se dar-lhes o benefício da dúvida… [A rir] … ai, ai, ai. Já ouvi falar de vocês… [A rir] … já ouvi falar de vocês dois e das vossas reuniões e das coisas que fazem e pensei que seria interessante vir ver com os meus olhos. Mas não acho que venha a fazer disto um hábito. Não vejo grande sentido. Suponho que é bom se alguém vem falar com um familiar, é muito bonito e reconfortante, mas não vejo que eu possa fazer grande coisa, não acho que vos possa ajudar.

Greene: Oh, tu consegues, Mollie...

Woods: Tu consegues, Mollie...

Mollie: Oh, ninguém quer ouvir-me...

Woods: Queremos, sim. Gostávamos de te ouvir contar algo sobre o que estás — o que estás a fazer aí do teu lado. Seria muito interessante...

Mollie: Oh, outra vez não. Estás sempre a perguntar-me, é uma parvoíce. És um velho tolo...

Woods: Sim, mas gosto de te ouvir contar o que estás a fazer, Mollie. Se puderes dizer-nos...

Greene: Bem, ela já nos contou. Isto está muito, muito bom George, sabes.

Woods: Está, está muito bom.

Greene: Está muito bom.

Woods: Sim.

Woods: Vá lá, Mollie...

Greene: ...é uma perspetiva nova.

Woods: Sim.

Mollie: Gosto de estar — gosto de estar com todos os meus amigos aqui e juntamo-nos e cantamos e há música. Oh, eu adoro música...

Greene: Adoras?

Mollie: ...e nunca tive muita oportunidade para música do vosso lado. Mas aqui posso dedicar-me a sério a isso e já fui a concertos maravilhosos, ouvi música maravilhosa e isso dá-me uma felicidade tão grande. Acho que tiro mais felicidade disso do que de qualquer outra coisa. Mas sabes, apesar de te ter contado sobre mim quando estava do vosso lado e bebia, era porque me sentia sozinha e às vezes deprimida e infeliz, sabes? Mas aqui não preciso de beber, não quero beber. Sou completamente sóbria aqui. Não bebo.

Sabes o que é engraçado? Vivi tantos anos na Irlanda, mas nunca perdi o meu sotaque escocês, pois não? Huh, eu sei que as pessoas diziam: 'Ah, tu não és irlandesa'. Eu dizia, não, nasci na Escócia. A minha mãe era escocesa, o meu pai era irlandês mas — e vivi quase toda a minha vida na Irlanda — mas gosto de pensar que sou um bocadinho escocesa e um bocadinho irlandesa...

Greene: Ah, és.

Mollie: ...duas das melhores misturas… [A rir] Era o que o padre dizia. Não há nada como um bom whiskey irlandês… [A rir] … ai, ai. E eu dizia: bom, o whisky escocês tem um bocadinho de irlandês, mas temos de nos contentar com o que temos, não é? [A rir]

Woods: Estás a sair-te muito bem, Mollie, muito bem mesmo.

Mollie: Gostas de um golinho de whisky escocês ou irlandês?

Woods: Não, não gosto.

Mollie: Faz-te bem.

Woods: É? Bem...

Mollie: Bebe um golinho disso todas as noites...

Woods: Não gosto do sabor, Mollie.

Mollie: ...faz-te muito bem. O sabor não interessa. Rapidamente ganhas gosto a isso… faz-te bem… [A rir] As pessoas é que têm preconceitos. O problema é quando se exagera, aí é que é mau. Os melhores clérigos bebem.

Woods: Bebem?

Mollie: Bem, pelo que eu percebia… [A rir]

Greene: Bem, não me surpreende.

Mollie: Não há nada de errado com a Igreja.

Greene: Nada de errado?

Mollie: Bem, o que eu quero dizer é que não há nada de errado com os ensinamentos de Cristo.

Woods: Oh sim. Claro.

Greene: Oh sim. Sem dúvida.

Mollie: Mas temo que eles não saibam muito bem do que falam...

Woods: Concordo contigo, Mollie.

Mollie: Cristo sabia. Cristo entendia. Talvez um dia eu o encontre.

Greene: Talvez encontres.

Mollie: Não sei. Há tanta gente com ideias tão estranhas.

Greene: Cristo era um homem muito simples, Mollie. Foi a Igreja que o pôs num pedestal.

Woods: Continua a falar, Mollie, gostamos de te ouvir falar. Está bem?

Mollie: Não acho que tenha muito mais para dizer — tenho de ir.

Woods: Bem, estás a sair-te muito bem.

Mollie: Não acho que venha falar convosco outra vez.

Greene: Oh, por favor...

Woods: Sim. Oh, sim.

Mollie: Não. Não. Vocês querem alguém inteligente, alguém que vos fale disto de forma sensata...

Woods: Não, Mollie, gostamos de te ouvir... portaste-te muito bem mesmo.

Mollie: ...mas o que é extraordinário é que, quando fico assim, é como se todo o tipo de ideias e pensamentos do passado viessem ao de cima, sabes...

Greene: Sim.

Mollie: ...e eu preferia concentrar-me mais em coisas do meu dia-a-dia aqui. Mas assim que volto para o vosso lado, parece que o passado se torna predominante — é assim que se diz? Sabes, e... bem, vocês não querem ouvir isso tudo.

Por isso devia ter tentado concentrar-me mais em coisas importantes, garanto-vos. Mas dizem sempre que devemos dizer quem fomos, o que fomos e tudo o resto...

Greene: Muito bem.

Mollie: Eu não acho que isso seja tão importante como o que somos agora. Pouca gente pode voltar e dizer que foi grande coisa, se for honesta.

Woods: Pois.

Mollie: Parece-me que todos cometemos muitos erros e nenhum de nós foi assim tão — particularmente bom. Acho que o presente e o futuro é que importam, não tanto o passado. De qualquer forma, vocês não querem ouvir-me, eu tenho de ir.

Greene: Bem, foi muito simpático da tua parte...

Mollie: Espero — espero, mas não sei, talvez volte a falar convosco outra vez, só um bocadinho. Mas tenho de dizer, estou muito divertida... ai, ai, ai… [A rir]
Não consigo deixar de pensar nos velhos tempos, quando cá venho. Penso: o que é que o pároco ou o padre pensaria disto… ai, ai, ai, ele teria erguido as mãos de horror e logo a seguir pedia um copo para ultrapassar o choque. [A rir]

Mollie: Adeusinho.

Greene: Adeus, Mollie. Deus te abençoe. Obrigada, querida.

Woods: Obrigado por teres vindo, Mollie.

Mollie: [A rir] Adeus e que Deus vos abençoe… ai, ai, ai. É muito bonito… [A rir] … que gente simpática. Mas como tudo é diferente… Eu não gostaria de estar do vosso lado agora… oh, as pessoas e tudo… [Ininteligível]… já não é como era — calmo e pacífico. Não, não, não. Não, o mundo mudou e eu não queria voltar a ele… ai, ai…

Mrs Greene: Oh, foi maravilhoso.

Woods: [Ininteligível]

Greene: O quê?

Woods: Foi estranho, não foi?

Greene: Digo-te uma coisa — foi tão bom.

Woods: Foi mesmo.

Greene: Digo-te uma coisa...

Marshall: Na verdade, num certo sentido, talvez não haja muito valor profundo no que a nossa amiga disse. Mas foi feito de propósito, por causa da personagem interessante e da personalidade, que ajuda a mostrar às pessoas que mesmo depois de 100 anos uma pessoa, ao

contactar a Terra de novo, mesmo pela primeira vez assim, mantém o mesmo tipo de personalidade — é uma personagem muito forte.

Greene: Sim.

Marshall: ...e foi feito de propósito. Não tanto pelo valor da comunicação, mas para que tenham um exemplo de personalidade a existir mesmo depois de tanto tempo. De qualquer forma, talvez ela venha outra vez.

Greene: É o Dr. Marshall?

Marshall: Queremos trazer várias pessoas que têm personalidades e caracteres muito fortes, para que tenham uma série de registos de personagens interessantes. Não tanto por serem famosos, mas porque conseguem afirmar a sua personalidade e acho que será interessante para muitos. Sim, é isso.

Greene: Bem Dr. Marshall, isso foi particularmente interessante porque quando ela voltou à Terra, voltou às suas condições terrenas como uma mulher bêbada e ria-se como uma mulher bêbada se riria.

Marshall: Sim, bem, claro, isso é a associação de pensamento, minha querida.

Greene: Sim, isso é tão bom.

Marshall: Vês, ao contactar a Terra, ela, de certa forma, ajusta-se automaticamente e pensa em si como era. Se a pudessem ouvir como ela é agora, encontrariam uma personalidade e carácter totalmente diferentes. Foi a afirmação, mesmo inconsciente, se quiserem, da assimilação do velho eu. Mas, de qualquer forma, acho que vão achar interessante. Adeus. Tenho de ir agora.

Greene: Tchau, Dr. Marshall.

Woods: Obrigado, Dr. Marshall.

Mickey: Adeus.

Greene: Adeus, Mickey. Obrigada, querido.

Woods: Adeus, Mickey. Muito obrigado, Mickey.

Brother John

A 2 de Novembro de 1967, um espírito que se identificou como Brother John respondeu a uma pergunta de um dos presentes sobre o aborto, falando longamente sobre a natureza da vida e do espírito. Não temos informações biográficas sobre Brother John.
A questão central, explica ele, é o facto de o corpo físico ter muito pouca importância. Quer se trate do corpo que cai na morte ou do corpo que se forma na conceção, o corpo físico é igualmente insignificante.
A questão essencial é se o espírito consegue crescer e amadurecer até à maturidade espiritual. O espírito, explica ele, não entra no corpo nem começa a amadurecer logo no início do desenvolvimento do ser humano. Embora ele não dê prazos específicos para essa entrada, sugere que a criança não começa a desenvolver o espírito senão depois do nascimento, e de

facto não possui o espírito que amadurece até à idade adulta senão depois de "um período". Ele adverte que damos demasiada importância à vida, entendida como o corpo. Se um espírito não entra num determinado corpo para viver a sua experiência no plano terrestre, entrará noutro corpo qualquer, ou pode começar o seu crescimento espiritual numa esfera completamente diferente da Terra. Existem inúmeras oportunidades, em esferas sem fim, para um espírito crescer e amadurecer; a Terra é apenas uma delas. Nada pode matar o espírito. Um aborto não tem efeito algum na pessoa que poderia ter amadurecido espiritualmente nesse corpo.
Com essa compreensão de fundo, explica que as pessoas não devem matar nada, sempre que possível, mas se as circunstâncias forem tais que o espírito não conseguirá desenvolver-se na Terra por razões físicas ou circunstanciais, pode ser necessário interromper a gravidez. Não se pode fazer uma generalização sobre o aborto. Deve ser considerado caso a caso, e a consideração principal é o desenvolvimento espiritual, não a vida do corpo físico.

Charlotte Brontë
(1816-1855)

Charlotte Brontë foi uma escritora muito conhecida no século XIX. A sua obra mais famosa é *Jane Eyre*, publicada em 1847. Teve alguma dificuldade, ao início, em usar o mecanismo de voz da sessão. Ela própria explica como é difícil, à medida que se vai familiarizando com o processo. Depois de um momento inicial, a sua fala torna-se clara e flui suavemente.
Conta que Emily Brontë, sua irmã, está com ela. Comenta que quando regressa ao contacto com a Terra, muita coisa é irreconhecível. Diz que conheceu muitas pessoas que não pôde conhecer em vida, incluindo Jane Austen. Revela que tem muita vontade de continuar a escrever e deseja inspirar autores na Terra. Muitas ideias escritas na Terra, explica ela, foram inspiradas do outro lado. A humanidade atrai os que estão deste lado para mais perto do plano terreno. Quando veem tragédias e dificuldades, sentem a necessidade e a urgência de ajudar, elevar, guiar e confortar, permanecendo em segundo plano. Essa influência é exercida aqui e ali, diz ela.
Diz que tem assistido às reuniões mediúnicas de Leslie Flint e observado com grande interesse. Muitos espíritos permanecem discretamente em fundo, "como se estivessem nos bastidores, à espera que a cortina suba para fazerem a sua entrada." Afirma que quando os presentes se reúnem com o médium, as almas conseguem vir para dar ânimo e encorajamento. Mesmo quando parece que nada se passa, "muito está a ser feito," diz ela. Os do outro lado são como "maquinistas de cena", cujo papel é essencial para o espetáculo.
Refere que todos do outro lado trabalham em conjunto, como uma companhia. Muitos espíritos são atraídos pela luz do grupo de Leslie Flint porque desejam ajudar as pessoas a sair da escuridão para a luz. Vêm de forma altruísta para servir. Diz aos presentes que Caruso, por quem os mais ligados à música têm tanto carinho, está frequentemente por perto, assim como outros grandes videntes. Muitos aproximam-se porque são atraídos pelo grupo.
Explica que há muitos espíritos que desempenham papéis espirituais na vida das pessoas na Terra. "Diz-se, no Bom Livro, que 'Ele dará ordens aos seus anjos a teu respeito', e muitos têm anjos, almas, seres de alta ordem, que em vida foram famosos e que, do outro lado, continuam a servir e a aperfeiçoar a sua arte. Voltam para ajudar uma alma nos seus esforços, para a fazer avançar, para desenvolver os seus talentos." Muitas vezes, sem que saibam, as pessoas na Terra são ajudadas. Durante o sono, saem do corpo físico e entram nas esferas do mundo espiritual, onde recebem auxílio. Retêm parte dessas memórias no subconsciente e são evocadas quando necessário.
Por vezes, quando uma pessoa está completamente inconsciente ou distraída, recebe inspiração que lhe é dada. Ela diz: "Nunca deixamos de ajudar, quer na nossa própria condição de vida deste lado, quer do vosso. Vivemos, por vezes, num certo sentido, em dois mundos ao mesmo

tempo, participando do vosso mundo em certa medida, para o bem. Temos o nosso próprio ambiente e condição, aprendendo cada vez mais e tentando transmitir-vos isso." Explica que especialmente os artistas são inspirados. As pessoas também podem receber impressões sobre o caminho que devem seguir para mudar as suas vidas. Quando alguém está deprimido, sem saber para onde se virar, os do outro lado estão lá para o confortar, para que veja, como um raio de luz, o que fazer e siga em frente.
Diz: "Onde houver fé no poder do Espírito Santo, tudo é possível. Nada é impossível." Explica que, na sua existência física, alguns dias pareciam sombrios e tristes. Tinha consciência de quantos viam as suas vidas arruinadas, por vezes por tolice própria, mas muitas vezes pela pressão de quem estava em lugares mais altos. Tinham pouco apoio de quem quer que fosse. Diz que se lembra tão bem de pessoas cujas vidas eram monótonas e tristes, sem benfeitores e sem para onde se virar. Hoje, ninguém conseguiria imaginar a pobreza que existia no seu tempo. O mundo de hoje mudou para melhor.
Conta que continua a escrever e tem livros que não foram publicados. Pergunta-se se algum dia serão publicados. Os grandes livros vivem para sempre, diz ela. As grandes obras de arte não morrem, seja na música, no canto, na escrita ou em qualquer dom que venha do espírito — é indestrutível. Muito se escreve que não tem consequência, claro. Às vezes, as pessoas têm de fazer trabalho de "encher chouriço", mas mesmo assim recebem prazer, iluminação e alento do outro lado que as tira da depressão por um tempo.
Por vezes, o remédio pode não saber bem, mas tem poder curativo. Às vezes, coisas são guardadas no coração e na mente para servir um propósito. Diz que aqueles que sofrem ainda não chegaram ao último degrau da escada, mas em qualquer degrau onde estejam, ao subirem, aprendem.
Alguns que parecem ter chegado ao degrau mais alto da escada do mundo são atirados de cima para baixo. Mas para quem aproveita as oportunidades de subir a escada da evolução espiritual, não há razão para temer, pois cada degrau foi construído com esforço sincero e com propósito para o bem, e nunca se soltará. E cada degrau é um degrau que outros podem subir porque aquela pessoa o colocou firmemente no lugar pela sua prática espiritual. Diz ao grupo que estão a progredir devagar, mas de forma segura, para as alturas, e a escada que estão a construir entre dois mundos é uma escada de grande força.
Acredita que os presentes escreverão um grande livro que será uma obra eterna, como um manual do espírito. Diz que não falta muito para sentirem que devem fazê-lo. Será um livro que falará a todos os homens, independentemente de classe, cor ou credo. Muitos serão iluminados por ele. Os do outro lado virão com eles nesta viagem. Explica que não é possível a ninguém no plano terrestre ter noção do número de almas que nos rodeiam. Mesmo quando estamos num avião, elas estão lá.
Todos do outro lado cometeram erros no plano terreno. Ninguém na Terra deve sentir-se envergonhado por saber que os do outro lado os observam. Eles também têm sentido de humor e, embora possam não conseguir impedir alguém de fazer algo que pode levar ao desastre, sabem e compreendem as fraquezas da vida humana.
Depois fala sobre livros e personagens. Os autores escrevem sobre muitas pessoas que conheceram. Colocam-nas em circunstâncias diferentes ou em ambientes diferentes, mas são pessoas que existem neste campo ou atividade do espírito. As pessoas podem ver-se no que foi escrito e podem conseguir mudar as suas vidas com base num livro.
Muitos escreveram livros com personagens cheias de subtileza e carácter. Muitas vezes, pelo amor e pela forma como o autor criou a personagem, com base no seu conhecimento da natureza humana e na experiência com pessoas que conheceu, criam uma nova personagem com vida própria. Conseguem criar uma realidade que, temporariamente, tem uma forma de vida que só se move dentro do raio de ação da obra do autor. No entanto, é possível, em certas esferas, entrar num estado de ser onde se pode visualizar a representação dessas personagens criadas pelo autor.
Milhares e milhares de pessoas podem ler um romance ou livro. A personagem pode ter uma

força tão marcante que se torna uma realidade para os leitores. O autor cria essa pessoa e dá-lhe uma forma de vida. É possível entrar numa esfera de atividade onde se pode entrar num livro, não em páginas encadernadas, mas num estado visual. Mas quando um livro deixa de ser lido, as personagens deixam de ser pensadas e ficam "esvaziadas". Enquanto a personagem é lida e muitas pessoas são estimuladas, as suas forças de pensamento dão à personagem uma existência visual que não tem alma. Quando o romance deixa de ser popular, a força do pensamento diminui tanto que essas personagens se tornam cada vez menos importantes e deixam de ter impacto.

Todos estes livros criados e tudo o que é obra humana é uma forma de vida própria que pode não ter alma, nem um aspeto espiritual, mas pode ter um aspeto visual. O pensamento é criativo. Se uma personagem é criada num romance ou num livro e o livro é lido por milhões de pessoas, estas dão-lhe vida e sustentam-na. Muitas pessoas não têm consciência do poder do pensamento. A capacidade dentro de si próprio pode remover obstáculos. Cristo disse: "A tua fé te salvou" e, pela fé, pode-se superar e alcançar. Pode fazer-se coisas tremendas se se tiver consciência do poder do pensamento. O pensamento torna tudo possível; sem o pensamento não poderia haver existência. O poder do pensamento faz-nos ser o que somos e torna possível aquilo que estamos a tentar tornar-nos. Quando alguém cria, forças de pensamento emanam e dão uma forma de substância, e essas forças de pensamento tornam possível o aspeto visual. Poucas pessoas têm consciência do que isto significa. Pensam em si mesmas como físicas e mentais, mas não conhecem o poder do pensamento que torna tudo uma realidade viva.
Ela explica que inúmeras almas estão atrás dela para transmitir os seus pensamentos através dela. As pessoas não percebem que os pensamentos não se perdem. Eles estão ali, na atmosfera. Os pensamentos são pungentes e são lidos por inúmeras pessoas de todas as nações. Nada é desperdiçado, nada se perde. As pessoas têm um grande potencial dentro de si. Poderiam fazer muito pela fé se compreendessem estas verdades. Ela dirige-se aos presentes: "Saibam que estão rodeados por inúmeras almas cujo amor é poder que vos permitirá superar. Isto dar-vos-á poder para servir e ser amados pelas pessoas de ambos os lados."

Confúcio

Confúcio, mais frequentemente referido como Kongzi, viveu c. 551-479 AEC. Foi um famoso pensador e filósofo social chinês cujos ensinamentos e filosofia influenciaram profundamente a vida e o pensamento do Leste Asiático. A sua filosofia enfatizava a moralidade pessoal e governamental, a correcção das relações sociais, a justiça e a sinceridade. Nesta sessão, ele explica que não podemos julgar o interior de uma pessoa com base nas aparências exteriores.
A gravação da sessão é fraca e a voz é difícil de entender.
Quero comunicar convosco, mas espero que saibam que nós deste lado não achamos isso simples. Descreveria muitas coisas que ocorrem naturalmente à nossa volta, especialmente na vossa língua que é muito confusa e muito difícil. Factos da nossa vida, que de certa forma se assemelham muito à Terra, referem-se a uma condição de vida desfrutada principalmente por pessoas que deixaram recentemente o vosso mundo e, portanto, pessoas com uma mentalidade tal que ainda não se libertaram do material e, em consequência, não fizeram muito progresso e encontraram um ambiente com o qual se sintonizaram mentalmente, ajustando-se pelos seus pensamentos terrenos. Mas quando perguntam àqueles que estão aqui há algum tempo (como vocês entendem o tempo) e que fizeram progresso espiritual, eles vivem num ambiente tão distante de qualquer coisa que possam imaginar. Para eles seria cada vez mais difícil manifestar-se e descrever a condição em que existem.
A situação é que tudo o que possam dar-vos deve ser trazido para um nível de compreensão, caso contrário só podem receber uma imagem muito pobre das realidades de que temos

consciência, na medida em que somos limitados pelas muitas condições em que temos de comunicar. Com toda a boa vontade, todo o desejo de cooperar, existem, no entanto, limitações que são impostas, como vós próprios estais sob as condições em que viveis. Venho para aconselhar-vos e ajudar-vos. Vivi no vosso plano há séculos na China. Fui chamado por vários nomes e não sinto que seria uma vantagem se soubessem esses nomes pelos quais fui conhecido. Para um homem que é sábio (como vós o entendeis), assim que passa pelos portões chamados morte, percebe que aquilo que era sabedoria no passado, à medida que progride, torna-se ignorância em consequência da sabedoria adquirida.
A sabedoria é algo que é um estado de ser que pode aplicar-se e aplica-se até ao momento em que se progride para outro estado. Aquilo que era sabedoria no passado torna-se ignorância em consequência da sabedoria adquirida, de acordo com o conhecimento de cada um, mas aquilo que era verdade ontem ainda tem elementos de verdade, mas já não é assim à luz de novos conhecimentos. O conhecimento é algo que está sempre a mudar. Movimento é vida. O homem não pode permanecer parado. O conhecimento torna-se ignorância à luz de nova sabedoria. A sabedoria de ontem não é a sabedoria de hoje porque se adquiriu maior sabedoria com a experiência. É por isso que, quando vêm até nós, têm conhecimento e sabedoria até certo ponto. Só nós, que vimos até vós, percebemos quão difícil é dar-vos maior iluminação como desejaríamos fazer. Esforçamo-nos por superar complicações e dificuldades criadas muitas vezes na ignorância.
Grandes mestres, grandes líderes, cheios de sabedoria e séculos de tempo, reúnem o conhecimento da sabedoria antiga e chamam-se homens sábios. Porque não é sempre fatual, aquilo que se aplicava então já não se aplica agora, mas é uma verdade fundamental. Nós que vimos até vós sabemos que o homem só encontrará a verdade divina quando ele próprio se sintonizar espiritualmente com as esferas mais elevadas e as almas maiores que vêm. Muitas vezes, em reuniões, ouvimos dizer que é muito interessante comunicar com esta ou aquela pessoa. Às vezes recebemos iluminação. Mas percebemos sempre que os do vosso mundo andam às apalpadelas na escuridão, por isso não percebem como desejaríamos que percebessem.
O homem não pode alcançar grandeza em espírito, uma sabedoria superior, até se elevar acima das coisas materiais. Vós que ides a estas reuniões, ganhais aqui e ali um conhecimento de um certo tipo. Não desprezo este conhecimento mas deveis procurar as coisas do espírito. Aqueles que são, por natureza, pensamento e ação, espirituais, as limitações são grandes e as dificuldades são muitas. Não podemos ajudar a comungar com almas mais evoluídas como desejaríeis, nem podemos ajudar a comunicar com quem desejardes. Boas almas, algumas não muito avançadas, vêm até vós com amor e desejo de vos servir e à humanidade, através de vós, mas ainda assim estão limitadas como vós estais limitados por todas estas condições, condições criadas por pessoas da Terra. Deveis perceber que há guerra no pensamento e guerra dentro de si próprios e uns contra os outros e é porque não têm visão, nem confiança, nem consciência de que o mundo é governado pelo medo.
Percebem que no mundo espiritual há almas semelhantes a vós que não alcançaram grande iluminação ou grande conhecimento mas que vivem juntas. É verdade, num tipo de mundo de compreensão, tolerância e afeição. Não são grandes almas em sabedoria, não são grandes almas em espírito, compreendem, mas vêm até vós porque estão perto da Terra. Não são seres perfeitos; são seres imperfeitos em processo de mudança. Podem dizer-vos coisas que vos interessarão. Mas esse mundo não é diferente do vosso mundo mas as coisas que desejam dos reinos mais elevados do espírito não podem ser dadas até que vós próprios tenhais subido a essa vibração mais elevada.
Não posso tentar descrever a esfera em que habito porque não há palavras para descrever essas coisas. Só podem ser sentidas pelos seres que estão em sintonia connosco. É algo dentro da vossa alma que vos virá com uma grande realização e um grande impacto que é tremendo, quando estiverdes preparados e prontos para isso.
Aquelas almas que vêm até vós e descrevem coisas que, quando pensam nelas, são como o

vosso próprio mundo. Dizem que o nosso mundo é maravilhoso, o nosso mundo é belo, temos paisagens maravilhosas, temos as nossas casas. A nossa iluminação é ali beleza... tudo isto dizem. Vós associais tudo isto com bondade e encanto. É verdade, estas coisas existem. Há uma réplica do vosso mundo. O mundo físico material em toda a sua beleza, toda a sua cor, sem as desfigurações que o homem trouxe, sem todas as coisas que criam estragos nos corações do homem e também na sua mente. Eles não percebem, nesta fase, todas as coisas maravilhosas que os esperam.
Há outras esferas de progresso onde é impossível descrever de forma alguma tal condição de vida, onde não estão limitados como vós estais limitados. Não podeis ver estas coisas; não podeis compreender estas coisas; ainda não estais prontos para estas coisas. Não estamos num mundo tridimensional. Estamos num mundo que é quadridimensional, que vós não poderíeis conceber ou compreender... Está para além da vossa compreensão. Estou consciente do vosso desejo de servir e ajudar os outros. Um dia destes perceberão que aqueles que vêm até vós não estão assim tão distantes de vós. Por outras palavras, são almas que, pela sua própria natureza, são bondosas e atenciosas e que fizeram certo progresso e vos dirão a sua condição, no seu próprio ambiente, mas não podeis esperar receber das almas mais evoluídas. Deveis lembrar-vos de que toda a vida é uma procissão gradual de etapas e é impossível para almas de certas vibrações descrever coisas àquelas de outra esfera. Podemos enviar-vos e receber de várias almas coisas que ajudarão e são valiosas mas há muitas coisas que ainda não podeis perceber. Aqueles que desejam este conhecimento não o encontrarão até que, pelo menos pela sua própria natureza e ser, o tornem possível. Contudo, ouvimos pessoas dizerem isto e aquilo... fazem aquela pergunta mas nem sequer estão preparadas para as coisas elementares.
É extraordinário como é que pessoas que não têm o mais leve conhecimento e que não tiveram o mais leve indício de progressão espiritual insistem que dos reinos superiores grandes almas devem vir até elas para trabalhar com elas. Alguns dizem que se sentaram em círculos e essas almas vieram até eles, almas de alta origem, e fizeram contacto direto. Eu nego isto. Digo que é uma impossibilidade. Não podeis receber de certas almas em esferas muito elevadas um contacto direto porque sei que não há ninguém no vosso mundo que tenha progredido espiritualmente a esse ponto de poder sintonizar-se. Não é possível. O homem só pode receber aquilo que ele próprio tornou possível, não apenas pelas suas ações mas pelo seu modo de vida. Podeis receber e recebeis mensagens de almas altamente evoluídas mas são retransmitidas para outras almas nas suas esferas e assim sucessivamente até chegar a vós na vossa vibração. Essas outras almas actuam, por assim dizer, como instrumentos. Transmitem a mensagem.
Há pessoas no vosso mundo que disseram ter feito contacto direto com Jesus. Eu digo que isso não é verdade. O homem deve perceber que é colocado no mundo terreno e também progride para outras esferas mas todos estes diferentes aspetos da vida são etapas de desenvolvimento para progresso gradual. O homem deve progredir de etapa em etapa e, em cada uma, assimilar conhecimento. O conhecimento está sempre a flutuar de condição em condição, de acordo com a sabedoria adquirida numa experiência, ele encontra numa nova experiência maior sabedoria. Toda a sabedoria é parte do todo... parte do completo. É neste mundo como degraus nos patamares de uma escada que se sobe. Aquela criança que tropeça e vacila no degrau inferior está a começar, mas não pode ver quão alto e quão tremendo é e requer grande coragem para subir gradualmente. Aqueles no topo muitas vezes acham difícil descer. Estamos conscientes das necessidades da Terra, dos desejos das pessoas. Percebemos que a maioria daqueles que são chamados espirituais estão longe de ser espiritualmente inclinados. Muitas vezes estão imersos nas suas próprias vaidades, nas suas próprias ideias, nos seus próprios ideais e não estão contentes consigo próprios mas querem mais e mais.

É algo a aprender, saber que um pequeno conhecimento, bem compreendido e devidamente assimilado, ajuda imenso a alcançar maior conhecimento. Há aqueles que, tendo pouco conhecimento, são vaidosos e dizem ter todo o conhecimento. Alguns começam a fundar novas sociedades, novos grupos e corpos religiosos e atestam ao mundo que contêm tudo o que é

bom e que os outros são maus. Não há nenhum corpo ou organização religiosa no vosso mundo que possa conter toda a verdade. Há aqueles que possuem um vislumbre de verdade e distorcem-no com as suas próprias ideias e vaidades. Mesmo a verdade espiritual é muitas vezes obscurecida pelas vaidades do homem. Ele cria uma grande organização religiosa. Amontoa riqueza, fortuna e grandes edifícios e posses. Torna-se, por assim dizer, poderoso sobre as mentes das almas e aprisiona-as e cria o caos nas suas vidas, e a verdadeira verdade fica obscurecida.
Posso lembrar-me de muitos corpos religiosos no vosso mundo que professam exteriormente ser espirituais mas são mais materialistas do que o materialista que não tem religião nenhuma. A verdade é algo tão tremendo que deveria libertar o homem e fazê-lo perceber que faz parte do Plano Divino. Que não necessita de cerimónias nem de exibições exteriores e condições materiais para se tornar grandioso. O homem só é grandioso quando é primeiro humilde.
A maior probabilidade é que ele se torne espiritualmente consciente no vosso mundo. Aqueles que procuram as mais altas verdades devem lembrar-se que só podem ser encontradas quando se libertam de todas as coisas materiais que os prendem mental e fisicamente. Muitas almas vêm até vós e eu tenho escutado as suas vozes. São boas almas. Vêm com a intenção de ajudar. Mas lembrem-se de que aqueles que procuram o mais elevado devem, em si mesmos, tornar-se como crianças.
Lembro-me das palavras de um grande mestre: deixai vir a mim as criancinhas, porque delas é o Reino dos Céus. Isso não era apenas a parábola das crianças que se reuniam à sua volta, mas a parábola das crianças de todas as idades (dos 0 aos 1.000 anos). Todos os tipos de crianças de todas as cores e de todas as raças. Se nos tornarmos como crianças e viermos pacientemente com amor e confiança até ao nosso Pai Divino, temos de perceber que devemos ser como crianças. Não podemos entrar no Reino dos Céus — o que significa que não podemos entrar na sabedoria, nas verdades tremendas — porque é preciso ter essa fé e uma mente aberta. Muitos que vêm a estas reuniões não têm a mente aberta. Professam tê-la. Estão cheios da sua própria importância, cheios das suas ideias pré-concebidas. Mesmo aqueles que pregam a partir dos púlpitos, que professam ser espiritualmente conscientes, estão cheios da sua própria importância. Mesmo o pequeno conhecimento que têm torna-se distorcido e deturpado de tal forma que não pode dar uma imagem verdadeira das coisas espirituais.
Lembrem-se de que devem dar imensamente, não apenas de dentro de vós mesmos mas de forma a crescerem e atrair novas almas que se abrirão para vós e tornarão possível o treino desse caminho, para que essas grandes almas que desejais que venham até vós, possam vir. Elas dar-vos-ão as coisas e informações que puderem, dependendo das circunstâncias que prevalecerem. Para aqueles que procuram, digo: lembrem-se de procurar e serem como crianças e manterem aberta a porta para que nela possais entrar e lembrem-se de que a verdade está sempre a mudar. Aquilo que era verdade ontem não permanecerá verdade à luz de uma nova verdade.
Não podemos dizer-vos tudo mas podemos fazer-vos percepcioná-lo dentro de vós, dentro das vossas almas, para que, com o tempo, com a vossa cooperação e amor, possamos fazer mais. Requererá paciência do vosso lado e também do nosso.

Dr. Cosmo Lang, Arcebispo da Cantuária
(1864-1945)
Gravado em 1959
O antigo Arcebispo da Cantuária percebe que algumas das coisas que julgava factuais afinal não o são necessariamente. Fala sobre a influência de entidades de baixo nível que estão presas à Terra.
Resposta ao Grupo de Estudos Psíquicos da Igreja, que reproduziu uma gravação de uma comunicação anterior — porque é que a voz direta do espírito pode não soar idêntica à voz terrena.
O homem e toda a vida são espírito — constatou que a sua ignorância terrena era chocante —

todas as formas de vida são indestrutíveis — todo o espírito é a mesma força animadora — a vida material é apenas um pequeno episódio na grande caminhada do progresso espiritual.
O Dr. Lang explica que é muito difícil encontrar canais por onde comunicar para aqueles que estão no além. As disposições dos participantes numa sessão com um médium contribuem de forma muito importante. Explica que há um grande poder que sustenta toda a vida, mas está além da sua compreensão. Entre os que estão no além, há aqueles que criam o seu próprio céu ilusório, mas tudo isso está nas suas próprias conceções.
O Dr. Lang explica que o poder do espírito pode manifestar-se em qualquer lugar. Diz que chegará o tempo em que toda a igreja verá através da sua escuridão e conhecerá o poder do espírito. Lamenta ter abafado os resultados da investigação do seu próprio comité sobre comunicação espiritual.
O Dr. Lang explica o trabalho do espírito. Diz que é mais difícil para aqueles em esferas superiores trazerem a sua mensagem às esferas inferiores. Uma grande variedade de vibrações na atmosfera pode ser captada por instrumentos mediúnicos sensíveis. Diz que o tempo é a maior ilusão de todas.
O Dr. Lang explica que um grupo harmonioso produz uma iluminação que torna possíveis as condições para a comunicação. As pessoas no além, em espírito, não são deuses mas apenas pessoas que progrediram no caminho da realização espiritual. Explica que agora aceita coisas que teria considerado heresia na Terra. Enquanto esteve na Terra, tinha uma ideia errada da sua própria importância. Assegura aos ouvintes que ninguém assumirá a responsabilidade de os salvar. É inteiramente responsabilidade deles.

Dean Inge
É terrível pensar que os ensinamentos de Cristo, as verdades fundamentais que ele e outras grandes almas ensinaram, a revelação que foi dada, as obras que foram realizadas nesta realização da vontade e do propósito de Deus, que tanto, infelizmente, tenha sido obscurecido, tanto tenha sido mal interpretado, tanto tenha sido divulgado que nem sequer emanou dele ou de outros como ele.
Que no vosso mundo reina tal caos entre os homens que eles próprios infelizmente não conseguem ver senão até certo ponto. É como se, na sua tolice, como crianças, tivessem perdido o caminho. É uma pena e uma grande tristeza para nós. E quando olho para trás, para a minha vida, percebo demasiado bem como, na minha própria ignorância, embora pensasse ser um homem instruído e experiente, embora pensasse que tinha a verdade, percebo que aquilo que tinha era apenas um aspeto, e que tinha sido, infelizmente, confinado de tal maneira que veio ao mundo de facto para salvar pecadores.
Imaginem um mundo que muitas vezes está desprovido, pois o homem só pode alcançar grandeza, grandeza espiritual pelos seus próprios esforços. Nenhum outro indivíduo o pode fazer por vós. Cristo e outros apontaram o caminho e deram o exemplo, e cabe-nos a nós seguir as suas pegadas e tornar-nos como eles. Mas quando consideramos, como tantas vezes na Terra se faz, que estamos salvos, num sentido em que estes nossos esforços, por mais pequenos que sejam, têm algum efeito e ainda assim, em si mesmos, são inúteis porque outro foi enviado para fazer isto, para tornar possível a salvação. Uma vez que percebemos que podemos lançar-nos sobre outra alma para sermos salvos, então estou convencido de que cometemos um grave erro, de facto um pecado. Porque estou convencido de que qualquer realização, qualquer esforço que façamos, isso em si é o importante. Que devemos tentar, devemos esforçar-nos, devemos lutar, devemos superar dentro de nós mesmos. Ninguém pode fazer isto por nós; temos de o fazer nós mesmos. Temos de seguir o caminho que foi traçado, e se o fizermos, então de facto encontraremos a salvação, mas apenas através do nosso próprio esforço, não através do esforço de outro.
Este Jesus, de quem tanto se falou, esta grande alma que veio ao mundo de forma tão humilde e viveu uma vida dando amor, transmitindo a realização da vontade e do propósito de Deus. Em tudo o que disse e fez, procurou mostrar o único caminho para o desenvolvimento da

consciência espiritual. O único caminho para encontrar a salvação era através do serviço e do amor, através de colocar-se cada vez mais em segundo plano. Por outras palavras, tornar-se um vaso, para almas maiores, para ensinamentos maiores, para maior realização da vontade e do propósito de Deus. Somos instrumentos, e quando percebemos isso, quando percebemos quanto pode ser feito através de nós, quanto podemos dar, o que tão poucos fazem; quando percebemos o verdadeiro significado e propósito das nossas vidas, então começamos a ver, então começamos a crescer e a expandir-nos, então começamos a tornar-nos pelo menos algo parecido com Cristo.
Mas pensar que uma pessoa, que uma alma, mesmo que enviada do Mais Alto, nos possa salvar, é uma falácia.
[Aqui, os presentes perguntam-lhe quem é e ele responde que é Dean Inge.]
Estou tão ansioso para que Cristo seja compreendido. Não num sentido estreito, dogmático, místico, mas como uma pessoa real, vital, viva, como de facto foi, e é, quando na Terra. Um homem que teve a coragem das suas convicções, não um fraco, um manso, como alguns parecem visualizá-lo. Mas um homem de força e coragem de convicção. Um homem que, hoje, se vivesse, provavelmente seria preso pelas suas opiniões, pela sua força, porque teve a coragem das suas convicções.
Este homem Cristo não é a pessoa que está idealizada na mente de tantos cuja conceção estreita está muito longe da realidade. Cristo foi um homem de ação. Cristo seria chamado de revolucionário na era moderna. Seria preso, talvez até, como no seu tempo, teria sido morto pela multidão que não o aceitaria. Se ele estivesse entre vós hoje, se Cristo viesse entre vós, não quereríeis ter nada a ver com ele. Apesar de tudo o que a igreja ensina, a própria igreja provavelmente seria a primeira a crucificá-lo se pudesse. Porque não gostam daqueles que vêm com uma mensagem como esta. Têm medo. Teriam medo... Duvidariam disso, tal como duvidariam das minhas palavras.

Muitos que escutam as minhas palavras não as aceitarão. Porquê? Porque têm medo. Têm medo de que, se abrirem mão daquilo a que se agarram, aquilo que consideram certo, eu... venha a suplantá-los e a tomar o seu lugar. Não gostam de renunciar àquilo a que se agarram tão firmemente. Apesar de, se muitos deles falassem a verdade, saberem nos seus corações que há muito erro naquilo que ensinam e pregam.
Diria muitas coisas, mas contento-me em dizer isto: se Cristo voltasse a estar entre vós, seria condenado pelas próprias pessoas que hoje o apoiam e sustentam. Cristo não veio para tornar o caminho fácil, porque Ele — e todos nós sabemos, no fundo dos nossos corações — que quem fizer a vontade de Deus na Terra, não poderá encontrar um caminho que seja fácil. Pois é um caminho muito distante da conceção que o homem tem das coisas. O homem, que se tornou tão inclinado ao materialismo, o homem cuja ignorância e tolice trazem sobre si todo o tipo de sofrimento e miséria. O homem, porque se agarra ao orgulho, considerando estas coisas mais importantes do que a humildade. Só aqueles que são humildes de espírito podem ver a verdade. Não são as mentes brilhantes, os grandes cérebros, nem os que ocupam altas posições que possuem o verdadeiro aspeto da verdade. Invariavelmente, vivem com uma grande verdade mas têm apenas uma pequena conceção que se ajusta ao seu modo particular de vida.
Vê-se isto de tantas maneiras. Muitas vezes, aqueles que tinham a verdade no início, à medida que progrediram materialmente e ganharam mais poder e mais posição, perderam o caminho, perderam a direção. Ficaram imersos na conceção material das coisas. E não conseguem sustentar a verdade. É apenas uma fachada, não é a verdade real. É apenas um aspeto que os beneficiou mas não os beneficiou necessariamente nem espiritualmente nem materialmente. Na verdade, as suas opiniões são uma mortalha, pois por dentro só existe morte.
Eu sei, sei pela minha própria experiência, para meu grande pesar, que muitas coisas que preguei, muitas coisas que transmiti como verdade, em que acreditei sinceramente durante muito tempo serem verdadeiras, foram coisas que atrasaram o homem e ainda o fazem, infelizmente. A vida é eterna. Ninguém morre. O próprio Cristo disse ao ladrão na cruz: "Hoje

estarás comigo no Paraíso." Não disse "amanhã", ou "para o ano", ou "daqui a mil anos", mas hoje. A questão, meus amigos, é que a fé pode tornar-nos completos, mas temos de ter fé na realidade, não em algo sem fundamento ou base.

Cristo foi um grande vidente, um grande profeta, um grande mestre e, acima de tudo isto, foi um grande humanitário. Foi mais... do que os socialistas, do que qualquer socialista poderia alguma vez esperar ser. Cristo não se preocupava com a riqueza material ou posição; não se preocupava com vestes ou templos em si. Cristo foi suficientemente humano para perder a paciência, como quando expulsou os cambistas do templo. Temos de perceber quem é Cristo. E, particularmente, no aspeto de quem foi quando esteve na Terra. Foi um homem, não um mito. Foi um homem real, não uma criatura mística, como o mundo vos quer fazer crer. Não era o próprio Deus na Terra. Era, obviamente, o Cristo, um ser humano que veio ao mundo de forma normal. Para a religião estabelecida... Aqueles na Igreja estabelecida, aqueles que se consideravam os zelosos, os homens de posição, perceberam que aquilo que Ele pregava era perigoso para a sua posição.

Tal como então, também hoje, se Cristo pudesse voltar, se voltasse num corpo material e fizesse as mesmas obras que fez anteriormente, as primeiras pessoas a condená-lo seriam a Igreja. E seria muito melhor recebido fora dela do que alguma vez seria dentro dela. Porque o povo acorreria a Ele, aqueles cujas mentes estão abertas e prontas a receber, e aqueles cujas mentes estão fechadas e presas pelo credo e dogma seriam os primeiros a rejeitá-lo.

Estas coisas creio firmemente. Que Cristo, Ele próprio, era um homem de grande simplicidade, um homem de grande piedade, um homem de grande fé no poder do amor, que não dava importância às coisas da Terra. Quantos homens da Igreja existem hoje no vosso mundo que podem, em verdade, dizer que se enquadram nesta conceção? Quantos procuram posição e prestígio? Quantos são atraídos pelas vestes, pelos ofícios, por todas as posições que podem ocupar?

Digo-vos: quando Cristo for encontrado nos corações de todos os homens cujos corações estejam abertos e sinceros, ansiosos por compreender e ver... Dai-me a criança, como o próprio Cristo, reunindo as crianças à sua volta, disse: "Porque delas é o Reino dos Céus." O que quis Ele realmente dizer com isto? Quando ao seu redor também estavam os adultos, homens crescidos, homens experientes, no mundo da sabedoria. O que quis Ele realmente dizer? Quis dizer que é a atitude de criança, a abordagem de criança, a simplicidade e a fé da criança que tornam possível a revelação e o desenvolvimento espiritual. Não o preconceituoso. Não a pessoa cuja mente já está formada e decidida, convencida de que está certa e os outros errados. A atitude de criança é importante. De facto, diria mesmo que é vital. Até que o homem se consiga despir das suas ideias preconcebidas e sacudir de si as velhas crenças e lendas. Até que consiga perceber que é, dentro de si, capaz de sintonizar com o mais elevado, se apenas o tornar possível pela forma como vive. Se apenas pensar correctamente, agirá correctamente e, em consequência, tornar-se-á correto.

Digo-vos: o homem, se quiser tornar-se uma pessoa experiente de forma espiritual, se quiser verdadeiramente espiritualizar-se, deve despir-se de todas estas conceções materiais. Deus é, mas homem nenhum viu Deus. Deus é uma força ou poder, a força motriz que dá vida a todas as coisas.

No vosso mundo, nada se perde. Aquilo que parece morte é apenas um sonho. O homem vai de um lugar para outro. Os seus pensamentos continuam lá. E ele próprio liberta-se das coisas materiais que o prendem e confinam. E, no entanto, o vosso mundo deveria ser um lugar de experiência, experiência essencial e desenvolvimento, e preparação, por assim dizer, para a vida maior que está para vir. Quando o homem deixa o vosso mundo, como tantas vezes faz, com opiniões fortes, fixas e preconceituosas, a sua tarefa é difícil. Tem de desaprender, como eu tive, muitas coisas, e tem de se tornar como a criança, com uma mente aberta, cheia de desejo pela verdadeira verdade. Cheio de desejo de progredir. E muitas vezes é muito amargo, quando percebe que, durante toda uma vida na Terra, transmitiu muitos ensinamentos que se revelaram errados, falsos, quando percebe que a fé fundamental, que era verdadeira, foi distorcida para

além de toda a compreensão. Estou muito consciente de tudo isto. De facto, são muitos os que estão comigo que sentem como eu, que se pudessem voltar, com o conhecimento que agora têm, como pensariam e agiriam de forma diferente, como falariam de forma diferente.
A Igreja, se quiser sobreviver, deve livrar-se de muitas das velhas falácias. Deve unir-se numa força baseada na verdade, e não deve ter medo de enfrentar a multidão, como Jesus enfrentou. Deve estar preparada em todos os momentos, não importa qual o custo, para falar com verdade e agir em conformidade, sem recear a reação de diversos sectores. Quando a Igreja transmitir os ensinamentos de Cristo, na sua plena intensidade, então será rejuvenescida e então começará a ascender. Quando vemos o vosso mundo, as misérias, as incertezas, quando vemos as possibilidades que poderiam existir, coisas tão tremendas que poderiam surgir sobre a Terra e os seus povos... Quando percebem que estão, por assim dizer, à beira do desastre novamente, depois de duas guerras mundiais. E, no entanto, a Igreja abençoa as bandeiras, abençoa as armas, abençoa os homens nos seus uniformes, cada nação à sua maneira, tudo isto é contrário a Cristo, aos ensinamentos de Cristo... o Príncipe da Paz. Como podeis ser súbditos do Príncipe da Paz se defendeis estas coisas? Digo-vos que o homem, na sua cegueira, separou-se de Deus e que Deus está a estender a mão através dos seus mensageiros no vosso mundo, tentando ajudar. Mas aqueles que ministram no vosso mundo, o seu ministério, invariavelmente e muitas vezes, é uma grande falha. Não condeno; não culpo. Mas digo que devem olhar para dentro dos seus próprios corações e devem reencontrar o Príncipe da Paz e devem falar as suas palavras entre os seus filhos, e devem permanecer juntos como uma só banda, sólida, ao seu serviço. Enquanto estiverem separados, enquanto discutirem entre si sobre quem está certo e quem está errado, "a minha conceção está certa e a outra está errada", enquanto pensarem e agirem assim, as igrejas tornar-se-ão gradualmente cada vez mais vazias. Aqui e ali, entre essas pessoas, há boas almas, almas bondosas, almas sinceras, tentando à sua maneira fazer o bem.
Sei que muito bem veio da Igreja, mas penso muitas vezes na grandeza que poderia ter havido. Quanto mais poderia ser alcançado e digo a todos aqueles que possam ouvir as minhas palavras, quer acreditem ou não no que digo, ou acreditem sequer que sou eu quem lhes fala, digo-vos que tendes dentro de vós uma grande oportunidade de fazer a vontade de Deus, de seguir os ensinamentos do Mestre, Cristo, percebendo a sua humildade, assim também deveis ser, e se renunciarem a muitas das coisas que sabem, no íntimo, não serem verdadeiras, e o procurarem cada vez mais e se tornarem como Ele e forem como as crianças de quem Ele tanto gostava, se puderem ser como a criança, com um coração aberto e uma mente aberta, sem ideias preconcebidas fortes, se tiverem a fé de uma criança e a confiança, então poderão ser guiados e conduzidos, e de todo este mal poderá surgir um grande bem, e o mundo poderá salvar-se de si mesmo, e encontrareis o caminho da paz e do progresso.
Viremos até vós e voltaremos a ligar-nos a vós para que o vosso mundo possa tornar-se verdadeiramente novamente na comunhão dos santos. Mais uma vez podereis tomar a comunhão no sentido mais verdadeiro, e podereis tornar-vos um connosco, e juntos poderemos vencer o mal, e juntos poderemos encontrar aquela paz que o mundo não consegue encontrar. Mas no nosso tempo, com a vossa ajuda e a nossa orientação, e a paz que excede todo o entendimento, isto, de facto, tornar-se-á possível, a realização da vontade e do propósito de Deus para os seus filhos, agora e para sempre.
O meu amor e a minha bênção dou a todos os que escutam a minha voz. Se disse algo que pareça duro, e ainda assim a alguns pareça impossível, e para outros sintam que o que disse está em desacordo, digo-vos: reflitam sobre estas coisas, ponderem-nas nas vossas mentes e nos vossos corações. Procurem a verdade e percebam que, mesmo à vossa porta, está Cristo a bater. Deixai-o entrar e fazei dele um visitante bem-vindo e deixai-o tornar-se parte das vossas vidas, para que vos torneis verdadeiramente um do rebanho, um daqueles cuja tarefa é fazer a sua vontade entre os seus filhos. A vossa é uma grande responsabilidade.
Lembrem-se de que, para fazerem este trabalho, para o fazerem bem, devem tornar-se como crianças. Gostaria apenas de poder fazer mais do que posso fazer. Muitas vezes desejaria poder regressar à Terra e fazer o meu trabalho de novo. Faria tanta coisa de forma diferente. E, no

entanto, sei que, à minha maneira, no meu modo, fiz o que senti ser correto. Muitas vezes, infelizmente, é demasiado tarde, mas, num certo sentido, não é tarde demais, pois posso regressar, posso falar. Digo-vos: não vos preocupeis com nomes e personalidades. Mas preocupai-vos com o texto e a mensagem, e deixai que se tornem uma realidade nos vossos corações. Isso pode mudar o vosso mundo e, de facto, torná-lo num lugar digno dos filhos de Deus.

Irmão Bonifácio
A Vida no Mundo Espiritual

Ao encontrar-me com o irmão Bonifácio nesta ocasião, perguntei-lhe que mensagem ele daria ao mundo hoje, se tivesse essa oportunidade.
Saudações, irmão Bonifácio. Saudações, irmão Bonifácio. Confio que me consegue ouvir. Bem, se falar o mais alto que puder, isso tornará tudo mais fácil, mas podemos simplesmente... não conseguimos ouvir. Eu estava a reflectir sobre o que deveria discutir consigo, um pouco em reflexão. Penso que talvez fosse boa ideia se tiver alguma pergunta à qual eu possa responder. Bem, há uma: as pessoas escrevem-nos e dizem que gostam de ouvir falar sobre a luz no mundo espiritual, e por aí fora. Agora suponhamos — e pode muito bem acontecer — que teremos a oportunidade de transmitir ao mundo. Assim esperamos, em todo o caso. Uma mensagem específica que esclareça as pessoas e as faça, digamos assim, começar uma nova forma de vida, um novo caminho através da vida, uma nova perceção da vida, uma nova compreensão da vida. Há tantas pessoas escondidas atrás da religião ortodoxa e de tudo o que isso significa para elas. E sei que já nos esclareceu muitas vezes sobre isto, mas posso colocar desta forma? Que mensagem daria ao mundo se tivesse hoje essa oportunidade?

Esta pergunta que me faz em nome do mundo é uma pergunta que se coloca por si mesma. Não é fácil de responder e, no entanto, de certa forma, na sua própria essência, a resposta é plena de simplicidade. Porque a resposta que se poderia dar pode, de facto, ser respondida em poucas frases. E, contudo, ao mesmo tempo, há tantos aspetos diversos, tantos pontos variados

que deveriam ser discutidos em detalhe. Assim, penso que só posso dizer, pelo menos por agora, que aqueles no vosso mundo que procuram a resposta devem, em primeiro lugar, perceber que dentro de si próprios está o poder que torna possível superar todas as coisas.

Por outras palavras, se alguém quer realizar a verdade, compreendê-la, aceitá-la e, consequentemente, encontrar o caminho da verdade, da progressão espiritual, deve aceitar o facto — e é um facto — de que cada pessoa individualmente é, na verdade, um ser espiritual em formação. Em essência, é do espírito, indestrutível, e aquilo que é verdadeiramente o homem é, em si, essa parte que é de Deus. Porque cada alma tem dentro de si o poder de superar tudo o que é prejudicial ao crescimento espiritual. Cada alma tem — embora possamos não reconhecer ou compreender — dentro de si a oportunidade e o poder de evoluir, de se desenvolver de tal forma espiritual e num tal sentido espiritual que todas as colinas, todas as condições da Terra que causam ansiedade, que trazem no seu rasto problemas, doenças, conflitos, intolerância, de facto todos os males do vosso mundo poderiam ser banidos se, individual e colectivamente, o homem reconhecesse a sua unidade espiritual com o divino.

Se ele pudesse compreender que está ligado a cada alma e a cada ser vivo que respira no vosso mundo, ele é parte da criação. É parte da grande irmandade do homem, partilha os mesmos caminhos e, em essência, também os mesmos problemas e dificuldades. E, no entanto, poderia, através de esforço, através do uso do poder do eu interior, superar todos os múltiplos males a que se sujeitou, que através da ignorância e da insensatez, ao longo de séculos, criou o caos, criou a infelicidade, criou todos os múltiplos males a que se encontra sujeito.

O homem não consegue, ou não parece conseguir, perceber que o vosso mundo poderia ser um mundo de realização e conquista espiritual, poderia ser uma condição de vida tão distante daquela que o homem hoje herda. O homem está sempre a revoltar-se contra Deus, está sempre a culpar os outros pela sua infelicidade ou pelo estado da sua vida ou do mundo em que se encontra. Foi ele próprio que criou tudo aquilo que causa tanta dor e sofrimento. Se ao menos o homem pudesse compreender que o vosso mundo é tanto parte do nosso como o nosso é do vosso. Mas, de certo modo, todos os mundos são um só.

Durante gerações, o homem considerou — quando alguma vez considerou — os reinos do Espírito como um poder afastado. Que há este céu e, para alguns, este inferno e, para outros, esta forma de purgatório ou este estado de ser para o qual poderá ou pensa que acabará por evoluir ou para onde irá. Mas, o tempo todo, está dentro de vós e em redor de vós. O próprio Cristo sabia disto; todos os grandes mestres, todos os grandes professores pregaram-no de uma forma ou de outra, mas o mistério que ainda envolve para tantos esta verdade não precisa de ser o mistério em que se tornou. O homem criou a incerteza e o mistério da vida.

Quando o homem surgiu — tanto quanto podemos dizer, tanto quanto sabemos — entrou num estado de ser que, em si, era muito diferente do que se encontra hoje. O próprio homem criou gradualmente várias condições de vida, que mudaram de acordo com os pensamentos e ações do homem. E trouxe para si tudo o que veem e testemunham e experimentam como aquilo a que chamam mal. E, no entanto, não gostaria que pensassem que não há, mesmo nisso a que chamam mal, algum bem. Diz-se que de todo o mal pode vir o bem. E penso que devemos aceitar esta ideia, ou este facto, de que embora possamos lamentar muito do que é considerado mau ou errado, através disso ganhamos conhecimento e experiência, não devíamos, num certo sentido, evitar certas coisas que possam acontecer ou surgir e que causem dor. Pois aprendemos, até certo ponto, através da dor e do sofrimento. Se não fosse pelo negro, não poderíamos apreciar o branco. Talvez precisemos, na nossa evolução, destas diferenças. E, no entanto, embora as lamentemos, devemos vê-las como realmente são: falhas dentro de nós, condições que trouxemos à existência através da nossa insensatez e ignorância. E devemos

aproveitar e aprender com os nossos erros e devemos crescer em estatura e graça espiritual quando aprendermos a superar o pior de nós mesmos.

Mas digo isto àqueles que duvidam, àqueles que têm medo, àqueles que estão inquietos: acima de tudo, não temam. Há tantas formas diferentes de medo. De facto, olhamos para o vosso mundo e ficamos horrorizados quando vemos o medo no coração dos homens. E, acima de tudo, talvez fiquemos mais horrorizados com o medo do homem para com Deus. Porque isto é algo que foi incutido ao longo de séculos por homens tolos e ignorantes que, à sua maneira, sentiram que Deus era para ser temido. Deus é amor, e, no entanto, vastos números de pessoas, ordens religiosas e denominações vivem e negociam no medo, e pregam o medo nas suas variadas formas e meios que têm usado — e ainda podem usar — para amedrontar os homens para que aceitem, muitas vezes, o seu próprio credo ou dogma particular, que para eles se tornou a parte essencial da sua vida e que, na sua insensatez e ignorância, aceitam como lei de Deus. E, muitas vezes, assim fazendo, escapam — assim pensam — das coisas do mundo.

Mas o ponto é este, meus filhos: há apenas uma forma de verdadeiramente encontrar Deus. Há apenas uma forma de verdadeiramente ser chamado Filho de Deus. Há apenas uma forma de encontrar paz e tranquilidade de mente e de espírito: não ter medo. Mas enfrentar as dificuldades diárias da vida, reconhecendo que elas existem, que são um desafio, que podem ser mudadas e transformadas pelo homem se ele pensar e agir espiritualmente, de acordo com o poder que está dentro dele e o direito que tem de superar. Pois há muito que o homem pode fazer por si mesmo e, se tiver o conhecimento e a consciência do poder e do amor do espírito e das possibilidades de comunicação daqueles que vêm deste reino para se ligar a ele, ajudá-lo, fortalecê-lo e guiá-lo, todas as coisas são verdadeiramente possíveis.

O alicerce de toda a verdade tem sido que o homem é indestrutível, que ele é, pela sua própria natureza, um ser espiritual, que a Terra e tudo o que ela implica e tudo o que ela contém é, num certo sentido, apenas o terreno de treino, o local de nascimento, através do qual o homem deve viajar para se tornar apto para o grande mundo de experiência e de vida que se encontra para lá do vosso.

Por outras palavras, penso que é vital e importante que o homem compreenda que não há nada que seja impossível se tiver dentro de si a verdadeira certeza e a convicção de que ele verdadeiramente é de Deus, que tem dentro de si os poderes e o espírito que tornam todas as coisas possíveis, e que tudo pode ser superado, e que ele pode, em si mesmo.

Vinde, como que saindo das trevas, verdadeiramente para a luz e, em consequência, encontrai uma paz que, como Cristo disse, o mundo da carne não pode dar.
Cristo disse que pela fé se podem remover montanhas. Pois estas coisas que eu faço, ele as fará em maior medida — e, no entanto, o homem, apesar de todo o seu passado e formação religiosa, apesar do seu assim chamado conhecimento, apesar de afirmar tantas vezes que segue Cristo, quão distante está de repetir e fazer as coisas que Cristo fez! Porque o homem está cheio de medo, porque o homem tem dúvidas e incertezas dentro de si, porque não foi ensinado nem guiado verdadeiramente pelo caminho, porque não seguiu na simplicidade e no amor. O Cristo e os grandes que, em si mesmos, são Cristo e mestres e líderes de graça espiritual… o homem tem medo, está cheio de medo, cheio de dúvidas, cheio de incertezas, lutando tantas vezes pelas coisas que, no íntimo, sabe serem, por assim dizer, armadilhas, que o têm mantido preso. O homem agarra-se às coisas da Terra e àquilo que conhece e teme aquilo que ainda poderá ser ou que ainda poderá vir.

O homem tem medo de enfrentar a verdade, o homem sempre teve medo de enfrentar a verdade. Mesmo os discípulos, mesmo aqueles que seguiam Cristo no seu tempo, que

escutavam as suas palavras de sabedoria e de amor e viam por si mesmos a prova do seu poder — mesmo assim, muitos tiveram medo, muitos duvidaram, muitos ficaram incertos e, de facto, houve muitos que foram vacilantes. Assim é no vosso mundo hoje: apesar da revelação do poder do Espírito Santo, da manifestação do amor do Espírito e da comunhão que daí advém e de tudo o que acontece, há aqueles, especialmente aqueles em lugares de poder, pois muito raramente é o homem simples, como me dizem, muito raramente é o homem humilde e sem instrução, muito raramente são aqueles que são, por assim dizer, pequenos em estatura no mundo do poder e da posição que rejeitam — mas sim aqueles em altos lugares, cegos pelo próprio poder das coisas materiais para verem a beleza, a graça e a simplicidade das coisas do Espírito. Tantas vezes consideram que já sabem as respostas, tantas vezes pensam que, por causa da sua posição, do seu passado, da sua educação e da sua posição na vida, são mais capazes de julgar. E, no entanto, recorda-se o ensinamento do Mestre: que devemos ser como crianças, se quisermos entrar no reino de Deus. E o que quer ele dizer com isto? Não quer dizer apenas no sentido geralmente aceite, mas quer dizer que devemos, dentro de nós mesmos, ser como crianças — que devemos aceitar, ter fé, confiar e seguir os ensinamentos e as instruções.

Na nossa ignorância há tanta dúvida, tanto medo nos corações dos homens. Muitas vezes sentem que estas coisas que pregamos, estas coisas que ensinamos, não são para eles. Estão mais preocupados, como me dizem, que os seus pés estejam bem assentes no chão — e, no entanto, o próprio chão sobre o qual assentam os pés e as mãos onde colocam as suas posses sabem que há-de passar, que se tornará insignificante com o tempo, que deixarão de existir nele e farão parte dele. Pois durante três, quatro ou dez décadas, mais ou menos, podem habitar o vosso mundo, percorrer os seus caminhos, participar dos seus chamados prazeres, mas quando chega o momento de enfrentar a realidade do Espírito, o que acontece quando ocorre a chamada morte, já não estão ou assim pensam, tantas vezes não lhes importa — ou, se importa, têm medo e não o discutem, nem pensam nisso, nem mesmo até ao fim dos seus dias. E mesmo quando o fazem, tantas vezes abraçam uma religião que lhes dá uma certa paz de espírito — ou assim pensam — ou lhes dá, digamos, uma sensação de que tudo poderá correr bem. Mas não há certeza, não há segurança, não há verdadeira felicidade, não há verdadeira paz de espírito na grande maioria dos que acreditam e aceitam, muitas vezes sem questionar, muitas vezes sem pensar seriamente, muitas vezes sem mudar um ínfimo ponto, por assim dizer, nas suas vidas.

Um ponto que tantas vezes é esquecido é que ser verdadeiramente do Espírito significa que se deve agir — não apenas pensar, não apenas prestar serviço de boca, não apenas entoar ou cantar hinos familiares. Quantas vezes já estivemos em cultos, quantas vezes já ouvimos as palavras repetidas vezes sem conta, quantas vezes já ouvimos aquilo que não tem substância porque é dito sem verdadeiro sentimento ou emoção, sem qualquer sentido de realidade, sem qualquer sentido da verdade que deveria sustentar aquilo que se diz. Não nos preocupamos com serviço de boca, não nos preocupamos com aqueles que se ajoelham e baixam a cabeça; preocupamo-nos com aqueles que agirão de acordo com a verdade, que servirão a verdade, que serão da verdade e verdadeiros irmãos, em harmonia e em amor, que trabalharão em todos os momentos para fazer as coisas que são de Deus.

Não vimos para condenar, embora por vezes possa parecer que sim. Vimos com grande amor, grande compreensão, grande compaixão e plena de caridade — mas é doloroso para nós quando vemos tantos que professam tanto e fazem e são tão pouco. E, no entanto, há uma grande oportunidade para toda a humanidade mudar toda a forma de vida. Há tanto no mundo que é bom, há tanto que pode ser fortalecido por bons pensamentos e boas ações, há tanto que poderia ser — poderia verdadeiramente ser o vosso mundo um paraíso — e, no entanto, o homem, na sua insensatez, ignorância e egoísmo, criou uma condição de vida que, como sabeis, é tão miserável.

Mas há, entre as almas, aquelas que viram a iluminação do Espírito e agiram de acordo com ela e esforçam-se. Não são necessariamente, claro, sempre aquilo a que chamais espiritistas; eu nem diria que é necessário ser espiritista por definição. Fiquem a saber que muitas vezes ficamos tão decepcionados com os próprios espiritistas como com outros que professam conhecer a verdade. Há muito poucos no vosso mundo que conhecem a verdade, que agem de acordo com ela e fazem aquilo que deles se espera. Há muito poucos que se sacrificam, que renunciam a muito do que ainda consideram importante para o progresso do bem, para o progresso da verdade e a iluminação do Espírito, para o bem-estar dos homens. Com algumas exceções, não nos preocupamos com igrejas e templos, não nos preocupamos com edifícios; preocupamo-nos com as pessoas, preocupamo-nos com os filhos da Terra, independentemente da sua raça, da sua cor ou da sua chamada classe.

Sabemos que todos os filhos de Deus são um no Espírito, mesmo que possam, de certo modo, estar separados por não compreenderem, por não perceberem e por ainda não terem encontrado essa unidade que, certamente, há-de vir quando a verdade estiver presente, quando a verdade estiver em todo o lado e for aceite por todos. Há tanta ignorância no vosso mundo — é esta ignorância das coisas que são importantes que causa sofrimento, é de facto a causa de toda a vossa doença, mental e física, no vosso mundo. Vimos trazendo a verdade atormentada bem alto; quanta dessa iluminação vereis depende de vós. Mas cada um tem um dever para com o outro, pois onde um sofre, também o outro sofre — mesmo que por vezes não pareça assim, mas assim é. Pois embora o sofrimento possa não estar no vosso mundo, muitas vezes o sofrimento pode estar neste mundo — o sofrimento do remorso, o sentimento de não ter feito aquilo que se deveria ter feito, a consciência de ter alcançado, muitas vezes materialmente, mas à custa de outros menos afortunados, num certo sentido, E, no entanto, muitas vezes são os menos afortunados que colhem as recompensas do Espírito. Como já disse, são muitas vezes os pecadores, são muitas vezes aqueles mais desprezados entre vós que alcançam as maiores alturas no reino do Espírito. O poder, a posição e todas as coisas que o homem busca na Terra certamente passam — pois aquilo que ele é, o que se tornou, permanece. O que importa é o que ele virá a ser, e se isso puder acontecer ainda na Terra, é uma boa coisa viver e trabalhar em harmonia com os reinos do Espírito, e dar atenção às coisas do Espírito que vos são dadas pelos chamados mortos, que estão muito vivos.

Isto é a promessa espiritual, isto é trabalhar em harmonia e em amor com verdadeira gratidão, isto é criar o mundo do Espírito e transformar o mundo da carne. Vós, que sois da carne, sois do Espírito; a vossa realização e conquista espirituais dependerão de como cada um segue o caminho que é sensível à verdade — seja esse caminho qual for, por mais duro ou difícil que seja, se o percorrerem firmemente e com segurança, com a consciência do amor de Deus, da irmandade do homem e do poder do Espírito que está dentro de vós e em toda a vossa volta, não podeis falhar. Podereis, por vezes, parecer querer falhar. Mas mesmo que tenhais tentado e, por vezes, errado e falhado, o facto de terem feito o esforço — isso, em si, já é suficiente. Se cada alma no vosso mundo fizesse o esforço de fazer aquilo que é de Deus, o vosso mundo poderia ser transformado num abrir e fechar de olhos e as vossas vidas poderiam, de facto, ser trazidas para a plena luz da sabedoria, da verdade, da paz e da leveza de espírito.

E aquilo que está oculto poderia ser visto, e aquele poder de que tantas vezes se fala mas tão raramente se demonstra tornar-se-ia uma coisa normal e natural. Por outras palavras, o poder do Espírito poderia cobrir toda a humanidade, todo o bem poderia manifestar-se, e toda a vida tornar-se-ia, em consequência, uma vida de verdadeira consciência e perceção espiritual — toda a paz reinará, e todos os povos da Terra seriam verdadeiramente um só, em amor e em harmonia. E eu digo a todos aqueles que buscam: ide em busca da verdade, sabendo que ela

virá a vós e que em todos os momentos vos ajudaremos. Faremos em todos os momentos aquilo que estiver ao nosso alcance, mas deve vir primeiro de vós — abri a vossa consciência a estas coisas para que possamos entrar, para que verdadeiramente sejais abençoados em consequência e encontreis aquela paz que tanto dizeis desejar.

Tenho de ir para essa paz que necessito para vós preencherem.
Muito obrigado.
Muito obrigado.
Quem me disse: faz bom uso dessa mensagem maravilhosa.
É ótimo, é bom ver-te.
Tenho de ir agora, mas ver-nos-emos pelo Natal, não é?
Oh, sim.
Oh, eu irei para isso.

IRMÃO BONIFÁCIO — O QUE É DEUS

Esta é uma pergunta que tem sido feita tantas vezes, por tantas, tantas pessoas, e não tenho dúvidas de que muitas interpretações já foram dadas; sem dúvida, a maioria das interpretações das respostas foi dada com algum sentido por indivíduos — obviamente, o indivíduo só pode dar uma interpretação, uma realização pessoal, se assim quisermos — e ponto final. Penso que o maior erro de todos tem sido insinuar que Deus é uma pessoa, uma personalidade, uma entidade física — mas penso que isto tem sido o maior obstáculo para a realização do homem acerca das coisas espirituais. É verdade: a forma de visualizar Deus que o homem, na Terra, geralmente tem, é em si mesma o grande entrave à sua compreensão e realização do poder da existência humana.

Há alguns que tentam analisar, dissecar, e acabam por ficar cada vez mais confusos. Pessoalmente, toda a ideia, toda a conceção de Deus pode ser traçada, séculos e séculos atrás, até ao homem que sentiu que devia existir algum ser superior, porque o homem não conseguia compreender as forças e os poderes disponíveis na natureza. Assim, ele criou a imagem e a ideia de Deus — a personificação de Deus como uma pessoa tem sido, durante tanto tempo, um grande obstáculo para a compreensão do homem comum e para a sua apreciação da vida como um todo. O homem olha em volta, ouve as pregações de várias igrejas, de várias seitas e organizações religiosas, e fica cada vez mais incerto e inseguro. Cada um usa a sua própria interpretação, a sua própria ideia, sem qualquer base que, se quisermos, satisfizesse a compreensão total de tudo o que existe.

Diz-se que Deus é espírito, diz-se que Deus criou todas as coisas no princípio, diz-se que nada existe sem Ele. Tanta coisa se tem dito acerca de Deus, acerca dos desígnios de Deus, da vontade de Deus — tantas coisas erradas no mundo são atribuídas a Deus. Tantas coisas que acontecem de mal são justificadas como sendo permitidas por Deus, porque é "a vontade de Deus". Em outras palavras, existe o bem e existe o mal — Deus é culpado, Deus é louvado, conforme o entendimento e a natureza do homem. É difícil compreender que o homem não consegue conceber a essência pura, o poder da força regeneradora da vida. Mas, no sentido em que temos de usar o termo especial "Deus", é preciso entender: Deus não é uma pessoa, Deus não é uma forma ou uma figura, Deus não se senta a julgar os vivos e os mortos, não ouve as palavras dos homens de algum trono dourado. Deus não existe nessa perceção material. Essa ideia material de uma figura ou entidade que reina é uma conceção humana muito antiga.

Vede: desde que o homem existe, sempre criou líderes ou chefes — nas suas tribos primitivas precisava de alguém a quem pudesse recorrer, alguém em quem pudesse ver um guia, alguém que fosse a cabeça, o elo que extrai, organiza e conduz. Em outras palavras, a humanidade

sempre teve a inclinação de se reunir em grupos. A partir disso, surgiu a ideia, eventualmente, de um ser supremo. A história mostra que o homem sempre desejou uma liderança. E assim, quando a religião surgiu, o homem olhou em redor, viu as maravilhas da natureza e, quando começou a perceber as dificuldades, as tensões e as condições da vida — e compreendeu que a própria vida durava tão pouco — sentiu, na sua própria consciência, que devia haver algo para além do chamado “grande nada”. Então começou a conceber a ideia de uma grande liderança, uma grande personalidade, um grande ser — o homem criou a figura de Deus.

Deus, no sentido em que o homem o entende, não existe. É verdade que, por vezes, nós próprios fazemos referências a Deus, ou falamos do poder divino — mas devo sugerir que isto é, em muitos casos, necessário, porque o homem sente a necessidade de uma força suprema ou poder a que chama Pai, ou Jeová, ou o que quiserem. Mas, por detrás de toda a vida, está esta força divina, que é, afinal, a própria vida — sem ela não poderia haver existência. Mas não há uma conceção de Deus feita pelo homem; não existe uma alma que se sente para julgar, condenar, escolher ou rejeitar. Deus está dentro de vós; Deus está dentro do homem — é a força vital indestrutível que é, no fim de contas, o fundamento, o âmago e a essência espiritual. É verdadeiramente a própria essência, o próprio núcleo do homem.

Isto é Deus: ou seja, este é o poder, a força divina que não devemos confundir dizendo a nós próprios que *nós* somos Deus, ou assumir que existe um Deus que se senta, espera, julga, condena e louva. Cristo compreendeu isto — e os ensinamentos de Cristo, com o tempo, foram tão distorcidos à medida que o mundo mudou, que o verdadeiro significado e interpretação da missão de Cristo foi muitas vezes deturpado. “Eu e o Pai somos um” — porquê? O homem aceitou isso como uma interpretação de que Deus é uma pessoa, e que Cristo e Deus são um só. Mas o que importa não é esta figuração que sugere a alguns uma imagem material ou, se quiserem, espiritual de um Deus sentado num trono, num sentido material. O que importa é o poder, a própria luz, a força indestrutível — é luz. Vós sois deuses, na medida em que possuís essa força indestrutível de luz em vós. Este é o poder de Deus, a natureza de Deus, se assim o quiserem chamar.

Mas não devemos confundir nem complicar mais as coisas, se quisermos compreender. O que quero transmitir é que, em diferentes estados de ser, de acordo com a evolução de cada um, chega-se a uma maior realização do poder que está dentro de si próprio. Esta força é vitalidade, é energia vital. Esta realização, este poder espiritual — ou como lhe quiserem chamar — deve ser compreendido. Usamos termos e expressões para tentar dar forma ao que é indizível, mas estas expressões são, muitas vezes, apenas revelações ou experiências parciais, de acordo com o crescimento individual. Não existe tal “indivíduo” como Deus; existe uma força, um poder do qual vamos ficando cada vez mais conscientes — e, à medida que nos tornamos mais conscientes dele, somos cada vez mais capazes de realizar essa força potencial e o poder que pode tirar-nos de certas condições de pensamento e elevar-nos a outras mais altas. Assim, tornamo-nos mais capazes de compreender, mais capazes de assimilar e, em consequência, mais elevados, mais espiritualmente conscientes e despertos.

Não existe Deus no sentido em que geralmente é aceite ou compreendido. Deus é um significado — mas é uma força, é um poder, não é uma pessoa, não tem forma nem figura. Deus é a realização de si mesmo, a realização das possibilidades do próprio ser. Neste sentido, quando se tem poder e vitalidade, e quando se tem a indestrutibilidade da natureza espiritual, isso pode adquirir forma — porque nós próprios temos forma e figura. Assim, na Terra, temos um corpo físico, e quando estamos fora do corpo físico, pela morte, temos um corpo astral, e quando deixamos o plano astral, temos um corpo espiritual — portanto, mantemos forma e figura porque temos uma matriz, uma forma, uma cobertura — mas é o espírito que é Deus. “Deus” é apenas uma palavra — é um manto, cobre a realidade.

Portanto, o termo definido como Deus não passa de um termo; na realidade, não explica nada — no fundo, é nada — é a força vital de toda a vida, isso é Deus: não tem forma. Se lhe damos forma, é porque nós próprios assumimos forma, porque sentimos que forma e figura são necessárias, e enquanto mantivermos forma e figura, assim estará em nós esse poder que nos ajuda a criar-nos, à medida que evoluímos para uma forma de Deus. Mas não existe Deus no sentido em que Deus é geralmente entendido nos escritos sagrados. Isto é um mistério, num certo sentido, que se prolongou durante séculos e séculos — os homens rezam a Deus, mas na verdade rezam à força divina e ao poder de toda a vida, que os sustenta e torna todos os seres possíveis. Invocam esse poder e essa força para os auxiliar, ajudar e guiar para o bem — mas não é uma forma ou figura, não é uma pessoa que se senta num trono. É um poder, é uma força vital que está em todas as coisas — quer esteja num ser vivo na vossa Terra, quer esteja numa árvore ou numa folha que cai, numa nuvem no céu — tudo isso é vida, e isso é Deus. Deus é vida, não é uma forma, não é uma figura, não é uma pessoa, mas sim a força vital que está por detrás de todas as coisas, que anima, dá existência e torna tudo possível.

Pois tudo está em Deus e Deus está em tudo — mas não é uma pessoa que reina, é um poder, uma força, a própria essência vital que anima e nos dá forma e figura; e, ao mesmo tempo, sem ela, devemos lembrar onde surgiria a vida. Só existe existência eterna por causa desta força vital, que é indestrutível. Podeis matar o corpo, mas não podeis matar o espírito. Não podeis destruir aquilo que é indestrutível — esse poder, essa força, essa vida, essa luz, o próprio espírito, o verdadeiro poder do homem — aquilo que é invisível e, no entanto, o mais real de tudo. Aquilo que é visível não é nada; aquilo que é invisível é tudo — o sentido mais profundo da consciência humana interior. No homem, na centelha de luz, está Deus — mas não é uma entidade sentada, não é um ser humano ou um espírito superior no sentido humano. Isto é Deus, mas deveis vê-lo sem forma ou figura, senti-lo e sabê-lo dentro de vós ou no mais profundo do vosso ser — é a realização e compreensão do que é Deus.

Pergunta: Irmão Bonifácio, seria correto dizer que a mente, que o poder da mente, é um caminho para Deus?
Sim, é verdade, se se puder entender, num certo sentido, o que é a mente. Sabemos que o cérebro é uma estação receptora sensível para o uso enquanto estamos na Terra. A mente, a realização, a consciência — isto, num certo sentido, é sagrado — é o veículo da vossa vida, uma expressão, que é uma parte sensível que torna possível a realização de todas as coisas. Mente, consciência, realização — sem essa consciência, essa realização, não poderia haver vida, claro, não poderia haver existência consciente — isto é, num certo sentido, sagrado. Isto é difícil de definir, porque não se pode definir, não se pode limitar — só podemos dizer que são estas coisas, estes poderes, estas forças, que a vida utiliza como parte vital, que em si mesmas são tudo.

Seja o que for que se pense, temos de nos afastar e abandonar a ideia de que Deus é uma pessoa, que Deus é um grande chefe. Deveis recordar que Deus não pode ser confinado num espaço tão pequeno. Não existe, no vosso mundo, uma compreensão real da realidade do Espírito Supremo. E uso o termo Espírito Santo porque é o termo que se tornou familiar — devemos recordar que todos estes conceitos, todos estes termos e aquilo que o homem criou ao longo de gerações têm a sua utilidade, ajudam a dar uma ideia — mas não podem dar a prova nem a realização do que está por detrás destas coisas. À medida que o homem progride, lenta mas seguramente — quer do vosso lado, quer do nosso — ele adquire realização, ganha a capacidade de ver, de saber, de experimentar a vida dentro de certos limites, dentro de certas fronteiras. Mas ele deve, antes de mais, quebrar a conceção estreita que tantas vezes tem do que é Deus. Deus não é homem. Deus não é uma forma nem uma figura. Deus é um poder — um poder subjacente a toda a vida, o próprio poder que torna a vida possível. Isto é Deus.

É um estado muito difícil de definir. Mas com uma verdadeira perceção disso, deveríamos ter um amor maior no nosso mundo — um amor tão maior pelas coisas de Deus, especialmente pelo reino animal e vegetal. Se o ser humano compreendesse a sua responsabilidade, não só para com o seu próximo, mas para com todas as formas de vida que existem, e percebesse que são apenas diferentes estágios de evolução, então cada ser, tudo o que existe, é parte deste reino, parte de si mesmo — pois todos vós sois constituídos da mesma substância. Isto, ainda que possa parecer estranho, mostra que todos herdais a mesma origem; e, por isso, deveis aprender a viver em harmonia e em paz uns com os outros. Deveis valorizar o mais humilde, pois disso pode vir o mais elevado. Embora muito tenha sido dito — e muito tenha sido deturpado no passado — se não aprenderdes o que tudo isto é, não podereis esperar elevar-vos nem valorizar-vos como seres espirituais.

Deveis estar verdadeiramente despertos, conscientes e espiritualmente elevados, na medida em que possam ver o mundo do Espírito, no vosso íntimo, e tornar-se parte dele ainda enquanto estão na Terra. Deveis aprender a viver em paz, em tranquilidade, em harmonia e em amor com todas as coisas, sabendo que é a mesma força vital, o mesmo poder, que flui através de tudo — que todos vós estais verdadeiramente consagrados e fazeis parte uns dos outros. É um erro carregar mais fardos sobre vós próprios — e, no entanto, os homens fazem-no tantas vezes.

Sem verdadeiramente perceber que, mesmo as pessoas que estão conscientes, há tanto de bom dentro de si que pode ser trazido à superfície, desenvolvido e utilizado para beneficiar uma raça humana mais evoluída — e, para isso, é preciso algum sacrifício. O sacrifício, mais uma vez, não é uma coisa fácil. Literalmente, aqueles que desejam aproximar-se dos estados mais elevados de ser devem aprender, muitas vezes, a colocar-se cada vez mais em segundo plano, a sintonizar-se cada vez mais com a realidade, especialmente com aqueles cujas necessidades são muitas e grandes. Deve-se, de facto, por vezes, esquecer até certo ponto aquilo que pode parecer quase tangível e merecido — para que se possa, então, esperar compreender e, em consequência, crescer mental e espiritualmente.

Não creio que as pessoas se dêem conta de quão necessário é ser humilde. Todos os grandes mestres e todos os profetas sabiam disso. Importa, sem exceção, perceber que este era o segredo. Mas tornar-se grande — não no sentido de grandeza que alguns aceitam, mas para procurar, lutar e esforçar-se por encontrar a realização do poder interior — é algo que deve ser tratado, manifestado e usado. E, para tal, cada um deve tornar-se o mais humilde possível antes de se poder, por sua vez, elevar a estados mais altos. Cristo compreendeu isto muito mais profundamente do que o homem comum, muito mais do que aqueles que foram profetas do caminho. Ele deu alguns poucos exemplos. Ele compreendeu estas verdades, que pareciam tão necessárias, e se alguém quer praticar um verdadeiro cuidado espiritual, deve estar preparado para ser humilde. Porque só na humildade e no arrependimento é que se pode ajudar a perceber a sabedoria que liberta das algemas do mundano e do material.

Isto tem sido provado vezes sem conta. A maior força reside, muitas vezes, naquilo que parece ser fraqueza. Ninguém precisa de medo ou de planos grandiosos para entender a natureza de Deus. Esta é uma pergunta que muitas vezes é feita — e é realmente interessante de responder porque nós, deste lado, percebemos que há uma glória tão grande que não pode ser revelada, nem poderia ser compreendida, mesmo que fosse revelada. Não, Deus não está num futuro distante. Deus é uma força — e o caminho é religião, no sentido de que todos participam dele.

Há muito mais a dizer — particularmente enquanto estivermos na Terra podemos dizer que todos somos parte disso, que todos partilhamos, aqui e agora, neste mundo e em qualquer outro lugar onde se caminhe. Ninguém precisa de ter medo — e demasiado tem sido construído sobre o medo de Deus. Isto é uma das coisas mais cruéis e piores que foram

ensinadas pelos homens. Porque é algo profundamente falso e errado para o cristão. É uma ideia errada do fim das coisas e da sua verdadeira natureza. Muitas vezes as pessoas agem por medo. Aquilo que é feito por medo não é bom. Aquilo que é feito por amor, isso sim, é bom. Pois agora podemos verdadeiramente crescer, manter-nos e adquirir conhecimento e capacidade — mas aquilo que é feito por medo não vale nada, não é bom. Muitas vezes faz com que a pessoa que assim vive acabe presa no seu próprio medo.

E isto é uma realidade que acontece.

Isto não é cruel, isto não é uma realização cruel, isto não é um dar cruel — vós fazei-lo. Quando a verdade não é reprimida em nós, então é boa. Aquilo que é feito por medo não é bom. Haverá aqueles que não conseguem ver completamente e aqueles que não veem de todo. Haverá aqueles que mantêm antigas ideias como sendo o único caminho que foi criado — mas não é assim. A imagem foi muitas vezes criada para que as pessoas pudessem compreender. Eu compreendo as dificuldades de perceber isto. Um indivíduo limitado cria para si um dogma religioso por causa dessa imagem — mas, no verdadeiro sentido, o acto e a palavra devem ser a verdade. Cada um deve encontrar o seu caminho de progresso, por si mesmo e por aqueles que leva no seu coração.

Há aqueles que são bons, há aqueles que são maus, há muitos tipos — mas todos temos dentro de nós o poder de tornar muitas coisas possíveis. A nossa fé em si pode, como se disse, mover montanhas. Mas devemos lembrar que a fé caminha de mãos dadas com a ação. E, se trabalharmos, as coisas virão, dentro da fé, pela iluminação, pela verdade — e ouvireis isso de nós. Não deveis permitir que nada se coloque no caminho do vosso propósito espiritual. Deveis esquecer-vos de vós mesmos em verdadeiro amor e verdadeiro serviço. E assim, tereis uma paz interior, um carácter, uma paz que ultrapassa tudo — como foi dito: aquela paz que fala dentro de nós, aquela alegria e contentamento que são eternos. E não tereis medo, nem angústia.

O vosso verdadeiro eu é a resposta. O vosso verdadeiro eu é a possibilidade da fé, da verdadeira fé espiritual. Procurai ver isso. Vós sois um só no espírito e na verdade. E precisais saber que esse é o poder do divino. E, nas estrelas, somos verdadeiramente irmãos. Somos verdadeiramente eternos — para além da morte. E tende misericórdia, não temais nada, pois venceremos. E, à medida que vencermos, a revelação tornar-se-á cada vez mais clara, cada vez mais capaz de ser usada, pois vivemos, de facto, em alturas maiores. E ponde a vossa fé nos nossos filhos. Paz esteja convosco.

Muito obrigado. Obrigado.

IRMÃO JOÃO 1

Podes recordar-te de algum ensinamento que gostarias de discutir ou abordar?
Bem, não sei se quererias falar sobre isso, mas, se não, gostaria que escolhesses um tema teu, porque há algo que me preocupa muito e pergunto-me qual é a visão do Espírito sobre esta questão da legalização do aborto.

Esta é uma questão muito estranha que colocas — e é uma questão, diria, muito atual, que traz luz e confusão ao mesmo tempo. É uma questão que, por natureza, é muito controversa, mas primeiro quero deixar claro que falo por minha própria conta nisto. Nós, deste lado, compreendemos as necessidades e as dificuldades que devem surgir num mundo como o vosso. Sabemos que há certos casos individuais em que existe um argumento forte para aquilo a que chamam aborto — se, por exemplo, uma criança fosse nascer em condições tão adversas que prejudicassem a evolução e o desenvolvimento desse ser. Noutras palavras, se a condição

física fosse tal que justificasse isto, há certas circunstâncias em que poderia ser o mais sensato a fazer.

Porque esta questão é tão complexa que não se pode, a meu ver, considerá-la de forma unilateral — há demasiados aspetos, aquilo que pode ser certo num caso pode não o ser noutro. Uma vez que a vida é concebida, uma vez que se inicia sob uma certa forma e começa a ter existência — e uso de propósito a palavra *existência* — então seria errado interromper o seu crescimento, privá-la da oportunidade de entrar numa existência terrena para a qual já estava, por assim dizer, preparada e planeada para vir a ser. Nesse sentido, claro, seria errado. Mas esta questão tão complexa não pode ser respondida de forma fechada, porque há tantos aspetos e variações de pensamento e opinião que é evidente que o que se aplica a um caso não se aplica necessariamente a outro.

Eu sei que é uma questão difícil, mas não deixa de ser importante. O que devemos ter em mente é isto — e penso que este é o cerne da questão, do ponto de vista espiritual: há quem afirme — e há muitos no vosso mundo que aceitam a ideia — de que assim que a criança é concebida, torna-se imediatamente uma entidade viva. Ora, pode, num certo sentido, dizer-se que se torna uma entidade viva em termos físicos, mas devemos lembrar que não se tornou ainda uma entidade em termos espirituais. Noutras palavras, o espírito que virá a nascer está ainda apenas em embrião — está, por assim dizer, no seu estado mais inicial possível, não existe ainda de forma independente. Noutras palavras, quando um bebé nasce, não tem conhecimento, não tem capacidade de cuidar de si — não consegue fazer nada por si só. E, enquanto criança, é incapaz de ter carácter e personalidade plenos, não tem ainda a capacidade de fazer as coisas de forma consciente. Assim, é verdade dizer que não é um crime — não é tirar uma vida, se quiserem dizer assim — porque a vida, do ponto de vista do Espírito, ainda não chegou a ser.

Num sentido físico, não se tornou ainda uma forma definida, não se tornou um indivíduo, não se tornou uma personalidade. Assim, num certo sentido, é verdade dizer que, no caso do aborto, não se está a matar um indivíduo, não se está sequer a matar uma alma enquanto tal. Penso que é muito necessário que as pessoas tentem perceber e compreender que o Espírito não se torna individual até depois da conceção, depois de o bebé começar a tornar-se, por assim dizer, um indivíduo ou um ser ou uma pessoa — e o poder do Espírito é tal que pode, por assim dizer, dividir-se em milhões e milhões de fragmentos. Noutras palavras, o poder do Espírito — ou o Espírito Santo, ou qualquer nome que lhe queiram dar, porque tem muitos nomes para a mesma realidade — não importa. Todos somos parte do Espírito Divino. Todos somos parte do Grande Espírito. Somos todos partes dessa totalidade.

E estes milhões e milhões de fragmentos do Espírito, quando surge a oportunidade, entram num corpo físico e tornam-se, por assim dizer, criativos — começam a crescer, a expandir-se e a tornar-se indivíduos; começam a desenvolver forma, figura, carácter, personalidade. O Espírito expande-se e, através do seu crescimento, torna-se capaz de se expressar de muitas maneiras. Então, a situação muda, porque já teve a oportunidade de se manifestar e expressar como uma parte separada dessa totalidade que é o Todo. Assim, se uma entidade — chamemos-lhe assim — ou força espiritual, ou força vital, ainda não entrou num corpo físico, se ainda não se tornou parte do corpo físico, se não tomou para si a cobertura, a forma e a figura do ser humano, se não começou a expressar-se através da vida de forma autónoma, então não importa, nesse sentido, porque não entrou ainda no plano físico.

O que tento aqui explicar — e sei que é muito difícil de compreender — é que eu não considero que o aborto, em todos os casos, seja necessariamente um crime. Não estou a dizer que em todos os casos isto seja algo bom, mas se houver circunstâncias atenuantes, não vejo que possa

prejudicar ou fazer mal de forma alguma. Certamente não pode prejudicar nem ferir o Espírito, porque essa força ou poder de vida que é do Espírito encontrará outra fonte, encontrará outro método ou outra forma de se expressar.

Fico contente por me dizeres isso, porque senti que precisava de saber, ou, suponho, de confirmar que isso não vem do corpo, ou melhor, não depende apenas do corpo físico. Isto nasce da ideia do homem de que o físico é o que mais importa. Vês, há quem — especialmente de certas convicções religiosas — assuma que, ao retirar uma criança não nascida, o Senhor retira forma e figura, e que isto é mau, que isto não tem mérito nem bem algum. Não acreditam na continuidade da vida — mas isso não é verdade em si. De facto, não é tirar a vida no sentido como a entendemos espiritualmente, no verdadeiro significado do termo: não se está a tirar uma alma, porque a alma ainda não nasceu. A alma está ainda no seu estágio embrionário, à espera — está lá, à espera de uma oportunidade, e se não a encontra de uma forma, ou numa origem, surgirá noutra.

Vês, o ponto é que o vosso mundo está a tornar-se terrivelmente sobrepovoado. E, evidentemente, algo terá de ser feito, se quisermos considerar as circunstâncias e condições do vosso mundo. É óbvio que, se o homem continuar a povoar o mundo como faz, isto será um problema enorme, de proporções tão imensas que poderá levar a muitas dificuldades, problemas e até guerras. É estranho procurar um equilíbrio, não é? Porque prolongam-se as vidas dos mais velhos, quando talvez fosse mais fácil virem para o nosso lado. Penso que toda a questão nasce da perspetiva do homem — ia dizer, da tradição — de assumir que o corpo material, a vida material, é tão importante como parece. Não estou a sugerir com isto que a vida material ou o mundo material não sejam importantes — são um campo de treino, são, por assim dizer, uma escola onde aprendemos lições de vida. E muitos de nós temos de passar por esta existência. Temos de ter esta oportunidade e, muitas vezes, de facto, há casos que se repetem, em que é muito necessário regressar ao mundo físico para uma nova experiência, para aprender lições que não se aprenderam noutras encarnações. O ponto é que é importante perceber que a perceção material do homem sobre as coisas é errada.

Ele assume sempre que o mundo material é a parte mais importante. Mas não é, de forma alguma, a parte mais importante. É importante na medida em que, nessa existência particular na Terra, nos são dadas oportunidades para aprender coisas que são essenciais e necessárias para o nosso desenvolvimento e evolução. Mas isso não significa que, em todos os casos ou em todas as situações, seja essencial ou importante que uma criança venha a existir — ou que a alma que entraria nesse corpo seja necessária nessa forma ou que essa criança seja essencial. Há demasiadas pessoas que assumem isso porque só agora começam a abrir os olhos. O mundo material é o mundo — o único mundo — e tudo o que realmente importa. Eu não estou a dizer que não é importante — é vitalmente importante. Mas não é essencial. O espírito pode crescer e evoluir sem necessariamente ter de entrar num corpo material. Para alguns, pode ser importante, pode ser essencial — mas não para todos.

E, de novo, o homem, na sua ignorância, assume que o mundo material é o único mundo, e que ele é tudo o que existe — mas, na realidade, digo-vos isto literalmente — o grande sentido da existência não é apenas o mundo terrestre no espaço, mas milhões de mundos. Todos os vários astros, constelações, a imensa energia de pensamentos de luz que têm sido gerados na atmosfera — invisíveis aos olhos materiais, invisíveis e desconhecidos para as mentes materiais. Há pensamentos vivos que são mundos — muitos, muitos mundos — e o mundo da Terra é, de facto, muito limitado no universo. E a entidade pode entrar noutro mundo, noutra forma e figura e corpo, e ter aí a sua existência. E não vos admireis se, talvez até na vossa própria vida, começardes a ter comunicações com seres de uma ordem superior, de outros mundos. Eles dizem que já podem ser vistos, e agora decidiram aparecer nos vossos céus.

O homem assume demasiadas coisas — assume que a vida física é a única vida, quando na verdade é, no grande quadro, uma das menos significativas em comparação. O importante é que o deve ser — e é — para o indivíduo, dentro da sua própria consciência, aprender, expressar-se e retirar de si todo o tipo de experiências. Mas acreditai em mim, é por isso que tantas vezes encontramos dificuldade em vos explicar. Acreditai, chegareis lá. Agora estamos avançados, espiritualmente, mentalmente e, em todos os sentidos, avançados para além da vossa compreensão material. Assim como existem outros seres noutros mundos, na atmosfera — e esses mundos são tão reais para esses indivíduos como o vosso é para vós. Esses mundos são vitais e vivos através do poder do Espírito. Não no conceito limitado de espiritualidade como muitos têm, por terem um certo fundo religioso.

De facto, quando olho para trás, para a minha própria vida, para a minha experiência, vejo quão ignorante eu era. E percebo que é errado assumir que o mundo material é tudo, o princípio e o fim de tudo. Na verdade, é uma parte mínima da evolução humana, do desenvolvimento e progresso do homem. Há milhões de esferas, mundos muito maiores, muito mais avançados do que o vosso. E quando as pessoas falam sobre a vida na Terra e a sua importância, e quando vemos homens a viver ou a lutar por coisas que são legalmente importantes, percebam que muitas das coisas pelas quais lutam — mesmo quando pensam que as alcançam ou as perdem — acabarão por perceber que valem tão pouco na eternidade da experiência. A vida é tão vasta, de uma dimensão tão infinita, que não pode ser confinada a alguns anos de vida terrena. A vida é vital e importante para quem a está a viver. É importante para a evolução do espírito. Mas acreditem em mim: é apenas um campo de treino. É apenas uma das milhares e milhares de salas de aula pelas quais passamos, onde aprendemos as nossas lições. Existe uma verdadeira alegria na vida eterna. É uma realização: a vida é contínua e há sempre algo novo, fresco e entusiasmante para experimentar e aprender. Estamos constantemente a passar de um lugar para outro, a evoluir e a desenvolver-nos. O mundo terrestre não é senão uma pequena parte da grande comunidade do Espírito.

Obrigado, por confiares no mundo. Quando me voltas a chamar, percebo aquilo que senti na minha alma durante tanto tempo. Espero que ninguém interprete mal aquilo que disse acerca do que chamais aborto. Não estou a sugerir que o aborto seja uma coisa boa. Mas sugiro que, em certas circunstâncias, se justifica plenamente fazê-lo, para evitar sofrimento, infelicidade — não apenas para os indivíduos mais diretamente envolvidos, mas para a própria criança. A questão é que colocamos demasiada ênfase — e o mundo coloca demasiada ênfase — nas coisas materiais. Não se trata de tirar uma vida, porque a vida, nesse caso, mal começou. O espírito não está lá — o espírito liberta-se do ventre e é permitido que se forme e se desenvolva num tempo terreno. Mas não tem ainda verdadeiro significado. O poder vital que é o espírito permanecerá — quer venha a nascer num corpo material ou não, permanecerá. Não podeis matar esse espírito. Podeis matar a formação de carne que começa a ganhar forma — mas isso não é a pessoa, não é o indivíduo.

Alguns dirão: "Estamos a negar-lhe a oportunidade de vida." Mas isso não é verdade. Não existe vida como tal até que a criança entre no mundo. O aspeto espiritual é este: o espírito que animaria esse corpo encontrará outra fonte, encontrará outra oportunidade — se for necessário que entre numa outra forma, noutro mundo, se não for no vosso.

O vosso não é o humano que é real. A humanidade não usa a sua própria essência, o seu verdadeiro poder espiritual. Acreditai em mim: o mundo da Terra é apenas uma das muitas creches do universo. É por isso que vos digo — e ao longo dos anos tive provas disto — que surgirão evidências de tal natureza, tão extraordinárias, que ficará provado que, no espaço exterior, existem mundos de que o homem jamais sonhou, mundos onde existe vida mais

altamente evoluída, mais espiritualmente evoluída, onde os filhos do Grande Espírito de toda a vida existem — todos parte do mesmo Espírito, parte do Espírito universal, do meu Espírito.

Estamos todos em diferentes mundos, sob diferentes formas e figuras, em diferentes condições e circunstâncias — mas todos somos do mesmo Espírito. Por isso, não vos sintais, direi eu, desencorajados ou desanimados se, numa existência na Terra, não alcançardes ou parecerdes não chegar a qualquer realização do propósito das vossas vidas. Isso virá num tempo futuro, num novo tempo que ainda há-de chegar, em novas circunstâncias. O mundo terrestre, por importante que vos pareça, é apenas um de muitos mundos pelos quais passareis e nos quais tereis o vosso ser e evoluireis em conformidade.

Dirijo-me, por isso, àqueles que por vezes se sentem derrotados e dizem sentir que a vida foi inútil e desperdiçada, que as oportunidades foram perdidas — como tantas vezes dizem. Mas eu digo-lhes: para eles, há grandes possibilidades em futuras existências. O mundo do Espírito é vasto e imenso — e nesses grandes mundos, nesses mundos do espaço exterior, encontrareis uma nova forma de vida, uma nova condição de vida e uma nova oportunidade. E verdadeiramente progredireis — disso tenho a certeza, mesmo para aqueles que ainda estão na Terra. É o início de uma grande revelação, onde haverá comunicação de uma natureza que vos maravilhará — entre certos mundos e o vosso. E nós ficaremos jubilosos, pois tudo isto faz parte do plano do Espírito. Acreditai nestas coisas que vos são servidas, ainda que seja difícil para mim ou para qualquer outro explicá-las nesta fase — mas vereis como o poder do Espírito se manifesta.

Agora, inteligências elevadas estão a esforçar-se — e conseguirão — comunicar com o vosso mundo de tal forma que até aqueles que preferem chamar-se a si próprios de cientistas, e se orgulham de ser racionais, terão de aceitar a verdade evidente da vida eterna. Nada do que é vida pode morrer, pois a morte não pode destruir aquilo que é indestrutível. Não há razão, meus filhos, para temer ou duvidar — mas sim para perceber cada vez mais que todos vós fazeis parte do Grande Espírito. Uso o termo "Ele mesmo" apenas por conveniência — pois nada explica verdadeiramente o poder divino. Não podemos explicar a força divina que é a própria essência do nosso ser. Mas sabemos que existe — ainda que muito distante de nós, pois ainda não atingimos esse grau de evolução — uma realidade de vida tão tremenda, tão imensa na sua vastidão, na sua beleza, na sua força de dar vida, que será, um dia, plenamente partilhada. Sabemos disto — mas não podemos explicá-lo. Palavras não podem explicá-lo.

Sabemos que existe um mundo muito além, muito distante das limitações do vosso mundo, muito distante dos limites que vos impõem uma visão restrita da vida ou uma compreensão limitada da individualidade. Mas, eventualmente, todos atingiremos esse estado de ser em que veremos claramente o verdadeiro significado e propósito de toda a vida. Ninguém precisa de temer — isto é uma grande aventura em que todos participamos. Ninguém pode perder estas coisas, porque elas são indestrutíveis. São elas que nos permitem ascender. São, de facto, as verdadeiras realidades do ser e da vida. Não existe tal coisa como a morte. Pode haver, num estado aparente, uma condição em que parece que morremos — mas isso não é real. É apenas por um breve espaço de tempo que podemos não ter consciência de certas condições da vida — ou melhor, é como se passássemos e despertássemos para uma existência maior, uma consciência mais plena do ser. Ninguém precisa de temer a morte — nada pode ferir o espírito, que é indestrutível.

Isto é o que eu ainda tento transmitir-vos: a realização de que nada pode ferir ou tocar o espírito. Não importa o que façais, não importa quando matais — é errado matar, não nego o quão mau pode ser e é matar. Mas há fatores atenuantes em certas circunstâncias, como quando se refere esta condição do aborto. Mas percebei: não estais a matar o espírito. O corpo

pode ser morto, mas o espírito permanece triunfante. Ninguém precisa de ter medo, pois tudo está bem. O homem só precisa compreender o seu verdadeiro eu, que está dentro dele. O corpo é apenas a concha exterior, a capa que é necessária para a sua existência terrena. Mas serve, apenas, como veículo de expressão de Deus através do homem e no corpo.

O meu amor. A minha paz.

IRMÃO JOÃO 2

Como estás?
Estou muito feliz por te encontrar aqui.
Oh, obrigado. É a segunda vez que te desejo um Feliz Ano Novo.
Muito obrigado.
Sim, muito obrigado.
Então, não vieste da última vez e não estiveste lá, pois não?
Sim.
Foi isso mesmo, mas foi depois do Natal que não estavas presente, não foi?
Foi antes do Natal.
Bem, eu sei que foi então, não foi Natal, não foi Ano Novo, pois não?
Como estás, minha querida?
Estou muito, muito feliz, muito feliz.
Podes contar-me como vai tudo?
Estamos sempre, de manhã e de outra forma também.
Está uma manhã fria.
Está?
Vento frio.
Ah...
Mas está seco.
Tens um sítio tão acolhedor onde estás agora.
Deves estar muito feliz aí.
Oh, e posso fazer isso.
Sim.
Então, há muitas outras pessoas lá, neste momento?
Oh, sim. É uma casa que tem duas pessoas em cada piso.
Sim. Então, as pessoas têm o seu próprio dinheiro?
Não. Na verdade, não. É o seu próprio mundo. Bem, todas as pessoas lá têm algo para fazer em cima.
E os cuidadores, não é?
Não. Eles têm prazer em vigiar.
Não. Lá em cima. Depois saem para trabalhar. Eu acho muito agradável para ti lá.
Não é aquela sala grande e bonita?
Oh, sim. Vi-te muito mais luminosa.
Viste?
Apareceste radiante.
Obrigada.
Ela apareceu radiante.
Já há muito tempo, fomos almoçar à taberna.
Onde fica a taberna?
Eu sei. Não é como ires a um sítio qualquer para almoçar. Bem, não é propriamente um restaurante. Não têm cadeiras. Nós fomos de carro, então foi à antiga.
Porque é que foste à taberna? Não têm almoço. Vês, no sítio onde moro, não têm mesmo um almoço decente.

Estou a brincar.
Eu sei. Sabes como é beber um pouco? Não percebes a senha. Vais até à taberna. Claro, fazes lá a tua refeição. É isso mesmo. Quando queres levar alguém especial.
É isso mesmo. E a Brady, como está?
Ela está bem, obrigada.
Oh, é uma senhora simpática. Senti a falta dela. Agora, se alguém quisesse a tua Guia Perdida, iriam ao gelo.
Irei. Vou ver isso por mim.
Oh, sim. Há bastantes deles. Mas não são suficientes. Eles não percebem a pista sobre nós.
Não. És tão gentil.
O quê?
Não sei.
Sim. Irmão João, sim. É isso mesmo. Não tens como chegar ao Irmão João, pois não?
Não, não, não. Tenho de saber que eles estão todos aqui.
A tua mãe anda por aqui.
Sim, eu sei.
És uma irmã?
Sim. Estamos quase a reunir irmãos e irmãs.
Sim. Eles não saíram das suas casas. Que orgulho, a tua mãe estar falecida. O meu pai e os irmãos.
Como estão eles?
Tenho três irmãos.
Tens irmãos e irmãs?
Sim, pai. Isso não é irmã, pois não?
Sim, irmã e uma espécie deles. Dois.
Eles vêm todos com grande amor para ti.
Sim.
Estão sempre contigo. Estão sempre a dar-te apoio.
Eu vou. Eu vou descansar.
Olá.
Olá.
Ia dizer-te tanto.
Provavelmente.
Fiquei muito feliz por estar tão próxima.
Não estás mesmo a dizer isso.
Ia dizer-te tanto.
Ia dizer-te tanto.
Nunca me tinhas visto antes.
Sim.
Quem és tu? Diz-me. É uma criança?
Não, por favor, não és uma criança.

IRMÃO JOÃO 3

Já não há mais criança.
Bendita sejas.
Que inspiração e que alma tão doce ele é. E quão sábio.
Sim, isso eu sei.
No íntimo. Espera um minuto. Tenho um grande afecto por ti.
Sabes, minha querida, quando venho falar contigo e entro no teu mundo — como faço, em grande medida, através dos teus olhos e dos teus pensamentos — porque é exatamente isso que acontece connosco quando regressamos à Terra. Tornamo-nos conscientes do vosso

mundo através dos olhos e da consciência dos indivíduos, em especial daqueles a quem estamos ligados. E assim, vês, minha criança, até certo ponto vejo o teu mundo através dos teus olhos e através dos teus pensamentos conscientes e da tua perceção deles.

E se há momentos em que talvez eu queira ter uma visão de outra natureza, diferente da tua, então prendo-me temporariamente — talvez apenas por um curto espaço de tempo, uma hora ou menos, conforme a necessidade — a outro indivíduo. Sim. Às vezes, por exemplo, posso querer saber mais sobre o mundo dos acontecimentos tal como afetam o mundo e o povo do mundo. Então prendo-me temporariamente, por assim dizer, a algum político ou a alguém cujo conhecimento das coisas materiais, em particular, seja vasto. E assim, aqui e ali, eu e outros como eu deste lado, que estamos interessados no vosso mundo e no bem-estar do seu povo, ligamo-nos indireta e diretamente a muitos de vós, para termos, por assim dizer, uma imagem composta do todo.

Sabes, minha querida, há pessoas no vosso mundo que, mesmo compreendendo esta grande verdade, às vezes não nos dão crédito pelo facto de que nós próprios, apesar de alcançarmos compreensão e desejos de consciência espiritual e despertar espiritual, também temos uma preocupação diferente em relação ao vosso mundo. De facto, entramos também no aspeto material, porque não podemos ajudar a realizar nada se, de certa forma, não conhecermos os vossos problemas, as vossas dificuldades e o estado de coisas em que tendes de viver. Vês, penso que há muitas pessoas no vosso mundo que estão equivocadas a este respeito, pois assumem que nós, que vos visitamos, estamos apenas preocupados ou conscientes de coisas espirituais. Claro que este é o nosso principal interesse, o nosso principal propósito e o nosso maior desejo: elevar a humanidade a um plano mais alto de pensamento. Mas, para o conseguir, também temos de entrar nos vossos problemas materiais, nas vossas dificuldades e nas coisas que vos causam preocupação e, muitas vezes, sofrimento. Estamos cientes de todas as vossas necessidades.

Mas, claro, dessa vida vivida tem de vir algo para este lado, não é? É verdade, vês, que há muitas sementes que devem ser semeadas, e se alguém quer ser um jardineiro de sucesso, então deve saber muito sobre o solo onde espera fazer crescer belas flores. Assim é connosco: devemos conhecer aquilo com que temos de lidar, o que temos de enfrentar. Temos de saber muito mais do que imaginariam que sabemos. Assim é que, aqui e ali, encontramos aqueles que podemos usar, que podemos desenvolver, com quem podemos trabalhar e através de quem podemos agir — e eles, por sua vez, tornam-se, por assim dizer, nossos associados; tornam-se alunos e, com o tempo, tornam-se professores eles próprios. E assim devemos esperar que, ao longo do caminho...

IRMÃO JOÃO 4

Galan...
...como vejo, o santo não pode possivelmente dar-vos nem sequer a mais leve consciência, uma perceção das coisas do Espírito, tanto quanto se desejaria dizer — pode apenas ser uma palavra, ainda assim ténue e imperfeita. O poder do Espírito é uma energia que eu sei que sentes, pressentes e percebes. Esse poder, que se manifesta por vezes com tanta força, permite-nos, por assim dizer, transmitir-vos, enquanto instrumentos, a realização do Espírito, a consciência do Espírito — que para alguns é muito ténue, mas que para outros, por vezes, é clara e definida. Estamos sempre a procurar métodos, formas de nos tornarmos mais capazes, mais aptos, para que possamos dar ao mundo esta verdade, esta grande perceção da vida eterna, quebrando as barreiras entre o nosso mundo e o vosso.

E, no entanto, tantas vezes, quando penso nas belezas e nas glórias do Espírito e no modo de vida aqui, sinto que é tão simples, tão luminoso, tão sereno na sua pureza — e, ainda assim, quando trabalho através de ti e falo, esforço-me, à minha maneira e no meu modo, por transmitir, o melhor que posso, algo desta vida gloriosa de que vos falo. Tudo o que temos para vos dar deve ser trazido até um certo nível de consciência terrena. Assim, quando o ouvis e representais, e descreveis, podemos transmitir algo do nosso mundo num sentido material. E se alguém puder aceitar as belezas do vosso mundo, as belezas da natureza, a consciência de tudo o que é bom — se alguém puder compreender e ver isto — então poderá também perceber e vislumbrar que o Espírito é assim, mas num plano mais elevado, de pensamento e realização, com maior cor, maior glória, maior intensidade de som até. Pois aquilo que ouvis, o que é comum ao ouvido físico, no reino do Espírito é mil vezes mais belo. A música das esferas é tal que, se eu pudesse trazê-la até vós, ainda que apenas por um breve instante, a sua beleza vos esmagaria de tão sublime.

Sabes, criança, que a nossa tarefa, claro está, é consolar os que choram, dar-lhes a compreensão de que os seus entes queridos estão, de facto, muitas vezes muito perto deles, que estão mental e espiritualmente entrelaçados. E à medida que progridem no reino do Espírito, assim o seu amor se torna maior, e assim o seu desejo de alcançar aqueles que deixaram para trás se torna ainda mais intenso, mais cheio de propósito.

IRMÃO JOÃO 5

E como estás?
Estou numa boa casa, numa noite feliz.
Estou numa boa casa.
Isso é verdade, minha querida.
Antes de mais nada… antes de mais nada, eu só…
Disseste isso.
Certamente.
Ah, então porque é que isso não acontece?
Não planeies culpar-me.
Hei-de fazer isto aqui.
Está bem.
Estou numa boa casa.
Sou pequeno, e isto é tantas vezes verdade aqui.
Tenho conseguido lidar com isto.
E não tenho de fazer…
Nunca tive… nunca pensei nisto… e, no entanto…
…ser levado… mais além, através da noite, contigo… para trazer os ensinamentos do Espírito… àqueles que habitam nas trevas do teu mundo. Não posso deixar de sentir, por vezes, quando estou tão… com isso… que não consigo encontrar esse compromisso… para esta tarefa… para aqueles que habitam na escuridão. Eles não me permitem trazer luz para as suas vidas. Tantas coisas diferentes, tantas coisas diferentes.

De facto, há momentos em que eu sei que tu sabes disto — que alguém tenta travar-me. Há um tal vínculo no teu campo que faz a ligação entre nós — e não é tão forte como gostaríamos. Pode ter havido alguns problemas que fizeram com que não houvesse a clareza que desejarias. Mas devemos lembrar que esse vínculo que foi encontrado, por mais pequeno que seja entre nós, está a tornar-se cada vez mais forte.

IRMÃO JOÃO 6

E como estás?
Estou numa boa casa, feliz contigo.
Estou numa boa casa.
Isso é verdade.
Antes de mais nada, na minha idade é...
Sim, estou numa boa casa.
Certamente.
Ah, então porque é que isso não é assim?
Não planeies culpar-me.
Hei-de fazer isto aqui.
Está bem.

O teu desejo e o teu lado mais escuro pertencem a ti mesmo — só tens de ter cuidado com os teus próprios passos. Muitas vezes pensei e não fiz. Nunca tinha sentido isto assim. Poderia ter sido levado mais além, através da noite contigo, para trazer os ensinamentos dos Espíritos àqueles que habitam na escuridão do teu mundo.

Abandonei o campo de batalha do tempo com a minha alma, com o meu fardo, que não consegue encontrar esse compromisso com esta tarefa. Foi à luz disto. Estava em toda a parte, na praia, onde eu estava. Foi muito difícil, no fim de contas.

De facto, houve um tempo em que eu sei que tu sabes — há alguém que tenta travar-me. Há um certo vínculo no teu campo que faz a ligação entre nós — mas não é tão forte como gostarias. Pode haver uma certa mensagem que tenha sido dada sem a clareza que desejarias. Mas devemos lembrar que esse vínculo que foi encontrado, esse bem espiritual, está a tornar-se cada vez mais forte — e isso é uma grande alegria para mim, porque está a ficar cada vez mais firme.

IRMÃO JOÃO 7

Por favor, faz o que puderes, eu compreendo.
O melhor ainda está para vir. Mais uma vez, mais um ano está prestes a terminar, depois do período do Natal. E então começamos de novo, enquanto o povo da Terra, invariavelmente, olha para um novo ano como se fosse algo fixo, uma coisa separada — e, de certa forma, é, já que tendes o tempo e julgais tudo por ele. Eu compreendo as possibilidades que se podem tornar realidade e as oportunidades que se podem apresentar, onde posso mostrar e dar oportunidade de serviço em várias direcções.

Estou muito consciente, ao vir até ti, dos muitos problemas que a humanidade tem de enfrentar, especialmente no que diz respeito aos assuntos do estado do mundo. E apercebo-me cada vez mais de quão essencial é que, se o mundo quiser encontrar paz, seja necessário que a massa da humanidade compreenda a verdade nas coisas espirituais — a realização da continuidade da vida para além do círculo da morte, e a comunhão entre os povos do vosso mundo, e o conhecimento e a experiência que podem ser dados para ajudar os povos da Terra a elevarem-se muito além do ordinário, muito além das coisas mundanas, e colocarem-se numa posição onde a sabedoria, a verdade e a iluminação prevaleçam no lugar do caos que existe hoje.

À medida que cada ano começa, estamos conscientes, através das vossas mentes, através dos vossos pensamentos, mais do que nunca, da necessidade da ajuda do Espírito. Os instrumentos são poucos e estão espalhados, e muitos daqueles que usamos — esforçamo-nos, tanto quanto possível através deles, para transmitir a nossa mensagem. Mas, muitas vezes, até os próprios instrumentos...

LUCILLUS
A comunicação é de 26 de Novembro de 1962, médium declarado.

Boa noite, Mickey.
Está tudo bem esta noite?
Saudações, minha criança.
Saudações a ti, ouvinte.

No nosso intento de vos trazer a consciência da realidade, devemos lembrar, em todos os momentos, que o espírito, que é a força animadora por trás de toda a vida, não está limitado pelo tempo; é consciente, em harmonia com a extensão do espírito, e naquele momento no tempo em que se manifesta em alguma forma ou outra — mesmo, por exemplo, num corpo de berçário — o espírito faz-se sentir a si mesmo, está consciente de tudo o que transparece naquele instante físico do tempo. Mais ainda: está consciente de tudo o que ocorreu no passado e até aguarda expressão e experiência naquilo a que chamais o futuro. Quando o corpo está em repouso durante o chamado sono, a consciência do espírito continua a manifestar-se de várias formas; e, no momento de regresso a nós a partir do estado de sono, o cérebro — o indivíduo — tem recordações de experiências muitas vezes confusas, misturadas, baralhadas; mas há ocasiões em que o espírito, estando temporariamente separado do corpo, embora ainda ligado a ele, consegue entrar em dimensões para além da compreensão normal dos homens.

O espírito é capaz de recuar no tempo, e por vezes avançar no tempo; e, claro, é capaz de entrar noutra dimensão, cujo verdadeiro significado o homem ainda não compreendeu por completo. Falo-vos assim esta noite para que vos possa dar a chave para certas coisas que, sem essa chave, não podereis jamais compreender totalmente — o milagre da vida. Com demasiada frequência, no vosso corpo, as pessoas desejam morrer — não só no plano físico, mas também no espiritual. Há aqueles que, por apelo ou persuasão religiosa, ou por experiências sem conhecimento, alimentam ideias sobre a vida futura ou a vida depois da morte ou a vida no espírito que os leva a desejar abandoná-la. Falam da vida futura; mas se alguém quer falar da vida futura ou da vida presente, deve, obviamente, também aceitar a ideia de um princípio — o que sugere uma vida anterior.

O importante é não pensar no corpo como o indivíduo, nem sequer pensar no corpo como a expressão plena do indivíduo enquanto tal. É apenas um veículo momentâneo, dado para expressão. Quando o homem se liberta das limitações do tempo — e, em consequência, das limitações que a religião e as tradições lhe impuseram, estreitando-lhe a perceção da verdade — compreende que a expressão do espírito está, em grande parte, limitada por ele próprio, do ponto de vista terreno. Assim que consiga libertar-se de ideias fortemente enraizadas e de noções pré-concebidas — assim que consiga libertar-se das algemas das múltiplas religiões que sobrecarregaram a humanidade durante séculos — assim que consiga quebrar os laços que o prendem e o acorrentam a uma interpretação terrena da vontade e do propósito da vida — então poderá começar a perceber que a essência do espírito não pode ser confinada no tempo, que está para além da vossa ideia de expressão, tal como compreendeis o significado de expressão na vossa condição limitada.

Quando puderdes aceitar a realidade não só do presente momento, mas também da vida que ainda está por vir, numa forma diferente, com maiores oportunidades e expressão — e puderdes então aceitar o passado, que a maioria não recorda nem compreende por causa dos fatores limitantes que o homem criou através da ignorância e da insensatez — então começareis a perceber a imagem do espírito. Quando puderdes compreender que o corpo é apenas uma casa temporária para a sua expressão — a expressão do divino espírito — então compreendereis que podeis recuar, avançar, ascender ou descer; se conseguirdes perceber que

o corpo, nesse sentido, é o ponto focal onde estais ancorados, então sabereis que o deveis usar, e tudo o que vos rodeia — no passado e no futuro — deve regressar ao ego nesta vastidão imensa do espaço, com todo o conhecimento, com todos os ideais, todas as experiências e oportunidades do homem e da sua herança. Cada um pode aprender a apreender a imensidão do poder do espírito, tentando trazê-lo através desse veículo — o único que tendes para expressar um sentido, um sentimento, uma perceção, uma compreensão — esta casa temporária que habitais, sobre o globo de matéria que gira a tal velocidade e que, no entanto, visto de fora, a partir do espaço e da vida exterior, vos parece mover-se tão lentamente que mal se desloca em relação a nós.

Porque nós, livres de restrições e inibições, somos capazes de expressar toda a intensidade do nosso conhecimento e da nossa realização de ser. E, no entanto, não queria que pensásseis que, por existirem mundos de vida tão vastos, sem princípio nem fim, tão imensos que permanecem para sempre, o vosso corpo terrestre e o seu uso e prática sejam inúteis ou sem propósito. Falei no passado sobre encarnações, sobre o seu significado e propósito — algumas das quais se cumpriram, outras não, algumas confusas, como seria de esperar, se considerarmos quão difícil é transmitir grandes verdades ao vosso mundo quando as limitações são tantas. Não queria que ninguém pensasse que as vidas terrenas que assumimos são insignificantes. Devemos tentar perceber que o mundo terrestre é apenas uma pequena parte das nossas oportunidades. Mas também devemos perceber que o mundo terrestre, por isso mesmo, é importante — e é, sim, importante. Devemos tentar compreender todas estas encarnações, que muitas vezes são como elos de uma corrente — não insignificantes, mas entrelaçados. Podemos voltar ao mundo terreno vezes sem conta, e traça-nos aquilo que deve ter estado lá desde o início da expressão — e, no entanto, estamos conscientes de que, mesmo quando pensamos nisto, isto talvez não seja o verdadeiro começo. Estou firmemente convencido de que a vida, com as forças geradoras de vida que animam todas as formas em existência, teve uma história mais antiga para contar. Não há palavras conhecidas nem formas de expressão que a possam transmitir — e, por isso, sabemos que permanece, como um estado adormecido, esse princípio mais remoto. Antes disso, poderia não ter havido uma forma consciente de existência — mas só nós podemos compreender isto. Digo que queria, se pudesse, dar-vos a chave — mas, mesmo dando-vos a chave, estou consciente do facto de que, embora encaixe, há a aldraba… porque a porta esteve fechada durante tanto tempo a estas verdades que as dobradiças e a aldraba enferrujaram-se com a insensatez e a ignorância do homem — e não será fácil empurrar a porta para a abrir. Mas mesmo assim, é o meu dever, se puder, tornar possível a todos perceberem quão tolo é limitar o ser do homem, as suas capacidades espirituais e possibilidades, a sua natureza espiritual que abarca uma infinita variedade de formas, expressões, significados e propósitos — e que a vida terrena é, de facto, apenas uma existência pequena.

Haverá aqueles que dirão: "Percebemos a importância da nossa vida, é nela que temos de aprender" — e é por isso que sofremos, é por isso que às vezes a vida parece dura e difícil — porque, o tempo todo, o homem está a passar por algo. Isto é verdade, é algo que muitas vezes se diz — mas é apenas uma pequena parte da verdade. O homem não está confinado a um corpo, nem a vários corpos, nem a várias encarnações. O homem pode ser chamado por muitos nomes e ter muitas experiências, sob muitas formas, em muitos momentos, e ainda assim não ser "o homem" tal como é conhecido por esse nome — isso é apenas forma e figura, isso é apenas uma parte da realidade. A variedade infinita que constitui a vida — quando apreciada, compreendida e expressa espiritualmente — está muito além de uma curta existência ou mesmo de muitas dentro do tempo.

Só posso tentar esclarecer: quando falais da vossa vida e quando uma pessoa olha para ela em sentido material, parece arrastada, parece longa — e o tempo arrasta-se muitas vezes. Por vezes, parece não haver tempo, e o homem, na sua ignorância, duvida da realidade do seu ser; o propósito da sua vida parece-lhe pesado. Quantas vezes não ouvimos as pessoas dizerem: "Se existe um Deus, por que permite Ele que isto aconteça?" Nos tempos de sofrimento, tribulação e dor, o homem, por vezes, começa a procurar, começa a pedir luz — e, por vezes, encontra-a. Às vezes, vemos na existência interior o pressentir da verdade — mas, por vezes, a intensidade da vida parece assustadora. Muitas vezes, o futuro, tal como pode ser visto do ponto de vista terreno, parece demasiado para enfrentar — e há aqueles, em momentos de fraqueza, que se libertam da Terra prematuramente, pensando encontrar liberdade das ansiedades, das mágoas e preocupações. Às vezes, também, o desejo não é apenas escapar ao peso da vida, mas pensam reencontrar algo que em tempos lhes foi querido e importante.

O que importa, nisto, é recordar e perceber que, em nenhuma forma de existência, de modo algum, se pode escapar de si mesmo ou do próprio caminho — o caminho da evolução — porque é isso que é a vida: evoluir, evoluir, evoluir, através de muitas, muitas condições. Não devemos fugir dela. Se o fazemos, é porque tememos enfrentar aquilo que tem de vir — mesmo o mais difícil entre nós, ao tentar evitar os problemas óbvios, nunca escapa verdadeiramente da vida. Pois a vida é indestrutível — o espírito é indestrutível — e, não importa quem, por alguma razão, tenha tentado escapar, depressa percebe que apenas fechou uma porta para abrir outra, e que voltará a deparar-se, uma vez mais, com problemas, talvez de natureza diferente, mas ainda assim problemas. Porque todos devemos passar por estas experiências, estas oportunidades de expressão, de vivência, para o desabrochar do nosso verdadeiro ser.

É como se nos fosse dada a oportunidade — como de facto é — de, por breves momentos, irradiarmos iluminação e, com isso, iluminarmos o caminho; e então tentamos ajudar em alguns dos passos, e na escuridão, com outros, também vemos — porque sabemos. Sabemos, com toda a força, que devemos recordar sempre que todas estas experiências, estas vidas, não podem ser desperdiçadas — não são inúteis, não são sem propósito, mas são essenciais. Pois onde está o poder do espírito, aí há vida — sob alguma forma ou outra. E não devemos ver o tempo ou os séculos no mesmo estado material em que a grande maioria das pessoas os vê. Devemos vê-lo não como uma linha, como parece que tantos o fazem — essa ideia de que se pode voltar nessa linha dois mil anos, quatro mil anos, como se houvesse um ponto fixo para um lado e para o outro. Nunca o encontrareis assim. Isto não é uma linha — não é uma linha reta de tempo. Toda a vida é expressão — se puder dizer assim, é circular. Nunca é em linha reta, nunca segue apenas numa direção. É tudo abrangente — não é de ponto a ponto, não é um princípio e um fim. É sempre — é como uma curva, de modo que seguis por um caminho e podeis ver uma pequena parte mais adiante, mas não podeis ver o resto da curva — ainda assim, o caminho está lá, sempre o mesmo, a continuar e continuar e continuar e continuar… tão vasto é, que não há começo nem fim visível.

Se alguém pudesse descrever, se existisse um método ou uma forma de descrever este estado e o que isso realmente significa, teria de falar numa linguagem muito distante dos pensamentos comuns dos homens. Não devemos pensar em nós próprios como fomos ou como somos ou como sabemos que já fomos ou somos agora ao mesmo tempo. Devemos ver-nos para lá do tempo e do espaço, na plenitude da vida e da realização — todo o acúmulo de experiências e de conhecimento — e, se pudermos reunir isso em nós, então perceberemos que somos como pinturas vivas. Começamos a perceber a imensidão da Lei — somos seres tão imensos. E se uso a palavra "seres", é porque quero que percebam que, não importa quão avançados sejamos, continuamos a ser, nessas coisas, seres. E tudo o que sabemos se manifesta em forma, em figura

— mas devemos pensar em nós próprios não mais como corpos, não como fomos uma vez ou outra, mas compreender que somos a imensidão da Vontade de Deus em manifestação.

E devemos lembrar, ao pensar nisto, que estamos para lá do tempo e do espaço, e que estamos a manifestar a força divina em todas as coisas — e que esta coisa a que chamamos Deus, este nome que damos a esta luz, a esta força ou poder que é vida, não é mais do que um termo. Estamos na imensidão do espaço, habitando muitas vezes muitas formas, em diferentes tempos e, ao mesmo tempo, podemos ser e somos — e seremos. Dentro de nós temos fatores limitantes — os fatores limitantes são as nossas próprias condições, que nós próprios impusemos a nós na Terra. Estes fatores limitantes são muitos — mas até neles, vê-se o homem-espírito, primeiro na cadeia. Vê-se o homem a lutar com grandes problemas, a desvendar alguns dos mistérios que lhe foram dados. O homem está apenas a começar a perceber a imensidão do espaço — está a começar a estender-se, a procurar — e o seu esforço começará a encontrar. E em breve — quão breve, ninguém pode dizer dentro desta forma de tempo que tendes — começará a perceber a verdade espiritual. Começará a ver a imensidão do poder do espírito que anima toda a vida.

Houve aqueles no vosso mundo que tentaram servir o homem — não apenas no sentido metafísico, mas também no físico — e surgiram na Terra grandes almas, de grande inteligência, que aprenderam muito, souberam muito e contribuíram muito para o bem e para o bem-estar da raça humana. Mas ainda não há homens que possam criar vida — pois isso é a força indestrutível que está por trás de toda a humanidade. E, quando a humanidade perceber esta tremenda realidade, este facto de que a vida é o homem — a vida é o poder, e a própria vida é indestrutível — e que o corpo é apenas o veículo, então, neste grande espaço exterior, longe da Terra, tudo está impregnado de vida. Lá estão guardadas todas as memórias do passado, tudo o que o homem realizou, tudo o que ele pode realizar — está lá para ser encontrado. Tudo o que há-de vir, vem dessa fonte, que é sempre viva com a dádiva da vida — o espírito do homem, indestrutível. Isso é o que importa.

E se tomarmos a nossa forma e figura — seja porque nascemos na Terra, nesse corpo físico — ou se assumirmos a forma através da memória do nosso eu passado, através do reconhecimento — ou se for porque decidimos, para algum propósito, entrar num corpo material e tornar-nos homem como é entendido, então isso é tão importante quanto é. Mas isso em si mesmo é apenas uma pequena parte da imensidão da realização do homem quanto à verdade — verdade que é todo-poderosa, que é toda vida, que é indestrutível, para além do espaço e do tempo, para além do passado, do presente e do futuro. Vida que é — é Deus. E Deus é vida. E nós somos disso. Tu, minha criança, e todos os outros, sabei que sois todos partes desta vida indestrutível e esta vida está contida em muitas formas, deu a si mesma muitos nomes, foi muitas coisas, realizou muito, sofreu imensamente e alegrou-se, por vezes. Mas, em todas as suas expressões, em todas as suas realizações, avança cada vez mais para a verdade do infinito — pois somos infinitos. Eu afirmo que todos nós somos um só espírito — o espírito indestrutível que é vida — para lá de nomes, para lá de linhas, para lá de associações, de promessas e de realizações.

Ninguém pense que estamos condenados pelo peso do passado. Não deixamos nada atrás de facto — libertamo-nos dos velhos sistemas corporais para funcionarmos no ambiente natural do espírito. E sois libertados das amarras que começastes a combater, daquilo que nunca poderíeis esperar alcançar sem compreensão — de todas essas muitas coisas. E desejamos que compreendam isto: esta é a promessa. E isto vos será provado, convosco, para que vos seja dado conhecer a verdade do passado — para que vos torneis cada vez mais conscientes das realidades da vida — e para que sejais capazes, em alguma medida, de ser luz para outros.

E o instrumento que usamos desempenhará mais uma vez o papel para o qual foi escolhido, para o qual foi enviado na sua vida, no seu corpo físico, para realizar. E vós fostes reunidos e associados de novo, num pequeno círculo — tão pequeno que pode parecer, às vezes, que as vossas vidas seguem caminhos diversos, pensamentos por vezes dispersos — mas, ainda assim, estais unidos nos laços do amor e do espírito que é indestrutível. Porque, se mantiverdes a força e o mesmo espírito, e vos unirdes ali, mais uma vez, para trabalhar em condições terrenas… Quantas vezes vos dissemos: sede pacientes! Quantas vezes sentistes, por causa das limitações do corpo e do próprio tempo, um peso sobre o passado! E quantas vezes vemos as vossas necessidades — pensais que é assim, sentis assim — e, no entanto, aqui está a oportunidade com resultados, aqui está o caminho que foi preparado, aqui está a vereda que se abre.

Mais uma noite cai — as revelações no espírito são muitas, e muito ainda está por vir. Se houve agora um intervalo de algumas semanas, foi por causa das dificuldades, dos perigos — e não por falta de sintonia. A paciência começará a crescer primeiro, como uma pluma suave no controlo do espírito. Obrigado a todos vós. Retomaremos — e só eu posso tornar possível que cada um de vós perceba como superar o que tantas vezes parece ser a limitação do corpo. Se eu pudesse incutir em vós que não há nada que não se possa alcançar, que não há nada impossível de obter quando confiamos no poder do espírito que está dentro e fora de cada um de vós. A força, o poder que trago é imenso — para se unir ao vosso e à fé que tendes. Assim, tanto podemos realizar.

Esquecei o corpo — esquecei as limitações do corpo tal como parecem ser vossas. Quando vos sentardes, não penseis nas coisas mundanas da Terra, nas coisas que vos oprimem diariamente. Abri os vossos pensamentos à imensidão daquilo a que chamais espaço — retirai dele a força vital que nos ajudará a realizar, para que possamos trazer mais conhecimento, mais iluminação — pois aqueles no vosso mundo que procuram, que anseiam, que desejam estas coisas, encontrarão através de vós a chave para a sua própria salvação, para a sua própria felicidade, através da felicidade do espírito.

Na vossa boa fé, a minha paz — a minha paz esteja convosco para sempre. Para sempre. Vemo-nos de novo no padrão de ouro — é isso. É isso. Foi o que fizemos. Agora as condições estão muito boas. Óptimas, muito boas, sim. Pensai em como estávamos há algumas semanas. Sim. Sentis quando isso acontece — acontece. Estou ansioso por vos ver na quinta-feira. Até breve.

LUCILLUS 7

Esta comunicação teve lugar a 27 de Novembro de 1962, numa sessão com médium declarado.

Já estamos prontos e a postos para o lugar. Estou a fazer isto, minha criança. O que significa para ti, Lucillus? Confio que não tenhas estado à espera por muito tempo. Sabes, e sabes, meu amigo, que podes não encontrar ainda o conforto. Da última vez em que nos encontrámos, prometi dizer-te, se possível, um pouco acerca desse país de que agora falas e de que gostas.

Oh, sim, sim. Presumo que o nome que lhe foi dado tenha surgido de algum tempo muito remoto, quando, por alguma razão, sabes o que quero dizer — o reconhecimento do nome, e há uma certa referência a um tempo anterior na história do homem, quando o homem ligava o continente da Europa às Américas, quando não havia mar, mas sim grandes extensões de terra ainda por desenvolver. Havia este país que o homem desde então chamou de Atlântida — embora não se chamasse assim naqueles tempos. Na verdade, é uma obrigação para eles. Muito pouco conhecimento é recordado, pois foi o início mais remoto do homem, quase como homem.

E o mundo, esse grande continente, era governado por muitas tribos, frequentemente como se pode imaginar, e havia guerra — mas uma guerra dispersa num vasto espaço. Quando não havia limitações: grandes florestas, grandes montanhas, grandes desertos, e depois de percorreres centenas e centenas de quilómetros, encontravas uma forma de civilização entre muitas tribos, nem todos os povos viviam ainda afastados do reino animal.

Havia um grupo chamado os Milianos, que tinham avançado muito antes desse tempo — eram tão desenvolvidos, em comparação com o resto das tribos primitivas e dos seres humanos tais como eram então, que, por causa da sua grande superioridade, não só em número mas em conhecimento, em desenvolvimento mental e espiritual, essas almas detinham grande poder dentro desse grupo. E entre os Milianos havia alguns que estavam descontentes, alguns ambiciosos, alguns que se voltaram para aquilo a que hoje chamarias magia negra. Ainda assim, mantinham grande ordem e grande poder.

Os Milianos, essa grande raça de pessoas, estavam séculos à frente do seu tempo, criando sabedoria em conhecimento e experiência, aprendendo a domesticar os animais, a utilizar forças da natureza que mesmo hoje a humanidade está apenas a começar a descobrir de novo. Passados séculos desde que Atlântida se afundou e se tornou mar, os antigos chineses redescobriram milhões de coisas que já tinham vindo como conhecimento para os Milianos.

Os Milianos eram um grupo de indivíduos que mergulharam nos arquivos do conhecimento e utilizaram-no para façanhas, e acabaram por assumir uma forma de poder que exerceram em conjunto com muitas outras tribos, reunindo-se com grande força e formando um centro de poder com uma estrutura real, com governantes e líderes, até que povos incontáveis foram mortos e os animais mais baixos ficaram sujeitos a esse grupo.

Eles mantiveram o seu domínio durante muitos anos — muitas gerações morreram — até que uma grande catástrofe se abateu sobre o mundo: na forma de um meteorito, ou algo vindo do espaço, algo dos céus, que brilhou, caiu, atingiu Atlântida, e fez com que ela se afundasse, se desintegrasse, transformando-se num vasto mar. Conto-te esta grande história numa parte muito reduzida, tentando, na medida do possível, revelá-la por etapas, para que possas ter ao menos uma imagem que te leve a pensar na realização de uma vida passada — de outros povos por instinto.

E em particular quero que, por assim dizer, vás preenchendo certos detalhes gradualmente, especialmente no que diz respeito a ti própria, à tua juventude, e a certas outras pessoas. Pois, como penso já te ter dito anteriormente, segundo o meu conhecimento, a tua primeira encarnação foi naquilo a que chamas Atlântida — tal como a minha última encarnação também o foi, e a encarnação de outros que nos são próximos.

Nós participámos naquela rebelião em que convencíamos os jovens, os povos do nosso tempo, da nossa época. Descobrimos muitas coisas que beneficiaram os povos do nosso tempo, como já te disse. Nós criámos, construímos em grande detalhe — tínhamos grandes arquitectos, grandes artistas, grandes indivíduos dotados, que reuniam todos os recursos dos seus dons e das artes para criar. E tínhamos erguido uma grande sociedade, um grande grupo de povos cujo conhecimento era partilhado.

Com o submergir dessa área, a Terra recuou milhares de anos em desenvolvimento. Mas havia essas fações — esses imensos grupos de pessoas que viviam na miséria, mais próximas dos animais. Muitas destas tribos viviam nos ermos, em cabanas, em cavernas, na sujidade. Estes eram os elementos que não tinham sido privilegiados — não tinham grande poder, grande

saber em nenhum grau — mas mesmo assim tinham talento, e esse talento foi um canal para se ligarem a alguns dos povos, e fizeram muito para manter viva, no mundo, a centelha da vida.

Os povos do nosso meio praticavam o bem, o poder do bem, a sabedoria, a realização que estes povos tinham do éter, da comunhão com espíritos de alto grau. Estes povos, na base de tudo, não tinham reis nem rainhas — todos eram iguais, pois já tínhamos avançado muito para além dessa ideia. Vivíamos num estado muito mais harmonioso de ser, onde o serviço era automático, porque a nossa natureza, porque o ar, porque o nosso desenvolvimento espiritual tornavam tudo automático — como quem diz — nos estados, nos lugares, nos lares que mantínhamos, ou nos grupos que providenciávamos para o povo, que num passado longínquo tinha sido levado por… e eles mantinham-se, tal como as estátuas de provas vivas, desenvolveram-se e tornaram-se povos sábios e maravilhosos — e as linhagens, que eram livros vivos e médiuns. E então tínhamos aquilo a que hoje chamarias de governo: um para cada grupo, escolhido por causa das suas qualidades, de forma que não havia conflitos entre nós.

Uma dessas tribos, ou um desses grupos, é o grupo ao qual tu, eu e Simeonis pertencíamos. Falo disto porque quero — se o puder fazer — desenvolver a nossa história, desenvolver as nossas linhas, os seus feitos, através destes estágios do tempo. Naturalmente, quando olhamos para trás, para os Milianos, estamos a falar de, possivelmente, trinta mil anos, minha menina. Em certas partes do vosso mundo, ainda hoje, de vez em quando, encontram-se edifícios fossilizados que foram erguidos, animais avançados desenhados em pedra, em cavernas, e por isso, claro, com grande perigo, especialmente para muitos povos — não tanto como perigo para os Milianos, mas para o cosmos, para os próprios civilizados, para as gerações futuras reconstruírem as vastas cidades que existiram, e por grandes forças, que foram capazes, no princípio da queda, de abrigar os muitos estudiosos que eram, em si mesmos, guardiões da chama, como a interpretavam para as tribos.

Eram, como diríeis hoje, os iniciados — vindos das famílias mais antigas. Eram indivíduos que não tinham ainda desenvolvido um grau muito elevado, mas que seguiam na esteira daqueles mais sábios, absorvendo talvez fragmentos de sabedoria — porque, no íntimo, não podiam ainda assimilar tudo de imediato. Esses próprios zeladores da chama estavam na fronteira mais estreita, e uniram-se, e eventualmente, com essa união astuta, criaram milhões de cidades.

Havia muitas almas, nesse tempo de que falo, que vos são conhecidas — nomes bem conhecidos, até hoje. Uma filha, um pai poderoso, de grande benevolência, de grande sabedoria e conhecimento, que liderava e orientava o povo — tu eras filha dele, e eu era filho — o que nos torna, por esse vínculo, irmãos nessa grande linhagem do tempo. Nós nascemos num alto santuário, onde tudo o que desejávamos era possível. Fomos ensinados na sabedoria antiga, nas artes — e nesse tempo de que falo, a música tinha um papel fundamental na nossa vida.

A música era uma forma de criação viva, mesmo naquela época, de tal forma civilizada que, desde então, nunca mais foi assim. Isto poderá parecer um ciclo do passado, porque vais perceber que algumas coisas que te direi serão difíceis de entender, mas eu sei do teu interesse pela música, e é importante por isso falar-te dela. Porque, nesse dia e idade, a música desempenhava um papel importantíssimo na vida dos Milianos — nos lares, nos grupos, entre indivíduos de grandes talentos: uns compunham, outros tocavam instrumentos — instrumentos agora esquecidos, mas cujo alcance tonal era muito superior a qualquer coisa dos vossos dias. O mais próximo que tendes hoje, em relação à música, é o que chamais "a música das esferas".

Tínhamos, e temos ainda, grandes orquestras, grandes músicos, muitos instrumentos — não instrumentos como talvez suponhas, apenas simples instrumentos, mas instrumentos de uma

natureza que é difícil sequer descrever, porque não há uma forma de a traduzir. Mas tu e eu fomos introduzidos nas artes desde a infância: tu, na música; eu, mais no que chamarias pintura — a arte da decoração. E o instrumento através do qual falo contigo agora também esteve ligado a nós, nessa época.

E nós cultuávamos o único Deus — a única força, a única vida, o criador e doador da vida. E nos nossos templos, usávamos a música e a cor de uma forma que nunca mais foi usada desde então — nem antes nem depois. Os Milianos eram um povo que adorava o altar da beleza: viam beleza em todas as coisas, mesmo nos mais humildes, e faziam disso o seu firme destino — ajudar os povos menos afortunados a evoluir. Era difícil — pois aqueles outros, selvagens, de mente pequena, eram como animais selvagens — era difícil penetrar-lhes a mente, era difícil criar-lhes o desejo de progresso. Mas, porque se assemelhavam exteriormente a seres humanos, nós reconhecíamos neles irmãos e irmãs, e tentávamos ajudá-los, apoiá-los — e muitos milhares dos Milianos, em consequência, devem ter morrido nessas expedições, nessas tentativas de ajudar esses "eus menores".

Tudo isto tento contar-te, tento resumir — pois há tanto que gostaria de dizer, mas não encontro forma de o descrever ou representar para ti. O que tento transmitir-te é que, quando finalmente vencemos o bem — quando os Milianos triunfaram — ainda assim houve crimes, houve traição, e um pouco do selvagem, do quase animal, permaneceu. E foi então um acto do divino — não preparado, e não posso dizer o porquê, apenas sei que assim foi — que houve um grande estrondo nos céus, um clarão de relâmpagos, um grande estrondo vindo dos céus, e surgiu aquilo que parecia uma estrela cadente que, ao aproximar-se da Terra, se tornou num imenso... numa gigantesca bola de fogo... e apareceu na cidade de Atlântida, criando algo semelhante a uma erupção vulcânica, e, em consequência, a terra tornou-se numa noite em ebulição — uma noite fervilhante — e, depois de muitos anos, deixou de existir, afundou-se gradualmente e foi engolida pelas águas que hoje chamais o Oceano Atlântico.

Algum dia, é possível — e algumas coisas perigosas podem ser ditas sobre o mar Atlântico — que alguns dos tesouros desses ambientes, do que outrora foi uma grande raça de pessoas, possam vir à tona. Porque, pelas forças humanas, eles foram feitos — e a vingança veio porque mataram não só os Milianos, mas todo um povo de sabedoria e bondade, que eventualmente se tornou sábio e diverso — mas é tantas vezes assim: seja uma vingança antiga ou dos tempos modernos, não deveria ser credível, pois muitas vezes o mal prevalece durante um tempo, mas, com o tempo, o bem ressuscita. Porque o bem não é de carne e osso, o bem não são coisas da Terra só por serem da Terra — o bem não retalia, o bem não destrói. E todos os grandes ensinamentos e grandes mestres, todos os grandes filósofos ensinaram estas verdades — e todo o sofrimento que advém disso. Mas o bem, mesmo quando parece diminuir, ergue-se sempre — porque o bem é espiritual, e as coisas do espírito pertencem a Deus.

O mal da Terra, o mal da mente humana — essas coisas, por um tempo, mantêm o seu domínio, mas chega o tempo em que o bem desperta, porque o bem, por si mesmo, há-de encontrar a sua recompensa — e essa recompensa é sempre de natureza espiritual, não material. A fantasia de há tanto tempo ainda se mantém viva na memória, da nossa parte, deste lado. No entanto, as tribos de que falo — das quais fazemos parte — e uma tribo em particular — atravessaram as mãos do tempo e muitas experiências em conjunto, e trouxeram vidas e, em consequência, muito conhecimento entre irmãos. Esta geração, na qual sabemos que existis, e sabemos que existis, e todo o subtil espiritualismo, cada um de vós é trazido para o vosso plano.

Vós estais abertos para Deus, e através do meu entendimento, veremos em vós essa sabedoria — e vós encontrareis aquilo de que nós próprios fomos formados, e não haverá erro. Este é um

tempo de grande recompensa para vós — não deveis falhar a vós mesmos — não deveis falhar. Tende fé na realização de que a vossa vida foi uma vida de serviço — não talvez como alguns a usariam em palavras, mas tereis sido serviço, sendo sozinhos na paixão e sozinhos de uma forma em que a vossa própria vida, como disse, não deveria ser um conforto só para a vossa própria sociedade. Digo que, desde as vossas crianças até ao regresso à vida, deveis cumprir, em alguma medida, um plano que foi concebido, na visão, na equivalência e na compreensão — na equivalência.

Portanto, não estais a terminar aquilo que começámos na Terra — não falo, nem posso explicar-vos exatamente como isto foi feito, pois não é para vós, nem para mim, a imagem completa. Mas há ainda um fio — o fio de um coração — que há tanto tempo começámos, e que continua a trabalhar como uma chama divina, pelos diferentes e pelos mais pequenos. Estamos a iniciar, estamos a estimular, até mesmo os tolos, para abrir as suas mentes — e vós estais a desempenhar a parte que vos permite não só libertar o vosso espírito, mas também muitas outras civilizações, para dar vida e cumprir o nosso plano.

Quando sentirdes que a vossa parte é pequena, que quereis descansar por um momento — não faz mal. Não haverá consequências, não haverá consequências más — porque, onde a esperança é escrita, poderá existir uma semente, poderá ser plantada uma nova árvore, poderá enfrentar a guerra e dar inspiração aos homens para buscarem, procurarem e encontrarem — para que, por si próprios, se tornem portadores de bondade e verdade — e, em consequência, erguem o homem para aquela luz que vistes e pela qual haveis de buscar — tal como usais a semente, para quando crescer, não haver mistérios para resolver ou contar, sem que certas coisas vos sejam ensinadas.

Mas todos os povos, juntos — alguns do vosso lado, alguns deste — somos todos um só povo, um só grupo, que começou há muitos, muitos, muitos séculos, nos antigos cientistas, para tentar um, para tentar uma humanidade criança — e eu, e outros servidores, continuamos o nosso trabalho para trazer sabedoria, para trazer verdade na escuridão do vosso mundo.

Pois o vosso mundo mudou, sim — mas não apenas ao longo dos séculos. Não importa quantas mudanças vieram, os corações, as mentes das pessoas e a fé são muito os mesmos. Há aqueles que habitam na escuridão, que não veem luz — há aqueles que recebem a luz e aspiram, em constância, a dá-la — mas estamos todos a trabalhar juntos, a cooperar. E o mundo está a começar — começámos uma obra de amor, que gradualmente agora está a passar por grandes mudanças, dissipando a escuridão profunda — e vereis, nos próximos meses, como vos prometo, mudanças — mudanças surpreendentes, e no que diz respeito, portanto, à redenção do psiquismo, isso vos trará tais verdades extraordinárias — mas, mais importante, provas, revelações do Espírito — que trarão felicidade, para que tenhais a satisfação de saber que, quando chegar o vosso tempo de deixar o corpo, partireis com a plena consciência de que cumpristes, de que a vossa obra foi realizada, e que o mundo do Espírito continua — e o mundo verá que os laços que nos unem são tão fortes, tão firmes, que ninguém poderia descrevê-los, pois estivemos ligados assim, através de muitos, muitos, muitos espíritos.

Fomos muito uns para os outros, de tantas formas diferentes, e somos parte de uma grande pintura, da qual somos apenas pequenas porções do todo — um quadro que ajudámos a criar, desde o início, desde a primeira noite, em que surgiu a capacidade de buscar, de lutar, de nos colocarmos à prova. Tanto há ainda nesse quadro a ser criado — esta grande imagem, aqui e agora, depende das mãos daqueles que a concretizam, mesmo quando estão na escuridão, sem saber, como muitos ainda estão.

Mas mesmo aqueles que se levantam e que têm muito da mensagem, talvez terminem de forma diferente — e mostrar-lhes-emos, no momento certo, aquilo que encontrámos. A luz querida brilhará gloriosa, e nós realizaremos — pela força, pela sabedoria — aquilo que criámos será belo, para ser contemplado.

Tu, minha criança, nos anos mais avançados desta vida terrena, foste agraciada com uma oportunidade — na medida em que tens, porque te sentas, porque podes julgar sem uma mão a guiar, e tornas isso possível. Estás a cumprir a tarefa que te foi destinada, e terás a alegria de ver uma parte dessa tarefa concluída, pelo menos em parte, antes de te reunires a nós. E, deste lado, virás a regozijar-te com aquilo que foi alcançado, e serás grata por todas as encarnações e experiências que tiveste — e pela sabedoria que delas retiraste.

E, quando estiveres aqui, com certas almas em particular que tanto significaram para ti, através dos tempos passados, nas antigas e refinadas casas espirituais, sentirás essa paz no teu coração. Estas coisas de que te falo são realidade. Há aqueles, no teu mundo, que não suportam esta verdade — há aqueles que não desejam saber, nem compreender — há aqueles que estão presos pelas correntes dentro de si mesmos, porque vivem para elas. Mas haveremos de libertar alguns — e espero que alguns mudem — que abram os olhos, pelo menos em parte, para a verdade — e terão então a mesma satisfação daqueles que virão depois.

E haverá outros que tomarão o nosso lugar, e farão o nosso trabalho — e trabalharemos com eles, e através deles, nos anos que estão por vir. Pois a nossa tarefa é guiar, é trazer paz, é trazer conhecimento, é trazer verdade — para que a humanidade encontre o caminho — para revelar felicidade e luz. E que grande coisa é fazer isto — imitar Deus. Estas coisas serão o impacto dos teus dias.

Restam-te ainda alguns anos, poucos anos que te restam — serão anos de grande alegria para ti, e de grande sabedoria. Nós te sustentaremos de todas as formas possíveis — não só nas coisas da mente e do Espírito, mas também te sustentaremos num sentido material, no que toca ao teu corpo físico, para que continue a suportar o esforço e a tensão que lhe são queridos — para que possas ter a alegria da plenitude, ainda na carne.

Todas estas coisas que te prometo — e tudo aquilo que prometi — há-de cumprir-se. Em paciência e sem dúvida, trabalharemos juntos — e juntos abriremos o caminho da iluminação, da verdade — e entraremos no campo da felicidade, para criar esse caminho — para te mostrar o caminho, o caminho do Espírito e da luz.

Voltaremos a ti, minha criança, quando te sentares da próxima vez, seja quando for que escolheres, quando o momento surgir — ninguém sabe o dia certo, mas eu virei. Que assim seja, que assim seja para ti. Assim será. Assim será.

Disseste: "Trabalharemos juntos". Ver-nos-emos novamente em breve. Estamos convosco.

Lucillus 13-2
Continuação dos sons gravados a 8 de Setembro, relativos a Pompeia, comunicadora Lucia's Lucillas.
Perto da porta, onde iam ser guardados estes factos, eu sei, amor, estou a dizer-te, de certas coisas que se passaram, nas quais trabalhei mesmo não estando presente.
Certas pessoas, aqui, que se lembram desses últimos momentos comigo, deram-me certas informações, sabendo do meu interesse nesta verdade e do desejo de a divulgar, e no esforço de vos dar, sob algum aspeto da ciência, certas provas pessoais de evidência, que podem ser verificadas para que, por nenhuma razão, sejam deturpadas as coisas que damos.

Claro que o portumarina, pois não se manteve quando se aproximaram das muralhas da cidade.
O portumarina estava repleto, repleto de muitas pessoas a lutar por sobrevivência, e, claro, o descalabro da erupção vulcânica foi tal que mesmo aqueles que procuraram refúgio na água, muitos que estavam a ser levados em barcos e navios, acabaram atingidos.
Muitos foram mortos, mesmo a grande distância, por rochas incandescentes e brasas ardentes.
Não se consegue imaginar esta catástrofe.
Ainda é difícil de descrever a escuridão que desceu e os campos sufocantes.
Muitos morreram sufocados pelos gases, na esperança de que um penhasco os não alcançasse.
E, claro, muitos foram atingidos por pedras e rochas que caíam, assim como por edifícios que desabavam, os topos, os telhados e outros andares que colapsaram.
Houve muitas pessoas que conseguiram escapar, claro, que procuraram refúgio, que aderiram à fuga nos primeiros estágios da erupção.
Depois o porto colapsou, porque perceberam, talvez mais lúcidos que outros, a intensidade da catástrofe que estava sobre eles.
Tentaram refugiar-se em caves e prisões subterrâneas.
E, claro, nunca conseguiram sair, quando foram enterrados nas celas, junto com muitos, muitos fragmentos de vinho, muitos, muitos tesouros preciosos que não eram de uso diário e eram guardados nas partes subterrâneas, que imagino que já tenham sido descobertos entretanto.
E, claro, havia muitas, muitas caixas grandes de restos e materiais, que suponho que tenham desaparecido com o tempo ou quando o ar finalmente lhes tocou.
O escuro ter-se-ia dissipado.
O jovem, talvez, era aquele mais lúcido, que não escondia o grito do clã que eu próprio soltei.
O jovem aqui era o que parecia ter esta maravilhosa capacidade de pressentir e sentir as coisas, de as guardar.
Não sei se, na altura, ele pressentia a possibilidade de algum desastre na cidade.
Possivelmente havia muitos que não tinham esse receio por causa de Vénus, viagens e um terramoto que tinha sacudido a cidade em tempos passados.
Mas ele sempre dizia que haveria, e fazia questão de mostrar que haveria uma grande catástrofe.
E ele amava a sua casa e tinha muito desejo de permanecer.
Muitas vezes discutiu a possibilidade de se mudarem.
Mas, claro, o seu jardim era uma verdadeira paixão.
Estavam muito presos aos seus negócios e pelos votos e estatutos.
Seria difícil não ficar até ao fim.
Houve uma ocasião que me lembro bem, quando estávamos todos juntos lá, quando houve ruídos estrondosos e tremores, e as colmeias estremeceram.
E lembro-me então, com todos os nossos pensamentos voltados para o passado comum, de outras vezes em que isto tinha acontecido.
Muitos edifícios e, em consequência, tinham sido destruídos.
E muitas vezes se dizia que a cidade acabaria por desaparecer sob o peso do vulcão.
Costumávamos discutir estas coisas nos banhos.
E eles próprios, como disse, eram pessoas de grande visão.
Eram de grande integridade, mas eram filhos do seu tempo.
Dentro dos seus interesses religiosos, com o seu entusiasmo espiritual, eram ainda assim muito marcados pelo seu tempo e época.
Eram queridos, muitas vezes com os olhos dos amigos.
E algumas pessoas caminhavam pelas ruas a fazer profecias.
O papel do povo que andava pelas ruas a anunciar sinais tornou-se algo que ninguém levava a sério.
E mesmo o mais jovem talvez não levasse essas coisas tão a sério.
Sentia quase que deviam partir, mas não sentiam essa diferença, e nunca teve consequências.
A maior parte da sua fortuna perdeu-se.

Na verdade ficou para ti e para o teu irmão e outros amigos.
Teriam tido grande dificuldade em viver de qualquer maneira, porque tudo se perdeu.
As únicas coisas que restaram foram algumas terras e propriedades, a alguns quilómetros de Pompeia, que escaparam à destruição.
Mas mesmo assim a terra em si não era propriamente terra valiosa.
O pouco que produzia rendia muito pouco, porque havia poucos a quem se pudesse vender os produtos.
Eles próprios estavam como estavam, e as nossas verdadeiras aldeias eram lugares pequenos, enquanto a grande cidade caíra na catástrofe.
Por isso havia pouca oportunidade de comércio, de troca e de venda naquela região.
Muito se perdeu também nesse sentido.
Mas tu e o teu irmão foram os mais amáveis, os mais prestáveis, sempre a ajudar e a apoiar, tal como eu, e também outros, com o maior respeito, porque eram muito estimados.
De facto eram considerados muito importantes na comunidade.
E embora tivessem os seus títulos, eram pessoas de grande educação, grande saber.
Em Pompeia tinham sido educados desde crianças para saber ler e escrever, não apenas numa língua mas em várias.
Tinham bons professores e estudiosos.
E tínhamos uma grande riqueza em línguas e filosofia.
Também apreciavam muito as artes e eram realmente muito dotados.
Os gémeos, de quem falo, um, o mais jovem, era alguém que realmente lutava muito pela vida.
Os gémeos e ele próprio eram assim.
A sua luta pela vida era intensa.
E ainda assim a curiosidade que tinha para saber mais sobre o que está para além da vida parecia equilibrar a sua natureza e carácter.
Era muito atento à sua aparência, ao tom da sua pele.
Era muito interessante.
E de facto muito produtivo era o seu trabalho.
Era mais calmo, diria até de mente mais séria, no sentido de que era mais inclinado a isolar-se do convívio.
Interessava-se muito pelos assuntos da época.
Convidávamos muitas vezes oradores, poetas e até atores da época para a casa, onde faziam recitais e onde também havia música.
Tocava um instrumento que, suponho, é o mais próximo que posso descrever, uma espécie de lira.
Gostava muito do púrpura, tal como ambos, que lembro, e da prata.
Eram cores que gostavam de usar, especialmente o mais jovem.
Apreciava a riqueza de um tecido de púrpura, muito difícil de conseguir em desenho.
Eles próprios tinham muito a ver com o design.
O mais novo ajudou na construção da casa.
De facto aconselharam o teu irmão no jardim, uma casa que também já visitei, especialmente para teu benefício.
Essa casa não está tão bem conservada.
Era mais pequena.
Em muitos aspetos era pequena.
A casa era um grande quadro artístico, mais do meu gosto.
Ainda assim tinha muito nela.
Era difícil de resistir, pois era uma estranha mistura de influências e a crocância do espaço, e também, até certo ponto, o interesse e o ideal para o teu irmão, que duvidava do caminho, enquanto o espaço está tão longe do centro, mas havia esta mistura que era interessante, algumas partes sendo rápidas, a origem outras sendo bem planeadas.
Há muitos, muitos momentos, não pequenos, enquanto o piso superior existe.

Há várias divisões escuras, algumas pequenas, mas outras maiores, e o piso superior é mais amplo.
Há muitas escadas, que não precisavam de estar em destaque na casa, e em qualquer uma das casas existiam escadas, claro, era necessário circular por elas para mudar de piso.
O motivo pelo qual as escadas em si não eram usadas para criar confusão era que uma escadaria bastava, muitas vezes, numa casa inteira, mesmo sendo grande.
Mas nesta casa em que o piso superior era só um andar, havia muitas escadas, havia uma escadaria vazia que era uma característica invulgar.
Depois havia ainda o facto de que, neste piso, havia uma certa planura, e estava construído de tal forma que, suponho, se poderia dizer que era quase um jardim feito no telhado.
E, por vezes, no verão, montava-se um toldo ou um resguardo para proteger do calor do sol.
E saindo do quarto, tu e outros recolhiam-se ali.
O mesmo acontecia na casa do teu pai, do outro lado da cidade, era um lugar bastante tranquilo.
E não se recebia tanto o bulício da cidade em si.
De vez em quando, claro, ouvia-se o som de cavalos, por vezes o tilintar de bambus, e às vezes, olhando para o céu dali, via-se ao longe ainda alguns sinais.
Às vezes, olhando ali pela chaleira, via-se ainda algo, mas uma das razões que devo mencionar é porque penso que os Pompeianos se deixaram adormecer através dos tempos, sem compreenderem o perigo iminente.
Falo do tempo em que, muitas vezes, uma grande nuvem de escuridão parecia pairar sobre as colinas, e dava às pessoas a impressão de uma nuvem negra, esperando que não fosse nada.
Mas tenho razões para acreditar que aquela escuridão, vista à distância por mim, repetidamente sobre as colinas, era em parte o fumo que saía da cratera, que muitos não percebiam.
De facto, não creio que na altura se compreendesse que o vulcão estava há muitos anos num estado de erupção, mas não tão aparente para causar pânico.
Era uma erupção contida, e aquela escuridão que se via muitas vezes a rodear as colinas como uma espécie de nuvem, era, penso eu, algum vapor a sair das câmaras internas do centro do vulcão.
E as pessoas começaram a ignorar isso, pensando que nunca poderia trazer perigo real à vida.
Em Pompeia, via-se à distância aquilo como uma nuvem negra suspensa, mas não se temia.
Durante anos antes da erupção, aquilo esteve assim, uma substância, uma condição que se via do teu campo.
Se não vos tivesse contado, seria interessante.
Bem, os bairros naquela época, de que falo, conforme me lembro, não tinham nomes.
Eram designados pelos donos.
Por exemplo, uma casa sem comité seria conhecida como a casa da tecedeira, ou a casa de uma senhora, ou algo semelhante.
Claro que havia outros bairros que eram designados pelas mercadorias que lá se vendiam.
Eram chamados pelo tipo de produtos que se podiam comprar ali.
Ou sim, por uma pessoa que era conhecida num certo ofício.
Mas as casas da nobreza, como diriam, das pessoas de posição, não recebiam nomes como se dá hoje.
Seriam conhecidas como a casa da senhora tal, a senhora Bete, ou a senhora assim-assim, ou a casa do irmão tal.
E se houvesse várias pessoas com o mesmo nome, então seria chamada a casa de tal pessoa na aldeia, ou na rua daquela rua.
Não me lembro de nenhuma casa ter recebido um nome como hoje se faz.
Pareceria, naquela época, estranho dar um nome a uma casa.
Isto era mais costume em tendas, como a tenda do vice, ou a tenda do general, ou outra autoridade, que reunia todas as casas dessas pessoas sob um nome.
E isso era o nome de uma família.

Sim, também é um pensamento interessante.
É um nome de família, talvez.
Acredito que o médium que aqui está, nos dias que vêm, poderá realmente trazer de volta para ti certos factos.
No século XIX, podes vir a compreender melhor o coro, encontrarás isto, sobretudo no meio daquilo que foi a guerra, espécie de ódios.
E também outras coisas que fui capaz de mencionar, penso que é possível que vários factos possam ser esclarecidos hoje.
Claro que há tanto que gostaria de te contar, que espero contar-te.
Não posso, de forma alguma, parar.
Sei que procuras não apenas sentir a verdade, mas interessas-te pela verdade porque não é apenas para ti, mas para o benefício de outros que possam vir a interessar-se por aquilo que tentamos fazer.
E é por causa desta dimensão, que é comum, tal como é real.
Claro que haverá outros que perderam os meios, o que chamam de comentários, mas diremos que tudo isto é menos interessante, e a designação passará em certos pontos.
Bem, assim tem de ser, porque falo contigo como união de hoje e não de há séculos atrás.
Mas então venho, penso eu, e danço com os meus pensamentos até ti, da forma que possas entender.
E se dançasse com os meus pensamentos no meu tempo e época, não significaria nada para ti.
E mesmo os estudiosos de hoje, que possam ter algum conhecimento desta língua antiga, não conseguiriam perceber claramente o que digo dos séculos.
Portanto, a minha recordação é toda feita de imagens.
Alguns fragmentos transformo em palavras.
Posso dar-te alguma ideia daquilo que sinto que sei, e tentar transmitir-te de todas as formas possíveis, isso é, por palavras.
E como devo, então, transmitir palavras numa língua que entendas, e de tal forma que possas verificar, é importante que recebas estas coisas nesta ideia de hoje e na língua que entendas.
Mas agora há ainda algo que tenho para te dar, que devo dar-te não só na forma de linguagem moderna, mas também coisas que te acontecerão.
E virão de uma forma que, para ti, poderá ser difícil seguir no momento, mas virão pessoas que compreenderão.
E então dirão: isto é verdade, porque isto é algo que uma pessoa simples poderia ter visto.
Assim faço o meu trabalho, de forma espiritual, para trazer revelação e verdade, para tornar claro que somos todos um só Espírito.
E que o tempo, em si, não é nada.
Os nossos corpos são os nossos vasos, através dos quais vibramos no Espírito, durante o tempo em que os usamos.
Ontem, hoje, amanhã e depois de amanhã — não há princípio para o curso da vida em geral.
Flui, flui, flui, transporta a vida, anima os teus corpos, mas não são eles que és tu, nem sou eu.
Eles são como urnas, que guardam alguma quietude por um tempo.
Verás, criança, verás.
Voltarei a trazer isto para ti, de novo, e imediatamente dançarei, e o nosso sangue elevar-se-á, e as provas serão dadas com a maior força.
Uma maior compreensão virá para isto, ou para este caminho, criança minha.
Paz, meu amor, tu também, para o meu lado.
Mas devo ser madura.
E fui também um prato de boas coisas de grande revelação para ti.
Verás com os olhos do Espírito.
E ouvirás com os ouvidos do Espírito.
E farás com que os sonhos desta terra venham ao teu nome.
E sairão do teu nome.

E sentirás o cheiro de todos eles.
Muito, muito.
Ver-te-ei quando voltarmos, sem ter de vir até à tua vida.
E quanto a mim, ele dir-te-á onde colocar a tua vida em ti, quem mais está sobre ti?
Não mintas, mente, meu amor.

Lucillus 12

Esta gravação foi feita nos dias 7 e 7 de Setembro de 1960, por isso havia um riacho ali.
Eu estava muito... desculpa, mas nas últimas férias não foi possível sair para te ouvir.
Não, pensei que não conseguirias, porque esta noite desejo este bom dia, cujo nome era Desiara.
Esta noite desejo este bom dia, cujo nome era Desiara, Desiara.
Ela era alguém que era uma criada principal na casa das vítimas.
Era uma criada principal e dizia-me para dormir na casa das vítimas.
Sim, ela era muito dedicada à família, mais do que a ti.
No entanto, estavam bem e ela própria enfrentou a grande catástrofe na cidade.
Ela não teve oportunidade de se agarrar a um bastão, mesmo que isso fosse possível.
Duvido que se tivesse agarrado a um bastão.
A não ser, claro, que pudesse ter levado consigo e ter alguma parte da riqueza dos irmãos, que naquela altura estavam longe, em Roma, e consequentemente não sofreram morte física por causa da erupção.
Mas esta Desiara e outros, que estavam decididos a ficar, foram corajosos.
Quer existam ou não indícios dela comparados com este tempo, quer existam ou não sinais de qualquer forma ou maneira da sua presença lá, tanto tempo depois, duvido hoje que exista algo que ligue a sua memória, já que era alguém devota, mas não há dúvida de que não existe qualquer indicação do seu nome ou da sua vida.
Assim, ela deu o seu testemunho a Cristo, porém, nos séculos, desde os enterramentos e fundações, ela manteve esta ligação entre o médium e as pessoas, num efeito de detalhe coincidente.
Acho que não há grupo envolvido em tantas encarnações e violência dual, mas muito próximo no auge, porque como disse antes, não eram apenas violentos, mas também, parece, muito do seu nascimento circulava pelo lugar onde o nosso poder devia servir.
Tu conheces bem Desiara e a intuição feminina, viste isto muito claramente, sem a devoção que fluía dela, era quase nada em particular.
Em consequência, embora tenhas dito na tua entrada, percebes que tens parte do futuro de tal devoção, vinda de alguém de origens tão humildes e que, pela posição que ocupava, havia muito pouco, pouco, pouco, durante todo o tempo, ficando sempre o mesmo.
Mas tens grande compaixão, tens grande compreensão do que ela tinha de enfrentar.
E numa ocasião, quando surgiu a oportunidade, levaste-a ao teu quarto e falaste com ela sobre vários assuntos, abordaste o tema de forma muito delicada, e assim foste, em consequência, muito capaz de a ajudar a lidar com isso, porque ela própria, ao perceber a tua simpatia e interesse, revelou os seus sentimentos.
E foste muito bondoso para com ela, e de facto ela tinha grande consideração e respeito por ti.
Porque sabia, pela sua intuição, especialmente em relação ao teu irmão, naquela altura em que não tinhas forma de demonstrar isso a mais ninguém, nem sequer de assumires para ti ou para outros.
Claro, estamos a falar de tempos em que o amor, ou antes, um aspeto do amor, era dado e recebido de forma diferente.

Tu próprio eras, apesar de tudo, alguém que se mantinha fiel, e mostraste o teu carácter, pois a tua devoção ao teu pai parecia tão forte, que fizeste tudo, naquele tempo, por eles, mantendo contacto com muitos jovens, uma grande atração que visitava não só a tua casa, a mais alta no mundo dos negócios, mas também eras muito bem recebida.
E o mais violento, que era quase velho demais, e de facto te perseguia, se é que se pode usar a expressão de ser perseguida, era constante ali, a procurar a tua atenção, sempre ali, a tentar aproximar-se mais de ti.
E tinha, de facto, grande fé em ti, no momento em que te encontravas.
Enquanto os próprios irmãos e irmãs não eram homens, eram um casal estranho, pois eram tão parecidos em muitas coisas.
Eram terrivelmente diferentes de ti quanto à forma de viver a vida longa.
Enquanto um era realmente muito mais ligado às mulheres, quando tinha o seu lado masculino, pelo menos não casou.
O outro casou, por sua própria conta, e nesta casa, aconteceram algumas coisas curiosas.
Porque o jovem de quem se fala era muito estimado pelos jovens, e em consequência ele próprio tinha como sustento, pelo menos foi surpreendido que este jovem se preocupasse tanto contigo.
Ele estava ali ao lado, em circunstâncias que se desenvolveram, pois na casa das senhoras havia grande visão espiritual, grande interesse em todos os assuntos do dia.
Era uma casa de grande paz, com amor e afecto, porque todos na casa dependiam desse equilíbrio.
E havia esta coisa curiosa, estranha, que naquele tempo de que falo não estava ali, mas de repente, a diversão, ao mesmo tempo tão preocupante, tu, estás segura, já cresceste, és capaz de te defender sozinha, mas não estás em dúvida.
Como disse antes, tu própria estavas demasiado madura para mim, já adulta, mas apesar de tudo isso, das materialidades da carne, da visão e do frio, eras muito dedicada, feliz, um grupo.
E o dia, semelhante ao de que falo, ela nasceu, jovem em anos e com sabedoria, era muito difícil de compreender, alguém muito importante, naquele tempo de que falo, numa posição assim não se dava uma tarefa particular e não se confiava nada a ninguém.
Particularmente quando havia uma casa de consenso, mesmo assim ela era muito respeitada, sem se intrometer na estrutura.
E de facto mostrou, na educação, quando este relato dela teve de enfrentar o medo, medo na sua cama, o seu amor pela ficção, a sua devoção.
Tu sabes, e agora o homem que era ele próprio um homem livre, um homem livre, que, bem, quatro coisas e E o melhor presente, e eu posso ver, para citar agora, mas ele era o homem que geria os negócios, e cuja tarefa era manter os registos e tomar conta dos colégios, quando os proprietários estavam ausentes.
Diziam que eram os próprios colégios deles, fora da cidade e as terras, e era sua tarefa recolher tributos e pesagens e manter os registos.
Ele estava lá, e tinha alguma sabedoria, e era um homem com alguma educação, mas não era um vulgar homem do povo, era um grego.
E devo mencionar que existem muitos registos, de todas as páginas separadas, e as próprias páginas, o nome deste homem poderia possivelmente ter aparecido em alguns registos, e mesmo agora, talvez ainda esteja na própria casa, tais registos que possam ter existido, ou tábuas, que, obviamente, ele teria guardado no arquivo.
Seria sua tarefa mantê-los e verificar tudo.
Portanto, seria perfeitamente possível que alguma memória dele tenha permanecido, de alguma forma ou maneira, numa forma física de registo.

Há homens cujo casamento é inevitável, onde a ligação de género é inevitável.
E este é o seu lugar.
Mais do que sempre como pai e filha, e quem está numa posição para manter tudo limpo e modesto, que era um grande devoto da Ásia e que era um jovem mestre respeitado.
De facto, quando penso de novo, ao tentar focar a minha família neste tempo passado, e nesta nação, percebo cada vez mais quão extraordinário se pensa que esta era particular, neste tempo particular de Pompeia, em Stabiae e noutros lugares que tu virás a conhecer, que os outros védicos, e agora como um ponto central que ligava o país, certamente muito no que toca ao lado espiritual.
Mas havia, claro, o lado material, que se transforma em Cristo, e é por isso que o menciono, porque nas formas como iremos encontrar Marcos, de quem falei como o pai espiritual, o seu gene era tão puro, e penso que não era demasiado jovem, era muito dedicado às coisas do espírito.
Ele era sempre inspirado para o mais alto dos seres espirituais, e estava de facto muito preocupado em ajudar nos aspetos materiais do povo védico.
Até certo ponto, isso não o tornava arrogante, mas ao mesmo tempo ele criticava frontalmente aquilo que considerava ser uma forma de pensar demasiado rígida, embora apreciasse e reconhecesse o lado espiritual dessa natureza.
Penso na forma como tratavam as pessoas mais humildes.
Ele estava muito preocupado com isso, porque sentia que não tinham compreendido completamente a vida, apesar dessa filosofia espiritual.
E em Cristo, sentia que eles eram mais inclinados a andar em mundos separados, sem estarem em pé de igualdade, e que às vezes eram usados em certas doenças, e o pai, embora não percebesse, era visto com amor.
Era um homem de mente muito elevada, avançado para o seu tempo, de uma nobreza de espírito sincera, verdadeiramente feliz.
Mas, eventualmente, claro, ele tomou uma esposa, que tinha uma grande virtude, uma criatura de nascimento honrado, mas ele sentia-se mais interessado pela visão interior, e pelo museu superficial, percebeu que ela também era muito mundana, mas tu nunca te agradavas dela, embora não o mostrasses.
De facto, foste sempre o mais amável, o mais respeitador, o mais educado para com ela, nunca a fizeste sentir-se menor, mas percebeste que, se aquela mulher fazia o teu irmão feliz, então… então aceitaste sem protesto, quase como um atleta a erguer-se.
E dessa união nasceu este humano, o filho, e a filha que morreu jovem, mas desta união o filho, que… que agora… então…

Quanto ao que fizemos ou faremos com isto.
O mais velho, em primeiro lugar, parece estar envolvido, mas quero que chores, se puderes, para limpares os olhos do futuro, o melhor que possas.
Mas percebo que há muito que não posso contar-te com total precisão.
Menciono em particular a ligação com as mulheres, sobre a qual reflectimos hoje, este ano, porque o vínculo da sua possibilidade, nesta fase em particular, precisa, e estamos a contar que se faça, tem alguma oportunidade de trazer alguma clareza sobre este elo do passado, e também ligação com isto, sabes, se existir algum meio de documentos, de facto, que possam ter algumas referências ou algo que possas ter, que indique a verdade destes acontecimentos.
Sim, eu sei, é assim que sei algo.
Em qualquer fase.
Então, Jeremy, sabes, que tipo de força seria de outra forma?
Quero dizer, como poderia o povo…

No primeiro dia, e as coisas ainda não avançaram.
Eles têm isto, têm o nome, e pode haver alguns aqui, há provas, ou ainda existem inscrições em que as coisas estão gravadas.
Portanto, espero que isto dure e, de facto, posso dizer que se estiveres interessado.
Este ponto é, e mencionei estas coisas porque, no caso de ainda existirem indicações, isto poderia ser um sistema de verificação.
Se precisares de verificar, suponho que uma pessoa disse que faria tudo isso no rio, e que faria bem trazer de alguns compromissos passados, de alguns objectos para outros e tenta que seja verificado.
Claro, grande alegria e consequência, e eu gostaria de os manter nos céus, de poder dizer: bem, isto conseguimos provar, afinal, depois de todos estes séculos.
Sim, esperamos por meio de várias coisas.
Bem, espero que a criança que faz estas conversas através de nós seja capaz de reconectar e reconectar.
Há conversas e recordações e coisas não só do passado.
Algumas destas coisas podem estar aí, há certas coisas de idades mais recentes.
Devem ser verificadas e devemos ficar mais tranquilos e confirmar.
Sim.
Mas estou interessado em particular por causa da importância desta encarnação, e da importância desta encarnação do ponto de vista de se sentar na tua visão como um... nesta forma particular que apareceu, para que saibas mais sobre isso.
Então, deverias saber mais sobre isso.
Então, esta vida terrena em particular...
E eu compreendo o medo e a oportunidade, talvez, de fazer alguma verificação e trazer esperança, se puderes estar num grupo de autoconfirmação.
Eu sei que há outras coisas que tens em mente, como um espião, não posso prometer, claro, mas gostarias de mostrar que, se surgir a oportunidade de qualquer forma, de qualquer maneira possível e sustentável em que possamos manter uma prova adicional para todos, fá-lo-emos.
Tiraremos partido disto.
Não arriscaremos estar afastados do instrumento quando ele estiver em certos lugares no edifício — devemos estar lá, no edifício, quando ele visitar Pompeia.
Porque sinto que esse é o lugar mais provável onde possamos registar algo que seja tangível de tal forma que todos possam ver e comentar ou dizer.
Não prometo isso, mas digo que, se for uma ferramenta possível e se for uma ferramenta possível, então... sim, ele não percebe isto, o que é algo importante para qualquer pessoa, porque perceber demasiado do ritmo muitas vezes destrói a capacidade na parte da mente dentro das correntes.
E aí, ele não percebe demasiado da dor, e aí, ele não percebe, o que é uma ferramenta possível.
E aí...
É uma ferramenta possível. Então, numa batata... não é como era.
Se eras isto ou eras aquilo, nisso o que importa é o que foste capaz de fazer, ou o que foste capaz de alcançar, e o que foste capaz de servir nesse sentido.
E há esta coisa maravilhosa, maravilhosa, que é maravilhosa, altamente tecida, na qual todos vós sois tantas pessoas e, no fundo, o espírito é tão firme, e tu tens de ser o mesmo no centro do teu propósito.
E, como disse antes, estás ligeiramente enganado, podes não progredir bem de facto, mas isso não importa, num certo sentido, porque cada um está a contribuir para o outro.
E há um dos teus sentimentos para que assim seja.
E agora este é o espírito a lançar uma rede, para que assim seja.
Na verdade, temos de apanhar muitos dos coeficientes que estão na minha mente.
Haverá um momento em que apanharás ou haverá um momento em que ainda o terás.
Há uma certa infância e sabemos que não a iremos apanhar ou ajudar, de facto, gostaria de te

dizer isso a ti mesmo, porque estão tão, tão obviamente distantes, tanto quanto temos, e eles simplesmente não têm sequer uma pista.
Mas há outros que gostariam de estar ou de ser altamente tecidos, mas não os deixaremos ficar fora da rede.
Sê paciente e tenta ser bem-visto pelos teus pecados.
E eu levar-te-ia mais para junto daqueles de vós que são tão Natalinos.
E eu levar-te-ia àqueles de vós que são Natalinos.
E mais tarde falaremos contigo sobre como é.
E se estás ligado, não são tão Natalinos.
E mesmo assim, cada um é importante para o nosso grupo, e cada um desempenha algum papel no culto, fora do poder do espírito amoroso.
Sê paciente e não esperes demasiado já, mas o resto virá.
E fico bastante contente por poder dizer-te isto como te disse agora, mesmo oferecendo uma nova mensagem.
Sou informado do tempo em que o poder será reforçado pelo amor acrescentado, pelo apoio adicional de outros membros do nosso grupo.
E sem isso, que formamos quando o nosso grupo estiver reunido, quando o poder e as consequências se fortalecerem, então poderemos fazer muitas das coisas que temos de fazer.
Mas eu não sou como alguns dos nossos amigos deste lado, que estão incrivelmente ansiosos por fazer demasiado e depressa, e assim proteger o instrumento e certamente as consequências até ao fim, com as quais continuarei.
Continuarei a ser o mais paciente possível e o mais... bem, continuarei tanto quanto puder, quando tiver estas oportunidades, e muito, para construir com o resto dos peixes na rede, que devem estar juntos.
E alcançaremos o trabalho na extensão que mais desejo seguir.
Entretanto, olha uns para os outros também, no qual ainda lutarei, e voltarei de novo, assim como começo a ter o meu progresso de antes, o jovem... e... e... e... e... o meu... o seu... oi... por isso, por favor, para mim... por isso, por favor, para mim... por isso, por favor, para mim... por isso, por favor...

Lucillus 13-1

Gravado a 8 de Setembro de 1962, na 3.ª sessão So0.
Este é um bom encontro, vou elevar-te, meu filho.
Tu precisas disso, compreendes-nos?
Compreendemos.
Zayn, prometo, conto contigo.
E tu aí estás mais uma vez, para que venham até ti recordações passadas das nossas vidas em conjunto.
Nesta ocasião, concentrei particularmente os meus pensamentos na antiga Pompeia.
Desde a última vez que falei, regressei a Pompeia, e devo dizer a Zayn, essa visita, ver, em ruínas, aquilo que confiámos, ou semelhante à cidade, uma imagem.
Aqui estamos nós, com muitos dos meus amigos, outrora um estado, tantos olhares felizes nesta história.
E só de olhar, e de absorver, tantas coisas que poderiam ser tão reais, possivelmente porque o assim chamado poderia ser um modo de vida.
E essas memórias do tempo antigo vieram até ti, entrando mais uma vez nesse passado, e entrando, como fiz, nessa própria cidade, agora feita em ruínas, consigo, gradualmente, até certo ponto, ver novamente esse passado, belo, pois de facto, embora fosse, em muitos aspetos, em comparação com Roma, um lugar pequeno e sem importância, era, no entanto, uma cidade, uma grande visão, e é essa que está de novo nos meus pensamentos.
Através das suas ruas antigas, vou revivendo com a minha herança, desses rostos, enquanto

ainda aqui, e ainda ali, tornei-me capaz, por um breve momento, de lhe dar vida de novo.
Não pude deixar de sentir, apesar disto, a recordação do seu fim, profundamente alojada, para muitos, para tantos.
Foi uma emoção estranha, intensa, com a qual permaneci, mais uma vez, nessa arte, ainda lá, particularmente, e ainda lá, para mim, nos corações dos meus amigos e dos teus amigos.
Pude ver mais uma vez as suas muralhas, em todo o seu rosto, pele, beleza e cor, pela dor orgulhosa e o ganho, o valor dos seus habitantes, como te contei, tal como a outros, realmente eram muito dados aos negócios, porque a arte precisava de uma inclinação, e particularmente com o irmão mais novo, cujo amor pela beleza era tal, que trabalhava ele próprio como artista no seu trabalho, entregando-se de corpo e alma às ideias que queria concretizar.
E de facto, pouco tempo antes de ocorrer a tragédia, ele tinha dado instruções e decidido que devias ir terminar algo, que seria, muito especial, um espaço reservado para o nosso trabalho.
Para o nosso trabalho, no sentido de ser uma segunda sala, o Senhor disse, reservada, bem estruturada.
Usávamos uma pequena sala, no lado esquerdo da casa, tal como a viste, em direção ao jardim, que vejo que foi em parte destruída, enquanto do lado direito como que se manteve melhor preservada, e ficou muito mais como me lembro dela.
Mesmo as pinturas permaneceram, e as cores tão vivas como as lembro, mas há muito curso em Deus, a arte da história, dos Romanos, e lembro-me tão bem, de onde íamos, muitas vezes, mas fazíamos revisões, ao fim da tarde, e observávamos, desse terraço, as pessoas a passar, e eu dava-te isso, vida, e que mistura se juntava a nós, e como era agradável observar, com tantas pessoas, de tantos lugares, nas suas próprias roupas e depois uniformes, e como também era interessante poder ver, às vezes, as grandes posições do passado, por vezes de natureza religiosa.
E enquanto nos sentávamos, víamos muitos desses grupos, uma família, pessoas, a passar para os seus vários assentamentos religiosos, templos, um pouco por todo o lado, as pessoas passavam, algumas a serem levadas, outras encantadas, muitas faziam oferendas, e havia ruas imensas, e podes perceber, haveria muitas pessoas a passar, a mudar, e o que é isto, senão um país onde todas as gentes vinham e se preparavam, particularmente para a cidade, dedicada a tanta troca, mercadores que chegavam, abriam os seus tecidos, e logo se reuniam, corriam e agitavam as pessoas, encontravam os ricos para vender os produtos preciosos que traziam do Oriente, muitos dos quais, de facto, faziam contrapeso ou não, e, claro, era um tempo interessante, com mercadores, agora dos anos 50.000, voltando com maravilhosos tecidos, e cor, e chegavam até eles, e gastavam as suas fortunas, e muito penduravam, olhavam para o local, e o que faziam do valor, e os seus materiais, e sabiam do valor desde o início, diziam divertido, e conheciam a riqueza das vítimas, mas os jovens das vítimas, que tinham passado, os mais mortos do passado, muitas vezes eram eles, nas uniões dos artistas, e reuniam vários músicos, e sentávamo-nos nos jardins, e ele tinha vários jogos, muitas mesas, e havia ali uma grande mistura de nações, com forma, e cantavam, e dançavam, e iam lá para fora, recordo-me, e lembro-me de um orador, em particular, que veio de muito longe, atravessando os mares, que acabou por se tornar muito próximo, não sei se é esta pequena criatura, tinha cerca de noventa centímetros de altura, era claramente um rapaz, e era muito talentoso, e tornou-se um grande companheiro, e uma grande fonte, de facto, de notícias verdadeiras.
Mas a sua mente era refinada, e ele tornou-se muito ligado àquela casa, porque tinha o dom da visão para ver, e era capaz de nos dar manifestações do seu pai.
Ele veio de um país distante, muito distante, na verdade, passando por Roma e pela Itália.
E ele reflectia, agora, meu Deus, isto... duas vezes lembro-me bem, contámos ao Rocky, ele era de uma tribo que vinha do chamado Egipto.
Ele não era egípcio, não creio que algum de nós tenha realmente descoberto a sua verdadeira origem ou nacionalidade.
Tinha sido um andarilho que chorara, e de uma forma tão estranha se tornara a mascote do seu navio.

Embarcou com muitos marinheiros, muitos homens que iam para a batalha, e abriu o seu manto, assentou-se, não regressou mais.
Depois levaram-no para a praça do mercado, e era muito dado a uma beleza, e ainda assim, ao mesmo tempo, apesar de conseguir entreter e ganhar algumas moedas do 13.º, era um homem de grande disposição séria, como já disse.
Tinha sido muito testado, e tornou-se… estava lá, muito do lado elevado da rede, e o seu esqueleto, sem dúvida, ainda existe, porque também estava nas Ilhas Desiard, apanhado na erupção.
Se é possível que o esqueleto deste anão ainda possa ser visto e identificado, menciono isto especialmente, caso seja assim, porque não se poderia obviamente confundir o esqueleto de um homem como ele com o de uma criança, e isso pode ser importante.
E acredito que é possível que descubras algo, e será possível, possivelmente, que saibas o que isto vai significar.
Ele usava sempre uma coleira ao pescoço, e se o seu esqueleto fosse encontrado, a corrente ali morreria, não pensariam que morreu, e possivelmente encontrariam e dariam a esse lugar alguma distinção.
Pois era uma corrente ligada à função que exercia, cujo novo entrevistador era o Betty Roberts.
E nesta corrente, que é a nona corrente, no centro está uma máscara de Shema, que representa os seus talentos para um novo destino, ou ainda, desta corrente, surgem figuras, dúvidas e ditos, e formas, e outras figuras, representando seres mitológicos do submundo.
Também no alto, do lado do Betty, dessa ponte, com a maré, e cada vez, a cada minuto, ao entrares pela entrada principal, do lado da mão, no vestíbulo do grande átrio consensual, havia um grande cofre de cobre, que estava bem trancado e fechado.
E ali, durante muito tempo, não era assim tão difícil, ao meu lado, poderias consultar todos os registos da família, que foram rapidamente abandonados nas rampas da entrada.
Havia a figura de uma das grandes deusas, que acredito que uma das vítimas tinha mandado esculpir numa forma vagamente cerimonial.
É a figura de uma mulher, e acredito que é, mas não tenho a certeza, o nome da deusa.
E penso, penso que é a deusa do amor, entre tantas figuras do género, havia muitas, não muito conhecidas em Pompeia antiga.
Tapetes nunca foram, obviamente, descobertos, mas existiam tapetes, e não creio que hoje as pessoas percebam isto: era um grande dia, maravilhosamente digno.
Os tapetes não eram como hoje, eram pendurados no chão, eram pendurados na parede, dividindo e separando.
Uma das principais características da entrada e de grande significado era um mapa judeu, com muitos problemas, dos quais se tratava, certamente, no evento e à noite.
Tudo era brilhantemente iluminado.
Estava pendurado por uma corrente, e era aceso, e subia e ficava preso, e era — chamarei a isto o que suponho que se possa referir como velas, e ainda assim não eram velas propriamente ditas, eram grandes figuras de design estrutural em metal, antigas, ou um pouco, que caíam num tipo de brasão, que era distante, ou a ilha era distante até à noite.
Era simplesmente uma sensação maravilhosa, e esta maravilhosa sensação, que era muito bela, era feita apenas de uma substância especial derivada de certas plantas — não sei quais — mas era uma característica, uma grande característica, que fazia a diferença: o perfume, que era sempre mais intenso à noite, porque estava num estado que precisava ser conhecido como uma má comunidade.
O mundo, no seu auge, qualquer um é… infelizmente, não pude ajudar um artista nesta visita, há poucas horas, o que muito está fora do piso, está de facto… isso em três áreas diferentes.
Porque, onde andamos, o piso é algo belo, há muito no andar superior, que estava muito danificado, por causa da estática, não sendo tão elevado, é verdade, como o piso no rés-do-chão, que era muito bonito e era suportado por arcos graciosos e pilares.
E também havia salas para banhos, que desde então desapareceram.

Era uma casa claramente organizada, com um desenho bem definido, e não há dúvida de que a luz vermelha devia acontecer aqui.
Um homem de grandes artistas, incluindo Pete Rattleh.
Um homem de grande pensamento.
E depois, que tinha, numa das salas, a grande habilidade de ver os pensamentos, o que se conseguia através de Catch Spire, na carroça, para a terra que podia ser este item.
De facto, era sempre, mudando à tarde, esperando o terramoto, em alguns anos anteriores, certamente em partes da casa, e sendo um efeito de dobragem no momento em que se estava, não foram instalados pilares, e havia uma forma totalmente diferente de decoração, em certas partes da casa, que agora reparo, muito poucas permanecem.
Mas a melhor parte da casa, à medida que entras pela entrada principal, é definitivamente aquela, do lado direito.
O lado esquerdo parece estar muito mais gasto; porque é assim, nunca soube.
Quando voltei, chorei para fazer uma lista, e lembro-me também da parte de trás da casa, o terreno aberto onde os cavalos eram mantidos, e certas bestas também.
Sem pecado, havia dois caldeirões, e eles assumiram os tempos da casa.
Havia vários servos, disseram, que sabiam no reino, que lembro ter confiado, na altura da minha última visita.
Havia um novo pedaço, diziam, cuja esposa tinha dado à luz um potro.
E isso só podia ser ao sol, poucos meses antes da catástrofe.
E suponho que, quando a casa que descobriste, na parte de trás da casa, lá teriam encontrado vestígios dos cavalos.
E claro, os cavalos ouviam, mas não conseguiam saber o que era, mas não creio nisso.
Tenho a certeza de que poderia dizer que, na parte de trás da casa, encontrariam os esqueletos, para provavelmente dizer que os cavalos lá ficaram.
Não sei se conseguirias escravos de esquemas.
Mas odeio ser eu a dizer isto, já que os anões, mas estava bem.
E depois estava bem, numa grande casa, onde se abrigaram, e é por isso que digo, tenho a certeza de que, quando a casa dos negócios foi descoberta, encontrariam a sua pele, e também a cadeira do escritório.
E ele era um homem que tinha sido feliz por contar a tripulação de ficção sobre isto, porque não deveria estar preso no estúdio, e não há dúvida de que ele nunca quis ficar, pensando que esta catástrofe passaria em breve.
Muitos, claro, ficaram presos, compreendo.
Porque procuraram abrigo, pensando que tudo acabaria num curto espaço de tempo e não seria, na vida, claro, estaria tudo bem?
Tantos, todos eles, pensaram que, com a esperança, conseguiriam escapar, e claro, nessa altura, já era demasiado tarde.
Mas muitas das casas, nessa altura, já estavam completamente cobertas, e claro, estavam, e não conseguiram.
Eu assinei a casa, o filho da família contou, que na altura da catástrofe, encontraram o homem grande, que tinha procurado refúgio na casa, perto da porta, e ele foi morto, e teriam-no encontrado em posição prostrada, perto da porta, onde todos estes factos podem ser verificados, eu sei.

Continuação dos sons gravados a 8 de Setembro, relativos a Pompeia, comunicadora Lucia's Lucillas.
Perto da porta, onde estes factos iriam ser guardados, eu sei, amor, estou a dizer-te, de certas coisas que aconteceram, nas quais trabalhei mesmo não estando presente.
Certas pessoas, aqui, que se lembram desses últimos momentos comigo, deram-me certas informações, sabendo do meu interesse nesta verdade e do desejo de a divulgar, e no esforço de vos dar, sob algum aspeto da ciência, certas provas pessoais de evidência, que podem ser

verificadas, para que por nenhuma razão se deturpem as coisas que damos.
Claro que o portumarina, pois não se manteve quando se aproximaram das muralhas da cidade.
O portumarina ficou cheio, cheio, com muitas pessoas a lutar para sobreviver, e claro, o descalabro da erupção vulcânica foi tal que mesmo aqueles que procuraram refúgio na água, muitos que estavam a ser levados em barcos e navios, acabaram atingidos.
Muitos foram mortos, mesmo a grande distância, por rochas incandescentes e brasas ardentes.
Não se consegue imaginar esta catástrofe, ainda é difícil descrever a escuridão que desceu e os campos sufocantes.
Muitos morreram sufocados pelos gases, esperando que um penhasco não viesse.
E claro, muitos foram atingidos por rochas e pedras que caíam e por edifícios a desabar, os topos, os telhados e outros andares colapsaram.
Houve muitas pessoas que conseguiram escapar, claro, que encontraram refúgio, que aderiram à fuga nos primeiros estágios da erupção, depois o porto colapsou, porque perceberam, talvez mais lúcidos que outros, a intensidade da catástrofe que estava sobre eles, e tentaram refugiar-se em celas e prisões subterrâneas.
E claro, nunca conseguiram sair, quando foram enterrados nas celas, juntamente com muitos, muitos fragmentos de vinho, muitos, muitos tesouros preciosos que não eram de uso diário e eram guardados nas partes subterrâneas, que imagino já terem sido descobertos entretanto.
E claro, havia muitas, muitas grandes caixas de restos e materiais, que suponho terem desaparecido com o tempo ou quando o ar finalmente lhes tocou, o escuro teria desaparecido.
O jovem, que talvez seja aquele mais cristalino, que não esconde o grito do clã que eu próprio soltei, o jovem aqui era o que parecia ter esta maravilhosa capacidade de pressentir e sentir as coisas, de as guardar.
Não sei se, na altura, ele pressentia a possibilidade de algum desastre na cidade, possivelmente havia muitos que não tinham esse medo por causa de Vénus, viagens e um terramoto que tinha abalado a cidade em tempos anteriores.
Mas ele sempre dizia que haveria, e fazia questão de mostrar que haveria uma grande catástrofe, e ele amava a sua cama, e tinha muito desejo de permanecer, muitas vezes discutiu a possibilidade de se mudarem, mas claro, o seu jardim era uma verdadeira paixão, estavam muito presos aos seus negócios e pelos votos e estatutos, seria difícil não ficar até ao fim.
Houve uma ocasião que lembro bem, quando estávamos todos juntos lá, quando houve estrondos e tremores, e as colmeias estremeceram, e lembro-me então, com todos os nossos pensamentos voltados para o passado comum, de outras vezes em que isto tinha acontecido, muitos edifícios, em consequência, tinham sido destruídos.
Muitas vezes se dizia que a cidade acabaria por desaparecer sob o peso do vulcão.
Costumávamos discutir estas coisas, até na casa de banho, e os jovens, como disse, eram pessoas de grande visão, tinham uma grande integridade, mas eram filhos do seu tempo, feitos disso, dentro dos seus interesses religiosos, com o seu entusiasmo espiritual, mas ainda assim muito marcados pela sua época.
Eram queridos, muitas vezes aos olhos dos amigos, e algumas pessoas andavam pelas ruas, faziam profecias, era o papel do povo, que andava pelas ruas a dar sinais e a fazer, e tornou-se algo que ninguém levava a sério.
Já o mais jovem talvez não levasse essas coisas tão a sério, sentia quase que deviam partir de Pompeia, e não sentias grande diferença nisso, principalmente no mais velho, que nunca deu grande consequência a isso.
A maior parte da sua fortuna perdeu-se, de facto ficou para ti, para o teu irmão e outros amigos.
Teriam tido grande dificuldade em viver de qualquer maneira, porque quase tudo se perdeu.
As únicas coisas que restaram foram algumas terras e propriedades, a alguns quilómetros de Pompeia, que escaparam à destruição, mas mesmo assim a terra em si não era propriamente terra valiosa, o que produzia rendia muito pouco, porque havia tão poucos a quem se pudesse vender os produtos.
Eles próprios estavam como estavam, e as nossas verdadeiras aldeias eram lugares pequenos,

enquanto a grande cidade ficou arrasada pela catástrofe, por isso havia pouca oportunidade para comércio, troca ou venda naquela região, muito se perdeu também nesse sentido.
Mas tu e o teu irmão foram os mais bondosos, os mais prestáveis, sempre a ajudar e a apoiar, tal como eu, e também outros, sempre com grande respeito, porque eram muito estimados, e de facto eram considerados muito importantes na comunidade.
E embora tivessem os seus títulos, eram pessoas de grande educação, grande saber.
Em Pompeia foram educados desde crianças para saber ler e escrever, não apenas numa língua, mas em várias.
Tiveram bons professores e estudiosos, e tínhamos uma grande riqueza em línguas e filosofia, e também grande apreço pelas artes, e de facto eram muito dotados.
Os gémeos, de quem falo, um, o mais novo, era alguém que realmente lutava muito pela vida; os gémeos e ele próprio eram assim, a sua luta pela vida era intensa, mas ainda assim a curiosidade que tinha para saber mais sobre o que está para além da vida parecia equilibrar a sua natureza e o seu carácter.
Era muito atento à sua aparência, à cor da sua pele, era muito interessante assim, e muito produtivo era o seu trabalho para quem o conhecia — era mais calmo, com uma mente mais séria, no sentido de que tinha tendência a isolar-se do convívio.
Interessava-se muito pelos assuntos do dia, e convidávamos muitas vezes oradores, poetas e até atores da época para a casa, onde faziam recitais e onde também havia música.
Tocava um instrumento que, suponho eu, é o mais próximo que posso descrever — uma espécie de lira — era muito apaixonado pelo púrpura, tal como ambos, lembro-me, e pela prata, eram cores que gostavam de usar, especialmente o mais novo.
Ele gostava da riqueza de um tecido de púrpura, muito difícil de conseguir em desenho, e tinham muito a ver com o design, e o mais novo participou na construção da casa.
De facto, aconselharam o teu irmão no jardim, uma casa erguida de verdade, não tão longe da casa principal, com as mesmas estruturas, que também já visitei, especialmente para teu benefício.
E essa casa não está tão bem conservada, era mais pequena, e em muitos aspetos pequena mesmo, a casa era um grande quadro artístico, mais do meu gosto, e ainda assim tinha muito nela, e era difícil de resistir, pois era uma estranha mistura de influências e da nitidez de cada detalhe, e até certo ponto o interesse e o ideal para o teu irmão, que duvidava do caminho, enquanto a nitidez estava tão distante da essência, mas havia essa mistura que era interessante, algumas partes sendo rápidas, a origem outras sendo bem delineadas.
Há muitos, muitos momentos, nada pequenos, enquanto o piso superior existe; há várias salas escuras, algumas pequenas, mas outras maiores, e o piso superior é maior.
Há muitas escadas, que não precisavam de ser uma característica de destaque na casa, e em qualquer das casas havia escadas — claro, era preciso circular por elas para mudar de piso.
O motivo pelo qual as escadas em si não eram usadas para criar confusão era que uma escadaria bastava, muitas vezes, numa casa inteira, mesmo sendo grande.
Mas nesta casa em que o piso superior era só um andar, havia muitas escadas, havia uma escadaria vazia que era uma característica invulgar.
Depois havia ainda o facto de que, nesta história sobre o cego, havia uma planura, e estava construída de tal forma que, suponho eu, se poderia dizer que era quase um jardim feito no telhado, e às vezes, no verão, montava-se um toldo ou um resguardo para proteger do calor do sol, e saindo do quarto, tu e outros recolhiam-se ali.
O mesmo acontecia na casa do teu pai, no lado principal da cidade, era um lugar bastante tranquilo, e não se recebia tanto o bulício da cidade em si.
De vez em quando, claro, ouvia-se o som de cavalos, por vezes o tilintar de bambus, e às vezes, olhando para o céu dali, via-se ao longe ainda alguns sinais.
Às vezes, olhando ali pela chaleira, via-se ainda algo, mas uma das razões que devo mencionar é porque penso que os Pompeianos se deixaram adormecer ao longo dos tempos, sem compreenderem o perigo iminente.

No tempo de que falo, muitas vezes uma grande nuvem de escuridão parecia pairar sobre os estudantes, e dava às pessoas a impressão de uma nuvem negra, na esperança de que não fosse nada.
Mas tenho razões para acreditar que aquela escuridão, vista à distância por mim, repetidamente sobre os estudantes, era em parte o fumo que saía da cratera, que muitos não percebiam.
De facto, não creio que na altura se compreendesse que o vulcão estava há muitos anos num estado de erupção, mas não tão aparente para causar pânico.
Era uma erupção contida, e aquela escuridão que se via muitas vezes a rodear os soviéticos como uma espécie de nuvem, era, penso eu, algum vapor a sair das câmaras internas do centro do vulcão.
E as pessoas começaram a ignorar isso, pensando que nunca poderia trazer perigo real à vida.
Em Pompeia via-se à distância aquilo como uma nuvem negra suspensa, mas não se temia.
Durante anos antes da erupção, aquilo esteve assim, uma substância, uma condição que se via do teu campo.
Se não vos tivesse contado, seria interessante.
Bem, os bairros naquela época, de que falo, conforme me lembro, não tinham nomes.
Eram designados pelos donos.
Por exemplo, uma casa sem comité seria conhecida como a casa da tecedeira, ou a casa de uma senhora, ou algo semelhante.
Claro que havia outros bairros que eram designados pelas mercadorias que lá se vendiam.
Eram chamados pelo tipo de produtos que se podiam comprar ali.
Ou sim, por uma pessoa que era conhecida num certo ofício.
Mas as casas da nobreza, como diriam, das pessoas de posição, não recebiam nomes como se dá hoje.
Seriam conhecidas como a casa da senhora tal, a senhora Bete, ou a senhora assim-assim, ou a casa do irmão tal.
E se houvesse várias pessoas com o mesmo nome, então seria chamada a casa de tal pessoa na aldeia, ou na rua daquela rua.
Não me lembro de nenhuma casa ter recebido um nome como hoje se faz.
Pareceria, naquela época, estranho dar um nome a uma casa.
Isto era mais costume em tendas, como a tenda do vice, ou a tenda do general, ou outra autoridade, que reunia todas as casas dessas pessoas sob um nome.
E isso era o nome de uma família.
Sim, também é um pensamento interessante.
É um nome de família, talvez.

Acho que o que o médium traz aí, nos próximos dias, poderemos realmente preparar uma certa "bebida" e trazer de volta para ti certos factos.
No século XIX, poderás ser alvo de uma compreensão do coro, serás encontrado, especialmente no meio daquilo que foi a guerra, espécie de ódios.
E também outras coisas que pude mencionar, penso que é possível que vários factos possam ser revelados hoje.
Claro, há tanto que gostaria de te contar, que espero contar-te, mas não posso, de forma alguma, forçar.
Sei que procuras não apenas sentir a verdade, mas eu interesso-me pela verdade porque não é só para ti, mas para o benefício de outros que possam interessar-se por aquilo que tentam fazer.
E é por causa desta dimensão, que é comum, tal como é real.
Claro que haverá outros que perderam os meios — aquilo a que chamas os comentários — mas diremos que tudo isso é menos interessante, e o rótulo passará por certos pontos.
Bem, tem de ser assim porque falo de ti contigo como união de hoje, e não de séculos atrás.
Mas então, venho, penso eu, e danço com os meus pensamentos até ti da forma que possas

compreender.
E se dançasse com os meus pensamentos no meu tempo e na minha época, não significaria nada para ti.
E mesmo os estudiosos de hoje, que possam ter algum conhecimento desta língua antiga, não conseguiriam perceber claramente os séculos.
Portanto, a minha recordação é toda feita de imagens; alguns fragmentos transformo em palavras.
Posso dar-te uma ideia daquilo que sinto que sei e tentar transmitir-te de todas as formas concebíveis — isso é, por palavras — e como devo então transmitir palavras numa língua que compreendas, de forma que possas verificar, é importante que recebas estas coisas nesta ideia de hoje e na língua que compreendas.
Mas agora há ainda algo que tenho para te dar, que devo dar-te não apenas na forma de linguagem moderna, mas também coisas que te acontecerão.
E virão numa forma, de um modo, que para ti poderá ser difícil acompanhar no momento, mas virão pessoas que compreenderão.
E então dirão: isto é verdade, porque isto é algo que uma pessoa simples poderia ter visto, só de ver como fiz este trabalho, de forma espiritual, para trazer revelação e verdade, para tornar claro que somos todos um só Espírito.
E que o tempo em si é nada; os nossos corpos são os nossos vasos, através dos quais vibramos no Espírito durante o tempo em que os usamos.
Ontem e hoje e amanhã e depois de amanhã — não há princípio para o caminho da vida em geral; flui, flui, flui, transporta a vida, anima os teus corpos, têm os seus corações, mas não são vocês, nem sou eu; são como urnas que contêm alguma quietude por um tempo.
Verás, criança, verás.
Voltarei a trazer isto para ti de novo, e imediatamente dançarei, e o nosso sangue elevar-se-á, e as provas serão dadas com a maior força.
Uma maior realização virá para isto, ou para este caminho, minha criança.
Paz, meu querido, tu também, para o meu lado.
Mas devo ser madura, e fui também um prato de boas coisas de grande revelação para ti.
Verás com os olhos do Espírito, ouvirás com os ouvidos do Espírito, e farás com que os sonhos desta terra venham ao teu nome, e saiam do teu nome, e sentirás o cheiro de todos eles, muito, muito.
Ver-te-ei quando voltarmos, sem ter de vir até à tua vida.
E quanto a mim, ele dir-te-á onde colocar a tua vida em ti — quem mais está sobre ti?
Não mintas, mente, meu querido.

Lucillus 14

Isto foi gravado no dia 28.
Estou a mostrar-me do lado direito.
Preciso de um pouco de força.
Há uma armadilha?
Sim.
Ah!
Continua.
Há uma armadilha?
Sim.
Paz, meu filho.
Oh, és tão tolo. Fico feliz por voltares novamente.
Já te disse que é necessária uma grande preparação antes de podermos manifestar-nos e falar contigo sobre estas coisas e, em consequência, poderá passar algum tempo até que eu ou outros consigamos falar.

Portanto, não fiques, por isso, surpreendido se parecer que demora muito até eu poder voltar.
A preparação necessária é muito grande — é preciso chorar, alcançar certa vibração e condição essenciais para converter essa vibração em algo através do qual eu possa fazer-me ouvir e também criar certas vibrações e condições necessárias que estão para além do controlo de qualquer um de vocês.
Porque este material, esta adição em que persistimos, inclui uma vibração que muitas vezes é difícil para nós garantir ou superar nesta sala onde escolhem fazer o nosso contacto — usando de muitas formas o que é mais adequado.
E prefiro muito que seja aqui do que noutra sala, mesmo naquela que pode ter sido reservada para tais propósitos.
Fico feliz por veres isto, porque há sempre a possibilidade de as vibrações e condições serem em si difíceis.
E também uma variação naquilo que estamos a tentar minimizar aqui — pelo menos há menos elementos perturbadores.
E sinto que é bom que nos sentemos, como dizes, nesta sala.
Guiarão nos próximos meses, fortaleceremos o poder e purificaremos qualquer vibração que, por si só, possa prejudicar os nossos esforços, pois esta sala é de longe a melhor.
E estou tão feliz por terem escolhido e decidido que é nesta sala que devemos ter os nossos encontros.
E tu dizes, sim, pensas o mesmo que eu penso sobre esta sala?
O mundo que é teu através dos instrumentos — a força recitadora da criança não está aqui em si, está ali, no espiritual.
Não culpo o instrumento ou nada por isto.
É uma das primeiras coisas que são inevitáveis quando tantos vêm e trazem vibrações que nem sempre se limpam rapidamente.
Muito permanece em muitas células que são afetadas devido ao conhecimento de que a comunicação é agora possível nessa vibração específica que está próxima da terra.
Compreendo muito bem a necessidade disto, claro — para este trabalho o médium tem de ser considerado ao mesmo tempo que o trabalho que esperamos e procuramos conhecer é de uma ordem diferente.
E esta sala sugere-me a condição menos provável para isso.
Sei que houve uma pequena desilusão em relação à visita do instrumento a Pompeia.
Mas isto, num certo sentido, talvez fosse de esperar — e ainda assim eu esperava melhores coisas.
Mas agora, como vejo, a atmosfera que deve prevalecer e morrer — que, num certo sentido, não é tão diferente da sala que é tua noutro lugar para este trabalho — é que são tantos a vir e tantos a ir, tantos pensamentos e vibrações em conflito.
É difícil para o instrumento conseguir perceber e conseguir organizar as suas capacidades da forma como particularmente queremos ligá-las.
Portanto, foi Pompeia — embora houvesse pouca coisa, mesmo assim, apesar das condições perturbadoras, consegui captar alguma coisa aqui e consegui, em certos aspetos, pelo menos captar todos os pensamentos presentes deles.
Portanto, neste sentido, certamente acontece que, em qualquer caso, para além de tudo isto, estamos satisfeitos com a oportunidade que foi dada, porque sentimos que dela virão alguns benefícios.
E sei que também se deve pensar na condição de saúde do médium, que foi ligeiramente ajudada nessa direção.
Mas preocupo-me mais especialmente com os nossos esforços e o nosso trabalho aqui.
A revelação que eu possa ser capaz de dar será tão clara e tão verdadeira quanto possível.
Mas devemos lembrar que muitas destas coisas de que falamos aconteceram há séculos e séculos.
E essas memórias podem começar e podemos tentar reviver muitos incidentes e muitas

experiências.
Nem sempre é possível ser tão exato em certos detalhes quanto desejaríamos.
Faremos o nosso melhor e esforçar-nos-emos sempre por dar-te aquelas coisas que sentimos que serão de ajuda, orientação, inspiração, interesse e, de facto, às vezes, de prova, que possas ainda, se desejares, confirmar.
Não quero que penses que, por causa das coisas que possa dizer-te, que nos referem a todos nós e que sabemos serem verdadeiras, esperes sempre compreender tudo claramente — e em algumas situações esforçar-nos-emos por dar-te certas informações que possas confirmar.
Parece-me que não há razão para que certas coisas não pareçam profundas.
Sei que não há palavras — certas coisas não podem ser feitas, têm de ser cuidadas pelas palavras.
Oh!
É preciso ter um certo padrão ao que se aprende.
Senhora.
Ao que é isto?
Muitos de nós poderíamos pensar palavras suaves sobre qualquer coisa.
Bem, posso perder a visão.
Ah!
Mas às vezes sinto que tem de ser muito, muito difícil para ti.
Se houver dificuldade, meu filho, não é culpa tua.
Não, não é.
Se houver dificuldade, meu filho, não é culpa tua.
Não, não é.
Está nas condições que nem sempre podem ser claras.
Há condições que tens de antecipar e fazer.
E mesmo assim irás antecipar essas condições.
É por isso que demos todo o nosso tempo para limpar toda a atmosfera e estas coisas que perturbam.
Se te vires a ti mesmo, é como vejo — não mais rodeado, como estás, por quem te serve.
Onde a tua casa pode estar associada a vidas passadas.
Verás a ti mesmo no vento pelo poder do dia.
És tão forte por fora.
Se visses o Espírito que é o verdadeiro tu, ficarias maravilhado.
Não te vejo neste momento como te vês a ti mesmo ao espelho, mas vejo-te como jovem, valioso para servir, vestido com as túnicas como te conheci bem nos tempos antigos.
Pela tua escolha, pois o poder em ti é, de facto, artístico.
Vejo-te enquanto permaneço nesta hora do tempo.
E porque a minha mente, a minha memória, é desta época particular em que estivemos, vejo-te como te conheci — túnicas elegantes, com o cabelo escuro, escuro e avermelhado, alto na cabeça, o rosto aberto aos olhos do conhecimento.
São castanhos de cor.
A tua testa é alta e o teu queixo forte e firme.
A boca não é pequena, mas é decidida.
Há grande dignidade e grande encanto.
E há grande luz em todo o testemunho e rosto.
Mas como a mente, o cérebro, se move para os traços, a beleza dos teus pés — sem beijos, em sandálias, pequenas e delicadas.
A túnica que usas é de linho azul.
Há prata e elegância na forma.
E nos teus braços há ainda azul e certamente vermelho, enquanto algo é como uma serpente enrolada.
E os olhos da serpente destacam-se porque são de estanho facial, uma formação que se enrola

ao braço com graça.
É feita de um metal submisso à luz da prata.
À volta da tua cintura está uma faixa semelhante.
Na prata, ao pescoço, um colar separado.
E o teu cabelo é rodeado por uma fita de prata.
Esta imagem luz para todos vós como quereis.
E como a vejo agora, a minha mente está no passado.

Será que esta imagem é assim tão possível para ti permaneceres?
Se o teu irmão, que está ao teu lado — aquele a quem chamaste pelo nome — é alto, firme, gracioso e ainda assim ágil, firme e decidido.
À volta do seu corpo está um manto preso ao ombro, que é de um verde jade colorido.
Sem prata, cai até às costas, preso por um broche em forma de cabeça de sátiro.
O cabelo dele é invulgar para alguém do seu tempo, de uma cor quase acobreada.
Está preso rente à cabeça e cortado num formato que se achata contra o rosto.
O perfil destaca-se, o nariz bem delineado.
Os olhos são semelhantes aos teus na cor.
A testa é igualmente alta, e o queixo forte, bem formado.
A cor do rosto é, em si, como que esculpida em partes.
A expressão e o semblante não são tristes; o rosto é calmo, e na cintura há uma adaga, mas apenas como ornamento e protecção, como era costume entre os homens da época de que falamos.
Num dos ouvidos tem um brinco, como era moda entre homens de posição.
Esta alma, com quem estiveste tanto tempo e de forma tão provada, está sempre junto de ti, nem sempre visível aos teus olhos, mas presente na força de que te falo, para meu benefício também, para que eu possa dar-te esta imagem e a guardes na mente.
Ele traz na mão esquerda, no terceiro dedo, um anel com uma pedra grande que brilha num vermelho intenso, lavrada em relevo, era um selo com o qual selava documentos ou cartas.
Vejo-vos aos dois a passear juntos, caminhando devagar, e vejo-vos parar e sentar sobre uma rocha, a olhar para o mar, que é prateado e reflecte a lua, e vejo-vos ao longe, música.
Ouço a música de outro país, é a música do Egipto.
E é como se, neste momento, aqueles de vós que estão conscientes de uma existência passada ouvissem as vossas vozes, sabendo que falam destas coisas, destes mistérios que ampliam o vosso nascimento.
Vejo-vos sentados com as mãos cruzadas, e vejo que o vosso semblante está quieto e seguro por um instante, em silêncio.
E a música que ouves é a música do passado, e neste instante sois ambos guardiães desta recordação de há muito tempo.
A música que ouves é, meu filho, aquela que já vos era familiar há séculos, nas capitais de permissividade e grandeza, e depois sentas-te à beira-mar, e vês aproximar-se pela areia um homem estranhamente trajado, absorto, estranho à visão de todos.
E à medida que ele se aproxima, ergues-te, pensando por um momento que poderia haver perigo, mas à medida que o homem se aproxima, sentes automaticamente uma sensação de confiança, de paz, de tranquilidade de novo.
E o homem faz um sinal, coloca a mão no coração, na testa, nos lábios e inclina-se diante de ti, e fala o teu tempo.
E sabe o que é a carne, e diz-te: embora não nos conheçamos, já fomos lavados juntos, trago-te uma mensagem de vida.
E senta-se na areia, aos teus pés, e fala-te do Egipto, de Ísis e dos seus ritos; fala-te de ti

mesmo, do teu passado.
E aquela música que ouviste vinha da sua mente, e recebias os seus pensamentos em forma de música, que te despertava de verdade e tornava possível até o elo entre vós.
Segui-lo-ias até ao lugar onde se sentava, e foi assim o primeiro contacto com ele, a quem chamamos fogo.
E ouviste com grande atenção as coisas que ele tinha para contar, as coisas de outras nações, de outros tempos, de outros modos de vida e experiência.
E de facto, ele manteve as suas palavras firmes, e sem talvez sequer pensar em ser claro, convidou-te de forma natural a esta verdade, e pareceu-te o mais natural de tudo.
Era um estranho, mas não um estranho — alguém que dizia coisas que, embora estranhas, pareciam em si mesmas verdadeiras.
Ele reavivou, revitalizou memórias adormecidas, e começaste a sentir que ali estava alguém que podia partilhar contigo o caminho.
Assim, partilhava contigo os ritos, os templos, as muralhas abertas.
E através deste elo começaste a perseguir os teus interesses nestas verdades.
Assim foi introduzido por ti, com o teu corpo, pelos elos mais elevados, que provavelmente já estavam interessados em todos estes campos de iniciação.
Já tinhas tido, em vidas anteriores, serviços de natureza religiosa em vários templos, e deixaste-te ir e atrair, sem compreenderes totalmente as razões, ao templo, particularmente de Ísis.
E, gradualmente, através dos ritos, foi-te mostrado, como se fosse um fio psíquico, ao longo dos séculos, com religiões associadas a vários nomes, que tinhas encontrado a mesma verdade, ainda que muitas vezes transformada para a vontade vingativa dos homens.
Tinhas a essência da verdade, pensavas, tinhas em vidas anteriores tentado encontrar, de muitas formas, a verdade da vida, a razão e o propósito, e tu sentiste este elo tão forte entre vós, mais forte do que qualquer estrela ou tempo, algo que só poderia ter acontecido através de vidas passadas. Este amor, este laço, entre vós era mais do que a ligação de irmão e irmã, mais do que a de santos, mais do que marido e mulher — era o laço de dois espíritos num só, em perfeita harmonia. Embora houvesse certos aspetos físicos e materiais das vossas vidas que necessariamente vos pudessem separar, a essência da verdade conduzia-vos sempre a um conhecimento mais profundo.

O Eu, o lótus, esse centro desperto, aguarda sempre pela vida, claro, depois de um novo nascimento espiritual. No futuro, quaisquer poderes a que sejas chamado a criar, quaisquer provações que tenhas de enfrentar, nada poderá separar-vos, nada se poderá interpor entre vós, nada poderá quebrar a serenidade desta união. É uma união de almas que guardo no meu coração, pois juntas tornaram-se completas. Como já te disse, nunca tiveste desejos para ti, para um casamento, pois a tua vida foi toda entregue a este poder maior. Ele, por sua vez, casou-se, e esses laços foram feitos de forma diferente. Mesmo que o teu poder tivesse sido outro, ou casado muitas vezes, teria sido sempre o mesmo, pois nunca houve separação verdadeira, nunca houve quebra no respeito ou na união, em todas as encarnações em que partilharam esta verdade. Em todas as formas de vida que construíram, nada jamais se pôs entre vós.

Agora estás consciente de que fazes parte desta grande união, como se tivesses atravessado uma ponte sobre o rio do tempo, que correu durante séculos por baixo de ti, mas a ponte manteve-se firme, construída dos dois lados, e agora flui por toda a eternidade, fortalecendo-se. E quando chegar o momento de alcançares a outra margem, essa ponte será destruída — não porque se quebre, mas porque já não será necessária, pois não haverá retorno. Ao longo de todo este tempo tornaste possível a vida em conjunto, conheces o que é a completude, e deves ver quão belas foram as vidas que partilharam.

Acredito que criaram vidas verdadeiras, uma leveza autêntica, quando ele se mostrou pronto a dar tudo, com amor puro e serviço sincero. Sempre amou lutar, mas encontrou paz — uma paz que é difícil de alcançar. Já te disse que muitas das tuas vidas foram sacrificadas por divisão; negaste-te muitas vezes a ti próprio a felicidade material, sem pensamento de recompensa. Em cada encarnação voltaste a tocar a vida desta única alma, que tem o poder de ver tanto de tantas formas. Sempre lhe deste liberdade, nunca pensaste em ti primeiro, não te colocaste acima de ninguém. E isso é amor — o amor perfeito, o amor que liberta o próprio amor e o torna possível de ser verdadeiramente completo. Quando o homem compreende que amar é dar-se por inteiro sem esperar nada em troca, percebe que o amor é como o sopro: algo invisível, mas sentido. É como o Espírito — invisível aos olhos dos mortais, mas sentido com intensidade por aqueles cujos corações se abriram para receber. Este amor de que te falo é assim — em todas estas vidas e encarnações, os que foram unidos desta forma foram muito mais do que simples companheiros. Sofreram muito, muitas vezes física e profundamente, mas encontraram nas provações grandes alegrias e revelações.

Recorda-te de que nesta encarnação de que falo, compreendeste plenamente esse teu amor; talvez ele próprio não o tenha percebido totalmente, mas sabia que não importava quem pudesse surgir, quem viesse para a sua vida — ninguém jamais poderia ocupar o teu lugar, pois em ti ele reconhecia o reflexo de si mesmo. Em ti via o seu espírito, mais do que o espírito de uma irmã ou de um amor terreno, via o coração eterno, porque sabia que em ti estava ele próprio.

Quando falamos de corpos, de indivíduos, de vidas, usamos palavras que, por si, não conseguem traduzir completamente aquilo que queremos transmitir. É verdade que, no desenvolvimento de cada um, devem ocorrer muitas mudanças, muitos aspetos da natureza humana que se abrem ao espírito, e devemos reconhecer que em qualquer época e circunstância haverá sempre esse desejo profundo — o desejo do espírito de se viver espiritualmente, mesmo enfrentando dificuldades, mesmo havendo um tempo de renúncia de si próprio, mesmo cedendo a certas exigências físicas, como era costume nas civilizações a que se pertencia naquela época. É por isso que este período de que te falo, no tempo antigo, na época romana, tinha um propósito especial. Há aspetos da vida que hoje podem parecer estranhos, quase sem lugar, para seres de natureza mais elevada, mas devemos lembrar que em toda a vida, em todo o esforço do espírito para vencer as amarras da carne, há coisas que estão além do tempo — coisas que o espírito, em certa medida, tem de aceitar. O que importa não são os nossos fracassos, mas os nossos sucessos, e recordar também que, muitas vezes, nos nossos fracassos, encontramos a verdadeira importância.

Passaste por grandes experiências, e sei que muitas vezes dizes a ti mesmo, vezes sem conta: Qual é o propósito, qual é o sentido desta existência presente? Tanto se perdeu, tanto tempo valioso foi desperdiçado, tantas oportunidades que poderiam ter surgido de outra forma — o que fiz eu? Mas esta força que vemos não é tão importante como pensamos. A tua existência presente tem o seu propósito, o seu sentido e o seu lugar. E embora sintas, dentro de ti, que esta vida é inútil, também é...

Lucillus 15

Esta mensagem foi gravada no dia 1 de Outubro de 1962, em Setembro 3, feita em Lisboa, França.

Tu viveste em grandes casas, casas nas quais te sentias segura, embora possas não ter consciência disso. Nem sempre foste senhora de uma casa; por vezes, de facto, enquanto vivias em condições de que eu próprio participei, viveste em lugares muito solitários, longe de uma

casa tal como a conheces. Mas como se confia em algo assim? Pois bem, meu filho, tu tens uma raiz digna, vieste ao mundo, e as pessoas pobres da cidade também são tuas. Oh, sim. E estavas numa época que hoje chamarias de rígida. E de facto estavas ligada a uma grande casa. E o senhor dessa grande casa era aquele a quem te referes. Sim, como nos vês. Como quem? Como nos vês, como se fosse uma memória. Oh, meu Deus! O que chamas isto? Um fantasma? É outra história, de outra época e de outro tempo, quando eras um homem vivo, numa grande casa. Numa grande civilização — e quando digo grande, não me refiro apenas a coisas espirituais, mas também materiais. E este tempo de que falo agora foi muito antes daquela encarnação mais recente e material. Era uma era em si mesma cruel e poderosa no que dizia respeito à raça civil, éramos mais parecidos com clãs. E eu ocupava um grande cargo, estava ligado à corte, tinha sido eu mesmo um homem completo, feito de mais do que de um só. Fui um que esteve em batalhas, e fui altamente considerado por aquele a quem chamavam o rei.

E quando regressei para aquele tempo civil, compreendi — e era uma época em que eu próprio me sentia muito orgulhoso — que ainda havia tanto por aprender. Foi um tempo de grandes condições externas, mas espiritualmente, não. Não o menciono para me exaltar, mas porque isso explica o que ainda me faltava aprender — uma das razões pelas quais, como muitos outros, voltei de novo à Terra, para aprender. E foi apenas através de novas encarnações que voltei a ver com mais clareza a verdade, a vida do espírito, os alicerces da sabedoria. Sim, mas devemos lembrar que falamos de muitos milhares de anos atrás. Desde então, muitas mudanças aconteceram entre os povos da Terra, e houve também recuos, onde muitos levaram séculos para capturar de novo o conhecimento que se perdeu — a verdade, o despertar, a criação interior. E quando olho de novo para o passado, quando me vejo, quando vejo tantas outras almas aproximarem-se de nós, percebo que todas estas camadas se entrelaçam na vida da Terra, nesta estação de serviço. Devemos lembrar que nenhum tempo que tenhamos tido foi tempo desperdiçado. Quando pensas que tens uma vida, como a tua agora, e esta encarnação presente te parece às vezes inútil, lembra-te de que nada é perdido, mesmo quando o tempo em si parece insignificante.

Na antiga Pompeia, enfrentaste certos factos, foste colocada frente a frente com a verdade, e durante um tempo viste tudo com clareza. Depois, durante anos, tiveste de esquecer essa ligação, afastar-te dela, aprender de outra forma. E isso, no teu caminho espiritual, beneficiou-te muito, permitiu-te continuar a tua vida na Terra. Já te contei algumas destas coisas, e como, depois de algum tempo e de muito debate, decidiste que seria mais sensato seguir um caminho diferente daquele que tinhas começado, onde se desenvolviam certas faculdades espirituais, que começavam a mostrar sinais de sucesso. Mas compreendeste, no íntimo do teu ser — e eu também — que isso não seria benéfico para ti, pois haveria perigos que poderiam surgir. Ainda hoje há muitas dificuldades, pois muitas pessoas da tua época ainda sentem medo do desconhecido, do que é espiritual, do que muitos consideram coisa de mal. É por isso que foi necessário recuar, afastar-se de lugares como Pompeia, onde havia mais liberdade, onde não havia tanto controlo, e onde a lei do reino ainda não era um obstáculo tão grande.

Naqueles dias, guardavas o que chamarias de sentidos mais despertos. Servias de instrumento para que, através de ti, se manifestassem vários espíritos, que falavam, mas apenas no tempo que era permitido. Tiveste muitos espíritos interessantes, manifestações que por vezes apareciam, claro, naquela altura em que começaste a perceber essas transformações. E o teu pai, de forma especial, permitiu isso, desejava que fosses usada dessa forma, sempre com verdade, sempre com pureza. Era o seu desejo, e assim buscavas ir mais fundo neste tema.

Sim, eras viva. Eu sou Senhor de muitos dos chamados chefes. E muitos de vós entregaram-se de corpo e alma para servir esse caminho. Estavas demasiado envolvida com o teu próprio ser, com o teu próprio equilíbrio, para te preocupares com o que se dizia. Não eras livre no sentido

terreno, mas eras interiormente muito forte. Nunca foste forçada a nada, nem te submeteste por fraqueza. Foste menos conspícua do que se pensa, e tinhas um grande sentido de humor. E em muitos aspetos, eras das pessoas mais tolerantes, mais pacientes, mais nobres — especialmente com aqueles mais próximos do teu pai, mais até do que com outros. Mas nunca tiveste interesse pelo aspeto físico do amor. Por isso, essa ideia de que foste uma "amante" no sentido terreno, foi um equívoco, pois estava baseada em coisas apenas físicas, quando a tua essência era mental e espiritual.

E foi uma iniciação — na verdade, como sabes — que apenas aponto porque desperta interesse, mas não tem realmente influência alguma na nossa história, nem pode ter qualquer peso sobre ti ou sobre o que estás a tentar fazer. Menciono isto apenas porque sei que existe, na mente de alguns de vós, uma vaga suspeita de que poderia ter sido naquela casa, naquela "Casa dos Mistérios", que realizávamos os nossos encontros. E não quero que isso fique sem resposta, porque, como te disse logo desde o início, não deixes que se percam em interpretações mundanas ou superficiais, porque a posição que tínhamos era muito mais profunda do que parecia à superfície. Havia uma fachada, claro, quase sempre necessária para ser aceite.

Era comum, até certo ponto, ter de se fingir interesse por vários cultos, prestar culto a muitos deuses — isso era o que se considerava uma atitude de polidez. Por exemplo, se entrasses de uma casa na outra, uma sala onde se venerava determinado deus, eles teriam o seu próprio altar, o seu nicho próprio, e teria sido considerado grosseiro, quase um insulto, não respeitar esse deus. Era, por assim dizer, uma questão de cortesia respeitar todos os deuses da casa — pois, no fundo, era tão claro que se tornava quase impossível viver sem essa pretensa devoção. Cada grupo, cada família, tinha os seus próprios deuses. Uns achavam que o deus do outro estava errado, cada um acreditava que o seu era o verdadeiro. Naqueles dias adorava-se toda a espécie de deuses, faziam-se todos os tipos de sacrifícios, havia templos por toda a parte dedicados a vários deuses.

Era natural, automático, quase instintivo, que cada um respeitasse não só os membros da família, mas também os deuses da família. Eu dizia muitas vezes que era um acto natural — um fazia as oferendas, talvez em privado, ou então prestava tributo em especial aos antepassados falecidos. Quando havia uma procissão fúnebre, o corpo era levado até ao altar principal do templo da família, e reuniam-se muitos membros de outras famílias, amigos, vizinhos. E mesmo aqueles que talvez não tivessem verdadeira fé nos deuses mostravam exteriormente o seu respeito, faziam as suas oferendas, prestavam homenagem ao defunto. Todos seguiam o cortejo, respeitando o morto, que agora se dizia estar nas mãos dos deuses, no coração dos deuses, ou na casa deles.

Assim era também, por exemplo, quando se chegava a um lugar como a "Casa dos Mistérios". Havia algo de muito secreto a explicar. Naquela casa, tudo era mantido em segredo — era uma iniciação muito reservada, muito intensa, religiosamente muito forte para aquelas pessoas, e havia uma união muito restrita de amigos, de companheiros, de trabalho espiritual. Era muito interessante o que ali se fazia, mas não era algo que se pudesse discutir abertamente. Quando se dizia que alguém ia para aquela casa, sabia-se que certas coisas se passavam lá dentro, mas não se podia falar do que se via — era uma parte do teu caminho e da tua posição. E digo isto porque havia outros deuses que protegiam, que guardavam aquilo, e era desejo deles dar-te um início de compreensão. E na verdade, no teu trabalho, era bom que não tivesses uma identificação demasiado rígida, uma inclinação demasiado fechada, mas antes que mantivesses a ligação e a amizade aberta.

Quando digo que mantiveste a associação, quero dizer que eras livre para ir lá, mas sem qualquer obrigação fixa. Na realidade, era um pequeno núcleo de fricções, pois havia outros —

talvez cinco ou seis — que, ao mesmo tempo, frequentavam aquele lugar. Era um tempo de recuo, de silêncio, de visitas a Pompeia, mantendo a tua situação tal como poderia surgir, sem necessidade de te prenderes. E de qualquer forma, depois, sabes bem, a cidade foi destruída pela erupção. Mas a tua casa não ficava muito longe dessa casa. Na verdade, era apenas uma pequena caminhada, e por isso digo que era muito provável que, por vezes, lá estivesses — não era uma casa grande, mas o que se fazia ali era essencial. Era uma casa discreta, quase escondida, e tenho a certeza de que hoje é possível que tenha sido encontrada, ou que venha ainda a ser trazida à luz, e na casa, há mais pinturas, e uma pintura, em particular, que foi feita, por si, e por si próprio, uma figura que, eu deveria imaginar, uma vez que seja real, ficará bem. Menciono isto, quando for possível, não que todos os espaços, esteja num interesse muito particular, mas quando, se o ponto de vista, os atiradores, tiverem, nos próximos anos, que partilhem o seu espaço, que seria, o seu, famoso prémio, num certo sentido, da leveza. Agora não estou a sugerir, que numa época, que olhe, diretamente para o escuro, sentirá falar de si, quando for jovem, ou quando for jovem, ou em princesas, e, a semelhança, especificamente, não, num certo sentido, existe, mas o que terá, é surpresa, há, há, na sua aparência, algo, que pouco o surpreenderá, foi venerado, porque, se puder imaginar, a sua associação, com o seu irmão, e aprender, com o seu irmão, numa certa época, ganhará, fé com o seu irmão, ora bem, se puder imaginar, fé com o seu irmão, e consigo próprio, sendo semelhante na fé, então esta estátua, esta figura, e esta pintura, são muito, muito leves, o que sabe, o rosto ser muito, chocante, gracioso. Esse é o meu interesse, na minha educação, como sabe, acho que é o ponto mais interessante, porque sinto, que isto é algo que bem pode ter uma pequena mostra, porque, uma certa quantidade de pesquisa está lá, de repente, é inovação, e tenho a certeza, que esta pintura, o passado, este portão, estará lá, e o mais extraordinário, sobre isto é, a delicadeza, entre si, nessa idade e tempo, e este passado, na pintura, e o que sabe, ou entre os céus, ou o rosto no Japão, é muito, muito semelhante. É o mesmo mundo, comum, há um ligeiro gancho, há o, para o céu, o queixo, isto, a semelhança, é extraordinária. Oh, peço desculpa, diga-me isto, disse, de novo, não tenho a certeza de nada, mas o seu irmão, neste tempo, de Pompeia, isso é certo para mim, não era assim tão parecido, facialmente, com a figura do Japão, que bem, realmente, gosta, há uma ponta aguçada no olhar, e ele era um homem muito jovem, poderia explicar-me, eu tinha-lhe feito perguntas, não sei, talvez, devo eu, devo eu aceitar, poderia explicar-me, porque deveria ser, não eu? Mas, não sei bem, como posso explicar, porque deveria ser assim, mas tentei, se tivesse, tentei explicar à sua realização das coisas, que eu disse fortes, entre si, e sabe, deveria agir, quão simples, tão atrás no tempo, ficará tão nitidamente entrelaçado, o que penso que é realmente uma coisa extraordinária, é que este amor tremendo que sentiu, sobre o qual isto tudo se trata, é abstrato onde, está embriagado, consigo próprio, não acho que as pessoas estejam conscientes disto, mas quando há uma dieta intensiva, e os estágios da evolução crescem depois de se dizer, desde a infância, a semelhança física torna-se extraordinária, não sugiro, claro, que isto seja assim em todas as idades, o tempo que falta, idêntico no rosto e na forma da figura, ou outra, passará, já que o seu corpo físico, e hoje, é imprevisível, para toda a lua do corpo, que persiste, quando deveria crescer, e lá está, mas sinto, que é abstrato onde, sem estar consciente disto, de forma alguma, ou forma, ou figura, isto é poder espiritual, dentro de si, que começou a manifestar-se, exatamente a verdade era essa, que conseguiu prosseguir, e penso que é aqui que o medo surgiu com o seu caminho, porque, no seu desabrochar, e o desenvolvimento do estado em curso, e que, e que muito menos, é menos interessado, menos preocupado, ou é o facto de que, percebe, poderia, prever, qualquer cabeça na maré, e estou convencido, de que pode continuar, e nessa idade, irá desenvolver-se, e desabrochar, não precisaria, seria capaz de, prever, idades futuras, o que é realmente, uma coisa rara, quero dizer, há muito poucas regras, videntes, há

muito poucos profetas, que podem, ver, tempos futuros, eles estendem multidões e eu sou, eles estendem-se em massa, e a idade, eles estendem, e estão muito, muito preocupados, eles estendem, e veem uma era, e eu serei capaz de, embarcar, encontrar isso de novo, contaria consigo próprio, escondendo aí a fissura. Todos saberiam que mostrariam apenas mais, exposto, exposto, à medida que lá chegasse, o seu carboidrato de lucro era, embora estivesse na situação, claro, de que tinha pilhas massivas de comida, tendo tempo de comida, e eles próprios aí, este problema, até certo ponto, para o espírito que está dentro, o único é que não há dúvida disso, que se pudesse descer, um vasto, dos jovens, para as crianças, e um vasto de si mesmo, como era numa certa idade, e tempo, sobre, possivelmente, desde o início, do cabelo, certamente, o perfil dele, penso, sabe, isso é extraordinário. Veja, penso que é isso, mesmo nessa idade, começou a ter os pressentimentos do futuro. Começou a ver em si, e no seu corpo, a semelhança, houve uma resposta, de si para si, ou de si para ele, houve uma ligação, por assim dizer, das células das crianças, também, estavam quase casados, e tinham filhos, e mesmo toda a existência natural, havia algo que era para terminar, que a mulher poderia encaixar, ou mesmo como esposa, o que significa, que descrevemos, não podemos simplesmente associar-nos, até certo ponto pelos corpos, mas é já importante para nós, na medida em que são os veículos, e a nossa experiência, antes, mas o que é importante é, este poder, e o espírito, que é tão grande agora, que nada pode destruir, e nada pode realmente afetar, há muitas vezes, em que o espírito parece em baixo, o pinto da cura, uma vez liberto do corpo, nada o pode preencher, e depois, volta ao corpo, cheio de algumas necessidades especiais, e o auge de algumas coisas que tem de aprender, ou algum trabalho específico, ainda está por fazer, e ao mesmo tempo, acredito sinceramente, que ao conduzir esta fundação de apresentação, poderia cumprir certas tarefas, e quando estiverem completamente terminadas, então será encontrado, um sonho de mais uma vez, sabendo na fronteira, e uma página de espetáculo, a registar, mas connosco mesmos, quais membros do nosso grupo, que aprenderam juntos, e desenvolveram um canto ali, nas eras, muitas vezes, mencionei brevemente, neste momento presente, estes nomes mencionam, da sua riqueza, porque, não importa o que sejam, a maioria deles, está tão interessada nas suas encarnações, e em conjunto, mas também, porque sinto, que, que, eles são, a era, e o sentido, e o picante, o picante, vergonha, totalmente Ricardo. Lá estava você, enviou o seu ecrã para ficar, Virgínia, penso eu, aqui nesta encarnação da antiga Pompeia, no reflexo de shirpan estava mais em si do que no seu irmão, um pouco ele próprio ou shirpan, não seja derrubado por shirpan, ele era um servo que estava em estados de evolução. Às vezes sinto que o levei ao passado, há tanto que devo ter na sua cabeça para lhe dizer que merece medo, que não será capaz de compreender, de entender. Oh, eu vou, eu vou, porque isto leva, por causa de muitas coisas úteis, sabe, se eu continuar a ouvir posso apanhar coisas e gradualmente sentir, não acha? Sim, senhor, é maravilhoso ouvir, isto é o mais fascinante e interessante, é maravilhoso ouvir, isto é o mais fascinante e interessante. Oh, sim. Sim? Oh, sim. Oh, sim. Oh, sim. Oh, sim. Oh, sim. É muito pesado, devo saber, é muito pesado, tenho medo, tenho medo. Da próxima vez que vir, vou falar mais sobre isto e sobre isto em espírito e para e responder a quaisquer perguntas, este é o meu caminho para responder. Voz e qualquer voz, qualquer coisa em que lhe cause, em si mesmo, e fale comigo, se for possível, tudo estará esclarecido, sim, há muitas coisas que fiz para lhe falar sobre certas coisas em coisas que se perderam no tempo, para se lembrar, é profundo, mas o que posso ser claro, mas posso, para si, descobrir, isto devo fazer, o meu trabalho, para poder saber estas coisas assim, caberá a si, até que faça o meu som, muito bem, muito bem.

Lucillus16
Este som foi gravado no dia 4 de Outubro de 1962, na Citadel Road, Creta, Newden, Los Creta, Newtons, numa selecção da sua cabeça, da sua cabeça, linhas de, bem, o que suponho que diria,

um seccionista nesse campo em particular, claro, quando não é necessariamente isso, mais ou melhor do que mais, por ser possuidor de material, bem, pela posição material da forma como isso acontece, ou então, é isso que isso significa.
Há algum tipo de saúde humana, hipnose, ou por nascimento, ou por influência, ou desenvolvimento de certas circunstâncias que são material humano, pelas quais beneficiou. E claro, digo-lhe que sempre foi um seis feminino. Lembro-me que foi o mais afetado no reino animal. Exigiu muito esforço, e foi um período em que teve boa fortuna. Num estilhaço que queria possuir, havia muitos animais. Na verdade, foi um período em que as pessoas, por causa do seu interesse por animais e pela sua posição, até serem justos, conseguiram formar o seu próprio jardim zoológico privado. E então, estava particularmente ligado aos animais. A própria parte nesse acontecimento é o próprio facto de, há séculos atrás, o seu pai, naquela idade e tempo, ser um homem que foi levado a partes do mundo, e trouxe de volta muitos animais, que foram levados para o seu próprio país. E eram mantidos nos meus braços, ombros, pescoço, pernas, e agarravam a sua casa. Outra razão, estava muito ligado aos animais. Do zoo, e ao animal. Pode ter visto uma encarnação que tinha vários macacos. E havia um urso. Não, não sei dos cães. Há gatos, há pássaros. E é uma grande alegria ir. Ainda pode ver isso nos animais, cavalos. E na verdade, deve ter sido muito uma cavaleira. Sabe, encontraram os animais. E de facto, pode ter muito a ver com o seu pai. Na verdade, pode ter ido à caça. E naquela idade e tempo, caçar era uma parte muito importante da vida animal. Mas sabe, mantinham isso sobre a caça. E pode ter de passar por algumas das coisas que eram mais caras de fazer. E foi ao parque do zoo e teve uma juventude altamente sensível. E estava feliz com isso. É uma motivação, uma natureza de estatística. E foi muito útil ao zoo. E desenhou muito. E muitos dos pendentes e terraços. Tive as intrusões do resto da juventude. Tive o território por lei no território de todos para a ciência. E de acordo agora, claro, no início do século XVI, estava a falar do período em França. O que é? A forma como era. Há um facto que chamam por lei. Por lei? Estava na sua própria posição. Vêm ter comigo. E casou-se com uma mulher de nascimento, de grande posição. E casou-se com ela. Estava nesta encarnação de juventude. Mas porquê você? Sim. O seu nome. O seu nome era Luís. Sim. Ou Louis. Bem, então ele dá o nome do brasão de armas. Nasceu e por esse nome de Louis. E era um condutor Louis. E casou-se com uma mulher cujo nome era rector. E ele era rector. E ela era o resto da criança na mulher. Jovem, o casamento oficial de Louis XVI. E isto é uma coisa comum. Casamentos arranjados justos. Ela foi forçada a ser a criança do rapaz. E casou-se com grande confiança. E foi casado em casamento. E não sei quão pormenorizado isto é. Posso dar-lhe ou quanto pode confirmar à medida que lhe digo. Que o casamento de Louis XVI, porque este é um período de tempo que não está assim tão longe de nós. E também, o nome de família de Louis XVI era muito importante. Oh, é um crime. É um crime. Há vários grupos terroristas. Alguns grupos desenharam isto para uma mulher. E um abraço. E devo fazê-lo. Muitos desses grupos existem. Havia um belo retrato de Louis XVI também. Há um jovem. Tinha cerca de 18 ou 19 anos. E até esse retrato em particular ainda existe, há um velho. Oh, sim. Num rosto envelhecido. Tinha um irmão, chamado homem em casa. E estava a morrer com uma arma. O que o tornou herdeiro destes estados para defendê-lo. E não foi disparar o fogo. O seu irmão tinha uma posição muito alta de 18. Sem tribunal. E era frequentemente visto no tribunal. E de facto, era frequentemente conhecido. Já o tive consigo numa equipa. E é menor de idade. E então era muito. A sociedade tardia, suponho, naquela altura, era um grupo muito bom de pessoas. Quando digo um grupo bom de pessoas, disse que era certo por eles. Mas havia uma grande morte. Pessoas que morriam na presença de pessoas, que tinham um número de deveres. Também estava associado a isso. E nós... Há uma conferência nesta altura. E ele viajou para a Holanda para ser queimado. Tinha de saltar lá. E depois levou um dos saltos lá. E conheceu-o. E ele era muito atraente para ele. E Hector não tinha encontrado um fantasma na altura do dia que estava na conferência. Mas quando o encontrou, tinha um arranjo para atrapalhar.

Esperei por Deus no estado para a vida de alguém. Para a vida de alguém, para os filhos de alguém. Penso que não foi uma coisa boa para mim e para os amigos dele. E tivemos esta semana, penso eu, eventualmente para mim. E foi uma data muito próxima em que os investigadores que desenvolveram, que poderia acabar aqui desde então. É um termo sempre falso, apenas em questão, morreu no parto. E você fazia parte de uma criança. Mas ele tinha muita, muita fé nele e criou o estado de palavras. E nesta altura, o que devemos fazer? A diferença. E a fortuna em primeiro lugar compromete-se. E trabalhou com ele, chamado o público, e o tribunal. E depois disso, morreu nos seus estados. E foi ter comigo, mas havia um homem e morreu lá nos seus estados. E a sua esposa, que parecia fazer uma encarnação líquida em que todas as pessoas da sua esposa faziam era música. Vá. Isto é o que espero que pense. E a sua ideia. É um marido tardio? Não. Mas isto. E aqui, parece orgulhar-se destas coisas estranhas num certo sentido de culpa. Numa frase. Foi enredado num sentido de culpa desde que sob o controlo da sua cabeça. Pois será nesta pequena coluna hoje e acrescentará isso a todos vós que apanharam e ficaram para o vosso não vos amou. Embora o casamento como casamento espere e tais circunstâncias determinem o sucesso, não houve grande sentimento profundo de dúvida ou profundo emocional apaixonado. Sim. Na verdade, numa mudança muito segura, desenvolvendo-se para uma fricção mais profunda e depois é uma coisa interessante para mim, ao ver para trás nas suas vidas, entre esta associação e as coisas que se realizaram, que isto deveria ter sido por si mesmo. Mas a mulher que não é a mulher por quem está tão interessado. Sim.

Eu queria começar assim. Sim. Então, sim. Sim. Mas ela foi enviada por um tempo para se lançar como investidora. E então como pode... e penso que é bastante interessante que o tribunal lá. E então, fora, enquanto olhamos nesta mais tarde na condição. Como tem a surpresa desta, mesmo mais tarde na condição, terá uma rede subaquática e outro homem e isso ao longo da forma e outro sexo e também talvez eu lhe disse não é esse o meu donde sentimento entre as pessoas que quando eu sei que está em falta e meu e eu sei que está em falta gravações que lhes chama porque as divide e tenta juntá-las e tenta e diz exatamente tenta tenta chegar à verdade e se são difíceis ou se são significativas estão a receber quando tentam chegar à razão de porque é que está atraído mas então deveriam ser ditas a si quem será o melhor para os servir sabe que enquanto as pessoas às vezes se sentem atraídas por outras pessoas isto é porque está a encaminhar-se e está a encaminhar-se para outros reconhecimentos e está...

Lucillus17
Claro, aqueles que tiveram muitas interações, que progrediram para fazer pausa, dood, pausa. E você diz-me que por vezes aqui, por um período de ajustamento, chame-lhe o "fishroom" se quiser, chame-lhe vitalização, chame-lhe o que quiser. Há um período certo, talvez do ponto de vista terreno, fosse de 100 anos. Mas o tempo de Deus era realmente apenas melhor do que a necessidade. Não necessariamente para si mesmo, mas pela necessidade de regressar à vida para ter a oportunidade de servir, completamente dominado e totalmente alheio. E muitas vezes, quando pensam que são sábios sobre coisas espirituais, fundamentalmente são muito prestáveis. E depois, para um, para estimular esta realização, toda a vida está constantemente a fluir, constantemente a mover-se, nunca cessa de ser. E mesmo com tanto de nós próprios, pessoas que são os nossos novos "eus", têm pela própria natureza de serem através de reconhecimentos positivos e reencarnações, e a intensidade altamente desenvolvida de realização, até menos às vezes. Porque agora, não há razão para ter, num certo sentido, porque deveriam estar mortos, e não deveriam estar mortos do ponto de vista. E ainda assim, para a mais alta vida espiritual, há uma boa razão para que estejam mortos. E isso é, podem, uma fração da existência de dor nisso, dar algo de grande valor a essa geração de época, talvez para dar um exemplo, ou partilhar com o caminho que se perdeu para muitos, todos os grandes mestres e profetas e irmãs, todos os grandes líderes religiosos. E refiro-me àqueles que geraram

com intercessão no sentido mais alto, se não tivesse estado lá, até agora, nas histórias. E todos os que vieram nas fases iniciais com grandes verdades, que em si mesmos tinham grande discernimento e simplicidade, e que em si mesmos muitas vezes sofreram muito materialismo, e iam dá-lo a si próprios, para virem aqui, e estarem na Terra. E vi a verdade, alguns dos ensinamentos de Jesus, por exemplo, não viram que ele próprio era uma reencarnação, que sem dúvida voltará a estar morto outra vez, possivelmente para ter. E é por isso que ele disse, aos discípulos, que é só que ele não estaria morto. Seria uma questão de tempo. Claro, muitas pessoas ficam contentes por saber disso, isso é feito por nós, usamos apenas uma inspeção para sair do céu, e a lágrima de forma e figura, e o mundo que pretendemos, isto é feito em deputação. Se vê, nós até sabemos. E leva sempre tempo, por vezes, para nós lermos, até nos conhecermos, quando estamos lá nas mentes, leva-nos muito tempo a estarmos dispostos ao ponto em que não conseguem entender. Essa é a razão pela qual, como bem lhe disseram no passado, teve de esperar para ser paciente. Porque várias coisas foram deixadas? Porque eu sou, e então chegou ao seu fim, os vários tipos de nomes, que é o mesmo que o melhor, quer lhes chame "mushroom", quer lhes chame uma série, ou viverão, como pode ter vivido por, ainda é o mesmo eu. O nome é um importante. Sim, e é bem verdade, não é? Qual é o problema? Se alguém vem até si do lado da prática, a coisa mais fácil de fazer é cortar tantas vezes, e eles passam e dizem, o meu nome é Jeremias. Bem, diz, sim, Jeremias, e depois pega num Jeremias qualquer, e depois aceita Jeremias, e todas as coisas de Jeremias assistem-no. Mas se viesse e dissesse, o meu nome não é Jeremias, mas o meu nome é Sexto. Pensa que porque iria pegar nisso e ir embora e dizer Jeremias, espere por estes que lhe damos nomes. Às vezes os nomes são realmente os nossos nomes, como já nos chamaríamos, nessa encarnação em particular. Às vezes para indivíduos com quem estamos a comunicar, e depois agem para suportar algumas instâncias de perturbação. E porque percebemos que são curiosos, têm de ser ensinados a regular, a dizer ao mundo como caminhar. Podemos ouvir isto de forma segura, e ser fácil para eles, e porque podemos alcançá-los melhor, mas depois para dar um palco, chamamo-nos isto, chamamo-nos aquilo, os nomes não significam nada duas vezes. É o que somos, o que nos tornámos, e o que fizemos de nós próprios no processo de evolução, e a nota que fizeram parte de certas coisas deve ser trazida até uma verdade básica. E sabemos que disseram para ensinar a criança que recebe, e quando chegamos a alguém que progrediu no processo de evolução lá, podemos adotar uma atitude mais adulta, e podemos, em consequência, assumir que ensinámos a nós próprios que não há necessidade de mostrar, e podemos então discutir que não somos mais evoluídos e inteligentes do que nunca. Mas sempre tivemos de depender dos indivíduos que procuram descansar e dizer nisso, mas nós próprios, que temos de assimilar muita verdade, e por isso temos de lhes dar a verdade, que estamos vivos, que estamos tão fascinados, e assim esperamos por eles para esse tempo particular, para que possam resistir na escuridão, que quando um homem teve uma vida liberal, precisa de perceber, e ele ainda lá está, e é realmente percebido. Há as suas coisas, que gostaria de partilhar, mas também com o mundo nas nações que viu, nos lugares em que entro, o mundo escurecido, a vida liberal vem de uma crise, e muito rapidamente começa a ver a forma do mundo, talvez vagamente óbvia, e deseja que os seus olhos sejam fortes e que a luz seja melhor do que consegue ver com a bola. Por isso isto perguntará quando temos de ter certeza de que temos de esperar, e de nos movermos e começarmos a discernir esta verdade mais respeitosa, se eventualmente pudermos melhorar uma aresta das nossas mentes, então poderá ver mais claramente, e não se manter mais totalmente erguido, e gradualmente podemos conduzi-lo para a luz plena, acredite que traremos luz plena a um homem e trabalharemos muitos anos no mundo escurecido, e cegá-lo-emos, e seremos capazes de ver se faríamos uma possibilidade mais difícil, se ele próprio faria como nunca veríamos, se pudéssemos expor e aceitar cada um parte disso na escuridão, assim

beneficiaremos e faremos isto com esta verdade. Não, há tanta verdade em toda a verdade, nas descobertas de toda a verdade, e a mesma coisa é que tantos se desviam imediatamente destas verdades, o que, num certo sentido, é sair, a base de toda a verdade, em todas as verdades a que uma luz criminal foi dada, e começou a ter alguma da iluminação moral de outros, e não há dúvida de que perceberam que a deram, e que nem sempre seriam bem recebidos, e em muitos casos houve tal das consequências, e homens, e assim por diante, arriscaram interesses, os homens preferem muitas vezes crescer na escuridão, e se acreditarmos que a luz criminal tem medo disto, mas então terá de se libertar da sua infância, e de permitir prestar atenção, e servir, como lhe disse antes, está sozinho, então imagine este discernimento vem de bem dentro de si, profundamente enraizado, e nem sempre está totalmente consciente destas coisas, num certo sentido disso, e ser atraído por estas verdades, que sei, numa posição, e dar-lhe muito tempo e ir, há muitos anos atrás, que passaríamos realmente uma fase diferente, prestaríamos interesse na necessidade de discutir encarnações, e senti então, 90-20 minutos antes, que não era totalmente culpa sua, era muitas vezes culpa das condições, de outros, com eles próprios que estão preparados e podem não ser vistos numa relação, eu sabia que tinha de esperar até tal altura, em que quebrámos algumas barreiras, fizemos mudanças, eu sabia que tinha uma certa medida de algumas desilusões, e estas coisas não poderiam ter sido evitadas, e certas coisas poderiam ter-se desenvolvido em certas direcções, que poderiam ter sido benéficas, mas está construído para outros, mas os seres humanos, e temos de lidar com eles na Terra, são muito, muito evidentes, definitivamente, e temos de acreditar em mudanças, e de facto, temos de ter certas experiências, tornadas possíveis para si, que são necessárias, e para outros, temos de o trazer a um ponto, onde soubéssemos então, e só então, que tínhamos de progredir, por vezes, materialmente ali, coisas da mesma escuridão, há muitas vezes a parte mais escura, o vislumbre de luz começa a brilhar, e sinto a calma, a aparência confortável, mística, e estamos a aprender por lá, o nosso caminho, onde todos nós estivemos, deste maravilhoso, a nossa técnica, fizemos, sem qualquer dúvida disso. Eu não estou, disse-lhe, quando passei por esta experiência maravilhosa, para ser certas coisas, o que foi você, certas coisas que sabia, com a sua mente clara, sem benefício, com a sua compreensão do mesmo, claro, no mesmo, e no mesmo estado, e à medida que continuo, aprofundo-me mais nisto, e isto será dito, que sei, que pelo menos estará certo disso, enquanto eu não estou, mas para aqueles que ficam para trás, não faz sentido, não faz sentido, melhor dizer muito, porque essas coisas acabarão por alcançar. Claro, no mesmo estado, esta coisa boa com o médium, não é para si, uma feira, e para si, completa e absolutamente, e rapport, como se fosse connosco, nestas coisas. Claro, penso para aqueles que acreditam, cooperativo, e que estamos totalmente cooperativos, não podemos esperar que tenhamos de fazer, sobre isto é onde nós, porque às vezes, não entende totalmente, não queremos, de qualquer forma, mente para influenciar, onde entre tentámos passar, e se a mente dele fosse outra, ele seria como a ovelha, o pai está a viver com ele, não mexeria com uma coisa tão boa, recearia ter uma boa oposição, e é o tipo certo de oposição, recearia ter uma boa oposição, e é o tipo certo de oposição, recearia ter uma boa oposição, dizer que foi consigo, e às vezes, era o mesmo, se não entender bem, e me perguntar em dez perguntas diferentes que tivemos, naquele momento mais tarde, foi uma dúvida que veio até si, e durante anos, devemos ter, confiança total, fé total, e aqueles que tenho que isso vem de si próprio, penso, encontrá-lo-ão, para além do que ele diz, para os seus começos, penso, penso, e penso que ele sente, até certo ponto, até certo ponto, penso, porque sabemos que tudo isto é Jake Blount, o espaço que poderíamos ser, ou, como ele gostaria que o fizéssemos, normalmente, como digo, temos de ser assertivos, temos de preparar o caminho, temos de sentir, e devemos mostrar que o caminho é puro. Não queríamos que soubesse demais por nós, porque seria para todos nós, na verdade, porque viemos do ontem, muito real, vamos passar agora, e depois, pedir o tempo,

fisicamente, e tenho a certeza de que, nos próximos meses, significará que será em benefício, mais uma vez, e depois, para as cidades, mas para a força e o poder espiritual, tem sido trazido aqui, e tem sido trazido para agir sobre eles. Sei que devemos assumir o mérito, e direi isto, e não é exatamente uma intervenção minha, um dos benefícios do certo, mas quero dizer que sinto que, sem essa força, esse poder, que é até raro, que foi colocado sobre si, para nós, durante alguns meses, não poderia possivelmente continuar. Por outras palavras, prolongámos, se escrever, a sua existência física material, por várias razões, nenhuma delas, uma principalmente, porque queremos que beneficie destes cidadãos, da experiência do conhecimento, ou da transmissão, para que, orientação e consequência, eventualmente, também o beneficiem. Mas então, então, através destes cidadãos, então, estes acontecimentos não devem ter quaisquer noções sobre as nossas necessidades, porque, embora eu quisesse continuar esta teia, enquanto for possível continuá-la, não quero que sinta, em certo momento, que ele pode começar a usar o cinto, quero que continue, claro, e quero beneficiar destes cidadãos, obter o máximo através do conhecimento e experiência, que eventualmente possam ser publicados, para que isso me faça beneficiar, ser ajudado. Por favor. Não sei se sente que ainda estou a tentar transmitir-lhe isto. Pode dizer algumas palavras? Não sei. Não lhe direi, antes, falo com sinceridade, digo sempre, tenho mesmo que estive aqui para o encontrar, que trabalhei com e servi, e prazer a sua mediunidade, e a sua boa saúde. Sempre estivemos preocupados com o seu companheiro companheiro, porque percebemos que chegará uma altura em que ele poderá não ser capaz de continuar, com grande saúde, com estes poderes que pesam, com excelente saúde, e, em consequência, queremos fazer o máximo possível do que nos é possível fazer. Não. Sim. Bem, está vivo. Temos certeza disso, porque, poderia o tipo de velha raposa que providencia, que sabe enquanto está vivo, ele deu tudo o resto mas doente. Ei! Eu não posso, eu não posso, eu não posso, eu não posso, eu não posso, eu não posso, pelo menos, tenho certeza, posso respirar assim, e não falo por mim, falo por este ano, tenho certeza, que enquanto estiver de boa saúde, enquanto for capaz de se sentar, e acreditar, e receber uma palavra no estado, devemos ser capazes de continuar. E, se pudermos, para mais uma noite, na semana, será capaz de saber, as nossas verdades, que, se algum dia até hoje, podem ser anotadas, e colocadas em forma de livro. Sinto que chegarão a milhares de pessoas, e ajudarão muitos, podem não necessariamente convencer todos, o que ajudarei nesse sentido. Mas sentimos que, enquanto o tivermos, podemos trabalhar, podemos continuar, mas sempre senti que você, você, não continuará nesse nível espiritual. E, bem, o médium, possivelmente através de um certo sentido, é a natureza material, teremos de continuar, também, até certo ponto, será de outra ordem, será o tipo habitual de cidade, para o tempo das pessoas, para o tempo dos anos, sinto que talvez não tenhamos as oportunidades que temos consigo, de falar, sobre a eternidade, a natureza, o nível espiritual. Vejo, não de novo. Entende? Sim, entendo. Na verdade, se acontecer alguma coisa consigo, não acho que o médium, sim, de facto, entendo perfeitamente, em certos sentidos, se acontecer alguma coisa consigo, o médium terá de continuar também. Tem de continuar, noutro período de base, e também, ao mesmo tempo, provavelmente não sentirá, descobrirá, que terá de desistir de um médium por semana para filosofia e ensinamentos, ficará mais preocupado com aprendizagens de visão, para construir este dia um pouco, por isso, enquanto estiver vivo, temos certeza de outra oportunidade de falar com algum sentido. Ah... Ah... O que... Para ser honesto, digo uma cerveja, peço sempre para o manter de pé como nãooooo, se possível. Ah...

Stockton, querido, lembro-me do que me disseste, o que queres dizer? O que queres dizer? Hmm? O que queres dizer? Lembro-me de dizer, estava a ouvir-te, mais uns anos, e isto possivelmente na Terra para ti, o que estás a fazer no inferno, estou a implorar-te, sabes, eu sou bom. A única coisa que mais me preocupa é o bem que pode ser feito através de ti, o qual

possivelmente não conseguiríamos fazer, se estivesses na Terra para o tornar possível. Digo muito mais uma vez. E temos de enfrentar os factos, já disse antes que o médium não está a ficar mais jovem, nem teremos mais saúde, mais saúde que possamos dar-te. Mal podemos esperar, porque sabes, a vitalidade e a força, psiquicamente, para continuar de diferentes maneiras. Por isso, costumávamos fazer o melhor que podíamos, bem, continuamos assim. Minha irmã. Não acredito nela, minha mãe. Bem, espero que sim também. Sejas tudo o que possamos ser, e penso que é honesto, quem eu disse, quem olha para trás nestes anos passados, ele foi cuidado, esteve a morrer, esteve com saúde, nunca foi esse amigo, nada foi muito importante. E tenho a certeza absoluta de que nunca será isso. Mas ao mesmo tempo, vais sentir que quando estiveres totalmente coberto deste lado, continuarás, até certo ponto, no nível mais elevado possível, e gostaríamos muito que não nos tirasses a oportunidade de sair ao nível a que agora nos habituámos, e perceber possivelmente que uma certa quantidade de trabalho terá de ser feita num nível diferente, pois havia necessidade deste grande, entre o que, como disse, estava a dizer, para receber, e temos de ser enviados para a China, para captar a vibração da liderança, neste nível, pelo qual não podemos, por todas as razões de serviço, fazer o trabalho no nível superior, o qual beneficiará toda a humanidade, não apenas alguns, mas todos, como desejo, como ouço, como presto atenção, nas nossas casas durante anos, e somos gratos por estar a fazer isto. Queres continuar isto? Portanto, esperamos que vivas talvez um dia. Sinto, para o último, bondade. Podemos ser... A nossa marca, estamos a alcançar isto, mas não olhei para a marca como um anjo. Não sinto quando estás a servir, quero dizer, nunca fui o mais bondoso, mas temos de enfrentar o facto do tempo no Egipto que temos agora, está mesmo silencioso? E eles não vêm todas as semanas ou todos os anos. E temos de proteger de Deus e do melhor que podemos para manter este caminho da verdade. Muito. Então, mantemo-lo. Devemos ter 90. Ainda podemos estar em local, conseguimos passar. Mas, quando a história da minha geração e eles não fizerem esforço suficiente, se ele viver na Unidade, pensa por 80 ou 70 ou 60, quem sabe, quem dirá a fase do processo. A sua saúde melhorou quando ele estava e queria continuar ele próprio. Vamos manter-te a seguir. Sim.

Há seis anos, fomos capazes de o conhecer. Sabe. Nunca lhe pedimos que fosse impossível. Não. Eu não. Sabe, posso dizer, nos benefícios, que salvam um número incalculável de pessoas da mente, através do nosso trabalho, através deste instrumento, há milhares que fizemos abençoar-nos, não para pedir bênçãos, mas pedimos, em troca, cooperação amorosa, não pedimos gratidão, não pedimos nada, como vive aqui, para aqueles que se importam, para nos ajudar, para a disponibilidade de espalhar esta verdade, acima de tudo, espírito, nesse nível, que estamos tão desesperadamente ansiosos por fazer o que damos, não queremos o vulgar e o comum, não queremos o materialismo da mentalidade violenta da Terra, queremos que isto se quebre no vosso mundo ao nível que foi destinado, apreciamos, naturalmente, a necessidade de prova e da evidência de conforto para aqueles que vivem, mas para além disso, é uma realização maior da verdade, que afeta toda a humanidade, e com a qual todos estamos preocupados, que tem todas as partes importantes, a evolução do eu, do plano mais elevado possível, de existência mental e espiritual. Aqueles de vós que estão ligados a nós por tais laços, como já disse antes, muitas vezes, associo isto a si neste trabalho, estou nele, o combustível que estreitou, até certo ponto tem alguma realização desta verdade, acredita e pode não perceber ainda totalmente a sua importância, ou onde a colocar, e há outra coisa que temos de impulsionar, e temos de tornar mais claro para eles, para que sejam uma cooperação formal e alguns deles de facto são nos momentos, e, claro, temos de, em alguns casos, na medida do possível, chegar até eles, das suas intuições, e vender-lhes, dos sentimentos, os enganos que têm, que são prejudiciais, não só para si próprios, mas são prejudiciais para os outros à sua volta, ou por eles. Por outras palavras, o objetivo é trazer ou tentar trazer mudanças para certos

indivíduos, e para si, para começar, porque está de alguma forma associado a nós, então ainda não percebe totalmente, e temos de os mudar, e o que ainda não são, sobre muitos deles, está muito bem, e entranhado, e está fora disso, e isto está fora do corpo, a dizer ao rapaz que sente a sua grande promessa. Este.

Há estas 41 relíquias, e ainda há muitas, há o teu amigo, que está escondido. Oh, eu não. Oh, sim, é verdade. Achas que é uma coisa impossível, não sentes que é possível perceber que todas as coisas são possíveis? Não sugiro que haja um certo jogo para estar ativo nisto, no sentido de se tornarem médiuns, ou até se tornarem tão interessados neste assunto, que irão necessariamente abandonar a sua própria forma particular de religião, mas antevejo que, em alguns destes casos e situações, faz parte do nosso dever ajudar a mudar a sua natureza, ajudar a mudar certas partes dentro deles próprios, que são prejudiciais a esse desenvolvimento e ao seu crescimento. Sim. Sim. Sim. Gostaria de poder estar com esses hoje. Há tanto bem, em tantos, e há certos fatores, que infelizmente os prendem de avançar, para que eles próprios pudessem ser libertos, para dar um passo que poderia verdadeiramente ser espiritualmente avançado, pois alguns sabemos, uma criança voltará à Terra, e não importa quantas vezes já o tenham feito, estão estáticos. Já disse que não existe tal coisa como ser estático, mas com isto quero dizer, que não há erros. Há, até certo ponto, mudanças que de facto devem acontecer. Mesmo que estejamos, no dia, nessas mudanças subtis que não percebemos, há certas partes, que dizemos na natureza de alguém, na constituição de alguém, de acordo com o que se sabe, que não parecem mudar. Há uma mudança subtil, mas mesmo assim, parece que não mudam. E é por isso que, do meu lado, muitas vezes falei, num sentido muito desenvolvedor, muito fortemente contra religiões, quando são ditas firmemente fixas e implantadas, não a verdade fundamental da religião, mas os muitos aspetos que muitos de nós dizem estar construídos em torno, construídos em torno da religião e da verdade da religião, e, em consequência, endurece-se a si mesmo, muda-se a si mesmo, mas não pode mover-se, não terá certeza, diz-se, quem é descrito, quem é descrito. É como se estivesse preso, de uma forma que sente, não pode mover-se para além disso, e este ponto focal é esse, manter o cérebro da religião, que pode servir, ninguém à volta, porque além disso, é onde o cão da carne, que pode ir até certo ponto, pode ladrar com a cabeça erguida, não pode soltar-se, não pode mover-se, pode andar em círculo, pode ficar preso e amarrado, não consegue mover-se sozinho, pode ser rasgado, não consegue mover-se sozinho, não pode ser rasgado, não consegue mover-se, não consegue mover-se sozinho, não pode ser rasgado no círculo, não consegue mover-se sozinho, não consegue virar-se, não pode ser rasgado no círculo, não consegue quebrar, não pode ser rasgado, não pode ser rasgado no círculo, não pode ser rasgado no círculo, não pode ser rasgado no círculo, não pode ser rasgado no círculo, tem de acontecer, tem de acontecer, tem de acontecer ali, mas é claro que há, claro, por vezes, ser independente, de facto exige grande paciência, há certas coisas que deve tentar fazer, ter tarefas a cumprir, pois está relacionado com todo o cuidado que isto, para si, é claro, levou a tarefa até ao fim, pois tinha todas as suas necessidades, pois teve força, e pois teve dois desafios, e para si estava a construir assuntos mais importantes, que lhe... para si... eu disse-lhe que em ocasiões simples cobriu este ano fora de tempo através de serviços que não pôde evitar, choques de natureza religiosa, e fizemos isso, claro, novamente para as condições sombrias quando a religião não era em si usada como uma arma ainda mais do que é hoje de poder político, e quando também, por vezes, no passado, como consideravam de alta educação religiosa, e discriminação — gostei de ti porque não os pressionarias nas suas crenças — eles trariam a tua queda. Isto é o céu de Cristo, sabes, de Deus para alcançar, sim, para enraizar, para alcançar, para saber como alcançar, como tu estás aqui agora, a trabalhar uma salvação. E isto, sim, tivemos uma razão para que estivesses em grotesco, para teres uma razão para vir de novo, para que pudesses, em certa medida, ajudar a libertar-te, porque este pobre instalou-se como

alguém que se instalou, prendeu-se, mudou-se, não só fisicamente mas mentalmente, sim, essencialmente. Foi muito excelente que tu ou ela estivesses em contacto contigo, e sei bem que foi terrível saber dela — disseste "oh sim, gosto de a ver" e assim por diante. Por outras palavras, outros tornaram possível que se juntassem, e o ponto é este: foi apenas o meio mais fraco que foi usado para que a pudesses alcançar e ajudar, e até certo ponto já estás aqui, mas ainda há muito que serás chamado a conhecer e acho que podes fazê-lo. Mas não penses que isto é só o remédio para a mudar e simplesmente persuadi-la, porque isso é um lugar a partir dos ossos de... Assim que isso for possível, ela encontrará uma nova felicidade e uma nova paz e começará então a desenvolver-se. Há ali muito que é bom, mas só é feito de determinadas formas descritas. Não estou a dizer que não seja exatamente onde estive, sei exatamente que ela tem muito a aprender e tu tens, até certo ponto, onde quebraste as correntes e a encontraste, pelo menos ela dirá que vieste para a fazer, e gradualmente ela está a começar a fazê-lo.

Compreendendo ainda, criança que és, não apenas o que viste, és muito mais do que isso — foste uma inspiração, não só para partilhar mais o caminho dela, foste uma inspiração, mas nesta encarnação ajuda aos teus olhos no que diz respeito aos teus amigos mais próximos e conhecidos, alguns dos quais encontraste nesta encarnação pela primeira vez, mas a maioria deles já conhecias em encarnações anteriores, e eles estão a trabalhar, até certo ponto, a sua própria salvação, e tu, em certa medida, em alguns casos, a Terra é o lado por um pouco mais de tempo, não porque queiras, mas porque é bom para ti, mas o que é mais importante, porque é bom para os outros. Vês, isso poderia ser apenas uma brincadeira muito maior esta noite, mas não é possível que venha de novo assim que surgir a oportunidade, e dar-te-ei mais, e agradeço-te por teres sido permitido tratar, e não te darei se tiveres qualquer — ou servir-te ou servir...

Estão em poucos, dependendo mais de ti, e tu tens sido capaz de mental e espiritualmente tomar consciência do mundo ou das realidades da vida verdadeira e do viver verdadeiro, e através da compreensão das coisas espirituais poderás vir completamente, virás completamente a ter, sabes, as mesmas sementes que neste momento viste muito pouco do fruto, mas precisarás de ver qualquer fruto que muito te agradará, porque ela significa a tua saúde — mais do que isso ainda perceberás, verás muito disso. Da próxima vez que o fizeres, concentrar-me-ei nestes dois grupos de pessoas, principalmente em ti, e porquê és um serviço associado e de que forma queres um sistema de ajuda para contribuir para o bem-estar delas, a vida espiritual, e considero as coisas materiais e as necessidades espirituais de uma forma que compreendo como podemos e porque não ser também da minha conta. E ver-te-ei de novo em breve e não te preocupes porque estás a ficar bem, e tratei disso, não quero que voltes a ter ainda, e estou a fazê-lo de qualquer maneira, e queremos que fiques tão normal como queremos que fiques, mas nunca esperamos que fiques se não acontecer ou se a tua saúde estivesse tão má que seria terrível para ti estares aí. Cuidaremos de ti e guiar-te-emos de uma forma que possa contribuir especificamente em todos os sentidos. Quando fizeres porquê, não apresentes a ninguém — digo-lhes, se fores...

Lucius Nº 6, 24 de Agosto de 1962

Boa tarde, boa tarde, adeus para uma rápida visita de recolha de Andion. Oh, boa noite, Sr. Então, por favor, caminhe humildemente pelas Filipinas. Deve perdoar-me, esta é a melhor parte, e permite-me recolher os meus pensamentos. Assim, se me permite, apresento-lhe uma imagem mais clara e vívida das coisas que são tão importantes de saber e que nos últimos emails tenho tentado descrever certos aspetos e condições, os lados passados dos quais todos fazemos parte. Sei, claro, que a grande dificuldade deve permanecer na mente de muitas

pessoas do nosso lado para aceitar esta verdade, para conseguirem ajustar-se à ideia de reencarnação ao longo de um longo período de tempo, e ainda assim para mim é o melhor que tantas pessoas achem difícil compreender e aceitar. Que a reencarnação de Deus significa como chegar a ela, o crescimento e o desenvolvimento do ser humano através dos braços do tempo, através de muitas etapas e muitas condições de vida. Quando o homem pensa, no sentido material comum, no desenvolvimento da raça humana e, de facto, no desenvolvimento do mundo em que vive, não tem dificuldade em aceitar o facto. A vida, tal como a conhece, tem sido muito cruel nos estágios da evolução durante eras e eras de tempo. No entanto, quando o homem começa a pensar no desenvolvimento do eu humano, tem dificuldade em compreender, possivelmente porque é mais fácil para ele perceber o desenvolvimento da vida humana tal como a conhece. O desenvolvimento do ser humano através de gerações e gerações ao longo do tempo não o faz perceber que a evolução do eu é igualmente — e mais ainda — importante do que o desenvolvimento da raça humana como a conheces hoje. Afinal, a humanidade desenvolveu-se desde os seus primeiros estágios até algo que hoje é reconhecido como homem, mas antes, muito antes de ser reconhecido como homem, era um — e é por isso que eu era admirado por ele. Desenvolveu-se, cresceu e mudou em consequência, e à medida que a estrutura física do corpo do homem mudou, também é essencial que mude no futuro do ponto de vista do Espírito, pois o Espírito do Espírito tem de mudar. Deve ter maior compreensão e maior realização da importância da sua vida e expressão. É por isso que, do nosso lado, particularmente, muitas vezes achamos difícil entender porque é que, em massa, se gerem a sua vida mas não conseguem ajustar-se à ideia de desenvolvimento do eu — o homem em si mesmo, em apenas alguns anos de cada vida, não pode possivelmente acumular todo o conhecimento, toda a experiência, para transmitir as coisas que deveria fazer para progredir espiritualmente sem regressar à vida numa nova forma, podendo até ser do sexo oposto, a energia deve ser a mesma, para que possa ter novas experiências, novas ideias, novas oportunidades. Assim, ainda poderá ser capaz de passar por todos os desenvolvimentos essenciais e necessários para esta provisão geral e abordagem — é por isso que esconde tudo isto. Consegui completá-lo, juntar tudo, tantas vezes, tantas vezes. Porque experimenta tanto? Para que possamos alcançar o desenvolvimento completo e o desabrochar da nossa experiência espiritual no sistema. A alma, em consequência, pode tornar-se emigrante, a sua vida, e assim pode afastar-se completamente das coisas materiais, porque tirou, por assim dizer, da Terra tudo o que precisávamos. Pois a vida terrena é, afinal, o canal através do qual todos devemos passar, e muitas vezes preparar, interlúdios ou o seu estado para experimentar coisas naquele ambiente particular, que não poderíamos ter ganho em conhecimento de anteriores. Quando falou da sua própria encarnação egípcia, ou de uma encarnação de cinto, ou de uma encarnação individual, ou de religião — é a encarnação em que você mesmo, ou como pessoa associada ao terceiro quarto, não morrerá como a sua mente, qualquer que seja o desejo, em quê, em que a sua vida, e aqui está outro para o crepúsculo, cada um, para uma secção, e isto para se referir a si, a todos os interessados. Na verdade, enquanto a vida a viu bem, os capítulos vão avançando, e cada capítulo tem o seu conteúdo e propósito completos, e só apreciará plenamente o todo do livro quando tiver passado pela sua memória em capítulos e tiver reparado, e anotado, isto são jóias, e as experiências, a memória em crédito que não é só sua, tem uma cópia completa do antigo, quando o livro se fecha, e pode saber muito mais, e a história foi, até certo ponto, contada. E há sempre a possibilidade de o livro ser lembrado e os novos capítulos começarem, na vida daqueles por quem esteve mais interessado no primeiro livro, pois é verdade que as nossas vidas são como capítulos de livros, e as experiências estão contidas neles, pois é de facto esse o valor de lhe dizer — o livro da vida é simbólico, claro — em todas as religiões estas verdades foram pregadas e às vezes suprimidas por gerações, alguns não gostam da ideia ou têm medo dela, alguns fazem-no sabiamente, e essas coisas, e claro, pela grande maioria materialista dos antigos povos, serão encorajadas apenas como um crescente, porque não lhes agrada, não temem demasiado o que há dentro da vida, e isto, claro, aconteceu tantas vezes, mesmo sem um grupo. Tiveram orientação, quando nos foi revelada

grande sabedoria, e na nossa certa existência fomos os melhores, impressionados com estas verdades, e na verdade quando ficámos tão contentes em considerá-las, mas eram muito inteligentes onde estas verdades foram suprimidas, e muitas vezes tivemos de correr grandes riscos para continuar, para descobrir, e houve momentos, claro, em que nunca fizemos o suficiente para entender estas coisas de que falamos, as nossas experiências, que nos fizeram desejar as nossas vidas, e quero especialmente que percebas o quanto a tua vida foi enriquecida por estas verdades, como te dá mais do que nunca uma liberdade de pensamento, a liberdade de expressão, como faz com que tenhas superado muitas das vicissitudes até desta prisão, em parte, em que te encontras, e como isso tem sido aplicado sobre ti de tal forma que pagaste por isso, não só por ti, mas outros em consequência, para que possas olhar à tua volta, de tempos a tempos, como o farás, com o coração angustiado, para aqueles da tua vida que não aceitarão esta verdade, que parecem tão ansiosos por a evitar. Quero que percebas que tens servido este significado aqui e ali, que um dia dará fruto. Da última vez falavas de incandescência, e hoje foram tempos, e hoje, os tempos de abortos, os tempos, de facto, em muitos aspetos, de uma onda de iluminação, pregos incertos, para aqueles que estavam nesse estado, uma vez que não ganharam através da vida perigosa, porque também tinhas certos pregos, mas também tinhas riqueza e poder, tinhas olhos constantemente em perigo, e ainda assim havia quem como tu, os mais próximos e queridos, estavam espiritualmente colocados, para além de serem materialistas.

Não havia ninguém como tu, e não havia demónios materiais, 76, havia também espirituais, nos negócios e depois contigo de mãos dadas, porque sempre se diz que aqueles que procuram e se esforçam por uma prova espiritual e por conhecimento encontrarão sempre dificuldades, encontrarão sempre perigo na natureza material e nas suas consequências, porque aqueles que procuram a verdade enfrentarão sempre aqueles que terão uma mente oposta, que tentarão sempre destruir isso por várias razões. Falo de um tempo em que tu mesmo não te inclinavas para esta verdade — são tempos de grande perigo e grande força. Tu próprio, à tua frente, na experiência de seres do Espírito, e como te foi dito antes de eu me sentar, tornaste-te dos mais esclarecidos, mas que foram por segundos e pecados, e para virar à noite, tornaste-te mente em alto ofício, em posição no sentido espiritual, e em pouco tempo, ao seu dispor, conseguiu influenciar muitas pessoas, ouvindo todos aqueles que influenciam outros para o bem. Vai e colocou-te no Senhor para muitos, vai e segue os estudantes, as mudanças — aqueles que acabam por trazer mudanças — e nestes tempos de que falo, as mudanças não os deixarão, especialmente quando podem tirar poder a pessoas que o guardam ou o usam apenas para si, especialmente quando pode mudar o modo de riqueza de pessoas que o adoram, usando esse dinheiro, esse poder para o bem. A vida dele foi uma, gasta um pouco diferente em oração, e ele era demasiado bom para os pobres, era um pouco doente, e era alguém que tinha isto — e pergunto-me quem era esse nas suas mãos. Ele era o teu filho, e eu conheci-o, no tempo da revelação, certas coisas de que falo devem vir de outra forma, para o trazer até aos pacientes, e disse-te antes, certas coisas, em faculdade, preocupam como as coisas em faculdade serão mal divididas, e certas coisas permitirão que a tua comunidade faça algo que verdadeiramente será bombardeado com tais questões que ainda não estou preparado para responder. Portanto, sendo compassivo, certas coisas quero que descubras, da forma que for melhor para ti saberes, posso apontar o caminho, por assim dizer, fiz de ti um apontador, e deves, em certos estados, fazer algum esforço, dirás, e isso voltará para ti, para descobrires certas coisas que devo saber que levas contigo. Os nomes que te damos, às vezes, indicam-nos de volta, mas estás a ver, meu filho, se faço o esboço, quero que o incluas na opinião, mas eu sou, num certo sentido, o artista — tu próprio deves abster-te da imagem. Portanto, por favor, faz uma pequena preparação por mim, e se fizeres um pouco, tal imagem, então não te conseguirás conter por mais tempo, depois de teres procurado, então carrega no botão, e direi ao teu filho: "procura o teu cão", mas é óbvio que não consegues encontrar os jogos que procuras. Mas quero-te, e faço a tua arte

por igualdade, e quero que passes isto, a seguir, para mim em Cristo, para procurares algo que acabaste de dizer, porque seria melhor para ti, e também a revelação virá de uma forma que não precisas de saber, porque não te afetará tanto. Embora fosse para ti, sim, uma coisa boa, sabes, a dizer "viemos embora", algo que sinto, por favor olha para o mesmo, apenas tem paciência, se fores, como penso que podes ser, mas às vezes ficamos, ao início, com o facto de não conseguires descobrir como és assim, mas quando falo com o teu filho, com a vida que desejas responder, com o meu comboio de pensamento lançado na sua jornada, se me interrompes, eu só esperava, através da captura, lembro-me dos olhos, e precisas de ir, deixa-me tentar decidir, uma espécie de paciência, quando terminei, disseste que querias fazer-me perguntas — poderias dizer a verdade, embora o principal desta história seja sempre o tempo do poder de fazer, se deixarmos três de nós segurarem o teu lugar, e me perguntares algo, que seja fácil de lembrar, nesse caso, não consigo reunir paciência. Sim, entendo, sim, sim, sei um pouco. Afinal, tens alguns amigos aqui que estão tanto nisto como tu, e são mais jovens e mais ágeis, não são mentalmente nem fisicamente, e podem dizer: para a tua idade és um mestre do movimento. Olá, Deus, pensas, por uns anos gostaria de falar contigo. Quantas gerações já tiveste, 18 ou 15, ao que sei? Tempo do Antigo Egipto, em que foste um dos sacerdotes do templo, como primeiro Dr. Descartes, depois houve uma encarnação muito boa, depois houve a encarnação do dia da época, e pelo meio houve vários outros filhos de curta duração, e foram durante anos, e eu estava feito. Uma vez, claro, viveste na Síria, onde viveste na Síria, noutra ocasião, viveste na China, uma palavra da China, eras camponês, tinhas muitos filhos, sofrias imenso. E agora, pelo que sei, foste russo, eras da nobreza, e fazias parte do núcleo da Rússia. E o teu marido foi uma encarnação, chamava-se Friedrich, e foi também o mesmo Friedrich que voltou como Friedrich Shabbat. Então, em combinação, tentaste muito casar por amor, e combinaram-se juntos, a viagem à China em combinação, com a tua primeira encarnação juntos. Então, claro, foi em combinação, o que preciso de ser o teu último sobre a tua visita, quando tu e Shabbat eram meus amigos. Só por vós mesmos teriam vindo espiritualmente nos últimos anos. A maioria deles tem estado associada contigo nas tuas vidas anteriores. Muitos deles, muitos dos guias, muitos dos chamados guias do país, aqueles que passaram por este incidente, mas em tudo isto, foi difícil provar as suas encarnações. Sabes que tiveste encarnações com o tempo da tua infância, e que estavas muito ligado a ele, e que em certo momento estavas em desenvolvimento, a tua família, para te ajudar, e tiveste de te mover, limpar o tempo para ele, por causa da perseguição da conveniência, que é uma nova fundação que realmente precisa de vingança, e vai sempre tomar conta da parte muito interessante. Foi uma época em que tu próprio, estágios podem parecer-te, mas lembra-te do capitão da igreja, e eras sacerdote. E todas estas coisas, de que quero falar contigo, não são coisas fáceis de discutir, porque tanto tem de vir em certos estados para surgir, e certamente em cálculos, para ser franco, não foram pais bem-sucedidos do ponto de vista do teu desenvolvimento, e esses talvez poderiam ser considerados como esquecidos, porque não tiveram de desempenhar o papel importante da parte nervosa da coisa. E é por isso que estou disposto a começar a discutir contigo as condições mais importantes, nas quais fizeste mais. E há os vagões. Estou a olhar para lembrar, e há consequências importantes. É muito difícil falar destas coisas em palavras. Por exemplo, agora, isso tornar-se-á mais, digamos, aperfeiçoado. Esta é uma palavra estranha para ti, especialmente quando pensas em aperfeiçoado. E do ponto de vista da tua alma, desenvolvido — e o que quero dizer com aperfeiçoado e imperfeito neste sentido é que não será necessário para ti voltares a isso, pois não há mais nada que a Terra possa ensinar-te. Não há razão para que devas voltar a esse corpo físico, porque tudo o que alcançaste tornou possível para ti — ou quando estavas a contar a evidência com isso. É possível para ti dizer: "Terminei com a resposta." E nesse estado, tornaste-te aperfeiçoado. Não podes, portanto, ter

qualquer necessidade quando desejas voltar a isso. Aqueles que aqui estão, aqueles que foram enviados de ti, cuja influência foi exercida sobre ti durante toda a vida prisional em que vives, estão à espera da reunião. E aqueles que ainda estão aí para pedir, para cumprir o seu desenvolvimento, para cumprir o que te foi dito, ouvirão, libertar-se-ão, e tu terás tudo a fazer por causa disso. Aqui e ali, há alguns que voltarão de novo à Terra, porque esse curso ainda não terminou, há muito aqui que ainda têm de vir aprender, desenvolver dentro de si o maior serviço para a Índia com as suas tarefas — e aí está terminado. E em breve voltarás ao teu verdadeiro lar. Mas antes de vires, estás ansioso por ter mais conhecimento e uma imagem mais clara de muito do que aconteceu e tornou tudo isto possível. É por isso que, nos próximos meses, estamos ansiosos por te reintroduzir a todos os acréscimos e todas as associações, todos os vínculos, para que te possas recordar e estar mais qualificado, e o mundo da Terra é isto importante. E neste dia, é até melhor para ti, embora possas perceber que, enquanto ainda estiveres entre a Terra, tens muito a fazer, tens a tua vida aqui para terminar, e ainda tens muito a considerar, mas nunca deixa de ser facto que para ti, cada vez mais, te tornas consciente das realidades do espírito, e este interesse nos assuntos da Terra em cálculos, mudanças que ocorreram em ti, ao longo dos séculos, têm sido notáveis. E o que pensas é ainda mais notável, e muito mais importante, é o efeito que tiveste sobre os outros, influências que foram exercidas por ti, pelo teu carácter, pela tua natureza, nas mentes e nas vidas dos outros. Lá, claro, estiveram os lugares mais sombrios por onde as pessoas passam. Porque nisso encontraste a tua própria libertação, encontraste o teu próprio desenvolvimento, e o teu próprio desabrochar espiritual. Claro que posso ver, anteriormente, no meu tempo, no meu tempo, em Roma, em Pompeia, estavas a vaguear por essa época, disseste isso claramente, e causou alguma preocupação. E por um tempo afastaste-te disso, pelo medo dessa época, de que fosse imprudente para ti visitá-la, e isso continuaria. E tornaste-te discípulo de Fares, e o teu irmão também, e nós mesmos, as senhoras, sabes, tiveram tanta influência, e a quem pudeste ajudar e marcar um encontro, quando grande parte dessa fortuna te tinha sido tirada, foste capaz de reparar esse interesse, esse afeto. Mas claro, nessa era, foste capaz de falar. Deste muito de ti mesmo ao que era, e muito dado às coisas do espírito, e estavas muito preocupado, mais do que dar, na altura do dia, sem anos, particularmente, onde podias dizer, sobre o teu valor — e é estranho como naquela fase, agora, está do outro lado, quem envia mil bênçãos para ti, e que, em si mesmo, está muito consciente dos fortes laços que te guiam e te encontraram durante séculos de tempo. Pois ele próprio tem sido não só teu irmão, mas também, em vidas passadas, teu marido e teu pai, tua mãe, que cresceu em grande sabedoria e conhecimento, ela percebe, demasiado bem, porque foi essencial que o Instituto de Assistência Proposta fosse estabelecido como foi.

E é bom, e ela compreende, sabe demasiado bem agora, o quão bom foi ter morrido tão jovem, por um tempo, muito, e ela teve devido ao teu nascimento, à tua oportunidade — como compreendemos tão pouco uns aos outros, como compreendemos tão pouco o nosso sentido, como percebemos tão pouco o plano que está por trás, que é tão exato, como percebemos tão pouco a sabedoria por trás de todas estas coisas que podem inspirar, que muitas vezes causam grande angústia, grande dor, e ainda assim, disto nasce uma nova liberdade e uma nova felicidade, que perdura. Diz ainda o tempo, o tempo no mundo — vivemos num mundo de grande espírito espiritual, vivemos num mundo de grande beleza, pois todos os seres humanos parecem e são para nós marionetas, e ainda assim, no mundo presente, embora não sejamos marionetas, vemos as possibilidades de grandes marionetas, mas apenas em nós próprios, para ser ambiente, para ser preparado em serviço, contamos contigo para tais alegrias e tal magnificência — e ainda assim, em tudo isto, há a mão e o comando, e dado a graça divina, o poder divino, a paixão, a sua própria salvação, o seu próprio destino, quer seja no teu mundo,

nas gerações de experiência, e tempo, os corpos, eu também decidirei, para os mundos em que existimos, e o que nós próprios criámos, pelos nossos pensamentos, e pelas nossas vidas, aqui. Que mundo extraordinário ela significa, e que carácter belo, e como ela disse que deve ter, através de gerações de tempo, experimentado muito. Foi uma época em que ela ainda era, é um grande escudo para ti, o tempo em que ela estava, ainda mais próxima de ti, se é que ainda se pode estar com uma mãe, quando ela era velha para ti, ela ainda estava com tudo aquilo que se poderia esperar de ajuda, e todas estas condições variadas do tempo, que tu, ou os sobreviventes, aprendemos através de todas estas várias experiências, a perder num estado em que recebo isto, e tenho boa mesa, e ainda assim, ao mesmo tempo, torna-se ainda assim, completamente um estado só. É uma noção para tudo isso, é a resposta a todas as orações, é a realização de todas as verdades erradas, e religiões, todo o conhecimento, que permanecerão separados por idades, ou células separadas, são todos um só espírito, e tu moves-te.

A tua mãe, tal como de facto a tua mãe está agora tanto contigo, ou eu, como tu te moves, moves a tua mãe também, quem quer que estas células sejam, são todas um só espírito. Estes corpos variados, que podemos ver, por assim dizer, todos entrelaçados, que representam tudo o que são variáveis, entre o banho e o banho, todos estes corpos, que agora estão perdidos e tensos, todos estes corpos têm o seu corte estético, e é interessante, neste nosso mundo fabuloso, ser percebido como células, como células espirituais, em tamanhos variados, em formas variadas, para serem capazes de se reunir para salvarmos a nós próprios. "Este era eu" numa tal encarnação, "este era eu" quando estava em Oshimi, e nessa encarnação tornei-me isto, ou tornei-me aquilo, e todos estes corpos entrelaçados ajudaram-me a criar as células tocantes, e o espírito da ciência é tudo junto, sendo o mesmo. Estes grupos de que falamos são simplesmente espíritos irregulares. Houve um tempo em que havia um país, que desde então desapareceu da face da Terra, que era assim. Nesse lugar, Oshimi, interrogo, e isto está vinculado a um tempo antigo, e isto, como sei, deve ser o teu primeiro lugar de vida. A nota: não tenho detalhes sobre isso. A minha memória só recua, e começa na tua encarnação egípcia. Mas vários além disso é esta outra vida, este outro começo, esta fonte de onde brotas, ou de onde possivelmente evoluis o espaço. Espero poder descobrir mais sobre isto, porque sei que é algo que será importante para ti, grande, o teu próprio interesse. Quero isto, para falar contigo, longamente, de muitas coisas, não apenas nas tuas encarnações, mas sei que poderás discuti-lo melhor para provar o suficiente, mas há muitas outras coisas também, coisas que dizem respeito aos nossos mundos, ao mundo, ao verdadeiro, ao mundo, ao verdadeiro, ao mundo, ao verdadeiro, ao mundo, ao mundo, ao verdadeiro, ao mundo, ao verdadeiro da tua Terra, ao verdadeiro, ao verdadeiro, que se estão a desdobrar até certo ponto para o avanço, o que se diz ser, o que ainda está disponível, e o que é o resultado de todas estas condições necessárias — isso, claro, é o perfeito e o completo, mas mesmo isso é no sentido, talvez, de continuidade, porque estou consciente de Rachel Bell, que se estendeu diante de mim, que tu e outros levarão adiante com o tempo, porque esta é uma vida adicional, eterna, de que se fala, onde uma encarnação da Terra é, mas teve o mesmo nos desertos. E a vida é, para mim, onde maior liberdade, maior realização podem vir, ressoa, porque é uma tarefa possível de discutir apenas para te dar uma pequena indicação, como de facto, o que posso dizer, tenho uma pequena indicação, que virá, mas as vidas que tens, muitos de vós, tornaram possível aquilo que está no limiar, onde mostras a libertação, ao perguntar sobre, pela última vez, e mostras que assumes para ti o sentir destes anos, e a vida é imortal, e a velha verdade será revelada à tua atenção. Isto, a vida é discutida contigo, de tempos a tempos, tens o livro de crédito, vinte cêntimos, pode dar-te algum lugar, algum conforto, alguma alegria, alguma saúde, enquanto tens pai, seja o que for isso, seja o conhecimento que eu faça, deves ver-me, físico, para deixar que assim seja, da próxima vez que me perguntares se perdi os meus dias. Sei que te sentas pacientemente, ou

devo dizer de ti, esperas pacientemente por esta verdade, como podes, a minha atmosfera começa. Muito obrigado, disseste. Enquanto te sentas, ao meu lado, como dizes, enquanto te deitas aos teus pés, já que não pareces capaz de te sentar, mas antes de chorar, o que possivelmente alguns possam dizer, é mais apropriado, e a discutir as tuas encarnações solitárias, já que era uma paixão chorar, em vez de apenas sentar, mas tu mesmo, que te guiarás daqui, e te sentarás contigo, olá, tu, que podes amar-te, coisas antigas, velhos conhecidos, velhos amores, o marido, o teu pai, o teu pai, o teu pai, é o amigo chamado humano, e quem conheces melhor por ele, e fizeste mais, como Shabbat, embora se não soubesses, algumas das encarnações solitárias eram igualmente belas, e igualmente reveladoras, e igualmente importantes, como aquilo que preferes saber de ti como, mas se estás nesta casa, que é verdade disto, e talvez tão à deriva, não só agora, enquanto falo contigo, mas muitas vezes, na tua rotina diária de vida, quando a vida parece calma e difícil, quantas vezes, alguém ainda sai da escuridão, para te pegar na mão, e tentar acalmar-te, e ajudar-te, e para não veres, mas lá em baixo, tentam que saibas daquela força que precisas. Nos últimos meses, tens recebido grande força, grande poder é importante também, grande vitalidade espiritual foi-te dada, para que possas permanecer, como está o cofre, na tua cabeça, para que possas encontrar em ti mesmo paz, e amor, tudo o que deves encontrar, mais alguns aspetos da verdade contigo, para que, quando estiveres aqui, mais verdadeiro aí, os golpes estejam completamente vestidos, e tu estarás verdadeiro comigo, e nada te ajudará a agir. Não chores, enviarás, paz nos últimos anos, e que possas permanecer, sem um bem, do teu próprio bem, e quem confia em ti e ainda assim, o tempo pode odiar-te, mas choraremos na vida, se pudermos, e cuidaremos disso, e encontrarás paz, e encontrarás algo, alguma alegria, algum alívio. Gostaria que fosse possível fazer muito mais por ti. Sei que na nossa duração de vida, estás ansioso por encontrar a verdade mais preenchida, e usa as minhas tarefas para tentar dar-te parte disso, e a minha paciência, e aqueles que possam contar como eu disse, e acima de tudo sê paciente contigo mesmo e com aqueles que procuram a verdade. Estás aí, porque há muitos outros convidados que têm o problema de que o tempo que tens tido, porque devem contar, e lembrar-te-ás das palavras que digo, e dirás: "Foi isto que ele disse." Hás de ver, meu filho. Quando te sentares aqui, na próxima semana, continuarei com mais detalhe, condições mais elevadas. Como disse, acredita em mim, se por vezes pareço incomodar ou falhar, ou então, o que tento dar-te é o que vês. E certamente, por vezes, na maior parte das vezes, quando deveria responder a tudo o que pensas, não é de facto necessário que me faças perguntas. À medida que respondes aos teus pensamentos, como verás, as tuas respostas e pensamentos devem ser respondidos, onde for possível e onde for necessário. Anseio por esse próximo encontro, e tenho a certeza de que te darei muitas das coisas que procuras, grandes oportunidades, apenas numa conversa paciente, assim, no meu lugar, no meu quarto, muito bem entoada. Aí estás tu neste curso — falo contigo muito, falo melhor.

Lucius 1, 1 de Agosto de 1962

As seguintes sessões foram registadas em 1962, no encontro com Leslie Flint, assistente Rose Crete, comunicador Lucius Lucillus, tema: reencarnação. Este som foi gravado quase no primeiro dia de 1962, assistente Rose Crete, encontro com Leslie Flint. As seguintes sessões foram registadas em 1962, encontro com Leslie Flint, assistente Rose Crete. Eu sou aquela que é chamada Lucillus. Vejo. Não repares em mim. Agora, tem de ser muito melhor. Fala, amigo. Tal como estive na escuridão do vosso mundo, uma espécie de sim, tal como faço nesta escuridão, os olhos do Espírito — tenho visto que foi abençoado, tudo certo na luz do Espírito para ti neste

fluxo. Há muito tempo que não uso este fio para o meu testemunho, muito tempo mesmo, muitos outros séculos de tempo passaram. Se posso saber de ti, sobre isso saber de ti, oh, por favor, sou apenas uma das muitas almas, querida para ti e artista do tempo, faço isso com justiça, em Roma e na Áustria. Quero dizer, no verão fazias a viagem desde a cidade por causa do calor, da tua aversão a moscas e cores. Sim, isto é muito interessante. Por favor, continua. A Áustria era um lugar, junto ao mar, onde podíamos ter tempo livre, fugir ao calor das milhas escuras da cidade. Às vezes viajávamos mais longe, a escuridão ia para Hatria, Pompeia, por vezes tínhamos realidade, por vezes tínhamos ocasiões, íamos a outros lugares, não sei se estou a lembrar-me bem. Mas poderias dizer-me algo sobre o muito que se evitava, interessante, se quiseres, e sobre ti também? Eu estou lá. É interessante? Sou completamente diferente, sou... A minha família? Sim, a esposa? Sim, o auge da casa deste navio, e essa parte de mim temia. Fui um homem que passou a juventude ao serviço de Lietra, e acabei por me interessar pouco pelas coisas à volta da mente quando deixei as armas da guerra, mantive-me afastado, mas se lutaste com força, no meio disso, e das possibilidades do que atingiste, depois de algumas coisas boas, a vida na mente era muito agradável juntos nestas discussões, e de tempos em tempos quando visitávamos, como fazíamos além dos nossos limites, noutros lugares, sentávamo-nos de madrugada a discutir estas coisas, e lá havia alguém da raça egípcia, muito leve, e com muita sabedoria, ele persiste, e era o que alguns teriam chamado, acredito que lhe chamavam um psíquico, e na sua companhia tivemos coragem de visitar e ter experiências, como vocês chamam, de comunicação com os chamados mortos. Sim. Agora, penso que deves ser este médium aqui, não és? Não. Não. Não. Oh, homem. Mas ele e o pai interessavam-se por estas coisas, juntavam-se a nós de vez em quando, mas éramos mais velhos, mais experientes do mundo, mais preocupados, à medida que envelhecíamos, com as coisas que seriam, como pensávamos então, discutíamos estes problemas e tivemos muitas experiências interessantes, e descobrimos, verdadeiramente, que a vida não termina com a chamada morte. O egípcio Faras tinha grande sabedoria, grande inteligência e grande poder. Sim, ele veio uma vez ter comigo, estou muito interessado em dizer-me quem sou, e ele instruiu o médium, devo dizer-lhe que eu, agora tu, estavas em companhia do pai dele, de tempos em tempos, quando estávamos pelo menos na casa, quero dizer, como de facto estavas tu e o teu pai, agora os membros de tempos da tua família, às vezes tu sozinho viajavas com o teu pai, e ficavas, atravessavas o mar até à cave, antes de voltares ao acampamento. Às vezes atravessavas as águas até uma das ilhas, e enquanto coloco a escuridão do tempo, enquanto tento ver a clareza de visão, que possa repetir em certa medida estas coisas para mim, é porque desejo que conheças mais e mais estas verdades. Assim, chegarás a ver mais claramente como tens estado ligado através do tempo, através de muitas experiências, porquê, e como, e quando, poderás saber que o próprio tempo é uma experiência importante na vida dos homens, mas tudo o que importa são as experiências, e a realização que vem, de que a vida em si é eterna, que os corpos morrem e têm pouca importância, além do facto de nos darem oportunidades para experimentar aquelas coisas que são necessárias à nossa evolução, que são o nosso crescimento espiritual e desenvolvimento. Tu, como outros cujos nomes me esforçarei por te dar de tempos em tempos, estão todos ligados juntos neste laço de amor, que é intemporal, que há tanto tempo te liga com uma força que nada pode quebrar, e o próprio tempo não pode destruir. Os restantes de vós que estão ligados a este laço ainda entre nós, estão menos avançados, outros estão nos reinos do Espírito em várias esferas de acordo com essa evolução, e cada um está consciente do outro, e cada um recebe inspiração e orientação, e cada um ajuda, cada um apoia em certa medida aqueles que não se honraram a si próprios, têm de saber de algumas coisas. Estamos ligados a ti, mudando o caminho da nossa compreensão para te apoiar, e embora ainda estejamos na Terra, isso não significa necessariamente que este Dal não tenha evoluído para progredir. Pretendo manter o

trabalho de regressar à Terra, não só para o teu próprio aprendizado, mas também para que possas, em alguma medida, através da tua vida, ser capaz de dar às pessoas algum discernimento e orientação espiritual, e também servir outros, e também estar ligado a nós neste laço. Pois, enquanto viajamos através do tempo, embora sejamos presos por tais tempos de dúvida, mesmo assim, há sempre aqueles que progridem e refinam, que talvez sejam mais pessoas, que talvez tenham maior força em si mesmas para procurar e encontrar e, em consequência, para chorar, e há aqueles que se sacrificam dentro da sua estadia, retendo-se para que outros possam avançar mais em consequência. A tua vida, não só nesta, mas noutras encarnações, tem sido, e parece sempre, de grande sacrifício — por vezes podes perguntar-te porquê, e às vezes deves sentir dentro de ti que deve haver alguma razão, algum propósito, algo que talvez não possas entender, e ainda assim sentes dentro de ti que há uma boa razão. É por causa do teu amor, é por causa da tua paciência e perseverança com os outros, porque sacrificaste a ti próprio mais de uma vez, para que outros no teu amor pudessem avançar de alguma forma, não necessariamente todos espiritualmente, mas viram em ti o exemplo e a força, e podem ter progredido nesse campo de trabalho ou atividade particular na inspiração que procuraste, ou então podes ter visto a força que era necessária para aquele tempo e época. Não vemos, meu filho, cada encarnação como vazia — há muitas outras razões e propósitos em muitas coisas. Podemos não ver bem no tempo, mas o tempo certamente conta, quando essa carne, tal como a integração, não é mais, e sentimo-nos com isso, podemos olhar para trás, e podemos então conhecer a sua razão e o seu propósito. Serviste, ou pelo menos foste um servo, ou pelo menos deste de ti, e em consequência, meu filho, ainda caminhas para servir outro, porque te libertaste e não desististe de ti mesmo. Progrediste muito mais do que imaginas. Há aqueles dos nossos filhos que podem parecer ter tido tanta riqueza material, mas essas coisas não são para ti. Em certa medida, podes ter ajudado outros a aspirar e crescer, e em certa medida ajudaste, tendo dado ao mundo algo de grande beleza e grande alegria, que ajudou um número incalculável de almas a encontrar uma paz, ou algo de grande valor para elas, essa realização pode ter mostrado ainda mais o propósito da vida e a beleza da saúde, mas estas coisas fizeste não sempre com conhecimento, mas sempre com amor e de coração, e em consequência, quando chegar a tua hora de ficares para trás nesta dor alerta, que pode não estar errada, juntar-te-ás especificamente a essas almas, que possuem em cada vida em pensões, alguns que reconhecerás imediatamente, outros, saberás dentro do teu coração que o rosto deles, a memória deles, recuperarás essas memórias, e tudo ficará claro para ti. O caminho que foi preparado para a caminhada, e porque o caminho será deixado fácil sob os teus pés, não terás de temer quando chegar o momento. Penso em tempos passados, mas ao suportar a vibração terrena e tentar clarificar a minha fala e a recordação de coisas, torna-se mais difícil; no meu próprio ambiente, longe da vida, posso fazê-lo claramente. Mas nunca deixarei de vir, nem de abordar muitos destes problemas e dificuldades, e de te dizer muito, e trará grande inspiração para mim, e trará através de todas as outras almas que estarão em profecia, e que fazem parte do nosso caminho e do nosso mundo, e a corrente e os laços e a força tornar-se-ão cada vez mais fortes, porque na sabedoria e na verdade verás e saberás que reconhecerás que cada elo nesta corrente é importante. Mas um só não é importante. És parte deste pão, criança. Muito, muito obrigado. Irás muito bem. Ele é uma alma velha que já viveu muitas vezes, que agora tem vivido de muitas formas, que tem sido por vezes uma inspiração para ele, no seu trabalho e nos seus esforços. Tu deste-lhe grande força quando ele mais precisava, e este nome poderia ter-vos unido, o que é, por si só, forte, e será provado a ti, ainda mais nos próximos meses, pois temos planos preparados, que se conseguirmos concretizar plenamente, conhecerás melhor a clareza de visão, esta verdade mais evidente e mais definida. Temos as nossas razões, embora te fale nesta língua que chamas inglês, e tente transmitir as palavras, estas coisas que

me surgem no pensamento, estes pensamentos que tenho tanto interesse em te transmitir com clareza, para que possas ser duas vezes mais fino do que uma lasca de vidro. Estas coisas espero poder fazer com mais clareza, devo ser paciente, para eu encontrar a diferença, tal como agora, para todos os que venham com pressa, eu servirei. Quando tentares, não te falharei. Obrigado. Estás a falar muito, muito claramente, consigo ouvir tudo. Obrigado por tudo o que me disseste esta noite. Oh, sim. Direi com certeza, antes de mais, que muitos conhecem, conheceram, o teu pai e eu neste período de tempo de que falo, como irmãos de vida próximos, pois servimos juntos em muitas campanhas, e ainda assim, reformados, por assim dizer, para divulgar a nossa própria antiga paz e quantidade da religião, e a única que conheço, e o mundo, tal como era de facto na maior parte do nosso tempo, bem no fundo dos nossos corações, amávamos e detestávamos isso, mas cumprimos esse dever, que tínhamos de cumprir, pois tínhamos de correr até César. Disse, mas verás como, através do próprio tempo, até mesmo séculos antes deste tempo de que falo, nos tempos em que as penas governavam, como estávamos juntos, como éramos profundos, como éramos muitas outras almas, que agora aceitaste por causa dessa comunicação contigo, através dos teus irmãos e irmãs, como estávamos juntos, como nos entregámos, como superámos, como progredimos, e como nos reunimos de novo. Muitos de nós, deste lado, e ainda aqueles que sentem que são teus, como nos reuniremos ainda mais, nos anos desse calor. Não pensamos, claro, em termos de tempo, anos — refiro-me a estas coisas dessa forma para que possas compreender, para que entendas, cada encarnação, suponho, deve ser referida no seu tempo, mas não vemos no mesmo sentido — cada encarnação é apenas um curto espaço em que permanecemos um tempo, não conseguimos encontrar palavras, saberemos, somos mais experientes do que isso, nisto, quão incrível o que dizes, falar contigo não é possível encontrar palavras para dizer e falar, para descrever e explicar. Mas isto te digo: que tu, e outras almas que conheces, e muitas que conheces, estão ligadas entre si, porque voltamos no próprio tempo, a eras obscuras, distantes, quando fomos pela primeira vez uma família, quando pela primeira vez fomos uma casa, e como nos espalhámos, e como, em consequência, através das condições variadas desta instituição de vida, a nossa família e a casa em si, e como renasceu em idades diferentes, em tempos diferentes, como pensávamos, como éramos ambos juntos de novo, e depois separados, juntos de novo e separados, e como, através de todos estes valores, nomes, sob os quais nós despertámos, experimentámos, e nos tornámos, em consequência, mais avançados, mais conhecedores, como nos desenvolvemos através do próprio tempo, até ao momento em que estaremos juntos de novo, como um grupo familiar, e estaremos através de uma só casa, que eu não consigo compreender — possamos nós compreender que um dia tu me enviaste, e que o farás. Isso será, não agora em qualquer momento, para ti, sim. Se não houver partida, o que eu não consigo compreender, então é o que for possível, para que vás — não passes, sim. Lá verás também a manutenção da vida — liberdade, leveza, liberdade, leveza, liberdade, leveza. Ah!

Em tempos, a Áustria era uma grande guarnição, embora fosse também um grande lugar de veraneio, onde muitos, os viajantes, por assim dizer, fugiam do calor, sozinhos, nos meses de verão, para recuperarem e descansarem, pela importância disso. Era quase uma atividade superior, e muitos desportos realizavam-se, e imagina, hoje em dia era oferecido — era um lugar estranho, misto, onde havia muitas belas vilas e palácios, muitas vezes construídos pelos tiranos, povos do exército, e eu odiava tal lugar, e a tua família, por vezes, visitava-me lá, por vezes a tua família visitava a manutenção, e eu por vezes gostava, porque costumava gostar muito de descer até Pompeia, porque lá havia muitos, de muitas nações, que vinham de longe, daquele lugar em particular. Havia muitas religiões, que sempre me fascinavam e interessavam, e eu conseguia lá conversar com muitos, sobre muitas outras coisas, estimulantes por natureza. As restrições lá não eram tão fortes como eram — eram erradas, eram erradas, porque não se

considerava sensato discutir, e sei, prova absoluta, agora quase até aos templos dos deuses no imperador, mas lá parecia, particularmente, que havia muitas pessoas, muitas nações reunidas, e muitas coisas eram discutidas, e não se costumava discutir noutro lugar. Era uma grande cidade — dirias hoje, uma cidade de excesso, uma grande devassidão, mas também uma cidade de grande conhecimento, grande aprendizagem. Muitas, muitas grandes almas visitavam, e também eram capazes de dar informação e orientação, e havia grande distinção também por causa disso, e tu mesmo. Mas mesmo assim, aqueles dos ricos eram capazes de receber estes homens vindos de além-mar, que chegavam com novas notícias e novas religiões — até mesmo os cristãos, que então começavam a afirmar-se, eram por vezes ouvidos, e havia aqueles que eram capazes de formar, o que hoje chamaríeis milagres, naquela época testemunhados, com os vasos — não isto, mas milagres de uma natureza tão invulgar, que eventualmente me tornei muito convencido, particularmente, da continuação da vida para além da morte. Foi nessa encarnação que comecei a sentir, e a saber, que cresci, e a compreender e havia aqueles, particularmente, que eram capazes de nos dar demonstrações, mas para nós, ele era o maior — tinha o poder do misticismo, tinha o poder da prevalência, era capaz de nos trazer, bem diante dos nossos olhos, cenas de acontecimentos passados, era capaz de abrir portas que tinham estado tão trancadas, era capaz de nos mostrar muitas outras coisas que, nos nossos corações, sentíamos ser verdadeiras, mas precisávamos da evidência para apoiar essas coisas, que ele era capaz de nos dar. Ele próprio era um homem de grande sabedoria, mas por causa do seu conhecimento, passou por uma morte muito terrível. Mas essa é outra história, muitas coisas que quero, e outros também partilharam, através de estarem contigo. Pedimos-lhe, no sonho que fez, bem na mente, há uma Christine, que só pediu que ele aceitasse, em verdade — se ele não tivesse, poderia ser, então como sempre, podemos dizer-te: pessoas, muitas coisas podem lutar, tu és estranho, fizeste-me olhar de novo. Disse-te, poderias ser, mas digo-te que todos nesta casa já estiveram ligados, em tempos passados. Todos. Mas há, há outros. E eu estava a viver lá, queres dizer? Alguns, muitos, deste lado, mas alguns, do outro lado. Os momentos extraordinários — ele, que, claro, agarrou bem, e ainda assim, ela, que, claro, vigiou.

Lucius 2 – 02 de Agosto de 1962

Este som foi gravado no dia dois de 1962, Rose Crete, precisamos ouvir a morte de Fred.
Saudações, minha criança.
Saudações para ti também.
Ainda tens?
Tenho sempre esquecido de falar comigo.
Sim.
Quem é?
Agora, poupo-te.
Ainda não estou totalmente habituado a isto. Há tanto que eu gostaria de te dizer claramente, mas tem de ser dito ao longo do tempo. À medida que a minha memória me permite reconstruir estas imagens do passado, e as colocar diante de ti de tal forma que tenhas alguma recordação e conhecimento destas coisas, que são de nós próprios no tempo passado.
Estou muito grata a ti por estas coisas, e por favor, leva o tempo que precisares para isso, se achares que faz sentido para ti. Foi algum tempo para ti. Felizmente, como te disse antes, agora, tende a crescer uma família que estava bem em diálogo com uma das posições que eu sei que é uma expressão agora, mas felizmente, porque desempenha um papel tão importante, não apenas na tua própria vida, mas na vida de outros associados a ti, aqueles que fizeram com que o teu nome visitasse muitos lugares em companhia, não apenas com I-Vara, talvez com a minha

família, mas com muitas outras almas que faziam parte da tua existência e ainda fazem, de quem já ouviste falar em muitas destas que chamas encarnações. Em mais de uma ocasião estiveste colocado em posição elevada, mas muitas vezes, num desses estados, embora na ocasião de que falo, as nossas famílias estavam contigo. E quando viajavas, ias acompanhado por muitas almas, muito sérias também, porque vinhas de uma casa que era grande, e era algo bastante comum na altura viajar assim. Naquela época de longevidade era preciso estar bem provido em todos os aspetos, para estar bem guardado, pois as estradas e arredores eram perigosos, e era essencial e necessário levar consigo muitas coisas que eram de certo valor ou importância, especialmente para pessoas com riqueza, devido aos perigos locais, era necessário estar bem guardado com protetores. E tu, muitas vezes, viajavas de Roma para lugares impressionantes como a Áustria ou Pompeia ou até mais longe, como diriam nas montanhas, e mais tarde qualquer viagem entre dois cavalos. O teu irmão e outros membros da família e amigos cavalgavam — alguns à frente e outros atrás — e lá estava o teu irmão, que cavalgava ao teu lado. Às vezes, mulheres servas que cavalgavam em mulas ou pôneis que cavalgavam em mulas ou pôneis... ou pôneis... ou pôneis... ou pôneis... ou pôneis... ou pôneis... ou pôneis... uma particularidade que não era dada ao casamento, por todos os teus pensamentos ocasionais, o que significava, no perdão deste irmão, havia um pouco disso em público naquela época, naquela idade de que falo, em relação a ele. Era uma bela figura — figura de homem — mas totalmente diferente de como o recordarás na sua última encarnação como Shabbana. Era um homem de grande vitalidade, estava então particularmente na plenitude da força física, no seu décimo nono ano de vida, prestes a entrar ao serviço do Imperador, e já se distinguira nos jogos em Roma. E na ocasião em que penso particularmente, quando viajávamos, as tuas vidas felizes até uma parte dele, ele devia assistir aos jogos e participar em alguns dos itens do programa. Naqueles dias, particularmente, os filhos mais novos da casa eram frequentemente dedicados à igreja, como diriam hoje, mas naquela época eram dedicados aos templos e aos rituais da igreja, como no tempo dos antigos egípcios, mas num sentido diferente. Muitas vezes, tomavam para si um certo deus, um em particular, e entravam num grande serviço, representando a casa de que eram nomeados. E a tua mãe, nessa ocasião, tinha sido recentemente iniciada em auto-rectidão e tristeza, mas o coração dele não estava nestas coisas, embora tivesse, até certo ponto, as suas visões interiores, não era forte, e não era afetado pelos sonhos que eram comuns naquela época, não era afetado pela ideia dos deuses, mas fazia tudo porque era esperado dele, e naquela altura não dizia as suas palavras — a sua mente era um receio e uma luta, e tinha um grande desejo de conhecer a verdade. Mas, por causa da sua iniciação próxima, decidiu elevar-se em auto-rectidão perante os deuses que via por trás do véu com os sacerdotes, o que era honesto e muito diferente das coisas a que ele aspirava e que ditaram o seu discurso. Mas não mostrava de forma alguma as suas opiniões ou as suas insatisfações porque, por várias razões, decidiu guardar isso para si e, ao mesmo tempo, não tinha desejo de causar qualquer dissensão na sua família ou entre os seus amigos — e aceitou essas coisas, fazendo o que era esperado, superficialmente.

Tu eras o confidente dele porque estavas próximo — não havia tempo para discutir estas coisas, e embora tu mesmo, nesse tempo em particular, não tivesses experiência prática nestas questões, tinhas o que então chamarias talvez de intuições e dizias que havia muito ainda por descobrir, muito ainda por encontrar em relação a coisas que não eram realmente... muito que não... e não respeitavas realmente aquelas coisas que eram evidentes pelas experiências. Tentavas sempre evitar isso porque, sendo tão próximo da corte, muitas vezes eras forçado a assistir a essas cerimónias que te repugnavam e ao teu corpo, e te faziam sentir ainda mais que a tua época e o teu tempo tinham de mudar.

Muitas vezes, quando participavas nessas coisas, fazias porque era esperado, e tinhas de obedecer e cumprir essas coisas que eram comuns entre as pessoas de lugares elevados, e tentavas escapar durante o ano. Embora eu esteja a falar, em particular, desta ocasião em Pompeia, tu sabias que muitos da tua família iam a Pompeia, que ali se entregavam completamente durante a tua época para esse interesse espiritual, quando encontravas pessoas de outras terras que não faziam ideia disto, e filosofias que nos ensinavam em conjunto, e tu encontravas-te com eles e discutias muito sobre estes assuntos.

A família mais recente, da qual falo, é muito semelhante a ti e à tua família — embora pudessem ter uma fortuna considerável, não tinham consciência da importância disso em precisão, e apesar de grandes propriedades, nunca se interessaram verdadeiramente pelas coisas materiais, embora mantivessem uma casa que poderia aumentar a riqueza material — e faziam muito, como se esperava deles, tal como a tua família, tal como a minha própria. Dizíamos muito à superfície porque era uma época em que não se podia dar ao luxo de ofender, não se podia dar ao luxo de ser diferente dos vizinhos, não se podia dar ao luxo de manifestar esse desagrado ou de dizer que as histórias estavam erradas.

Era semelhante nisso de qualquer forma — tinham tudo o que era esperado, tinham toda a duplicidade, e interessavam-se muito por ostentar. Davam grande valor a roupas e joias porque a sua natureza era tal que se sentiam atraídos por todas as formas de cor e beleza, e de facto, ao dizer isto, era também — é um voto, um voto teu, e desta vez já nem se vê agora assim, porque era o amor pela beleza, o amor pela cor, o amor pelo artístico — era tão forte que, por vezes, isso sobressaía no mundo, que o nosso serviço não era a necessidade de ambos — o teu e o do teu irmão — mais do que muitos dos nossos conhecidos e amigos, que davam essa impressão que não era totalmente verdadeira, porque eu não me satisfazia apenas com conversa vazia, o que hoje chamaríeis conversa inteligente — conversas que eram muito, muito discutidas. Porque devemos lembrar-nos de que, na maioria dos banquetes, na maioria das salas de pessoas de qualidade, nessa época, a atitude de espírito era puramente para prazer — prazer material. Raramente havia conversa, como hoje, para realmente saber o que diziam, e o que estavam a dizer.

Ali, era dito, onde todo o tipo de homens e mulheres vinha, alguns ficando por pouco tempo, outros ficando a vida toda. Muitos refugiados chegavam, possivelmente agora vindos de além-mar, fugindo talvez de alguma perseguição, ou fugindo de algum erro que possam ter causado ou criado, e por causa do medo em que viveram ficavam felizes por escapar — e Pompeia, ao fazer isso, era um refúgio para a humanidade. Era, possivelmente, a cidade mais cosmopolita do mundo, muito mais do que Roma. Roma era tipicamente Roma, embora lá houvesse nacionalidades, a maioria eram escravos, a maioria eram pessoas mantidas em subjugação, pessoas trazidas de países frios e levadas na qualidade de servos, que não podiam sequer falar, mesmo que conseguissem. Seria tarde demais para atender. E agora, assim que fossem necessários, não poderiam.

Em outras palavras, Pompeia era, afinal, depois de sair de Roma, quase — dirias quase uma cidade separada, quase num certo sentido um país separado. Pode dizer-se que era um lugar estranho, misto, com muitos credos, muitas religiões, muitas doutrinas, muitos deuses, muitas pessoas de todas as cores — havia sempre uma nova cidade cristã, e não era necessário entrar no estado infeliz da sua existência. Era um lugar onde as pessoas, na sua maioria, aproveitavam o lazer, porque era um lugar onde muitos escapavam do mar para longe da confusão de Roma nos meses quentes de verão.

E foi neste lugar que muitos, em particular, se reuniam nos banhos, durante horas a fio, e discutiam grandes temas — as coisas que diziam respeito ao homem e ao seu nascimento, à sua

morte, à sua vida e a tudo o resto, como isso surgia na imaginação. Peças eram representadas lá por homens eminentes que dedicaram toda a sua vida a isso, e também grandes escritores reuniam-se para escrever novas obras que nunca seriam representadas em Roma porque não seriam apreciadas. Roma era uma cidade onde uma multidão se perdia no espaço, de grande cidade para espaço, onde as arenas se enchiam de água e barcos na areia e batalhas simuladas aconteciam. Roma era um lugar completamente diferente, de cerimónia — Roma era um lugar de grande pompa, grande exibição, grande organização. Era demasiado organizada, demasiado ocupada, demasiado preocupada em exibir.

Pompeia, pelo contrário, tinha uma maneira de ser — se assim se pode dizer — própria de apresentar algo que fosse diferente do habitual. Grandes eruditos, por exemplo, reuniam-se e faziam representações e davam peças, e também sacerdotes e outros religiosos permaneciam livremente na praça do mercado e davam voz à sua opinião, o que nunca seria permitido em Roma. Havia muito mais liberdade em Pompeia. Era uma cidade extraordinária e muito complexa, de grande beleza, grande produção e grandes mentes — mentes muito, muito profundas — o mais extraordinário caldeirão do mundo antigo. E Pompeia nunca foi verdadeiramente explicada ao teu mundo — Pompeia nunca foi verdadeiramente compreendida. Vês, Pompeia sempre foi considerada uma cidade de prazer, e os historiadores e pessoas de anos recentes alimentaram essa impressão de que Pompeia era apenas um lugar de prazeres sensuais — o que não é totalmente verdade. Que essas coisas aconteciam, claro que é de conhecimento comum, mas mesmo assim, estava longe de ser tão sensual como Roma — mas era de uma forma diferente, sob outra forma. Era dada muito mais liberdade, muito mais margem de expressão, e ninguém, em Pompeia, era oficialmente afastado da capital, e raramente eram incomodados por aqueles em altos cargos — era a cidade mais extraordinária e, ao mesmo tempo, difícil de explicar. E os senhores e eles próprios eram, muitos deles, do seu tempo e da sua idade na Terra. Embora houvesse muitas grandes casas, grandes mansões e grandes dimensões, ainda assim outros, em Pompeia, eram mais interessados, mais entusiasmantes, mais belos e mais artísticos, porque, como disse, sendo um caldeirão, sendo um lugar onde todos os tipos de homens e povos vinham, atraíam também a nós artistas, arquitetos e artesãos de várias nações. E aqui se viam obras maravilhosas representadas, edifícios magníficos, impressionantes e que eram verdadeiras joias e preciosidades, muito mais refinados em si mesmos, pois os edifícios eram muito mais íntimos, menos espaçosos, mais acolhedores.

Havia sempre os grandes átrios, os grandes salões, mas havia também muitos pequenos recantos, muitos quartos pequenos onde se podia ouvir o que antes se dizia ter sido ouvido em casas romanas. E na casa, nos anos 80, havia sempre esta sala reservada, quando as lâmpadas eram acesas, e sentávamo-nos em almofadas, reclinados em divãs, e relaxávamos completamente, e à luz bruxuleante ouvíamos o que hoje chamarias talvez de serviço — e íamos lá sempre que possível para ter essas comunicações. Mas mesmo sendo Pompeia uma cidade muito mais livre, ainda assim tínhamos de ter muito cuidado, porque ainda era mal visto pelas pessoas, ainda era considerado impróprio ter comunicações. Mas ele estava tão interessado, tão dedicado, e tão convencido desta verdade, que evitávamos onde podíamos, se fosse preciso, tomávamos grandes precauções.

Os próprios gémeos eram um caso extraordinário. Eram gémeos — não creio que isto alguma vez tenha sido descoberto ou discutido, até onde sei. Nunca se percebeu que eram gémeos. Um nasceu meia hora antes do que chamariam meia-noite, e o outro nasceu depois da hora da meia-noite — e ainda assim havia esta diferença. Eram tão semelhantes em muitos aspetos, eram tão parecidos que muitas vezes eram confundidos — as pessoas não sabiam qual era qual. Mas havia uma coisa peculiar que servia sempre de guia para aqueles que não sabiam — era

que um deles tinha, no lado esquerdo do rosto, uma pequena cicatriz, que durante o banho se fechava. Qual deles era esse? Podes dizer-me? Percebeste que ambos teriam o mesmo nome? Podes dizer-me? Oh, volta. Está tudo bem dizer-me. Como é que falas tão claramente comigo? O que querias dizer ao fazeres ambos dizerem isso? Pensei ter ouvido ambos dizerem o mesmo nome. Isto é demasiado para ti. Muito interessante. Quero que registes tudo isto nesse teu livro. Não sei... É um nome certo para anotares — nome nesse livro, se escreveste cartas e assim por diante. São cartas? Sim, cartas. Nesse teu livro. Obrigado. Obrigado. Vou apenas dizer, pois bem. Obrigado. Obrigado. Obrigado.

Cláudia. Sim? Cláudia. Cláudia? Sim. Cláudia? Sim, Cláudia. Tu? Eu? Cláudia. Cláudia? Oh, sim. Esse era o meu nome, queres dizer? Cláudia, tens um nome? Sim. Não te perturbes demasiado se não conseguires dizer mais. Obrigado. É só... é só... Sim. Essa é a tua mãe? Olá, Cláudia. Como está? E ela era a senhora... Obrigado. É muito, muito interessante de ver. Uma coisa que me lembro bem — quando eras uma criança pequena. Sim. O teu pai regressou de uma das campanhas trazendo de volta... um pequeno elefante bebé. Sim. E assim nasceu a tua ligação com os elefantes, e o início do teu amor por eles. É incrível. Oh, obrigado por me contares isso. Esta é a tua mãe, o teu pai, a tua criança. Como te disse, ele esteve lá. Ele fez muitas campanhas. Estava com os corpos auxiliares. E com a expedição, tínhamos lutado no leste. Tínhamos muitos navios. E trouxemos muitos animais. Quero dizer agora, para ti e para a tua memória, deste elefante — em nome de Deus, isto é o presente do teu pai para os teus filhos.

Sim. E o teu, em particular. Mas assim, dessa forma, esse elefante — ele e tu, muitas vezes, porque o elefante cresceu contigo, dentro do que era possível, podias ir e vir. Foi o teu pai que o trouxe. E, de facto, muitas vezes isso causava grande espanto e agitava ainda mais as pessoas. Mas, por vezes, era-te permitido passear nesse elefante, porque elefantes eram muito raros naquela época. É verdade, mais tarde vieram muitos de todo o Império, mas havia alguns elefantes que trouxemos de várias campanhas — era muito invulgar que um elefante tão pequeno, um bebé, fosse criado em serviço militar, e era um presente do teu pai.

Sem falar, claro, num amuleto, ou num colar, que também te foi dado — feito pelos nativos, pelas pessoas de uma região onde o teu pai esteve, numa posição remota. Esse colar, em tempos, pertenceu a uma das tumbas que foi saqueada — tu recuperaste-o em fogo. Amavas-o, e o teu pai ofereceu-to como presente, trazendo de volta esse colar, que sempre usaste, mas naquela altura não sabias que esse colar — vindo da tumba de onde tinha sido levado — era, na verdade, o teu próprio colar, devolvido a ti.

Na tua encarnação egípcia, séculos antes, tu mesma o tinhas mandado fazer, como era costume, com vários símbolos, vários nomes que apreciavas — era uma parte de ti, esse colar, que tu própria providenciaste, mas que se perdeu, e o teu pai, com essa intuição, devolveu-to, o teu próprio ornamento.

Esse colar já voltou para ti três vezes, em diferentes encarnações. Veio até ti novamente noutra encarnação, também ligada ao Egipto, mas durante o tempo dos Borgias e do Renascimento, depois disso. Esse colar, de facto, foi passando por muitas coisas — perdeu-se no tempo, ficou enterrado na terra, foi desenterrado durante a reconstrução, misturado com outros objectos, e voltou para ti durante a reconstrução de uma villa em Florença.

— Oh, olha para isso! — disseste tu. Quem era eu nessa altura? Percebes-me? Tu eras, novamente, de uma casa, de uma linhagem, de uma família com um certo prestígio, e, por consequência, sofrias na pele — não só tu, mas também os membros da tua família. Eras uma Colola. Para quê? A *Colola*. Mas mais sobre isso, noutra altura. O que estou a tentar fazer, tanto quanto está ao meu alcance, é captar para ti acontecimentos e factos que ocorreram nas

encarnações que tiveste, as várias pessoas que estiveram envolvidas contigo, e como o caminho da tua vida e das casas se entrelaçaram no mundo e em ti, através dos séculos, e como tens conseguido resistir, apoiar e reencontrar muitas almas, por causa das tuas escolhas e da tua profunda devoção uns aos outros, e do teu crescente interesse pelas coisas do espírito, para que possas trazer alguma iluminação e ajuda a outros. Não apenas aos que te são próximos e queridos, mas também àqueles que tiveram apenas uma pequena ligação contigo, que talvez ainda não compreendam — foste uma grande ajuda para muitos. Nessas várias encarnações, em alguns casos foste particularmente uma grande ajuda para alguns dos mais profundos.

Esses nomes havemos de te dizer, eu vou dizer-te, mas peço-te que tenhas paciência, porque ainda encontro dificuldades — o que acho tão difícil é conversar, falar, recapturar e manter estas experiências intermináveis para te transmitir como herança. Não quero dar-te nada que não seja verdadeiro, só desejo dar-te aquilo que seja correto e exato, e quero, se conseguir, dar-te uma imagem mais ampla, uma visão mais clara de todas estas experiências e valores, para que possas então ver, com mais clareza do que hoje, como tens sido amparada não apenas no primeiro quadro, mas também pelos outros que te foram e são queridos, alguns dos quais ainda permanecem onde ficaram, e muitos, claro, estão aqui, e eu transmito-te por eles, mas ainda assim te falam. É isto que muito desejo, mas será melhor que em alguns casos muitos deles próprios participem através de mim.

Possivelmente, dessas outras encarnações específicas onde estiveste mais ligada, eles continuarão mais do que eu — eu sou apenas o porta-voz, sou apenas tão importante quanto a voz que me é dada através de tudo isto, e muitas coisas que te direi podem vir de senhores e dignitários, soldados de infantaria, camponeses e trabalhadores. Mas é porque me cabe hoje falar um pouco em nome desses espíritos, para que tu saibas mais sobre eles e mais sobre as tuas próprias ligações e missões. Só te peço, sinceramente, que sejas paciente comigo e que mantenhas a mente aberta, pois isso é tão útil como a verdade que tento trazer-te — muito do que direi será difícil de compreender, e insisto que apreciarás muito, compreenderás de imediato, pois tenho a certeza do nível de sensibilidade dos nossos laços. Mas o tempo, com certeza, acabará por te provar a verdade e a exatidão destas afirmações. Especialmente nos próximos meses, nos quais esperamos que venham coisas grandes. Tanto quanto temos na mente e no coração, tal como nos propomos fazer, e tu surgirão dessas vivências mais plenamente, mais claramente — e não apenas com palavras. Mas digo-te isto: há mais por saber, pois coisas que podem parecer-te estranhas acontecerão contigo. Não necessariamente aqui, enquanto te sentas, mas também em outros momentos. Só te peço que passes por essas experiências com a mente aberta, clara e pronta para receber.

Se não conseguires compreender algo, não rejeites — mas guarda-o de parte até que a prova se torne clara para ti, para que possas prosseguir. Sim. Sou apenas bondoso, minha criança, mas contar-te-ei mais quando voltares a sentar-te e eu vier de novo. E contar-te-ei sobre as coisas que quero dizer-te. Mas, por favor, compreende bem: se tenho de dizer-te estas coisas, muitas vezes de forma fragmentada ou confusa, é porque, no meu esforço de te trazer clareza nestas coisas, há uma espécie de diagnóstico, uma contenção, uma dificuldade em revisitar essas memórias, porque estas coisas, é claro, viajam e misturam-se com outras informações.

A minha pergunta é: ainda tens alguma dúvida?

Lucius3 13 de Agosto de 1962
Este som foi gravado no dia 13 de Agosto de 1962. Sentados pelas ruas, nunca saímos da vedação. Por todo o lado, eu sabia de nós próprios. Por mais que desejem que as pessoas

venham em direção à Terra, temos conseguido assistir e ajudar a humanidade. Quando eu contasse as almas numa ocasião como esta, estamos mais do que nunca conscientes das necessidades das pessoas da Terra, que prosseguem com as suas vidas diárias, fazendo todas as outras coisas comuns à raça humana, e afastando-se da mais simples verdade espiritual; isto para nós é motivo de grande peso e tristeza. Esforçamo-nos por viver uma parte do nosso ser, infiltrar-nos e conquistar uma pequena centelha de verdade sobre a maioria das pessoas. Por mais que concedas, não consegues derrubar as barreiras criadas pelos séculos, tal como nos conheces, e o preconceito, a intolerância e os medos de todos os homens, conheces a natureza humana. O preconceito é o homem a enfrentar-se a si próprio através dos séculos, nos séculos de tempo, o que torna ainda mais difícil, mais árduo, fazer acontecer a verdade. Quando encontramos, como fazemos nestas raras ocasiões, alguns de vós que estão ansiosos por provas, cujas mentes estão libertas, já não abaladas pela liberdade, e a dor é intolerância. Para nós, este é um momento de grande regozijo. Nenhum esforço que possamos fazer é demasiado grande, nenhum sacrifício que nos seja pedido é excessivo para cumprir este mandamento. Há muito tempo que sei destas oportunidades, como esta que se me apresenta, em que outros seres vieram e se manifestaram, falaram, uns muito bem, outros nem tanto. Foram atraídos, por assim dizer, em direção à Terra, pelos mesmos motivos, pelos mesmos altos princípios que eu. Alguns beneficiaram muitos seres na Terra, de várias formas e graus, e todos esses seres, particularmente os do meu grupo, prepararam o caminho para mim e para outros que ainda hão-de vir. Estamos certos de que lhes estamos gratos. Não creio que seja possível, para alguém no vosso mundo e nas suas vidas, compreender como trabalharam durante um longo período de tempo, desde o desenvolvimento inicial do Instituto. O Instituto foi criado nesta encarnação particular de serviço, tendo sido de facto seleccionado e preparado em espírito para este trabalho. Estou muito grato por tudo aquilo que foi feito, mas agora chegou o momento, e o nosso trabalho neste espírito deve verdadeiramente começar, na vibração para a qual foi destinado. Quando um jardineiro prepara o terreno, significa muito trabalho árduo, muita remoção de terra. Muito esforço é investido nas fases iniciais de preparação, servindo cada um na forma. Neste momento, sentimos que o nosso trabalho começou verdadeiramente, pelas coisas que temos de fazer, pelas coisas que temos de realizar no mundo, que não são para indivíduos que procuram apenas a mensagem passada conhecida, muitas vezes de natureza material, então não desprezamos isso, mas não faz parte do nosso trabalho. É essencial que se perceba que a necessidade é imperiosa. É o momento presente. Sinto, enquanto vos falo, que toda a atmosfera mudou, e as vibrações são propícias à mediunidade, como melhor para diminuir, onde em todas as ocasiões como esta, com este elevado número de seres, possam vir livremente e desejem criar diferença. Certas coisas vos foram ditas relativamente à encarnação. Desculpem? Sim, compreendes. Muitas mais coisas ainda estão para vir. Quando fui trazido, como de facto fui trazido recentemente, porque me disseram que o objetivo está pronto, nem sequer esperando por esta hora, por este momento. Quando vim, pude ver por mim mesmo, na antiga acumulação, nos instrumentos de ilusão de mudança. Não quero sugerir com isto que não tenhamos peso, que não sejamos nada senão apreensão quanto a isso. Com isto quero dizer necessariamente que senti que o médium, ele próprio, tinha mudado espiritualmente. Mas estive à espera que chegasse o momento em que a influência fosse exercida sobre esta mediunidade. Da nossa parte, tornaria possível aquilo que tínhamos guardado. Os médiuns e os seres são muitas vezes os últimos a perceber, compreender e saber plenamente o que está a acontecer na mente. Isto torna-nos muito interessados em dizer para nunca permitir que nada se infiltre em si mesmo. Os médiuns e os seres são produtos de inúmeras influências, inúmeras vibrações, inúmeras condições, muitas vezes para além da analogia, e muitas vezes para além do controlo. E eu sabia que, durante vários anos, em todo o caso, tinha de se cumprir um certo

tipo de trabalho. Tinha de ser feito um certo esforço nessa direção. Mas em determinado momento, sabia que seríamos capazes, eventualmente, de entrar mais plenamente na mediunidade, no desenvolvimento dela, na linha que eu e outros tínhamos tanta ansiedade em prosseguir. Quero, em particular, que o médium permaneça no espaço, à parte, penso que isto é importante. Embora saibamos muito bem o valor da mediunidade, e as possibilidades da mediunidade, e tenhamos todas as razões para acreditar que iremos alcançar muitas das coisas que agora temos no coração, quero que o instrumento, particularmente, permaneça imparcial, em relação às palavras. Não quero que tenham quaisquer ideias preconcebidas, por essa razão, também não o desejo para vós. Da mesma forma, não penso que haja muito por diante de vós, há realmente o instrumento, há um instinto natural, suponho eu, em particular para o médium, a nação, estar plenamente consciente e plenamente ciente de tudo o que se passa dentro de si próprio, e em particular com essa instrumentalidade como médium, há muitas razões pelas quais é melhor que deveis, até certo ponto, permanecer, por assim dizer, imparciais, ao decidir, não quero dizer que não deveis estar interessados em fazer perguntas, ou que não deveis, naturalmente e instintivamente, ser curioso, e querer saber, muitas coisas, tal como tu próprio, todas estas coisas não devem ser esperadas, mas o que mais desejamos, é que a nossa mente esteja completamente aberta e livre; não devemos, de forma alguma, deixar-nos ser preconceituosos, seja de que forma for, em relação a qualquer coisa que possamos dizer, sobretudo quando se refere a indivíduos, pessoas, especialmente pessoas que ainda estão do vosso lado. Tenho as minhas razões, e penso que concordarás, pela experiência passada, talvez, senão pela experiência presente ou futura que virá, religiosas também, sempre, por agora, para tentar ser completamente imparcial, completamente, e sem preconceito, seja o que for que se diga, sobretudo se não se enquadrar, como diriam, em certas ideias prévias, não para as descartar de imediato, nem necessariamente porque não se possam aceitar, mas lembra-te sempre que não sei, e há umas noites atrás, digamos, devemos ocultar, particularmente, direi, coisas que podem não só não se encaixar em certas ideias prévias, ou no que poderias pensar, mas no que achas que é verdade — isto para mim, e para tudo isto, é a coisa mais importante de todas: o que é verdade e preservá-la, e não há maior religião, não há maior experiência do que a verdade, e encontrar a verdade, nunca pode ser um desperdício, e por vezes, diz-se, a verdade é uma porta intransponível até que a pessoa em causa tenha mudado a si própria e possa aceitá-la. Por isso, muito do que possamos dizer, e muito mais do que já foi dito no passado, não é apreciado, mas aceite apenas em certos meios e por certos grupos. A própria verdade nunca foi leiloada, sobretudo quando se percebe que a verdade é invariavelmente o oposto da conceção material da vida e da experiência; quando damos à pessoa a verdade, muitas vezes é difícil aceitá-la. Mesmo os grandes seres de épocas passadas, que proclamaram a verdade, nem sempre foram bem recebidos, especialmente em certos meios, por causa da experiência de que há um preconceito em nós. Quando falamos de reencarnação, inevitavelmente ofendemos alguns, e aqueles que estão preparados para abrir os olhos, aqueles no vosso mundo que estão dispostos a receber, esses podem ser ajudados, podem ser guiados no caminho, o verdadeiro caminho, a experiência espiritual, e tudo isto significa, até certo ponto, um descartar de muito do velho eu, do velho modo de vida, e por vezes implica sacrifícios, que nem sempre são fáceis de fazer. Cada um de vós que chegou está num certo ponto, cada um de vós chegou, como se viajasse num veículo, e chegou a um certo ponto da sua jornada. Há aqueles que ficam para trás, como se estivessem atrasados, e há aqueles que são como o viajante que toma o caminho pela primeira vez, e a paisagem é nova e diferente, e então há um homem que vai à frente, ele é curioso e ansioso por prosseguir, pode ter ouvido certas coisas ao longo da sua jornada, por alguns que a fizeram antes, e pode ter algum conhecimento em si, sobre o que é melhor. Isto muitas vezes é bom para algumas pessoas; para

outras, não é bom, porque não estão prontas, não estão preparadas. É verdade que se fores fazer uma viagem, e alguém te disser, alguém que já fez essa viagem antes, o que esperar, como te preparares, o que levar contigo, o que deixar para trás, então é uma coisa boa, se for devidamente compreendida, aceite, por favor, mostra, e refiro-me àqueles na Terra, em redor, no mesmo caminho — todos estão em pontos diferentes, e cada um está ligado ao outro, e há alguns que estão a chegar ao fim dessa viagem, outros apenas a começar. É importante perceber que cada um tem de se equipar, de estar preparado, para poder experienciar nesta viagem através do tempo, através da vida, aquilo que é necessário, aquilo que é essencial, aquilo que é bom para si. A reencarnação, como a entendemos, é assim, como um homem que faz a viagem, e o mundo, que me cabe a mim, ele chega a um certo ponto, e fica lá também durante a noite, pois pesca, e acredita ser um peixe e desperdiçar-se, volta a partir, cheio de vigor renovado, cheio de esperança intensa pelo que essa parte da jornada lhe deverá trazer, e encontra muitas pessoas pelo caminho, e aprende — não — e à medida que viaja mais e mais, torna-se mais habituado a viajar, mais sábio, mais preparado para tudo isto que se retira de muito da jornada através do tempo. Há aqueles de vós, como já disse, que apenas agora vos foi dada esta jornada, estais a vê-la connosco; o tempo tem pouca importância, assim, a experiência é o que importa, o tempo, a experiência que nos permite tornar-nos verdadeiramente sábios espiritualmente, que nos dá a oportunidade, através da experiência de todas as formas de vida, de sermos realmente conscientes pela experiência. Tu, o médium, e outros nesta casa, e outros fora desta casa, e todos estes tão poucos de quem falo através do tempo, em cada um de vós, encontrastes, por assim dizer, os laços que nada pode quebrar, e aqueles que terminaram a jornada, aqueles que viram e viveram experiências através do passado, todos os negócios que foram experienciados e assimilados, todos os incidentes que aconteceram e foram arrancados, tudo isto está registado nos anais do passado, e nós trazemo-los de volta connosco quando entramos na Terra, como devemos, então ficamos como selvagens e falamos convosco, que ainda estais na jornada, através da Terra. Alguns de vós chegaram até nós, quase ao fim da vossa nova experiência; chegaram até nós, se assim é, o ouro foi enviado, e encontraram uma nova forma de vida, uma nova experiência, e estão prontos para entrar na esfera mais elevada e tornar-se verdadeiramente livres de todas as coisas que, para já, vos mantêm firmemente presos à liberdade terrena. Todas as experiências de vida pertencem a condições muito novas, e todas as diferentes encarnações, e tudo sendo autoimportante, e autodomínio, autoconsciência, o prazer de crescer em conhecimento, guardá-lo-ás para ti, por assim dizer, sempre foi bom para os nossos sistemas; assim descartarão o velho e o eu menor, quem for bom perceberá quão importante é realmente ajudar em todas estas diferentes encarnações, e perceberá quão vitais e importantes elas são, e como, se não fossem por elas, que pouca esperança teríamos de nos tornarmos espiritualmente crescidos, espiritualmente adultos; não se pode tornar verdadeiramente espiritual até ter vivido, por assim dizer, a existência terrena, todas as experiências que só a Terra pode dar, e tem de se aprender, através de várias — e acima de tudo, fica gravado que a coisa mais importante de todas, se desejas avançar, é lembrar e perceber que é através dos outros que muitas vezes não nos apercebemos, até ao dia em que vemos que é através dos outros que nos elevamos. Pois nos outros vemos, por assim dizer, nós próprios; para recordar, estiveram aqui antes de nós, e vemos o que devemos imitar, e vemos o que devemos descartar, apercebemo-nos de que há muito que temos de esquecer, e muito que temos de lembrar. A vida, seja qual for a fase, seja qual for o período particular no tempo, ou mesmo quando, como no meu próprio caso, quando está fora do tempo, quando percebemos plenamente quão importante é, e quão importante cada experiência é, pois é por estas experiências, é por estas muitas, muitas, muito belas coisas sobre nós próprios, que verdadeiramente nos tornamos uma pessoa no sentido espiritual. É por isso

que é assim, pois há muitos que estão na Terra de si próprios, e ainda é vital, é importante descartar o eu, e muitas vezes leva gerações, e vezes sem conta, muitas encarnações para sequer chegar a isso, para descartar o eu; as pessoas não veem o seu verdadeiro eu até terem visto, nos céus, nos reflexos das suas próprias naturezas, e gradualmente começam a ver e a descartar muito que desprezam em si mesmas; é um dos sinais da vida, muitos seres, nas suas verdadeiras esferas de amor, como vos foi dito, desempenham aquilo a que suponho que se poderia chamar de palcos; estão muito mais próximos dos velhos palcos gregos, das antigas peças gregas, e não de uma rapariga, onde necessitam de paz, todas as variadas naturezas humanas, onde se oferecem, suponho que se poderia chamar de peças de moralidade, onde as pessoas podem ver-se a si próprias. É apenas, como digo, quando olhas para o espelho da natureza que começas a perceber, e começas, em consequência, a mudar, e é por isso que tens tantas encarnações na história, porque tantos não aprendem, têm de voltar outra vez, e outra vez, e outra vez, para aprender muitas vezes aquilo que é duro e amargo, e por vezes até parece melhor pôr de lado, mas chega o momento em que o homem descobre que, se tem esperança no coração, encontrará através dela o seu caminho, que ele deve criar, e o caminho de cada homem não é o mesmo, pois o desenvolvimento de um homem pode ser vastamente diferente do de outro. É por isso que muitas vezes vos dizemos: não condenem nenhum ser, nenhum homem, pois o caminho dele é diferente, e é também possível que, na fase muito inicial do seu desenvolvimento, esteja certo que voltes à vida dele para o ajudar, para voltar e fazer algumas destas coisas. Quão difícil é, no tempo, compreender, quando tens este conhecimento das encarnações, quando percebes quão antigo é o Espírito do homem? Quando percebes que apenas num sentido terreno podes contar o tempo, quando percebes que o Espírito não está confinado por ele, mas o Espírito é o que eleva o homem no tempo, é o espírito que mais importa, e o Espírito deve descobrir, por assim dizer, através da experiência de muitas coisas que são necessárias para o seu pleno desenvolvimento, por isso toma o corpo, por assim dizer, carne, para poder experienciar certas coisas, e tem de o descrever, e no entanto o corpo serve-se de outros canais, canais animados, e eles dão ao Espírito a oportunidade de experienciar, um desenvolvimento da vida aberta, uma certa verdade; o espírito, num certo sentido, é indefinível, e foi moldado e caiu, tem significado, tem lógica, e no entanto não o conseguimos definir, apenas sabemos que é, e que essa força, esse poder, é o que eleva toda a vida, quer esteja nos seres humanos, quer esteja na natureza, ou mais perto de culpar, por todas essas coisas que temos de experienciar, têm vida — não há nada que não tenha vida, mesmo aquilo que parece, nos animais, como um mundo sem consciência, estar morto, tem vida, e retorna à vida, pois aquilo que constitui na Terra é vida, e a vida vem da Terra e parte da Terra, e a vida é eterna, não tem começo nem fim. Mas o que quero, talvez mais do que tudo, que compreendam sobre o significado prático destas coisas, é que o homem está sempre a evoluir, está a tornar-se mais e mais, se quiserem usar uma expressão, uma personalidade, um indivíduo, está a formar-se, por assim dizer, a si próprio, através de toda a experiência e do tempo, e é esta a razão pela qual é tão importante, é essencial, a reencarnação. Há alguns no vosso mundo que não gostam sequer da palavra reencarnação, que a rejeitam, e pensam, tola e ingenuamente, que uma vida é suficiente, e que, nessa única vida, podem possivelmente assimilar tudo o que é necessário; e, em todo o caso, a maioria das pessoas que têm qualquer fé individual, se é que a têm, consideram que o mundo terreno, que tem o seu propósito e significado, não é, contudo, importante no mesmo sentido em que nós o entendemos. Pensam que o mundo terreno vai levar dois caminhos, e que o mundo espiritual é eterno. Nisso, claro, há grande verdade, mas a conceção deles é limitada, e muitas vezes, bem, porque o mundo terreno é a escola da vida. Mas o ponto é que existe existência na sua forma, na sua estrutura, no seu ser, no seu estado, que sempre esteve lá, que sempre esteve lá, que sempre esteve lá — que sempre existiu nos

sistemas. E a partir daí é, como direi, daqueles que foram altamente experimentados, que se envolveram ali, claro, que moldaram, como homens, de tal forma que são muito nobres, como tais nos reinos do espírito; assimilaram e recolheram tanto, através de muitas experiências do tempo, que estão muito distantes da conceção de homem como homem. Nós somos esses, somos aqueles, somos aqueles que vêm dessas coisas, somos nós próprios, pois todo o espírito, aquele que passou pela reencarnação, que se aprofundou e descobriu, e que cresceu a partir da conceção de homem como homem, está formado em si próprio em qualidade espiritual, em aspiração espiritual, e orgulhoso de ter-se tornado diferente do homem, pois aprendeu por si mesmo, ao longo do tempo, com o homem, nascido nisso. Estas coisas são difíceis de concluir, estas coisas são difíceis de entender no início disto, porque eu disse antes, as coisas que virão a passar, as coisas que talvez não possam ser entendidas ou extintas. Mas tentei fazer com que tu e outros, cujas mentes se estão a abrir, percebam — e isto penso que é o ponto vital ao ouvirem — que há tanto para descobrir, há tanto, e mal se avançou no mais elevado grau de mente ou experiência da perceção do homem sobre as coisas; há tanto que ele não consegue deixar de apreciar, e ainda assim, não importa quais sejam as suas aspirações particulares, ou o seu conhecimento particular e experiência possam ter nele, nós, o homem, chegámos ao nosso ponto, e ele apercebe-se de que mal se afastou das velhas conceções de tempo e espaço, de forma, de figura, com o homem e com a equipa, e a sabedoria, até grandes alturas; ele já não é mais como o homem como homem, e tornou-se, em sete dias, como que um deus — mas com isto não quero sugerir que alguém deva pensar ou ficar sob a apreensão de que quero dizer Deus na posição ortodoxa interior — pois, como viram no vosso próprio tempo, estas coisas são complexas e diferentes, mas que verdadeiramente conhecem a minha sabedoria através de grande experiência, e transformaram-se a si próprios em poder espiritual — eles verdadeiramente foram muito além, contudo avançaram para lá de todas as antigas conceções no homem como mão da vida eterna e do poder espiritual, e da experiência através de um grande desenvolvimento. É por isso que virei até vós, como disse. Agora há muito para dizer, até agora há algo que é difícil de pôr em palavras, estas coisas. Os vossos amigos que servem, aqueles que eu conheci em particular e que se esforçaram por fazer algo desse género por aqueles que nos foram dados, tiveram criatividade; contaram-vos as suas várias condições nas esferas e retrataram lugares e experiências que são verdadeiros. Mas o que é difícil para eles vos explicarem é que, embora essas coisas tenham significado e sejam ditas, estão apenas a dar-vos uma parte deles próprios, não o todo; não foram ainda capazes de vos levar até lá. No entanto, vêm e, eles próprios, até os seus eus espirituais, na sua esfera espiritual de condição espiritual ou esperança, podem, quando querem, afastar-se por um momento do seu ambiente de que falaram, que apresentam como presente e feliz, e continuar com as suas moradas — isto é apenas uma representação, como uma encenação na nossa Terra, e que eles têm um corpo morto que é tão real para eles quanto essa ideia de atividade e vida é para vós na vossa pessoa física. É uma representação, eles sabem disso — e sabem, sabem, sabem, sabem, sabem, sabem, sabem, sabem, sabem, sabem, sabem, sabem, sabem, sabem, sabem. Eles sabem disto. Sabem disto. Quando vos disse que a experiência é a fonte.

Agora falarás com o teu grupo dentro de algumas noites e eu esclarecerei certos pontos que sinto que devem estar na vossa mente e que de momento estão um pouco obscuros — um padrão razoável, por assim dizer — mas não me deixes sair daqui com a impressão, entre o espírito nos planos superiores, de que seremos uma forma negra sobre essa personalidade. Pois podemos assumir a forma corpórea, pelo menos, e a zona de personalidade está lá porque os dois, entre nós, por assim dizer, são algo que flutua nos céus como se fossem duas coisas a começar, e ouvirás e não reconhecerás nada. Não quero que fiques com uma impressão errada, e quero que saibas que quando te falo, falo-te como um amigo, falo-te como um indivíduo,

falo-te verdadeiramente como algo específico para mim. Mas o que quero que compreendas, aquilo que deves saber, é que estamos verdadeiramente a tornar-nos aquilo que era suposto tornarmo-nos, através da experiência da vida em muitas vidas, de forma verdadeiramente recta no mais alto sentido possível, e os seres terrenos e materiais são finalmente afastados de nós, e se os aceitarmos ou os tomarmos sobre nós durante algum tempo, agrupamo-nos e dizemos: precisamos disto. A comunicação continuou, mas neste ponto a fita acabou.

Lucius4 — 18 de Agosto de 1962

Esta gravação foi feita no dia 18 de Agosto de 1962, para o resto da rede de comunicação mediúnica. Agora escrevi com uma certa espera, uma grande expectativa no regresso à minha cabine. E estou bem consciente de quão ansiosamente desejas marcar o compasso do tempo. Assim, se escreveres por um momento, desenharei algumas imagens do passado, apenas por este desejo no teu caminho, pois estou sempre ansioso por fazer isto por ti. E tento, tentar delinear de forma aproximada, para teu benefício, alguns aspetos da tua vida em realidades e noutros lugares. E no tempo desta estação, conto-te todas estas coisas nos dias de outrora. Conto-te como surgiu o teu primeiro interesse nestas coisas do outro lado. Tu és o Cristo nas coisas dos segredos e quão perigoso isso era, particularmente na capital. Podes fazer este tipo de coisa. Posso também contar-te como te tornaste tu próprio num instrumento. Assim, havia um receio na tua família, com o teu irmão em particular, de que isto teria um efeito sobre ti. E, por isso, não seria sensato para ti continuares. Foi extremamente desapontante. E, ainda assim, ao mesmo tempo, compreendíamos as razões por detrás disso. Afastaste-te da associação com violência. Nos dias de que falo, havia um grande medo entre o povo dos deuses. E da lei dos deuses, que muito se fazia para os apaziguar. Por causa dos tempos de que falamos, havia muito sofrimento entre eles, particularmente em Grécia própria, mas em Pompeia também. Esta ideia, que assim se descreve, havia uma liberdade que permitia às pessoas seguir nações ou tribos, reunirem-se e manifestarem-se lá antes da queda de Pompeia. Os irmãos mais velhos tinham partido, e assim conseguiram evitar a morte e a destruição. E perderam a maior parte da sua fortuna. E de facto, se não fosse por ti e pela tua família, as coisas teriam corrido mal para eles. Para todos, Pompeia foi construída após três dias de chuvas insistentes, implacáveis, da Síria. E, em consequência, a sua casa foi destruída nesse acontecimento, e a maior parte da sua fortuna também. E a maior parte pôde continuar com algum conforto graças à generosidade e à amizade da tua família. Outros tinham partido antes para Grécia, assim evitando a destruição na selecção da Síria. Mas foi preso em Roma e foi abatido na arena, tal como muitos outros. Foi infeliz ali, um homem sem tacto, apesar do seu conhecimento e da sua sabedoria. Era, em muitos sentidos, um homem que mantinha esta ligação, mas era de temperamento rápido. Isto pode parecer, talvez, estranho, quando se considera que era um homem que fez da sabedoria uma grande clarividência. Tinha comunicação e estava muito em contacto, poderias dizer, com o poder do Espírito, que constantemente o avisava e aconselhava. Mas quando não estavam nos instrumentos, tinham muitas vezes uma natureza conflituosa, pois são dados no poder do Espírito e, por vezes, falham em segui-lo. Às vezes sentem a sensação e ficam demasiado sob a influência, e têm de afirmar a sua própria personalidade, porque há uma batalha a travar, e, em consequência, por vezes dizem e fazem coisas insensatas e tolas. José Carlos era um homem que, apesar do seu conhecimento, era tolo em certos aspetos perante os modos do mundo. Daqueles que foram elevados na mente do Espírito, mas que eram tocados pelas coisas materiais, eles eram tocados. E muitas vezes, como se dizia, era especialmente um homem mundano, o que criava uma situação diferente. O próprio José Carlos estava tão ansioso para que todos acreditassem nos combatentes, que foi erradamente denunciado, preso. Ao início, pensaram que era cristão, depois perceberam que não era cristão, mas era, como pensavam, uma fonte de vida, um feiticeiro — e havia muito medo e domínio sobre estas pessoas e, em consequência, como disse, foi morto. Mas ele voltou, novamente, até nós, no tempo de José

Carlos, como necessidade de usar instrumentos e outros membros da casa que não estavam bem. E aqui está. E ele, que não podes segurar, mas... Ele também, sim. Foi um tempo de grande conflito, onde havia muitas fações entre si, de facto, o país inteiro estava dividido. Em demasiadas regiões diferentes, poderias dizer, ou partes, sob o império romano, no tempo do imperador, Roma era a capital, mas era a capital de uma grande nação. Era o grande império — Roma, a capital. Todo o império estava, poder-se-ia dizer, solidamente por detrás de Roma. E após a queda do Império Romano, o país dividiu-se. Surgiram casas de novo para tomar vastas áreas, vastas partes do país. E havia fações e disputas entre todas as casas dispersas e grupos de pessoas obcecadas, que acumularam grande poder em casa e nos instrumentos. E havia esse instrumento dos outros, unidos nestas lutas. Tu, que muito o amaste, a quem não chamas Chopin. Ele, nesses tempos, era filho de uma casa nobre, um homem de grande posição, e nesse tempo o seu nome era Alfredo. Perdão, qual é o nome, por favor? Alfredo. Alfredo, peço desculpa. Obrigado. E serás sacerdote. Serás sacerdote. Obrigado. E descansarás, e enviarás um contigo para fora. E serás morto, assassinado, e viverás juntos durante alguns anos. Em recompensa por estas poucas coisas que custam uma noite de oração. E serás morto, perdeste a vida, e viverás juntos com um filho. Esse filho. Sim? Esse filho chegou à idade adulta e tornou-se eventualmente papa. Tornou-se um homem de grande integridade, com grande sabedoria espiritual e discernimento herdados de ti. Uma força e poder psíquico. E, através do céu, veio um grande Renascimento. E uma grande elevação espiritual. E uma grande paz na nação.

E nele estava o dom inato. Precisavas de o ver alcançar a grandeza. Era bastante jovem, mas foi para a escola. Teve tutores, um grande conhecimento e sabedoria, e que viam nele grandes possibilidades. E o significado espiritual era forte na sua essência. E foi dedicado à Igreja. Tinhas grande interesse, de novo, nas coisas do espírito. E desta vez, naturalmente, a tua atitude mental estava mais em sintonia com a época — e com a Igreja em particular. Terias sido, nesse tempo, uma mulher mais religiosa. Uma mulher mais religiosa. Um homem mais religioso para a Igreja. Um homem mais religioso para ser tocado. E o poder, porque sentias que era arte e parte central do teu cristianismo. Não estavas necessariamente de acordo, olho no olho, com a Igreja. E a cultura tinha-te criado e educado nela. E com isso, estavas em sintonia. E, no entanto, dentro de ti, sem razão, começaste a questionar. E quando viste o teu filho dar passos semelhantes e ligações como indivíduo, em busca da verdade, apercebeste-te de que talvez no Céu pudesse vir algum cumprimento dos teus desejos mais profundos, ver mudanças a acontecer. E ele tornou-se um homem notável. E de facto, teve muitas apresentações e muitas experiências espirituais. E foi responsável por muitos outros serem levados mais perto de Deus. Foi capaz de lhes mostrar o caminho. Foi um homem que, muito bem ali, entregou-se totalmente, de forma absoluta, a fazer a vontade de Deus. Foi um homem que viveu até grande idade, especialmente para a sua época. Claro que tu próprio tinhas já um desenvolvimento espiritual avançado quando ele tinha 14 anos. Mas deste lado da vida, vigiavas por ele e esforçaste-te por ajudá-lo, guiá-lo e inspirá-lo. E ele estava consciente da tua presença, consciente da tua proximidade. E ele próprio teve a experiência de te ver em várias ocasiões. Em França, onde estiveste durante bastante tempo, ainda permanecem vestígios da tua vida, daquela vida. Existem retratos ainda em existência — não seriam considerados hoje os melhores exemplos de semelhança. Existem retratos do teu marido e de ti na galeria de Pitima. Não suponho que alguma vez vás lá. No corpo, já viste estas imagens, mas isso pouco importa. Como te disse, muitas vezes dissemos — não apenas o momento presente ou, de facto, o passado, por mais importantes que esses tempos sejam. Muitas vezes dissemos: virá o tempo, quando terminares o trabalho para o qual foste enviado onde estás — quando tiveres completado as tarefas — então, quando vieres para aqui, terás cortado as ligações com isso. Eu estive lá em visitas, e morri no tempo, mas para não regressar em corpo. Pois reunir-te-ás com muitas dessas pessoas que já vieram antes de ti. Pessoas que aqui têm estado contigo, aqueles que foram parte tão importante das tuas várias vidas. Verás então quão claramente é o padrão que tem valido a pena — onde cada fio é um fio que foi importante para a construção do tecido da tua vida. Verás como te ligarás ao teu

caminho particular com os outros destes mundos, e agora tudo se funde para formar uma imagem de grande beleza. É por isso que é tão importante perceber que os pontos mais escuros da vida, as múltiplas vezes, os tempos deprimentes e infelizes, tiveram esse benefício e esse propósito, ajudaram-te e permitiram-te expandir, crescer, tornar-te mais sábio, mais consciente espiritualmente e, consequentemente, mais capaz de guiar e ajudar outros — não só enquanto estás no corpo, pois ajudaste muitas almas em cada ano — por vezes tendo estado no mundo, por vezes, talvez cem ou duzentos anos antes de regressares, e isto aplica-se não só a ti, mas também a outros. A alma de que falo nesta encarnação está a alimentar-se, está aqui, deste lado da vida. Mas não o conhecerias se ele viesse falar contigo — terias uma perceção interior de algo que te seria familiar desde o início, e se pudesses ver-lhe o rosto, embora não estando ainda perto do corpo, não o reconhecerias. Pois, como vês, a memória é obscurecida e duvidosa com o tempo, e o corpo, por si só, não consegue conceber e perceber com o olho. Estas coisas passam, mas a consciência interior é tão receptiva — e verás muitas almas quando voltares para este lugar do espírito — não terminarás, e vê-los-ás como os recordas, e recordarás de novo, e verás como foi possível que te ajudassem e amparassem, em várias dioceses e diversas condições, e sob diferentes nomes, em diferentes épocas. Estas almas, às quais ainda estás ligado, estes laços que prendem e mantêm juntos, deves lembrar-te, foram forjados ao longo de muitos séculos, e passaram por muitos estágios diferentes de emoção e tantas vezes no corpo — foste esposa, foste irmã, até foste marido, e de facto foste criança. Passaste por todas as fases, toda a emoção, por toda a condição de vida que é possível conceber. E agora, a alegria é realmente da nova santidade de uma vida maior e plena no espírito — mas todas estas várias culturas, que se fazem conhecer e sentir por ti, onde terás uma clareza de visão — e então começarás a ver novamente, certamente, mais claramente, como todos estes laços se entrelaçaram e entretecinaram — e do nosso lado, quando vieres para aqui, ainda continuarás, em certa medida, a interessar-te por eles e por aqueles que ficaram para trás — e verás alguns dos cumprimentos, algumas das coisas que podes profetizar. Serão lembradas, e não há confusão nestas questões, e não há confusão em relação a todas estas almas, que foram tão importantes na sua parte da tua vida. Todas estas são experiências essenciais, e não devemos confundir os corpos variáveis, através dos tempos variáveis, com o único espírito de si mesmo, e a única vida interior, pura, verdadeira, que flui por todos estes tempos variáveis, corpos individuais, fases, e de facto, em relação ao estatuto, em relação à posição e à vida, em relação à forma e à natureza. Tudo isto foi variado e diferente, e foi essencial — para que o espírito pudesse ser testado, para que o espírito pudesse ser experienciado, para tornar possível a conceção, para tornar possível a realização que se encontraria ali, acima de tudo isto. O espírito só pode encontrar liberdade completa quando se esgota ou vivencia toda a vida. Então está livre para entrar na plenitude da vida, da verdade, da experiência e do espírito — e descartar o eu, ou apenas libertar-se, ou aproximar-se dos aspetos materiais da natureza e do eu. Todos nós devemos suportar estes vários graus e condições, caso contrário não podemos ser uma pessoa completa, não podemos ser a pessoa inteira, não podemos estar completamente livres das coisas materiais. Devemos espremer, por assim dizer, ou distanciar-nos da Terra, em todas as suas várias formas e condições de vida, para que possamos dizer verdadeiramente que sabemos, e através da experiência encontrámos — e tendo encontrado, fomos capazes de avançar até às alturas, descartando à medida que avançamos todos os empecilhos, as únicas coisas sem consequência real, e assim tornamo-nos leves, livres e soltos, de forma a podermos mover-nos sem sermos retidos ou desviados por quaisquer outras coisas que ainda prendem algumas pessoas. É por isso que é tão importante que, muitas vezes, as pessoas tenham de regressar à vida, que tenham de aprender de novo, e tenham de experienciar de novo, e tenham de habitar corpos que, num certo sentido, lhes são estranhos — mas, mesmo assim, que devem aprender a controlar e a experienciar através de todas estas coisas que fizeste — e todas essas almas que aqui estão para deixar para trás os teus passatempos, terminaram as suas tarefas ao redor — e manterão viva esta comunicação constante de ligação contigo.

Serão capazes, pelo menos por agora, de manter contacto, de se fazerem sentir e conhecer de tempos a tempos, e quando chegar a tua hora de seres libertado do corpo, quando lá estiveres a rejubilar com eles, não haverá arrependimentos, pois tudo será felicidade, toda alegria, tendo de facto tornado possível a renovação e a continuação da vida com aqueles que aqui estão à tua espera. Estas coisas são vitais, importantes e essenciais. Estes últimos anos, em que tens permanecido aqui, são, no mesmo espaço, os mais importantes aos olhos deles e, bem, digamos, os anos de realização. A tua vida, como tantas vezes dissemos, tem sido uma de desilusões, no sentido material — isso é cruel. Mas quando chega um tempo glorioso de cumprimento, quando é num sentido espiritual, foste abençoado com grande conhecimento, e conseguiste encontrar provas, até certo ponto, para aqueles que estariam dispostos a aceitar — aceitaram, tal como nós aceitámos. O que é importante perceber é que alcançaste muito mais do que possas imaginar aqui — não apenas depois da vida, mas aqui, deste lado, votaste ser, para ti mesmo, uma condição de vida que te espera num paraíso profundo. Pois isto é, muitas vezes, uma decisão importante, quando se regressa à vida, não só para a experiência, vida após vida, para se desenvolver, mas para experienciar estas coisas mais do que uma vez. De certa forma, é também importante perceber que são as experiências do além que, até certo ponto, se revelam ao longo dos anos, aquilo que está para vir, e que, por si só, é vital para a tua felicidade e liberdade. Pois isto é, talvez, algo que poucas pessoas percebem — a importância da liberdade num sentido espiritual. Há aqui quem seja experiente, quem seja desenvolvido, quem tenha decretado e aprendido, especialmente — mas eles próprios não são livres, pois estão ainda, em certa medida, presos e, em certa medida, acorrentados às coisas materiais, sendo essencial e necessário para eles reencarnarem, regressarem de novo, para que possam trabalhar sobre si próprios e certos aspetos da sua natureza, que ainda não tiveram o seu pleno desenvolvimento na Terra e na experiência — por outras palavras, têm de aprender como abandonar, e como aceitar, as coisas que são importantes. É difícil colocar totalmente em palavras estas coisas, sempre tão vastas, sobre o que se pode trazer, e como afeta alguns, e como talvez não afeta outros — pois para alguns é espiritualmente importante regressar à vida uma e outra vez, não só para o seu próprio cumprimento e desenvolvimento, mas para o desenvolvimento e cumprimento de outros — outros que estão ligados a eles por correntes de amor — e quão frequentemente esses que encontram a sua felicidade escolhem regressar à vida para poderem ajudar aqueles tão próximos e queridos para eles, desde a vida passada e encarnações, para ajudar esses, para aprenderem, para experienciarem e para adquirirem o seu conhecimento, de modo que, quando vierem, não tenham de regressar outra vez. Todas estas muitas vidas são essenciais, até que tenhamos ganho experiência suficiente, de todas as formas possíveis, para que possamos verdadeiramente dizer que adquirimos todo este conhecimento essencial, de toda a experiência, de tudo aquilo que é essencial para o nosso progresso e bem-estar, onde possamos dizer que aprendemos todas as nossas lições. Então terminamos a nossa passagem terrena, através de corpos como aqueles que conheceste desde então, ganhaste o teu conhecimento, ganhaste a tua experiência, mas agora segues em frente, não apenas pela tua própria salvação ou destino, mas também pelo equilíbrio deles, pois os laços de amor são tão fortes que não poderias resistir a importar-te, a ajudar ou a permitir que fossem ajudados. Espero que sim. Mas poderias dizer-me quem são eles? Quem são eles? Estas almas são aquelas cujos vínculos remontam a séculos no tempo, estas almas que servem e se esforçam por servir outros, estas almas às quais estás ligado, estas que conheces, estas de quem te falaram — pois são laços fortes, vínculos fortes que o tempo em si não pode quebrar ou cortar, que sempre estiveram próximos do teu coração — este equilíbrio, estas almas, que são partes tão essenciais do teu ser, nesta encarnação, e nesta encarnação, e nesta encarnação, onde te reconheço acima das tuas reencarnações. E se nos encontrámos noutras encarnações, seria possível para ti dizer-me, porque tenho tido grande interesse por ti. Para além do tempo na Roma Antiga, também estive ligado a ti na época de que falei antes, em relação ao corpo, à família, em relação à amiga e a ela própria — e se fosse responder a isso, pergunto-me como reagirias quando te dissesse

que o teu filho, a alma de onde vieste, eu era um poeta — e se te falei como falei, em tão grandes elogios, do que poderia parecer presunçoso, era de mim próprio — tentei fazer isso, percebendo, num certo sentido, que poderia distanciar-me, pois posso fazer isso, posso manter-me num real distanciamento e ver-me a mim mesmo nos meus tempos passados, na minha vida passada, nas minhas antigas associações, sem de forma alguma sentir que posso reivindicar mérito, porque sei que todos nós, em diferentes condições, nos nossos estágios de evolução e desenvolvimento através da vida, cada um de nós está a progredir lentamente, mas certamente, em direção ao objetivo que foi traçado, e que terminará para sempre os nossos vínculos e laços — temos, então, a irmandade do grupo completa, com todos os irmãos e irmãs, todos aqueles que descem como um, a unir-se, com todos a cumprir os seus talentos, todos a realizar aquilo que lhes foi destinado. Voltamos a reunir-nos de novo e manteremos a nossa individualidade e, em parte, algo que nos faz indivíduos. Como um só batemos, num só coração — somos um só, verdadeiramente e certamente. Estas coisas, de que tantos grandes mestres ao longo dos tempos falaram, estes ensinamentos, que dizem, todos os grandes os expandiram — mas para muitas pessoas da Terra, que não compreenderiam, porque não estavam prontas para assimilar, para aprender — mas todos, eventualmente, terão de encontrar este caminho. E este caminho que nos leva à encarnação, após encarnação, é essencial, para que, por fim, possamos ser libertados de todas as nossas exigências e tempos, para encontrar essa paz perfeita, e esse amor perfeito, e esse mundo perfeito de vida, nos reinos do Espírito. Estas coisas estamos a fazer — e tu, em breve, e os outros que ainda servem e têm um papel a desempenhar no mundo, são aqueles que eu tenho, são parte de nós, e eu próprio, que conheces, estamos ligados a ti, em laços de amor, e eles próprios ainda têm muito a aprender, e pode muito bem ser que ainda tenham de reencarnar novamente, possivelmente. Mas há aqueles que são almas jovens, e há aqueles que são almas jovens, e alguns que servem como bons e outros como aprendizes numa escola, e outros que tiveram bebés, apenas a começar a aprender. E todas estas crianças, e todas estas almas, e todos estes que são parte de nós — ajudá-los-emos, e esforçar-nos-emos por eles, guiá-los-emos, inspirá-los-emos. É por isso que estamos tão ansiosos por ter uma oportunidade, de tempos a tempos, para falar de muitas coisas — particularmente para a realização que ainda há de vir para muitos, desta verdade da vida de que falamos — pois é uma vida de que falamos — pois a vida que falamos tem muitas facetas, muitas experiências, e é isto que significa ir para fora, e continuamente, para sempre, crescer. Estas coisas, que talvez pareçam impossíveis de compreender para a mente humana, mas mesmo assim, quão maravilhoso é saber que podemos ter todas as vidas, e ser todas as vidas, para que possamos ter toda a experiência, e ser todas as pessoas, ser um só todo, e compreender tudo — e, em consequência, através destas coisas, encontramos o nosso verdadeiro eu e desenvolvemos uma qualidade para superar completamente e absolutamente, unidos em espírito, na verdade, na iluminação. Não há dádiva, não há queda, pois há vida para toda esta nova relação, pois há passado perpétuo, de acordo com aquilo que o homem conhece pela experiência, segundo a sua evolução neste tempo — e então ele vê, e responde, e alcança o próximo aspeto da evolução — e assim prossegue, prossegue, numa eterna iluminação e experiência. Tu… mas olhas assim, e assim nisto, em volta do virtual — e aqueles que terminaram as suas tarefas, através dos corpos terrenos, regressam agora, tal como eu regressei, na ocasião de te falar — e depois nós, através de ti, ajudamos as nossas vidas, para as levar à autoiluminação, para que também possam trilhar o caminho, o verdadeiro sentido, a experiência da vida. Estamos tão ligados uns aos outros, os laços são tão fortes — fomos tudo uns para os outros, fomos tudo o que a vida pode oferecer — e tornámo-nos, em consequência, totalmente conscientes, assim, num nível espiritual muito acima das coisas terrenas. E se falo das coisas terrenas, da experiência passada, é porque compreendo que pode ser um sistema de orientação e ajuda para outros, sabendo que tu és autoiluminado e conhecedor, para que possas transmiti-lo e ajudar outros em consequência. E digo-te que esperamos alcançar, através deste instrumento, antes de terminares o teu tempo terreno, algumas coisas notáveis. Sei que recebeste profecias, algumas das quais se cumpriram, e outras não, mas digo-te que veremos juntos uma revelação e uma

experiência que se afastará do que o instrumento tem feito no passado — será conhecida, na medida em que terá um peso de convicção e uma força que surpreenderá muitas verdades. Há dentro de ti ainda um grande poder, há dentro de ti ainda uma grande instrumentalidade de amor em serviço, e acredito que realizaremos estas coisas. Muito em breve, precisarás ver, e caminhar até lá, e passarás por grandes mudanças, e verás, o que é espantoso, e será uma grande bênção para todos nós. Por isso... chora, minha criança, para compreender estas coisas que te disse — sim, ainda tens dificuldade em compreender tudo por completo, e seria estranho se não tivesses, porque sinto, ao tentar encontrar palavras, que devo ainda, tanto quanto possível, transmitir o que desejo passar — esta visão ampla. Dar-te-ei mais conhecimento, conhecimento mais detalhado, que será mais compreensível para ti e esclarecerá muitos pontos, e muitas coisas pelas quais passas ou que te preocupam, e pelas quais por vezes até sentes apreensão — estas coisas serão desatadas para ti. Obrigado por teres preparado este momento tão bom. Adeus. O que é, vejo que vais aprender muito. Bem, estou na imagem, estou muito na imagem, não estou a dizer-te diretamente. Assim, nós fazemos, e devemos contar-nos uns aos outros, fazemos. Sim, passarei este tempo uma vez. O quê? Eu queria que fosses alguém, isso é para mim, para ti. É para mim. Não é teu, coisas. Não, não é. Não. Sim, espero que chames isso de popular. É isso! Ou chamas isso de popular? Não, não sou. Não, não sou. Não, não sou. Não, não sou. Isto confunde-me. A chamada da manhã estava a fazer o meu filho. Obrigado. É uma pena. Olha onde pisas.

Lucius5 — 20 de Agosto de 1962
Esta gravação foi feita no dia 20 de Agosto de 1962. É uma rua rara. Não temos a faísca. Eu não sei. Criança.
— Sim?
— Queres. Acredito que queres fazer uma pergunta.
— Oh, eu queria mesmo perguntar-te uma coisa. Temos dois ou três livros. Uma cópia disto e assim. E o nome Lucidius é mencionado duas ou três vezes. E estamos a tentar encontrar o Papa, o nome que tiveste quando foste Papa. Achas que gostarias de nos dizer?
— Sim. Há coisas que preferimos deixar por dizer.
— Sim.
— Há coisas que preferimos que te esforces por descobrir por ti mesmo.
— Entendo. Está bem.
— Mas quanto a isso, se não descobrires, vais aproximar-te esta semana. Eu dir-te-ei.
— Anjo.
— Tenho razões, tal como irias descobrir, podes atravessar. Porquê? Falo livremente de algumas coisas. E talvez menos livremente de outras. Em relação a certas coisas, tenho as minhas razões. E são muito boas. O mesmo se aplica a isto. Muitas pessoas, diria eu, há certas coisas e não tenho desejo de que as saibas de imediato. Até chegar o momento em que me conheças melhor, e sejas capaz de pesar aquilo que disse e veres que não falta nada. Como já disse antes, afastar ideias pré-concebidas — para não as ter. É por isso que estou ansioso por evitar responder a certas perguntas nesta fase particular. Aquilo que te fiz fazer a este respeito. Aquilo que pretendo afirmar-te. Aquilo que sei que será uma ajuda inquisitiva. Aquilo que será verdadeiro para uma maior verdade e uma maior realização — essas coisas deves saber. Mas há coisas que não devo fazer. Há coisas que não devo dizer. Há certas coisas que sabes que não podes descobrir de imediato por ti próprio. Mas nessa altura, conhecer-me-ás melhor, e serás mais capaz de entender, talvez, as razões pelas quais evitei ou pareço evitar certas coisas ou assuntos.
— Bem, estou contente por me dizeres isso tu mesmo.
— Eu disse-te, criança.
— Sim, que haveria, entre muitas coisas que te disse, certas coisas difíceis de prever e que terias

dificuldade em tentar compreender. Mas com tempo, paciência e reflexão, começarás a ver a verdade a brilhar através de alguns dos obstáculos que crio para ti. Estou ansioso por te ajudar a visualizar uma base da vida passada, para que possas ter uma melhor compreensão do teu presente e do propósito da tua existência presente, e da existência de outras almas próximas e queridas de ti — e também das razões pelas quais certas coisas aconteceram no passado, e porque alguns voltaram novamente noutras encarnações, e porque hoje tens isto. És, por assim dizer, alguém que está a limpar a casa. Mas é assim que o vejo — a limpeza da casa, não apenas contigo, mas a limpeza da casa com outros também. Não prefiro a limpeza da casa. Prefiro o sentido espiritual — a casa espiritual.
— Sim.
— Vês, à medida que avançamos na vida, tendemos a acumular à nossa volta todo o tipo de coisas — muito peso inútil, muito sentimentalismo, sem importância real. E podemos ter algum apego ou razão para isso — e é por isso que nos agarramos a isso. E as vidas são assim. As encarnações são assim. Numa vida, acumulamos todo o tipo de experiências — algumas boas, outras não tão boas, e algumas que são claramente más. É como se acumulássemos, em cada vida, uma casa cheia de todo o tipo de coisas — coisas que amamos por várias razões, e coisas pelas quais não temos tanto interesse, mas continuamos apegados a elas porque fazem parte do nosso passado. Temos de aprender a esvaziar a nossa casa, a descartar coisas, a sermos suficientemente corajosos para ficar de pé e dizer: isto é inútil para mim — foi importante para mim uma vez, naquele tempo específico — foi vital para o meu bem-estar e felicidade — mas agora devo deixá-lo ir. Gostaria que o fizesses. E assim é com esta consciência que surge, com as encarnações — temos de descartar muito do antigo e reter aquilo que é importante em nós próprios, para a abertura e desenvolvimento do nosso conceito. Por outras palavras, somos os guardiões — os faróis de luz — que não podem manter o crédito de todas as coisas velhas que em si mesmas não têm importância, e que sabemos, no fundo do coração, que temos de abandonar eventualmente — mas mesmo assim agarramo-nos a elas. Sentimos que não podemos separar-nos dessas coisas. E os seres humanos são assim — nas suas encarnações, desenvolvem-se em certos tempos, tornam-se, por assim dizer, até certo ponto, indivíduos — com gostos e desgostos individuais, com fraquezas e forças. Assim é que temos de encontrar o nosso verdadeiro eu — e tudo isto devemos realizar dentro da nossa existência — temos de nos tornar, por assim dizer, suficientemente fortes para sermos capazes de nos avaliarmos a nós próprios, na balança, e encontrarmo-nos em falta — e quando nos encontrarmos em falta, então começamos a descartar todas as coisas que nos prendem, que não nos deixam seguir em frente — e então tornamo-nos livres, por assim dizer, para sermos libertados. E eles farão o mesmo — nenhum conhecimento ou experiência se perde. É por isso que temos de regressar tantas vezes — para aprender, para aprender a viver, para aprender a tornar-nos, e tendo-se tornado, começará a tornar-se mais forte, e verão mais claramente, e os nossos pés levar-nos-ão pelo verdadeiro caminho, pelo caminho e pela tradição. Assim é que nós próprios devemos encontrar, para eventualmente olharmos para trás do caminho, libertando-nos de fardos, abrindo-nos à verdade e tendo a força para deitar fora todas as coisas que em tempos pareceram verdade, mas que quando examinadas eram falsas, porque descobrimos que eram poderes ilusórios. Se tentássemos, eram elos falsos que mantínhamos, que enfraqueciam a cadeia da vida. É tão importante perceber a importância da nossa encarnação. Outro ponto é que, quando deitamos fora estas partes mais fracas, estes aspetos mais frágeis do eu, quando os rejeitamos, por assim dizer, há uma grande libertação — então as nossas mentes ficam livres para esquecer. E é por isso que, por vezes, quando regressamos, tentamos recuperar certas recordações, lembrar certos seres que foram importantes e essenciais, mas muito disso não importa; a maior parte não é importante, é para ser descartada, deixada para trás — e é difícil

recuperar. Na verdade, não seria sensato insistir nisso. Contigo, minha criança, passaste por tantas encarnações diferentes, e foste tantos outros eus nestas encarnações — e esses eus, deste lado e aqueles que ficaram do teu, só podem reunir-se para este propósito: para que, nesta última encarnação, possas descartar completamente de ti tudo o que não importa, para que possas, por fim, limpar a tua casa uma última vez, sabendo que te desfizeste de todas as coisas materiais que já não têm valor para ti. Perdeste, por assim dizer, o desejo por certas coisas que outrora eram importantes — por outras palavras, compreendeste, finalmente, o significado da vida: que é puramente e unicamente uma coisa espiritual — as experiências materiais são o teste do espírito. Eu enviei-te, e tu passaste por todas estas experiências, foste provado nelas, e atravessaste-as com a plena realização da sua importância e do que significaram para ti, como te permitiram abrir e desenvolver o teu conceito. Olhaste para todas estas coisas sob a luz verdadeira e aprendeste a valorizá-las pelo que eram — e agora podes descartá-las. E dirás a ti mesmo, por fim: "Agora estou livre." Assim, quando deixares o corpo para trás, e tiveres limpado, por assim dizer, os recantos mais profundos da memória, quando te tiveres libertado de tudo aquilo que já não é vital ou importante, então, quando estiveres livre, virás para aqui e estarás com aqueles que aqui estão há séculos — e estarás com eles, sabendo que realizaste, que superaste, que limpaste de facto a casa — e agora podes, por assim dizer, abraçar plenamente a vida, sem qualquer sensação de que terás de regressar de novo num corpo físico. Por outras palavras, tenta compreender que esta tua última fundação é o fim da limpeza, o ajustamento final, a superação e a realização de tudo aquilo que está para vir — mostra-te, e mostra a todos, os grandes céus e a grande alegria.

Quando te falo de encarnações, quando te falo de algumas das experiências, como as recordo e como as posso, por assim dizer, reconstruir a partir da manifestação destas condições — dou-te tanto do teu passado porque ainda estás na Terra, e, por consequência, estas são as encarnações que, de certo modo, estão ainda na camada mais exterior do espírito. Podem ser captadas por mim e por outros. Não existe uma forma de capturar tudo por completo — em certos momentos podemos captar certas coisas e experiências de outrora, e podemos relatá-las pelo que valem. Não sugiro que te conte algumas destas coisas porque necessariamente te ajudarão — outras coisas que te possa dizer serão de uma ajuda infinita. E de tudo isto que te digo, ou de qualquer outro que venha ter contigo, o importante é que tenhas a realização de que todas estas experiências, todas estas vidas em que tens servido para ajudar muitas almas, foram vitalmente importantes — não apenas para ti e para o teu próprio desenvolvimento e desabrochar espiritual, mas também para aqueles que te foram próximos e queridos, e que ainda poderão ser — e a influência que tiveste na vida deles, de uma forma que talvez não compreendas, mas que, de algum modo, os tocaste para encontrarem talvez uma nova sabedoria, para manterem talvez uma nova visão, e muitas vezes, de facto, uma nova força de natureza mental e espiritual. Todas estas coisas de que te falo não dizem respeito, num certo sentido, apenas à tua própria história pessoal, mas a muitas almas, algumas das quais poderás não conhecer, e cujos nomes talvez nunca te sejam conhecidos — não podemos dizer quantas, inumeráveis, inumeráveis almas deve haver, que na vida tocaste apenas por um breve segundo no tempo — e, ainda assim, esse breve toque pode ter tido grande influência, em alguma medida, na jornada dessas pessoas — mesmo que, por vezes, tenha sido até um peso para elas. Mas aqueles que estão abertos a receber, podem receber e devem receber; aqueles cujas mentes estão fechadas não podem receber, e devem, por isso, encontrar por si mesmos o seu verdadeiro nível em cada encarnação que tenham de viver, até alcançarem o estágio em que possam, finalmente, ser livres. Tu passaste por inumeráveis encarnações, não apenas por aquelas poucas de que te falei, mas por muitas outras, e muitas outras almas de que falámos foram-te nomeadas — e se eu fosse enumerar muitas outras, cujos nomes não devem ser

conhecidos — mas tudo isto te foi dado para que, em troca, te ajude cada vez mais a purificar-te, a libertar-te, por assim dizer, da tua mente e da tua vida, para que, quando saíres do corpo, estejas completamente livre de todos os laços e vínculos. Nesse sentido, os únicos vínculos que poderão permanecer serão apenas os espirituais — e são estes os vínculos, claro, que mais nos importam, e naturalmente, porque são espirituais e num plano mais elevado, continuarás a olhar, e, por isso, regressarás — não terás de comunicar, mas nunca mais regressarás num corpo. Mas o importante, quanto ao corpo, é a realização que terás — e assim tens — de tudo o que foste, de tudo o que tem acontecido, de que tudo foi essencial na tua história: todas as dificuldades, todas as desilusões, todas as decepções, tudo isto foi necessário nesta ou naquela encarnação, para o teu íntimo. Esta vasta encarnação tua tem sido, eu sei, uma das mais amargas — uma verdadeira provação — e tens tido grandes desapontamentos e desilusões, mas tudo isto foi, em certo sentido, material, ainda que tenha havido uma base espiritual, é verdade, mas, ainda assim, destas coisas afastaste-te, em grande parte, mais do que imaginas — e podes, até certo ponto, afastar tudo aquilo que precisas, limpá-lo da tua consciência e da tua experiência. E, em consequência, poderás superar.
Há uma razão para esta tua existência presente: superar certas partes da tua natureza, certos aspetos de ti mesmo, que eram tão essenciais, que era preciso dar-te a oportunidade de experienciá-los de tal forma que pudesses libertar-te do que é menor — e, em consequência, ganhar aquilo que tem sido tão essencial para o teu progresso e desenvolvimento. Sei que sofreste, mas a autoconfiança, o ajudar-te a ti mesmo, é essencial e necessário, e a disciplina que tens, também é essencial. Sei, pelo que me foi dito, pelo que sei, e pelo que vi em ti, que sentes, de certa forma — se alguém olhar para ti numa base material — que foste, talvez, enganado — mas isso não é assim. O que se vê numa perspetiva puramente material não é o que é no sentido espiritual. O que te faltou, conquistarás aqui. Já te foi dito por certas almas sobre as coisas que estão preparadas para ti — particularmente sobre o teu amor pela música e como estás a alcançar aqui, ou, na verdade, a crescer, a expandir-te para um estado de quase perfeição, ou de algum aspeto de perfeição nesse trabalho — essa música que conheces, e na qual tens sido guiado por uma certa alma, que tem sido muito para ti em muitas encarnações — alguém que te tem orientado, alguém que te tem inspirado, alguém que até foi criança para ti. Mas vês, é difícil, muitas vezes, para nós explicar totalmente e fazer-te compreender certas coisas — e, como te disse, algumas coisas que te disse não compreenderás totalmente — e serão diferentes do estado — mas, ainda assim, no específico, sinto, no sentido do mesmo mestre, no estado da fé, se aceitas ou não, há que ser dito: em muitas encarnações foste-te dadas oportunidades, tal como a ti, e em algumas instâncias pareces ter feito bom uso delas, noutras desperdiçaste-as — mas isso, num certo sentido, agora já não importa — mas na altura importou profundamente, e aprendeste, pela experiência passada, que estas coisas tinham de ser. Podes dizer: "Então, se certas coisas tinham de ser, onde entra o livre arbítrio?" É verdade que as vidas, até certo ponto, formam ou entram naquilo a que se poderia chamar um padrão — mas isso não anula o facto de teres livre arbítrio — e pode não ser sempre possível seguir exatamente o caminho que desejarias, mas muitas vezes existem outras rotas que podes tomar — e acabarás por chegar ao mesmo ponto — e muitas vezes é o caminho contornado, o caminho diferente, que traz um maior sucesso, porque não foi o caminho mais direto. Como se vê na vida? Tu e outros, e muitas almas, desejaram seguir o caminho reto, avançar diretamente, sentiram que deviam seguir por aí — e falharam nessa altura — sem dúvida, pensaram que era o caminho certo — mas não era necessariamente o caminho certo para ti — poderia ter sido o caminho certo para outra alma, mas não para ti.

E tiveste muitas vezes de seguir caminhos difíceis, por assim dizer, que aparentemente não te levaram a lado nenhum, no sentido material — mas se eu te digo isto, muitas vezes foste espiritualmente abençoado. É difícil, muito difícil para mim, ou para qualquer outra alma, fazer alguém como tu — mesmo tendo a tua mente bem aberta para a verdade — compreender totalmente estas coisas. Mas digo-te: qualquer que tenha sido o rumo tomado nesta encarnação presente, ou qualquer que tenha sido o que aconteceu nas encarnações passadas, foi o teu tempo, foi o caminho que escolheste seguir — nem sempre, talvez, por tua escolha própria, poderás dizer — e, no entanto, tiveste oportunidades, muitas vezes, de seguir outro caminho. Mas, sem mim, tiveste de seguir aquele caminho que ia contra o teu íntimo — mas era o caminho certo para ti naquele momento específico. E as influências que pesaram sobre ti nesta antiga encarnação — influências de pais, influências de amigos, influências, de facto, de educação ou falta dela, conforme tenha sido o caso — todas estas coisas foram essenciais nesse percurso.
Em cada encarnação, em cada vida, havia uma verdade a encontrar dentro de si mesmo — e uma verdade que se tinha de descobrir. Muitas vezes, a forma mais difícil é ir por um caminho para o qual, no passado, não havia desejo algum — mas era essencial que o percorresses, em tempos quando estavas frágil de ânimo, quando eras, de facto, um bom aluno, quando tinhas poucos amigos, quando estavas desiludido, quando estavas sozinho, quando sentias que não havia Deus, nem propósito, nem significado na vida — e tudo o que desejavas era morrer. Mas foi talvez nesta encarnação que aprendeste mais do que em qualquer outra, nas outras interações em que tudo parecia correr mais bem. Foi então que começaste a perceber valores verdadeiros; começaste a ver que não é por outro caminho fácil que se encontra a verdadeira sabedoria e a verdadeira felicidade — pois isto é espiritual. Quando se aprende a perceber que a verdade não se encontra no caminho fácil, mas sim no que exige esforço, no que fere o coração, na dificuldade — então começamos a progredir. Todos os que vieram antes, que ensinaram estas coisas, aprenderam gradualmente as regras difíceis — as regras claras para viver, para provar — o sofrimento é o único meio pelo qual se pode esperar limpar-se e descartar de si tudo o que é baixo, tudo o que é terreno. É preciso aprender a ver tudo num sentido espiritual — aprender a viver no sentido espiritual — perceber que estamos a viver uma vida que chamamos de serviço. E quando somos chamados para o serviço, então começamos a avançar nesse serviço — e, em consequência, começamos a esquecer muito do que antes nos parecia importante — e então começamos a descartar e a deitar fora muitas das coisas da terra que pareciam grandes e importantes, mas que já não o serão. Serão coisas do passado — serviram o seu propósito — e assim como entrámos no mais alto da carne, assim enchemos o mais alto do Espírito. E tu encheste o mais alto do teu Espírito — está cheio de beleza, cheio de luz — e grandes tesouros aí existem que nunca te poderão ser tirados, porque são tesouros espirituais. Aqueles que se agarram demasiado às coisas da terra perdem-nas; aqueles que se prendem demasiado às coisas terrenas não as terão verdadeiramente, mas apenas no sentido de se assemelharem a tais — mesmo essas coisas que não lhes podem ser tiradas — mesmo as que consideram importantes, coisas que podem estar no intelecto ou que até poderiam servir o Espírito — lembra-te: há também coisas falsas do Espírito. Não nos devemos elogiar demasiado a nós próprios; devemos lembrar-nos que, se formos verdadeiramente humildes, então estaremos numa posição de perceber e de conhecer, e de reconhecer os outros — e, em consequência, cada ano ajudará a tornar-nos livres, leves, a fazer-nos sentir alegria — mas grande parte do que o homem chama de sabedoria está profundamente carregada de confusão. Na verdade, há muitos que se dizem espirituais, mas que, em consequência, estão afastados da árvore do Espírito, pois a sua chamada espiritualidade impõe-lhes grandes fardos e grandes responsabilidades para as quais, no sentido real, não estão preparados, porque lhes falta conhecimento e experiência. De facto, muitos que se dizem espiritualmente sábios são frequentemente os mais confusos, e a sua conceção da verdade espiritual baseia-se em mal-entendidos e complexidades materiais.
Não me ocupo muito, em relação a muitas almas — sei, porque já te disse, que discutirei

contigo todas as coisas que dizem respeito a ti, que naturalmente e humanamente mais te preocupam — mas se puderes perceber que vês a tua imagem, vês o teu reflexo, também deves vê-lo nos outros — a ti mesmo. Pois aprendemos a tornar-nos através da observação dos outros, através da experiência com os outros. É aquilo que te disse: somos todos parte uns dos outros, somos todos parte de um grande plano, somos todos parte de um grande padrão, somos todos, em alguma medida, parte de algo que foi criado por cada um de nós — e estamos unidos por laços que nada pode quebrar. E essas almas — e onde as vejo durante uma semana — há aquelas que são fortes e juntas, e os mais pequenos, temos ainda grandes coisas a fazer — e digo-te: tenta, pois terás tempo para cumprir aquelas coisas que são próximas e queridas, não só ao teu próprio coração, mas ao coração e espírito — e terás tempo para limpar a tua casa, e descartar as coisas que não são importantes, para que possas vir para cá, livre, e iniciar a tua nova vida, em torno das processões do espírito, que nada pode tirar. O nosso desejo é assistir-te, ajudar-te, inspirar-te e fazer todas estas coisas — precisamos de paciência, e queremos que tu, com a vontade de Deus, sejas muito tolerante, porque poderão haver momentos em que te sentirás sem forças, e os efeitos de mim poderão parecer-te estranhos — penso que te digo isto, mas digo-te: haverá coisas que serão difíceis de entender, que se apresentarão e se fecharão, mas que passarão como oferendas do passado — percebe, então, quando vierem, compreende — e contigo, os grandes espíritos compreendemos tudo o que está no teu coração — compreendemos-te, porque somos o teu coração, somos um contigo — temos estado tão próximos e unidos, século após século, tempo após tempo, através de muitas encarnações — mas é ao teu espírito que falo, é ao teu espírito que me dirijo. E a luz que está desperta, aquela que ainda está a despertar, saberá que haverá esforços, provas, e ajustes de temperança — mas haverá força para continuar, tanto quanto clareza possas ter concluído, sobre aquilo que ainda falta realizar. Sê paciente contigo mesmo, sê paciente com aqueles que correm ao teu lado, sê paciente connosco que viemos ajudar — pois também devemos ter a nossa paciência. Prepara-te — e por isso será diferente para nós dizermos claramente o que precisamos de dizer, ou dar-te tão claramente como desejaríamos, a sabedoria que sabemos ser tão necessária, que certamente desejarás. Sê paciente em todas as coisas, suporta tudo com amor, harmonia e verdade em todos os sentidos — assim será — de bom coração, criança.
— Obrigado, por favor, tentarei o meu melhor.
Os nós da tua vida estão todos desatados, mas porque os nós estão desatados, criança, não significa que tudo esteja já bem — não te desanimes quando te digo isto. Há um ou dois, por assim dizer, novos nós que devem ser atados, para fortalecer a esperança — e são estes nós novos que têm sido diferentes para fortalecer-te e fortalecer. Quando estiverem concluídos, serão trazidos aqui para aquela paz que procuras, que desejas. Entretanto, não temas — tudo está bem — paciência para terminar o teu caminho. Estás rodeado de amor, rodeado de coração, deste espírito — e muitos vêm com poder de cura, para que o teu corpo possa ser sustentado, estar contigo, e fortalecer-te para o tempo que resta. Como disse antes, não tenhas medo, pois tudo está bem — estás rodeado de amor da Terra e do Espírito — tens grandes vínculos que foram forjados ao longo de séculos, laços e vínculos de amor que perduram para sempre — tudo está bem contigo — és, de facto, abençoado, criança. Na próxima vez, continuarei a falar sobre as encarnações.
— Sim. Obrigado, muito obrigado pelo serviço.
Abençoo-te, minha criança, e a ti, meu filho, não te desencorajes, não te desalentes — pois todos os que são chamados a servir devem, por vezes, ter paciência infinita — devem ser separados do mundo, por muito que isso custe — percebe que é importante e essencial, por vezes, que outros sacrifiquem, muito se sacrifique — mas sempre, bem, meu filho, pois guardaremos e protegeremos — não há medo, pois aquilo que alcançaste e aquilo que alcançarás — as novas coisas — trarão grandes bênçãos — bênçãos para ti também — não precisas temer — tudo está bem contigo — segue com a tua pureza, tua conversão.

Lucius 8 — 29 de Agosto de 1962
Esta gravação foi feita a 29 de Agosto de 1962.
— Não, isso é a tua arma.
— Por que estás a rir?
— Vais brandir uma arma, por assim dizer, quando eu já fiz o meu melhor para desligar a mente.
— Bem, disseram que estavam a ver.
— Eu sei porque é que isso te faz falar comigo.
— Não é coisa minha.
— Agora sou eu, meu filho, eu sei um ritmo específico.
— Olha, porquê?
— Ou é ela especial, não é?
— E... ela é muito querida para mim.
— Bem, fiz com que ela viesse cá abaixo.
— Não sei. É mesmo uma surpresa. Mas e se eu te mostrar o ritmo?
— É um mecanismo. Agora estou só a transmitir o movimento. Então, sabes o que está escrito aí?
— Estou em mente. Não estou em mente. Não devias preocupar-te. Sobe as tuas escadas e volta cá.
— Oh, não, eu não vou subir. Volta. Vou dizer-te, ouve o que está escrito. Mas eu penso, como é isso possível? Vocês são pessoas maravilhosas. Gostava que pudessem dar-me mais das vossas capacidades.
— O quê? Isso é para te dizer, é para te dizer algo? Tens de estar atento, não tens? Isso é para ele?
— Bem, quando quiserem dizer-me, quando for a altura, gostava que me dissessem.
— Dizer o quê?
— Contem-me sobre ele.
— Ora bem, o "pequeno" é uma pessoa muito notável, e uma alma muito antiga, um professor muito maravilhoso e bondoso. Percebes? Claro que percebes. Disseste isso? Faz-me saber isso, por favor. Oh, eles têm andado a brincar com coisas de metal ou de boxe agora. Quão verdade é isto, criança? Correste? A criança ainda está aqui. Ele sabe que abre caminho através da palma do Espírito e da força do Espírito, com a qual estou prestes a lidar contigo. Sim, ele ainda está aqui. Tal como eu, ainda está como alguém que se apresenta como é. E quando for necessário, o "sol" deverá manter a paz e ficar em segundo plano enquanto outros tomam o seu lugar. Foi uma grande alma, repleta de sabedoria, verdade e conhecimento. Aconselhou-te sob a forma de uma criança — por trás da máscara de criança está alguém de grande integridade e vasta experiência — e ele assume esta máscara de brincadeira por causa do impacto que tem de exercer da forma como melhor se adapta a si mesmo. E tem servido muitos anos nesta capacidade, e todos aqui têm grande respeito e admiração por ele. Mas ele sabe que o trabalho do Espírito, no mais alto sentido possível, começará. E ele será um dos do grupo, um dos melhores, e a manifestação que surge desse propósito e dos esforços que fazes. Não podes saber quantas vezes o Espírito está lá — um dia ele se revelará e trará grande alegria a muitos conselhos.
Da última vez que lhe falei, disse-lhe, e também ele preferiu chamar-lhe um novo ano. O novo ano era uma grande civilização que deves lembrar, porque era como um espelho através do qual a consciência se expandia — e havia muitas, muitas pessoas que eram, de certa forma, ainda infantis, que estavam em vias de se desenvolver, e que, como disse anteriormente, eram quase como os animais. Era uma raça mundial de pessoas altamente avançadas, altamente espiritualizadas, muito harmonizadas com as coisas do Espírito — de onde eu vou para

comunicar, não da mesma forma como comunico contigo, mas eram capazes de comunicar de forma muito mais direta e pessoal. Eram inspirados e tinham o poder de ver para além do ego, de ver na atmosfera onde estavam, para transmitir mensagens a grandes distâncias sem o auxílio de coisas como as que têm hoje para perceber — e faziam-no pela projeção de pensamentos e pelas vias pelas quais cuidavam desses pensamentos, e eles eram recebidos e transmitidos constantemente — não apenas para a Terra, mas para os povos do Espírito também. Sabiam muito sobre comunicação espiritual e recebiam muitos avisos do outro lado da vida em relação às condições que poderiam eventualmente prevalecer — que vieram a acontecer de tal forma que não conseguiram proteger-se. Receberam muitos avisos relativamente a todas as consequências das condições em torno deles. Foram avisados para se protegerem dos humanos no meio deles — para que pudessem proteger-se. Eram uma raça de pessoas altamente inteligentes e altamente evoluídas — mas entre eles havia elementos, como disse, que acabaram por trazer-lhes a destruição. O mal veio — misturou-se, infiltrou-se. E ao dizer-te isto, penso na grande injustiça de uma raça de pessoas tão avançada ter caído num sistema que, para ti, faz lembrar um carro — deves lembrar-te de muitas coisas que, à superfície, parecem injustas ou erradas — mas nós não esquecemos, como sabes. E assim foi para esses grandes seres e o seu temor da morte e quando lhes demos avisos — ou eles próprios receberam avisos — sobre mim e tudo o que os rodeava, o que poderia, claro, espalhar-se, também eles estavam sujeitos a isso e tentaram resistir, mas só podiam fazê-lo através de meios que não eram de armadura nem de proteção; mas por serem tão elevados de espírito, não recorreram à guerra — e, como consequência, acabaram por perecer. Assim foi, como disse, a morte para estas pessoas, que não se ajudaram nem lutaram — poderiam não ter tido medo — mas a verdade é que vieram a ter medo da morte. Num certo sentido, não era propriamente medo, mas uma relutância terrena, não que tivessem razões para temer, pois não eram violentos de forma alguma — viviam uma forma de vida muito elevada — mas como eram tão inovadores em mente e espírito, e tão sintonizados com o Espírito, o próprio processo de morrer, fosse qual fosse a causa, não tinha grande consequência para eles. Não sentiam medo disso — e mesmo depois de serem subjugados por todas estas forças maléficas, e depois de viverem dispersos entre tribos e povos, durante muitos séculos houve muito mal, muita preocupação e grande tristeza para essas almas e espíritos. Entre muitos, claro, estavam aqueles que tinham sido mortos injustamente em revoltas que ocorreram antes — e muitas almas deste lado tiveram de lidar com lutas persistentes, mas tomaram sobre si as influências malignas porque viveram vidas que se tornaram tão materiais, tão centradas na matéria, que acabaram por ser destruídos — mas foram destruídos por um fenómeno que eu próprio designei como lei natural. Porque todas as coisas estão de acordo com esta lei natural — aquelas coisas que, muitas vezes, não servem em si mesmas — e esse grande continente que foi destruído e desapareceu para eles permaneceu, e a antiga civilização, que tinha uma grande influência, deve ser descrita como desaparecida — e os seus entes queridos também se perderam. Mas houve alguns que escaparam, e destes que escaparam nasceram muitos povos, muitas comunidades formadas por sobreviventes, e alguns dos descendentes dessas almas que escaparam ao massacre — e eram muito poucos — tinham já partido antes, para longe da cidade — foram salvos, tal como, de facto, salvaram o bem, e assim é que, na vossa civilização atual, têm várias nacionalidades e raças de pessoas: os antigos Incas, os antigos japoneses, os Anglo-Saxões ingleses, os franceses, os chineses e muitos outros. Muitos destes povos foram destruídos — a maioria aniquilada nesta catástrofe — porque, quando o espelho foi destruído, muito foi submerso. Aqui e ali ficaram pequenas partes — mantiveram-se com alguma violência — partes que se juntaram a outros continentes permaneceram, e alguns escaparam, é verdade — mas ergueram novas civilizações que vieram a conhecer pelos nomes de hoje — e, eventualmente, formaram a vossa

civilização atual, tal como é. E têm agora os diversos tipos de raças: têm as raças brancas, as de pele amarela, as de pele escura e as de pele branca — e se recuarem na sua história, encontrarão religiões que remontam aos tempos das batalhas e das cruzes — em muitas religiões podem encontrar-se símbolos antigos — e aqui e ali encontrarão vestígios desses restos — e penso que ainda podem ser descobertos. Muitas pessoas afirmaram encontrar povoações, mas infelizmente a História também se encarregou de as encobrir ao longo dos séculos. Em vários países do vosso mundo existem muitos rituais, muitas religiões — e aqui e ali existem fragmentos da verdade principal, da essência pura, que podem ser ainda reconhecidos em certas descobertas actuais — e que não são novas — muitos outros ainda não foram descobertos ou conhecidos das massas, pois ainda não chegaram ao conhecimento da educação convencional — mas um dia serão. E todas estas pessoas antigas ainda não se foram — e as pessoas que restam no vosso mundo atual são tão diferentes de si mesmas porque, ao longo dos séculos, mudaram — mudaram a forma de ver o mundo, mudaram de perspetivas. No entanto, ainda subsistem traços destes sistemas antigos, destas verdades antigas. Uma das maiores raças conhecidas por ter existido, e possivelmente a mais verdadeira, era o povo dos Incas, uma raça que viveu uma civilização altamente evoluída e de grande espiritualidade. Eles adoravam o sol — mas também sabiam, não apenas do sol como luz, mas do poder que vinha da terra, o poder da vida, o poder que era utilizado por eles de muitas formas para criar — e que eram capazes de colher. De facto, em certo grau, não de forma tão primitiva, mas de forma tão antiga como os antigos americanos e muito do conhecimento — esse conjunto de sabedoria dos antigos americanos — foi mantido pelos Incas durante muitos séculos. E eram um povo pacífico, e eram talvez tão próximos do que foram os milhões como poucos povos o foram desde então. E é por isso que parece que foram destruídos na vida — mas não é o aspeto físico da vida que importa, de modo algum. Tantas pessoas vangloriam-se do que chamam bondade — mas isto não é a verdadeira essência da bondade. Compreendo que se associe a ideia que tentamos incutir — a ideia de fazer o bem, de dar com amor, em serviço, e sem esperar nada em troca — isso é verdadeiramente humano e verdadeiramente servir. Aqueles que antecipam recompensas porque são bons ou têm bons pensamentos e partilham, e esperam ser elevados a uma altura e glória — devem estar atentos a este engano. Para aqueles que servem e fazem o bem, saibam que estas coisas só são importantes num sentido espiritual. É bom ajudar materialmente, mas não é o material que importa — é a realização espiritual de que estás a fazer algo de bom em ti próprio. É tudo bondade — e estas são as coisas que importam. Assim foi também com os antigos milhões, essa raça superior — não tinham em si pensamentos de alcançar materialismo. Foram capazes de usar o que possuíam, até certo ponto, para utilizar esse conhecimento espiritual, para tornar certas verdades espirituais manifestas e utilizar faculdades — não usavam nada de natureza material para proveito próprio, nem mesmo no sentido de se protegerem. A sua proteção vinha do pensamento espiritual e do ser — e, claro, no sentido material, foram derrubados — mas isso em si não é importante, porque toda a bondade, à superfície, parece ser vencida pelo poder, que sempre parece tão forte — e pelo mal. Mas estas coisas são temporárias — para nós, o mal desintegra-se e desaparece — mas a bondade permanece. E é esta bondade da humanidade que perdura e torna tudo isto possível — o bem. É muito difícil, extremamente difícil para nós dar-te detalhes, fazer o que eu gostaria de fazer: detalhar parte por parte, peça por peça, cada fio, cada decisão. Só conseguiria descrever a parte mais pequena de algo que se estende por milhares de anos para se desenvolver numa família — leva muitos anos para os indivíduos formarem os seus caracteres, moldarem o seu ser, tornarem-se pessoas, tornarem-se indivíduos. Numa geração tentar definir e descrever uma raça inteira, o seu modo de vida, o que foram capazes de fazer e alcançar, é impossível. Só posso tentar traçar o desenvolvimento da raça humana e, acima de tudo, apontar

o caminho, pelo exemplo de verdadeira progressão num sentido espiritual — e a necessidade e importância de inumeráveis almas voltarem a entrar no jogo, para sentirem o papel que devem desempenhar — não só por si próprias, mas pelos outros, aqueles do grupo, aqueles que fazem parte do plano. Pois para aqueles que trabalham, isto é verdade — porque todas estas coisas que parecem separadas não o são no tempo — e deviam olhar para trás na história, onde tudo se repete incontáveis vezes, na loucura e na sabedoria. Em todas estas coisas há um plano, há uma lei — e muitas vezes, onde parece não haver justiça, há uma grande justiça. O ponto é, claro, que a tragédia dos seres humanos reside no facto de pensarem, por serem o que são, que tudo deve seguir como decidem — mas não é assim, pois o homem não existe apenas por si. O homem foi feito para si, mas também deve pensar nos outros — mas só quando esqueceres de ti mesmo, quando deres liberdade, então, e só então, começarás a perceber a sabedoria, começarás a perceber a verdade da vida.

Todas estas nacionalidades, todas estas pessoas, tudo o que fomos no passado, todas as nossas vidas e experiências — tudo junto — não é apenas para o nosso próprio desabrochar, mas devemos lembrar-nos de que somos necessários aos outros, somos necessários nas suas vidas, para que eles possam ganhar experiência, para que, em certa medida, possamos ajudá-los. O único caminho — muitas vezes sentimo-nos importantes, muitas vezes podemos sentir que somos especiais — mas muitas das coisas que somos levados a fazer são essenciais para que outros possam encontrar, através dos nossos esforços — e, por vezes, até através dos nossos erros — a sua própria salvação e o seu próprio crescimento. Aprendemos com os outros porque somos parte dos outros. Quando pudermos perceber que somos todos um só espírito, parte de uma força vital única e viva — e que, por um momento no tempo, nos tornamos corpos físicos, cascas exteriores — tornamo-nos indivíduos porque é necessário participarmos na existência terrena, para adquirir certas verdades e conhecimentos, e para os dar a outros de diferentes maneiras e em graus — algo que talvez nunca possamos dar completamente — percebemos isso pelo que significa. Às vezes não sabemos como ou porque acreditamos, ou porque devemos ser, em cada tempo, através de eras de tempo. Mas quando podemos perceber que não somos apenas corpos em cada encarnação, mas que somos seres espirituais — que somos parte de uma força viva e divina — torna-se possível para nós transmitirmos, como instrumentos, tal como somos. Mesmo que não sejamos, como dizem, médiuns, estamos a transmitir amor, estamos a transmitir experiência, estamos a transmitir através das nossas vidas exemplos para os outros — e por essas coisas que lhes damos, estamos a criar para as suas casas algo por onde podem subir e experienciar de acordo com as suas próprias vidas. Quer seja a nossa vida na antiga Emília, ou a nossa vida no antigo Egipto, ou na Roma antiga, ou numa outra existência qualquer — em cada uma estivemos lá para dar a nossa parte, para dar algo que foi vital naquela história, naquele tempo específico — não só por nós próprios, mas também pelos outros. E à medida que crescemos individual e espiritualmente, tornamo-nos mais sábios, mais experientes — e começamos a perceber como o bom Deus quer que tenhamos a nossa vida em plenitude — e ficamos libertos, na vida após a morte, da tolice que tivemos — e somos seres novos num mundo onde tudo é perfeito — e, em consequência, voltamos a unir-nos ao grupo — e nesse grupo, de que fazemos parte de forma tão vital, temos consciência da vida perfeita, porque estamos em perfeita harmonia e em perfeita paz. Porque todos os que partilham esta vida, que foi preparada, tornaram-na possível pelos seus esforços — e cada um apoiou o outro — e neste todo harmonioso encontramos aquilo que é feito por todos nós — trabalhamos por isso — e todos voltamos a viver — todos trabalhamos juntos, em harmonia e amor, para começarmos a ser. Por isso te digo: não é que estejas acabado — não, não estás acabado — nenhum de nós está acabado — continuamos sempre.

E não quero sugerir que, por sermos todos do mesmo grupo, estejamos todos sempre juntos

através de todas as eras — porque não era necessário que algumas vidas se entrelaçassem ou se cruzassem. Há muitas, muitas almas que nunca se encontraram na Terra — e, no entanto, dentro da sua própria esfera, pelo seu próprio crescimento através da evolução do tempo, trouxeram à existência a sua própria emanação orgânica, que se harmoniza em equilíbrio. E é por isso que podemos falar da paz perfeita do Espírito. Devemos sempre lembrar que este é um estado de ser, de mente — uma mente afinada em plena vida, em plena harmonia, em plena necessidade de paz, uma com a outra. Estamos num estado de condição que é tão perfeito em si porque nós, através de todas as nossas jornadas e experiências do tempo, o construímos. Vês, o homem não percebe que, enquanto trilha o caminho na Terra, num certo sentido está a preparar a condição do Espírito — e o homem não é mais do que o seu estado de espírito. Eu sei que podes dizer-me: "Se isto é assim, porque é que até pessoas boas, que têm muito a seu favor, mostram por vezes certos aspetos da sua natureza que são contrários, que são difíceis de entender e de aceitar, e que não parecem certos para elas?" Mas temos de nos lembrar disto: não julgamos ou aceitamos um homem numa era apenas pela forma como ele aparece no sentido material. Sabemos das fraquezas — mas é através das fraquezas, muitas vezes, que reconhecemos a força e o poder do desejo, que é físico, mas que está a ser, gradualmente, transformado — e é isso que é o mais forte, o mais sábio, o mais espiritual, e Há partes da natureza que não conhecemos e que existem aqui — e esse sentido e esse ser. É por isso que, quando alguém tenta explicar-te sobre indivíduos ou seres espirituais, há quem pergunte: "Como hei de reconhecer o meu pai? Como hei de reconhecer a minha mãe se tudo mudou tanto?" — porque o que importa não é a forma material, não é o aspeto ou a forma que existe connosco, e que podemos adotar à vontade. O que realmente importa é que estejas nesse estado de condição interior, em harmonia, em sintonia e em amor com o verdadeiro ser do indivíduo — e isso reconhecerás automaticamente. Não se trata apenas de um rosto ou de uma figura, não se trata de uma voz. Eu sei que estas coisas, enquanto estás no mundo material, são o teu modo de conheceres os outros, de os reconheceres — é algo que anseias ter na comunicação: "Eu reconheço esta pessoa pela forma" ou "Eu reconheço isto ou aquilo" — mas isso é apenas aquilo que se mostra ao nível material, para que possas, no início, atravessar e depois aprofundar-te mais. O que importa é que, em todas as vidas e maravilhas por onde passaste, tudo o que é bom permanece — e tudo o que é o pior de ti mesmo fica submerso e acaba por desaparecer com a calma. Se ao menos fosse possível explicar — vês, foram muitas vidas, as quais vivemos. Passámos por muito, mas devemos lembrar-nos de que não poderíamos ter-nos tornado o que somos, não poderíamos ter criado uma condição de vida ou de ser tão em paz como esta, se não tivéssemos contribuído mais para as nossas vidas, para as vidas dos nossos próximos e mesmo daqueles que já partiram. Raramente estamos conscientes do tempo, porque todo o tempo é como se o colocássemos no mundo enquanto fazemos o nosso percurso terreno, servindo em várias frentes, moldando-nos, conhecendo-nos. Sem nós sabermos, estamos a tomar e a dar, estamos sempre a trocar — porque dentro de nós mesmos há algo que é impenetrável, há algo que é eterno — é o verdadeiro tu, o verdadeiro ser. Pensamos demasiado em certos aspetos da vida, em certas coisas, mas, no fundo, no nosso coração e na nossa mente, sabemos que essas não são as realidades — são apenas as sombras, que certamente nos deixarão. Todos os grandes mestres e grandes filósofos falaram destas coisas, tentando mostrar ao homem o caminho verdadeiro, tentando fazê-lo perceber que é dentro de si mesmo — é impenetrável — e que aquilo que colocas na vida, que é bom, tiras dela; aquilo que fazes pelos outros, acabas por transformar em ti próprio em espírito, porque é eterno, sempre. É por isso que todas as eras antigas, raças e povos e tempos foram importantes — nada se perdeu. Há muito que se pode lamentar, há muitas coisas das quais se pode ter pena — mas compreendemos que o homem só pode crescer quando experimenta tudo isso, e na sua

experiência aprende o que deve rejeitar e o que deve reter. E é essa retenção que forma o homem — para que, quando vieres para aqui, a tua consciência seja tal que retenhas e recordes tudo o que é bom, de toda a vida, de todas as experiências — e entenderás a sabedoria por trás de muitas coisas, que, na altura, pareciam confusas ou difíceis — e na sua presença, e na sua existência perfeita, o verdadeiro Deus reina, onde a harmonia prevalece — e tudo o que é bom existe. Encontrarás uma tal bem-aventurança perfeita, uma paz tão perfeita, uma alegria tão perfeita, numa harmonia tão completa e numa unidade tão total — quando todos aqueles que foram tão importantes para ti e tu para eles se reunirem — será como se estivesses envolvido em algo que é, em si, tão imenso, mas não o sentirás como esmagador, porque fazes parte dele. Ficarás maravilhado, ficarás surpreendido como todos os outros se surpreendem quando chegam ao reino do Espírito. Em breve sentirás a harmonia que flui, e sentirás a paz e a existência — e tudo aquilo que o teu coração deseja será teu. Tudo aquilo que desejas fazer, que é verdadeiramente bom, será possível. Não posso explicar, por mais que queira tentar — faço-o — tento transmitir-te tanto, a ti ou a qualquer outra alma na Terra, mas nunca posso dizer isto o suficiente: seja qual for a tua vida, sejam quais forem as tragédias que te tenham tocado, ou pareçam ter terminado em dor, não importa quão grande tenha sido o fardo que carregaste, quão pesado tenha sido o teu coração, quão solitário tenha sido o teu caminho, quão fraco tenhas sentido ser — tudo isto será harmonia na purificação do Espírito. E na vida vivida em Espírito, a grande alegria que encontrarás, quando as tuas tarefas estiverem terminadas, moldar-te-á e recompensar-te-á por todas as tristezas e desilusões da vida. Quando aprenderes verdadeiramente o significado de servir e o verdadeiro serviço que é dado em amor — o verdadeiro amor — quando o perceberes, ao dares de ti mesmo, completa e absolutamente, quando permites que essa parte de Deus se manifeste, não pode haver motivo para qualquer lágrima, para qualquer tristeza — porque aqueles que verdadeiramente servem estarão com Deus. E ajudaremos aqueles que buscam essa verdade que anseiam encontrar — pois só aqueles que verdadeiramente buscam a encontrarão, só aqueles que verdadeiramente servem encontrarão para si mesmos essa paz do Espírito — porque, em todas as eras, através de todos os tempos, aqueles que buscaram a verdade só a encontraram quando, por assim dizer, se perderam em amor, vivendo segundo a vontade do Altíssimo. Eu sei que é verdade para aqueles que estão ansiosos, criança, e ainda precisamos de discutir muito mais internamente e de forma intencional, e em detalhe, muito aconteceu. Já te disse no passado que este deveria ser o meu esforço e o meu trabalho — não apenas para ti, mas para todos os que quiserem ouvir. É isto que devo fazer, para que não precises de o fazer sozinho, mas sim, juntos, da melhor forma. Sê paciente comigo, como te pedi que fosses. Ao mesmo tempo, haverá muito — e, por vezes, será difícil de compreender, pois todos os mistérios da vida são difíceis de entender enquanto se está na Terra. E, embora nós, no Espírito, venhamos até ti para revelar a verdade, sabemos que há muito que se torna difícil de explicar — e só esperamos fazê-lo em parte, para que haja uma pequena iluminação entre vós, uma luz suficiente para muitos encontrarem o caminho do verdadeiro trilho.

Viemos para derrubar as barreiras e as loucuras, construídas na insensatez. Viemos para mostrar o caminho da verdadeira iluminação. Viemos para trazer o poder do Espírito Vivo entre os filhos da Terra, e viemos para revelar a sabedoria de Deus àqueles cujas mentes estão abertas, que desejam libertar-se de si mesmos, das falsidades que construíram para si, e assim, dar-nos a oportunidade de colocar os seus pés sobre a rocha da verdade — uma rocha que nenhuma maré poderá arrastar, como se fosse areia, mas sim uma rocha sobre a qual construiremos, com a grande força espiritual que resistirá a todas as falsidades do mal.

Tu, minha criança, foste criada para isto — algo maior do que jamais saberás enquanto estiveres aí — mas foste-te dado uma verdade, um conhecimento, uma força, em muitos, muitos sistemas

do teu mundo. É o desejo, se eles tiverem olhos para ver, que isso seja transmitido através de ti. Sê paciente — dá-nos o tempo e a oportunidade — e, à nossa maneira, traremos todo o poder para te dar aquilo que o teu coração deseja, e aquilo que procuras saber.
A minha paz, o meu amor, eu dou-te — que todos os que ouvem a minha voz procurem, como dissemos: *"Buscai e achareis"* — quão verdadeiras são as palavras do Sábio — *"Batei e abrir-se-vos-á"*. E para aqueles de vós que batem, a porta está a ser aberta — e vereis o grande amor em nós, e caminhareis na verdade e na rectidão, no jardim do Espírito — e o nosso amor estará convosco, sem medo.
A nossa paz está contigo, para sempre, querido ser.
Muito bem. Adeus, e muito obrigado.

Lucius 9, 31 de Agosto de 62

Esta gravação foi feita no dia 31 de Agosto de 1962. Assim havia paz — nem sempre houve. Vem. Pronta? Podes dizê-lo aqui? Como estás? Estou a avançar muito bem, acho eu. És uma criança bondosa. Onde arranjaste o presente de Natal? Oh... certamente que a resposta a essa pergunta é óbvia — foi do meu serviço. Do teu serviço? Claro, criança. Oh, que bonito. Mas quero que compreendas que, seja o que for que eu, ou que ainda esteja aqui, possa trazer-te — preocupamo-nos com uma coisa, uma única coisa. Sim — e essa coisa é a verdade. A consciência da vida e a continuação desse laço — que tem permanecido inquebrável há séculos, sobre séculos, sobre séculos de tempo. E quando tu própria tiveste esta impressão de te dedicares a isto, foi obviamente uma combinação entre mim, outros que estão aqui e o teu próprio ser interior — não precisaste de fazer perguntas, mas agora fazes. Mas as nossas vidas estão ligadas entre nós, particularmente em tempos assim, tempos que se reforçam e fortalecem, e nada os pode quebrar. E na memória ténue de tempos passados e de antigas ligações, ainda existe esse poder de atração para aqueles que ficaram na Terra — para lugares e condições que, em si mesmos, guardam alguma memória e algum laço. E é por causa disto que estamos felizes por o instrumento que vives — seja permitido regressar a um lugar outrora amado e outrora querido. É o nosso grande pesar, claro, que tu própria não possas ir — mas isto deve-se, em grande parte, ao facto de poder ser impossível para o instrumento regressar. Isso irá fortalecer o laço entre nós e a ligação, de tal modo que até eu, que deveria manifestar-me através do instrumento, poderei reforçar a lembrança desses tempos e desses passados. Assim, em retorno, mesmo que tu própria não possas estar presente, isso permitirá reatar mais de perto com acontecimentos do passado, e relacioná-los com as tuas circunstâncias e condições desses tempos — há muito passados, coisas físicas — mas ainda lembradas em parte. É interessante, não é? Bem, isso é realmente interessante. Digo-te, criança, os nossos laços, desses tempos passados, sempre foram fortes — e os nossos laços, através de longas nações de vida, em outros lugares como a Áustria, esses tempos — esses laços são fortes, e se são tempos antigos de que falo, o nosso vínculo foi mais estreitamente unido e atado — e foi, de facto, uma das nossas experiências mais importantes, senão a mais importante, de acontecimentos passados. Porque, nesse tempo, pudemos, pela primeira vez, ter consciência dos nossos laços espirituais — e ter consciência das nossas ligações espirituais entre ti, entre mim e ti, entre aquele que chamaste Santo Padre — também entre quem chamaste Chopin, aquele a quem chamaste Valentino — e outros cujos nomes ainda não te foram dados. Mas, a seu tempo, todos eles serão conhecidos. Quando esse nome antigo foi experiência passada, eles serão conhecidos noutras eras, pelo nosso nome — sabes — e no presente tempo de manifestação, conhecerás aqueles que ainda permanecem por isso mesmo. Tudo o que aconteceu no passado, ainda assim, está ligado a isto — é a combinação de experiências. Ainda não está totalmente

registado e experimentado por ti, tudo o que se passou comigo, ou com outros, mas, ainda assim, o início foi dito — da revelação que começou no verão do ano passado. Quando tu chamaste por um — para aquele tempo, foi feito, sim — e o laço que foi reformado significa que o tempo, que não foi quebrado, manteve-se como estava previsto — e o laço continuará, e mais conhecimento te será revelado em consequência.
E então, há aqueles que, como já disse, ainda não estão totalmente desenvolvidos, plenamente conscientes do propósito e do significado desta existência presente — e há aqueles que, por assim dizer, ficaram para trás na corrida, ainda abençoados, por isso, naturalmente, enviamos indivíduos como tu para fazerem certas coisas — às vezes são invisíveis, veladas pela natureza à superfície. Mas por baixo do benefício material, há um valor espiritual muito maior, um desejo espiritual muito mais profundo. Tu, criança, tens visto mudanças dentro de ti — e deves perceber como essas mudanças têm sido muito benéficas, e têm sido boas, e têm sido certas mudanças que, claro, são motivo de preocupação — e talvez, digamos, de algum desgosto — mas, de facto, na tua perceção de indivíduos, todo o propósito e sentido de uma encarnação é, certamente, que se assimilem e experienciem muito conhecimento — e é claro que isso acontece muitas vezes por caminhos tortuosos. Não penses que é melhor, necessariamente, escolher o caminho e não quero sugerir com isto que o caminho esteja necessariamente traçado ou que haja um plano fixo para nós. Mas, pelas nossas próprias vidas, pelos nossos próprios pensamentos, pelas nossas próprias ações, criamos uma série de circunstâncias que, até certo ponto, indicam o rumo que devemos seguir. Também é verdade dizer que há almas ligadas a nós que, por vezes, nos orientam — almas de outros tempos — que nos podem levar por caminhos que, à superfície, não compreendemos, com quem não vemos olhos nos olhos, por assim dizer. Influenciam-nos e, por vezes, por causa dessas influências, sentimos irritação, ficamos incomodados, angustiados — e, por vezes, tentamos erguer uma barreira e ir além da observação, ignorar o facto — mas quando há almas tão ligadas a nós, nessas coisas não há como evitar o caminho, não há como seguir numa direção diferente, mesmo que, de tempos em tempos, se desvie, regressará, inevitavelmente, ao caminho que tem de ser trilhado. Não podemos evitar o nosso destino — e se indico, ao dizer destino, que o caminho está preparado, não é bem no sentido em que uma pessoa o entende. Se puder explicar-te assim, para que compreendas: não há experiência que aconteça por acaso, tudo é possível e planeado em consequência, tendo em vista o fim último — que é a reunião de todos os que estão entrelaçados. E, assim, mesmo que cada um tome atalhos tortuosos, regressa sempre ao mesmo ponto, mas cada um mais desenvolvido, mais sábio, mais espiritualmente purificado e tendo aprendido lições essenciais, necessárias na encarnação específica em que se encontra.
Um dos maiores argumentos, criança, contra a reencarnação, é que tão poucos conseguem lembrar-se de vidas passadas — tão poucos conseguem juntar tudo em consequência, para comprovar a verdade. Isto sempre foi uma barreira para muitas pessoas, que dizem: "Se já vivemos antes, porque não nos lembramos? E se assim fosse, não seria justo que nos lembrássemos, para saber evitar o que está presente nesta vida?" Mas muitos que argumentam assim não compreendem — ainda não chegaram ao nível, à realização. Se nós te contássemos, como já te dissemos em parte, certas coisas que aconteceram em vidas passadas, em que estiveste tão ligada e entrelaçada com outros, se te contássemos tudo, não terias liberdade — viverias esta existência presente de forma artificial. Estarias a fazer coisas porque sentias que tinhas de as fazer, para não repetires erros — mas, assim, não estarias a transformar ou a abrir a situação, em ti ou nos outros. Por outras palavras, tudo o que fazes, em qualquer circunstância, não deve brotar da memória de vidas passadas ou de onde possas ter falhado, mas deve brotar de dentro de ti, porque sentes a necessidade e o desejo de fazer o bem. Aprendemos pela experiência. Aprendemos por outras coisas. E muitas vezes as pessoas dizem: "Se

aprendêssemos pelas memórias, seria de grande ajuda para nós, nesta encarnação, para podermos evitar erros passados.” Mas o ponto é, criança, que falamos do desenvolvimento e do desabrochar espiritual do homem, o que significa que o homem, dentro de si, deve desejar fazer certas coisas porque são boas, não porque, numa vida anterior, fez o contrário.
Por outras palavras, mesmo que vos contemos as encarnações passadas, o que quer que tenhas feito ou não feito nessa encarnação passada, esse capítulo desse livro está, em certo sentido, encerrado — não pode ser alterado. Não podes, de modo algum, mudar o que aconteceu — mas o que podes fazer é, pela experiência dessa vida, utilizar essas experiências na encarnação presente e usar esse conhecimento que te damos, para que possas progredir mais nesta vida. O que eu gostaria que soubesses, o que eu gostaria que quisesses saber, é que não devemos forçar nada — não devemos forçar quem somos ou no que nos tornámos. Não devemos fazer algo apenas porque achamos que devemos fazê-lo, porque numa encarnação anterior não o fizemos — e, por isso, se eu te disser, através das muitas experiências e circunstâncias, isto fica claro e certo: para que possas ver como o homem progrediu, através das gerações de tempo e de experiência, até ao seu nível atual. E é por isso que te digo, como já te disse antes, que o teu nível atual de realização espiritual é grande — e digo-o com toda a humildade, tal como sinto em mim mesmo quando falo. Se quisesse falar de mim próprio, do meu próprio estado de desenvolvimento, falaria com felicidade, não com orgulho. Fico feliz por ti, porque sei que, através destas provações, de todas estas ilusões e desilusões de circunstâncias passadas, alcançaste este estado presente — não porque tenha sido por medo. E é por isso que acho importante lembrar que tudo o que fazemos, devemos fazê-lo por nós — porque o fazemos — enquanto há muitos que pensam que entendem alguma grande verdade sobre a encarnação e dizem para si mesmos: “Estive numa certa encarnação, fiz tal coisa mal, agora, nesta encarnação, devo ter extremo cuidado para evitar isso...” — mas, na verdade e isto vem daqui, do coração. Não estarás a viver uma mentira, estarias a fazer as coisas por medo — e tudo o que está envolto em medo, tudo o que é baseado no medo, é algo mau. É por isso que nós, deste lado, temos pouca paciência para muitas religiões ortodoxas, porque muitas delas assentam, fundamentalmente, no medo e nas consequências. Por outras palavras: a não ser que sejas bom, sofrerás as consequências. Eu digo-te: quando alguém é chamado a fazer algo, faz-se por amor — e, portanto, quando é feito assim, é bom. Mas quando é feito por medo, porque sentes que deves ou tens de o fazer, quando és forçado para um canto e, por isso, sentes que tens de fazer algo — então não é bom.

— Sim, eu entendo.
— Sim, Charlie?
— Eu pergunto-me se seria possível, quando o médium estiver lá, tu conseguires controlá-lo de todo?
— Muito, Charlie, depende, como bem sabes, das circunstâncias. O nosso propósito, nestes anos, é a força psíquica, que é muito poderosa, ainda algo instável, e que retém na atmosfera etérica certas memórias, certas forças, que, no caso do Instituto, são nitidamente benéficas. E se ele captar a força disso, isso será benéfico para ele, tanto fisicamente como espiritualmente.

Há muito tempo, Charlie, que vês o funcionamento do Espírito. Não é preciso reiterar tanto, tantas vezes, mas há momentos em que sentimos que devemos reiterar que o médium foi escolhido, desde muito jovem, para servir. Esse serviço começou ainda antes de ele perceber — quando alguém nasce em certas circunstâncias, há uma razão nisso, criança. Em encarnações anteriores, prepararam-se relações, de forma muito específica, para que ele nascesse, então, e nas primeiras circunstâncias, muito diferentes — e, claro, numa época muito diferente de hoje. Mas nessa época antiga, começou a ver algo do poder do Espírito. Podes dizer que ele não o

compreendia totalmente — tal como tu própria não compreendias. No entanto, fomos atraídos uns pelos outros, e o primeiro vislumbre de sabedoria surgiu nessa altura, há tanto tempo.

E assim é, e através dos séculos, ele reencarnou, ele e outros, incluindo tu, desempenharam um papel no plano das coisas. E sempre houve o desejo de conhecimento, o desejo de servir num mundo sofredor, no qual vos encontrais. Nesta encarnação, ele tinha de nascer no que chamais pobreza, em tais condições, para que, desde muito cedo, se tornasse aquilo a que chamam um introvertido — sempre a procurar dentro de si as respostas. Nunca, talvez, compreendendo plenamente o significado, o propósito — mas, eventualmente, sendo levado a descobri-lo, a descobrir a verdade, e o desejo de a propagar, de confortar os menos afortunados. A sua missão, há 25 anos ou mais, tem sido confortar e iluminar os que aqui se reúnem.

Pois o tempo chegou, como profetizámos antes de mim, em que ele deveria trabalhar mais plenamente, mais cooperativamente, com aqueles de uma ordem mais elevada, para que a verdade fosse revelada, com uma possibilidade e esperança nos nossos corações de que pudesse ser revelada de uma forma como nunca foi revelada antes. Até onde podemos alcançar isto, não podemos dizer. O que sabemos é que, dados os anos de contínuo desenvolvimento e de mediunidade e de oportunidade, poderemos oferecer ao mundo uma realização duradoura da verdade, que derrubará os falsos valores e abrirá horizontes e mistérios que o homem, possivelmente, nunca julgou possíveis.

Poderás dizer-me: "Mas sempre foi assim, em parte, feito." Vários instrumentos foram escolhidos e usados de várias formas, para iluminar a humanidade, e nós conhecemos bem o trabalho deles. Pode-se dizer que este instrumento não é um instrumento dedicado — mas isso mostra, em si, o serviço: olhar para a impressão de ser um instrumento dedicado. Criança, não devemos ver apenas o serviço pelo que é visível. Por vezes, aquilo que é feito discretamente garante que há razões para isso — se houve momentos em que pareceu que o nosso trabalho ficou em suspenso, que talvez tenha sido atrasado, foi por circunstâncias materiais, como de costume. Mas estamos gratos pelo instrumento. Estamos gratos pelas oportunidades que, em certas ocasiões, se apresentaram.

Não penses, não imagines, que, durante todos estes anos em que o Instituto tem sido usado por várias almas deste lado com bons propósitos, não estivemos à espera, pacientemente, de que chegue o momento em que possamos, finalmente, através de circunstâncias que ajudamos a tornar convenientes, trazer à luz, de forma livre, falar livremente, dizer a verdade livremente, sem receio de espécie alguma, sem qualquer circunstância que nos impeça. Tivemos de ser pacientes e Tivemos de esperar para enviar os membros do grupo a reunir-se novamente. Há não muito tempo, foste de novo posta em contacto com o médium, e houve uma razão para isso, que não posso, neste momento, explicar por completo. Não foste logo atraída, nem começaste a trabalhar de imediato, mas eu não penso que isso fosse um erro — vejo, como vejo agora, que não era o tempo certo, não era possível então, havia circunstâncias e condições que ainda precisavam de mudar, obstáculos a serem removidos. E tínhamos sempre em mente que, no desenvolvimento incompleto do médium, teríamos de usar, como sempre tivemos de usar — e admitimos isso livremente — teríamos de usar outros. Às vezes, não são a pessoa certa ou as pessoas certas para aquele momento e circunstância específicos; podem nem sequer ser membros do nosso grupo, como preferíamos que fossem, mas servem-nos. E neste instrumento, certas almas foram trazidas à sua vida, em determinados pontos, como etapa para esse trabalho que estávamos a preparar. Cumpriram um propósito grande e maravilhoso, preencheram um nicho que mais ninguém podia preencher naquele momento. E, quando esse

trabalho estava feito, e essa vida foi atraída à sua vida, era porque tinha lá o seu lugar — mas então passou-se a outro, pois havia outra tarefa para outra pessoa cumprir.

Quando olhas para trás, na vida do médium, verás que foi assim: etapas sucessivas — quando era necessário, havia sempre alguém, alguém que se encaixava naquele tempo e fazia o trabalho. Agora falo contigo. Sei que muitas vezes está na tua mente que o círculo espiritual, a que chamas, te usa — e nós não negamos isso, porque negaríamos algo tão óbvio? Porque o círculo espiritual dá livremente de tudo o que tem àqueles na Terra que queiram ouvir e que, por consequência, queiram dar de si e não apenas de si próprios. É claro, criança, que será mais correto dizer que o círculo espiritual serve a ti, pois as tuas tarefas terrenas nunca estão concluídas e as tuas tarefas espirituais estão a começar. E quando deixares a Terra, para sempre, terás tido a realização de que te foi dada a oportunidade de um serviço maior — para um mundo que há muito está ligado a ti, através de eras.

A situação atual em que todos vós se encontram é certamente o desenvolvimento lógico para ocupar o lugar entre vós, mesmo que às vezes se percam ou se desviem. E, claro, nós não vemos o vosso mundo como muitos no vosso mundo o veem, fixados em materialismos. Não nos preocupam posições materiais e tais coisas. Sabemos bem que o que a Terra dá aos seus filhos é por uma lei natural. Mas sabemos também que aquilo que os filhos recebem da Terra, de tantas formas e benefícios, também é uma medida — e o único que podem trazer para aqui é a si próprios, verdadeiramente, em espírito, pelo que realmente são, por aquilo que alcançaram no mundo.

Por isso, quando dizemos: "Faz isto" ou "Faz aquilo", não estamos preocupados com o estado material — preocupamo-nos com o benefício espiritual que daí advirá para todos os envolvidos. Nenhuma pessoa será instrumento de provação sozinha. Temos rezado e temos esperado que pudéssemos ser instrumentos duas vezes — mais materiais em certo lugar, para que fosse então mais usado espiritualmente. Mas também sabemos, como provavelmente tu sabes, os perigos até disso. E, por isso, dizemos-te: faz o que puderes, com o que tiveres, e como puderes, com o espírito sempre contigo, como tens sido movida a fazer algo recentemente — como tens sido movida a fazer algo já no teu mundo — para que outros possam beneficiar, sempre, sempre.

Por vezes, o que parece ser para benefício de uma pessoa não é assim. Nós preocupamo-nos com todos os nossos filhos, quer pertençam ao nosso grupo, quer não. Quando falamos de grupos ou de almas de grupo, quando falamos de várias partes de pessoas — quer seja um pequeno grupo ou um grande, quer sejam alguns aqui ou milhares, como de facto alguns grupos abrangem milhares — não pensamos de forma restrita, porque sabemos, como tento explicar-te, que há inúmeras esferas contendo incontáveis almas que tiveram muitas encarnações e que se juntaram num certo nível ou estrutura, porque estão dispostas a desenvolver-se umas com as outras e, ao atingirem certa elevação, formam naturalmente um grupo ou uma esfera ou um plano.

Já ouviste muitas vezes as pessoas do nosso lado falar de várias esferas. Ouviste expressões soltas como "esfera de entrada" ou "primeira esfera", "quarta esfera". São termos, são palavras com que se tenta descrever e retratar certo aspeto da vida como existe aqui, num determinado nível de conhecimento e experiência. Aqueles de vós que estão ligados a nós são muitos — e somos um só todo. E nós, que ainda visitamos o mundo terreno, mentalmente e espiritualmente, estamos ligados e unidos a vós por laços tão fortes que nada pode quebrar — e é tarefa daqueles que estão aqui e atingiram certo estágio de desenvolvimento ajudar aqueles que ainda estão na Terra, para que um dia possam alcançar a completude, a plenitude harmoniosa connosco."

Eles são iguais entre si.
Eles são iguais no serem mais próximos.
Eles são iguais à nossa verdade e ao nosso conhecimento, e queremos desesperadamente alcançá-los.
E mesmo neste momento, só conseguimos chegar a meia dúzia de vós.
Conhecemos esta revisão de cada um.
Devíamos alcançar outros, e devíamos preparar-nos para a nossa cabeça, e devíamos acolhê-los junto a nós e, consequentemente, ajudá-los a erradicar aquelas falhas remanescentes que os impedem de alcançar o objetivo que foi traçado e de alcançar aquela esfera de desenvolvimento na qual nós próprios habitamos.
Eu disse-te que, tanto quanto sei e como já vi anteriormente, esta é a tua última encarnação.
E quando vieres para aqui, serás envolvido nessa vibração de tamanha harmonia, na qual muitos daqueles que amaste no passado, e particularmente aqueles cuja lembrança é querida, voltarão a ser um contigo e tu com eles.
Porque, meu filho, desde quando eras tão pequeno, quando pela primeira vez compreendeste a música, porque respondeste?
Tão naturalmente e tão facilmente a alguém com quem te podes sintonizar, porque não era apenas a música. Mas a música era a expressão da alma, e a alma em ti respondeu à alma na música.
Foi o modo dele de se dar a ti ao longo de eras, eras e tempos, porque, afinal, nessa música encontraste aquilo a que chamas a tua elevação aos olhos dos teus, o teu fluxo de elevação tem estado nessa música.
Queres essa música dentro de ti e a tua interpretação que tens na posição de ti mesmo e no desejo de fazer com que dela surja mais de ti mesmo.
E por causa disso, voltaste, por assim dizer, para nós, naturalmente e disposto a sintonizar-te com as esferas em que ele estava.
Esta união de almas, embora falemos de uma união de muitas almas, há também a união de afinidade em que duas pessoas, tantos resistores de vida e experiência, se tornam uma.
E quando se tornam uma, tornam-se perfeitas. Não quero dizer perfeitas no sentido do homem, tal como alguns entendem a palavra, mas quero dizer perfeitas no sentido espiritual da realização de que, quando tiveste todas as experiências e sofres-te todas as coisas, e consequentemente te tornaste em serviço, tornas-te, por assim dizer, num grande anel de harmonia, do qual todas as harmonias são criadas.
É impossível, num só lugar, dizer-te estas coisas. Porque é que és atraído cada vez mais para esta outra rede, e há uma célula para cada um, e a forma duplamente fundida numa única casa perfeita, onde a forma individual em si mesma é irrelevante.
Não sugiro com isso que não retains forma e figura, ou que não hajas de moldar uma forma agradável noutra, porque o que estou a tentar dizer é que, até sermos todos um grupo, ainda há sistemas que estão ligados ao serviço, e ainda caminham juntos e não em harmonia.
O amor perfeito torna possível aquilo que todos inconscientemente procurais. Sois um em espírito, e em verdade, e em amor com Ele.
Há outros que fazem muitos outros, porque, como disse, foste esposa, foste marido.
Foste irmão, foste filha, foste filho, em muitas encarnações e em muitas formas diferentes.
Poderás, através de todas estas experiências, conhecer todas as coisas, viver todas as coisas, sofrer todas as coisas, e conhecer a alegria e a tristeza.
Mas, acima de tudo, é no amor que se estabelece, através de todas estas condições de vida, a minha libertação para te libertar, e liberdade de toda a agitação e conflito da Terra, e todos chegaremos à perfeição.
Assim, estar ligado nos domínios do espírito, de tal forma, conhecer toda esta alegria, toda esta harmonia, todo este amor, onde não há causa para tristeza, e alegrares-te nela.
As tuas ligações, digo-o com sentido, e os laços são fortes. As tuas ligações, os laços que tens, são todos fortes, e há aqueles na tua mente que hoje estão a lutar, a combater, a debater-se,

por vezes a batalhar, e há algumas ocasiões à frente. Estes são aqueles núcleos que, neste momento, tentam desesperadamente libertar-se da escuridão da tua mente, para a iluminação do amor de Deus, o equilíbrio disso.
Fizeste várias coisas, para várias pessoas. Não preciso de ter receio de mencionar estas coisas. Sei que ficarias embaraçado se eu fosse mais além, mas digo-te, o que fizeste, em diferentes tempos, a várias pessoas. Alguns nem são importantes para ti, e alguns são os que, por várias razões, sentiste, se não desprezo, pelo menos pouco contacto, e nunca sentirias falta, nem o darias.
Há alguns com quem te empenhaste e ajudaste, e quero falar-te deste rapaz, se assim o queres chamar, certo? Porque ele é-te querido, e é um que não traiu a cruz.
Ele é um que, ele próprio, se esforçou, e nem sempre, talvez, vencendo as batalhas, mas, ainda assim, tornaste possível para ele, nesta fase particular da sua evolução, abrir-se e tornar-se um pouco mais sábio, um pouco mais compreensivo, um pouco mais avançado, e não digo apenas materialmente, posso separar isso. O vínculo e o seu pensamento exigiam que fosse formado um inquérito.
Não vês como o médium foi usado nisto?
Haverá quem saiba os factos e diga: porque deveria o médium ser teu, assim? Porque deveria o médium continuar a isto? E depois novamente, o que é o médium?
Nós não vemos corpos como tal, para nós os corpos e nós próprios não são importantes. Só são importantes neste vasto espaço. São o ponto focal através do qual o poder do Espírito pode funcionar.
Ajudamos-te nesses métodos. Há quem, talvez sem conhecer os verdadeiros factos espirituais que sustentam esta compreensão, veja apenas o poder do Espírito e o amor do Espírito.

Sabemos que há coisas que devem ser feitas, coisas que devem ser desatadas, mas sabemos isto: que pensar no serviço de outro dentro do nosso grupo, e fortalecer esse serviço, e na justa medida tornar-se possível para esse servir descobrir o seu verdadeiro eu, elevar o seu verdadeiro eu a níveis mais altos, e eventualmente chegar um pouco mais perto de nós.
Estávamos sentados aqui, no caminho do privilégio. Claro que costumávamos falar dos chakras. Como poderia ser de outra forma as nossas vidas? Como poderia a vida continuar? Como poderia o Espírito crescer? Como poderia encontrar o seu verdadeiro eu, para o seu verdadeiro amor? Como poderíamos descobrir? Tantas coisas que, por um tempo, talvez permanecem um mistério em como descobriríamos a verdade, e nisso tirámos total proveito uns dos outros, sabendo que, ao tirar proveito uns dos outros, não estávamos a fazer nada de errado, que tudo o que fazíamos era ajudar, conhecer uns aos outros e elevar.
Oh, filhos de Deus! Quando falo de grupo, quando falo do grupo ao qual estamos todos ligados pelo amor, nem penso nisso como algo que nos rodeia. Penso em todos os outros, já vos falei de inúmeros seres, que estão fora dele, muitos dos quais menos desenvolvidos, muito menos desenvolvidos, alguns de facto ainda no início de tudo, e que começam mesmo do mais baixo, e que estão a crescer, se quiseres, no pântano da ignorância e da tolice, que ainda são materiais em si mesmos, e há muito pouca diferença entre eles e os animais irracionais. Comparando nesse sentido, posso até estar a ser injusto para com os animais, mas todos somos feitos do mesmo Espírito, o Espírito, o Espírito vivo, que anima toda a humanidade, que se manifesta de incontáveis maneiras.
Filho, coisas que tenho para te dizer, coisas que tenho e ajudo a revelar-te, quantas são! Levar-nos-ão muito tempo, e é possível, aliás, muito provável, que apenas consigas fazer uma fração, mas em estado de criança, isso não importa. Porque tanto quanto te puder revelar, revelarei, o resto será-te revelado, eventualmente, instantaneamente.
Voltamos então ao que disse no início, sobre usarmo-nos uns aos outros. Claro que te usamos. Claro que usamos a nós mesmos. Mas aquilo que não pode ser dado a mim, enquanto ainda estás no corpo, pode ainda assim ser revelado e dado através dos instrumentos, porque sei disto: seja o que for que digas, no coração, na verdade, e tenho mostrado isso, continuarás a

servir, e a tornar possível que uma palavra do Espírito seja transmitida, para que, quando chegar o Seu tempo, e a Sua obra esteja concluída, aquilo que ficar para trás seja um documento para que o mundo inteiro alcance, e, em consequência, muitos hão de receber os benefícios disso, ganhando um novo entendimento, um novo propósito e uma nova forma de viver.
Estamos agora todos juntos em serviço, meu filho. Disse-te que espero revelar-te muito. De facto, esta noite, tinha a intenção de falar-te e conversar contigo sobre certos reconhecimentos, mas de alguma forma, parece que tive de falar num sentido diferente, de uma forma diferente, para que a pessoa esclareça a imagem para ti, para que vejas mais claramente o propósito do significado, não apenas da minha vinda, mas da vinda de outros, e daqueles que vieram antes, que mostraram o caminho e tornaram possível a minha vinda.
Sê paciente, mas no amor, e através da compreensão, e na confiança, e no serviço em conjunto, faremos estas coisas. Não te detenhas demasiado, meu filho, nas possibilidades de que num futuro próximo possa ser difícil para ti, porque digo-te, meu filho, não será difícil para ti, pois seremos claros em mostrar, ficaremos contigo e tornaremos possível para ti continuar, por algum tempo ainda, a servir bem nisso, e ser-te-á mostrado mais claramente as razões destas coisas.
Tem bom coração e boa fé, agarra-te àquilo que é bom, e sabe que não estaremos lá para te causar temor, nem àqueles que trabalham connosco e nos servem, pois, como disse antes, somos um só Espírito, estamos unidos em silêncio, e nada há que nos quebre, e não haverá um momento em que estarás sozinho, pois estaremos contigo em todos os momentos, e fortalecer-te-emos. Assim, meu filho, voltarei a falar contigo em breve, fortalece-te. Aí estás tu, filho.

Lucius 10 – 3 de Setembro de 1962
Esta hora foi registada a 1 de Setembro de 1962.
Esta hora foi credo, minimalista, mas um acto do pesadelo. O credo ainda é meu filho, e nós falámos sobre isso. Há reconhecimentos, impossíveis, um mais vívido neste momento. Portanto, será mais fácil para mim falar sobre isso, e além disso, é este, no qual comparar e crescer desempenham um papel tão importante na época em que tu e a tua mãe passastes muito tempo a comparar, à procura da verdade, quando estavas, e a orientação, o jejum, queriam ir um pouco mais longe no caminho, quando finalmente o teu pai tomou para si uma esposa. Sim, e eventualmente deram-lhe um filho, cujo nome era Delayness. Sim, Delayness. Ele veio, um homem, um homem com grande espírito e grande curiosidade, e foi muito dado às artes, e era dos mais inquisitivos e, em consequência, foi ele quem contou, um que se afastou muito, e na altura em que Inglaterra estava a ser subjugada por um período de conquistas. Ele foi um desses, e destacou-se no cargo, e acalmou na qualidade de alguém a quem foi dado o comando de um homem, um homem, um herdeiro individual, tornou-se um dos construtores dessa cidade, amada desde então, fria e sem ele.
Este Delayness, e esta consequência de que falo, é o mesmo a quem agora te referes como Brad. Sei que há muito tempo desejas saber de que forma este jovem entrou no nosso grupo, e era o filho da tua mãe, cujo nome era Delayness, que, como disse, tinha um espírito aventureiro, e muito dado a isso, e que, tal como todos os filhos de grandes famílias, ascendeu a altos cargos nas forças de conquista, e atravessou mares, e tomou parte na fundação das colónias inglesas, e este que teve um lugar importante neste país, que protegemos com a Grã-Bretanha. Trago isto para a história, para que possas ter uma ideia da importância e da associação deste jovem em particular. Não é fácil compreender estas coisas, e não espero que seja simples para ti entendê-las nesta fase. No entanto, nestas diferentes eras de que falo, estais ligados. E assim, nesse tempo, ele era filho do teu pai, e tu tomaste grande interesse por ele na sua infância, cuidaste dele com grande compaixão, com amor, com interesse, e foi tempo de tristeza quando ele partiu, porque no teu coração sabias que nunca mais o verias.
Foi nessa altura que Delayness surgiu no quadro, e causou alguma consternação na sua infância,

porque estava sempre a fazer coisas que causavam consentimento forçado aos homens. Não que ele próprio fosse aquilo a que chamarias, um mau rapaz que manchasse a imagem da sua mãe — era inquisitivo por natureza. Tornou-se um soldado muito respeitável, mas o seu coração nunca foi inteiramente de soldado, tal como não fora o do seu pai. Ele era alguém interessado nas pessoas, em descobrir mais sobre outros países, por isso, do ponto de vista do dever, acompanhou os exércitos e atravessou os mares. O espírito de aventura era uma verdadeira consternação, a antiga guerra atraía-o, e como todos os jovens foram treinados nas artes da guerra, isso era sagrado e comum, e naturalmente não se considerava a si próprio apenas nisso, pois o seu principal interesse era descobrir novos povos, compreender pessoas, e como digo, era dos mais profundamente interessados nas artes, e estava profundamente interessado em todos os aspetos da vida.
Soube ser verdadeiramente homem para os outros, como se devia ser, e foi muito estimado na sua velhice, em particular, pela bondade que demonstrou e pela humanidade que ofereceu àqueles que estavam na escuridão, perante o povo, e o novo regime que representava, e pela sua influência branda tornou-se um dos benfeitores para os povos que encontrou nas colónias. Pode bem ser que o vínculo que ele tem, ainda que muito lento, no presente, neste tempo antigo da sua vida, possa trazer-lhe algumas boas recordações, a bondade.
Notaste que ele era um jovem de grande coragem, física e espiritual, e caiu sob a influência do Cristianismo, tornando-se cristão, mas nunca se tornou cristão no sentido de o proclamar abertamente, mas em segredo, escutava muitos que vinham de longe proclamar aquelas crenças religiosas particulares, e tinha imensa paciência para muitos, embora fosse gentil por natureza, não se sentia atraído pelos muitos deuses e deusas da antiga Roma, mas no seu coração inclinava-se para a fé cristã, e é possivelmente por isso que, nas nossas reencarnações, se aproximou muito dessa fé, e mesmo nesta presente encarnação, desde jovem se sentiu muito atraído pelas verdades cristãs, e penso que este é o momento em que se deve dizer que as verdades cristãs básicas são em si grandes verdades, mas como todos sabemos, muito aconteceu desde aqueles primeiros dias, quando muitos se entregaram totalmente às verdadeiras verdades e se sacrificaram em consequência dessa verdade suprema.
Mas Delayness estava numa posição muito difícil. Ocupava um cargo elevado e representava Roma num país estrangeiro, esforçava-se por construir, e construir sabiamente, e por tentar fazer a ponte entre o seu próprio povo e os povos conquistados da Bretanha, e em consequência não queria fazer nada que prejudicasse o desenvolvimento da paz, algo que estava muito no seu coração, e manteve durante muito tempo a convicção da verdade da sua fé, mas ele próprio adorava em silêncio, e por vezes dava abrigo aos que vinham proclamar a verdade, não necessariamente apenas cristãos, mas a quem trazia verdade no coração, uma nova verdade, mesmo sem história na sua religião; no entanto, os seus pensamentos eram conhecidos, e por vezes ele abrigava-os, havia nele grande bondade, e um grande desejo de aproximar as pessoas, e foi muito respeitado e estimado, viveu até muito velho, e nos últimos dias, nos últimos meses da sua vida, quando esteve muito doente, tornou-se verdadeiramente cristão na Bretanha.
É difícil para mim tornar isto totalmente claro para ti, mas agora digo-te que estes laços de que falo são muito fortes, não apenas por causa dos laços em cada encarnação, mas porque Delayness tem servido e voltado a servir junto connosco, através de tantas e tantas encarnações, o que nos tornou mais do que nunca verdadeiramente um só espírito, ainda que sejamos um grupo, ainda que sejamos indivíduos, partilhamos esse único espírito que permanece, e Tremendo em si mesmo, esse espírito que nos anima a todos, que nos liga uns aos outros de tal forma que nos tornámos, por assim dizer, um só, e para aqueles de vós para quem eu pude fazer isso, cumpristes a missão disto, mesmo que não tenhais tido todos os detalhes do facto ou

apoio, sentis e pressentis isso, sentis isso, tentais aproximar-vos, e sentis isso, tentais ligar-vos de tal forma que, de certo modo, pareceis retroceder, e ainda assim, isto é natural: serdes atraídos e descobrirdes uns aos outros, como sois, por causa destes laços de há tanto tempo, que foram tão vitais e tão importantes, unidos, como mais nada, algo que é a coisa mais natural do mundo, que devíeis sentir como de facto sentis. Como vos disse, mesmo quando não sabeis bem porquê, está lá, porque é parte de vós, parte do passado, e este momento presente é ainda mais importante de sentir profundamente, porque vos digo mais uma vez, muitos de vós estão agora a começar a encaixar as peças e a começar a ver o quadro, e em consequência estão juntos a colocar o toque final, por assim dizer, àquilo que começou há tanto, tanto tempo.
E quando encaixardes todas estas coisas, e todas as vossas vidas estiverem completas, e deixardes a Terra para sempre, então compreendereis quão vitais, quão importantes foram todos estes aspetos da vida e todas estas diferentes encarnações. Este rapaz, Bramwell, de quem falei, é de facto uma alma antiga, e estou convencido de que nesta encarnação presente ele está a encerrar para si mesmo um ciclo de vida, tal como outros, certamente como tu. Ele deve relacionar-se como filho do seu pai e ser um dos guardiões, porque esta casa de que falo, que remonta tão longe, desde o tempo em que surgiu, sempre foi uma família de serviço, de uma união pela paz, que procurou desenvolver-se no nível mais elevado possível, e em consequência ser apoio e encorajamento para não viver com, mas ultrapassar, as suas próprias provações.
E cada um de vós, em todas as vossas encarnações, deu muito do que foi bom — houve encarnações, claro, em que certos indivíduos do nosso grupo não progrediram tanto, e de facto houve tempos em que certas almas, em si mesmas, regrediram e, eventualmente, através de esforços pacientes e lutas constantes, venceram o pior de si e, em consequência, encontraram essa libertação e aquilo que tanto desejaram e procuraram ao longo de tanto tempo. Aqueles de nós que aqui estamos já terminámos, já deixámos as tarefas, já deixámos o corpo, e aqueles de vós que ainda permanecem estão a cumprir gradualmente as tarefas que vos foram confiadas, cada um no seu modo próprio, segundo o seu método particular, e a abordagem estava lá desde o início.
Aqueles de vós que permanecem, todos tendes o mesmo propósito, com a exceção de alguns que ainda têm muito que mudar em si mesmos e muito ainda por fazer, que será partilhado no caminho, e abrirão os olhos ao poder de Deus, e estou convencido de que lutarão por si mesmos por aquilo que ainda têm de cumprir. Gostaria de pedir pela verdade. Qual é o teu registo? Gostaria que o outro fosse para ti um grande registo, e o terceiro para ti, um grande registo. Obrigado. Chris? Obrigado, minha senhora.
Filho, quando vim pela primeira vez falar contigo, disse que haveria certas coisas que eu deveria dizer, que te deixariam confuso, que te passariam ao lado, e de facto possivelmente, certas coisas que por um tempo, embora me aceitasses e ouvisses, ainda sentirias a tentação de questionar. Isto é apenas humano, e portanto, é destino, que por vezes será respondido. Basta teres paciência, verás mais claramente exatamente o que quero dizer, em relação a muitas coisas e muitas pessoas. Assim é, e deve ser justo para com ela, pois está a cumprir o seu destino. Ela está, por assim dizer, a fazer aquilo para que foi destinada. Ela está a fazer, e tem feito no passado, a tarefa, o sangue, o sacrifício.
E cumpriu muito do que lhe cabe cumprir. Os laços que ela tem, e o instrumento, e contigo, e com outros, estão lá. Ela recebeu esta oportunidade nesta vida para dar, em amor e serviço, a várias pessoas. E esta vida é, sem dúvida, a sua tarefa. E este é o seu caminho, ligado a coisas do passado. Ela encontra grande felicidade em dar. Ela encontra grande felicidade em dar livremente em amor e serviço. E encontrou, em consequência, grande realização e grande verdade. E em paz interior, ainda que por vezes, pelas mãos do serviço, pareça que não está em paz, nesse mesmo momento começa a perceber mais plenamente que os laços, não só com os

instrumentos, mas com outros, são laços tão fortes e tão antigos, tão antigos, que todos foram criados desde o início no instrumento.

E a condição presente é uma que, em si mesma, é sentida no instrumento, para o seu cumprimento ainda não acabado. Existem aqueles cuja tarefa na vida é servir, estar, por assim dizer, na linha da frente. Há aqueles que são colocados, por assim dizer, em lugares elevados, para fazer grandes obras, mas aqueles que fazem grandes obras dependem muitas vezes daqueles que parecem humildes, por vezes que parecem estar nas mãos do instrumento. Todos são importantes, é preciso ter consciência disso. Não pode haver membros inúteis em qualquer célula humana. E há aqueles ao redor que sustentam, encorajam, ajudam e tornam possível. Quão importante é perceber que, muitas vezes, aqueles que parecem mais insignificantes são tão essenciais e necessários como aqueles que parecem mais importantes. Cristo foi um grande mestre, um grande curador, um grande espírito, mas dependia e precisava dos seus discípulos. Eles eram de graus e tipos variados e estavam longe de ser perfeitos, mas ele dependia do poder de receber e do amor do amigo que vem do coração — eles eram servos. Assim é que todos somos servos e todos partes do mesmo plano. Alguns de nós podem parecer retidos, mas estou a ouvir bem: o instrumento é apenas o instrumento. Tu estás a servir, estás a fazer a tua parte, estás a completar o teu trabalho, e há aqueles à tua volta que estão a cumprir os seus papéis. Este rapaz, Brian, está a cumprir o seu papel, e assim está tudo bem. Ele está a ajudar no nosso trabalho, tal como outro ajudou antes dele, que cumpriu as suas tarefas, que terminou e veio para cá, para fazer algo também muito importante, pois tudo se encaixa novamente na corrente de amor, serviço e obra.
Todos são importantes uns para os outros, todos são essenciais uns para os outros. Enquanto estás na Terra, podem existir certos aspetos e certas coisas de mim, e não eu, que não se leiam claramente, mas estão prestes a manifestar-se através dos teus pés. O espírito subjacente é o mesmo, e quer se trate de amor verdadeiro ou de serviço verdadeiro, e do desejo de elevar os outros, de te dares a ti mesmo e dedicares-te em serviço, tudo estará bem. Tu, meu filho, tens dado muito ao longo de muitas eras a outros, mas no processo de dar aos outros, tu próprio avançaste em consequência. Deste muito do teu pensamento ao teu irmão, no tempo de um espírito infantil, anteriormente, e quando o teu irmão finalmente tomou para si uma esposa e tu permaneceste solteiro, entregaste a tua dedicação, silenciosamente, ao lado do teu irmão, e quando morreste, ficaste para trás, desse lado da vida, continuaste a ajudar e a assistir onde podias.
Até que chegou o tempo de renasceres de novo num corpo, para continuares aquilo que começaste há tanto tempo, de que já falaste vezes sem conta — como começaram a casa, a tribo ou a família, chama-lhe como quiseres. O seu trabalho, de novo, sempre, o seu trabalho tem sido um de serviço amoroso à humanidade. Como disse, há membros felizes da casa, membros da família, indivíduos aqui que transgrediram, que se desviaram, mas eventualmente voltaram, e conheceram-se a si mesmos, em alguma medida, de alguma forma, em alguma geração de vida. Isto é a vida, isto é a continuação da vida, isto é o desabrochar do desenvolvimento do espírito humano, e os corpos físicos são as conchas que contêm essas almas, que essencialmente aproveitam as oportunidades que aqui se lhes apresentam para se abrirem ainda mais nestas coisas do espírito, por meio das quais existe uma frequência, uma vibração tão grandiosa, que o poder que geram é tremendo, vindo das esferas do espaço.
Se pudesses ver-nos, num lugar espiritual, se pudesses ver a esfera a mover-se como uma bola entre as mãos, se pudesses olhar para as culturas e ver, com os olhos, os cubos de gelo a girar, então perceberias quão essencial foi teres estes encontros, para que pudesses crescer de tal forma que estivesses verdadeiramente pronto para as energias, pois foi um labor de grande amor e sacrifício que tornou possível tal condição de vida, na qual habitamos e existimos. E nós,

deste lado, que somos muitos, observamos aqueles poucos de vós que continuam com a vida do Espírito aí do vosso lado, e que terminam, por assim dizer, a vossa educação, a vossa experiência. Quando chegar esse tempo, quando tiverem deixado tudo para trás, pela última vez, estas coisas à vossa volta, rejubilareis connosco, e vereis quão necessário foi que voltásseis novamente, pois estais a fazer o vosso trabalho, o qual vos ajuda a cada um de vós, e ao instrumento que sirvo, percebeis que as suas tarefas em breve estarão concluídas, e a obra, quando estiver terminada, jamais morrerá.
Ainda temos muito, muito que fazer antes que isso aconteça, e precisaremos, exigiremos de cada um de vós paciência, não uma paciência que vos pese, mas uma paciência que seja leve convosco. Temos muito que queremos realizar, e queremos fazer tudo o que pudermos, logo que seja possível fazê-lo, mas também queremos que vos visiteis uns aos outros por nós, e que os irmãos estejam convosco, para vos reunirdes todos no pequeno barco e E terás a visitação do espiritual, verás grande iluminação, grande espiritualidade, grande elevação, e os laços através dos quais estas coisas são mais fortemente oprimidas — verás ambientes tremendos. Verás a ti mesmo, por fim, a estudar o duro dom físico, que agora, é claro, te parece de tamanho importância, mas continuarás, e o teu irmão continuará, e eu próprio continuo a viver, e a dar de mim, grandes benefícios, e a ti mesmo, da cabeça até à liderança natural, sem dúvida. Se há algum valor, foi que o teu irmão, no fundo, sentiu por ti — este amor que existe entre ti e o teu irmão era de tal forma forte, que entre ambas as mãos havia um amor tremendo, uma verdade espiritual. Suponho que, pela natureza do pecado, foste, pela minha parte, contido para não te tornares demasiado dependente, e aqueles mais sábios e equilibrados não deviam incentivar-te demasiado, e assim, por um tempo, afastaste-te, abriste-te, do círculo interno do grupo, e ali permaneceste, muito em silêncio, e, no entanto, eu próprio... quando não prosseguiste, não aprendeste a levar adiante, quando não prosseguiste o que fizeste em meditação, onde por vezes discutias estas coisas, e discutias as verdades que compreendias, mas não precisavas de fazer tanto, estavas muito restrito nestas coisas naquele tempo. Foi só muito depois da morte do passado, porque foi prudente e sábio que devesses ser mantido, como médium, e desde então, sempre foste sensível, embora nunca tenhas sido, no sentido humano, um médium declarado — mas a tua natureza sempre foi altamente sensível, sempre muito verdadeira, muito cautelosa em relação a influências e pensamentos que emanavam do meu lado.
Por outras palavras, claro, começaste aquilo a que podes chamar, suponho, um caminho de mediunidade, o que em si foi uma coisa boa, e foi dito a mim que naquela altura provavelmente era sensato que não precisasses de desenvolver esses dons de forma aberta, nos quais terias ficado exposto às trevas no meio das promessas que partilhava de algum lado. Mas, claro, preocupávamo-nos muito, pois o medo estava lá, e até certo ponto, pela falta de sabedoria e de conhecimento destas coisas, sentíamos, até certo ponto, que sabíamos o suficiente apenas agora para perceber a verdade e os aspetos da verdade que não respondíamos na altura — sobre o que tu és, o quão significativo e grandioso tudo isso era, e temíamos que isso pudesse não ser bom para ti ou para a continuidade do teu desenvolvimento como instrumento. Porque para nós, os dons que tens como instrumento mostram-nos quão poderoso podias ser, mas também quão vulnerável poderias ser como instrumento, e isto para o objetivo que terias de alcançar. E, como digo, no teu interior, e eu, aliás, também assim penso, tínhamos medo por ti — e tínhamos razão. E ao mesmo tempo, não se pode deixar de imaginar, mesmo tão longe como nos tempos antigos, o que poderia ter acontecido se não tivesses sido contido, para evitar o teu prejuízo. É bem possível, claro, que grandes consequências sombrias teriam recaído sobre ti — poderias ter sido descoberto no túmulo, como instrumento, e teres sido explorado, porque fazias isso. Eram tempos perigosos, todas estas coisas, e tínhamos de ser extremamente cuidadosos.

Ainda assim, viveste, e viste o teu pai, tu, o filho ao mundo do sol, para as tuas próprias unhas, porque ele, em si mesmo, foi um dos mais íntegros espiritualmente — como disse, mencionado naquele registo do terceiro fragmento — e, no sentido mais elevado da palavra, havia nele aquele que pregava o evangelho de Cristo, que trouxe sobre si a própria destruição por causa dessa entrega. E tu, teu companheiro de sol, tentaste ajudá-lo a escapar, a salvar-se. Ajudaste-o, em parte, e claro, foste tu quem soube dele quando este homem perdeu a vida. E o mais estranho é que, nessa antiga cidade da verdade, lá estavam os que te amavam — o que significa para mim o primeiro mártir cristão, que era um soldado devoto, e as regiões devotas que entraram na tua terra. E tudo isto é tão belo, quando tento relembrar as tuas verdadeiras memórias disto — eu próprio o fiz, de facto, para ver que o espírito de quem falo veio deste lugar antigo, e nesta presente encarnação, ele, nesses anos infantis, foi atraído, muito fascinado, por Verulamium antigo, tal como foi fascinado e atraído, nesta encarnação presente, pela antiga Pompeia. Os laços e as afinidades são fortes, e lá, no antigo Verulamium, Delayness viveu, e a sua existência foi essa, e nesta encarnação presente tu próprio viveste, ao longo de muitos anos, ligado a isso — os laços são fortes, meu filho, ninguém pode quebrar estes laços, mesmo que quisesse. E aqui está um caso, um caso claro, de como cada um de vós pensa, atrai, e se liga, através dele, e se une, através da afinidade, de muitas formas,

O teu irmão, aquele a quem chamarías Frederick, este rapaz, até ao fim, é um que está ligado a ti, ou a qualquer um de vós, a ti aí, e seria tão difícil para ti escapar deste caminho como seria para o inocente fugir da teia da aranha. Por isso, não pode ser de outra forma, e se lutares, ou se algum de vós lutar, sabes, no fundo, que não poderias quebrar este laço de amor — pois é uma arma, o amor, que foi construído, na qual todas as partes existem sem ameaça, apenas pelo amor. Cada um de vós serve, cada um de vós desempenha um papel importante — em algumas linhas, mais importante que noutras; em certos momentos, indivíduos do grupo têm pessoas de grande importância, por vezes pessoas com grande significado, por vezes com cada mensagem entrelaçada, em cada mensagem importante, num sentido espiritual contínuo.
No fim, todos vós, através de muitas situações e muitas condições, e acima de tudo, aprendemos a dar de nós próprios amor; aprendemos a verdade, e na procura e descoberta da verdade, sofremos muito, e no nosso sofrimento aprendemos a sentir e a sofrer com os outros. Tornámo-nos tolerantes, tornámo-nos pacientes, e tornámo-nos verdadeiramente, em consequência, filhos de Deus. Cada um de vós é vital, e não há um só de vós que não esteja, em alguma medida, ainda a cumprir a missão ou a desempenhar algum papel vital para o desenvolvimento da nossa história.
Penso que nós, que partimos antes, crescemos e purificámo-nos, e os que restam ainda devem terminar as suas tarefas, e serão atraídos para aqui, bem com o espírito, para herdarem aquilo que eles próprios tornaram possível. Ainda restam alguns anos para aqueles que permanecem, para cumprirem o padrão do plano. Ainda me lembro de ensinar esta noite sobre este jovem, a quem te referes nesta encarnação como Blackwell, tal como me lembro e o conheço. Falo dele porque sinto que é algo que desejas muito saber, queres saber, e encontrarás — e ele também, o que é importante, ainda mais importante — encontrará o seu próprio lugar na corrente.
Agora perguntas: “Uma rapariga como eu pode fazer isto?” Podes, sim, no teu caminho de trabalho. Esta história, pensares nela também, é um padrão muito importante, sempre ligado à tua missão. O silêncio existia porque o tempo não era o certo, mas repara como ele chegou agora, neste presente, apenas porque é o momento certo, e é bom para ele e para o resto de vós saberem, e aqueles outros, que talvez ainda não o saibam, também o saberão em breve. É por isso que ele se aproxima agora, porque sinto que ele próprio tem uma visão natural, sinto que ele tem em si a capacidade de fazer muito para trazer iluminação ao silêncio — mas tem um destino a aprender, e deve vencer a si mesmo, e alcançar essa iluminação.
É uma alma antiga, mas nesta encarnação presente é-lhe permitido servir segundo a sua natureza, crescer um pouco por si próprio na sua realização interior. Mas penso que este é o

estágio dele, esta vida presente, para passar. Espero que, no estágio mais elevado, ele se torne mais interessado nesse trabalho, mas eu não desejo que isso lhe seja imposto; quero que venha dele mesmo, porque dentro dele há grandes possibilidades, e sinto que ele pertence a nós, porque, de facto, não conheço outra alma tão antiga, ligada a nós por um laço tão forte, e que ainda é parte da prece, antes de se juntar plenamente nesta vida. Espero que muito em breve ele se envolva mais nisto — mas queremos que venha dele, não queremos de forma alguma carregar-lhe um fardo, mas penso que isto se tornará bem conhecido, possível muito em breve, e direi mais na próxima vez, se possível, sobre ele e sobre o que pensas.
E, como disse, não espero que tudo isto forme já uma imagem clara na tua mente; não pode, até eu trazer mais detalhes, o que tentarei fazer — há coisas que ainda te causam confusão, que espero elucidar de várias maneiras, para que tenhas um conhecimento claro e uma compreensão nítida. Há muito, muito que quero dizer-te claramente, fase por fase, e teremos oportunidade de o fazer. Não te preocupes, minha criança, ficarei por perto, as minhas bênçãos estejam contigo e com todos os nossos entes queridos, e desejo-te que te lembres — permanece desperta para as atividades preciosas que te rodeiam.